

TEOLOGIA SISTEMÁTICA

MILLARD J. ERICKSON

Teologia Sistemática

Segunda Edição

Millard J. Erickson

Teologia Sistemática

Segunda Edição

Millard J. Erickson

Originalmente publicado em Inglês pela Baker Books
uma divisão da Baker Book House Company
PO Box 6287, Grand Rapids, MI 49516-6287

© 1983, 1984, 1985, 1998 por Millard J. Erickson
Traduzido e reimpresso com permissão da Baker Books.

© 2008 by Clie Editorial para esta edição em castelhano
Todos os direitos reservados

Director da coleção: Dr. Matt Williams

Em Beatriz Fernandez
Editado por Jonathan Haley

Comente equipa e layout:
Primitivo Rodriguez del Río
Katie Kramer
Patricia Roseman

Cover Design: Ismael López Medel

ISBN: 978-84-8267-546-6

A
Bernard Ramm (in memoriam)
meu primeiro professor de teologia;
William E. Hordern,
meu mentor de doutoramento;
e **Wolfhart Pannenberg**,
meu mentor de pós-doutorado.

Índice principal

Prefácio

Parte 1: Estudo Deus

1. O que é a teologia?
2. Teologia e filosofia
3. O método de teologia
4. Teologia e estudo crítico da Bíblia
5. Contemporaneizando a mensagem cristã
6. teologia e linguagem
7. Pós-modernismo e teologia

Parte 2: Conhecer a Deus

8. A revelação universal de Deus
9. A revelação especial de Deus
10. A conservação da revelação inspiração
11. A confiabilidade da palavra de Deus, inerrante
12. O poder da palavra de Deus: autoridade

Parte 3: Como é Deus

13. A grandeza de Deus
14. A bondade de Deus
15. A proximidade e distância de Deus, imanência e transcendência
16. Três pessoas em um só Deus, a Trindade

Parte 4: O que faz de Deus

17. O Plano de Deus
18. O trabalho original da criação de Deus
19. Os trabalhos em curso da providência de Deus
20. O mundo de Deus e do mal: um problema especial
21. Os agentes especiais de Deus: Anjos

Parte 5: Humanidade

22. Introdução à doutrina da humanidade
23. A origem da humanidade
24. A imagem de Deus no homem
25. A natureza constitucional do homem
26. A universalidade da humanidade

Parte 6: Pecado

27. A natureza do pecado
28. O poder do pecado
29. Os resultados do pecado
30. A magnitude do pecado
31. A dimensão social do pecado

Parte 7: A pessoa de Cristo

- 32. Questões Contemporâneas no método cristológico
- 33. A divindade de Cristo
- 34. A humanidade de Cristo
- 35. A unidade da pessoa de Cristo
- 36. A Virgem Nascimento

Parte 8: A obra de Cristo

- 37. Introdução à obra de Cristo
- 38. Teorias da Expição
- 39. O tema da expiação
- 40. A extensão da expiação

Parte 9: O Espírito Santo

- 41. A pessoa do Espírito Santo
- 42. A obra do Espírito Santo

Parte 10: A Salvação

- 43. Interpretação da salvação
- 44. A história da salvação: a predestinação
- 45. O princípio da salvação: aspectos subjetivos
- 46. O princípio de aspectos objetivos salvação
- 47. A continuação da salvação
- 48. A conclusão da salvação
- 49. Mídia e extensão da salvação

Parte 11: A Igreja

- 50. A natureza da igreja
- 51. O papel da igreja
- 52. O governo da igreja
- 53. O rito de iniciação da Igreja: o batismo
- 54. Continuação igreja rito: a Ceia do Senhor
- 55. A unidade da Igreja

Parte 12: As últimas coisas

- 56. Introdução à escatologia
- 57. Pessoa Escatologia
- 58. A Segunda Vinda e suas conseqüências
- 59. Perspectivas sobre o milênio e tribulação
- 60. estados finais

Considerações Finais

Índice de textos bíblicos

Temática índice

Prefácio

Já faz mais de uma década desde que eu escrevi pela primeira vez a *Teologia* cristã. Esse livro foi escrito para atender a necessidade de, uma teologia sistemática evangélica compreensível e atualizado. Naquela época não se pensava que ninguém fosse usar. A aceitação do trabalho original provou que o esforço para realizá-lo valeu a pena. Além disso, uma vez que há muitos outros textos que enriqueceram os recursos disponíveis para o ensino da teologia sistemática.

Nesses dez anos de intervalo, tem havido muitas mudanças no mundo teológico e no intelectual, político, econômico e social. Portanto, é desejável rever o trabalho original, considerando essas mudanças. Algumas seções foram adicionadas e um novo capítulo sobre o pós-modernismo. Em algum momento, a discussão foi atualizado. Algumas partes do original foram condensados porque as questões originalmente procurado já não são tão importantes quanto eram uma vez. A linguagem utilizada em alguns casos, foi alterado para reflectir as práticas correntes. Com a realização desta revisão, eu tentei levar em conta as reações dos estudantes, colegas e críticos transmissíveis. Eles foram muito útil. No entanto, eu não substituíram as fontes originais para o mais recente, simplesmente porque eles são mais atual, mas porque eles são um passo essencial no pensamento do que é citado no original.

Um dos fenômenos da última década tem sido o aumento da diversidade étnica e cultural das pessoas que estudam teologia. Os dias em que uma mulher que estava estudando teologia em um seminário era uma coisa especial deram lugar a algumas classes onde o número de estudantes masculinos e femininos é muito mais equilibrado. Como antes havia uma predominância de brancos americanos Muitos estudantes de minorias étnicas e estudantes de todo o mundo estão agora. Este fenômeno de inscrições aumentou paralelamente aos escritos sobre teologia cristã feita pelo Terceiro Mundo, cujo número tem vindo a crescer mais rápido do que na Europa e América do Norte. Esta tendência para a globalização não tem se refletido nos textos teológicos escritos por evangélicos americanos na última década. Então eu fiz um esforço especial para incluir representantes desses setores da igreja cristã. Além disso, eu os encorajei a *teologia cristã* traduzido em várias línguas, incluindo vários países da Europa Oriental.

Um dos comentários mais frequentes que foram feitas sobre a edição original é fácil de entender o que é. Eu tentei manter e expandir este recurso seguindo o conselho excelente que Clark Pinnock me deu anos atrás: ". Você cantar como um hinário, e não para ser lido como um livro de telefone" O texto também foi ampliada com a adição de resumos de capítulo, os objectivos e as questões estudadas. Sou grato a um ex-colega, o Dr. Edward Buchanan, agora um professor de educação cristã no Seminário Teológico Batista do Sudeste, especialista em educação de adultos, por seu trabalho com o material auxiliar. Sou grato por tantos leigos tomaram conta da edição original. Para tornar isso mais acessíveis às pessoas edição acrescentou a transliteração grega das palavras hebraicas. E, para ampliar ainda mais a utilidade desta teologia, eles acrescentaram duas versões mais simples, um nível Doutrina texto universidade: *Apresentando Doutrina Cristã* (Grand Rapids: Baker, 1992) e um livro de nível básico doutrina: *Does IT Matter O que eu acredito?* (Grand Rapids: Baker, 1992).

Escreva a primeira edição me fez interessado em investigar alguns temas em maior profundidade, um interesse que também ocorreu em outros leitores. Alguns destes temas

foram desenvolvidos em obras como *O Verbo se fez carne* (Grand Rapids: Baker, 1995), *como serão salvos?* (Grand Rapids: Baker, 1996), e *Deus Pai Todo Poderoso* (Grand Rapids: Baker, 1998). Estes tratam, respectivamente, das doutrinas da Encarnação, a Trindade, o destino dos não evangelizados e atributos de Deus. Os leitores que querem alargar estas questões são encorajados a investigar esses livros.

Eu gostaria de agradecer mais uma vez aqueles cuja assistência especial permitiu a edição original poderia ser possível. Vários estudantes ler partes do manuscrito e as respostas oferecidas a partir de uma perspectiva do estudante: Bruce Kallenberg, Randy e Mark Russ Moulton, e minha assistente, Dan Erickson, ler todo o manuscrito. Laurie Dirnberger, Lorraine Swanson, Aletta e Pat Whittaker Krohn partes do manuscrito digitado. Três estudantes comprometeram-se a apoiar o processo através da oração e encorajamento: David McCullum, Stanley Olson e Randy Russ.

Além das pessoas que me encorajaram e contribuíram para a edição original, eu também gostaria de agradecer os conselhos e encorajamento de, editora de livros acadêmicos e de referência Baker Books, Jim Weaver e Mary denBoer, que veio complementar o excelente trabalho editorial Ray Wiersma na edição original com seu trabalho editorial cuidadoso e simpático, esta edição revisada. A experiência minha esposa Ginny como professor de Inglês tem sido inestimável, particularmente nas questões gramaticais e formais.

De muitas maneiras, o estado de teologia sistemática no final do século XX foi paradoxal. Enquanto na década de 1960 e 1970 teologia sistemática estava em declínio, e alguns especialistas bíblicos sugerem que ele deve ser eliminado, ele tem sido um grande ressurgimento na escolas de teologia. O crescimento de textos de teologia sistemática é uma indicação desta tendência. No entanto, a remoção do pensamento reflexivo e de uma abordagem experimental para a religião na base desnivelada augura nada de bom para a Teologia. No entanto, os desafios à fé cristã por ambos os concorrentes religiosos e não-religiosos, significa que o raciocínio teológico cuidadoso e reafirmação estão agora ainda mais importante que quando a primeira edição deste livro foi escrito. Como com o primeiro escrito, esta edição revisada é lançado com a esperança de que talvez Deus usará para reforçar e alargar a Igreja Unido.

ESTUDO PARA DEUS

1. O que é a teologia?
2. Teologia
3. O método de teologia
4. Teologia e estudo crítico da Bíblia
5. Contemporaneizando a mensagem cristã
6. teologia e linguagem
7. Pós-modernismo e teologia

1. O que é a teologia?

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Compreender o conceito de religião na história.
- Faça uma breve definição de teologia focado principalmente na interpretação da disciplina.
- Distinguir entre teologia bíblica, histórica, filosófica e sistemática.
- Demonstrar a necessidade de teologia sistemática na sociedade contemporânea.
- Relacionar teologia cristã para a vida cristã e ministério cristão no mundo de hoje.

Resumo do capítulo

Teologia em um contexto cristão é um campo de estudo que busca compreender o Deus que se revelou na Bíblia e tentar dar uma interpretação cristã da realidade. Procura entender a criação de Deus, incluindo os seres humanos e sua condição, e da obra redentora de Deus para a humanidade. A teologia bíblica, histórica e filosófica fornece insights e interpretações que ajudam a alcançar um todo coerente. Teologia tem valor prático para fornecer um guia para a vida cristã e ministério.

Questões de estudo

1. Em suas obras filosóficas, como agora limitada religião Immanuel Kant?
2. Estado e explicar cinco facetas da definição de teologia.
3. Defina a teologia sistemática e explicar como se relaciona com outras disciplinas da teologia: bíblicas, históricas e filosóficas.
4. Qual é a natureza da teologia e que teólogo desenvolveu uma abordagem mais empírica para ela?
5. Defenda a declaração: "A teologia deve continuar a ser a rainha das ciências".

Natureza da Religião
Definição de teologia
Localize teologia (sistemático) no mapa teológico.
A teologia bíblica e teologia sistemática
Teologia sistemática e teologia histórica
Teologia sistemática e teologia filosófica
A necessidade de teologia
O ponto de partida da teologia
Teologia e ciência
Por que a Bíblia?

Natureza da Religião

Os seres humanos são seres maravilhosos e complexos. Eles são capazes de realizar proezas físicas complicadas, fazer cálculos intelectuais abstratos, produzindo imagens e sons incríveis. Além disso, os seres humanos são incuravelmente religiosos. Onde quer que haja seres humanos em culturas muito diferentes e de qualquer área geográfica que é conhecido até à data, podemos encontrar uma religião.

A religião é um daqueles termos que todos nós entendemos, mas poucos podem realmente definir. Sempre que encontramos divergências ou, pelo menos, diferentes variedades de definições e descrições de um objeto ou atividade, não há razão para acreditar que não tem sido estudada, nenhum pensamento tem sido dada ou não foi discutido o suficiente sobre o assunto, ou o tópico é muito rica e complexa para ser resumida em uma única definição.

Exibida algumas características comuns em muitas definições de religião. Acredita-se em algo maior do que seres humanos. Pode ser um deus pessoal, um conjunto de seres sobrenaturais, uma força da natureza, um conjunto de valores, ou a raça humana como um todo (a humanidade). Geralmente, há uma distinção entre o sagrado eo secular (ou profano). Esta distinção pode ser estendido a pessoas, objetos, lugares ou práticas. O grau de força com que é presumido varia de acordo com as religiões e os seguidores de uma religião em particular.

A religião também tende a envolver uma visão da vida e do mundo, uma perspectiva ou um quadro geral da realidade como um todo e um conceito de como os indivíduos têm de se relacionar com o mundo a partir dessa perspectiva. A religião estão ligados um conjunto de práticas, quer ritual ou comportamento ético ou ambos. Há alguma relação ou resposta para a parte superior objeto, como compromisso, culto ou oração. Finalmente, muitas vezes, mas nem sempre, existem certas dimensões sociais. Muitas vezes os grupos são formados em torno de uma posição ou de um compromisso religioso.³

Ele tentou encontrar uma essência comum em todas as religiões. Por exemplo particularmente no Ocidente, pensava-se que a religião é uma crença ou dogma, para grande parte da Idade Média. O que distingue o cristianismo do judaísmo ou hinduísmo foi um conjunto de crenças. Quando a Reforma veio, o que distinguia do protestantismo ao catolicismo romano eram algumas doutrinas (ou dogmas) diferentes. Mesmo as denominações protestantes são distinguidas uma da outra principalmente em suas idéias sobre as diferentes funções de soberania divina ea liberdade humana, o batismo, a estrutura de governo da igreja e questões semelhantes.

Era natural que ensinamentos doutrinários são vistos como fundamentais para o período que vão desde o início da Idade Média ao século xviii. Como filosofia era uma disciplina firmemente estabelecida, é lógico que a natureza da religião como uma cosmovisão ser enfatizado. E, como as ciências comportamentais ainda estavam em sua infância, relativamente falando pouco sobre a religião como uma instituição social ou fenômenos psicológicos da religião.

No início do século XIX, NO ENTANTO, COMO ENTENDER A QUESTÃO DA RELIGIÃO MUDOU. Friedrich Schleiermacher em seu livro *On Religião: Falando aos*

seus desprezadores cultivadas, rejeitou a idéia de que a religião era uma questão de dogma ou ética. Em vez disso, disse Schleiermacher, a religião é uma questão de sentimentos, sentimentos ou a nível geral ou sentimentos de dependência absoluta. Este ponto de vista foi desenvolvido por meio da análise fenomenológica de pensadores como Rudolf Otto, que falou sobre o numinoso, a consciência da santa.⁵ Isso continuou na maior parte do pensamento religioso do século XX, COM A SUA REAÇÃO CONTRA CATEGORIAS LÓGICAS E O "RACIONALISMO". O ATUAL CULTO CRISTÃO POPULAR, COLOCA GRANDE ÊNFASE NOS SENTIMENTOS.

A fórmula de Schleiermacher foi em grande parte uma reação ao trabalho de Immanuel Kant. Embora Kant foi um filósofo, teólogo, suas três críticas famosos: *Crítica da Razão Pura* (1781), *Crítica da Razão Prática* (1788) e *Crítica do Juízo* (1790) tiveram um tremendo impacto sobre a filosofia da religião. Na primeira, ele refutou a idéia de que é possível ter um conhecimento teórico dos objetos que transcendem experiência. Isto, obviamente, acabou com a possibilidade de qualquer conhecimento real, ou a base de conhecimento da religião como tradicionalmente entendida.⁷ Pelo contrário, Kant determinou que a religião é um objeto da razão prática. Ele acreditava que Deus governa e vida imortal eram necessários como postulados sem o qual não poderia funcionar moral. Assim, a religião se tornou uma questão de ética. Este ponto de vista da religião foi aplicada a teologia cristã por Albrecht Ritschl, que disse que a religião era uma questão de juízos morais.⁹

Então, como devemos entender a religião? Na verdade, a religião é tudo o que: a crença ou doutrina, sentimento ou atitude e um estilo de vida ou comportamento. Cristianismo atende a todos esses critérios de religião. É uma forma de vida, um comportamento, um modo de vida. E assim, não só na experiência isolada do indivíduo, mas também na formação de grupos sociais. O cristianismo também envolve certos sentimentos, tais como dependência, amor e satisfação. E, claro, o cristianismo também envolve um conjunto de ensinamentos, uma maneira de ver a realidade e veja-se ea perspectiva de que toda esta experiência faz sentido.

Para ser um membro digno de um grupo chamado depois que um líder específico é preciso aderir aos ensinamentos do líder. Por exemplo, um platônico é alguém que de alguma forma mantém os conceitos ensinados Platão; É um marxista que aceita os ensinamentos de Karl Marx. Na medida em que o líder também defendido um modo de vida que não pode ser separada da mensagem que ele ensina, é essencial que o seguidor também emular estas práticas. Nós geralmente distinguir, no entanto, entre as práticas práticas inerentes (ou essenciais) e acidentais (ou acidentais). Para ser platônico, não é necessário para viver em Atenas e falar grego antigo. Para ser um marxista, não é preciso ser, estudos judaicos no Museu Britânico ou de bicicleta.

Da mesma forma, um cristão não tem que usar sandálias, tem uma barba ou viver na Palestina. Mas todos os que se dizem cristãos têm que acreditar no que Jesus ensinou e praticou o que ele ordenou, por exemplo. "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" Porque aceitar Jesus como Senhor significa fazê-lo a realização autoridade nossas vidas. Então, o que significa ser cristão? James Orr disse que é melhor: "Aquele que acredita sinceramente em Jesus como o Filho de Deus comete mais. Ele promete ter uma visão de Deus, uma visão do homem, uma visão da história, uma visão do destino humano encontrado apenas no cristianismo. "

Por conseguinte, parece razoável dizer que seguir a crença de que Jesus fez e ensinou é parte do que significa ser um cristão ou seguidor de Cristo. O estudo dessas crenças é a preocupação especial da teologia cristã. A crença não é tudo no cristianismo. Uma experiência ou conjunto de experiências, como o amor, a humildade, adoração e louvor está incluído. Há práticas que são natureza ética e ritualística ou piedosa. No cristianismo há dimensões sociais que envolvem as relações com outros cristãos em que normalmente chamamos a igreja e não-cristãos no mundo em geral. Outras disciplinas de pesquisa e conhecimento investigar estas dimensões do cristianismo. Mas a tarefa central de

analisar, interpretar e organizar os ensinamentos da pessoa que você esta religião tem o seu nome pertence à teologia cristã.

O estilo de vida pessoal ea prática da religião, como a aceitação de crenças doutrinárias, acontece no nível de experiência primária. Há também um nível de reflexão sobre o que acontece no nível primário. A disciplina em questão de descrever, analisar, criticar e organizar doutrina é teologia. Portanto, a teologia é uma atividade que está em um segundo nível, quando comparado com a religião. É a religião que a psicologia é uma emoção humana, que a estética é arte, o que a ciência política é o comportamento político.

Outros conceitos de teologia devem ser tidos em conta. Decorrente do ponto de vista básico da religião e doutrina. Gustavo Gutierrez e teólogos da libertação, a religião é claramente pragmática; aliviar preocupações sobre as injustiças da raça humana. Assim, o papel da doutrina é falar sobre essas desigualdades. Teologia torna-se assim uma reflexão crítica sobre a práxis.

A visão de que é definido a partir daqui também difere da partida, principalmente a partir de um ponto de vista subjetivo da religião. De acordo com alguns, como John Hick, a essência da religião é uma experiência de uma grande realidade, que ele chama de "eterna". Essa vontade se encaixa perfeitamente na tradição de Schleiermacher sobre a natureza da religião. As doutrinas, então, de diferentes religiões ou denominações diferentes da mesma religião, diferentes interpretações são diferentes grupos de pessoas dar esta experiência genérico por meio de interpretá-lo através de sua própria cultura.

Nossa abordagem também difere de George Lindbeck e postliberales. Rejeitando tanto a idéia de que a religião consiste principalmente de ensinamentos doutrinários na forma de declarações como essa é principalmente uma expressão de experiência emocional, ele propôs culturalmente linguisticamente. Esta é a idéia de que a religião é um conjunto de categorias ou ensinamentos que cada cultura constrói a interpretar a vida e da qual seus membros trabalham. Não decorre da experiência, isso só dá lugar. É uma história, contada por seus partidários, de que dão sentido à vida. A doutrina, de acordo com este ponto de vista, é uma atividade de segundo nível que tem uma função reguladora. Em vez de dar um conhecimento ontológico de Deus, suas doutrinas são regras que regem a comunidade, uma proporção igual a que a gramática é uma língua.¹⁵

Argumentamos que as doutrinas é realmente composta de genuíno conhecimento de Deus e que a religião envolve tudo o que é a pessoa: intelecto, emoções e vontade. Este ponto de vista da doutrina e teologia tem duas vantagens importantes não têm qualquer um dos outros. Ela nos permite levar em conta toda a riqueza e complexidade das religiões humanas. Além disso, é a melhor maneira de compreender a verdadeira religião e doutrina que trabalhou a igreja primitiva e os autores do conjunto Escritura. E se uma comunidade cristã hoje considerado válido, vinculativo Bíblia como a autoridade mais alta, este ponto de vista também é consistente com a compreensão ea prática da vida cristã, o cristão normal. As outras dimensões da experiência cristã, como a aplicação ética dos ensinamentos cristãos e que envolve adoração pleno louvor estão intimamente ligados à nossa compreensão da doutrina. Mas eles são complementares e não uma alternativa a ela.

Definição de teologia

A definição preliminar ou básico de teologia é "o estudo ou a ciência de Deus". No entanto, o Deus do cristianismo é um ser ativo, e por isso esta definição inicial deve ser expandido para incluir as obras de Deus e sua relação com eles. Portanto teologia também procura entender a criação de Deus, incluindo os seres humanos e sua condição, e da obra redentora de Deus para a humanidade.

No entanto, você precisa dizer mais para indicar que esta ciência. Assim, propomos uma definição mais completa da teologia: a disciplina que busca desenvolver uma exposição coerente das doutrinas da fé cristã, principalmente com base nas Escrituras, de

pé no contexto da cultura em geral, expressa em uma linguagem contemporânea e interagir com as questões da vida.

1. A teologia é bíblica. Para o seu conteúdo principal fonte leva as Escrituras canônicas do Antigo e Novo Testamentos. Isso não significa que apenas trazer à tona o significado das Escrituras, sem qualquer reflexão crítica. Use as ferramentas e métodos de pesquisa bíblica. Ele também usa as perspectivas de outras áreas da verdade, considerados como parte da revelação geral de Deus.

2. A teologia é sistemática. Isto é, ela baseia-se na Bíblia. Em vez de usar textos individuais isoladas umas das outras, tentar igualar as porções distintas umas às outras para fundir os ensinamentos diferentes de forma harmoniosa e coerente.

3. Teologia também está relacionada com as questões gerais da cultura e do conhecimento. Por isso, tenta relacionar as suas opiniões sobre as origens com os conceitos avançados em ciência (ou melhor, disciplinas como cosmologia), seus pontos de vista sobre a natureza com os conceitos da psicologia da personalidade, o seu conceito de Providência com a filosofia da história.

4. A teologia também tem de ser contemporânea. Embora tópicos sobre atemporais, você deve usar uma linguagem, alguns conceitos e maneiras que fazem sentido no presente momento. Isto implica um perigo. Algumas teologias, em sua tentativa de tentar temas modernos, materiais bíblicos expostos de modo que o distorcido. Então, nós ouvir o verdadeiro "perigo para modernizar Jesus." No entanto, Jesus está tentando evitar apenas mais liberal do século XX, a mensagem é por vezes expressa de uma forma que obriga uma pessoa do século XX para se tornar uma pessoa de do primeiro século a fim de compreender. O resultado é que nós Ao confrontar os problemas que não existem mais. Portanto, você também deve evitar o perigo oposto, "o perigo de arcaizarmos."

Não só ele está usando o pensamento atual para expressar a mensagem. A mensagem cristã deve ser direcionada para os problemas e desafios que existem hoje. Mas mesmo aqui é preciso ser cauteloso em cometer também com uma série de questões. Se isto representa uma mudança do passado, então presume-se que no futuro também será diferente do actual. Uma teologia que é muito identificado com este (ou seja, o "hoje" e mais nada) é exposto a tornar-se obsoleto muito em breve.

5. Finalmente teologia deve ser prático. Com isso em mente, temos teologia prática, no sentido técnico (isto é, como pregar, conselho, evangelizar, etc.), mas a idéia de que a teologia está relacionada não só para viver e acreditar. A fé cristã nos ajuda com nossas preocupações práticas. Paul, por exemplo, deu garantias da segunda vinda e, em seguida, disse: "Portanto, consolai uns aos outros com estas palavras" (1 Tessalonicenses 4:18.). Deve notar-se, no entanto, que a teologia não deve estar preocupado principalmente as dimensões práticas. O efeito prático ou a aplicação de uma doutrina é uma consequência da verdade da doutrina, e não vice-versa.

Localize teologia (sistemático) no mapa teológica

Teologia é um termo amplamente utilizado. Por isso, é necessário definir o sentido em que usamos aqui. No sentido mais amplo da palavra abrange todos os tópicos abordados em uma escola de teologia. Neste sentido, inclui diversos temas como o Antigo Testamento, Novo Testamento, a história da igreja, missão, a teologia sistemática, filosofia da religião, pregação, educação cristã, ministério pastoral e de liderança e aconselhamento. Num sentido mais restrito, a palavra refere-se a todos os aspectos que trata especificamente o caráter *doutrina* da fé cristã. Aqui encontramos temas como a teologia bíblica, teologia histórica, a teologia sistemática e teologia filosófica. Essa teologia é contrastada com a história da Igreja como instituição, a interpretação do texto bíblico e da teoria e prática do ministério. Dentro deste conjunto de temas teológicos (teologia bíblica, teologia histórica, etc.), podemos isolar a teologia sistemática, em particular. É neste sentido que usamos a palavra *teologia* a partir de agora neste trabalho

(exceto quando especificamente indicado). Finalmente, em teologia sistemática há diferentes doutrinas, como Bibliologia, antropologia, cristologia e teologia adequada (ou doutrina de Deus). Para evitar confusão, quando discutimos a doutrina de que nós mencionamos em último lugar, usaremos o termo "doutrina de Deus". Figura 1 pode ser útil para exibir essas relações.

Figura 1

Significados de "Teologia"

A teologia bíblica e teologia sistemática

Quando investigamos a relação entre teologia sistemática e doutrinais outras disciplinas, notamos que há uma estreita relação entre a teologia bíblica e sistemática. O teólogo sistemático depende do trabalho e as perspectivas de trabalhadores da vinha exegéticas.

É necessário distinguir três sentidos no termo "teologia bíblica." A teologia bíblica pode ser visto como o movimento que veio com esse nome nos anos quarenta, cinquenta floresceu e declinou na década de sessenta. Este movimento teve muitas afinidades com a teologia neo-ortodoxa. Muitos de seus conceitos básicos foram severamente criticadas, principalmente por James Barr em *Os Semântica de Língua bíblica*. O declínio da teologia bíblica movimento foi documentada por Brevard Childs em sua *Teologia Bíblica em Crise*. Agora parece que, apesar de seu nome, o movimento nem sempre foi especialmente bíblica. Na verdade, às vezes era bastante anti-bíblica.²¹

Um segundo significado da teologia bíblica é o conteúdo teológico do Antigo e do Novo Testamento, ou teologia que está nos livros bíblicos. Neste uso, há duas abordagens para a teologia bíblica. Uma é puramente descritiva defender Krister Stendahl. Isto é simplesmente uma apresentação dos ensinamentos bíblicos de Paul, John e outros autores do Novo Testamento. Conforme descrito sistematicamente as crenças religiosas do primeiro século, ele pode ser considerado uma teologia sistemática do Novo Testamento. (Aqueles que vêem uma maior diversidade pode falar de "teologias do Novo Testamento"). Isto é o que Johann Philipp Gabler chamada teologia bíblica em sentido amplo ou "true" teologia bíblica. Gabler também fala de uma outra abordagem, chamá-lo de teologia bíblica "puro" é o isolamento ea apresentação dos ensinamentos bíblicos que são válidas para todos os tempos. Nesta abordagem, estes ensinamentos foram refinados conceitos contingentes que foram expressos na Bíblia. Hoje poderíamos chamar esta a distinção entre teologia bíblica descritivo e regulamentos teologia bíblica. No entanto, note que nenhuma dessas abordagens é a teologia dogmática ou sistemática, uma vez que não há nenhuma tentativa de contemporizar ou imutável expressar esses conceitos para que eles possam entender hoje. Brevard Childs tem sido sugerido que esta é a direção que devemos ir na teologia futuro.²⁴ É esse segundo significado da teologia bíblica para o significado "verdadeiro" ou "pura", que vamos ter em mente quando o termo aparece " A teologia bíblica "neste volume.

Um significado final da "teologia bíblica" é simplesmente teologia é bíblico, isto é, com base na Bíblia e fiel aos seus ensinamentos. Neste sentido, a melhor teologia sistemática ser teologia bíblica. Não só é baseada na teologia bíblica é teologia bíblica. Nosso objetivo é a teologia bíblica sistemática. Nosso objetivo é contemporizada teologia bíblica "puro" (no segundo sentido). Teologia sistemática é baseado na obra do teólogo bíblico. A teologia bíblica, por assim dizer, é a matéria-prima com que trabalha de teologia sistemática.

Teologia sistemática e teologia histórica

Se a teologia do Novo Testamento é a teologia sistemática do primeiro século, a teologia histórica estuda teologias sistemáticas que mantidos e ensinados os vários teólogos em toda a história da igreja. Existem duas principais formas de organização da teologia histórica. Um deles poderia ser através do estudo da teologia de um tempo particular ou um tipo de teologia ou escola teológica em relação a diferentes áreas da doutrina. Portanto, a teologia de cada século ou de cada período principal deve ser examinado sequencialmente. Para isso, você poderia ser chamado de abordagem síncrona. A outra abordagem é a de seguir os passos da história do pensamento de uma doutrina particular (ou uma série deles) ao longo da vida da igreja.²⁶ Esta poderia ser chamado de abordagem diacrônica. Consideração poderia, por exemplo, a história da doutrina da expiação desde os tempos bíblicos até o presente. Da mesma maneira que você poderia investigar a doutrina da igreja. O último método de organizar o estudo da teologia histórica é muitas vezes chamado de história das doutrinas, enquanto o primeiro é muitas vezes referida história do pensamento cristão.

O teólogo sistemático é um valor significativo no estudo da teologia histórica. Primeiro, faz-nos mais conscientes de nós mesmos e mais auto-crítica, mais conscientes dos nossos próprios pressupostos. Todos nós tomamos uma perspectiva particular ao estudo da Bíblia (ou outro material) que é fortemente influenciada pela situação histórica e cultural em que temos crescido. Sem se dar conta disso, nós pensamos que tudo através do filtro de nossas mentes (ou "preentendimiento"). Uma interpretação e entra através da percepção. A pergunta é: Como podemos controlar e canalizar essa preentendimiento para evitar distorções no material que você está trabalhando? Se estamos conscientes de nossas suposições, nós podemos tentar fazer uma tendência consciente. Mas como sabemos que nossa maneira de entender alguma coisa é a maneira como percebemos a verdade e não a própria verdade? Uma maneira de fazer isso é estudar as diferentes interpretações e declarações feitas em momentos diferentes na vida da igreja. Isso mostra que existem formas alternativas de olhar para o problema. Ele também nos torna conscientes de como a cultura afeta o nosso pensamento. É possível estudar as formulações cristológicas dos séculos IV e V e reconhecer a influência que as metafísicas gregas sobre como desenvolver categorias. Pode-se fazê-lo sem perceber que nossa própria interpretação dos materiais bíblicos sobre a pessoa de Cristo (e nossa própria interpretação da cristologia do século IV) sofreu uma influência semelhante de nosso ambiente intelectual atual. Se não nos damos conta de que, provavelmente é porque nós sofrem de miopia intelectual. Observando como a cultura influenciou o pensamento teológico, no passado, devemos perceber o que está acontecendo com a gente agora.

Um segundo valor da teologia histórica é que aprendemos a fazer teologia estudando como outros fizeram no passado. A adaptação de Tomás de Aquino de metafísica aristotélica para explicar a fé cristã pode ser instrutivo saber como usar as ideologias contemporâneas para expressar os conceitos teológicos hoje. O estudo de como uma teologia Calvin fez um Karl Barth ou Agostinho oferece um bom modelo e deve inspirar-nos.

Um terceiro valor da teologia histórica é que pode proporcionar um meio para avaliar uma ideia particular. Muitas vezes, é difícil ver as implicações de um conceito particular. No entanto, muitas vezes as idéias que parecem tão nova hoje, na verdade, teve seu precursor em fases anteriores da vida da igreja. Tentando avaliar as implicações de vista das Testemunhas de Jeová sobre a pessoa de Cristo, pode-se analisar a visão de Arius no século IV e ver onde ele levou neste caso. A história é o laboratório da teologia, em que as idéias adotadas ou tencionam adoptar marcada. Aqueles que não aprendem com o passado, como disse George Santayana, estão condenados a repeti-la. Se examinarmos com cuidado alguns dos nossos "novas" idéias à luz da história da igreja, percebemos que eles são novos conceitos para as velhas formas. Não há necessidade de se comprometer com uma visão cíclica da história²⁹ que concordar com o que o autor de Eclesiastes que não há nada novo sob o sol (Eclesiastes 1: 9.).

Teologia sistemática e teologia filosófica

Teologia sistemática também usa teologia filosófica. Os teólogos acreditam que a filosofia ou filosofia da religião pode contribuir de três formas diferentes à teologia: a filosofia pode (1) fornecer conteúdo para a teologia; (2) defender a teologia ou estabelecer sua verdade; (3) examinar seus conceitos e argumentos. No século XX, Karl Barth reagiu fortemente contra o primeiro destes três pontos de vista, e bem ao contrário do segundo. Sua reação foi direcionada para um tipo de teologia que se tornou praticamente uma religião ou filosofia da teologia natural. Ao mesmo tempo, o influente escola de filosofia analítica restringiu seu trabalho para o terceiro tipo de atividade. É aqui que a filosofia tem seu maior valor: o controle do significado de termos e idéias usado em teologia, a crítica de seus argumentos e clarificação da mensagem. Segundo este autor, a filosofia, a partir de uma visão restrita também desempenha a função de pesagem segundo declarações que expressam a teologia ea oferta da base para aceitar a mensagem. Portanto filosofia pode servir para justificar em parte a tarefa que a teologia é. Embora a filosofia, junto com outras disciplinas do conhecimento, pode fornecer alguma revelação geral para a compreensão de conceitos teológicos, esta contribuição é relativamente sem importância quando comparados com a revelação especial que temos na Bíblia.

A necessidade de teologia

Mas a teologia é realmente necessário? Se eu amo Jesus, não é o suficiente? Claro teologia parece ter certas desvantagens. Para complicar a mensagem cristã, tornando-se confuso e difícil de entender para alguém que não é um especialista. Parece a obstar a comunicação da verdade cristã, em vez de ajudá-lo. Será que a teologia não se divide em vez de unir a igreja, o corpo de Cristo? Vejamos se não no número de divisões denominacionais ter sido devido a um entendimento ou crença diferente em áreas menores. Então, qual é a teologia desejável e útil? Várias considerações sugerem que a resposta a esta pergunta é sim.

1. A teologia é importante, porque as crenças doutrinárias corretos são essenciais para a relação entre o crente e Deus. Uma delas é a existência e natureza de Deus. O autor de Hebreus quando ele descreve aqueles que, como Abel e Enoque, por favor, Deus, diz: "Sem fé é impossível agradar a Deus, porque é necessário que vem a Deus deve crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam "(11: 6) ..O autor não significa que as tentativas de se aproximar de Deus pode ser rejeitada por falta de fé, mas você não precisa nem tentar se aproximar de Deus sem essa crença.

Acreditamos na divindade de Jesus Cristo também parece essencial para o relacionamento. Depois Jesus perguntou aos discípulos o que as pessoas pensavam dele, também perguntou: "Mas vós, quem dizeis que eu sou? Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo ", que recebeu a aprovação plena de Jesus .. (Mateus 16: 13-19). Não é suficiente para Jesus para ter uma sensação de calor e positiva. Ele também deve ter uma compreensão e uma crença correta. A humanidade de Jesus é igualmente importante. 1 João foi escrita para combater os ensinamentos daqueles que disseram que Jesus não era realmente humano. Estes "docetistas" sustentou que a humanidade de Jesus foi apenas uma aparência. Juan apontou para a importância de acreditar na humanidade de Jesus quando ele escreveu: "Nisto conheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus "(1 Jo. 4: 2-3) .. Finalmente, em Romanos 10: 9-10, Paulo relaciona a crença na ressurreição de Cristo (que é tanto um fato histórico e doutrina) diretamente com a experiência da salvação: "Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo, pois é com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação "Estes são alguns exemplos da importância da crença correta.. Portanto teologia, preocupado em definir e estabelecer a crença correta, é importante.

2. Teologia é necessária porque a verdade e experiência estão relacionados. Embora alguns negam ou pelo menos questionar, neste contexto, eventualmente, afeta nossa experiência. Uma pessoa que cai do décimo andar de um edifício pode gritar que passa através de cada janela "Eu ainda sou bom" e ser verdade, mas no final os fatos alcançar a experiência da pessoa. Nós podemos viver felizes por horas ou mesmo dias depois que alguém amado, mas para nós, ele morreu, mas novamente a verdade virá com efeito devastador sobre a nossa experiência. Como o significado ea verdade da fé cristã até o fim será importante em nossa experiência, temos vindo a aceitar.

3. A teologia é necessária devido ao grande número de alternativas e desafios para hoje. Alternativas seculares são abundantes, incluindo humanismo que considera o ser humano objeto de valor, eo método científico que busca a verdade, sem recorrer à revelação de um ser divino. Outras religiões estão agora competindo com o cristianismo, mesmo que ele já foi considerada a civilização ocidental seguro. Não só carros, eletrônicos e câmeras do Oriente para o Ocidente são exportados. Religiões orientais também estão desafiando hoje para o que era praticamente domínio do cristianismo. Islam está crescendo rapidamente em os EUA, especialmente entre os homens afro-americanos. Eles também fizeram a sua aparição grande número de quase-religiões. Eles têm muitos sistemas de auto-ajuda psicológica surgiu. As seitas não foram restrito a grande e bem conhecida (como as Testemunhas de Jeová ou Mórmons). Muitos grupos que praticam a lavagem cerebral e controle da mente agora atrair pessoas que querem encontrar uma alternativa ao cristianismo convencional. Finalmente, existem muitos ensinamentos diferentes, algumas delas contraditórias, dentro do cristianismo.

A solução para a confusão não só é determinar quais dessas visões são falsas e refutada. Funcionários do Banco aprender a detectar notas falsas de dinheiro falsificadas não estudam, mas ao examinar muitos exemplos de dinheiro real. Eles olham, tocá-lo, analisá-lo de todos os lados. Então, quando eles vêm falsificações reconhecer a diferença imediatamente. Da mesma forma, entender corretamente os ensinamentos doutrinários do cristianismo é a solução para a confusão criada pela miríade de pessoas que afirmam ter a verdade com ele.

O ponto de partida da teologia

A tentativa de teólogos para desenvolver um tratamento sistemático da teologia cristã logo encontra um dilema quando se refere ao ponto de partida. Será que a teologia deve começar com a idéia de Deus ou a natureza e significa que temos de saber? Para a nossa tarefa aqui deve primeiro procurar a doutrina de Deus ou a doutrina das Escrituras? Se por um lado ele começa com Deus, surge a pergunta: Como você pode dizer sobre ele algo significativo sem examinar a natureza da revelação sobre isso? Por outro lado, começar com a Bíblia ou com outra fonte de revelação parece supor a existência de Deus, comprometendo totalmente o seu direito de ser considerado uma revelação. O dilema enfrentado teologia aqui é semelhante ao problema filosófico sobre a prioridade da metafísica ou epistemologia. Para uma coisa, um objeto não pode ser investigada sem tomar uma decisão sobre o método de conhecimento. Alternativamente, no entanto, o método do conhecimento dependem em grande medida da natureza do objecto a ser conhecido.

A primeira alternativa, começar com uma discussão de Deus antes de tomar em consideração a natureza da Escritura, que é tomada por muitas teologias tradicionais. Enquanto alguns simplesmente começar a usar as Escrituras para estudar Deus não formulou uma doutrina das Escrituras, o problema com isso é bastante óbvio. Uma abordagem comum é tentar provar a existência de Deus através de procedimentos extra-bíblicas. Um exemplo clássico é a teologia sistemática de Augustus Strong Hopkins. Ele começa sua teologia com a existência de Deus, mas não oferece nenhuma prova disso. Em vez disso, sustenta que a idéia de Deus é uma verdade primária,

a intuição racional. Não é um conhecimento escrito na alma, mas um pressuposto de que é tão básico que todas as outras habilidades dependem dele. Ele vem à consciência pela experiência, mas não derivado de que a experiência. Todos têm-lo, é impossível negar e não pode resolver ou tentar qualquer outra idéia. Outra forma de abordagem empírica usa um tipo de teologia natural. Aquino sustentava que a existência de Deus pode ser provada pela razão pura, sem depender de qualquer autoridade externa. Com base em observações feitas cinco ensaios (ou teste quintuplicar) para a existência de Deus (por exemplo, teste de movimento e mudança, a prova da ordem no universo). Estes testes foram feitos de forma independente e antes de recorrer à revelação bíblica.³⁴

O desenvolvimento normal do argumento nas duas variedades desta abordagem, racional e empírica, é como se segue:

1. Deus existe (que se assume como uma verdade primária ou estabelecida através de testes empíricos).
2. Deus é especialmente revelou na Bíblia.
3. Esta revelação especial deve ser investigada para determinar o que Deus revelou.

No entanto, esta abordagem envolve certos problemas. Uma delas é que a segunda alegação não tem que seguir o primeiro. Será que devemos acreditar que Deus, cuja existência estamos agora convencidos, revelou-se? Deístas não penso assim. O argumento, se você pode chamá-lo assim, ele deve estabelecer não só que Deus existe, mas tem um caráter tal que nós razoavelmente esperar uma revelação própria.

O outro problema é a identidade desse Deus, cuja existência foi estabelecida. Supõe-se que o mesmo Deus que se revela nas Escrituras. Mas é? Muitas outras religiões afirmam que Deus estabeleceu a existência de Deus é revelada em suas escrituras. Quem está certo? Será que o Deus de teste quintuplicar Thomas é o mesmo Deus de Abraão, Isaac e Jacob? Este último parece ter muitas qualidades e características que não são necessariamente o primeiro. Não é necessário provar que o deus cuja existência foi comprovada eo Deus da Bíblia são as mesmas? E, realmente, o deus cuja existência foi testado com diferentes argumentos é realmente um ser? Talvez Thomas não expor uma prova de cinco vezes para a existência de um deus, mas cinco testes para provar a existência de cinco deuses diferentes: um criador, um designer, um motor, etc. Assim como o procedimento normal é o de estabelecer a existência de Deus e, em seguida, evidência presente da natureza e origem sobrenatural da Bíblia, parece haver uma lacuna lógica.

A abordagem alternativa é começar com a revelação especial, a Bíblia. Aqueles que utilizam essa abordagem é muitas vezes cético sobre a possibilidade de qualquer conhecimento de Deus que vem de fora do evento Bíblia ou Cristo; sem uma revelação especial os humanos não podem saber *que* Deus existe ou *como* ela é. Então Karl Barth rejeitou qualquer tipo de teologia natural. Ele começa sua *Igrejalogmática*, com uma introdução seguida da doutrina da Palavra de Deus, não a doutrina de Deus. Sua preocupação é que a Palavra de Deus, então o que sabemos de Deus à luz da presente divulgação. Não começa com o que Deus e depois passar para o que deve ser a revelação à luz da sua natureza. Um exemplo recente desta abordagem é encontrada no trabalho de Dale Moody, *Palavra da Verdade*. A introdução é principalmente uma revisão histórica da teologia. A maior parte do livro começa com a revelação. Depois de declarar a natureza da revelação, a Moody continua a examinar o que Deus revelou de como ele é.

O problema com esta abordagem é a dificuldade de decidir o que é a revelação, sem idéia antes que Deus é. O tipo de divulgação que poderia oferecer um Deus transcendente muito é muito diferente do que a oferta de um Deus imanente no mundo e trabalhando através de um processo "natural." Se Deus é um Deus soberano que controla tudo, o seu trabalho para inspirar as Escrituras Teria de ser diferente do que seria se ele iria conceder maior liberdade para o homem. No primeiro caso, devemos tratar cada uma das palavras da Escritura como a mensagem de Deus, enquanto que no segundo caso poderia ser levado

menos literalmente. Dito de outra forma, nossa maneira de interpretar a Escritura será influenciado por nossa concepção de Deus.

Outro problema com esta abordagem é se você pode considerar as Escrituras como uma revelação. Se ainda não provou a existência de Deus, não temos razão para tratar a Bíblia como mais do que literatura religiosa? A menos que de alguma forma, provar que a Bíblia tem que ter uma origem sobrenatural, só pode ser considerado como um mero conjunto de pontos de vista religiosos de diferentes autores. É possível desenvolver uma ciência de mundos ou pessoas fictícias. Pode-se fazer um estudo detalhado do país das maravilhas com base no trabalho de Lewis Carroll. No entanto, existem esses lugares e essas pessoas? Você também pode fazer um estudo aprofundado dos unicórnios com base na literatura que está sobre eles. A questão é se há ou não tais seres. O mesmo acontece com uma teologia que, sem ter estabelecido pela primeira vez a existência de Deus, começar a falar sobre o que a Bíblia tem a dizer sobre ele e outros temas de teologia. Estas questões não podem ser um estado objetivo, uma realidade independente da literatura sobre estes temas (a Bíblia) são discutidos. Se assim for, a nossa teologia sistemática não seria muito melhor do que um unicornologia sistemática.

Existe uma solução para este impasse? Penso que, se. Em vez de partida ou de Deus, o objeto que queremos saber, ou a Bíblia, significa saber, podemos começar por ambos. Em vez de tentar provar um ou o outro, podemos dizer que ambos são pressupostos de uma tese básica, então nós podemos desenvolver o conhecimento que surge a partir desta tese e verificar evidência de sua verdade.

Nesta base, podemos considerar Deus e sua revelação estão unidos no mesmo curso ou você pode pensar sobre o Deus que se revela como um único curso. Esta abordagem tem sido seguido por muitos conservadores que querem manter uma revelação de Deus proposicional ou primeira evidência não construído informativo da teologia natural para a sua existência. Assim, o ponto de partida poderia ser algo como: "Não há um trinado, amoroso, poderoso, santo e sábio Deus que se revelou na natureza, história e da personalidade humana e atos e palavras agora Eles são preservadas nas Escrituras canônicos do Antigo e do Novo Testamento. "A partir dessa premissa básica que possamos continuar a desenvolver um sistema teológico inteiro expondo o conteúdo da Escritura. E, por sua vez, este sistema funciona como uma visão de mundo que, como todos os outros, pode ser testado para ver se é verdade ou não. Apesar de não ser parte do teste antes do outro, todo o sistema pode ser verificada ou validada.

Teologia e ciência

Será que a teologia tem o direito de ser chamado de ciência? E se assim for, o que é a ciência? Outra maneira de fazer esta pergunta é perguntar se a teologia é sobre o conhecimento e em caso afirmativo, em que sentido.

Até o século XIII, O TERMO *ciência* não foi aplicada a teologia. Agostinho preferido o termo *Sapientia* (sabedoria) a *scientia* (conhecimento). As ciências tratar problemas temporários; Sabedoria se refere a temas eternos, ou seja, Deus como bem supremo. Ciência e conhecimento pode levar a sabedoria. Para que isso aconteça, no entanto, as verdades adquiridas pelas ciências específicas devem ser ordenadas em relação a um bem maior. Então sabedoria, incluindo filosofia e teologia, pode servir como um princípio organizador para o conhecimento.

Tomás de Aquino pensou em teologia como rainha das ciências. Ele alegou que era um derivado da ciência, porque procede de os princípios revelados por Deus. É mais nobre do que outras ciências. A ciência é, em parte especulativa e prática. Teologia supera outras ciências especulativas por sua maior segurança, com base na luz do conhecimento divino, que não pode induzir em erro, enquanto outras ciências derivam da luz natural da razão humana, que podem errar. O objeto do conhecimento - as coisas que transcendem a razão humana - é maior do que em outras ciências especulativas, que tratam de questões

que estão dentro do alcance dos seres humanos. É superior às ciências práticas, porque está destinado a bem-aventurança eterna, que é o objetivo final de que todo conhecimento pode ser dirigida.⁴⁰ Como o que chamamos de ciência natural tornou-se mais importante, o conceito de ciência foi limitado e gradual; uma disciplina teve de atender mais rígida a ser chamados critérios científicos. Em particular, a ciência agora está restrito a objetos que podem ser experimentados através dos sentidos, para ser verificada pelo "método científico", que utiliza a observação e experimentação, seguindo rigorosos procedimentos de lógica indutiva. De acordo com essa teologia, obviamente, não é uma ciência, uma vez que não é objetos perceptíveis. O mesmo acontece com muitas outras disciplinas intelectuais. A teoria psicanalítica de Sigmund Freud sobre a personalidade não é científica, porque ninguém pode ver, medir ou entidades de teste como o id, o ego e superego. Para ser considerada uma ciência, as disciplinas que lidam com as humanidades tendem a tornar-se behavioristas, baseando o seu método e conclusões como objetos que podem ser observados, medidos e testados, ao invés do que poderia ser encontrado introspectiva. Espera-se que todas as disciplinas intelectuais satisfazer estas características.

Teologia, portanto, está em um dilema. Ou ele deve ser redefinido para satisfazer os critérios da ciência ou deve provar que é algo especial que não respeitam as normas científicas e, assim, abandonar a pretensão de ser uma ciência, e também abandonar a pretensão de ser um conhecimento em que consistem afirmações verdadeiras sobre realidades objetivas (ou seja, realidades que existem mesmo sabendo que eles ou não).

Karl Barth tem vigorosamente chamado para a autonomia da teologia. Comentários sobre os seis critérios de Heinrich Scholz que a teologia deve cumprir se quiser ser considerado *Wissenschaft*: (1) a teologia deve ser livre de contradições internas; (2) deve haver unidade ou a coerência nas suas propostas; (3) as suas reivindicações deve ser capaz de ser verificado; (4) Não faça qualquer alegação de que seja fisicamente ou biologicamente impossível; (5) deve ser livre de preconceitos; (6) deve ser capaz de dividir as suas propostas sobre axiomas e teoremas e para ser testado em conformidade. Barth apenas parcialmente aceita a primeira e rejeita outros. "Você não pode dar uma polegada aqui sem trair a teologia", escreve ele. No entanto, ele deve ser chamado de "ciência" porque, como todas as outras ciências (1) é um esforço humano para definir um objeto de conhecimento; (2) siga um caminho claro, consistente ao conhecimento; e (3) qualquer um que é capaz de trabalhar para esse fim e siga esse caminho pode acompanhar-lo.⁴³

Então, o que podemos dizer sobre a teologia como ciência? Em primeiro lugar, deve notar-se que a definição praticamente restringe a ciência das ciências naturais e, em seguida, tende a limitar o conhecimento da ciência é muito estreita.

Em segundo lugar, se aceitarmos os critérios tradicionais de conhecimento, a teologia deve ser considerada científica. (1) A teologia definiu um objeto de estudo, principalmente o que Deus revelou sobre Si mesmo. (2) A teologia lida com questões de objetivos. Ele não se limita a dar expressão aos sentimentos subjetivos do teólogo ou cristão. (3) tem uma metodologia definida para a investigação de seu assunto. (4) tem um método para verificar as suas propostas. (5) As propostas sobre o objeto de estudo são consistentes.

Em terceiro lugar, a alguma teologia medida em que ocupa o mesmo terreno que outras ciências. (1) A teologia está sujeita a certos princípios básicos ou axiomas. Em particular, ele deve atender os mesmos padrões de lógica que outras disciplinas. (2) implica comunicabilidade. O que diz um teólogo pode ser entendido, observado e investigado por outros também. (3) A teologia utilizado, pelo menos em certa medida, métodos específicos utilizados por outras disciplinas. Ele mostra uma afinidade particular com a metodologia da história, uma vez que faz afirmações com base em momentos históricos, e com a metodologia da filosofia porque expõe reivindicações metafísicas. (4) Compartilhe alguns problemas com outras disciplinas. Portanto, é possível que algumas

das suas propostas pode ser confirmada ou rejeitada pelas ciências naturais, ciências do comportamento ou história.

Ao mesmo tempo, a teologia tem o seu próprio estatuto especial. Estes são objetos especiais ou objetos comuns de uma forma especial. Ações com muitas outras ciências humanidade como um objeto de estudo, mas não em uma luz diferente. Leve em consideração o que Deus revelou sobre a humanidade; assim, ele fornece alguns dados próprios. E ter em consideração os seres humanos em sua relação com Deus; e trata os seres humanos dentro de um quadro que não examina outras disciplinas.

Por que a Bíblia?

No entanto, a questão que pode e deve ser feita é por que a Bíblia deve ser considerada a principal fonte e critério para a nossa compreensão da teologia cristã e até mesmo do cristianismo. Isto exige um exame mais aprofundado da natureza da análise cristianismo.

Todas as organizações e instituições têm objetivos, metas ou bases definidas. Estes geralmente são formalizados em uma espécie de constituição ou estatuto que rege a forma e funções da organização, e determinar o que precisa ser membros do mesmo. Especialmente quando se é uma entidade jurídica constituída estas normas entrem em vigor a menos que sejam substituídos ou modificados por pessoas que têm a autoridade para alterá-los.

O cristianismo não é uma instituição como tal. Embora possa assumir a forma de instituição, o movimento que nós conhecemos como o cristianismo é apenas isso: um movimento, não uma organização por si só. Assim, enquanto as igrejas locais podem estabelecer requisitos para fazer parte do seu corpo, a igreja universal deve procurar noutro lado.

O próprio nome deve ficar claro que o cristianismo é um movimento que segue a Jesus Cristo. Logicamente ele deve olhar para ele para determinar o que acreditam eo que fazer; em suma, o que significa ser cristão. No entanto, temos muito pouca informação sobre o que Jesus ensinou e fez de que venha fora da Bíblia. Partindo do princípio de que os Evangelhos são fontes historicamente confiáveis de informação (uma suposição que vai avaliar mais tarde), vamos a eles para conhecer a vida e os ensinamentos de Jesus. Jesus apoiou esses livros (ou seja, os livros que hoje chamamos o Antigo Testamento) também devem ser considerados fontes de nosso cristianismo. Se Jesus ensinou que ele iria revelar a verdade adicional, este também tem que ser examinado. Se Jesus disse que ele era Deus, e isso é verdade, então é claro que nenhum ser humano tem autoridade para revogar ou modificar o que ele ensinou. É a posição que o próprio Jesus propôs em Noções básicas de movimento que é decisivo e não os outros que mais tarde se chamavam cristãos podem dizer ou ensinar.

Isto é verdade também em outras áreas. Embora possa haver alguma reinterpretação e reaplicação de conceitos do fundador de uma escola de pensamento, há limites para além dos quais não há mudanças podem ser feitas sem perder o direito de ter o seu nome. Assim Thomists estão mantendo substancialmente os ensinamentos de São Tomás de Aquino. Quando muitos adaptação é feita, a vista deve ser chamada *Neo-tomismo*. Normalmente esses movimentos "neo" ir junto e ao espírito do fundador, mas fizeram mudanças significativas. Em algum ponto, as diferenças podem ser tão grande que o movimento pode não ser ainda considerada uma versão "neo" do original. Olhe para os argumentos que os marxistas tinham que decidir quem são os verdadeiros marxistas e quem eram os "revisionistas". Depois da Reforma Luteranismo foram divisões entre o real e as felipistas luteranos, seguidores de Philip Melanchthon.

Isso não quer dizer que as doutrinas são para manter exatamente a mesma forma de expressão que foi usada nos tempos bíblicos. Para ser autenticamente bíblica não tem de significar repetindo as palavras da Escritura como foram escritos. Na verdade, repetindo as palavras exatas da Escritura pode fazer a mensagem *não* muito bíblico. Um sermão

bíblico não é apenas uma seqüência de citações bíblicas. Em vez disso, tenta interpretar, parafrasear, analisar e resynthesize materiais e aplicá-los a uma situação particular. Dê uma mensagem bíblica que é o que Jesus (e Paul, etc.) diria nessa situação hoje. Claro Paul e Jesus nem sempre dada a mesma mensagem da mesma maneira. Eles adaptaram o que eles tinham a dizer aos seus ouvintes, usando ligeiramente diferentes tons para diferentes contextos. Um exemplo pode ser encontrado nas epístolas de Paulo aos Romanos e Gálatas, que lidam basicamente com o mesmo assunto, mas com ligeiras diferenças.

Fazendo a Bíblia a fonte principal ou final de nossa compreensão, nós não excluir completamente todas as outras fontes. Em particular, se Deus também revelou geralmente em áreas como a natureza e história (como a própria Bíblia parece ensinar), também podemos examiná-los de forma lucrativa para pistas adicionais para a compreensão da revelação principal. Mas estes são secundários à Bíblia.

2. Teologia

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Explique a relação entre teologia e filosofia ao longo da história.
- Demonstrar a influência de algum selecionado na teologia ao longo das filosofias do século xx.
- Integrar a teologia à filosofia corretamente para que você não danificar a fé cristã.

Resumo do capítulo

Ao longo da história da igreja que eles têm articulado vários pontos de vista sobre as relações entre filosofia e teologia. No século XX cinco filosofias particularmente afectadas teologia contemporânea: pragmatismo, existencialismo, a filosofia analítica, filosofia processo e desconstrução. Se a filosofia é usada corretamente, pode fornecer os recursos que irá fornecer uma base clara e adequada para a teologia.

Questões de estudo

1. O que Tertuliano queria dizer quando perguntado o que tem Atenas a ver com Jerusalém? Você concorda ou discorda? Defenda sua resposta.
2. Que dois escritores gregos mais influenciou os escritos dos pais da igreja primitiva? Resumidamente explicar como.
3. Qual é a verdade absoluta e como se relaciona com a filosofia do pragmatismo?
4. Quais são os quatro princípios básicos do existencialismo eo que eles significam?
5. Explique sucintamente como a teologia deveria "usar" filosofia.

Pragmatismo
Existencialismo
A filosofia analítica
Filosofia processo
Desconstrução
Usando a filosofia teológica

De todas as disciplinas da investigação e do conhecimento humano, que tem tido uma relação mais estreita com a teologia da história da igreja é a filosofia. O teólogo e filósofo muitas vezes têm sido parceiros de diálogo. Há várias razões para isso, mas talvez a principal delas é que eles têm muitas coisas em comum entre eles. Por exemplo, eles compartilham alguns tópicos de estudo. Ambos procuram objetos que não podem ser vistos ou que vão além do empírico, pelo menos na formulação tradicional da filosofia. Ambos estão preocupados com valores. E ambos têm focado a sua atenção menos em seres humanos.

Esta coincidência foi particularmente verdadeiro no início da história da filosofia diante de seus muitos filhos saem de casa. Porque em primeiro lugar muitas questões agora tratar outras disciplinas faziam parte da filosofia. Uma indicação desta variedade são as obras de Aristóteles, matemática, psicologia, ciência política, etc. Um por um, no entanto, essas crianças amadureceu e fez suas próprias casas, onde eles formaram famílias. Embora a psicologia, sociologia e outras ciências comportamentais há muito que deixaram o ninho filosófica ainda discutir a questão-chave filosófica e teológica da natureza e propósito da existência humana, pelo menos em conexão com a ética. E de um modo ou outro, tanto filosofia e teologia tentar tomar uma abordagem holística da realidade, uma certa compreensão da vida. Quando a agenda é, pelo menos em parte o mesmo, haverá inevitavelmente algum tipo de troca.

Tipos de relações entre teologia e filosofia

1. A relação entre teologia e filosofia tomou diferentes formas. A primeira posição é de fato nenhuma relação: separada teologia da filosofia. Esta abordagem é já evidente em Tertuliano (c. 160-230). Pense em suas famosas linhas:

Que tem Atenas a ver com Jerusalém?

Qual é a relação entre a Academia ea Igreja?

O que eles têm a ver hereges e cristãos?

Esta abordagem considera que a filosofia não faz nada para a teologia cristã. Na verdade, os dois têm tais objectivos diferentes devem ser aconselhados a evitar o contacto filosofia cristã. A crença não surge devido ao apoio da filosofia e de outras fontes, mas quase *apesar de* a contribuição dessas disciplinas. Este ponto de vista também aparece na Idade Média, no pensamento de Averroes, que ensinou um conceito de dupla verdade: a verdade da verdade da teologia e filosofia são duas questões completamente diferentes e separadas. Martin Luther, reagindo contra a filosofia escolástica Católica de Tomás de Aquino, tendem a rejeitar a filosofia. Em seu *Table Talk* Lutero diz: "Essa filosofia permanece em seus limites, como Deus disse, e nós nos usar como um personagem de uma comédia."

2. A segunda posição foi historicamente surgiu Agostinho, que pensou que a filosofia poderia esclarecer teologia. Ele enfatizou a prioridade da fé e aceitação da revelação bíblica, mas também insistiu que a filosofia pode ajudar a compreender melhor nossa teologia cristã. Ele adotou a filosofia de Platão, encontrando lá um veículo para a teologia. Augustine pensou, por exemplo, que a metafísica cristãos, com seu conceito do mundo sobrenatural de Deus e do mundo criado que vem e depende do mundo

sobrenatural, poderia ser entendido melhor com a imagem da linha de Platão. De um lado estão as idéias que não são vistas, que são mais reais do que os objetos perceptíveis no outro lado. Objetos perceptíveis são apenas as sombras lançadas por essas idéias. Teoria do conhecimento de Platão também foi adaptado pela teologia de Agostinho. Platão ensinou que todo o conhecimento de que somos realmente idéias ou formas puras. Em um estado de alma preexistente ele tinha contato com essas idéias (brancura, direito, cadeira, etc.) que nos permite reconhecer essas qualidades em detalhe empírica no presente.⁵ Augustine adaptou esta parte da filosofia de Platão a sua própria doutrina Iluminação: a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo (João 1: 9) impressão de formulários é Deus no intelecto humano.

3. às vezes valida filosofia à teologia. Como a teologia cristã começou a interagir com o paganismo e com as outras religiões não-cristãs, foi necessário encontrar uma base neutra da qual se estabelece a verdade da mensagem divina. Aquino acharam esse com base em argumentos de Aristóteles sobre a existência de Deus. Neste caso filosofia poderia fornecer credibilidade à teologia. Além disso, a metafísica aristotélica da substância-acidente se tornou a base para a formulação de certas doutrinas fundamentais, tais como presença real de Cristo na Eucaristia.

4. Teologia também ser julgado por filosofia. A partir da posição que a teologia pode ser testado pela posição filosofia, lógica, a teologia que tem de ser provado para ser aceito filosoficamente surge. Deísmo decidiu aceitar apenas os dogmas da religião que poderia demonstrar ou provar por meio da razão.

5. Em alguns casos, até mesmo a filosofia dá conteúdo à teologia. Georg Hegel, por exemplo, interpretou o cristianismo de acordo com a sua própria filosofia idealista. O resultado foi uma versão simplificada do cristianismo. Ele viu as verdades do cristianismo apenas como exemplos de uma verdade universal, um padrão dialético que a história era. Considere, por exemplo, a Trindade. Como o pensamento abstrato puro, Deus é o Pai; para nunca vir a ser um ser finito, ele é o Filho; ao regressar à sua casa depois de ficar rico com esse novo ser, que é o Espírito Santo. Como doutrinas cristãs encaixam no padrão triádico de toda a história (tese, antítese, síntese), a verdade é estabelecida e garantida, mas não como fatos particulares, mas como verdades universais. Por isso, a compreensão do cristianismo mudou quando o seu conteúdo tenha resolvido com a filosofia que foi considerado certo.

Algumas filosofias do século XX

Neste ponto é necessário examinar brevemente vários movimentos filosóficos importantes do século xx. E até certo ponto eles podem ter influenciado o nosso pensamento, mesmo inconscientemente, é útil para reconhecer e avaliar a sua ênfase válidos e inválidos.

Pragmatismo

Pragmatismo é provavelmente a filosofia americana característica. Foi a filosofia mais influente nos Estados Unidos no primeiro trimestre do século xx. Através da influência de filosofia da educação de John Dewey exerceu mais poder do que pode ser visto com uma análise de seus defensores públicos. Esta influência ainda sobrevive como uma característica de grande parte da vida norte-americana, mas a sua popularidade como um movimento em si tem diminuído enquanto.

Enquanto os proponentes sustentam que o pragmatismo tem seu precedente em pessoas como John Stuart Mill, parece que, na realidade, as suas origens estavam no "Clube Metafísico" fundada por Charles Sanders Peirce e William James em Cambridge, Massachusetts, em 1870. Embora os anos as idéias eram o produto do grupo, o primeiro foi um evento de documento galvanização Peirce sobre "Como fazer com que limpar

nossas idéias." No entanto, foi James que popularizou o método do pragmatismo, fazendo algumas mudanças significativas como proposto por Peirce.

O fator comum nas variedades de pragmatismo é a sua visão da verdade. Filosofia tradicional cuidou de procurar a realidade absoluta como tal. Ciência é considerada perseguir o mesmo objetivo, mas com um método diferente. Pragmatismo enfatiza que não há verdade absoluta; em vez disso, o significado de uma idéia reside unicamente em seus resultados práticos. Peirce concentrou-se em experiências repetidas comunidade científica. James, por outro lado, enfatizou as crenças particulares do indivíduo como um ser humano e não como a investigação intelectual.¹⁴

O objetivo, então, não é as alegações de verdade metafísicas sobre a natureza da realidade última. Em vez disso, o que significa (para Peirce) ou verdade (James) de uma proposição são conseqüências, que podem ser experimentados. Peirce por exemplo, observou que não há realmente nenhuma diferença entre os pontos de vista dos católicos romanos e protestantes na transubstanciação. Enquanto os defensores de ambos os pontos de vista sustentava que eles estavam descrevendo diferentes conceitos metafísicos, na verdade, eles chegaram a acordo sobre todos os efeitos discerníveis. Da mesma forma, James não acreditar que havia alguma diferença real entre a origem do mundo atribuir forças puramente materiais e atribuí-la a criação de Deus, como a questão apenas durar. O mundo é o que é, não importa como ele foi feito. Embora o naturalista eo cosmólogo criacionista teísta sustentam que suas idéias são diferentes, em termos práticos, não há realmente uma diferença significativa.

No pensamento de John Dewey, o pragmatismo também tomou outro rumo. Instrumentalismo de Dewey disse a lógica ea verdade deve ser compreendida em termos de capacidade de resolver problemas e seu impacto sobre o desenvolvimento de valores morais e humanos. Religião, em sua opinião, é o valor instrumental de dar às pessoas unidade de comunicação, partilha de vida e experiência compartilhada. A religião não contribuir para esta unidade, por exemplo, credo ou religião institucional, deve ser rejeitado. No sentido pragmático não é uma religião verdadeira porque ajuda os seres humanos, individual ou coletivamente para desenvolver valores verdadeiros. No que respeita à "verdadeira" religião James disse uma vez: ". De acordo com os princípios pragmáticos, se a hipótese de Deus funciona de forma satisfatória no sentido mais amplo da palavra, é 'true'"¹⁸ É difícil avaliar a verdade ea validade pragmatismo, desde os escritos de Peirce, James, Dewey e outros contêm uma grande variedade de pontos de vista. Além disso, as actuais formas de pragmatismo são mais difusas. Neopragmatismo Richard Rorty sustenta que palavras só se referem a outras palavras, nada extralinguístico, e que suas alegações não têm fundamento para uma verdade objetiva, mas em solidariedade com uma comunidade que define a verdade. A nível popular, o pragmatismo aparece mesmo nos círculos cristãos como impaciência com temas e idéias que não mostram uma aplicação imediata. O valor do movimento foi a de chamar a atenção para a importante relação entre idéias e ações. No entanto, deve notar-se algumas precauções ou limitações:

1. O que significa dizer que algo "funciona"? Caso algumas normas não são obrigados a medir nossos pensamentos e ações? Dizer, como disse James, que "a verdade só é adequado em nosso pensamento, como a correção só é adequado na forma como nos comportamos", não resolve o problema. Como conveniente para quem? E para que? Hitler tinha vencido a Segunda Guerra Mundial, o seu tratamento dos judeus teria sido correto? Teria sido conveniente para ele, mas certamente não para os judeus.

2. Na verdade, James reduz a proposição "X é verdade que não há" a "é útil para acreditar que X existe." No entanto, na prática, fazem a distinção entre as duas proposições. Além disso, muitas propostas, tais como as dos eventos passados parecem ser úteis de um modo ou outro. Existe, portanto, uma limitação injustificada do âmbito das afirmações verdadeiras.

3. Que tempo é necessário para avaliar idéias? A idéia verdadeira é aquela que funciona imediatamente? Precisa de um ano? Dez anos? Cem anos? É necessário refletir sobre essa questão. O pragmatismo populares tende a assumir que o critério é que a idéia de trabalhar imediatamente. No entanto, o que é adequado a curto prazo muitas vezes não é a longo prazo.

Existencialismo

Se o existencialismo não foi fundada por Kierkegaard (1813-1855), pelo menos, seu pensamento foi antecipado. Kierkegaard estava reagindo contra as duas principais influências em sua vida. Uma delas foi a filosofia de Hegel Georg, segundo a qual toda a realidade é racional. Os diferentes conceitos e fatos da realidade pode ser definido como um sistema lógico em que o indivíduo tem uma importância essencial. A outra influência foi o estado frio, igreja formal em sua Dinamarca nativa, onde a prática normal era imparcial. O ateu ênfase Friedrich Nietzsche (1844-1900) colocou na vontade do homem também serviu para dar à luz o existencialismo, em que a subjetividade é um princípio importante. No século XX, PORTA-VOZES DO MOVIMENTO ERAM MARTIN HEIDEGGER, JEAN-PAUL SARTRE, KARL JASPERS E GABRIEL MARCEL.

Se o existencialismo tentar resumir em uma frase, isso seria que o existencialismo é uma filosofia que enfatiza a prioridade de existência sobre a essência. Ou seja, a pergunta: "É?" ("Existe?") É mais importante do que "O que é isso?" Mas este breve e obscuro fórmula não é muito útil. No entanto, é necessário considerar vários princípios básicos ou temas dessa filosofia: (1) irrationalism, (2) indivíduo (3), liberdade e (4) subjetividade.

1. Há muitos aspectos e dimensões do princípio de irracionalismo. Basicamente é a visão de que a realidade não pode ser capturado ou reduzidos a conceitos intelectuais. Ele vai além deles, ou escapar deles. Além disso, não é possível colocar ideias num sistema lógico. Todas essas tentativas acabam distorcendo elementos. Quando a realidade é examinado intelectualmente aparentes paradoxos e contradições surgem. Os seres humanos não podem detectar padrões significado discernível. O significado da realidade deve ser criado por livre escolha.

2. O indivíduo é primordial. Em parte, isso se refere ao que é indivíduos especiais. Você não pode definir o indivíduo classificando-a em uma categoria geral, ou uma série de categorias. Eu não sou apenas um membro dos tipos de pessoas que são branco, americano, de olhos azuis, etc. Mesmo se alguém tem todas estas características, mesmo respondeu todas as perguntas Multiphasic Inventário de Personalidade de Minnesota, ainda não seria me. Por mais uma descrição da polícia de me teria. De acordo com a ênfase no indivíduo no existencialismo existe também uma ênfase em eventos ou fatos particulares. Qualquer esforço para desenvolver algum tipo de verdade geral a partir destes eventos ou fatos particulares conduzirá inevitavelmente a uma abstração que não é a realidade ou a vida, mas uma mera casca.

3. Outro axioma básico do existencialismo é a liberdade humana. Sou livre. Ninguém pode parar a minha capacidade de escolher, de decidir o meu destino, para criar o meu mundo, por assim dizer. Ateísmo de Sartre é baseada principalmente na questão da liberdade. Se há um Deus soberano, eu me subtrair liberdade. Portanto, não existe. *Não pode existir.*

A correlativa da liberdade é a responsabilidade. Não posso perder a minha liberdade e individualidade simplesmente aceitar o que a multidão pensa, diz ou faz. Fazê-lo seria "não ser autêntico." Pelo contrário, é preciso ser-se, têm suas próprias idéias, fazer "o que ele quer" na terminologia popular. Outra maneira de ser autêntico é negar nossa própria liberdade buscando explicação para nossas ações com base em um certo determinismo. Qualquer forma de não ser verdadeiro é equivalente a não estar disposto a aceitar a responsabilidade por nosso próprio comportamento. Um é livre, mas você deve admiti-lo, reclamá-lo e exercê-lo.²⁷

4. O último princípio do existencialismo é subjetividade. Em geral, existencialismo classificados em dois tipos verdade. A verdade objetiva se reflete corretamente quando uma idéia ou significado coincide com o objeto. Ela é aplicada em ciência. Além disso, a verdade subjetiva não é uma questão de correspondência com um objeto conhecido, mas o efeito que objeto e idéia produzida no sujeito cognoscente. Quando o objeto evoca paixão ou grande verdade interior é subjetividade. Este é o tipo de verdade que realmente importa; Trata-se de conhecer as pessoas mais do que as coisas.

Todas as filosofias do existencialismo é provavelmente o mais amplamente utilizado e ainda mais tomadas pelos teólogos do século XX, ESPECIALMENTE A PARTIR DE 1920-1950 OU 1960. A PRINCIPAL INFLUÊNCIA DE SOREN KIERKEGAARD NÃO OCORREU NO SEU TEMPO, MAS EM PESSOAS QUE VIVEU HÁ DOIS OU TRÊS GERAÇÕES MAIS TARDE. Karl Barth, por exemplo, reconheceu a presença do pensamento de Kierkegaard em sua primeira tentativa de escrever uma dogmática e, embora ele tentou depurá-lo em seus últimos escritos, é questionável se tenha alcançado plenamente. A dívida Emil Brunner e Reinhold Niebuhr com Kierkegaard é clara, uma vez que é no pensamento de Paul Tillich e Rudolf Bultmann.

Teologia Existencializar trouxe várias conseqüências. A primeira é a subjetividade da verdade. A verdade é verdade quando se torna realidade para mim. Ele não pode ser considerada como um conjunto de proposições objetivas; Ele deve ser assimilado por alguém, a fim de ser considerada verdadeira. A segunda é a separação da verdade religiosa de outra verdade mais objetiva em geral. Ao contrário destes outros tipos de revelação real não vem através da cultura em geral.³¹ Um terceiro resultado de teologia existencializar é um ponto de vista nenhuma substantiva ou essencialista da realidade religiosa. A verdade, o pecado ea salvação não são "realmente" substâncias blocos fixos ou estados permanentes. Eles são eventos dinâmicos.

Há elementos em paralelo existencialismo com o cristianismo bíblico e por isso eles colocaram de volta a ênfase nas questões que às vezes são negligenciados. Isso inclui a natureza da fé cristã e da verdade como questões passionais e subjetivas de preocupação e envolvimento, liberdade de escolha e necessidade, importância e singularidade dos indivíduos, e paradoxalmente, o absurdo e é frustrante ver a vida como algo que não tem padrão racional perceptível.

Existem também vários pontos que são existencialismo inadequada:

1. Embora seja importante notar que o existencialismo a distinção feita entre a evidência objetiva da verdade de um princípio eo fervor da paixão, essa paixão é muitas vezes nada mais do que ansiedade e insegurança não deve ser confundida com a força interior o compromisso que é a fé cristã. Na prática, sabendo que o compromisso e acção tendem a aumentar em vez de diminuir.

2. O existencialismo tem dificuldade em justificar a escolha de um determinado objeto com o qual se relacionar fé. Não fornece uma base para preferir um determinado objeto para os outros, ele tende a cair no subjetivismo em que a experiência subjectiva torna-se o fim em si mesmo.

3. O existencialismo tem dificuldade em apoiar os seus valores e julgamentos éticos. Se o significado é criado por escolha, não é bom e coisa certa não é o que escolhemos ser? A partir de uma base existencial, ajudar uma velhinha atravessar a rua ou atingido na cabeça e roubar a bolsa pode ser igualmente correta. Considere também a inconsistência de Sartre quando ele assinou o *Manifesto do povo argelino*. Ele está tomando e exortou os outros a tomar uma posição moral, como se alguma verdade objetiva, embora em termos existenciais há pouca base para tal ação.

A filosofia analítica

Há sempre foi um elemento da filosofia preocupado sobre como chegar ao significado da linguagem para esclarecer conceitos, analisar o que é dito e como é dito. Sócrates, em

particular, destacou-se por fazer isso. Ele apresentou-se como uma parteira. Ele não deu à luz a novas idéias. O que ele fez foi levar outros para ajudá-los a descobrir a verdade.

No século XX que levou a sério esta tarefa e de forma sistemática. Bertrand Russell e GE Moore, em particular, foram os primeiros a praticar a análise, no sentido moderno. No passado, os filósofos tinha tentado fazer pronunciamentos sobre diversas questões: o que é certo, o que é verdade, que é a beleza. Nos tempos modernos, no entanto, os filósofos adotaram metas mais modestas. Em parte, isso ocorre porque algumas dessas áreas já pertencem ao domínio de certas ciência especial. Agora filósofos que eles fazem é o foco sobre o significado da linguagem. Clarificação e iluminação dos objectivos da linguagem e os meios para atingir estes objectivos é a tarefa da filosofia. Em vez de ter um objeto de estudo especial, a filosofia está preocupado com o assunto de várias disciplinas, mas de uma maneira especial. É a linguagem da ética, a ciência ea religião examinar como eles funcionam eo que eles significam. Perguntas típicas que a filosofia é: "O que se quer dizer com isso" e "Que tipo de afirmação é esta?"

Isto significa que a filosofia tem vindo a ser pensado como uma atividade ao invés de uma teoria ou corpo de conhecimento. Ludwig Wittgenstein colocar desta forma: "O resultado da filosofia não é uma série de 'proposições filosóficas', mas esclarecer as propostas."

Houve duas fases importantes na filosofia analítica do século xx. O primeiro foi um estágio militante onde filósofos mostrou agressivo e até mesmo dogmática. Esta etapa é particularmente associado com o rótulo de "positivismo lógico", um movimento que estabeleceu normas significado bastante rígida. De acordo com esta posição, existem apenas dois tipos de linguagem significativa: (1) as verdades matemáticos e lógicos em que o predicado é contidos no assunto, tais como "a soma dos ângulos de um triângulo é 180 graus" e (2) verdades empíricas, como "o livro está sobre a mesa." As verdades empíricas são proposições que são verificadas pelos sentidos. Estes são os únicos tipos de linguagem significativa. Outras propostas, isto é, aqueles que não são matemática ou ciências ou verdades empíricas que podem ser verificadas com os sentidos, não têm significado. Eles são, na verdade, pseudo. Eles se enquadram na categoria de linguagem expressiva; como artes expressar as emoções do falante ou escritor. O significado de uma declaração como "o universo é mental, em vez de materiais" é mais como "oh! ou "ao vivo" que "o livro está sobre a mesa." A linguagem da metafísica, ética, teologia e muitas outras disciplinas que antes eram homenageados foram expedidos para esse status pelos positivistas lógicos.

Por esta breve sinopse pode ser visto que os positivistas lógicos estavam impondo um padrão ou critério para a linguagem. Isso levou a um tipo de análise chamado de "filosofia da linguagem ideal", que estabeleceu a linguagem da ciência como um paradigma que todas as línguas tiveram que ajustar relatório. Critérios foram ofereceu uma maneira de dizer como a linguagem deve funcionar.

No entanto, na segunda fase da filosofia analítica moderna, a abordagem foi bastante diferente. Em vez de insistir que a linguagem deve operar de uma forma particular de ter significado, filosofia tenta descrever como a linguagem funciona realmente. Estes filósofos da segunda etapa observar a linguagem normal usado por pessoas em conversas diárias e formas de linguagem mais técnica. Em vez de insistir que todas as línguas devem operar da mesma forma para ser significativo, eles perguntam sobre as várias funções da linguagem e do tipo de significado inerente a cada um deles. Esta abordagem é chamada de "filosofia comum linguagem" ou seu objectivo é clarificar "análise funcional."; procura desfazer a confusão apontando a utilização errada e ilógica da linguagem.

Do ponto de vista da teologia, a filosofia analítica não é um rival para oferecer uma visão alternativa da realidade ou valores ou um oponente, excluindo-se o direito de teologia para falar. Pelo contrário, torna possível, ajudando a refinar teólogos uso de palavras e evitar linguagem enganadora. A filosofia analítica, portanto, pode fornecer um

benefício óbvio e imediato para a teologia. Como o cristianismo tem como principal objetivo a comunicação de sua mensagem, e como a tarefa de explicar conceitos abstratos de teologia é particularmente difícil, qualquer assistência no uso da linguagem é desejável.

No entanto, há alguns problemas na filosofia analítica:

1. Em vez de ser meramente descritiva, a filosofia analítica tende a ser prescritivo de maneiras sutis. É verdade que o regulamento não é categórica ("linguagem deve ser usada dessa maneira"), mas sugestivo ("Se você quiser evitar confusão, não use linguagem como este"). No entanto, até mesmo o critério do que é confuso e que está claro é baseada em suposições. Às vezes temos a tendência de esquecer isso.

2. A filosofia analítica, por vezes, parece fazer distinções muito nítidas entre os diferentes tipos de linguagens. Algumas línguas, especialmente teológicas, podem participar em diferentes funções simultaneamente. Uma declaração como: "Jesus Cristo, o Senhor ressuscitado da Igreja" podem simultaneamente características históricas, metafísicas, éticos e expressivas.

3. A filosofia analítica não é realmente ferramenta neutra, se não sempre alerta contra pressupostos naturalistas, particularmente com respeito à sua concepção da natureza da linguagem. Eu não deve impedir que a língua tinha uma referência supraempírica.

4. Existem áreas onde não podemos contentar-se com tratamentos reguladores não descritivos. Isto é particularmente verdade no que diz respeito à ética. Se a filosofia não contribui normativamente a conclusões nesta área, o que disciplina o fará? Assim, nos últimos anos a filosofia para justificar a sua existência, começou a fazer julgamentos normativos. A sociedade contemporânea não pode dar ao luxo de mera descrição e análise, e até mesmo os filósofos analíticos tiveram que mudar para evitar ser excluídos do fermento da paisagem moderna.

Filosofia processo

Tem sido um longo debate sobre se realidade muda ou, basicamente, tem um caráter fixo. Heráclito sustentava que a mudança é a própria essência da realidade, enquanto Parmênides colocar mais ênfase em seu caráter fixo. A maioria dos filósofos têm reconhecido tanto mudança e permanência no mundo. Aqueles que têm um ponto de vista substancialista enfatizar estados fixos, considerando as alterações como meras transições necessárias entre eles. Outros, como Alfred North Whitehead, ver mudanças como a chave para a compreensão da realidade. Whitehead é o pai da filosofia moderna do processo, embora os filósofos e teólogos posteriores, tais como Charles Hartshorne, John B. Cobb Jr. e Norman Pittenger deram maior visibilidade.

Ao contrário dos outros três filosofias que aqui resumidos, a filosofia é declaradamente processo metafísico. Embora conscientes da irritação que ocorre em muitos filósofos modernos metafísica, pensadores processo acreditam que o seu tipo de metafísica não é tão vulnerável a ataques como essencialista ponto de vista, substancialista ou idealista. A crença central aqui é que a mudança é a chave para a compreensão da realidade, na mudança fato é realidade. O mundo não é formada, essencialmente, de substâncias que mudam de um para outro. Pelo contrário, ela é feita de processos dinâmicos. Não se preocupe com coisas como ambos os eventos.

A realidade divina participa da realidade de tudo o resto. Por conseguinte, não é um motor estacionário ou uma essência imutável. Ele está vivo, ativo, criativo. Esta observação ressalta um princípio básico do processo de pensamento: a realidade é basicamente um tipo. Aqui não há dualismo, ou entre o material eo espiritual, o natural eo sobrenatural, o fenômeno ou númeno, mudando e imutável. O que é verdadeiro para a realidade como um todo, também para cada uma de suas partes. Assim, as características de Deus são aqueles do resto da realidade em geral.

Whitehead pensa unidades básicas e peças realmente não importa, mas como momentos de experiência. Um momento de experiência é sempre alguém que experimenta algo. Todos estes eventos "experiência" ou "eventos reais" têm dois pólos. Agarra mentais pólo objetos eternos, que são puras possibilidades de realização, independentemente de qualquer exemplo real desse facto. Isso inclui formas, qualidades e relacionamentos. O pólo físico agarra o que é visto pelos sentidos e outros eventos reais. Há uma inter-relação entre estes tempos. Por conseguinte, a cada momento é uma função de todos os outros e com eles relacionada. Mesmo história é considerada desta maneira. Não só um catálogo de eventos passados. É um ser vivo o passado no presente. Portanto história são todos os eventos passados, descritos no presente. Em certo sentido, nada nunca realmente perdido. É mantido e acrescentado ao que existe agora.⁴²

Como as unidades realidade última não são as pessoas ou as substâncias, mas momentos ou experiências, eu sou uma nova realidade concreta em cada fração de segundo. O "eu", que no momento é capaz de se preocupar com o "eu" que será dentro de um ano. Pelos mesmos laços de empatia, o "eu" que eu sou agora capaz de se preocupar com as futuras unidades que fazem parte de séries diferentes dos meus.⁴⁴ Portanto, embora a realidade é nenhuma substância fixa, nem são isolado momentos individuais. Existe uma ligação entre o passado, presente e futuro e entre diferentes séries desses eventos, ou o que poderia ser chamado de pessoas.

Sempre que você tiver aplicado ou adaptado a filosofia processo ao cristianismo, houve um impacto considerável. A fé cristã, por exemplo, não é considerada como uma essência fixa, permanente, que permanece o mesmo. Não era algo que foi ou é. Isso é algo que está a ser desenvolvida, será. O mesmo pode ser aplicado à natureza de Deus. Tem um carácter definitivo fixo. Sua natureza é o que ele está fazendo, seu futuro. A mesma evolução é o que é ser Deus. Não é isolado, incapaz de empatia com o que não é Deus e incapaz de sentir o que está acontecendo conosco.

Há um valor significativo na ênfase na mudança e como isso pode ser bom. Às vezes os cristãos têm reverenciado tanto o status quo que tem sido dado pela boa per se. Conseqüentemente, eles têm resistido a mudança e fora do cristianismo é visto como crenças irrelevantes e obsoletos. Parece que faz perguntas e levanta questões que estavam em vigor há muitos anos. Mas se o Cristianismo é verdadeiro, é claro que é uma fé para todos os tempos e de todos os tempos. A ênfase em Deus tem empatia e não é impassível é também um conceito bíblico e tem grande valor prático.

Como outras filosofias modernas que temos discutido, também existem problemas significativos na filosofia do processo:

1. O que é verdadeiramente a fundação da identidade? Se a conexão entre o "eu" que é agora o "eu" que era há um ano eo "eu" que será dentro de um ano não é uma substância ou uma pessoa, onde está? Supostamente há uma base para distinguir um do outro, o que Hartshorne chamado "série de pessoal." Mas o que exatamente?

2. Qual é a base para avaliar a mudança? Esta filosofia parece pensar que, por vezes, a mudança é boa per se. Mas é sempre bom? Às vezes, a mudança não é uma tendência, mas uma deterioração. Por qual critério este julgamento terá lugar? Em resposta, notamos que os filósofos do processo não insistir em que tudo está mudando. Valores, por exemplo, não mudam. Mas o que sobre sua natureza, sua origem, o seu lugar, a sua base, sua justificação? Esta é uma questão que não parece ter sido completamente respondidas. Dito de outra forma, o que isenta estes valores mudança pode ser visto virtualmente em toda parte?

3. Não há um meio termo entre a ênfase na mudança como realidade básica e do ponto de vista de que a realidade última é uma substância estática, fixo e imóvel? Muitas vezes, essas alternativas são apresentadas como se esgotado as possibilidades. Vale a pena notar que a ortodoxia clássica não tem seguido o modelo do primeiro motor de Aristóteles. A imagem bíblica de Deus é mais como um cuja natureza não muda, mas ele sente empatia e é continuamente ativo no mundo que ele criou.

4. Quanto tempo uma vez? Hartshorne diz que nosso ser é diferente do que foi feito uma fração de segundo. Mas quanto tempo é este momento? Quantos há em uma hora? Existe um número infinito dessas unidades, mesmo em um período de tempo finito? É apropriado falar deles como unidades? Embora seja um *reductio ad absurdum*, indica uma certa falta de precisão no processo de pensamento.

Desconstrução

A desconstrução é, em muitos aspectos, uma filosofia especial. Embora as filosofias que descrevemos até agora são, basicamente, o produto do período e forma moderna de pensar, a desconstrução é uma filosofia pós-moderna, talvez o mais radical. Mas de alguma forma ele é uma extensão ou extrapolação de algumas das tendências que encontramos na filosofia moderna, especialmente existencialismo. Sua origem é inicialmente encontrada na crítica literária e filosofia não profissional como tal. Associada principalmente com o pensamento do crítico literário francês, Jacques Derrida, também eles levantaram pessoas como Stanley Fish e Michel Foucault. Tem bastante influenciado departamentos de literatura das universidades, ainda que alguns sinais parecem indicar que sua popularidade está começando a declinar.

Um ponto de partida para entender Note-se que a desconstrução de Derrida estudou Heidegger, e de alguma forma o movimento de crítica literária pode ser entendido como uma extensão de Heidegger eo existencialismo, em particular, em geral. Para a maior parte, a filosofia estava preocupado com a busca da verdade, a verdade objetiva que foi entendido: a questão da realidade das idéias e declarações. Era uma idéia da verdade como um objectivo: uma proposição é verdadeira na medida em que ela corresponde ou corretamente descreve o fenômeno que diz descrever. Verdade subjetiva, por outro lado, é o efeito de uma proposição sobre alguém que sabe. Esta distinção, sublinhada por Kierkegaard, foi desenvolvido e enfatizada por Heidegger.

Quando esta distinção é levado para o campo da crítica literária, a questão baseia-se mais no significado na verdade. A primeira abordagem tinha procurado o significado que o autor pretende transmitir. Mais tarde, cada vez mais interesse no texto não é um objectivo significado dado pelo autor, mas no sentido de que dá ao leitor.

Isso corresponde à forma de entender a linguagem. Em vez de linguagem que se refere a algo externo a ela, esta abordagem vê a relação da linguagem como uma outra língua. Portanto, o significado não surge de tentar isolar o significado objetivo, nenhuma linguagem de palavras, mas no livre jogo de palavras em si.

Juntamente com esta abordagem, encontramos a rejeição da lógica tradicional. Assim, Derrida diz: "Portanto, não é simplesmente falso dizer que Mellarmé é um seguidor de Platão ou Hegel. Mas acima de tudo não é verdade. E vice-versa."

Grande parte do argumento de Derrida é uma rejeição ou mesmo uma queixa do logocentrismo. Embora o termo nunca está totalmente definido, ele parece representar todos os sons abordagens consideradas como uma representação desse significado na consciência do orador. Esta é considerada uma filosofia com uma longa história, uma ordem orientada, significado, verdade, lógica, razão que existe em si mesmo, independente de quem sabe. Essa ordem de importância é, então, considerado a base de todas as línguas e que se referem.

Portanto, a desconstrução rejeita qualquer tentativa de descobrir e expressar um padrão subjacente na realidade. John Ellis resume logocentrismo como desconstrução parece conceber: "A ilusão de que o significado de uma palavra tem sua *origem* na estrutura da própria realidade e, portanto, faz com que a *verdade* de que a estrutura aparecem diretamente *presente*. *Em nossas mentes*" O problema é que quando os termos que expressam a realidade de uma dada língua tornar-se tão forçado que você não pode conceber qualquer alternativa, parecem simplesmente apresentar uma interpretação das coisas, mas a maneira de ser a realidade. Pelo contrário, devemos ver que o significado

não é derivado de qualquer característica essencial das coisas, mas é arbitrária. Derrida é baseado nas idéias de linguista Saussure, dizendo que as idéias não são apenas idéias e refletem a forma inerente do mundo. Cada sentido é também um significante. Sem transcendental significativa uma ontoteologia.⁴⁷ O que temos em vez disso é um grupo de diferenças sem limites, infinita nunca terminam em outra coisa senão as próprias palavras.

Muitas vezes, isso é combinado com a idéia de que logocentrismo, ou a idéia de que as palavras expressam uma ameaça real, realidade objetiva foi usado opressivamente. Eles representam a tentativa de algumas pessoas para impor suas idéias aos outros. Para resistir a isso, é necessário desconstruir a linguagem e argumentos para expor o uso da linguagem opressiva.

Parece claro que não está em jogo nessa disputa consequências de longo alcance. Elas foram feitas e podem ser feitas uma série de críticas contra a desconstrução. Uma das coisas frustrantes sobre desconstrução examinar e avaliar a natureza da resposta. Muitas vezes, a resposta crítica desconstrucionista assume que logocentrismo disputada. Parece haver uma tentativa de carimbar as suas próprias ideias a qualquer crítica. No entanto, você deve fazer as seguintes perguntas.

1. Se você achar que a lógica predominante é inválido, o que a natureza tem a lógica que está sendo usada na discussão sobre o que a lógica deve ser seguida? É claro que esta questão pode levar a outros níveis. Na linguagem de Wittgenstein, qual jogo de linguagem é usada para discutir os vários jogos de linguagem?

2. Se seguirmos a filosofia da desconstrução, também têm de desconstruí-lo. Se fizermos isso, então essa teoria só é aconselhável ou desejável para qualquer um dos outros.

3. desconstrucionista muitas vezes tentam provar a força de sua vista, mostrando os pontos fracos do logocentrismo. Isso realmente não é um argumento muito positivo para a desconstrução. Isso supõe que existem apenas duas opções e que se logocentrismo não é aceitável, você tem que aceitar a desconstrução. No entanto, alguns críticos têm apontado que a desconstrução não é o único ponto de vista que tem criticado o logocentrismo. Então, por que deveríamos aceitar essa teoria e não qualquer um dos outros? Da mesma forma o argumento de Saussure que o significado das palavras é relativa à linguagem utilizada não significa que eles não têm um significado objetivo.

4. desconstrucionista que é muito difícil viver de acordo com sua própria teoria. Eles querem insistir que a desconstrução não é apenas brincar com as palavras, mas reflete a realidade das coisas, e que o significado de suas palavras é objetivamente o que tentar. Por isso, Derrida insiste que John Searle mal o que ele disse. No entanto, se o significado das palavras não é algo que objetivamente expressar com palavras como isso pode ser verdade? Claro que se pode objetar que essa insistência sobre a coerência lógica só tem valor em uma abordagem tradicional, mas se assim por que ele estava tão chateado com Searle Derrida? Não tenho os dois certo no que diz respeito ao significado das palavras de Derrida?⁵¹

Usando a filosofia teológica

No início deste capítulo notamos a variedade de relações que possam existir entre a teologia ea filosofia. Qual deve ser o papel eo lugar da filosofia na nossa teologia? Proponho duas linhas básicas.

Em primeiro lugar, em linha com nossas premissas fundamentais, a revelação no lugar da filosofia é o que dá conteúdo à nossa teologia. Portanto, a divulgação deve ser a primeira fonte dos princípios fundamentais de nossa compreensão da realidade. Isto nos daria um quadro no qual nós poderíamos fazer a nossa filosofia. Nossa posição de base, em seguida, é, entre as primeira e segunda posições acima mencionadas (pp. 40-41). E enquanto a filosofia é utilizado, haverá um compromisso com um sistema filosófico como

tal. Em vez disso, vamos insistir na autonomia da teologia; portanto, não era obrigada a explicar o conteúdo revelado válido para qualquer filosofia particular.

No entanto, a teologia cristã tem uma visão de mundo particular. A Bíblia diz claramente uma forma de entender o teísta realidade e especificamente monoteísta. A realidade última é um ser pessoal, onipotente, onisciente, amoroso e santo: Deus. Ele criou tudo o que existe, não por emanção de seu próprio ser, mas trazê-lo à existência sem o uso de materiais existentes. Por isso, a metafísica cristã é um dualismo em que existem dois níveis de realidade, o sobrenatural eo natural, um dualismo contingente em que o que não é Deus vem dele. Deus preserva a existência de toda a criação e tem controle sobre tudo o que acontece como a história se desenrola a cumprir a sua finalidade. Tudo depende disso. O homem, o mestre de suas criaturas, é, como ele, pessoal e, portanto, capaz de ter relações sociais com outros seres humanos e com Deus. A natureza não é apenas algo neutro. Ele está sob o controle de Deus; e ainda que normalmente opera de maneira uniforme e previsível obedecendo as leis que ele estabeleceu, ele também pode agir de maneiras que violam esses padrões normais (milagres).

Com este ponto de partida, o teólogo cristão deve usar a capacidade de raciocínio que Deus deu para resolver as implicações do corpus da verdade revelada. Em outras palavras, um filósofo da posição ou perspectiva criado por revelação divina. A este respeito, a minha posição é próximo ao de Carl FH Henry, que sustenta que a cosmologia bíblica é o ponto de partida e um quadro para todos os nossos esforços intelectuais. Também concorda com Edward Ramsdell ⁵⁴ e Arthur Holmes que dizem que a teologia cristã é perspectivo.

Tomando os conceitos bíblicos como princípios básicos para a visão que alguém tem da realidade restringe severamente a gama de pontos de vista que podem ser consideradas aceitáveis. Por exemplo, uma cosmovisão naturalista é excluído porque restringe o sistema de realidade observável porque a natureza e os possíveis eventos no âmbito deste sistema são limitadas ao que está em conformidade com as leis estabelecidas. A revelação bíblica ainda mais forte oposição ao materialismo. Da mesma forma, a maioria dos idealismo são excluídos porque eles tendem a negar a realidade do mundo material e da transcendência de Deus. Edgar Sheffield Brightman fala de quatro tipos de idealismo:

1. Platão: a realidade é objetiva. Sua origem e significado é mais do que humano.
2. Berkley: a realidade é mental. Os objetos materiais não têm existência independente, mas existem como conceitos de mente.
3. Hegel: a realidade é orgânica, isto é, o todo tem propriedades que parte não possui. A realidade última não é nada mais do que a manifestação da razão.
4. Lotz (ou Leibnitz), a realidade é pessoal. Somente pessoas ou entidades que são reais.

Parece que o primeiro tipo de idealismo poderia ser assimilada em teologia cristã; a quarta, com certas limitações, poderia ser adotada pela teologia cristã. O segundo eo terceiro, no entanto, parecem incompatíveis com os princípios do teísmo cristão identificados acima. Talvez o tipo mais compatível da metafísica seria uma espécie de realismo, sempre incluindo a dimensão sobrenatural em vez de apenas a natureza.

A visão de mundo apresentada aqui é um objetivismo. Por isso entende-se que existem medidas objetivas da verdade, da bondade e da direita. O Deus que é o centro da visão de mundo revelada na Escritura tem a emoção ea ação. No entanto, é totalmente perfeito, completa e, por conseguinte, de uma forma inalterada. Há também são normas e valores têm permanência. Amor, verdade e honestidade são permanentemente bom porque correspondem à natureza imutável de Deus. Por isso a filosofia do processo não parece ser uma alternativa viável.

A visão de mundo apresentada aqui também considera a verdade como algo unitário. Em vez de ter um tipo de verdade (objetiva) para os cientistas e outras questões

reais (subjektivas) para questões de religião, a verdade tem algo em comum com todas as áreas. A verdade é uma qualidade de declarações ou proposições consistentes com a maneira como as coisas são. Mesmo William James, pragmático, dá uma definição de verdade como esta: "A verdade, como qualquer dicionário diz, é uma propriedade de algumas das nossas ideias. Isso significa que o seu "acordo" e falsidade é discordância, com a "realidade". Ambos os pragmatistas como intelectualistas aceitar esta definição como um padrão. "Deus ea realidade são o que são, independentemente de como eles são percebidos, eles entender, apreciar ou aceitar os outros. Embora a reação é importante saber o que a verdade não depende de essa reação. Portanto, qualquer tipo de idealismo subjetivo é excluído, como acontece com certos aspectos do existencialismo.

A lógica se aplica a toda a verdade. Embora algumas áreas estão cobertas de mistério e pode estar além da nossa capacidade de compreender todas as relações envolvidas, não há áreas que são consideradas intrinsecamente contraditório. O pensamento coerente ou, pelo menos, a comunicação depende dessa suposição. A verdade é uma qualidade de proposições, não é algo que acontece como resultado da forma como reagimos ou como eles são usados. Portanto um rigoroso funcionalismo também deve considerar insustentável.

A segunda diretriz básica é que a filosofia deve ser considerada principalmente como uma atividade, filosofia, ao invés de um conjunto de verdades. É potencialmente capaz de funcionar a partir de qualquer perspectiva e qualquer conjunto de dados. Por isso, também é uma ferramenta que pode ser usado em teologia. A forma de filosofia é conhecida como a filosofia analítica que visa clarificar e aperfeiçoar os termos, conceitos e argumentos encontrados em teologia. Usamos essa disciplina ao longo deste livro e prestar atenção especial no Capítulo 6. Além disso, a filosofia da fenomenologia fornece um método para isolar experiências, esclarecê-los e determinar a sua verdadeira natureza. Um exemplo da aplicação de fenomenologia pode ser encontrada na investigação da natureza da religião no início do Capítulo 1. Ambos podem ser úteis para a teologia como eles são de natureza descritiva e analítica. No entanto, qualquer tentativa de ser prescritivo ou normativo deverá ser cuidadosamente avaliado à luz desses pressupostos.

Nossa principal utilização de filosofia vai nos ajudar a desenvolver e usar certas habilidades críticas que são valiosas em todas as áreas, especialmente na investigação intelectual e, conseqüentemente, pode ser usado para fazer teologia:

1. A filosofia aguça nossa compreensão dos conceitos. Seja qual for a teoria do significado que damos, é essencial que nós tentamos determinar rigorosamente o significado do que acreditamos e dizer. Progresso em estabelecer a verdade das idéias exige saber exatamente o que queremos dizer com eles. Além disso, a comunicação implica a capacidade de mostrar aos outros exatamente o que estamos recomendando-los. Nunca podemos deixar claro aos outros o que não temos certeza nós mesmos.

2. A filosofia pode nos ajudar a descobrir os pressupostos por trás de uma idéia ou sistema de pensamento. Se, por exemplo, tente combinar duas ou mais idéias que dependem de premissas incompatíveis, o resultado será inevitavelmente a contradição interna, independentemente de quão atraentes essas idéias podem parecer à primeira vista. A filosofia pode resolver a situação, buscando e avaliando estes pressupostos. Você também precisa estar ciente de que há pouca análise ou avaliação neutra. Todos os comentários vir de algum lugar. E a validade da perspectiva a partir da qual são feitos devem ser levados em conta quando se pensa em quão seriamente você deve fazer a avaliação. Devemos considerar qualquer reivindicação, tais como a conclusão de um silogismo, e perguntar o que as premissas deste silogismo é. Às vezes, nós achamos que este é um entimema: uma suposição, talvez um duvidosa ou questionável foi inserido de maneira velada, mas que não tenha sido expressa de forma explícita.

Estar ciente de nossas suposições que fazemos mais gols. Como os pressupostos afetam a maneira como percebemos a realidade, pode não ser capaz de detectar sua

influência. No entanto, sabemos que eles estão presentes e funcionamento deverá permitir-nos para compensar seus efeitos prováveis. Isto é como o problema com um pescador quando caça submarina. Vá peixes e sua reação natural é jogar o arpão na água para onde seus olhos dizem que você é o peixe. Embora sua mente lhe diz que, devido à refração da luz que passa de um meio (água) para outro (ar) não é onde os peixes parecem ser. O pescador deve conscientemente lançar o arpão para um lugar onde o peixe parece ser. Da mesma forma um caçador que atira um objeto em movimento deve atirar para o ponto que vai ser o objetivo quando a bola chega. Estar ciente de nossas suposições significa que temos de fazer um ajuste em nossa percepção das coisas conscientemente. Isto é verdade tanto para a nossa abordagem geral para a análise de pontos específicos. Como Batista, por exemplo, a minha experiência vou dar mais valor aos argumentos que favorecem resultados batistas em áreas como a doutrina da igreja. Portanto eu exijo que me parece excessiva para mim evidência a conclusões que se encaixam meus preconceitos.

3. A filosofia pode ajudar-nos a determinar as implicações de uma idéia. Muitas vezes não é possível avaliar a verdade de uma idéia em si. No entanto, é possível ver as implicações que surgem a partir dele. Estas implicações podem, posteriormente, avaliar os dados. Se for provado que a implicação é falsa, o princípio (ou início) da qual é derivada logicamente também ser falso se o argumento é válido. Uma maneira de determinar as implicações é simplesmente a análise lógica das idéias que foram propostas. Outra é considerar quais foram os resultados em eventos históricos reais, quando considerados conceitos semelhantes.

4. A filosofia também nos torna conscientes da necessidade de provar as verdades que defendemos. As declarações por si só não são suficientes para que seja aceito; Eles devem argumentar-los. Trata-se de perguntar o que a evidência confirma a verdade ou a falsidade da questão em apreço, e que vai ser provas suficientes para ser apresentado. Também é necessário avaliar as estruturas lógicas de cada argumento para determinar se as conclusões a que chegamos realmente surgir a partir do apoio prestado por eles.

No campo da teologia, não devemos esperar um teste completo ou precisos. A probabilidade é o melhor que podemos esperar. No entanto, não se deve contentar-se com mostrando a probabilidade de um conceito. É necessário demonstrar que esta opção é preferível às alternativas. Da mesma forma que a crítica não é o suficiente para encontrar os pontos fracos de uma determinada teoria. Sempre perguntar "Qual é a alternativa?" E "Será que a alternativa menos dificuldade?" John Baille que fez um trabalho que criticou severamente teoria particular. Sua professora disse: "Toda a teoria tem suas dificuldades, mas não ter tido em conta, se qualquer outra teoria tem menos dificuldade do que você criticado."

Toda vez que você criticar um ponto de vista diferente do nosso, devemos fazê-lo usando critérios válidos e objetivos. Não pode haver dois tipos: um conjuntos de critérios perspectiva para si e os critérios que cada perspectiva deve cumprir (ou seja, critérios universais). Há uma crítica prejudicial notou uma diferença entre a nossa posição ea do outro. Muito crítica se geralmente limitada ao ponto A é diferente de B. Mas esta é crítica a menos que dificilmente inconsequente alguém já estabelecido que B é a perspectiva correcta, ou que A é um exemplo de B. Para dar um exemplo de uma área completamente diferente: suponhamos que um time de futebol americano enfatiza o ataque. Se o time ganha um jogo por 40-35, seria inválida uma avaliação notei que a defesa não foi muito boa. Se, por outro lado, a equipe venceu por 7-6 seria oportuno salientar a baixa pontuação porque a equipe não cumpriu os seus próprios critérios de jogo. E se uma equipa marca 49 pontos, mas perdeu 52, é vulnerável a críticas com base em critérios universais, pois presume-se que todas as equipes, independentemente da sua forma de jogar, tentar ter mais pontos do que seus adversários no final festa.

No capítulo sobre a linguagem religiosa foi falado mais dos critérios de avaliação das propostas e sistemas. Neste ponto, basta observar que os critérios utilizados são

geralmente a consistência interna e coerência de idéias ou conjuntos de idéias, e são capazes de descrever corretamente e são responsáveis por todos os dados relevantes.

3. O método de teologia

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Examine a complexidade da fase teológica de hoje e mostrar sua natureza expansiva.
- Lista e explicar cada um dos passos envolvidos no desenvolvimento de uma teologia adequada.
- Demonstrar o uso do estudo da Bíblia e análise hermenêutica no desenvolvimento de uma teologia baseada na Bíblia.
- Identificar e descrever os graus de autoridade necessária para fazer afirmações teológicas.

Resumo do capítulo

A teologia cristã hoje não é desenvolvido no contexto dos grandes sistemas teológicos do passado como Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero e Calvino. A aceleração da mudança, a explosão e fragmentação da informação são alguns dos fatores que tornam mais complicado de se fazer teologia hoje do que era nos séculos anteriores mais vagaroso. Mas a teologia não é uma maneira improvisada. Há várias etapas para desenvolver uma metodologia definida. Afirmações teológicas têm diferentes graus de autoridade. Alguns estão enraizadas em declarações explícitas da Escritura. Outros têm uma mais especulativa e hipotética.

Questões de estudo

1. Como você caracterizaria teologias modernas que entraram no local após a Reforma?
2. Tendo em conta as características especiais das teologias dos reformadores que tem o teor geral dessas teologias?
3. Que desenvolvimentos ocorreram nas abordagens do conhecimento em teologia sistemática?
4. Quais são as três lições a serem aprendidas sobre o contexto teológico atual e qual é o significado de cada um?
5. Explique o processo de fazer teologia e dar um exemplo de como isso deve ser feito.
6. Como é que a enumeração dos graus de autoridade em teologia afeta sua interpretação da variedade de teologias presentes no cenário atual?

O processo de fazer teologia

1. Recolha de materiais bíblicos
2. Unificação de materiais bíblicos
3. Análise do significado dos ensinamentos bíblicos
4. Revisão de tratamentos históricos
5. Consulta de outras perspectivas culturais
6. Identificação da essência da doutrina
7. Iluminação de fontes extra-bíblicas
8. expressão contemporânea da doutrina
9. Desenvolvimento de um centro interpretativo razão
10. A estratificação dos tópicos

Graus de declarações autoridade teológicas

Panorama da teologia hoje

Teologia, como qualquer outra atividade humana, é feita em um determinado contexto. Teólogos e estudantes de teologia vive em um período de tempo específico e não em um vazio eterno, ea teologia deve estar nesta situação. Existem fatores teológicos e não-teológicos (ou cultural) em todas as situações. Antes de continuar, é importante observar certas características na paisagem corrente teológica.

1. A primeira e significativa em um sentido especial o fator teológico período atual é a tendência de teologias têm uma vida curta. Esta tem sido uma tendência que se desenvolveu de forma progressiva. Antes de uma forma de teologia poderia durar décadas ou mesmo séculos, mas isso parece ter mudado. Agostinho síntese da filosofia e da teologia de Platão (*Cidade de Deus*) de algum modo dominado teologia mais de oito anos. Depois de sintetizados teologia católica de Aquino com a filosofia de Aristóteles (*Summa Theologica*) e foi a base da teologia até a Reforma: um intervalo de quase três séculos. Reformadores desenvolveu uma teologia católica independente da síntese anterior, sendo *Institutas da Religião Cristã* Calvin mais profunda a nova maneira de entender o cristianismo tratado. Embora houvesse movimentos heréticos de vez em quando, e até surgiu uma forma diferente de entender a teologia evangélica com o trabalho de John Wesley, há mais de 250 anos, houve uma figura teológica ou escrita que poderia rivalizar com a influência de Calvino.

Após o trabalho de Friedrich Schleiermacher teologia liberal surgiu, não como um desafio externo à ortodoxia, como era o deísmo, mas como um concorrente de dentro da igreja. Obras de Schleiermachersobre a religião: *Falando ao seu traíçoeiramente cultivada e da doutrina da fé* foram os primeiros indicadores de que foi lançado um novo tipo de teologia. Liberalismo, em suas muitas variedades, foi a dominar a teologia europeia ao longo do século XIX e início do XX, O SEU PERÍODO DE POPULARIDADE ERA UM POUCO MAIS TARDE NA AMÉRICA DO NORTE. Se o século XIX terminou em Agosto de 1914 a Karl Barth, essa alteração não foi feita evidentes para o resto do mundo teológico até 1919 com a publicação de seu *Der Römerbrief* (Romanos). Isto marcou o fim da teologia liberal e da ascendência do que viria a ser chamado de neo-ortodoxia. A duração da sua supremacia, no entanto, era muito mais curto do que o dos theologies anteriores. Em 1941, "O Novo Testamento e na mitologia" de Rudolf Bultmann anunciou o início de um movimento (ou programa) chamado desmitificar. Este foi compensado neoortodoxo vista uma curta mas verdadeiro ponto. Em 1954, Ernest Käsemann apresentou um documento que marcou o ressurgimento da busca do Jesus histórico, questionando a perspectiva de Bultmann. No entanto, não introduziu um novo sistema. Principalmente ele indicou o fim do reinado dos próprios sistemas.

Olhe para o que vem acontecendo durante este período. O primeiro grande sistema teológico durou centenas de anos, mas o período da dominação de cada um dos seguintes foi menor do que seu antecessor imediato. A duração das teologias já têm uma vida mais curta. Portanto, qualquer teologia que tenta estar perto as condições atuais do mundo intelectual está condenado a permanecer ultrapassada muito em breve. Isto é

particularmente evidente no caso de a teologia da morte de Deus, que floresceu brevemente em relação à atenção do público em meados dos anos 60, e depois desapareceu de vista quase tão rapidamente quanto havia surgido. Na terminologia científica atual a vida média das novas teologias é realmente muito curto.

2. Outro fenômeno dos tempos modernos é o desaparecimento das grandes escolas de teologia como tal. Ao dizer isto não queremos dizer que as instituições de ensino, mas os movimentos ou grupos de seguidores definidos huddle em torno de uma série de ensinamentos. Hoje há apenas teologias individuais e teólogos. Embora isso não é inteiramente verdade, há, no entanto, uma grande verdade neste generalização. Nos anos 50, foi possível classificar teólogos lados ou equipes.

Hoje as coisas são bem diferentes. Para usar uma mentira metáfora esportiva antes do campo foi ocupado por diferentes facilmente reconhecível por seus uniformes, equipamentos, agora todos os jogadores parecem usar um uniforme diferente. Ou uma metáfora política, é como em uma eleição cada eleitor era seu próprio partido político. Claro que há teologias específicas, como a teologia da esperança ou teologia do processo. No entanto, falta-lhes a coerência interna e de conjuntos completos tradicionalmente expressa integrador de sistemas teológicos doutrinárias baseado em um motivo ou até mesmo uma tendência.

Enquanto em épocas anteriores tinha teologias distintas que tinham aplicado suas teorias ao assunto praticamente todos os concebível e, portanto, podiam ser encontrados dentro deles respostas consistentes a cada pergunta em particular, já não é o caso. Existem esquemas de teologia em vez de projetos desenvolvidos teologia.

3. Com relação aos dois fatores acima é o fato de que parece haver nenhum gigante da teologia como era mesmo uma geração atrás. Na primeira metade do século XX, QUE TINHA GRANDES PENSADORES TEOLÓGICOS QUE FORMULOU CUIDADOSAMENTE CONSTRUÍDOS SISTEMAS EXTENSIVOS DE TEOLOGIA: KARL BARTH, EMIL BRUNNER, PAUL TILLICH, RUDOLF BULTMANN. Em círculos conservadores homens Berkouwer GC na Holanda e Edward Carnell e Carl FH Henry nos Estados Unidos foram reconhecidos como líderes. Agora, a maioria desses teólogos desapareceram de cena teológica e não foram novos pensadores que têm dominado a cena teológica como fizeram em seu dia. Duas contribuições dignas que fizeram citam são Wolfhart Pannenberg e Jürgen Moltmann, mas não têm obtido muitos seguidores. Por conseguinte, existe um círculo de teólogos influentes consideravelmente mais elevados, mas a influência que exercem é significativamente mais baixa do que a dos homens acima mencionados.

Teologia é feito agora em um período caracterizado, entre outros, uma "explosão do conhecimento." A quantidade de informações está crescendo tão rapidamente que vêm para cobrir uma grande área de pensar é cada vez mais difícil. Enquanto isso é especialmente verdade em áreas tecnológicas, o conhecimento teológico e bíblico também é muito maior do que era antes. O resultado tem sido um maior grau de especialização. Em estudos bíblicos, por exemplo, estudiosos do Novo Testamento tendem a especializar-se nos Evangelhos ou os escritos de Paulo. Os historiadores da igreja tendem a especializar-se em um período como a Reforma. Consequentemente, pesquisas e publicações, muitas vezes se concentrar em áreas menores e fazer ainda mais.

Isto implica que o teólogo sistemático vai encontrar muito difícil lidar com todos os tipos de doutrinas. Teologia sistemática é mais complicado porque requer um conhecimento das Escrituras e do desenvolvimento do pensamento ao longo de toda a história da igreja. Além disso, em relação a novas informações, a teologia sistemática não se restringe às descobertas recentes no campo da filologia hebraica, por exemplo, ele deve dizer respeito ao desenvolvimento de áreas como "secular" como a sociologia, biologia e outras disciplinas. No entanto, é necessário para fazer o trabalho, e em diferentes níveis, incluindo a primária ou introdutório.

Nas últimas décadas, temos desenvolvido um ambiente muito desfavorável para fazer teologia sistemática. Em parte, isso foi o resultado de uma abordagem atomística (mais abrangente) para o conhecimento. Estar ciente dos inúmeros detalhes que tinham que ser produzidos incluem a sensação de que eles não poderiam recolher plenamente todos os fragmentos e dados em uma espécie de todo integrativa. Foi considerado impossível que alguém tivesse uma visão geral de todo o campo da teologia sistemática.

Outro fator que impediu teologia sistemática era ver a revelação como fatos históricos. De acordo com este ponto de vista, a revelação foi sempre em uma situação histórica concreta. Assim que foi revelado que ele estava sempre limitada a essa perspectiva localizada. A mensagem não foi declarações específicas e declarações universais sobre coisas em geral. Às vezes, havia uma tendência para pensar que esta variedade de indicações não podem ser combinados em um todo harmonioso. Devemos compreender que esta foi baseada no pressuposto implícito de que a realidade é internamente inconsistentes. Por conseguinte, qualquer tentativa de harmonizar e sistematizar a realidade distorça considerado.

O resultado de tudo isso foi que a teologia bíblica foi considerado adequado e teologia sistemática dispensável. Na verdade teologia bíblica foi substituída pela teologia sistemática. Isto teve dois efeitos. Em primeiro lugar, queria dizer que a teologia escrito e estudado tinha um foco mais estreito. Agora era possível para se concentrar na antropologia de Paul ou a cristologia de Mateus. Este foi um mais manejável do que tentar ver o que toda a Bíblia tinha a dizer sobre estes assuntos esforço. O segundo efeito foi que a teologia era descritiva e não normativa. A questão já não era "O que você acha sobre o pecado?" Mas "O que você acha que Paulo ensinou sobre o pecado" As opiniões de Lucas, Isaías e outros escritores da Bíblia mencionar o pecado poderia ser descrito em . Particularmente onde pensava-se que pode haver tensão entre estes pontos de vista, a teologia bíblica não poderia ser normativo para a crença.

Durante esses anos, a teologia sistemática foi em retirada. Ele lidou com a preocupação introspectivo sobre a sua natureza. Ele foi justificado sua existência? Como você poderia realizar? Ele tinha feito relativamente pouco em favor de um tratamento abrangente cheio de teologia. ensaios sobre temas particulares de teologia foram escritos, mas nenhum de vista geral construções sistemáticas que tradicionalmente caracterizou a disciplina. Mas agora isso está mudando. Tem havido um dilúvio de novos textos sobre teologia sistemática, especialmente aqueles escritos a partir de uma perspectiva evangélica. Agora é a teologia bíblica que, longe de substituir a teologia sistemática, está sendo reexaminada para a viabilidade. E um tratamento bastante profético da teologia bíblica afirma que, de fato, deve mover-se para tornar-se mais como teologia sistemática.⁹ Mesmo com a crescente ênfase na experiência imediata, não está crescendo não-especialistas que querem entrar no estudo teológico a sério. O crescimento das seitas e religiões estrangeiras, algumas muito extrema no controle de seus devotos e práticas que estão envolvidos, nos fez lembrar que o elemento crítico e reflexivo na religião é indispensável. E tem havido uma crescente conscientização, em parte, pelo aumento dos "novos hermenêutica", que simplesmente não é possível formular uma teologia baseada na Bíblia. Eles devem tratar de questões como a forma de conceber a Bíblia ou a forma de concentrar a sua interpretação. E assim se está imerso nas áreas mais amplas tradicionalmente tratados pela teologia sistemática.

4. Outra faceta deste ambiente teológico é a crescente influência das ciências comportamentais. Em uma geração anterior, filosofia e ciências naturais foram usados como companheiros e até mesmo como fontes de teologia. No entanto, as diferentes teologias da libertação, como um mundo feminista, negro ou terceiro, é muito vale a pena as perspectivas para as ciências comportamentais, especialmente sociologia.

5. A globalização é muito evidente. No passado, os autores teologia principalmente europeus e norte-americano escreveu. Seus pontos de vista foram considerados universais. Com o aumento do contato com outras nações e populações, e com a crescente

vitalidade do cristianismo em países do terceiro mundo, a perspectiva da teologia escrito no passado, é de alguma forma limitado. É importante ouvir o que as vozes não-ocidentais dizem e incorporar os seus pontos de vista se aplicam a nossa teologia.

Uma das lições que podemos aprender com o breve resumo acima sobre a situação recente e actual da perspectiva teológica é ter cuidado também se identificam com qualquer tendência cultural hoje. As rápidas mudanças que ocorrem nas teologias são meramente um reflexo das rápidas mudanças da cultura em geral. Em tempos de mudanças rápidas, provavelmente é melhor não tentar apertar a teologia do mundo em que ela se expressa. Embora nos capítulos seguintes discutem a questão da contemporizar mensagem cristã, agora talvez seja melhor dar um passo atrás para a forma intemporal da verdade cristã, e longe de uma formulação ultra-contemporânea. Uma analogia mecânica pode ajudar aqui. É bom não ter muita folga em um dispositivo mecânico, pois produz um desgaste excessivo. Mas se o mecanismo é demasiado apertado pode impedir o normal funcionamento dos partidos e estes podem ser quebradas.

A teologia que iremos desenvolver neste trabalho procura encontrar um equilíbrio entre a essência imutável das doutrinas e pensar uma maneira de expressar um público contemporâneo. Na medida em que se concentrar em primeiro lugar, os elementos encontrados na Bíblia será normativo para a sua estrutura básica. A este respeito deve notar-se que a forma de ortodoxo teologia que não é de qualquer período particular, ou mesmo um recente. O último equívoco parece estar no fundo de Brevard Childs caracterização de *Teologia Sistemática* Louis Berkhof como um "facelift século dogmática XVII." PARA ALGUNS, ISSO PODE PARECER UM TRABALHO. Certamente a incorporação e repetindo afirmações da teologia ortodoxa do século XVII pode justificar uma avaliação deste tipo. Mas uma teologia não deve ser considerado uma versão anterior de uma teologia só porque está de acordo com a teologia de um momento anterior. Pelo contrário, as duas teologias podem ser diferentes versões da posição cristã tradicional. Kirsopp Lake, que não era conservador, reconheceu este ponto:

Muitas vezes as pessoas são educadas que têm pouco conhecimento de teologia histórica cometer o erro de pensar que o fundamentalismo é uma nova maneira estranha de pensar. Nada disso; É a sobrevivência parcial e sem instrução de uma teologia que já foi defendida por todos os cristãos. Quantos eram, por exemplo, nas igrejas cristãs do século XVIII que deveria duvidar da inspiração infalível das Escrituras? Talvez alguns, mas muito poucos. Não, o fundamentalista pode estar errado; Eu acho que é. Mas nós, que temos fora da tradição, não ele; e desculpe por qualquer um que tenta argumentar com um fundamentalista sobre a autoridade. Os *bíblicos* corpus e teológicas da igreja são parte do fundamentalista. [Ênfase adicionada]

Uma segunda lição a ser aprendida com a nossa revisão do panorama atual da teologia é que algum grau de ecletismo é possível e desejável. Isto não se destina a sugerir que as idéias incorporadas a partir de uma variedade de perspectivas base mutuamente exclusivos. Em vez disso, deve-se notar que os temas atuais com um menos forte base ideológica. Como resultado, os sistemas distintos não ocorrer tão facilmente. Precisamos de nossas formulações doutrinárias são suficientemente flexíveis para reconhecer e usar perspectivas válidas de posições com as quais geralmente discordam. Embora sistematicemos ou integrar dados bíblicos, devemos fazê-lo de uma perspectiva muito estreita

Uma terceira lição a ser tirada a partir da situação atual é a importância de manter um grau de independência em nossa abordagem de teologia. Há uma tendência para simplesmente adotar o tratamento especial de um grande da teologia. Mas o resultado de um compromisso sem reservas para o sistema de pensamento de outra pessoa é que uma pessoa se torna um discípulo no pior sentido da palavra, simplesmente repetindo o que aprendeu com o mestre. Então, deixa o pensamento criativo e crítico independente. Mas o fato de que não há superstars indiscutíveis, ou tem muito poucos, deve encorajar-nos a

ser crítica dos ensinamentos de quem lê ou ouve e deseja modificar cada ponto que achamos que podemos melhorar.

O processo de fazer teologia

Passamos agora para a tarefa real de desenvolver uma teologia. Em uma teologia sentido, é uma arte e uma ciência, por isso não pode seguir um padrão rígido. No entanto, é necessário explicar em detalhe os procedimentos. Os passos que listamos aqui não ocorrem necessariamente na mesma sequência, mas deve haver uma ordem semelhante de desenvolvimento lógico. O leitor irá notar que neste procedimento teologia bíblica tanto o "verdadeiro" significado "puro" se desenvolve antes teologia sistemática a ser a exegese-teologia teologia sistemática cordas bíblica. Nós não passar diretamente de exegese para a teologia sistemática.

1. Recolha de materiais bíblicos

O primeiro passo para o nosso método teológico irá recolher todas as passagens bíblicas relevantes doutrinas estão a ser investigados. Esta etapa também vai envolver uma utilização ampla e consistente de métodos e melhores e mais adequadas ferramentas para obter o significado da passagem.

No entanto, antes de chegar ao significado da passagem bíblica, devemos prestar atenção para os procedimentos de exegese. Às vezes temos a tendência de assumir que estamos a trabalhar com métodos neutros. Mas há realmente inerente à própria metodologia de fatores interpretativos; Por conseguinte, o controlo cuidadoso e constante da metodologia necessária. Nós já salientou a importância de conhecer toda a estrutura filosófica dentro do qual funciona um teólogo. Isto também pode ser aplicado a nível exegese; o exegeta quer garantir que os pressupostos das ferramentas e métodos estão em harmonia com a deles. Exegese implica, entre outras coisas, a consulta de gramáticas e dicionários. Estes terão que ser cuidadosamente analisadas. Um exemplo é o enorme e prestigiada *Dicionário Teológico do Novo Testamento* (muitas vezes chamado de "Kittel", nunca mais). Cada um dos colaboradores deste dicionário são de sua própria tradição e contexto. James Barr indicou Kittel e tem-se observado que tais pressupostos em que assenta o trabalho de referência.¹⁴ O teólogo insistir investigar, como parte da sua tarefa de preexégesis, pressupostos dos autores consultados, ou, pelo menos, estar alerta para a presença de fatores que podem influenciar o que é dito. Investigar biografia intelectual e pedigree desses autores devem sensibilizar o exegeta da possível presença de pressupostos inaceitáveis.

Não só as ferramentas, métodos de exegese também tem que ser examinado minuciosamente. Aqui devemos insistir que o método não exclui nada, pelo menos em um exame superficial, os documentos parecem supor. Como a Bíblia conta a existência de milagres, uma metodologia que pressupõe que tudo pode ser explicado sem recorrer a causas sobrenaturais ou conceitos irá resultar em uma interpretação que é inconsistente com o que a Bíblia diz que aconteceu. Isto é verdade não só sobre os poucos eventos na Bíblia, mas também a partir do mesmo processo de produção da Bíblia. Assumindo a existência dos documentos pode ser explicado simplesmente seguindo as etapas históricas da formação da tradição, então qualquer possibilidade de comunicação direta ou revelação de Deus é eliminado.

Você também pode dar o problema oposto. Pode levar uma abordagem sobrenatural para a Bíblia é considerada tão especial que deve ser excluído para critérios de interpretação e avaliação e os métodos utilizados para avaliar outros documentos históricos. Neste caso, a Bíblia seria praticamente eliminado o tipo de materiais históricos. Se a primeira abordagem coloca muita ênfase sobre o caráter humano da Bíblia, este último assume também fortemente sua natureza divina.

Sugerimos uma abordagem que está aberto a todas as possibilidades. Portanto, você não deve presumir que a explicação mais sobrenatural é o que aconteceu ou que não poderia acontecer lá. Em vez disso, devemos assumir que ele pode ter acontecido ou não, o objetivo é determinar exatamente o que aconteceu. Em particular, é importante levar a sério o que o texto bíblico exprime, e avaliá-lo com cuidado. Isto é o que Hans-Georg Gadamer quer dizer quando fala de capturar o que é dito compreender a diferença com o performer. Ou seja, o intérprete deve simplesmente tentar ver o que foi dito, o que ele tentou dizer o autor ou o alto-falante, e como a velha mensagem teria entendido os leitores originais ou ouvintes.

Você pode simplesmente adotar acriticamente a metodologia de outro sem perguntar se ele é realmente compatível com o material a ser examinado ou a nossa própria perspectiva. Se fizermos isso, teremos dado certas conclusões a partir do início. A interpretação é semelhante em muitos aspectos à navegação. Nos seus cálculos, um piloto trabalhando com as informações que o barco ou navio começa num ponto e continua numa determinada direcção a uma determinada velocidade durante um determinado período de tempo. Mesmo que a direcção e velocidade do vento ea velocidade do navio ou o navio foi especificado corretamente, o curso correto depende da precisão da bússola (ou melhor ainda ter conhecimento exacto do piloto da bússola, como bússolas ter ligeiras variações dependendo da direcção). Se a leitura da bússola é compensada apenas uma medida, após uma viagem de cem milhas, a espaçonave vai encontrar quase duas milhas fora do curso. Quanto maior o erro, mais você se afastar do curso foi destinado a transportar. Da mesma forma, um ligeiro erro nos pressupostos da metodologia de afectar negativamente as conclusões. O que estamos tentando é se proteger contra a aceitação cega de um conjunto de pressupostos; o que os teólogos deve fazer é examinar cuidadosamente a sua metodologia e determinar o seu ponto de partida.

Uma vez que o teólogo tem cuidadosamente definida a metodologia a ser utilizada, é importante para a investigação o mais vasto conteúdo doutrinário possível. Isto incluirá estudo detalhado dos termos que estão relacionados com o tema em consideração. A correta compreensão da fé, por exemplo, dependem de um exame cuidadoso dos diferentes usos da palavra *pistis* no Novo Testamento. Estudos lexicais são muitas vezes a base para uma investigação doutrinal.

Você também deve examinar cuidadosamente o que é dito sobre o assunto nas seções de ensino da Escritura. Embora o estudo lexical fornece uma visão geral dos blocos de significados, porções das Escrituras em que Paulo, por exemplo, fala sobre fé iremos fornecer uma melhor compreensão dos significados específicos do conceito. Importância especial deve ser dada a essas passagens em que o assunto de maneira generalizada e sistemática é, não referindo-se ao modo incidental ao assunto.

Você também precisa prestar atenção às passagens narrativas. Embora não seja tão fácil de tratá-los como passagens didáticos, muitas vezes eles perdem uma luz especial sobre o assunto e não para definir ou explicar o conceito, mas para ilustrar ou iluminar. Aqui vemos a verdade doutrinária em ação. Em alguns casos, o termo é tomado em consideração não pode aparecer em passagens relevantes. Por exemplo, em Gênesis 22 Abraão teste descrito; Ele foi convidado a oferecer seu filho Isaque em sacrifício a Deus, um holocausto. As palavras *da fé* e *acreditam que* não aparecem na passagem, mas é uma poderosa descrição da dinâmica da fé, eo autor de Hebreus, no capítulo sobre a fé famoso identifica vontade de oferecer seu filho em sacrifício como um de Abraão ato de fé (11: 17-19).

Será importante para estudar o material bíblico, veja em contraste com o contexto histórico e cultural de seu tempo. Devemos evitar a tentar modernizar a Bíblia. Devemos deixar que a Bíblia diz a primeira coisa que veio a dizer aos leitores e ouvintes de seu dia, em vez de dizer o que pensamos que deveria ter dito, ou o que nós pensamos que nos diz. Há um tempo e um lugar para isso, mas não desta forma.

2. Unificação de materiais bíblicos

Em seguida, temos de desenvolver alguns resumos unificadores para a questão doutrinária que estamos investigando. Em vez de ter apenas a teologia de Paulo, Lucas ou João em uma doutrina particular, temos de tentar misturar suas ênfases diferentes em um todo coerente.

Isto significa que agimos no pressuposto de que existe uma unidade e coerência entre os vários livros e autores. Então, vamos destacar os pontos de acordo entre os Evangelhos Sinóticos e interpretar o resto em que a luz. Discutimos quaisquer discrepâncias aparente como interpretações diferentes, complementares e não como contradições. Mesmo sem muito esforço, se esperamos encontrar a harmonia, geralmente encontramos ainda que, se buscamos o paradoxo.

Note-se que este é o procedimento normal seguido em outras áreas de pesquisa. Normalmente, pesquisando os escritos de um autor ou uma escola de pensamento ou mesmo as várias contribuições para um determinado assunto, o pesquisador começa a tentar ver se as diferentes passagens pode ser interpretado de apresentar coerência ao invés de diversidade ou disparidade. Nós não estamos defendendo aqui uma abordagem interpretativa forçado buscar um acordo a qualquer preço. Pelo contrário, estamos argumentando que o teólogo procurar pontos de harmonia em vez de discórdia.

Para usar um termo eo início da Reforma, a interpretação deve ser procurada *analogia fidei* ou analogia da fé. Tenha em mente ao interpretar toda a escritura da Bíblia. Temos de abordar o Antigo e Novo Testamento esperando que a unidade entre os dois. Isto é simplesmente a prática de teologia no sentido de "puro" de Gabler.

3. Análise do significado dos ensinamentos bíblicos

Uma vez sintetizado o material doutrinário em um todo coerente, é necessário perguntar: "O que significa *realmente* com isso?" Tome como exemplos as referências à igreja como o corpo de Cristo e declaração de Jesus: "Vós deve nascer de novo" (João 3: 7). Nós vêm à mente muitos termos e conceitos bíblicos também. O que isso realmente significa? Em um grupo homogêneo estes termos podem ser sinais que evocam uma reacção particular para uma resposta condicionada. No entanto, além da fechado onde as pessoas compartilham a mesma comunicação experiência pode ser difícil círculo. E a dificuldade para esclarecer algo que alguém deve ser uma indicação de que nós mesmos não entendem o que queremos dizer.

Neste momento, ainda estamos lidando com o significado dos conceitos bíblicos. O teólogo continua incansavelmente a fazer a pergunta: "O que isso realmente significa" Se estes conceitos bíblicos deve ser traduzida em uma forma contemporânea, é essencial para analisar com precisão a maneira bíblica. Se não, é inevitável que haja mais incerteza nas fases posteriores do processo agravado ambiguidade.

4. Revisão de tratamentos históricos

Embora a história pode ser utilizado em todas as etapas do método, esta parece ser particularmente adequada uma vez. No Capítulo 1 discutimos alguns dos papéis desempenhados pela teologia histórica na hora de fazer teologia sistemática. Um papel importante é ajudar a isolar a essência da doutrina em consideração (etapa seis no nosso processo metodológico). Pelo menos, a consideração destes diferentes interpretações devem fornecer um elemento de humildade e indecisão no compromisso com nosso próprio ponto de vista. Nós também deve ser capaz de detectar entre as muitas variantes que comum elemento que é a essência da doutrina, mas temos de ter cuidado para não assumir que o menor denominador comum é necessariamente a essência.

Teologia histórica pode ser útil diretamente na construção de nossa expressão da teologia. Estudar um período semelhante ao nosso, podemos encontrar modelos que podem ser adaptados às formulações doutrinárias modernos. Ou podemos perceber que algumas expressões atuais são apenas variações dos mesmos exemplos acima da vista de base. Podemos ver o que as implicações são, pelo menos no que diz respeito a consequências históricas eram.

5. Consulta de outras perspectivas culturais

Temos apreciado o fenômeno da globalização e os benefícios da consulta de outras perspectivas culturais. Podemos ficar cego pela nossa própria perspectiva cultural, a ponto de identificá-la como a essência da doutrina. Por exemplo, um pastor batista japonês disse um professor batista da teologia nos Estados Unidos: "Seus pontos de vista sobre o sacerdócio do crente se baseia mais na Constituição dos Estados Unidos e da Declaração de Direitos no Novo Testamento." ele estava certo? Essa não é a questão. Talvez sua visão deve basear-se mais no governo japonês maneira no Novo Testamento, mas o que manter em mente é que nós inconscientemente leia nossa própria experiência nas Escrituras. Interação com outras perspectivas culturais nos ajudar a distinguir entre a essência do ensinamento bíblico e uma expressão cultural da mesma.

6. Identificação da essência da doutrina

Precisamos distinguir entre o conteúdo permanente, a doutrina invariável e veículo cultural em que se expressa. Não é uma questão de "se livrar da bagagem cultural", como dizem. É, antes de espalhar a mensagem aos Coríntios como cristãos que vivem em Corinto no primeiro século, a mensagem dada a eles como cristãos. Este último seria a verdade duradoura dos ensinamentos de Paulo, que com uma forma adequada de expressão podem ser aplicados a todos os cristãos de todos os tempos e lugares, em contraste com o que foi relevante nessa situação particular. Esta é a teologia "puro" Gabler.

Na Bíblia, as verdades permanentes são muitas vezes expressa como uma aplicação específica para uma situação específica. Um exemplo disto é o tema do sacrifício. Nos sacrifícios do Antigo Testamento eram considerados como meio de expiação. Devemos nos perguntar se o sistema de sacrifício (do holocausto: cordeiros, pombas, etc.) é a essência da doutrina ou se é simplesmente uma expressão, em um ponto, a verdade duradoura que deve haver um sacrifício vicário pelos pecados a humanidade. Esta separação da verdade permanente de sua forma temporal é de tal importância que dedica um capítulo inteiro (Capítulo 5) a ela.

7. Iluminação de fontes extra-bíblicas

Embora a Bíblia é a principal fonte de teologia sistemática, não é o único. Embora a utilização de outras fontes deve ser limitado cuidadosamente, é uma parte importante do processo. Alguns cristãos, percebendo o quão longe ele chegou a teologia natural na construção de uma teologia bastante isolada da Bíblia, reagiram ao ponto de ignorar a revelação geral. Mas se Deus revelou-se em duas revelações complementares e harmoniosos, pelo menos em teoria, você deve aprender alguma coisa, estudando a criação de Deus. A revelação geral terá valor se ele lança luz sobre os determinados pontos especiais ou completos do que este último não fala revelação.

Por exemplo, se Deus criou os seres humanos à sua própria imagem, como a Bíblia ensina, qual é a imagem de Deus? A Bíblia nos diz pouco, mas parece claro que a imagem de Deus é o que distingue os humanos de outras criaturas. Como a Bíblia e ciências comportamentais cruzam neste ponto de interesse e preocupação comuns, as ciências

comportamentais podem ajudar a identificar o que é especial sobre o ser humano, dando-nos pelo menos uma vista parcial da imagem de Deus. Os dados destas ciências comportamentais devem ser estudadas e avaliadas criticamente, é claro, para garantir que suas premissas são consistentes com nossa pesquisa bíblica. Se os pressupostos estão em harmonia, as ciências do comportamento pode ser considerado como um outro método de chegar à verdade de que Deus tem feito.

Eles também serão úteis outras áreas de pesquisa. Se a criação de Deus envolve o resto do universo, tanto os vivos e os inerte, em seguida, as ciências naturais nos ajudará a entender o que ele fez. Salvação (incluindo os aspectos tais como a conversão, regeneração e santificação) fazem parte do psicológico humano. Portanto psicologia, particularmente a psicologia da religião, deve ajudar a iluminar a obra divina. Se, como cremos, Deus tem trabalhado ao longo da história, então o estudo da história deve aumentar a nossa compreensão do desenvolvimento específico de Sua providência.

Deve-se ressaltar que as disciplinas historicamente anti-bíblicas têm contribuído para o nosso conhecimento teológico: por vezes, apesar da relutância dos exegetas e teólogos. Havia principalmente considerações exegéticas que se moviam teólogos notar que, dos possíveis significados da palavra hebraica יוֹם (Yom), "um período de tempo" poderia, no caso da interpretação da criação, ser preferível o mais literal e comum "20 dias quatro horas."

No entanto, temos de ter cuidado na nossa correlação de Teologia com outras disciplinas. Embora revelação especial (preservada para nós na Bíblia) e revelação geral em harmonia, a harmonia é evidente somente se ambos são totalmente compreendidos e interpretados corretamente. Na prática, nunca tivemos uma plena compreensão destas duas fontes da verdade de Deus, por isso não pode haver atrito entre os dois.

8. expressão contemporânea da doutrina

Depois de ter determinado a essência da doutrina, a próxima tarefa é dar expressão contemporânea para tirar a verdade imutável de forma adequada. Isto pode ser feito de várias maneiras diferentes, é encontrar uma forma actual das perguntas para as quais a doutrina fornece respostas. Este método é semelhante à correlação de Paul Tillich.

Tillich caracterizado sua teologia como teologia ou respostas apoloéticas. Ele viu o teólogo como alguém que se move entre dois pólos. Um pólo é a autoridade teológica, a fonte da qual se extrai a teologia. No nosso caso a Bíblia. Este pólo é necessário assegurar que a teologia tem autoridade. O outro pólo é o chamado Tillich a situação. Com isso, ele não se refere às situações específicas de indivíduos ou um momento histórico particular. Em vez disso refere-se a arte, a música, a política da cultura, em suma, toda a manifestação do pensamento, o caráter ou a perspectiva de uma sociedade. Analisando esta situação, fica claro que a cultura está a considerar questões de forma implícita ou explicitamente são. Este tipo de análise, de acordo com Tillich, é em grande medida a função da filosofia.

Nesta forma de diálogo (pergunta e resposta) de fazer teologia, polo regulamentar fornecer conteúdo para a teologia. Mas a forma de expressão é determinada pela correlação entre as respostas dadas na Bíblia e as questões levantadas na cultura. Portanto, a mensagem não é proclamada, independentemente da situação do ouvinte. Nem é proclamado na forma de um ideólogo correndo pela rua gritando: "Eu tenho uma resposta! Eu tenho uma resposta! Quem tem a pergunta? "Em vez de uma análise da situação, isto é, das questões que se colocam, dão um molde geral, uma orientação para a mensagem.

Deve-se enfatizar novamente que as perguntas que afectam apenas sob a forma da resposta, e não o conteúdo. Ocorreu um problema com o modernismo nos Estados Unidos no início do século XX foi que ele estava muito preocupado com a situação imediata e não poderia se adaptar quando a situação mudou. O problema subjacente era que o

modernismo tende a determinar não apenas a sua forma mas também o seu conteúdo de acordo com a situação que ele enfrentou. Portanto, não só expôs novamente as suas respostas; O que ele reestruturada. Ele não forneceu uma resposta permanente de uma nova maneira; Ele deu uma nova resposta, uma resposta diferente.

A análise de uma cultura deve ser feito com cuidado e ampla. Um tratamento de superfície muitas vezes demasiado equivocadas como a situação pode realmente esconder aparentes que realmente está considerando. Eles podem apontar para dois exemplos, de pessoas com perspectivas muito diferentes. Por um lado, Francis Schaeffer em sua análise da cultura ocidental a partir de meados do século XX, OBSERVOU QUE APARENTEMENTE PARECE SER UMA REJEIÇÃO DA RACIONALIDADE E, EM VEZ DE UMA FORTE ÊNFASE NO IRRACIONAL, A VONTADE. A visão popular parece ser que o significado não é descoberto, ele é criado por escolha. Esta ênfase é especialmente atingido o existencialismo. Mas hoje, diz Schaeffer, a sociedade exige uma interpretação racional da realidade, porque tem uma profunda necessidade para isso. Além disso, Langdon Gilkey assinalou que na superfície do secularismo moderno parece apresentar uma filosofia na qual o homem controla todas as coisas, e perdeu todo o senso de mistério ou ajuda externa. Na verdade, Gilkey argumenta, nas experiências de pessoas seculares modernas lá "dimensões da transcendência" que podem ser dirigidos à mensagem cristã.¹⁹

Outra forma de expressar a tese desta seção é que devemos tentar encontrar um modelo para tornar inteligível a doutrina em um contexto contemporâneo. Um modelo é uma analogia ou imagem utilizada para representar e esclarecer a verdade sob consideração ou broadcast. A busca por modelos contemporâneos será uma parte importante do trabalho de teologia sistemática (em oposição à teologia bíblica é limitado aos modelos bíblicos). Nós estamos falando mais do que os modelos sintéticos de modelos analíticos. Estes últimos são ferramentas para a compreensão, o acima são ferramentas de expressão. O modelo sintético deve ser trocado livremente para outros modelos mais adequadas ou úteis.

O que nós queremos não é fazer a mensagem aceitável para todos, especialmente para aqueles que têm suas raízes em suposições seculares do momento. Há um elemento na mensagem de Jesus Cristo será sempre o que Paulo chamou de uma "pedra de tropeço" ou como uma infracção (1 Coríntios 1:23). O Evangelho, por exemplo, requer abrir mão da autonomia a que muitas vezes se agarram tenazmente, não importa o tempo que vivemos. O objectivo não é o de tornar a mensagem aceitável, mas se possível, para assegurar que, pelo menos, a mensagem é compreendido.

Querendo encontrar uma maneira de expressar a mensagem de hoje é várias questões que seriam úteis para estudar surgir. Embora nosso tempo parece cada vez mais caracterizado pela indiferença e despersonalização, há indícios de que existe uma verdadeira necessidade de uma dimensão pessoal na vida, com a doutrina de Deus, que conhece e se preocupa com todos possam se conectar com êxito. E embora tenha havido uma espécie de confiança que a tecnologia moderna pode resolver problemas, mais e mais sinais do mundo que a consciência de que os problemas são maiores e mais assustador do que se acreditava e levado a raça humana É o maior problema para si. Neste contexto, o poder ea providência de Deus tem uma nova relevância. Além disso, dar uma nuance diferente para nossa teologia pode nos permitir tornar o mundo enfrenta não é para fazer perguntas, mas você tem que perguntar.

Hoje está na moda falar de mensagem "contexto". Porque a mensagem original foi expressa de forma contextualizada, você deve primeiro "descontextualizarlo" (você tem que encontrar a essência da doutrina). Mas, então, você deve re-contextualizadas em três dimensões. O primeiro pode ser chamado de "comprimento", que envolve a transição do primeiro século (ou antes) do século xx. Já fizemos menção a isso.

A segunda dimensão é o que poderia ser chamado de "largura". Ao mesmo tempo, há muitas culturas diferentes. Era comum ver as diferenças entre o Oriente eo Ocidente e ver

que o cristianismo, preservando a sua essência, a expressão assume diferentes formas em diferentes lugares. Algumas instituições têm ignorado isso, eo resultado foi um ridículo exportadores modos ocidentais; por exemplo, no leste, por vezes, pequenas capelas brancas agulha encerrado para o culto cristão foram construídos. Como a arquitetura da igreja poderia assumir a forma de uma parte indígena do mundo, pode assim as doutrinas. Sempre que nos tornamos mais conscientes de que as diferenças culturais mais significativos podem ser entre o norte eo sul e leste-oeste não. À medida que o Terceiro Mundo é particularmente proeminente isto pode ser especialmente importante no cristianismo porque o seu rápido crescimento em lugares como a África ou a América Latina torna equilíbrio magra estava em centros tradicionais foram a América do Norte e Europa. As missões e estudos especialmente cross-culturais estão conscientes dessa dimensão do processo de contextualização.

Há também a dimensão de "altura". A teologia deve trabalhar em diferentes níveis de abstração, complexidade e sofisticação. Podemos pensar nisso como uma escada com degraus de cima e para baixo.No topo estão os superstars de teologia. Eles são os principais pensadores e inovadores que fazem profundo progresso em teologia. Aqui seriam os agostinianos, os Calvins, os Schleirmachers e Barths. Em alguns casos, eles não resolvem todos os detalhes do estabelecimento de sistema teológico, mas iniciar o processo. Seus escritos são leitura obrigatória para muitos profissionais teólogos que estão um nível abaixo deles. Na próxima etapa são estudantes das escolas de teologia e as pessoas encarregadas de um ministério. Enquanto estudava teologia com a aptidão, esta é apenas parte de seu compromisso.Consequentemente, a sua compreensão da teologia é menos profundo e penetrante do que aqueles envolvidos em estudo em tempo integral.

Nos degraus mais baixos da escada são pessoas normais: aqueles que nunca estudaram formalmente teologia. Aqui podemos encontrar vários níveis de literacia teológica. Diversos fatores determinam qual parte da escada são as pessoas: o número de estudos bíblicos que têm (como aqueles na igreja ou escola dominical), idade ou maturidade, anos de educação formal. A contextualização verdadeira mensagem significa ser capaz de expressar todos estes níveis. Para a maioria das pessoas que estão no ministério eles serão convidados a interpretar a mensagem para um nível inferior a um passo dele; Eles também devem tentar estudar um pouco de teologia, pelo menos, um degrau acima dele para continuar a viver e crescer intelectualmente.

É particularmente importante considerar a natureza prática das questões com pessoas especializadas não têm de se relacionar sua teologia eo mesmo acontece quando os teólogos não estão agindo puramente como teólogos. Kosuke Koyama nos lembrou de que em seu país, a Tailândia, as pessoas estão principalmente preocupados com questões cotidianas, como alimentos e água búfalo. No entanto, os tailandeses não são apenas aquelas cuja principal preocupação tais questões. O teólogo terá que encontrar uma maneira de relacionar a doutrina a estas preocupações.

9. Desenvolvimento de um centro interpretativo razão

Todos os teólogos devem decidir sobre uma questão particular, que, para eles, é o mais significativo e útil para se concentrar em teologia como um todo. Encontre diferenças significativas entre os mais eminentes pensadores em sua maneira de colocar a abordagem teológica. Por exemplo, muitos pensam que a teologia de Lutero centra-se na salvação pela graça através da fé. Calvin parece fazer a soberania de Deus com base em sua teologia. Barth enfatiza a palavra de Deus, que se refere a Palavra viva, Jesus Cristo; tantos têm caracterizado sua teologia como Cristonismo. Paul Tillich centrado mais sobre o fundamento da existência. Nels Ferre e Lunden Escola e pensadores sueco Anders Nygren, tais como e Gustaf Aulen amor Deus fez o ponto central. Oscar Cullmann colocar a tónica sobre o "já, mas não ainda."

Todos os teólogos precisam formular um motivo central. Isto irá conduzir ao sistema e, portanto, ser capaz de comunicar. Em um curso de falar em público, uma vez que teve uma cesta e uma alça para carregá-lo, o discurso deve ter uma proposição central ou tese para que ele pudesse compreender e entender tudo o que ele disse. Esta metáfora também pode ser aplicada a teologia. Há também o fato de que um motivo central na teologia de alguém lhe dar uma ênfase básica ou a direção do seu ministério.

Pode-se pensar no motivo central como uma perspectiva a partir da qual a olhar para os dados teológicos. A perspectiva não afeta os dados em si, mas fornece um ângulo óptico ou a forma como eles olham. Bem como estar em uma área de alto às vezes nos permite perceber melhor a paisagem, uma razão integrativa útil fazer-nos compreender melhor os dados teológicos.

Alguém poderia argumentar que qualquer teologia que é consistentemente tem um tema integração. Pode-se também argumentar que, por vezes, mais de uma ocasião, e eles podem ter uma natureza um tanto contraditória. O que é necessário aqui é uma escolha e uma utilização consciente e competente, de um motivo integrador.

Cuidados devem ser tomados para que isso não se tornar um obstáculo ao invés de um fator útil. Nosso principal motivo nunca deve determinar a nossa interpretação das passagens em que não é relevante. Este seria um caso de eisegesis em vez de exegese. Mesmo se tomarmos o "já e ainda não" como chave para entender a doutrina cristã, não devemos esperar que todas as escrituras são tomadas de modo escatológico compreender e encontrar escatologia "sob as pedras" no Novo Testamento. No entanto, o potencial central abuso de interpretação não deve parar de usá-lo de forma legítima.

O motivo integrador pode ter de ser ajustado como parte da contextualização da teologia alguém. Pode ser que em um momento diferente ou em uma situação geográfica ou cultural diferente nossa teologia terão de organizar em um ponto de apoio um pouco diferente. Isso acontece quando um elemento importante para o ambiente em que pedimos para uma orientação diferente. Por exemplo, a expressão deve ser estruturado de forma diferente no ambiente Antinomian num ambiente legalística.

Baseando nossa motivo central na maior variedade possível de materiais bíblicos ao invés de passagens selecionadas, podemos assegurar que o tema não distorce nossa teologia. O resultado será uma razão mais ampla e geral, mas vamos garantir que ele está verdadeiramente completo. Outra orientação importante é manter constantemente sujeito a razão revisão. Isso não quer dizer que uma das razões deve mudar com frequência, mas você tem que expandi-lo, reduzi-lo, refinar ou substituí-la se necessário, para que ele se encaixa para o conjunto de dados que você está tentando cobrir. O que nós defendemos é um motivo integrador "soft", está implícito na teologia, em vez de um "forte" razão inclusive sempre se referem explicitamente a cada um dos temas. Esta última leva a uma maior distorção do material como acima.

O motivo central em torno do qual a teologia deste trabalho desenvolve é a *magnificência de Deus*. Com isto queremos dizer grandeza, poder, conhecimento, e outros "atributos naturais", bem como a excelência e esplendor da sua natureza moral tradicional de Deus. Teologia e vida deve ser centrado sobre a grandeza do Deus vivo e não na criatura humana. Porque Deus é o Alfa eo Ômega, o princípio eo fim, é conveniente que a nossa teologia é construído com a principal grandeza de referência e bondade. Um novo olhar para a magnificência do Senhor de todos é a fonte de vitalidade que deve dominar a vida cristã. (Magnificência aqui deve ser entendida como abrangendo o que tem sido tradicionalmente associado com a expressão "a glória de Deus", mas conotações egocêntricos que às vezes leva essa expressão.)

10. A estratificação dos tópicos

O passo final no método teológico é classificar as questões em ordem de importância relativa. Isto é como dizer que temos de delinear nossa teologia atribuído algarismos

romanos para as principais questões, uma letra maiúscula para o sub, um algarismo árabe para as questões que dependem dos sub-temas, etc. Precisamos saber o que os principais problemas são. E nós temos que saber o que podemos tratar como sub, ou seja, questões que, embora importantes, não são tão crucial e indispensável como as principais divisões. Por exemplo escatologia é uma área importante de investigação doutrinal. Dentro desta área, a segunda vinda é uma crença importante. Muito menos importante (e bem menos claramente ensinado nas Escrituras) é a questão de saber se a igreja serão arrebatados no mundo antes ou depois da grande tribulação. Classificar essas questões por importância deve ajudar-nos a usar menos quantidade de tempo e energia em questões que tenham uma importância secundária (ou terciária).

Uma vez feito isso, vamos ter de fazer uma avaliação, mesmo das questões que estão no mesmo nível. Embora tenham um estatuto semelhante, alguns são mais básico do que os outros. Por exemplo, a doutrina da Escritura afeta todas as outras doutrinas, uma vez que estes são derivados da Escritura. Além disso, a doutrina de Deus, merece uma atenção especial, pois tende a formar o quadro em que todas as outras doutrinas são desenvolvidos. Uma mudança aqui seria fazer uma diferença considerável na formulação de outras doutrinas.

Finalmente, devemos notar que em um determinado momento uma doutrina pode precisar de mais atenção do que outros. Por isso, embora nós dizemos que uma doutrina é superior a outra em sentido absoluto, podemos concluir que em um ponto um deles pode ser mais importante para todo o empreendimento teológico e até mesmo eclesiástico, e, portanto, merece mais atenção .

Graus de declarações autoridade teológicas

Nossa teologia consistem em diferentes tipos de afirmações teológicas que podem ser classificados com base na sua derivação. É importante ser atribuído a cada tipo de instrução um grau adequado de autoridade.

1. Um declarações diretas da Escritura deve ser concedido maior peso. Na medida em que representam corretamente o que a Bíblia ensina, têm o estatuto de palavra direta de Deus. Claro, devemos estar muito certo de que você está trabalhando com o que eles estão realmente ensinando as Escrituras, não com uma interpretação imposta.
2. A implicações diretas da Escritura também deve ser dada alta prioridade. No entanto, eles devem ser considerados como um pouco menos do que reivindicações com autoridade directos, para a introdução de uma etapa adicional (inferência lógica) implica a possibilidade de erro de interpretação.
3. As implicações prováveis da Escritura, isto é, as consequências a retirar em casos em que um dos pressupostos ou instalações só é susceptível têm menos autoridade do que as implicações directas. Embora merecem respeito, essas declarações devem ser tomadas com uma certa hesitação.
4. As conclusões indutivas da Escritura variam em seu grau de autoridade. Pesquisa indutiva, é claro, só oferece probabilidades. A certeza de suas conclusões aumenta em proporção ao aumento do número de referências realmente considerados eo número total de referências relevantes que poderiam ser considerados.
5. As conclusões inferidas a partir de revelação geral, o que é menos direto e menos implícito que a revelação especial, deve ser sempre sujeito às declarações mais claras e mais explícitas da Bíblia.
6. especulação pura e simples, que muitas vezes incluem suposições baseadas em uma única instrução ou implicação da Escritura, ou derivada de alguma parte obscura ou pouco clara da Bíblia, também pode ser exibido e usado pelos teólogos. Não há nenhum perigo contanto que o teólogo consciente e advertir o leitor ou ouvinte do que você está fazendo. Um sério problema surge quando essas especulações

são apresentados com o mesmo grau de autoridade atribuído às reivindicações de primeira categoria.

O teólogo vai querer usar todos esses materiais legítimos que estão disponíveis, dando em cada caso, nem mais nem menos desejável de crédito em função da natureza das fontes.

4. Teologia e estudo crítico da Bíblia

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e descrever as várias formas de crítica dos documentos bíblicos que têm aparecido desde o Renascimento.
- Para analisar e criticar a metodologia das várias formas de crítica.
- Compare as considerações modernas conservadoras em relação à variedade de formas de crítica dos textos bíblicos e manuscritos.
- Demonstrar como as várias formas de crítica afetar nosso estudo das escrituras hoje.
- Avaliar metodologias efetivamente críticas.

Resumo do capítulo

Após a Idade Média, a humanidade começou a questionar as doutrinas e instituições através do estudo crítico, incluindo a Bíblia. Este processo de questionamento começou com a crítica histórica e textual da autoria dos livros da Bíblia. Nos séculos XIX e XX, DESENVOLVEU O QUE VEIO A SER CLASSIFICADA COMO ALTA CRÍTICA. Todos os três tipos eram a forma mais influente crítica, a crítica da escrita e, mais recentemente, a crítica da resposta do leitor. A crítica das formas e da elaboração focado principalmente na origem das escrituras e tradições orais e como eles chegaram a passar a forma escrita. A crítica de resposta do leitor focado no leitor e em sua resposta ao texto em vez do significado do texto. Apesar de quão influente essas críticas são muitas vezes baseadas em pressuposições sobrenaturais naturais e não. Isso pode tornar a mensagem bíblica não é bem compreendida.

Questões de estudo

1. O primeiro tipo de crítica foi usada em que parte da Bíblia?
2. Nome e explicar brevemente as diferentes formas de crítica.
3. O que foi provavelmente o primeiro uso conhecido da crítica histórica?
4. Qual é a mais recente forma de crítica bíblica e como isso afetou o estudo da Bíblia hoje?
5. Qual é a frase em alemão para descrever situação de vida do escritor e qual a sua importância no estudo dos escritores da Bíblia?

6. Quais são os valores produzidos pelo uso de redação crítica? Há aspectos negativos da crítica de redação?

Formulário de críticas

Voz baixa

Axiomas

Benefícios de uma forma crítica

Crítica da forma crítica

Redação crítica

Desenvolvimento e natureza da disciplina

Crítica da crítica de redação

Benefícios da crítica de redação

Revisão estrutural

Crítica da resposta do leitor

Diretrizes para avaliar métodos críticos

Dos muitos fatores que ocorreram na transição do período pré-moderna e moderna da teologia, talvez o mais importante foi a adoção de uma metodologia fundamental no estudo da Bíblia. Durante longos períodos de tempo, acreditava-se que a tarefa do exegeta só foi explicar o sentido directo da Bíblia. Supunha-se que os vários livros da Bíblia foram escritos por pessoas que são tradicionalmente atribuídas e as datas em que são normalmente atribuídos. A maioria dos cristãos acreditam que a Bíblia descreveu os eventos como eles aconteceram. Acreditava-se que se poderia desenvolver uma cronologia bíblica e, na verdade isso foi feito pelo arcebispo James Ussher, que colocou uma data de 4004 aC criando harmonias dos Evangelhos que pretendiam dar uma espécie de biografia de Jesus foram realizados.

No entanto, aos poucos, a abordagem ao estudo da Bíblia estava mudando. A disciplina da historiografia estava desenvolvendo novas metodologias. Uma delas foi a crítica histórica, que, juntamente com outras coisas, tentando descobrir o verdadeiro e falso de certos documentos. Este método foi utilizado no início de 1440, quando Laurentius Valla demonstrou que a "Doação de Constantino", usado pela Igreja Católica Romana para apoiar a sua reivindicação de soberania temporal sobre a Itália central, não era autêntico.

Alguns estudiosos bíblicos que parecia razoável pensar que este método também pode ser aplicado para os livros da Bíblia. Moisés realmente escreveu os cinco livros que tradicionalmente concedidas? São coisas aconteceram como descrito lá? crítica histórica foi aplicada ao Pentateuco e no meio do século XIX: ELE INCLUIU OS SEGUINTE PRINCÍPIOS FORAM DESENVOLVIDOS QUASE QUE INTEIRAMENTE A "HIPÓTESE DOCUMENTÁRIO".

1. O Pentateuco é uma compilação de vários documentos diferentes, o que é chamado de J, E, D e P. A prova de que há várias fontes, utilizando diferentes nomes divinos, a presença de dupletos (repetido eventos ou sobreposição) e pequenas variações de vocabulário e estilo.
2. O Pentateuco foi composto muito depois do tempo de Moisés.
3. eventos históricos em muitos casos, não são precisos. De fato, algumas partes são claramente fictícios e lendária.
4. De acordo com algumas versões da teoria, podemos distinguir entre as passagens do Pentateuco tarde e primitiva com base em um suposto desenvolvimento evolucionário da religião.

Se esta hipótese for verdadeira, em algum sentido, a Bíblia não poderia ser tomada pelo valor de face e citou indiscriminadamente de forma confiável. Seria necessário verificar na Bíblia o que é genuíno eo que não é. A partir desses primórdios, o estudo crítico da Bíblia tornou-se um processo altamente desenvolvido, mesmo com o uso de computadores. Hoje é possível distinguir vários tipos de críticas:

1. A crítica textual (que no passado às vezes chamado de baixo crítico) é a tentativa de determinar o texto original dos livros da Bíblia. Isto é feito através da comparação das várias manuscritos existentes. Conservadores tiveram frequentemente a liderança nesta área.
2. A crítica das fontes literárias é o esforço para determinar as diferentes fontes literárias que os vários livros da Bíblia são baseados ou derivados.
3. A crítica das formas é o esforço para ir atrás dos documentos escritos da Bíblia para o período de tradição oral e isolar formas orais que se enquadram nas fontes escritas. Na medida em que se destina a traçar a história da tradição, ele é conhecido como crítico da tradição.
4. crítica de redação é um estudo da atividade dos autores bíblicos para moldar, modificar ou até mesmo criar materiais para o produto final, eles escreveram.
5. A crítica histórica em um sentido acima referido, além de todos também olhando para as fontes de arqueologia e história secular. O seu objectivo é determinar a autoria e as datas dos livros bíblicos, e estabelecer e interpretar o que realmente aconteceu historicamente.
6. A crítica da religião comparada assume que todas as religiões seguir certos padrões de desenvolvimento comum. Ele explica a história da fé judaico-cristã de acordo com esses padrões. Neste campo, a suposição comum é que as religiões passadas do politeísmo ao monoteísmo.
7. A crítica estrutural tenta investigar a relação entre a estrutura superficial dos escritos e as estruturas profundas que estão implícitos pertencente à literatura como tal. Estas estruturas são implícitos possibilidades formais literárias que devem trabalhar o autor.
8. A crítica de resposta do leitor considera que o significado não está no texto, mas no leitor. O leitor cria o significado, ao invés de encontrar lá. Consequentemente, o foco é sobre o leitor e não no texto.

A visão da fé e da razão exposta neste texto não permitirá que a questão da relação entre o conteúdo da Bíblia e realidade histórica é ignorado ou orçamentos. Devemos, portanto, examinar cuidadosamente esses métodos críticos. No entanto, tem havido bastante violentos desacordos sobre a utilização destes métodos. Os que aceitam e usam incondicionalmente ser considerado ingênuo para aqueles que não fazem. Este último, no entanto, muitas vezes visto que os críticos são destrutivas e, em alguns casos, eles não acreditam na Bíblia. A posição tomada nesta matéria, e os pressupostos que introduzir nossa metodologia terá efeitos significativos sobre as conclusões teológicas.

O grande número ea complexidade das metodologias críticas nos obriga a limitar-nos a um exame seletivo de algumas das questões. Optámos por nos limitar ao Novo Testamento e especialmente os Evangelhos e se concentrar em alguns tipos de crítica recente, uma vez que um exame adequado de todos os tipos de crítica para os dois Testamentos exigiria vários volumes. Esperamos que este capítulo, pelo menos, ilustra a posição de alguns teólogos e estudiosos da Bíblia conservadores em relação à metodologia crítica moderna. E embora não seja possível nas páginas de um tratado desta extensão compartilhar o processo de exegese de cada um dos textos acima, este capítulo curto pode servir para ilustrar o tipo de estudo bíblico há após a data desses textos.

Formulário de críticas

A forma crítica foi, em muitos aspectos, uma derivação lógica de fonte de críticas, como os estudiosos bíblicos que procuram ir além das fontes escritas para determinar o desenvolvimento de tradição no período pré-letrado ou oral. Embora inicialmente focada em Evangelhos Sinópticos, se espalhou para outras partes do Novo Testamento e do Antigo Testamento.

Voz baixa

Em 1900, os críticos das fontes tinha alcançado algum consenso no que se refere aos Evangelhos. Acreditava-se que a primeira coisa que ele escreveu era Marcos e Mateus e Lucas foram escritos com base em Mark e outra fonte que chamaram de "Q" (da palavra alemã *Quelle*, significando fonte), e acreditava que Foi composta principalmente de ditos de Jesus. Além disso, pensava-se que tanto Mateus e Lucas tinha outras fontes privadas que, inicialmente, "Mateo especial" e designada "Lucas especial." Estas fontes independentes alegadamente contidos material especial com cada um desses evangelhos. Especial Lucas, por exemplo, foi considerado a fonte das parábolas do Bom Samaritano e do Filho Pródigo veio.

No entanto, houve um crescimento que, após estes documentos foram escritos tradições orais convicção. A crítica das formas representava uma tentativa de chegar a essas formas orais e tentar traçar o percurso histórico do desenvolvimento. Portanto, esta metodologia tem sido chamado *Formgeschichte* ou "história das formas." O pressuposto subjacente era que o conhecimento adquirido ao estudar padrões de formas diferentes em outra literatura poderia ser aplicada para os Evangelhos. A observação das leis do desenvolvimento de formas orais em outras culturas pode levar à compreensão do desenvolvimento das formas por trás da Bíblia.

Axiomas

1. Os ditos e histórias de Jesus primeira circulou em pequenas unidades independentes. Quando observado de perto, transições cronológicos e geográficos entre muitas das histórias dos Evangelhos parecem muito vago. Essas transições são acreditados para ser o trabalho de um editor que tenta ajustar as histórias juntos para ter alguma consistência. Eles são particularmente notáveis e abrupta em Mark, especialmente em suas fortes falar *εὐθέως* (*eutheōs* - "imediatamente"). Mateus e Lucas fez um pouco de edição mais hábil, escondendo, assim, estas transições abruptas de modo que são tão evidentes em Mark. Os Evangelhos mostram também alguns dos mesmos incidentes em diferentes contextos. Isso reforça a teoria de que os evangelistas tinham diante de si histórias ", como pilhas de pérolas não amarrados." Mark tomou essa pilha de contas de e amarrado de uma maneira que parecia-lhe que fizesse sentido.

2. Estas unidades de conteúdo ou materiais individuais elementos encontrados nos Evangelhos podem ser classificados de acordo com suas formas literárias. Este princípio baseia-se na observação de que a tradição oral e obras literárias de culturas primitivas ainda comparativamente fixa padrões e tem alguns estilos específicos. Em primeiro lugar estão aqueles que incluem vários subtipos: parábolas, provérbios como aqueles encontrados na literatura de sabedoria (como judeu, grego ou egípcio), profética e passagens, os requisitos legais (incluindo as regras comunitárias) e frases apocalípticas com o "I" (por exemplo: "Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para abolir, mas para cumprir."). E depois há as histórias que também têm subtipos: (a) Os "apothems histórias" (que Martin Dibelius chamado "histórias" paradigmáticas) fornecem um contexto histórico para um provérbio ou uma declaração de Jesus. (B) As histórias de milagres são geralmente compostas de descrições de situações históricas, incluindo as palavras que Jesus disse na época, e uma breve avaliação do efeito do milagre. (C) As lendas são como histórias ou fragmentos de histórias sobre santos e pessoas ilustres de ambos Christian e tradições não cristãs. Interesse predominantemente biográfica. Um exemplo é a história do galo após a negação de Jesus por Peter cantar. (D) Os mitos são dispositivos literários usados para transmitir uma verdade sobrenatural ou transcendente de forma terrena. Não é facilmente distinguida das lendas. Normalmente eles têm as palavras ou atos de um ser divino.

3. Uma vez classificada, pode ser laminada as várias unidades do material Evangelho. Isto é, eles podem ser classificados pela idade relativa. De lá, é possível

determinar o valor histórico das unidades do Evangelho. O material histórico mais velho mais confiança oferece ou mais autêntica é.

A forma crítica pressupõe que o processo pelo qual a igreja evangélica transmitida materiais seguiram as mesmas regras que regiam o desenvolvimento de outros materiais de transmissão oral, incluindo contos populares. Se sabemos que o processo e os padrões gerais que seguem as tradições orais, você pode descobrir em que ponto um determinado elemento foi introduzido. Isto é particularmente verdadeiro se sabemos em que ponto as influências específicas estavam presentes na comunidade que preservou e transmitiu a tradição.

Um desenho animado que apareceu em um jornal estudantil começou com um estudante dizendo a outro: ". O presidente usa uma gravata vermelha hoje" No próximo quadro o segundo estudante disse a um terceiro ". O presidente tem laços vermelhos" Este estudante dizendo trimestre: "O presidente gosta de vermelho." Finalmente este estudante exclamou espantado por um quinto: "O presidente é um comunista francamente!" Se você tem a segunda ea quarta bala, mas não tinha outra , você poderia saber o que estava acontecendo em primeiro lugar e poderia até mesmo reformular o primeiro eo terceiro com alguma certeza. Assim como este rumor, tradições orais são definidos padrões de desenvolvimento.

Levanta algumas conclusões sobre o material do Evangelho. Por exemplo, explicações sobre as parábolas não pertencem as parábolas; conclusões moralizantes que são fornecidas são freqüentemente adições secundárias. É mais provável que eles são parábolas próprias palavras e explicações de Jesus e as questões morais são o trabalho da igreja para tentar interpretar essas palavras. ⁸ Muitas vezes, os milagres também pode ser laminada. Alguns milagres são tipicamente "judeu" (curas e exorcismos); Essas contribuições devem ser primeiro período, quando a igreja estava quase sob a influência exclusiva dos judeus. Outros são "helenistas." Os chamados milagres da natureza, como as águas calmas e da maldição da figueira, refletem o interesse do período helenístico mais tarde, quando a igreja era influências gregas. Como a tradição de milagres de cura veio antes, é mais provável que seja autênticos milagres da natureza.

4. Você pode determinar a situação de vida (*Sitz im Leben*) da igreja primitiva. Um estudo cuidadoso dos Evangelhos revelam os problemas que teve de enfrentar a igreja primitiva como a forma da tradição foi afetada por estes problemas. As palavras específicas de Jesus foram preservados para atender às necessidades da igreja. Em alguns casos, pode ser criado e, em seguida, foram designados para servir este fim. O que temos nos Evangelhos não é tanto o que Jesus disse ou fez como o que a igreja pregou sobre isso (o kerygma). A igreja não só escolheu a mensagem; A mensagem criada para atender às necessidades de sua *im Leben Sitz* existencial.

Os resultados da avaliação têm formas variadas. Alguns críticos, como Rudolf Bultmann, são muito céticos sobre a possibilidade de saber o que realmente aconteceu na vida e ministério de Jesus. Bultmann uma vez escreveu: "Pode-se admitir que não há uma única palavra de Jesus para os quais há provas definitivas de autenticidade." Isso, no entanto, não é o ceticismo completo: "Você pode apontar uma série de palavras a partir da mais antigas tradições que nos dão uma representação coerente da mensagem histórica de Jesus estrato ".

Outros chegam a conclusões mais positivas no que diz respeito a autenticidade do que os Evangelhos contam; e desde 1950 tem havido até mesmo uma nova busca do Jesus histórico que leva em conta as perspectivas e conclusões da revisão das formas. No entanto, para muitos críticos das formas das palavras de Jesus pode ser verdade, mas há uma dúvida séria no que respeita à estrutura narrativa. Todas as informações sobre a situação original em que estas palavras foram ditas foi perdido. Como você está palavras não podiam ser deixado pendurado, sem mais, para colocar um esqueleto inteiro foi criado. Além disso, parece que o que tem sido escrito sobre Jesus não foi feito a partir de um ponto de vista de observadores objetivos, mas da fé, o desejo de influenciar os outros

a ter fé em que Jesus mesmo.¹² Se a posição a maioria dos críticos das formas é correto, os Evangelhos deve ser visto mais como publicidade ou literatura promocional por um fabricante ou vendedor e menos como boletins de pesquisa cuidadosamente controlados publicados por um laboratório científico independente. A questão, claro, é até que ponto posso confiar esses materiais e de acompanhamento e anterior a esta questão seria a de saber em que medida o método utilizado para determinar a sua confiabilidade também é confiável e objetiva.

Benefícios de uma forma crítica

Devemos observar as contribuições positivas de forma crítica. Alguns foram às vezes ignorado, em parte por causa das manifestações extremas de alguns dos primeiros praticantes de forma crítica. Algumas das reações contra a crítica das formas também foram muito extremo, considerando-a um método totalmente negativo e efêmera. Parte dessa reação foi devido à associação de forma crítica com uma escola teológica em particular. Pelo menos em teoria, pessoas de diferentes teologias pode usar o formulário críticas. Mas por causa da associação que Rudolf Bultmann fez entre sua desmitologização e metodologia de forma crítica, ele começou a considerar ambos como sinônimos ou, pelo menos, tão inseparáveis para alguns, e as acusações que foram feitas para o primeiro vezes Eles aplicada ao segundo. No entanto, apesar disso, nós discutimos uma série de benefícios que surgiram a partir do uso desta metodologia.

1. A crítica das formas observou a conexão vital entre, por um lado, incorporando as obras e as palavras de Jesus nos Evangelhos e, por outro, a fé ea vida de seus seguidores. Talvez a afirmação mais clara sobre o assunto fez John: "Mas estas [coisas] são escritos para que creiais" (João 20:31.). Não foi o suficiente para saber o que tinha feito e disse Jesus, ou mesmo acreditar que ele tinha feito e disse tais coisas, ou que o que ele disse era verdade e que ela tinha feito era digno de ser discutido. Era mais importante para obedecer as palavras de Jesus.

É também claro que os escritores dos Evangelhos não estavam preocupados por se aprofundar em aspectos de Jesus que não foram significativas para a fé. Por exemplo, você não disse nada sobre a aparência física de Jesus: a cor de seus olhos ou do cabelo (embora nós podemos descontar do seu nacionalidade), a qualidade de sua voz, seu tom de voz, sua maneira de expressão ou gestos. Esses detalhes não têm nada a ver com a finalidade para a qual estes Evangelhos foram escritos. A fé de uma pessoa não é afectada pelo facto de um discurso foi dito mais rapidamente ou mais lentamente, mas pelo conteúdo. Obviamente, a seleção foi feita de tudo o que Jesus fez ou disse. John deixou muito claro (Jo. 21:25) que ele tinha feito a seleção de acordo com a sua preocupação de evangelização.

2. Os formulários críticos têm apontado que os Evangelhos são produtos do *grupo* de crentes. Embora possa parecer que esta é uma desvantagem, levando ao ceticismo, é exatamente o oposto. Como tradição era a posse da igreja, os Evangelhos refletem o tipo de julgamento equilibrado é possível quando as suas ideias estão sujeitos ao escrutínio por outras pessoas, em vez de apenas para a interpretação privada.

3. A forma crítica aponta que nós podemos aprender muito sobre a igreja primitiva e situações que perfurou através do material que os escritores do Evangelho escolheu incluir e que decidiu destacar. Desde então, o Espírito Santo inspirou a adição de material que possa ser considerada importante para a igreja em tempos posteriores. No entanto, como a revelação veio no que mais tarde chamaria de forma antrópica, é particularmente relacionado com as situações que enfrentam a igreja na época.

4. A forma crítica quando seus pressupostos não são contrários à vista ea posição dos autores da Bíblia é capaz de ajudar a confirmar algumas das afirmações básicas da Escritura. Por exemplo, em um dado momento o desenvolvimento do método, os críticos das formas acredita que quando o primeiro estratos da tradição identificadas, surgem um

pouco de Jesus sobrenatural cuja mensagem iria falar principalmente do Pai, e não a si mesmo. No entanto, isso provou ser uma esperança ilusória. Pois, em que se acredita ser a primeira camada de tradição, vemos Jesus vir tal.

Crítica da forma crítica

No entanto, há uma série de pontos que cautela é necessária a respeito das premissas e da aplicação de forma crítica. Será evidente que existem limitações na utilização eficaz deste método particular. Temos de encontrar um equilíbrio entre a utilização não-crítica da metodologia e simplesmente não vai usar por causa de seus excessos.

1. Parece haver um pressuposto implícito de que os primeiros cristãos ou aqueles que preservaram as tradições e reduzido a escrito, não estavam muito interessados na história. No entanto, deve notar-se que, por contraste, foram pessoas para as quais os eventos históricos eram muito importante. A crucificação e ressurreição, por exemplo, foram muito importantes para a pregação de Pedro (Atos 2: 22-36) e nos escritos de Paulo (1 Cor 15).

Além disso, os primeiros cristãos veio de um contexto em que a idéia de Deus operante na história foi muito importante. A Páscoa, por exemplo, foi considerado muito importante, porque naquela época Deus tivesse intervindo diretamente na história. A lei foi também considerado de forma significativa, porque nela Deus tinha realmente falado e revelou sua vontade, em momentos específicos da história. Os primeiros cristãos acreditavam que os acontecimentos que ocorreram em seus próprios tempos eram uma continuação e conclusão da grande obra redentora de Deus na história.

Stephen Neill levantou a questão de por que a igreja de a primeira geração a ser ações tão altruísta de Jesus e do contexto histórico em que ele havia exposto seus ensinamentos. E por que, em comparação, a segunda geração teria muito interesse em fatos históricos. Uma possível explicação é que o número de testemunhas oculares já estava em declínio. Mas é improvável que essas testemunhas tinham passado que a informação sobre a situação ou contexto com as palavras?

2. A forma crítica pressupõe que os escritores do Evangelho não eram pessoas de capacidade e confiabilidade histórica. Mas esta suposição é justificada? Há vários problemas com a idéia de que as referências históricas foram criados para a ocasião, para dar um quadro formal no qual colocar os ditos de Jesus. Em primeiro lugar, parece assumir que os dados sobre os eventos não estavam disponíveis. Isso, no entanto, parece ignorar as testemunhas que ajudaram a forma e preservar a tradição. Devemos também ressaltar que eles eram homens que dão grande valor à verdade. James Price observou que na sua tradição foi muito importante. Além disso, ele observa que enquanto os judeus tinham uma mentalidade conservadora. Simplesmente não devem ser comparados com os contadores de histórias ingênuas e crédulas de muitas sociedades primitivas. Também não se deve esquecer a tenacidade da memória oriental. Além disso, em vista do que estes homens estavam dispostos a fazer e sofrer por aquilo em que acreditavam era verdade, a possibilidade de falsificação deliberada não é uma sugestão muito sustentável.²⁰ E a escola escandinava indicou que as palavras um rabino era considerado sagrado e teve de ser preservado por seu aluno em detalhe.

Em tudo isso, é claro, estamos a lidar com a transmissão oral da tradição. Robert Grant disse que temos de olhar para a classificação de Frederic Bartlett sobre os dois tipos de transmissão oral. Por um lado, há o "Repeat Play": pessoas repetiu o que viu ou ouviu. Há também a "memória de série": uma tradição passada de uma pessoa para outra como uma cadeia. A primeira é que encontramos principalmente no Novo Testamento. Este tipo de transmissão oral é geralmente mais preciso do que o segundo. Ainda hoje existem contadores de histórias em sociedades não-alfabetizadas podem recitar durante vários dias.²³ E mesmo se estamos no intervalo de memória de série na transmissão oral, testemunhas provavelmente ainda estar presente para verificar a veracidade dos

Evangelhos, devido ao curto espaço de tempo decorrido entre os eventos e do momento em que foram escritas.

3. O esforço para estratificar formas tende a quebrar. Todo o sistema depende deste passo, no entanto, existem maneiras que desafiam a tal análise, e outros pontos que entram no processo artificialidade considerável. A classificação de algumas questões tais como judeus e, portanto, mais cedo e outros como gregos e tão tarde, parece supor que uma semelhança de estilos indica uma origem comum. Mas isso não é algo subjetivo? Um autor pode escrever em estilos diferentes em situações diferentes ou lidar com várias questões. Alguns críticos assumir uma dissimilaridade bastante radical entre mentalidade judaica e helenística, mesmo uma distorção radical da tradição na igreja helenística. No entanto, há um caráter semita que prevalece em toda a tradição sinótica.

Algumas suposições que operam sob a forma crítica merecem mais ampla como a suposição de que os milagres são adições posteriores examine ea cristologia explícita que surgiu na igreja, em vez de os ensinamentos de Cristo. No entanto, estas não foram testados suficiente para justificar a medida que governam o método.

4. *Sitz im Leben* é considerado a explicação para a inclusão ou mesmo a criação de muitas coisas. Mas comparando com o conhecido Evangelhos *Sitz im Leben* da igreja em determinados momentos das primeiras descobertas vêm com estranhos. Por um lado, algumas questões que esperamos que Jesus tentou não aparecer. Por exemplo, não seria surpreendente encontrar ecos dos problemas que Paul tem de enfrentar em seu ministério, como falar em línguas, circuncisão, as relações entre judeus e gentios ou a comida oferecida aos ídolos. É claro que teria sido útil para a igreja tem algumas palavras de Jesus sobre estas questões, no entanto, os Evangelhos parecem estranhamente silenciosos quando se trata para eles. Pelo contrário, há algumas questões que não são esperados para incluir a igreja. Em um período em que ele estava estabelecendo a autoridade apostólica, não se poderia esperar para encontrar referências para mostrar aos líderes da igreja primitiva de forma desfavorável. No entanto, encontramos dados que tendem a comprometer o status de qualquer um desses líderes. Por exemplo, em Marcos 8: 32-33 Jesus repreendeu Pedro é recolhida "Para trás de mim, Satanás, porque não consciente das coisas de Deus, mas as que são dos homens.!" Em Marcos 9:19 falta de fé dos discípulos e sua conseqüente falta de poder é coletado. Em Marcos 09:34 fala de debate sobre qual deles era o melhor. Em Marcos 14: 26-72 o fracasso dos discípulos para vigiar e orar mente e, em seguida, a recusa covarde de Peter. Estes não são fatos que se esperaria se o *Sitz im Leben* foi o principal determinante para a inclusão na história. A outra possibilidade é que o que foi incluído eo que foi omitido não foi determinada pelo *Sitz im Leben*, mas as preocupações dos autores e transmissores da tradição de ter uma relação de eventos confiáveis e historicamente precisas.

5. A forma crítica aparentemente considera o critério especial de autenticidade. Uma sentença não pode ser considerado como palavras genuínas de Jesus se existem paralelos com escritos ou a vida da igreja primitiva rabínicos. Bultmann, mesmo se você mantê-lo negar os paralelos de autenticidade com o Gnosticismo eo helenismo. Nesta base, nada do que Jesus disse poderia ser considerado autêntico se não especiais ou sem paralelos. Mas, como FF Bruce assinala, esta é uma autenticidade histórica crítica padrão "mesmo vir a considerar outros campos."

6. forma crítica parece deixar pouco escolha para a possibilidade de inspiração. Não permite a gestão e orientação do Espírito Santo ativa na formação da tradição oral. Em vez disso, o processo foi regido pelas leis imanentes que controlam a formação de todas as tradições orais, eo escritor limitou-se a receber materiais. A possibilidade de que o Espírito Santo de modo sobrenatural orientar o escritor como para o material tradicional é complementada revogada ou ação parece não ser considerado pelos críticos de formas.

7. Por fim, a possibilidade de que algumas das testemunhas pudessem tomar notas sobre o que eles têm apenas observado é ignorado. Mas o que dizer de Matthew do imposto, por exemplo? Ele estava acostumado a tomar notas. Edgar Goodspeed discutiu

esta possibilidade muito em seu tratado *Mateus, Apóstolo e Evangelista* (Mateus, apóstolo e evangelista). Não é estranho que nenhum dos doze discípulos carregam algum tipo de diário?

Embora crítico das maneiras que você pode fazer contribuições úteis para esclarecer o relato bíblico, devemos aperfeiçoar a nossa vista da sua capacidade de avaliar a historicidade de considerações materiais propostos aqui.

Redação crítica

Desenvolvimento e natureza da disciplina

A crítica redação representa mais um passo na tentativa de compreender as Escrituras. Embora este método tem sido aplicado a outras partes da Bíblia, os Evangelhos são aqueles que nos dão as indicações mais claras e completas de sua utilidade. Existem várias opiniões sobre o que se refere à forma como a crítica das formas se relacionam entre si, a crítica da tradição e da crítica de redação. Norman Perrin fala de forma crítica de uma forma que inclui a crítica da escrita. Em uma ocasião, Grant Osborne abordou a crítica de tradição e redação crítica como enteadas de forma crítica;³⁰ outras vezes fala sobre a crítica da tradição como a parte crítica da investigação escrita. Para os nossos propósitos, vamos tratar a crítica da tradição como parte da revisão de formulários.

O termo *forma* crítica, para ser mais preciso, provavelmente deve ser aplicada ao estudo de formas para obter a classificação, ou, eventualmente, estratificação, com a crítica de tradição contínua de lá. Devemos considerar a crítica da escrita como uma tentativa de ir além das conclusões da revisão dos fontes literária, formas e tradição, utilizando as perspectivas que são recolhidos a partir deles. Enquanto a crítica das maneiras que você tente novamente antes das primeiras fontes escritas, crítica de redação, e críticas de fonte literária, se preocupa com a relação do autor com as fontes escritas. A crítica dos escritores literários concebidas fonte como compiladores fontes bastante passiva. A crítica redação vê seus escritos como algo mais criativo. Observando as diferenças na forma de contar os mesmos incidentes lá nos Evangelhos Sinópticos, a crítica de escrever autores acho que eles são genuínos e não meros transmissores ou escritores ou editores, por um lado, por outro. Eles assumem que os Evangelhos surgiu da preocupação *teológica* eles tinham a cada um dos seus autores. Estes autores eram realmente mais teólogos historiadores.

A disciplina que se tornou conhecido como a crítica redação desenvolvido e floresceu após a Segunda Guerra Mundial. Embora alguns críticos estava usando alguns de seus pontos de vista, foi um trio de estudiosos do Novo Testamento que lhe deram uma completa aplicação para o primeiro tempo. Trabalhando de forma relativamente independente, cada uma focada em um livro diferente: Bornkamm em Mateus Gunther, Hans Conzelmann em Lucas³³ e Mark Willi Marxsen. Marxsen deu o nome do método *Redaktiongeschichte*. No entanto, em muitos aspectos, o trabalho de Conzelmann teve o maior impacto em estudos bíblicos, em grande parte devido ao status e importância de Lucas.

Lucas foi considerado o modelo histórico de interesse, competência e precisão, devido à precisão de suas referências aos funcionários do Império Romano, a sua, obviamente, perto conhecimento dos costumes e da vida no império ea vivacidade de sua narrativa Atos. No entanto, sob o escrutínio de Conzelmann, verificou-se um lado diferente de Lucas, o teólogo consciente que modificou a tradição que estava a trabalhar mais para se ajustar a sua motivação teológica por um desejo de exercer a exatidão histórica. Por exemplo, Luke coloca aparições de Jesus depois de sua ressurreição em Jerusalém, enquanto outros testemunhos do Novo Testamento coloca principalmente na Galiléia.

Os outros escritores sinóticos também são vistos como teólogos conscientes incluído, expandido, resumido, e até criou o material omitido para atender seus propósitos teológicos. Em um sentido real, isso faz com que o autor apenas no último nível no

processo de desenvolvimento da tradição. Por isso, costuma-se falar sobre três *Sitze im Leben*: (1) a situação original em que Jesus falava e agia; (2) a situação que enfrentou a igreja primitiva em dirigir o seu ministério; e (3) a situação do escritor do Evangelho em seu trabalho e finalidade.

Enquanto a crítica das maneiras é mais focada sobre a independência das unidades individuais do material, a crítica à elaboração pelo próprio framework está mais preocupado, por formas subsequentes da tradição e, finalmente, pelo próprio modelo autor de referência.

Alguns críticos começou a escrever como a maioria dos críticos radicais de formas, assumindo que os evangelistas não estavam muito preocupados com o que Jesus disse e fez. Nesta base, considera-se que os autores dos Evangelhos estavam dizendo coisas que serviram aos seus propósitos. Norman disse Perrin

muitos dos materiais dos Evangelhos deve ser atribuída à motivação teológica dos evangelistas ... Temos de tomar como ponto de partida o pressuposto de que os Evangelhos nos dão informação directa sobre a teologia da igreja primitiva e não um ensinamento sobre o Jesus histórico, e que qualquer informação a respeito de Jesus que possa surgir a partir deles só pode resultar da aplicação rigorosa dos critérios de autenticidade muito forçado.

Com essa abordagem, é claro, ele não assume que todas as palavras atribuídas a Jesus são autênticos (ou seja, na verdade, dito por ele). Em vez disso, o ônus da prova recai sobre a pessoa que acredita que as palavras atribuídas são autênticos. Pense Ernst Käsemann comentário: "A obrigação encontra-se agora com a gente não é investigar e tornar credível a inautenticidade das unidades individuais de material, mas sim, investigar e autenticidade credível." Perrin fez um comentário semelhante: "A natureza da tradição sinóptica é tal que o ônus da prova seria sobre a autenticidade da reivindicação." ³⁸

Nas mãos dos críticos mais radicais da escrita, não tem sido semelhante à das formas mais extremas de ceticismo crítico. Portanto muitas das palavras atribuídas a Jesus deve ser entendido como palavras ditas pelo próprio evangelista. Se forma crítica diz que os Evangelhos nos oferecem a fé da Igreja que as palavras de Jesus, atraindo críticas diz que os Evangelhos nos oferecem especialmente a teologia de Mateus, Marcos, Lucas e João. A fé torna-se a fé não no Jesus que era, mas em Jesus acreditava-se, e em que os evangelistas nos quis acreditar.

Houve bastante longas listas de critérios com o esforço para determinar que materiais foram tradição e materiais de escrita. William Walker coletou uma lista de medidas para tentar distinguir a elaboração de material de tradição. Os critérios incluem fatores funcionais e lingüísticos. Escrevendo passagens consideraram que (1) explicar, interpretar ou comentário que acompanha o material; (2) fornecer resumos condensados de algumas das características da pregação, ensino, cura ou a fama de Jesus; (3) anunciar ou antecipar eventos que irá relatar mais tarde no Evangelho; (4) apresentar coleções de frases ou material narrativo; (5) fornecer indicações breves de tempo, lugar ou circunstância. Muitas vezes, fenômenos lingüísticos significativas ocorrem em um Evangelho, mas raramente ou nunca aparecem em outros, pode ser um sinal de que sua origem é a escrita. Embora Walker acredita que é mais provável que o material não é tradição e da escrita, muitos outros acreditam contrário.

Crítica da crítica de redação

RS Barbour justamente sublinhou falhas que podem ser encontrados na crítica do texto:

1. A crítica do texto parece atribuível aos Evangelistas um propósito e um método teológico muito refinado. Aparentemente, os autores usaram um monte de sutileza e tempo indireta para corrigir e modificar o material, criando seu próprio ênfase em histórias antigas e ditos. É quase como se tivessem dominado métodos modernos de

verossimilhança. A este respeito há comparação no velho mundo e até mesmo no moderno. Mas parece improvável que eles tinham esse grau de imaginação e criatividade.

2. A prossecução *Sitz im Lebem* tem uma tendência a assumir que tudo o que é dito nos Evangelhos ou até mesmo no Novo Testamento diz a uma audiência em mente e ponto de vista em particular. Embora isto seja verdade em grande parte do Novo Testamento, é questionável se pode considerar todos da mesma maneira.

3. A força de critérios linguísticos ou estilísticas variar amplamente. Pode ser significativo que a pequena palavra *tóte* (tote), que significa "então" aparece noventa e uma vezes em Mateus, Marcos seis, quatorze e dez em Juan Lucas. Mas não é justificado concluir que uma determinada frase é escrever porque quatro vezes em Lucas e Atos, mas não aparece em nenhum dos outros Evangelhos.

4. Às vezes, é assumido que a teologia do autor só pode ser determinado com editores passagens. Mas o material tradicional em muitos aspectos é igualmente importante para este propósito, uma vez que, apesar de tudo, o editor decidiu-se incluir.

5. A crítica da escrita como um método é limitado para investigar a situação dos evangelistas e finalidade. Não, levanta questões sobre a historicidade do material coletado em suas obras. Os críticos da escrita tendem a seguir a distinção *Geschichte-Historie* encontrado na forma de crítica. Os escritores dos Evangelhos foram supostamente preocupado com a importância da história, o seu impacto na vida e na igreja (*Geschichte*), fatos históricos, que realmente aconteceram (*Historie*). Foi a experiência vital com o Senhor ressuscitado que motivou os evangelistas.

Benefícios da crítica de redação

Não benéfico utilização prudente de crítica de redação, se os critérios de autenticidade se tornar mais razoável e alguns dos pressupostos metodológicos subjetivas são eliminados ou limitada?

Há pelo menos dois significados em crítica de redação, tanto mais ampla mais estreito. No sentido mais restrito, refere-se à escola de estudiosos alemães, cujos membros (não todos de nacionalidade alemã) também são consideradas os sucessores dos críticos de formas. Num sentido mais amplo, que inclui todas as obras em que os evangelistas não são tratados como meros compiladores, mas como os perpetradores com um ponto de vista ou até mesmo uma própria teologia. Neste último caso, tem sido crítica do texto durante a maior parte da história da igreja, mesmo antes do surgimento dos modernos métodos de crítica. Eles só tentei ver as formas distintas em que cada autor adaptadas e aplicadas o material que ele havia recebido.

Alguns estudiosos da Bíblia evangélicos têm defendido uma utilização restrita de crítica de redação. Eles apontam que o seminário final de Westminster Ned B. Stonehouse estava usando seus métodos mais fortes antes mesmo da escola crítica da escrita foi desenvolvido. Eles apóiam o uso de técnicas, mas na base de pressupostos que estão em harmonia com as reivindicações da Bíblia. A crítica da escrita é considerada como um meio de esclarecer o significado das passagens da Bíblia, ao invés de um meio de fazer julgamentos negativos sobre a historicidade, autenticidade e similares.

Grant Osborne enumera três contribuições críticas dos editores:

1. Uma crítica saudável da escrita pode ajudar a refutar o uso destrutivo das ferramentas de crítica e confirmar a precisão do texto.
2. Descreva em que a ênfase na escrita acadêmica ajuda a determinar onde colocar particulares Evangelistas ênfase.
3. Utilizar as ferramentas de escrita ajuda a resolver problemas Synoptics.

Para estes eu gostaria de acrescentar uma quarta. Assistindo um evangelista em particular se adapta e aplica-se o material que você recebeu, podemos ter uma idéia de como a mensagem de Cristo pode ser adaptado às novas situações que enfrentamos.

A actividade dos Evangelistas, então, a interpretação incluídos. Eles estavam tomando as palavras de Jesus e parafraseada, expandindo ou condensá-los. No entanto, eles permaneceram fiéis aos ensinamentos originais de Jesus. Como hoje um pregador ou escritor pode expressar a mesma coisa de uma maneira diferente, ou variar dependendo de quem o seu público, de modo que os evangelistas adaptado aplicação, mas não distorcida, a tradição. E devemos rejeitar a idéia de que eles estavam realmente criar ensinamento de Jesus, colocando em suas idéias boca e as palavras que vieram de si mesmos. RT France diz:

Nossa conclusão de tudo isso é que, embora seja inegável que os evangelistas e os seus antecessores adaptado, selecionados e reformou o material que tinha chegado a eles, não há razão para estender essa "liberdade" para a *criação* de novos ensinamentos atribuídos a Jesus; que na verdade nós temos evidências do contrário mostrar grande respeito pelos ensinamentos de Jesus, o que foi suficiente para manter qualquer um dos seus seguidores atribuídas a ele nenhum dos seus próprios ensinamentos.

O que temos, então, não é o *ipsissima* verba, mas *ipsissima* vox. Não temos as palavras exatas que Jesus disse, mas nós temos a substância do que ele disse. Nós temos o que Jesus teria dito se estivesse se dirigindo a um mesmo grupo de pessoas a que o evangelista estava indo. Assim, os autores dos Evangelhos não pode ser acusado de representar ou interpretar mal o que Jesus disse.

Não Inerrancy não exigem a Logia Jesu (os ditos de Jesus) que contém o ipsissima verba (as palavras exatas) Jesus, única ipsissima vox (a voz exato) ... Quando um escritor do Novo Testamento cita os ensinamentos de Jesus, não faz que Jesus disse essas palavras exatas. Certamente nós encontrar as palavras exatas de Jesus no Novo Testamento, mas não precisa ser assim em todos os tempos. Por um lado, muitas dessas palavras foram ditas por nosso Senhor em aramaico e, portanto, teve de ser traduzido para o grego. Além disso ... os escritores do Novo Testamento não têm convenções linguísticas que temos hoje. Por isso, é impossível para nós saber o que citações diretas e indiretas que, e que são ainda interpretações mais liberais. No que diz respeito aos ensinamentos de Jesus, de acordo com estes dados, o que iria contra a infalibilidade? Se o significado das palavras atribuídas a Jesus pelos escritores não foi pronunciada por Jesus, ou se as palavras exatas de Jesus são interpretados de modo a que eles têm a sensação de que Jesus nunca tentou-los, então infalibilidade estaria ameaçada.

Uma coisa que difere a variedade mais conservadora da crítica de redação da variedade é mais cético em sua explicação sobre a natureza precisa do trabalho de elaboração do evangelista. Existem várias posições possíveis, por exemplo, sobre a origem de um ditado de Jesus encontrada em um dos Evangelhos, mas não na tradição. Uma tal posição é que isso deve representar uma criação do escritor, uma imposição de seus próprios pontos de vista sobre Jesus. Um segundo ponto de vista é que é dito na Bíblia, mas não na tradição pode ter sido uma tentativa de dar expressão à experiência de vida dos crentes com o Senhor ressuscitado. Ou seja, ele pode ter sido uma tentativa de relacionar o entendimento de que a igreja primitiva tinha sobre a sua situação (seu *Sitz im Leben*) diretamente com a figura de Jesus. Uma terceira possibilidade é que, embora disse em questão não foi pronunciada por Jesus durante o seu ministério na terra, mas foi especialmente revelada pelo Senhor evangelista.⁴⁹ A quarta possibilidade é que o ditado foi realmente proferidas por Jesus durante o seu ministério terra, mas a tradição não retém. Era algo que ele sabia que o escritor do Evangelho, mas não pela tradição. Poderia ser de outras fontes, ou se ele tinha sido uma testemunha ocular, então lembre-se ou notas tomadas, e pode até ser uma revelação direta de Deus. Apenas no caso de as duas primeiras posições poderia ser visto questionando a veracidade das Escrituras. E onde a Escritura, em contraste com o que temos vindo a discutir agora, na verdade, refletir o material tradicional, mas em uma forma modificada, que não são as

mudanças no ensino de Jesus, o que está sendo feito é "destacar diferentes nuances que significa "dentro desses ensinamentos."⁵¹

Revisão estrutural

Uma torção nova para o estudo crítico da Bíblia com a aplicação das categorias e métodos de estudo literário do estruturalismo para o estudo da Bíblia foi dada. Em certa medida, isso pode ser visto como uma tentativa de aplicar novas categorias para a análise das Escrituras, esperando para ser eficaz nos casos em que os métodos anteriores não foram.

Estruturalismo começou com o trabalho do linguista Ferdinand de Saussure, e foi aplicado a antropologia por Claude Levi-Strauss. Como o nome sugere, o estruturalismo não enfatiza as categorias de referência externos, mas a sua forma ou estrutura. Daniel Patte observou que, embora em alguns aspectos, é natural para entender a exegese estrutural simplesmente como outra das críticas metodológicas, na verdade, representa um paradigma diferente. Todos pressupõem um paradigma histórico, tratando os textos bíblicos, como um meio para chegar a um tipo de processo histórico. No entanto, o estruturalismo pressupõe um paradigma literário. Com este Patte significa "a expressão por meio da linguagem deve ser tomado como uma categoria fundamental e não como acesso a algo mais, por exemplo, para a história."

Uma analogia que foi aceite e que tem servido a finalidade foi proposta pelo crítico literário estruturalista Murray Krieger. Ele usa uma alegoria para distinguir entre janelas e espelhos, eo fato de que as palavras podem funcionar da mesma maneira. Tradicionalmente, a linguagem poética era visto como uma janela através da qual o conteúdo objetos que você olhou para o mundo exterior. No entanto, ele também pode servir como um conjunto de espelhos muitas facetas, o que reflecte um labirinto de reflexões, mas basicamente eles foram trancados em si mesmos.

Uma razão pela qual o estruturalismo passou a ser aplicada aos estudos bíblicos foi o colapso do "movimento teologia bíblica." Esta foi uma tentativa de descrever o conteúdo da Bíblia simplesmente usando suas próprias categorias, sem recorrer a categorias filosóficas. "Não Mas James Barr argumentou que a teologia bíblica não conseguiu oferecer uma descrição objetiva filosoficamente estéril do conteúdo do pensamento bíblico para levar a sério a Bíblia. Sua ênfase na história bíblica tinha desvirtuado o conteúdo usando uma abstração que só funciona em alguns dos conteúdos."⁵⁵

A outra dificuldade com a primeira metodologia surgiu a partir do reconhecimento da natureza historicamente condicionada do método histórico-crítico. O método foi sujeita a certas premissas do período moderno, o que fez da ciência paradigma preferido natural de investigação intelectual. No entanto, ele está assumindo que a história foi baseada em ação humana, em vez de um plano divino grande. Em outras palavras, esta metodologia era uma raiz fundamentalmente naturalista, embora cujos resultados foram bastante diferente da aparente crença de que a Bíblia foi de alguma forma a revelação de Deus aos seres humanos.

Estruturalismo, então, representa uma tentativa de ter uma abordagem diferente para estudos bíblicos. Em vez de procurar referências externas para que possamos direcionar o texto bíblico, esse método procura dentro; pesquisar na estrutura do próprio texto. A primeira crítica histórica foi diacrônica, tentando voltar para o tempo descrevendo os documentos para determinar o que realmente aconteceu lá. Structuralism, por outro lado, é síncrona. Olhe além da posição vertical, não horizontal, olhando para diferentes profundidades das estruturas dentro do texto.

Patte diz estruturalistas supor que os pressupostos metodológicos ou preentendimentos que trabalham com o exegeta deve ser a cultura do exegeta. É neste sentido que considera exegese estrutural um esforço pós-moderna. Ele não assume que o passado simplesmente pode ser assimilado pela historiografia científica.

Exegese estrutural interpretado de forma muito diferente para a sua compreensão semântica quanto diz respeito à abordagem tradicional. Em vez de tentar descobrir a intenção do autor, centra-se na narrativa, estruturas linguísticas e míticos do texto. Enquanto exegese tradicional tentou encontrar um significado que o autor pretendia, esta abordagem espera encontrar uma pluralidade de significados, uma variedade de tipos de estruturas. Isso representa a aplicação da distinção de Saussure entre a fala e a linguagem. A fala é o que o escritor ou orador realmente apresenta; no entanto, ele usou, e certamente deve usar o idioma disponível. "A linguagem não é uma função do falante; É um produto que é passivamente absorvida pelo indivíduo. Nunca exige premeditação, a reflexão é dada apenas para fins de classificação."⁵⁹ Patte usa a imagem de um tapete tecido à mão. Embora o tecelão escolha esquema conscientemente parcialmente cor, este também é determinada pelas limitações inerentes do tear e os fios. Portanto, essas estruturas Weaver limitar a criatividade. Da mesma forma um autor expressa o que ele quer dizer com as limitações impostas pelas estruturas que recebeu. Por conseguinte, o significado que é apresentado o resultado da interação de três tipos de restrições:⁶¹

1. A situação específica do autor ou *Sitz im Leben*. Patte chama essa *estrutura de enunciação*.
2. Restrições à *estruturas culturais* ou *códigos culturais*.
3. As *estruturas profundas*, restrições que são impostas a qualquer autor ou alto-falante.

Apesar de exegese tradicional é os dois primeiros, a exegese estrutural está principalmente preocupado com a terceira estruturas profundas, dos quais existem dois tipos. Um deles é o estruturas narrativas. AJ Greimas propôs um modelo baseado no estudo de contos populares russos de V. Propp. Seu modelo inclui seis elementos: sequência, frase, indicação, modelo actancial, função e atuante. Patte aplica esta a parábola do Bom Samaritano. Com este método pretende distinguir os diferentes subgêneros narrativa, como parábolas do Evangelho, histórias de milagres, parábolas e parábolas judaicas helenísticas. Há outras estruturas míticas que interagem com estruturas narrativas, e que os mitos são frequentemente expressos em forma narrativa. A estrutura mítica todo inter-relaciona os vários temas míticos (ou unidades míticas básicas). Esta estrutura, muitas vezes siga o que Levi-Strauss chama de "lógica mítica", em que nenhuma resolução de oposições.⁶³

No entanto, o estruturalismo tem provado ser um ponto de vista basicamente estável. Isso levou a seus sucessores em duas direções: a semiótica e crítica da resposta do leitor. Os defeitos do estruturalismo, que levaram ao que Anthony Thiselton chamado a morte do estruturalismo nos estudos bíblicos, entre outros:

1. No primeiro estruturalismo teve uma visão quase-objetivista. Este optimismo baseia-se na utilização da metodologia das ciências sociais. Ele foi abandonado confiança no ser humano, pelo menos em parte acelerado pela os pós-freudianos ao texto, que levantam a capacidade de auto-engano ser abordagens psicanalíticas.
2. Tem havido uma falta de clareza no que diz respeito ao que serviria como verificação dos resultados deste procedimento, bem como questões de utilidade dos resultados, em relação aos esforços aplicados no plano estruturalista.
3. Houve muitas mudanças no que foram as primeiras idéias objetivistas da estrutura que é questionável a adequação da denominação de estruturalismo para as obras recentes. Ele tende a deslizar formas de crítica dirigidas para o leitor.

Crítica da resposta do leitor

O estruturalismo é uma abordagem de reciprocidade entre o texto e o leitor. Cada esperado transformar outro. No entanto, desde o final dos anos 60 crítica bíblica cada vez que levou

a direção da supremacia do leitor ao texto. Isto é particularmente verdadeiro no complexo abordagem amplamente conhecido como crítico da resposta do leitor. Deste modo, diferentes tipos de metodologias hermenêuticas e avaliação, conhecida como estruturalismo, teoria da resposta do leitor ou desconstrução têm surgido. Para nossos propósitos, doravante, nós consideramos as críticas de resposta do leitor, como representante do grupo, embora existam muitos outros tipos de visões subjetivas e muitas variedades que vão com este nome geral. Em muitos aspectos, é bastante semelhante à desconstrução, pois é uma sequela e de certa forma uma reação contra o estruturalismo.

Estes diferentes tipos de crítica pós-moderna muitas vezes considerado contrário de crítica histórica. Hoje, muitos defensores vê-los como suplementos e não como sucessores do método histórico. No entanto, Fred Burnett provavelmente certo quando ele caracteriza como crítica crítica histórica que busca um conjunto aceitável de significados determinados para um texto durante a leitura estilos pós-modernos enfatizar a "indeterminação, a produção de sentido pelo leitor, e Em muitos casos, a recusa a apelar os critérios para julgar consenso entre as diferentes leituras. "Ele toca que a crítica histórica pode acomodar as abordagens centradas no leitor e sobreviver, mas os críticos e exigem o método metamorfose.

A Fish Stanley, provavelmente os críticos mais radicais de críticas de resposta do leitor não está normalmente associado com a escola foi desconstrucionista de Derrida, Foucault e os críticos de Yale, mas sua crítica remanescente deles. Geralmente visto como o crítico mais influente da crítica de resposta do leitor, de acordo com Burnett, "tornou-se o mais recente 'câmara de descompressão' para os muitos críticos escrevem antes de irem para a superfície crítica (pós) moderna. "Os peixes argumenta fortemente contra que o significado é embutido no texto e tarefa do leitor é removê-lo. Peixes no primeiro defendeu a posição geral de resposta do leitor que o significado surge na relação dialética entre o texto, objeto, eo leitor como um sujeito. Mais tarde, ele concluiu que isso foi um erro.⁷⁰ Em 1980, ele tinha "superar" a ilusão de que há um significado contido no texto. Ele diz de sua primeira visão: "Eu fiz o que sempre faço os críticos: 'vi' o que os meus princípios interpretativos me permitido ou levou-me a ver, e depois atribuído o que tinha" visto "um texto e uma intenção. O que meus princípios me levam a ver é que os leitores realizar atos "Ele exibiu sua nova posição muito diretamente:". A resposta do leitor *emerge* de significado, *é* o significado ".

A subjetividade dessa abordagem é refletida em uma longa citação da principal obra de peixe:

Até que ponto isso é uma ruptura decisiva com o formalismo é evidente na minha conclusão de baixa qualificação que as unidades formais são sempre baseadas no modelo interpretativo um traz (não são "no texto"). Claro, o texto como uma entidade separada da interpretação e (supostamente) responsável por suas folhas de duração e é substituído pelos textos surgem de nossas atividades interpretativas. Ainda existem padrões formais, mas eles não são a maneira inocente do mundo; ao contrário, eles se constituem através de um ato interpretativo. Os fatos que são trazidos ainda estão lá ... mas apenas como resultado da interpretação do modelo (humano) que moldou-los. A relação entre a interpretação e, portanto, o texto é invertido: não há estratégias interpretativas são implementadas após a leitura; eles são o caminho da leitura, assim como a maneira de ler textos forma, tornando-os, em vez de lhes vir como eles assumem.

No entanto, Peixe apresenta a comunidade como um fator que ele acredita ser objetivo. Um leitor indivíduo é livre para encontrar nada no texto, porque é constrangida pela comunidade da qual faz parte. Ele diz: "Eles [o significado] não ser subjetiva, porque esse ponto de vista será sempre social ou institucional."

A maioria dos críticos e hermenêutica não ter ido além dos peixes em sua abordagem para o texto. Alguns usaram elementos da teoria da resposta do leitor, mas têm seguido mais de perto a abordagem de Wolfgang Iser, que criticou Fish. Entre eles estão Susan Wittig⁷⁶ James L. Resseguie, Robert Fowler,⁷⁸ Julette M. Bassler e Alan

Culpepper.⁸⁰ Em alguns casos, como na obra de Culpepper, o foco da resposta do leitor é um dos vários elementos dentro metodologia interpretativa.

Alguns estudiosos do Novo Testamento começaram a dar mais credibilidade à crítica mais radical do leitor Peixe resposta e outros como Jeffrey Stout. Uma delas é Stephen galinha. Ele observa que a abordagem usual para a interpretação bíblica é encontrar o significado do texto. Baseando-se no pensamento dos peixes e Stout, acredita que a busca de sentido em textos é fundamentalmente improdutivo, porque a idéia de o que conta para o significado varia tremendamente, em parte, dependendo de onde o trabalho é realizado. Ele concorda com Stout em nenhuma maneira de julgar entre os conceitos do significado do texto estão em concorrência, muito menos entre as teorias de interpretação.⁸² Ele, portanto, recomenda-se que eles fazem os estudos bíblicos "abandonar discussões significado e adotar a posição de Stout para resolver disputas sobre o significado explicando como essas disputas interesses interpretativos. "

Outro que compartilha essa orientação geral é Stanley Porter, que lamenta que parece ser uma falta de uso da metodologia de resposta do leitor por estudiosos do Novo Testamento. Partilha da opinião de que a procura contexto extralinguístico Peixe relacionadas com situações que estão por trás do texto é imprevisível e, portanto, decepcionante. Petersen criticado, Fowler, Resseguie, Staley e Culpepper, concluindo que a resposta do leitor crítico ... em estudos do Novo Testamento ... é definitivamente atrasadas desenvolvimentos no campo da literatura secular.⁸⁵ À luz destes vozes e da crescente influência de formas ainda mais radicais de interpretação, como a desconstrução, prevemos que a força de uma crítica da resposta do leitor mais radical vai crescer nos próximos anos. Na verdade, parece que isso vem acontecendo desde o julgamento plaintive Porter.

Alguns dos critérios de avaliação definidos mudar o significado no texto de colocar o leitor abordados em conexão com discussões sobre desconstrução e pós-modernismo nos capítulos 2 e 7. No entanto, deve-se notar algumas das implicações desta ponto de vista. Os críticos da resposta do leitor têm chamado a atenção louvável que, na verdade, é frequentemente o caso, o que é que os interesses do leitor afetar a compreensão de que o texto diz. No entanto, em vez de perguntar como neutralizar ou reduzir isto, estes intérpretes trabalham a partir desta diversidade como um dado e mudar o que significa o mesmo local. No entanto, surgem vários problemas.

1. A questão do significado não se aplica apenas ao texto bíblico, mas todos os textos, incluindo discussão sobre o significado da crítica da resposta do leitor e do texto bíblico.

2. Esta abordagem parece dividir teorias do significado em formalista ou contextual-pragmático. No entanto Wittgenstein, rejeitando o formalismo absoluta, não é completamente necessário evoluir para uma posição como Fish. Ele diz: "Não diga: 'Você deve ter ...', mas *olhar* para ver se. "Em outras palavras, Peixe parece ser culpado da mesma abordagem regulatória à linguagem que caracterizou o positivismo lógico.

3. O apelo à comunidade não resolve as tendências inerentes ao subjetivismo. A comunidade é apenas uma visão mais ampla do indivíduo. Claro que, como diz Wittgenstein, um nível de sofisticação no indivíduo deve avaliar e escolher a comunidade da qual faz parte. Na verdade, não um cidadão de uma comunidade de idéias é o que faz um filósofo filósofo.

4. Se levada a sério, esta filosofia, que Thiselton chamado de "filosofia sociopragmatic" nunca poderia ser mais do que uma filosofia narrativa, contando a história de uma tradição filosófica particular. Em teoria, esta abordagem é apenas uma história entre muitos. No entanto, como observado por Christopher Norris, há uma rejeição de outras histórias de carácter mais definitivo ou restritiva: "Sob as credenciais liberais-pluralista, esta narrativa fecha com muito cuidado todas as saídas, excepto o chamado" James e Dewey. "

Diretrizes para avaliar métodos críticos

Existem algumas orientações que irão nos ajudar a evitar superestimar o valor e metodologias críticas adotar comentários e prevenir inadequada.

1. Precisamos estar em guarda contra suposições que são contra o sobrenatural. Por exemplo, se o milagroso (especialmente a ressurreição de Jesus) não é considerado histórico porque contradiz uniforme atual a nossa experiência, devemos estar cientes de que isso ainda é algo como o "contínuo fechado" de Bultmann, segundo o qual todos os eventos estão ligados em uma rede de causalidade.

2. É necessária para detectar a presença de um raciocínio circular. Os críticos que usam histórias dos Evangelhos para ajudá-los a reconstruir o *Sitz im Leben* da igreja primitiva, e depois usar essa *Sitz im Leben* para explicar a origem dessas mesmas histórias, são culpados disso.

3. Devemos estar alerta para as inferências injustificadas. A similaridade de pensamento é, por vezes, acredita-se que indicam uma origem comum ou uma conexão causal. Identificar as circunstâncias em que uma idéia é pensado às vezes para excluir a possibilidade de que essa idéia ensinou ensinou o contrário. Supõe-se que Jesus nunca pronunciou uma palavra para expressar uma crença na igreja. Aqui nós temos uma premissa de que poderia ser ". Se você encontrar alguma coisa nos ensinamentos da Igreja (ou o judaísmo), mas também pode ter sido nos ensinamentos de Jesus" O especial (que Perrin chamados "dissimilaridade" e Reginal Fuller "carácter distintivo" ⁹¹) é considerado o critério de autenticidade. Mas esta suposição quando descobre, assim, começa a parecer um tanto arbitrária e até mesmo improvável.

4. Devemos estar conscientes da arbitrariedade e da subjetividade. Por exemplo, os críticos da escrita muitas vezes adicionar um considerável grau de conclusão de suas reconstruções *Sitz im Leben*, suas explicações sobre as causas e origens. No entanto, estas conclusões não podem ser verificadas ou verificadas por meios de comunicação independentes. Uma forma de avaliar a confiabilidade de um método poderia ser aplicado a uma escrita contemporânea ou recente, caso em que você pode tomar para análise verdadeiro ou falso. CS Lewis se queixa de que algumas das análises e explicações de seus escritos simplesmente não consistentes com os fatos reais. Mas se isso acontece com os escritos de Lewis, o que devemos pensar em algumas das explicações sobre as origens dos elementos dos Evangelhos? Como Lewis afirma, Marcos está morto. As conclusões dos seus críticos realmente não pode ser verificado.

5. Devemos estar alerta para a presença de pressupostos que assumem uma relação antitética entre fé e razão. Por exemplo, Perrin fala da idéia de que a pregação dos primeiros cristãos estava interessado em reminiscência histórica e do "ponto de vista oposto" que a pregação era teologicamente motivado. Isto sugere que existe um conflito entre a motivação teológica (fé) e interesse histórico e preocupação. Este aparente conflito se reflete na distinção nítida entre *Historie* e *Geschichte*. E isso nos traz de volta à distinção de Soren Kierkegaard entre o pensamento objetivo e subjetivo; ele afirmou que a quantidade de paixão interna ou subjetividade é inversamente proporcional à quantidade de evidência objectiva ou certeza. Esta visão da fé e da razão pode ser correta (embora eu não penso assim). Devemos estar conscientes, no entanto, que é apenas um palpite.

6. Deve notar-se que em todos estes casos, estamos a lidar com probabilidades do que certezas, e se as possibilidades são baseados em cada outra ocorre um efeito cumulativo na conclusão. Por exemplo, se trabalhar com uma premissa de que tem uma percentagem de 75% de probabilidade, a probabilidade de conclusão é de 75%. No entanto, se trabalharmos com dois tais pressupostos, a probabilidade de a conclusão final é de apenas 56%; se trabalharmos com três, 42%, com quatro, 32%. Em grande parte das críticas da escrita, há uma série de tais premissas, cada um, dependendo do anterior e, portanto, com uma probabilidade de queda. Deve-se ter em mente que, ao avaliar as conclusões da revisão do texto.

Deve ficar claro que a crítica bíblica não precisa ser negativo em seus resultados. Quando o método utilizando pressupostos que estão abertos para a possibilidade do sobrenatural e da autenticidade dos materiais é feita, e quando os critérios não são mais graves do que para outras áreas de pesquisa histórica, os resultados são muito positivos. Assim Joachim Jeremias diz que a linguagem eo estilo dos Evangelhos Sinópticos mostrar "profunda fé e respeito pela tradição do ensinamento de Jesus que justifica que afirmamos o seguinte princípio do método: Na tradição sinótica deve provar a inautenticidade, em vez de a autenticidade dos ensinamentos de Jesus. "Isto, naturalmente, repousa sobre um pressuposto de fiabilidade das fontes, mas esta suposição, quando contrastados com os dados revela-se mais sustentável do que a alternativa.

Criticismo bíblico, porque, se usado com cuidado e são baseadas em suposições que são consistentes com a plena autoridade da Bíblia, pode ser útil para lançar mais luz sobre o significado das Escrituras significa. E, embora a Bíblia não precisa de satisfazer os critérios de autenticidade da crítica bíblica para ser aceito como confiável, desde que preencha estas normas, temos mais uma confirmação da sua confiabilidade.

5. Contemporaneizando a mensagem cristã

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Avaliar as mudanças na cultura, que se aceleraram nos últimos anos.
- Analisar e descrever os elementos do cristianismo que são eternas e imutáveis e contrastá-los com aqueles que são expressões temporárias.
- Comparar e contrastar diferentes abordagens para contemporizar teologia e diferenciam os valores que estão em cada um deles.
- Determinar que o objectivo essencial da teologia é identificar as verdades fundamentais e doutrinas do cristianismo e colocá-los em seu contexto cultural.

Resumo do capítulo

O mundo da Bíblia e hoje são muito diferentes. É importante para expressar a mensagem evangelho de modo que possa ser compreendido no mundo actual. Muitos teólogos têm tentado fazer isso para que a mensagem seja aceitável para o pensamento moderno. Alguns teólogos não só mudou a forma de expressão, mas também a sua substância. O objetivo da mensagem cristã é contemporizar reter o conteúdo ea doutrina bíblica enquanto se torna mais compreensível mensagem de hoje. Eles apresentaram cinco critérios para avaliar a integridade da mensagem.

Questões de estudo

1. Como você responderia à tentativa de desmitificar do cristianismo Bultmann Rudolf no mundo moderno?
2. Nome e descrever brevemente os elementos permanentes do Cristianismo mencionado autor e explicar o que os torna essencial para o cristianismo.

3. Compare e contraste do ponto de vista transformador para o ponto de vista tradutor apaziguamento da teologia hoje.

4. Quais são os critérios utilizados para identificar a essência de uma doutrina?

O desafio de obsolescência

O elemento permanente no cristianismo

Uma instituição

Atos de Deus

Experiências

Doutrinas

Um estilo de vida

Duas abordagens para contemporizar teologia

Transformadores

Translators

Crítérios de permanência

Constância em todas as culturas

Situação Universal

Fator de forma permanente reconhecido

Vínculo indissolúvel com experiência considerada essencial

Posição final no prazo de revelação progressiva

O desafio de obsolescência

Uma questão de particular interesse para o teólogo, e é claro para toda a igreja cristã, é a diferença aparente entre o mundo da Bíblia e mundo de hoje. Não só a linguagem e conceitos, às vezes estrutura inteira parece ser muito diferente. Começamos este capítulo descrevendo uma visão extrema dessa diferença.

Mundo teológico de Rudolf Bultmann convulsionou em seu ensaio "Novo Testamento e Mitologia". Nela, ele observa que o Novo Testamento nos dá um ponto de vista mítico do mundo. Isto é visto mais obviamente em sua concepção da cosmologia. De acordo com Bultmann, o Novo Testamento vê o mundo como essencialmente uma estrutura de três camadas, acima está o céu com Deus e os anjos; no meio é a terra onde os humanos vivem; e para baixo o inferno com o diabo e seus demônios. Mesmo na terra, o que acontece não são somente os eventos naturais. Milagres também são produzidos. Deus aparece, e os seus anjos comunicar mensagens e ajuda o homem. Os demônios do reino inferior afligem os seres humanos, criando doenças e outros infortúnios, incluindo tomar posse deles às vezes. Deus pode inspirar ou pensamentos humanos guiar suas ações. Você pode dar-lhes visões celestiais. Você pode dar-lhes poder sobrenatural do seu Espírito. O mundo é o campo de batalha em que está a ter uma grande batalha ou batalha entre as forças do bem e do mal. Mas em breve haverá um momento em que esta batalha vai terminar em um grande cataclismo. Haverá desgraças apocalípticas depois que o juiz vai vêm do céu, os mortos ressuscitam e o julgamento final terá lugar e todos vêm para um estado final, salvação ou condenação.

De acordo com Bultmann, o ponto de vista mitológico do mundo era a opinião geral no momento em que a Bíblia foi escrita. Ela pode ser encontrada em mitos apocalípticos judaicos e redentores dos gnósticos. Em outras palavras, não há nada de especial na cosmologia bíblica. A Bíblia só reflete a perspectiva do primeiro século. Como tal, as suas ideias sobre estas questões se tornaram obsoletos para nós hoje.

Bultmann diz que a idéia do universo dos três níveis de hoje é insustentável. Copérnico tornou isso possível para qualquer pessoa consciente, vivo e inteligente do nosso tempo, ou mesmo para qualquer outro momento desde os dias de Copérnico. Para a grande maioria das pessoas que vivem no mundo de hoje não mantém a velha idéia de que a Terra é plana e tem quatro cantos. O mesmo vale para a idéia de que a possessão demoníaca é o que causa a doença. A medicina moderna tem mostrado que as doenças são causadas por bactérias e vírus, não a posse demoníaca. Com a nossa nova compreensão de causas naturais, os milagres do Novo Testamento não é mais

considerado milagroso são, ea idéia da ascensão de Cristo ao céu desapareceu junto com o mito dos três níveis do universo. Escatologia bíblica mítica também é insustentável, e por nenhuma outra razão que o fato de que a segunda vinda de Cristo não ocorreu. Se esperamos o fim do universo como o conhecemos, esta será através de uma catástrofe como um holocausto nuclear, em vez de vir mítica de Cristo. É literalmente impossível tomar esses mitos. O que Bultmann sugere é que reinterpretar.⁵

Se Bultmann coloca lógica para manter o que ele considera tendências passadas mitos acusações, há também uma dificuldade psicológica. O cristão comum, mesmo freqüentando a igreja regularmente, vivendo em dois mundos diferentes. Na manhã de domingo das onze até meio-dia, essa pessoa vive em um mundo onde os eixos flutuar rios parar como se estivessem represados, burros falar, as pessoas andar sobre a água, os mortos voltam à vida até mesmo dias após a morte e uma criança nascida de uma mãe virgem. Mas para o resto da semana, o cristão se move em um ambiente muito diferente. Aqui a tecnologia, a aplicação de modernas descobertas científicas é a norma. Os crentes deixar a igreja dirigindo um carro moderno, com transmissão automática, direção hidráulica, freios de poder, rádio AM-FM, ar condicionado e outros aparelhos e chega em uma casa com características semelhantes. Na verdade, os dois mundos colidem. Em bíblica mundo cristão, quando as pessoas estão doentes rezar pedindo a cura divina, mas neste mundo secular, no entanto, vai ao médico. Quanto tempo pode manter esta esquizofrenia?

O elemento permanente no cristianismo

Bultmann afirma que conceitos ultrapassados pode e deve ser mudado, mas que isso não perdemos a originalidade do cristianismo. Ele ainda é o cristianismo. Mas, na verdade você perdeu a essência da religião para fazer isso? Devemos perguntar-nos a pergunta: o que devemos reter para manter um cristianismo genuíno ou permanecer genuinamente cristã? Teologias e diferentes segmentos do cristianismo têm sugerido respostas diferentes sobre o que é o elemento permanente do cristianismo: (1) uma instituição, (2) atos de Deus, (3) experiência, (4) doutrinas, (5) um modo de vida.

Uma instituição

Uma resposta é que o elemento permanente no cristianismo é institucional. Talvez a forma mais pura de esta resposta é a vista da tradição católica romana. De acordo com essa visão, Deus fez a igreja do último repositório da verdade. A revelação terminou quando o último Apóstolo morreu. Desde então, a igreja não tem mais conteúdo para a revelação, mas esclareceu ou definido o que foi revelado. Ele acrescentou novos dogmas, mas há novas revelações. A igreja, como um sucessor dos apóstolos, que estavam encarregadas da verdade, tem a autoridade para promulgar estes novos dogmas expondo-os e interpretando-os infalivelmente. Consequentemente, a igreja é o fator constante. A verdade nós temos que crer é o ensino atual da igreja. Embora o dogma pode crescer e modificado, a igreja permanece constante.

Atos de Deus

Outra resposta que tem sido dada nos últimos anos é que o elemento permanente do cristianismo uma série de eventos históricos especiais ou atos poderosos de Deus. Esta é a posição tomada pela escola de pensamento da "teologia bíblica" ou "Heilsgeschichte." A maioria dos relatos bíblicos não tem que ser preciso ou política, uma vez que a Bíblia contém muito mais do que esses atos especiais de Deus. Religião bíblica é feita pela resposta dos seres humanos para atos de Deus. Portanto, a maioria das histórias são meras interpretações que o povo do convênio fizeram o que eles acreditavam que Deus tinha

feito. O grande evento do Antigo Testamento, o grande ato de Deus, é o êxodo. Os eventos relatados que precederam o êxodo são as interpretações do hebraico sobre seu passado com base na fé alcançado graças ao êxodo. Eles não são, portanto, histórias literais sobre o que Deus fez como parábolas que expressam a fé dos hebreus. Eles representam o que os hebreus esperado tinha feito o tipo de Deus que eles tinham experimentado. Da mesma forma, o que é dito sobre postêxodo tem que entender como a sua interpretação dos eventos subseqüentes através da perspectiva da fé que tinham conseguido graças ao êxodo. Eles viram a mão de Deus trabalhando em todos os tipos de eventos.

Para essa escola de pensamento há, com efeito, dois atos de Deus: Êxodo, no Antigo Testamento e do "evento cristológico" no Novo. Portanto, a Bíblia não é tanto uma história dos atos de Deus como a religião dos hebreus. Houve uma mudança sutil. A ênfase não está mais em Deus é como o sujeito dos verbos na Bíblia, mas sobre a fé religiosa dos hebreus e do pensamento dos judeus como sujeitos de verbos em livros modernos sobre o significado da Bíblia. Como Langdon Gilkey aponta em um artigo clássico, a mudança está escondido colocando verbos passivos ("foi visto" ou "acreditava-se", isto é, pelos hebreus).

Assim, os atos de Deus não são os relatos bíblicos, a permanentes e autoritários no cristianismo. Aqui a distinção entre teologia bíblica, como os hebreus acreditavam, e teologia sistemática, como acreditamos, é crucial. Gilkey ver esta abordagem como um ponto de vista, por um lado, é meio liberais e modernos, e meios em segundo lugar, bíblicos e ortodoxos. Os defensores dizem que actualmente a desenvolver a nossa teologia, ou, se quiserem, nossa religião, temos que manter esses atos de Deus como o padrão. Aconteceu uma vez por todas. Além disso, as interpretações foram dadas para os eventos anteriores e posteriores podem ser substituídos livremente com interpretações atualizados.

Experiências

Outra resposta é que as experiências duradouras são a essência, o fator permanente do cristianismo. Embora as crenças doutrinárias pode mudar, as pessoas de todos os períodos têm as mesmas experiências. Um exemplo notável desta experiência é a esperança universal da imortalidade. Harry E. Fosdick considerou a idéia bíblica da ressurreição do corpo e como as pessoas que vivem naquela época deu expressão à esperança de imortalidade. Dada a concepção dos hebreus no túmulo, um lugar logo abaixo da superfície da terra, onde o urso morto uma existência vazia e sem sentido, não é de admirar que as pessoas esperar para voltar a terra, levantar do túmulo. Devemos acrescentar a isso a influência do zoroastrismo, que, durante o exílio tornou-se o molde no qual os judeus perdem as esperança de uma vida para além da morte. Portanto, a esperança de que a morte não é o fim começou a tomar a forma familiar de um estado intermediário entre a morte ea decisão final, a ressurreição geral dos justos e os ímpios, o julgamento ea designação destes organismos -almas para céu ou o inferno. Embora o Novo Testamento faz outras modificações, ainda tem esse ponto de vista básico.¹¹

Fosdick encontrar a idéia de uma ressurreição do corpo excessivamente materialista. Do seu ponto de vista não é necessário para preservar esta doutrina particular, mas sim manter experiência duradoura que se coloca, e que satisfaz. Esta experiência é a esperança do futuro expectativa de vida pode ser mantida com uma "mentalidade" diferente. Fosdick está consciente de que está mudando a maneira como entendemos a doutrina ou conceitos, mas isso não tem importância para ele, já que são apenas formas transitórias de expressar convicções e experiências em curso. A esperança de imortalidade pode ser preservado enquanto a idéia da ressurreição do corpo por um entendimento doutrinário diferente é substituído. O novo entendimento de que ele propõe é a imortalidade da alma. Esta visão particular foi proposto por Orígenes. Fosdick

sustenta que esta concepção que ele e outros como ele têm dado conforto aos aflitos, têm ajudado a superar com paciência e alegria meia-idade, e fizeram mais vale a pena lutar por jovens têm um caráter integral. Esse conceito ajuda a esclarecer a experiência universal dos antigos hebreus e cristãos modernos.

Doutrinas

Alguns argumentam que o permanente e imutável no cristianismo uma série de doutrinas que surgiu nos tempos bíblicos e continua no presente. Ao contrário de Fosdick, aqueles que sustentam esta opinião insistem que concepções modernas não podem substituir as doutrinas bíblicas. J. Gresham Machen era um defensor ferrenho do este ponto de vista. Ele deu uma atenção especial para tentar separar os ensinamentos éticos de Jesus da doutrina que a acompanhava. Alguns, por exemplo, têm defendido que os discípulos de Jesus, para basear sua fé em caso de vida e morte de Jesus, foi além do que ele pretendia. Neste ponto de vista, Jesus simplesmente proclamado um reino de Deus sem ser objeto de crença. Ele não se considerava o Messias. No entanto, esta teoria provou insustentável. Embora William Wrede e Adolf von Harnack reconstruído um Jesus que não acreditava-se um messias, fizeram-no pela seleção cuidadosa de passagens. No entanto, apesar seleção cuidadosa de certas porções como o Sermão da Montanha, ainda há um problema ineradicable. Porque mesmo aqui, quando Jesus fala do tipo de comportamento que deve caracterizar os cidadãos Unido, há um foco particular. Enquanto os profetas disseram "Ele diz," Jesus disse. ". Eu digo" Evidentemente ele era considerado alguém que tinha o direito de substituir a lei e ainda com base na sua própria autoridade ¹⁵

Nós vamos desviar-se dessas considerações no momento, Machen diz, e ver o que acontece se nós construirmos um cristianismo que manter e praticar somente os ensinamentos éticos de Jesus. Em alguns casos, a regra de ouro pode trabalhar para o mal do que para o bem. Tomemos o exemplo de alguém que quer parar de beber. Seus antigos companheiros de bebida, se eles seguirem a regra, oferecer uma bebida, porque é isso que eles querem que os outros a fazer por eles. Assim, a regra de ouro torna-se um poderoso obstáculo no caminho do progresso moral. No entanto, o problema aqui não é a regra, mas na interpretação do seu âmbito de aplicação. Como o resto do Sermão da Montanha, a Regra de Ouro não foi dirigido a todo o mundo. Jesus queria que os discípulos iriam praticar, cidadãos do reino de Deus.(Aqui entramos no campo da doutrina). São pessoas que passaram por uma transformação moral e espiritual. Se eles façam aos outros o que você quer que os outros a fazer por eles, fazer a coisa certa, porque as coisas que eles querem receber dos outros vai ser virtuoso e puro. E, além disso, a capacidade de fazer aos outros o que se quer para si pressupõe uma transformação e uma infusão de poder espiritual. Os ensinamentos éticos não são suficientes sem realmente expor a doutrina subjacente a regra de ouro. Nem a experiência de falar com tal entusiasmo Fosdick são realmente possível sem as verdades doutrinárias que garantem.

Um estilo de vida

A visão final identifica o elemento permanente como uma forma particular de vida, ou em outras palavras, um determinado ético. Seguindo a direção indicada por Immanuel Kant e mais tarde por Albrecht Ritschl, aqueles que sustentam esta opinião são a essência da religião é mais no comportamento do que a crença. Walter Rauschenbusch foi um dos principais expoentes dessa visão.

Para determinar a natureza eo propósito real do Cristianismo, observa Rauschenbusch, nós vê-lo em sua forma mais pura e menos pervertida como a forma como foi no coração de Jesus Cristo como ele foi modificado significativamente ao longo

da história da igreja . O modo de compreender e expressar o cristianismo que Jesus havia pode ser resumido na frase simples "o reino de Deus." Ele era o centro de suas parábolas e profecias. Era a base de tudo que eu fiz. É o primeiro e mais importante dogma da fé cristã. O reino de Deus é o ideal social ausente do cristianismo. O que você está pedindo é uma renovação de Rauschenbusch próprio espírito de Jesus e objetivos.

O ensino de Jesus no que se refere ao Reino de Deus nos corações humanos não era algo novo e sem precedentes, de acordo Rauschenbusch. A única coisa que ele fez foi continuar e desenvolver os profetas colocar ênfase na justiça social e pessoal. Jesus se opôs aos conceitos populares nos pontos em que entrava em conflito com estes ideais. O que ele propôs era um reino de Deus na Terra; Ele nunca mencionou em conexão com o Céu. ¹⁹ Esta preocupação com a justiça, a igualdade social ea democracia era o centro do ensino e prática de Jesus e deve ser nossa.

Duas abordagens para contemporizar teologia

Deve ser evidente, do ponto de vista da religião adotada no primeiro capítulo, o conteúdo doutrinário é um componente importante no Cristianismo, e, portanto, deve ser preservada. Para os nossos propósitos neste trabalho, ele é considerado como o mais importante dispositivo elétrico permanente, um componente necessário, mas não o suficiente do cristianismo. Mas, se quisermos manter a relevância da religião cristã, neste momento temos de introduzir uma preocupação adicional: como contemporizar teologia.

Aqueles que acreditam que as crenças cristãs são importantes, mas precisam ser expressos contemporaneamente seguir duas abordagens diferentes. (Esta seção não leva em conta as pessoas que não consideram os conceitos de grande importância e, portanto, são indiferentes ao que é feito com eles). Classificação útil por William Hordern. Ele chama essas duas abordagens como tradutores e transformadores. Tradutores são teólogos que sentem a necessidade de reafirmar a mensagem de uma forma mais inteligível, mas tentando manter o conteúdo, como é feito na tradução de uma língua para outra. No entanto, transformadores, como o nome sugere, estão preparados para fazer mudanças sérias no conteúdo da mensagem se relacionar com o mundo moderno. Vamos examinar este ponto de vista mais radical em primeiro lugar.

Transformadores

Os transformadores estão convencidos de que o mundo mudou drasticamente desde os tempos bíblicos. Agora eles estão considerando mudanças tecnológicas nos últimos anos ou as maiores mudanças na ciência básica neste século e perante o mundo hoje não é o mundo em que o cristianismo surgiu e cresceu. Além disso, as crenças cristãs, como tal, estão tão inseparavelmente ligada à visão de mundo antigo que não pode ser mantida independentemente dela. Em outras palavras, as crenças são a variável dependente, a variável independente ambiente intelectual mais amplo. Não há realmente nenhuma possibilidade de manter apenas enunciando-as crenças novamente ou modernizá-los.

Liberais adotar essa postura. Embora alguns tenham preferido rótulo *modernista*, *vendo-se como os atualizadores velhas crenças não consideram que a essência do cristianismo está realmente ligada às doutrinas particulares que tinham os antigos crentes*. Portanto, não é necessário conservar ou preservar essas doutrinas.

Transformadores também acreditam que a humanidade mudou radicalmente ao longo do tempo. Enquanto em um tempo a mensagem pode ter sido apropriado e útil para os seres humanos, bem como sendo aceitável para eles, eles são agora tão diferente, sua natureza é alterada para que a mensagem vai cair em saco roto ou mesmo ser rejeitado.

Porque a verdade é vista em grande medida, a humanidade hoje é o juiz do que é certo e errado. Em nenhum sentido é a idéia de que uma revelação de Deus pode ser a fonte e critério da verdade. Portanto, não há nenhuma experiência humana fora regulamentar,

nada que pudesse processar idéias humanas. Se qualquer mudança tem que ocorrer para que haja coerência entre o cristianismo tradicional eo pensamento das pessoas hoje, é a doutrina cristã que tem que mudar, não os seres humanos. Relevância é a palavra chave, ao invés de autoridade. As fontes de onde o conteúdo do cristianismo é extraído seria muito mais amplo do que o cristianismo tradicional. Eles teriam encontrado não apenas alguns documentos sagrados, mas toda a gama de literatura, filosofia e ciência para informar a crença cristã.

Um caso claro de abordagem transformativa é a teologia da morte de Deus, que teve uma vida breve mas espetacular em meados dos anos 60 era uma teologia caracteristicamente americano, mas tinha paralelos, como o pensamento de John AT Robinson na Inglaterra. Os representantes mais conhecidos do movimento foram Thomas JJ Altizer, William Hamilton e Paul Van Buren. O nome do movimento indica quão radicalmente estes homens que estavam dispostos a realizar o seu objetivo de transformar a mensagem cristã. Mesmo que abandonar a crença tradicional de Deus, se necessário. Desde então nenhuma crença poderia ser mais básico do que Deus.

Esses teólogos encontrado concepção insustentável de Deus. Para alguns, a morte de Deus significava a irreabilidade da ideia de Deus ou a palavra de Deus. Paul van Buren, seguindo o método da filosofia analítica, pensei que o conceito não tinha sentido em um mundo de orientação empírica. Em parte, isso foi resultado de que os teólogos da morte de Deus considerado como ponto de vista falência neoortodoxo da revelação.²³ De acordo com a neo-ortodoxia, a Deus não é conhecido pela sua natureza ou experiências geralmente disponíveis universalmente para todas as pessoas, mas através de e em seu encontro pessoal com os seres humanos. Mas esta reunião, você não pode controlar ou força, aparentemente não havia mais produzido pelos teólogos da morte de Deus. Parece haver uma ausência da presença de Deus. Além disso, a capacidade diária de experimentar Deus parece estar esgotado para muitas pessoas modernas. Alguns cristãos encontrar Deus em alguns lugares significativamente. Um santuário tranquilo, vitral, órgão jogando algum tipo de música religiosa evoca muitos sentimentos em muitas pessoas, só pela sua resposta condicionada a estes estímulos. Algumas pessoas não podem ouvir ou cantar "How Great Thou Art" sem piedade. No entanto, muitas pessoas hoje não têm esse tipo de resposta. Eles nunca tiveram esse tipo de experiência. Por isso, os teólogos da morte de Deus concluiu que "o sentido da presença de Deus" é mais um psicológico do que um fenômeno religioso.

Aqui também temos o problema do que Dietrich Bonhoeffer chamou de "um mundo que veio de idade." No passado, Deus era a resposta para o enigma ea solução para os problemas. Qualquer coisa que não podia ser explicado pensei que ele foi causado por Deus. Isto deu origem à expressão "Deus das lacunas." As lacunas são as lacunas no conhecimento humano. No entanto, como o conhecimento aumentou, o lugar de Deus como princípio explicativo diminuiu. Ele tem estado a retirar primeiro de uma ilha e depois outro. Geologia, Biologia e Psicologia na hora cada deslocaram Deus. O outro típico papel desempenhado por Deus, resolvendo problemas, também tende a evaporar. Nos tempos bíblicos, se a esposa de um homem era estéril, orações foram oferecidas a Deus "abriu seu ventre" e, portanto, as crianças poderiam nascer. Sara e Ana são dois exemplos bíblicos notáveis. Hoje em dia, ela vai ao ginecologista, que prescreve pílulas de fertilidade; e nasce uma criança (ou mais). Na Bíblia se houvesse uma seca, as pessoas orou a Deus para enviar chuva e chuva. Hoje, os cientistas procuram uma nuvem que tenha um pouco de umidade, voando sobre ela e lançar iodeto de prata ou algo semelhante e a chuva cai! Parece que Deus tornou-se desempregados. A posição tradicionalmente ocupadas por Deus na experiência humana ocupam agora outro. Você não são requeridas como parte do mundo, e, portanto, o conceito de Deus não faz sentido para os seres humanos.

No entanto, devemos acrescentar algo para o problema. A dificuldade atual de seres humanos não é apenas a ausência da experiência de Deus. É a experiência da ausência de

Deus. O problema do mal é real e séria. Veja como natureza destrutiva pode ser motivo de preocupação para as pessoas que acreditam em um ser divino onipotente. E além disso é o problema do mal moral. Crueldade humana e indiferença para com os outros é impressionante. Se Deus é realmente Deus, se ele é poderoso e puro amor com certeza eu gostaria de evitar esse tipo de mal no mundo e poderia fazê-lo. A presença contínua do mal em ambas as formas, evidentemente, parece argumentar contra a existência de um Deus assim.

Thomas Altizer enfrenta o problema de uma maneira mais subjetiva, quase uma abordagem mística. Ele enfatiza não é tanto o facto de deixar de experimentar Deus como a morte do Deus primária ou transcendente. Este Deus, voluntariamente, por uma transformação que vai desde uma externa ser o mundo que trabalha ocasionalmente nele, um totalmente imerso nos processos de este mundo ser. Embora a concretização na teologia ortodoxa tem considerado como o ato de Deus vindo a tornar-se um com a raça humana, para Altizer não é mais do que um símbolo, apenas a vinda de toda uma série deles. Ao longo da história Deus tem vindo a humanidade. O processo agora está completo. A morte de Deus é, portanto, de suicídio primordial Deus eo nascimento de um Deus imanente.

O que os teólogos recomendado a morte de Deus é uma fé secular real. Em vez de encontrar Deus de uma maneira transcendente, em atos de louvor e oração, destina-se a atender a esse movimento de volta em ação, e envolvimento no movimento de direitos humanos.

Translators

Para tradutores, o transformador não reafirmou a mensagem, mas têm changeling. O cristianismo sem Deus, ou pelo menos sem um Deus transcendente, e sem um lugar qualitativamente especial para Jesus Cristo, não vale a pena permanecer assim chamado cristianismo. Tradutores transformadores compartilham o desejo de falar uma linguagem legal e inteligível para o mundo moderno. No entanto, muito mais fortemente eles enfatizam a necessidade de deixar claro que é a mensagem de autoridade que deve ser expressa. Um dos seus objetivos é manter o conteúdo básico da mensagem. Neste sentido tradutores são conservadores. Outro objetivo é colocar a mensagem de uma maneira nova, falar a língua do ouvinte. Assim como você não iria pensar em pregar um sermão no povo grego bíblicos não entendem que a linguagem, é também crucial para fugir das expressões velhas ou desconhecidos e usar sinônimos tomadas a partir da experiência contemporânea. Translators tentar dizer o que a Bíblia diria se ele estivesse escrevendo na situação atual.

Nos círculos cristãos conservadores parece ter um desejo real de fazer esse tipo de esforço. A popularidade da paráfrase da Bíblia atesta a percepção desta necessidade. Versão *Deus fala* hoje, a *Bíblia em linguagem* simples, a versão de JB Philips, e até mesmo fazer Cotton Patch versão dos acontecimentos bíblicos parecem reais. Enquanto tradutores e exegetas bíblicos muitas vezes condenam estes paráfrase da Bíblia, porque eles são más traduções (certamente nunca alegou ser traduções), hoje não especialistas muitas vezes encontrá-los úteis e esclarecedoras. O sucesso da paráfrase pode sugerir que os estudiosos bíblicos do passado fez um trabalho melhor de descobrir o que a Bíblia significa para os ouvintes originais que expressam o que significa para o leitor moderno.

Os tradutores sustentam que o homem não é a medida da verdade. É Deus que fala e os seres humanos que são testados e não vice-versa. Se a transformação é necessária, que é o ser humano, não a mensagem, que deve ser transformada. Embora tradutores buscam tornar a mensagem inteligível ou compreensível não esperar que seja aceitável sob o julgamento humano atual. Há uma dimensão inerente mensagem será sempre motivo de ofensa aos não-cristãos. A mensagem deve desafiar a mentalidade contemporânea, não

apenas acomodá-lo. Talvez ainda mais ofensiva às crenças da Bíblia são os seus ensinamentos éticos. Este parece questionar não só o que você acredita, mas o que você faz ou o que você é. Ou doutrinário ou ético na natureza, a mensagem da Bíblia criar um arrasto, uma drag que o teólogo e que a igreja não deve tentar apagar.

O tradutor deve cuidadosamente distinguir entre a mensagem e as interpretações e tradições que surgiram a partir dele. Estas últimas, por vezes, tornaram-se mais influente do que a própria mensagem. Na verdade, algumas pessoas são incapazes de distinguir entre a interpretação e a mensagem. Para eles, qualquer tentativa de re-afirmar a mensagem parece manipulação e modificação ou abandono da mensagem. Eles devem estar cientes, no entanto, que os não-cristãos podem encontrar uma interpretação particularmente desagradável e, portanto, rejeitar a mensagem. Não há virtude, do ponto de vista do tradutor, na tentativa de preservar para sempre uma maneira de expressar um conceito. Interpretações particulares são o verdadeiro sujeito da teologia histórica, que foi acreditado, enquanto a teologia sistemática é o que nós devemos acreditar.

Parte da dificuldade para apaziguar a mensagem vem do fato de que a revelação bíblica acontece em uma situação particular. Portanto, a mensagem tem uma forma localizada. O problema é detectar o que era apenas algo que eu tinha que acreditar e fazer nesta situação, eo que é de aplicação universal. Exemplos rapidamente vêm à mente: o lava-pés é uma prática que a igreja deve continuar da mesma forma como o batismo ou a Ceia do Senhor, ou simplesmente era algo adequado a situação bíblica? Será que a forma de batismo é tão essencial para determinar imediatamente que devemos tentar preservar precisas e de que maneira ele foi usado nos tempos bíblicos? E sobre o governo da igreja? O Novo Testamento dá lugar a regras a serem seguidas para sempre ou são apenas sugestões que nos sentimos livres para mudar em caso de necessidade?

Uma outra complicação surge do fato de que a Bíblia não aborda totalmente as questões relacionadas com certas doutrinas. Para apaziguar a mensagem, nós temos que limitar expressamente ao que dizem as Escrituras ou pode assumir que os escritores bíblicos se tivessem de enfrentar os problemas mais complexos que enfrentamos, eles teriam dito algo mais? Um exemplo é a doutrina da Trindade, o que não é falado explicitamente ou diretamente em qualquer lugar nas Escrituras. Isso não quer dizer que não havia o conceito da Trindade, em tempos bíblicos, mas a reflexão e formulação da doutrina não tivesse progredido tanto que são especificamente expressos nas Escrituras. Dessa forma, nessa doutrina não temos trabalho bíblico como Paulo nos dá a doutrina da justificação, por exemplo.

Outra dificuldade surge da necessidade de relacionar a revelação bíblica com a nossa atual compreensão mais abrangente da revelação geral. Por exemplo, Paulo ensinou claramente que todos os seres humanos são pecadores (falou com alguns detalhes da nossa natureza corrupta e pecadora e, portanto, culpados diante de Deus). Isso ele atribuiu alguma forma Adão e seu pecado (Rom. 5: 12-21). Hoje biologia, antropologia, psicologia, sociologia e muitas outras disciplinas levantam novas questões sobre a natureza humana, a alma (incluindo se há) e com base em características pessoais. Se fôssemos relacionar a revelação bíblica de nossa cultura moderna, temos de lidar com questões que Paul não tinha enfrentado. Se a inspiração que ele tinha sido capaz de falar sobre eles, seus primeiros leitores não teria sido capaz de entender.

Algumas verdades bíblicas são expressas como incompreensível para as pessoas de hoje. Note que estamos falando sobre a forma de expressão de uma verdade, não sua essência. A doutrina da providência de Deus é o ensino que Deus observa e orienta tudo é e o que acontece. Para ilustrar essa verdade, a Bíblia compara a Deus que o bom pastor de seu rebanho; Também observa que Deus protege as aves do céu, alimentando-os e protegendo-os do perigo. Hoje, muitas pessoas que vivem em cidades quase nunca ver as aves e pode nunca ter visto pastores cuidando de ovelhas. Se essas pessoas têm que ter uma imagem concreta da Providência, teremos de seleccionar imagens muito

diferentes. Qual é a relação da providência de Deus com a cibernética ou guerra nuclear, por exemplo?

Às vezes é dito que devemos dar dois passos se o nosso objetivo é preservar o conteúdo essencial, mas dando uma forma contemporânea aos ensinamentos bíblicos: Primeiro, precisamos determinar o que se entende no contexto original e, em seguida, nós dizemos o que significa hoje. O objetivo é uma tradução direta do significado do passado para a situação atual. Isto é semelhante ao método de aprendizagem de línguas estrangeiras que a maioria de nós provavelmente já experimentou.

Neste método, o que equivale a aprender a palavra de uma língua para outra língua. Os espanhóis que estão aprendendo aprendizagem alemão que *der Stuhl* = cadeira. Nós memorizamos essa equivalência. Nós olhamos para a palavra alemã em um dicionário Alemão-Espanhol para descobrir o que o seu equivalente. Mas o significado de *der Stuhl* não é "a cadeira", o verdadeiro significado é um objeto com um assento, um para trás e quatro pernas. "A cadeira" é só uma particularidade do que o sentido na língua, o espanhol, como *der Stuhl* é um caso específico em alemão, *a chaise* em francês, *a cadeira* em Inglês, etc. Não estamos afirmando que o verdadeiro significado do *der Stuhl* é "cadeira." Estamos nos referindo a um objeto particular. Estamos nos referindo ao significado que esse objeto tem em comum em todas as culturas. Nós não estamos tentando argumentar em favor de uma inspiração conceptual dinâmica (em oposição a verbal). O problema dessa abordagem é que a aprendizagem de línguas só pode trabalhar com duas línguas específicas de uma só vez. E quando uma palavra em qualquer idioma tem um significado diferente, a expressão da verdade é obsoleta.

Há um outro método de ensino da língua, que podem ser usados simultaneamente com pessoas que falam muitas línguas diferentes. Aqui o instrutor diz "*Der Stuhl* (ou *a chaise*, ou *a cadeira*) significa que a cadeira." Ele simplesmente aponta ou toca uma cadeira e diz que "*der Stuhl*." (*As inflexões e ações de classe significam que você tem que repetir palavra*). Tocar a parede e diz: "*die Wand*." *Através do show também pode ensinar as palavras de diferentes ações*. Conceitos abstratos, dos quais há muitos na teologia, são mais difíceis de expressar, mas também pode se comunicar, uma vez que entendeu mais palavras e têm significados específicos.

Nós trouxemos esse segundo tipo de ensino da língua para a nossa discussão da metodologia teológica para marcar um ponto de viragem. No processo de contemporizar uma declaração bíblica, devemos introduzir um passo intermediário entre determinar o que significava que o contexto original e dizer o que significa hoje. Portanto, o primeiro tipo de ensino de línguas é uma metáfora inadequada. Agora temos que encontrar o significado essencial subjacente a todas as expressões particulares de ensino bíblico. Portanto, se a Bíblia ensina que Deus é elevado acima da terra, temos de descobrir a sua ideia-chave permanente, ou seja, que Deus é transcendente. Não é limitado em certa medida na natureza. Pelo contrário, é além da natureza. Não há conhecimento limitado que temos. Seu amor, Sua misericórdia, e outros atributos além do que encontramos nos seres humanos. Faça desta compreensível verdade hoje significa dar expressão concreta, como foi feito nos tempos bíblicos. Note que não estamos dando uma "dinâmica equivalente" da declaração bíblica. O que estamos fazendo é em vez de dar uma nova expressão concreta à mesma verdade duradoura que foi ao ar nos tempos bíblicos com palavras e imagens que foram então comuns.

Critérios de permanência

Do acima exposto pode-se deduzir que a tarefa realmente crucial da teologia é identificar as verdades eternas, a essência das doutrinas, e separá-los de forma temporária foram expressas, para criar um novo formulário. Como podemos localizar e identificar o elemento permanente ou essência? Em alguns casos, é bastante fácil, pois a verdade atemporal tem sido expressa como uma declaração didática universal. Exemplos disso são

muitos nos Salmos. Uma pode ser encontrada no Salmo 100: 5 "Porque o Senhor é bom; a sua benignidade dura para sempre, ea sua fidelidade a todas as gerações. "Em outros casos, a verdade atemporal deve ser extraído de uma passagem narrativa ou uma educação que aborda um problema particular. Existem vários critérios pelos quais você pode identificar os fatores permanentes ou a essência da doutrina: (1) evidência em todas as culturas, (2) situação universal, (3) reconhecidos como base fator permanente, (4) um vínculo indissolúvel considerada experiência essencial e (5) posição final no prazo de revelação progressiva.

Constância em todas as culturas

Estamos conscientes da variedade de culturas em nosso mundo hoje eo grande espaço de tempo que nos separa dos tempos bíblicos. O que às vezes esquecemos é que o período bíblico não era composta de um conjunto de situações uniformes. Situações temporais, geográficas, lingüísticas e culturais que encontramos nas Escrituras canônicas variar muito. Levou muitos séculos, desde os primeiros livros do Antigo Testamento e do Novo foram escritas por último. A situação cultural e geográfica vai de um ambiente de pastores na antiga Palestina para a cidade de Roma Imperial. Existem diferenças entre a cultura eo hebraico e grego, que, embora às vezes exagerado, não deixam de ser muito real. Portanto, se há evidência nos ensinamentos bíblicos de várias circunstâncias, podemos muito bem estar na posse de um verdadeiro desenvolvimento cultural ou a essência da doutrina. As variações podem ser considerados como parte do caminho de doutrina.

Um exemplo de constância em todas as culturas é o começo de expiação por sacrifícios, e com ela a rejeição de quaisquer obras de justiça. Encontramos esse princípio no sistema de sacrifícios do Antigo Testamento. Também encontramos nos ensinamentos do Novo Testamento, quando fala da morte expiatória de Cristo. Outro exemplo é a centralidade da fé em Jesus Cristo, o que elimina qualquer diferença entre judeus e gentios. Pedro pregou que os judeus de várias culturas no Pentecostes em Jerusalém. Paulo disse em um ambiente suave fi lipense o carcereiro (At. 16:31).

Situação Universal

Outro critério para determinar a essência da doutrina é a de saber quais os elementos que estão expostos universalmente. Batismo não só mencionado com referência a situações específicas em que ele praticados, mas também na situação universal da Grande Comissão: "Todo o poder me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eu estarei sempre com vocês, até o fim do mundo "(Mt 28: 18-20). Em várias coisas que podemos considerar isso como uma situação universal: (1) A declaração de Jesus que *todos* autoridade foi dado sugere que, como o fi trans antes que seus papéis e responsabilidades aos seus discípulos, tem em mente uma tarefa que certamente deve continuar indefinidamente. (2) "Todas as nações" sugere uma universalidade da cultura e lugar (cf. a comissão de Atos 1: 8 - "e sereis minhas testemunhas ... até os confins da terra"). (3) que Jesus estaria com eles para sempre, até o fim do mundo, ele sugere que esta comissão tripartite ser aplicado de forma permanente. Com base em tal consideração, concluímos que o batismo não era apenas um fenômeno isolado, localizado em um tempo e um lugar. Sua aplicabilidade é permanente.

Além disso, lava-pés encontrado em João 13 não é exposto universal ou geral. Embora Jesus disse, "também vós deveis lavar os pés uns dos outros" (v. 14), nada é dito sobre o tempo de prática. Embora ele disse. "Porque eu vos dei o exemplo de que, como eu vos fiz, fazeis vós também" (v. 15), não há razão para acreditar que o seu exemplo deve necessariamente espalhar universalmente *neste* precisão. Sem isso indica que a prática tem de fazer em perpetuidade. A razão subjacente a esta acção aparece na

sua declaração de que o servo não é maior do que seu senhor (v. 16). O que eu estava tentando transmitir aos seus discípulos foi a atitude de servo, humildade e vontade de colocar os outros acima de si mesmo. Naquela cultura lavar os pés de outra pessoa simboliza esse tipo de atitude. Mas, em uma outra cultura, pode haver uma forma mais adequada para expressar o mesmo acto verdade. Como encontramos ensinamentos sobre humildade em todas as Escrituras para não falar de lavar os pés (Mt. 20:27; 23: 10-12; Filipenses 2: 3.), Podemos concluir que a atitude de humildade e não o ato particular de lavar roupa Pé como tal, é o componente permanente do ensinamento de Cristo.

Fator de forma permanente reconhecido

Um ensinamento especial com base no fator permanente reconhecido também pode ser permanente. Por exemplo, Jesus baseou seu ensinamento sobre a permanência do casamento no fato de que Deus criou o homem ea mulher e fez um (Mt. 19: 4-6., Citando Gn 2:24). O fundo é assumido como sendo um evento único possuindo um catião permanente significante. Esta natureza permanente do casamento é clara. O mesmo se aplica ao sacerdócio universal que é baseada no fato de que a grande Sumo Sacerdote "atravessou os céus" de uma vez para sempre. Portanto, podemos "se aproximar do trono da graça com fi erly" (Heb. 4: 14-16). Na verdade, como Jesus é sacerdote para sempre (Heb. 7:21, 24), você pode guardá-las para o extremo que chegou a Deus ele (v 25)..

Vínculo indissolúvel com experiência considerada essencial

Na visão de Bultmann, o *Geschichte* da ressurreição (renovação de esperança e de abertura ao futuro que nós experimentamos) é independente do *Historie* (se Jesus realmente ressuscitou). Mas Paulo afirma que a experiência depende da ressurreição de Cristo. Ele diz: "Se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é inútil, você ainda estais nos vossos pecados" (1 Cor 15:17). Se a nossa experiência da ressurreição é real e permanente, a ressurreição de Cristo deve ser um dado, algo permanente e universal. Substituir ou alterar esta doutrina de alguma forma ela envolve uma mudança na experiência. Se considerarmos essa experiência essencial, abandonando o que a Bíblia afirma que a causa vai exigir-nos a encontrar outra base para explicar o resultado. A nossa experiência para acreditar que o mal pode ser superado é baseada na crença na obra sobrenatural de Deus em conexão com a segunda vinda. Fosdick experiência que o mal pode ser superado é bastante diferente, pois com base em sua crença no progresso, o que requer um certo tipo de esforço humano e é acompanhada por um grau correspondente de incerteza. A sua experiência é construído sobre uma base sólida que será menos não ser permanente. Além disso toda vez que a nossa experiência demonstra ser real e permanente, podemos assegurar que a doutrina bíblica de que também depende permanente.

Posição final no prazo de revelação progressiva

Um último critério relaciona-se com o tema da revelação progressiva. Se entendermos que Deus tem trabalhado em um processo para alcançar a redenção da humanidade, revelando-se e, gradualmente, planejar, desenvolvimentos posteriores têm mais peso do que antes. A suposição é que temos formas de transição ou antecipatória nos primeiros casos eo último caso é a forma final. Um exemplo seria o sacrifício de Cristo. Enquanto o Antigo Testamento chamado ts contínuas sacrificados no pátio, oferecendo incenso duas vezes por dia no lugar santo, uma vez por ano e uma oferta feita no santo lugar pelo sumo sacerdote (Heb. 9: 1-10), Cristo Ele coloca um fim a este processo mediante o cumprimento (v. 12). Ele ofereceu seu próprio sangue uma vez por todas. Além disso, Jesus disse muitas vezes: "Vocês ouviram o que foi dito ... mas eu te digo ..." Nestes

tempos Jesus estava fazendo uma declaração da essência da doutrina para substituir abordagens anteriores a ele.

Em alguns casos, a essência da doutrina não é explicitamente feita nos tempos bíblicos. Por exemplo, Jesus levantou-se muito o estatuto das mulheres na sociedade. Da mesma forma, Paulo deu um status incomum para os escravos. No entanto, a maioria desses grupos não melhorou tanto quanto ele deveria ter feito. Então, para encontrar a essência de como essas pessoas devem ser tratadas, devemos fi jarnos sobre os princípios declarados ou implícitos por estatuto, ao invés da forma como eles realmente foram realizadas nos tempos bíblicos.

Tentamos chegar à essência básica da mensagem, reconhecendo que toda a revelação tem um propósito. Nós não estamos falando de separar a casca da semente, assim como as pessoas como Harnack, e em seguida, descartar a casca. Também não estamos falando de "regra de fundo cultural", como alguns intérpretes da Bíblia com orientação antropológica hoje. Referimo-nos a encontrar a verdade espiritual essencial sobre a qual repousa uma parte da Escritura, e, em seguida, fazer uma aplicação contemporânea da mesma.

É comum ver (corretamente) que muito poucos cristãos se voltam para as genealogias das Escrituras para o seu tempo de silêncio. No entanto, mesmo estas porções devem ser de alguma importância. Uma tentativa de ir diretamente para "o que significava uma genealogia" para "o que significa" certamente iria revelar frustrante. Em vez disso, devemos nos perguntar: "O que são as verdades subjacentes" vêm à mente várias possibilidades: (1) todos têm um patrimônio humano que deriva muito do que somos; (2) Durante todo o longo processo de descida, temos recebido a vida de Deus; (3) Deus trabalha providencialmente na história da humanidade, um fato de que estamos bem conscientes, se estudarmos a história e relações de Deus com os seres humanos. Estas verdades têm significado para a nossa situação atual. Da mesma forma, as regras de higiene do Antigo Testamento nos diz que Deus se preocupava com a saúde eo bem estar dos seres humanos e da importância de tomar medidas para preservar esse bem-estar. O controle de poluição e práticas alimentares de som poderia ser aplicações modernas da verdade subjacente. Para alguns analistas, isso soa como uma alegoria. Mas não estamos à procura de simbolismo, o signi fi ed espiritual oculto nas referências literais. Em vez disso, o que propomos é pedir a verdadeira razão foi dito ou declaração por escrito, em particular.

Ao fazê-lo, temos de ter cuidado e entender que nossa compreensão e interpretação são influenciados por nossas próprias circunstâncias históricas, não ser confundido fi n para identificar a maneira pela qual expressamos um ensinamento bíblico com sua essência permanente. Se não formos capazes de reconhecer isso, vamos formas absolutas, e não será capaz de se adaptar quando a situação muda. Certa vez ouvi um teólogo católico romano traçar a história das formulações da doutrina da revelação. Então ele tentou descrever a essência permanente da doutrina, e claramente e correção expressa um ponto de vista da revelação existencial, eo neoortodoxo século xx!

Importante, para encontrar essência integradora lá para estudar teologia histórica para extrair o denominador comum das diferentes formulações de uma doutrina. Em vez disso, a teologia histórica indica que todas as formulações pós-bíblicos são condicionais. É as mesmas afirmações bíblicas onde devemos extrair a essência, e os critérios continuam validade dessa essência.

6. teologia e linguagem

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Esteja ciente do significado no uso da linguagem religiosa.
- Avaliar o valor e a importância do significado na linguagem e como ele age especificamente em linguagem religiosa.
- Identificar e reconhecer o uso da análise funcional quando a linguagem é estudada.
- Examine quatro respostas para a acusação de falta de sentido, especificamente relacionados com a linguagem pessoal, a verificação escatológica, a síntese metafísica e como um meio de discernimento e compromisso.
- Examine a teoria dos atos de fala da terceira fase do século XX e suas implicações na linguagem religiosa.

Resumo do capítulo

A linguagem religiosa muitas vezes transcende a experiência sensorial, fazendo com que ela põe em causa a sua realidade. Para o pensamento moderno, que busca empírica verificação, tal linguagem pode ser insatisfatória. É verdade que a linguagem religiosa não pode ser objecto de dirigir verificação. A linguagem religiosa pode ser significativa cognitivamente através de um sistema sintético amplo. Ele funciona um pouco como uma hipótese científica para evocar a compreensão e comprometimento.

Questões de estudo

1. Por que os filósofos e teólogos fizeram estudar a língua e o significado definido?
2. O que se entende por falta de significado e como isso se relaciona com a linguagem teológica?
3. Quais são os "jogos de linguagem" e quantas vezes você usá-los?
4. Quais são os três elementos da teoria geral dos signos de Ferré?
5. Qual é o valor da teoria dos atos de fala para encontrar significado em linguagem religiosa e como você pode usá-la?

Linguagem teológica e análise de verificação: a alegação de falta de sentido

Linguagem teológica e análise funcional

Respostas à acusação de falta de sentido

Linguagem teológica como linguagem pessoal

Linguagem teológica e verificação escatológica

Linguagem teológica como síntese metafísica

Linguagem teológica como um meio de discernimento e compromisso

Teoria dos atos de fala

A igreja sempre foi preocupada com sua língua, como é no negócio de comunicação e acredita que ele tem de se comunicar é vital. Portanto, Agostinho e outros teólogos, antes mesmo de atenção seria dada à questão da natureza e do papel da linguagem teológica. No entanto, no século XX a urgência desta preocupação que tomou uma nova dimensão. Porque foi filosofia que tem sido muitas vezes o diálogo co-teologia, começou no século XX a dar primordial importância, e atenção às vezes quase exclusiva para a análise da linguagem.

Análise de linguagem teológica e verificação: a alegação de falta de sentido

No início do século XX, FILÓSOFOS COMO GE MOORE E BERTRAND RUSSELL FORAM ENVOLVIDOS NA ANÁLISE DA LINGUAGEM. Foi em parte por causa de seu interesse em matemática e lógica simbólica. No entanto, o surgimento de um movimento conhecido como positivismo lógico deu um verdadeiro impulso para o interesse pela linguagem. O positivismo lógico começou com um seminário de Moritz Schlick na Universidade de Viena em 1923. O seminário consistiu em dois grupos: praticantes e científicos interessados na filosofia da ciência e filósofos interessados em ciência. O caso de significado incidiu sobre os meios. Eles observaram que existem dois tipos básicos de proposições cognitivas. Um tipo é um demonstrações analíticas a priori, como dois mais dois é igual a quatro. Quando combinado desta forma dois ou mais tem o significado de quatro. O predicado é, por definição, dentro do sujeito da frase. Estas declarações são necessariamente verdadeiras tipo matemático, mas não dá qualquer informação sobre o mundo empírico.

A outra afirmação é mais interessante. Eles são juízos sintéticos, em que há algo no predicado que não estava contido no assunto. Um exemplo do primeiro tipo de declaração é "todos os solteiros não são casados", um exemplo do segundo tipo é "todos os solteiros são elevados." Esta não é uma tautologia, porque a definição de bacharel não há conteúdo inerente ao altura. A verdade ou a falsidade de uma declaração como essa só pode ser determinada através da análise do mundo real. Nada mais fará.

O que dá sentido a uma declaração? Analíticas a priori declarações são sem sentido, porque de si mesmas não têm termos. Mas o que dizer de juízos sintéticos a posteriori (tipo científica)? A resposta dada pelo positivismo lógico é que tais declarações não têm sentido porque há um conjunto de dados que podem ser verificados (ou assumem false). A declaração: "A pedra em minha mão esquerda pesa mais do que eu tenho à direita," faz sentido, porque você pode verificar com os dados. Se eu colocar a primeira pedra na panela esquerda de um equilíbrio e outro no prato direito, eu vou ter a experiência de ver o pires para baixo e da esquerda à direita para cima. Isto é o que se entende por "mais pesado." Isso é exatamente o que o termo significa, e é isso que todos nós queremos expressar com ele.

Não é necessário que uma declaração é verdadeira para ter significado. Pode ser falso, mas podemos especificar o que tem a favor ou contra a verdade da declaração. Também não é necessário realizar o teste, enquanto a declaração, em princípio, ser verificada por cabo. Daí a afirmação "o outro lado da lua é feita de queijo verde" fazia sentido antes mesmo de a viagem espacial tornou possível para ver que lado da lua. Embora você não pode ver o outro lado da lua, você pode especificar o que veríamos se a declaração fosse verdadeira e poderia dar uma olhada. A mera dificuldade técnica não faz o sentido declaração, ea falta de um telescópio não faria declarações sobre os anéis de Saturno não têm significado. Além disso, qualquer sistema que pretende ser sintético (ou seja, para informar sobre os fatos), mas pelo menos em princípio, não pode ser verificada por meio dos sentidos, deve ser governado para ser literalmente um disparate.

Isto significa que algumas declarações factuais falar pode ser sem sentido. Basta perceber que você pode verificar a sua verdade ou falsidade. Este princípio, conhecido como o princípio de verificação, tornou-se muito importante para os filósofos. Como resultado, muitas frases impressionantes foram demitidos como sem sentido.

William Hordern em uma pergunta um pouco de zombaria ou não uma declaração no sentido de "não há uma fada em meu relógio." É evidente que esta afirmação significa que há uma fada que senta-se dentro do meu relógio que move as mãos. Ele ainda faz o som de tique-taque, enquanto trabalhava. Se você está se perguntando como eu sei que esta afirmação é verdadeira, eu gostaria se sentem pressionados a responder. Quer isto dizer que, se eu remover a parte de trás do meu relógio eu vou ver uma fada dobrado feliz trabalhando lá? Não, porque é uma fada invisível. Isso significa que você não vai encontrar em máquinas e movimento típico? Não, meu relógio tem o mecanismo típico, porque esta fada obras de modo imanente, com máquinas típico. Então, o que essa

afirmação significa? Significa, apenas, que há uma fada em meu relógio. Provavelmente ninguém vai entender, pois não há nada que eu possa apontar e você pode jogar a favor ou contra a verdade dessa afirmação. Como não podemos verificar a sua verdade ou falsidade, não tem sentido.

Quando examinado deste modo, muitos problemas mais sérios que a filosofia tem tradicionalmente tratados agora não fazem sentido. O argumento sobre se a realidade é basicamente sentido mental ou material, já que é a discussão sobre se a realidade é composta de um ou dois princípios fundamentais. Estes problemas, pois nem todos os problemas podem ser resolvidos recorrendo a definições ou convenções, por um lado, ou a confirmação pelos outros sentidos são simplesmente pseudo. Embora pareça que pode ser debatido, adotado, como costuma acontecer, posições contrárias não pode ser resolvido. Não é que uma das posições não pode ser verdade; a dificuldade é que ambos são sem sentido.

O mesmo se aplica a muitas proposições teológicas. Embora eles podem assumir a forma de declarações sintéticos válidos são sem sentido. O que faz teologia com as suas propostas? Tomemos por exemplo, a afirmação "Deus é um Pai amoroso" ou "Deus nos ama como um pai ama seus filhos." O que isso significa? O que conta para estas afirmações são verdadeiras? E, igualmente importante, que tem de ser falsa?

John Macquarrie que um dia um homem estava atravessando a rua quando um ônibus virou a esquina e estava prestes a atropelá-lo. Ele exclamou: "Deus me ama! Porque o ônibus não me bateu "Em outra ocasião, um ônibus bateu-lhe e espancando-o, mas ele disse." Deus me ama porque o ônibus não me matar "Algum tempo depois um ônibus atropelou e matou-o .. No entanto, aqueles que o observava disse filosoficamente: Tudo o que aconteceu foi visto como prova do amor paternal de Deus "Deus o amava, porque isso levou infeliz e pecaminosa mundo.". Ele não tinha nada contra. E nessa situação nada que ele poderia contar contra ele. Com uma abordagem como essa, a afirmação "Deus é um pai amoroso" não faz sentido. Realmente não tem nenhum significado.

Pode-se pensar em outros exemplos. Tome o comunicado. "Deus responde às orações" O que significa? Será que isso significa que, se tomarmos um grupo relativamente homogêneo e se dividem em dois grupos e se reza para que as coisas que os preocupam muito e outro apenas pensar cuidadosamente sobre as coisas que eles se preocupam, os resultados são significativamente favorável para o primeiro grupo? Neste caso, não há nada para jogar contra a proposição. Porque, se o pedido não for concedida, o cristão responde normalmente: "Foi a vontade de Deus", ou "Deus respondeu, mas sua resposta não era" Qual é a diferença entre essas crenças e declarações e "há uma fada em meu relógio"? Todos eles são sem sentido.

John Sabedoria descreve sucintamente no uma parábola. Dois exploradores veio depois de uma clareira em uma floresta. A clareira estava cheia de flores e muitas ervas daninhas. Um olheiro disse: "Um jardineiro deve assistir a este lugar." O outro não penso assim. Então eles colocaram as suas tendas e observava, mas não ver qualquer jardineiro. O crente sugeriu que o jardineiro deve ser invisível. Então eles colocaram uma cerca elétrica e patrulhada com cães de caça. Eles continuaram sem encontrar o jardineiro. "Não há jardineiro", disse o cético. "Ele é invisível e intangível", respondeu o crente. "Ele não tem cheiro, sem barulho e vem secretamente para cuidar do jardim." Este é outro exemplo onde nenhuma evidência contrária é permitido. Antony Flew comenta: ". Portanto, uma hipótese ostentação [o jardineiro ou acreditar em Deus] pode ser dizimado por polegadas, a morte por mil qualificações" ¹⁰ Ou seja, uma posição que exige qualificações constantes para evitar ser falsificado (que Na verdade, não é aberta à falsificação) não faz sentido.

Esta é a situação da maior parte das propostas da teologia cristã. Obra cristã e não cristã com os mesmos dados, mas discordam sobre a sua interpretação. Como cristãos, se os teólogos ou não, eles não podem explicar o significado de suas propostas (tentar a sua

interpretação) com recursos substanciais por parte dos sentidos, estas propostas devem ser consideradas sem sentido.

O positivismo lógico é uma tentativa de estabelecer um padrão definitivo de significado para medir todos os idiomas. Com base nessa norma, os únicos usos significativos de linguagem (que o positivismo lógico chamada linguagem representacional) são o tipo ou a linguagem matemática tautológica e ciência, que está em conformidade com os princípios de verificação. Mas o que dizer de todas as proposições que aparecem na teologia cristã? Qual é o seu status?

O positivismo lógico reconhece um uso da linguagem diferente representante, dizer, a utilização expressiva ou emotiva. Aqui a linguagem realmente não descrever ou indicar qualquer coisa mas é expressão os sentimentos do falante ou escritor. Embora estas propostas podem ser gramaticalmente e, portanto, afirma aparência, eles são, na verdade, expressar sentimentos, humor, atitudes do falante. Eles são mais como "Uau!" "Viva!" "Oh!" E expressões similares. Eles não são susceptíveis de ser considerada verdadeira ou falsa. A maior parte da história da filosofia, aparentemente, tem sido uma série muito sofisticado de grunhidos e gemidos.

O que é verdade para afirmações filosóficas também para a teologia. Como não cumprir os critérios exigidos para todas as utilizações representativas de linguagem deve ser expressivo. Você pode pensar que os teólogos estão nos dizendo algo sobre como as coisas são, mas na realidade são apenas desabafando seus sentimentos. A declaração "Deus está nos observando assistir como um pai amoroso para seus filhos," parece descrever Deus. No entanto, na realidade, é apenas expressando uma calorosa e sentimentos positivos sobre o universo. Utilize este tipo de linguagem não faz mal, desde que as pessoas não se enganem e acho que ele está expressando algum feito factual. Pode ser muito catártico para o pregador e também terapêutico para os ouvintes. Esta classificação da linguagem religiosa e teológica pode ser surpreendente e angustiante para os teólogos, pregadores e crentes comuns. Eles pensaram que significava alguma coisa quando falavam. No entanto, se os pressupostos do positivismo lógico são verdadeiras, só que eles têm vindo a manifestar suas emoções.

No entanto, muitos filósofos começaram a sentir-se insatisfeito com o positivismo lógico. Houve uma certa simplicidade nesta abordagem segundo a qual todas as declarações poderiam ser classificados em uma ou outra categoria. No entanto, esta mesma simplicidade parecia artificial. Praticamente descartou muitos usos tradicionais da linguagem apesar de empregar a linguagem ética e religiosa encontrado muito útil e significativo. Eles pareciam ter estabelecido seus próprios padrões do que deveria ser a língua, e, infelizmente, no processo terminologia utilizada que não era tão descritivo ou representante como eles queriam. E que termos como "sem sentido" e "emocional" tem conotações emocionais.

Havia um outro problema básico e sério. Foi o estatuto do princípio de verificação. É uma afirmação analítica? Se assim for, é apenas uma definição, pode-se refutar dizendo simplesmente: Além disso, se uma declaração sintética, o que realmente nos diz algo que não está implícito na "Eu não vou definir o critério de importância." definição, tem de cumprir os seus próprios critérios de significância. Mas o que os dados sentido provar a verdade ou a falsidade desta proposição? Como não há nenhum, a proposta parece de uma só vez sem sentido e auto-contraditórias.

Os positivistas lógicos viu este problema e tentou responder. Ludwig Wittgenstein, por exemplo, sugeriu que as proposições de sua filosofia eram meramente esclarecimentos. É reconhecido que não faz sentido quando passa através deles, em cima delas, sobre eles. Um "deve por assim dizer jogar fora a escada, uma vez que ele foi carregado." Deve-se usar estas propostas e, em seguida, passar por cima deles. No entanto, isso pouco satisfatória. Rudolf Carnap afirmou que muitas destas propostas faz sentido, mas não especifica como. ¹⁵ AJ Ayer disse que o princípio da verificação é realmente uma definição. Mas, então, ele está sujeito às dificuldades acima referidas. Esta solução não

parece mais bem sucedidos do que os outros, com o resultado de que o positivismo lógico em sua forma original teve de ser abandonado ou sofrer uma grande mudança.

Linguagem teológica e análise funcional

Portanto filosofia analítica tornou-se um outro estágio. A forma anterior, que Frederick Ferré referida como "análise de verificação," tentou prescrever como a linguagem deve ser usada. Enquanto o caminho de volta, o que chamou de "análise funcional", tentando descrever como a linguagem é realmente utilizada. É evidente que uma vasta variedade de usos da linguagem. Estas variedades de estudo do idioma com foco em como ela surgiu e evoluiu idioma. A mentalidade do biólogo, cujo objetivo é observar e classificar, deve caracterizar o filósofo da linguagem. Essa abordagem substitui as afirmações dogmáticas do positivismo lógico por uma pergunta: "Qual é a lógica de tais declarações" Dito de outra forma, os filósofos que se concentram em pedir análise funcional: "Como pode verificar, analisar ou justificar estas declarações? Qual é o seu uso e função? Em que trabalha?"

Wittgenstein em sua última obra foi pioneira nesta área. Em suas *Investigações filosóficas* ele falou de vários "jogos de linguagem." Ele enumera esses usos variados da linguagem para dar ordens, ter um evento, inventar e contar piadas, maldição e rezar. Ele usou o termo "jogo de linguagem" para apontar o fato de que a linguagem é uma atividade. O problema com o princípio da verificação não é o critério que é adotado para o tipo de frases empíricas. O problema não é capaz de reconhecer outras formas de linguagem como um legítimo e significativo.

Um papel importante da filosofia, então, é examinar como funciona a linguagem no contexto. E, além disso, o filósofo tenta descobrir o mau uso da linguagem quando eles ocorrem. Wittgenstein diz que "problemas filosóficos surgem quando a linguagem vai de férias." As confusões que nos ocupam surgem quando a linguagem é como um motor avariado, quando não está trabalhando. ²⁰

Análise funcional usa dois métodos para elucidar as funções da linguagem que não são claras: a técnica paradigma caso ea técnica de comparação significativa. A técnica de identificação de casos, paradigma envolve um uso claro, direto da mesma palavra ou frase que não é clara. Este vai ver como a palavra ou frase que realmente funcionam estão a causar dificuldades. Por exemplo, Ferre observou que a palavra sólida pode não ser claro devido ao fato de que a ciência moderna nos diz que tudo é uma massa de cargas elétricas giram. Mas imagine paredes de pedra ou tabelas quando encontramos a palavra determinação sólida a dificuldade.

Em outra técnica, a comparação válida é comparar uma determinada frase com outras formas de linguagem ou até mesmo atividades não-verbais que desempenham a mesma função. Ferre usa o exemplo de um prefeito que diz: "A partir de agora declaro aberta esta linha de trem" (ou simplesmente "Esta linha ferroviária está agora aberto"). Embora estas afirmações parecem aparentemente relatar um fato, um exame mais próximo revelará que eles têm a mesma função que o facto de o corte de uma fita ou remover uma barreira. Na verdade, eles fizeram alguma coisa em vez de ter alguma coisa.

Para o analista funcional é evidente que os diferentes jogos de linguagem, cada um tem suas próprias regras. Os problemas surgem quando essas regras são violadas, ou quando se muda de um idioma para outro jogo sem perceber, ou quando se trata de fazer cumprir as regras de um jogo em outro. Um jogador de basquetebol tentar chutar a bola ou um time de futebol tentando chegar ao campo oposto passando a bola com as mãos estão fazendo uma transferência ilegal de um jogo para outro. O analista funcional diz que a linguagem teológica deleite sobre a criação de Deus como uma declaração sobre a origem empírica do universo está se movendo de um jogo de linguagem para outro, movendo-se a partir da linguagem teológica empírica.

Não ser capaz de reconhecer tais transições traz confusão. Por exemplo, é importante notar a mudança no uso da língua em frases como: ". Eu estava dirigindo pela rua quando um outro motorista me cruzados e me aqueceu" Alguém que não tenha notado a mudança pode pensar que "eu aquecido" É uma descrição da minha temperatura corporal. Essas mudanças ocorrem realmente é bastante frequente na linguagem cotidiana. Mix usa de um jogo linguístico com os outros é o que se chama uma transgressão de categorias. Isso leva a confusão e é um mau uso da língua.

Em vez de dizer teólogos e cristãos praticantes que é eo que faz a sua linguagem, mais tarde filósofos analíticos têm permitido teólogos para explicar a linguagem religiosa. A tarefa do filósofo é verificar a adequação da explicação, e julgar se você está usando a linguagem correta ou incorretamente, ou seja, cuidar de possíveis transgressões categoria.

Respostas à acusação de falta de sentido

Os teólogos têm reagido de formas diferentes a este desafio de clarificar o seu uso da linguagem. As críticas contra o positivismo lógico era que era demasiado restritiva para excluir alguns usos da linguagem para o senso cognitivo. Teólogos agora tem que indicar o que essas outras variedades, e tentar realmente fazer sentido. Jerry Gill, um esquema muito útil, descreveu o problema proposto empirismo lógico (ou positivismo lógico) como um silogismo:

1. A linguagem cognitiva é o senso de definição ou de natureza empírica.
2. Sem linguagem religiosa é a natureza de definição ou empírica.
3. Sem linguagem religiosa é uma linguagem com sentido cognitivo.

De acordo com Gill, existem três principais respostas a esta teólogos silogismo (naturalmente daqueles que aceitam a sua conclusão sem qualificação descartado linguagem religiosa seja um disparate):

1. Alguns aceitam a premissa ea conclusão, mas manteve que a linguagem religiosa, mas nenhum sentido cognitivo, certamente tem um significado em outro sentido.
2. Alguns rejeitam a primeira premissa, mas aceitou o segundo. Essas pessoas acreditam que a linguagem sentido cognitivo não se restringe ao analítica e empírica.
3. Outros aceitam a premissa básica, mas rejeitar o outro. Explicou que as proposições religiosas são, na realidade empírica em caráter.

Linguagem teológica como linguagem pessoal

William Horden, depois de analisar os diferentes tipos de jogos de linguagem, disse que a linguagem religiosa e teológica segue o padrão de linguagem pessoal. Não é apenas a linguagem sobre Deus é como a linguagem dos seres humanos. Pelo contrário, é que a nossa linguagem sobre Deus é *sobreposta* sobre a nossa língua sobre as outras pessoas. Como diz Hordern. "Apesar de nenhum jogo de linguagem humana pode ser traduzido em uma linguagem de Deus, o jogo de linguagem que expressa mais claramente que Deus é linguagem pessoal" Hordern insiste que a limitação positivista da linguagem é muito estreito. Entre outras coisas, exige a intersubjetividade, ou seja, evidência de que é acessível a outros.

Ao aplicar este modelo Hordern jogo linguística pessoal para sua compreensão da natureza e do papel da linguagem teológica, vire revelação. As mesmas pessoas que sabem exatamente o que eles revelam sobre si mesmos, a equipe sabe o que Deus revelou sobre Si mesmo. Estes são os atos de Deus na história e as palavras proferidas pelos profetas que constitui a auto-manifestação.

Declaração Hordern formou-se na observação importante que Deus é uma pessoa, um indivíduo, ao invés de uma coisa, um objeto. Existem dimensões de nosso conhecimento de uma pessoa que simplesmente não têm paralelo no nosso conhecimento de um objeto físico. Mas há um grande problema que faz com que nossa analogia entre o conhecimento da pessoa divina e do conhecimento dos seres humanos para quebrar. Estamos conscientes dos outros, mas vem de ter experimentado outro através dos sentidos. Eu posso saber coisas sobre você, sem você não me disse nada. Eu posso te ver, apreciar suas características físicas e ver a forma como você se comporta. Se há uma dimensão da relação que vai além da mera percepção física, pelo menos, ela surge ou está conectado com experimentado através dos sentidos. Mas o que sobre a relação Eu - Você Deus? Certamente não Hordern ou virtualmente qualquer outro cristão, teólogo ou não, afirma ter tido a experiência sensorial de Deus. Embora negando misticismo, Hordern ainda distinguido tanto a nossa experiência de Deus em nosso conhecimento dos seres humanos que o paralelismo para que a analogia se rompe. O significado da experiência de Hordern é claramente mais ampla do que a experiência sensorial sentido trabalhar com a ciência. É uma experiência de gestalt que envolve toda a pessoa. Mas a menos que Hordern ser capaz de fazer natureza claro e específico dessa experiência, parece que ele tenha cometido o pecado que ele temia a categoria filósofo analítico transgressão, a partir de uma experiência sensorial a um sentido mais amplo de experiência.

Outro problema surge com a linguagem teológica que não está na pessoa de Deus por si só. E sobre as declarações sobre a humanidade, sobre a Igreja, sobre a criação? Como podem ser obtidos a partir da relação? Sobre esse assunto, quais são os aspectos (atributos) sobre a natureza de Deus? Se conhecemos a Deus em e através do relacionamento, o que significa ter um relacionamento Eu - Você com o Deus trino? Por conseguinte, a questão da derivação de uma série de proposições teológicas merecem e necessitam de um tratamento mais completo. ¿Sem sentido essas proposições? Eles não são legítimas? Ou eles são diferentes das declarações de linguagem pessoal, seu significado estabelecido numa outra base?

Linguagem teológica e escatológica verificação

John Hick aceitou o princípio de verificação e queria manter o significado da linguagem do cristianismo através da introdução do conceito de "verificação escatológica." Mesmo agora, nós não temos nenhuma verificação de nossas proposições teológicas, teremos um dia. Se existe vida após a morte, a experiência vontade. Portanto, em proposições teológicas princípio eles são empiricamente verificável e, portanto, têm um significado. Tudo que você precisa fazer para verificar deles está morrendo, se estamos dispostos a dar esse passo. É certo que, em muitos aspectos Hick feita uma alternativa genuinamente criativo. No entanto, existem algumas dificuldades conceituais aqui. O que significa falar de este aspecto escatológico como algo empírico? Como nós temos experiência sensorial de Deus no futuro, se não temos agora? E qual é a natureza da condição física que vai acontecer? As dificuldades conceituais parece grande o suficiente para torná-lo preferível alargar o conceito de experiência, em vez de argumentar que a verificação empírica será no futuro.

Há duas outras tentativas significativas para reivindicar um status empírico para a teologia. Um afeta o esquema de síntese teológica e metafísica cristã; a outra afeta o esquema teológico como um meio de discernimento e compromisso. Juntos, eles são uma grande ajuda para responder à acusação de que a linguagem teológica não é empírica e, portanto, não tem nenhum significado cognitivo.

Linguagem teológica como síntese metafísica

Frederick Ferre insistiu que o cristianismo é cognitiva, isto é, que o estatuto da verdade de seus dogmas é determinável. Mas devemos perguntar o que isso significa. Se o discurso teológico relaciona-se com a verdade, para um estado de coisas, feito de algum tipo, como você? Qual é a natureza desses fatos? Não apenas lidar com eventos naturais, que podem ser expressas em frases de betão simples como é o peso específico do chumbo é maior do que a gravidade específica da água. Em vez disso, a referência aos símbolos da teologia é um fato metafísico de algum tipo. A natureza da metafísica é a *síntese* conceitual. E um fato metafísico, então, é um conceito que desempenha um papel fundamental dentro desse sistema.

É necessária uma nova explicação. É uma visão de mundo metafísico. E todo mundo tem uma visão de mundo, porque todo mundo tem uma idéia do que é a realidade. Uma cosmovisão é um sistema que liga as diferentes experiências que temos. É a estrutura que nos permite trabalhar fazendo sentido de múltiplas experiências. É toda a realidade que as regras e estratégias para eventos de futebol são, por vezes, confuso e aparentemente contraditório que pode ocorrer em um jogo.

Imagine uma pessoa assistir a um jogo de futebol pela primeira vez sem receber qualquer explicação para esse esporte. Quando a bola é batida, às vezes os jogadores são lançados sobre ela desesperadamente. Às vezes, a bola é batida e todos os jogadores estão em torno de vê-lo subir. O que está acontecendo? Às vezes parece que todo mundo quer a bola; às vezes ninguém quer. Quando ambas as equipes estão alinhadas frente um do outro, um jogador se inclina sobre um outro, que, em seguida, leva a bola entre as pernas do arremesso passa-lo de volta para o primeiro depois que ele chorou muitos números. O movimento subsequente do jogador é errática e imprevisível. Às vezes abraça a bola com força, como o ouro, ou passa-a para um companheiro de equipe que pega com tenacidade. Outras vezes, no entanto, corre de volta e jogar a bola tão rápido e tão longe quanto possível, dando a impressão de que a bola vai queimar suas mãos. O espectador pode estar se perguntando o que está acontecendo. Mas há uma explicação que faz sentido a essa confusão lá fora no campo. Eles são as regras ea estratégia geral do futebol. Há um padrão no que está acontecendo no campo fazendo tudo isso um todo coerente.

As regras do futebol são ao que acontece no campo de futebol, o que é uma visão de mundo para as várias experiências de vida. É uma tentativa de trazê-los juntos em um padrão que permite que o indivíduo para funcionar de uma forma razoável, para saber o que está acontecendo e agir em conformidade. Consciente ou inconscientemente, forma simples ou sofisticadas, todos nós temos uma visão de mundo. Ferré e sustenta que, apesar de o diferencial negativo, não só é possível e necessário fazer essa síntese, é possível avaliar, dizendo que são preferíveis aos outros. Ele sugere critérios para avaliar a maneira em que a síntese está relacionada com os factos resumidos.

Ferre desenvolver uma teoria geral de sinais (neste caso, as unidades que constituem a síntese de voz), a seguir e, em alguns casos adaptando o regime de Charles W. Morris. Há três elementos envolvidos. É a relação entre o sinal e seu referente, ou semântica. Embora este termo é comumente usado para se referir a toda a teoria dos signos, é útil estar ciente de sua importância reduzida. É a relação entre vários sinais dentro de um sistema, ou sintaxe. Há também a relação entre o sinal e o intérprete, ou como chamado Ferre interpretica.³⁰ (Morris tinha usado o termo pragmático, que me parece preferível.) Ao tratar a teologia cristã como uma síntese metafísica conceptual está se referindo Ferré a sua dimensão semântica. No entanto, para avaliar a adequação de sua semântica, as outras duas dimensões também caem.

Ferre é provavelmente apropriado falar de "scoring" sistemas metafísicos, refletindo a mentalidade com que você se aproxima da tarefa. Sistemas metafísicos mais cedo, muitas vezes procuraram provar a veracidade de seu sistema e refutar concorrentes. Ferré vê a tarefa como sendo as preferências como claros, nem tão categóricas. Todos os sistemas metafísicos ter alguma legitimidade e apelar todos têm pontos fortes e fracos. A questão é que tem mais pontos fortes e pontos fracos menos do que os outros.

Ferre sugere dois tipos de critérios, com dois critérios em cada classe. As aulas são critérios internos e externos. O primeiro se relacionam particularmente com a dimensão sintática, as relações entre os sinais, enquanto o último se relacionam com a semântica mais rigorosas. O primeiro critério é a compatibilidade interna, a ausência de contradição lógica entre os símbolos do sistema. Este curso é um teste negativo. Incompatibilidade é um demérito gritante, mas, como observou Ferre, poucos grande síntese metafísica são facilmente vulnerável a essa acusação. Ele assume essa postura contra alguns pensadores cristãos e alguns sistemas de pensamento que parecem ter prazer em paradoxo. Veja compatibilidade como uma característica da teologia sistemática em contraste com o que ele chama: ". A teologia 'Bíblia' muitas vezes apoiados por lógica paradoxal da obediência" Em última análise, todos acham que é impossível acreditar que uma declaração ou posição contraditória eo simples razão de que o seu significado não pode ser determinado. Cedo ou tarde, todos tentando se manter em contato com a realidade, ou comunicar materiais cognitivas, tornam-se racionalistas no sentido de acreditar que duas declarações contraditórias não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo e da mesma forma. A compatibilidade é, como observado Ferre, uma condição necessária, mas não suficiente para a aceitação do sistema metafísico. Ou seja, um sistema não pode ser considerada verdadeira se não é suportado, mas pode ser falsa mesmo que seja.

O segundo critério é a consistência interna. Não é suficiente que os símbolos de um sistema são compatíveis. A ausência de contradição pode ser devido a que as demonstrações não estão relacionadas. Por exemplo, considere os três seguintes afirmações: ele aumentou o preço de bananas no supermercado; o vento soprando do leste, esta manhã; meu cachorro está dormindo em um canto da sala. As três frases pode ser verdade. Não há incompatibilidade lógica entre eles. Mas não há nenhuma coerência. Simplesmente são três frases isoladas e independentes. Coerência significa unidade genuína, uma inter-relação entre os componentes de um sistema. Isto é particularmente importante em um sistema metafísico, que é um esquema geral ilimitada. Não deve haver nenhuma fragmentação no interior do sistema.

Alguns tentaram fazer estes critérios internos como a única base para a avaliação de uma teoria. Isso aconteceu especialmente com certa idealista, e, em certa medida, o filósofo cristão conservador do século XX Gordon Haddon Clark. No entanto, se o cristianismo tem de ser julgado empiricamente a fazer sentido também deve atender aos critérios externos. Se não, o sistema pode se referir apenas ao que Morris chama designata (possíveis expressões de problemas) e não a denotata (expressões reais de negócios). Tal sistema seria como uma história fictícia, ela só faz sentido porque há questões reais.³⁶

O primeiro critério é aplicável externo. Síntese "deve ser capaz de acender algumas experiências de forma natural e sem distorção." Deveria "soa como verdade" na vida. Deve corresponder à realidade e servem para explicar. Ele descreve o que deve ser descrito corretamente. Por exemplo, a inclusão (dentro de uma visão de mundo) de um modo de compreender o ser humano como uma unidade psicossomática deve refletir o que acontece com as emoções de alguém quando você está cansado, com fome ou doente. A síntese tem aplicabilidade direta a uma situação específica. Mas, além disso existe um segundo critério externo, a adequação. Uma vez que se pretende que uma visão de mundo ser uma *síntese* conceito em teoria, você deve ser capaz de explicar *todos* os possíveis experiências. Um ponto de vista que pode trazer muitas experiências com menos distorções do que um ponto de vista alternativo deve ter um grau mais elevado e, portanto, ser consideradas preferíveis para outro. Em uma aula de psicologia durante meus anos de faculdade, ele pediu um professor comportamental sua opinião estudos de PES da Universidade de Duke. Sua resposta: ". Estes dados não caem dentro do nosso quadro de referência, então ignorá-los" Seu quadro de referência necessário para ser prorrogado, uma vez que não poderia cobrir todos os tipos de experiências possíveis. Um naturalista pode ter uma teoria muito coerente do que um ser humano, mas essa teoria pode ser testada por sentimentos produzidos por ele para ser pai pela primeira vez. Como

diz Ferre, cosmovisão adequada pode, com base em seus conceitos-chave, interpretar a experiência todo "sem ignorar, distorcer ou justificar."

Se uma visão de mundo particular não atender a esses critérios devemos reivindicar o sistema certo? Se lança mais luz sobre a nossa experiência - moral, sensorial, estética e religiosa - do que os modelos alternativos, não devemos concluir que a própria realidade é descrito e interpretado melhor por este modelo em particular?

Nós não estamos falando apenas de um modelo teórico. O sistema que temos em mente tem um relacionamento prático com o seu perito ou intérprete. O conteúdo da síntese metafísica encontrado no sistema da teologia cristã tem um grande poder de afetar a pessoa que o conhece. Tem, como diz Ferre, imenso significado, este modelo de amor criativo, pessoal e auto-doação do próprio Jesus Cristo. Ele oferece a promessa de perdão, propósito, orientação e mais de toda a vida humana. Isto não é para defender o pragmatismo, a filosofia de que algo é verdadeiro porque funciona. Mas é razoável acreditar que, se uma coisa é certa, vai praticar.

Finalmente, deve notar-se que a natureza da descrição da realidade que é uma síntese em conceitual não é o mesmo que presente em demonstrações científicas ou declarações de protocolos empíricos como o "o livro está na cadeira." relação entre linguagem e referente nem sempre são óbvias. À medida que o significado de uma "verdade" está relacionado com o sistema de interpretação na qual está colocada, nem sempre é possível determinar o significado de cada símbolo individual, isolado do sistema, independentemente ou verificar todas as proposições. Mas na medida em que o show todos têm significado e cada afirmação é consistente com o todo, cada parte também tem significado.⁴¹

Nos últimos anos, tem havido uma crítica contra essa abordagem é que ele assume que certos critérios universalmente aceites ou objetivo. Em vez disso, dizem os opositores, não podemos encontrar qualquer ponto neutro, sem perspectiva de que para fazer esse tipo de avaliação. Embora o espaço que temos não permite um argumento completo aqui, poderíamos dizer que, na prática, mesmo em um nível pré-reflexiva, esses critérios são amplamente utilizados por aqueles que estão preocupados com questões de verdade. Pode ser semelhante ao que David Ray Griffin chama de "noções irreduzíveis de senso comum."

Portanto, a nossa visão sobre isso é que a linguagem da teologia cristã tem sentido cognitivo como o status de seu ensino é a de um sistema metafísico. É verdade pode ser testada por aplicação de vários tipos de critérios. A demonstração de que o sistema teológico cristão cumpre estes critérios é a tarefa da apologética, e, portanto, vai além do escopo deste livro. Quando você faz as premissas fundamentais enunciados no Capítulo 1 (Deus ea sua auto-revelação) e prepara o sistema que decorre logicamente que o orçamento, este sistema pode ser considerado como tendo significado cognitivo.

Linguagem teológica como um meio de discernimento e compromisso

Ferre fez todos os tipos de proposições religiosas são dignos olhando com significado cognitivo como sinais de uma síntese metafísica. Mas o problema do significado das proposições religiosas individuais continua. Embora o significado dessas proposições depende de sua relação com todo o sistema, ainda há o problema de compreensão que eles estão dizendo. Como podemos avaliar a aplicabilidade e adequação dos componentes de um sistema sem saber precisamente quais componentes estão dizendo? O problema aqui é em muitos aspectos, paralelo ao dito Kai Nielsen fideism. Fideísmo diz certos princípios que devemos aceitar pela fé. No entanto, se não podemos compreender esses princípios, não podemos saber o que temos de aceitar pela fé.

Ian Ramsey diz que a linguagem religiosa não é um conjunto de etiquetas para um conjunto de factos objectivos, cujo significado completo pode ser percebida imediatamente por passantes. Na verdade, existem dois níveis de significado. Um deles é

a referência empírica de que está na superfície e pode entender rapidamente. A outra é um significado mais profundo, o que é objectivamente existe, mas deve ser removido.

Ramsey dá inúmeros exemplos do que ele chama de "perceber", "fez a luz" ou "quebrar o gelo." Ele está se referindo a situações em que um segundo nível de significado se torna aparente quando um de mudanças de perspectiva. Gestalt psicologia oferece uma imagem irônico disso.⁴⁶

Outros exemplos vêm à mente. Às vezes parece que estamos vendo uma escada reversível (ver Figura 2) a partir de cima, às vezes por baixo. Quando visto de uma perspectiva, o outro não é evidente; no entanto, é objetivamente lá. Outro exemplo é a imagem pato-coelho (ver Figura 3). À primeira vista claramente se parece com um pato. Mas, se virar a página um pouco, vemos um coelho. Os dois estão ali objetivamente, mas apenas ver um de cada vez.

Figura 2

Figura 3

Em cada caso, você tem que encontrar mais de um significado, mas deve ter discernimento para ver o segundo significado. Não é óbvio para todos. Qualquer um que tenha tentado ensinar matemática para crianças do ensino fundamental sabem que devem produzir um processo de discernimento, mas a verdade é objetivamente presente. Outro exemplo é a experiência de ver um mosaico de perto e ver apenas as partes individuais e depois passo para trás e ver o todo.

A linguagem religiosa é muito parecido com este. Existem duas perspectivas, dois níveis de significado. A linguagem tem uma referência empírica também expressa uma situação objectiva, que não é aparente. Um exemplo é o novo nascimento. A palavra nascimento, compreendeu imediatamente ao nível sensorial, é qualificado ou modificados de forma estranhamente lógicas. Portanto, ele é usado para significar algo mais do que o mero significado literal do sinal. Se a linguagem escrita cumpre com sucesso os propósitos do autor, imediatamente evocar o discernimento de "algo mais". Mas outra coisa era sempre objetivamente presente. Linguagem teológica assemelha-se a expressão "as marchas do exército em seu estômago." Se tomarmos isso literalmente, podemos conceber o exército como uma espécie de estranho animal, um cruzamento entre uma cobra e dachshund. Isto, naturalmente, é ridículo, mas não é um objectivo significado que o termo se refere. Estranhos eliminatórias nos ajudar a discernir o significado.

O que tudo isso sugere é que a linguagem religiosa é baseada em referências empíricas, mas estranhos métodos usados para conduzir os leitores ou ouvintes a compreender o significado completo. Isso fará com que qualquer transgressão necessário para transmitir o significado que você não pode revelar simplesmente por uma exegese do significado literal. Portanto, quando se refere à Trindade pode-se encontrar útil para usar a gramática defeituosa como "Ele é três" e "eles é uma delas." Ou você pode usar enigmas, trocadilhos, analogias, ilustrações "bordas sting", por assim dizer, o significado mais profundo e completo, na esperança de que a introspecção ocorre. Neste ponto, devemos reiterar a ênfase de Ramsey que este não é o subjetivismo. O objetivo pleno significado está sempre presente, mas não obviamente.

Você deve adicionar um elemento para a análise de Ramsey. O discernimento do orador deve ser atribuído à obra iluminadora do Espírito Santo. Portanto, para trazer uma visão em outro, o cristão pode confiar e utilizar a assistência do Espírito Santo.

Note-se que o propósito da linguagem não é apenas uma discriminação religiosa. Ele também tenta comprometer. Aqui nós apresentamos um elemento pensamento comum Ferré e muitos outros.⁵¹ A linguagem religiosa, pelo menos da religião cristã, não é

meramente informativo. O verdadeiro cristianismo está presente somente quando o compromisso está presente, como é um compromisso total. O processo de discernimento é um meio e uma necessária condição para tal fim.

Para resumir: nós rejeitamos os critérios estritos de significado propostas pelo positivismo lógico. No entanto, mantivemos que, embora o conhecimento não só é conseguida através de experiências sensoriais (há uma revelação direta de Deus para os seres humanos), o seu significado é conseguido com uma base empírica. O significado está nos símbolos que à primeira vista se refere a experiências sensoriais. Mas o significado da linguagem teológica vai além de qualquer coisa literal nesses símbolos. Como Ramsey manter esse mesmo significado que é objectivamente presente nos símbolos, que é necessário para discernir. Ele não pode ser removido por um processo estritamente cientista. Vimos que Hordern chega à mesma conclusão, mas a partir de um ângulo ligeiramente diferente. Afirma que a linguagem religiosa é basicamente pessoal e, portanto, não se presta facilmente à análise científica. E, no entanto, como evidenciado Ferre, proposições de linguagem religiosa tem cognitivo ed significante, e não como declarações isoladas do fato de que as referências a experiência sensorial, mas como partes de um vasto síntese metafísica.

Teoria dos atos de fala

A terceira etapa do significado filosófico tratamento da linguagem do século XX, A TEORIA DOS ATOS DE FALA, DEVE SUAS ORIGENS À JOHN AUSTIN. Ele começou a questionar a filosofia duradoura pressuposto de que dizer alguma coisa, pelo menos nos casos vale a pena considerar, é para expressar algo. Consequentemente, Austin procurou examinar certas formas de discurso que não se encaixam as categorias desenvolvidas por filósofos analíticos até agora. Inicialmente focada em declarações que ele chamou de performativo, como fazem os votos, fazer uma aposta, nomeando algo, ou fazer um testamento. Você tinha que distingui-los constantivos afirmações, declarando que havia algo de verdadeiro ou falso.⁵³ No entanto, logo mostrou que esta distinção foi insuficiente. Você não poderia realmente manter, já que a idéia de que as declarações podem ser considerados todos os outros actos que as ações tinham de ser consideradas e analisadas de acordo com o tipo de actos que foram estendidos a partir de enunciados performativos.

John Searle tomou esta análise ainda mais. Afirma: "A unidade de comunicação lingüística não é, como geralmente se supõe, o símbolo, a palavra ou frase, ou mesmo a dica da palavra, símbolo ou frase, mas a produção ou difusão do símbolo, a palavra ou frase na execução do ato da fala "Austin teve classi fi cados atos de fala em três grupos .:

1. locutório ", bem como uma certa frase para expressar um sentido ou referência, o que novamente é muito semelhante ao" sentido "no sentido tradicional."
2. ilocutória 'age como relatórios, a ordem, o aviso prévio, cometer, etc., isto é, declarações que alguma força (convencionais). "
3. perlocucionário: o que queremos dizer por dizer algo ou obter, como convencer, persuadir, dissuadir ".

Searle modi fi cado esta lista. Seus tipos de agrupamento de atos de fala foi:

1. Atos declarativa: dizer palavras
2. Atos proposicionais: referem-se a pregar
3. ilocutivos Atos: expressar, pedir, pedir, prometer e similares.

Nestes esquemas, e aqueles desenvolvidos por Recanati e outros, a ênfase é sobre o que você está tentando obter sons falados. Searle também distingue tipos de declarações no sentido de a forma de palavras e do mundo. Alguns, como a afirmações, destinam-se a fazer as palavras se ajustar ao mundo. Outros, como as promessas e comandos, tentar

fazer com que o mundo se encaixam as palavras. Algo semelhante acontece com a distinção de Austin entre significado e poder de expressão.

Esse tipo de classificação leva a mais ampla para a afirmação de um ato de fala que os campos simplesmente verdadeiras ou falsas. Austin usa a idéia de felizes e infelizes. Lá, em sua opinião, seis regras que regem os atos de fala, e uma declaração de que pode "falhar" ou "dar errado" não satisfaz uma ou mais dessas regras. Por exemplo, "algum procedimento convencional aceitou ter um certo efeito convencional" deve existir, eo procedimento a ser usado com o direito e nas circunstâncias pessoas certas. A falha em qualquer desses aspectos é infelicidade. Assim, devemos falar sobre resultados de "feliz" ou expressões "infeliz".

Mas é este ponto de vista pode ser útil para tratar a linguagem religiosa? Alguns teólogos e hermenêutica encontrado útil, mesmo que adapta ao uso da língua escrita, como encontrada na Bíblia. Talvez o uso mais difundido até agora é o Jame McClendon e James Smith. Eles resumem sua tese central da seguinte forma: "**falar**, falar, falar, no sentido de dizer algo é uma maneira de agir significativa, é para ser entendido como os meios de câtions crucial do ato de falar (o" ato ilocucionário " Austin), e não no sentido do ato sentencial ou ato perlocucionário. Definir certos princípios: (1) O ponto de partida é o que os membros de comunidades religiosas, especialmente, dizem uns aos outros. (2) Para determinar o significado destes atos de fala, a evidência crucial é o testemunho da comunidade, tal como expresso nas suas práticas, especialmente a linguagem. (3) As categorias de afirmações utilizadas para são ditadas pelos tipos de expressões que têm na sua comunidade. (4) Estas normas adequadas, de uma comunidade são necessariamente apropriado em outro.⁶⁰

McClendon e Smith, em seguida, enfrentar o problema da existência ou não os critérios que podem ser usados para avaliar as declarações em várias comunidades religiosas, evitando, portanto, a possibilidade de mero relativismo. Isso os obriga a buscar esses critérios. Eles sustentam que não há nenhuma razão, sem perspectiva. Todo o raciocínio é feito a partir de uma posição de condenação. Depois de rejeitar os tipos tradicionais de evidências sugerem que, embora ele não pode fornecer uma apologética para nossas convicções, há um processo para a justificação de crenças, e pode identificar certas linhas de justificação. Isto inclui linhas como beleza, paz, amor, justiça e santidade. Ilustrar o processo no que diz respeito a um destes eixos, realmente. Embora seja apenas contingente que os seres humanos alcançar acordos tão frequentemente como eles fazem, estes acordos gerais, como não estar satisfeito com a incoerência manifesta, pelo menos, um nível prático, teste de tornar-se para a justificação, mesmo que ele não é um provas conclusivas. No entanto, se o ato de fala que estão tentando ter como ilocução tentativa de desarmar o relativismo religioso, o bastante vago ed quali fi esforço e continuamente parece ser infeliz.

Anthony Thiselton especialmente aplicou a teoria dos atos de fala para a prática de hermenêutica. Pegar a idéia da função ilocutória da linguagem, e refere-se particularmente ao papel da promessa tornando o mundo caber a palavra. Aim utiliza directivas de línguas, de agradecer, e outras manifestações performativas que não deixam implicação ou alterar o alto-falante eo ouvinte. Ele acredita que o uso da teoria dos atos de fala nos permite descobrir o verdadeiro significado de algumas passagens das Escrituras que de outro modo seriam estranhos.

Finalmente, devemos examinar brevemente o tratamento que faz com que Kevin Vanhoozer da teoria dos atos de fala. Ao modificar as categorias de Searle, analisa atos de fala de acordo com quatro fatores:

1. Proposição - Made - Tópico
2. Finalidade - Função - Intenção
3. Presença - Form - Encarnação
4. Power - Force - ilocução

Isto significa que:

1. Todo o texto é sobre algo, propõe algo a ser levado em consideração.
2. Normalmente, há uma tentativa de comunicar alguma coisa.
3. Um autor procura expressar adequadamente por este propósito.
4. O poder ou a força do texto depende desses três fatores anteriores.

Algumas implicações teológicas dessas considerações ocorrer. Deus se revela na Bíblia através de atos de fala registrados, e não deve fazer juízos a priori sobre o tipo de gêneros eles devem usar ou usados. As Escrituras fazer muitas coisas, pelo que a sua autoridade é multifacetada. Isto significa que não devemos restringir a ideia transmitida pela palavra *infalibilidade* único discurso atua para afirmativos fi. Fazendo *infalibilidade* um subconjunto da palavra *infalibilidade*, *ele acredita fi cados historicamente signi ca que agora significa infalibilidade argumenta em favor da infalibilidade de todos os atos de fala divina, o que significa que qualquer que seja a sua finalidade, não deixa de obtê-lo*. Isso não significa que a resposta é sempre positiva, mas a comunicação é sempre feliz ou cumprido os termos de um acto adequado de falar, seja qual for ilocução. No entanto, este não é simplesmente corresponder a *infalibilidade* com o que alguns chamaram de "infalibilidade de propósito." Neste caso, a *infalibilidade* do ato de fala ilocutória depende de que algo é verdadeiro.

Parece que a teoria dos atos de fala pode resultarnos útil, lembrando a variedade de gêneros da Bíblia, as suas diferentes finalidades e os diferentes elementos envolvidos na comunicação. Desde que não caia na armadilha de fazer todo o sentido em convenções de uma comunidade particular, é bastante compatível com a compreensão evangélica da natureza da teologia e da autoridade bíblica.

7. Pós-modernismo e teologia

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Resuma os dois períodos imediatamente anteriores ao período pós-moderna.
- Comparar e contrastar o período pós-moderna com os dois períodos anteriores e descrever a importância do período pós-moderna.
- Identificar e explicar teologia para responder a uma sociedade pós-moderna e avaliar a importância de cada um.
- Reconhecer que a cultura e pensamento pós-moderno, eventualmente, modi fi cado e deve ser tratada pela teologia futuro.

Resumo do capítulo

Modernismo, com sua "crença na racionalidade do universo", tem sido a marca do século xx. Hoje, porém, há uma crescente insatisfação com o ponto de vista moderno. O resultado foi o surgimento de um movimento pós-moderno, que afeta todas as áreas do campo intelectual, incluindo teologia. É importante para os cristãos a compreender o pós-modernismo e construir uma teologia que evidencia um reconhecimento e uma resposta a ela. Alguns aspectos do pós-modernismo são compatíveis com a teologia cristã e apoio bíblico, mas outros são antagônicos. A teologia cristã tem de apoiar e utilizar a primeira rejeição deste último.

Questões de estudo

1. O que significa a palavra *teleológica* e qual a sua importância?
2. Rever as características de modernidade em influência como a teologia afetados durante o período caracterizado como "moderno"?
3. Em comparação com os pensamentos e ideais dos físicos e filósofos do período moderno em perspectiva que mudanças ocorridas no período pós-moderno?
4. Tendo em conta os valores e a moral da era pós-moderna com o que você acha que eles vão enfrentar os teólogos da era "pós-moderna"?
5. Como devemos desenvolver uma crítica responsável do pós-modernismo radical?

Definir o pós-modernismo

- Premodernism
- Modernismo
- A insatisfação com o modernismo
- O pós-modernismo radical
- Tipos de teologia pós-moderna
- Fazer teologia na era pós-moderna
- Crítica radical do pós-modernismo
- Princípios para uma teologia pós-moderna positivo

Uma pergunta que não tenha sido feita com frequência na teologia é o quanto ele é, ou deveria ser, pós-moderna. No entanto, ele fez uma pergunta semelhante, mas um pouco diferente. Isto é devido a um desenvolvimento anormal. Geralmente é usado como um adjetivo sinônimo moderno e contemporâneo. Portanto, o moderno designa o que foi mais recente. Embora o que é moderno pode mudar, a modernidade ainda é o mais recente. Em certo sentido, a modernidade não pode desaparecer, ele só pode alterar o conteúdo.

Definir o pós-modernismo

No entanto, mais recentemente, tem havido uma mudança, mesmo no significado da palavra moderna. Em vez de indicar o mais recente e corrente, ele começou a marcar um período de tempo e a ideologia particular associado com ele. Por exemplo Thomas Oden as datas do período moderno de um especificamente e precisa: o período entre 1789 e 1989, a partir da tomada da Bastilha francês, até a queda do Muro de Berlim. Existe um consenso generalizado de que este período intelectualmente pode ser caracterizada por um certo número de qualidades. Ele também concorda que este período e essa ideologia, pelo menos em suas formas mais extremas e puras, está se tornando menos dominante e já pode estar desatualizado. O pós-modernismo, de acordo com esta análise, é o que se passou, em termos cronológicos e dominação intelectual.

Se entendermos o pós-modernismo, devemos primeiro entender os dois períodos que precederam, ou seja, a pré-moderna e moderna. Estes dois períodos têm alguns pontos em comum, mas também são discordam fundamentalmente sobre muitos outros.

Premodernism

O período pré-moderno foi caracterizado por uma crença na racionalidade do universo. Acredita-se geralmente em um universo dupla, ou em um sentido no sobrenatural ou pelo menos extranatural. A realidade não se restringiu ao sistema observável conhecido como natureza. Essa crença muitas vezes tomou a forma de um

supernaturalism religiosa: o mundo foi criado e mantido por Deus, como na tradição cristã, ou, pelo menos, por trás ou além da natureza existe algum tipo de seres espirituais, como em alguns politeísmos e pantheisms. De qualquer forma, não é mais a realidade do que o meramente visível. Em variantes não-religiosos, ainda há algo que vai além dos fenômenos observáveis. A visão mais proeminente é de hylomorfismo de Platão, em que a maioria real é o que não é visto, especificamente as idéias ou formas, das quais derivam sua existência e realidade todas as coisas particulares que participam neles.

Além disso, do ponto de vista pré-moderno era teleológica. Acredita-se que havia um efeito no universo. Toda a criação, incluindo os seres humanos, porque não havia um propósito para sua existência cumprida. Na tradição religiosa ocidental acredita-se que Deus tinha um propósito com a criação e que nós e tudo o mais eram meios para cumprir esses objetivos. Tinha que haver uma razão para as coisas, e estes não foram explicados apenas com um "para" (causas e finalidade), mas com um "a favor" ou "para que" (finalidade causa).

Acreditava-se também que a história era verdadeira padrão. A história da vida no mundo era uma história que estava indo a algum lugar. Acreditava-se que este padrão esteve presente porque ele havia infundido na história um propósito ou direção do lado de fora, no caso do Cristianismo, pela vontade de Deus. Movendo em direção a um objetivo que estava fora de si mesma, e, portanto, poderia descobrir o sentido da vida se isso vai ser descoberto, esse objetivo ou aquele padrão e nossas vidas pessoais e nossas ações estão alinhadas com ele.

Em premodernism eles poderiam apreciar alguns conceitos metafísicos e epistemológicos. Um deles era um realismo básico, em que expressa a existência objetiva do mundo físico. O mundo existe independentemente de haver ou não percebido por alguém. Além disso, há uma teoria da correspondência de verdade. Ou seja, as proposições são verdadeiras, se eles descrevem as realidades que elas pretendem descrever corretamente, e se o fizerem, são falsas. Este é envolvido com compreensão referencial da linguagem. A linguagem não se refere apenas a uma outra língua, também a algo extralinguístico.

Modernismo

O período moderno tinha alguns pontos de acordo com a abordagem pré-moderna, mas também algumas diferenças significativas. Compartilhado com ele a crença na realidade objetiva do mundo físico, a natureza referencial da linguagem, ea teoria da verdade como correspondência. Acreditava-se que a história tinha um padrão razoável, o que poderia ser discernida através de um estudo cuidadoso. No entanto, quando perguntado sobre a razão ou explicação destes conceitos é quando surgem as diferenças entre estes dois pontos de vista. Embora o corpo de transição duas ideologias foi longo e gradual, estas diferenças tornaram-se cada vez mais evidente. Basicamente, o modernismo manteve a concepção do mundo, mas eliminou sua base sobrenatural ou pelo menos extranatural. Portanto, o dualismo vertical é substituído pelo dualismo horizontal, em que o significado ou a causa estava dentro ou por trás do mundo natural, em vez além ou acima dele. O padrão da história se encontra no seu interior, e não para além dela. Os eventos são explicados pelas realidades sociais que os causam, e não de acordo com o propósito de um Deus transcendente. Da mesma forma, a causa é considerado eficiente e não final. Nenhum propósito para o qual algo existe ou acontece. Existem apenas causas que levam a tais eventos.

O pensamento moderno coloca uma forte ênfase na racionalidade e certeza. Isto é claramente mostrado no pensamento de um homem a quem muitos consideram o fundador do modernismo: René Descartes. Matemática como era, Descartes buscou na filosofia a mesma certeza de ser encontrado em matemática. Ele decidiu duvidar de tudo que podia. No entanto, ele descobriu uma coisa que ela não podia duvidar de sua própria

capacidade de duvidar. Por isso tinha um ponto forte do que para avançar para tentar descobrir outras religiões. Na verdade, os críticos apontam que ele inadvertidamente introduziu alguma velado em seu discurso de abertura. Em vez de dizer, "Eu duvido," eu deveria ter dito. "Doubt está acontecendo" A aplicação de um auto que estava duvidando foi um passo ilegítimo. No entanto, este é o fundamentalismo, uma característica comum do pensamento moderno: o pensamento baseado em alguns princípios incontestáveis e evidentes, a partir do qual o raciocínio pode começar a agir.

Outro filósofo que contribuiu muito para a visão moderna foi Immanuel Kant. Investigando a natureza do conhecimento e como ela é adquirida, Kant concluiu que existem dois elementos necessários em qualquer conhecimento teórico. Deve haver uma experiência sensorial, para fornecer os dados a partir dos quais o conhecimento é produzido. No entanto, também deve ser a estrutura lógica ou racional da mente, que organiza os dados, fornecendo a unidade de dados complexos e elementos de ligação em sequência e causa. Nós nunca sabemos os objetos do conhecimento como elas realmente são (noumena), só que eles aparecem para saber como nós (fenômenos). Portanto, Kant substituiu o dualismo vertical do período pré-moderno (um Deus ou um reino de pura acima ou além dos conceitos do mundo tangíveis e visíveis) por um dualismo horizontal (objetos reais além de nossa experiência sensorial). Como não temos experiência sensorial de Deus não pode ser objeto de teórica (ou "razão pura", como ele chamava Kant) razão. No entanto, deve ser apresentada como uma necessidade prática para o moral. A razão prática precisa de Deus, mas como um objeto de fé, não testada pela razão. Por isso, um dualismo entre a razão epistemológica (ciência, história e outras disciplinas intelectuais) e de fé (religião) foi introduzido.

Um terceiro acontecimento foi o surgimento da ciência moderna, relacionado com o pensamento de Bacon e exemplificados mais plenamente em Newton. Isto introduz a idéia de que o conhecimento real vem o processo de observação e análise de que a ciência se desenvolve como um todo empírica. Parte da justificativa do método científico é através da tecnologia, que é a aplicação da ciência pura para assuntos práticos. As realizações neste sido realmente incrível. Comunicações, transportes e da medicina têm feito grandes progressos. Os benefícios destes desenvolvimentos na multiplicação da riqueza humana, a cura das doenças ea redução das distâncias de separação entre os seres humanos, era uma justificativa dramática que a teologia ea filosofia simplesmente não poderia começar a partida. A idéia de que a própria natureza está contido, de modo que você não precisa de recorrer a qualquer coisa fora dele para explicar, parece ter trazido generosamente.

Uma das descrições mais perspicazes do início do período moderno é John Herman Randall *Making of a mente moderna* (Desenvolvimento da mente moderna). Neste livro podemos tirar algumas características da modernidade.

1. O modernismo era essencialmente humanista. O ser humano é o centro da realidade e, em um sentido tudo o que há para o bem. Em um período anterior, pensava-se que Deus era o objeto central e supremo. Sua vontade era o que ele tinha que fazer e também determinou que aconteceu. Este foi além do controle humano, um conceito que ainda persiste em que as empresas de seguros chamam de "atos de Deus". No entanto, no período moderno o ser humano é central e autônomo. Os seres humanos podem agora controlar a natureza por meio do uso da ciência, e eles determinam o que acontece na história. Você pode ver esse desenvolvimento gradual de visitar um museu de arte que é organizado historicamente. A mudança de assunto de Deus, anjos e coisas que os humanos celestiais é bastante clara.

2. Juntamente com o humanismo naturalismo aparece. Ele coloca grande ênfase na natureza, uma vez que é o habitat dos seres humanos. Paralelamente à mudança de Deus para a humanidade está mudando tudo o que é celestial e etérea para o terreno. Esta terra é o cenário em que se desenrola o drama humano. Na prática, tem aumentado a tendência

para restringir o universo observável e para compreender a realidade dos seres humanos, mesmo em luz deste sistema da natureza.

3. Com o crescente interesse na natureza, investigar e compreender meios foram desenvolvidos e aperfeiçoados. Este é o método científico. Para ser considerado como o melhor meio para o conhecimento, ele vem mudando gradualmente no sentido de se considerar a única maneira de investigar a verdade. Portanto, outras disciplinas têm tentado cada vez mais modelada pelos métodos da ciência natural: Adotar e aplicar a pesquisa empírica, a metodologia estatística, etc.

4. A natureza, em vez de ser visto como passivo e como um objeto da atividade humana, é considerado dinâmico, ea causa única e suficiente para explicar tudo o que acontece. Por exemplo, a origem humana, em vez de pensar que é devido a um ato de criação especial feito por Deus, ele é visto como derivado da evolução biológica. Os seres humanos não são únicos diferente de outros seres vivos, como se pensava anteriormente.

5. Determinismo é um elemento forte no modernismo. A ciência era possível porque havia certas regularidades na realidade, que poderia descobrir e fazem leis sobre eles. Isto permitiu que os seres humanos de prever e controlar o que estava acontecendo.

6. O método científico também tendiam a ser praticado de uma forma reducionista. Os objetos de estudo foram considerados "nada mais" do que algo mais básico. Portanto, a psicologia tende a ser reduzido a biologia, biologia à química química e física.

7. Houve uma forte tendência para o fundamentalismo. Isto, como referido acima, é a tentativa de conhecimentos de base numa certos princípios primeiros. Estes devem ser considerados os primeiros princípios incontestáveis ou algo assim. Para Descartes, estas são idéias claras e distintas, enquanto que David Hume, um empírica, é a experiência sensorial. Os positivistas lógicos basicamente seguiu o caminho do empirismo olhando para trás para determinado protocolo frases. Isto significava que o conhecimento era considerada absoluta e incondicional, enquanto a religião tinha de ser tomada na fé.

8. Há um compromisso com o realismo metafísico. Os objetos de pesquisa nos centros de ciência são objetos externos à consciência do conhecedor, existindo independentemente de qualquer percepção pessoas têm deles.

9. Existe um representante do ponto de vista da linguagem. Em outras palavras, a linguagem refere-se a objectos reais que são extralinguístico.

10. Há uma teoria da verdade como correspondência. A verdade é usado para medir as propostas e está presente no correspondente bem com o estado das coisas que dizem representar.

Em geral, o modernismo estava à procura de uma explicação cobrindo tudo. Assim, os grandes sistemas do período moderno foram omni-explicativo. Darwinismo explicou tudo através da evolução biológica. A psicologia de Freud todo o comportamento humano explicado pela energia sexual, a repressão e as forças inconscientes. O marxismo explica todos os eventos históricos por meio de categorias económicas, com as forças do materialismo dialético para a história que levou à sociedade sem classes inevitável. Essas ideologias oferecido diagnóstico curas de adição universais universais.

A insatisfação com o modernismo

Aos poucos, no início, mas logo depois houve uma crescente insatisfação com o ponto de vista moderno de olhar as coisas. Ela surgiu um sentimento de que a abordagem moderna não conseguiu o que ele pretendia fazer ou o que precisava ser feito. Há abandono mais contido e mais radical desta modernas formas de visualização. Diogenes Allen delineou quatro áreas em que houve essa desintegração da síntese moderna, quatro pilares da sociedade ocidental são alarmantes.⁸

1. A idéia de um universo que contém em si está se dissolvendo. Esta foi uma premissa amplamente aceita do pensamento científico. Foi possível explicar o universo sem recorrer a Deus em tudo. Apesar de ter sido permitida a acreditar em Deus como

assunto pessoal e privado de fé, essa crença não era necessário compreender a realidade observável.

Este consenso, no entanto, está a ser posta sob suspeita. Argumentos filosóficos que pareciam impedir o conhecimento teórico ou racional de Deus, como fez David Hume e Immanuel Kant, foram fracassos considerados. Os desenvolvimentos da filosofia foram corroborados pela evolução da cosmologia, onde a teoria do Big Bang tem levantado questões sobre por que o universo surgiu. Embora estes problemas não provar a existência de Deus em tudo, pelo menos, torna-se relevante a questão de Deus.

2. A segunda falha é que o mundo moderno não foi capaz de encontrar uma base para a moralidade e da sociedade. O objetivo foi estabelecer uma ética racional, para mostrar apenas uma razão moral universal e base para a sociedade. A modernidade não tem sido capaz de fazer isso. A falha não foi tão evidente como membros da sociedade, basicamente, aderiu aos valores tradicionais, baseados em princípios gregos e cristãos. Com o abandono desses valores, no entanto, o resultado foi quase caos, semelhante ao tempo dos juizes do Antigo Testamento, quando todos estavam ", como ele bem entendesse."

3. É também perdeu optimismo progressos no que respeita à inevitável. Este baseou-se principalmente na ideia de que a ciência ea tecnologia tinha resolvido muitos problemas que provavelmente poderia resolver todos os restantes. O progresso foi, portanto, inevitável. No entanto, é duvidoso o suficiente para que a reforma educacional e social para ser capaz de resolver os problemas que ainda temos de enfrentar, e outros que possam surgir.

4. O quarto princípio do Iluminismo foi a bondade inerente do conhecimento. No entanto, a experiência mostrou-nos que o conhecimento é neutro, o seu valor moral depende aqueles que segurá-la e usá-la. Assim, muitos dos maiores descobertas do nosso tempo têm sido usadas para o bem, mas tem havido aplicações que trouxeram grandes males.

Todos estes, de acordo com Allen, oferecem uma grande oportunidade para a crença cristã de nosso tempo, uma vez que representam a eliminação dos principais obstáculos ou concorrentes da fé cristã.

Uma avaliação semelhante, mas com algumas diferenças que ele fez Thomas Oden. Ele identifica quatro características de modernidade tardia vinculado que falharam ou não estão: o individualismo autônomo, hedonismo narcisista, o naturalismo redutora e relativismo moral absoluta. Cada um deles tem o seu curso e agora ter chegado a uma conclusão triste.

1. O individualismo tem levado a um conflito de gerações, desagregação familiar e "tiroteios entre meninos de nove anos com tênis de marca."

2. O narcisismo hedonista, sintetizou a revolução sexual tem levado a AIDS, 300.000 crianças nascem anualmente para mães viciadas em drogas, e entretenimento para a família é cheia de sexo e violência.

3. O naturalismo reducionista tem despersonalizado seres humanos e eles têm levado à perda de liberdade.

4. O relativismo moral absoluta levou a um novo todo dogmatismo que não pode ser questionada.

Oden também aponta o fracasso do método histórico-crítico, um método que pressupõe a identificação quase automático da mudança e do novo com o velho e bom com o mau.¹⁰

O pós-modernismo radical

Podemos ver que estes são falhas dos elementos mais extremos do período moderno, os elementos que, intencionalmente ou não, excluem sistematicamente a possibilidade ea necessidade de Deus. No entanto, algumas versões do pós-modernismo liderar esta

revolução ainda mais rejeitando alguns dos princípios básicos compartilhados pela racionalidade períodos pré-modernos e modernos. Estes são encontrados em diferentes disciplinas.

1. Na crítica literária, a versão mais conspícua desse ponto de vista é a desconstrução radical. Jacques Derrida, o representante mais conhecido desta posição, contrastou o que chamou de escrever e falar. A conversa estava preocupado com o "logocentrismo", a tentativa de descobrir e identificar o que é real ou racional. Escrever, por outro lado, não se destinam a reflectir uma realidade externa. Sobre os sinais, que por sua vez se referem a outros sinais, e cada amostra de escrever sobre o que ela complementa as gravações. Alguns têm alargado a sua crítica desconstrucionista todas as referências. Assim, o "Yale School" da crítica literária sustenta que apenas o crítico literário, em vez de crítico com o trabalho, determina o significado da obra.

2. Na filosofia, um desenvolvimento semelhante é neopragmatismo ou paralelo, o que pode ser entendido como uma reação contra a perspectiva de correspondência verdade. Essa abordagem é o que Richard Rorty chama objetivismo. Aqui as pessoas tentam encontrar significado, colocando suas vidas no contexto do impessoal, e estes são o que ele chama de "buscadores da verdade". A outra maneira é encontrar o sentido da própria vida, no contexto de um comunidade, em si mesma ou em um imaginário. Verdade, neste contexto, o que é bom ou útil para nos fazer crer.

3. Na história, o novo historicismo contraste aos pontos de vista antigos. Tanto a história pré-moderna e moderna acreditava que a história tinha um padrão ou significado. O pré-moderna focá-la em algo importante, como a vontade de Deus, enquanto o historicismo moderno encontrei estes padrões em sequências e os próprios eventos históricos. No entanto, esta abordagem não acredita que o significado está lá para ser descoberto; em vez disso, o papel do intérprete é muito mais criativo e imaginativo. O historiador não só procura reproduzir o passado, mas interagem nele, como você faria em uma conversa. Richard Dean indica que o novo historicismo rejeita foundationalism, realismo metafísico ea crença em qualquer característica subjetiva universal. Além disso, os novos historiadores tomar o pluralismo radical em vez de verdades universais; um ponto de vista pragmático, em vez de um ponto de vista da verdade correspondente; ea centralidade da interpretação imaginativa. Isto é, como o título de seu livro diz: "a história tomada de História."

Muitos têm encontrado esta visão mais radical do pós-modernismo próprio pós-modernismo. No entanto, Oden afirma que esta é apenas uma extensão das extremidades da última parte da modernidade, e, portanto, não deve ser chamado pós-modernismo, mas modismo.

Tipos de teologia pós-moderna

Existem vários teológica para o fenômeno da respostas pós-modernismo. David Ray Griffin classificou-os em categorias úteis. Algumas respostas são bastante reações, e que realmente não merecem ser designado como teologias pós-modernas. Alguns simplesmente ignorar o fenômeno e continuar como se nada tivesse mudado. Outros realmente pedindo a rejeição do pós-modernismo. A obra do evangelho David Wells poderia ser visto como um exemplo deste último. Entre aqueles que afirmam ser genuínos teologias pós-modernos Griffin menciona:

1. A teologia desconstrutiva ou eliminação aceita a posição dos filósofos pós-modernistas mais radicais, como Derrida, Lyotard e Foucault desconstrucionista. Isso elimina ou desconstrói doutrinas teológicas tradicionais, como Deus. O teólogo mais citada aqui é Mark C. Taylor, embora Cornell Ocidente, em sua própria maneira, também se encaixa nessa classificação. Então diferentes teólogos como Thomas Oden Griffin e acredito que esta abordagem deve realmente ser considerada ultra-moderno, porque leva os conceitos modernistas à sua conclusão lógica.

2. A teologia construtiva ou revisionista pós-moderna acha que a visão de mundo tradicional não pode ser mantida, mas acredita que ele pode e deve desenvolver uma visão de mundo por outros motivos e conceitos revistos. Teólogos vêm à mente como processo Griffin, mas teólogos narrativos como James McClendon também se encaixam aqui.

3. A teologia da libertação pós-moderna está menos preocupado com as questões epistemológicas sobre a base da visão de mundo que a transformação das estruturas da sociedade. Muitos teólogos da libertação se enquadram nesta categoria, e Harvey Cox.

4. A teologia conservadora ou restaurador rejeita muitos elementos do modernismo e do relativismo, subjetivismo e do reducionismo. No entanto, olhando para reter a teoria realismo coerentismo, o entendimento de referência da linguagem, e outros valores encontrados no período pré-moderno. Em muitos aspectos, se assemelha a teologia pré-moderna, mas aceita as perspectivas legítimas e as descobertas do período moderno. Griffin referido Papa João Paulo II e George William Rutler e representantes católicos romanos desta abordagem. Enquanto Griffin não mencionou, Thomas Oden parece ser um representante de destaque desta abordagem. Tendo bebido profundamente no pensamento moderno, concluiu-se que está em falência e agora está enfatizando a tradição cristã clássica.

Entre os teólogos protestantes conservadores, em muitos casos, a diferença é paralela à que havia entre tradutores e transformadores mencionados no Capítulo 5. A questão é até que ponto deve modificar a declaração da teologia evangélica para contextualizar a cultura pós-moderna, cara realmente mudar a maneira de fazer teologia ou alterar o seu conteúdo. Exemplos disso podem ser encontradas no trabalho de *apologética cristã na pós-moderna Mundial* (apologética cristã no mundo pós-moderno). Roger Lundin é a primeira variedade, Philip Kenneson passada.¹⁶

Fazer teologia na era pós-moderna

Qualquer que seja nossa descrição exata e pós-moderna alterar a nossa avaliação, devemos reconhecer e admitir que está ocorrendo e que a era moderna está mudando ou está morrendo. Se tentarmos fazer teologia nesta idade, nós simplesmente não podemos ignorar. No entanto, tenha em mente que o pós-modernismo não é a forma final da cultura e do pensamento. Mais cedo ou mais tarde - e com base na história recente da cultura, provavelmente mais cedo - ele vai ser deslocado por isso aqui chamamos de "pós-pós-modernismo", seja ele qual for. Não nos atrevemos a amarrar-nos também, o que é também uma forma de passagem. A terminologia usada pode enganar. O termo *moderno* sugeriu que a forma final havia chegado em contraste com todas as formas pré-modernas. Modern, por definição, parece significar contemporânea. Da mesma forma, pós-moderna parece ser ainda mais contemporânea. O que devemos fazer é nos perguntar quais as categorias que usamos, como usamos a lógica, jogos de linguagem que usamos quando falamos de períodos ou de diferentes ideologias. Parece que temos de encontrar elementos comuns de racionalidade para a abordagem pré-moderna e moderna, e que estes também estão necessariamente presentes na apresentação do pensamento pós-moderno, mesmo quando a teoria que está sendo apresentado parecem negá-lo.

Notemos primeiro que o que nos propomos fazer aqui é preparar um ponto de vista genuinamente pós-moderna, e não simplesmente voltar ao período pré-moderno. Embora o conteúdo de nossa teologia não pode ser muito diferente do pré-moderno, nós examinamos o período moderno e algumas das alterações introduzidas não pode ou não deve ser revogada. Não estamos preparados para dar em troca nossos computadores e escrever com caneta e pergaminho. Modernos avanços da medicina estão a ser comemorado. As conquistas tecnológicas incluem muitos fatores valor.

Além disso, existem certos conceitos ideológicos dentro da mentalidade pós-moderna que não podemos, não precisa e não deve rejeitar ou resistir. Por exemplo, embora a

psicologia de Freud tem sido amplamente desacreditada, a perspectiva da personalidade humana inclui uma grande área de inconsciência que influencia fortemente o comportamento humano é um avanço na compreensão. Da mesma forma, é pouco provável que tenha de cancelar as teorias da relatividade geral e especial de Einstein para retornar às idéias de Newton, embora eles certamente têm de ser modificados. Não podemos e precisamos fazer a nossa teologia como geologia não tinha dado algum conhecimento sobre a idade da Terra.

Crítica radical do pós-modernismo

Ao mesmo tempo, devemos resistir a certos princípios da mais extrema variedade de pós-modernismo. O que temos em mente são aqueles elementos que rejeitam a verdade objetiva, uma compreensão abrangente da história, realismo metafísico, o uso referencial da linguagem, e uma vista correspondente da verdade. Não são inerentes a alguns desses problemas mais subjetivas vista, e parece que a popularidade de desconstrução já está em declínio.

Um dos problemas centrais da desconstrução na literatura, ou antirealismo Rorty, é a dificuldade de manter a consistência. Desconstrução tem sido utilizado por vários grupos para avançar programa específico. Assim, as feministas têm desconstruído o que eles consideravam textos paternalistas e marxistas fizeram o mesmo com os textos de opressão, mas como James Sire "a" desconstrução "e tentando vender Deman Derrida diz é tão contas universais. Dependendo de como ele é interpretado, o niilismo é o pai legítimo ou o filho legítimo da "desconstrução" ... Em qualquer caso, nem o feminismo ou o marxismo pode suportar o ácido. Se há um texto privilegiado, se a história é mais "real" do que o outro, em seguida, todas as ideologias são infundadas. "O que isto significa é que, se a desconstrução é correto, ele também deve ser desconstruída. Se o significado não está no texto, mas cria o intérprete, se a história é criado pelo historiador, se a verdade é o que é bom para uma comunidade, então este deve ser capaz de aplicar-se a desconstrução, a neopragmatismo e o novo historicismo também.

É muito difícil ser um desconstrucionista e defender desconstrucionismo. Pode ser um desconstrucionista consistente e manter isso para si mesmo. Assim que um tenta se comunicar desconstrução outro e argumentam que deveriam aceitá-lo como verdadeiro, uma e se recusou a praticar o que ele professa na teoria. Isto porque este ato parece supor que o significado do que você está dizendo é o significado que o falante ou escritor pretendia, e que há um ponto de referência comum para que uma outra pessoa pode também prestar atenção.

Este surgiu dramaticamente no caso de Derrida. John Searle escreveu uma resposta a um artigo por Derrida, desafiando-o e criticando vários de seus conceitos. O artigo de Searle era de dez páginas. Na sua resposta de noventa e duas páginas, Derrida objetar que Searle tinha sido injusto com ele e tinha vários pontos incompreendido e mal manifestou a sua posição. Ele chegou a afirmar em um ponto que o que ele tinha tentado a dizer que deveria ter sido claro e óbvio para Searle.¹⁹ John Ellis observa que alguns dos seguidores de Derrida se sentiu envergonhado por esta inconsistência entre a profissão de Derrida ea prática autêntica neste artigo. No entanto, sustenta que esses mesmos discípulos ", em geral feito a mesma coisa que os embaraçou tanto Derrida feita (por exemplo, Searle rotineiramente acusado de não entender, não é mau compreender e expressar a posição de Derrida)." Da mesma forma Frank Lentricchia acusa o "grupo de Yale" mal-entendido dos escritos de Derrida "... ignorando uma parte importante da intenção do autor."²¹ No entanto, se a posição de desconstrução é que o autor não controla o significado do seu texto, esta seria uma posição incoerente.

A resposta, é claro, essa crítica pode supor logicamente que a desconstrução não é adotado. Por isso, a objeção não é legítimo. Mas a questão a se perguntar é que tipo de lógica é usada quando se discute tipos de lógica? Em outras palavras, a mesma resposta

assume um tipo de lógica que parece rejeitar? Parece que a resposta a ter algum tipo de sentido, ou tem o direito de ser levado a sério, que exige tomar algum tipo de lógica que, pelo menos em alguns aspectos se assemelha a lógica é assumida aqui, isto é, *a* Não pode significar *x* e *não-x* de cada vez e sobre o mesmo.

Outra maneira de colocar é esta. A rejeição pós-moderna do racionalismo do período moderno, com sua restrição do significado e possíveis objetos de investigação é legítima e desejável. Mas isso não significa que toda a racionalidade deve também ser necessariamente rejeitada. É claro que é impossível fazer isso e ainda se envolver em pensamento e comunicação significativa. Claro que você pode rejeitar os excessos do período moderno, a ênfase especial que fluiu a partir do Iluminismo, sem rejeitar também a ênfase na racionalidade que caracteriza os períodos pré-modernos e modernos.

A perspectiva de que usaria uma teologia pós-moderna e certamente aceitar o fato de que nós fazemos nossa pesquisa e nosso pensamento a partir de uma perspectiva particular, e isso coloca algumas limitações sobre o alcance da nossa compreensão. Esta é a visão de que a verdade não é relativa, mas absoluta. No entanto, nosso conhecimento de que a verdade é muitas vezes parente, se restringe a nossas próprias limitações. Esta distinção entre a verdade eo conhecimento da verdade tem sido negligenciado muitas vezes com resultados infelizes. Alguns, com uma mentalidade essencialmente pré-moderno e pré-crítico, assumiram, por causa de seu compromisso com a objetividade da verdade revelada, seu conhecimento de que a verdade era comparável à verdade e deve, portanto, também ser absoluta, embora alguns sustentam orientação concluíram tarde moderna ou pós-moderna de que o que é verdade para a epistemologia deve ser também para a ontologia. Se o nosso conhecimento é relativo, então, razões desta abordagem, a verdade também deve ser relativo. No entanto, este acaba por conduzir a alguma forma de subjetivismo.

Princípios para uma teologia pós-moderna positivo

Como podemos evitar esse problema, ou como vamos aprender com as perspectivas do pós-modernismo? Tome o momento em que a história familiar de cinco homens cegos e do elefante. Uma tocar uma perna, concluiu que o elefante era como uma árvore; outro lado comovente, ele argumentou que o elefante era uma parede, etc. Pluralismo defensores dizem que a verdade neste caso é plural. A verdade é o primeiro homem que o elefante é como uma árvore; para a segunda, a verdade é que o elefante é como uma parede; etc. No entanto, objetivista perspectivo diria que todas essas perspectivas, bem de acordo com sua própria perspectiva, são parciais e, portanto, incompleta. O que fazemos é utilizar as perspectivas de todos eles. A verdade é que o elefante é como um conjunto de todos esses fragmentos parciais de conhecimento. Na verdade, um elefante é como uma árvore, uma corda, uma mangueira, uma parede, etc. Embora você não pode chegar à verdade como um todo através da combinação de diferentes perspectivas, podemos chegar mais perto da verdade que se nós fazê-lo para o outro lado.

A alternativa é o relativismo verdade, o pluralismo e até mesmo subjetivismo. Devemos dizer: ". O elefante é como uma árvore é verdade para você, mas para mim a verdade é que um elefante é como uma corda" Em teoria, todo mundo tem sua própria verdade e não posso discutir isso. No entanto, na prática, isso nem sempre acontece. Em teoria, em uma universidade moderna que acredita no relativismo, cada vista seria considerado válido para a pessoa que o detém, e não há maneira de provar que um deles é verdadeiro ou correto do que o outro. Embora o "politicamente correto" e outras formas de ortodoxia acadêmica contradizem essa idéia. Não há nada de novo na correção política. Algo semelhante estava presente na Universidade do Estado onde me formei há muitos anos. O departamento de filosofia em que me especializei, com uma exceção (um existencialista Kierkegaard) consistia inteiramente de positivistas lógicos. O corpo docente do departamento de psicologia na qual eu fiz a minha especialidade

secundário, foi feita sem nenhum behavioristas de exceção. Sem Ortodoxa faculdade teológica tem mais avisou seus alunos contra os pontos de vista inaceitáveis que esses departamentos. O politicamente correto é uma forma de coerção, onde, em vez da livre concorrência de idéias, que é suposto caracteriza a universidade, uma posição tenha sido imposta arbitrariamente. Um dos meus ex-alunos haviam se formado em literatura Inglês em uma grande universidade estatal no final dos anos 80. Ele disse que todos os membros do departamento da faculdade foram desconstrucionista, com exceção de um, que não foi concedida a certificação. Portanto, em vez de relativismo e pluralidade, há uma tendência para introduzir um novo absolutismo.

Uma tentativa para resolver esta aparente subjetividade foi introduzido através da idéia de comunidade. Por exemplo, na recente crítica da resposta do leitor Stanley Fish, ele apela para a idéia de comunidade interpretativa como um controle subjetivismo de interpretação individual. As normas de grupo tornar o significado padrão. No entanto, o problema realmente não é resolvido nesta área, pois como é arbitrada entre duas comunidades, que podem ter diferentes interpretações? O problema é projectado simplesmente para uma escala maior, mas ainda existem. Em vez disso, o que é necessário é uma metanarrativa, que unifica as diferentes histórias pequenas.

Isto sugere que é necessário no nosso modo de fazer teologia um certo grau de humildade. Devemos também ter em mente as limitações de nossa própria perspectiva, e reconhecer a necessidade de correção quando essas limitações distorcer nossa compreensão. Isso também significa que a globalização eo multiculturalismo são necessários. Também é importante que consultar outras pessoas de países, raças, culturas e sexos. Isso não significa que o que é verdade para a teologia americano é diferente do que é verdade para a teologia cristã Africano, ou teologia é do sexo masculino para feminino diferente. Isso significa que um desses grupos pode ver mais claramente do que outros algum aspecto da verdade, apenas por causa de sua perspectiva. Você precisa considerar todas estas perspectivas, como os testemunhos de todos os homens cegos, para formular uma teologia que é verdade para todos os cristãos. A teologia evangélica pós-moderno não se limita aos escritos de teólogos do sexo masculino, branco e ocidental.

Isso não significa que uma teologia especialmente preparados por um subgrupo dos cristãos enfatizar alguns aspectos da imagem global mais do que outros. Isto é o que envolve a contextualização do evangelho. Por exemplo, no contexto do cristianismo Africano, com a magia em torno deles, a ênfase da expiação no triunfo de Cristo sobre os poderes do mal (que Gustaf Aulen chamado de "visão clássica" do Perdão) pode transportar um peso especial, mas ainda continua a ser uma das questões na ampla doutrina da expiação.

Observamos anteriormente que o apelo à comunidade não garante por si só a objetividade do que resta e diz. Agora esta declaração precisa ser qualificado, em certa medida. À luz das limitações de nossa própria posição e perspectiva, é importante para interagir com uma comunidade de pessoas tão ampla quanto possível. Isso significa que temos de aprender com as pessoas em todas as três dimensões da nossa proposta na discussão de contextualização: comprimento, largura e altura. Você precisa interagir com os crentes de outras épocas históricas diferentes da nossa. Este é o lugar onde teologia histórica pode ser especialmente útil para nós. Além disso, queremos horizontalmente converse com pessoas de diferentes tradições religiosas e filosóficas e culturas diferentes. Finalmente, vamos tirar vantagem de diálogo com aqueles que trabalham mais avançado do nível abstrato ou teórico nossa, mas também aqueles em uma escala menor. Algumas das idéias mais úteis que eu comecei têm vindo a discutir teologia com não-profissionais, e formulando a expressão da doutrina em relação às questões apresentadas. O pós-modernismo é direito de criticar o modelo do estudioso isolado formular a verdade de forma independente. O indivíduo precisa de perspectivas, acréscimos e correções que ocorrem apenas interagir com os outros.

Parte da diferença a ser pós-moderno traz para a nossa teologia é a maneira incrédulos teologia é apresentado, em outras palavras, no papel evangelístico e apologético em vez de dimensão dogmática ou construtiva. A rejeição do fundamentalismo, por exemplo, pode significar que, em vez de fundacionalistas ou evidencialistas abordagens que ocorreram muitas vezes no passado, é necessária uma abordagem pressuposicional. Isto implica convidar o parceiro de diálogo para compartilhar temporariamente os pressupostos que estamos fazendo, e ver os dados relevantes a partir dessa perspectiva. Em vez disso, ele vai nos obrigar a colocar os "sapatos" da outra pessoa, tentando ver a realidade como ela, a partir de sua própria perspectiva.

O modo de exibição também levará em conta as características de percepção do público. Temos de compreender, como vamos apontar de forma mais ampla, que o lugar da autoridade na Palavra de Deus escrita é a proposição (a verdade que está sendo expressa) e não a sentença (a forma como ele se expressa). Por exemplo, em certos contextos pós-modernos, a utilização de narrativa que a comunicação pode ser particularmente útil. Um deputado disse na aula de teologia de um seminário que nunca tinha visto alguém usar mais as metáforas que o professor e um aluno da turma, que já havia trabalhado como um advogado familiarizado com o ensino através do método de estudo casos, definiu o estilo do professor como ensinar por meio de parábolas. No entanto, note que este é o uso da narrativa como uma ferramenta de comunicação, como um meio para expressar ou transmitir uma verdade. Isto contrasta com a narrativa e médio hermenêutica, em que as porções narrativas das Escrituras são tratados como a chave para entender o todo. Também é bastante diferente de usar a narrativa como um meio heurísticos em que novas verdades são descobertas contar histórias, até mesmo biografias contemporâneas.

Parte 2

CONHECER A DEUS

8. A revelação universal de Deus
9. A revelação especial de Deus
10. A conservação da revelação inspiração
11. A confiabilidade da palavra de Deus, inerrante
12. O poder da palavra de Deus: autoridade

8. A revelação universal de Deus

Objetivos do capítulo

Depois de ler este capítulo, você deve ser capaz de:

- Reconhecer a natureza da revelação e da revelação geral da revelação especial separada.
- Identificar o escopo da revelação geral.
- Compreender todo o significado e importância da revelação geral.

- apreciar o sentido da responsabilidade humana pessoal em resposta à revelação geral fora da revelação especial de Deus.
- Entender as implicações da revelação geral.

Resumo do capítulo

O estudo da revelação de Deus de si mesmo a humanidade tem sido classificada de duas formas: a revelação geral e revelação especial. A revelação geral de Deus encontrado em três áreas: a natureza, a história ea humanidade. Teólogos interessados na extensão da revelação geral desenvolveram o que é conhecido como a teologia natural. Esta teologia estuda a maneira como eles estão cientes da existência de Deus para além da fonte bíblica, especificamente através do uso da razão. Os filósofos e teólogos posteriores rejeitaram certa teologia natural e revelação geral. Mais recentemente, ele disse que sua interpretação bíblica é questionável. Há revelação geral sem teologia natural, mas o efeito do pecado impede o incrédulo chegar ao conhecimento de Deus. A salvação do indivíduo através da revelação geral de Deus só pode ser medido através da fé.

Questões de estudo

1. Quais são as áreas da humanidade são a revelação geral de Deus?
2. Descrever e avaliar os pressupostos da teologia natural.
3. Que significado é que os ataques contra a suposição de que houve coerência entre os ensinamentos dos Padres da Igreja?
4. O que faz teologia natural não é eficaz em trazer a mensagem cristã para o incrédulo?
5. Identificar e explicar como você tem que entender a revelação geral Karl Barth.
6. Como são diferentes interpretações do Salmo 19 diferente?
7. Como a humanidade está envolvida na revelação geral de Deus para fora da revelação especial?

A natureza da revelação
 As áreas de revelação geral
 Realidade e eficácia da revelação geral
 Teologia Natural
 A crítica de Teologia Natural
 A negação da revelação geral
 O exame das passagens relevantes
 A revelação geral, mas teologia natural
 A revelação geral e da responsabilidade humana
 Implicações da revelação geral

A natureza da revelação

Desde que os seres humanos são finitos e Deus é infinita, de modo que eles vêm para conhecer a Deus deve ser através da demonstração de que Deus faz de si mesmo. Existem duas classificações básicas de revelação. A revelação geral é a comunicação de Deus de si mesmo a todas as pessoas em todos os momentos e em todos os lugares. A revelação especial envolve comunicações e manifestações particulares de Deus sobre si mesmo a

particulares, em especial os momentos, comunicações e manifestações que estão agora disponíveis para nós somente através de consulta de determinados escritos sagrados.

Uma definição mais perto da revelação geral demonstra que diz respeito à auto-revelação de Deus através de exame de natureza, história e no interior do ser humano. É geralmente de duas maneiras: a sua disponibilidade universal (é acessível a todas as pessoas em todos os tempos) e do conteúdo da mensagem (revelação especial menos particularizada e minuto). É preciso levantar uma série de questões. Uma delas diz respeito a revelação genuína. Você está realmente lá? Se houver, o que podemos fazer com ele? Podemos construir uma "teologia natural", um conhecimento de Deus através da natureza?

As áreas de revelação geral

Áreas tradicionais de revelação geral são três: a natureza, a história e a constituição do ser humano. As próprias Escrituras sugerem que há um conhecimento de Deus disponível através da ordem física criada. O salmista diz: "Os céus declaram a glória de Deus" (Sl. 19: 1). E Paulo diz: "As qualidades invisíveis-seu eterno poder e divindade, foi claramente vistos desde a criação do mundo, sendo percebidos por meio do que tem sido feito. Então eles fiquem inescusáveis" (Rom. 1:20). Estas e muitas outras passagens, como os "salmos da natureza" sugere que Deus tem deixado evidência de si mesmo no mundo criado por ele. Muitas vezes você pensa em geral revelação em conexão com a criação do personagem surpreendente e impressionante, apontando para um poderoso e sábio, capaz de projetar e produzir uma variedade intrincado e beleza pessoa. A pessoa que vê a beleza de um pôr do sol e estudante de biologia dissecar um organismo complexo que estão expostas a sinais de grandeza de Deus.

A segunda área de revelação geral é a história. A Bíblia mostra em muitos lugares que Deus move o curso da história, controlando os destinos das nações (Jó 00:23; Sl 47: 7-8; 66 :. 7; Isaías 10: 5-13; Daniel 2 .. : 21; Atos 17:26) .. Se Deus trabalha no mundo e tem determinados objectivos, deveria ser possível detectar a tendência de seu trabalho nos eventos que fazem parte da história. A evidência aqui é menos impressionante do que na natureza. Em princípio, a história é menos acessível do que a natureza. Eles devem consultar os relatórios históricos. É preciso contar com materiais de segunda mão, relatórios e contas dos outros, ou para trabalhar com a sua própria experiência da história, talvez uma muito limitada para permitir a detecção do padrão geral ou segmento tendência.

Um exemplo frequentemente citado a revelação de Deus na história é a de proteger o povo de Israel. Esta pequena nação tem sobrevivido por muitos séculos em meio a um ambiente basicamente hostil, muitas vezes enfrentando severa oposição. Qualquer um pesquisando notas históricas encontrar um padrão impressionante. Algumas pessoas têm encontrado grande significado em eventos individuais históricos, tais como a evacuação de Dunquerque e da Batalha de Midway na Segunda Guerra Mundial, bem como eventos maiores, como a queda do comunismo na Europa Oriental. No entanto, os eventos individuais são mais sujeitas a uma interpretação diferente da conservação mais amplo e duradouro como povo especial de Deus tendências históricas.

A terceira área de revelação geral é a criação terrena, o mais importante de Deus, homem. Alguns acreditam que a revelação geral de Deus é visto na estrutura física e habilidades mentais de seres humanos. Mas onde melhor se percebe o caráter de Deus está nas qualidades morais e espirituais da humanidade. Paulo fala da escrita nos corações de pessoas que não têm a lei especialmente revelado (Rom. 2: 11-16) lei.

Os seres humanos fazem julgamentos morais, ou seja, julgamentos sobre o que é certo eo que é errado. Isso envolve mais do que os nossos gostos pessoais e algo mais do que mera conveniência. Muitas vezes sentimos que temos de fazer alguma coisa, ou não vantajoso para nós, e outros têm o direito de fazer algo que pessoalmente não

gosto. Immanuel Kant afirmou na *Crítica da Razão Prática* que o imperativo moral exige o postulado de uma vida após a morte e um guardião divino de valores. Outros, como CS Lewis, Edward Carnell,³ e Francis Schaeffer, têm chamado a atenção nos últimos anos sobre o valor probatório do impulso moral que caracteriza os seres humanos. Esses teólogos e filósofos afirmam que todas as pessoas a manter um código moral dada. Em vez disso, eles simplesmente destacar a existência de um impulso moral ou consciência moral.

A revelação geral é também sobre a natureza religiosa da humanidade. Em todas as culturas, em todos os tempos e lugares, os seres humanos têm acreditava na existência de um maior do que eles, a realidade e até mesmo algo que está acima da raça humana coletivamente. Embora a natureza exata das práticas de crença e de culto variam consideravelmente de uma religião para outra, muitos vêem a tendência universal para adorar a manifestação sagrada de um antigo conhecimento de Deus, um sentimento interior de divindade, que, embora possa danificar e distorcer, sem dúvida, ainda presente e atuando na experiência humana.

Realidade e eficácia da revelação geral

Teologia Natural

No que respeita à natureza, extensão e efetividade da revelação geral, existem vários pontos de vista altamente diferenciados. Uma dessas posições é a teologia natural, que teve uma história longa e notável dentro do cristianismo. Mantém não apenas que há uma revelação de Deus válido e objetivo em áreas como a natureza, a história ea personalidade humana, também é possível realmente obter um verdadeiro conhecimento de Deus através dessas áreas; em outras palavras, desenvolver uma teologia natural além da Bíblia.

Há certas suposições envolvidas neste ponto de vista. Uma delas é, naturalmente, que há um objectivo, a revelação geral válido e racional - que Deus realmente revelou-se na natureza (por exemplo) e que os padrões de significado são objetivamente presente - se alguém percebe compreende e aceita esta revelação. Em outras palavras, a verdade sobre Deus está realmente presente na criação, não foi projetada para um crente que já conhecem a Deus através de outras fontes, como a Bíblia. E esta visão assume que a natureza é basicamente intacto, que não foi substancialmente distorcida por qualquer coisa que tenha acontecido desde a criação. Em suma, o mundo em torno de nós encontramos é, basicamente, o mundo como ele veio da mão criadora de Deus, assim como ele queria que fosse.

Um segundo pressuposto importante da teologia natural é a integridade da pessoa que percebe e aprende a criação. Nem as limitações humanas naturais e os efeitos do pecado e da queda prevenção seres humanos reconhecer e interpretar corretamente a obra do Criador. Pensando nas categorias a ser desenvolvido mais extensivamente mais adiante neste livro, os teólogos naturais tendem a ser arminiano ou Pelagian em seu pensamento, em vez dos Agostinianos ou calvinista.

Outra hipótese é que há congruência entre a mente humana e da criação que nos rodeia. Coerência mental com a ordem mundial permite inferências a partir dos dados que detém. A validade das leis da lógica também é assumido. Princípios lógicos, tais como a lei da identidade, a lei da contradição ea lei do terceiro excluído não são meramente construções mentais abstratos são a verdade do mundo. Teólogos naturalistas assiduamente evitar paradoxos e contradições lógicas, considerando algo que deve ser eliminado através de um escrutínio lógico completa das questões submetidas a exame. Um paradoxo é um sinal de indigestão intelectual; se tivesse sido mastigado acabou, ele teria desaparecido.

A essência da teologia natural é a idéia de que é possível sem um compromisso prévio fé aos princípios do cristianismo, e sem depender de qualquer autoridade especial, como uma instituição (a igreja) ou documento (a Bíblia), obter um verdadeiro conhecimento de

Deus através única razão. A razão aqui refere-se à capacidade humana de descobrir, compreender, interpretar e avaliar a verdade.

Talvez o mais proeminente da teologia natural no exemplo a história da igreja é o enorme esforço de Tomás de Aquino. De acordo com Thomas, todas as verdades estão em duas áreas. Quanto menor é o nível natural, maior é a graça. Enquanto as coisas que pertencem ao nível mais elevado devem ser aceites pela autoridade, o nível mais baixo pode ser conhecida através da razão.

É importante ressaltar que a situação histórica em que o ponto de vista da Thomas emerge. Procurando por respostas para as grandes questões, a igreja durante séculos apelou para a autoridade da Bíblia ou a doutrina da Igreja. Se um ou ambos ensinou algo realmente considerado. No entanto, certos eventos questioneei isso. Um deles era um tratado de Abelardo intitulado *Sic et non*. Ele tinha sido costume de consultar os pais da igreja para resolver os problemas que teve de enfrentar a igreja. No entanto, Abelardo coletou uma lista de 158 propostas em que os pais não concordavam. Ele citou declarações de ambos os lados dessas proposições. Portanto, ficou claro que resolver as questões não era algo tão simples como dedicado ao citar os Padres. Seria necessário encontrar uma maneira de escolher nos casos em que os pais tinham opiniões diferentes. A razão é essencial, mesmo na utilização de autoridade.

Se este era um problema interno da igreja, também houve um problema externo, entre em contato com a Igreja com as culturas heterogêneas. Pela primeira vez, a igreja era um grande escala com judeus, muçulmanos (especialmente na Sicília e Espanha), e até mesmo pagão completo. Ele não citou qualquer valor autoridade para essas outras pessoas. Os judeus apenas citaria a Torá, o Alcorão e os muçulmanos, e todos eles, mesmo os pagãos ficaria simplesmente perplexo quando um teólogo cristão a citar a Bíblia ou os ensinamentos da igreja. Se você quiser exercer uma influência real sobre as pessoas, eu teria que ir em algum tipo de terreno neutro em que não iria recorrer a uma autoridade especial, e explicar o assunto em termos aceitáveis para todas as pessoas racionais. Isto é o que eu tentei Thomas.

Thomas disse que podia provar certas crenças através da razão pura: a existência de Deus, a imortalidade da alma humana e a origem sobrenatural da Igreja Católica. Elementos específicos da doutrina, como a natureza trina de Deus não podia ser conhecido somente através da razão, mas deve ser aceita pela autoridade. Estes eram verdades da revelação, e não verdades da razão. (Claro que, se uma das verdades naturais estabelecidos pela razão é a origem divina da Igreja Católica, então estabeleceu a sua autoridade e por inferência, portanto, a verdade revelada superior ou falar de questões.) A razão regula o nível mais baixo, enquanto as verdades de nível superior são questões de fé.

Um dos argumentos tradicionais para a existência de Deus é a prova cosmológica. Thomas tem três ou talvez até quatro versões deste teste. O argumento é o seguinte: no reino da nossa experiência, todos nós sabemos é causado por outra coisa. No entanto, pode haver uma regressão infinita de causas, porque se assim fosse, toda a série de causas nunca teria começado. Portanto, deve haver uma causa que não foi causada (motor parado) ou um ser necessário. E isso nós (ou todos) nós chamamos de Deus. Qualquer um observando esta evidência honestamente para chegar a esta conclusão.

Outro argumento freqüentemente usado, e também encontrado em Thomas, é o argumento teleológico. Centra-se em particular sobre o fenômeno da ordem ou propósito aparente do universo. Thomas notar-se que várias partes do mundo, demonstram um comportamento adaptativo, que ajuda a atingir fins desejáveis. Quando o homem exibida tal comportamento, reconhecemos que ele conscientemente desejada e tem sido direcionado para esse fim. No entanto, alguns objetos no nosso universo, não pode ser planejado qualquer finalidade. Desde então, as rochas e atmosfera não ter escolhido para ser o que são. Seu sistema de acordo com um propósito ou projeto deve ter vindo de outro

lugar. Portanto um ser inteligente deve ter ordenado as coisas dessa maneira em particular. E que ser, diz Thomas, que chamamos Deus.

Às vezes, todo o universo entra no argumento teleológico. Nesses casos, o universo é muitas vezes comparado a um mecanismo. Por exemplo, se encontrar um relógio encontra-se na areia, que imediatamente reconhecer que é um relógio, porque todos os seus componentes são utilizados com a finalidade de medir e indicar a hora. Certamente nós não diria: "O que uma incrível coincidência" que um perito reconheceria deve ser planejado e executado da maneira incrível para caber em conjunto com outras partes. Da mesma forma, a natureza peças maneira malha juntos, e surpreendentes como vários componentes de um todo parecem adaptar-se a cumprir determinadas funções, não pode ser considerado uma "concatenação de circunstâncias fortuitas." Alguém deve Ele está tendo projetado e construído sistemas digestivos, olhos, atmosferas devidamente equilibradas e muito mais no mundo. Tudo isso defende a existência de um Designer Supremo, um Criador inteligente e capaz. Deve haver um Deus.

Estes são dois importantes argumentos que têm sido historicamente utilizados na produção de um teologia natural. Dois outros que aparecem na história da filosofia e da teologia, embora talvez menos proeminente do que o argumento cosmológico eo teleológico, é o antropológica e ontológica.

O argumento antropológico não é explicitamente nas idéias de Thomas, embora possa ser implícita na quarta rodada. Vê alguns aspectos da natureza humana como uma revelação de Deus. Na formulação de Kant (na *Crítica da Razão Prática* aparece mais ou menos) como segue. Todos nós temos um impulso moral ou um imperativo categórico. No entanto, após este impulso para se comportar moralmente não receber boa recompensa nesta vida. Ser bom não é sempre rentável! Por que, então, devemos ser moral? Não seria mais inteligente a se comportar de forma egoísta às vezes? Deve haver uma base para a ética e moralidade, alguma recompensa, que por sua vez envolve vários fatores: a imortalidade e uma alma imortal, um futuro julgamento, e Deus que estabelecem e apoiar os valores e recompensa os bons e punir o mal. Portanto, a ordem moral (em contraste com a ordem natural) requer a existência de Deus.

Estes são argumentos empíricos. Eles vêm de observar o universo através da experiência sensorial. O principal argumento racional ou a priori é o ontológico. Este é um tipo de argumento do pensamento puro. Ele não requer que um em seu próprio pensamento, o nível do pensamento abstrato para o nível de experiência sensorial. No *Proslogion* Anselmo ele formulou o que é sem dúvida o mais famoso da declaração argumento. René Descartes também fez uma versão, como Hegel fez uma forma consideravelmente diferente.⁸ Em tempos mais recentes, Charles Hartshorne defendeu sua validade, e não foi renovada discussão durante o século XX entre os teólogos e filósofos.

A declaração de Anselmo é o seguinte. Deus é o maior de todos os seres concebíveis. Agora, um ser que não existe não pode ser o maior de todos os seres concebíveis (uma vez que nenhum ser existente de nossa concepção seria maior se eu tivesse o *atributo* de existência). Portanto, por definição, Deus deve existir. Houve várias respostas a esta, muitos dos quais continuam a visão de Kant que, com efeito, que não é um atributo. Um sendo que não existe nenhum atributo de qualidade ou que não tem um semelhante podem não existir. Se eu imagino um dólar e compará-lo com um dólar verdadeiro, não há diferença em essência, *o que* eles são. A única diferença é se eles são ou não são. Há uma diferença lógica entre a frase "Deus é bom" (ou quente, ou santo, ou para a direita) ea frase A primeira prega uma qualidade de Deus "é Deus."; a segunda é uma afirmação de sua existência. A questão aqui é que não há necessariamente um predicado do maior de todos os seres concebíveis. Tal ser pode existir ou não. Em qualquer caso, a sua essência é a mesma. (Deve notar-se que foi Anselmo trabalhando num quadro platônica, em que o ideal é que o mais real ou física do material).

A crítica de Teologia Natural

Apesar da história longa e santificado da teologia natural, os seus efeitos hoje não parece muito impressionante. Se os argumentos são válidos e devidamente apresentado, qualquer pessoa racional deve ser convencido. No entanto, muitos filósofos criticaram os testes, e muitos teólogos têm se juntou a eles. Você pode achar isso estranho para alguns cristãos. Por que qualquer cristão se opor esforços para convencer os não-cristãos sobre a verdade do cristianismo, ou, pelo menos, a existência de Deus? A resposta é que o uso desses testes pode realmente ser uma desvantagem se você quiser fazer o mais eficaz possível apresentar as reivindicações de Cristo. Se os testes forem inadequados, rejeitar a prova, o incrédulo pode também rejeitar a mensagem cristã, assumindo que eles são o melhor que pode ser oferecido para aceitação. Rejeitar uma maneira de defender a mensagem cristã, uma forma que não é uma questão da revelação bíblica, o crente não pode rejeitar a mensagem em si.

Alguns dos problemas com os argumentos residem nos pressupostos que eles contêm. Thomas assumiu que não pode haver uma regressão infinita de causas. Para Thomas este não era uma suposição, mas sim um axioma ou verdade primeira, conhecida intuitivamente. Mas hoje, muitas pessoas que discordam com isso. Uma sequência linear de causas não é a única maneira de ver as causas. Alguns questionam a necessidade de pedir a causa final. No entanto, mesmo se uma pergunta, existe sempre a possibilidade de um círculo de causas, uma causa que dentro do sistema fechado faz com que outro. Da mesma forma, a suposição de que o movimento deve ter uma causa ou explicação não é universalmente mantida hoje. A realidade pode ser dinâmica e não estática.

Há também críticas ao procedimento para estender o argumento do observável ao que vai além da experiência. No caso de o relógio encontrado na areia, que têm algo que pode ser verificado pelos sentidos. Podemos verificar com a empresa cujo nome aparece (coincidentemente?) Assistir, e perguntar se eles têm feito. Podemos verificar que eles fizeram, e talvez descobrir a data de fabricação e da identidade das pessoas que trabalharam nele. Além disso, reconhecemos que o relógio é semelhante a outros relógios posições que já vimos antes, e até mesmo venda feitas. Portanto, podemos extrapolar a partir de experiências passadas. No entanto, no caso do mundo, não temos nada a ser verificada tão facilmente através dos sentidos. Quantos mundos foram criados? A suposição é que o universo é um membro de uma classe de objetos (incluindo coisas como relógios e câmeras) com a qual podemos comparar, e, portanto, fazem julgamentos racionais sobre seu design. Isso, no entanto, deve ser estabelecido, não assumiu, se quiser ter sucesso relógio analogia.

E, como já foi referido, existe um outro problema. Suponha que você começa a saborear, com um argumento válido, que este mundo deve ter tido uma causa. Não se pode, no entanto, concluir que tal causa deve ser infinita. Você só pode dizer que não havia motivo suficiente para produzir o efeito. Você pode levantar um peso de cinquenta quilos não garante a conclusão de que ele pode levantar mais. Devido à facilidade com a qual uma pessoa que poderia levantar peso que especular que o sistema de elevação pode ainda levantar muito mais peso, mas isto não foi demonstrado. Da mesma forma, não se pode provar a existência de um Criador infinito pela existência de um universo finito. Tudo o que você pode provar é a existência de um criador poderoso e sábio o suficiente para dar vida a este universo, que é, no entanto finita. Ao criar o universo, Deus pode fazer tudo o que ele era capaz, se esgotar no processo. Em outras palavras, o que foi estabelecido é a existência de um grande deus, mas possivelmente limitado, não o Deus infinito que o cristianismo tem. Outro argumento é necessário para provar que este é o Deus do cristianismo e, é claro, que os deuses são as conclusões dos vários argumentos de Thomas são todos o mesmo ser. Se quisermos ter uma teologia natural, que deve ser discutida com base em nossa razão humana (sem recurso a qualquer outra autoridade).

Desde a época de David Hume, todo o conceito de causa teve um status incerto. A causa, para algumas pessoas, sugere um tipo de conexão absoluta: se A causa B, então

sempre que um acontece, B também deve ocorrer necessariamente. Hume apontou como uma fraqueza a idéia de conexão necessária. O mais que temos é uma conjunção constante: cada vez que isso já aconteceu no passado, foi sempre seguido por B. No entanto, não há base empírica para dizer que a próxima vez que isso acontece A, B necessariamente vai acontecer. Tudo o que temos é uma disposição psicológica para esperar que aconteça B, mas não uma lógica certeza.

O argumento teleológico tem sido particularmente criticado. Desde Charles Darwin, o recurso habitual para mencionar como intrincada e bela do mundo orgânico não foi muito convincente para aqueles que aceitam a teoria da evolução orgânica. Eles acreditam que as mudanças nas características das variações aleatórias têm aparecido chamadas mutações. Alguns foram favoráveis e outros não. Na luta pela sobrevivência causada pela fertilidade da natureza, qualquer recurso que permite que uma espécie de sobreviver é transmitida, e os ramos das espécies que não possuem esse recurso muitas vezes extinto. Portanto, o processo de seleção natural produziu notável característica que o argumento teleológico para indicar um projeto e um designer. Claro, essa crítica do argumento teleológico tem suas falhas (por exemplo, a seleção natural não pode explicar o inorgânico adaptação observada no universo), mas o ponto é que aqueles que aceitam a evolução discorda da afirmação Thomas concluiu que o argumento teleológico é obrigatória e necessária.

O argumento teleológico é também o problema do que poderia ser chamado de "dysteleology." Se o argumento vai ser realmente empírica, deve, naturalmente, ter em conta todo o conjunto de dados. Agora, o argumento funciona na base do que aparecem indícios de um Deus sábio e benevolente que controla a criação. Mas existem algumas características do mundo que são aspectos irritantes da natureza que não parece muito bom. Desastres naturais, como furacões, terremotos, erupções vulcânicas e outros "atos de Deus", como eles chamam as companhias de seguros, nos fazem pensar sobre que tipo de estilista planejou o universo. Doenças cardíacas, câncer, fibrose cística, esclerose múltipla e outras doenças destrutivas são predominantes na humanidade. Além disso, os seres humanos causam destruição, crueldade, injustiça e dor em outros seres humanos. Se Deus é todo poderoso e todo o bem, como essas coisas podem acontecer? Enfatizando estas características pode desenvolver um argumento para justificar a não-existência de Deus ou a existência de um Deus bom não. Talvez o argumento teleológico é um argumento, não a existência de Deus, mas da existência do diabo. Ao tomar em conta estas considerações, o argumento teleológico parece menos impressionante.

A negação da revelação geral

Além dessas objeções filosóficas, também há objeções teológicas. Karl Barth, por exemplo, rejeitou a teologia natural e da revelação geral. Barth foi educado no liberalismo padrão de Albrecht Ritschl e Adolf von Harnack, e, particularmente, foi instruído por Wilhelm Herrmann. O liberalismo não levar muito a sério a Bíblia, descansando muitas das suas declarações em uma espécie de teologia natural. Barth tinha uma boa razão, com base na experiência, de se preocupar com a crença na revelação geral, ea tentativa liberal de desenvolver uma teologia natural a partir dele. Ele tinha visto o efeito de identificar também os desenvolvimentos históricos na obra de Deus. Em 1914, ele ficou chocado quando um grupo de noventa e três intelectuais alemães apoiaram a política de guerra do Kaiser Guilherme. Os nomes de vários professores de teologia de Barth apareceu nessa lista. Eles acreditavam que Deus iria cumprir a sua vontade no mundo através desta política de guerra. Sua visão da revelação tinha feito extremamente indiscriminada em relação aos eventos históricos. Junto com a mudança de Ernst Troeltsch da faculdade de teologia à filosofia, sua experiência decepcionante Barth disse a ele superficialidade e falência do liberalismo. Portanto, do ponto de vista teológico, agosto de 1914, em uma maneira marcou o fim do século XIX na Europa. No início dos anos 1930, o processo foi

repetido praticamente. Com uma situação económica desesperada, a Alemanha viu no partido nazista de Adolf Hitler esperança de salvação. Um segmento importante da igreja estado apoiado este movimento, vendo-a como uma forma de fazer Deus na história. Barth manifestou-se contra o governo nazista e, como resultado, foi forçado a deixar seu cargo de professor na Alemanha. Em cada caso, os acontecimentos políticos posteriores provaram que a apreensão de Barth em direção a conclusões liberalismo teológico era procedente.

É importante salientar a forma que Barth tinha que entender a revelação. Para ele, a revelação é redentor na natureza. Para ele, a conhecer a Deus, ter a informação correta sobre ele, ele estava ligado a uma experiência de salvação. Em desacordo com muitos outros teólogos, diz que não é possível extrair de Romanos 1 :. "união natural com Deus ou o conhecimento de Deus pelo próprio homem e, como tal," 18-32 qualquer declaração a respeito de um Na sua discussão com Emil Brunner, Barth disse, "Como pode Brunner manter um real conhecimento do verdadeiro Deus, porém imperfeita (e qual o conhecimento de Deus não é imperfeito) não traz salvação" ¹⁵

Barth é muito cético quanto à idéia de que os seres humanos são capazes de conhecer a Deus fora da revelação em Cristo. Isto significa que eles podem conhecer a existência, o ser de Deus, sabendo nada da sua graça e misericórdia. Este ferir a unidade de Deus, porque seria abstrair toda a sua actividade. Um homem que pode saber algo de Deus fora de sua revelação em Jesus Cristo teria contribuído, pelo menos, em menor medida, a sua salvação ou sua posição espiritual diante de Deus. O princípio de "apenas por graça" seria comprometida.

Para Barth, a revelação é sempre e somente a revelação de Deus em Cristo, o Verbo feito carne. Nenhuma revelação além da encarnação. Após esta posição encontramos (provavelmente sem Barth reconhece) uma concepção existencialista da verdade como subjetiva e de pessoa para pessoa que nos lembra Søren Kierkegaard e Martin Buber. A possibilidade de conhecer a Deus foi misericordioso revelação de Cristo iria eliminar a necessidade de Cristo.

No entanto, Barth tem de enfrentar o problema da existência de teologia natural. Por que ele se levantou e persistiu? Ele reconheceu que tradicionalmente têm citou algumas passagens bíblicas como justificativa para entrar teologia natural (eg, Sl. 19 e Rom. 1). O que fazer com eles? Ele diz que a "linha principal" da Escritura ensina que o que une o homem com Deus, por Deus, é a graça. Como pode haver uma outra maneira em que os seres humanos chegam a Deus, outra maneira de saber? Há três possíveis maneiras de lidar com essa aparente discrepância entre a linha principal e da "linha média" das Escrituras (aquelas passagens que parecem falar de uma teologia natural):

1. Reexaminar a linha principal para ver se ele pode ser interpretada de modo a permitir que a linha secundária.
2. Considere os dois válido, mas contraditória.
3. Interprete a linha secundária para que ele não contradiz a linha principal.

A primeira possibilidade já foi excluído. E o que se afirma-se que há dois contraditório aqui simplesmente observa, produzindo um paradoxo? Ao contrário do que muitas pessoas esperavam Barth, ele rejeitou essa alternativa. Como o testemunho bíblico é a revelação de Deus e não uma idéia humana, não pode haver contradição. Isso só deixa a terceira possibilidade: a interpretação linha secundária que não contradiz a linha principal.

Na interpretação Barth entende Salmo 19 versículo 3: "Não há fala ou linguagem em que a sua voz não é ouvida" é relação conflituosa com os versículos 1 e 2. Portanto, o salmista no versículo 3 nega o que parece afirmar nos versículos 1 e 2. Os céus, os dias e as noites são realmente estúpido. Barth também sustenta que os seis primeiros versículos do Salmo deve ser entendida à luz dos versículos 7-14. Portanto, o testemunho de que os seres humanos estão no universo "não ocorre de forma independente, mas em

coordenação e subordinação contribui para o testemunho de Deus falando e agindo [a lei do Senhor, o testemunho do Senhor, etc.] em as pessoas e entre os povos de Israel ".

Barth admitir que Romanos 1: 18-32 definitivamente afirma que os seres humanos têm conhecimento de Deus. No entanto, Barth nega que esse conhecimento de Deus é independente da revelação divina do evangelho. Em vez disso, ele mantém as pessoas Paul tinha em mente já havia recebido a revelação de que Deus declarou. Afinal de contas, Paulo diz que a ira de Deus se revela do céu contra eles (v. 18). E, neste contexto, ele diz que está pronto para pregar o evangelho aos Romanos (15 v.), E quem não é envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para eles.

Assim, essencialmente, Barth interpretação das duas passagens é a mesma. As pessoas encontram Deus em mente no cosmos, mas eles fazem, porque eles já se encontrou com Deus através da revelação especial. Então, o que aconteceu é que leram, ou projectados na ordem criada, o que eles sabiam sobre ele por meio de revelação.

É verdade que em porções posteriores da *igreja dogmática* Barth parece de alguma forma alterar a sua posição. Esta reconhece que, embora Jesus Cristo é a Palavra, e a Luz da vida, a criação contém muitas luzes menores que mostram a sua glória. No entanto, Barth não fala deles como revelações, reservando essa designação para o Word. Mantém o termo luzes. É também de salientar que, na sua declaração subsequente suma, *a teologia* evangélica, Barth não fez qualquer menção de uma revelação através da ordem criada. Portanto, parece ter tido pouco impacto ou nenhum impacto prático em sua teologia.

Barth ofensa contra a teologia natural é compreensível, especialmente tendo em conta a sua experiência com ele, mas exagerei. Como será descrito na próxima seção, Barth embarcou em uma exegese bastante questionável. Aparentemente suas interpretações surgiu necessariamente de seus pressupostos, alguns dos quais são duvidosos:

1. Deus é revelada apenas em Jesus Cristo.
2. sempre responder positivamente a revelação genuína e não ignorada ou rejeita.
3. O conhecimento de Deus é sempre redentora e salvar a natureza.

Barth tomou nestes pressupostos para a sua interpretação de passagens bíblicas que parecem falar da revelação geral. Essas hipóteses levam a um quadro conceitual completo que tem dificuldade em explicar os dados leva à conclusão de que um ou mais deles são inadequado ou inválido.

O exame das passagens relevantes

É necessário examinar mais cuidadosamente várias passagens chave que lidam com a revelação geral e tentar ver exatamente o que eles dizem. Então nos unimos o significado dessas várias passagens dentro de uma visão consistente do assunto.

Dos muitos elogios da natureza, expressando o mesmo sentido básico, o Salmo 19 é talvez o mais explícito. A linguagem utilizada é muito vívida. O verbo traduzido "está dizendo" מְסַפֵּרִים (Mesapparim). Esta é uma forma de particípio pele סָפַר (Saphar). Em qal radical ou simples, o verbo significa contagem, cálculo ou número; na pele significa recontagem ou dizer. O uso do particípio sugere um processo contínuo. O verbo מַגִּיד (Maggid) de נָגַד (Nagad), que significa declarar ou show. O verbo יָבִיא (Yabbia '), hifil imperfeita de נָבַא (NABA), a média de fluxo, transmissão, soprando bolhas ou vômitos. Especialmente transmite a idéia de emissão de fluxo livre, espontânea. O verbo יַחַדְּ (Yechawweh) de חָוָה (Chawah) significa simplesmente declarar, digamos, dar para fora. Superficialmente, esses versículos afirmam que a natureza criou declara a glória de Deus.

A questão interpretativa real tem a ver com o status do versículo 3, onde se lê (v 4 no texto hebraico.): "Não fala, nem palavras; sua voz não foi ouvida. "Eles ofereceram cinco grandes interpretações de como esse versículo se relaciona com o precedente.

1. O versículo 3 diz que não há palavras, que os testemunhos são silenciosos, testemunho sem palavras. Eles são inaudíveis, mas inteligível em todos os lugares. No entanto, se fosse esse o caso, versículo 3 teria o efeito de interromper o fluxo do hino, eo versículo seguinte teria que começar com uma lei adversativa.

2. O versículo 3 deve ser considerada uma oração circunstancial que altera o seguinte verso; esta é a interpretação de George Ewald. Versos foram traduzidos: "Não falando alto ... o som ecoou por toda a terra." Não há problemas léxica e sintática nesta interpretação. אָמַר('Omer) não significa "falar alto" e קָוָו(Qawwam) não significa "som". Além disso versículo 3 não contém nada que não revela a subordinação projetado com respeito ao próximo verso.

3. O versículo 3 deveria ser independente e do contraditório. Assim, ele está negando que eles tinham dito os dois primeiros versos. Esta é a posição de Barth. No entanto, uma pergunta que está no contexto que sugere que a antítese. Além disso, seria de esperar que o verbo יָצָא(Yatsa) do versículo 4 e apareceu no versículo 3. Além disso, embora outras interpretações do verso exigem a entrada de um elemento do discurso, interpretando Barth exige conjunção lei e preposição *com*, *nenhum dos quais aparece aqui*. Portanto interpretação parece muito complicada. A lei da navalha de Ockham sugere à procura e, em seguida, adotar um tratamento mais simples, no entanto, explica adequadamente o verso.

4. A interpretação de Martinho Lutero, João Calvino e os outros era que tinha de ser traduzido versículo 3: ". Não há nenhuma discurso nem palavras, esta mensagem não é ouvida" Isto sublinha a universalidade da mensagem, atingindo todas as nações e todas as línguas. No entanto, nesse caso, você deve encontrar לָשׁוֹן לֵשׁ(Em lashon) ou לֵשׁ לֵשׁ(Em saphah).

5. seguido da tradução Septuaginta, Campegius Vitringa e Ferdinand Hitzig é: "Não há fala ou linguagem, cuja voz não está sendo ouvida, ou seja inaudível", ou apenas ". Sem fala ou palavras inaudíveis"

A última interpretação parece mais desejável por várias razões. No formulário "Não fala ou palavras inaudíveis," você não precisa digitar palavras que faltam. Muito depende muito da forma como o particípio negativo é traduzido בִּלִּי(Beli). Este particípio é usado principalmente para negar um adjetivo ou particípio, portanto, funciona como o alfa eo prefixo grego "a-" em espanhol. Um exemplo desta utilização é בִּלִּי מָשִׁיחַ(Beli Mashiach. "Ungido [óleo]") em 2 Samuel 1:21, o King James Version traduz bem como tradução do Salmo 19: 3 é perfeitamente natural, não requerendo a inclusão de qualquer palavra; Além disso, esta tradução não só contradiz os versos precedentes, mas na verdade acentua-los e apoia-los.

Aqui ainda a questão da relação entre os versículos 7-14 e os seis primeiros versículos do Salmo. Barth sugere que a primeira parte é interpretado à luz da última parte. Em geral, interpretar um verso à luz do seu contexto é um bom princípio exegético. Neste caso, no entanto, sugerem (como faz Barth) que as pessoas que encontram evidências de natureza fazer isso porque sabem que a lei de Deus parece artificial. Não há nenhuma indicação de um link ou de transição; portanto, o que nós temos na última parte do salmo é uma subida para outro assunto, mostrando como a lei vai além da divulgação no cosmos.

Romanos 1 e 2 é o outro grande passagem lidar com a revelação geral. A parte significativa do capítulo 1 são os versículos 18-32, enfatizando a revelação de Deus na natureza, enquanto que 2: 14-16 parece particularmente elaborar revelação geral na personalidade humana. O tema da epístola é afirmado nos versículos 16 e 17 do primeiro capítulo é que nele a justiça de Deus de fé em fé. Esta justiça de Deus em providenciar a

salvação, no entanto, pressupõe a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens (v. 18). Paul está preocupado em explicar como isso pode ser apenas ira de Deus. A resposta é que as pessoas sobre as quais Deus Vents sua raiva têm a verdade ", mas pela injustiça suprimem a verdade" (v. 18b --NVI). Deus tem plenamente demonstrado o que devem saber sobre ele. Esta auto-manifestação continuou desde a criação do mundo, sendo percebidos nas coisas que Deus fez. As qualidades invisíveis-seu eterno poder e divindade, é claramente visível, e, portanto, sem desculpa. (V. 20). Eles tinham conhecido Deus, mas não glorificado ou deram graças; ao contrário de seu coração insensato se obscureceu e tolo (vv. 21-22) que foram feitas.

A linguagem desta passagem é clara e forte. É difícil interpretar expressões como "o que é conhecido sobre Deus" (τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ - *para gnōston tou theou*) e "expresso" (ἐφανερώσεν - *ephanerōsen*- v. 19) como outra coisa senão uma verdade objetiva sobre Deus cognoscível . Da mesma forma, "tendo conhecido a Deus (γνόντες τὸν θεὸν - *gnontes ton Theon* - v. 21) e" a verdade sobre Deus "(τὴν ἀλήθειαν τοῦ θεοῦ - *Ten Aletheian tou theou* - v. 25) indica a posse de um conhecimento genuíno e precisas.

A sugestão de Barth que as pessoas têm em mente não é o ser humano no cosmos (o ser humano em geral) é errado. Seu argumento é que a passagem deve ser considerada no contexto do evangelho de Paulo nos versículos 15 e 16. Portanto, a última parte do capítulo (vv. 18-32) tem em mente para judeus e gentios que estavam objectivamente confrontado com a revelação divina no evangelho (v. 16). No entanto, deve notar-se que Paulo não diz que a justiça de Deus foi revelado ao injusto. O que ele diz é que a ira de Deus é contra (ἐπὶ - *epi*) ou *acima deles, enquanto as coisas que podemos aprender com ele* (v. 19 - *É significativo que Paulo não usar o termo evangelho ou justiça aqui*) são em (ἐν - *em*) eles e é revelado a eles (αὐτοῖς - *autois*, caso dativo). Esta distinção entre a revelação sobrenatural da ira de Deus (parte da revelação especial) e a revelação do seu eterno poder e divindade na criação é mais realçado com as palavras de Paulo que o primeiro é divulgada ao injusto porque (διότι - *dioti*) *o último é claro para eles*. Portanto, parece que tinha a revelação geral, mas não revelação especial, o evangelho. Eles estavam conscientes do eterno poder e divindade de Deus; Eles não estavam cientes de sua raiva e justiça. Certamente Paulo sabia do julgamento destas pessoas através de revelação especial, mas eles estavam nessa condição simplesmente por sua rejeição da revelação geral. Barth está confuso quanto a este ponto.

O segundo capítulo continua o argumento. A questão aqui parece ser que todos, judeus e gentios, estão condenados: os judeus, porque eles fizeram o que a lei exigia; os gentios porque, mesmo sem a lei, sabemos o suficiente para ser responsável perante Deus por suas ações, porém desobedecer. Quando fazem por natureza (φύσει - *phusei*) *as exigências da lei, eles estão provando que o que a lei ordena está escrito nos seus corações* (versículos 14-15.). Portanto, não sabem ou não a lei, essas pessoas sabem a verdade de Deus.

Atos 14: 15-17 também aborda a questão da revelação geral. As pessoas de Listra havia pensado Paulo e Barnabé eram deuses. Eles começaram a adoração. Tentando levar as pessoas a abandonar essa idéia, Paulo disse que eles deveriam voltar-se para Deus que criou o céu ea terra. Ele observou que, embora Deus havia permitido que as nações andassem nos seus próprios caminhos, tinha deixado uma testemunha para si mesmo em todas as aldeias, fazendo o bem, dando estações de chuva e frutas, e que satisfaçam os seus corações com alimento e feliz. A questão é que Deus deu testemunho de si mesmo com a conservação benevolente da criação. Aqui o argumento parece se relacionar com o testemunho de Deus acerca de si mesmo na natureza e (talvez até mais) história.

A aprovação final é particularmente relevante para os nossos propósitos é Atos 17: 22-31. Nela, Paulo aparece antes um grupo de filósofos, sociedade ateniense filosófica, isto é, no Areópago. Há dois pontos de particular importância na apresentação de Paul. Primeiro, ele tinha percebido que havia um altar ao "deus desconhecido" no lugar

de adoração dos atenienses. Eles começaram a proclamar esse Deus. O deus na especulação, sem revelação especial, era o mesmo Deus que ele conhecia de demonstração especial. Em segundo lugar, ele citou um poeta ateniense (v. 28). O que é significativo aqui é que um poeta pagão tinha sido capaz de chegar a uma verdade espiritual sem revelação especial de Deus.

A revelação geral, mas teologia natural

Quando começamos a unir estas passagens, a posição da Calvin parece mais consistente com os dados bíblicos e que as observações Barth ou Thomas filosóficas. Basicamente, esta é a visão que Deus tem nos dado um objetivo, revelação de Si mesmo válido e racional na natureza, história e personalidade humana. Independentemente se alguém observa, ele entende e acredita que, mesmo que ele pode ter sido alterado pela queda, certamente presente. Esta é a conclusão a ser tirada passagens tais como Salmo 19: 1-2 e Romanos 1: 19-20. A revelação geral não é algo que conhecem a Deus através de outros meios de leitura na natureza; ele já está presente através da obra de Deus na criação e na providência continuou.

Mas Paulo diz que os seres humanos não percebem claramente Deus na revelação geral. Pecado (aqui estamos pensando sobre a queda da raça humana e nossas más ações continuadas) tem um duplo efeito sobre a eficácia da revelação geral. Por um lado, o pecado tem distorcido o testemunho da revelação geral. A ordem agora é criado sob uma maldição (Gn. 3: 17-19). A terra produzirá espinhos e abrolhos para o homem de funcionamento (v 18.); As mulheres vêem multiplicado seu travail (v. 16). Paulo diz em Romanos 8: 18-25 que a criação foi submetido a futilidade; (v 20). à espera de sua libertação (vv. 19, 21, 23). Como resultado, seu testemunho é refratada determinada maneira. Embora ainda a criação de Deus e, portanto, continua a dar testemunho, não é exatamente o que era quando ele veio das mãos do Criador. É um edifício danificado. O testemunho de Maker é turva.

O efeito mais grave do pecado e da queda ocorre nos próprios seres humanos. Escritura fala em vários lugares do entendimento humano cego e escurecido é. Paul já havia afirmado em Romanos 1:21 que diz que conhecem a Deus, mas rejeitou o seu conhecimento, que trouxe com cegueira. Em 2 Coríntios 4: 4, Paulo atribui essa cegueira para a obra de Satanás ", os incrédulos o deus deste século cegou suas mentes para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é o imagem de Deus ". Embora Paulo está se referindo aqui à capacidade de ver a luz do evangelho, esta cegueira, certamente, também afeta a capacidade de ver Deus na criação.

A revelação geral, evidentemente, não permite que o incrédulo chegar ao conhecimento de Deus. Declarações de Paulo sobre a revelação geral (. Ro 1-2) deve ser visto à luz do que ele diz sobre a humanidade pecadora: e (Rom 3 Todas as pessoas estão sob o poder do pecado nenhum é justo.) vontade de dizer às pessoas de Cristo (10:14): "Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não há quem pregue? "Portanto, Paulo pensou que a possibilidade de construir uma teologia natural full-blown está seriamente em questão.

O que é necessário, então, é o que chamou de "Calvin espetáculos de fé." Faz uma analogia entre a condição do pecador e um homem com problemas de visão. O último olha para um objeto, mas vê-lo não distinguir. Esclareça suas óculos de visão. Da mesma forma, um pecador não reconhece Deus na criação. Mas quando copos de conjuntos de fé, melhorando a sua visão espiritual e pode ver Deus em sua obra.

Quando as pessoas estão expostas a revelação especial sobre o evangelho e responder, suas mentes são apagadas pelos efeitos da regeneração, o que lhes permite distinguir o que está lá. Então, eles podem reconhecer na natureza, que é mais clara na revelação especial. O salmista foi uma declaração da glória de Deus no céu, viu *claramente* que ele tinha vindo a conhecer Deus através da revelação especial, mas o que ele viu tinha sido

sempre objetivo e realmente lá. Ele não se projeta sobre a criação, como Barth nos querem fazer crer.

As Escrituras não contêm qualquer coisa que constitui um argumento para a existência de Deus a partir de evidências da revelação geral. A afirmação de que Deus é visto em seu trabalho é de nenhuma maneira uma prova formal de sua existência. Vejamos que quando Paulo também apareceu diante dos atenienses, alguns acreditavam que ele, outros rejeitados e alguns manifestaram interesse em ouvi-lo novamente em outra ocasião (At. 17: 32-34). Daí a conclusão de que existe uma revelação geral objetivo, mas não pode ser usado para desenvolver uma teologia natural, que parece ser o que melhor se ajusta aos dados da Escritura sobre este assunto.

A revelação geral e da responsabilidade humana

Mas o que sobre o julgamento da humanidade falado de Paulo em Romanos 1 e 2? Se é só para Deus para condenar os homens, e se eles podem ser culpados sem saber a revelação especial de Deus, isso significa que nenhuma revelação especial é capaz de evitar a condenação de Deus? Em Romanos 2:14 Paulo diz: "Quando os gentios, que não têm lei, fazem por natureza o que a lei, eles, embora não tendo lei, são uma lei para si mesmos." Paulo está sugerindo que eles poderiam ter cumprido os requisitos da lei? Mas isso não é possível, mesmo para aqueles que têm a lei (cf. Gal 3: 10-11. E também Rom. 3). Paulo também deixa claro em Gálatas 3: 23-24 que a lei não era um meio para justificar, mas um παιδαγωγός (paidagogos) para fazer-nos conscientes do nosso pecado e nos levam a fé, para nos conduzir a Cristo.

Agora direito interno com os não crentes realizado a mesma função como a lei com os judeus. A revelação na natureza (Rom. 1), as pessoas devem concluir que existe um Deus poderoso e eterno. E com a revelação interior (Rom. 2), eles devem perceber que eles não vivem na mesma base. Embora o conteúdo do código moral varia em diferentes situações culturais, todos os seres humanos têm uma compulsão interna que é algo que deve aderir. E todos cheguem à conclusão de que eles não estão cumprindo o critério. Em outras palavras, o conhecimento de Deus que todos os seres humanos têm, se não eliminados, deve levá-los à conclusão de que eles são culpados em relação a Deus.

E se alguém se expor à misericórdia de Deus, sem conhecer a base sobre a qual esta bondade é fornecido? Não seria essa pessoa na mesma situação que os crentes do Antigo Testamento? A doutrina de Cristo e Sua obra expiatória não tinha sido totalmente divulgados a essas pessoas. No entanto, eles sabiam que havia provisão para o perdão dos pecados, e eles não poderiam ser aceites pelos méritos de suas próprias obras. Eles foram moldados evangelho sem conteúdo. E eles foram salvos. Agora, se Deus é conhecida por natureza, é o mesmo Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob (como parece afirmar Paulo em Atos. 17:23), então parece que as pessoas que acreditam em um Deus Todo-Poderoso, que estão desesperados que praticam o bem para agradar a Deus esta sagrada e que estão expostos à mercê do bom Deus, eles devem ser aceites como eram crentes do Antigo Testamento. A base de aceitação seria a obra de Jesus Cristo, mesmo que a pessoa envolvida não está ciente de que esta é a forma como tem sido fornecida para a sua salvação. Devemos olhar para a base da salvação, aparentemente, era a mesma no Antigo e no Novo Testamento. A salvação sempre reside no fato de fé;; (Gl 3 6-9.) isto foi conseguido salvação, porque Cristo nos libertou da lei (10-14 vv., 19-29). Nada mudou nesse sentido.

Muitas vezes, eles levantaram duas objecções a este tipo de declaração. Um deles é o medo de que a revelação especial é deslocada pela revelação geral, ou descobertas humanas. No entanto, se a revelação especial atesta a existência da revelação geral, rejeitando a idéia de revelação geral não honra revelação especial. Além disso, alguns temem que a urgência do empreendimento missionário deve ser diminuída se a possibilidade de que algum poder ser salvo sem ouvir a revelação do evangelho. No

entanto, isso é quase um argumento pragmático, não bíblica. Nós, como os evangélicos não tomam as conclusões teológicas mais úteis, mas aqueles que são mais fiéis às Escrituras.

Que conclusão devemos tirar, então, a declaração de Paulo em Romanos 2: 1-16? É concebível que alguém pode ser salvo através da fé, sem uma revelação especial? Paulo parece deixar aberta a possibilidade. No entanto, na Escritura não há nenhuma indicação de quantas, se houver, experiência de salvação sem revelação especial. Paulo sugere em Romanos 3 nenhum. E no capítulo 10 chamadas para a necessidade de pregar o evangelho (revelação especial) para fazer as pessoas acreditarem. Parece, portanto, claro que ao não responder à luz da revelação geral que eles têm, os seres humanos são totalmente responsáveis, porque eles realmente conhecem a Deus, mas eles têm reprimido seu próprio desejo de que a verdade. As palavras de Paulo "para que eles não desculpar" (1:20) parecem exigir que existe a possibilidade de que alguém de alguma forma entra em uma relação de favor com Deus nessa base. Portanto, de forma eficaz, a revelação geral serve como o direito a culpa, não apenas.

Implicações da revelação geral

1. Há um comum ou um ponto de contato entre o crente eo incrédulo, ou entre o Evangelho ea mente de um incrédulo. Todo mundo tem conhecimento de Deus. Embora possa ser suprimida até ao ponto de ficar inconsciente ou irreconhecível, ainda existe e haverá áreas de sensibilidade para o qual a mensagem podem ser tratadas de forma eficaz como um ponto de partida. Estas áreas de sensibilidade varia de pessoa para pessoa, mas eles estão lá. Existem recursos de criação que podem apontar para o crente, características que permitem que o incrédulo reconhecer algo da verdade da mensagem. Por isso, não é nem necessário nem desejável disparar a mensagem que o ouvinte de forma indiscriminada.

2. Existe a possibilidade de algum conhecimento da verdade divina para fora da revelação especial. Podemos entender mais sobre a verdade revelada especialmente considerando a revelação geral. Nós compreendemos mais plenamente a grandeza de Deus, entender melhor a imagem de Deus nos seres humanos, quando olhamos para a revelação geral. Isto deve ser considerado um complemento, não um substituto, da revelação especial. A distorção que faz com que o pecado na forma de entender a revelação geral do ser humano é maior quanto mais você se aproxima a relação entre Deus eo homem. Portanto, o pecado escurece relativamente pouca compreensão de temas como a física, mas muitas questões relacionadas com a psicologia e sociologia. No entanto, é nesses lugares onde há um maior poder de distorção, onde uma compreensão mais completa possível.

3. Deus é justo em condenar aqueles que nunca ouviram o evangelho em sentido pleno e formal. Ninguém é completamente desprovido de oportunidade. Nós todos sabemos que Deus; caso não tenham recebido de forma eficaz, é porque eles suprimiram a verdade. Por isso todos são responsáveis. Isso aumenta a motivação do esforço missionário, uma vez que nenhum é inocente. Todo mundo tem que acreditar em oferta graciosa de Deus, e é precisa para levar a mensagem.

4. A revelação geral ajuda a explicar o fenômeno global de religião e as religiões. Todas as pessoas são religiosas, porque todos nós temos um tipo de conhecimento de Deus. A partir desta indistintas e talvez irreconhecíveis religiões revelação que foram construídas, infelizmente, são as distorções da verdadeira religião bíblica.

5. Como a criação eo evangelho são revelações inteligíveis e coerentes de Deus, não há harmonia entre eles, e se reforçam mutuamente. A revelação bíblica não é totalmente conhecida o que distingue o ambiente natural.

6. O conhecimento genuíno e moralidade genuína em humanos descrentes e crentes () não são próprias realizações. A verdade que vem para além da revelação especial continua a ser a verdade de Deus. Conhecimento e moralidade não são tanto uma descoberta como um "revelar" a verdade que Deus estruturou Seu universo, tanto física quanto moral.

9. A revelação especial de Deus

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Definir e identificar a necessidade de a revelação especial de Deus para os seres humanos.
- Identificar três características da revelação especial, incluindo pessoal, antrópica e analógico.
- modos expresso de revelação especial de Deus através de acontecimentos históricos, a comunicação divina e da presença de Deus em Cristo.
- Distinguir entre a revelação pessoal e proposicional e identificar o significado de cada um.
- Confirmar a importância da Escritura na revelação especial de Deus para a humanidade.

Resumo do capítulo

A maioria das pessoas precisa de uma compreensão mais pessoal de Deus que permite que a natureza ea história geral. Deus providenciou uma revelação especial de si mesmo. A maneira em que a revelação pessoal de Deus é apresentado inclui suas relações com as pessoas, experiência humana cotidiana e linguagem e compreensão usando. Os métodos usados por Deus incluem eventos históricos, o discurso divino ea encarnação de Deus em Cristo. Teólogos não concordam sobre se a revelação pessoal é proposicional ou pessoal. A Bíblia fornece tanto um conhecimento emocional e pessoal de Deus.

Questões de estudo

1. Qual é a natureza da revelação especial e como eles viram os crentes da revelação especial Antigo e Novo Testamentos?
2. Nome e descrever três características da revelação especial. O que contribui para a nossa compreensão da revelação especial?
3. Através de que três significa que Deus escolheu revelar a si mesmo? Como é que cada um contribuir para a nossa compreensão da revelação especial?
4. Que inferências atribuído o povo de Israel a Deus como G. Ernest Wright?
5. Qual é o significado de "Pannenberg círculo"?
6. Por que a Encarnação é a forma mais completa de revelação especial?

7. Como você compararia e iria contrastar a revelação pessoal e proposicional? O que é mais importante e por quê?

Definição e necessidade de revelação especial

Estilo revelação especial

Natureza pessoal da revelação especial

A natureza antropogénica da revelação especial

A natureza analógica da revelação especial

Os modos de revelação especial

Eventos históricos

Fala divina

A Encarnação

A revelação especial: proposicional ou pessoal?

Escritura e revelação

Definição e necessidade de revelação especial

Para entender a revelação manifestação especial que Deus faz de si mesmo para os indivíduos e em determinados momentos e coloca as pessoas, permitindo que as pessoas a entrar em um relacionamento redentor com ele. A palavra hebraica para "revelar" é גָּלַה (Galah). A palavra grega comum para "revelar" é ἀποκαλύπτω (apokalupto). Ambos expressam a idéia de descobrir o que está escondido. O grego φανερώνω (phaneroo), que expressa a idéia, especialmente manifesto, também usado com freqüência.

Por revelação especial era necessário? A resposta reside no fato de que os seres humanos tinham perdido a relação favor que tinham com Deus antes da queda. Era necessário que eles vieram a conhecer a Deus de uma maneira mais concreta se as condições de comunhão foram se reunir novamente. Esse conhecimento teve que ir além da revelação inicial ou geral, que ainda estava disponível, e agora, além da limitação natural da finitude humana, foi a limitação moral do pecado humano. Foi suficiente conhecer a existência de Deus e algo de como era. No estado original de inocência de Adão e Eva tinham sido inclinado positivamente (ou eram, pelo menos neutra) em direção a Deus e poderia responder diretamente. Mas após a queda foram separados de Deus e estavam em rebelião contra ele; sua compreensão de assuntos espirituais é obscurecida. Seu relacionamento com Deus não era apenas ocioso; estava perdido e precisava ser reconstruído. Portanto, a situação humana foi mais complicado do que era necessário a instrução original e, portanto, ainda mais.

Notamos que o propósito da revelação especial foi relacional. O principal objectivo desta revelação não era alargar o âmbito geral do conhecimento. Conhecimento *sobre* a ordem tinha conhecimento de. A informação teve de carro para o conhecimento; por isso, muitas vezes, bastante selectivo divulgações. Por exemplo, sabemos relativamente pouco sobre Jesus do ponto de vista biográfico. Não nos é dito nada sobre sua aparência, suas atividades características, interesses ou gostos. Os detalhes deste tipo, que são freqüentemente encontrados nas biografias foram omitidos porque eles não foram significativos para a fé. Como nos relacionamos com Jesus é bastante independente do fato de se era alto ou baixo, se você falar com o tenor ou baixo. O simples curiosos não será muito satisfeito com a revelação especial de Deus.

Um comentários introdutórios adicionais no que diz respeito à relação da revelação geral com a revelação especial necessário. Normalmente, presume-se que a revelação especial é ainda mais necessário fenômeno a cair devido ao pecado humano. Muitas vezes ele considera um remédio. Claro, não é possível saber o status exato da relação entre Deus ea humanidade antes da queda. Ele só não foi dito muito sobre isso. Você pode Adão e Eva a ter uma consciência tão clara de Deus, que estavam cientes de que em qualquer lugar, em sua própria experiência interior e sua percepção da natureza. Em caso

afirmativo, esta sensibilização poderia ser considerada como uma revelação geral. No entanto, não há nenhuma indicação de que este era o caso. A história de Deus buscando a Adão e Eva no Jardim após o seu pecado (Gênesis 3: 8) dá a impressão de que ele foi um de uma série de reuniões. Além disso, as instruções dadas aos seres humanos (Gn 1:28) sobre o emprego e a atividade de criação de sugerir uma comunicação particular do Criador com a sua criatura; Não parece que estas instruções podem ser tiradas simplesmente de observar a ordem criada. Se este for o caso, a revelação especial precedeu a queda.

No entanto, quando o pecado entrou na raça humana, a necessidade de uma revelação especial tornou-se mais aguda. A presença direta de Deus, a forma mais direta e completa da revelação especial, foi perdido. Além disso, Deus tinha que falar agora de tópicos que foram importantes antes. Os problemas do pecado, culpa e depravação tinha de ser resolvido; Eles tiveram que fornecer um meio de expiação, redenção e reconciliação. E agora o pecado tinha caído compreensão humana da revelação geral, reduzindo assim a sua eficácia. Portanto, revelação especial tinha de se tornar corretivas com relação ao conhecimento de Deus e de seu relacionamento com ele.

É comumente dito que a revelação geral é menor do que a revelação especial, tanto na clareza do seu tratamento e da gama de questões a serem consideradas. O fracasso da revelação geral, portanto, necessita de revelação especial. No entanto, você também precisa de revelação especial da revelação geral. Nenhuma revelação geral, os seres humanos não possuem os conceitos de Deus que lhes permitam conhecer e compreender a revelação especial de Deus. A revelação especial é construída sobre a revelação geral. A relação entre eles é, de algum modo paralelo com o que Immanuel Kant encontrado entre as categorias de compreensão e senso de percepção: "Conceitos sem percepções estão vazias; percepções sem conceitos são cegas. "Ambos precisam um do outro e estão em harmonia. Não parece entrar em conflito com apenas uns aos outros se desenvolveram isoladamente um do outro. Eles têm um tema e uma perspectiva comum, oferecendo um entendimento harmonioso e complementar.

Estilo revelação especial

Natureza pessoal da revelação especial

Você precisa perguntar sobre o estilo da revelação especial, a natureza e o modo. Isto é, em primeiro lugar, pessoal. Um Deus pessoal apresenta-se aos outros. Isto é visto de várias maneiras. Deus revela-se dizendo seu nome. Nada é mais pessoal do que o próprio nome. Quando Moisés perguntou quem deveria dizer enviara o povo de Israel, Jeová respondeu dando o seu nome: "Eu sou quem eu sou [ou será que eu serei]" (Ex 3:14.). De fato, Deus fez convênios com indivíduos pessoais (Noé, Abraão) e com a nação de Israel. E note que a bênção que Aarão e seus filhos falou ao povo: "JEová. Abençoe e guarde SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti" (Num. 6: 24-26). Os Salmos contêm muitos testemunhos de experiência pessoal com Deus. E o objetivo da vida de Paulo era um conhecimento pessoal de Deus: "Eu posso conhecer, eo poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me a ele na sua morte" (Filipenses 3:10). .

Todas as escrituras são de natureza pessoal. O que descobrimos é um conjunto de verdades universais, como axiomas de Euclides da geometria, mas sim uma série de declarações sobre fatos específicos e concretos. As Escrituras são nenhuma apresentação teológica formal, com argumentos e contra-argumentos, como se poderia encontrar em um livro sobre teologia. Também não são sistematizadas declarações de credo. Existem elementos de declaração doutrinária, mas não uma intelectualização completa da crença cristã.

Há pouca especulação sobre assuntos não directamente relacionados com a obra redentora de Deus e Sua relação com a humanidade. Cosmologia, por exemplo, não

recebem o escrutínio que por vezes é encontrado em outras religiões. A Bíblia não errar em questões que têm apenas interesse histórico. Não preencha as lacunas no conhecimento do passado. Não se concentrar nos detalhes biográficos. O que Deus revela é principalmente a si mesmo como uma pessoa, e, especialmente, as dimensões de si mesmo que são particularmente significativos para a fé.

A natureza antropogénica da revelação especial

No entanto, o Deus que se revela é um ser transcendente, além de nossa experiência sensorial. A Bíblia afirma que Deus é ilimitado em seu conhecimento e poder; Não está sujeito a dos limites do espaço e do tempo. Consequentemente, a divulgação deve envolver uma condescendência da parte de Deus (no melhor sentido da palavra). Os seres humanos não pode começar a investigar a Deus e, embora eles não podiam entender. Então, Deus revelou-se tão antrópica. Isso não deve ser um antropomorfismo, como tal, mas apenas como uma revelação que ocorre em linguagem humana e categorias humanas de pensamento e ação.

Este caráter antrópico envolve o uso das línguas humanas comuns da época. Acreditava-se que grego koiné era uma linguagem especial criado por Deus como ele era diferente do grego clássico. Naturalmente, nós agora sabemos que era apenas um vernáculo. Em expressões bíblicas da época em que aparecem. E formas normais e comuns de descrever a natureza, para medir a distância eo tempo, etc. são usados

A revelação é antrópica no sentido de que, muitas vezes, assume formas que pertencem à experiência humana normal, todos os dias. Por exemplo, Deus usou muitas vezes com sonhos de se revelar. Mas algumas experiências são tão comuns como os sonhos. Não é o tipo de perícia particular usado, mas o conteúdo específico que é contribuído eo uso especial feito desta experiência foi o que distinguia a revelação do que era normal e natural. O mesmo se aplica à encarnação. Quando Deus apareceu a humanidade que ele usou a forma de um ser humano normal. Aparentemente, Jesus não tinha nenhum sinal distintivo. A maioria das pessoas levou-o para um ser humano comum, o filho de José, o carpinteiro. Ele veio como um ser humano, e não como um anjo ou como um facilmente reconhecível para ser como um deus.

Claro, houve revelações que claramente romperam com a experiência típica. A voz do Pai falando do céu (Jo. 0:28) foi um deles. Milagres foram marcantes para o seu efeito. No entanto, grande parte da revelação tomou a forma de eventos naturais.

A natureza analógica da revelação especial

Deus usa esses elementos no universo do conhecimento humano que pode servir como retrato ou em parte, reflectir a verdade no reino divino. Sua revelação usa linguagem analógica, que está a meio caminho entre a linguagem unívoco e equívoco. Na linguagem unívoca, um termo usado com um sentido. Na linguagem ambígua, um termo tem significados completamente diferentes. Então, se nós usamos a palavra Inglês *linha* como o nome para descrever um cenário de árvores e como um verbo para se referir a dirigir um barco de remo, estamos a fazer uma utilização enganosa da palavra. Em linguagem inequívoca, um termo usado predicativamente dois assuntos diferentes têm o mesmo significado em ambos os casos, como por exemplo, quando dizemos que um homem é elevado e que um edifício é alto. No sentido analógico, há sempre pelo menos um elemento sem ambiguidades, mas também há diferenças, como quando dizemos que os corredores correr uma maratona e que o comboio circula entre Chicago e Detroit.

Sempre que Deus revelou-se, você selecionou os itens que eram inequívocas em seu mundo eo nosso. Langdon Gilkey observou que, do ponto de vista ortodoxo, quando dizemos que Deus ama atos ou tem o mesmo significado como quando dizemos que um ser humano age ou amor. Quando dizemos que Deus parou as águas do rio Jordão, temos

o mesmo em mente quando dizemos que o Corpo de Engenheiros do Exército impediu um rio continuou a fluir. Embora possa haver diferenças de métodos e materiais, a ação tem basicamente o mesmo efeito: a água do rio para de fluir passado um certo ponto. Atos de Deus acontecer em um universo de espaço-tempo. A morte de Jesus foi um evento observável como a morte de Tiago, João, Pedro, André ou qualquer outro ser humano. Um médico que examinou Jesus quando ele foi tirado da cruz teria observado que ele não tinha pulso ou a respiração. Um eletrocardiograma ou um eletroencefalograma não teria nenhuma leitura discernível. E quando a Bíblia diz que Deus ama, falando o mesmo tipo de qualidades a que nos referimos quando falamos de amor humano (no sentido de *agape*): *Uma preocupação leal e altruísta pelo bem-estar de outra pessoa*.

Quando aqui utilizado o termo *analógico*, expressamos "*qualitativamente idêntica*", em outras palavras, a diferença é de grau do que de espécie ou gênero. Deus é poderoso como os seres humanos são poderosos, mas muito mais. Quando dizemos que Deus sabe, o significado é o mesmo que quando dizemos que os humanos sabem, mas o que um ser humano sabe algo que Deus sabe tudo. Deus ama os seres humanos como o amor, mas ama infinitamente. Não podemos saber quanto mais destas qualidades tem, ou o que significa dizer que Deus está no conhecimento humano expandido para um fim infinito. Tendo observado apenas formas finitas, não podemos entender os conceitos infinitos. Nesse sentido, Deus está sempre incompreensível. Não que nós não temos nenhum conhecimento dele, eo conhecimento genuíno. Mas a dificuldade é que não somos capazes de abraçar o nosso conhecimento. Embora o *que* nós sabemos sobre ele é o mesmo conhecimento que ele tem de si mesmo, o nosso nível de conhecimento é menor. Não é tão amplo conhecimento que ele tem de si próprio, ea este respeito será incompleta ou mesmo eschaton abrangente.

Este conhecimento analógico é possível porque Deus selecionou os componentes utilizados. Ao contrário dos humanos, Deus tem conhecimento das duas partes da analogia. Se os seres humanos só por sua própria razão natural procurar entender Deus construir uma analogia envolvendo Deus ea humanidade, o resultado é sempre uma espécie de enigma, porque eles estão trabalhando com uma equação que consiste em duas incógnitas. Por exemplo, se alguém argumentar que o amor de Deus para o amor humano é o que o ser divino é o ser humano, seria equivalente a dizer que $x / 2 = Y / 5$. Não sabendo o que é a relação entre o ser de Deus (ou natureza ou essência) e da humanidade, os seres humanos não pode construir uma analogia significativa.

Deus, por outro lado, sabendo tudo completamente, sabe quais os elementos do conhecimento e da experiência do homem são suficientemente semelhantes à verdade divina como eles podem ser usados para ajudar a construir uma analogia com significado. Desde que nós não temos nenhuma maneira de verificar uma analogia assim de forma independente, sempre continua a ser um pressuposto e, nesse sentido, uma questão de fé que isso corresponde à verdade que Deus está refletindo. Neste contexto devemos olhar para que você não pode verificar o quão perto estão as nossas ideias sobre o que é suposto representar e, portanto, deve ser aceita pela fé. A este respeito, o teólogo que trabalha com a revelação especial é semelhante ao empírico, que não pode assegurar que as percepções sensoriais proposta objetos representam adequadamente correspondente situação.

Os modos de revelação especial

Agora vamos examinar as formas reais ou meios ou métodos pelos quais Deus revelou-se: eventos históricos, o discurso divino e encarnação.

Eventos históricos

No século XX tem enfatizado fortemente a ideia de que a auto-revelação de Deus encontra-se em sua ação pessoal na história ou de suas "obras poderosas." Isto é apropriado porque Deus tem vindo a trabalhar concretamente na história dentro nosso mundo, influenciando o que acontece.

A Bíblia destaca a série completa de eventos divinos através do qual Deus se revelou. Do ponto de vista do povo de Israel, um evento importante foi o chamado de Abraão, a quem eles considerado como o pai da nação. Que o Senhor faria Isaac herdeiro sob condições mais improváveis, foi outro ato divino significativo. A provisão de Deus no meio de fome durante a época de Joseph beneficiou não apenas os descendentes de Abraão, mas também os moradores da área. Provavelmente, o maior evento de Israel, que ainda mantinham os judeus, era a libertação do Egito através das pragas, culminando na Páscoa e da travessia do Mar Vermelho. A conquista da Terra Prometida, o retorno do cativo, até mesmo o cativo de Deus fosse auto-relatos. O nascimento de Jesus, seus atos maravilhosos, especialmente sua morte e ressurreição eram obras de Deus. Na criação e expansão da igreja Deus também estava no trabalho, dando o seu povo ser.

Todos estes são atos de Deus e, portanto, revelações de sua natureza. Aqueles que têm citado aqui são espectaculares e milagroso. No entanto, os atos de Deus não se limitam a tais eventos. Deus tem trabalhado em ambas as grandes atos como os momentos mais mundanos da história de seu povo.

Embora nós falamos sobre eventos históricos, como forma de revelação especial, ainda é necessário perguntar o que se entende por isso. O que exatamente é a relação entre revelação e eventos históricos? Nós examinamos três abordagens diferentes: (1) revelação na história, (2) a revelação através da história e (3) a revelação como história.

1. A primeira abordagem é a de considerar a revelação na história. G. Ernest Wright insistiu que o que a autoridade está na Bíblia é a narrativa que tem de ser entendido como um recital de acontecimentos históricos admitidos pelo povo de Israel (o Antigo Testamento) e da Igreja Cristã (no Novo). A revelação ocorre numa série de eventos históricos. Wright faz questão de distinguir entre a compreensão da Bíblia como uma coleção de doutrinas e como uma narrativa histórica. A Bíblia, estritamente falando, não é a Palavra de Deus, mas um registro de atos de Deus ea resposta humana a esses atos. A doutrina bíblica deduzir dos considerandos históricos. Os atributos de Deus, como são chamados, não são verdades eternas que são dadas de uma forma educativa nas Escrituras. Em vez disso, as conclusões são extraídas do jeito que Deus agiu. Portanto, o conceito de Deus é visto não em termos de seu ser e essência, mas por suas ações.

Este concerto histórico pode ser visto no *kerygma*, que atravessa o Velho eo Novo Testamento. Um excelente exemplo é o Antigo Testamento, em Deuteronômio 26: 5-9. No Novo Testamento, encontramos um exemplo de mensagem de Paulo em Atos 13: 16-41, começando com os patriarcas que continua através de Davi a Jesus Cristo. O elemento comum que une os dois Testamentos é a história dos atos de Deus. Embora a história dos atos de Deus são colocados no contexto da história mundial, não é esta história universal que os atributos de Deus são derivados. Wright aponta três principais atributos de Deus, que Ele disse que o povo de Israel segue ao tentar explicar os acontecimentos que levaram ao estabelecimento de sua nação. A primeira conclusão que resultou da eleição de Israel é que Deus é um Deus de graça. A segunda conclusão é que as pessoas escolhidas são uma "comunidade de aliança" anexado a um Deus de lei que rege a vida da comunidade. A terceira conclusão é que Deus é o Senhor da natureza, o seu controle da natureza foi um importante testemunho de sua relação com a história e sociedade humana.

Wright adverte, no entanto, não devemos supor que o relato bíblico deve ser tomada simplesmente pelo valor de face. Os relatos de acontecimentos históricos incluem conceitos distintos que não devem ser tomadas literalmente. A razão para isto é que a interpretação de que foi dada a estes eventos não foi revelada por Deus especialmente. Os eventos são o ponto central da revelação; as conclusões não são nada mais do que

conclusões. Como tal, as conclusões tiradas pelos escritores bíblicos estão sujeitas a edição e revisão. Entre os relatos bíblicos são materiais que a crítica histórica não considera autênticos. Portanto, o uso de todos os dados bíblicos para moldar a teologia é, como diz David Kelsey, de uma maneira falsa. E que certas características do modo de compreender Deus foram inferidas pelos escritores bíblicos para contar a história; alguns foram inferidas a partir da história do desenvolvimento da narrativa mesmo; no entanto, outros eram da forma como foram estruturadas e narrativas organizado. Os conceitos encontrados na narrativa histórica ou legitimamente deles são extraídas são o fator de autoridade. É tarefa dos estudos bíblicos para determinar o quanto do que é apresentado como a história é realmente a história. A tarefa do teólogo é determinar quais as características para Deus pode ser inferida a partir da história real. A revelação, em seguida, está dentro da história; Não deve equiparar com a história.

Há um problema de inconsistência na abordagem de Wright. Por um lado, parece dizer que as categorias de hoje são a história do evento e, em vez de ser, a essência ou substância deve voltar a expressar conceitos bíblicos de maneiras que fazem sentido para as pessoas de hoje. Isto parece implicar que Wright é os conceitos de ser e essência de Deus nas Escrituras. Mas o tempo todo ele insistiu que os escritores bíblicos não pensar em termos de ser e essência. Uma dificuldade adicional é que re-expressar conceitos bíblicos em categorias existentes é permitir que uma suposição do século XX controla a interpretação dos acontecimentos bíblicos.

2. A segunda posição na relação entre revelação e história poderia ser caracterizada como revelação através da história. Aqui encontramos a posição popularmente conhecido como neo-ortodoxia. Deus tem trabalhado na história, manifestando-se aos seres humanos. No entanto, os eventos históricos não devem ser identificados com a revelação. Eles são o único meio pelo qual a divulgação é transmitida. Desde a divulgação não deve ser visto como a comunicação de informações para a humanidade, mas como apresentação de si mesmo de Deus.¹⁰ A revelação é um encontro entre Deus eo homem. Por exemplo, no incidente da sarça ardente (Ex. 3), Moisés, na verdade, se encontrou com Deus e ouviu falar dele de forma direta. E o ano em que morreu o rei Uzias, Isaías viu Deus em toda a sua majestade e grandeza (Is. 6). Mas os relatos desses eventos não eram revelação. Portanto, pode-se pegar as palavras ditas por Deus, como o Livro do Êxodo diz que Moisés fez, e pode-se ler estas palavras e ler as circunstâncias do evento, mas não obter a revelação. A revelação de Deus veio através das palavras e atos de Jesus, mas essas palavras e atos não eram a própria revelação. Por isso, os fariseus não conhecem a Deus, quando Jesus fez suas obras miraculosas. Em vez disso, eles sustentavam que ele fez o que fez pelo poder de Belzebu. Havia muitos que viram e ouviram Jesus, mas não o encontro com Deus. Simplesmente eles estavam convencidos de que ele era um homem excepcional. Um acontecimento particularmente notável é o incidente disse em João 12. Quando o Pai falou do céu, alguns disseram que um anjo havia falado com Jesus. Outros disseram ter havido um trovão. Apenas alguns realmente se encontrou com Deus por causa disso.

Apocalipse, então, não é percebida como um evento na história. O evento é apenas a revelação forro do escudo. Com efeito, a revelação é algo extra que é adicionado para o evento. É que Deus está arquivado diretamente com alguém através daquela revelação. Sem esta apresentação direta, o evento histórico é opaco; Claro, isso aconteceu com muitas pessoas observado, mas permaneceu de pé, imóvel. Assim, a narrativa da Bíblia (ou para essa matéria, em qualquer outro lugar na Bíblia) há divulgação, como tal, pela simples razão de que a revelação não pode ser capturada e gravada. A Bíblia registra que a revelação aconteceu no passado. A noção popular de que neo-ortodoxia considerada a Bíblia como um registro da revelação não é, estritamente falando, correto. A Bíblia registra que a revelação lá, mas não registra o que foi a revelação. É também um sinal e uma promessa de que a revelação pode acontecer de novo.¹² Quando alguém está lendo a Bíblia ou ouvir a sua proclamação, o Deus que mostrou-se a uma outra pessoa no

incidente bíblico pode ser considerado renova o seu divulgação e repetindo o que ele fez na situação bíblica. Você pode se apresentar em uma reunião com a pessoa que ler ou ouvir a Bíblia. Nesse ponto, pode-se verdadeiramente dizer que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas não porque não tem qualquer qualidade inerente. Ele se torna a Palavra de Deus. No entanto, quando Deus retira Sua presença, a Bíblia é apenas o que era antes: as palavras de Moisés, Isaías, Luke, etc.

De acordo com essa visão, Deus é completamente soberano na revelação. Nenhum ser humano pode fazer nada para forçar Deus para revelar-se. Nenhuma pessoa pode prever quando ou onde "falar" Deus novamente. A melhor coisa que você pode fazer é estar aberto para as palavras da Escritura, desejando e rezando para Deus manifestar. Mas Deus escolhe a hora, o local ea pessoa que revelou. Ela não está restrita à utilização da bíblicos que este problema. Barth diz que Deus pode falar através de um arbusto, um cachorro morto e até mesmo através das palavras de um ateu. Isso não quer dizer que a igreja é comissionado para ir proclamar as palavras de ateus. Em vez disso, ele é chamado a declarar as palavras da Escritura, porque eles oferecem em particular que Deus tem feito e que promete testemunho.¹⁵ No entanto, nenhum pregador neoortodoxo esse preço, introduzir a leitura das Escrituras dizendo "Agora vamos ouvir a palavra de Deus." Isso seria blasfêmia supor que Deus pode dizer quando e quem pode falar.

Aqui, novamente, tanto da posição de Wright, há uma visão de que a realidade ea verdade são dinâmico e não estático ou substantiva. A verdade é pessoal, não proposicional. A revelação é algo que *acontece*, *algo que não é*. Portanto, quando o neoortodoxo fala de revelação, tem em mente o *processo* ao contrário do *produto* da revelação (o que é dito ou escrito sobre ele), e que está *revelando* ao contrário do que é revelado. O evento histórico e, de fato, sua expressão, não revelação. O evento histórico como o que é observável e exprimível é apenas o veículo através do qual vem a revelação. A revelação é uma relação direta com Deus, em vez de um evento observável que pode ser examinada por métodos de pesquisa histórica. A revelação vem *através de* eventos históricos, mas não *como* esses eventos. Nunca deve identificar o canal ou meio de divulgação, exceto sob estas condições, como já descrito, torna-se a Palavra de Deus.

Esta visão permite a crítica histórica. A crítica trabalha com eventos históricos, mas desde que eles não são revelação, revelação seja salvaguardada efeito potencialmente corrosivo de críticas. Ao adotar a posição de Wright estava envolvido na crítica histórica em uma tentativa de encontrar a revelação na história, do ponto de vista permite neoortodoxo material histórico filtro crítica para garantir, tanto quanto possível a verdade Eu peguei, mas isso não resultar na divulgação. A revelação permanece sob o controle do próprio Deus, portanto, não pode ser extraído por qualquer esforço humano. Só vem quando Deus faz com que seja acessível pela graça soberana.

3. A posição final na relação entre revelação e história vê a revelação no ou através, mas *como* história. Na década de 60, um renascimento desta posição levou lugar graças aos esforços do "círculo de Pannenberg." O esforço cooperativo, *como História Apocalipse* [Apocalipse como a história] foi nomeado corretamente, e que estes homens sustentou que Deus tem agido na história de modo que os eventos realmente eram e são a revelação de si mesmo. Os atributos de Deus são realmente as ações da história, não é simplesmente deduzido. Langdon Gilkey indicou que o movimento teologia bíblica lutou com a idéia de Deus agindo na história; não ver que os atos de Deus na história teve o mesmo sentido que as ações de um ser humano na história. Pannenberg e seus seguidores, no entanto, usar a palavra *ação* exclusivamente quando falam das ações de Deus na história e nas ações humanas comuns. Eles consideram as ações de Deus na história como literal, não figurativa ou metafórica. A ressurreição de Jesus, talvez o último ato de Deus na história, podem ser testadas através da razão, como qualquer outro fato da história, diz Pannenberg.

Devemos notar que Pannenberg e seu círculo tem em mente a história universal; Eles consideram a história toda, não apenas ou exclusivamente eventos coletados nas Escrituras como uma revelação de Deus. Ao fazer isso, eles têm praticamente eliminado a distinção entre a história e a revelação. No entanto, no que diz respeito à relação entre a história e a revelação, eles têm restaurado uma compreensão correta. A posição que os eventos históricos não prometem ou conter ou tornar-se meramente revelação, pois eles são a revelação aparece perto do invocado pela mesma testemunho da Bíblia.

Além do mais, Jesus afirmou que houve uma revelação objetiva associada a eventos históricos. Portanto, disse ele em resposta a um pedido de Philippe para mostrar-lhes o Pai: ". Quem me vê a mim vê o Pai" Além disso, Jesus colocou a responsabilidade sobre os que o ouviram falar (e também tinha visto seus milagres): "Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça." (Mateus 11:15). Ele condenou os fariseus por Belzebu os trabalhos atribuídos a ele havia feito, que eram, na verdade, a obra do Espírito Santo trabalhando através dele. Então, ele parecia estar dizendo que os eventos históricos eram de fato revelação. Na verdade, os salmistas e profetas falam como se eles eo povo de Israel tinha visto as obras de Deus (ex. Sl. 78).

Fala divina

A segunda grande modo de revelação é o discurso de Deus. Uma expressão comum na Bíblia e, especialmente, no Antigo Testamento é a frase "Palavra de DEUS veio para ..." (por exemplo, Jer 18: 1; Ez 12: .. 1, 8, 17, 21, 26 ;. . I 1: 1; Joel 1: 1; Am 3: 1) .. Os profetas tinham consciência de que a sua mensagem não era de sua própria criação, mas de Deus. Ao escrever o livro do Apocalipse, John estava tentando comunicar a mensagem de Deus. O escritor de Hebreus disse que Deus havia falado muitas vezes no passado e agora estava particularmente falado através do Seu Filho (Hebreus 1: 1-2.). Deus não é mostrado como apenas através de suas ações; Também ele está falando, dizendo-nos sobre si mesmo, seus planos, sua vontade.

Podemos pensar que o discurso de Deus não é realmente um método. Parece muito direta. No entanto, sempre se trata em uma linguagem humana, a linguagem do profeta ou apóstolo, quer hebraico, aramaico e grego. Supõe-se que Deus não tem uma linguagem em que a falar. Portanto, o uso da linguagem é uma indicação de que o discurso de Deus é um mediador revelação e não uma revelação direta.

O discurso divino pode assumir diferentes formas. Pode ser uma expressão audível. Você pode ouvir a mensagem de Deus em silêncio e, internamente, como o processo de falar suavemente usando leitores lentos (ouvir em suas cabeças as palavras que estão lendo). É provável que, em muitos casos, que é o modo utilizado. Muitas vezes esse discurso inaudível era parte de outra modalidade, como o sonho ou visão. Nestes casos, o profeta ouviu o Senhor falar com ele, mas presume-se que nenhuma outra pessoa presente no momento não ouviu nada. Finalmente, há o "concurativa" inspiração: a revelação e a inspiração se misturaram em uma só. Enquanto o autor bíblico escreveu, Deus colocou pensamentos em sua mente que ele queria comunicar. Não era um caso de uma mensagem que havia sido revelado, e que o Espírito Santo foi o responsável só para lembrar, ou para levar o escritor aos pensamentos com o qual ele estava familiarizado. Deus criou os pensamentos na mente do escritor ao escrever. O escritor pode ser consciente ou não do que estava acontecendo. Neste último caso, você pode ter acreditado que as idéias eram simplesmente nasceram nele. Embora ocasionalmente Paulo indica que "acredita" que o Espírito de Deus (Ex. 1 Co. 07:40), às vezes é mais seguro ter recebido a mensagem do Senhor (eg., 1 Coríntios 11:23) . Há outros casos (por exemplo., Philemon) em que Paulo não é mostrado consciência de que Deus está dirigindo sua escrita, mas com certeza Deus estava fazendo.

Muitas vezes, a palavra falada de Deus foi a interpretação de um evento. Embora este evento costumava ser algo passado ou contemporâneo ao que estava sendo escrito, houve

momentos em que a interpretação previstos do evento, e profecia preditiva. Nossa opinião, apesar de algumas divergências acentuadas recentes, é que não só o evento, mas também a sua interpretação era a revelação de Deus; a interpretação era não só a perspectiva ou o produto da reflexão de um escritor bíblico. Sem esta interpretação particular revelou o evento em si seria maçante e, portanto, burro o suficiente. Seria sujeita a várias interpretações e explicações oferecidas pela Escritura poderia estar errado especulação meramente humana. Tome um evento central como a morte de Jesus. Se soubéssemos isso tivesse acontecido, mas que tínhamos divinamente revelado o seu significado, poderíamos entendê-lo de muitas maneiras diferentes, ou ficaremos apenas como um quebra-cabeça. Pode ser considerado uma derrota, uma visão aparentemente partilhada pelos discípulos imediatamente após a morte de Jesus. Ou eles podem ser considerados como uma espécie de vitória moral, um mártir morrer por seus princípios. Nenhuma explicação revelou que só podia adivinhar que a morte de Jesus foi um sacrifício expiatório. O que significa a ressurreição. Pode ser interpretado apenas como uma vindicação de Deus para a causa de Jesus, provando que ele tinha sido injustamente condenado pelos judeus.

A questão aqui é se a interpretação ou explicação dos escritores bíblicos terão o mesmo estatuto que o evento em si. Alguns estudiosos contemporâneos observaram que esses escritores bíblicos parecem considerar que suas interpretações têm o mesmo estatuto de origem divina que os eventos que você está falando. James Barr, em particular, observou a dificuldade de tentar encaixar todo o modelo de divulgação da revelação como atos divinos na história. Identifica selecionadas três tipos de materiais que não se encaixam:

1. Sabedoria literatura apresenta um problema particular. Quais são os eventos que esses escritos se referem? Mesmo a mesma G. Ernest Wright teve que admitir que a literatura de sabedoria "não se encaixar no tipo de fé que é exibido na literatura histórica e profética." ²³

2. Mesmo os eventos considerados como exemplos da posição da "revelação da história" apresentam dificuldades. A escola de "Deus que age" Wright considera certos aspectos desta forma de meditação como tradição interpretações ou atos de Deus. Por exemplo, a interpretação de Moisés da sarça ardente evento não foi uma revelação divina. Na história original, ele aparece como uma comunicação direta de Deus a Moisés em seus propósitos e intenções. Barr diz que nós podemos continuar a manter a outra posição (estamos diante da perspectiva de Moisés, não uma revelação divina), mas que seria baseada em considerações *críticas* não bíblica.

3. Finalmente, para além do tipo de livro bíblico em questão, há uma grande quantidade de material na Bíblia em que a narrativa se preocupa com as ações divinas, mas as circunstâncias são tais que o termo *história* só é apropriado em caso de prorrogação o significado da palavra além do uso normal. Por exemplo, quem estava presente para observar e relatar atos de Deus na criação? Essas histórias certamente ter um status um pouco diferente para que a contagem com o êxodo ou a captura de Jerusalém por Nabucodonosor. Portanto, Barr diz que a revelação vai além dos atos de Deus na história:

A comunicação direta entre Deus eo homem tem tanto direito de exigir ser reconhecido como o coração da tradição como faz a revelação através de [in] os eventos na história. Se continuarmos a dizer que esta comunicação direta, orientada devem ser incluídos na divulgação através de [in] os eventos da história e ser considerada uma interpretação filial desta última, vou dizer que estamos abandonando a própria representação da Bíblia sobre o assunto favor de outro que é mais confortável se desculpando.

Vincent Taylor e CH Dodd fizeram observações semelhantes. Taylor diz: "A priori não há razões por que a divulgação pode ser encontrada nas" atos poderosos "de Deus, mas não em palavras. Na verdade, as palavras podem ser um meio de comunicação melhores eventos que precisa ser explicado. "Dodd observou que os

escritores da Bíblia" acreditava firmemente que Deus falou com eles, falou aos seus ouvidos internos espiritualmente ... A interpretação oferecida não era inventado por um processo de reflexão. Foi os significados experiente em eventos quando suas mentes estavam abertos a Deus e ao impacto de eventos externos. ²⁸ Conclui-se que a posição que melhor corresponde ao entendimento e as reivindicações dos escritores da Bíblia é que a comunicação direta A verdade de Deus é uma forma de revelação tão genuíno quanto seus atos na história.

A Encarnação

A forma mais abrangente de revelação é a encarnação. A opinião aqui é que a vida e as palavras de Jesus foram uma revelação especial de Deus. Mais uma vez, pode estar inclinado a pensar que esta não é uma forma em tudo, Deus estava presente diretamente, sem mediação. Mas como Deus tem forma humana, a humanidade de Cristo deve representar uma mediação da revelação divina. Isso não quer dizer que a sua humanidade escondido ou obscurecido revelação. Pelo contrário, era o meio de expressar a revelação da divindade. As Escrituras afirmam especificamente que Deus tem falado através ou em seu Filho. Hebreus 1: 1-2 contrasta isso com as formas anteriores de revelação, e indica que a encarnação é o mais elevado.

Este evento acontece revelação como mais detalhadamente. A parte superior dos atos de Deus na vida de Jesus. Seus milagres, morte e ressurreição são a história da redenção em sua forma mais condensada e concentrada. Esta também é a revelação divina como discurso, porque a mensagem de Jesus superou a dos profetas e apóstolos. Jesus até se atreveu a colocar a sua mensagem em contraste com o que estava escrito nas Escrituras, não contradiz, mas para ir além ou cumprir (Mateus 5:17). Quando os profetas falaram, eles estavam levando uma mensagem de Deus e Deus. Quando Jesus falou, foi o próprio Deus quem falou. Havia algo direto em suas mensagens.

A revelação também ocorreu na mesma perfeição do caráter de Jesus. No era uma divindade que poderia apreciar. Aqui, Deus foi realmente viver entre os humanos e mostrando seus atributos. As ações, atitudes e emoções de Jesus não é meramente refletido o Pai, mas eles foram realmente a presença de Deus. O centurião do Calvário, que tinha visto a morte de muitas pessoas crucificadas, aparentemente, viu algo diferente em Jesus que o fez exclamar: "Verdadeiramente este era Filho de Deus" (Mt. 27:54). Pedro, depois do milagre da pesca, caiu de joelhos e disse: "Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador" (Lc. 5: 8). Pessoas foram encontrados em Jesus uma revelação do Pai.

Aqui, a revelação como um ato e palavra como andam juntos. Jesus falou as palavras do Pai e demonstrou os atributos do Pai. Foi a revelação completa de Deus, porque ele era Deus. John poderia fazer a declaração surpreendente: "O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos apalparam tocando o Verbo da vida" (1 Jo. 1: 1) . E Jesus podia dizer: "Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo. 14: 9).

A revelação especial: proposicional ou pessoal?

O principal resultado da revelação especial é o conhecimento de Deus. Com isto queremos dizer não apenas o conhecimento da pessoa de Deus, mas também o que ele tem feito, sua criação, a natureza eo estado dos recursos humanos, da relação entre Deus eo homem. Devemos também ressaltar que é uma informação verdadeira, objetiva e racional comunicada por Deus para a humanidade.

É necessário neste momento para examinar com cuidado e avaliar uma posição que se tornou muito popular no século xx. É a visão de que a revelação não é a comunicação de informações (ou proposições), mas a apresentação que Deus faz de si

mesmo. Apocalipse, então, não é proposicional; é pessoal. Em grande medida, a nossa ideia de fé reflete nossa compreensão da revelação. Considerando a revelação como comunicação de verdades proposicionais, então a fé será vista como uma resposta de assentimento, a crença nessas verdades. Se, por outro lado, é considerada a revelação como a apresentação de uma pessoa, então a fé em linha será parecido com um ato de confiança pessoal ou compromisso. De acordo com a última posição, a teologia não é um conjunto de doutrinas reveladas. É a tentativa da Igreja para expressar o que foi encontrado na revelação de Deus sobre si mesmo. Esta posição sobre a divulgação tem sido particularmente identificado com neo-ortodoxia, mas também se espalhou bastante no resto do cenário teológico do século xx. Ele foi encontrado em precursores neo-ortodoxia e persistiram de forma mais reduzida depois de passar o ponto mais alto deste movimento.

Devemos salientar que ainda há espaço para a neo-ortodoxia em proposições doutrinárias. William Temple disse que, embora não as verdades reveladas, porque Deus não revelar verdades dessa forma, não há, no entanto, verdades da revelação. Para Emil Brunner isso é algo muito diferente de revelação proposicional. A doutrina está indissolivelmente ligada com a reunião "como um instrumento, como um quadro, como um símbolo."³¹ Mas isso não quer dizer que estas verdades são comunicadas divinamente. Quando alguém se encontrou com Deus, então você pode falar sobre o que você encontrou. Isso decorre do relacionamento pessoal ou comunhão entre Deus e os seres humanos. Quando muda de a pessoa que é a revelação, a descrição desta relação, que é o que faz teologia (ou para essa matéria, pregação), houve uma sutil mudança na natureza da linguagem. No primeiro caso, a linguagem expressa uma relação I - Você pessoal. No segundo, a língua expressa uma relação Eu-It, natureza impessoal. A primeira é a linguagem da oração e adoração; o segundo, a língua do discurso.

Como observado acima, o resultado desta visão de revelação é uma habilidade de adotar crítica bíblica em seu sentido mais amplo, ao mesmo tempo salvaguardar a revelação. Visto que a Bíblia é o testemunho humano falível para o Deus que se apresentou diante deles. Como tal, pode haver falhas no que escreveu, alguns deles bastante importante. Brunner usou uma analogia de um registro fonográfico ea marca antiga RCA Victor "A voz do professor." Suponha que, diz ele, que alguém compra um registro fonográfico de Enrico Caruso. Eles vão dizer-lhe ouvir a voz de Caruso. Quando você colocar o disco, muito barulho é ouvido, o chiado da agulha contra o disco. Não deve ser impaciente com o disco, porque somente através dele vai ouvir a voz do professor. Da mesma forma, a Bíblia é o meio através do qual vamos ouvir a voz do Mestre. É o que faz ouvir a sua voz. Certamente, há muitas coisas imperfeitas na Bíblia. Há ruídos ao fundo, porque a voz de Deus é ouvida através das vozes de seres humanos imperfeitos como Peter, Paul, Isaías e Moisés. Mas, apesar dessas falhas, a Bíblia permanece inteiramente a Palavra de Deus, porque Deus fala através destas testemunhas. Só um tolo iria ouvir barulhos acidentais quando você pode ouvir a voz de Deus. "A importância da Bíblia é que Deus nos fala através dele."

A visão de que é revelação pessoal vem da distinção de Soren Kierkegaard entre a verdade subjetiva e objetiva e discussões existencialistas posteriores. Você procura a verdade objetiva (que é na forma de proposições) estão tentando definir um tema colocando em diferentes classes. No entanto, ao fazê-lo, um limita inevitavelmente objecto, fazendo finitos ("definição"). A fim de obter informações objetivas sobre um tópico é basicamente colocar sob nosso controle. Portanto, se nós concebemos o nosso conhecimento de Deus como objetivo, basicamente, (proposicional), estamos fazendo algo menos do que Deus. Estamos fazendo uma *coisa*, um *objeto*.

Além disso, o foco da verdade subjetiva é a relação pessoal ao invés de informação factual. Ao enfatizar o conhecimento subjetivo, Barth e outros de sua escola de pensamento têm sido de alerta para evitar cair na armadilha de subjetivismo: a posição de que a verdade é apenas a opinião de uma reacção ou resposta. Para evitar essa armadilha,

eles afirmam que a fé e a confiança também exige fé como o parecer favorável. Barth, por exemplo, insiste que a fé é *confiança* (confiança), mas também inclui *notitia* (conhecimento) e *assensus* (parecer favorável). Edward Carnell expressou isso dizendo que toda a fé vital repousa sobre a fé em geral. A fé é acreditar geral um fato; A fé é a confiança vital uma pessoa. Sustenta que, onde existe confiança, existe pelo menos uma crença implícita. Observa que não abraça apenas a primeira mulher que ele é. Em vez disso, antes de fazer isso, você garante que é sua esposa. Embora o processo de determinar isso pode não ser longo, detalhado ou formal, ocorre.³⁵

Deve haver crença antes de você ter a confiança é evidente a partir de nossas próprias experiências. Suponha que eu tenho que fazer um depósito bancário em dinheiro, mas eu não posso fazer isso em pessoa. Peço a alguém para fazer isso por mim. Mas quem eu peço, eu confio em mim, ou pelo menos uma parte dos meus bens materiais? Eu confio e vou comprometer com alguém que eu acho que é honesto. Acredite que depende de acreditarmos algo sobre sua pessoa. Provavelmente eu vou escolher um bom amigo cuja integridade não questiona. Se a minha situação é tão desesperada que eu deveria procurar a ajuda de um estranho, com certeza eu vou fazer alguma avaliação preliminar da sua honestidade, de aproximada e incompleta que tal julgamento é necessariamente.

Da mesma forma, os proponentes da visão de que a revelação é pessoal (como aqueles que argumentam que é proposicional ou informacional) reconhecem que a sua fé deve repousar sobre alguma base. A questão é se a divulgação postura não-proposicional fornece base suficiente para a fé. Defensores desta posição pode ter certeza que o Deus com quem eles acham que é a mesma que a de Abraão, Isaac e Jacob? No século XIX, Ludwig Feuerbach disse (em *A Essência do Cristianismo* [*A Essência do Cristianismo*]) que o objeto da fé não pode ser nada mais do que a auto-projeção de si mesmo. Ou talvez um é simplesmente contando com a imagem de um pai em seu próprio superego, ou algo desse tipo. Para Carnell e outros que mantêm o ponto de vista da revelação proposicional ou informativa, a fé é acreditar certas declarações sobre Deus - que é todo-poderoso e amoroso, onipresente, trina - e, em seguida, colocar a sua confiança em Deus definida desta forma. Em teoria, é possível fornecer provas de que serviria para confirmar ou verificar estas alegações.

No entanto, a postura neo-ortodoxo Deus não nos diz nada sobre si mesmo. Sabemos apenas através do encontro. Mas como sabemos que o Deus com quem nos encontramos é o Deus cristão, a menos que ele nos diz quem e como? Existem alguns critérios pelos quais podemos reconhecer que o nosso encontro é um encontro com o Deus cristão? Considere nossa discussão anterior sobre a natureza pessoal da linguagem religiosa (Capítulo 6). Por causa da natureza pessoal, podemos vir a conhecer Deus como outros humanos conhecem. No entanto, no final de quebras de paralelismo, porque embora tenhamos experiências sensoriais de outros seres humanos, supõe-se que não temos Deus. Podemos reconhecer uma pessoa olhando para seu rosto, sem qualquer comunicação verbal. Mas não é assim com Deus. Como sabemos que não é trinado singular em sua pessoa? Embora o neo-ortodoxo sustentou que Deus é verdadeiramente conhecido na reunião, e que a fé evoca uma crença implícita na verdade de certas declarações ou proposições, não está claro como isso acontece. A resposta mais comum é que a revelação é autocertificável (não auto-evidente). Além disso, o neo-ortodoxo sugerir como a melhor resposta para a pergunta: "Como vou saber que estou apaixonado" é: "Eu só sei", a resposta para a pergunta: "Como vou saber que é Deus com o qual me encontro ? "é: " Eu só sei ".

Emil Brunner levantou a questão sobre os outros do que a Bíblia livros, que também afirmam ser a Palavra de Deus. E sobre o Deus que conhecemos através deles? É o Deus cristão? A primeira resposta de Brunner é que esses livros simplesmente não são aplicáveis aos não-muçulmanos ou hindus. Sua segunda resposta é que nesses livros voz de um estranho é ouvido, ou seja, uma voz diferente que ouvimos na Bíblia. Mas é realmente uma resposta adequada? Ele diz que a voz que você ouve noutros livros de

alguma forma pode ser a voz de Deus também, mas isso é dificilmente reconhecível. Centenas de milhões de muçulmanos e hindus têm, na verdade, o deus com o qual eles são através de seus livros, alguns de modo enfático como qualquer cristão. Eles estão errados ou estamos todos com o mesmo? Mais uma vez a sua única resposta parece ser: ". Nós não somos muçulmanos ou hindus" Aparentemente Deus e verdade pode ser encontrada em diversas maneiras. Mas isso não está oscilando à beira de subjetivismo?

Isso levanta outro problema, o problema da teologia. Aqueles que afirmam que a revelação é pessoal, no entanto, estão muito preocupados com as crenças que definem corretamente, ou expressar entendimento doutrinário correta, embora eles insistem que a fé não é a crença em proposições doutrinárias. Barth e Brunner, por exemplo, discutiu questões tais como a natureza eo estatuto da imagem de Deus no homem, o nascimento virginal ea tumba vazia. Certamente, cada um deles pensaram que estavam a tentar estabelecer a verdadeira doutrina nestas áreas. Mas como estas propostas estão relacionadas ou como decorrente da revelação não-proposicional? Aqui existe um problema. Brunner tem insistido que não há "verdades reveladas", mas "verdades da revelação." A doutrina, ele insiste, um sinal é inseparavelmente ligada com o quadro representa ", isto é, o nosso encontro pessoal com Deus. Ele também diz que Deus "não dar uma série de palestras sobre teologia dogmática e propõe uma confissão de fé, mas que Ele vai *instruir* realmente sobre si mesmo. Ele nos diz que Ele é e realmente o que você quer de nós e de nós. "Isso soa quase como Brunner revelou verdades que ambos tinham tentado evitar. E qual é a natureza da ligação indissolúvel entre a doutrina ea reunião se não é verdade revelada? Sua resposta é a introdução de uma analogia entre a doutrina eo sacramento da Ceia do Senhor. Como o próprio Senhor está presente em, com e sob os elementos (que são o símbolo do sacramento), também está presente em, com e sob a doutrina, que é o símbolo do encontro. ⁴¹ A sua presença não pode ser mantida sem a doutrina .

Há vários problemas com esta analogia. Uma delas é que as tentativas de explicar o escuro com algo mais sombrio: a concepção da Ceia do Senhor com base em uma metafísica que agora está obsoleta ou pelo menos incompreensível. Mas, além disso existe ainda uma dificuldade. Uma coisa é que a presença de Deus não pode ser mantida sem a doutrina. Mas como essa doutrina? Como foi derivado do encontro? Como você pode estabelecer que a forma da doutrina da Brunner é mais correto do que a de Barth? Bernard Ramm observou que Barth proposições seis milhão de alguma forma deduzido (em *Igreja* dogmática) de uma reunião não-proposicional. Ramm diz que "a relação de declarações doutrinárias e a reunião está em mau estado de integração na neo-ortodoxia." John Newton Thomas fala de "estado anômalo das Escrituras" no pensamento de Barth; Sustentou que a revelação não é proposicional, e ainda assim as palavras da Escritura de alguma forma expressar o seu conteúdo cognitivo. Thomas reclama que fornece temas doutrinários Barth citando a Bíblia, da mesma forma que um fundamentalista, cuja posição foi rejeitada. ⁴³

Isto não é para sugerir que pode haver uma conexão entre as reivindicações revelação não-proposicional e de verdade, mas esta ligação não foi adequadamente explicado pela neo-ortodoxia. O problema decorre de fazer uma disjunção entre a revelação proposicional e pessoal. A revelação não é *ou* pessoal *ou* proposicional; é *ambas* as coisas. O que Deus faz é, principalmente, ele se revela, mas faz, pelo menos em parte, a dizer-nos algo sobre si mesmo.

Mas nós não enfrentar o problema da impessoalidade ao discutir proposições sobre Deus? Será que não estamos ofereceu esta um tipo eu-It, em vez de uma relação eu-tu? A análise envolvendo estas duas expressões é parcial e errada. Na verdade, existem duas variáveis, uma vez que a mudança de Eu-Tu para I-implica uma mudança não só do pessoal para o impessoal, mas também da segunda para a terceira pessoa. Duas outras categorias, que são necessários chamar de "eu-tu" e "I-ele / ela."

É possível ter um idioma na segunda pessoa (ou uma linguagem de conversação) que é muito impessoal (I-Tu). A expressão: "Ei, você" é um exemplo. Também é possível falar de uma terceira pessoa em termos pessoais. A linguagem do discurso pode mostrar preocupação, respeito, carinho e ternura mesmo. Essa é a linguagem "Yo-ele / ela." Não é preciso transformar as pessoas em coisas quando falamos com eles e discutilas. Portanto, proposições sobre Deus não precisa ser impessoal.

Escritura e revelação

Se divulgação inclui verdades proposicionais, então é de uma natureza que pode ser preservado. Ela pode ser escrita ou inscriturada. E isso nota escrita, sempre que a reprodução exata da revelação original, é também uma revelação para derivação e direito a ser chamado assim.

A definição da revelação aqui se torna um fator. Se a divulgação é definido apenas como o evento exato, processo ou *revelamiento*, então *a Bíblia não é a revelação*. A revelação é algo que aconteceu há muito tempo. No entanto, se é também o produto ou o resultado *revelado*, em seguida, *a Bíblia também pode ser chamado de revelação*.

Da mesma forma a palavra *de endereço* pode significar o evento exato, a articulação de palavras, gestos ("falar"). Também pode significar o que dizia. Portanto, poderíamos discutir se uma transcrição (ou um áudio ou vídeo) também pode ser chamado o discurso. Alguém poderia manter este ou discurso. Isso aconteceu na terça-feira 07:30 - 20:00. No entanto, é o discurso, porque preserva o conteúdo do que foi dito.

Kenneth Pike, lingüista, disse que a negação da revelação proposicional é baseada em uma visão muito estreita da linguagem. Desde então, a língua tem uma relevância social e propósito, e é projetado para se comunicar ou para causar efeito sobre os outros. Mas também serve outros propósitos: auto falar, formular idéias para si mesmo, armazenar essas idéias. A insistência neo-ortodoxo que nenhuma revelação sem resposta ignora o fato de que, embora a mensagem pode estar disponível para os outros, eles podem ainda não estar pronto para recebê-lo. Pike usa a imagem do grande estudioso cientista dando uma palestra para um grupo de estudantes de pós-graduação, que não entendem o que você está dizendo. No entanto, uma fita desta conferência e três anos de estudo é registrado após esses mesmos alunos ouvem novamente e entender o que ele diz. No entanto, nada que aconteceu com o conteúdo da fita. Era verdade tanto o primeiro como o segundo tempo foi ouvido.

A questão mais ampla é a natureza da revelação. Se a divulgação é proposicional, você pode manter. E se esse for o caso, a questão de saber se a Bíblia é em seu sentido derivado uma revelação, é uma questão de haver ou não inspirado, se eles realmente preservado o que foi revelado. Este será o assunto do próximo capítulo.

Devemos também observar que essa relação é progressiva. Alguns cuidados devem ser tomados ao usar este termo, como às vezes tem sido usado para representar a idéia de um desenvolvimento evolutivo gradual. Este não é o que temos em mente. Essa abordagem, que floresceu com a escola Liberal, considerado seções do Antigo Testamento como praticamente obsoleto e falso; eram apenas aproximações muito imperfeitas da verdade. A idéia de que estamos sugerindo aqui, no entanto, é que a revelação posterior foi feita sobre a revelação anterior, adicionando e complementar ao invés de contradizê-la. Observe como Jesus levantou os ensinamentos de estendê-los, expandi-las e interiorizándolas lei. Muitas vezes ele precedido suas instruções com a expressão: ". Você já ouviu falar ... mas eu digo" Da mesma forma, o autor de Hebreus diz que Deus, que no passado falou por meio dos profetas, nestes últimos dias falou por meio de uma criança que reflete a glória de Deus e tem o carimbo da sua natureza (Heb. 1: 1-3). A revelação de Deus é apenas um processo que é a redenção, e um processo que foi em direção cada vez mais plenamente.

Vimos que Deus tomou a iniciativa de ser conhecido mais plenamente com o formulário de divulgação geral, e fê-lo de uma forma que se encaixa em nosso entendimento. Isto significa que os seres humanos perdidos e pecaminosos pode conhecer a Deus e, em seguida, continuar a crescer no conhecimento do que ele espera e promete aos seus filhos. Como essa divulgação inclui tanto a presença pessoal de Deus como a informação verdadeira, somos capazes de identificar Deus, para entender algo sobre ele, e indicá-lo aos outros.

10. A conservação da revelação inspiração

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Definir a inspiração das Escrituras e da relação do Espírito Santo neste processo.
- Analise as maneiras que a Escritura suporta inspiração.
- Identificar as questões envolvidas no desenvolvimento de uma teoria de inspiração.
- Comparar e contrastar teorias anteriores de inspiração.
- Examinar as abordagens que têm sido utilizados para formular uma teoria de inspiração.
- Meça a extensão da inspiração nas Escrituras.
- Analisar a intensidade de inspiração dentro e fora das Escrituras.
- Construa um modelo que integra ambos os materiais de ensino inspirados como os fenômenos da Escritura.

Resumo do capítulo

Uma das questões em debate, hoje, é difícil até que ponto as Escrituras são inspiradas por Deus. A inspiração é necessária porque confirma a natureza da revelação especial de Deus através das Escrituras. Uma parte importante da teologia bíblica é formular uma teoria sobre como a Bíblia é inspirada. Várias teorias têm sido propostas. Essas teorias são cuidadosamente analisados e avaliados. Durante séculos os escritores da Bíblia têm apoiado um elevado conceito de inspiração. Embora estritamente falando, é a inspiração dos escritores no sentido secundário, podemos dizer que eles são escritos inspirados.

Questões de estudo

1. Por que é tão importante para inspiração a autoridade das Escrituras?
2. Como a Bíblia testemunha a suas origens divinas?
3. Liste as questões e respostas na formulação de uma teoria de inspiração.
4. Compare e contraste as cinco teorias de inspiração.
5. Quais são os dois métodos básicos de formulação de uma teoria de inspiração e que está associada a cada um desses métodos?
6. Que problemas têm Dewey Beegle com fenômenos bíblicos?

7. Como você resumiria as características que devem ser incluídas em um modelo de inspiração adequado?

Definição de inspiração

O fato de inspiração

Tópicos na formulação de uma teoria de inspiração

Teorias da inspiração

O método de formulação de uma teoria de inspiração

Extensão de inspiração

A intensidade de inspiração

Um modelo de inspiração

Definição de inspiração

Por inspiração das Escrituras compreender a influência sobrenatural do Espírito Santo nos autores das Escrituras para que o oferecido em seus escritos um relatório fiel da revelação ou o que escrever realmente a Palavra de Deus.

Se, como argumentei no capítulo anterior, a revelação é a comunicação de Deus para os seres humanos de verdade que eles precisam saber relacionar adequadamente a Deus, deve ser uma clara necessidade de divulgação. Embora a revelação de que os benefícios recebidos imediatamente, esse valor pode ser perdida para aqueles além do círculo imediato de revelação. Como Deus não repetir sua revelação para cada pessoa, deve haver alguma maneira de mantê-lo. Claro, ele poderia ser preservada por transmissão oral ou fixa dentro de uma tradição específica, como argumentado no Capítulo 4, este curso foi operacional no período que às vezes ocorreu entre o momento da divulgação inicial e ação. Há certos problemas associados a esta, ao longo dos séculos e até milênios tradição oral está sujeita à erosão e modificação. Por isso, é claro que é preciso mais do que a transmissão oral.

Embora a revelação é a comunicação da verdade de Deus ao ser humano, a inspiração está mais relacionado à transmissão da verdade que desde o primeiro receptor para outras pessoas, naquele momento ou mais tarde. Por isso, a divulgação deve ser considerada como uma acção vertical, e inspiração como uma questão horizontal. Embora a revelação e inspiração é geralmente acreditavam que ir juntos, você pode ter um sem o outro. Há casos de inspiração sem revelação. O Espírito Santo, por vezes, leva os escritores da Bíblia para recolher as palavras dos incrédulos, palavras certamente não foram divinamente revelado. Alguns escritores da Escritura ter marcado problemas que não foram especificamente divulgados a eles, mas que a informação estava disponível para qualquer um que estava investigando. As genealogias, tanto no Antigo e no Novo Testamento (a enumeração da linhagem de Jesus), pode muito bem ter esse personagem. Havia também a revelação sem inspiração: exemplos revelação não foram recolhidos porque o Espírito Santo não inspira qualquer pessoa com a pontuação. John fez isso em João 21:25, quando ele disse que, se você escrever tudo o que Jesus fez, "eu suponho que até mesmo o próprio mundo poderia conter os livros que se escrevessem." Se, tal como expresso no capítulo anterior, que todas as palavras e as ações de Jesus foram as palavras e ações de Deus, o Espírito era aparentemente muito seletivo em que ele inspirou os autores bíblicos para escrever o que.

O fato de inspiração

Começamos por observar que ao longo das escrituras encontramos a declaração ou mesmo a sugestão de sua origem divina, ou sua equivalência com as próprias palavras do Senhor. Este ponto é considerado às vezes rejeitados como raciocínio circular. Qualquer teologia (ou mesmo qualquer outro sistema de pensamento) enfrenta um dilema quando

se trata de sua autoridade básica. O baseia o seu ponto de partida em si, caso em que ele é culpado de circularidade, ou com base em um terreno diferente de seus outros itens, caso em que ele é culpado de inconsistência. No entanto, temos de perceber que somos culpados de circularidade se for considerado que o testemunho da Escritura tem valor probatório. Mas, certamente, a própria declaração do autor das Escrituras deve ser levado em consideração como parte de um processo de formulação de nossa hipótese sobre a natureza da Escritura. Claro que ter em conta outras considerações como um meio para testar a hipótese. O que temos aqui é como um julgamento. O acusado é permitido para testemunhar em seu favor. No entanto, este testemunho não terá valor probatório, ou seja, depois de ouvir a confissão de "não culpado", o juiz não disse imediatamente: ". Acho que a inocente acusado" evidência adicional deve ser avaliada para determinar a credibilidade do testemunho do acusado . Mas o seu testemunho é suportado.

Para responder à acusação de circularidade é necessário observar outro tópico. Referindo-se à Bíblia para determinar o ponto de vista do autor sobre as Escrituras, não é, necessariamente, assumindo sua inspiração. Você pode ver apenas como um documento histórico que nos informa que os autores acreditavam que era inspirada Palavra de Deus. Neste caso não estamos vendo a Bíblia como ponto de partida. Esta é a circularidade somente se você começar com a suposição da inspiração da Bíblia, então essa suposição é utilizado como uma garantia de que a afirmação é verdadeira da Bíblia sendo inspirado. Uma pessoa que não apresentar a declaração dos autores da Escritura como prova final sobre este assunto não é culpado de circularidade. É permitido usar a Bíblia como um documento histórico e permitir alegando seu próprio caso.

A Bíblia atesta a sua origem divina de várias maneiras. Uma delas é a teoria dos autores do Novo Testamento em relação às Escrituras do seu dia, eles agora chamar o Velho Testamento. Segundo Peter 1: 20-21 é um excelente exemplo: "Mas, acima de tudo, nunca que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação de profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo . "Aqui Pedro diz que profecias do Antigo Testamento não eram origem humana. Eles foram produzidos pela vontade ou decisão humana. Ao contrário, eles foram expulsos ou transportado φερόμενοι (pheromenoi) pelo Espírito de Deus. O impulso que levou a escrever veio do Espírito Santo. Por esta razão, os leitores de Pedro tem que prestar atenção à palavra profética, uma vez que não é simplesmente a palavra dos seres humanos, mas a palavra de Deus.

A segunda referência é o que faz com que Paulo em 2 Timóteo 3:16: ". Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça" Nesta passagem Paulo está exortando Timóteo para continuar com os ensinamentos que você recebeu. Paul assumiu que Timothy está familiarizado com o "Sagradas Escrituras" (v. 15) e exorta-os a continuar como eles são divinamente inspirada (ou melhor, "inspirada por Deus"). A impressão que temos é que houve divinamente, como quando ele soprou o sopro da vida no homem (Gênesis 2: 7). Então eles têm o valor de vencimento dado o crente a ser "perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 Tim. 3:17). Nenhuma menção é feita de autoridade ou falta de autoridade das Escrituras para outras questões espirituais do que estas preocupações práticas, tais como confiabilidade sobre temas históricos e cientistas, mas esta omissão não é significativo dado o contexto.

Quando consideramos a pregação da igreja primitiva, encontramos uma compreensão similar do Antigo Testamento. Em Atos 1:16 Pedro diz: "Irmãos, era necessário que a Escritura que o Espírito Santo, falando através de David tinha anunciado seria cumprida ..." e, em seguida, continua citando Salmos 69:25 e 109: 8 sobre o destino de Judas. Deve-se notar aqui que Peter não só considerar as palavras de David como uma autoridade, mas na verdade diz que Deus falou através de Davi. David era a "voz" que Deus usou para falar. A própria idéia de que Deus falou por meio dos profetas, está em Atos 3:18, 21 e

4:25. O *querigma*, portanto, identifica "está escrito nas escrituras" com "Deus tem falado."

Isto é consistente com o testemunho dos profetas próprios. Uma e outra vez declarar: ". Assim diz o Senhor," Micah escreveu: "Todo homem vai sentar-se debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante. A boca do Senhor dos exércitos o disse "(4: 4). Jeremias disse: "Agora estas são as palavras que o Senhor falou a respeito de Israel e Judá" (30: 4). Isaías disse: "O Senhor falou comigo e me avisado ..." (8:11). Amos disse: "Ouvi esta palavra que o Senhor fala contra vós, filhos de Israel" (3: 1). E Davi disse: "O Espírito do Senhor fala por mim, ea sua palavra está na minha língua" (2 Samuel 23: 2). Demonstrações como você, que aparece repetidas vezes nos Profetas, disseram que estavam cientes de ser "movido pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:21).

Finalmente, nosso objetivo é posicionar o nosso próprio Senhor manteve em relação aos escritos do Antigo Testamento. Em parte, podemos deduzir isso do jeito que ele estava relacionado com a visão da Bíblia que mantiveram seus adversários dialógicas, os fariseus. Ele nunca hesitou em corrigir seus erros e más interpretações da Bíblia, mas nunca se opôs ou corrigidos sua visão da natureza da Escritura. Foi só em desacordo com sua interpretação da Bíblia ou as tradições que tinham adicionados ao mesmo conteúdo das Escrituras. Em suas discussões e disputas com adversários várias vezes ele citou Escritura. Em suas três tentações, Satanás respondeu com uma citação do Antigo Testamento. Ele falou da autoridade e permanência das Escrituras: "A Escritura não pode ser quebrado", (João 10:35). "Porque em verdade vos digo que antes que passem o céu ea terra passem, nem um jota ou um til passe da lei sem que tudo se cumpra" (Mateus 5:18). Dois objetos são considerados sagrados em Israel desde o tempo de Jesus, o templo e as escrituras. Ele não hesitou em apontar a transitoriedade do primeiro, porque não haveria nenhuma pedra sobre a qual estavam a ser demolido (Mateus 24: 2). Portanto, há um contraste marcante entre a sua atitude para com as Escrituras e sua atitude em direção ao templo.

Podemos concluir que mesmo o testemunho dos autores das Escrituras é que a Bíblia tem a sua origem em Deus e é a sua mensagem para a humanidade. Este é o fato de inspiração bíblica; agora temos de perguntar o que significa. Neste existem diferentes maneiras de entender.

Tópicos na formulação de uma teoria de inspiração

Qualquer um que tentou formular uma teoria de inspiração deve ser presentes várias questões. Estas são as perguntas que devem ser feitas, se você quiser ter um entendimento completo da natureza da inspiração.

1. Podemos realmente formular uma teoria de inspiração? Deve ficar claro que uma questão como esta deve aumentá-lo antes mesmo de iniciar o processo. Alguns diriam que este procedimento não é necessário ou útil. Devemos usar apenas a Bíblia em vez de teorizar sobre a sua natureza. Devemos estar contentes com o fato de que a Bíblia é inspirada, ao invés de perguntar como ele estava inspirado. No entanto, este argumento é falho. O fato é que o nosso uso da Bíblia será influenciado por aquilo que pensamos de sua natureza. A utilização, consciente ou inconscientemente, com base em uma teoria implícita da natureza. Por conseguinte, seria desejável a pensar nosso ponto de vista de inspiração.

Outra objeção é que a Bíblia não apresenta uma doutrina totalmente desenvolvido das Escrituras. Simplesmente deve apenas usar a terminologia e conceitos bíblicos. No entanto, se este conselho é constantemente siga a nossa compreensão bíblica e teológica seria muito empobrecida. A Bíblia não usam o termo *Trindade*, mas temos de usar este termo, se quisermos entender o material. Da mesma forma, os autores bíblicos não discutir o "Q" ou o Lodge, nem o termo *história da salvação* (Heilsgeschichte) aparece no cânon. No entanto, estes são parte do mecanismo de análise que usamos para entender

melhor a verdade bíblica. Da mesma forma, uma compreensão mais completa da natureza da inspiração (embora não desenvolvido em escritura) é desejável e necessário para compreender melhor o tempo Bíblia.

Nosso objetivo aqui não é dizer principalmente como a Bíblia foi inspirada; ou seja, não estamos a investigar o processo ou método que Deus usou. Há espaço para essa pesquisa, mas principalmente estamos querendo saber como a Bíblia foi inspirada. Nossa pergunta é entre se a Bíblia foi inspirada e como; em outras palavras, *o que* exatamente está na Bíblia é inspirada.

2. A Bíblia nos dá uma base para uma forma de entender a sua inspiração? Caso contrário, não é uma teoria completa expressa na Bíblia você pelo menos o suficiente base para desenvolver este tipo de teoria? E se assim for, estamos obrigados a aceitar e seguir os pontos de vista dos autores das Escrituras sobre estas questões ou somos livres para criticar, modificar ou até mesmo se recusam a entender como eles se apresentam?

3. Ao formular a nossa teoria de que devemos dar mais importância ao ensino da Bíblia por conta própria ou deve colocar a tónica sobre a natureza da Escritura, os recursos oferecidos? Podemos chamar isso de, respectivamente, os materiais e os fenômenos das Escrituras ensinando. Estas duas abordagens por vezes denominado abordagem dedutiva e indutiva, respectivamente, mas esta terminologia é um pouco erroneamente. A maioria das teorias de inspiração usado ambos os tipos de material. A questão crucial é: Que tipo deve ser interpretado à luz do outro? Talvez as diferenças mais significativas entre teorias evangélicos de inspiração são dados neste momento.

4. A inspiração é uniforme em toda a Bíblia ou há diferentes graus ou níveis diferentes de inspiração? Nós não estamos perguntando sobre a natureza do material, mas sobre a natureza ou a extensão da inspiração. Pode ser que em alguns lugares na Bíblia as palavras que foram escritas foram efectivamente emitidos, enquanto em outros apenas pensamentos do escritor foram guiados e outros só podem ser impelidos desejo de escrever?

5. A inspiração é uma qualidade detectável? Existe alguma coisa no material inspirado tão especial como podemos perceber ou reconhecê-lo como tal? Ao responder afirmativamente a esta pergunta, alguns liberais têm ido tão longe como dizer que um texto "inspirado" faz com que "inspiração". Pode-se medir o grau de inspiração pelo grau em que uma parte do material escrito inspira o leitor. Nesta base, o Sermão da Montanha é considerada mais inspirado do que as genealogias. Você pode determinar o canônica com este método? Pode, por exemplo, detectar diferenças qualitativas entre o livro de Hebreus e do *Pastor de Hermas*? Se mantém-se que existem graus de inspiração dentro do cânon, eles também poderiam ser classificadas essas diferenças.

6. Como inspiração refere-se à utilização de fontes de? Quer isto dizer que tudo foi escrito de uma forma como imediatamente pelo Espírito Santo? Ou você pode obter informações de documentos históricos, talvez até mesmo fazer uma investigação mais aprofundada?

7. Se a inspiração inclui o uso de fontes, é a inspiração justificar sua correção? Se o autor da Escritura usada uma fonte histórica que contém um erro, os guias Espírito Santo e direciona para corrigir o erro? Ou inspiração significa apenas que o autor tinha encontrado exatamente o que o documento utilizado, mesmo que isso significasse ter um erro?

8. A inspiração está relacionada com a forma e preparar o material antes de ser utilizado pelo autor de escritura? Em alguns casos, eles passaram longos períodos de tempo entre o momento em que ocorreu o evento e quando ele foi pego na Escritura. Durante este período, a comunidade de fé transmitida, ele selecionou, expandido e condensado a tradição recebida. A inspiração coberto ou todo esse processo foi regido pelas leis normais da psicologia e da formação da tradição do grupo?

9. Inspiração refere amplamente ou estreitamente o autor da Escritura? Ou seja, a inspiração é algo que caracteriza apenas o tempo que você escreve ou envolve

experiências posteriores para preparar o autor a esse tempo? A inspiração também envolve a formação da personalidade do autor, contexto, vocabulário e toda a maneira de ver as coisas?

10. A inspiração é uma qualidade permanentemente ligado para o autor da Escritura ou o escritório de um profeta ou apóstolo como tal, ou uma influência especial em um determinado momento no tempo? Se for o primeiro, então sob ocupação, qualquer coisa que você digite um profeta ou apóstolo sobre um tema espiritual ou religiosa seria inspirado e, portanto, autoritária. Portanto, tudo o que Paulo escreveu nenhuma carta sobre a vida cristã, seria inspirado e deve ser incluído no cânon simplesmente por ser seu trabalho. Neste último caso, apenas o que Paulo escreveu sob a influência especial do Espírito Santo deve ser considerado Escritura.

11. A inspiração deve ser atribuída ao autor da Escritura ou Escrituras escrito? No primeiro caso, a inspiração seria especialmente aplicável à relação entre Deus eo autor, algo feito ao apóstolo ou profeta. Neste último caso, mais ênfase é colocada sobre o resultado. Outra possibilidade é combinar essas duas opções é inspirada principalmente para o autor e, secundariamente, ao pé da letra.

12. Por último, a quantidade de material do autor pode ser aplicada inspiração? É apenas assuntos relacionados com a poupança assim quando se trata de outros assuntos colaterais como a ciência ea história autor recebe quase nenhuma ajuda? Ou inspiração opera com respeito a outras questões também?

Teorias da inspiração

Eles têm pontos de vista diferentes surgido em conta a natureza da inspiração. Uma breve revisão irá ajudar-nos a ver as formas em que as questões levantadas acima trabalharam.

1. A teoria da intuição faz que a inspiração é em grande parte uma questão de um elevado nível de perspectiva. Na ala esquerda do liberalismo alguns sustentam este tipo de idéia. Inspiração está executando um presente grande, talvez quase uma habilidade artística, mas mesmo assim um atributo natural, uma posse permanente. Os autores das Escrituras eram gênios religiosos. O povo judeu foi especialmente dotado de religião, da mesma forma que alguns grupos parecem ter uma especial aptidão para a matemática ou línguas. Por conseguinte, a inspiração dos autores das Escrituras não foi essencialmente diferente de outros pensadores religiosos e filosóficos, como Platão e Buda. A Bíblia é, portanto, uma grande literatura religiosa que reflete as experiências espirituais do povo judeu.

2. A teoria de iluminação sustenta que há uma influência do Espírito Santo sobre os escritores da Bíblia, mas envolvendo apenas intensificou suas atribuições normais. Não há comunicação especial da verdade, não há nenhuma orientação sobre o que está escrito, mas apenas uma sensibilidade e uma percepção aumentada no que se refere a assuntos espirituais. O efeito do Espírito é intensificar ou aumentar a conscientização sobre o autor. Não é diferente no sentido de que produzir estimulantes utilizados pelos alunos para expandir seu processo mental. Portanto, o efeito da inspiração é diferente apenas em grau, não em espécie, o efeito do Espírito Santo sobre todos os crentes. O resultado dessa inspiração é um aumento da capacidade de descobrir a verdade.

3. A teoria dinâmica enfatiza a combinação dos elementos divinos e humanos no processo de inspiração e de escrita da Bíblia. O Espírito de Deus trabalha levando o escritor aos pensamentos ou conceitos e permitindo a personalidade distinta do próprio escritor aparece na escolha de palavras e expressões. Portanto, o escritor dar expressão aos pensamentos divinamente dirigido de uma forma e característica única de acordo com ele.

4. A teoria verbal insiste em que a influência do Espírito Santo se estende além da direção do pensamento para a própria escolha de palavras usadas para expressar a mensagem. O Espírito Santo é tão intensa que cada palavra é a palavra exata que Deus

quer para ser usado no momento para expressar a mensagem. No entanto, normalmente é o cuidado de insistir que não é um ditado.

5. A teoria ditado é o ensinamento de que Deus realmente ditou os escritores da Bíblia. As passagens onde o Espírito é descrito como alguém que lhe diz exatamente o que o autor tem de escrever são considerados como aplicáveis a toda a Bíblia. Diferentes autores escreveram em estilos distintos. O número de pessoas que realmente ocupa este ponto de vista é consideravelmente menor do que ligado a ele, como a maioria dos defensores da teoria verbal se esforçando para distanciar-se do ditado teórica. No entanto, existem alguns que aceitam essa denominação para si próprios. Embora João Calvino e outros reformadores usou o termo *passou* a descrever inspiração, parece improvável que eles queriam expressar o que este termo realmente significa.

O método de formulação de uma teoria de inspiração

Antes de continuar, devemos examinar os dois métodos básicos de formulação de uma teoria de inspiração. O primeiro, representado pela "Escola de Princeton" BB Warfield e Charles Hodge AA Hodge, coloca a tónica sobre as declarações dos escritores da Bíblia sobre a Bíblia ea vista dele revelou na forma como usá-lo. A segunda abordagem, representada por Dewey Beegle examina como a Bíblia é, analisando as formas em que os escritores expressam os acontecimentos, comparando contas paralelas.⁹

O método usado para construir a doutrina da inspiração deve ter um paralelo com o método usado para desenvolver outras doutrinas. No que respeita à questão da santificação do crente, o primeiro método seria enfatizar o ensino passagens bíblicas que descrevem e definem santificação. A segunda abordagem seria analisar casos reais de cristãos e tentar determinar o que realmente produz santidade de suas vidas. Esta abordagem seria usar exemplos bíblicos (histórias e descrições), bem como biografias cristãs históricas e contemporâneas. Quanto à questão da perfeição, o primeiro método observar os ensinamentos de Paulo e outros escritores da Escritura sobre o assunto; a segunda seria examinar se os cristãos realmente mostrar uma vida de perfeição. Se a questão é se ou não Jesus, sem pecado em sua vida na terra, o primeiro método de consultoria passagens ensino doutrinário como Hebreus 4:15. A segunda abordagem, entretanto, examina as contas da vida de Jesus, perguntando se sua maldição da figueira, lançando os mercadores do templo, sua denúncia dos escribas e fariseus, seu comportamento no Jardim do Getsêmani na noite de traição e outras ações similares que eram, na verdade, as ações de uma pessoa sem pecado ou devem ser interpretados como exemplos de arrogância, raiva e medo, que em um homem normal seria chamado pecado.

Com relação às doutrinas listadas, o foco neste trabalho (ea maioria dos teólogos que enfatizar a suprema autoridade da Bíblia) está a colocar a tónica no material didático e secundária em fenômenos. Portanto, este último deve ser interpretado à luz do anterior. Qualquer bom teólogo sistemático deve ser constante no método utilizado. Portanto, a principal base de nossa doutrina da inspiração é o material didático. Os fenômenos reais da Escritura será usado para ajudar a determinar o significado do material didático. Um exemplo paralelo é a doutrina de que Jesus não tinha pecado. Passagens como Hebreus 4:15 estabelece a doutrina; as contas da vida de Jesus nos ajuda a entender exatamente o que significa. Ambas são necessárias, mas é preciso ter uma maior ênfase e consistência da metodologia teológica dita começar com os ensinamentos em vez de fenômenos. Os ensinamentos nos dão a natureza formal da doutrina, enquanto os fenômenos ajudar a preenchê-lo com conteúdo.

Não é preciso dizer algumas palavras sobre a diferença entre o ensino bíblico sobre as escrituras e eventos que iluminam a natureza da Escritura, e que existe uma considerável confusão sobre estas duas questões. Com o primeiro, referimo-nos à doutrina mantida por Jesus e os apóstolos (e outros autores bíblicos) sobre a natureza da Bíblia. Seu ponto de vista do grau de inspiração ou inspiração intensidade normalmente

não expressa de forma explícita, mas muitas vezes pode ser deduzida a partir do que dizem as Escrituras sobre como se sentiam ou o que eles ensinaram as Escrituras. Jesus e os apóstolos consideravam as Escrituras como uma autoridade, porque eles acreditavam que Deus havia dirigido o escritor bíblico escreveu que era o que Deus disse. Que consideravam até o minuto detalhes como necessários indica que acreditavam que a inspiração de Deus estendida até mesmo para os mais pequenos detalhes. A partir disso, pode-se deduzir a doutrina de que Cristo e os apóstolos mantidos em conta o grau ea intensidade da inspiração das Escrituras de Deus.

Fenômenos, por outro lado, preocupação que as Escrituras realmente são e não o que os autores acreditam em seus escritos ou outros autores bíblicos. Aqui estamos dedicados a comparar as passagens paralelas, avaliar o grau de precisão dos escritos e atividades similares. Observe cuidadosamente a distinção entre materiais de ensino e fenômenos no exemplo a seguir, que pertence às doutrinas da santificação e perseverança. John Mark abandonar Paulo e Barnabé, em seguida, voltou a ser útil é um fenômeno (que fez Marcos) que poderia lançar luz sobre essas doutrinas. A posição oficial de Paul sobre isso é parte de materiais de aprendizagem; Paul está reconciliado com Marcos e recebê-lo de novo, mas não fez comentário explícito sobre a santificação e perseverança nos permite deduzir algo sobre eles. Neste caso particular, obtemos nosso conhecimento dos fenômenos (que Marcos retornaram para ser útil) e do ensino de Paulo (deduzida a partir do fato de que Paul seria útil novamente para Marcos) a partir dos escritos de Paulo (2 Tim 4.: 11). No entanto, há uma distinção lógica entre fenômenos e materiais de ensino. Esta distinção deve ser particularmente tida em conta, especialmente quando estamos investigando a natureza da Escritura. Desde então, o tema da pesquisa é também uma fonte de material didático.

Extensão de inspiração

Agora vamos expor a questão da extensão de inspiração ou, dito de outra forma, o que é inspirado. Assim, você deve considerar a Bíblia inteira ou apenas partes?

Uma solução fácil seria citar 2 Timóteo 3:16: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil ..." No entanto, há um problema devido à ambiguidade da primeira parte deste versículo. O texto diz simplesmente *πᾶσα γραφή θεόπνευστος καὶ ὠφέλιμος* (kai theopneustos Graphe passa ophelimos). Falta cópula *ἐστί* (esti). Deveria ser introduzido entre *γραφὴ* e *θεόπνευστος*? Nesse caso, a frase literalmente dizer: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e proveitosa." Ou eu deveria ter uma cópula trás *θεόπνευστος*? Nesse caso, a sentença seria: "Toda a Escritura é inspirada por Deus também benéfica" Se a primeira tradução é adotada, a inspiração de todas as Escrituras afirmam. Se o segundo é seguido, a frase enfatizar o benefício de toda a Escritura inspirada por Deus. No entanto, neste contexto, não pode ser determinado o Paul tentou expressar. (O que aparece a partir do contexto que Paulo tinha em mente um conjunto de scripts definidos que Timóteo conhecia desde a infância. É improvável que Paul estava tentando fazer uma distinção entre a Escritura inspirada e sem inspiração dentro deste conjunto de escritos.)

Podemos encontrar ajuda adicional sobre este assunto em dois outros textos anteriormente citados: 2 Pedro 1: 19-21 e João 10: 34-35? À primeira vista isso parece não funcionar como o primeiro refere-se especificamente com a profecia eo último a lei. No entanto, em Lucas 24: 25-27 parece que "Moisés e todos os profetas" é igual a "as Escrituras", e em Lucas 24: 44-45 que "a Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" são igual ". Escrituras" em João 10:34, quando Jesus se refere à lei, na verdade, cita o Salmo 82: 6. Em João 15:25, refere-se a uma frase encontrada no Salmo 35:19 como "está escrito na sua lei." Em Mateus 13:35, ele se refere a "o que o profeta disse:" Então citações Salmo 78: 2. Além disso, Paulo refere-se a diferentes tipos de passagens como "lei": Isaías 28: 11-12 (1 Cor 14:21); Salmos e Isaías (Romanos 3:19.); e até mesmo Gênesis 16:15 e 21: 9, que são passagens narrativas (Gal. 4: 21-22). Pedro refere-se à "palavra dos profetas"

(2 Pedro 1:19) e todas as "profecias das Escrituras" (v. 20), de modo que nos leva a crer que ele tem em mente toda a coleção de escritos comumente aceitos no momento. Parece que o "direito" e "profecia" é muitas vezes utilizado para designar todas as Escrituras Hebraicas.

É este modo de entender a inspiração pode ser estendida para abranger também os livros do Novo Testamento? Este problema não é resolvido tão facilmente. Nós temos alguns indícios de que os escritores acreditavam que o que eles estavam fazendo era da mesma natureza, como haviam feito os autores do Velho Testamento. Uma referência explícita a um autor de outros escritos do Novo Testamento é de 2 Pedro 3:16. Aqui Pedro se refere a escritos de Paulo e aludiu à dificuldade de entender algumas coisas neles, que diz: "(a torção ignorante e instável *como também as outras escrituras.*)" Então Pedro reúne os escritos de Paulo outros livros, o que provavelmente resultou familiar aos leitores, que eram considerados Escritura. Além disso, João identificou o que ele estava escrevendo com a palavra de Deus: "Nós somos de Deus. Aquele que conhece a Deus nos ouve, que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade eo espírito do erro "(1 Jo. 4: 6). Ele faz suas palavras o critério. Além disso, ao longo do livro de Apocalipse há indícios de que John estava ciente de que estava sendo condenada a escrever. Em Apocalipse 22: 18-19 fala de punição para quem adicionar ou remover algo que está escrito no livro de profecias. A expressão utilizada neste caso é semelhante ao aviso nos escritos canônicos do Antigo Testamento (Deuteronômio 4: 2; 0:32; Pv 30: 6). Paulo escreveu que o evangelho recebido pelo Tessalonicenses tinha vindo através do Espírito Santo (1 Ts 1: 5.) E foi aceito por eles como realmente era: a palavra de Deus (2:13). Embora a questão de quais livros devem ser incluídos no cânon do Novo Testamento é uma outra questão, deve ficar claro que esses escritores do Novo Testamento acreditavam que a Escritura é estendido a partir do período profético ao seu próprio tempo.

Outra questão importante a ser abordada é se a inspiração foi uma ação específica do Espírito Santo em horários específicos ou se era uma posse permanente dos escritores por ser quem eles eram. Para colocar de outra forma, não é uma atividade intermitente ou contínua do Espírito Santo? Como mencionado acima, uma posição liga ou inspiração para múnus apostólico profético per se. De acordo com este ponto de vista quando os apóstolos de Jesus designou os seus representantes, lhes deu a autoridade para definir e ensinar a verdade. Aqueles que defendem esse ponto de vista geralmente citam a nomeação dos apóstolos, em Mateus 16: 17-20, em que Jesus dá a Pedro as chaves do reino, observando que o que Peter apenas disse que tinha sido revelado pelo Pai celestial não pela carne e sangue. A nomeação em Mateus 28: 19-20 e a promessa do Espírito Santo irá orientar, ensinar e esclarecer (. Jo 14-16) também são considerados uma forma de corroborar esta opinião. A inspiração do Espírito Santo é, nesta posição, praticamente equivalente ao ser cheio do Espírito Santo. Toda vez que proclama a mensagem cristã, um profeta ou apóstolo, em virtude de seu cargo e pelo Espírito Santo, você está dizendo a verdade.

Mas esta visão de inspiração pode ser combinado com os dados das Escrituras? Pelo contrário, parece que o poder de profecia não era constante. Em Ezequiel 29: 1, por exemplo, há uma muito precisa (neste caso, com o dia exato), quando a palavra do Senhor veio a data Ezequiel. O mesmo se aplica à palavra de Deus que vem a João Batista (Lc. 3: 1-2). Há também são precisos no caso de Isabel e Zacarias (Lc 1: 41-42., 59-79) data. Além disso, alguns que não foram profetas profetizavam. Como Balaão (Num. 22: 28-30) e Saul (1 Samuel 19: 23-24).

Esta natureza intermitente também ocorreu com outros dons sobrenaturais. A capacidade de falar em línguas que não foram previamente aprendidos-los de repente veio aos apóstolos (Atos 2: 4), e não há nenhuma indicação de que eles vão continuar a praticar este presente. Em Atos 19: 11-12, lemos que Deus fez milagres extraordinários através

das mãos de Paulo, mas não há sinal de que isso acontece regularmente. É lógico supor que a inspiração das Escrituras também estava piscando.

Finalmente, observamos que, por vezes, os apóstolos parecia desviar-se o que era para ser a vontade de Deus para eles, ea prática da verdade espiritual. Pedro, por exemplo, retirou-se e separou-se comer com os gentios quando eles chegaram alguns judeus (Gal. 2: 11-12). Paul sentiu a necessidade de corrigir publicamente Pedro (2: 14-21). Mas o próprio Paulo não era sem culpa. Atos 15: 38-41 descreve a disputa entre Paulo e Barnabé como tão forte que parecia necessário separar. Embora nós não podemos determinar a natureza ea extensão da culpa nesta situação, parece que Paul foi pelo menos parcialmente errado. A objeção de que esses homens se extraviaram em suas ações, e não o seu ensinamento não é muito consistente porque o ensino é feito tanto como modelo e na forma de proclamação. Conclui-se que a inspiração não era permanente e contínuo, inseparavelmente ligadas ao ofício de profeta e apóstolo. Embora possa ter trabalhado em outros outros do que quando a Escritura, é claro que não se estende a todas as expressões e escritos de autor escreveu vezes.

A intensidade de inspiração

Como intensa foi a inspiração? Foi uma influência geral, talvez implicando a sugestão de conceitos, ou foi tão profundo que até mesmo a escolha das palavras reflete a intenção de Deus?

Quando examinamos o uso de escritores do Novo Testamento fazer Old, aparece uma característica interessante. Às vezes, encontramos sinais de que consideraram cada palavra, cada sílaba, todos os sinais de pontuação significativa. Às vezes, todo o seu argumento é baseada em um ponto exato do texto que você está vendo. Por exemplo, o argumento de Jesus em João 10:35 é baseado no uso do plural no Salmo 82: 6: "Se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (ea Escritura não pode ser anulada), fazer a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo que você diz, 'Você blasfemar, porque eu disse: "Eu sou o Filho de Deus"? Em Mateus 22:32, a nomeação de Êxodo 3: 6 "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac eo Deus de Jacob." É o tempo que leva à conclusão de que "Deus não é . Deus dos mortos, mas dos vivos "No versículo 44, o argumento repousa sobre o sufixo possessivo:" O Senhor disse para *me* Senhor "Neste caso, Jesus diz expressamente que, quando David diz que essas palavras" está no. Espírito. "Aparentemente, David foi levado pelo Espírito ao usar as formas particulares usados, até mesmo ao ponto de um detalhe tão pequeno como" *meu* Senhor ". (A mesma citação aparece em Atos 2:35). Em Gálatas 3:16, Paulo baseia sua argumentação no singular de Gênesis 12: 7: "A Escritura não diz 'e sementes, como falando de muitos, mas como de uma só: E à tua descendência, a que é Cristo. "Como os escritores do Novo Testamento viu estes pequenos Antigo Testamento como autoridade (ou seja, o que o próprio Deus disse), obviamente, considerada a escolha de palavras e até mesmo formar e dirigido pelo Espírito Santo.

Outro argumento em termos de intensidade de inspiração é o fato de que os escritores do Novo Testamento as declarações atribuídas a Deus no Antigo Testamento, na forma original não serão julgadas. Um exemplo notável é Mateus 19: 4-5, onde Jesus pergunta: "Não tendes lido que aquele que os fez no princípio, os fez homem e mulher 'e disse ...? Ele continua citando Gênesis 2:24. No entanto, na frase original não é atribuída a Deus. É apenas um comentário sobre o evento da criação do homem e da mulher. Mas as palavras de Gênesis são citados por Jesus como falado por Deus, Jesus mesmo coloca estas palavras como uma citação direta. Claramente, nas mentes de tudo o que Jesus disse que o Velho Testamento era o que Deus disse. Outros exemplos de palavras atribuídas a Deus que ele não era atribuído ao princípio são Atos 04:25 citando o Salmo 2: 1-2; Atos 13:34 citando o Salmo 16:10 e Hebreus 1: 6-7, citando Deuteronômio 32:43 (Septuaginta, ver Salmos 97: 7.) E Salmo 104: 4.

Além dessas referências específicas, devemos notar que Jesus muitas vezes a introdução de suas citações do Antigo Testamento com a fórmula "está escrito." Qualquer coisa que ele disse que tomou a Bíblia como tendo a força das palavras de Deus. Foi autoridade. Isto, naturalmente, não abordar especificamente a questão de saber se a inspiração do Espírito Santo prorrogado para a escolha das palavras, mas indica uma identificação minuciosa dos escritos do Antigo Testamento com a palavra de Deus.

Neste tipo de materiais de ensino, pode-se concluir que a inspiração das Escrituras era tão intensa que se estendeu até a escolha de palavras. No entanto, se levarmos em conta os fenômenos da Escritura, as características do livro, encontramos algo um pouco diferente. Dewey Beegle desenvolveu uma teoria de inspiração baseia-se principalmente sobre os fenômenos. Notes, por exemplo, que alguns problemas cronológicos da Bíblia são difíceis de harmonizar. Reinado de Peca é um dos destaques. A cronologia de Abraão é outra. Beegle diz em Atos 7: 4 Esteban refere-se à saída de Abraão de Harã depois da morte de seu pai. Nós sabemos de Gênesis que Terá tinha 70 anos quando Abraão nasceu e morreu em Haran a 205 idade (11:32) (Gênesis 11:26.); Abraão, portanto, foi de 135 anos após a morte de seu pai. No entanto, Abraham deixou Haran, quando ele tinha 75 (Gênesis 12: 4), o que seria 60 anos antes da morte de seu pai. Com base neste tipo de discrepância, Beegle conclui que as palavras específicas não são realmente autoritária. Isto significaria ditado.

Beegle também observa que no Novo Testamento não há citações bíblicas de livros. Por exemplo Jude 14 compromisso 1 Enoque 1: 9 e 9 Jude cita a Assunção de Moisés. Estes dois casos apresentam um problema para o argumento de que as citações do ponto do Novo Testamento para o autor crença de inspiração do Novo Testamento e consequente autoridade do material citado. Porque se a autoridade é atribuída ao material do Antigo Testamento a ser citado no New, não deveríamos também atribuir autoridade a esses dois livros apócrifos? Beegle conclui que as citações do Novo Testamento não são prova suficiente de inspiração e autoridade.

Um modelo de inspiração

Se nós temos que manter os dois tipos de considerações, de alguma forma deve ser encontrado para integrá-los. Mantendo a metodologia acima levam em conta principalmente o material didático. Isto significa concluir que a inspiração se estende até para a escolha de palavras (isto é, inspiração verbal). No entanto, vamos determinar o sentido exacto do que a escolha de palavras, considerando os fenômenos.

Note-se que concluir que a inspiração é verbal não usou o argumento abstrato com base na natureza de Deus. Essa é a visão que, como Deus sabe tudo, ele é todo-poderoso, preciso e inspirou a Bíblia, deve ser totalmente sua palavra, mesmo na escolha da terminologia particular. Em vez disso, o nosso argumento para a inspiração verbal é baseado no material de ensino, do ponto de vista das Escrituras mantida e ensinada por Jesus e os escritores da Bíblia, não em abstrato uma inferência a partir da natureza de Deus.

Um ponto importante a se notar é que o problema é palavras artificiais contra pensamentos. Na verdade, eles não podem ser separados. A idéia particular ou conceito não pode ser representado por todas as palavras disponíveis numa única língua. Apenas um número limitado de palavras será eficaz para este. A uma mais precisa, será menor ideia do número de palavras que podem expressá-lo. No final de alguma forma apenas uma palavra vai fazer, se ele realmente é a relação precisa entre a palavra ea idéia. Aqui não estamos nos referindo a específica (isto é, como detalhado) é o conceito; sim nós estamos falando sobre a clareza e nitidez da idéia. Referimo-nos a primeira como a especificidade ou grau de detalhe, e o segundo como o grau de precisão ou de focagem. Quando o grau de precisão (ou clareza ou nitidez na mente) aumenta, há uma diminuição correspondente do número de palavras usadas para expressar o significado.

Estamos sugerindo que talvez o que o Espírito está a dirigir os pensamentos do escritor bíblico. O endereço feito pelo Espírito, no entanto, é bastante precisa. Sendo Deus onisciente não é livre para assumir que os seus pensamentos são precisos, mais do que a nossa. Consequentemente, no vocabulário do escritor, uma palavra tão mais aptos comunicar o pensamento de que Deus está expressando (embora a própria palavra pode ser inadequada). Criação de estimular o raciocínio e compreensão do autor bíblico, o Espírito levar você de fato usar uma palavra em vez de outra.

Figura 4

estados de consciência
introspecção - percepção sensorial - reflexão
gustativa - olfativo - estímulos visuais - auditivo - tátil
posição - tamanho - cor - forma - movimento
verde - vermelho - amarelo - azul
dubonnet - escarlate - escarlate - fúcsia - Cherry

Enquanto Deus leva o escritor a usar as palavras exatas) (privadas para expressar uma idéia, a idéia em si pode ser bastante geral ou muito específico. Isto é o que o lingüista Kenneth Pike chamado a dimensão de ampliação. Você não pode esperar que a Bíblia sempre exibir a ampliação máxima ou grande detalhe. Pelo contrário, ela expressa um bom grau de pormenor ou especificidade que Deus planejou, e, nesse nível de ampliação, só quis dizer que conceito. Isso explica por que, por vezes, as Escrituras não são tão detalhadas quanto poderíamos esperar ou querer. De fato, tem havido ocasiões em que o Espírito Santo, para servir o objectivo de uma nova situação fez com que o autor da Escritura de reafirmar um conceito mais específico do que o seu nível original.

Figura 4 nos ajudar a ilustrar o que temos em mente. Este valor representa vários níveis de especificidade ou detalhe ou ampliação. A dimensão de especificidade implica um movimento vertical na imagem. Suponha-se que o conceito em questão é a cor vermelha. Essa idéia tem um determinado grau de especificidade, nem menos. Ni é mais específico (por exemplo, escarlate) ou menos (cor). Ela ocorre em um esquema de ponto particular, verticalmente no eixo especificidade-generalidade horizontalmente e num determinado nível de especificidade (por exemplo, vermelho contra amarelo ou verde). Em outro exemplo, você pode ter uma imagem muito detalhada (maior ou menor grau de ampliação, na terminologia de Pike), e um foco mais nítida ou mais turva. Claro que, com um detalhe menos preciso vontade abordagem mais nebuloso ou mesmo desaparecer. No entanto, essas duas dimensões (detalhe e foco) não devem ser confundidas. Se a idéia é suficientemente precisa, apenas uma palavra em um idioma ou vocabulário de um escritor, será adequado para se comunicar e significado expresso. Algumas línguas são mais rico em distinções, que permita maior rigor. Árabe, por exemplo, tem muito mais palavras para camelo Inglês. O Inglês, por outro lado, possui muito mais palavras automóvel árabes. Em ambos os casos, muitas destas palavras são utilizadas mais por sua conotação que a sua denotação.

Em nossa opinião a inspiração significava que Deus dirigiu os pensamentos dos escritores, que eram exatamente os pensamentos que eu queria expressar. Às vezes, essas idéias eram muito específico e outros foram mais geral. Quando eles eram mais geral, Deus queria que o grau específico de recolha de especificidade, e nada mais. Às vezes mais especificidade pode causar distração. Às vezes, a especificidade era importante. O conceito de expiação, por exemplo, é um conceito muito específico.

Para determinar o grau de especificidade, é útil para fazer uma exegese cuidadosa nas línguas bíblicas originais. Sabendo o grau de especificidade é importante porque, em muitos casos tem a ver com o tipo de autoridade que deve ser atribuído a uma

passagem. Às vezes os escritores do Novo Testamento aplicam a verdade bíblica de uma nova maneira. O que eles interpretaram e elaboraram; isto é, eles fizeram mais específico. Por vezes, o que reteve e aplicado exactamente da mesma maneira. No primeiro caso, a forma de o ensino do Antigo Testamento havia nenhuma autoridade reguladora das crenças do Novo Testamento; Neste último caso, sim, era. No entanto, em ambos os casos a história era historicamente autoritário; ou seja, ele pode ser determinado por aquilo que é dito e feito eo que era legal na situação original.

Concluimos que a inspiração era verbal, que se estende até mesmo para a escolha das palavras. No entanto, ele não era meramente verbal, porque às vezes as idéias podem ser mais precisas que as palavras disponíveis. Isso foi provavelmente o caso com a visão de João em Patmos, que produziu o livro do Apocalipse.

Neste ponto, geralmente ele levanta a objeção de que se a inspiração se estende até a escolha das palavras torna-se necessariamente ditado. Você reage a esta acusação nos forçará a teorizar sobre o processo de inspiração. Aqui devemos notar que os autores das Escrituras, pelo menos nos casos em que sabemos sua identidade, não eram novos para a fé. Eles tinham conhecido Deus, ele aprendeu e praticou a vida espiritual por algum tempo. Por isso, Deus estava trabalhando em suas vidas por um tempo, preparando-se através de uma grande variedade de experiências familiares, sociais, educacionais e religiosas, para a tarefa fosse realizada. Na verdade, Paulo sugere que ele foi escolhido antes mesmo do nascimento ("que me separou desde o ventre de minha mãe e me chamou pela sua graça" Gal. 1:15). Ao longo da vida que Deus estava trabalhando para moldar e desenvolver o autor individual. Por exemplo, a experiência do pescador Pedro eo médico Lucas estavam criando o tipo de personalidade e visão de mundo que usaria mais tarde para escrever as Escrituras.

Às vezes, é assumido que o vocabulário é distintiva para um escritor é o elemento humano da Escritura, uma limitação no âmbito do qual Deus deve necessariamente agir dando a Bíblia. No entanto, assim que acabamos de ver que o vocabulário dos autores das Escrituras não era exclusivamente um fator humano. Vocabulário de Lucas é o resultado de sua educação e toda a extensão da sua experiência; em tudo isto Deus que ele tinha sido no trabalho preparando-o para o seu trabalho. Equipado com este conjunto de palavras planejados por Deus, o autor escreveu mais tarde. Portanto, embora a inspiração no sentido estrito da palavra pode ser atribuído à influência do Espírito Santo no momento da escrita, é um longo processo de trabalho providencial de Deus do autor. Então, no momento da escrita, Deus dirigiu a mente do autor. Como Deus tem acesso ao processo do pensamento humano, e, no caso do crente, o indivíduo vive através do Espírito Santo, isso não é difícil, particularmente quando as preces individuais em busca de iluminação e é receptivo. O processo não é diferente de telepatia, embora interna e pessoal.

Mas é possível que este tipo de controle da mente é uma espécie de ditado? Lembre-se que o autor da Escritura Deus sabe há muito tempo, foi imerso na verdade já revelada e cultivou uma vida de devoção. Para alguém nesta situação só é possível com a sugestão de uma nova direção, "pensar os pensamentos de Deus." Edmund Husserl, o fenomenólogo, tinha um discípulo e fiel assistente, Eugen Fink. Fink escreveu uma interpretação da filosofia de Husserl para seu professor deu aprovação. Diz-se que quando leu o artigo Husserl Fink disse: "É como se eu tivesse escrito sozinho" Para dar um exemplo pessoal: um secretário tinha estado com a igreja por muitos anos. No início de minha pastorado lá, eu ditava cartas. Depois de um ano ou assim, eu poderia dar a idéia geral do meu pensamento e ela poderia escrever as minhas cartas, usando o meu estilo. No final do terceiro ano, simplesmente ele teve que entregar uma carta que havia recebido e pedir que contestasse porque havíamos discutido muitas questões relacionadas com a igreja que ela sabia o que eu achava da maioria deles. Casos de Eugen Fink e minha secretária provar que é possível saber o que outra pessoa significa sem recorrer ao ditado. No entanto, note que este assume uma relação estreita e um longo período de conhecimento. Assim, um autor da Escritura, dadas as circunstâncias descritas, poderia

escrever a mensagem de Deus, como Deus queria que ele escrevesse sem recorrer ao ditado.

Claro, há partes da Bíblia onde parece que o Senhor realmente diz: "Escrever '...'" Isto é particularmente verdadeiro no material profético e apocalíptico, mas o processo descrito anteriormente não era normal e padrão normativo, o material profético apocalíptico não é mais inspirado do que o resto da Bíblia. Além disso, embora tenhamos notado que existe, em contraste direto com as passagens que mostram evidências de ditado, alguns materiais não Escritura (O histórico disponível por exemplo, dados. Facilmente) é particularmente reveladora, que carece de inspiração material bíblico divina. Não há correlação particular, então, entre gênero e inspiração; isto é, um gênero não é mais inspirado outro. Embora, por vezes, discriminar porções da Escritura de forma diferente com base no seu potencial para nos construir em vários tipos de situações, isso não significa que refletem diferentes graus de inspiração. Enquanto os Salmos podem ser mais satisfação pessoal e inspirando Chronicles, isso não significa que eles são mais inspirado.

Embora expressando inspiração para escrever uma qualidade especial, que a qualidade nem sempre é fácil de reconhecer e valorizar. Além disso, materiais devocionais e do Sermão da Montanha têm uma qualidade que tende a se destacar e que podem ser identificados facilmente. Em parte, que o objeto de estudo é devido. No entanto, em outros casos, como narrativas históricas, a qualidade especial que expressa a inspiração pode ser um tema narrativa de correção, e que não pode ser medida facilmente ou diretamente. No entanto, o leitor sensível provavelmente detectado em toda a Bíblia de um ponto de qualidade para a inspiração, sem dúvida.

O fato de que podemos não ser capazes de identificar a qualidade de inspiração em uma passagem particular não deve alterar a nossa interpretação desta passagem. Nós não deve ser considerado ter menos autoridade. A inspiração verbal não requer uma interpretação literal de passagens que são claramente natureza simbólica, como "aqueles que esperam no Senhor ... Subirão nas asas como águias" (Is. 40:31). Isso requer a levar a sério a tarefa de interpretação, e fazer um esforço inteligente e sensata para encontrar a mensagem exata Deus queria expressar.

A inspiração aqui é concebida como a aplicação do escritor e da escrita. No primeiro sentido, o escritor é o assunto da inspiração. No entanto, quando o escritor escreve a qualidade Escrituras de inspiração também passou a escrever. É inspirado por referência. Esta é a definição da revelação como o ato de revelar e revelou o conteúdo (ver pp. 222ss.). Temos observado que a inspiração pressupõe um longo período de trabalho de Deus no escritor. Isto não só envolve a preparação do escritor, também a preparação do material para este uso. Embora a inspiração no sentido estrito provavelmente não se aplica para a conservação ea transmissão desta matéria, a providência a orientar este processo não deve ser menosprezada.

Neste capítulo, consideramos a questão do método e ter escolhido para desenvolver nossa visão da inspiração da Bíblia, enfatizando os ensinamentos da Bíblia sobre a sua própria inspiração, dando uma importante, mas secundário aos fenômenos da Escritura. Nós tentamos desenvolver um modelo em que há espaço para ambas as considerações.

Algumas outras questões levantadas no início deste capítulo será discutido no capítulo da infalibilidade. Estas questões são: (1) a inspiração envolve corrigir erros que podem ter sido presente nas fontes consultadas e usadas, e (2) se a inspiração significa que Deus dirige o pensamento ea escrita do autor sobre todos os temas abordados ou apenas nos temas mais "religiosos".

Como a Bíblia é inspirada, podemos confiar em ter a instrução divina. O fato de que nós não vivemos quando aconteceram revelações e ensinamentos pela primeira vez não empobrecer-nos espiritualmente e teologicamente. Temos um guia seguro. E estamos motivados a estudar intensivamente desde a sua mensagem é realmente a palavra de Deus para nós.

11. A confiabilidade da palavra de Deus, inerrante

Objetivos do capítulo

Depois de completar o estudo deste capítulo, você deve ser capaz de:

- Citar inerrância vários conceitos diferentes e entender o significado de cada perspectiva.
- Avaliar a importância da infalibilidade para desenvolver uma teologia na sua relação com a igreja.
- Tente resolver os problemas dos fenômenos das Escrituras na sua relação com a infalibilidade.
- Designar princípios e exemplos para definir inerrancy.
- Caracterizar os problemas que têm surgido em torno da infalibilidade.

Resumo do capítulo

Inerrancy é a doutrina de que a Bíblia é completamente verdadeiro em todos os seus ensinamentos. Os teólogos têm argumentado sobre os níveis em que a Bíblia é inerrante. Se a Bíblia não é infalível, então nosso conhecimento de Deus pode ser imprecisas e não confiáveis. Inerrancy é um corolário da completa inspiração da Bíblia. Teólogos têm utilizado uma série de estratégias para explicar as aparentes discrepâncias entre as passagens bíblicas. Embora não seja possível fazer descrições científicas detalhadas ou matematicamente declarações precisas, infalibilidade significa que a Bíblia, quando se verifica, pelo uso de seu tempo, ensinar a verdade sem qualquer alegação de erro.

Questões de estudo

1. O que significa infalibilidade absoluta, total ou limitada?
2. Qual é a importância epistemológica da infalibilidade?
3. Considerando-se as discrepâncias entre as passagens paralelas das Escrituras, há razão para rejeitar a infalibilidade como um todo?
4. Qual é a abordagem harmonizada dos fenômenos bíblicos e quem são os representantes dessa abordagem? O que esta posição difere de outras abordagens?
5. Defina brevemente infalibilidade.
6. Quais são as três questões sobre a infalibilidade e qual é a resposta do autor a eles? Como o autor sustenta a sua posição sobre a infalibilidade?

Conceitos de infalibilidade
A importância da inerrância
Significado teológico
Significado histórico
Importância epistemológica
Fenômenos e Inerrancy
Definição da infalibilidade
Questões Subordinadas

A infalibilidade das Escrituras é a doutrina de que a Bíblia é completamente verdadeiro em todos os seus ensinamentos. Como muitos evangélicos consideram uma questão muito

importante, até mesmo fundamental, exige uma análise cuidadosa. Em um sentido real, é o ponto culminante do ensino da Escritura. Porque, se Deus deu uma revelação especial de si mesmo e inspirou seus servos para a coleção que você vai querer se certificar de que a Bíblia é realmente uma fonte confiável de que a revelação.

Em um sentido real, a infalibilidade é parte de um problema maior, que é a infalibilidade. Apesar de terem sido usados como sinônimos, no passado, muitas vezes, nos últimos anos tem sido utilizada como uma alternativa, querendo expressar em alguns casos, que a Bíblia não era necessariamente precisas em todas as suas referências, mas fazer o seu propósito divino.

No entanto, a teoria dos atos de fala, como observado no capítulo da linguagem teológica, tem enfatizado a variedade de declarações na Escritura, ou, dito de outra forma, os diferentes aspectos gramaticais também indicativos. Há ordens, desejos, dúvidas e outros atos de fala, além de reivindicações. Como Kevin Vanhoozer indica, infalibilidade significa que em qualquer aspecto em que as Escrituras estão funcionando adequadamente expressar a ordem ou a questão de Deus ou qualquer ato de expressão está ocorrendo. Decorre da doutrina da inspiração desenvolvido anteriormente. Estes tipos de declarações, no entanto, normalmente não pode ser avaliada pela utilização que não seja a intenção de emitir o ato de fontes que falam. Portanto, a subclasse de atos de fala a que nos referimos aqui como declarações ou afirmações tem sido particularmente escrutinadas, e é sobre eles que a questão da infalibilidade assume a forma de infalibilidade.

Conceitos de infalibilidade

O termo *infalibilidade* significa coisas diferentes para pessoas diferentes, que estão lutando para saber qual é a posição merece ser chamado dessa maneira. Por isso, é importante resumir brevemente as posições atuais sobre a questão da infalibilidade.

1. A infalibilidade absoluta sustenta que a Bíblia, que inclui uma detalhada tratamento temas científicos e históricos é totalmente verdade. Parece que os escritores bíblicos estavam tentando fornecer uma quantidade substancial de dados científicos e históricos precisos. Por isso, eles podem e devem explicar as aparentes discrepâncias. Por exemplo, a descrição do mar de fundição em 2Cr 4: 2 indica que o seu diâmetro era de 10 cotovelos enquanto a sua circunferência foi de 30 cotovelos. No entanto, como todos sabemos, a circunferência de um círculo é π (3,14159) vezes o diâmetro. Se, como diz o texto bíblico, o mar de metal fundido era um círculo, há uma discrepância, e precisamos de uma explicação.

2. A infalibilidade completo também sustenta que a Bíblia é absolutamente verdadeiro. Embora a Bíblia não é primariamente dados científicos e históricos, as afirmações científicas e históricas feitas são totalmente verdade. Não há nenhuma diferença essencial entre essa posição ea infalibilidade absoluta no que diz respeito a sua visão da mensagem religiosa / teológico / espiritual. A maneira de entender as referências científicas e históricas, no entanto, é bem diferente. A infalibilidade completo considera essas referências como fenomenológica; isto é, eles contam como aparece ao olho humano. Eles não são necessariamente precisas; ao contrário, eles são descrições populares, que muitas vezes envolvem referências gerais ou aproximações. No entanto, eles estão corretos. O que eles ensinam é essencialmente correta na maneira de ensinar.

3. A inerrância limitada também acredita que a Bíblia é inerrante e infalível em suas referências doutriniais salvíficos. No entanto, uma clara distinção entre materiais empíricos não revelaram, por um lado, e as outras referências empíricas naturais é feita. Referências científicas e históricas da Bíblia refletem o entendimento de ser tido na época em que foi escrito. Os escritores da Bíblia foram sujeitos às limitações de seu tempo. A revelação e inspiração para escritores não colocado em cima do conhecimento comum. Deus revelou a ciência ou a história. Consequentemente, a Bíblia pode muito

bem conter o que poderia ser chamado de erros nestas áreas. No entanto, este não tem grandes consequências, uma vez que a Bíblia não se destina a ensinar ciência e história. Para os fins para os quais foram oferecidos, a Bíblia é absolutamente verdadeira e infalível.

4. A infalibilidade propósito da Bíblia sustenta que de modo infalível cumpre a sua finalidade. O propósito da revelação bíblica é levar as pessoas para uma comunhão pessoal com Cristo e não comunicar verdades. Efetivamente serve esse propósito. No entanto, não é apropriado para relacionar os dados com precisão inerrância. Portanto nível infalibilidade dos dados é um conceito inadequado. A verdade não é considerada uma qualidade de proposições, mas um meio para realizar um fim. Implícita nesta posição é uma visão pragmática da verdade.

5. Todas as posições acima querem manter o termo e a idéia de infalibilidade, de uma forma ou de outra. No entanto, os defensores da teoria da revelação não adaptados pedir ou quiser usar este termo. Esta posição enfatiza a idéia de que a Bíblia foi introduzido através de canais humanos, e, portanto, parte das imperfeições da natureza humana. Isso acontece não só com temas científicos e históricos, também com religiosa e teológica. Paul, por exemplo, em seus ensinamentos doutrinários, ocasionalmente, expressa as visões convencionais dos rabinos. Isto não é surpreendente porque Paulo foi educado como um rabino. Assim, mesmo em questões doutrinárias, a Bíblia contém uma mistura de elementos de divulgação e de não divulgação. Paul revisitos e contradisse os seus ensinamentos sobre questões como a ressurreição. WD Davies, por exemplo, sustenta que Paulo mudou sua perspectiva sobre a ressurreição entre a escrita de 1 Coríntios e 2 Coríntios. Seu ensino sobre este assunto em 1 Coríntios 15 não pode ser harmonizada com a de 2 Coríntios 5, nem há qualquer necessidade para isso. Da mesma forma, Paul Jewett é uma mistura de idéias divinamente revelado e idéias humanas nos escritos de Paulo sobre a condição das mulheres.⁷ O ponto básico de vista rabínico está claramente presente no que ele escreveu. No entanto, há momentos em que a revelação de algo novo nessa área de Deus é apreciado. Paul tentou manter um equilíbrio entre a sua tentativa de capturar a palavra de Deus e seu treinamento como um rabino judeu. Alguns até acreditam que Jesus não só ignorou mas ele estava errado sobre o momento de seu retorno. Ele acreditava e ensinava que acontecem durante a vida útil de seus ouvintes, e, claro, não era.

6. Aqueles que sustentam que a revelação não é proposicional dizer que a própria Bíblia não é a revelação. Sua função é apontar para a pessoa encontro a pessoa é a revelação, em vez de expressar proposições. Normalmente em epistemologia "verdade" é usado apenas para proposições. As pessoas ou experiências são disse a ser genuíno ou "verdadeiro". Portanto, toda a questão da verdade ou falsidade não lhes diz respeito. A Bíblia contém erros, mas estes não são a palavra de Deus; apenas as palavras de Isaías, Mateus ou Paul. Os erros de modo algum contra a utilidade funcional da Bíblia.

7. Finalmente, não é a posição que a infalibilidade é uma questão pertinente. Esta posição tem muito em comum com o anterior (mas não necessariamente sustenta que a divulgação não é proposicional). Por várias razões, toda a questão da infalibilidade é considerado algo falso ou distração. Por um lado, o termo "infalível" é considerado negativo. Seria muito melhor para usar um termo positivo para descrever a Bíblia. Além disso, a infalibilidade não é um conceito bíblico. Err na Bíblia é um espiritual ou moral, em vez de uma questão intelectual. Inerrancy distrair-nos das questões importantes. Centrando a nossa atenção nos pequenos detalhes do texto e levando-nos a gastar energia tentando resolver pequenas discrepâncias, esta preocupação com a infalibilidade distrai-nos ouvir o que a Bíblia é realmente a tentar dizer-nos sobre o nosso relacionamento com Deus. Também inibe a pesquisa bíblica. Se ele está ligado à idéia de que a Bíblia é totalmente livre de erro, o exegeta não tem plena liberdade para procurar as Escrituras. A priori é desnecessário e inútil, torna-se um fardo para a exegese justo. É também algo artificial e imposta externamente. Não só ele faz perguntas que os autores

bíblicos não faria; pedir respostas que mostram precisão científica adequada apenas para o nosso tempo. Além disso, representa uma posição que é novo na história da igreja cristã. A questão da infalibilidade não foi discutido pelos teólogos anteriores. Ela surge a partir da imposição de um ponto de vista particular sobre o estudo filosófico da Bíblia. Finalmente, esta questão é prejudicial para a igreja. Cria desunião entre os quais de outra forma, têm muito em comum. Faz um grande problema de algo que deveria ser tão sem importância.

A importância da inerrância

Por que devo me preocupar com a infalibilidade da igreja? Especialmente à luz das considerações levantadas pela posição final visto antes, não seria melhor ser descartada esta questão e "ir em frente"? Em resposta, notamos que há uma preocupação prática na raiz da maior parte da discussão sobre a infalibilidade. Um seminarista pastor de uma pequena igreja rural resumiu bem a preocupação da congregação quando ele disse: "O meu povo me perguntar: 'Se a Bíblia diz, que eu acredito' "A preocupação com a exatidão ou a confiabilidade da Bíblia é um exemplo do que Helmut Thielicke chamado de" o instinto espiritual dos filhos de Deus. "É claro que, se a Bíblia é completamente verdade ou não, é importante teológica, histórica e epistemologicamente.

Significado teológico

Como observado no Capítulo Inspiração, Jesus, Paulo e outros considerados empregados e detalhes da Escritura como autoridade. Isto milita a favor da visão de que a Bíblia foi totalmente inspirada por Deus, mesmo na seleção dos detalhes no texto. Se este for o caso, certas implicações ocorrer. Se Deus é onisciente, você sabe todos os detalhes. Você não pode ignorar ou errado sobre qualquer coisa. Além disso, se ele é onipotente, é capaz de influenciar o que o autor está escrevendo para não inserir nada de errado no produto final. E ser um ser real e verdadeiro, é, sem dúvida, usar essas habilidades para que os seres humanos não são enganados pelas Escrituras. Portanto, a nossa posição sobre a inspiração implica logicamente a infalibilidade da Bíblia. Inerrancy é um corolário da doutrina da completa inspiração. Então, se eu tinha de provar que a Bíblia não é inteiramente verdade, a nossa visão de inspiração também estaria em perigo.

Significado histórico

Historicamente, a Igreja tem defendido a infalibilidade da Bíblia. Embora não tenha sido totalmente enunciado uma teoria até agora, no entanto, havia, em toda a história da igreja, uma crença geral na confiabilidade completa da Bíblia. Agostinho, por exemplo, escreveu:

Eu aprendi a oferecer este respeito e honra apenas aos livros canônicos da Escritura: apenas naqueles Acredito firmemente que os autores foram completamente livre de erro. E se eu estou intrigado com o que quer que me parece que se opõe à verdade nesses escritos, não hesitou em assumir que seja o manuscrito defeituoso, ou o tradutor não tenha compreendido o significado do que foi dito, ou eu Eu não tenho sido capaz de entender.

Da mesma forma Martin Luther disse: "As Escrituras nunca perdeu ... As Escrituras *não pode* errar ... É verdade que as Escrituras não se contradizem; Parece apenas que maneira a suas hipócritas tolas e obstinados ".

Seria bom esclarecer algumas dessas alegações. Embora Agostinho disse toda a verdade e confiabilidade da Bíblia, também tomou uma abordagem bastante alegórica à sua interpretação; Eliminou-se aparentes dificuldades no significado superficial do texto por alegoria. E Lutero não foi sempre um modelo de consistência. Além disso, John

Calvin, não só na sua *instituição, um tratado sobre teologia sistemática, mas ao comentar sobre a Bíblia, disse certa liberdade em autores do Novo Testamento quando citando o Antigo Testamento*. No entanto, parece que a Igreja ao longo da história têm acreditado que a Bíblia é livre de falsidade. Se é isso que inerrante contemporânea quer expressar com o termo *infalibilidade, não é imediatamente aparente*. Seja qual for o caso, sabemos que a idéia geral de infalibilidade não é uma criação recente.

Enquanto falamos sobre este assunto, devemos notar brevemente o impacto que a inerrância tem tido historicamente. A melhor maneira de proceder é olhar para as implicações normalmente encontradas em outras áreas da doutrina infalibilidade bíblica quando você sair. Há evidências de que, quando um teólogo, uma escola ou um movimento começa a considerar infalibilidade bíblica como tema periférico ou opcional e deixa essa doutrina, muitas vezes apenas abandonando ou alterando outras doutrinas que a Igreja geralmente considerada muito importante, como a divindade Cristo ou a Trindade. Uma vez que, como argumentado no primeiro capítulo deste livro, a história é o laboratório no qual a teologia testa suas ideias, temos de concluir que desviam a crença de absoluta confiabilidade da Bíblia é um passo muito sério e não apenas para o que ele faz a uma doutrina, mas pelo efeito que tem sobre outras doutrinas.

Importância epistemológica

A questão epistemológica é simplesmente: Como nós sabemos? Algumas declarações na Bíblia são, pelo menos potencialmente, independentemente verificáveis ou distorcida. Isto é, as referências a questões históricas ou científicas pode ser descoberto, dentro da limitação de métodos e dados disponíveis históricas e científicas, que são verdadeiras ou falsas. Algumas outras questões, tais como as declarações doutrinárias sobre a natureza de Deus e expiação, além do campo da experiência sensorial. Não podemos verificar a sua veracidade ou validade empiricamente. Se alguém pudesse provar que a Bíblia tem erros nos domínios em que suas reivindicações possam ser verificadas, no que possível base iríamos continuar a manter a sua infalibilidade em áreas onde nós não podemos verificar o que ele diz?

Dito de outra forma. Nossa base para manter a verdade de qualquer proposição teológica é que a Bíblia ensina. No entanto, se concluir que certas proposições (históricas ou científicas) ensinadas pela Bíblia não são verdadeiras, as implicações são vastas. Podemos, portanto, continuar a defender outras proposições única com base no que a Bíblia ensina. Não que isso tenha sido comprovado que estas outras proposições são falsas, mas não podemos ter certeza de que elas são verdadeiras. Temos que professam agnosticismo quando se refere a eles ou encontrar outros motivos para mantê-los. Como revogou o princípio de que tudo o que a Bíblia ensina é necessariamente verdade, o simples fato de que a Bíblia ensina essas outras proposições é uma base insuficiente por si só para manter. Pode-se continuar a manter essas proposições, é claro, mas não graças à autoridade da Bíblia.

Este ponto é muitas vezes considerado (e até mesmo ridicularizado) como uma espécie de teoria do dominó "falsa, todas falsas." No entanto, esta análise é bastante superficial. Desde aqueles que sustentam esta posição não estamos sugerindo que todas as outras proposições são falsas; Eles estão simplesmente pedindo uma base para manter essas outras proposições. Outro resumo mais preciso de sua posição seria "um falso, tudo incerto." Certamente isso poderia acontecer que todas as declarações da Bíblia que estão sujeitas a avaliação empírica fosse verdade, mas algumas das reivindicações momentosos não foram. Nesse caso, no entanto, teria, pelo menos, uma presunção a favor da verdade do passado. Mas se for provado que alguns dos ex-são falsas, em que base seria ainda manter o passado?

É como se estivéssemos a ouvir uma palestra sobre algum assunto esotérico que não sabemos muito. O alto-falante pode fazer muitas declarações que estavam fora de nossa

experiência. Nós não temos nenhuma maneira de avaliar a sua verdade. O que você diz soa muito profundo, mas que poderia ser apenas um jargão bombástico. Mas suponha que por alguns minutos o orador fala sobre um assunto que nós conhecemos muito bem. Aqui nós detectar vários erros. O que devemos pensar nas outras reivindicações, cuja veracidade não pode ver? Certamente podemos concluir que eles também podem ter imprecisões. Credibilidade, uma vez cometido, não é fácil para recuperar ou manter em outros assuntos.

Claro, você pode continuar a manter as afirmações teológicas com uma distinção ad hoc, sustentando que a autoridade bíblica aplica-se apenas para as verdades transcendentais ou doutrinários. Ao fazê-lo dessas proposições livrar de um possível refutação. Mas talvez a fé tornou-se nada mais do que parafraseando Mark Twain, "acreditar no que você não sabe, não é" Qual é o preço a tomar tal ação? Ser imune à refutação pode ser alcançada à custa de a alegação faz sentido que os ensinamentos bíblicos são verdadeiras. Porque se você não permitiu nada contra a verdade do ensino bíblico é que pode haver algo em seu favor? (A declaração cognitiva pode ser verdadeira ou falsa, e, portanto, deve ser possível especificar o que poderia ser a seu favor ou contra). Embora isto possa assemelhar-se superficialmente o princípio da verificação do positivismo lógico, há uma diferença significativa, uma vez que, neste caso, os meios de verificação (e, por conseguinte, a medição do significado) não são necessariamente e detectar dados exclusivamente.

Você pode deixar a declaração: "Tudo o que a Bíblia diz é verdade", e ainda ganhar uma posição que apelo puramente fideísta: "Eu acho que essas coisas não porque eles estão na Bíblia, mas porque eu escolho acreditar neles", ou "Eu escolho acreditar todas as afirmações da Bíblia que não têm (ou não foram) refutada. "Ou você pode encontrar uma maneira independente para estabelecer esses princípios. No passado, isto tem seguido de vários canais. Alguns teólogos liberais desenvolveram suas doutrinas baseado em uma filosofia da religião. Apesar de Karl Barth e neo-ortodoxo está visitando doutrinas em presença pessoal direta de Deus, Barth intitulada forma reconstituída de sua magnum opus *Dogmática* Igreja, sugerindo que ele estava começando a apoiar os seus pontos de vista, em parte, a autoridade de a Igreja. Wolfhart Pannenberg tentou teologia de base na história, usando métodos sofisticados de historiografia. Na medida em que os evangélicos abandonar a posição de que o que as Escrituras ensinam e dizem é verdade, é pedida uma nova base para a doutrina. Pode muito bem ser através da revitalização de uma filosofia da religião ou o que é mais provável, dada a atual orientação "relacional", baseando a teologia nas ciências do comportamento, como a psicologia da religião. Mas seja qual for a forma que assuma uma base alternativa, a lista de princípios susceptíveis de ser encurtada porque é difícil estabelecer a Trindade ou o nascimento virginal de Cristo em um argumento filosófico ou a dinâmica das relações interpessoais.

Fenômenos e Inerrancy

A acreditar na infalibilidade das Escrituras não é uma conclusão indutiva é alcançado como resultado do exame de todas as passagens da Bíblia. Por sua própria natureza, tal conclusão só poderia ser provável, na melhor das hipóteses. A doutrina da infalibilidade bíblica não é confirmada ou explicitamente ensinada na Bíblia. Pelo contrário, é um corolário da doutrina da inspiração absoluta da Bíblia. A visão da Bíblia mantida e ensinada por aqueles que escreveram as escrituras que implica a verdade absoluta da Bíblia. Mas isso não explica a natureza da infalibilidade bíblica. E sabendo que Deus revelou-se não explicar o conteúdo de sua mensagem, que a Bíblia é livre de erro não explicar-nos o que isso implica em falta de erro.

Temos agora de abordar o fenômeno real das Escrituras. E aqui estamos com dificuldades potenciais. Alguns são aparentes discrepâncias entre as passagens paralelas dos Evangelhos, ou Samuel, Reis e Crônicas. Parece ter problemas suficientes aqui como

forçar-nos a pensar sobre como eles se relacionam com a nossa doutrina da Escritura. Marcos 6: 8 que Jesus disse aos seus discípulos para realizar uma bengala, enquanto em Mateus 10: 9-10 e Lucas 9: 3 foi proibido. Quando a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém é contada, Lucas narra a multidão gritou: "Glória nas alturas" e nos outros evangelhos, a palavra é nos quatro Evangelhos é contado de forma diferente com o rótulo "Hosana nas alturas." que estava na cruz.

Há também problemas com a cronologia da Bíblia em vários lugares. Os reinados dos reis de Israel, por exemplo, são datadas de acordo com os reinados dos reis de Judá, mas há várias discrepâncias reais. A cronologia de Esteban na estadia dos israelitas no Egito (eles foram escravizados por quatrocentos anos: Atos 7: 6) não coincide com a do Êxodo. Problemas também surgem com números. Em passagens paralelas, 2 Samuel 10:18 fala de 700 carros, enquanto em 1 Crônicas 19:18 diz-se ser 7.000; 2 Samuel 8: 4 fala de 1.700 cavaleiros e 20.000 soldados de infantaria, enquanto em 1 Crônicas 18: 4 fala de 7.000 cavaleiros e 20.000 pés; 2 Samuel 24: 9 fala de 800.000 homens de Israel e de Judá 500.000, enquanto em 1 Crônicas 21: 5 diz que Israel tinha 1.100.000 homens e 470 mil de Judá. Parece que há divergências éticas. De acordo com 2 Samuel 24: 1, o Senhor se indignou contra Israel, e incitou Davi a cometer o pecado de fazer um censo; mas de acordo com 1 Crônicas 21: 1 Satanás se levantou contra Israel, incitando David para fazer um censo de Israel. E diz-se que Deus, que não pode tentá-los ou ser tentado (Tg. 1:13), enviou um espírito maligno contra Saul (1 Samuel 18:10), para que Saul tentou matar Davi. Essas dificuldades sugerem que não há dados reais para conciliar a Bíblia com a alegação de que é completamente inerrante. Como devemos lidar com estes fenômenos? Teólogos conservadores têm usado várias estratégias no passado e hoje estão usando ativamente.

1. Abordagem Abstract BB Warfield tendem a se concentrar principalmente por conta da inspiração doutrinária das Escrituras. Embora consciente dos problemas e soluções oferecidos para alguns deles, tendia a pensar que nem todos tiveram de ser explicada. Eles são meras dificuldades. O peso da evidência para a inspiração e infalibilidade da Bíblia, portanto, é tão grande que nenhuma quantidade de dados deste tipo pode derrubar.

2. A abordagem harmonizada representá-lo *Tua Palavra é a Verdade* (A tua palavra é a verdade) Edward J. Young, e *inspiração das Escrituras Sagradas* (inspiração das Escrituras) Louis Gaussen. Mais uma vez, a crença na infalibilidade da Bíblia é baseado no ensinamento doutrinal de inspiração. Os defensores dessa abordagem argumentam que as dificuldades apresentadas fenômenos diferentes podem ser resolvidos, e tentar fazê-lo usando as informações disponíveis no momento.

Um exemplo é encontrado em Gaussen como Judas morreu. Como é sabido, existe uma aparente discrepância entre Mateus 27: 5, em que Judas se enforcou, e Atos 1:18, que diz: "Ele caiu de cabeça e abriu-se, e todas as suas entranhas se derramaram." Gaussen oferece a história de um homem que cometeu suicídio em Lyon. Para garantir resultados, o homem sentou-se na borda do lado de fora da janela de um quarto andar e deu um tiro na boca. Gaussen diz que você pode contar com a sua morte em três maneiras diferentes: por tiro pela queda e ambas as coisas ao mesmo tempo. Ele disse que os três estariam corretos. Da mesma forma, ele especulou que Judas se enforcou e, em seguida, caiu de cabeça. Presumivelmente, embora Gaussen não dizê-lo explicitamente, a corda se rompeu e Judas bateu no chão. Precisamos dessa informação específica que possa explicar todos os detalhes da história. Não há contradição aqui. É dado um tratamento semelhante ao de outras passagens. A explicação de Harold Lindsell sobre a aparente discrepância entre o diâmetro ea circunferência do mar de fundição em 2 Crônicas 4:12 é um exemplo do mesmo tipo; É explicado que a circunferência é medida a partir da borda interior e o diâmetro do lado de fora.

3. abordagem harmônica moderado é, em certa medida o estilo de abordagem harmônica. Os problemas são graves, e é feito um esforço para resolvê-los ou eliminar as dificuldades que razoavelmente possível de acordo com os dados disponíveis no

momento. Everett Harrison, por exemplo, observa que a infalibilidade, embora não explicitamente explicado na Bíblia, não deixa de ser um corolário da plena inspiração. Tente fornecer a solução para muitas das passagens problemáticas, mas não tente forçar uma resolução prematura dos problemas. Alguns dos dados relevantes não está disponível para nós hoje, mas sim, pode ser, no futuro, à medida que avançam as descobertas filológicas e arqueológicas. Alguns dados podem ter sido perdidos. Se tivéssemos todos os dados, podemos resolver todos os problemas.

4. Uma quarta posição possível foi apresentado por Edward Carnell, embora não haja nenhuma evidência de que ele nem sequer levá-la. Esta posição é relativamente simples, e é uma extensão de uma tática empregada por muitos teólogos forma limitada. Se nós fomos forçados a, diz Carnell, poderíamos tomar a posição de que apenas a inspiração garante a reprodução exata das fontes das Escrituras que o escritor utilizados, sem correção. Portanto, se a fonte continha um erro, o escritor da Escritura tenho esse erro como era na fonte. Mesmo Harrison sugeriu que essa posição pode às vezes ser oportuno,²² e James Orr muitos anos antes que ele propôs que as lacunas de informação de fontes, não necessariamente tinha de ser cheio do Espírito Santo.

Carnell disse Warfield, em seu debate com Smith, teve de admitir, em certa medida, em declarações bíblicas pode haver algum engano; apenas a sua transcrição a partir da fonte original pode ser considerada infalível. Este parece ser o caso, por exemplo, os discursos de Elifaz, o temanita, e outros amigos de Jó. Há outros casos evidentes de distorções que foram transcritas na Bíblia, tais como: "Não há Deus" é, naturalmente, reivindicar um tolo (Salmo 14: 1; 53: 1). Essa linha de raciocínio pode ser estendido para explicar muitos dos problemas aparentes da Bíblia. Por exemplo, o repórter pode estar contando com um falível e errada para extrair a lista do número de carros e cavaleiros de origem.

5. Finalmente, há a visão de que a Bíblia pode errar. Beegle Dewey diz basicamente que nós reconhecemos que a Bíblia contém problemas reais e intratáveis. Devemos tratá-los como o que são e reconhecer que a Bíblia contém erros. Em vez de tentar explicar, devemos aceitar o fato de que eles são genuínos, e construir nossa doutrina da inspiração com isso em mente. Nossa doutrina de inspiração não deve desenvolver priori ou abstratamente. Quando fazemos isso, apenas adotamos um ponto de vista e dizer o que *deve* dizer. Em vez disso, devemos ver o que a inspiração da Bíblia tem sido, e, em seguida, deduzir daí a natureza da inspiração. Seja o que for inspiração, não verbal. Não podemos considerar que a inspiração se estende à própria escolha de palavras no texto.

Alternativas examinadas sobre fenômenos, Harrison parece ser o mais apropriado. A posição de Warfield, como aqui considerado, enfatiza devidamente o ensino da Escritura ao invés de fenômenos. No entanto, ao fazê-lo, ele dá pouca atenção para os fenômenos. Para esta falha exegeta se aproxima de irresponsabilidade. É fácil chamá-los de simples dificuldades, em vez de passagens problemáticas, como já observamos. A escola harmônica em muitos casos, tem feito um benefício real para a causa da erudição bíblica encontrar soluções criativas para os problemas. No entanto, insistem em conciliar todos os problemas utilizando os dados disponíveis no momento eu acho que leva a uma movimentação de materiais forçado. Algumas das sugestões, como Gausson sobre a morte de Judas, parece quase inacreditável. É melhor reconhecer que temos todas as respostas ainda. Esta abordagem humilde provavelmente irá fazer mais credível a Bíblia que pedir às pessoas para aceitar algumas das explicações oferecidas, e, portanto, sugerem que a integridade da doutrina da infalibilidade da Bíblia depende da aceitação dessas soluções um pouco enigmático ter concebido. A sugestão de Carnell é altamente recomendável, especialmente uma vez que praticamente todos os teólogos reconhecem ter usado pelo menos em alguma extensão. No entanto, os problemas inerentes a aceitar esta abordagem como sugerido Carnell são consideráveis. Na prática, podemos ter certeza de que temos a verdade somente se estamos confiantes de que a passagem em questão não utiliza fontes. Mas fazer esse julgamento é realmente difícil. Consequentemente, a

doutrina da inspiração e autoridade da Bíblia torna-se uma mera formalidade algo cuja implementação é incerta. A vista de Beegle parece muito mais perto da conclusão de que a divulgação não é proposicional, uma posição que está fora da visão ortodoxa de revelação. Portanto, por eliminação, chegamos a uma visão como a de Harrison, mas com algumas ressalvas.

Definição da infalibilidade

Agora podemos estabelecer o que entendemos por infalibilidade: a Bíblia, quando corretamente interpretados à luz do nível cultural e de comunicação, que foi nos dias quando foi escrito, e de acordo com os fins para os quais foi dado, é completamente verdade em tudo o que afirma. Esta declaração reflete a posição inicialmente chamado infalibilidade total. Agora é necessário elaborar e explicar esta definição, apontando alguns princípios e exemplos que nos ajudarão especificamente definem infalibilidade e eliminar algumas das dificuldades.

1. A infalibilidade pertence ao que é dito ou afirmado em vez de apenas o que conta. Isso incorpora o ponto válido sugestão de Carnell. A Bíblia registra declarações falsas feitas por leigos. A presença de tais declarações na Escritura não significa que estas são verdadeiras; única que garante que eles foram correctamente contadas. A mesma decisão pode ser emitido em certas declarações de pessoas piedosas que não estavam falando sob a inspiração do Espírito Santo. Stephen, em seu discurso em Atos 7, pode ser inspirado, mas não foi se cheio do Espírito Santo. Portanto cronológica declaração no versículo 6 pode não necessariamente livre de erro. Parece que mesmo Paul e Peter fez declarações incorrectas em algum ponto. No entanto, quando um escritor bíblico leva uma declaração de qualquer fonte e incorporá-lo em sua mensagem como uma declaração e não como mera declaração, deve ser considerada verdadeira. Isso não garante o canonicity do livro citado. Não-crentes, sem revelação ou inspiração especial, no entanto pode estar em posse da verdade. Apesar de tudo na Bíblia é verdade, não é necessário manter que toda a verdade está na Bíblia. Referências Judas dois livros não-canônicos não necessariamente representar um problema, porque não é necessário acreditar que o que Judas disse foi um erro ou que Enoch e da Assunção de Moisés é divinamente inspirados livros que têm de ser incluídos no cânon do Antigo Testamento.

Surge a pergunta: Será que a infalibilidade é aplicável a outros modos do que o alvo? A Bíblia contém perguntas, desejos e despachos, bem como afirmações. No entanto, estes geralmente não são julgados como verdadeiros ou falsos. Portanto infalibilidade não parece aplicar-se a eles. No entanto, na Escritura há declarações ou afirmações (expressa ou implícita) que alguém fez essa pergunta, ele expressou esse desejo, ou deu essa ordem. Enquanto o mandamento "Amai os vossos inimigos" não pode ser considerada verdadeira ou falsa, a afirmação "Jesus disse:" Amai os vossos inimigos ""pode ser considerada verdadeira ou falsa. E como uma declaração da Escritura é inerrante.

O que estamos ressaltando aqui estão as declarações ou intervenções, e não a intenção do dito ou escreveu. Grande importância é dada nos círculos evangélicos a intenção do escritor: a mensagem não pode e não deve desviar-se da direcção pretendida pelo escritor. Em particular, os evangélicos são contra a prática de interpretar uma passagem, não de acordo com o que o autor queria expressar, mas, como o leitor encontra na passagem, ou o que dá a passagem. Esta preocupação é o mais recomendado. O foco deve ser colocado sobre o que o autor queria dizer.

No entanto, certos problemas estão ligados ao conceito de intenção. Uma delas é, por vezes de forma inadequada restringe o significado de uma passagem para uma intenção central. Por exemplo, quando Jesus disse que nenhum pardal cai no chão sem o Pai (Mateus 10:29), seu propósito não era ensinar que Deus estava observando pássaros. Sua finalidade foi a de afirmar que Deus cuida de seus filhos humanos (v 31: "Portanto, não

temais; vós valeis mais do que muitos pardais"). No entanto, Jesus disse que Deus protege e cuida das aves; Claro, a verdade da declaração sobre sua preocupação com a humana depende da verdade da declaração sobre os pássaros.

Outro problema é enfatizar o conceito de intenção do autor não é para ter em conta as perspectivas psicológicas que surgiram no século XX sobre o inconsciente. Sabemos agora que muito do que é comunicado não é conscientemente. O lapso freudiano, linguagem corporal, e outras comunicações inconscientes muitas vezes revelam mais claramente que pretendemos que nós realmente acreditamos. Portanto, não devemos restringir a revelação e inspiração de Deus para questões em que o escritor tinha conhecimento das Escrituras. Parece bem possível que, quando João escreveu sobre a grande visão que ele tinha em Patmos, comunicadas mais do que compreendida.

2. Devemos julgar a verdade das Escrituras por seu senso dentro da paisagem cultural em que suas declarações foram expressas. Critérios anacrônicos não deve ser utilizado para tentar entender o que foi dito. Por exemplo, não devemos esperar que os padrões de precisão em que data a idade da nossa imprensa e distribuição em massa nos habituou a estar presentes no primeiro século. Também devemos reconhecer que os números muitas vezes anteriormente tinha um significado simbólico, muito mais do que eles têm em nossa cultura atual. Os pais nomes escolheu para os seus filhos também teve um significado especial; o que geralmente não acontece hoje. A palavra *filho*, *basicamente, tem um significado único na nossa língua e cultura*. No entanto, nos tempos bíblicos, tinha um significado mais amplo, quase paralela a "descendência". Há também uma grande diversidade entre a nossa cultura e que de tempos bíblicos. Quando falamos de infalibilidade, queremos dizer que o que a Bíblia diz é completamente verdade de acordo com a cultura da época.

3. As reivindicações da Bíblia são completamente certo quando julgados de acordo com os fins para que foram escritas. Esta precisão pode variar (especificidade em que escreveu anteriormente) de acordo com a utilização pretendida para o material. Suponha que um caso hipotético em que a Bíblia fala de uma batalha com 9,476 homens. O que seria correto aqui (ou infalível) relatório? ¿10.000 seria correto? ¿9000? ¿9500? ¿9480? ¿9475? Ou simplesmente é correto falar de 9476? A resposta é que depende da intenção de ter escrito. Se este é um relatório oficial militar que um militar tem que dar uma superior, o número tem de ser exato. Esta é a única maneira de saber se houve um desertor. Além disso, se é apenas para dar uma idéia do tamanho da batalha, um número redondo como 10.000 seria apropriado, e, neste contexto, à direita. O mesmo vale para o mar de metal fundido 2 Crônicas 4: 2. Se o objetivo ao falar sobre seu tamanho para fornecer um nível a partir do qual ele pode construir uma réplica, é importante saber se você tem que construir com um diâmetro de 10 côvados ou 30 côvados de circunferência. Mas, se a finalidade é meramente para dar uma ideia do tamanho do objecto, a abordagem que dá o escritor é suficiente e pode ser considerada perfeitamente verdadeiro. Muitas vezes encontramos nas abordagens da Bíblia. Não há nenhum conflito real entre o que é dito em Números 25: 9 sobre 24.000 mortos pela peste e que Paulo diz em 1 Coríntios 10: 8 que eram 23.000. Ambos são aproximações, e para efeitos foram ambos ser considerado adequado e, portanto, certa.

Dê abordagens é uma prática comum em nossa própria cultura. Suponha que meus ganhos brutos no ano passado foram de US \$ 50,137.69 (uma figura puramente hipotético). E suponha que você me perguntar como eu ganhei no ano passado e eu digo "Cinquenta mil dólares." Ele disse a verdade? Isso depende da situação e que está falando. Se é um amigo e pedir-me em uma conversa informal sobre o custo de vida, eu disse a verdade. Mas se um funcionário das Finanças está a realização de uma auditoria, então eu não disse a verdade. Como uma frase a ser adequada e, por conseguinte, requer uma maior especificidade na verdade esta segunda posição do que na primeira.

Isso se aplica não apenas números, mas também questões como a ordem cronológica da narrativa histórica, que foi alterado a partir dos Evangelhos. Em alguns casos, uma

mudança nas palavras necessária para comunicar o mesmo para diferentes pessoas. Assim, Lucas diz "Glória nas alturas" onde Mateus e Marcos dizem "Hosana nas alturas", os gentios que ler para entender melhor o que Lucas antiga que o último. Mesmo a expansão e compressão, usando os pregadores hoje sem isso, eles podem ser acusados de infidelidade ao texto, também praticavam os escritores bíblicos.

4. Os relatórios científicos e eventos históricos escritos em linguagem fenomenológica em vez de linguagem técnica. Ou seja, o escritor diz como as coisas aparecem diante dos olhos. Esta é a prática comum em qualquer tipo de escrita popular (em contraste com a técnica). Um exemplo dessa prática comumente apreciado é sobre nascer do sol. Quando o meteorologista diz à noite que amanhã o sol vai nascer em 06:37, do ponto de vista estritamente técnico que cometeu um erro, e que desde os dias de Copérnico saber que o sol não se move, é a terra que se move. No entanto, não existe qualquer problema com esta expressão popular. Na verdade, mesmo nos círculos científicos, o termo *nascer do sol* tornou-se uma espécie de frase; embora os cientistas usam o termo regularmente, eles não pensam nisso literalmente. Da mesma forma, as histórias da Bíblia não se destinam a ser cientificamente precisas; Eles não tentam teorizar sobre o que aconteceu exatamente quando as muralhas de Jericó caíram ou quando as águas do rio Jordão parou, ou se o machado flutuou. O escritor só tinha o que foi visto, como parecia aos olhos. (Em certo sentido, o princípio de que a Bíblia usa uma linguagem popular, em vez de linguagem técnica é simplesmente uma subseção do princípio acima, ou seja, que as reivindicações da Bíblia é absolutamente verdadeiro quando julgada de acordo com a finalidade para que foram escritos).

5. As dificuldades para explicar o texto bíblico não se deve prejudicar como indicadores de erro. É melhor aguardar os dados em falta, confiante que, se tivermos todos os dados, aparecem problemas podem ser resolvidos. Em alguns casos, os dados não podem aparecer. Uma vez que um site tenha sido escavado, é escavado, você já fez um grupo de arqueólogos bem treinados, um trator ou um grupo de ladrões que procuram objetos de valor. No entanto, ele encoraja pensar que há uma tendência para resolver as dificuldades quando novos dados emergem. Alguns dos problemas mais sérios do que há um século, como o desconhecido rei Sargon mencionado Isaías (20: 1), foram explicados de forma satisfatória sem contorções artificiais. E mesmo o enigma da morte de Judas parece ter agora uma solução viável e razoável.

A palavra específica em Atos 1:18 que causou a dificuldade em relação a morte de Judas é *πρηνής* (*prēnēs*). Durante muito tempo acreditou-se que só queria dizer "cabeça para baixo". No entanto, a pesquisa feita no século XX no antigo papiro, revelaram que esta palavra tinha um outro significado em grego koiné. Também significava "bomba". É possível final hipotético da vida de Judas que se encaixa todos os dados que temos, mas sem a artificialidade com que Gaussen resolveu o problema. Judas se enforcou, mas levou tempo para ser encontrado. Em que situação a barriga começou a decompor-se, portanto, o abdômen inchado, algo característico dos corpos que não foram devidamente embalsamados. Portanto, "[Judas] vai estourar aberto e todas as suas entranhas se derramaram." Embora não haja nenhuma maneira de saber se isso era o que realmente aconteceu, esta pode ser uma solução viável e adequada para o problema.

Devemos, portanto, continuar a trabalhar na tarefa de resolver qualquer tensão que está em nossa compreensão da Bíblia. Isso envolverá a consulta dos melhores materiais lingüísticos e arqueológicos. Particularmente arqueologia confirmou a precisão do conteúdo das Escrituras. Em geral, há menos problemas agora a acreditar na infalibilidade da Bíblia que os dados de uma centena de anos atrás. Ao mesmo tempo, temos de perceber que nunca haverá uma confirmação plena de todas as propostas e todas as questões problemáticas será resolvido. Em vez de buscar explicações muito imaginativo, essas dificuldades são melhores deixadas sem solução confiante de que, com base na doutrina das Escrituras, serão resolvidos à medida que avançamos fornecendo novos dados.

Agora que temos definido especificamente infalibilidade, devemos observar alguns pontos que nossa definição não inclui. A doutrina da infalibilidade não dizer a priori que tipo de material irá conter a Bíblia. Ele não nos diz como interpretar passagens individuais (isso pertence ao reino da hermenêutica). Em particular, a infalibilidade não tem de significar que o nível mais elevado possível de especificidade existe para sempre. Em vez nossa doutrina da infalibilidade simplesmente sustenta que qualquer declaração feita na Bíblia é absolutamente verdadeiro quando interpretado corretamente de acordo com o significado que tinha na cultura em que ela foi feita e de acordo com a finalidade para a qual ele foi escrito.

Questões Subordinadas

1. Inerrancy é um bom termo ou deve ser evitado? Existem certos problemas ligados a ele. Uma delas é que, geralmente, leva extrema especificidade envolvidos, palavras como correção, verdade, honestidade, lealdade e, em menor medida, precisão, não. Se você não entender o significado da infalibilidade com rigor científico, pode ser um termo útil. Ao enumerar as características da Escritura, no entanto, inerrância deve ser em última posição; o primeiro deve ser positivo. Embora a Bíblia não errar, o que realmente importa é que a Bíblia nos ensina a verdade. Além disso, a infalibilidade não deve ser entendida como a Bíblia nos diz tudo sobre um tópico. O tratamento não é exaustiva, suficientes apenas para atender a finalidade pretendida.

Como o termo infalibilidade tornou-se comum, provavelmente, uma boa utilização. Além disso, não é suficiente apenas para usar o termo, porque, como vimos, as pessoas têm significados radicalmente diferentes associados. William Hordern declaração pode servir aqui de aviso: "Parece que para os fundamentalistas e conservadores não, o que novos conservadores estão tentando dizer é que" a Bíblia é inerrante, mas isso, claro, não significa que ela não tem erros ". "Temos de explicar claramente o que queremos dizer quando usamos o termo para o qual não há nenhum mal-entendido.

2. Devemos também definir o que queremos dizer com erro. Se isso não for feito, se nós não têm fronteiras claramente fixos separam afirmações verdadeiras de falsas declarações, o significado da infalibilidade está perdido. Se houver um "infinito linguagem coeficiente de elasticidade" de modo que a palavra *verdadeira* pode esticar um pouco, e um pouco mais, e um pouco mais, você pode acabar incluindo tudo e, portanto, nada. Para uma crença de ter qualquer significado, devemos estar preparados para definir o que nos forçar a sair, neste caso, indicar o que poderia ser considerado um erro. As declarações das Escrituras que contradizem completamente os fatos devem ser considerados errônea. Se Jesus não morreu na cruz, se eu não parar a tempestade no mar, se as muralhas de Jericó não caiu, se o povo de Israel não foi libertado da escravidão no Egito e foi em busca da terra prometida, então o Bíblia estaria em erro. Em tudo isto, vemos que ele está executando uma forma modificada do princípio de verificação, mas sem as dimensões extremas que comprovem a anulação desse critério como faz o positivismo lógico, porque, neste caso, os meios de verificação não estão limitados a dados sensoriais.

3. A doutrina da infalibilidade no sentido estrito da palavra, só pode ser aplicado ao original, mas, em certo sentido, também derivado para cópias e tradução, isto é, na medida em que eles estão refletindo o original. Este ponto de vista é muitas vezes ridicularizado como um subterfúgio, e observa que ninguém viu os autógrafos inerrantes. No entanto, como observado por Carl Henry, ninguém não viu o original errônea.³¹ Certamente o conceito de que apenas os originais são inerrante pode ser usado como uma fuga. Pode-se sugerir que todos os erros possíveis são meramente copiando erros; Eles não estavam no original, mas foram introduzidos nas cópias. Na verdade, o conceito de que a infalibilidade se aplica apenas para o original raramente usado. Crítica textual é uma

ciência desenvolvida o suficiente para que o número de passagens na Bíblia onde houver dúvida é relativamente curto. Em muitas das passagens problemáticas realmente não há problemas de leitura. Em vez disso, o que é reivindicada por dizer que apenas os originais são inspiração inerrante não é estendido para os copistas ou tradutores. Embora a providência divina foi certamente operacional, não era o mesmo tipo de ação do Espírito Santo que foi na redação original do texto.

No entanto, devemos afirmar que cópias e traduções são também Palavra de Deus, na medida em que eles mantêm a mensagem original. Quando dizemos que é a palavra de Deus, que temos em mente, é claro, a inspiração processo original do escritor bíblico. Ao contrário, eles são a palavra de Deus em um sentido derivado que é anexado ao produto. Assim, foi possível que Paulo escreveu a Timóteo que toda a Escritura foi inspirado, mas certamente as Escrituras para que ele se referia era provavelmente uma cópia e tradução (a Septuaginta).

Em um mundo onde há tantos equívocos e tantas opiniões, a Bíblia é uma fonte de direção segura. Porque quando interpretado corretamente, você pode confiar no que ela ensina. É uma autoridade segura, precisa e confiável.

12. O poder da palavra de Deus: autoridade

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Definir a palavra *autoridade*, *identificar o seu âmbito e autoridade para redefinir os parâmetros da religião*.
- Identificar e avaliar maneiras em que o sentido das Escrituras e uma crença na origem divina e autoridade é estabelecida através do trabalho pessoal do Espírito Santo.
- Distinguir entre os componentes objetivos e subjetivos de autoridade, como eles influenciam o significado, e os dois tipos de autoridade não sobre a Bíblia: Histórico e regulamentos.
- Comparar e contrastar três pontos de vista da iluminação histórico específico ao longo da história de Agostinho, através de Daniel Fuller e John Calvin.
- Explique a relação entre a Bíblia eo direito Espírito Santo sobre o significado.
- Para julgar quanta influência tanto a tradição, como as obras dos Padres da Igreja, sobre a autoridade na igreja.

Resumo do capítulo

Como criador e fonte de toda a verdade, Deus tem o direito de exigir que todos os seres humanos acreditam nele e lhe obedecem. Embora em alguns casos Deus exerce sua autoridade diretamente, normalmente utilizados outros meios. Uma maneira de conseguir isso é através de outros seres humanos. Deus comunica a sua mensagem para os seres humanos. Você tem o direito de ordenar as ações e discursos humanos. Isto é o que acontece através da Bíblia quando interpretada corretamente. Algumas pessoas tentaram separar a obra iluminadora do Espírito Santo e do conteúdo objetivo das Escrituras. Se entendi bem, o Espírito Santo ilumina, condenados e aplica o ensino da Bíblia, tanto a compreensão e do coração humano. Todas as Escrituras são historicamente autoritário, isto é, diga-nos corretamente o que Deus espera e pediu às pessoas específicas em

determinadas épocas e lugares. Parte das Escrituras também são autoridade reguladora. Isso significa que as partes da escritura tem que aplicar e obedecer à mesma forma em que foram originalmente dado.

Questões de estudo

1. Definir autoridade em um contexto cristão evangélico.
2. Qual é o ponto de vista católico romano da delegação de autoridade divina e como ela difere da protestante?
3. Quais são os três pontos de vista sobre a origem e autoria divina da Escritura e explicar como cada um deles?
4. Qual é a importância 1 Coríntios 2:14 relacionamento com o Espírito Santo?
5. Comparar e contrastar os componentes objetivos e subjetivos de autoridade.
6. Como são influenciados hermenêutica bíblica e apologética para a relação entre Escritura e da razão?

Definição de autoridade

A autoridade religiosa

Estabelecer o significado ea origem divina da Bíblia

O trabalho interior do Espírito Santo

Componentes objetivos e subjetivos de autoridade

Vários pontos de vista sobre iluminação

A visão de Agostinho

A visão de Daniel Fuller

A visão de João Calvino

A Bíblia, a razão e do Espírito

Tradição e autoridade

Autoridade histórica e regras

Por autoridade da Bíblia entender a Bíblia como uma expressão da vontade de Deus para nós, tem o direito supremo para definir o que acreditamos e como devemos nos comportar.

A autoridade é um assunto que tem suscitado controvérsia considerável em nossa sociedade. Isto é verdade não só no campo da autoridade bíblica ou religiosa, mas também em áreas mais amplas. Mesmo nas sociedades que ainda estão formalmente estruturados de uma forma autoritária, reconhecendo que o antigo modelo de uma pirâmide, em que a autoridade era de cima para baixo, não é mais relevante, pelo menos em sua forma tradicional. As pessoas resistem a formas ditatoriais ou arbitrárias de exercer a autoridade. Autoridade externa tem frequentemente perdido reconhecimento e obediência a favor de aceitar a supremacia do juízo individual. Há até mesmo um ambiente de forte contra a instituição em assuntos religiosos, que muitas vezes insiste em julgamento individual. Por exemplo, muitos católicos romanos estão questionando a ideia tradicional de que o papa é infalível autoridade. Acrescente a isso os muitos pretendentes que se esforçam para ser reconhecido como uma autoridade é adicionado.

Definição de autoridade

Por autoridade queremos dizer o direito de exigir que é criada e colocada em prática. O termo tem um grande número de aplicações. Podemos pensar em alguma autoridade governamental, tribunal. Um exemplo seria um rei ou imperador, que tem o direito de impor determinados actos. No entanto, isso pode ter formas menos imperiais. O policial

que dirige tráfego ou proprietário exigindo pessoas para ficar longe de sua propriedade estiver exercendo um poder que é deles por direito.

O que temos descrito poderia ser chamado de autoridade imperial. Há também o que poderia ser chamado de "autoridade verdadeira." Uma pessoa por causa de seu conhecimento pode ser considerado por outros como uma "autoridade" sobre um tema específico. O seu conhecimento nesta área é maior do que tem a maioria das pessoas. Por isso, ele pode recomendar que você crie ou agir corretamente. (Um documento pode também, em virtude da informação que contém, ser capaz de fazer isso é criado ou agir de determinada maneira). Esse tipo de autoridade é raramente exercido. Ele tem. É reconhecido e aceito por outros. Talvez fosse mais correto dizer que essa pessoa é uma autoridade em vez de dizer que *você tem* autoridade. A autoridade verdadeira baseia-se no conhecimento de que um e, assim, possui intrínseca é, enquanto a autoridade imperial é uma função da posição de um ocupa e, portanto, é extrínseca.

Não devemos confundir autoridade com força. Embora o ideal é que o direito de exigir ea capacidade de fazer cumprir a crença e ação devem coincidir, na prática isso nem sempre acontece. Por exemplo, o legítimo herdeiro do trono ou funcionário devidamente eleito pode ser removido por um golpe de Estado. Um impostor ou um usurpador pode tomar o seu lugar. Para a autoridade verdadeira, não há realmente a força, mas um ultimato explícita: "Faça o que eu digo e eu vou levar você para a verdade; e você não cair em confusão e erro." O médico receitou um tratamento a um paciente não tem o poder de fazer cumprir esse tratamento. Na verdade o que ele está dizendo é: "Se você quiser começar bem, fazer isso."

Neste contexto, é importante manter a distinção entre autoridade e autoritarismo. Uma pessoa, um documento ou uma instituição com autoridade é aquele com autoridade e, portanto, tem o direito de definir uma crença ou prescrever prática. Uma pessoa com autoridade, por outro lado, está tentando introduzir as suas opiniões e fazer as suas encomendas enfaticamente dogmático ou intolerante sejam atendidas. Aqueles que ainda não tenham sido iniciados ou são muitas vezes facilmente impressionável induzida a seguir a pessoa autoritária, por vezes, mais facilmente do que é necessário para convencer a seguir alguém com mais autoridade.

Também é importante fazer a distinção entre a posse de autoridade e reconhecimento que ele tem autoridade. Se intimamente associado, ou a primeira é medido pelo segundo lugar, a questão da autoridade torna-se bastante subjetiva. Há pessoas que não aceitam a autoridade verdadeira, que não pagam a atenção para as leis de trânsito, ou que rejeitam as opiniões dos especialistas. Por qualquer razão, preferem sua própria opinião. Mas sua recusa em reconhecer a autoridade faz isso permanecem revogada.

A autoridade pode ser exercida diretamente pelo titular. No entanto, você também pode delegar e muitas vezes o faz. Muitas vezes o verdadeiro detentor do poder não pode ser exercido diretamente. É, portanto, necessário delegar essa autoridade a uma pessoa ou agência pode exercê-la. Por exemplo, os cidadãos de um país escolher pessoas que representam essas pessoas e aprovar leis e criar agências que administram essas leis. As ações dos empregados dessas agências devidamente autorizadas têm o mesmo peso e autoridade que os próprios cidadãos. Talvez um perito não pode apresentar suas idéias para todos os que estão interessados em saber. No entanto, você pode colocar seu conhecimento em um livro. O conteúdo do livro, como tem as suas ideias, tem o mesmo peso que se apresentar suas idéias em pessoa.

A falta de eficácia ou sucesso a curto prazo não deve fazer-nos duvidar da autenticidade de uma autoridade. Muitas vezes, as idéias, especialmente se eles são novos, não são aceites rapidamente. Também não se pode testar imediatamente a sua viabilidade. No entanto, a longo prazo, a autoridade verdadeira si prova. Idéias de Galileu foram inicialmente chocante e até mesmo perigoso. Teoria da relatividade de Einstein parecia viabilidade estranho e questionável. No entanto, o tempo provou o valor de ambos. Na primeira, Jesus teve relativamente poucos convertidos, líderes de sua época

não respeitar (as autoridades), e acabou sendo executado. Mas no final, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que é (Fp 2: 10-11.).

A autoridade religiosa

Quando nos concentramos em tópico especializada da autoridade religiosa, a questão crucial é: Existe alguma pessoa, instituição ou documento que tem o direito de fazer isso é criado ou agir em assuntos religiosos? Em última análise, se houver um ser supremo superior à humana ou qualquer outra coisa na ordem criada, tem o direito de determinar o que acreditamos e como devemos viver. De um ponto de vista cristão, Deus é a autoridade sobre este assunto por ser quem ele é. É o ser supremo, que sempre foi, o que existia antes de nós ou qualquer outro ser apareceu. Ele é o único ser que tem o poder de sua existência dentro de si mesmo, não dependente de alguém ou alguma coisa para existir. Além disso, é a autoridade para o que ele fez. Ele nos criou como ele criou tudo o que existe no mundo e nos redimiu. É também a autoridade da lei, você tem direito de nos dizer o que acreditamos e como devemos agir, para a sua actividade contínua no mundo e em nossas vidas. Ele torna a criação ainda existe. Ainda assim nos dá a vida, cuida de nós e fornece recursos para as nossas necessidades.

Neste ponto surge outra pergunta: Como Deus exercer essa autoridade? Os exercícios direta ou indiretamente? Alguns diriam que o permanece diretamente. Aqueles seria o neo-ortodoxo. Para eles, a autoridade de Deus é exercida por meio de um ato direto de revelação, uma auto-manifestação que é na verdade uma reunião imediata entre Deus ea humanidade. A Bíblia não é a Palavra de Deus por si só. É apenas uma ferramenta, um objeto através do qual Deus fala ou pessoas de contato. Nessas ocasiões, a autoridade não é a Bíblia, mas o Deus que se revela. Não tem sido atribuída a qualquer qualidade permanente ou infundido Bíblia. Não houve nenhuma delegação de autoridade.

Há outros que acreditam que a autoridade de Deus é exercida diretamente. Estes incluem vários tipos de "espiritualistas", tanto antigos e modernos. Eles são pessoas esperando por uma palavra ou orientação direta de Deus. De acordo com sua visão de Deus fala aos indivíduos. Pode ser sobre qualquer coisa que não está na Bíblia ou algo extra para ele. Alguns extremistas carismáticos acreditam na revelação direta e especial de Deus. No entanto, não só estamos aqui para carismático. Uma das questões levantadas pela Gallup Poll em 1979 foi: "Se o senhor estivesse testando suas crenças religiosas, que um destes quatro autoridades religiosas faria primeiro?" As opções eram: o que a igreja diz, o que respeitáveis líderes religiosos dizem, o que me diz pessoalmente o Espírito Santo e que a Bíblia diz. 27 por cento disse que o Espírito Santo; 40 por cento da Bíblia. Entre as pessoas entre dezoito e vinte e nove anos de idade, no entanto, uma percentagem mais elevada escolheu o Espírito Santo (36 por cento) contra a Bíblia (31 por cento). Embora um número considerável de cristãos consideram o trabalho direto do Espírito Santo como seu guia, 27 por cento da população em geral e 36 por cento dos adultos jovens consideram a principal medida suas crenças religiosas.

Outros a vêem como algo autoridade divina foi delegada a uma pessoa ou instituição. O principal exemplo é a Igreja Católica Romana. É considerada a igreja como representante de Deus na terra. Quando ele fala, ele fala com a mesma autoridade que o próprio Senhor. De acordo com este ponto de vista, o direito de controlar os meios de graça e definir a verdade na doutrina foi delegada aos apóstolos e seus sucessores. É a igreja que nós aprendemos o que as intenções de Deus para a humanidade são. Embora a igreja não descobrir uma nova verdade, ele torna explícito o que estava implícito na tradição revelada dos apóstolos originais recebidos.

Uma ideia interessante contemporânea é que a autoridade religiosa está nas mãos dos profetas presentes na igreja. Ao longo da história muitos movimentos tiveram este tipo de líderes proféticos. Muhammad acreditava que era um profeta enviado por Deus especial. Entre os anabatistas do século XVI que tinha profetas que supostamente

oferecidos mensagens recebidas de Deus. Parece que tem havido um ressurgimento de tais pessoas e movimentos nos últimos anos. Eles têm várias seitas, liderados por líderes carismáticos que afirmam ter recebido uma mensagem especial de Deus surgiu. Sun Myung Moon e sua Igreja da Unificação são um exemplo óbvio, mas há muitos outros que também vêm à mente. Mesmo no movimento evangélico mainstream, muitas pessoas consideram a palavra de alguns "pregadores famosos" quase igual ao que a Bíblia diz.

Este trabalho sugere que o mesmo Deus é a autoridade suprema em questões religiosas. Você tem o direito, por ser quem ele é eo que ele faz, para estabelecer o padrão do que acreditar e prática. No entanto, no que diz respeito às principais questões não exerce autoridade diretamente. Em vez delega autoridade para criar um livro, a Bíblia. Porque ele contém a mensagem, a Bíblia tem o mesmo peso que Deus teria se estivéssemos falando diretamente para nós.

Estabelecer o significado ea origem divina da Bíblia

A revelação é Deus revelando sua verdadeira humanidade. Inspiração de conservas, tornando-o mais acessível ao grande público. A inspiração garante que o que a Bíblia diz é o que Deus diria se estivesse falando diretamente. No entanto, outro elemento é necessário neste string. Para operar a Bíblia como Deus quem está falando a nós, os leitores da Bíblia precisa entender o significado das Escrituras e ser convencidos de sua origem divina e autoria. Existem idéias diferentes sobre como conseguir isso.

1. A posição tradicional católica romana é que chegamos a compreender a Bíblia e de ser convencido da sua autoria divina através da igreja. Como dissemos anteriormente, Thomas disse que ele poderia estabelecer a origem divina da Igreja Católica pela evidência racional. Tendo estabelecido sua origem divina, a Igreja pode obter certificado divindade das Escrituras. A igreja, que estava presente antes da Bíblia, nos deu a Bíblia. Ele decidiu que livros devem ser canonizado (ie, incluídos na Bíblia). Ele atesta que esses livros particulares originou em Deus, e, portanto, conter uma mensagem para nós. Além disso, a igreja oferece a correta interpretação da Bíblia. Isto é particularmente importante. O valor é para nós ter uma revelação infalível de Deus inerrante sem entender dessa forma revelação inerrante? Como toda a compreensão humana é limitada e, portanto, está sujeita a erros, você precisa de algo mais. A igreja eo papa, em última análise nos dá o verdadeiro significado da Bíblia. A infalibilidade do papa é o complemento lógico à infalibilidade da Bíblia.

2. Outro grupo diz que a razão humana é o meio de estabelecer o significado da Bíblia e sua origem divina. Em uma forma extrema, essa visão é representado pelos racionalistas. Confirmação de que a Bíblia é inspirada por Deus vem para examinar as provas. Diz-se que a Bíblia tem certas características que convencer ninguém de que a consideração de sua inspiração divina. Uma das evidências mais importante é a profecia gratificante; a saber, aqueles acontecimentos improváveis ​​que foram preditas no remoto passado o final eles conseguiram. Estes eventos, prossegue o argumento, não poderia ter sido prevista apenas pelo discernimento humano. Por conseguinte, Deus deve ter revelado e dirigiu-se, no momento da escrita. Outra evidência é o caráter sobrenatural de Jesus e os milagres. A interpretação é também uma função da razão humana. O significado da Bíblia é determinada pelo exame da gramática, vocabulário, contexto histórico, etc. O estudo crítico dos especialistas é o meio para descobrir o significado da Bíblia.

3. A terceira posição é que adotamos. Este ponto de vista sustenta que há uma obra interior do Espírito Santo, que ilumina a compreensão de ouvir ou ler a Bíblia, o que torna entende o seu significado e oferece segurança com relação a sua veracidade e origem divina.

O trabalho interior do Espírito Santo

Há uma série de razões pelas quais a iluminação ou o testemunho do Espírito Santo é necessário para seres humanos para compreender o significado da Bíblia e ter certeza de sua veracidade. (Nem a Igreja nem a razão humana será bem-sucedida). A primeira é a diferença ontológica entre Deus e a humanidade. Deus é transcendente; Ele vai além de nossas categorias de compreensão. Nós nunca podemos compreender plenamente com os nossos conceitos finitos e nosso vocabulário humano. Você pode entender, mas não completamente. Em conexão com a transcendência de Deus é a finitude humana. Os seres humanos são limitados desde a sua criação, em tempo para a sua capacidade de assimilar os seres informação. Por conseguinte, não pode formular conceitos que são proporcionais à natureza de Deus. Estas limitações são inerentes ao ser humano. Eles são o resultado da queda ou do pecado humano individual, mas a relação Criador - criatura. Eles não carregam nenhuma conotação moral associada ou nenhum estigma.

No entanto, além dessas limitações, há outros que vêm da natureza pecaminosa dos seres humanos como indivíduos e como uma corrida. Estes últimos não são inerentes à natureza humana, mas são o resultado dos efeitos negativos do pecado de nossos poderes noética. A Bíblia testifica de muitas maneiras e muito enfático dessas limitações da compreensão humana, particularmente no que diz respeito a assuntos espirituais.

A última razão que é necessário o trabalho especial do Espírito Santo é que os seres humanos necessitam de segurança sobre assuntos divinos. Desde temas como aqui a vida e a morte (espiritual e eterna) são tratadas, você precisa de algo mais do que mero acaso. Nossa necessidade de segurança é diretamente proporcional à importância da matéria em causa; em matéria de conseqüências eternas, precisamos de certeza de que o raciocínio humano não pode fornecer. Se se trata de decidir o carro para comprar ou que tipo de tinta para usar em uma casa, fazer uma lista de vantagens e desvantagens normalmente suficiente. (A opção com mais vantagens geralmente o melhor). No entanto, se a questão é quem ou no que acreditar sobre o destino eterno, a necessidade é muito maior certeza.

Para entender o que o Espírito Santo, temos de examinar mais de perto o que a Bíblia diz sobre a condição humana, em particular, a incapacidade de reconhecer e compreender a verdade, sem a ajuda do Espírito. Em Mateus 13: 13-15 e Marcos 8:18 Jesus fala daqueles que ouvem, mas nunca compreender e ver, mas nunca percebem. Sua condição é descrita com imagens vívidas no Novo Testamento. O coração deste povo é prejudicado, e suas orelhas são maçantes e fecharam os olhos (Mateus 13:15). Eles sabiam que Deus, não glorificar a Deus como eles tornaram-se fúteis em suas especulações, eo seu coração insensato se obscureceu (Rom. 1:21). Romanos 11: 8 atribuiu sua condição de Deus, assim [são] obscureceu seus olhos (v. 10) "deu-lhes o espírito insensível, olhos que vêem e ouvidos que não ouvem.". Em 2 Coríntios 4: 4, Paulo atribui a sua condição para o deus deste mundo, que todas essas referências ", entre os incrédulos ... eles cegado as mentes, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo." muitas outras alusões, argumentam a necessidade de um trabalho especial do Espírito para aumentar a percepção humana e compreensão.

Em 1 Coríntios 12:14 Paulo nos diz que a pessoa natural (que não o vê nem entende) não recebeu os dons do Espírito de Deus. No original encontramos a palavra δέχομαι (dechomai), o que significa não só "pegar" alguma coisa, mas também "aceitar" alguma coisa, bem-vindo, quer um presente ou uma idéia. Natural do ser humano não aceita os dons do Espírito para a sabedoria de Deus parece absurdo. Eles são incapazes de compreender γνῶναι (gnōnai) que deve ser discernido ou investigado ἀνακρίνεται (anakrinetai) espiritualmente πνευματικῶς (pneumatikos). O problema, então, não é apenas que as pessoas em seu estado natural não querem aceitar os dons e sabedoria de Deus, mas sem a ajuda do Espírito Santo, são incapazes de compreendê-los.

O contexto de 1 Coríntios 12:14 contém provas que corroborem que os seres humanos não pode ser entendida sem a ajuda do Espírito Santo. No versículo 11, lemos que

somente o Espírito de Deus conhece os pensamentos de Deus. Paul também afirmou em 1: 20-21 que o mundo não poderia compreender Deus pela sua sabedoria, pois Deus sabedoria mundana louco. Na verdade, a sabedoria deste mundo é loucura para Deus (3:19). Os dons do Espírito são ensinados διδακτοῖς (didaktois) não com palavras de sabedoria humana, mas com as ensinadas pelo Espírito (2:13). De todas estas considerações, parece que Paulo não está dizendo que as pessoas não espirituais entender, mas não aceita. Em vez disso, eles não aceitar, pelo menos em parte porque eles não entendem.

Mas esta condição foi excedido quando o Espírito Santo começa a trabalhar dentro de nós. Paulo fala de ter olhos brilharam πεφωτισμένους (pephōtismenous), um passivo perfeito participar, sugerindo que algo foi feito e ainda tem efeito (Ef. 1:18). Em 2 Coríntios 3, fala do véu será tirado (16 v.) Que nós refletimos como num espelho a glória do Senhor (v. 18). Originalmente este referido Israel (v. 13), Paulo expandiu essa referência para todos (v. 16) e no restante do capítulo e nos primeiros seis versículos do capítulo seguinte referência é quase universal. O Novo Testamento refere-se a este esclarecimento humana de várias maneiras: a circuncisão do coração (. Ro 2:29), ser preenchido com o conhecimento e entendimento espiritual (Col. 1: 9), o dom de entendimento para conhecer Jesus Cristo (. 1 João 5:20), a voz do Filho de Deus (Jo. 10: 3). O que antes parecia ser louco (1 Cor 1:18; 02:14) e um tropeço (1 Cor 1:23) agora aparece para o crente eo poder de Deus (. 1 Coríntios 1:18), e sabedoria oculta Deus (1:24; 2: 7) e como a mente do Senhor (2:16).

O que estamos descrevendo aqui é um trabalho em tempo útil do Espírito: regeneração. Digite uma diferença categórica entre o crente eo incrédulo. No entanto, há um trabalho contínuo do Espírito Santo na vida do crente, um trabalho descrito e elaborado especialmente por Jesus em sua mensagem a seus seguidores em João 14-16. Aqui Jesus promete a chegada do Espírito Santo (14:16, 26; 15:26; 16: 7, 13). Em algumas referências, Jesus diz que ele enviará o Espírito do Pai (João 15:26; 16: 7). Na primeira parte da mensagem que fala do Pai enviará o Espírito em nome de Jesus (14:16, 26). Na frase final, ele só fala sobre a vinda do Espírito Santo (16: 3). Parece, portanto, que o Espírito foi enviado pelo Pai e do Filho, e era necessário que Jesus era o Pai (note o uso enfático e redundante ἐγὼ (ego) em 16: 7 e 14:12 - "Eu vou para Pai "). O Espírito Santo teve de tomar o lugar de Jesus e também realizar as suas funções específicas.

Quais são as funções que o Espírito Santo vai realizar?

1. O Espírito Santo vos ensinará todas as coisas crentes e lembrá-lo de tudo o que Jesus ensinou (14:26).
2. O Espírito Santo dará testemunho de Jesus. Os discípulos de Jesus também deve depor, porque eles estavam com ele desde o início (15: 26-27).
3. O Espírito Santo convencerá ἐλέγχω (elegcho) o mundo do pecado, da justiça e do juízo (16: 8). Esta palavra em particular implica repreensão para que a convicção é alcançado, por contraste com a palavra ἐπιτιμάω (epitimao), que simplesmente sugere repreensão imerecida (Mt. 16:22) e ineficazes (Lc. 23:40).
4. O Espírito Santo irá orientar os fiéis à verdade. Ele não falará por si próprio; ele falará apenas o que ele ouve (Jo 16,13).. E com ela glorificar a Jesus (16:14).

Nota, em particular, a nomeação do Espírito Santo como o Espírito da verdade (14:17). Relato de João sobre o que Jesus disse não faz qualquer referência ao Espírito Santo como o verdadeiro Espírito (ἀληθές - *alethes* ἀληθινόν o - *alēthinon*), mas como o Espírito da verdade (τῆς ἀληθείας - *TES alētheias*). Isto não pode ser mais do que a tradução literal de um termo grego o aramaico, mas é provável que significa que a natureza do Espírito é a verdade. Ele é alguém que comunica a verdade. O mundo não pode receber (λαμβάνω - *lambano* simplesmente receber, em oposição a δέχομαι [dechomai], aceite) porque não o vê nem o conhece. Os crentes, por outro lado, conheço (γινώσκω - *ginosko*), *ele habita neles e estar com eles*. (Há alguma controvérsia sobre se o verbo tempo final no versículo 17 é para ser entendido como um futuro ou

presente. Ἔσται [estai] ["vontade"] parece ter para ter uma melhor textual base ἔστιν [estin] ["é"] . Parece provável que ἔσται mudou para ἔστιν em uma tentativa de harmonizar esta verbalmente com o presente μένω - Meno).

Para resumir o papel do Espírito conforme descrito em João 14-16. Isso leva a verdade, lembrando-se das palavras de Jesus, não falando para si mesmo, mas o que ele ouve falar, trazendo convicção, testemunhando Cristo. Portanto o seu ministério está definitivamente envolvido na verdade divina. Mas o que isso significa? Parece haver um novo ministério, ou adicionar uma nova verdade não previamente conhecida, mas uma ação do Espírito Santo em relação à verdade já revelada. Portanto, o ministério do Espírito Santo envolve esclarecer a verdade, trazendo crença, persuasão e convicção, mas não uma nova revelação.

Mas esta passagem deve ser entendida com referência à igreja em todos os períodos de sua vida ou os ensinamentos da obra do Espírito Santo aos discípulos só se aplicam, no tempo de Jesus? Se a segunda abordagem é adotada, a direção da verdade que o Espírito oferece aos discípulos refere-se apenas ao seu papel na produção da Bíblia e não qualquer ministério em curso. Obviamente, a mensagem foi entregue, em princípio, ao grupo que rodeado Jesus fisicamente naquele momento. Algumas referências claramente localizados (por exemplo, 14: 8-11). No entanto, há principalmente uma ausência de elementos que limitam a interpretação. Claro, algumas lições (por exemplo 14: 1-7; 15: 1-17) também comunicar em outras partes da Bíblia. Obviamente, eles não eram restritas apenas aos primeiros ouvintes, como eles tiveram promessas e ordens aceitas pela Igreja de todos os tempos. É lógico concluir que os ensinamentos a respeito do ministério do Espírito são para nós.

Na verdade, ele ensina João 14-16 sobre o Espírito leva os crentes para a verdade também é encontrada em outros lugares na Bíblia. Em particular, Paulo menciona que a mensagem do evangelho veio aos Tessalonicenses, através do Espírito Santo. Paulo diz que "não vir a vós somente em palavras, mas também em poder e no Espírito Santo e em plena convicção" (1 Ts 1: 5.). Quando os tessalonicenses recebido (παραλαβόντες - *paralabontes*) a palavra, aceite (ἐδέξασθε - *edexasthe*), *não como palavra de um ser humano, mas como ela realmente era, a Palavra de Deus* (2:13). A diferença entre a mera recepção de mensagens indiferente e aceitação significa trabalho ativo e eficaz do Espírito Santo. Além disso, Paulo ora para que os Efésios (3: 14-19) para ser fortalecidos com poder no homem interior pelo Espírito para ser capaz de entender (καταλαβέσθαι - *katalabesthai*) imagens (γινῶναι - *gnōnai*) o amor de Cristo, que excede (ὑπερβάλλουσιν - *hyperballousan*) para todos os conhecimentos (γνώσεως - *gnoseos*). A implicação é que o Espírito Santo comunicadas aos Efésios o conhecimento do amor de Cristo, que excede todo o entendimento normal.

Componentes objetivos e subjetivos de autoridade

Portanto, não há o que Bernard Ramm chamou um padrão de autoridade. O objetivo palavra, as Escrituras escrito, junto com a palavra subjetiva, iluminação interior ea convicção do Espírito Santo, é a autoridade para os cristãos.

Ortodoxia escolástica do século XVII manteve-se praticamente a única autoridade é a Bíblia. Em alguns casos, esta também tem sido a posição do fundamentalismo americano do século XX. Aqueles que defendem esta posição é uma qualidade objetiva na Bíblia que coloca automaticamente uma em contato com Deus; isso pode trazer como um ponto sacramental resultado da visão da Bíblia. A Bíblia como a revelação inspirada e como a conservação dessa revelação é considerado também para ter uma eficiência intrínseca. A mera apresentação da Bíblia ou ser exposto a Bíblia tem um valor intrínseco, como as palavras da Bíblia têm poder por si mesmos. Acredita-se que a leitura da Bíblia todos os dias dá um valor em si mesmo. O velho ditado: "Uma maçã por dia mantém o

médico longe" tem seu paralelo teológica ", um capítulo por dia mantém o Diabo longe." O perigo é que ele pode trazer a Bíblia para se tornar quase um amuleto.

Além disso, alguns grupos consideram o Espírito Santo como a principal autoridade para os cristãos. Alguns grupos carismáticos, por exemplo, acreditam que a profecia especial está acontecendo hoje. O Espírito Santo está dando novas mensagens de Deus. Na maioria dos casos, essas mensagens são considerados para explicar o verdadeiro significado de certas passagens da Bíblia. Portanto, a opinião é que, embora a Bíblia é a autoridade, na prática, muitas vezes, não conseguimos encontrar o seu significado sem a ação especial do Espírito Santo.

Na verdade, é a combinação desses dois fatores é que autoridade. Ambos são necessários. A palavra escrita, devidamente interpretada, é a base objetiva da entidade. A iluminação interior e o poder persuasivo do Espírito Santo é a dimensão subjetiva. Esta dupla dimensão impedido por uma parte contra a,, verdade seco e frio e estéril o outro contra o fervor equivocada. Juntos, eles produzem uma maturidade que é necessário na vida cristã: a cabeça fria e coração quente (não a cabeça quente e um coração frio). Como um pastor de alguma forma bruta disse uma vez: "Se você tem a Bíblia sem o Espírito, uma seca. Se você tem o espírito, e não a Bíblia, um explode. Mas se tomarmos a Bíblia eo Espírito juntos, você crescer ".

Como é que esta visão da Bíblia em comparação com neoortodoxo ponto de vista da Bíblia? À primeira vista, pelo menos para aqueles com posição ortodoxa escolástica, os dois são muito semelhantes. A experiência que a revelação neo-ortodoxo é chamado, na verdade, o que queremos dizer com a iluminação. No momento em que um está convencido da verdade, iluminação está ocorrendo. Certamente que nem sempre ocorre iluminação dramática. Às vezes, a convicção gradualmente e produção de maneira mais calma. No entanto, além desta espectacular parte que pode ser associado com a situação, existem outras diferenças significativas entre o ponto de vista de neoortodoxo revelação e a iluminação.

Em primeiro lugar, o conteúdo da Bíblia é, do nosso ponto de vista ortodoxo objetivamente a Palavra de Deus. O que estes escritos dizem que é realmente o que Deus diz, mas ninguém lê-los, compreendê-los e aceitá-los. Além disso, o neoortodoxo não considerado para fornecer informações principalmente revelação, mas a presença do próprio Deus. Assim, a Bíblia não é a Palavra de Deus de forma objectiva. Mas torna-se a Palavra de Deus. Quando cessa o momento da revelação, a Bíblia é a palavra de os novos homens que a escreveram. No entanto, de acordo com a visão ortodoxa apresentado aqui, a Bíblia é a mensagem de Deus; o que ele diz é o que ele diz a nós, independentemente se alguém lê, ouve, compreende e responde a ele. Seu status como revelação não depende da resposta de ninguém para ele. É o que é.

Isso significa, portanto, que a Bíblia tem um significado definido e propósito é (ou pelo menos deveria ser) o mesmo para todos. Do ponto de vista neoortodoxo, como revelou verdades não são apenas verdades da revelação, a maneira como a pessoa interpreta um encontro com Deus pode ser diferente de outra pessoa. Na verdade, até mesmo as interpretações que os autores das Escrituras dão eventos são divinamente inspirada. O que eles escreveram estava apenas tentando gravar o que tinha experimentado. Portanto, não é possível estabelecer diferenças na compreensão citando a Bíblia. Na melhor das hipóteses, as palavras da Escritura pode simplesmente apontar para o fato da revelação. No entanto, na opinião aqui apresentados, como as palavras das Escrituras são a revelação de Deus objetivamente, uma pessoa pode ir para o conteúdo da Bíblia para tentar provar a alguém o que é a idéia certa. O significado essencial de uma passagem é a mesma para todos, embora a aplicação feita por cada pessoa é diferente.

De fato, como a Bíblia tem um significado objetivo que podemos compreender através do processo de iluminação, iluminação tem de ter algum efeito permanente. Depois que você aprender o significado (a menos que eu me esquecer), temos que significa mais ou menos permanente. Isso não significa que não pode haver

uma iluminação mais profunda que nos dá uma melhor compreensão de uma determinada passagem, mas isso significa que não há necessidade de renovar a iluminação, porque o significado (e revelação) é de tal natureza persistentes e pode ser retida.

Vários pontos de vista sobre iluminação

A visão de Agostinho

Na história da igreja tem havido idéias diferentes sobre a iluminação. Para Agostinho, a iluminação era parte do processo geral de aquisição de conhecimento. Agostinho foi um platônico, ou, pelo menos, um neoplatônico. Platão ensinou que a realidade consistia em formas ou idéias. Qualquer coisa realidade empírica existente tomou. Portanto, todas as coisas brancas são brancas porque eles participam do formulário ou Idéia de brancura. Esta forma de branco não é branco em si, mas é a fórmula para brancura, por assim dizer. Da mesma forma, sempre que o sal é o sal aparece apenas porque participa na Idéia do que deveria ser, porque é um sal ou NaCl exemplo, a fórmula de sal. A única razão que eu sei que as coisas é porque nós reconhecemos as idéias ou formas (alguns diriam universal) em coisas. Sem conhecer as ideias que seria incapaz de resumir o que temos experimentado e de fazer qualquer interpretação. Para Platão, as Formas de alma sabia que ele estava em contato com eles antes de entrar no mundo dos sentidos e dos indivíduos. Agostinho, como ele não aceitar a pré-existência da alma, tinha uma visão diferente. Formulários impressões Deus nas mentes dos seres humanos, tornando-se possível reconhecer essas qualidades em coisas e dá a mente com critérios abstratos e avaliação. Enquanto Platão acreditava que nós reconhecemos Forms uma experiência que eu tive no passado, Agostinho acreditava que Deus estava constantemente imprimir esses conceitos nas mentes.

Agostinho ressalta que, ao contrário da opinião popular, há três, e não dois, componentes no processo de aquisição de conhecimento. Deve haver, é claro, o conhecedor e o objecto conhecido. Além disso, devem existir meios de conhecimento. Se ouvirmos, deve haver um meio (por exemplo, ar) que transporta as ondas sonoras. O som não pode ser transmitido no vácuo. Da mesma forma, não podemos fazer sem o meio da luz. Em total escuridão você não pode ver, mesmo que não exista uma pessoa capaz de ver e de um objeto pode ser visto. E assim é com conhecimento: além qualificado eo objeto do conhecimento deve ser um meio para acessar as Idéias ou Formas, ou nenhum conhecimento. Isto é verdade para o que é percebido pelos sentidos, reflexão ou qualquer outro tipo de conhecimento. Portanto, Deus é o terceiro componente no processo de aquisição de conhecimento, como ele está constantemente a iluminar a mente de imprimir os formulários ou idéias nele. Conhecimento das Escrituras é a mesma. A iluminação sobre o significado ea verdade da Bíblia é apenas um exemplo da atividade de Deus em todo o processo de aquisição do conhecimento dos seres humanos.

Embora Agostinho registra o processo pelo qual adquirimos conhecimento, não há diferença entre cristãos e não-cristãos. Duas breves observações indicam que os problemas dessa abordagem são: (1) epistemologia de Agostinho não é consistente com sua antropologia, segundo a qual a humanidade é radicalmente pecaminosa; e (2) deixa de considerar o ensino bíblico de que o Espírito Santo faz um trabalho especial em conexão com os crentes.

A visão de Daniel Fuller

Daniel Fuller propôs um ponto de vista original no que diz respeito ao trabalho de iluminação do Espírito Santo. Esta opinião parece basear-se exclusivamente em 1 Coríntios 2: 13-14, e, em particular, a frase: ". Mas o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus" Fuller afirma que o que está aqui em causa não é o entendimento do texto bíblico, mas aceitar estes

ensinamentos. Considera *δέχομαι* (dechomai) como a palavra crucial, uma vez que denota não só a mera recepção dos ensinamentos de Deus, mas a aceitação voluntária e positiva. Portanto, o problema da não-humano espiritual não é não entender o que a Bíblia diz, mas não querem seguir seus ensinamentos. Iluminação, então, é o processo pelo qual o Espírito Santo muda a vontade humana de aceitar os ensinamentos de Deus.

Seguindo esta interpretação de 1 Coríntios 02:14, que mostra que o problema básico do incrédulo não está disposto a aceitar o ensinamento de Deus. Fuller leva à conclusão injustificada de que o pecado afetou seriamente a vontade humana, mas não a razão. Isto significa, diz Fuller, uma descrição teólogo bíblico objetivo será capaz de extrair significado de um texto que um teólogo que considera a Bíblia como autoridade. O primeiro não será afetada por fatores subjetivos, já que apenas em causa para descobrir o que Jesus ou Paulo ensinou. Em nenhum sentido fazer você se sentir compelido a obedecer ou seguir esses ensinamentos. Além disso, o crente pode encontrar um choque entre os ensinamentos da Bíblia e seus pressupostos, e tentado, talvez inconscientemente, para extrair o significado esperar. Seu compromisso com as Escrituras torna-os mais prováveis falsas interpretações.

Há sérias dificuldades com a idéia de Fuller sobre a iluminação é uma obra do Espírito Santo sobre a vontade humana (e apenas nela). Além do fato de que Fuller baseou sua visão em uma única porção da Escritura, ele assume que apenas a vontade humana, não a razão, é afetada pelo pecado. Como o entendimento dos incrédulos não está corrompida pelo pecado, e, ao contrário de crentes, eles não têm nenhum envolvimento pessoal em que as Escrituras dizem, pode ser desapaixionado e alcançar o verdadeiro significado do texto bíblico. Mas isso é realmente assim? Quantos crentes estão nesta pequena desapaixionada e envolvido? Aqueles que examinar os ensinamentos de Jesus deve ter qualquer interesse neles. Não seria do interesse mesmas inclinarles para encontrar um significado mais aceitável que o verdadeiro significado? Além disso, o mesmo compromisso dos crentes dá-lhes um interesse mais sério e uma maior preocupação com a Bíblia. Este compromisso pode trazer um maior desejo de seguir as Escrituras que levam a lugar algum. A seriedade da crença cristã de que a Bíblia é a Palavra de Deus deve levá-los a ser mais diligente em buscar o verdadeiro significado. Se você aceitou a Cristo como Senhor, não confirma exatamente o que o Senhor disse? Finalmente, os textos bíblicos (citado nas pp. 274-75), indicando que os incrédulos não aceitar, pelo menos em parte porque eles não entendem, e que o Espírito Santo abre o coração e da mente, parecem ter dificuldades para ajustar o ponto de vista de Fuller que o pecado não tem afetado seriamente a razão humana, apenas a sua vontade.

A visão de João Calvino

A visão de João Calvino sobre a iluminação é mais apropriado do que Agostinho ou Fuller. Calvin, é claro, acreditava e ensinava depravação total. Isto significa que toda a natureza humana, incluindo a razão, tem sido adversamente afetada pela queda. Os seres humanos em seu estado natural não são capazes de reconhecer e responder a verdade de Deus. No entanto, quando se trata de regeneração, os "óculos de fé" melhorar muito nossa visão espiritual. No entanto, mesmo após a regeneração é necessário continuar a crescer de forma constante, o que chamamos de santificação. Além disso, o Espírito Santo trabalha internamente na vida do crente, testemunhar a verdade e combater os efeitos do pecado para o significado inerente da Bíblia para apreciar. Como essa idéia da iluminação parece estar mais em harmonia com os ensinamentos bíblicos, é que vamos defender aqui.

A Bíblia, a razão e do Espírito

Neste ponto, a pergunta sobre a relação entre a autoridade bíblica ea razão surge. Não é possível que haja algum conflito aqui? É evidente que a autoridade é a Bíblia, mas vários

meios são empregados em estudar a Bíblia para extrair o seu significado. Se a razão é o meio de interpretação não é a razão, em vez de a própria Bíblia, a autoridade real, como você abordá-lo a partir de uma posição de superioridade?

Aqui nós temos a distinção a ser feita entre a autoridade legislativa e judicial. No governo federal dos EUA, o Congresso fez a lei, mas o Judiciário (em última instância, o Supremo Tribunal Federal) decide o que a legislação. Eles são ramos separados de governo, cada um com sua autoridade correspondente.

Esta parece ser uma boa maneira de pensar sobre a relação entre a Escritura ea razão. As Escrituras são a autoridade legislativa suprema. Nós oferecemos o conteúdo do que acreditamos e nosso código de conduta e prática. Por que não dar-nos o conteúdo do que acreditamos. Sem descobrir a verdade. Mesmo o que podemos aprender com a revelação geral continua a ser uma questão de revelação ao invés de uma dedução lógica pela teologia natural. Naturalmente, o teor obtido a partir de revelação geral é necessariamente bastante grande e apenas complementa revelação especial.

Mas quando se trata de determinar o significado da mensagem, no entanto, e, finalmente, avaliar a sua verdade, devemos usar o poder de raciocínio. Temos que usar os melhores métodos de interpretação ou hermenêutica. E então temos de decidir se o sistema de crença cristã é verdadeira consideração e avaliar racionalmente as provas. Chamamos apologética. Embora exista uma dimensão de auto-explicação nas Escrituras, que por si só não vai dar-nos o seu significado. Portanto, não há inconsistência em considerar as Escrituras como a nossa autoridade suprema no sentido de que nos diz o que devemos fazer e acreditar e usar vários métodos hermenêuticos e exegéticos para determinar o significado.

Temos notado que a iluminação do Espírito Santo ajuda o leitor ou ouvinte a compreender as Escrituras ea Bíblia cria a crença de que ela é verdadeira e que é a Palavra de Deus. No entanto, isto não deve ser considerado como um substituto para a utilização de métodos hermenêuticos. Estes métodos desempenhar um papel complementar, mas não competitivo. Uma visão que enfatiza o componente subjetivo depende quase que exclusivamente no testemunho interno do Espírito. Uma vista que enfatiza a componente objetivo considera autoridade apenas para a Bíblia; confiante nos métodos de interpretação que negligencia o testemunho interno do Espírito. No entanto, o Espírito de Deus trabalha frequentemente com mídia em vez de diretamente. Cria certeza sobre a natureza divina das Escrituras fornecem evidências de que a razão pode ser avaliado. Ela também ajuda a entender o texto através do trabalho de interpretação do exegeta. Mesmo Calvino, com a sua forte ênfase no testemunho interno do Espírito Santo, chamou a atenção para a *indícios* de credibilidade das Escrituras, e os comentários utilizada a melhor erudição clássica para alcançar o significado da Bíblia. Portanto, o exegeta eo apologista usar os melhores métodos e dados, mas vai fazê-lo com a oração consistente para o Espírito Santo trabalhar através destes meios.

Tradição e autoridade

Agora que já examinou a relação entre a Bíblia ea razão, devemos perguntar como tradição relaciona-se com a autoridade. Será que funciona como uma autoridade legislativa, fornecendo conteúdo para a fé cristã? Alguns acreditam que a revelação continuou na história da igreja, de modo que os pontos de vista dos pais da igreja conter um grande peso de autoridade. Outros vêem o papel da tradição como menos formal, mas sinto um respeito considerável e até mesmo reverência para os Padres, talvez apenas porque eles estavam mais perto da revelação original, e, portanto, eram mais capazes de compreender e explicar o que nós estamos no vivemos muitos séculos após esses eventos. Alguns grupos, incluindo igrejas livres, ostensivamente repudiar qualquer uso de tradição, evitando-lhe tudo para a confiança nas Escrituras.

Deve-se notar que mesmo aqueles que negam a tradição muitas vezes são influenciados por ele, embora de uma forma um pouco diferente. O presidente de um seminário batista disse uma vez em tom de brincadeira: "Nós, batistas não seguem a tradição. Mas estamos ligados por nossa posição batista histórica ". A tradição não tem necessariamente de ser velho, mas deve ser, pelo menos, idade suficiente para ser mantida e transmitida. Não pode ser uma tradição de origem recente. É claro que, em algum momento, todas as tradições eram de origem recente. Alguns oradores e líderes populares de círculos cristãos acabam por criar sua própria tradição. Na verdade, algumas das suas expressões-chave são quase canonizado por seus seguidores.

Não é um valor positivo na tradição pode nos ajudar a compreender a Escritura e sua aplicação. Os pais têm algo a dizer, mas seus escritos devem ser vistos como comentários sobre o texto, não como o próprio texto bíblico. Nós consultá-los como fazemos com outros comentários. Por isso, eles agem como as autoridades judiciais. Sua autoridade vem de seu uso e de clarificação das Escrituras. Nunca permita que se desloquem para as Escrituras. Cada vez que uma tradição, se o ensino de origem antiga ou recente líder popular, os conflitos com o significado da Bíblia, a tradição deve ceder às Escrituras.

Autoridade histórica e regras

É necessário localizar e chamar uma outra distinção. Ele está se referindo à maneira como a Bíblia é autorizada por nós. A Bíblia certamente autoritário dizendo-nos o que era a vontade de Deus para certos indivíduos e grupos no período bíblico. A questão a considerar é o que você está forçando as pessoas também nos exige?

É necessário distinguir entre dois tipos de autoridade: histórico e regulamentos. A Bíblia nos diz que Deus ordenou o povo na situação bíblica e que ele espera de nós. Para efeitos do que a Bíblia nos ensina sobre o que aconteceu e que foi encomendado pessoas nos tempos bíblicos é a autoridade histórica. Mas também é autoridade normativa? Estamos obrigados a executar as mesmas ações que eram esperados para fazer essas pessoas? Neste devemos ter cuidado para não se identificar muito rápido a vontade de Deus para as pessoas à sua vontade para nós. Será necessário determinar o que é a essência permanente da mensagem e que é forma temporal de expressão. O leitor deve se lembrar que algumas orientações são oferecidos em nosso capítulo sobre fé contemporizar (pp. 130-33). Pode ser que algo fora autoridade histórica, sem autoridade reguladora.

Parte 3

COMO É DEUS

13. A grandeza de Deus

14. A bondade de Deus

15. A proximidade e distância de Deus, imanência e transcendência

16. Três pessoas em um só Deus, a Trindade

13. A grandeza de Deus

Objetivos do capítulo

Após a conclusão do estudo deste capítulo, você deve ser capaz de:

- diferenciar claramente os atributos de Deus em atos de Deus.
- Identificar várias classificações dos atributos de Deus.
- Organizar os atributos de Deus em sua grandeza e suas qualidades morais e explicar o que é especial e da importância de cada conjunto de atributos.
- Faça uma lista dos atributos de grandeza de Deus - a espiritualidade, a personalidade, a vida, o infinito e perseverança - e expressar a essência de cada um.
- Desenvolver confiança no Deus Todo-Poderoso.

Resumo do capítulo

Temos de fazer uma importante distinção entre atos de Deus e os atributos de Deus. Vários métodos têm sido usados para classificar os atributos ou qualidades de Deus. Decidimos seguir a classificação distingue a grandeza de sua bondade. Às vezes, esses atributos foram chamados atributos naturais e morais respectivamente. Neste capítulo vamos nos concentrar sobre a grandeza de Deus, ou seja, que Deus é pessoal, todo-poderoso, eterno, espiritual, onipresente em sua criação e inalterável em sua perfeição.

Questões de estudo

1. Como é que nossa visão de Deus afeta a nossa compreensão de Deus? O que devemos fazer para que Deus não se limitar a nossa própria perspectiva sobre isso?
2. Como podemos confundir os atributos de Deus com atos de Deus?
3. Nomeie as quatro classificações dos atributos de Deus e expô-los.
4. Nome e descrever os atributos de grandeza de Deus.
5. O que significa que Deus é livre?

A natureza dos atributos
A classificação de atributos
Atributos de grandeza
 Espiritualidade
 Personalidade
 Vida
 Infinito
 Constância

A doutrina de Deus é o foco de grande parte do resto da teologia. A idéia que se tem de Deus deve mesmo ser considerado o quadro em que nós construímos toda a nossa teologia, nós vivemos nossas vidas e realizar o nosso ministério.

Os problemas e as dificuldades em dois níveis deixar claro que é necessário para compreender corretamente a Deus. O primeiro é o nível popular ou prático. Em seu livro: *O teu Deus é muito pequeno* (Seu Deus é muito pequeno), JB Phillips apontou várias maneiras compreensão distorcida típico de Deus. Algumas pessoas pensam de Deus como uma espécie de policial celestial que usa cada momento para atacar as pessoas que

cometem erros e estão desaparecidos. Uma canção popular "país", disse, "Deus vai castigá-lo por isso; Deus vai castigá-lo. É inútil fugir e se esconder, porque ele sabe onde você está "As companhias de seguros, incluindo as referências a" atos de Deus. "- Normalmente catástrofes - parecem ter em mente um ser poderoso e malévolo. É também muitas vezes tomam a posição oposta, o Deus benevolente. Em um presente que ele considera Deus como um indulgente idade, tipo que eu nunca iria querer privar seres humanos de as alegrias da vida. Estes e outros equívocos de Deus deve ser corrigido se queremos que a nossa vida espiritual tem um sentido real e profunda.

Problemas como ponto sofisticado para a necessidade de uma visão correta de Deus. A maneira bíblica para entender Deus tem sido muitas vezes problemática. Nos primeiros dias da Igreja, a doutrina da Trindade criou um debate e uma tensão especial. Embora essa questão particular continuou a apresentar dificuldades, hoje existem outras questões pendentes. Um deles é a relação de Deus com a criação. Você é tão independente e separada da criação (transcendente) não funcionam através dele e, portanto, não pode saber nada sobre ele por isso? Ou devemos encontrar na sociedade humana e nos processos da natureza? Questões específicas que surgem em relação a este tema são: Deus opera através do processo de evolução? Você deve considerar a transcendência de Deus, principalmente em categorias espaciais? Outra questão importante é a natureza de Deus. É essencialmente fixa e imutável? Ou ela cresce e se desenvolver como o resto do universo como teologia do processo prende? E depois há as questões levantadas pela teologia da esperança, sugerindo que Deus deve pensar principalmente em relação ao futuro e não o passado. Estas e outras questões que exigem pensamento e declaração clara sobre a idéia que temos de Deus.

Ao tentar compreender Deus que fizeram muitos erros, alguns deles de natureza oposta. Uma análise é excessiva, na qual sofre quase Deus autópsia. Os atributos de Deus são apresentados e classificados como se fosse um texto de anatomia. É possível fazer o estudo de Deus negócio demasiado especulativo; e se a mesma conclusão especulativa, em vez de um relacionamento mais próximo com ele, torna-se o fim. Isso não deve ser. Em vez disso, o estudo da natureza de Deus deve ser visto como um meio para ter um conhecimento mais preciso e, por conseguinte, uma relação mais pessoal e perto dele. Então você não precisa perguntar e refletir sobre o que é Deus. E não haverá tentação de cair no erro oposto: generalizar tanto a concepção de Deus que a nossa resposta é apenas uma sensação de calor na direção do que Phillips chama de "mancha alongada" (Deus fora de foco), ³ ou o que alguém chamou de "acreditar em o grande o que quer. "Peça a natureza de Deus, então, não deve ser nem especulativamente vão além do que Deus revelou, e dar um salto em uma mística algo nebuloso e indefinido.

A natureza dos atributos

Quando falamos sobre os atributos de Deus, estamos nos referindo a qualidades de Deus que constituem o que é, as mesmas características de sua natureza. Não estamos nos referindo às suas ações, como a criação, orientação e apoio, ou para os seus respectivos papéis, como Criador e Mantenedor Guia.

Os atributos são qualidades de divindade como um todo. Eles não devem ser confundidos com as propriedades que, tecnicamente falando, são as características que distinguem as diferentes pessoas da Trindade. As propriedades são funções (geral), atividades ou atos (mais específicas) de cada um dos membros da Trindade (específicas).

Os atributos são permanentes e são qualidades intrínsecas que não podem ser ganhas ou perdidas. Portanto, a santidade, neste sentido, não é um atributo (uma característica permanente, inseparável) de Adão, mas de Deus. Os atributos de Deus são essenciais e inerentes às suas dimensões muito da natureza.

Embora a nossa compreensão de Deus certamente tem ido através do filtro de nossa própria mentalidade, seus atributos não são projetadas concepções sobre o assunto. Eles

são características objetivas da sua natureza. Embora o autor bíblico muitas vezes expresse a sua reação ou a resposta a esses atributos, atributos e respostas diferem bastante clareza dos outros.

Os atributos são inseparáveis do ser ou essência de Deus. Alguns atributos anteriores teologias foram pensei que algo estava preso de alguma forma, ou pelo menos foi distinguível da substância subjacente, ou do ser ou essência. Em muitos casos, essas idéias foram baseadas no conceito de substância e atributo de Aristóteles. Algumas outras teologias ter ido para o extremo oposto, quase como negar que Deus tem uma essência. Aqui os atributos são descritos como uma espécie de conjunto de qualidades. São considerados partes fragmentárias ou segmentos de Deus. ^{Maio} é melhor conceber os atributos de Deus como a sua natureza, não como uma coleção de partes fragmentárias ou como um complemento à sua essência. Portanto, Deus é amor, santidade e poder. Estas são maneiras diferentes de ver a Deus unificou ser. Deus é ricamente complexa, e essas concepções são meras tentativas de capturar diferentes aspectos ou facetas de seu objetivo ser.

Portanto, quando falamos da incompreensibilidade de Deus, não queremos dizer que há um ser ou essência desconhecida além ou depois de seus atributos. Em vez disso, queremos dizer que nós não sabemos as suas qualidades ou sua natureza completa e exaustiva. Só conhecemos a Deus como ele se revelou. Embora a sua auto-revelação é certamente consistente com a natureza completa e precisa não é uma revelação exaustiva. Além disso, nós não entendemos completamente ou não sei totalmente o que se revelou. Portanto, há, e há sempre um elemento de mistério em relação a Deus.

A classificação de atributos

1. Tentando conhecer melhor a Deus desenvolveram vários sistemas para classificar atributos. Especialmente com base nos escritos de teólogos sistema reformado fala de atributos transmissíveis e não transmissíveis. Os atributos transmissíveis são as qualidades de Deus que, pelo menos em parte, podem ser encontrados em suas criações humanas. Como o amor, que, apesar de Deus é infinita, pelo menos parcialmente, ser encontrado em seres humanos, e mesmo onipotência, uma vez que os seres humanos possuem pelo menos um certo grau de potência. Os atributos incommunicveis, por outro lado, são estas qualidades especiais que não podem encontrar a sua contraparte em seres humanos. Um exemplo é a onipresença. Deus está em todos os lugares ao mesmo tempo. Nem mesmo viajar de avião ou foguete humano pode estar em todo lugar ao mesmo tempo.

2. Um segundo par de categorias são as qualidades imanes ou intransitivo ou transitivo e emanentes. A primeira estadia na própria natureza de Deus como espiritualidade. A segunda vem da natureza de Deus e operar além, afetando a criação, como a misericórdia, o que requer um objeto.

3. Intimamente relacionado com a classificação acima e, por vezes em combinação com ele é a distinção entre qualidades absolutas e relativas. Os primeiros são aqueles que tem em si mesmo, que sempre possuiu, independentemente dos objetos de sua criação. Os atributos, por outro lado, manifestam-se através de sua relação com outros sujeitos ou objetos inanimados. O infinito é um atributo absoluto; eternidade e onipresença são atributos que representam as relações com sua natureza ilimitada de objetos finitos de criação relacionados. Atributos relacionados são os atributos absolutos aplicados a situações em que objetos criados estão envolvidos.

4. Nossa classificação final é os atributos naturais e morais. Os atributos morais são aqueles, no contexto humano referem-se ao conceito de justo (em oposição a injusto). Santidade, o amor, a misericórdia ea fidelidade são exemplos. Atributos naturais não são superlativos morais de Deus, como a sabedoria e poder. Alguns objetos com esta

classificação, pelo facto de os atributos morais são tão natural como atributos naturais, sendo parte integrante da natureza de Deus.¹⁰

Com algumas modificações, o sistema de classificação do uso do último neste estudo, no entanto, vai chamar atributos de *grandeza* e atributos de bondade. Primeiro vamos discutir as qualidades de grandeza, onde a espiritualidade, a personalidade, a vida, o infinito ea consistência está incluído.

Atributos de grandeza

Espiritualidade

Deus é espírito; isto é, ela não é composta de matéria e não tem uma natureza física. Isso é muito claro nas palavras pronunciadas por Jesus em João 04:24: "Deus é espírito, e os que o adoram em espírito e em verdade precisava ser adorado," é também implícito em várias referências à sua invisibilidade (Jo . 01:18; 1 Tm 1:17, 6: 15-16)..

Uma consequência da espiritualidade de Deus é que ele tem as limitações inerentes em um corpo físico. Por um lado, ela não se limita a um espaço geográfico ou espacial em particular. Isso está implícito nas palavras de Jesus: "A hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai" (Jo 4:21.). Considere também as palavras de Paulo em Atos 17:24: ". O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos" é mais Não é destrutível, assim como a natureza do material.

Claro, há muitas passagens que sugerem que Deus tem características físicas, tais como mãos ou pés. Parece mais útil para tratar estes como antropomorfismo, tenta expressar a verdade sobre Deus através de analogias humanas. Há também momentos em que Deus aparece em forma humana, particularmente nas teofanias do Antigo Testamento ou auto-relatos temporárias de Deus. Parece melhor tomar declarações sobre espiritualidade e invisibilidade de Deus pelo seu valor nominal e interpretar teofanias e anthropomorphisms sua lâmpada. Na verdade, o próprio Jesus afirmou claramente que um espírito não tem carne nem ossos (Lc. 24:39).

Nos tempos bíblicos, a doutrina da espiritualidade de Deus era um mecanismo para combater a prática da idolatria ea adoração da natureza. Deus, sendo espírito, não poderia ser representada por objetos físicos ou similares. Ele não está restrito por localização geográfica também contraria a idéia de que Deus pode ser contido e controlado. Hoje em dia, os mórmons afirmam que não só é Deus, o Filho tem o corpo físico, mas também o Pai, senão o Espírito Santo. Na verdade, o mormonismo afirma que um corpo imaterial não pode existir. Isto é claramente desmentida pelos ensinamentos da Bíblia sobre a espiritualidade de Deus.

Personalidade

Embora espiritualidade parece sugerir personalidade, isto não é necessariamente assim. Georg Hegel, cuja filosofia influenciou grande parte da teologia do século XIX, ACREDITA NO ABSOLUTO, UM GRANDE ESPÍRITO OU MENTE CONTÉM TODAS AS COISAS EM SI. Na metafísica de Hegel, a realidade como um todo é uma mente pensante, e tudo o que a maioria das pessoas consideram objetos finitos e as pessoas são simples pensamentos na mente do Absoluto. No entanto, não há realmente uma consciência pessoal deste ser, sem personalidade com que se pode relacionar. Há também não há divindades pessoais em muitas religiões orientais. No hinduísmo, a realidade é Brahman, o todo de que são partes individuais ou Atman. Não se relacionar com a realidade a transformar, como a um indivíduo, mas sim se voltar para dentro através de um processo de contemplação. O objetivo deste processo é perder a nossa identidade pessoal e nossa consciência de nós mesmos, para ser absorvido dentro do todo. Nirvana é o estado onde toda a concorrência indivíduo deixa uma e deixada em pousio.¹³

A visão bíblica é bem diferente. Nele, Deus é pessoal. É um indivíduo, com consciência e livre arbítrio, capaz de sentir, escolher e ter uma interação com outros seres pessoais ou sociais.

A personalidade de Deus é mostrada de maneiras diferentes nas Escrituras. Um deles é o fato de que Deus tem um nome, que é afectado e por que ele se revela. Quando Moisés pergunta como Israel deve responder quando perguntam o nome de Deus que o enviou, Deus se identifica como "eu sou" ou "eu vou" (Senhor, Senhor, Senhor - Êxodo 3:14). Com isso, ele mostra que não é abstrato, um ser desconhecido ou uma força sem nome. Gênesis 4:26 indica que os homens começaram a invocar o nome do Senhor e em Gênesis 12: 8 diz-se que Abraão construiu um altar ao Senhor, e invocou o seu nome. No Salmo 20, ele fala de louvar o nome do Senhor (v. 7) e invocar (v. 9). Devemos dizer o nome e tratá-lo com grande respeito, de acordo com Êxodo 20: 7. O grande respeito sobre o nome sugere a personalidade de Deus. Se há um lugar ou um objeto envolvido, tal relação não é necessário. No entanto, com as pessoas, é o oposto. Os nomes hebraicos não eram meros rótulos para distinguir uma pessoa da outra. Em nossa sociedade impessoal, raramente é um nome escolhido para seu significado, geralmente porque os pais escolher o amor ou porque está na moda. No entanto, para os hebreus era diferente. Um nome baseado em seu significado escolheu cuidadosamente. Enquanto em nossa sociedade um número pode ser tão eficaz como um nome e, ainda mais, os judeus consideram o nome como uma apresentação de a pessoa se vestindo.

Nomes particulares o Deus pessoal assume referem-se principalmente à sua relação com as pessoas, ao invés de sua relação com a natureza. Mesmo os Salmos contêm o mesmo tipo de ênfase na natureza do que a encontrada em outras religiões circundantes. A ênfase é sim sobre a preocupação por liderar e moldar a vida de seus adoradores, individual e socialmente.

Outra indicação da natureza pessoal de Deus é em sua atividade. A Bíblia diz que sabe e se comunica com os seres humanos. Nas primeiras imagens de sua relação com a humanidade (Gn. 3), Deus vem e fala com base aparentemente tão normal Adão e Eva. Embora esta representação é de fato Deus antropomórfico, no entanto nos ensina que uma pessoa que se relaciona com as pessoas. Ele tem todos os recursos associados com personalidade: saiba, sentir, querer, agir.

Várias implicações desta são deduzidos. Como Deus é uma pessoa (na verdade, estamos representados como nosso Pai), o nosso relacionamento com ele tem uma dimensão de carinho e compreensão. Deus não é um escritório ou um departamento, uma máquina ou um computador que satisfaz automaticamente as necessidades do povo. Ele é um pai experiente, amoroso e bom. Podemos aproximar-se dele. Podemos falar com ele, e ele, por sua vez, fala.

Na verdade, o nosso relacionamento com Deus não é uma rua de mão única. Deus é certamente um objeto de respeito e reverência. Mas não é só você recebe e aceita o que nós oferecemos. Ele é um ser vivo que se envolve em relações mútuas. Não apenas alguém que ouviu, mas alguém que conhecemos.

Deus deve ser tratado como um ser, não como um objeto ou uma força que pode ser usado ou manipulado. Embora o nosso pensamento e prática, por vezes, desmente a idéia, não é consistente com a imagem bíblica. A idéia de que Deus é simplesmente algo que pode ser usado ou usado para resolver problemas e precisa não é religião. Tais tentativas de usá-lo dessa forma são dadas no campo da magia ou tecnologia.

Deus é um fim em si mesmo, e não um meio para um fim. É valioso para nós, por isso é, em si, não só por aquilo que ele faz. A base do primeiro mandamento: "Não terás outros deuses diante de mim" (Ex. 20: 3) é precedido pelo verso: ". Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito" Nós não ler bem esta passagem se interpretá-lo como os israelitas tinham que colocar em primeiro lugar a Deus pelas coisas que tinha feito: gratidão lhe daria somente Deus. Em vez disso, o que ele fez foi uma prova do que era; Ele está tornando-se assim precisa ser amado e servido, não só suprema, mas exclusivamente.

Vida

Um Deus caracterizou a sua vida. Isto é afirmado nas escrituras de diferentes maneiras. Encontra-se na alegação de que ele é. Seu próprio nome "EU SOU" (EX. 03:14) INDICA QUE É UM DEUS VIVO. As Escrituras não defender a sua existência. Simplesmente eles dizem, ou mais frequentemente simplesmente assumido. Hebreus 11: 6 diz que "é necessário que vem de Deus creia que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam." Portanto existência de Deus é considerada um dos aspectos mais básicos de sua natureza.

O Deus vivo é muitas vezes comparada com outros deuses, objetos inanimados de metal ou pedra. Jeremias 10:10 se refere a ele como o Deus verdadeiro, o Deus vivo, que controla a natureza. "Os deuses que não fizeram os céus ea terra," além disso "desaparecerão da terra e de debaixo dos céus" (v. 11). João 5:26 fala de Deus tem vida em si mesmo, 1 Tessalonicenses 1: 9 indica um contraste entre os ídolos para aqueles que se tornaram os tessalonicenses e "o Deus vivo e verdadeiro."

A vida de Deus é diferente da de qualquer outra criatura viva. Enquanto todos os outros seres têm a sua vida em Deus, ele não vem de qualquer fonte externa. Nunca é descrito como algo que tem dado vida. Como observado acima, João 5:26 diz que ele tem vida em si mesmo. Muitas vezes, o adjetivo aplicado *eterna, assumindo que nunca houve um tempo em que não existia*. Além disso, somos informados de que "no princípio", antes que nada, Deus existia (Gênesis 1: 1). Portanto, a sua existência não pode vir de qualquer outra coisa.

Além disso, a existência de Deus não é dependente de qualquer coisa externa a si mesmo. Todas as criaturas, desde que estão vivos, eles precisam de algo para sustentar a sua vida. Alimentos, calor, proteção, todas essas coisas são necessárias. Em Mateus 6: 25-33, Jesus diz que os pássaros e as flores depender da disposição do Pai. No entanto, Deus não precisa disso. Em vez disso, Paulo nega que Deus não precisa de nada para ser servido por mãos humanas (At. 17:25). Ele é, independentemente de qualquer outra coisa. Da mesma forma que já existia antes de mais nada, você também pode continuar a existir independentemente de qualquer outra coisa.

Embora Deus seja independente, no sentido de não precisar de qualquer outra coisa para a sua existência, isto não significa que ele é indescritível, indiferente ou desinteressado. Deus se relaciona conosco, mas por escolha, não porque eles se sentem obrigados a fazê-lo por necessidade. Ele se relaciona conosco é, portanto, uma razão para glorificar. Ele já se apresentou e continua a *ágape, o amor altruísta, e não por necessidade*.

É preferível referir-se a Deus como alguém sem causa como alguém cuja causa é o próprio. A sua verdadeira natureza é existente. Não é necessário que ele quer que sua própria existência. Para Deus não existe seria logicamente contraditórias. Nós não estamos aqui reintroduzido chamado argumento ontológico para a existência de Deus. Pelo contrário, estamos simplesmente dizendo que se Deus é como descrito nas Escrituras, deve existir.

Uma boa compreensão deste aspecto da natureza de Deus devemos liberar a idéia de que Deus precisa de nós. Deus escolheu para nos usar para seus propósitos, e, nesse sentido, o que precisamos agora. No entanto, se você quiser, você pode deixar-nos para trás. Ele só poderia ter sido, sem nós. E pode, se assim o decidir, cumprir os seus fins sem nós. É para o nosso bem, que nos permite conhecer e servir a você e nós que perdemos se decidir rejeitar essa oportunidade. Às vezes ouvimos expressões do que poderia ser chamado de síndrome de "Deus pobres": se Deus não mudar suas maneiras e nos tratam de maneira diferente, vamos perder, o que será uma grande perda. Mas Deus não precisa de nós. Não é sorte de ter conosco; temos sorte e sorte.

Vivemos em um mundo de contingências. Muito do que sabemos e acreditamos está condicionada pela palavra se. Vamos viver mais dez anos, se a nossa saúde não nos faltará. Nós aposentar-se confortavelmente, se os nossos investimentos e nosso programa

de investimento não falha. Nós vamos ser seguro se as defesas do nosso governo não falha. Nós desfrutar da amizade de nossos amigos se acontecer alguma coisa. Chegamos ao nosso encontro se o nosso carro não está danificado. Mas Deus não é necessário dizer "Deus tenha se ...". Deus e apontar! Uma coisa é certa, é que Deus existe e sempre existirá.

Infinito

Deus é infinito. Isto significa não só que Deus é ilimitado, mas não tem limites. A este respeito, Deus é diferente de tudo o que experimentamos. Mesmo as coisas que o senso comum antes eram infinitas e ilimitadas disse que agora parecem ilimitadas. A energia em outras vezes parecia inesgotável. Nos últimos anos, temos percebido que os tipos de energia a que estamos particularmente usados tem claras limitações, e estamos nos aproximando esses limites muito mais rápido do que imaginávamos. Também encontramos o oceano uma vez uma fonte de alimento infinitas, e um lugar de grande descarga não pode ser contaminada. No entanto, estamos percebendo que os seus recursos e sua capacidade de absorver a poluição são finitos. A infinidade de Deus, no entanto, fala de um ser ilimitado.

Você pode pensar no infinito de Deus de diversas maneiras. Pense primeiro em termos de espaço. Aqui está o que tem sido tradicionalmente chamado imensidão ou onipresença. Deus não está sujeito a limitações de espaço. Com isso, não se referem apenas à limitação de estar em um lugar especial: se um objeto está em um lugar, você não pode estar em outro. Na verdade, é imprópria para pensar em Deus como algo confinado espaço. Todos os objetos têm um lugar finito. Eles estão em algum lugar. Isto impede-as necessariamente estar em outro lugar. A grandeza de objetos finitos é medido pelo espaço que ocupam. No entanto, com Deus a questão do lugar ou localização não é aplicável. É Deus que dá origem ao espaço (e tempo). Ele foi antes de haver espaço. Ele não pode ser alcançado em um determinado site. Você não pode traçar as coordenadas para a localização. Esta parece ser uma função da sua imaterialidade ou espiritualidade. Não há corpo físico para localizar em um lugar particular. Considere o que Paul que Deus não habita em templos feitos por mãos, porque é o Senhor do céu e da terra, diz; Ele fez o mundo e tudo que nele (Atos 17: 24-25.).

Outro aspecto da infinitude de Deus em termos de espaço é que não há lugar para não ser capaz de encontrar. Aqui temos de enfrentar a tensão entre imanência de Deus (que é em todos os lugares) e transcendência (não em qualquer lugar). A idéia aqui é que Deus é acessível a partir de qualquer ponto da criação. Jeremiah cita Deus como dizendo: "Eu sou um Deus de perto ... e não um Deus de longe?" (Jeremias 23:23.). O que isso parece implicar que é que sendo um Deus acessível não exclui estar longe. Enche o céu ea terra (v. 24). Portanto, não podemos esconder em "lugares secretos" onde não pode ser visto. Deus fala do céu como seu trono e terra como escabelo de seus pés; a idéia de que os seres humanos podem confinar Deus a construir templos, portanto, é pura bobagem. O salmista viu que não poderia escapar da presença de Deus era onde quer que o salmista, Deus estava lá (Sl 139: 7-12.). Se o salmista no céu, ou fez o seu estande na sepultura, Deus estava lá. Jesus levou este conceito um pouco mais longe. Ao dar a Grande Comissão, ordenou aos seus discípulos para ir e fazer discípulos de todas as nações e que ele estaria com eles até o fim do mundo (Mt. 28: 19-20; Atos 1: 8). Portanto, ele no referido efeito que não é limitado pelo espaço ou no tempo.

Aqui, como em muitos outros aspectos há um forte contraste entre Deus e os falsos deuses. Isso é claramente visto na disputa entre Elias e os profetas de Baal no Monte Carmelo (1 Reis 18: 20-40). Um dos zombaria que os torna adversários quando Elias Baal não responder é que talvez você viajar (v. 27). Se Baal está fora, em outro lugar, você não pode estar lá para enviar fogo. Mas Jeová não tem esse problema. Ele pode ser em muitos lugares e estar envolvido em muitas situações simultaneamente.

Para muitos de nós, alguns lugares têm conotações sagradas. Podemos ter recebido bênçãos especiais de Deus quando estamos em uma localização geográfica específica. Se, quando se deslocam para outro lugar, as coisas não estão indo tão bem, podemos ser tentados a pensar que Deus não está lá. Um lugar de culto em particular ou espaço dentro de um edifício pode ter tido um significado especial, porque a obra de Deus lá no passado. Nós pode ser difícil de se adaptar à mudança, mas o problema é psicológico, não teológica. Deus não é localizada. Não, ele deixou para trás. Ele está disponível para nós em qualquer lugar que desejar. É bom para se reunir com outros crentes em um lugar de particular culto, mas isso não impede que Deus pode satisfazer-nos, embora tenhamos sido incapazes de chegar a esse lugar especial. Deus também tem dificuldades em lidar com as necessidades e os problemas que surgem em muitos lugares diferentes ao mesmo tempo. No entanto, ele não se mover de um lugar para outro, como uma espécie de super-homem divino voando em velocidade infinita. Em vez disso o que acontece é que você tem acesso a toda a criação em todos os momentos.

Deus é infinito em relação ao tempo, que não é afectada. Ele era antes dos tempos eternos. A pergunta quantos anos é Deus? É simplesmente inadequado. Há mais velho hoje do que há um ano, como o infinito mais um é apenas infinito. Ele não se restringe apenas à dimensão temporal.

Deus é sempre o que é. Ele foi, é e será. Salmo 90: 1-2 diz: "Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração. . Antes que nascessem os montes e formou a terra eo mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus "Judas 25 diz:" ao único Deus sábio, Salvador nosso, seja glória e majestade, domínio e poder, agora e para sempre. "Um pensamento semelhante é encontrada em Efésios 3:21. O uso de termos como "primeiro e último" e "Alpha e Omega" usadas para expressar a mesma idéia (Isaías 44: 6; Apocalipse 1: 8.; 21: 6; 22:13).

Deus é intemporal. Ele não cresce ou evoluir. Não ocorreram alterações na natureza em diferentes momentos de sua existência. Interesses, conhecimentos, atividades e até mesmo personalidades humanas mudar da infância para a juventude, da maturidade à velhice. Deus, porém, não existe tal mudança. Tem sido sempre o que é. (Na última parte deste capítulo, discutiremos sua imutabilidade e constância).

O fato é que Deus não está abrangido pelo tempo não significa que ele não tem conhecimento da sequência dele. Ele sabe o que está acontecendo agora com os seres humanos. Ele está consciente de que os eventos que ocorrem em uma determinada ordem. No entanto, ele é igualmente ciente de todos esses momentos temporários simultaneamente. Este significado temporário tem sido comparado a uma pessoa que se senta na torre de um sino e ver uma procissão. Veja todas as partes da procissão em diferentes momentos do percurso, não só o que está acontecendo na frente dele agora. Ele está ciente do que está acontecendo em todos os pontos ao longo da rota. Da mesma maneira que Deus está ciente do que acontece, ele aconteceu e vai acontecer o tempo todo. No entanto, em um momento particular no tempo, ele também está ciente da distinção entre o que está acontecendo agora, o que aconteceu eo que vai acontecer.

Embora haja uma ordem sequencial em atos de Deus e uma ordem lógica em suas decisões, há uma ordem temporal para a sua vontade. Deliberação e não vai precisar de tempo. Desde toda a eternidade, ele determinou que ele está fazendo agora. Por isso suas ações não são reações a acções não previstas. Você não está tomado de surpresa e tem que fazer planos de contingência. A teologia da esperança, sublinhou a transcendência de Deus ao longo do tempo pensando nele primeiramente como o Deus do futuro, enquanto a teologia tradicional tendem a pensar nisso em termos de eventos passados.

A infinidade de Deus também pode ser considerada do ponto de vista dos objetos de conhecimento. Seu entendimento é infinito (Salmos 147: 5.). O escritor de Provérbios diz que os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons (Prov. 15: 3). Jesus disse que nenhum pardal cai no chão sem o Pai (Mateus 10:29), e até mesmo a nossa cabeça estão contados (v. 30). Hebreus 04:13 diz: "Não há criatura que não seja

manifesta na sua presença; mas todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas. "Volumes são transparentes para Deus. Ele vê e conhece-nos completamente. Ele conhece toda a verdade, mesmo aqueles que ainda não foram descobertos pela humanidade, porque ele é o único colocada no interior do edifício. E, portanto, conhece cada possibilidade genuína, embora possam parecer interminável.

No entanto, outro fator à luz deste conhecimento, é a sabedoria de Deus. Através dele Deus age de acordo com todos os fatos e os valores corretos. Como conhece todas as coisas, ele sabe o que é bom. Em Romanos 11:33 Paulo eloquentemente avalia o conhecimento ea sabedoria de Deus ", profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos "O salmista descreve as obras de Deus fez tudo com sabedoria (Sl. 104: 24) !.

Nós, humanos, às vezes agem de forma estúpida, apenas porque temos todos os dados. Eventos subsequentes podem provar que nossas ações foram imprudente. Se tivéssemos conhecido certos fatos relevantes, ficaríamos certamente agido de forma diferente. Nós podemos escolher a unidade em uma estrada que parece estar em perfeitas condições, não sabendo que mais tarde é danificado. Às vezes, nossa perspectiva é distorcida ou limitada. Ilusões ópticas são um exemplo, uma vez que é uma fotografia de alguém cujos pés estavam mais próximos da câmara do que o resto do corpo. Na foto a pessoa parece ter pés grandes. Além da falta de experiência também pode fazer-nos tomar decisões ou cometer crimes. Uma criança, por exemplo, se for dada uma escolha entre um cinco centavos ou dez centavos costumam escolher os cinco simplesmente porque é maior.

No entanto, Deus tem todas as informações. Então, seus julgamentos são sábios. Você nunca tem que revisar suas estimativas sobre algo que aparece informações adicionais. Ele vê todas as coisas a partir da perspectiva de correção; portanto, não dar nada maior ou menor do que deveria ter valor. Assim, você pode orar com confiança, sabendo que Deus não vai dar nada, mas bom. Embora possamos ser sábios o suficiente para não saber todos os fatos, ou os resultados que podem levar nossas idéias e planos, podemos confiar que Deus sabe o que é melhor.

Finalmente, o infinito de Deus pode ser visto a partir do ponto de vista da relação com o que é tradicionalmente chamado a onipotência de Deus. Por isso, queremos dizer que Deus é capaz de fazer todas as coisas que são objetos próprios de seu poder. Isto é ensinado nas Escrituras de várias maneiras. Há evidências do poder ilimitado de Deus em um de seus nomes, **אל שדי** ('El Shaddai). Quando Deus apareceu a Abraão para confirmar o seu pacto, Ele é identificado dizendo: "Eu sou Deus Todo-Poderoso" (Gênesis 17: 1). Vemos também a onipotência de Deus no seu caminho para a solução de problemas aparentemente insuperáveis. Em Gênesis 18: 10-14, por exemplo, lemos a promessa de Deus de que Sara teria um filho, mesmo que ele já tinha passado da idade de ter filhos e, embora eles ainda não tinham cumprido a promessa feita vinte anos atrás. Quando Sarah ouviu novamente a promessa, ela riu. O Senhor respondeu: "Por que se riu Sara, dizendo:" Devo dar à luz quando for velho "Existe algo demasiadamente difícil para Deus?" Da mesma forma, a promessa em Jeremias 32 ? : 15 que os campos voltaria a ser comprado e vendido em Judá parecia incrível tendo em vista a iminente queda de Jerusalém para os babilônios. No entanto, a fé de Jeremias foi grande: "Ah Senhor Deus ... não há nada muito difícil para você" (v. 17). E depois de explicar como é difícil para um rico entrar no reino de Deus, Jesus respondeu aos discípulos a questão de como eles poderiam poupar, "Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível" (Mt. 19: 26).

Este poder de Deus se manifesta de diferentes maneiras. As referências ao poder de Deus sobre a natureza são comuns, especialmente nos salmos, muitas vezes acompanhada de uma declaração de que Deus criou o universo inteiro. Nos tempos bíblicos seu poder sobre a natureza foi muitas vezes demonstrado por milagres: a partir do nascimento de Isaac, através das pragas do Egito e machados flutuando no tempo de Eliseu (2 Reis 6: 5-

7) para Os milagres de Jesus sobre a natureza, como diminuir a tempestade (Marcos 4: 35-41), e andando sobre as águas (Mateus 14: 22-33). O poder de Deus é evidente em seu controle do curso da história. Paulo diz que Deus "determinou o fim dos tempos e os limites da sua habitação" para todos os homens (Atos 17:26.). Talvez o mais surpreendente é o poder de Deus na vida e na personalidade humana. A verdadeira medida do poder divino é a habilidade de Deus para criar ou construir uma grande rocha. De muitas maneiras, mudar a personalidade humana é mais difícil. Enquanto uma máquina gigante pode realizar trabalho físico extraordinário não é tão fácil de alterar a natureza humana. No entanto, em relação à salvação Jesus disse: "Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível" (Mateus 19:26). Não devemos desesperar acreditar que é impossível mudar a natureza humana, seja o nosso ou o dos outros, porque Deus pode trabalhar de forma eficaz, mesmo nesta área.

O que tudo isto significa é que a vontade de Deus nunca é frustrada. O que você escolher para fazer, encontra-se, porque tem a capacidade de fazê-lo. Salmos 115: 3 diz que os incrédulos: "O nosso Deus está nos céus; o que lhe agrada "três elementos devem estar presentes para que possamos atender a ação ética: o conhecimento do que está a ser feito; vontade de fazê-lo e capacidade para fazer o que propusemos. Pode deixar em qualquer desses pontos. No entanto, três fatores da natureza de Deus sempre andam juntos para produzir ações corretas: ele é sábio, então ele sabe o que fazer; é bom e, portanto, optar por fazer a coisa certa; Ele é poderoso, e, portanto, é capaz de fazer o que você quer fazer.

No entanto, existem alguns pontos sobre esse caráter de Deus Todo-Poderoso. Ele não pode arbitrariamente fazer o que nós planejamos. Você só pode fazer as coisas que são objetos próprios de seu poder. Portanto, pode coisas não logicamente absurdas e contraditórias. Você não pode fazer círculos ou triângulos quadrados com quatro cantos. Você não pode desfazer o que foi feito no passado, mas pode anular os efeitos do mesmo ou até mesmo sua memória. Ele não pode agir contra a sua natureza, não pode ser cruel ou irreverente. Você não pode parar de fazer o que prometeu. Em referência ao Deus fez uma promessa e confirmado com um juramento, o escritor de Hebreus diz que Deus fez: "Para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, poderíamos ter forte consolação" (Heb. 6:18). No entanto, todos esses "deficiências" não são fracos, mas fortes. A incapacidade de fazer o mal ou deitado ou falha é um sinal de força positiva ao invés de fracasso.

Outro aspecto do poder de Deus é que ele é livre. Embora Deus compromete-se a cumprir as suas promessas, inicialmente você não é obrigado a fazer tais promessas. Em nenhum lugar na Bíblia é dito que a vontade de Deus é determinada ou ligados a fatores externos. Pelo contrário, é comum atribuir suas decisões e ações para o "prazer de sua vontade" (Eudóxia). Pablo particularmente atribuído à vontade de Deus (Ef 1: 5, 9; Phil 02:13 ..). As decisões e ações de Deus são determinados pela consideração de outros fatores que não sejam o próprio, mas são simplesmente uma questão de livre escolha.

Constância

Em vários lugares nas Escrituras, ele descreveu Deus como imutável. No Salmo 102, o salmista contrasta com a natureza de Deus os céus ea terra: "Eles perecerão, mas tu permanecerás; ... e eles serão mudados; mas você é o mesmo e os teus anos jamais terão fim "(vv. 26-27). Salmo 33:11 enfatiza a permanência dos pensamentos de Deus: "O plano do Senhor permanece para sempre; . Os intentos do seu coração por todas as gerações "E o próprio Deus diz que, embora o seu povo deixaram de lado suas leis" Eu, o Senhor, não mudo "(Mal. 3: 6). James diz que Deus "não muda como sombras inconstantes" (Tg. 1:17).

O registro divino envolve vários aspectos. Em primeiro lugar, não há nenhuma mudança quantitativa. Deus não pode ser aumentado em tudo, porque ele já está perfeito. Nem pode deteriorar-se, porque se o fizesse, não seria Deus. Também não há qualquer mudança qualitativa. A natureza de Deus não experimentar a mudança. Portanto, nenhuma mudança de mentalidade, planos, ações, porque essa é a sua natureza, que permanece inalterado aconteça o que acontecer. Na verdade, em Números 23:19 como o argumento é que Deus não é humano, suas ações devem ser inalterável. Além disso, as intenções de Deus, bem como seus planos são sempre consistentes, simplesmente porque o seu não vai mudar. Portanto, Deus é sempre fiel à sua aliança com Abraão, por exemplo. Ele escolheu Abraão e deu a sua palavra, e não vai mudar no pensamento ou ele vai voltar em sua promessa.

Então o que estamos a fazer com as passagens onde Deus parece mudar sua mente ou lamentar o que ele fez? Estas passagens podem ser explicada de várias maneiras:

1. Alguns acreditam que deve ser entendido como antropomórfico e antropopatismos. Eles são simplesmente descrições das ações e sentimentos de Deus em termos humanos e de uma perspectiva humana. Aqui, as representações de Deus são incluídos quando parece sentir dor ou arrependimento.

2. O que parecem mudanças no pensamento podem ser novos estágios no desenvolvimento do plano de Deus. Um exemplo disso é a oferta de salvação para os gentios. Embora parte do plano original de Deus, representado uma mudança abrupta do que tinha acontecido antes.

3. Algumas mudanças são mudanças de orientação pensamento aparentes que ocorrem como resultado da mudança de relação humana com Deus. Deus não mudou quando Adão pecou; em vez humanidade mudou e irritou a Deus. Isto também funciona no sentido oposto. Tomemos o caso de Nínive. Deus disse: "Quarenta dias mais e Nínive será destruída, *se não se arrependerem*." Nínive se arrependeu e foi perdoado. Eram seres humanos que mudaram, e não o plano de Deus.

Algumas interpretações da doutrina do registro divino, expressa em imutabilidade, vem da idéia grega de imobilidade e esterilidade. Isso faz com que Deus algo inativo. Mas a visão bíblica não é que Deus é estático, mas estável. É activa e dinâmica, mas de uma maneira estável e consistente com a sua natureza. O que discutimos aqui é a confiabilidade de Deus. Ele será o mesmo amanhã do que hoje. Ele age como prometido. Ele vai cumprir os seus compromissos. O crente pode confiar que (Lam 3: 22-23; 1 João 1: 9 ..).

Hoje em dia, a idéia de um Deus imutável tem sido questionada pelo movimento conhecido como teologia do processo. Sua tese básica é que a realidade é um processo. Isso não significa que todas as coisas estão em processo. Há princípios inalteráveis de processo e formas abstratas também inalterada, mas ser verdadeiro meio para estar em andamento.

Além disso, a realidade é orgânica e está inter-relacionado. Em vez de considerar os eventos e instituições para que eles são em si mesmos específicos, devemos pensar neles a respeito de tudo o que os precede. Embora a independência é muitas vezes considerado desejável, teologia processo centra-se na interdependência. Não é apenas que o ideal é a supremacia ou prioridade interdependência; É uma característica ontológica. É um fato da realidade que não pode escapar.

Interdependência também afeta Deus. Você não vê Deus como sendo imutabilidade passiva e distante. Pelo contrário, ela relaciona-se com o mundo e está envolvida com isso. A principal qualidade ou atributo de Deus é amor; É a expressão mais completa da sua relação com o mundo. De acordo com os teólogos do processo, Deus tem sido tradicionalmente considerado como impassível realmente não apaixonado; Ele ama sem paixão. Mas Deus deve ser visto mais como alguém que responde verdadeiramente compassivo para com aqueles que ama.

Isto é o que às vezes é chamado teísmo bipolar. Os dois pólos ou aspectos de Deus são, como Charles Hartshorne, a sua essência imutável abstrato e concreto, ou nas palavras de Alfred North Whitehead verdade, sua natureza e sua consequente natureza primordial. Em sua realidade concreta (constância) Deus responde e é afetado pelos processos do mundo.²³ Isso coloca limitações sobre o absolutismo de Deus. Onisciência divina significa que a qualquer momento na vida divina Deus sabe tudo o que é cognoscível naquele determinado momento. No entanto, a qualquer momento durante a vida de Deus as coisas inesperadas acontecem no mundo que só pode ser conhecido no momento. O conhecimento de Deus trata cada nova decisão e ação que surge no mundo. Devido a isso, temos de modificar outros conceitos tradicionais de Deus. Por exemplo, a soberania de Deus não é mais considerada como absoluta. Ele considera que os seres humanos tomam parte na construção do futuro.

Como vamos responder a este desafio? Notamos que há um elemento de validade na crítica da teologia processo em alguma ortodoxia clássica. Certamente, Deus tem por vezes sido descrito como estático, sem envolvimento com o mundo. Afirmamos que esta não é a visão bíblica.

Mas tentar corrigir este erro, os teólogos do processo ter exagerado. Baseando-se os processos mundiais compromete muito a sério as dimensões absolutas ou Deus sem reservas. Embora a Bíblia descreve Deus como envolvido com o mundo, também se diz que precede a criação e tem um estatuto independente. Transcendência genuína, como ensinado na Bíblia, exclui o tipo de restrições da teologia do processo. Uma avaliação mais aprofundada da opinião de que Deus é dependente dos processos do mundo implicaria uma análise da teologia do processo que é baseado no, que iria além do nosso escopo de interesse aqui. Basta dizer que, quaisquer que sejam os méritos deste ponto de vista, não podemos considerar o ponto de vista bíblico.

Problemas adicionais. Teólogos processo ter reconhecido que deve haver aspectos da realidade que não mudam. Se assim não fosse, a sua visão seria contraditório e, portanto, falsa, uma vez que a mesma filosofia processo acabaria por deslocados. Seria considerado relativa. Mas esta questão dos princípios imutáveis nunca foi plenamente desenvolvida. Qual é o seu status? Como se relaciona a Deus? Se eles são princípios que não mudam a realidade algo da natureza de Deus não podia ser igualmente atemporal e absoluto?

Apesar de teologia processo tem a intenção de ver Deus como um ser pessoal, ao contrário do ainda de metafísica grega, o motor é questionável se isso é realmente assim. Deus parece ser pouco mais do que um aspecto da realidade. Em que sentido é um ser pessoal que atua não está claro. Portanto, embora haja alguma validade na teoria do processo de objeção que alguns elementos da ortodoxia clássica grega adotar alguns modelos metafísicos contendo perspectiva legítima de que objeção pode melhor presente por um retrato fiel da imagem bíblica Deus. Isso vai evitar os inconvenientes que acompanham a teologia do processo.

Recentemente, um grupo de teólogos evangélicos que se intitulam teístas voluntárias questionaram vários atributos divinos tradicionais como a imutabilidade, a eternidade e precognição, eles acreditam vir de filosofia grega, em vez de a Bíblia. Eles consideram o seu ponto de vista a meio caminho entre a ortodoxia clássica e teologia do processo.²⁶ Em sua opinião, Deus ações genuinamente humanos afetá-los e responder a eles. As passagens que falam de Deus se arrepende de ser tomada à letra, em vez de ser antropopatismos considerados; ele realmente muda a sua maneira de pensar. E se Deus é onisciente, o que significa que ele sabe tudo o que são objetos próprios do conhecimento. Ações humanas livres não são deste tipo. Se Deus sabia o que fazemos, isso significaria que essas ações seria determinada opção e gostaríamos de fazer as coisas de forma diferente.²⁸ A certeza da liberdade de um tipo "não-determinístico" significa que Deus não pode ter esse tipo de precognição. Ele não é um Deus fechado; é um Deus aberto.

Existem algumas dificuldades associadas com este ponto de vista. Por um lado, Deus não coagir ação humana, então não há certeza de que a sua vontade pode ser visto finalmente realizado. Além disso, ele tenta explicar o fenômeno da profecia bíblica são bastante inadequada à luz da natureza detalhada de algumas profecias. Curiosamente, muitos ortodoxos rejeitam a visão teísta de Deus que lhes foi atribuído, argumentando que a visão descrita é realmente tomismo.³⁰ parece ser um ponto em vez de vista antropocêntrico, em que se a soberania ea precognição Deus conflito com a liberdade humana, a primeira deve ser redefinido. Uma solução melhor seria a de redefinir a liberdade humana.

Deus é um grande Deus. Você perceber esse fato motivou os escritores bíblicos como os salmistas. E é isso que continua a motivar os crentes de hoje para se juntar compositores e proclamar:

Senhor meu Deus,
Para contemplar os céus
O céu
E as estrelas mil
Para ouvir a sua voz
No poderoso trovão
E ver o sol brilhando em seu apogeu

Meu coração canta a música
How Great Thou Art
How Great Thou Art
Meu coração canta a música
How Great Thou Art
How Great Thou Art

14. A bondade de Deus

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Nome e descrever todos os atributos de Deus que são sua pureza moral, integridade e amor.
- Compreender a relação entre as qualidades morais de Deus e harmonia entre essas qualidades.
- avaliar adequadamente a relação entre amor e justiça de Deus e mostrar como os dois atributos estão em harmonia mútua.
- Promover a compreensão que vai levar ao aumento da confiança, amor e compromisso com um Deus benevolente e amoroso.
- Identificar métodos usados para entender os atributos de Deus.
- Desenvolver uma compreensão da natureza de Deus que fornece uma base para a prática pessoal na vida cristã.

Resumo do capítulo

A bondade de Deus pode ser descoberto em todas as relações com suas criaturas. Ele mostra de forma mais eficaz em seus atributos morais de pureza, integridade e todo o complexo de características que se identificam como amor. Às vezes, acredita-se que

estes atributos estão em conflito um com o outro, como no caso da justiça e do amor. No entanto, quando visto correctamente, este não é o caso. Alguns têm sugerido outros métodos para compreender a natureza de Deus. Mas o método de fazer inferências a partir de afirmações bíblicas sobre Deus é a mais satisfatória.

Questões de estudo

1. Qual a importância da santidade de Deus e por que é tão difícil para os seres humanos para compreender este aspecto da natureza de Deus?
2. Quais são os atributos morais de Deus e por que eles são necessários para a devida compreensão da sua verdadeira natureza?
3. O que o autor quer dizer quando afirma que "a autenticidade é a dimensão mais básico da verdade"?
4. Como é que a nossa maneira de compreender Jesus de compreender, especialmente o amor de Deus?
5. Alguns argumentam que não há tensão entre a pureza moral de Deus e do seu amor. Como você responderia a esta acusação?
6. Que problemas estão associados com tentativas especulativas para investigar os atributos de Deus? Como você está indo para descobrir seus atributos?

Qualidades morais

Pureza moral

Santidade

Straightness

Justiça

Integridade

Autenticidade

Veracidade

Fidelidade

Amar

Benevolência

Graça

Misericórdia

Persistência

O amor ea justiça de Deus: Um ponto de tensão?

A melhor maneira de investigar os atributos de Deus

Qualidades morais

Se as qualidades de grandeza que descrevemos no capítulo anterior eram apenas os atributos únicos de Deus, é concebível que ele possa ser um ser moral ou amoral que exerce o poder e conhecimento de caprichosa e até mesmo cruel. Mas também tem atributos de bondade e grandeza, você pode confiar nele e amá-lo. Neste capítulo, vamos considerar as suas qualidades morais, isto é, as características de Deus como um ser moral. Por conveniência de estudo, classificamos os seus atributos morais básicos em pureza, integridade e amor.

Pureza moral

Para pureza moral entender que Deus é absolutamente livre de todo o mal e do mal. Sua pureza moral inclui as dimensões de (1) santidade, (2) e justiça (3) justiça.

Santidade

Existem dois aspectos básicos da santidade de Deus. O primeiro é a sua singularidade. É completamente separado toda a criação. Isto é o que Louis Berkhof chamado de "glória a santidade" de Deus. A singularidade de Deus é expressa em Êxodo 15:11: "Quem é como tu, SENHOR, ENTRE OS DEUSES? Quem é como tu glorificado em santidade, admirável em louvores, operando maravilhas "expressões similares do sublime, do exaltado, o esplendor de Deus, se encontra em 1 Samuel 2: 2 e Isaías 57:15. Isaías viu o Senhor "sentado num trono alto e sublime." As fundações balançou ea casa se encheu de fumaça. Os serafins gritou dizendo: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos" (Is 6: 1-4.). A palavra hebraica para "santo" **קָדוֹשׁ** (Qadosh) significa "distinto" ou "longe do comumente usado comum." O verbo derivado sugere "corte", "separado". Considerando que as religiões das nações ao redor de Israel santo adjetivo é vagamente aplicada a objetos, ações e pessoas envolvidas na adoração, em louvor do pacto de Israel é usado muito livremente para se referir à própria Divindade.

A santidade de Deus muitas vezes se comunica com objetos e lugares que lhe estão associadas. Por exemplo, no incidente da sarça ardente, ele perguntou Moisés a tirar os sapatos porque o lugar onde ele estava era santo (Ex. 3). Da mesma forma, quando Deus desceu no Monte Sinai, o lugar foi separado do acampamento israelita. Moisés só podia subir a montanha ou até mesmo tocar a borda do mesmo (Ex. 19). Restrições semelhantes aplicam-se ao tabernáculo e mais tarde o templo. O lugar santo estava separado do Lugar Santo por um véu (Êxodo 26:33 ;. 1 Reis 6:16). O acesso foi proibido para todos, mas o sumo sacerdote que fui lá uma vez por ano. A santidade reação adequada de Deus, que se separa é o da meditação, reverência e silêncio. "Louvem o seu nome grande e terrível! Ele é santo "(Sl 99: 3.) !.

O outro aspecto da santidade de Deus é a sua pureza absoluta ou bondade. Isto significa que o mal no mundo não pode tocar em você ou mancha. De qualquer forma envolvidos neste mal. Observe como Habacuque 1:13 é dirigida a Deus: ". Tu és tão puro de olhos para ver o mal, e não podes contemplar a iniquidade" Tiago 1:13 diz que Deus não pode ser tentado pelo mal. A este respeito, é completamente diferente dos deuses das outras religiões. Esses deuses muitas vezes se engajar no mesmo tipo de comportamento pecaminoso do que os seus seguidores. No entanto, Jeová está livre de tais atos. Jó 34:12 diz: "Sim, com certeza Deus não vai fazer iniquidade; a justiça pervertido Todo-Poderoso. "

A perfeição de Deus é o padrão para o nosso caráter moral e motivação para observâncias religiosas. Tudo segue o código moral da sua santidade. O povo de Israel foi dito: "Eu sou o Senhor vosso Deus. Vós, pois, santificai-vos e sede santos, porque eu sou santo. Portanto, não se contaminem com qualquer réptil que se arrasta no chão. Eu sou o Senhor, que vos fez subir da terra do Egito para ser o vosso Deus, sereis pois santos, porque eu sou santo "(Lev. 11: 44-45) .. O mesmo pensamento foi expresso em Levítico 19: 2 e Mateus 05:48. Como Deus não tem defeitos, é esperado a mesma qualidade de objetos ou pessoas dedicadas a ele. Os sacerdotes não precisa ter nenhum defeito físico. E o mesmo vale para os animais para o matadouro. Devotos não pode trazer animais com defeitos, por outro lado, tem que ser animais perfeitos (Lv 1: 3, 10, 3 1, 6, 4: 3).

Aqui encontramos uma dimensão básica e importante da natureza de Deus. A santidade de Deus é enfatizada em toda a Bíblia, mas especialmente nas descrições do Antigo Testamento. A sua importância pode ser visto no número de vezes que a referência é feita e o ênfase dos quais é realçado. Alguns sugeriram que o atributo mais importante de Deus. Se é ou não é uma dedução desejável ou legítimo, a santidade é, pelo menos, um atributo muito importante de Deus. E isso tem implicações de longo alcance.

Os escritores bíblicos repetidamente enfatizar que os crentes devem olhar para Deus. Portanto, como Deus é santo, Seus seguidores têm que ser também. Já observamos as referências em Levítico 11: 44-45 e Mateus 5:48. Deus não é somente pessoa livre de

todas as imoralidades e mal, é incapaz de suportar sua presença. É, por assim dizer, alérgica ao pecado e do mal. Seu dever, por conseguinte, tentar ter a mesma santidade que é de natureza básica de modo. Isaías, depois de ver Deus, era muito mais consciente da sua impureza. Ele se desesperou: "Ai de mim, eu estou morto, porque o homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros, os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos" (Isa. 6: 5). Da mesma forma, Peter, quando o evento da pesca milagrosa, percebendo que Jesus disse: "Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador" (Lc. 5: 8). Quando medimos a nossa santidade, não pelo nosso próprio padrão ou outros seres humanos, mas por Deus, é clara a necessidade de uma completa mudança de condição moral e espiritual.

Paulo destaca a idéia de que aqueles a quem Deus chama para ser seu povo deve ser separado das coisas impuras e ser completamente santos (2 Coríntios 6: 14-7: 1). A mesma idéia pode ser encontrada em 1 Tessalonicenses 3:13 e 4: 7. Em uma aparente referência à exigência de ser sem mancha e ser totalmente perfeito do Antigo Testamento, Paulo afirma que a igreja também tem que ser completamente santo ", a fim de apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem defeito, mas santa e sem defeito. "(Ef. 5:27). Além de santidade pessoal, louvor e reverência são conseqüências naturais de ver Deus nesse estado de limpeza perfeita e santidade. Salmo 99: 9 diz: "Exaltai o SENHOR nosso Deus e adorai-o no seu santo monte, porque O Senhor. Nosso Deus é santo" Os pensamentos são muito semelhantes em Apocalipse 15: 4: "Quem não deve temer ao Senhor, e glorificar teu nome?"

Straightness

A segunda dimensão da pureza moral de Deus é a Sua justiça. Este é, por assim dizer, a santidade de Deus aplicada às suas relações com os outros seres. A justiça de Deus significa, em primeiro lugar, que a lei de Deus, sendo uma verdadeira expressão de sua natureza, é tão perfeito como ele. Salmo 19: 7-9 diz o seguinte: "A lei do SENHOR é perfeita, e refrigera a alma; o testemunho do SENHOR é fiel, e dá sabedoria aos simples. Os estatutos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do Senhor é puro, e alumia os olhos. O temor do SENHOR é limpo, e permanece para sempre; os juízos do SENHOR são verdadeiros: tudo justo "Em outras palavras, Deus ordena apenas o que é certo eo que, portanto, têm um efeito positivo sobre o crente que obedece ..

A justiça de Deus também significa que as suas acções estão em conformidade com a lei que ele mesmo estabeleceu. Ele é a expressão ativa das exigências dos outros. Por exemplo, Abraão disse ao Senhor: "Longe de ti que fazê-lo, que mates o justo com o ímpio eo justo seja como o ímpio. Nunca faça isso! O Juiz de toda a terra, não é fazer o que é certo? "(Gn. 18:25). O próprio Deus diz: "Eu sou O Senhor, que faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado" (Jer 09:24.). Como Deus é justo, como o padrão de sua própria lei, que podemos confiar nele.

Uma questão que tem sido debatida na história do pensamento cristão é: O que faz com que certas ações são bons e alguns são maus? Nos tempos medievais uma escola de pensamento, Realista, sustentou que Deus escolhe a coisa certa, porque é certo. O que ele disse foi bom, não poderia ser diferente, já que há um bom intrínseca na bondade e crueldade inerente mal. Outra escola de pensamento, o nominalismo, disse que é a escolha de Deus, que faz uma coisa é correta. Ele poderia ter escolhido de forma diferente; se ele tivesse feito isso, o bem teria sido muito diferente do que ele é. ⁵ Na verdade, a posição bíblica é entre realismo e nominalismo. A verdade não é algo arbitrário, de modo que a crueldade e assassinato seria bom se Deus declarou. Na tomada de decisões, Deus é um padrão objetivo do que é certo eo que é errado, uma norma que faz parte do próprio tecido da realidade. Mas que adere padrão para Deus não é externo a Deus: é sua própria natureza.

No entanto, isso levanta outra questão: Será que Deus é egoísta? Tem sido dito que o egoísmo é uma forma muito grave de pecado buscar o nosso próprio bem-estar e conforto sem pensar ou mesmo em detrimento de outros. Alguns poderiam ir mais longe e proclamam que o egoísmo é a raiz, a própria fundação do pecado. No entanto, aqui Deus parece estar a violar o seu próprio comando contra o egoísmo, como o seu objetivo mais importante é aparentemente a sua própria glória.

Precisamos olhar mais de perto o pecado humano do egoísmo. A essência do pecado não está na preferindo nós em vez de outras, mas preferem uma coisa finita que o valor supremo diante de Deus. Portanto, mesmo de forma egoísta não preferem uma pessoa acima de Deus é ruim. O primeiro grande mandamento é amar a Deus com todo o nosso coração, nossa alma, nossa força e nossa mente (Lc. 10:27). O segundo mandamento é amar ao próximo como a nós mesmos. Coloque o segundo mandamento antes do primeiro é um erro e um pecado.

Portanto, Deus faz a sua própria glória o objetivo final não está em conflito com o seu comando contra o egocentrismo. Na verdade, tornando a sua glória o objetivo final realmente cumpre este mandamento. Assim, ele não disse: "Faça o que eu digo, não como eu faço." À medida que o valor supremo no universo, a fonte de onde vem tudo, Deus deve escolher a sua própria glória, acima de tudo. Para fazer o contrário seria efetivamente um caso de idolatria.

Justiça

Deus não só age de acordo com sua legislação, também administra o seu reino em cima dele. Ou seja, exige que os outros obedecem à lei. A justiça descrito na seção anterior é a retidão pessoal ou individual de Deus. Sua justiça é a sua retidão oficial, sua exigência de que outros agentes morais também aderir aos padrões. Deus é, em outras palavras, como um juiz como um indivíduo adere à lei de sociedade e em sua capacidade oficial dado o mesmo direito a ser cumprido por outro.

As Escrituras deixam claro que o pecado tem consequências concretas de que em última análise, acabam por acontecer mais cedo ou mais tarde. Em Gênesis 2:17 lemos a advertência de Deus a Adão e Eva. "A árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que comerdes desse fruto certamente morrerás" advertências similares podemos encontrar ao longo das Escrituras incluindo a declaração de Paulo que "o salário do pecado é a morte" (Rom. 6:23). Deuteronômio 07:10, Salmos 58:11 e Romanos 12:19 indica que Deus vai punir o pecado, e que o pecado merece ser punido intrinsecamente. Infringe a própria estrutura da economia espiritual divina, e esta deterioração ou desequilíbrio devem ser corrigidas. Não é apenas errado, também é bom apenas começando suas recompensas. Deuteronômio 7: 9 exprime esta claramente: ". Saber, portanto, que o Senhor teu Deus é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança ea misericórdia com aqueles que o amam e guardam os seus mandamentos para mil gerações"

A justiça de Deus significa que gere a sua lei da equivalência patrimonial, sem mostrar favoritismo ou parcialidade. Somente as ações de uma pessoa, e não a sua posição na vida, são levados em conta para estabelecer as consequências ou recompensas. Então, Deus condenou nos tempos bíblicos aos juízes, mas foram acusados de servir os seus representantes, eles aceitaram subornos a alterar as suas decisões (por exemplo, 1 Samuel 8: 3; 05:12 ..). A razão para sua prisão foi a de que o mesmo Deus, para ser justo, esperar o mesmo comportamento encarregado de administrar a lei.

No entanto, às vezes a regra de Deus não parece justo. Os principais vidas pecaminosas nem sempre são punidos, e justiça, muitas vezes parece permanecer sem recompensa. Salmo 73 reflete a aparente prosperidade dos ímpios. Eles são saudáveis e parece livre dos problemas que os outros sofrem. Esta observação também fazemos freqüentemente. No passado muitas vezes ouvimos o slogan "O crime não pagar." No

entanto, o crime compensa frequentemente e por vezes bastante elegante. Os chefes do crime organizado, muitas vezes acumulam grandes fortunas e também pode ter saúde, enquanto alguns crentes virtuosos são pobres, doentes ou sofrem a trágica perda de seus entes queridos. E esta maldade aparente continua ano após ano. Como Deus permitir isso?

Esta questão é parte do problema maior que é o mal, receberão tratamento mais extenso no capítulo 20. No entanto, neste momento, seria útil observar que o salmista descoberto. Quando ele entrou no santuário de Deus, ele percebeu o fim dos ímpios. Ele viu finalmente ser destruído (Sl 73: 17-20, 27). Então eu vi que ele iria ser guiado pelo conselho de Deus e, finalmente, em glória (24 v.). A justiça de Deus não devem ser avaliados no curto prazo. Durante o curso desta vida será muitas vezes incompleta ou imperfeita, mas há uma outra vida, em que a justiça de Deus é completo.

Como no caso da santidade, Deus espera que seus seguidores para emular sua retidão e justiça. Temos de adotar a sua lei e seus preceitos como padrão. Temos de tratar os outros de forma justa e equitativa (Amós 5:15, 24; Tg 2: 9.) Porque isto é o que Deus faz.

Integridade

O conjunto de atributos que são classificados como integridade é relacionada ao tema da verdade. Há realmente três dimensões: (1) a autenticidade - ser verdadeiro; (2) a verdade - a dizer a verdade; e (3) a lealdade - provar ser verdadeiro. Embora acreditemos que a verdade é mais a dizer a verdade, a autenticidade é a dimensão mais básico de verdade.

Autenticidade

A autenticidade de Deus significa que Deus é real. Muitas das considerações apresentadas em conexão com o atributo de vida também são aplicáveis aqui. Em contraste com muitos do falso e espúrio com a qual Israel estava em contacto deuses, o Senhor é o verdadeiro Deus, como a palavra hebraica indica אֱלֹהִים ('Emeth), que corresponde ao adjetivo grego ἀληθινός (alethinos).

Em Jeremias 10, o profeta descreve os objetos que alguns humanos amam muito sátira. Ídolos construiu com suas próprias mãos, e, em seguida, adorá-los, mas esses objetos não podem falar ou andar (v. 5). No entanto, diz o Senhor: "O Senhor é o verdadeiro Deus; ele é o Deus vivo eo Rei eterno" (v. 10). Em João 17: 3, Jesus dirige ao Pai como o único Deus verdadeiro (ἀληθινός). Há referências semelhantes em 1 Tessalonicenses 1: 9; 1 João 5:20 e Apocalipse 3: 7 e 06:10.

Deus é real; Não foi fabricado, construídos ou imitados, como as outras divindades supostos. Em um mundo onde há tantas coisas artificiais, nosso Deus é real. É o que parece. Esta é uma grande parte de sua veracidade. O vice-presidente de assuntos públicos em uma faculdade cristã costumava dizer: "Relações Públicas é nove décimos de ser o que você diz que é e décimo dizer modestamente." Deus não só parece personificar as qualidades de grandeza e bondade diante de nós. Ele realmente é todos esses atributos.

Veracidade

A verdade divina significa que Deus representa coisas como elas são. Se falando de si mesmo ou de sua criação, o que Deus diz é verdade. Samuel diz a Saul: "Aquele que é a Glória de Israel não mente nem se arrepende, porquanto não é um homem para que se arrependa" (1 Samuel 15:29). Paulo fala de Deus "que não pode mentir" (Tt 1: 2.). E em Hebreus 6:18 lemos que juramento quando Deus disse a sua promessa, teve "duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta." Jesus disse que a palavra de Deus é a

verdade (Jo. 17:17) . Note-se que estas passagens confirmar mais do que o simples fato de que Deus não mente ou mentira. Deus *não pode* mentir, porque a mentira é contrária à sua natureza.

Será que a verdade significa que você pode sempre confiar no que Deus diz? Ou será que simplesmente significa que ele nunca conscientemente dizer algo que não é verdade? No entanto, a onisciência de Deus é combinado com sua precisão para garantir a verdade do que ele diz.

Deus pediu a seu povo para ser honesto em todas as situações, tanto no que dizem eo que elas implicam. Assim, por exemplo, os israelitas tinham que ter um peso único no seu saco. Embora algumas pessoas tiveram dois pesos utilizado para compras e outro para as vendas. O povo de Deus tinha que usar o mesmo peso para ambos (Dt. 25: 13-15). O povo de Deus deve ser completamente honesto em apresentar a mensagem do evangelho também. Embora alguns possam racionalizar que o fim justifica a importância do uso de meios de distorção. Paulo deixa claro que "rejeitamos as coisas ocultas, que são vergonhosas, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus. Em contrapartida, manifestando a verdade, nós nos diante de Deus, a consciência de cada um "(2 Coríntios 4: 2). Um Deus de verdade será melhor servido por apresentar a verdade.

Fidelidade

Se a autenticidade de Deus é para ser verdade e veracidade é para dizer a verdade, então a fidelidade significa que ele tem provado ser verdade. Deus cumpre suas promessas. Devido à sua capacidade e poder ilimitado, você nunca pode comprometer a fazer algo que não seria capaz de fazer. Você nunca tem que verificar a sua palavra ou negar uma promessa. Como Balac disse a Balaão: "Deus não é homem para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Será que ele diz e faz? Fez promessas não cumpridas? "(Num. 23:19). Paul é mais conciso: "Fiel é o que vos chama, o qual também o fará" (1 Ts 5:24.). Descrições semelhantes de Deus como fiéis são encontrados em 1 Coríntios 1: 9; 2 Coríntios 1: 18-22; 2 Timóteo 2:13, 1 Pedro 4:19.

A fidelidade de Deus é demonstrado repetidamente ao longo de todas as páginas das Escrituras. Ele sempre faz o que ele disse que faria. Sua promessa a Abraão de um filho foi cumprida quando Abraão e Sara tinha setenta e cinco 65 anos de idade, respectivamente. Sara era idade fértil passado e foi estéril. A promessa foi repetida após vinte e cinco anos; mas não há sinais de o herdeiro esperado, mesmo Abraham perdeu a esperança de Deus para cumprir a promessa e agiu por si só para ter um filho (Ismael). Mas Deus demonstrou sua lealdade: o filho que prometeu nascido (Isaac). Anos mais tarde, Deus ordenou a Abraão para matar essa criança. Mais uma vez ele provou verdadeiro, fornecendo um substituto para o sacrifício. Da mesma forma, parecia improvável que o povo de Israel veio a possuir um dia a terra por causa da escravidão prometeu que o mantinha ligado ao Egito. As bênçãos prometidas à nação parecia duvidosa quando estavam em cativeiro. E a primeira promessa (Gn. 3:15) um Redentor parecia muito longe de se concretizar. No entanto, em todas essas situações, o Senhor provou fiel às suas promessas.

Como em seus outros atributos morais, o Senhor espera que os crentes a imitar a sua fidelidade. O povo de Deus não deve dar a sua palavra de ânimo leve. E quando eles dão sua palavra, eles devem permanecer fiéis a ela (Eclesiastes 5: 4-5.). Eles devem não só manter as promessas feitas a Deus (Sl. 61: 5, 8; 66:13), mas também aqueles que fazem os outros seres humanos (Js 9: 16-21.).

Amar

Quando nós pensamos de atributos morais de Deus, talvez a primeira coisa que vem à mente é o conjunto de atributos que classificam como o amor aqui. Muitos consideram

que o atributo básico, ou definir a verdadeira natureza de Deus. Nenhuma base para esta nas Escrituras. Por exemplo, em 1 João 4: 8 e 16 lemos: "Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor ... e nós conhecemos, e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele. "II Coríntios 13:11 fala de" o Deus de paz e amor. "Geralmente, o amor de Deus pode ser entendida como dada e eterno se partilhada. Como tal, o amor sempre esteve presente entre os membros da Trindade, antes mesmo que ele havia criado seres. Jesus disse: "Mas, para que o mundo saiba que eu amo o Pai, e como o Pai me enviou, também eu faço" (Jo 14:31.). . Mateus 3:17 que uma voz do céu disse a Jesus "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" As dimensões básicas do amor de Deus para nós, são: (1) ágio, (2) graça, (3) compaixão e (4) persistência.

Benevolência

A benevolência é uma dimensão fundamental do amor de Deus. Com isto queremos dizer a preocupação de Deus para o bem-estar daqueles que ele ama. Ele desinteressadamente, sendo a nossa última pesquisa. Das inúmeras referências bíblicas, João 3:16 é provavelmente a mais conhecida: "Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna . "A referência a benevolência de Deus não está restrito ao Novo Testamento. Por exemplo, em Deuteronômio 7: 7-8 diz, "não porque você era a mais numerosa de todas as pessoas que eu queria JEová e escolheu você, por que você era o menor de todos os povos, mas porque O SENHOR te amava e queria manter o juramento que fez a vossos pais, que vos tirou com mão forte ".

O amor de Deus é uma preocupação altruísta para o nosso próprio bem. É *agape*, não eros. Em João 15 Jesus distingue entre a relação de amor - servo (ou patrão - empregado) ea relação de amigo para amigo. O último é a relação que caracteriza o crente eo Salvador. É claro que Jesus considerou o amor como a base de seu relacionamento porque a palavra usada para descrever o amor como um substantivo ou verbo nove vezes ao longo de nove versículos (vv. 9-17). Seu interesse vital nos crentes é evidente no versículo 11: "Estas coisas vos tenho dito para a minha alegria esteja em vós, ea vossa alegria seja completa." Ele continua: "Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a própria vida pelos seus amigos "(v. 13). No entanto, não só Jesus deu a sua vida por seus amigos, para aqueles que o amavam e apreciados o que ele fez para eles, mas também por seus inimigos, aqueles que desprezaram e rejeitaram. Nosso relacionamento com Deus é o amigo para amigo, em vez de uma relação de empregado chefe. Ele morreu por seus inimigos, mas não recebeu nada em troca. Um chefe pode estar interessado no bem-estar de seu empregado de modo que este possa fazer por ele. A saúde dos funcionários é importante, porque um funcionário saudável pode produzir mais para a empresa do que um trabalhador que não é saudável. No entanto, Jesus é um amigo. Enquanto estamos preocupados apenas para o nosso próprio bem e não para o que eles podem obter a partir de nós. Deus não precisa de nós. Você pode obter o que deseja, sem nós, mesmo que ele decidiu trabalhar através de nós. Portanto, o Seu amor por nós e outras criaturas é completamente desinteressado.

Esta qualidade do amor divino se dar desinteressadamente olha para o que Deus tem feito. O amor de Deus ao enviar o seu Filho para morrer por nós não foi porque O amamos antes. O apóstolo João diz: "Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados" (1 João 4:10.). Romanos 5: 6-10 produz o mesmo assunto. Nota especialmente o verso 8 ("Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós".) E no versículo 10 ("Porque, se quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida "). Como Deus é amor, a descrição do amor

em 1 Coríntios 13 é também uma descrição dele. O amor é paciente e bondoso, não inveja, não se vangloria, não é orgulhoso, não rude; não busca os seus próprios; não se irrita, não suspeita mal; Ele não se deleita no mal mas verdade. Suporta todas as coisas, acredita todas as coisas, espera todas as coisas, tudo suporta.

O amor divino não só toma a iniciativa de criar a base da salvação através do envio de Jesus Cristo, mas também nos procura continuamente. As três parábolas em Lucas 15 enfatizar isso fortemente. O pastor deixa as noventa e nove ovelhas no deserto e vai atrás da perdida, embora nada na descrição indica particularmente atraente ou desejável. A mulher que perdeu uma moeda de pesquisa cuidadosamente. E, embora o pai do filho pródigo não está indo olhar constantemente aguarda o retorno de seu filho. Tome a iniciativa de acolher o seu filho, cuidar dele e até mesmo encomendar uma celebração.

Quando nós pensamos do amor de Deus, surge um dilema, relacionado ao problema discutido acima assume o egocentrismo de Deus. Será que Deus nos ama para seu próprio bem, colocando em risco aparentemente determinado personagem, o seu amor altruísta? Ou você amar-nos para o nosso próprio bem, colocando assim em risco o seu estatuto aparentemente valor supremo? O primeiro parece comprometer o amor de Deus, a última glória. No entanto, há uma terceira possibilidade. Deus ama-nos para a nossa semelhança com ele, semelhança que ele nos deu em nossa criação (Gn. 1:27). Por isso, ele realmente ama a si mesmo em nós. No entanto, a nossa semelhança com ele, não é algo que temos feito, mas que está presente em nós por sua natureza dedicado e abnegado. Deus ama-nos para que você possa dar-nos ou fazer-nos tanto no ato de nossa criação como seu relacionamento contínuo com a gente. Seu amor é uma disposição de afeto para nós, um sentimento de preocupação altruísta e resolver a agir para buscarmos nosso bem-estar.

Benevolência de Deus, a sua forma de cuidar e fornecer para aqueles que você ama, pode ser visto de muitas maneiras. Deus se importa e fornece criação mesmo subumanas. O salmista escreve: "Você abre a sua mão e satisfazer o desejo de todos os viventes" (Salmo 145 :. 16). Jesus ensinou que o Pai alimentava os pássaros e revestimos os lírios do campo (Mt 6:26, 28). Nem um pardal pode cair no chão sem suas autorizações Pai (Mt 10:29). O princípio de que Deus é benevolente com sua provisão e proteção se estende ao longo dos dois últimos ingressos para seus filhos humanos também (Mateus 06:25, 30-33; 10: 30-31). Embora, muitas vezes, tomar essas promessas de uma maneira como algo exclusivo para nós, crentes, a Bíblia diz que Deus é benevolente para com toda a humanidade. Ele "faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre os justos e os injustos" (Mateus 5:45). Listra Paulo disse que Deus havia mostrado bondade "nos deu chuva do céu e estações frutíferas, enchendo os alimentos e alegria do nosso coração" (At. 14:17). Deus inerentemente não apenas pensar positivamente nos objetos de seu amor, também atua para seu bem-estar. O amor é algo ativo.

Graça

Graça é um dos diferentes atributos que fazem parte do amor de Deus. Com isto queremos dizer que Deus trata seu povo não por seus méritos ou seu valor, de modo que eles merecem, mas simplesmente de acordo com suas necessidades; em outras palavras, ele vem a eles por sua bondade e generosidade. Esta graça tem de ser distinguida da benevolência (altruísmo) já descrito. A benevolência é simplesmente a idéia de que Deus não busca os seus próprios, mas a dos outros. Deus poderia amar desinteressadamente cuidar dos outros, e continuam a insistir que esse amor deve ser conquistada, e, portanto, pedir às pessoas para fazer algo ou oferecer algo para ganhar os favores terá. No entanto, a graça significa que Deus dá favores imerecidos.

Embora, é claro, a graça de Deus é proeminente no Novo Testamento, tem sido sugerido que a imagem do Antigo Testamento é bem diferente. Marcião chegou a dizer que estamos a lidar com dois deuses diferentes nos dois Testamentos: o Deus da criação

e da estrita justiça do Antigo Testamento eo Deus de amor (Cristo) no Novo Testamento. No entanto, muitos Antigo Testamento falam da graça de Deus. Em Êxodo 34: 6, Deus disse de si mesmo: "Senhor, Senhor! , Misericordioso e compassivo Deus; tardio em irar-cheio de amor "E no Novo Testamento, Paulo atribui a salvação para a graça de Deus". Em amor nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para o louvor da glória de sua graça, que Ele nos concedeu gratuitamente no Amado. Nele temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça que ele derramou sobre nós com toda a sabedoria e prudência "(Ef. 1: 5-8). Note-se a idéia de abundância em ambas as passagens.

Há passagens no Novo Testamento que são ainda mais explícito quando se trata de relacionar a salvação com o presente extravagante da graça de Deus. Por exemplo, Paulo diz em Efésios 2: 7-9: "para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus: Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. . Não vem das obras, para que ninguém se glorie "Em Tito, Paulo enfatiza novamente a obra da graça de Deus:" (. Tit 2:11) A graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens ". Então, depois de descrever as profundezas dos pecados da humanidade (3: 3), ele diz: "Mas quando apareceu a bondade de Deus, nosso Salvador, eo seu amor para com os homens, Ele nos salvou, não por obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a Sua misericórdia, pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo ... que, sendo justificados pela sua graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna "(3: 4-7). A salvação é, certamente, o dom de Deus. Às vezes, a justiça de Deus é desafiado pelo fato de que poucos recebem esta graça e não outros. O que é surpreendente, porém, é que um é salvo porque se Deus lhes deu tudo o que eles merecem, nem ser salvo.

Misericórdia

A misericórdia de Deus é um concurso amorosa e compaixão pelo seu povo. É a sua ternura de coração para os necessitados. Se a graça vê pecadores humanos, culpados e condenados, misericórdia vê como miserável e necessitado. Palavras como רַחֵם (Chessed), רַחֲמִים (Racham) e ἔλεος (eleos) dar expressão a esta dimensão do amor de Deus. O salmista diz: "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor aqueles que temem compadece" (Sl. 103: 13). Ideias semelhantes encontrados em Deuterônomo 05:10 Salmo 57:10; 86: 5. A qualidade de misericórdia é vista com preocupação compassiva de Jeová para o povo de Israel foi escravizado pelos egípcios. Ele ouviu seu clamor, e sabia que seus sofrimentos (Ex. 3: 7). Também é visto na compaixão de Jesus sentia por aqueles que veio a ele com doenças físicas (Marcos 1:41). Sua condição espiritual também se mudou ele (Mt. 09:36). Às vezes estavam ligados ambos os tipos de necessidades. Portanto, ao descrever o mesmo incidente, Mateus fala de Jesus teve compaixão e curou os feridos (Mt. 14:14), enquanto Mark fala de compaixão e ensinar muitas coisas (Marcos 6.34). Matthew outros lugares combina ambas as idéias. Quando Jesus viu as multidões dispersas, como ovelhas sem pastor, ele teve compaixão por eles. Ele percorriam as cidades "ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando todas as doenças e enfermidades" (Mt 9, 35-36).

Persistência

A dimensão final do amor de Deus é a persistência. A palavra hebraica aqui é עֲרֵךְ ('Erek' appayin - Êxodo 34: 6) e grego é μακροθυμία (makrothumia, lento para a cólera). Lemos sobre a persistência de Deus no Salmo 86:15; Romanos 2: 4; 09:22; 1 Pedro 3:20 e 2 Pedro 3:15. Nestes versículos Deus é representado segurando o julgamento para continuar a oferecer a salvação e graça por longos períodos de tempo.

A longanimidade de Deus manifestado em particular com Israel, como um sinal de lealdade para com eles. Os israelitas se rebelaram repetidamente contra o Senhor, querendo voltar para o Egito, rejeitando a liderança de Moisés, fazendo ídolos para adorar, adquirindo as práticas de aldeias vizinhas e se casar com pessoas. Deve ter havido momentos em que o Senhor estava tentado a abandonar o seu povo. Mesmo os hititas ou moabita deve parecer uma opção melhor então. A destruição em grande escala de Israel como uma inundação teria sido mais apropriado, mas Deus não separá-los.

Mas a paciência de Deus não se limita a Israel. Peter (1 Pedro 3:20) sugere ainda que a inundação foi adiada para propiciar a oportunidade de salvar aqueles que foram eventualmente destruídos. Falando no dia da grande destruição, Pedro também sugere que a segunda vinda é adiada pela paciência de Deus. Você não quer que "nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pedro 3: 9).

Uma vez que Pedro veio a Jesus (em nome dos discípulos, sem dúvida) e perguntou quantas vezes ele deveria perdoar um irmão que havia pecado contra ele: sete vezes? A resposta de Jesus a Pedro, que tem sido interpretado como "77 vezes" ou "490 vezes", indica a natureza persistente, incessante de amor que deve caracterizar os seguidores do Senhor. O próprio Jesus mostrou que o amor persistente com Peter. Quando Jesus disse que ele iria negar o seu Senhor, Pedro protestou energicamente. Embora todos negar Jesus, ele nunca faria. Jesus advertiu-o não só negá-lo uma vez, mas três, uma profecia foi cumprida em breve. Peter saiu e chorou amargamente depois que ele negou conhecer Jesus. Mas Jesus perdoou Peter desta vez, como tinha feito com muitas outras falhas. Na verdade, o anjo no túmulo chamado as três mulheres para dizer aos discípulos *ea Pedro* que Jesus foi para a Galileia, onde fariam (Marcos 16: 7). A lealdade e paciência de Deus se expressa, não deixando outros crentes que pecaram e falharam, Moisés, Davi, Salomão e muitos outros.

Tal como acontece com os outros atributos de Deus, o amor também deve caracterizar o crente. Jesus deixou isso claro. Ele disse cumprindo seu comando seus seguidores permaneço no seu amor. E este mandamento: "Amai-vos como Eu vos amei" (Jo 15,12).. Além disso, quando ele enviou seus discípulos e disse: "De graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10: 8). Ele os ensinou a orar: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (Mateus 6:12). E ele contou a parábola do servo desaprovação que tinha sido perdoado um monte de dinheiro, mas depois se recusou a perdoar uma dívida pequena para um conservo (Mateus 18: 23-35). Juan insistiu que a ausência de atos de interesse prático em uma pessoa é uma indicação de que a alegada experiência cristã não é genuíno e que o amor de Deus não está nele (1 Jo 2: 7-11; 3: 11-18.).

O amor ea justiça de Deus: Um ponto de tensão?

Temos tentado muitas características de Deus, sem esgotá-los de qualquer forma. Mas o que sobre as relações entre eles? Deus é suposto ser uma personalidade unificada e integrada que é um todo harmonioso. Então, não deve haver tensão entre os diferentes atributos. Mas é realmente assim?

Um potencial ponto de tensão é geralmente na relação entre o amor de Deus e Sua justiça. Por um lado, a justiça de Deus parece dura, exigindo a morte daqueles que o pecado. Este é um Deus duro e feroz. Além disso, Deus é misericordioso, bondoso, perdoador, paciente. Será que estas características não entrem em conflito uns com os outros? Portanto, não há tensão interna na natureza de Deus?

Se começarmos com a suposição de que Deus é um ser integrado e atributos divinos são harmoniosas, definir os atributos dependendo uns dos outros. Portanto, a justiça é a justiça e amando o amor é um amor só. A idéia de que poderia haver um conflito entre os dois pode ter surgido a partir de definições isoladas desses atributos. Embora o conceito

de amor de secção justiça, por exemplo, pode ser derivado de fontes externas, não é um ensinamento bíblico.

O que estamos dizendo é que o amor não é totalmente compreendido, a menos que ver com a justiça. Se o amor não inclui justiça, é sentimentalismo simples. A abordagem que define o amor como algo que dá o que outra pessoa quer é antibíblico. Colide com dois obstáculos: (1) dar a alguém o que ele iria se sentir bem em um ponto não poderia ser mais do que satisfazer o capricho da pessoa: tal ação não precisa ser necessariamente correto. (2) Esta é geralmente uma reação emocional a uma pessoa ou situação imediatamente nas proximidades. Mas o amor é muito mais amplo: a justiça envolve necessariamente uma noção do que é certo ou errado e abrange toda a humanidade. Como demonstrado com sucesso Joseph Fletcher, a justiça é distribuída simplesmente amor. É o amor aos nossos vizinhos, temos perto e de longe no espaço e no tempo. Justiça significa que você deve sempre mostrar o amor, mas não em um estado de necessidade imediata tão vívido e convincente. Amor, no sentido bíblico, não é meramente para agradar a alguém que está perto. Em vez disso, ela também implica inerentemente justiça. Isto significa que haverá a preocupação com o bem-estar de toda a humanidade, uma paixão por fazer a coisa certa e aplicar consequências adequadas para a ilegalidade.

Na realidade, o amor ea justiça têm trabalhado juntos como Deus lidou com a raça humana. A justiça de Deus exige que há um preço para o pecado. No entanto, o amor de Deus quer humano novamente estar em comunhão com ele. A oferta de Jesus Cristo como expiação pelo pecado mostra que a justiça eo amor de Deus foram mantidas. E realmente não há tensão entre os dois. Há apenas o estresse, se a nossa visão do amor exige a Deus para perdoar o pecado sem pagar qualquer preço. Mas isso é pensar em Deus de uma maneira diferente do que realmente é. Além disso, a oferta de Jesus Cristo como expiação mostra mais amor de Deus com indulgência simplesmente libertar as pessoas das consequências do pecado. Para cumprir com a administração imparcial da lei, o amor de Deus foi tão grande que deu o Seu Filho. O amor ea justiça não são dois atributos separados competindo uns com os outros. Deus é justo e amoroso, e dá o que ele exige.

A melhor maneira de investigar os atributos de Deus

Ao lidar com os atributos de Deus, temos tentado evitar a maneira especulativa que, por vezes, tem caracterizado a teologia no passado. Os atributos de Deus foram analisados de uma forma muito abstrata. Mas a Bíblia não fala de Deus como se fosse um computador infinito. Em vez disso, as imagens usadas são de concreto e quente. Ele representa Deus como um pai, um pastor, um amigo. É particularmente instrutivo examinar como ele representa Deus nos Salmos. Há os diferentes atributos de Deus são descritas como se manifesta nas circunstâncias concretas da vida do crente.

A melhor maneira de investigar os atributos de Deus, então, é examinar as demonstrações das Escrituras com cuidado e tirar conclusões razoáveis a partir deles. Os escolásticos a desenvolver a sua teologia natural, por outro lado, três métodos especulativos utilizado para deduzir os atributos de Deus. O primeiro método (causalidade) implícita investigar a natureza do mundo e atribuir a Deus as qualidades necessárias para fazer com que os efeitos observados. Ele foi removido da idéia de Deus todas as imperfeições encontradas em seres humanos e atribuir a Deus a perfeição em frente no segundo método (a negação). O terceiro método (eminência) era levar as qualidades positivas de humano e aplicar sua forma superlativa de Deus, assumindo que Deus é a fonte dessas qualidades positivas e, sendo infinito, deve ter uma infinitamente o que só os humanos parcialmente que possuem. Mas essas abordagens assumir as coisas que podem levar a um resumo ou isoladas atributos individuais contra a qual anotou anteriormente e, portanto, levam a conclusões conflitantes tratamento.

O tratamento bíblico dos atributos de Deus não é algo especulativo, mas prático. Existe uma ligação vital entre o que é Deus eo que ele faz, entre seus atributos e

ações. Os atributos de Deus são revelados em suas ações muitas vezes para que ele faz é um indício de que se trata. Além disso, os atributos revelados na Bíblia são uma indicação de como ele vai agir. As ações de Deus não são espontâneas, irregular e arbitrário. Decorrentes da sua natureza. Por isso, eles são consistentes e confiáveis. Podemos relacionar com Deus governar corretamente nossas ações de acordo com o que as Escrituras nos dizem sobre o que Deus é. Além disso, o conhecimento da natureza de Deus torna-se um meio para um auto irrealista. A santidade de uma única completa e corretamente avaliado quando medido de acordo com o padrão de santidade perfeita, que é Deus. Nós já indicaram esta em falar do encontro de Pedro com Jesus em Lucas 5. Finalmente, as qualidades de Deus, na medida em que eles também são qualidades humanas (por exemplo, onipresença, etc.), são a motivação e incentivo para para viver corretamente. Eles são o modelo de santidade para o cristão.

Se entendermos plenamente quem eo que Deus é, o veremos como o ser supremo. Faremos o Senhor, o que você precisa para agradar e cuja vontade deve ser cumprida. É preciso lembrar isso hoje, porque nós tendemos a gastar um teocêntrica a uma ordem ordem antropocêntrica em nossa vida religiosa. Isto leva a que se poderia chamar "teologia invertida." Em vez de ver Deus como nosso Senhor, cuja glória é o valor supremo e cuja serão atendidas, consideramos que é nosso servo. Esperamos que atende a todas as nossas necessidades e responder a nossos padrões do que é certo e errado. Temos de aprender com Samuel, cuja resposta ao chamado do Senhor foi: "Fala, porque o teu servo ouve" (1 Samuel 03:10). Ele viu isso como uma oportunidade de falar com o Senhor de suas preocupações, dizendo: "Olha, Senhor, o teu servo está falando." Quando adotamos esta segunda abordagem, estamos fazendo Deus. Nós assumimos que sabemos o que é certo eo que é melhor. Ao fazer isso, estamos assumindo uma grande responsabilidade para guiar nossas próprias vidas. Mas Deus é quem sabe o que é melhor a longo prazo. Ele é o Deus amoroso e poderoso. Ele nos criou, e não nós para ele, e existe para Sua glória, não a nossa ele. Vamos enfrentá-lo no julgamento final, não ele antes de nós. Se entendermos a verdadeira natureza de Deus, com Jesus a nossa principal preocupação quando rezar não vai alcançar os nossos desejos. Pelo contrário, é: "Santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Tua será feito, como no céu, assim na terra. "

15. A proximidade e distância de Deus, imanência e transcendência

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Resumir a base bíblica para a imanência ea transcendência de Deus.
- Comparar e contrastar as versões modernas de immanentism com a visão bíblica.
- Identificar pelo menos cinco implicações da idéia bíblica de imanência que afetam nossa compreensão e prática.
- Listar e descrever os modelos históricos da transcendência.
- Comparar e contrastar as implicações da imanência e transcendência e mostrar que colocam a ênfase em uma dessas doutrinas acima do outro pode causar problemas.
- Identificar seis implicações da idéia bíblica de transcendência que afetam a nossa crença e prática.

Resumo do capítulo

A Bíblia ensina que Deus é imanente e transcendente. Deus está presente e ativo em sua criação, mas está acima de tudo e independente criado. Estas ideias bíblicas devem ser mantidos em equilíbrio. A tendência para enfatizar um ou o outro leva a uma falsa concepção de Deus. Embora eles não são atributos de Deus como tal, que afectam tanto a sua grandeza e sua bondade. Em compreender essas doutrinas produziram implicações práticas significativas.

Questões de estudo

1. Quais as dificuldades que surgem quando também destacar imanência ou de transcendência?
2. Como você descreveria e criticar as idéias do século XX na imanência de uma perspectiva bíblica?
3. Como passagens bíblicas ajudar a evitar uma idéia panteísta imanência de Deus?
4. Em que medida idéia liberal clássica de imanência que prevalece na sociedade de hoje, especialmente em círculos cristãos?
5. Como você distinguir entre o modelo tradicional de transcendência, o modelo de Karl Barth, eo modelo de Søren Kierkegaard?
6. Como você avalia o modelo histórico da teologia da esperança?

Imanência

- A base bíblica
- Versões modernas de immanentism
 - O liberalismo clássico
 - Paul Tillich
 - A teologia da morte de Deus
- Implicações da imanência

Transcendência

- Base de bíblica
- Todos os modelos de transcendência
 - O modelo tradicional
 - O modelo de Karl Barth
 - O modelo não-espacial de Søren Kierkegaard
 - O modelo histórico da teologia da esperança
- Implicações da transcendência

Uma outra consideração geral em relação à natureza de Deus é o par de conceitos tradicionalmente chamados de transcendência e imanência. Esses conceitos se relacionam com a relação entre Deus eo mundo criado, não em termos de ações específicas no que diz respeito ao universo, mas na medida em que ele está presente e ativo no universo (imanência), em oposição a ausentar ou longe ele (transcendência).

Estas duas ideias bíblicos deve ser equilibrado. Isto pode ser conseguido se o melhor negócio em conjunto. A este respeito, eles são como o amor ea justiça de Deus, em que deve ser dada uma compreensão correta para o outro. Quando destaca um por cima do outro, a concepção teísta ortodoxo é perdida. Quando imanência está estressado, perdemos o conceito de um Deus pessoal. Quando enfatizamos a importância, perdemos o conceito de um Deus ativo. A posição que tomamos com relação às práticas de imanência e transcendência definido tem implicações tanto para o estilo de vida cristã como para a realização de nosso ministério.

Imanência e transcendência não devem ser considerados atributos de Deus. Em vez disso, esses conceitos estão relacionados a cada um dos vários atributos de grandeza e bondade de Deus. Alguns desses atributos, inerentemente mais provável expressar transcendência e imanência outros de Deus; mas, em geral, transcendência e imanência deve ser considerada como um indicativo de como Deus, em todos os seus atributos, se relaciona com o mundo.

Imanência

A base bíblica

Por imanência entendemos a presença ea atividade de Deus na natureza, na natureza humana e da história. Há uma longa série de referências bíblicas relevantes de diferentes tipos. Jeremias 23:24 destaca a presença de Deus no universo: "Pode alguém esconder, diz O SENHOR em lugares secretos que eu não o veja? Não eu, diz O Senhor, o céu ea terra ", Paulo disse aos filósofos no Areópago:" todavia, não está longe de cada um de nós, pois nele vivemos, nos movemos e existimos ;? Como alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos sua linhagem "(Atos 17: 27-28.).

Há também passagens que sugerem que o espírito de Deus cria e / ou sustenta todas as coisas; tudo depende dele. O livro de Jó inclui várias referências ao espírito que habita e sustenta ou sopro de Deus: "Todo o tempo minha respiração está em mim e o espírito de Deus no meu nariz" (27: 3); "O Espírito de Deus me fez, eo sopro do Todo-Poderoso me dá vida" (33: 4); "Se ele colocou o homem em seu coração e seu espírito e retirar a respiração, todos os seres humanos perecer juntos eo homem voltaria para o pó" (34: 14-15). Da mesma forma Salmo 104: 29-30 enfatiza a dependência que a natureza é Deus: "Você esconde seu rosto, e ficam perturbados; Você tira a respiração, morrem, e voltam ao pó. Enviai o vosso Espírito, eles são criados e você renovar a face da terra. "A criação recontando Genesis, é claro, coloca um ênfase especial no envolvimento de Deus no ato criativo. Em Gênesis 1: 2, representa o Espírito de Deus se movendo sobre a face das águas. Em 2: 7, lemos que Deus soprou no homem o fôlego da vida eo homem se tornou um ser vivente. Isaías 63:11, Micah 3: 8 e Ageu 2: 5 diz o Espírito de Deus está dentro e entre os seus povos. Há também referências que sugerem que o que acontece na natureza é devida a Deus e está sob seu controle. Enviando o sol ea chuva, alimentar e proteger os pássaros, as flores são todas as ações atribuídas a vestir o Pai (Mateus 5:45, 6: 25-30; 10: 29-30).

Estas passagens enfatizam a atividade de Deus para os padrões normais da natureza. Ele é o Deus da natureza, a lei natural. Mesmo eventos naturais que são normalmente considerados deve ser vista como a obra de Deus, porque a natureza e Deus não são tão separados como muitas vezes nós pensamos. Deus está presente em toda parte, não só nos eventos espetaculares ou incomuns. Ele está no trabalho dentro de indivíduos e, portanto, instituições e movimentos humanos. Não desenhe muito grandes lacunas entre Deus e homem ou entre Deus eo mundo.

Quanto mais ela se desenvolve e enfatiza o conceito de imanência de Deus, mais ele tende a uma visão panteísta, em contraste com o teísmo. Deus torna-se menos pessoal, menos alguém que eu possa ter um relacionamento pessoal. Embora imanência de uma forma bastante extremo ao panteísmo parece, ainda há uma diferença entre eles. De acordo com a visão de que Deus é imanente, a natureza não tem estatuto independente. Como assinalou recentemente, não transcende a natureza de Deus. Portanto, a menos que Deus natureza, igual a nada. No entanto, Deus tem estatuto independente da natureza. Então Deus natureza menos igual a alguma coisa. No panteísmo, a natureza, a menos que Deus é igual a nada, mas Deus a menos que a natureza também é igual a nada. Ele não tem estatuto independente. A criação, no sentido

tradicional não tem lugar dentro do esquema panteísta, uma vez que, de acordo com o panteísmo, Deus não poderia ter existido antes da criação da ordem natural.

Versões modernas de immanentism

O liberalismo clássico

Vários movimentos liberais do século XX colocar uma forte ênfase na imanência divina. O liberalismo clássico, em diferentes graus, acredita que Deus é imanente no mundo. De longe, a diferença entre o fundamentalismo eo liberalismo é uma diferença na visão de mundo. O conservador opera com um supernaturalism definido Deus reside fora do mundo e intervém regularmente no processo natural por milagres. O conservador acredita que a realidade leva mais de um nível. Além disso, a tendência liberal de ver a realidade como um único nível. Não há reino sobrenatural fora do alcance natural. Deus está dentro natureza, não para além ou fora dela.

Embora o liberalismo não é o naturalismo, tem tendências semelhantes, tendendo a ver Deus no trabalho e não unicamente por processos naturais através de descontinuidades radicais com a natureza (milagres). O liberal é feliz aceitar a evolução como um exemplo de como Deus está trabalhando. Na evolução é que Deus cumpre seu propósito através de meios naturais. De acordo com o liberalismo, nada é secular, porque Deus está no trabalho em todos os lugares e através de tudo o que acontece. Friedrich Schleiermacher, por exemplo, viu milagres em todos os lugares. "Miracle", disse ele, "é palavra evento simplesmente religiosa. Cada evento, inclusive o milagre mais natural e normal, torna-se como o ponto de vista dominante é religioso."⁵

Enquanto o conservador vê a obra de Deus, principalmente em eventos extraordinários ou especiais, o liberal vê a obra de Deus em todos os lugares. O nascimento virginal é importante para o conservador que o vê como um teste da obra especial de Deus. O liberal, além disso, respondeu: "É o nascimento virginal um milagre? Todos nascimento é um milagre. "Os conservadores do final do século XIX e início do XX resistiram vigorosamente contra a teoria darwiniana da evolução, porque parecia supérfluo criação teísta. Para o liberal, no entanto, este não foi o caso. Evolução não exclui a atividade divina; o pressuposto. O conservador defendeu que o universo deve ter uma única causa, ou Deus fez-lo (mais ou menos diretamente) ou fez as forças naturais de evolução. No entanto, para o liberal, as frases: "Deus criou o universo" e "o universo existe por meio da evolução" não são de todo incompatíveis.⁷ O pressuposto aqui foi que a natureza e Deus não são tão diferentes quanto se pensava .

Este conceito, aplicado em diferentes graus, teve um impacto interessante em diversas áreas da doutrina. A definição de revelação, por exemplo, tornou-se mais difundida. Em uma forma extrema, como Schleiermacher, a revelação é qualquer caso de percepção consciente. Portanto, a Bíblia é um livro que contém as revelações de Deus para a humanidade é. Como tal, no entanto, não é especial; ou seja, ele não é qualitativamente diferente de outras obras de literatura religiosa ou literatura religiosa ainda não é considerada. Isaías, o Sermão da Montanha, Platão, Marco Aurelio, Carlyle, Goethe, todos os veículos são revelação divina. Qualquer verdade, não importa onde você esteja, é uma verdade divina. Esta posição praticamente elimina a distinção tradicional entre revelação especial e geral. Outros sustentam que há uma distinção entre a Bíblia e outra literatura, mas têm enfatizado que é uma quantitativa ao invés de distinção qualitativa. Deus trabalha através de muitos canais da verdade, mas em um grau maior, talvez em um grau muito maior, pelos autores da Escritura.

O liberalismo também conseguiu reduzir a diferença entre Deus ea humanidade. Ortodoxia tradicional acha que Deus criou os seres humanos à sua própria imagem, mas eram completamente diferentes de Deus. A humanidade, em seguida, caiu e tornou-se pecador. Liberalismo, por outro lado, diz que a própria natureza humana contém Deus, uma centelha do divino. Liberais não acreditam que a natureza original do

homem foi corrompida; em vez disso, eles consideram que os homens são inerentemente bom e capaz de um maior desenvolvimento. O que é necessário é uma transformação radical por uma graça externa, mas o desenvolvimento do potencial humano divino, a ampliação da presença divina interior. O que se busca é aumentar os pontos fortes, ideais e aspirações da raça humana, não uma alteração sobrenatural. Os seres humanos não precisa de uma conversão, uma mudança radical de direção. Eles precisam de inspiração, uma visão do que eles podem se tornar. A velha natureza é a humanidade totalmente corrupto. É simplesmente uma afinidade com o reino animal e um auto-orientação que tem de ser ultrapassado.

Consequentemente, acredita-se que a ação divina ocorre em grande parte por movimentos na sociedade. O mundo inteiro pode ser cristianizada pela transformação das estruturas da sociedade. Deus pode ser tão ativa dentro de um determinado partido político ou organização social e dentro de uma denominação cristã. Mesmo as políticas agressivas que levam à guerra são vistos como um meio através do qual Deus realiza Seus propósitos.

O liberalismo também mudou a visão tradicional da pessoa e obra de Jesus Cristo. Ortodoxo ou o cristianismo conservador insistiu que Jesus foi qualitativamente diferente de todos os outros seres humanos. Ele tinha duas naturezas: divina e humana. Com o movimento para sintetizar as naturezas divina e humana em um, o carácter distintivo de Jesus é minimizada. Jesus era diferente de outros seres humanos apenas em grau, não em espécie. Ele era o homem mais sábio de Deus, que descobriu mais profundamente a Deus, ou a pessoa que Deus viveu mais plenamente. Quando, em uma série de diálogos ecumênicos rádio quais participei, alguém apontou que Jesus era único, um teólogo processo disse: "Jesus única? Cada ser humano é único! "Se Deus é imanente na humanidade, é inerente a todas as pessoas na mesma direção. Embora possa haver uma diferença quantitativa na presença de Deus em diferentes indivíduos, existe uma diferença qualitativa na forma da sua presença, mesmo em Cristo.

Paul Tillich

Outra versão da imanência é Paul Tillich, que se viu em muitos casos, na fronteira entre os diferentes tipos e movimentos. Em particular, viu-se ocupando uma posição intermediária entre o liberalismo eo neo-ortodoxia. Sua idéia mais marcante era a sua doutrina de Deus. Deus não é *um* ser, mesmo o maior dos seres; Ele é o próprio ser, ou a base do ser, de alimentação interna ou força que faz com que tudo o que existe. Portanto, apesar de existirem todos os seres finitos, Deus não existe. Embora isso possa soar como uma declaração depreciativa a respeito de Deus, não é. Alguns acreditavam que Tillich era um ateu porque ele disse que Deus não existisse. Há até uma história que quando Tillich lecionava na Escola de Divindade de Harvard, a esposa de um membro de outro departamento da universidade pediu para ser demitido. Porque ela ensina um ateu na faculdade de teologia parecia uma contradição. Mas a declaração de Tillich que Deus não existe não era uma declaração depreciativa; Foi um elogio. Quando disse que Deus não existisse, Tillich significava que Deus *não só* existe, Deus *é*! Existem seres finitos; Deus *é*, e é a base para a existência de tudo o que existe.

Embora Deus está presente em tudo o que não é você pode combinar com tudo o que é. Portanto, o ponto de vista não é Tillich panteísmo, mas sim Panentheism. Não é preciso dizer que para Tillich Deus e tudo o que existe são idênticos; em vez disso, para Tillich Deus ele está em todas as coisas. Se alguém chuta uma árvore ou uma pedra, não pode dizer: "Eu chutei Deus". Mas poderia dizer. "Ele chutou algo que é Deus" a relação de Deus com toda a objetos finitos do mundo é algo como o relacionamento com a seiva da árvore. Ela não é a árvore, mas é a força de vida da árvore, a base da vida. Portanto, Deus é o princípio de ser de tudo o que existe.

Mas se Deus é a base da existência de todos os objetos, você não vai ser conhecido através de um conhecimento superficial de um objeto ou conjunto de objetos. É a profundidade de tudo o que é, a força interior profundo que faz com que as coisas sejam um pouco não ser. Então aqui está uma espécie de transcendência, pouco convencional na natureza. Deus não está fora de objetos. É profunda dentro deles. Quando você experimenta algo em profundidade, ele está experimentando o Deus transcendente. A relação profunda com outra pessoa é uma experiência da transcendência de Deus. Em tal situação, uma está ciente de que a base do nosso próprio ser é o mesmo que o da outra pessoa. Você pode ter uma experiência semelhante com os seres humanos que não são animais, plantas, natureza inanimada. Ao conhecer os objetos além de sua aparência superficial, estamos nos relacionando com Deus.

Se o sistema de Tillich dá um deus pessoal é por vezes levantada. Tillich a mesma resposta se a pergunta é: "Deus é uma pessoa", a resposta deve ser não. Deus não é uma pessoa, da mesma maneira que não é um ser. Mas é a base da personalidade. É a base ou causa da personalidade humana. É o que nos faz indivíduos. E nesse sentido é pessoal. Sempre que nós experimentamos ou contactado personalidade, encontramos Deus, porque ele é a causa de toda a personalidade. Mas não é uma entidade com a qual se pode ter um relacionamento pessoal. Não podemos conhecer a Deus como Deus. Nós só pode reunir-se para conhecer um outro ser. Não podemos conhecer a Deus em um relacionamento pessoa-a-pessoa.

Um dos problemas que surgem quando se examina mais de perto a visão de Tillich é a aparente falta de qualquer coisa parecida com louvor tradicional ou oração. Tillich reconheceu no final de sua vida que já não orava. Só que ele meditava. Nós não encontramos nele o tipo de comunhão pessoal que é visto no fundo do cristianismo e os Evangelhos mostram que Jesus praticou e recomendou. Quando os escritos de Tillich são lidos, o sentimento cresce, que não é a piedade cristã ou cristão a Deus o que está sendo discutido. Na verdade, em muitos aspectos, um livro como *a coragem de ser* Tillich parece ter mais em comum com o hinduísmo com o cristianismo histórico.

Além disso, é questionável que o ponto de vista de Tillich vir necessariamente do seu método. Ele trabalha com o que é chamado o método de correlação. Depois de analisar a questão cultural, filosófica que a teologia dá uma resposta é formulado. Em outras palavras, as respostas oferecidas pela teologia estão correlacionados com as questões levantadas pela cultura. A questão básica surge em quase todas as situações culturais, é a questão do ser, maneira planteémosla: "Por que existe algo em vez de nada?" Em resposta, Tillich oferece a base do ser. Não é algo que existe dentro de todos o poder de ser o que faz ser o que é. Mas será que é necessário para responder a essa pergunta dessa maneira? A resposta ortodoxa é que Deus é o poder de ser, mas é também um ser, mas um ser supremo e ilimitado, é claro. Quando perguntado por que há algo que Deus é uma resposta tão eficaz como é o fundamento do ser de Tillich. Na visão tradicional, Deus é o Criador, independente e separada de todas as coisas; Ele dá vida a todas as coisas. Esta visão permite uma criação genuína, como a existência de Deus não é dependente de qualquer outra coisa. Ele é, em si e por si. A vista de Tillich, por outro lado, restringe o ser de Deus para a existência de todos os outros seres.

A teologia da morte de Deus

Um terço do movimento do século XX que enfatizou a imanência de Deus é a teologia da morte de Deus. Embora existam muitas nuances na expressão "a morte de Deus", o que se entende é que Deus de uma só vez existiu como transcendentally Thomas Altizer chamado a ser primordial. No entanto, durante um período prolongado de tempo, Deus abandonou esse estatuto separado e transcendente e imanente tornou-se na natureza e da raça humana. Através de uma série de passos de Deus, ele tornou-se identificado com a humanidade. Este processo foi concluído na pessoa de Jesus. Com sua vinda à terra, Deus

tornou-se o mundo de forma irrevogável. A morte de Deus era, portanto, como um suicídio Deus primordial, ou seja, um abandono voluntário do seu estatuto primário. Deixou de ter uma existência para além de seres humanos. Com a vinda de Jesus, começou um processo de difusão da natureza divina, e agora é encontrada em humanidade. Então, agora nós vemos Jesus em cada uma das pessoas da raça humana. Como o próprio Jesus disse, ele pode ser encontrado em nossos companheiros humanos. As obras de misericórdia e amor que fazem os outros ser feitas a ele (Mt. 25: 31-40). Como William Hamilton disse: ". Jesus está no mundo turva" Nós o encontramos escondido atrás das faces de todos os seres humanos.

Com a disseminação da natureza divina, a linha entre o sagrado eo secular foi eliminada para fins práticos. Tradicionalmente, você tinha que encontrar Deus em práticas religiosas distintas, tais como adoração, oração e meditação. Já não encontramos Deus nestas actividades. Estas práticas têm praticamente nenhum sentido agora. Se recapturar o sentido de Deus, é tão provável para torná-lo através da participação no movimento dos direitos civis, como a oração em uma catedral, talvez até mais do que o primeiro caminho.

Como no caso do liberalismo e Tillich, a teologia da morte de Deus tende a abandonar a dimensão pessoal da experiência religiosa. Hamilton, em um discurso sobre a agenda inconclusa para a teologia da morte de Deus, disse que o estado de louvor e oração é problemática.

Este movimento, então, é pouco mais do que um humanismo colocada no contexto de símbolos e arquitetura religiosa. O tamanho de um Deus pessoal e transcendente é tão perdido que há pouca base para a identificação de uma experiência religiosa se não fosse o fato de ter um caráter místico. Além disso, a ética cristã praticada aqui tem muito pouca base ideológica. Os princípios doutrinários que uma vez serviram de base para a prática ética foram perdidos; só resta a superestrutura da ética, talvez um vestígio emocional do passado.

Neste ponto, devemos salientar que a Bíblia confirma a imanência de Deus, mas dentro de limites definidos. Quando esses limites são ultrapassados, os problemas surgem. Por um lado, é difícil distinguir a obra de Deus em tudo, até mesmo a atividade demoníaca no mundo e na sociedade. Karl Barth observado isso em dois momentos diferentes. Durante a Primeira Guerra Mundial, alguns cristãos alemães identificaram a política de guerra Kaiser Wilhelm de como a obra de Deus para cumprir seus propósitos. Então, em 1930, alguns cristãos considerou a política de Adolf Hitler e do nazismo como a atividade de Deus no mundo. Em cada caso, a suposição de que tudo o que acontece é a vontade de Deus levou a crentes sinceros de aceitar e apoiar o que foi realmente mal e anticristão. Esse é um dos perigos de exagerar a imanência de Deus. Se Deus é totalmente imanente na criação e na história, não existe um padrão objetivo externo para a avaliação ética. Ao enfatizar muito a imanência à custa da transcendência, Deus torna-se quase um rótulo para as aspirações, ideais e os mais altos valores humanos. Edward Scribner Ames diz que Deus é como a alma mater ou o Tio Sam.²³ Certamente isso não é o que tradicionalmente tem sido chamado cristianismo.

Além disso, como indicado acima, a dimensão pessoal de Deus é perdida. Você não pode obter uma comunhão, uma relação de reciprocidade com um Deus completamente imanente. Atividade religiosa torna-se nada mais do que uma versão para vários tipos de atividade social. Embora Jesus disse: "Como você fez isso a um dos meus irmãos, a mim o fizestes" (Mt. 25:40), ele disse que esta é a *apenas* meio de demonstrar amor. Embora o segundo grande mandamento é "amar os outros como a si mesmo," este mandamento não substitui ou totalmente satisfazer o primeiro: ". Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e com toda tua mente"

Implicações da imanência

Divina imanência grau limitado ensinado nas Escrituras traz várias implicações:

1. Deus não é obrigado a agir diretamente para cumprir seus propósitos. Embora seja muito óbvio que Deus age quando seu povo orar e curas milagrosas acontecer, a obra de Deus também é visto como o conhecimento ea capacidade de obter um médico para curar um paciente. Medicina é parte da revelação geral de Deus e do trabalho do médico é um canal da atividade de Deus. É uma grande oração do cristão que sofre uma crise financeira e recebeu uma doação de dinheiro anônimo na resposta mail, mas também o trabalho de Deus que a pessoa tem a chance de trabalhar para o dinheiro que você precisa.

2. Deus pode usar pessoas ou organizações não declaradamente cristãos. Nos tempos bíblicos, Deus não se limitou-se a trabalhar através da nação da aliança, Israel, ou através da igreja. Ele usou até mesmo para a Assíria, uma nação pagã para punir Israel. Ele pode usar o nome de organizações secular ou cristã. Mesmo os não-cristãos fazem coisas boas e louváveis que contribuem para os propósitos de Deus para o mundo, mesmo que não assegura a salvação das pessoas que os fazem. Portanto, quando isso não comprometer a verdade bíblica, o cristão e da Igreja pode cooperar ocasionalmente com as organizações não-cristãs para cumprir parte do plano de Deus.

3. Devemos sentir apreço por tudo o que Deus criou. A natureza não é algo que não existe mais, algo que podemos saquear para nossos propósitos. Ele é Deus e Ele está presente e ativo nele. Embora a natureza tenha sido dada para os seres humanos para satisfazer as suas necessidades legítimas, não devem explorá-lo para seu próprio prazer ou ganância. A doutrina da imanência divina, portanto, tem aplicação ecológica. Ele também tem implicações em termos de vizinho. Deus é verdadeiramente presente em todos os (mas não com o sentido especial em que se encontra dentro dos cristãos). Portanto, você não deve desprezar ou tratar as pessoas de maneira desrespeitosa. Uma maneira de demonstrar nosso amor por Deus é carinhosamente tratar os demais integrantes do edifício em que vive e trabalha. Os ensinamentos de Jesus no grande discurso escatológico de Mateus 25 pode ser aplicado aqui em particular.

4. Nós podemos aprender sobre Deus desde a sua criação. Tudo o que existe foi criado por Deus e, além disso, ele habita ativamente. Portanto, podemos detectar dicas sobre como Deus está observando o comportamento do universo criado. Por exemplo, parece que você pode aplicar um padrão definido criação lógica. Há uma ordem, uma regularidade na mesma. Além disso, ficou provado que possamos entender melhor a natureza através de métodos racionais de investigação. Mas, certamente, haverá diferenças, aqui está uma base que impulsiona supor que Deus é ordenado e que será compreendida melhor com o uso criterioso de lógica. Aqueles que acreditam que Deus é esporádica, arbitrária e caprichosa na natureza e que suas ações são caracterizadas pelo paradoxo ou contradição ou não são fixos atentamente sobre o comportamento do mundo ou assumido de qualquer forma que Deus está trabalhando nisso .

5. A imanência de Deus significa que existem pontos em que o evangelho pode entrar em contato com o incrédulo. Se Deus está presente e ativo em certa medida, criado em todo o mundo, está presente e ativo nos seres humanos que cometeram suas vidas a ele. Portanto, há pontos a serem sensíveis à verdade da mensagem do evangelho, onde vão estar em contato com a obra de Deus. Evangelização é encontrar esses pontos e direcionar a mensagem para eles.

Transcendência

O outro aspecto da relação entre Deus eo mundo é sua transcendência. Com isto queremos dizer que Deus é separada e independente da natureza e da humanidade. Deus não só está vinculado ou envolvidos na sua criação. Também é superior a ele em vários aspectos significativos.

Base de bíblica

Várias escrituras afirmar o conceito de transcendência divina. É um tema particular do livro de Isaías. Em 55: 8-9, lemos que os pensamentos de Deus transcende a nossa: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos e os meus pensamentos que os vossos pensamentos. " "Em 6: 1-5 o Senhor é representado como "Sentado em um trono, alto e sublime "Seraphim dizendo:". Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos, "como uma indicação de sua importância, e acrescentou," toda a terra está cheia da sua glória! ", em referência à sua imanência. Isaías responde com uma expressão de sua própria impureza. Por isso, a transcendência de Deus sobre nós deve ser visto não apenas em termos de sua grandeza, poder e conhecimento, mas também de acordo com sua bondade, santidade e pureza. Isaías 57:15 também expressa a transcendência e imanência de Deus: "Porque assim diz o Alto eo Excelso, que habita na eternidade e cujo nome é Santo: 'habito no alto e santo lugar, mas também com o hábito espírito contrito e humilde, para vivificar o espírito dos humildes e para vivificar o coração dos contritos. " "

Lemos sobre a transcendência de Deus em outros livros da Bíblia também. Salmo 113: 5-6 diz: "Quem é como o Senhor nosso Deus, que está sentado no alto, que se humilha para olhar no céu e na terra" é descrito como aquele que "habita nos céus" Salmo 123: 1. Em João 08:23, Jesus faz uma distinção entre ele e seus ouvintes: "Vós sois de baixo, eu sou de cima; Vocês são deste mundo, eu não sou deste mundo ".

Todos os modelos de transcendência

A idéia da transcendência de Deus - a idéia de que Deus é um separado e superior ao resto do universo ser - é fundada sobre a Bíblia. Temos agora de nos perguntar qual é o modelo, qual a forma de expressão, pode melhor representar e comunicar esta verdade.

O modelo tradicional

Para os textos citados acima, é óbvio que a concepção bíblicos depende fortemente imagens espaciais. Você pode pensar em Deus como "aquele que é maior", "o que é acima" "alto e sublime." Não surpreendentemente, em um mundo onde o homem ainda não podia voar ou para fazê-lo em um tempo, ser expressa a superioridade em termos de elevação.

No entanto, hoje é difícil, se não impossível, para pessoas sofisticadas conceber a transcendência de Deus desta maneira. Há duas razões para esta dificuldade, que deriva da cultura geral e os outros teológico. Por um lado, a mera referência à "up" e "down" são inadequados hoje. Nosso conhecimento de que a Terra não é uma superfície plana e parte de um sistema heliocêntrico que por sua vez está dentro de um universo maior tem feito essa suposição é insustentável. Na verdade, o que para um americano é "para cima" é "baixo" para um australiano, e vice-versa. Portanto, não podemos tentar explicar a importância usando uma dimensão vertical. Falar de Deus "lá fora" e não "lá em cima" resolve este problema, mas não resolve o problema teológico.

O problema teológico tem a ver com a natureza de Deus. Como observado anteriormente (p. 297), a questão da situação espaço não é aplicável a Deus. Não é um estar físico; portanto, não tem dimensões espaciais da localização e extensão. Não faz sentido falar de Deus como se ele pudesse localizar em um determinado coordenadas astronômicas, ou como se ele pudesse alcançá-lo por fazer uma viagem longe o suficiente em uma nave espacial. É um espírito, não um objeto.

O modelo de Karl Barth

No século XX, UMA NOVA E IMPORTANTE SOBRE A TRANSCENDÊNCIA DE DEUS EM PENSAMENTO E CONCENTRAR O TRABALHO DE KARL BARTH, PARTICULARMENTE EM SEU TRABALHO MAIS CEDO E COM MAIS DESTAQUE EM SEU TRABALHO APARECE *Römerbrief* (Comentário sobre a Epístola aos Romanos). Neste trabalho, a ênfase é sobre o Deus desconhecido. Deus é totalmente outro, imensamente sobre o resto das divindades do mundo desde o tempo de Paulo e de todas as divindades criando pensamento moderno.

Deus não é um aspecto de seres humanos ou o melhor da natureza humana. Ela é separada da humanidade por uma distinção qualitativa infinita. Entre os humanos há uma centelha de parentesco com o divino, sem capacidade para produzir revelação divina, neles não há nada para se lembrar há uma semelhança de Deus. Com efeito, Deus não está envolvido na natureza ou condicionada por ela. Ele é livre de todas essas limitações.²⁷ Nenhum de nós realmente sabe. É oculto; pode não ser descoberto com o nosso esforço, nem verificado com nossos testes intelectuais, nem podemos compreender nossos conceitos. Barth ataque vigoroso todas as formas de teologia natural era uma expressão de sua crença na transcendência divina. A revelação vem apenas por iniciativa de Deus; e quando ele ocorre, não é feito pela cultura geral. Ela ocorre em linguagem Barth, verticalmente a partir de cima. O homem não pode de maneira alguma vez fazer o deus sua posse.

De acordo com muitos teólogos, incluindo Barth-se mais tarde, a primeira visão de Barth sobre o significado era extrema. Tomado na sua forma mais literal, parecia cortar praticamente qualquer possibilidade real de comunicação entre Deus ea humanidade. Havia muito grave uma distinção entre Deus ea humanidade, uma cultura de rejeição muito profundo. Mas essa era uma abordagem antropocêntrica muito necessário para a maior parte da correção immanentism século XIX. A questão para nós é se podemos expressar a transcendência de Deus de uma forma menos extrema que faz sentido no século xxi. Não há necessidade de tentar fazer com que a doutrina aceitável para as pessoas seculares do século XXI, MAS PELO MENOS NÓS PODEMOS FORNECER UM MODELO DE CRISTÃO CONTEMPORÂNEO PENSADO PARA DEIXAR CLARO QUE DEUS É ESPIRITUAL E METAFÍSICA AO CONTRÁRIO DOS HUMANOS E NATUREZA.

O modelo não-espacial de Søren Kierkegaard

O conceito de transcendência divina de Søren Kierkegaard teve muitas influências sobre Karl Barth. Embora existam alguns elementos extremos no pensamento de Kierkegaard, ele oferece realmente criativo para expressar a idéia de maneiras transcendência. Dois deles são o que Martin Heineken discutido sob os rótulos de distinção qualitativa dimensional e além.

Para distinção qualitativa entende-se que a diferença entre Deus e os seres humanos não é apenas uma diferença de grau. Deus não é apenas como nós, mas. Estamos em um tipo fundamentalmente diferente. Portanto, Deus não sabe que você pode tomar os melhores elementos da humanidade e ampliando-os. Para ser qualitativamente diferente, você não pode extrapolar Deus de idéias, personalidade humana ou caráter.

Salientando esta posição é a ideia de que as qualidades não pode ser reduzida para números. Sem acumulação de um montante adicional pode dar uma nova qualidade. Há uma diferença que pode não só de transferência aumenta. Por exemplo, se um toma algodão e refinar e, novamente, não se torna seda. Silk apenas algo diferente. Exemplos de adições simples que parecem resultar em novas qualidades são realmente ilusões. E assim é com as tentativas intelectuais para chegar a Deus (prova da existência de Deus) ou moralmente (salvação pelas obras). De vez em quando temos feito parecer, mas este sucesso é mais aparente do que real. Não podemos chegar a Deus pela adição de mais

informações ou mais obras, porque Deus é Deus, não é simplesmente uma forma superlativa da humanidade.

Se, como Barth, considerou-se o conceito de Kierkegaard sobre a distinção qualitativa entre Deus e os seres humanos como algo de infinito alcance, religião e teologia seria impossível, mesmo para Deus poderia fechar a lacuna e alcançar. Mas não é necessário fazer a distinção infinito para preservar a idéia de que a diferença entre nós e Deus é bom e não apenas de grau.

Outro aspecto útil do modelo é o significado de Kierkegaard além dimensional. Ele não é medida apenas em dimensões humanas que Deus é infinito. É também em uma dimensão diferente. É um pouco como a diferença entre uma figura em duas dimensões (plano horizontal) e uma figura tridimensional. No segundo caso, a dimensão adicionado (vertical) não apenas intercepta o plano horizontal, também transcende.

No entanto, o conceito de dimensão deve ser expandida. Deus está além de nós não dimensionalmente no sentido de outra extensão espacial, mas uma diferença qualitativa. Este é o sentido amplo de dimensão. Considere-se, por exemplo, o som é uma dimensão diferente da vista. A pergunta: de que cor é o meio C? Você não pode responder (embora uma resposta "certa" é branco, pelo menos no plano). A cor eo som são duas dimensões diferentes; Eles estão envolvidos duas maneiras completamente diferentes.

O conceito dimensional além nos permite pensar na imanência e transcendência juntos. Deus está no mesmo lugar que nós, mas temos acesso a ele de uma forma simples, porque ele está em uma dimensão diferente. É em um nível diferente ou em um campo diferente da realidade. Podemos servir como exemplos os diferentes sons em uma sala. A maioria deles não pode ser visto com audição normal. No entanto, se introduzirmos um receptor de rádio e marcar ajustar frequências, descobrimos uma grande variedade de sons. Estas ondas de rádio foram imanente no quarto, mas foram modulações de frequências de rádio indetectáveis pelo ouvido humano, sem ajuda. Da mesma maneira que Deus está perto de nós; sua presença e influência estão em toda parte. No entanto, uma vez que está em uma área da realidade espiritual, não podemos alcançá-lo por um simples movimento geográfico. A mudança de estado é necessário para fazer essa transição, uma mudança que normalmente significa morte. Portanto, Deus pode estar perto, tão perto e ainda assim estar longe de nós, como apontado por muitas referências bíblicas (por exemplo, Jer 23:23; Ef. 4: 6).

O modelo histórico da teologia da esperança

Um recente desenvolvimento teológico que também se estende para a nossa compreensão da transcendência é a teologia da esperança. Em vez de pensar sobre a relação de Deus para o mundo de uma forma cosmológica, a teologia da esperança através de um modelo histórico. A transcendência de Deus é escatológico, não espaço. Ele não vive no passado e trabalhar a partir de eventos passados. Também não é única imanente nas actuais situações. Ao contrário, ele aparece na fronteira da vida com a sua abertura para o futuro. Embora alguns aspectos dessa teologia sugere que Deus ainda não é tão completa como descrito na Bíblia, ainda estamos diante de um Deus transcendente no sentido de viver e de agir que nós ainda não ter sido. A diferença entre Deus e os seres humanos não é uma mudança de local (daqui para lá), mas a diferença no status (a partir de agora para depois, do presente para o futuro). Embora essa teologia é correta em termos da ênfase na transcendência histórica de Deus, o seu significado cosmológico ou metafísica não deve ser ignorado.

A maioria das discussões sobre a transcendência divina têm-se centrado sobre a importância de Deus no espaço. No entanto, a física de Einstein vê a realidade não gosta das três dimensões espaciais mais o tempo, mas como um espaço universo - tempo de quatro dimensões, onde o tempo eo espaço estão ligados entre si. Se este for o caso, a relação de Deus com o tempo, pelo menos como a experiência deve entender-se ao lado

de sua relação com o espaço. Como Deus não é simplesmente longe no espaço, mas em uma dimensão totalmente diferente da realidade, deve-se entender que é "fora" do tempo (obviamente uma metáfora espacial). Uma objeção a essa visão é que um Deus que está fora do tempo não pode agir a tempo, ou para saber qual é a hora (ou seja, o que está acontecendo agora). No entanto, a transcendência do espaço de Deus não impede a agir dentro do espaço ou sabe onde algo está acontecendo. Parece que os paralelos nos levar para ver Deus como atemporal ontologicamente falando, mas a influência dentro do tempo.

Implicações da transcendência

A doutrina da transcendência tem várias implicações que afetarão nossas outras crenças e práticas.

1. Existe algo maior do que os humanos. A humanidade não é o melhor no universo, e é a maior medida da verdade e valor. O bom, a verdade eo valor não são determinadas pelo fluxo de este mundo em mudança e da mente humana. Não é algo que nos dá coragem de cima. O valor do ser humano não é que eles são os produtos mais avançados do processo evolutivo até agora, mas o ser supremo eterno fez à sua imagem e semelhança. É a nossa estimativa de nós mesmos, mas o julgamento do Deus santo que nos dá coragem.

2. Deus nunca inteiramente ser capturado em conceitos humanos. Isto significa que todas as nossas idéias doutrinárias, por mais úteis e que são basicamente correta, não pode cobrir totalmente a natureza de Deus. Ele não se limita a nossa compreensão dele. Nem nossas formas de adoração ou de nossos estilos arquitetônicos para as igrejas podem expressar o que Deus realmente é. Não há nenhuma maneira os seres humanos podem representar adequadamente ou mais perto de Deus.

3. Nossa salvação não é a nossa realização. A comunhão com Deus não é alcançada com os nossos meios de se aproximar dele. Isso é impossível. Não podemos chegar ao seu nível reunião os padrões que ele tem para nós. Mesmo se fôssemos capazes de alcançá-los, não haveria a nossa realização. Nós sabemos o que ele espera de nós é através de Sua revelação, não porque tenhamos descoberto. Mesmo para além do problema adicional do pecado, comunhão com Deus seria estritamente um dom que Deus nos dá.

4. Sempre haverá uma diferença entre Deus e os seres humanos. A diferença entre nós é não só uma lacuna moral e espiritual que se originou na queda. É metafísica da criação surge. Mesmo quando somos redimidos e glorificados, os seres humanos continuam a ser renovado. Nós nunca será Deus. Ele sempre será Deus e seremos sempre humana, de modo que sempre haverá uma transcendência divina. A salvação é que Deus nos dá o que ele nos queria ser, não onde nós levantamos para o que ele é.

5. A reverência é apropriado em nosso relacionamento com Deus. Certos estilos de louvor, enfatizando a alegria e confiança que o crente tem em seu relacionamento com um Pai celestial amoroso, além desse ponto até chegar a excessiva familiaridade, tratando-o como um igual, ou pior ainda, como um servo. No entanto, se você agarrou o conceito de transcendência divina, isso não vai acontecer. Embora nenhuma necessidade e lugar para expressar entusiasmo, e até mesmo exuberante, este nunca deve levar à perda de respeito. Deve sempre haver uma sensação de espanto e admiração, o que Rudolf Otto chamado *o mysterium tremendum*. Embora não haja amor, confiança e abertura entre nós e Deus, não somos iguais. Ele é o soberano Senhor Todo-Poderoso. Nós somos os seus servos e seus seguidores. Isso significa que nós nos rendemos nossa vontade de Deus; Não vamos tentar ajustar ao nosso. Nossas orações também deve ser influenciado por isso. Em vez de fazer exigências em nossas orações, nós oramos como Jesus a ser feito ", não a nossa vontade, mas a tua".

6. buscar a obra de Deus verdadeiramente transcendente. Este não é apenas esperar que as coisas que podem ser alcançados por meios naturais. Apesar de usarmos a

aprendizagem técnica moderna, que está à nossa disposição para cumprir os propósitos de Deus, nós nunca vai depender de seu trabalho. Não devemos negligenciar a oração em busca de sua orientação ou uma intervenção especial. Portanto, o aconselhamento cristão não diferem de outros tipos de aconselhamento (ou naturalista humanista), em vez de precedida de uma breve oração. Haverá a antecipação de Deus, em resposta à fé e oração, atuará formas humanamente realizáveis ou imprevisíveis.

Tal como acontece com a imanência de Deus, também devemos estar em guarda contra a ênfase excessiva da sua importância. Nós não só deve buscar a Deus em religiosa ou devocional; também temos de olhar para os aspectos "normais" da vida. Não olhe apenas para milagres, mas não devemos ignorar. Alguns atributos, como a santidade, eternidade, onipotência expressar o caráter transcendente de Deus. Outros, como onipresença, são expressões de sua imanência. Mas se dado a todos os aspectos da natureza de Deus, a ênfase e atenção que a Bíblia atribui-lhes uma compreensão completa de Deus será alcançado. Embora Deus nunca está completamente ao nosso alcance, porque é além de nossas ideias e formas, é sempre disponível para nós quando nos voltamos para ele.

16. Três pessoas em um só Deus, a Trindade

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Compreender e explicar o ensinamento bíblico sobre a Trindade em três aspectos: a unidade de Deus, a divindade de três e três em um.
- Listar e explicar os edifícios históricos da Trindade, como a vista "econômico", o monarquismo dinâmico, monarquismo modalístico e a visão ortodoxa.
- Descrever os elementos essenciais da doutrina da Trindade e explicar por que eles são tão importantes para a fé cristã.
- Articular as diversas analogias usadas para descrever ou esclarecer a doutrina da Trindade.

Resumo do capítulo

A Bíblia não ensina explicitamente a visão trinitária de Deus, mas o ensinamento de que Deus é um só e há três pessoas que são Deus claramente levar a este ponto de vista. O cristianismo é a única religião importante que diz o seguinte sobre Deus. Tem havido muitas tentativas de compreender essa verdade profunda. Alguns têm levado a distorções sobre esta importante doutrina. Embora nunca tenha sido compreender totalmente essa doutrina difícil, existem analogias que podem nos ajudar a compreendê-lo melhor. Devidamente compreendido, esta doutrina tem profundas implicações práticas na vida cristã.

Questões de estudo

1. Porque é que a doutrina da Trindade é tão especial entre todas as religiões do mundo?
2. Por que tomar uma posição sobre a teologia sistemática Trindade todas as habilidades exigidas são necessárias?

3. Explique a evidência bíblica para a divindade de três.
4. Em que livro da Bíblia encontramos a evidência mais forte para uma Trindade igualitária? Explique por que isso é assim.
5. Que influenciam diferentes visões históricas sobre a Trindade na sociedade de hoje? Como é que refutá-los?
6. Quais são os elementos essenciais da doutrina da Trindade? Como eles nos ajudam a compreender e aprofundar a nossa fé?
7. Quais analogias contribuir para a nossa compreensão?

O ensinamento bíblico

A unidade de Deus

A divindade de três

Três pessoas um

Edifícios históricos

O ponto de vista "econômico" da Trindade

Monarquismo dinâmica

Monarquismo modalístico

A formulação ortodoxa

São elementos essenciais da doutrina da Trindade

A busca de analogias

Na doutrina da Trindade, encontramos uma das autênticas doutrinas distintivas do cristianismo. De todas as religiões do mundo, a fé cristã é o único estado que Deus é um só e ainda três são Deus. Embora, aparentemente, parece ser uma doutrina contraditória e não foi exposto aberto ou explicitamente nas Escrituras, mentes devotos vieram a ela para buscar justiça para o testemunho da Escritura.

A doutrina da Trindade é crucial para o cristianismo. Preocupa-se com quem é Deus, como é, como funciona e como se deve aproximar-se dele. Além disso, a questão da divindade de Jesus Cristo, que historicamente tem sido um ponto de grande tensão, está muito perto de nossa idéia da Trindade.

A posição que tomamos em Trindade também responder a algumas questões de natureza prática. A quem devemos louvar - somente o Pai, o Filho, o Espírito Santo ou o Deus trino? Quem oramos? Será que o trabalho de cada um deles deve ser considerada isoladamente ou pensamos que a morte expiatória de Jesus também é trabalhar de alguma forma do Pai? Você deve pensar que o Filho é essencialmente igual ao Pai ou você deve relegar a um status um pouco menor?

Formular uma posição sobre a Trindade é um verdadeiro exercício de teologia *sistemática*, o que requer todas as habilidades de que falamos nos primeiros capítulos. Como a Trindade não é explicitamente ensinado nas Escrituras, devemos reunir temas complementares, retirando conclusões dos ensinamentos bíblicos e decidir que tipo de conceito de veículo irá expressar melhor a forma como a entendemos. Além disso, desde a formulação da doutrina teve uma história longa e complexa, temos de avaliar as construções do passado como o contexto de sua época e cultura, e que expressa seus ensinamentos de uma forma que é igualmente apropriado para o nosso tempo.

Começamos nosso estudo da Trindade examinando a base bíblica da doutrina, como este é fundamental para tudo o que fazemos aqui. Em seguida, examinamos várias declarações de doutrina, apontando ênfase particular, fortes e pontos fracos. Finalmente, vamos fazer a nossa própria declaração tentando ilustrar e esclarecer seus princípios de maneiras que fazem sentido hoje.

O ensinamento bíblico

Há três separados, mas relacionados com a evidência: a prova da unidade de Deus - que Deus é um só; evidenciar que há três pessoas que são Deus; e, finalmente, indicações ou, pelo menos, indícios de que os três são um.

A unidade de Deus

A religião dos antigos hebreus era fé rigorosamente monoteísta, como é certamente a religião judaica hoje. A unidade de Deus foi revelado a Israel em momentos diferentes e de maneiras diferentes. Os Dez Mandamentos, por exemplo, começa com a declaração: "Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Você não tem outros deuses diante de mim" (Ex. 20: 2-3) .. O que a palavra hebraica traduzida aqui como "na frente de mim" ou "meu lado" é *לפני* (Alpanai), o que significa, literalmente, "na minha cara." Deus tinha mostrado a sua única realidade com o que tinha feito, e, portanto, ele deveria ter sido louvor, devoção e obediência de Israel exclusivamente. Nenhum dos outros afirmando ser deuses revelaram-se assim.

A proibição da idolatria, o segundo mandamento (v. 4) também se senta na característica que Deus é único e especial. Ele não vai tolerar qualquer objeto construído pelo homem adora, porque só ele é Deus. A rejeição do politeísmo pode ser visto em todo o Antigo Testamento. Deus demonstrou uma e outra vez a sua superioridade sobre os outros que afirmavam ser deuses. Claro, pode-se dizer que isso não é suficiente para provar conclusivamente que o monoteísmo do Antigo Testamento exige. Pode ser que eles eram os outros deuses (por exemplo, os deuses de outras nações) que são rejeitadas pelo Antigo Testamento, mas há mais do que um verdadeiro Deus para os israelitas. Em resposta, devemos notar que todo o Antigo Testamento assume claramente que há um só Deus de Abraão, Isaac e Jacó, e não muitos (por exemplo, Ex. 3: 13-15).

A indicação mais clara da unidade de Deus é o *Shema* de Deuteronômio 6, cujas verdades grande foram obrigados a aprender o povo de Israel e que inculcar seus filhos. Eles tinham a meditar sobre esses ensinamentos ("Estas palavras ... estarão no teu coração", v. 6). Eles tinham que falar sobre isso em casa e na estrada, indo para a cama e levantar-se (v. 7). Eles tiveram que usar pistas visuais para chamar a atenção para eles: Você deve vincular-los na mão, colocá-los por frontais entre os teus olhos, você escrevê-los nas portas das casas e nas portas. Um deles é uma sentença declarativa; o outro é imperativo, um comando. "Ouve, ó Israel: o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (v. 4). Embora nesta existem várias traduções legítimas do hebraico, todas enfatizam a divindade mesma maneira especial, único do Senhor. A segunda grande verdade que Deus quer que nós para aprender e ensinar o povo de Israel é baseada no mandamento caractere especial: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda tua alma e com toda a tua força" (v. 5). Como um, não deve haver divisão no compromisso de Israel. Após o *Shema* (Deuteronômio 6: 4-5.), Os mandamentos de Êxodo 20 praticamente repetiu. Em termos positivos nos é dito o povo de Deus: (. Deuteronômio 06:13) "o Senhor vosso Deus temem, para o servir e juram por seu nome". Em termos negativos que lhes é dito: "Não vá após outros deuses, os deuses dos povos que estão em redor de vós" (v. 14). Deus é um Deus de forma clara, evitando a possibilidade de que nenhum dos deuses das aldeias vizinhas poderia ser real e, portanto, digno de ser servido e adorado (cf. Ex 15:11; Zc. 14: 9).

O ensinamento sobre a unidade de Deus não se restringe ao Antigo Testamento. James 2:19 louvores creio em um Deus, mas observa que isso é insuficiente para a justificação. Paul também enfatiza a singularidade de Deus. O apóstolo escreve quando se discute comer carne que tenha sido oferecida aos ídolos, "Nós sabemos que o ídolo nada é no mundo, e que não há um só Deus ... o Pai, de quem são todas as coisas e para quem nós nós existimos; e um só Senhor Jesus Cristo, pelo qual foram criadas todas as

coisas e por meio de quem nós existimos "(1 Coríntios 8: 4, 6). Aqui Paulo, como a lei mosaica, exclui a idolatria com o fundamento de que só há um Deus. Da mesma forma, Paulo escreveu a Timóteo: "Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus eo homem Jesus Cristo, que se entregou em resgate por todos." (1 Timóteo 2: 5-6). Embora, aparentemente, estes versos parecem fazer uma distinção entre Jesus eo único Deus, o Pai, a idéia básica da frase anterior é que somente Deus é o Deus verdadeiro (ídolos não são nada); e a idéia principal da sentença final é que há um só Deus, e há apenas um mediador entre Deus e os seres humanos.

A divindade de três

Todas estas evidências, sozinho, certamente leva a uma crença monoteísta, basicamente. Então, o que levou a igreja a ir além desta evidência? Foi o testemunho bíblico extra para o efeito que três pessoas são Deus. A primeira divindade do Pai, que acabamos de discutir. Além das referências nos escritos de Paulo e disse (1 Coríntios 8: 4, 6; 1 Tim. 2: 5-6), podemos identificar casos em que Jesus se refere ao Pai como Deus. Em Mateus 06:26, ele diz que "o vosso Pai celestial as alimenta [as aves]". Em uma frase paralela que aparece logo após indicando que "Deus veste assim a erva do campo" (v. 30). E nos versículos 31-32 diz que não há necessidade de pedir o que comer, beber ou roupas, porque "o Pai celestial sabe que vocês precisam delas." Parece claro que, para Jesus, "Deus" e "vosso Pai celeste" são termos intercambiáveis. E em muitas outras referências a Deus, o Pai, Jesus, obviamente, tem em mente (eg Mt. 19: 23-26; 27:46; 00:17 deputado, 24-27).

Mais problemático é o status de Jesus como uma divindade, mas as Escrituras também identificá-lo como Deus. (Uma vez que a questão da divindade de Jesus será realizada na seção de cristologia [Ch. 33], não vamos entrar em grandes detalhes aqui). Uma referência importante para a divindade de Jesus Cristo encontrada em Filipenses 2. Nos versículos 5-11 Paulo toma o que certamente foi um hino da igreja primitiva e usado como base para apelar aos seus leitores para praticar o humildade. Jesus Cristo fala de "Ele, subsistindo em forma de Deus, não considerou a igualdade com Deus algo que deve ser aproveitada" (v. 6). A palavra que é muitas vezes traduzido como "caminho" é μορφή (morphe). Este termo grego que significa em grego antigo e bíblico "o conjunto de características que o tornam uma coisa é como é." Ela denota a natureza verdadeira de uma coisa. A palavra μορφή contrasta com σχῆμα (esquema), que normalmente também traduzido como "forma", mas no sentido de forma, aparência superficial em vez de substância.

Para Paulo, um judeu ortodoxo treinados em rigorosos ensinamentos rabínicos do judaísmo, versículo 6 é, certamente, uma declaração surpreendente. Refletindo a fé da igreja primitiva, sugere um profundo compromisso com a plena divindade de Cristo. Este compromisso é demonstrado não só pela utilização de μορφή, mas também com a expressão "igual [ἴσα - isa]. Deus" Normalmente, afirma-se que a idéia básica do versículo 6 é que Jesus era igual a Deus, mas não Eu queria manter essa igualdade. No entanto, alguns argumentam que Jesus não era igual a Deus; o ponto principal desse versículo é que nem cobiçado nem aspirava a igualdade com Deus. Portanto, ἁρπαγμὸν (harpagmon "algo para segurar") não deve ser interpretado como "algo para agarrar", mas, pelo contrário, no entanto, indica que o versículo 7 "esvaziado" alguma coisa para conseguir. " si mesmo "(ἐκένωσεν ἑαυτὸν - Heauton ekenosen). Embora Paulo não especifica como ele se esvaziou Jesus, parece que este foi um passo abnegação ativo, não uma recusa em agir. Portanto igualdade com Deus algo que ele tinha anteriormente. E alguém que é igual a Deus deve ser Deus.

Outra passagem significativa é Hebreus 1. O autor, cuja identidade é desconhecida, está escrevendo a um grupo de cristãos hebreus. Ele (ou ela) faz várias declarações

prospectivas que envolvem fortemente a plena divindade do Filho. Nos versos de abertura, quando ele argumenta (que a partir de agora vamos chamar o pronome masculino) que o Filho é superior aos anjos, ele diz que Deus falou por meio do Filho, o estabeleceu como herdeiro de tudo coisas, e diz que ele fez com que o mundo através dele (v. 2). Em seguida, descreve o Filho como "o brilho [ἀπαύγασμα - *apaugasma*] da glória de Deus" e "a imagem da sua substância" (χαρακτήρ τῆς ὑποστάσεως - *TES Charakter hupostseōs*). Mas talvez você possa manter esta só afirma que Deus se revelou por meio do Filho, não o Filho é Deus, o contexto sugere o contrário. Além identificado como o pai de alguém chamado Filho (v. 5), ele cita Deus no versículo 8 (a partir de Ps 45: 6.) Chamando o Filho de "Deus" e no versículo 10 como "Senhor" (Sal 102: 25). O escritor conclui que Deus disse ao filho: (. Salmos 110: 1) "Senta-te à minha mão direita". É significativo que o escritor bíblico para os cristãos hebreus, que certamente seriam embebedados no monoteísmo, de uma forma que inegavelmente reafirmar divindade e igualdade com o Pai de Jesus é dirigida.

A consideração final é o conceito de que Jesus tinha de si mesmo. Devemos notar que Jesus nunca disse diretamente a sua divindade. No entanto, várias evidências sugerem que isto é o que ele realmente pensava de si mesmo. Ele alegou ter apenas o que pertencia a Deus. Ele falou sobre os anjos de Deus (Lc. 12: 8-9; 15:10) como seus anjos (Mateus 13:41). Ele considerou o reino de Deus (Mateus 12:28; 19:14, 24; 21:31, 43) e os eleitos de Deus (Marcos 13:20) como sua própria. Além disso, ele alegou ter poder para perdoar pecados (Marcos 2: 8-10). Os judeus reconheceram que só Deus podia perdoar os pecados, e, portanto, acusou Jesus de blasfêmia (βλασφημία - *blasphemia*). O poder de julgar o mundo (Mt 25:31) e pronunciar-se sobre ele (; Mr. 14:62 Mt. 24:30), também foi anexado.

Devemos também observar como Jesus aos que o acusado atribuiu a divindade e aqueles que sinceramente atribuído divindade, ele respondeu. Em seu julgamento, ele foi acusado de pretender ser o Filho de Deus (Jo. 19: 7; Mt 26: 63-65). Se Jesus não se considerava Deus, foi uma excelente oportunidade para corrigir a impressão errada. Mas ele não o fez. Na verdade, no julgamento diante de Caifás, ele estava mais perto do que nunca tinha sido a de afirmar a sua própria divindade. Desde que respondeu à acusação de "Dize-nos agora, se tu és o Cristo, o Filho de Deus", dizendo: "Você disse isso. E eu te digo agora você vê o Filho do Homem sentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu "(Mt 26: 63-65). Ou ele queria ser condenado à morte por uma falsa acusação, ou o Filho de Deus sentiu. Além disso, quando Thomas dirigiu a Jesus como "Meu Senhor e meu Deus" (Jo. 20:28), Jesus não negou provimento ao recurso.

Há referências bíblicas que identificam o Espírito Santo de Deus. Aqui vemos que há passagens em que as referências ao Espírito Santo ocorrem de forma intercambiável com referências a Deus. Um exemplo é Atos 5: 3-4. Ananias e Safira roubou uma parte do preço do terreno tinham vendido fingindo colocar aos pés dos apóstolos todo o montante. Aqui mentir para o Espírito Santo (v. 3) é o mesmo que mentir para Deus (v. 4). O Espírito Santo também é descrito as qualidades de Deus e atribuiu suas obras. O Espírito Santo convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo. 16: 8-11) e regenera e dá nova vida (Jo. 3: 8). Em 1 Coríntios 12: 4-11, lemos que é o Espírito que dá presentes para a igreja e soberanamente decide quem os recebe. Além disso, recebe a honra e glória reservada para Deus.

Em 1 Coríntios 3: 16-17, Paulo lembra aos crentes que são o templo de Deus e que o Espírito está neles. No Capítulo 6, ele disse que seus corpos são templos do Espírito Santo neles (vv. 19-20). "Deus" e "Espírito Santo" parecem expressões intercambiáveis. Também em vários locais que colocou o Espírito Santo na mesma altura de Deus. Uma delas é a fórmula batismal de Mateus 28:19; Um segundo exemplo é a bênção Pauline em 2 Coríntios 13:14; finalmente, em 1 Pedro 1: 2, Pedro se dirige a seus leitores como "escolhidos de acordo com a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus."

Três pessoas um

Em princípio, estas duas linhas de evidência - a unidade de Deus e sendo três pessoas em um - parece contraditória. No início de sua existência, a igreja não tinha muita oportunidade de estudar a relação entre esses dois conjuntos de dados. O processo de organização e difusão da fé e até mesmo tentar sobreviver num mundo hostil, impediu uma mais séria reflexão doutrinal. No entanto, quando a igreja já foi resolvido mais, ele começou a se preocupar em tentar unir esses dois tipos de materiais. Ele concluiu que Deus deve ser entendido como três em um, ou em outras palavras, trino. Neste ponto, devemos perguntar a questão de saber se esta doutrina é ensinada explicitamente na Bíblia, as Escrituras sugerem ou é apenas uma dedução de outros ensinamentos da Bíblia.

Um texto que tradicionalmente tem apelado para documentar a Trindade é 1 João 5: 7, que está nas primeiras versões e do rei James: "Há três que testificam no céu: o Pai, a Palavra eo Espírito Santo; e estes três são um. "Aqui estamos, aparentemente, confrontado com uma declaração clara e concisa das três pessoas em uma. Infelizmente, porém, a base textual é tão fraco que algumas traduções recentes (por exemplo, AMP) incluir esta frase apenas em uma nota de rodapé em itálico, e há outros (RSV) que totalmente ignorados. Se houver uma base bíblica para a Trindade, devemos procurar em outro lugar.

A forma plural do nome do Deus de Israel אֱלֹהִים (Elohim), às vezes é considerado um sinal da idéia trinitária. É um nome genérico usado para se referir também a outros deuses. Quando usado com referência ao Deus de Israel, geralmente, mas nem sempre, ele aparece no plural. Alguns argumentam que aqui é uma indicação da natureza plural de Deus. No entanto, o plural é geralmente interpretado como uma indicação de Majestade ou intensidade e não como um sinal de a multiplicidade da natureza de Deus. Theodorus Vriezen acho que o plural que está tentando levantar relativa ao estatuto do representante geral da classe e, portanto, rejeita a idéia de que a doutrina da Trindade está implícita em Gênesis 1:26. Walter Eichrodt acredita que ao utilizar o escritor de Gênesis o plural de majestade tentando preservar sua cosmologia de qualquer vestígio de pensamento politeísta e, ao mesmo tempo, representam o Criador Deus como o soberano absoluto e único ser cuja vontade tem peso.³

No entanto, a interpretação de "*Elohim* como um plural de majestade não é aceite por unanimidade pelos estudiosos recentes do Antigo Testamento. Em 1953, GAF Cavaleiro argumentou contra em um artigo intitulado *A abordagem bíblica para a Doctine da Trindade* (A abordagem bíblica para a doutrina da Trindade). Ele sustentou que fazer *Elohim* um plural de majestade é ler o hebraico antigo modernamente como os reis de Israel e Judá foram nomeados todos singular nos relatos bíblicos. Ao rejeitar o plural de majestade, Knight disse que, no entanto, há uma peculiaridade em hebraico que nos ajuda a entender o termo em questão. As palavras de água e céu (entre outros) também são plural. Gramáticos chamam esse fenômeno como plural quantitativo. Você pode pensar em água como gotas individuais de chuva ou ao corpo da água do oceano. Cavaleiro disse que essa diversidade quantitativa em unidade é uma boa maneira de compreender o plural 'Elohim. Ele também acreditava que este explicou por que o substantivo no singular אֲדֹנָי ('Adonai) foi escrita em plural.

Há outras maneiras, no plural. Em Gênesis 1:26 Deus diz: "Façamos o homem à nossa imagem." Aqui nós temos o plural no verbo "fazer" eo pronome possessivo em Gênesis 11 7 Há também é uma forma plural "nosso.": "Desçamos e confundamos ali a sua língua A quem enviarei e quem irá por nós "(Isa. 6: 8)" Quando Isaías foi chamado ouvi o Senhor disse. ". Tem sido objetado que estes são mayestáticos plurais. No entanto, o que é importante do ponto de vista de análise lógica é único para o deslocamento plural no primeiro e terceiro exemplos. Gênesis 1:26 realmente diz: "E Deus disse [singular], 'Vamos [plural] o homem à nossa imagem [plural]'. "O escritor da Escritura não usa um verbo no plural (majestade) com '*Elohim*, mas Deus é citado usando um verbo plural para

se referir a si mesmo. Da mesma forma, lemos em Isaías: "A quem enviarei [singular] e quem irá por nós [plural]?"

Ensinar a imagem de Deus no homem também tem sido visto como uma indicação da Trindade. Em Gênesis 1:27 lemos:

E criou Deus o homem à sua imagem,
à imagem de Deus o criou;
macho e fêmea os criou.

Alguns argumentam que este é um paralelo, não apenas as primeiras duas linhas, mas três. Portanto, "macho e fêmea os criou" é equivalente a dizer "Deus criou o homem à sua imagem" e "a imagem de Deus o criou." Assim, a imagem de Deus no homem (genérico) deve ser encontrada no fato de que o homem foi criado macho e fêmea (plural). Isso significa que a imagem de Deus é uma unidade na diversidade, uma cópia característica e arquétipo. De acordo com Gênesis 2:24, o homem ea mulher será de um **אֶחָד**)- 'Echad); Isso significa uma união de duas entidades separadas. Significativamente, a mesma palavra é usada no *Shema*: "O Senhor nosso Deus é o único Senhor [**אֶחָד**] É "(Deut. 6: 4). Parece estar confirmando algo sobre a natureza de Deus é um corpo, isto é, uma união de partes separadas.

Em vários lugares nas Escrituras três pessoas estão ligadas em unidade e igualdade aparente. Uma delas é a fórmula batismal que é ditada na Grande Comissão (Mateus 28: 19-20): batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Note-se que "nome" é singular, mas inclui três pessoas. Além disso, note que não há nenhuma sugestão de que inferioridade ou subordinação. Esta fórmula se torna parte de uma das primeiras tradições da igreja encontra-se na *Didaqué* (7,1-4) ea *Apologia* de Justin (1,61).

Há também uma outra ligação direta dos três nomes da unidade e igualdade aparente, é a bênção Pauline de 2 Coríntios 13:14: ". A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus ea comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós"

Nos Evangelhos e as Epístolas há links para as três pessoas que não são tão direta ou explícita. O anjo diz a Maria que seu filho será chamado santo, Filho de Deus, porque o Espírito Santo virá sobre ela (Lc. 1:35). No batismo de Jesus (Mateus 3: 16-17) as três pessoas da Trindade estavam presentes. O Filho estava sendo batizado, o Espírito de Deus desceu como uma pomba e que o Pai falou com aprovação de seu Filho. Jesus liga Seus milagres com o poder do Espírito de Deus e diz que isso é prova de que o reino de Deus já chegou (Mt. 00:28). Este padrão trinitária também pode ser visto na declaração de Jesus quando diz que a promessa do Pai enviou sobre os discípulos (Lc. 24:49). A mensagem de Pedro no dia de Pentecostes também liga as três pessoas: "Exaltado, pois, à destra de Deus, e tendo recebido do Pai o Espírito Santo prometido e derramou isto que você vê e ouve ... Arrependei-vos e ser batizados cada um de vós em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo "(At. 2:33, 38).

Em 1 Coríntios 12: 4-6, Paulo fala da prestação de necessidades especiais crentes que pertencem ao corpo de Cristo: "Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o mesmo Senhor. Existem variedades de atividades, mas Deus que opera tudo em todos, é o mesmo "Num contexto soteriológico diz." E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: ' Aba, Pai! ' "(Gal. 4: 6). Paulo fala bem de seu próprio ministério, "para ser um ministro de Jesus Cristo para os gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que os gentios ser oferta aceitável, santificada pelo Espírito Santo" (Rm 15:16).. E Paulo conecta as diferentes etapas do processo de salvação com as diferentes pessoas da Trindade: "E quem nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus, que também nos selou e nos deu como garantia, o Espírito em nossos corações "(2 Coríntios 1: 21-22). Da mesma forma, Paulo aos Tessalonicenses como "irmãos amados pelo Senhor" e acrescenta que sempre dá graças por eles, porque "escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação

do Espírito e fé na verdade" (2 Ts 2: 13-14.). Devemos também mencionar aqui a bênção da oração 2 Coríntios 13:14 de Paulo em Efésios 3: 14-19.

Obviamente, Paulo viu uma estreita relação entre os três. E assim fizeram os autores das outras epístolas. Peter começou sua primeira carta abordando os expatriados da dispersão "escolhidos de acordo com a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo" (1 Pedro 1: 1-2). Jude exorta seus leitores dizendo: "edificando-vos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo, guardai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna" (vv. 20-21).

A indicação mais sutil da idéia trinitária de Paul é a maneira como ele organiza alguns de seus livros. A forma eo conteúdo de seus escritos comunica a sua crença na Trindade. Arthur Wainwright desenvolveu isso em detalhes. Romanos descrito em parte como segue:

O julgamento de Deus sobre tudo (1: 18-3: 20)

Justificação pela fé em Cristo (3: 21-8: 1)

A vida no Espírito (8: 2-30)

Parte de Gálatas segue um padrão semelhante:

Justificação pela fé em Cristo (3: 1-29)

Adoção de filhos, por meio da redenção operada por Cristo eo envio do Espírito (4: 1-7)

Bondage com a lei ea liberdade dada por Cristo (4: 8-5: 15)

A vida no Espírito (5: 16-6: 10)

O mesmo é verdade em 1 Coríntios. Parece que a Trindade foi uma parte significativa do conceito de vida evangélica e cristã de Paulo.

É no quarto Evangelho encontramos a prova mais importante da igualdade das pessoas da Trindade. A fórmula trinitária aparecer uma e outra vez: 1: 33-34; 14:16, 26; 16: 13-15; 20: 21-22 (cf. 1 João 4: 2, 13-14). As dinâmicas internas entre as três pessoas aparece repetidamente, como observou George Hendry. O Filho é enviado pelo Pai (14:24) e vem dele (16:28). O Espírito é dado pelo Pai (14:16), ele é enviado pelo Pai (14:26) e procede do Pai (15:26). Mas o Filho é muito envolvido com a vinda do Espírito ora por sua vinda (14:16); o Pai envia o Espírito em nome do Filho (14:26); o Filho enviaria o Espírito do Pai (15:26); o Filho deve ir para que você possa enviar o Espírito (16: 7). O ministério do Espírito é visto como uma continuação e desenvolvimento da criança. Ele vai trazer à mente o que ele disse que o Filho (14:26); dar testemunho do Filho (15:26); falará apenas o que ele ouve do Filho, e glorificar o Filho (16: 13-14).

O prólogo do Evangelho também contém rico significado material para a doutrina da Trindade. João diz no primeiro versículo do livro: "O Verbo estava com Deus, eo Verbo era Deus" (ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος - *pros ton Theon logotipos ho kai theos en ho logos*). Aqui está uma indicação da divindade do Verbo; Note-se que a diferença de ordem de palavras entre o segundo e terceiro períodos, serve para acentuar a "Deus" (ou "divino"). Encontramos também a idéia de que, embora o Filho é distinto do Pai, não há comunhão entre eles, uma vez que a preposição πρὸς não só tem o sentido conotativo de proximidade física com o Pai, mas de intimidade e comunhão.

Há outras maneiras em que esse Evangelho enfatiza a proximidade e unidade entre o Pai eo Filho. Jesus diz: "Eu eo Pai somos um" (10:30), e "Quem me vê a mim vê o Pai" (14: 9). Reza para que seus discípulos fossem um como Ele eo Pai são um (17:21).

A conclusão que tiramos a partir destes dados que acabamos de examinar é que, embora a doutrina da Trindade não é expresso abertamente, as Escrituras, especialmente no Novo Testamento contém muitas sugestões da divindade ea unidade das três pessoas que podem entender o que fez esta doutrina da igreja, e concluiu que eles tinham razão para fazê-lo.

Edifícios históricos

Como observamos acima, durante os dois primeiros séculos dC havia poucas tentativas conscientes para lidar com questões teológicas e filosóficas do que hoje se chama doutrina da Trindade. Nós encontramos o uso da fórmula triplo do Pai, Filho e Espírito Santo, mas eles são relativamente poucas tentativas para expor ou explicar. Pensadores como Justin ou Taciano enfatizar a unidade da essência entre o Verbo eo Pai e usou a imagem de a impossibilidade de separar a fonte de luz, o sol. Assim, eles ilustram que, embora a Palavra eo Pai são diferentes, não são divisíveis ou separáveis.

O ponto de vista "econômico" da Trindade

Hipólito e Tertuliano, estão a desenvolver um ponto de vista "econômico" da Trindade. Eles fizeram muitas tentativas para explorar as relações eternas entre os três; em vez disso, eles se concentraram sobre as maneiras em que a Tríade foi manifestado na criação e redenção. Embora a criação e da redenção que mostra que o Filho eo Espírito eram outra coisa que não o Pai, acredita-se também que eles estavam inseparavelmente unido com ele em seu ser eterno. Como as funções mentais de um ser humano, a razão de Deus, isto é, a Palavra, foi considerado fixamente inerente e indissociável com ele.

Segundo a visão de Tertuliano, há três manifestações de um Deus. Apesar de serem numericamente diferente, como você pode dizer, eles não deixam de manifestações de um poder indivisível. Há uma distinção (*distinctio*) ou distribuição (*Dispositio*), nenhuma divisão ou separação (*separatio*). Como imagens de unidade na divindade Tertuliano diz que a unidade entre a raiz eo broto, uma fonte e seu rio, o sol e luz. O Pai, o Filho eo Espírito são substancialmente idênticas, esta substância se estende em três manifestações, mas não dividido.

Em uma rápida avaliação, notamos que há alguma indefinição nesta vista da Trindade. Qualquer esforço para tentar chegar a uma melhor compreensão do que significa desanimador.

Monarquismo dinâmica

No segundo e terceiro séculos, duas tentativas para chegar a uma definição precisa da relação entre Cristo e Deus fez. Ambos os pontos de vista foram conhecidos pelo nome de monarquismo (literalmente "soberania individual"), uma vez que enfatizou a idéia da unidade e unicidade de Deus, mas apenas a segunda alegação de que a designação. Um exame dessas duas teologias nos ajudar a entender melhor o ponto de vista de que a ortodoxia cristã finalmente resolvido.

Que originou o monarquismo dinâmica era um comerciante de couro bizantino chamado Theodotus, que introduziu em Roma em torno de 190 AD Em muitas áreas da doutrina, como a onipotência divina, a criação do mundo e até mesmo o nascimento virginal de Jesus, Theodotus Foi completamente ortodoxa. No entanto, antes do batismo ele declarou que Jesus era um homem normal, embora completamente virtuosa. No batismo de Jesus, o Espírito, ou Cristo desceu sobre ele, ea partir desse momento fez atos milagrosos de Deus. Alguns dos seguidores de Theodotus sustentou que Jesus era realmente Deus neste tempo ou depois da ressurreição, mas o mesmo Theodotus negou isso. Jesus era um homem comum, mas não habitavam inspirado pelo Espírito.

Um outro representante deste tipo de educação era Paulo de Samósata, que apresentou as suas ideias no início da segunda metade do século III e foi condenado no Sínodo de Antioquia em 268. Ele disse que a Palavra (Logos) não era uma entidade pessoal com subsistência; isto é, Jesus Cristo não era a Palavra. Em vez disso, o termo refere-se ao mandamento e ordenação de Deus. Deus ordenou e cumpriu o que o homem queria por Jesus. Este é o significado de "Logos". Se há um elemento comum entre os pontos de

vista Theodotus e Paulo de Samósata, é que Deus estava presente dinâmica na vida de Jesus, o homem é, mas há uma presença real Deus substantiva dentro dele. O monarquismo dinâmica nunca foi um movimento generalizado e popular. Ele tinha um toque racionalista, e tendiam a ser um fenômeno bastante isolado.

Monarquismo modalístico

Em contraste, monarquismo modalístico foi a educação muito popular e difundido. Enquanto o monarquismo dinâmica parecia negar a doutrina da Trindade, modalismo parecia confirmação. As duas variantes do monarquismo desejavam preservar a doutrina da unidade de Deus. No entanto, o modalismo era também muito comprometido com a plena divindade de Jesus. Como o termo *Pai* é geralmente considerado como a expressão da própria Divindade, qualquer sugestão de que a Palavra ou Filho eram de algum modo diferente para incomodar os modalistas pai. Parecia um caso de biteísmo.

Entre os nomes que estão associados modalismo Noetus de Esmirna, que era ativo na última parte do segundo século; Praxeas (pode realmente ser um apelido que significa "bisbilhotar" de um clérigo não identificado), a quem Tertuliano lutou no início do terceiro século; e Sabellius, que escreveu e ensinou início do terceiro século. Sabellius foi quem desenvolveu este conceito doutrinário em sua forma mais completa e sofisticada.

A idéia essencial dessa escola de pensamento é que há uma divindade que podem ser designados com nomes diferentes: Pai, Filho e Espírito. Os termos não representam distinções reais, mas são simplesmente nomes apropriados e aplicáveis em momentos diferentes. Pai, Filho e Espírito Santo são idênticos: eles são revelações sucessivas da mesma pessoa. A solução modalístico ao paradoxo das três pessoas e a unidade foi que havia apenas uma pessoa, e não três, com três nomes, atividades ou funções diferentes.

Outra idéia básica foi expressa pelo modalismo que o Pai sofreu com Cristo, como foi realmente presente nela e foi pessoalmente idêntico ao Filho. Essa idéia etiquetada com o nome "Patripassianismo", foi considerado heresia e foi um dos fatores que levaram à rejeição do modalismo. (Pode ser a principal razão pela qual o Patripassianismo não foram repudiados seu conflito com a revelação bíblica, mas com a concepção filosófica da impassibilidade.)

Monarquismo modalístico foi uma criação verdadeiramente única, original e criativa, e de alguma forma um avanço brilhante. A unidade da Divindade foi preservada tanto quanto a divindade de três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. No entanto, na avaliação desta teologia igreja considerada coisas que faltam em certos aspectos significativos. Em particular, o fato de que os três aparecem de vez em quando, simultaneamente, na revelação bíblica é um grande impedimento para este ponto de vista. Alguns dos textos trinitários mencionadas acima foram problemáticas. A cena do batismo, quando o Pai fala ao Filho, e do Espírito descendo sobre o Filho, é um exemplo, juntamente com passagens onde Jesus fala da vinda do Espírito, fala do Pai ou com Ele. Se aceito modalismo as palavras e ações de Jesus nestas passagens deve ser considerada enganosa. Consequentemente, a igreja, embora um de seus representantes oficiais e até mesmo batistas Ceferino e Calixto Eu trabalhei com estas idéias durante um tempo, acabou rejeitando-as como sendo insuficiente para recolher toda a gama de dados bíblicos.

A formulação ortodoxa

A doutrina ortodoxa da Trindade foi contido em uma série de debates e conselhos que foram em grande parte motivada pela polêmica causada por movimentos como monarquismo e arianismo. O Concílio de Constantinopla (381) fez uma formulação final em que a igreja fez crenças explícitas que até então tinha implicitamente mantida. A ideia

que prevaleceu foi basicamente o de Atanásio (293-373), desenvolvido e aperfeiçoado por teólogos da Capadócia: Basílio, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa.

A fórmula expressando a posição de Constantinopla é "um οὐσία (ousia) em três ὑποστάσεις - *hypostaseis*." *A ênfase muitas vezes parece ser mais na última parte da fórmula, ou seja, a existência separada das três pessoas a mais que em a uma divindade indivisível.* A única divindade existe simultaneamente em todos os três modos de ser ou hypostases. A idéia de perichoresis "co-inerente" ou, como é chamado mais tarde, das três pessoas é realçado. Divindade existe "não dividida em três pessoas divididas." Há uma "identidade da natureza" nos três hipóstases. Basílio diz:

Para todas as coisas do Pai são contemplados no Filho, e todas as coisas do Filho do Pai; porque tudo o Filho está no Pai eo Pai está todo em si. Portanto hipóstase do Filho é como a forma ea face do conhecimento do Pai, eo Pai hipóstase é conhecido sob a forma de o Filho, mas a própria qualidade que é contemplado ainda há uma distinção clara dos hypostases .

A Capadócia tentou explicar os conceitos de substância comum e várias pessoas separadas pela analogia de um universal e particular: as pessoas individuais da Trindade estão relacionados com a substância divina, da mesma forma que os seres humanos individuais estão relacionados com o universal humano (ou humanidade). Cada uma das hipóstases individuais é a ousia da divindade distinguidos por características peculiares ou propriedades de que, como indivíduos humanos têm características únicas que os distinguem de outros indivíduos. Estas propriedades respectivas das pessoas divinas são, de acordo com Basílio, o paternal, poder ou piedade filial e santificadora.

É claro que a fórmula protege doutrina ortodoxa da Trindade contra o perigo de modalismo. No entanto, como se tem feito à custa de cair no erro oposto: triteísmo? À primeira vista o perigo parece significativa. Mas duas coisas foram feitas para salvaguardar a doutrina da Trindade para tritheism.

Em primeiro lugar, observou-se que se pudermos encontrar uma única atividade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que difere de forma alguma em nenhuma das três pessoas, temos de concluir que existe apenas uma única substância idênticas em todos eles. E essa unidade é encontrada em atividade revelação divina. A revelação começa no Pai, o Filho continua e é concluída com o Espírito. Há três ações, mas uma ação em que todos os três estão envolvidos.

Em segundo lugar, a ênfase foi colocada na ultimação e indivisibilidade da substância divina. Grande parte das críticas da doutrina da Trindade da Capadócia focada na analogia de um universal manifestado em particular. Para evitar a conclusão de que existe uma multiplicidade de deuses na Divindade, como há uma infinidade de humano na humanidade, Gregório de Nissa sugeriu que, a rigor, deveríamos falar de uma multiplicidade de seres humanos, mas a multiplicidade de um humana universal. Portanto, a Capadócia continuou observando que, embora as três pessoas da Santíssima Trindade pode ser distinguido numericamente como pessoas, são indistinguíveis e inseparáveis em sua essência ou substância ou ser.

Deve reiterar aqui que a ousia não é abstrato, mas uma realidade concreta. Na verdade, a essência divina é simples e indivisível. Seguindo a doutrina de Aristóteles de que apenas o que é material é quantitativamente divisível, a Capadócia, por vezes, quase se recusou a categoria do número poderia ser aplicada a divindade. Deus é simples e composto. Portanto, apesar de cada uma das pessoas é um, você não pode ser adicionado a três entidades.

São elementos essenciais da doutrina da Trindade

Antes de tentar uma construção contemporânea da doutrina da Trindade, é importante fazer uma pausa para observar os elementos pendentes a serem incluídos.

1. A unidade de Deus é básico. Monoteísmo está profundamente implantado na tradição hebraico-cristã. Deus é um, não vários. A unidade de Deus pode ser comparado à unidade de marido e mulher, mas tenha em mente que estamos lidando com Deus e não com a união de entidades separadas.

2. Você deve afirmar a divindade de três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Cada um é qualitativamente o mesmo. O Filho é divino da mesma maneira e com a mesma intensidade que o Pai, e assim faz o Espírito Santo.

3. triplicidade e da unicidade de Deus não são a mesma coisa. Embora a interpretação ortodoxa da Trindade parece contraditória (Deus é um só e ainda três), a contradição não é real, mas apenas aparente. Existe uma contradição se algo é A e não-A, ao mesmo tempo e pela mesma. Em contraste com o modalismo, a ortodoxia insiste em que Deus é três pessoas, em qualquer momento do tempo. Mantendo a sua unidade também aborda o problema ortodoxia sugerindo como Deus é três é um pouco diferente caminho é um só. Os pensadores do século IV falou da ousia e três hypostases. O problema é determinar o que estes dois termos significam, ou de forma mais ampla, que é a diferença entre a natureza eo local da unidade de Deus e de ser três pessoas em uma.

4. A Trindade é eterno. Sempre houve três, Pai, Filho e Espírito Santo, e eles sempre foram divino. Um ou mais deles não estavam em um ponto de tempo ou não feito divino em um determinado momento. Nunca houve uma alteração na natureza do Deus trino. Ele é e será o que sempre foi.

5. O papel de um membro da Trindade por algum tempo pode estar sujeito a um ou os outros dois membros, mas isso não a torna menos assim na sua essência. Cada uma das três pessoas da Trinity teve, ao longo de um período de tempo, uma função especial. Isto tem de ser entendido como um papel temporário, a fim de atingir um determinado fim, não uma mudança de estado ou essência. Na experiência humana, também há subordinação funcional. Várias pessoas na mesma categoria em uma empresa ou negócio pode escolher um para ser o chefe de um grupo de trabalho ou o presidente de uma comissão por algum tempo, mas sem qualquer alteração em sua categoria. O mesmo é verdade nos círculos militares. Nos dias que as tripulações de aeronaves tinham muitos membros, mas o piloto era o oficial sênior no navio, o homem-bomba, um funcionário do escalão inferior, controlando o avião durante o bombardeio. Da mesma forma, o Filho não era menor que o Pai durante sua encarnação terrena, mas funcionalmente subordinado ao Pai. E assim é com o Espírito Santo está agora subordinado ao ministério do Filho (cf. Jo. 14-16) eo Pai, sem ser menos do que aquilo que eles são.

6. Finalmente, a Trindade é incompreensível. Nós não podemos compreender plenamente o mistério da Santíssima Trindade. Quando um dia ver a Deus, nós o veremos como ele é, e entender melhor. No entanto, mesmo assim, eu não entendo nada. Como ele é o Deus ilimitado e temos uma capacidade limitada para conhecer e entender, ele sempre vai estar acima de nosso conhecimento e entendimento. Nós seremos sempre os seres humanos, embora os seres humanos aperfeiçoados. Nós nunca será Deus. Estes aspectos de Deus que nunca entendemos completamente mistérios devem ser considerados além da nossa razão e não há paradoxos que entrem em conflito com a razão.

A busca de analogias

O problema na preparação de uma declaração sobre a doutrina da Trindade é, não só para entender a terminologia. Isto em si é bastante difícil; por exemplo, é difícil saber o que "pessoa" neste contexto. Mais difícil, porém, é para entender as relações entre os membros da Trindade. A mente humana, ocasionalmente, olhando analogias para ajudar a compreendê-los.

Ao nível popular, muitas vezes eles têm sido usados analogias tiradas da natureza física. Por exemplo, uma analogia vulgarmente utilizado é o ovo: gema é claro e concha,

tudo em conjunto para formar um ovo completo. Outro favorito é as analogias de água. Pode-se encontrar na forma sólida, líquida e a forma de vapor. Às vezes, eles têm usado outros objetos materiais como exemplos. Um pastor, instruindo seus jovens catecúmeno tentou esclarecer as três pessoas em um Deus para colocar a seguinte pergunta: "Pants é singular ou plural?" Sua resposta foi que as calças é singular e plural na parte superior, na parte inferior.

A maioria das analogias tiradas do reino físico tendem a ser triteístas ou modalistas em suas implicações. Por um lado, as analogias, como ovo e calças parecem sugerir que o Pai, o Filho eo Espírito Santo são partes separadas de uma natureza divina. Além disso, a analogia das formas de água tem Modalistas toques como gelo, água líquida e vapor são modos de existência. A mesma quantidade de água não podem existir simultaneamente nos três estados.

Nos últimos anos, alguns teólogos, explorando os pontos de vista da filosofia analítica, ter usado intencionalmente "categoria transgressões" gramaticais ou "qualificadores estranha lógica" para indicar a tensão entre unidade e três pessoas. Exemplos de tais tentativas são frases como "Deus é um só" e "eles é três." No entanto, estas frases estranhas melhor servir para expor o assunto para esclarecê-lo.

Uma das mentes mais criativas da história da teologia cristã era Agostinho. No *De Trinitate*, possivelmente, sua obra mais famosa, ele transforma seu intelecto prodigioso para o problema da natureza da Santíssima Trindade. Ele refletiu sobre essa doutrina ao longo de sua vida cristã e escreveu seu tratado sobre o assunto durante um período de 20 anos (399-419). Em consonância com a tradição ocidental ou latina, sua teoria enfatizava a unidade de Deus mais do que sua triplicidade. Os três membros da Trindade não são separados assim como três membros dos indivíduos raça humana. Cada membro da Trindade é, na sua essência divina outra idêntica ou em substância idêntica. Eles diferem em termos de seu relacionamento dentro da Divindade.

A contribuição mais importante da compreensão de Agostinho da Trindade é a de analogias tiradas do campo da personalidade humana. Ele argumentou que, como seres humanos feitos à imagem de Deus, que é trino, é razoável esperar encontrar, através da análise da natureza humana, um reflexo, ainda que fraca, da unidade trinitária de Deus. Começando com a afirmação bíblica de que Deus é amor, Agostinho disse que há três elementos necessários no amor: ama, o objeto do amor e do amor que os une, ou pelo menos tentar. Embora esta analogia tem recebido considerável atenção, para Agostinho foi apenas um ponto de partida, um trampolim para uma analogia mais significativa com base no interior da pessoa e, em particular, sua atividade mental em relação a si mesmo ou a Deus. Já nas *Confissões*, vemos a analogia com base na pessoa interior na tríade do ser, conhecimento e vontade. No *De Trinitate* a analogia com base na atividade mental ocorre em três etapas ou três trindades: (1) a mente, o conhecimento de si mesma e seu amor de si mesma; (2) de memória, intelecto e vontade;²¹ (3) a mente lembrando-se de Deus, conhecer a Deus e amar a Deus. Embora as três fases da analogia nos dá perspectiva das relações mútuas entre pessoas da Trindade, Agostinho acredita que o último é o mais útil, raciocínio que, quando focamos conscientemente em Deus é quando se assemelham nosso Criador .

Na prática, os cristãos ortodoxos ainda têm dificuldade em aderir ao mesmo tempo para os vários componentes da doutrina. Nosso uso destas analogias sugere que talvez, na prática, tendem a alternar entre tritheism, acreditam em três deuses iguais, estreitamente relacionados entre si, e modalismo, acreditar em um Deus que tem três funções diferentes ou que se revela três formas diferentes.

Sugestão de Agostinho que pode ser tirada analogias entre a Trindade e no campo da personalidade humana é útil. Buscando formas de pensar ou base conceitual sobre a qual desenvolver uma doutrina da Trindade, temos visto que a área das relações individuais e sociais é uma mais frutífero do que o campo de fonte objetos física. Isto é verdade por duas razões. A primeira é que o mesmo Deus é espírito; portanto domínios sociais e

pessoais estão mais próximos da natureza básica de Deus para o reino de objetos materiais. A segunda é que há hoje mais interesse pelas questões humanas e sociais no universo físico. Portanto, vamos examinar duas analogias tiradas do âmbito das relações humanas.

A primeira analogia vem do campo da psicologia humana. Como pessoa consciente, eu posso manter um diálogo interno comigo mesmo. Eu posso tomar posições diferentes e interagir comigo mesmo. Eu posso mesmo fazer um debate comigo mesmo. Além disso, eu sou um ser humano complexo estar com diferentes funções e responsabilidades que interagem de forma dinâmica com o outro. Quando eu penso sobre o que eu deveria fazer em uma situação particular, o marido, pai, professor de seminário e cidadão norte-americano que fazem me informar-se mutuamente.

Um problema com esta analogia é que a experiência humana é visto mais claramente sob estresse e competição em momentos de harmonia entre as diferentes posições e papéis do indivíduo. A disciplina de psicologia anormal nos dá exemplos extremos de guerra virtual entre os elementos constitutivos da personalidade humana. Mas, pelo contrário, em Deus há sempre uma comunicação perfeita harmonia e amor.

A outra analogia é aquela que vem do campo das relações interpessoais. Tomemos o caso de gêmeos idênticos. Num certo sentido, eles são a essência, porque a sua genética são idênticos. Um transplante de órgãos de um para outro podem ser realizados de forma relativamente fácil, porque o corpo do receptor não irão rejeitar o órgão de dador, como algo estranho; Ele irá aceitá-la como se fosse o seu próprio. Os gêmeos idênticos são também muito perto de muitas maneiras. Eles têm interesses e gostos semelhantes. Embora com diferentes esposas e chefes diferentes, unidos por um vínculo muito estreito. E ainda não a mesma pessoa. Eles são dois, não um.

Uma visão sobre a história da doutrina, a concepção de *perichoresis*, é especialmente útil. Isto ensina que a vida de cada um daqueles que flui através da outra, de modo que cada uma das explorações do outro e cada um tem acesso directo à consciência do outro. Portanto, o corpo humano serve muito bom exemplo do Deus trino. Por exemplo, o cérebro, coração e pulmões de um indivíduo e fornecimento de apoio um ao outro e cada um depende da outra. Gêmeos siameses que compartilham um único coração e fígado também servem para ilustrar esta intercomunhão. Mas estes, como todas as analogias são insuficientes para explicar completamente a Trindade. Precisamos usar vários, cada um destacando a singularidade e outros enfatizam triplicidade.

Embora não possamos ver plenamente como inter-relacionados estes dois conceitos em contraste, os teólogos não são os únicos que devem manter duas polaridades enquanto trabalhava. Para explicar o fenômeno da luz, os físicos tem que usar ondas e quanta, pequenas porções de energia, mas, obviamente, não pode ser ambos. Como um físico disse: "Na segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira, nós pensamos da luz como ondas; Terças, quintas e sábados pensar nisso como partículas de energia. "Presumivelmente, os físicos domingos não se preocupam com a natureza da luz. Não se pode explicar um mistério, mas pode reconhecer a sua presença.

A doutrina da Trindade é um ingrediente crucial para a nossa fé. Devemos adorar cada um deles, Pai, Filho e Espírito Santo, como nós adoramos a Deus trino. E dado o seu trabalho distintivo é tão apropriado conduzir as orações de graça e solicitar a cada membro da Trindade, como todos eles coletivamente. Além disso, o perfeito amor e unidade na unidade de modelagem de divindade e afeto que deve caracterizar nossa relação dentro do corpo de Cristo.

Parece que Tertuliano estava certo ao dizer que a doutrina da Trindade deve ter sido divinamente revelado, não construído com humanidade. É tão absurdo do ponto de vista humano que ninguém teria inventado. Nós não seguem a doutrina da Trindade, porque claramente ou logicamente convincente em si. Nós mantê-lo porque Deus revelou que esta é a forma como ela é. Como alguém já disse sobre esta doutrina:

Tentar explicá-lo, e você perde;
mas tente negar isso, e perder a sua alma.

Parte 4

O que Deus

Plano de 17. Deus

- 18. O trabalho original da criação de Deus
- 19. Os trabalhos em curso da providência de Deus
- 20. O mundo de Deus e do mal: um problema especial
- 21. Os agentes especiais de Deus: Anjos

Plano de 17. Deus

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Reconhecer os termos-chave do plano de Deus e saber como definir esses termos.
- Explique o ensino bíblico sobre o plano de Deus, tanto do Antigo e Novo Testamentos.
- Identificar e descrever algumas características gerais do plano de Deus.
- Desenvolver uma prioridade lógica ao plano de Deus ou ação humana examinando as visões históricas do calvinismo e arminianismo.
- Descrever um modelo moderadamente calvinista do plano de Deus e explicar por que é mais baseada na Bíblia que o arminiano.
- Identificar e avaliar vários pontos de vista da história, dizer onde a história e qual os movimentos é dinâmica.
- Para inspirar confiança no trabalho de Deus na história e seu efeito sobre todos os que crêem em Cristo.

Resumo do capítulo

Deus tem um plano definido para a história. Isto é apoiado pelo Antigo e do Novo Testamento. É necessário fazer uma distinção entre o termo *pré-ordenação*, que é o termo mais amplo, eo termo *predestinação*, que é o termo mais restrito que tem a ver com a eleição ou reprobção, ou ambos. Eles podem tirar conclusões, pelo menos, nove referências ao plano de Deus na Bíblia. Calvinismo e Arminianismo propor diferentes soluções para o problema de saber se o plano de Deus ou a ação humana é logicamente anterior. De acordo com nossa análise, concluímos que um ponto de vista calvinista moderada é a única base mais bíblica. Finalmente, existem vários pontos de vista sobre a história, mas a visão bíblica postula que Deus está guiando a história para seu objetivo e podemos ter certeza de que, se nos aliar-nos com Seu propósito, vamos passar para um resultado seguro da história .

Questões de estudo

1. Qual é a diferença entre o plano de Deus e decretos de Deus?
2. Explique os termos *pré-ordenação* e *predestinação*.
3. O que pode ser aprendido com os ensinamentos do Antigo e do Novo Testamento o plano de Deus?
4. Quais são as características gerais do plano de Deus?
5. Qual é o argumento de Gottfried von Leibniz sobre o envolvimento de Deus em decisões humanas, e como isso afeta a concepção de Deus?
6. O que é diferente sobre a filosofia do materialismo dialético da cosmovisão cristã?

Definições-chave

O ensinamento bíblico

Terminologia

Os ensinamentos do Antigo Testamento

Os ensinamentos do Novo Testamento

A natureza do plano divino

Prioridade lógica: Plano de Deus ou ação humana?

Um modelo moderadamente Calvinistic

Várias maneiras de compreender a história

Onde a história se passa e por quê? Qual é a causa, se houver, que o padrão histórico para desenvolver da maneira que ele faz? Essas perguntas nos fazer refletir sobre como somos seres pensantes e afetar seriamente o nosso modo de vida. A resposta cristã é que Deus tem um plano que inclui tudo o que acontece, e que agora está atuando para levar a cabo esse plano.

Definições-chave

Às vezes, nós nos referimos ao plano de Deus como os decretos de Deus. No entanto, existem várias razões pelas quais neste trabalho nós usamos o termo *plano* em vez de decretos. Primeiro, ela enfatiza a unidade da intenção de Deus com a consistência resultante de suas ações. Em segundo lugar, ele destaca o que Deus faz, isto é, a sua vontade, e não o que os seres humanos devem fazer ou o que nos acontece como resultado da vontade de Deus. Em terceiro lugar, ele enfatiza dimensão inteligente de decisões de Deus. Eles não são arbitrárias ou improvisadas.

Podemos definir o plano de Deus como sua eterna decisão para fazer certas todas as coisas que vão acontecer. Algumas analogias, embora necessariamente insuficiente, pode nos ajudar a entender esse conceito. O plano de Deus é como os planos de um arquiteto que desenhe primeiro mentalmente, depois colocar no papel por intenção ou design, e só depois que são executados em uma estrutura real. Ou você pode comparar com o executivo no planejamento de uma idéia e estratégias tático para sua empresa. Ou você pode pensar em Deus como um treinador de esportes que elaborou um plano de jogo que ele espera que a equipe realizou. É como o aluno que planeja cuidadosamente seu horário de trabalho para o trimestre a fazer o bem em todas as tarefas necessárias e concluí-las a tempo.

Agora, é necessário esclarecer certa terminologia. Muitos teólogos usam os termos *predestinar* e *preorder* praticamente sinônimos. No entanto, para os nossos propósitos, vamos utilizar uma forma ligeiramente diferente. "A afectação" tem uma conotação um pouco mais estreito do que o "pré-encomenda". Como literalmente sugere

o destino de alguém ou alguma coisa, ele é melhor usado para o plano de Deus no que se refere, em especial, a condição eterna dos agentes morais. Usar o termo *pré-ordenação* de um modo mais amplo para se referir a decisões de Deus sobre todas as matérias abrangidas pelo âmbito de aplicação da história cósmica. "Predestinação" a reserva para questões de salvação e danação eterna. Dentro de predestinação, "escolha" é usado para expressar a selecção positiva que faz de Deus dos indivíduos, das nações ou grupos que você deseja compartilhar a vida eterna e estar em comunhão com ele. "Choice" refere-se à predestinação positivo, enquanto "desaprovação" refere-se à seleção negativa ou predestinação faz Deus vai sofrer a condenação eterna e na perdição. O uso de "predestinação" neste trabalho é limitado para a eleição ou reprovação, ou ambos; Além disso, a palavra "predestinação", mas também pode se referir à eleição, reprovação ou ambos, tem um significado mais amplo. Neste adoto o uso de Louis Berkhof, em oposição ao do BB Warfield, que disse: "." Preorder "e" ordenar "são sinônimos exatos, a escolha entre eles é determinado apenas pelo gosto" ²

O ensinamento bíblico

Terminologia

A Bíblia contém um conjunto rico de ensinamentos a respeito do plano de Deus. Vários termos em hebraico e grego são usados para se referir ao projeto de Deus. יָצַר (Yatsar), que é provavelmente a mais explícita dos termos hebraicos, ele aparece no Salmo 139: 16; Isaías 22:11; 37:26 e 46:11. Ele carrega a idéia de propósito e predeterminação. Outro termo hebraico comum, יָצַע (Ya'ats) Isa usado várias vezes (14:24, 26, 27; 19:12, 17; 23: 9) e Jeremias (49:20; 50:45). Sua derivada substantiva, יָצָה (Etsah) é comum e precisa (Jó 38: 2; 42: 3; Sl 33:11 ;. 106: 13; 107: 11; Pv 19:21; Isaías 5:19; 14:26; 19 .. : 17; 46:10, 11; Jer 32:19; 49:20; 50:45; Mic 4:12) ... יָצַע também aparece frequentemente com מַחֲשָׁבָה (Machashabah) (Jer 50:45; Mic 4 :. 1.) - Para aparições separadas último termo, cf. Sl 92: 5 [6]. Isaías 55: 8; Jer. 29:11; 51:29), o qual é derivado a partir do verbo חָשַׁב (Chashab) (Gen. 50:20; Jer 18:11; 26: .. 3; 29:11; 36: 3; 49:20; 50:45; Lam. 2: 8; Mic 2: 3.). Existem várias outras condições menos comuns, e alguns referidos decretos específicos relativos à salvação e comunhão com Deus.

No Novo Testamento, o termo usado referência mais explícita ao plano de Deus é προορίζω (proorizo) (Atos 04:28; Romanos 8:29, 30; 1 Coríntios 2: .. 7; Efésios 1: 5, 11.). Palavras similares são προτάσσω (protassō) (Atos 17:26). Προτίθημι (protithēmi) (Ef. 1: 9) e seu substantivo πρόθεσις (prótese ..) (Romanos 8:28, 9:11; Ef 1:11; 3:11; 2 Timóteo 1: 9), e προετοιμάζω (proetoimazō) (Ro 9:23; Ef 2:10) ... Outros termos que enfatizam a presciência de um tipo ou outro e o seu material πρόγνωσις (prognóstico). A ideia de determinar encontrado em προχειρίζω (procheirizō) e προχειροτονέω (procheirotoneō) e às vezes o simples ὀρίζω (Skyline). (Lucas 22:22; Atos 02:23; 10:42; 17:26, 31; Hebreus 4: ... 7). A idéia de espera e de esperança é expressa enquanto a boa vontade do Pai é designado εὐδοκία (eudokia) e εὐδοκέω (eudokeō).

Os ensinamentos do Antigo Testamento

Ao apresentar o Antigo Testamento, o planejamento e gestão do trabalho de Deus que está estreitamente ligada à aliança que o Senhor fez com o seu povo. Quando lemos sobre tudo o que Deus fez, pessoalmente, escolher e cuidar de seu povo, duas verdades sobre ele surgir. Por um lado, Deus é supremamente poderoso, o criador e sustentador de tudo

o que é. Por outro lado, ele é amoroso, carinhoso e natureza pessoal do Senhor. Não é mero poder abstrato, é também uma pessoa amorosa.

Para os autores do Velho Testamento, era quase inconcebível que qualquer coisa pode acontecer independentemente da vontade e da obra de Deus. Como prova disso, considere expressões comuns que impessoais como "chuva" não aparece no Antigo Testamento. Para os hebreus, a chuva não caiu por conta própria; Deus enviou a chuva. Eles o viam como o todo-poderoso que determina que todas as coisas ocorram. Não é só ativo em tudo o que acontece, então ele tem planejado. O que está acontecendo agora foi planejado há muito tempo. Por exemplo Deus os mesmos comentários sobre a destruição causada pelo rei da Assíria: "Você não ouviu que há muito tempo eu fiz isso desde os dias de idade eu tenho planejado? Bem, agora eu realmente vir, e você está pronto para reduzir cidades fortificadas a pilhas de escombros. "(Is. 37:26). Mesmo algo tão aparentemente trivial como a construção de reservatórios é descrito como algo planejado há muito tempo (Isa. 22:11). Tem-se a sensação de que todos os dias são projetados e confirmados pelo Senhor. Assim, o salmista escreve: "Meu embrião vi seus olhos, e no teu livro foram escritos todos os dias que foram formados sem perder um." Um pensamento semelhante foi expressa Jó (14: 5). No plano de Deus não é uma preocupação para o bem-estar da nação de Israel, e cada um dos filhos de Deus (Sl 27: 10-11; 37 ;. 65: 3; 91; 121, 139: 16; Dn . 12: 1; Jonas 3: 5). Em Salmos 91 e 121 são a confiança na bondade, provisão e proteção, em muitos casos nos lembra dos ensinamentos de Jesus sobre os pássaros e as flores (Mateus 6: 25-29).

O Antigo Testamento também afirma a crença na eficácia do plano de Deus. O que acontece agora é porque ele é (e sempre foi) parte do plano de Deus. Certamente irá fazer tudo o que está acontecendo em seu plano. Isaías 46: 10-11 diz assim: "anuncio o fim desde o princípio, e desde a antigüidade as coisas que não foram feitas; Eu digo: "Meu plano permanecerá e fazer o que quiser; Eu chamo um pássaro do leste e do país longe o homem do meu plano. Eu falei, e eu virei; Eu planejei, que irá levá-lo para fora. " "Frases semelhantes são encontrados em Isaías 14: 24-27. Por causa da fidelidade de Deus à sua finalidade declarada é inútil se opor a ele: "Porque o Senhor dos exércitos o determinou, e quem pode impedi-lo? Sua mão está estendida, e quem a fará voltar atrás "(v 27; cf. Jó 42:. 2; Jer 23:20; Zc 1:. 6.) ?.

É particularmente na literatura sabedoria e os profetas, onde a idéia de um propósito divino plenamente inclusiva é mais proeminente. Deus desde o início, desde toda a eternidade, tem tido um plano abrangente que engloba toda a realidade e se estende até mesmo para os mais pequenos detalhes da vida. "Tudo o que o Senhor fez para seus próprios fins, até o ímpio para o dia do mal." (Provérbios 16: 4; cf .. 3: 19-20; Jó 38, especialmente o verso 4, Isaías 40:12 ;. Jer. 10: 12-13). Mesmo o que é normalmente considerado uma ocorrência aleatória, como quando algo explode em lotes, ele é retratado como algo feito pelo Senhor (Prov. 16:33). Nada pode impedir ou frustrar o cumprimento de seu objetivo. Provérbios 19:21 NVI diz: "o coração humano gera muitos projetos, mas, no final, o Senhor da prevalecente." (Cf. 21: 30-31; Jer. 10: 23-24). Nós, seres humanos, como Jó, nem sempre pode entender como Deus age para alcançar o seu propósito em nossas vidas: "Quem é que, com falta de compreensão, escurece o conselho" Então, eu falava e entendia nada, eram coisas maravilhosas demais para mim, que eu não entendia "(Jó 42: 3).

Portanto, do ponto de vista do crente do Antigo Testamento, Deus criou o mundo, e estava correndo a história, que foi o desenvolvimento de um plano preparado na eternidade e relacionado com a sua intenção à comunhão com seu povo. Criação em sua vasta extensão e detalhes das vidas individuais foram incluídos neste plano e, certamente, acontecer como Deus planejou. Como resultado, os profetas poderiam falar dos acontecimentos que estavam por vir, com certeza.

Os ensinamentos do Novo Testamento

O plano eo propósito de Deus também destacou no Novo Testamento. Jesus viu os eventos de sua vida e os eventos futuros como algo que tinha que acontecer porque o plano de Deus. Jesus disse que Deus tinha planejado eventos não só grandes e complexos como a queda ea destruição de Jerusalém (Lc 21: 20-22.), Mas detalhes como deserção e traição de Judas, ea lealdade dos outros discípulos (Mt. 26:24; 14:21 Mr; Lucas 22:22; João 17:12; 18: .. 9). O cumprimento do plano de Deus e da profecia do Antigo Testamento é proeminente nos escritos de Mateus (01:22 tema; 2:15, 23; 4:14; 8:17; 00:17; 13:35; 21: 4; 26:56) e John (00:38; 19:24, 28, 36). Embora os críticos podem objetar que algumas dessas profecias foram cumpridas por pessoas que conheciam e poderia ter um interesse pessoal em vê-las cumpridas (por exemplo, Jesus cumpriu Sl. 69:21 dizendo "Tenho sede" [Jo. 19:28]) Vale ressaltar que outras profecias foram cumpridas por pessoas que não tinham desejo de conhecê-los e que provavelmente não sabia, como os soldados romanos jogou para a roupa de Jesus ou não quebrar qualquer um dos seus ossos.

Mesmo onde não havia profecias específicas para atender Jesus transmitia uma sensação de necessidade (δεῖ - *dei*), *relativa a eventos futuros*. Por exemplo, ele disse aos seus discípulos: "Mas quando ouvirdes falar de guerras e rumores de guerras, não se assuste, porque você precisa ser; mas ainda não é o fim ... eo Evangelho deve ser pregado a todas as nações "(Marcos 13: 7, 10). Ele também tinha um profundo senso de necessidade de o que fazer; o plano do Pai seria concluída. Portanto, disse ele, "É necessário para outras cidades também pregar o reino de Deus, por isso fui enviado" (Lucas 4:43.), E "Como Moisés levantou a serpente no deserto, que é O Filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna "(Jo. 3: 14-15). Sabemos que ele estava ciente disso e aos doze anos, porque quando seus pais preocupados encontrou-o no templo, ele disse: "Você não sabia que em meu Pai eu devo ser?" (Uma outra tradução possível seria: " Eu tenho que estar na casa de meu Pai. "- Lucas 2:49).

Os apóstolos também enfatizou o propósito divino. Peter disse em seu discurso no dia de Pentecostes: "Ele, que foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, vós tomou e morto por mãos ímpias crucificaram" (Atos 2:23.). Depois de Pedro e João foram liberados pelo Sinédrio, os discípulos levantaram a voz a Deus, dizendo que Herodes e Pôncio Pilatos com os gentios e os povos de Israel, estavam reunidos em Jerusalém: "[contra Jesus] a fazer o que a tua mão ou o teu conselho tinham anteriormente determinado que ser feito "(Atos 4: 27-28.). Peter também disse que várias coisas que aconteceram foram o cumprimento das predições das Escrituras: (. Atos 1:16) a deserção de Judas, a vinda do Espírito Santo (2: 16-21), e ressurreição de Jesus (2 : 24-28). O livro do Apocalipse, escrito pelo apóstolo João, nos dá um exemplo particularmente notável da crença na eficácia do plano divino.

Nos escritos de Paulo é onde se expressa de forma mais explícita que as coisas acontecem de acordo com o plano de Deus (1 Coríntios 00:18; 15:38; Colossenses 1:19). A riqueza das nações é determinada por ele (At. 17:26). Isso inclui a obra redentora de Deus (Gl 3: 8; 4: 4-5.), A escolha dos indivíduos e das nações (Rom 9-11.), Ea seleção de Paul antes mesmo do nascimento (Gal. 1:15). A imagem do oleiro e do barro usado em uma referência específica e um pouco restrito (Rm. 9: 20-23), expressa a filosofia da história de Paul. Considera "tudo" o que acontece como parte da intenção de Deus para Seus filhos (Efésios 1: 11-12.): "E sabemos que daqueles que amam a Deus todas as coisas cooperam para o bem, este isto é, que segundo o seu propósito são chamados "(Rom. 8:28), seu objetivo é que possamos nos tornar" conformes à imagem de seu Filho "(v. 29).

A natureza do plano divino

Chamamos a algumas características gerais do plano de Deus para essas referências bíblicas numerosas e variadas que nos permitem entender melhor o que podemos esperar da parte de Deus.

1. O plano de Deus é para toda a eternidade. Temos notado que o salmista fala de Deus tinha planejado todos os nossos dias antes de haver (Sl 139: 16.), E Isaías diz que Deus tinha planejado "desde os tempos antigos" (22:11). Paulo declara em Efésios que Deus "nos escolheu nele [Cristo] antes da fundação do mundo" (1: 4), e, mais tarde, na mesma carta, Paulo fala de "propósito eterno fez [Deus] em Cristo Jesus, nosso Senhor" (03:11). O apóstolo também escreve a Timóteo que Deus "nos salvou, e chamou com uma santa vocação, não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos" (2 Tim. 1: 9). Estas decisões não são feitas quando ocorrem shows e eventos de história. Deus manifesta o Seu propósito na história (2 Tim. 1:10), mas ele sempre foi o plano de Deus desde toda a eternidade, desde antes do início dos tempos.

Ser eterno, o plano de Deus não tem seqüência cronológica. Esta é uma razão para falar sobre o plano de Deus, em vez de decretos. Não há antes e depois na eternidade. Há, naturalmente, uma seqüência lógica (por exemplo, a decisão de deixar Jesus morreu na cruz é o que segue a decisão de dar a terra), e não há um prazo para a realização dos eventos que têm sido decretou; mas há uma seqüência temporal na vontade de Deus. É uma decisão coerente simultânea.

2. O plano de Deus e as decisões nelas contidas são livres por Deus. Isto está implícito em expressões como "o beneplácito de sua vontade" (εὐδοκία - eudokia). Ele também está implícita no fato de que ninguém aconselhou-o (na verdade, não há ninguém que possa aconselhar). Isaías 40: 13-14 diz: "Quem examinou o espírito de Jeová ou aconselhou e ensinou? Quem pediu conselhos a discernir? Que lhe ensinou o caminho da justiça ou deu-lhe conhecimento ou lhe mostrou o caminho de entendimento? "Paul cita essa mesma passagem, quando ele conclui sua grande declaração sobre soberania e mistério das obras de Deus (Rom. 11:34). Depois de adicionar uma palavra de Jó 35: 7 no sentido de que Deus não está em dívida com ninguém conclui: "Porque dele e por meio dele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre. Amém "(Rom. 11:36). Paulo também cita Isaías em 1 Coríntios 40:13. Depois de falar sobre a sabedoria de Deus, que ele ordenou antes dos séculos (1 Co 2: 7), ele pergunta: "Quem conheceu a mente do Senhor? Quem irá instruir? "(V. 16). Que os seres humanos não fizeram qualquer contribuição para que Deus planejou, em princípio, pode parecer uma desvantagem. Mas na reflexão, vemos que na realidade é uma fonte de conforto. Por não ter qualquer contribuição humana, o plano de Deus não está sujeito às limitações de conhecimento e erros de julgamento tão característica dos planos humanos.

Não é apenas decisões de Deus não surgem a partir de qualquer determinação externa; É que eles não estão mesmo de compulsão interna. Ou seja, embora as decisões e ações de Deus são inteiramente consistentes com a sua natureza, não são limitados por natureza. Não é como os deuses do panteísmo, que são restritos pela sua própria natureza a querer o que eles querem e fazem o que fazem. Deus teve que criar. Ele tinha que agir em um amoroso e santo em tudo o que ele fez, mas não era obrigada a criar. Ele escolheu livremente criar, por razões desconhecidas para nós. Apesar de seu amor obrigado a agir de uma forma amorosa com qualquer criatura que tem vida, eu fui forçado a criar ter objetos que amam. Tem sido sempre uma expressão de amor entre os membros da Trindade (ver, por exemplo, Jo. 17:24).

3. Finalmente, a propósito do plano de Deus é a sua glória. Este é o maior valor, eo grande fator de motivação em tudo o que Deus escolheu e feito. Paulo indica que "nele foram criadas todas as coisas ... por meio dele e para ele" (Colossenses 1:16). Deus nos escolheu em Cristo e nos predestinou ", segundo o beneplácito de sua vontade - para o louvor da glória de sua graça" (Ef. 1: 5-6). Os anciãos do Apocalipse que se curvar e adorar o Senhor Todo-Poderoso cantar: "Senhor, Tu és digno de receber a glória ea honra

eo poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas" (Ap 4. : 11). O que Deus faz, ele o faz em honra de seu próprio nome (Is 48:11; Ez. 20: 9). O objetivo de todo o plano de salvação é a glória de Deus através de boas obras que Deus tem preparado para o seu povo para torná-los (Ef. 2: 8-10). Jesus disse que seus seguidores tiveram de deixar sua luz brilhar diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus (Mt. 05:16; cf. Jo 15, 8). Temos sido nomeado para viver para o louvor da sua glória (Ef. 1:12). Temos sido selados com o Espírito para o louvor da sua glória (13-14 vv.).

Isso não significa que não há motivações secundárias por trás do plano de Deus e as ações resultantes. Ele forneceu os meios de salvação ao encontro de seu amor pela humanidade e sua preocupação com seu bem-estar. Isso, no entanto, não é um objetivo final, mas um meio para um fim maior, a própria glória de Deus. Devemos notar que Deus é realmente o Senhor. Nós existimos por causa dele, para a sua glória e para o seu prazer, e não vice-versa.

4. O plano de Deus é totalmente inclusiva. Isso está implícito na ampla gama de questões mencionadas na Bíblia como parte do plano de Deus. No entanto, além disso, há declarações explícitas sobre a extensão do plano de Deus. Paulo fala de Deus como aquele que "faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade" (Ef. 1:11). O salmista diz: "todas as coisas lhe servir" (Sl. 119: 91). Todas as extremidades são parte do plano de Deus, mas também o são todos os meios. Portanto, a amplitude das decisões divinas vai além do que seria de esperar. Do ponto de vista de Deus não há divisão entre as áreas sagradas e profanas da vida. Não há nenhuma área que está fora de sua área de preocupação e determinação.

5. plano de Deus é eficaz. O que foi proposto desde a eternidade definitivamente isso acontece. O Senhor diz: "Certamente que vai ser do jeito que eu pensei ... porque o Senhor dos exércitos o determinou, e quem pode impedi-lo? Sua mão está estendida que pode transformá-lo de volta? (Is. 14:24, 27). Ele não mudou sua mente, ele não vai descobrir novas considerações que o levam a alterar as suas intenções. "Meu plano permanecerá e fazer o que quiser", diz o Senhor, em Isaías 46:10. Porque o conselho do Senhor é a eternidade e é perfeito, nunca ofusca ou ser substituído; vai durar para sempre: "O plano do Senhor permanece para sempre; os pensamentos de seu coração por todas as gerações" (Sal. 33:11).

6. O plano de Deus se relaciona com suas ações ao invés de sua natureza, as suas decisões em matéria de o que vai, não seus atributos pessoais. Deus, por exemplo, optar por ser amoroso e poderoso. É simplesmente para ser Deus amoroso e poderoso.

7. plano de Deus refere-se principalmente ao que o próprio Deus faz em termos de criação, manutenção, gestão e redenção. Ele também tem a ver com a vontade ea ação humana, mas apenas secundariamente, ou seja, como um meio para os fins que se propõe, ou os resultados das ações que empreende. O papel de Deus aqui é decidir que certas coisas acontecem em nossas vidas, não impor comandos nos a agir de determinadas maneiras. Desde então Deus decidiu que isso aconteça envolve um elemento de necessidade. No entanto, os detalhes do plano de Deus, deve ser considerada menos como imperativos como descrições do que vai acontecer. O plano de Deus não força os seres humanos a agir de uma determinada maneira, ele garante que agir *livremente* assim.

8. Por conseguinte, embora o plano de Deus está relacionada principalmente ao fazer, as ações humanas estão também incluídas. Jesus, por exemplo, observou que as respostas dos indivíduos à sua mensagem era o resultado da decisão do Pai: "Tudo o que o Pai me dá virá a mim ... Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou, Inspira-se dele" (João 6:37, 44; cf. 17 :. 2, 6, 9). Luke disse em Atos 13:48 que "todos os que criam estavam ordenados para a vida eterna."

O plano de Deus inclui o que normalmente chamamos de boas obras. Cyrus, que nunca conheceu ou Senhor reconhecido foi predeterminado para ajudar a realizar o propósito de Deus para reconstruir Jerusalém e seu templo (Is. 44:28). Paulo diz que os

crentes "feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Ef. 2:10). Além disso, as más ações dos seres humanos, ao contrário da lei de Deus e intenções morais, são considerados nas Escrituras como parte do plano de Deus, pré-determinado por ele. Traição, condenação e crucificação de Jesus são exemplos notáveis dessa (Lc 22:22; Atos 2:23; 4: 27-28.).

9. O plano de Deus é imutável nos seus termos específicos. Aqui nós tentamos enfatizar que Deus não muda Sua mente ou alterar as suas decisões em relação às suas determinações específicas. Pode parecer estranho se considerarmos que, à luz do que parece ser uma alteração das suas intenções em matéria de Nínive (Jonas) e arrependimento aparente por ter criado a humanidade (Gênesis 6: 6). No entanto, a sua declaração em Gênesis 6 deve ser considerada antropomorfismo ou anthropopathism, eo anúncio da iminente destruição de Jonas deve ser visto como um aviso utilizado para dar efeito ao verdadeiro plano para Nínive. Devemos notar que a consistência é um dos atributos da grandeza de Deus (pp. 304-8).

Prioridade lógica: Plano de Deus ou ação humana?

Agora temos de pensar se a prioridade lógica é o plano de Deus ou ação humana. Embora os calvinistas e arminianos concordam que as ações humanas estão incluídos no plano de Deus, discordam sobre o que é causa eo que é o resultado. Será que as pessoas fazem o que fazem porque Deus decidiu que esta é exatamente a maneira que eles esperavam Deus para agir ou o que você vai e baseado em que faz uma decisão sobre o que vai acontecer?

1. calvinistas acreditam que o plano de Deus é, obviamente, em primeiro lugar e que as decisões e ações humanas são a consequência. No que diz respeito à questão particular da aceitação ou rejeição da salvação, Deus, em Seu plano escolheu alguns a acreditar e, portanto, receber a oferta da vida eterna. Ele sabe de antemão o que vai acontecer, porque você decidiu o que vai acontecer. Isto é verdade em relação a todas as outras decisões e ações humanas também. Deus não depender do que eles decidem para os seres humanos. Portanto, não é que Deus determina o que os seres humanos têm que ir, ou escolher a vida eterna para aqueles que esperam que acreditemos. Em vez disso, tem assegurado a decisão de Deus de que todos os indivíduos agem de uma maneira particular.

2. arminianos, por outro lado, colocar uma maior ênfase na liberdade humana. Deus permite e espera para o exercício da vontade humana que nos foi dado. Se não fosse assim, não teríamos encontrar convites bíblicos para escolher Deus, passagens de "todos" como: "Vinde a mim, todos os que estais e estão sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). A mesma oferta de tais convites implica que o ouvinte tem uma chance genuína de aceitar ou rejeitar. No entanto, isso parece uma incoerência em relação à posição que as decisões de Deus têm garantido o futuro. Se fosse assim, não haveria necessidade de convites para os seres humanos, porque as decisões de Deus sobre o que iria ocorrer independentemente do que eles fizeram. Arminianos, portanto, procurar uma outra forma de decisões de Deus.

A chave é entender o papel da presciência de Deus na formação e execução do plano divino. Em Romanos 8:29 Paulo diz. "Aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou" Neste versículo o arminiano conclui que a escolha de Deus ou de determinar o destino de cada indivíduo é o resultado de seu conhecimento prévio. Portanto, aqueles que Deus sabia de antemão quem iria acreditar são aqueles que decidiram que seria salvo. Uma declaração semelhante pode ser feita de todas as ações humanas, todos os outros aspectos da vida na verdade. Deus sabe o que vamos fazer todos nós. Portanto prevê determina o que vai acontecer. Note-se que a ação humana e seus efeitos não são o resultado da decisão de Deus. A ação humana é logicamente anterior. Nesta base, o conceito de livre-arbítrio é preservado. Todos os indivíduos têm verdadeiras escolhas. É seres humanos que asseguram as suas ações; Deus simplesmente limitado a consentir. Pode-se dizer que, de acordo com a visão arminiana este aspecto do plano de

Deus é condicionada por decisões humanas; do ponto de vista calvinista, por outro lado, o plano de Deus é incondicional.

Um modelo moderadamente Calvinistic

Apesar das dificuldades em relacionar a soberania divina com a liberdade humana, podemos concluir a partir de um ponto de vista bíblico que o plano de Deus é incondicional, mas condicionada pela escolha humana. Simplesmente não há nada na Bíblia que sugere que Deus escolhe para os seres humanos do que eles estão a fazer por si mesmos. O conceito arminiano da presciência (πρόγνωσις - *prognóstico*) *para atraente que seja, não é recomendada a Escritura*. A palavra significa mais do que simplesmente ter conhecimento prévio ou conhecimento prévio do que vai acontecer. Parece que no fundo é o conceito hebraico de יָדָא (Yada'), que muitas vezes significava mais do que apenas a consciência. Sugeriu um tipo de conhecimento íntimo; mesmo que foi usado para o sexo. Quando Paulo diz que Deus sabia de antemão o povo de Israel, ele estava se referindo não só para o avanço do conhecimento que Deus tinha. É claro, é claro que Deus escolheu Israel não porque ele sabia de antemão que ele teria uma resposta favorável. Se Deus tinha previsto que a resposta, ele o faria, sem dúvida, errado. Note-se que em Romanos 11: 2, Paulo diz: "Deus não rejeitou ao seu povo que antes conheceu" e, em seguida, há uma discussão sobre a infidelidade de Israel. Claro presciência nessa passagem deve ser superior a presciência. Em Atos 02:23, presciência está ligada à vontade (*boule*) de Deus. Além disso, em 1 Pedro 1 diz que os eleitos são escolhidos de acordo com a presciência de Deus (v. 2) e que Cristo foi conhecido ainda antes da fundação do mundo (20 v.). Sugerir a ser estacionados aqui significa apenas ter conhecimento prévio está a privar estes versos de seu significado real. Deve-se concluir que o conhecimento prévio tal como utilizado em Romanos 8:29 traz a ideia de prontidão ou em adição à selecção de conhecimento prévio.

Além disso, há passagens em que a natureza incondicional do treinador plano de Deus é bastante explícito. Isto é visto em declaração de Paulo sobre a eleição de Jacob contra Esaú "ainda não nascido, nem tendo feito bem ou mal (que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme não das obras, mas chamando [ἐκ τοῦ καλοῦντος - *ek tou kalountos*]), quando Deus disse a Rebeca: "O mais velho servirá ao mais jovem". Como está escrito: "Amei a Jacó, mas rejeitei Esaú" (Rm. 9: 11-13). Paulo parece ter grande cuidado para enfatizar a natureza imerecida e incondicional da eleição de Jacob por Deus. Mais tarde, no mesmo capítulo, Paulo diz: "Então, de quem quer ter misericórdia, e quem quer endurece" (v 18).. O significado da imagem depois do oleiro e do barro é difícil de perder (vv. 20-24). Da mesma forma Jesus disse a seus discípulos: "Vocês não me escolheram, mas eu vos escolhi e vos designei para que vades e deis fruto, eo vosso fruto permaneça" (Jo 15:16.). Devido a estas considerações e similares, devemos concluir que o plano de Deus é incondicional e não condicionada pelas ações humanas planejadas.

Neste ponto, devemos nos perguntar se Deus pode criar seres verdadeiramente livres e também certificar-se de todas as coisas vão acontecer, incluindo as decisões e ações desses seres livres. A chave para resolver o problema é a distinção entre fazer as coisas que são verdadeiras e os tornam necessário. Na primeira Deus ele decide algo vai acontecer; no segundo decretos que se algo acontecer. No primeiro caso, os seres humanos não agem de forma contrária ao curso de ação que Deus escolheu; no segundo, o ser humano não pode agir de forma contrária aos eleitos de Deus. O que estamos dizendo é que Deus garante que uma pessoa que poderia agir (ou poderia ter agido) de uma maneira diferente, na verdade, agir de uma determinada maneira (a maneira que Deus quer que façamos isso).

O que significa que estou livre? Isso significa que eu não sou obrigado. Portanto, eu sou livre para fazer o que quiser. Mas eu sou livre com respeito ao que me agrada ou

não? Para colocá-lo de forma diferente: eu posso escolher uma acção contra outro que atrai minha atenção, mas eu não posso controlar totalmente a atração que cada uma dessas coisas tem em mim. Esse é um assunto completamente diferente. Tomo todas as minhas decisões, mas essas decisões são influenciadas por certas características da mina que eu não sou capaz de alterar por opção. Se, por exemplo, eu ofereço para o fígado jantar ou *qualquer* outro prato, eu sou livre para escolher o fígado, mas não vai querer. Eu não tenho nenhum controle consciente sobre isso eu não gosto de fígado. Isso é algo que faz parte de mim. A este respeito, a minha liberdade é limitada. Eu não sei se os meus genes ou a minha causaram condicionamento ambiental. Eu não gosto de fígado, mas é claro que só o desejo não pode alterar essa característica da mina.

Há, portanto, limitações sobre quem eu sou eo que eu quero e eu quero. É claro que eu não escolher os genes; e eu escolhi meus pais ou localização geográfica e cultural do meu nascimento. Minha liberdade, portanto, tem certas limitações. E é aí que surge a pergunta: "Quem define esses fatores?" A resposta teísta é "Deus".

Eu sou livre para escolher entre várias opções. Mas a minha escolha será influenciado pelo que eu sou. Portanto, a minha liberdade deve ser entendido como a minha capacidade de escolher entre várias opções à luz do que eu sou. E o que eu sou é o resultado da decisão e atividade de Deus. Deus controla todas as circunstâncias que rodearam a minha situação na vida. Faz estive em minha vida (ou permite que eles apareçam) fatores que o tornam atraente para mim, mesmo muito atraente, uma opção particular. Através de todos os fatores que eu experimentei no passado, ele tem influenciado o tipo de pessoa que eu sou agora. Na verdade, tem influenciado o que eu tinha que ir desejando que eu, que dão vida era.

Cada vez que uma criança é concebida, há um número infinito de possibilidades. Um incontável variedade de combinações genéticas podem surgir a partir da união de espermatozóide e óvulo. Nós não sabemos por que surge de uma combinação particular. Agora, para este argumento, considere a possibilidade hipotética de um indivíduo cuja combinação genética difere apenas um pouco do meu. Ele é praticamente idêntico ao me em tudo; responde em todas as situações da vida como eu gostaria. Mas em um determinado momento ele vai escolher para mover o dedo para a esquerda quando eu mover para a direita. Eu não tenho que mover o dedo para a direita, mas livremente optar por fazê-lo. Agora, para se certificar de que eu e não meu duplo hipotético, o que quer que existia, e estabelecendo as circunstâncias de minha vida, Deus garante que em um determinado momento que eu escolher livremente mover o dedo para a direita.

Isso, em muitos aspectos se assemelha a trama de Gottfried von Leibniz em sua teodiceia. Deus sabe todas as possibilidades infinitas. Escolha qual deles se tornará realidade. E meticulosamente selecionando os mesmos indivíduos que dá o ser, os indivíduos respondem a estímulos específicos exatamente como ele deseja, e certificando-se que esses fatores específicos estão presentes, garante decisões e ações desses indivíduos livres. Onde a nossa vista difere da de Leibniz é que vemos decisões de Deus completamente livre nesta matéria, não são de todo certo. Além disso, para garantir as ações humanas Deus não está limitado a escolher uma vida para ser e, em seguida, deixá-lo agir em um mundo mecânico e determinista. Deus está a trabalhar activamente neste mundo, influenciando o que acontece. Assim, as conotações deists de vista de Leibniz são evitados.

A posição aqui defendida é que BB Warfield considerada a forma mais leve do Calvinismo (existem de fato alguns calvinistas não acreditam que eles merecem mesmo ser chamado calvinismo). Warfield chamou esta posição "Congruism", porque sustenta que Deus trabalha de uma maneira consistente com a vontade individual; isto é, Deus trabalha de uma forma tão convincente que a vontade do indivíduo escolher livremente a opção que Deus deseja. No que diz respeito à oferta de salvação, isso significa que Deus não começa a regenerar aqueles que escolhem, transformando suas almas a acreditar; em vez disso, o trabalho de um atraente e convincente para que eles escolham a acreditar

nisso, e regenerados. O que nós estamos adicionando a esta posição é a idéia de que Deus está operando na vida do indivíduo muito antes ATAQUE regenerar e maneira persuasiva: Deus desde a eternidade decidiu que o assunto potencial que realmente passa a existir é a resposta este conjunto de circunstâncias exatamente como Deus quer.

O que Deus tem garantido as ações e decisões humanas são compatíveis com a liberdade humana? A nossa resposta depende do que você entende por liberdade. Dependendo da posição que estamos discutindo, a resposta para a pergunta: "Poderia ter escolhido o indivíduo de forma diferente" sim, enquanto a resposta à pergunta: "Mas o que foi que você fez?" Não é. De acordo com a nossa compreensão da liberdade humana, que existe apenas tem que responder sim à primeira pergunta. Mas outros argumentam que a liberdade humana só existe se a resposta para as duas perguntas; isto é, que o indivíduo pode não só escolher de forma diferente, mas que também pode querer fazê-lo. Do seu ponto de vista, a liberdade significa espontaneidade total, a escolha aleatória. Gostaríamos de dizer-lhes que, em relação às decisões e ações humanas, nada é completamente espontânea ou aleatória. O comportamento humano é um pouco previsível; Quanto melhor conhecer uma pessoa, o melhor que podemos antecipar suas reações. Por exemplo, um amigo próximo pode dizer: "Eu tinha certeza de que ia dizer isso." As redes de televisão pode prever os resultados de uma eleição por meio da análise de alguns círculos eleitorais pendentes. Concluimos que se a liberdade significa escolha aleatória, a liberdade humana é praticamente impossível. Mas se a liberdade significa a capacidade de fazer escolhas, existe a liberdade humana e é consistente com o fato de que Deus tem garantido as decisões e ações humanas.

Deve-se ressaltar que, se a precisão dos resultados é incompatível com a liberdade, a presciência divina, como o arminiano entende esse termo, apresenta muita dificuldade para a liberdade humana e predestinação divina. Porque se Deus já sabe o que vou fazer, ter certeza de que vou fazê-lo. Se não tem a certeza Deus não podia saber; Eu posso estar errado (pode agir de maneira diferente do que ele esperava). Mas se o que eu faço é verdade, certamente eu vou, eu sei disso ou não. Acontecer! Mas então eu sou livre? Do ponto de vista daqueles que acreditam que a definição de liberdade traz a implicação de que não se pode ter certeza de que esse evento em particular vai acontecer, provavelmente eu não sou livre. Para eles, a presciência divina é tão incompatível com a liberdade humana e predestinação divina.

Pode parecer que temos defendido eleição divina é, em parte, o mesmo que a idéia de presciência arminiano. No entanto, há uma diferença significativa. No noção arminiana é uma presciência de entidades que realmente existem. Deus simplesmente escolher confirmar, por assim dizer, que prevê que os indivíduos reais decidir fazer. No entanto, do nosso ponto de vista, Deus sabe todas as possibilidades anteriormente. Deus prevê possíveis seres o que eles vão fazer se eles são colocados em uma situação com todas as influências que vão estar presentes naquele momento no tempo e no espaço. Nesta base, escolher qual dos possíveis indivíduos têm existência e que circunstâncias e influências estão presentes. Ele já sabe o que essas pessoas vão livremente, porque ele realmente tomou esta decisão em particular a escolha deles para dar-lhes vida. No que diz respeito à salvação, isto significa que, em ordem lógica Deus decidiu criar os seres humanos, eles cairiam, e que entre aquele grupo que dão existência, e que seria tudo sob a maldição do pecado, alguns indivíduos agem como ele desejava, ele iria escolher livremente responder.

Nossa posição que Deus fez certas coisas acontecem todos levanta outra questão: existe uma contradição entre o que Deus ordena e diz que quer eo que você realmente quer? Por exemplo, o pecado é universalmente proibido, no entanto, decidir que aparentemente parece acontecer. Desde então, matar é proibida nas Escrituras, mas a morte de Jesus foi aparentemente executado a vontade de Deus (Lucas 22:22 ;. Atos 2:23). Além disso, somos informados de que Deus não quer que ninguém pereça (2 Pedro

3: 9), embora aparentemente não parecem querer que todos sejam salvos, porque nem todos eles vão. Como podemos conciliar essas considerações aparentemente conflitantes?

Devemos distinguir entre duas formas diferentes de vontade de Deus, que nos referimos como "desejo" de Deus (vontade 1) e "vontade" de Deus (vontade 2). A primeira é a intenção geral de Deus, os valores que lhe agrada. A segunda é a intenção específica de Deus em uma situação particular, ele decide o que precisa acontecer. Às vezes, muitos, em que Deus escolhe para permitir e, portanto, garante que isso aconteça, o que realmente não querem. Este é o caso do pecado. Deus não quer que o pecado ocorra. No entanto, há ocasiões em que você simplesmente diz, com efeito: "Que assim seja", permitindo que um ser humano escolher livremente ato pecaminoso. Joseph recebeu tratamento de seus irmãos não agradam a Deus; Não era consistente com sua natureza. No entanto, Deus decidiu permitir; Ele não interveio para impedir. E, de fato, Deus usou suas ações para produzir o que eles realmente tentou evitar: o domínio de Joseph.

Deus não apreciar a destruição dos ímpios. Ela provoca. No entanto, ele escolhe para permitir-lhes a sua própria vontade, eles se recusam a acreditar. Por isso, nós não sabemos. Mas isso é o que estamos falando não é tão especial e estranho como poderia pensar à primeira. Não é muito diferente do que nós, por vezes, tornar os pais com seus filhos. A mãe pode não quer que seu filho a se comportar de uma maneira particular, e você pode estar dizendo isso. No entanto, em certas situações, a mãe pode ver seu filho sem que ele percebesse, a forma de ato proibido, mas optar por não agir para preveni-la. É evidente que o desejo da mãe é que seu filho não agir dessa forma, mas sua vontade é fazer o que ele decidiu fazer. Optar por não intervir para impedir o ato, a mãe é realmente pegá-la acontecer.

Devemos entender que Deus permite o pecado ao invés de provocá-lo. Deus nunca diz: "comete este pecado!" Mas permitindo condições que levam uma pessoa a cometer um pecado, não evitá-la, Deus realmente optar por ser pequeno. Se for mantido que a falta de impedir que algo é causalidade ou responsabilidade, então Deus teria de ser considerado neste sentido secundário, para causar o mal. Mas devemos notar que esta não é a maneira que você geralmente atribuir a responsabilidade.

Outra questão a ser examinada a questão de se nossa visão do plano de Deus elimina tudo que abrangem o nosso incentivo para agir. Se Deus já garantiu que vai acontecer, é que vale a pena nós para tentar fazer a sua vontade? O que vai realmente fazer a diferença no que tem que acontecer? Esta questão diz respeito, em particular, para o evangelismo. Se Deus já escolheu (eleito) que será salvo e quem não é, que diferença isso faz-nos (ou qualquer outra pessoa) tentar espalhar o evangelho? Nada pode mudar o fato de que os eleitos serão salvos e outros não.

Para responder a esta pergunta, devemos considerar duas coisas. Uma delas é que, se Deus fez fiel ao seu plano inclui meios para alcançar esse fim. Seu plano pode também incluir que o nosso testemunho é o meio através do qual uma pessoa eleita trata de fé. A outra consideração é que nós não sabemos em detalhes o plano de Deus. Portanto, temos de proceder de acordo com o que Deus revelou seu desejo. Por conseguinte, temos de testemunhar. Isso pode significar que parte do nosso tempo foi gasto com alguém que, no final, não entrarão no reino dos céus. Mas isso não significa que perdemos tempo. Poderia ser os meios para atender uma outra parte do plano de Deus. E, finalmente, Deus mede nossa fidelidade serviço e sem sucesso.

Várias maneiras de compreender a história

Como observado anteriormente neste capítulo, a doutrina cristã do plano divino aborda especificamente questões onde está indo eo que a história está se movendo. Algumas maneiras de compreender o fluxo da história são bastante negativo. Isto é particularmente verdade em vista dos pontos cíclicos, que vêem a história como progressista, mas como um simples repetição do mesmo padrão, embora com uma forma um pouco

diferente. Religiões orientais tendem a ser deste tipo, especialmente o hinduísmo, com sua ênfase na reencarnação. Uma passa por ciclos de morte e renascimento, onde a nova encarnação tem muito a ver com o comportamento que foi tomada na vida anterior. A salvação, se ele pode ser chamado assim, é o nirvana, escapar do processo é repetido.

As filosofias do fim do mundo abundam no nosso tempo. Acredita-se que a história virá logo a um fim desastroso, como resultado de um descalabro financeiro, uma crise ecológica que envolve uma enorme poluição ambiental, ou a deflagração de uma guerra nuclear. A raça humana está condenada porque ele não foi capaz de gerir sabiamente o mundo.

Outra filosofia pessimista proeminente do século XX é o existencialismo. A idéia do absurdo do mundo do paradoxo e da ironia que é, na realidade aleatoriedade cego de muito do que acontece, leva ao desespero. Quando não há um padrão discernível em eventos históricos, deve-se criar o seu próprio significado por um ato consciente do livre arbítrio.

Além disso, tem havido uma série de pontos de vista bastante otimista, especialmente na última metade do século XIX. Darwinismo se estendia desde o campo da biologia para outras áreas, particularmente para a sociedade. Na mente de Herbert Spencer, tornou-se uma filosofia totalmente inclusiva que envolve o crescimento, progresso e desenvolvimento de toda a realidade. Embora essa visão provou ser bastante irreal, ele teve uma grande influência em seu tempo. Em anos mais recentes, o utópico usando os métodos das ciências comportamentais têm tentado reestruturar a empresa ou, pelo menos, vidas individuais.

Até recentemente, a filosofia militante da história em uma escala global tem sido o materialismo dialético, a filosofia de que o comunismo se baseia. Adaptando a filosofia de Hegel, Karl Marx substituído sua metafísica idealista com um ponto de vista materialista. As forças da realidade material estão empurrando a história para um fim. Através de uma série de passos, a ordem econômica é alterada. Cada etapa do processo é caracterizado por um conflito entre dois grupos ou movimentos antitéticas. Os meios de produção estão mudando feudalismo para o capitalismo vigente para chegar a uma fase socialista final em que não haverá propriedade privada. Em uma sociedade sem classes, a dialética que se move a história através de um processo rítmico da tese - antítese - síntese e cessar o mal desaparecerá. Como a confiança em um conjunto de força impessoal, muitas pessoas sob o comunismo não foi encontrá-lo pessoalmente gratificante e socialmente eficaz.

Finalmente, há a doutrina cristã do plano divino, que afirma que um todo-poderoso e sábio de toda a eternidade Deus tem planejado o que tem de acontecer e que a história está a realizar a sua intenção. Não há uma meta definida para que a história está se aproximando. A história, então, não é movido apenas por eventos aleatórios, átomos impessoais, ou fatalidade cega. A força por trás disso é a de um Deus amoroso com quem temos um relacionamento. Podemos esperar, portanto, confiantemente atingir o telos do universo. E nós podemos alinhar nossas vidas com o resultado segurado da história.

18. O trabalho original da criação de Deus

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Entenda porque você precisa estudar a doutrina da criação.
- Identificar e definir os elementos do ensino bíblico sobre a criação.

- Explique como Deus continuou seu trabalho criativo formando a vida de plantas, animais e seres humanos.
- Discutir o significado teológico da doutrina da criação comparando e contrastando várias visões históricas dessa doutrina.
- Compreender e explicar a relação entre a doutrina da criação e da ciência.
- Reconhecer e perceber o quão especial obra criadora de Deus.
- Identificar e descrever as implicações da doutrina da criação.

Resumo do capítulo

Deus criou todas as coisas sem o uso de materiais pré-existentes. Há pelo menos cinco elementos no ensino bíblico da criação. Do ensino bíblico, podemos deduzir pelo menos sete conclusões teológicas. Várias teorias têm sido propostas para harmonizar a idade da criação e desenvolvimento dentro da criação. A teoria concordista parece a mais plausível com a idade de resposta criação. A posição correta do criacionismo progressivo ajuda a explicar o desenvolvimento dentro da criação. Os cristãos podem ter confiança na grandeza de Deus em Sua criação do universo e tudo o que há nele.

Questões de estudo

1. Tendo em conta a rejeição da sociedade para criar, por que você deve estudar a doutrina da criação?
2. Quais são os elementos da compreensão bíblica da criação?
3. Qual é o significado da palavra hebraica *bara* 'e do latim *ex nihilo*?
4. Como é que o ensino bíblico sobre a criação rejeita a idéia de dualismo?
5. Qual é o significado teológico da doutrina da criação?
6. Como é que a teoria da criação com a ciência moderna está relacionada?
7. Quais foram feitas tentativas de conciliar a idade aparente da terra com o material bíblico e sugerir?

Por que estudar a doutrina da criação
 Elementos do ensino bíblico sobre a criação
 Criação a partir do nada
 A sua natureza totalmente inclusiva
 Rejeição do dualismo
 A obra de Deus Uno e Trino
 Sua finalidade: a glória de Deus
 A subsequente obra criadora de Deus
 O significado teológico da doutrina
 A doutrina da criação e sua relação com a ciência
 A idade de criação
 Desenvolvimento dentro da criação
 A coisa especial sobre o trabalho criativo de Deus
 Implicações da doutrina da criação

O plano de Deus pode ser estendido conforme os planos e desenhos feitos por um arquiteto para um edifício que será construído. Mas o plano não era apenas um esquema na mente de Deus. Tornou-se uma realidade por atos de Deus. Nesta parte vamos focar as actividades que estão especificamente atribuídas, mas não exclusivamente, para a obra

de Deus Pai. A primeira é a criação. Com a criação entendemos a obra de Deus para dar vida a tudo sem o uso de materiais pré-existentes.

Por que estudar a doutrina da criação

1. Há várias razões para fazer um estudo cuidadoso da doutrina da criação. Primeiro, a Bíblia dá uma grande importância. A primeira frase da Bíblia: "No princípio Deus criou os céus e a terra" (Gênesis 1: 1). Embora a ordem de processamento não é um indicador infalível da sua importância relativa, neste caso, parece claro que Deus pensou que o fato da criação era importante o suficiente para colocá-lo em primeiro lugar. É uma das primeiras declarações no Evangelho de João, a orientação mais teológica de todos os evangelhos do Novo Testamento. "No princípio era o Verbo, eo Verbo estava com Deus, eo Verbo era Deus. Este estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito foi feito" (Jo 1: 1-3.). A doutrina da criação é no capítulo da fé de Hebreus "Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de modo que o que se vê não foi feito do que é aparente" (11: 3). E na grande visão do futuro em Apocalipse, os anciãos adoram o Deus Todo-Poderoso, em parte porque é o Criador: "Senhor, Tu és digno de receber a glória e a honra eo poder, porque criaste todas as coisas, e por Sua vontade vieram a existir e foram criadas." (Apocalipse 4:11). A obra criadora de Deus desempenha um papel importante na apresentação bíblica de Deus.

2. A doutrina da criação foi uma parte significativa da fé da Igreja; Tem sido um aspecto muito importante do seu ensino e pregação. O primeiro artigo do Credo dos Apóstolos diz: "Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra." Embora este elemento particular (ou seja, a frase sobre o estabelecimento) não foi a primeira forma do credo, mas que foi adicionado mais tarde, no entanto, é significativo que num curto espaço de formulação tais como Símbolo dos Apóstolos, a criação em breve foi considerado importante o suficiente para ser incluído.

3. Nossa compreensão da doutrina da criação é importante devido ao seu efeito sobre a nossa compreensão de outras doutrinas. Os seres humanos foram criados por Deus como seres separados, não como algo que emanava dele. Como toda a natureza foi criado por Deus e declarou bom para ele, não há mal inerente em estar material e não espiritual. Estes diferentes aspectos da doutrina da criação nos diz muito sobre o estado humano. Além disso, como o universo é Deus e não uma mera coincidência, podemos inferir algo sobre a natureza e consideração a criação de Deus. Alterando a doutrina da criação em qualquer lugar, também alterar esses outros aspectos da doutrina cristã.

4. A doutrina da criação ajuda a diferenciar o cristianismo de outras religiões e visões de mundo. Embora você possa pensar que na raiz há semelhanças entre o Cristianismo eo Hinduísmo, por exemplo, um exame mais atento revela que a doutrina cristã de Deus e criação é bastante diferente dos ensinamentos de Brahman-Atman do hinduísmo.

5. O estudo da doutrina da criação é um ponto de potencial entre o cristianismo eo diálogo ciência natural. Às vezes, o diálogo foi bastante agitado. O grande debate sobre a evolução do início do século XX deixa claro que enquanto a teologia e a ciência têm cursos paralelos na maioria das vezes, não tocar em qualquer tema comum, o tema da origem do mundo é um ponto onde você está. É importante entender o que pode ser o encontro entre o cristianismo e a ciência biológica (teoria da evolução de Darwin), mas também a idéia da evolução criativa de Henri Bergson ou processo filosofia de Alfred North Whitehead.

6. Devemos entender cuidadosamente a doutrina da criação, porque às vezes tem havido sérias discordâncias dentro de círculos cristãos. Na controvérsia fundamentalista-modernista do início do século XX, O PROBLEMA FOI EM GRANDE EVOLUÇÃO PARCIAL VERSUS CRIAÇÃO. Hoje, pelo contrário, parece ter disputas internas dentro do campo evangélico entre a teoria do criacionismo progressivo e a idéia de que a terra é

apenas milhares de anos. Você tem que olhar com cuidado o que a Bíblia ensina especificamente sobre este tema.

Elementos do ensino bíblico sobre a criação

Criação a partir do nada

Começamos a nossa análise da doutrina da criação dizendo que é uma criação a partir do nada, ou sem o uso de materiais pré-existentes. Isso não significa que todo o trabalho criativo de Deus foi direta e imediata, que ocorreu no início dos tempos. Houve também uma mediata e criação derivado, o trabalho posterior de Deus, através do desenvolvimento e moldar o que tinha originalmente criado. Estamos dizendo que tudo o que existe agora começou com o ato de Deus para trazê-lo à existência; Não em forma ou adaptados algo que já existe independentemente dele.

Às vezes ele tem feito um esforço para obter o verbo hebraico בָּרָא (Bara ') esta verdade que a criação ocorreu sem a utilização de materiais que existia anteriormente. A palavra aparece no AT trinta e oito vezes no qal radicais e dez vezes no nifal. Este nominalmente, בְּרִיאָה (Berī'ah - criação) apenas uma vez (Num 16:30) aparece. O qal e nifal radical só são usadas para se referir a Deus, e não seres humanos. Parece claro que, utilizado teologicamente, o verbo expressa o quão especial a obra de Deus em contraste com a forma humana de fazer objetos a partir de materiais existentes. No entanto, em textos poéticos, que seja usado em paralelo com uma série de termos que fazer ou dizer forma עָשָׂה ('Asah) para fazer ou criar (Isaías 41:20, 43: 7; 45: .. 7, 12, 8; Am 4:13); יָצַר (Yatsar) para formar (Isaías 43: 1, 7; 45: .. 7, 18; Am 4:13); כּוּן (Kun) para estabelecer (Isaías 45:18). יָסַד (Yasad), fundada (Sl 89: 11-12. [12-13]) e חָדַשׁ (Chadash) para renovar (Sl 51:10 [12]). Karl-Heinz Bernhardt diz que "Até certo ponto isso resulta num nivelamento do seu significado". No entanto, deve notar-se que בָּרָא ("Bara) nunca aparece com um acusativo que aponta para um objeto no qual a obra do Criador formou algo novo. Portanto, a idéia da criação a partir do nada não é excluído do significado desta palavra, mas também não foi provado conclusivamente que ter este significado.

No entanto, a idéia de que a criação *ex nihilo* pode ser encontrada em várias passagens do Novo Testamento, onde o objetivo principal é não fazer uma declaração sobre a natureza da criação. Em particular, há inúmeras referências ao princípio do mundo ou o começo da criação:

- "desde a fundação do mundo" (Mateus 13:35; 25:34; Lucas 11:50; João 17:24;. Ef 1 :. 4; Hb 4 :. 3; 09:26; 1 Ped. 1:20; Apocalipse 13: 8; 17: 8).
- "o princípio" (Mt. 19: 4, 8; Jo 8:44; 2 Tessalonicenses 2:13; 1 João 1: .. 1 ;, 2: 13-14; 3: 8)
- "desde o princípio do mundo" (Mateus 24:21)
- "o princípio da criação" (Mc 10: 6; 2 Pedro 3: 4)
- "desde o princípio da criação, Deus fez" (Marcos 13:19)
- "desde a criação do mundo" (Rom. 1:20)
- "Tu, Senhor, no princípio colocou a terra" (Heb. 1:10)
- "o princípio da criação de Deus." (Apocalipse 3:14)

Sobre essas expressões Werner Foerster diz: "Estas sentenças mostram que a criação implica o princípio da existência do mundo, sem que seja arte anterior." O verbo κτίζω (kitzo) em si não estabelece a criação *ex nihilo*, nem בָּרָא. No entanto, estas aplicações argumentar que existe um significado específico para além da mera forma do.

Outros usos de κτίζω sugerem que empresta o significado da causa do nada. Por exemplo, ele é usado para a fundação de cidades, jogos, casa e seitas. É "o ato *intelectual* e vontade básico pelo qual algo é nascido." Portanto, embora existam outros significados além da criação *ex nihilo*, que significado particular certamente não é excluída.

Ele não deve excluir totalmente a palavra hebraica אָרַץ para nossos propósitos. Embora a etimologia da palavra sugere "corte" ou "ir," você nunca emparelhado com um material que denota objeto direto sobre a qual Deus trabalha para fazer algo novo, e nunca é usado na qal e radicais nifal com um sujeito humano. Além disso, a expressão "no princípio" em Gn 1: 1, o qual é utilizado sem mais, parece que em muitos aspectos é semelhante para as utilizações de κτίζω *kitzo* descritas acima.

No Novo Testamento, encontramos várias expressões mais explícitas de a ideia de criar a partir do nada. Nós lemos que Deus existe as coisas por sua palavra. Paulo diz que Deus "chama as coisas que não são como se fossem" (Rom. 4:17). Deus ordenou: "para brilhar fora da luz trevas" (2 Coríntios 4: 6). Isto sugere que este efeito é produzido sem a utilização de qualquer causa material anterior. Deus criou o mundo com suas palavras "de modo que o que se vê não foi feito do que é aparente" (Heb. 11: 3). Embora se possa argumentar que o que Deus fez foi usar uma realidade invisível ou espiritual como matéria-prima a partir da qual se formou a matéria visível, esta parece ser uma idéia artificial e forçada.

Se a nossa ênfase na criação de Deus *ex nihilo* parece um pouco redundante e óbvia, deve-se notar que a criação *ex nihilo* não é óbvio a partir da perspectiva da teologia do processo. John B. Cobb Jr. e David Griffin deixar bem claro que Deus não criou o mundo do nada absoluto. Em vez disso "teologia do processo afirma, em vez de uma doutrina da criação do caos." Eles alegam que esse ponto de vista é apoiado pela maioria das passagens do Antigo Testamento que confirmam que a doutrina da criação a partir do nada. Em um estado de caos absoluto só teria um grau muito baixo de acontecimento real em momentos aleatórios; é claro, eles não seriam ordenados em "individualidades duradouras." Mas como Deus está continuamente criando, a cada momento surgem uma infinita variedade de ocasiões de experiência. Deus ajuda cada ocasião real surge.

A expressão *ex nihilo* ou "do nada" por vezes, levou a mal-entendidos. Alguns pensadores têm vindo a considerar o "nada" como algo que tem sido feito, um tipo de substância. Para alguns dos existencialistas, como Martin Heidegger, não sendo quase tem uma realidade metafísica em si mesmo, capaz de resistir a ser uma reminiscência de alguns elementos da filosofia grega. Quando falamos de criação a partir do nada, no entanto, não estamos pensando em qualquer coisa como uma coisa de que todas as coisas são feitas. Nada mais é a falta de realidade. Portanto, o termo "sem o uso de materiais existentes" é preferível.

Trazendo toda a realidade quando Deus criou apenas a sua palavra. Em Gênesis 1, lemos que Deus falou e sua declaração imediatamente se tornou realidade (vv. 3, 6, 9). A mera declaração "Haja luz", foi suficiente para o surgimento da luz. Nós podemos tirar várias conclusões. Por um lado, Deus tem o poder de desejar as coisas acontecem, e as coisas acontecem exatamente como ele desejava. Em segundo lugar, a criação é um ato de vontade, sem se sentir obrigado a fazê-lo por qualquer força ou consideração fora de si mesmo. Na verdade, Deus não envolve a si mesmo, seu próprio ser, no processo. A criação não é uma parte dela ou emana da realidade.

A sua natureza totalmente inclusiva

Deus criou não apenas uma parte da realidade, sendo o restante atribuível a alguma outra fonte; tudo o que ele criou realidade. Na frase de Gênesis abertura ("No princípio Deus criou os céus ea terra"), a expressão "céu e terra" não tenta nomear apenas duas coisas. É uma expressão que se refere a tudo o que é.

A extensão universal do trabalho criativo de Deus também é confirmado pela utilização do termo πάντα τὰ (ta panta) (Ef 3: 9; Colossenses 1:16; Ap 04:11 ..). Para além de várias enumerações ou especificações de várias partes da criação, é claro que tem tudo, "o céu e os que nele há, ea terra e as coisas que nela há, eo mar e as coisas que estão em "(Apocalipse 10: 6). "O céu ea terra, o mar e tudo o que neles há" (Atos 04:24 ;. 14:15). "O mundo e tudo que nele" (At. 17:24). (Veja Rev. 05:13, onde "toda criatura que está no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles há," é dito para louvar e glorificar a Deus.)

Embora todas essas coisas são afirmativas sobre a extensão da obra criadora de Deus, João 1: 3 diz a mesma coisa com mais ênfase e explicitamente tanto positivo quanto negativo: "Todas as coisas foram feitas por meio dele, sem Ele nada que foi feito foi feito. "Aqui está uma afirmação da criação de todas as coisas e uma rejeição da idéia de que algo poderia ter sido feito por alguém ou alguma coisa que não seja Deus.

Rejeição do dualismo

O ensino bíblico sobre a criação não permite qualquer tipo de dualismo. O Criador é único: é o único que deu origem à realidade. Portanto, a idéia de que a criação é inerentemente segmento prejudicial, que decorre de um mal estar poderoso como o inferno é rejeitado. Embora o diabo pode ser capaz de modificar ou danificar o material criado, você não pode realmente criar. Além disso, como Deus é responsável pela origem de tudo, há um segmento neutro desprovido de criação significado espiritual, e não uma divisão da realidade entre o que é inerentemente bom ou mau, ou sagrado e secular.

A obra de Deus Uno e Trino

A criação é obra do Deus trino. Um grande número de referências do Antigo Testamento para o ato criativo simplesmente atribuí-la a Deus, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, porque as distinções da Trindade ainda não tinha sido totalmente revelado (por exemplo, Gênesis 1: 1. ; Sl 96: 5; Isaías 37:16; 44:24; 45:12; Jer. 10: 11-12.) .. No entanto, no Novo Testamento, encontramos diferenciação. Primeiro Coríntios 8: 6, que aparece em uma passagem onde Paulo discute a adequação de comer comida que foi oferecida aos ídolos, é particularmente instrutiva. Para diferenciar Deus dos ídolos, Paulo segue o argumento de várias passagens do Antigo Testamento: Sl 96, 5;. Isaías 37:16; Jeremias 10: 11-12. O cerne dessas passagens do Antigo Testamento é que o verdadeiro Deus criou tudo, enquanto os ídolos são incapazes de criar qualquer coisa. Paulo diz: "Para nós, no entanto, há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem nós existimos, e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual foram criadas todas as coisas e por meio de quem nós também existe. "Paul está incluindo o Pai eo Filho no ato da criação, mas também é diferenciado um do outro. Pai, aparentemente, tem a parte mais proeminente; É a fonte a partir da qual todas as coisas procedem. O Filho é o meio ou agente da existência de todas as coisas. Embora a criação foi principalmente o trabalho do Pai, o Filho por meio do qual teve lugar. Há uma declaração semelhante em João 1: 3 Todas as coisas foram feitas por meio do Filho. Hebreus 1:10 refere-se ao Filho como fundador Senhor da terra no início. Há também referências ao Espírito de Deus que parecem indicar que ele também era ativo na criação: Gen. 1: 2; Jó 26:13; 33: 4; Sl 104: 30;. e Isaías 40: 12-13. No entanto, em alguns desses casos, é difícil determinar se a referência é ao Espírito Santo ou Deus trabalhando através de sua respiração, como a palavra (*ruach*) pode ser usado para ambos.

Pode parecer que há um conflito entre a criação de atributo para o Pai, do Filho e do Espírito Santo e manter todos os membros da Trindade tem o seu próprio trabalho distinto. No entanto, este não é um problema a menos que nós pensamos que há apenas uma forma de causalidade. Quando uma casa é construída, quem realmente faz? Em certo

sentido, ele é o arquiteto que projeta e desenhos a partir do qual é construído. Em outro sentido, é o construtor que é realmente realizado o plano. No entanto, o próprio fabricante não faz nada da construção. São os pedreiros e operários que construíram a casa. Mas os materiais usados para fazer a casa não seria estruturar. Portanto, pode-se dizer que aqueles que fornecem os materiais são responsáveis pela construção da casa. Ou você poderia dizer também que a entidade que fornece o dinheiro para construir e hipoteca são aqueles que construíram a casa. Finalmente, os proprietários, embora não tenham levantado um dedo em um sentido são a construção da casa, uma vez que assinou os documentos que autorizam a construção e pagar os pagamentos de hipoteca. Cada uma delas, em particular, é a força que mantém a casa. Algo semelhante pode ser dito sobre a criação. Segundo as Escrituras, ele acha que foi o Pai que deu existência ao universo. Mas foi o Espírito eo Filho que deu forma, aqueles que realizaram os detalhes do projeto. Embora a criação é do Pai, feito através do Filho e do Espírito Santo.

Sua finalidade: a glória de Deus

Embora Deus *tivesse* para criar, ele o fez por razões boas e suficientes, bem como a criação cumpre esse propósito. Em particular, a criação glorifica a Deus no exercício da sua vontade. Ambas as coisas inanimadas (Sl. 19: 1) como a animada glorificá-lo. Na história de Jonas, vemos isso de uma maneira muito vívida. Todos e tudo (exceto Jonas) obedeceu o plano ea vontade de Deus: a tempestade, os dados, os marinheiros, o grande peixe, Nínive, o vento leste, abóbora e worm. Cada parte da criação é capaz de cumprir os propósitos de Deus, mas cada um reflete uma maneira diferente. Criação inanimada a obediência mecanicamente as leis naturais que governam o mundo físico. O ambiente animado faz instintivamente, respondendo aos impulsos internos. Somente os seres humanos são capazes de obedecer a Deus conscientemente e voluntariamente e, portanto, são mais glorificar a Deus.

A subsequente obra criadora de Deus

Embora a criação no sentido usual refere-se a dar existência a toda a realidade física, além de todos os outros do que o próprio Deus seres espirituais, o termo abrange também o aumento subsequente de novas entidades a partir deste material criado anteriormente. Há sugestões de que mesmo em Gênesis 1, Deus disse: "Que os seres águas vivas" (v. 20) e "Deixe a terra produzir criaturas viventes" (v. 24). "Pó da terra" (2: 7) A descrição de como o primeiro homem sugere a utilização de algum tipo de material formado. Eve é descrito como consistindo de uma parte do corpo de Adão (2:21). Deus também formado a partir da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus (2:19). Pode muito bem ser que o que Deus fez no princípio só foi criar matéria do nada, e, em seguida, sua subsequente atividade criativa para moldar as coisas foram criadas com os átomos. As diferentes espécies que ocorreram no último momento seria como obra de Deus como foi a origem da matéria. Então, também, se Deus faz pelo menos parte de sua obra por meio imanescentes, a origem das espécies através de leis subsequentes da genética - mesmo as mais recentes variedades de rosas, milho híbrido, gado, cães - ele funciona Deus criador. Nos últimos casos humanos são parceiros de Deus produzindo coisas. No entanto, observa-se que os seres humanos estão apenas trabalhando com o que Deus já estabeleceu. Portanto, mesmo as espécies mais recentes também são obra de Deus, uma vez que o material de que eles vieram foi criado por ele e as leis da genética que também são desenvolvidas seu trabalho.

O significado teológico da doutrina

Agora vamos examinar o significado teológico da doutrina da criação. O que você está realmente dizendo com este ensinamento? E talvez isso é tão importante para os nossos propósitos o que é negado ou contradisse?

1. A doutrina da criação é a primeira e, obviamente, uma declaração de que não há nenhuma realidade última parte de Deus. Não há espaço para dualismo. Em uma dualidade, como a palavra implica, existem dois princípios fundamentais. Em uma forma de dualismo é o Senhor, o Criador, o Criador. E é o que o Criador utilizado, ou o que funciona, o material utilizado para criar. Muito do pensamento grego era uma maneira dualista ou de outra. Típico era o dualismo da matéria-forma: É o fim, estrutura ou padrão das coisas, formas ou idéias. E é isso que precisa ser ordenado, estruturada ou matéria organizada. A criação é, então, alguém ou alguma coisa que une essas duas coisas, ou impressão de formulários sobre o assunto.

Mas não é isso que a doutrina cristã diz. Deus não trabalhar com algo que já existe. Ele deu existência à mesma matéria-prima utilizada. Se não fosse assim, Deus não seria realmente infinito. Teria sido algo mais além de si mesmo, e provavelmente sempre tinha sido. Por conseguinte, Deus teria sido ter que trabalhar com características intrínsecas limitadas da matéria-prima utilizada. Doutrina cristã sustenta, porém, que Deus deu existência à matéria-prima e dotada desde o início das características que eu queria ter.

2. O ato original da criação de Deus é especial. É ao contrário dos atos "criativas" dos seres humanos, envolvendo forma usando os materiais à mão. Na produção de uma obra de arte, o artista deve trabalhar dentro das limitações do meio utilizado, a maleabilidade do metal, as características de reflexão do petróleo, a natureza da linguagem usada, ou a velocidade ea resolução de um filme. Além disso, mesmo os conceitos que expressa o artista depender da experiência anterior. O trabalho pode ser a expressão de uma idéia ou diretamente experimentado uma combinação de elementos que tenham anteriormente sofrido; absolutamente genuíno, idéia inteiramente novo e fresco, é muito raro. Mesmo que o escritor criar uma nova linguagem para expressar essas idéias, as limitações da linguagem em geral continuam a descartar nada para fazer. Mas Deus não está vinculada a qualquer coisa fora de si. Suas únicas limitações são aquelas de sua própria natureza e as escolhas que ele fez. Portanto, seus propósitos, ao contrário do "criador" humano, não vai ser frustrada por qualquer qualidade inerente do material com que trabalhar.

3. A doutrina da criação também significa que não há nada de intrinsecamente errado. Tudo vem de Deus, e a história da criação diz cinco vezes que ele viu que isso era bom (vv. 10, 12, 18, 21, 25).Então, quando ele completou sua criação do homem é dito que Deus viu tudo o que tinha feito e era muito bom (v. 31). Não havia nada de errado com a criação original de Deus.

Em qualquer tipo de dualismo, geralmente há uma distinção entre princípios morais ou elementos superiores e inferiores. Uma vez que o nível superior não é menos divina e acredita-se que o primeiro é mais real do que o outro. No final, essa diferença metafísica é geralmente considerada também uma diferença moral: quanto mais alto é bom e menos mau. Tal distinção foi feita na última parte da história do platonismo. Plato tinha ensinado que as idéias ou métodos, conceitos inteligíveis ou invisíveis, eram mais reais do que objetos percebidos ou empíricos, que são meras sombras surgem formas. Em neoplatonismo, também ele veio a ser uma distinção moral. O nível perceptível material ou foi considerada ruim, e para o bem espiritual ou invisível. Influenciado pelo neoplatonismo e outras variedades de dualismo e maniqueísmo, alguns cristãos começaram a considerar o mundo material como inerentemente errado.

No entanto, se toda a realidade deve sua existência a Deus e tudo o que Deus fez foi "bom", não podemos pensar que a matéria é inerente ou intrinsecamente mau. Isto coloca um problema: o cristianismo, como qualquer sistema de pensamento que está em qualquer alerta sentido para o universo, para abordar a presença do mal no mundo. Dualismo pode resolver esta dificuldade com bastante facilidade. Porque Deus é bom, ele não pode ser a fonte do mal. Portanto, tudo o que não é Deus, isto é, o material com o qual ele teve que

trabalhar, tem de ser a fonte do mal. Mas este recurso não pode e não vai ser adoptadas por um criacionismo aprofundada, uma vez que argumenta que a natureza tem este estado independente. No entanto, de acordo com a Bíblia, Deus, que criou tudo, não pode ser acusado de mal e do pecado no mundo. A razão não pode ser cobrado por isso não é porque você não criou o mundo, mas porque eles criaram bom, mesmo muito bom.¹⁰ vai voltar a esta questão da origem do mal no capítulo 20.

4. A doutrina da criação também impõe uma responsabilidade sobre a raça humana. Os seres humanos não podem justificar o mau comportamento culpando o domínio do material. O mundo material não é inerentemente mau. O pecado humano deve ser um exercício da liberdade humana. Os seres humanos não pode culpar a sociedade. Às vezes o pecado de um indivíduo é atribuída à influência da sociedade. O raciocínio é que os indivíduos são moral, mas uma sociedade imoral leva ao pecado. Mas a sociedade humana também é parte do que Deus fez, e foi muito bom. Portanto, considere o pecado da sociedade é argumento insuficiente e enganosa.

5. A doutrina da criação também evita subestimar a encarnação de Cristo. Se o mundo material é intrinsecamente mau, seria muito difícil aceitar o fato de que a segunda pessoa da Trindade assumir uma forma humana, incluindo um corpo físico. Na verdade, alguns, defendendo a idéia de que a matéria é o mal, negou que Jesus tinha um corpo físico. Ele simplesmente "apareceu" para ter forma humana. Estes foram chamados docetistas, o grego *δοκέω* (*dokeo* "olhar"). Além disso, uma compreensão correta da doutrina da criação - o que Deus fez foi bom - nos permitiu reafirmar o pleno significado da encarnação de Jesus Cristo, para levar o corpo para si mesmo.

A doutrina da criação também nos leva longe de ascetismo. Acreditando que a natureza física é mal tem levado alguns, incluindo os cristãos, para rejeitar o corpo humano e qualquer satisfação física. O espírito, sendo mais divino, é o lugar certo para uma boa e santa. Portanto, a meditação é considerada a uma dieta austera e abstinência sexual são condições de espiritualidade. Mas a doutrina da criação diz que desde que Deus fez tudo e tudo era bom, tudo é resgatável. A salvação ea espiritualidade devem ser encontrados, não fugir ou evitar o material, mas santificadora.

6. Se toda a criação foi feita por Deus, haverá uma conexão e afinidade entre as suas diversas partes. Eu sou o irmão de todos os outros seres humanos, porque nós criamos o mesmo Deus cuida de nós. Como o material inanimado também vem de Deus, de acordo com isso, eu sou um com a natureza, porque somos membros da mesma família. Podemos estar em conflito, mas este é mais como uma família lutar uma guerra contra um país inimigo. Toda a criação pertence a Deus e cuidados. Nós tendemos a pensar que como seres humanos somos os únicos filhos de Deus, eo único objeto de seu amor paternal. No entanto, Jesus disse em uma declaração explícita de que Deus ama e cuida de toda a Sua criação (Mateus 6: 26-30; 10:29). De todas as pessoas os cristãos devem ser os únicos a nos preocupam por ser ambientalmente responsável com a criação de Deus.

7. Embora a doutrina da criação exclui todo dualismo, também exclui qualquer tipo de monismo a considerar o mundo como algo que vem de Deus. De acordo com a doutrina da criação, as coisas saíram do nada por um simples desejo de Deus. Os vários objetos e seres que fazem parte da criação são claramente distinto de Deus. Do ponto de vista da emanção, por outro lado, o que temos é algo que resulta da natureza de Deus, uma parte dele que foi separado de sua essência como se fosse. Há uma tendência a considerar essa emanção ainda divina; daí o resultado final dessa visão é geralmente panteísmo. "Criação" é uma mudança de status em vez do início do ser.

Você poderia pensar que o efeito de uma vista como a emanção seria melhorar o status dos elementos individuais do mundo, porque na realidade eles são parte da natureza divina. No entanto, na prática, que historicamente tem acontecido de outro modo. O efeito foi que minimizou o estatuto independente dos objetos, até mesmo a considerar ilusório sua existência independente. Como todos os objetos e seres são parte de Deus, é importante para reduzir, tanto quanto possível a distância entre Deus e eles. Devemos

minimizar individualidade. O objectivo é absorver em um. Ao invés de real substantiva, entidades com seu próprio status, os elementos individuais do mundo tornaram-se quase adjetivos que acompanham uma realidade última, Deus.

A doutrina cristã da criação a partir do nada rejeita isso. Os elementos individuais do mundo são criaturas genuínas dependentes de Deus, o Criador. Eles são claramente separado dele (ou seja, não emanam da natureza), eles são finitos, criaturas dependentes. O pecado não é a finitude ou separação, mas o mau uso da liberdade finita, na tentativa de ser independente (e, portanto, igual a) Deus. Além disso, este finito não é removido com o processo de salvação. Em vez de ser uma negação da condição da criatura humana, a salvação é o cumprimento, a restauração da condição da criatura humana.

Além disso, a doutrina da criação aponta para as limitações inerentes às criaturas. Nenhuma criatura, ou qualquer combinação dos mesmos, não pode ser igual a Deus e Deus nunca o fará. Portanto, não há base para a idolatria de adorar ou para reverenciar a natureza aos seres humanos. Deus tem um status único, então só ele pode adorá-lo (Ex. 20: 2-3).

Às vezes pensamos na grande divisão metafísica do universo como se fosse uma lacuna quantitativa entre a raça humana eo resto da criação. No entanto, na realidade, o fosso metafísico maior, tanto quantitativa como qualitativamente, é que entre Deus e tudo o mais. Ele tem de ser o objeto de adoração, louvor e obediência. Todas as outras coisas existentes têm de ser sujeitos que oferecem esses atos de submissão.

A doutrina da criação e sua relação com a ciência

Tem sido uma longa história de conflito entre ciência e cristianismo. A tensão que aconteceu em vários pontos. Provavelmente astronomia realmente ele desde a primeira reunião, quando a revolução de Copérnico desafiaram a geocêntrico vigente. Aos poucos, o conflito estava se movendo da astronomia à geologia (a idade da Terra), biologia (o assunto da evolução), antropologia (a origem da humanidade). Hoje, o conflito é particularmente focado nas ciências do comportamento e questões tais como a liberdade contra o determinismo e se o homem é essencialmente bom ou depravado. À medida que o conflito evoluiu de uma ciência para outro, que também tem sido uma área de doutrina para outro. Portanto, embora a principal área de tensão era ao mesmo tempo a doutrina da criação tempo, hoje é a doutrina da humanidade.

Para alguns, como Langdon Gilkey, a questão da relação entre ciência e teologia foi resolvido; não há conflitos potenciais. Gilkey acredita que o conflito no passado foi baseado em dois equívocos, um sobre os respectivos papéis da ciência e teologia, e outro sobre a natureza da Bíblia. O primeiro foi dado por não entender os diferentes tipos de explicações oferecidas pelas duas disciplinas. A ciência tenta explicar o que aconteceu e como aconteceu em termos de causa eficiente. Quando pensava-se que a teologia ofereceu a mesma explicação, considerou-se que o fornecimento de alternativas que estavam em conflito. Teologia deu uma explicação em termos de corrida causa eficiente da ciência explicar. Ciência explicou a origem do mundo por arrefecimento e condensação de uma massa nebulosa; teologia explicou como o ato criativo de um ser todo-poderoso. A idéia da teologia como uma pseudo-ciência deve ser rejeitada, diz Gilkey. As explicações são teologia teleológica, isto é, que têm a ver com o fim ou finalidade para a qual algo é feito. As explicações científicas assumir a forma de: "Este evento ocorreu por causa de ..."; explicações teológicas assumir a forma de: "Este evento aconteceu porque ..." Portanto, não há realmente nenhum conflito com a ciência. A teologia cristã não nos diz como você fez o universo, mas por que Deus fez.

O segundo equívoco diz respeito à natureza da Bíblia. Segundo a teoria de que Gilkey Gênesis nos dá uma explicação pseudo-científica da origem do universo emerge de um período em que se acreditava na inspiração verbal da Bíblia. Portanto, todas as afirmações

da Bíblia, seja ela religiosa ou científica, aparentemente, considerado verdadeiro. Mas então veio visões alternativas sobre a verdade da Bíblia eles não consideram todas as suas reivindicações. Algumas pessoas acreditavam que a Bíblia era um testemunho de uma revelação que não foi principalmente a comunicação de informações, mas a apresentação foi ele próprio um Deus pessoal; outros acreditavam que era uma mistura de revelação divina sobre a especulação de um lado e humano e do mito do outro. Com essas visões alternativas da Bíblia em mente, Gilkey e outros afirmam que o seu valor e autoridade vêm estritamente na área da religião. A Bíblia nos ajuda a entender questões empíricas, quer da ciência ou da história. Ela serve apenas para nos levar a um relacionamento correto com Deus.

Embora Gilkey ofereceu uma solução para os problemas da relação entre ciência e teologia cristã, sua solução não é uma opção para alguém que defende o ponto de vista da Bíblia, tal como estabelecido na segunda parte deste livro. É verdade que, ao tentar criar a Bíblia coloca sua ênfase nos propósitos de Deus na criação. Mas ele também lida com o que Deus fez quando ele fez e até mesmo, em certa medida, como. E é claro que é um ensino sobre as origens que, uma vez que tem implicações para os princípios da ciência natural. Temos agora de olhar atentamente para os dois pontos onde a teologia ea ciência rosto: (1) a idade do universo e (2) a sequência em que foram criados os componentes e as relações entre eles.

A idade de criação

A idade da criação é um ponto onde há conflito entre a ciência ea Bíblia. Por um lado, a afirmação bíblica parece bastante simples. Deus criou a terra em seis dias. Como a palavra usada em Gênesis é o termo comum יוֹם (Yom), presume-se que houve períodos de relógio. Têm sido feitas tentativas para calcular o tempo de criação usando idades dadas nas genealogias bíblicos. Arcebispo James Ussher chegou à data de 4004 aC para a criação. De acordo com esta criação não tem mais de seis mil anos.

A conclusão de Ussher foi satisfatória até geologia moderna, que é recém-desenvolvido. William Smith, o fundador da geologia estratigráfica, morreu em 1839; e Charles Lyell, o sintetizador Geological Survey, morreu em 1875. Portanto, a geologia do tipo que conhecemos hoje veio de idade apenas no século XIX. No entanto, quando ele fez sérios problemas a data tradicional da criação de foram levantadas. Eles desenvolveram um número de métodos para datar a idade da terra, muitos dos quais se relacionam com as características dos materiais radioactivos. Desses métodos é um consenso de que a terra é de vários bilhões de anos surgiu, talvez cinco ou seis ou até mais. Houve várias tentativas de conciliar a idade aparente da terra com o material bíblico: (1) a teoria Reconstructionist; (2) a teoria do dilúvio; (3) a teoria de idade aparente; (4) a teoria concordista; e (5) a teoria literária.

1. A teoria Reconstructionist sustenta que houve uma criação da terra original, bastante completo, talvez bilhões de anos (a criação mencionado em Gênesis 1: 1.) Faz. No entanto, houve algum tipo de catástrofe e edifício tornou-se vazio e sem forma (1: 2). Então Deus recriou a terra alguns milhares de anos atrás, em um período de seis dias, poblándola com todas as espécies. Este é descrever a criação de Gênesis 1: 3-27. A idade aparente da Terra e dados fósseis que mostram o desenvolvimento durante longos períodos de tempo deve ser alocado para a primeira criação. A catástrofe está muitas vezes ligada à queda de Satanás (Lúcifer). A criação, por isso, estava em ruínas por um longo período de tempo antes de Deus reabilitadas ou restauradas.

2. A teoria de inundação trata a Terra tem apenas algumas centenas de anos. Em Noé, a terra estava coberta com uma grande inunda o, com grandes ondas a uma velocidade de centenas de milhas por hora. Estas ondas recolhidos várias formas de vida; a lama que essas formas foram depositados em rochas solidificados pela enorme pressão das ondas. As diferentes camadas de rochas representam várias ondas de inunda o. Estas

forças incomuns feitos em um curto período de tempo que, segundo geólogos geralmente levam três bilhões de anos.

3. A teoria idade aparente diz que Deus criou o mundo em seis dias período de relativamente pouco tempo, mas era como se eu tivesse bilhões de anos. Este é um novo ponto de vista engenhoso. Adam, é claro, começou a vida como um bebê recém-nascido. A qualquer momento de sua vida ele deve ter tido uma idade aparente (ou ideal) mais velha do que sua real (isto é, o número de anos desde a sua criação). A teoria idade aparente estende este princípio. Se Deus criou as árvores, ao invés de apenas as sementes, eles certamente anéis que indicam a idade ideal e não a sua idade real. Portanto, cada elemento da criação deve ter começado em algum momento do ciclo de vida.

4. concordista teoria é baseada no fato de que a palavra hebraica יום (Yom), embora na maioria dos casos, um período de vinte e quatro horas, não é só esse significado. Ele também pode significar ou períodos longos períodos, e, portanto, deve ser entendida neste contexto. Esta teoria sustenta que Deus criado em uma série de eventos durante longos períodos de tempo. Dados geológicos e fósseis correspondem aos dias de seus atos criativos.

5. (histórico-artístico ou) teoria literária considera os dias da criação mais como uma questão de lógica de estruturação da ordem cronológica. Ou a revelação que Deus fez criação veio a Moisés em uma série de seis fotos ou o autor providenciado o material logicamente agrupando-o a assumir a forma de seis períodos. Embora possa haver uma dimensão de tempo na gestão, deve-se pensar que é um arranjo lógico principalmente. A história é dividida em dois grupos de três (o dia 1 ao dia 3 e 4 a 6). Você pode ver paralelos entre o primeiro e quarto, segundo e quinto, eo terceiro eo sexto dia da criação.

Todas essas teorias têm seus pontos fortes, e também tem as suas dificuldades. Temos de encontrar aquele com menos dificuldades do que teorias alternativas. Até agora, a teoria de que é mais gratificante para mim é uma variante do concordista teoria. Muitas dificuldades exegéticas ligados à teoria Reconstructionist,²² ao passo que a teoria inundação levanta muitas tensões com a evidência geológica. A teoria da idade aparente é que as coisas irrefutáveis engenhosos e muitas do científico e exegético, mas tem o problema teológico de apresentar Deus como um mentiroso aparente (e decepção, como vimos no capítulo 13 é contrária à sua natureza). A teoria literária (ou ilustrativo dia) resolve os problemas de seqüência cronológica, mas não se encaixa muito literatura de seu tempo, onde as histórias criativas foram organizados em três grupos de dois, e não dois grupos de três. A teoria literária também tem problemas com o quarto mandamento, Deus descansou no sétimo dia parece pressupor uma determinada seqüência cronológica.²⁵ A teoria concordista se encaixa bem com dados geológicos, especialmente se vemos alguns grupos de questões. Por exemplo, enquanto o sol, lua e estrelas foram criados no primeiro dia, houve claramente visível (como se a terra estava coberta por uma nuvem) até ao quarto dia. Da mesma forma, as plantas foram criadas no terceiro dia, mas foram dadas como alimento para seres humanos, no sexto dia. Interpretar יום como um período de tempo indeterminado, não é um significado forçado da palavra, mas também não é o seu significado mais comum. Embora a teoria concordista parece a conclusão mais plausível, neste momento, não podemos ser dogmáticos. A idade do universo é uma questão que requer um estudo contínuo e reflexão.

Desenvolvimento dentro da criação

O outro principal ponto de conflito com a ciência é o tema do desenvolvimento. Até que ponto as formas atuais se assemelham àquelas formas que vieram diretamente da mão de Deus e quanto podem ter ocorrido um desenvolvimento que mudou as formas atuais e tem produzido novas variedades? A teoria da evolução afirma que desde o começo da vida, todas as formas foram desenvolvidas através de um processo gradual. Através de uma série de mutações espontâneas ou variações, há novos tipos de seres vivos. Aqueles

com as alterações que lhes permitiu competir melhor em uma atmosfera de perigo e escassez de ter sobrevivido. Através deste processo de sobrevivência das mais bem preparadas têm aparecido seres melhores e mais complexos. Portanto, por um longo período de tempo os mais baixos e mais simples organismos vivos têm se tornado humano somente através da operação inerente das leis naturais. Não houve intervenção direta de Deus. Apenas evolução foi o responsável.

No dito, alguns cristãos afirmam que todas as espécies foram criadas diretamente por Deus. Considera-se que a afirmação de que Deus fez todas as espécies de plantas e animais exigidos por esta interpretação. A hipótese aqui, é claro, é que a palavra traduzida como "tipo" é para ser entendida como uma espécie biológica. Mas você precisa essa palavra? A palavra hebraica מין (Min), é apenas um termo geral para o tipo ou variedade. Portanto, embora isso poderia significar espécies, a palavra não é suficiente específica para concluir que necessariamente significa espécies. É "classe." Pura e simples. Ao mesmo tempo, a palavra מין (Min) parece colocar algum tipo de limite na quantidade de desenvolvimento que pode ser aceite.

Alguns teólogos cristãos, até mesmo alguns bastante conservador, têm adotado uma teoria chamada "evolução teísta". De acordo com essa visão, Deus criou em uma maneira direta no início do processo, e desde então tem trabalhado dentro de evolução. Pode ter havido em um determinado momento um ato criativo direto que tenha sido modificado a qualquer criatura viva que dá uma alma ou de natureza espiritual; Assim, ele apareceu o primeiro ser humano. No entanto, remover essa exceção ponto de vista da evolução teísta prevê a subsequente obra criadora de Deus como algo que acontece por meio imanente. Embora esta teoria é bem dados científicos suficientes tem algumas dificuldades com os relatos bíblicos da criação. E qualquer teoria que afirma ser aceite, dada a forma como entendemos a revelação da Bíblia e geral que é aprovado no início deste livro deve estar em conformidade com ambas os dados bíblicos como cientistas.

Mais apropriado é a posição chamada "criacionismo progressivo". De acordo com essa visão, Deus criou em uma série de actos durante um longo período de tempo. Ele criou o primeiro membro de cada "classe". Este grupo poderia ser tão grande como a ordem e tão perto quanto de gênero. Em alguns casos, pode ter sido alargado para a criação de espécies individuais. Este primeiro membro do grupo, os outros têm desenvolvido através da evolução. Por exemplo, Deus criou o primeiro membro da família de gato. Assim, os leões, tigres, leopardos e até mesmo gatos domésticos surgiu. Depois que Deus criou outra classe. Pode ter sido sobreposições entre os períodos de desenvolvimento, para que novas espécies surgiram depois que Deus criou o primeiro membro da próxima aula. Temos de perceber que existem lacunas entre diferentes classes no desenvolvimento evolutivo.

Esta teoria se encaixa bem com os dados bíblicos. Mas o que dizer dos cientistas? Devemos observar aqui que os fósseis indicam que há ligações que faltam em certos pontos, ou uma ausência do que os cientistas chamado formas de transição. O que os cientistas acreditam que é que essas formas foram perdidas. Mas outra possibilidade razoável é que nunca existiu, essas são as lacunas entre os diferentes "espécies" bíblicos. Por conseguinte, tem havido uma microevolution (ou desenvolvimento "na sala de aula"), mas não macroevolution (ou desenvolvimento "entre as classes").

A coisa especial sobre o trabalho criativo de Deus

O que é especial sobre a obra criadora de Deus? Os seres humanos podem realizar a mesma atividade ou algo assim? Em particular, o que se os seres humanos são capazes de criar vida a partir de um material não-vivo? Isso reduziria o que é especial sobre a obra de Deus, e, portanto, sua divindade? Alguns cientistas, trabalhando com uma definição de vida, dizem que a humanidade tem sido capaz de produzi-lo, enquanto outros, trabalhando com uma definição diferente, afirmam que é apenas uma questão de tempo

antes que eles obtê-lo. Mas o que então? Você mostrar que não precisamos de Deus para comenzase vida? Será que nós dar-lhe uma explicação alternativa da origem da vida?

Neste ponto, precisamos definir cuidadosamente o que será exigido da primeira criação humana de vida a partir de materiais não vivos natureza. Em primeiro lugar, não é acidental como a colisão de átomos para formar uma nova molécula, e, em seguida, a combinação de moléculas ao longo de um período de tempo para produzir o primeiro criatura viva. Não vai seguir a fórmula de átomos mais movimentado mais sorte. Pelo contrário, a primeira produção de vida que fazem humana deve ser o resultado da intensa de planeamento e esforço realizado por seres altamente inteligentes de uma forma muito bem equipados e sob condições laboratoriais altamente controlados. Em suma, ele vai olhar mais como a criação de um sábio e poderoso que a sorte vem de movimentos aleatórios de matéria Deus.

Além disso, os cientistas começaram a ver com o assunto. Esta questão não terá sido criado por eles a partir do nada, mas que vai ter encontrado e utilizado. A matéria-prima usada terá sido produzida por Deus. Portanto, mesmo no ato de "criação" eles dependem de um poder superior. A produção de vida a partir de matéria inanimada que podem fazer os seres humanos não minimizar a grandeza do poder e do conhecimento de Deus; ele simplesmente sublinhar e enfatizar.

Implicações da doutrina da criação

Então, quais são as implicações de acreditar na criação? A doutrina tem uma influência significativa sobre a nossa visão e deleite da vida e do mundo.

1. Tudo o que existe tem valor, porque embora não seja Deus, foi feito por ele. Ele fez isso porque ele teve o prazer de fazê-lo, e considerado bom. Cada parte tem o seu lugar, que é exatamente o que Deus planejou. Deus ama toda a Sua criação, e não apenas partes dela. Portanto, devemos estar preocupados com tudo isso, para preservar, manter e desenvolver o que Deus tem feito. Nós somos parte da criação, mas apenas uma parte. Embora Deus destina-se potencialmente configuração que usamos para atender às nossas necessidades, nós também deve ter domínio sobre ela e governá-lo para o bem. Portanto, temos que preocupar-se muito sobre a ecologia. De fato, os cristãos devem estar na vanguarda de preocupação para a conservação e bem-estar da criação, porque foi Deus quem fez isso.

Por diferentes de nós que pode haver algumas criaturas são parte do plano de Deus. Nada é inerentemente errado. Embora possa pecar tem perturbado o universo criado por Deus, o mundo era bom quando ele deixou suas mãos. Portanto, não há nenhuma virtude particular na criação física fugir ou evitar o corpo em favor das atividades mais intelectuais ou espirituais. O fato de que somos criaturas intelectuais e espirituais não nega o fato de que nós também somos seres físicos.

2. A actividade criadora de Deus inclui não só a atividade criativa inicial, mas também trabalhos posteriores indiretos. A criação não exclui o desenvolvimento no mundo; Inclui-lo. Assim, o plano de Deus envolve e utiliza a melhor das habilidades e conhecimentos para o refinamento genético humano da criação. Estes esforços estão em parceria com Deus na obra da criação contínua. No entanto, é claro, que tenha em mente que os materiais que usamos e da verdade nesses esforços vêm de Deus.

3. Não há justificação para a criação de estudo científico. A ciência assume que na criação há uma certa ordem ou padrão que pode ser descoberto. Se o universo fosse aleatório e, portanto, todos os dados recolhidos por cientistas foram apenas uma coleção desordenada não seria possível compreender a natureza. Mas dizer que tudo foi feito de acordo com um padrão lógico, a doutrina da criação apóia a suposição da ciência. É significativo que a ciência desenvolveu mais cedo e mais rápido na cultura europeia, onde eles acreditavam em um Deus que criou seguindo um plano racional, em outras culturas,

onde eles acreditavam em muitos deuses que realizaram atividades conflitantes. Sabendo que não há um padrão inteligente no universo, os cristãos são motivados a procurá-la.

4. Ninguém além de Deus é auto-suficiente e eterno. Tudo o resto, cada objeto e todos os seres recebem sua existência dele. Há que fazer a sua vontade. Somente Deus merece nossa adoração. Tudo o mais existe por sua causa, ele não para o nosso. Embora muito criação respeito, porque foi feita por ele, devemos manter uma clara distinção entre Deus e ela.

19. Os trabalhos em curso da providência de Deus

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Reconhecer que uma parte da providência de Deus está mantendo a sua criação através da conservação.
- Compreender que a outra parte da providência do governador é a atividade de Deus.
- Identificar e descrever sete características de atividade Gov. de Deus.
- Reconhecer que a oração é uma resposta humana à providência adequada.
- Compreender que os milagres, ou obras que são especialmente sobrenatural, são uma parte importante da providência.

Resumo do capítulo

A providência de Deus significa a ação contínua de Deus para preservar a sua criação e orientá-lo para atingir o objectivo pretendido. Reter meios que Deus mantém edifício que tem existência. Regra significa que Deus está ativamente envolvido na realização dos seus propósitos na criação e pecado não pode contrariar estes efeitos. Há pelo menos sete características de atividade Gov. de Deus. Embora a oração não muda Deus, ele coloca o cristão de acordo com os propósitos de Deus, permitindo Deus para obter os mesmos efeitos. Deus escolhe ocasionalmente contrariar a lei natural para cumprir seus propósitos; isso acontece em milagres. Para um crente, Deus está sempre presente e ativo carinho para ele ou ela.

Questões de estudo

1. Por que é importante para a providência de Deus teologia?
2. Quais os dois aspectos da providência são importantes para a compreensão cristã, tal como apresentado nas Escrituras?
3. Qual é a extensão do governador de Deus atividade?

Que maneiras Deus lida com o pecado 4. In?

5. Quais são as principais características do governador de atividade Deus eo que eles significam?
6. Por que se preocupar com o papel da oração?

7. Como se relacionam os milagres da providência de Deus?

Providence e conservação

Providência e governo

A extensão do governador de Deus atividade

Relacionamento atividade Gov. entre Deus eo pecado

As principais características do governador de Deus atividade

Providência e à oração

Providência e Milagres

Enquanto a criação é a obra original de Deus em relação ao universo, a providência é o seu relacionamento contínuo com ele. Pela providência entendemos a ação contínua de Deus para preservar a criação a que ele deu existência, e orientá-lo para atingir o objectivo pretendido. Em termos da dinâmica de nossas vidas diárias, portanto, providência muitas vezes é mais relevante do que a doutrina da criação. A palavra vem da palavra latina *providere*, que significa literalmente *prever*. Mas é mais do que apenas saber o futuro. A palavra também tem a conotação de cautela ou se preparar para o futuro.

A providência é, de alguma forma essencial para a condução da vida cristã. Isto significa que podemos viver com a certeza de que Deus está presente e ativo em nossas vidas. Estamos nos seus cuidados e, portanto, podemos encarar o futuro com confiança, sabendo que as coisas não acontecem por acaso. Podemos orar, sabendo que Deus ouve e age de acordo com as nossas orações. Nós podemos enfrentar o perigo, sabendo que ele não é ignorante ou indiferente.

A doutrina da providência muitas vezes aparece nas discussões sobre a revelação geral e argumentos da teologia natural, uma vez que está preocupado com os aspectos da obra de Deus, que são em grande parte acessíveis a todos. Pelo menos você pode ver a mão de Deus nas obras de história e natureza. Aqui, então, haverá alguma sobreposição entre a teologia e as áreas de história e ciência. Na medida em que a história não é meramente uma crônica de eventos que ocorrem, mas também uma tentativa de interpretar ou encontrar algum tipo de padrão sobre eles, o trabalho de historiadores podem apoiar a doutrina da providência. Mas se os historiadores não vejo um padrão, seu trabalho contradizem a doutrina. Além disso, a providência como descrito na Bíblia se estende a eventos incomuns chamados milagres, que parecem de alguma forma desafiar regularmente a imagem do universo que a ciência tem. Portanto, existe potencial para conflito entre ciência e da doutrina cristã da providência.

Você pode pensar que a Providência tem dois aspectos. Um aspecto é a obra de Deus para preservar a existência de sua criação, mantendo e mantendo; esta é muitas vezes chamado a conservação ou a subsistência. A outra é a atividade de Deus guiando e dirigindo o curso dos acontecimentos para atender às suas finalidades. A Isso é chamado de governo ou providência que corretamente. Não se deve pensar sobre a conservação eo governo como atos de Deus claramente separadas, mas como aspectos distintos de sua unidade de trabalho.

Providence e conservação

Conservação é a manutenção que Deus faz a sua criação para continuar a existir. Ela envolve a proteção de Deus contra os danos e destruição, e provisão para as necessidades dos elementos ou membros de criação.

Há numerosas passagens bíblicas que falam de Deus continua a criar um todo. Em Neemias 9: 6, Ezra diz: "Você é o único SENHOR. Tu fizeste o céu, o céu dos céus, juntamente com todo o seu exército, a terra e tudo o que nela há, os mares e tudo o que neles há. Você dá vida a tudo, e as multidões do céu te adorar ", depois de uma frase sobre o papel de Cristo na criação, Paul também vincula-o com a continuação da criação". E ele antes de todas as coisas, e consistem todas as coisas "(Colossenses 1:17). O escritor aos

Hebreus diz sobre o Filho é "sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder" (1: 3).

A contribuição dessas passagens é negar que qualquer parte da criação é auto-suficiente. Algumas pessoas tendem a pensar que a obra de Deus termina com a criação. Para eles, após a criação de todas as coisas que eles continuaram a existir simplesmente porque eles têm um poder inato a ele. No entanto, este é expressamente rejeitada pelas Escrituras. Tanto a fonte e, em seguida, todas as coisas são uma questão de vontade e atividade divina.

A presença de Deus é particularmente evidente na preservação de Israel como uma nação. Por exemplo, a mão de Deus estava presente para satisfazer as necessidades de seu povo em tempos de fome. Deus o havia levado para o Egito para fazer provisão de comida para alimentar as pessoas em tempos de fome. A proteção das pessoas no tempo de Moisés também é algo a ser notado. Ordenando a morte dos meninos israelitas que tentam impedir que os egípcios que Israel se multiplicar e forte (Ex. 1). No entanto, as parteiras salvo aquelas crianças, e em circunstâncias marcantes da vida de Moisés foi preservada. Pragas destinadas a libertar os israelitas de seus opressores culminou com a morte de todos os primogênitos do Egito casas. No entanto, o primogênito de Israel foram poupados. Quando eles fugiram e foram perseguidos pelos egípcios, os israelitas podiam cruzar o Mar Vermelho em terra seca, enquanto os egípcios foram engolidos pelas águas e se afogou. Quando eles estavam vagando pelo deserto, a nação escolhida por Deus recebeu disposições milagrosos, principalmente mana, mas também codorna e água. Eles receberam vitórias nas batalhas, muitas vezes contra todas as probabilidades, eles tentaram conquistar a terra prometida dos ocupados.

No livro de Daniel, a obra de Deus conservação é novamente muito marcante. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram condenados a morrer em uma fornalha ardente por se recusar a adorar a estátua de ouro que tinha sido levantada. No entanto, eles saiu ileso do forno enquanto que aqueles que lhes são expressos em foram destruídos pelo calor. Daniel, para rezar a seu Deus, foi jogado na cova dos leões, mas ele saiu ileso. Claro, que Deus proteja o seu povo nunca foi mais clara.

Jesus também ofereceu ensinamento claro em relação à obra do Pai conservação. Os discípulos estavam preocupados com as necessidades da vida: o que devem comer e vestir. Jesus garantiu-lhes que o Pai alimenta os pássaros e as roupas das flores do campo. E ele faria o mesmo por eles. Depois de mostrar que Deus provê para membros sob a sua criação, Jesus muda seu argumento para os seres humanos: eles são mais valiosos do que as aves (Mateus 06:26) e flores (30 v.). Portanto, os seres humanos não devem se preocupar com comida ou roupa, porque se você procurar o Reino de Deus ea sua justiça, todas essas coisas lhes serão acrescentadas (31-33 vv.). Esta é uma referência para a provisão de Deus. Em Mateus 10, Jesus se concentra no cuidado de Deus. Mais uma vez, a lógica do argumento é que o que Deus faz para as criaturas menores e assim que em maior medida para seus filhos humanos. Não há necessidade de temer aqueles que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma (v. 28). Embora dois pássaros pode ser vendido por um quarto, ninguém pode cair no chão sem o Pai (v. 29). Até os cabelos de nossa cabeça estão contados; este grande é o conhecimento que o Pai tem o que na criação (v. 30). Como chegar à conclusão de familiar: "Portanto, não temas; vocês valem mais do que muitos pardais "(31 v.).

Outro destaque importante, tanto nos ensinamentos de Jesus e os de Paul, é que os filhos de Deus de amor e de cuidados não são separados. Em João 10, Jesus diferença entre ovinos e incrédulos que acabou de me pedir para dizer-lhe claramente se ele é ou não o Messias. Suas ovelhas vai reconhecer e responder à sua voz. Eles nunca perecerá. Arrebatá-las da mão; ninguém pode arrebatá-la da mão do Pai (vv. 27-30). Paulo diz algo semelhante quando ele pergunta: "Quem nos separará do amor de Cristo" (Romanos 8:35.). Depois de analisar as várias opções, todos os quais rejeitaram, resume: "Porque eu estou bem certo de que nem morte nem vida, nem anjos, nem os principados,

nem as potestades, nem o presente nem o futuro, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor "(vv. 38-39). Jesus e Paulo enfatizou que não devemos temer o dano físico ou espiritual, porque Deus nos impede de seus efeitos. A provisão, proteção e livramento de Deus, mesmo nos permite resistir a tentação (1 Coríntios 10:13).

A dimensão saliente de Deus preservar e fornecer-nos o que precisamos não é impedir o crente ele enfrenta perigo ou sofrimento, mas preservá-lo no meio dela. Não há promessa de que não será perseguição e sofrimento. A promessa é que não prevaleça sobre nós. Jesus falou de uma grande tribulação que viria aos eleitos, mas não prevalecer sobre eles (Mt 24: 15-31). Pedro falou dos vários que têm de suportar os crentes que sofrem (1 Pedro 1: 6). Ele alertou seus leitores a não acreditar que essas coisas seria estranho. Não devemos ficar surpresos com a evidência de que nós (1 Pedro 4:12) acontecer, mas se alegrar por eles, porque estamos participando nos sofrimentos de Cristo (4:13) e testar a autenticidade de nossa fé (1: 7). Paulo escreveu que Deus nos daria tudo o que falta de acordo com suas riquezas na glória em Cristo Jesus (Fp. 4:19). Como eu escrevo isto, enquanto eu estava na prisão, Paulo mostra que ele tinha aprendido a ser conteúdo independentemente da sua situação (v. 11). Ele tinha aprendido o segredo de enfrentar ao vivo em abundância e ser saciado ou com fome ou sofrem escassez (v. 12). Tudo o que puder, porque fortalece Cristo (v. 13). O próprio Jesus, é claro, pediu para ser partem a taça que ele estava prestes a beber, rezando para que, se possível, passar por ele, mas isso não foi o jeito que ele queria, mas como o Pai queria. Jesus não será escapou da morte na cruz, mas foi capaz de superá-lo.

Autores bíblicos ver a mão de Deus em todos os lugares conservador. Em particular, os hinos de louvor do salmista destacar o trabalho conservador de Deus em toda a natureza. Um exemplo flagrante é o Salmo 104. Deus definir a terra sobre suas bases, por isso nunca ser removido (v. 5). Ele derramou as molas nos córregos que correm entre as montanhas (v. 10) e as águas das montanhas (v. 13). Ele pôs uma escuridão para eles para buscar a sua subsistência nos animais da floresta (20-21 vv.). Todas as criaturas recebem alimentação dele (vv. 24-30). Da mesma forma, Job vê Deus controla toda a criação: envia a chuva (5:10) e Snow (37:10). Deus trabalha através dos processos de natureza para atender às necessidades de suas criaturas.

O ensino bíblico sobre o trabalho divino de conservação exclui duas idéias contrárias. De um lado está a ideia teísta de que Deus meramente fez o mundo, padrões estabelecidos de ação para qualquer coisa que exija membros para criá-los é fornecida automaticamente, e depois deixou o mundo para continuar o seu caminho. De acordo com este modelo, a criação permanecerá a menos que Deus faz alguma coisa para acabar com ela. No entanto, no modelo bíblico, a criação deixaria de existir se não fosse para o prosseguimento de persistir de Deus. O edifício não tem um poder de residente ou existência inerente. Deus está preocupado pessoalmente e diretamente envolvidos no seu desenvolvimento contínuo.

A doutrina de conservação também deve ser visto como contrário à idéia oposta: a criação contínua. Aqui nós temos em mente o tipo de expressão por vezes utilizado por autores reformados, tentando destacar que a providência divina não é menos importante do que a criação de emprego. Em vez disso, queremos dizer algo completamente diferente. Karl Heim defende a idéia de que Deus realmente criar um mundo novo a cada instante de tempo. Portanto, é continuamente deixar de ser, e Deus continuará sendo devolvido existência.⁴ criação contínua é semelhante ao ciclo de corrente que é constantemente repetida alternada: a corrente sobe para o máximo de sua tensão, em seguida, cai para zero, e de novo sobe para o máximo na polaridade oposta. O que parece um aplicativo DC é realmente uma série repetida de alterações no fluxo de tensão. O processo é repetido entre cinquenta e sessenta vezes por segundo. Se a frequência for menor do que isso, nossa visão às vezes pode detectar uma cintilação em uma

lâmpada. Assim, de acordo com este ponto de vista é constantemente criando deixar de ser, a ser criado por Deus novamente e novamente.

Nas descrições bíblicas da obra divina de conservação há nada que sugira que há uma série de "ações" atomística e repetido incessantemente da mesma natureza que a criação original. Embora não haja garantia de que nada continua a existir, a idéia de que tudo tende a voltar ao nada vem de fontes não-bíblicas. Não há nenhuma palavra hebraica para conservação, portanto, não pode fundamentar a idéia com base nos aspectos lingüísticos. No entanto, deve notar-se que a idéia de criação contínua tem uma grande falha: significa que Deus faz tudo certo, negando que empregar meios para atingir os seus fins.

Uma imagem que pode nos ajudar a entender o trabalho conservador de Deus pode tirar o mundo da mecânica. Podemos começar a ligar furadeira elétrica e, em seguida, ativando um mecanismo que será executado até que a ação definida é realizada off mecanismo. A broca continuarão a operar indefinidamente se deixado sozinho, sem qualquer atenção humana. Então, do ponto de vista do trabalho do conservador deísta de Deus. Existem outras ferramentas, tais como o poder de serra, que não tem qualquer mecanismo de bloqueio. Essas ferramentas requerem contínua pressão sobre o interruptor, como o "interruptor motorista morreu" de uma locomotiva. Se a pessoa encarregada de puxar o mecanismo deixa de fazer, é a: não pode continuar a menos que alguém constantemente querem trabalhar e tomar as medidas necessárias. Estas máquinas podem servir como uma metáfora para a idéia bíblica de conservação.

O deísmo é outra ilustração de um carro com controle de cruzeiro. Uma vez que a velocidade é definida, ela é mantida mesmo quando o motorista tira o pé do acelerador. Um carro sem controle automático pode ser a imagem da idéia bíblica de conservação. Assim que o motorista retira o pé do acelerador, o carro começa a desacelerar e acaba parando. Da mesma forma, se Deus não quiser continuar activamente a existência de sua criação, este cessaria. Ele tem uma habilidade inerente para persistir. Em contraste, a ideia de criação contínua pode ser ilustrado com a imagem de uma máquina que continuamente desconectado e deve reconectar ou iniciar como carros quando está frio. No entanto, ele diz que Deus irá criar uma e outra vez a partir do zero, porque é sempre deixando de ser ou começando a deixar de ser.

Outra idéia deve evitar exploração ou manutenção. É a idéia de que Deus é uma repousante celeste: a criação foi estabelecida por Deus e normalmente funciona como eles querem. Mas às vezes Deus tem de intervir para fazer ajustes antes de qualquer coisa é danificado, ou talvez para reparar qualquer coisa que der errado. Deste ponto de vista, sua tarefa é essencialmente negativa. Não é necessário quando tudo está bem. Actualmente Deus acabado de ver, de modo que passa. No entanto, a Bíblia pinta um papel mais activo e permanente de Deus. Embora Deus não é tão imanente para criar continuamente e repetidamente, no entanto, ele está trabalhando tão imanente na criação, na esperança continuamente que esta seja mantida.

Os escritores da Bíblia que compreendiam a obra divina de conservação teve um claro senso de confiança. Por exemplo, o Salmo 91 descreve o Senhor como esperança e castelo. O crente tem a temer "os terrores da noite, nem a seta que voe de dia, nem peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia" (vv. 5-6). Mesmo no meio de uma batalha pode ter confiança, porque os anjos do Senhor vigiar e manter o crente (v. 11). O salmista tinha aprendido a lição de que Jesus estava ensinando seus discípulos não temem que pode destruir o corpo, mas não pode tocar a alma (Mateus 10:28). Isso não significa acreditar que a morte não pode tocar o crente, a morte vem para todos (Hb. 9:27). Pelo contrário, é a confiança de que a morte física não é o fator mais importante porque mesmo que pode nos separar do amor de Deus. A ressurreição de Cristo é a prova de que Deus conquistou até mesmo a morte. Consequentemente, Paulo podia dizer: "De agora em diante ninguém me causar problemas, porque eu trago no meu corpo as marcas de Jesus" (Gálatas 6:17.). O pior que pode acontecer é nos matar, mas

mesmo isso não temer os cristãos que sabem que eles não podem cair sobre eles qualquer dano contrário à vontade de Deus. Embora a doutrina conservadora da obra de Deus não justifica a loucura ou imprudência, impede-nos de terror e ansiedade.

O trabalho conservador de Deus também significa que podemos confiar na regularidade do mundo criado, e pode planejar e conduzir nossas vidas de acordo. Nós levamos isto para concedeu, no entanto, é essencial para qualquer tipo de operação racional do mundo. Nós podemos sentar em uma cadeira, porque sabemos que isso não vai evaporar ou desaparecer. A menos que alguém nós gastamos uma piada quando estamos de volta, ele ainda estará lá. No entanto, de um ponto de vista puramente empírica, não há nenhuma base real para esperança de que. No passado, descobrimos que nossas expectativas para o futuro foram realizados quando o futuro estava presente. Portanto, assumimos que nossas atuais expectativas para o futuro, como eles parecem ter tido expectativas anteriores sobre o futuro, eles serão cumpridos. Mas este argumento pressupõe exatamente o que está definido, ou seja, que os futuros de futuros futuro será semelhante ao passado. Esta é a mesma assumindo que o futuro será semelhante ao passado. Realmente não há nenhuma empírica para saber o futuro até que nós realmente não tive a oportunidade de experimentar que a base de futuro. Embora possa haver uma tendência psicológica para pensar que uma determinada coisa acontecer, não há base lógica para isso, a menos que haja uma crença de que a realidade é tal que não permanecerá. A hipótese de que persiste a matéria, ou que as leis da natureza ainda funcionam, lidera o campo da metafísica. Crença cristã sobre este ponto não é para acreditar em uma realidade material e impessoal, mas de uma inteligente, bom e decidiu estar lá continua em frente a sua criação, por isso é normal que não há eventos inesperados ocorrem.

Providência e governo

A extensão do governador de Deus atividade

Por uma regra de Deus compreendemos a sua actividade no universo para todos os eventos que correspondem ao plano que Deus tem para ele. Como tal atividade, o governador de Deus, é claro, em geral, incluindo o caso a que nos referimos como a conservação. No entanto, aqui a ênfase é sobre o objetivo de direcionar toda a realidade e o curso da história para os propósitos de Deus. É a execução real, com o tempo, seus planos concebido na eternidade.

Atividade Gov. de Deus estende-se a uma variedade de áreas. Deus como controlador da natureza é descrita, para que os seus elementos são personificados e ouve a sua voz. Nos Salmos louvar a Deus muitas vezes toma a forma de exaltar o seu poder sobre a natureza: "Eu certamente sei que o Senhor é grande, e nosso Senhor está acima de todos os deuses. Qualquer que seja o Senhor agrada ele faz, no céu e na terra, nos mares e em todos os abismos. Faz nuvens aumentam das extremidades da terra; Faz os relâmpagos para a chuva; fora de seus depósitos aos ventos "(Salmo 135: 5-7.). Jesus manteve a mesma fé: "Seu Pai no céu ... faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre os justos e os injustos" (Mateus 5:45).

A evidência particularmente notável do poder de Deus sobre a natureza pode ser visto no caso de Elias, que Acabe, disse que não iria chover até a boca de Deus disse isso, e não choveu por três anos e meio, e orou Monte Carmelo que Deus enviaria raios do céu, e fez. Nós já observamos que Deus operou milagres na natureza em conexão com o êxodo do povo de Israel. Além disso, o poder de Jesus sobre a natureza era em parte a causa dos discípulos reconhecerem como Deus. Durante uma forte tempestade, apenas disse: "A paz, seja ainda!" E tempestade amainou (Marcos 4:39). Os discípulos perguntaram: "Quem é este, que até aos ventos e água, e eles lhe obedecem?" (Lucas 8:25.). Quando eles estavam pescando toda a noite e não pegaram nada, Jesus ordenou-lhes para levar seus barcos para o mar e jogá-redes. Eles obedeceram e ficaram maravilhados porque a

pesca foi tão abundante que as redes começaram a quebrar. (Para expressões similares governo do Senhor sobre as forças da natureza, ver Job 9: 5-9; 37; Salmo 104: 14; 147 :. 8-15; Mateus 6: 25-30).

As Escrituras nos dizem que Deus guia e dirige a criação animal. No Salmo 104: 21-29, animais, desde leões para as inúmeras criaturas do mar são descritos como portadores de sua vontade e dependente dele para o alimento. Em 1 Reis 17: 4, Deus diz a Elias que ele alimentou-o durante a seca: "Você vai beber do riacho; Eu tenho ordenado aos corvos para alimentar-te lá. "No versículo 6 diz que os corvos lhe traziam pão e carne de manhã e à tarde. Incapaz de escolher conscientemente, animais instintivamente obedecer à ordem de Deus.

Além disso, o governo de Deus afeta humana eo destino da história das nações. Uma expressão particularmente viva disso é encontrado em Daniel 2:21: "Ele muda os tempos e as estações, remove reis e estabelece reis." E há uma ilustração importante em Daniel 4: 24-25. O Senhor usou a Assíria para cumprir seus propósitos para Israel, e, em seguida, por sua vez, traz destruição para a Assíria também (Isa. 10: 5-12). Isto é simplesmente parte de sua obra entre as nações: "Eu tenho feito com o poder da minha mão e com a minha sabedoria, porque sou inteligente. Tirei as fronteiras das nações, eu saquearam seus tesouros e para baixo os habitantes como um valente ao qual estavam sentados "(v. 13). Paul, quando ele se dirigiu aos Areópago, disse: "De um só fez todas as raças dos homens, para habitem sobre toda a face da terra; e eles determinaram os seus tempos determinados e os limites da sua habitação "(At. 17:26). Para expressões semelhantes que Deus dirige a história humana, ver Jó 0:23; Salmo 47: 7-8; 66: 7.

O Senhor é soberano nas circunstâncias de vida das pessoas. Ana, inspirado na resposta milagrosa a sua oração por um filho (Samuel), expressa seu louvor: "O Senhor dá a vida ea morte; Ele traz à habitação dos mortos e raises. Senhor torna pobre e rico, abate e exalta "(1 Samuel 2: 6-7). Da mesma forma Mary glorifica a Deus: "Depôs os poderosos tronos e exaltou os humildes" (Lucas 1:52.). Paulo afirma que Deus mesmo antes do nascimento e que ele escolheu para realizar seu trabalho (Gl 1: 15-16.). Paulo exorta seus leitores a ser humilde, porque todos eles têm e são recebidos de Deus. Não há necessidade de "pensar além do que está escrito, para que um, porque eu ensoberbece um contra o outro, porque quem faz você superior? E o que você tem que você não recebeu? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não tivesse recebido "(1 Cor 4: 6-7). Os cristãos têm diferentes dons. Isto é porque Deus, na pessoa do Espírito Santo soberanamente escolheu para dar alguns presentes especiais para pessoas especiais (Rm 12: 3-6; 1 Cor. 12: 4-11).

David encontrou conforto no fato de que Deus era soberano em sua vida: "Mas eu estou em ti, Senhor, me refugio; Eu digo: 'Tu és o meu Deus. Em sua mão estão meus tempos! ' Livra-me das mãos dos meus inimigos e dos que me perseguem "(Sl. 31: 14-15). Ele continuou a confiar no Senhor em meio à adversidade e inimigos, crendo que o Senhor, em última análise exonerá-lo. Declarações de fortunas humanas e infortúnios da vida são superficiais e enganosa ", porque nem do oriente nem do ocidente, nem a exaltação vem, pois Deus é o juiz; Ele derruba um e exalta ... Mas eu declararei para sempre cantarei louvores ao Deus de Jacob. Eu vou quebrar todos os chifres de pecadores, mas os justos será exaltado "(Sl 75: 6-7., 9-10).

A soberania de Deus inclui o que é considerado eventos acidentais de vida. Provérbios 16:33 diz: "A sorte se lança no regaço, mas a decisão é do Senhor." Isso se reflete tanto no Antigo e Novo Testamento. Quando o navio em que Jonas estava viajando para Tarsis foi envolvido na grande tempestade, os marinheiros lançaram sortes para ver quem era o culpado por este mal deve vir sobre eles; O Senhor usou esse sistema para escolher Jonas (Jon. 1: 7). Quando os primeiros crentes foram à procura de alguém para substituir Judas no círculo dos apóstolos, propuseram dois, e depois orou para que Deus lhes mostrar qual dos dois, Barsabas e Matias foi escolhido. Eles tiraram a sorte e caiu sobre Matias, e ele era o único que se juntou aos outros onze apóstolos (Atos 1: 23-26.). Mesmo homicídio

é considerado dirigido por Deus. Observe a maneira em que a ordenança do homicídio culposo é descrito em Êxodo ", mas o [assassino] não armar ciladas, mas Deus lho entregar nas suas mãos", ela pode fugir para uma cidade de refúgio (Ex 21.: 13). Esta é uma clara indicação de que Deus controla todas as circunstâncias da vida, nada é puro acaso. Embora o nome de Deus não é mencionado no livro de Ester, é interessante notar que ao propor que Esther ir ao rei em nome de seu povo, Mordecai pergunta: "Quem sabe se por este tempo têm vindo a real ? "(4:14).

Pense em atividade Gov. de Deus o mais amplamente possível. O salmista diz. "O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus e seu reino domina sobre tudo" O Salmista, em seguida, continua invocando todos os anjos do Senhor dos exércitos, ministros que obedecem seus preceitos, todas as suas obras e todos os lugares do seu domínio, para abençoá-lo (Sl 103: 19-22.). Quando Nabucodonosor vem a seus sentidos, bendizei o Senhor: "Seu domínio é um eterno; o seu reino para todas as idades. Eles são reputados em nada todos os habitantes da terra; Ele faz segundo a sua vontade no exército do céu e entre os moradores da terra; ninguém pode deter a mão e dizer: 'O que você está fazendo?' "(Dan. 4: 34-35). Paulo diz que Deus "faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade" (Ef. 1:11). A própria idéia de o reino de Deus, que desempenha um papel tão importante, tanto no Antigo Testamento e os ensinamentos de Jesus de papel, líder universal sugere o poder de Deus. Seu endereço é universal tanto no tempo (é eterna) ea extensão (tudo e tudo é totalmente sujeitos a ela).

Mas a soberania de Deus não é apenas uma questão de as circunstâncias da vida ou o comportamento da criação de infra-humana. Livres ações dos seres humanos também fazem parte do trabalho do governo de Deus. Quando o povo de Israel deixar o Egito, o Senhor disse que não iria sair de mãos vazias, porque eles poderiam achar graça aos olhos dos egípcios (Ex. 3:21). Este foi cumprida quando o momento da partida veio: "E os filhos de Israel conforme a palavra de Moisés, e pediram aos egípcios jóias de prata e ouro, e roupas. Jeová deu ao povo graça com os egípcios venceram, e eles deram-lhes o que eles pediram. Assim, eles saquearam os egípcios "(Ex. 12: 35-36). Embora se possa argumentar que o Senhor coagido os egípcios sobre esta questão por pragas e particularmente com a morte dos primogênitos, a Bíblia deixa claro que a concessão dos pedidos dos israelitas foi uma decisão livre pelos egípcios.

Outro exemplo é em 1 Samuel 24. Saul parou de perseguir David para ir para uma caverna para se aliviar. Aconteceu que Davi e seus homens estavam escondidos na mesma caverna. David poderia cortar a borda do manto de Saul, mas não doeu. Pouco depois de David e Saul interpretado ação do rei totalmente livre para entrar na caverna como um ato de Deus. David disse a Saul: "Hoje os teus olhos viram como o Senhor o colocou em minhas mãos na caverna"; (v. 10) e Saul disse: "Hoje você me mostrou bondade; porque o Senhor me entregou em suas mãos e você não me matou "(v. 18). Salmo 33:15 diz que o Senhor faz o coração de todos os habitantes da Terra. Provérbios dizer que as ações humanas acontecem e os planos para cumprir o plano de Deus: "O homem está fazendo planos no coração; Jeová é colocar a resposta na língua "(16: 1); "Muitos são os planos no coração do homem, mas o conselho do Senhor é o que resta" (19:21). Quando Ezra estava reformando o templo, o rei Artaxerxes da Pérsia obteve os recursos cofres da nação. Ezra disse: "Bendito seja o Senhor, o Deus de nossos pais, que colocou esta no coração do rei, para embelezar a casa do Senhor, que está em Jerusalém" (Esdras 7:27.).

Mesmo os atos pecaminosos dos seres humanos são parte do trabalho providencial de Deus. Provavelmente, o exemplo mais notável disso é a crucificação de Jesus, Peter atribuída tanto a Deus e aos pecadores: "Ele, que foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, vós tomou e morto por mãos ímpias crucificaram" (Atos 2:23.). Alguém poderia argumentar que apenas a entrega de Jesus (ou seja, a traição de Judas), ao invés da crucificação, é representado aqui como parte do plano de Deus. No entanto, a idéia é a mesma: eles fizeram homens pecadores é considerado parte do trabalho providencial de Deus.

Em 2 Samuel 24: 1, ele diz que o Senhor moveu Davi a numerar o povo; outro lugar ele diz que Satanás moveu a Davi de cometer o pecado (1 Crônicas 21: 1.). Outra referência é às vezes citado como evidência de que o pecado humano é parte da atividade providencial de Deus é 2 Samuel 16:10. David observa que Simei amaldiçoa o mandamento do Senhor. Isso se torna declaração como hipotético ("Se ele amaldiçoa assim, é porque o Senhor lhe disse para amaldiçoar David"), mas no versículo 11 David diz categoricamente: ". Que ele maldição; porque o Senhor ordenou" Em 2 Tessalonicenses 2, Paulo afirma que Satanás engana Em seguida, ele acrescenta: "os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para serem salvos.": "Por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam na mentira , para que todos possam ser condenados que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça "(vv. 10-12). Aqui parece que Paul também está atribuindo o que Satanás tem feito o trabalho de Deus.

Relacionamento atividade Gov. entre Deus eo pecado

Neste ponto temos de abordar o difícil problema da relação entre a obra de Deus e atos pecaminosos cometidos por seres humanos. É necessário distinguir entre o trabalho normal de Deus em relação às ações humanas e seu trabalho em relação aos atos pecaminosos. A Bíblia deixa bem claro que Deus não causa o pecado. James escreveu: "Quando alguém está tentado a dizer que não é tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, nem ele tenta ninguém; mas cada um é tentado, quando, pela sua própria concupiscência, ele é arrastado e seduzido "(Tg. 1:14). John diz, "porque tudo o que há no mundo - a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos ea soberba da vida - a partir do Pai, mas do mundo" (. 1 Jo 2:16). Mas se as ações pecaminosas de seres humanos não porque Deus, o que queremos dizer quando dizemos que estão em atividade do governo? Existem várias maneiras em que Deus pode ser relacionadas com o pecado pode (1) parar; (2) permitir que ele; (3) dirigi-lo; ou (4) limitar. Note-se que em cada caso Deus não é a causa do pecado humano, mas age em relação a eles.

1. Deus pode impedir que o pecado. Às vezes, impede ou dificulta certas pessoas a cometer atos pecaminosos. Quando Abimeleque, acreditando que Sarah era irmã de Abraão, em vez de sua esposa, levou-a para ele, o Senhor apareceu em sonho. Ele disse a Abimeleque: "Eu também sei que na sinceridade do teu coração fizeste isto. E eu parei de pecar contra mim; por que eu não deixá-lo tocá-la "(Gênesis 20: 6). David orou para que Deus iria distraí-lo do pecado: (. Salmo 19:13) "guarda o teu servo também de presunçoso, não tem domínio sobre mim".

2. Deus nem sempre evitar o pecado. Às vezes, simplesmente optar por permitir que ele. Embora não quer que aconteça, acessado. Não impedir o pecado que estamos determinados a cometer, Deus *diz* que ele vai cometer; mas isso nos faz pecar, nem *precisa* para agir desta forma. Paulo pregou em Listra: "Na passada [Deus] permitiu que todas as nações a seguir seus próprios caminhos" (Atos 14:16.). E em Romanos 1 diz que Deus entregou tais homens à imundícia pessoas, a paixões degradantes, uma mente depravada, a conduta imprópria (vv. 24, 26, 28). Da mesma forma, Jesus disse de Moisés permitiu o divórcio: "Por causa da dureza do vosso coração, Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim "(Mt 19: 8). Em 2 Crônicas 32:31, lemos que "Deus o desamparou [Ezequias], para tentar saber tudo o que havia no seu coração." Estas foram as concessões feitas por Deus a deixar as pessoas cometem atos pecaminosos que não eram o seu desejo, atos não poderia ter feito se ele tivesse decidido assim. O Senhor provavelmente expressou esta mais claramente no Salmo 81: 12-13: "A esquerda, por conseguinte, para a dureza de seus corações; mas andaram nos seus próprios conselhos. Se eu tivesse ouvido o meu povo! Se Israel andasse nos meus caminhos! "

3. Deus também pode direcionar pecado. Isto está ocorrendo até mesmo permitindo que alguns pecados, no entanto, dirigida de modo que o bem vem deles. Isto é o que

Ethelbert Stauffer chamou a lei de investimento. Provavelmente o evento mais marcante nas Escrituras é a história de Joseph. Seus irmãos queriam matá-lo, se livrar dele. Este desejo, certamente, não era bom; Ele não foi causado por Deus ou aprovar. No entanto, ele permitiu-lhes realizar o seu desejo - mas com uma pequena modificação. Ruben pediu aos outros irmãos não matar Joseph, mas simplesmente jogados em um poço no deserto, pensando mais tarde liberação (Gn 37: 21-22). Mas então houve outro fator. Mercadores midianitas passaram e irmãos (Rubén sem o saber) venderam José como escravo. Nada disso aconteceu porque Deus queria isso, mas permitiu que isso acontecesse e usado más intenções e ações dos irmãos para obter um bom acabamento. O Senhor estava com José (Gênesis 39: 2). Apesar das intrigas e mentiras da mulher de Potifar e falta de lealdade chefe mordomo, Joseph triunfou graças aos seus esforços e muitas pessoas, incluindo a família de seu pai, ele não morreu de fome. Joseph era sábio o suficiente para reconhecer a mão de Deus em tudo isso. Ele disse a seus irmãos: "Então, não é que me enviastes para cá, senão Deus, que me tem posto por pai de Faraó, senhor de toda a sua casa, e governador de toda a terra do Egito" (Gn 45.: 8). E depois da morte de Jacob, ele reiterou: "Você pretendia me prejudicar, mas Deus o tornou em bem, para alcançar o que é agora, para manter muitas pessoas vivas" (Gênesis 50:20.). Pedro viu que Deus havia usado muito a crucificação de Jesus, para o bem: "sabe, pois, toda a casa de Israel, este Jesus que vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo" (Atos 2. : 36). Paulo falou da rejeição dos judeus a Cristo como um meio para a reconciliação veio ao mundo (Rom. 11: 13-15, 25).

Deus é como um treino ou talvez mais precisamente, como um perito em judô que redireciona os males de Satanás e os seres humanos pecadores para que eles se tornam meios para fazer o bem. Temos de reconhecer que a natureza surpreendente da onipotência divina. Se Deus fosse grande e poderoso, mas não onipotente, deve fazer com que todos, direta ou perder o controle da situação e seria incapaz de cumprir seus objetivos finais. Mas o nosso Deus onipotente pode permitir que atos humanos maus fazer o pior, e ainda realização de seus fins.

4. Finalmente, Deus pode limitar o pecado. Há momentos em que não impede maldades, mas ainda restringe a extensão ou efeito do que a maldade humana eo diabo e seus demônios podem fazer. Um exemplo proeminente é o caso de Jó. Deus permitiu a Satanás para agir, mas limita o que podia fazer: "Tudo o que ele tem está na tua mão; tão-somente não coloca sua mão sobre ele" (Jó 01:12). Mais tarde, o Senhor disse: "Ele está em suas mãos; mas salvar a sua vida" (2: 6). David expressa a fé de Israel, quando escreveu: "Se não fosse por nós ao Senhor, ora diga Israel, se não fosse por nós ao Senhor, quando eles se levantaram contra nós, homens vivos teriam engolido então, quando a sua ira se acendeu contra nós" (Salmo 124: 1-3.). E Paulo assegurou a seus leitores que há limites para a tentação que eles vão encontrar: "Não vos sobreveio nenhuma prova de que não é humano; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além do que podem suportar, mas também com o teste de modo que você pode suportar" (1 Cor 10:13). Mesmo quando Deus permite o pecado ocorre, impõe limites além dos quais você não pode ir.

As principais características do governador de Deus atividade

Precisamos resumir as principais características e implicações da doutrina do governo divino.

1. A actividade Governador de Deus é universal. Ele se estende a todas as questões: o que é, obviamente, bom e até mesmo o que não é, aparentemente, bom. Paulo escreve: "Sabemos também que daqueles que amam a Deus todas as coisas cooperam para o bem, isto é, que segundo o seu propósito são chamados" (Romanos 8:28.). Isto significa que não há limites em que Deus usou. Você ainda pode usar agentes aparentemente "maus" como Cyrus (Is. 44-45), para cumprir seus propósitos. O crente sensível será alerta para

o que Deus está tentando e tentando fazer com que, mesmo em situações inesperadas, não planejadas ou improváveis. Um exemplo é a entrevista de Jesus com a mulher samaritana. Não foi uma reunião planejada. Ele não estava na agenda dos esforços de evangelização. Foi o que aconteceu quando Jesus foi "fora de serviço" - durante uma pausa em um dia de viagem (Jo 4: 3, 6.). No entanto, ele viu isso como uma oportunidade providencial enviado pelo Pai e de lá ele usou. Então, ele falou à mulher sobre a água viva e trouxe a fé nele. O cristão sábio semelhante alertar às oportunidades que possam surgir como uma primeira vista parecem circunstâncias acidentais. Esta vida é cheia de possibilidades oferecidas por Deus enviou-nos esperança e entusiasmo.

2. A providência de Deus se estende não só para seu próprio povo. Embora haja uma preocupação especial para o crente, Deus não nega sua bondade o resto da humanidade. Jesus disse isso claramente em Mateus 5:45, "faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre os justos e injustos." Isto é contrário ao ponto de vista defendido por alguns cristãos, uma visão que foi expressa em um bem-humorado Alguns anos atrás, em uma história em quadrinhos intitulado "O Reverendo." Um dia, reverendo vestindo suas roupas clericais, ele foi de férias. Seu vizinho ofereceu para regar o gramado enquanto eu estava fora. "Muito obrigado", disse o reverendo, "mas eu fiz outros arranjos." No último quadro, a chuva caiu no gramado do reverendo, mas caiu nos jardins adjacentes. Assim, Jesus diz, *não* é como Deus trabalha normalmente. Quem não crê como os benefícios crente da bondade do Pai. Meu pai era um cristão; o homem que vivia na fazenda ao lado não era um cristão e trabalhava sete dias por semana. Mas quando chovia, geralmente ele fez igualmente sobre as duas fazendas.

3. Deus é bom em seu governo. Trabalhar para o bem, às vezes ele diretamente, às vezes a compensação ou desviar os esforços dos seres humanos maus contra o bem. Vimos isso em Romanos 8:28. No entanto, eu não deve ser cuidado muito rapidamente e facilmente identificar o bem com o que é agradável e confortável para nós. Em Romanos 8:28 o bom é associado com o propósito de Deus, e este por sua vez, é identificado com a formação de seus filhos de acordo com a imagem de Seu Filho (v. 29). Serem conformes à imagem do Filho, por vezes, envolve sofrimento (1 Pedro 1: 6-9) ou apoiar a disciplina (Heb. 12: 6-11).

Deus é bom em seu governo deve produzir no crente confiança com os últimos resultados dos acontecimentos da vida. Quando Abraão foi convidado a oferecer seu filho Isaque em sacrifício, ele confiou que de alguma forma Isaac seria salvo. Abraão disse aos servos: "Eu eo moço iremos até lá e adoração e voltar para você" (Gênesis 22: 5). A palavra hebraica traduzida como "retorno" é claramente na primeira pessoa do plural. Quando Isaac perguntou onde o cordeiro para o holocausto foi, Abraão respondeu: "Deus proverá o cordeiro para o holocausto, meu filho" (v. 8). Abraão não tinha conhecimento prévio ou garantia de que pode acontecer nas montanhas. Você pode até esperar que Isaac morreu e ressuscitou (cf. Heb. 11:19). Mas o que aconteceu, Abraão sabia por experiência própria que tipo de Deus ele serviu. Deus havia provido cuidado quando ele obedeceu e deixou Ur da Caldéia para um lugar que eu nunca tinha visto. Sabendo que Deus é bom e que ele havia prometido que Isaac seria seu herdeiro, Abraão confiava nele e Isaac de alguma forma voltar da montanha. Deus não está sozinho no comando; Ele está funcionando coisas de acordo com a bondade e graça de caráter. Portanto, os crentes não deve hesitar em fazer a vontade de Deus por medo de que algo terrível acontece com eles.

4. Deus está pessoalmente preocupado com o seu. Não devemos crer que Deus nos impulsiona a forma impessoal de uma maneira burocrática. Devido ao tamanho e complexidade do reino de Deus pode ser tentado a chegar a essa conclusão. Mas várias imagens que Jesus nos oferece o Pai indicam a dimensão pessoal de preocupação. Ele se preocupa de uma ovelha perdida (Lc. 15: 3-7) e procurando até encontrá-la. O bom pastor conhece as suas ovelhas e as chama pelo nome. Eles reconhecem a sua voz e vão, ignorando a voz do estranho (Jo. 10: 3-6, 14, 27). O pastor cuida das suas ovelhas, ele

protege até mesmo dá a sua vida por eles, se necessário (v. 11). O Pai conhece cada cabelo na cabeça daqueles que são seus (Mt 10:30).

A dimensão pessoal do governo de Deus é significativamente aborda a situação contemporânea. Com o crescimento da automação e informatização também aumentou despersonalização. Nós somos apenas peças de máquinas, robôs números sem rosto em um arquivo, arquivos digitais em disquetes. O governo do nosso país está distante e impessoal. Um estudante brilhante de Inglês filologia, para fazer o pedido de um programa de pós-graduação, uma instituição atribuído um número e disse que não iria precisar usar seu nome no futuro correspondência; o número seria suficiente. O estudante universitário escolheu um diferente, aquela em que foram usadas até nomes. A doutrina da providência de Deus nos assegura que a sua relação pessoal com a gente é importante. Ele conhece cada um de nós e todos os cuidados.

5. Nossa atividade e atividade de Deus não são mutuamente exclusivas. Nós não temos nenhuma base para a negligência, indiferença ou resignação que encarar o fato de que Deus está trabalhando para cumprir os seus objetivos. Como vimos, sua providência inclui ações humanas. Às vezes, os seres humanos estão conscientes de que as suas ações estão a cumprir a intenção divina, como quando Jesus disse para fazer a vontade do Pai (eg, Mt. 26:42). Às vezes é realizado o plano de Deus involuntariamente. Mal sabia Cesar Augusto quando ele fez o seu decreto (Lc. 2: 1) que o censo foi encomendar permitiria o cumprimento da profecia de que o Messias nasceria em Belém, mas, no entanto, que ele ajudou a cumpri-la. A certeza de que Deus vai realizar algo de forma alguma desculpa que tentamos diligentemente para levar a cabo a sua aplicação. Deus cumpre os fins propostos, mas não usando a mídia (incluindo as ações humanas) para tais fins.

Nem deveria parar de acreditar na providência de Deus, simplesmente porque agora há menos necessidade de intervenção divina dramática. O moderno humanidade secular vê pouco espaço para Deus neste mundo. Nos tempos antigos, Deus era a solução para os mistérios. Ele estava atrás de tudo o que aconteceu. Foi a explicação para a existência do universo e da complexidade da criação. Ele era o único que resolveu os problemas. No entanto, hoje temos vindo a entender o nosso universo de uma forma simples. Agora sabemos o que faz uma pessoa doente (pelo menos em muitos casos) e da ciência médica pode prevenir ou curar doenças. Ore para a cura parece inadequado (exceto em casos críticos ou sem esperança). A providência de Deus parece um conceito estranho. No entanto, vimos que a providência imanente inclui a obra de Deus; portanto, ele é providencialmente no trabalho na cura tanto pelo médico como uma cura milagrosa.

6. Deus é soberano em seu governo. Isto significa que somente ele determina o seu plano e saber o significado de cada uma de suas ações. Você não precisa de saber para onde estamos indo. Devemos ter cuidado, portanto, para evitar a ditar a Deus o que deveria fazer para nos liderar. Às vezes, o cristão é tentado a dizer a Deus: "Se você quer que eu faça A, mostre-me a fazer X." Não são tidos em conta a complexidade do universo e do grande número de pessoas para quem Deus deve se preocupar. Seria muito melhor, apesar do velo de Gideão: se simplesmente permitir que Deus nos ilumine - se ele queria e ao ponto que ele queria - a ver a importância do seu trabalho (Juízes 6 36-40.). Sabemos que tudo tem sua importância no plano de Deus, mas temos de ter cuidado para não assumir que o significado de todas as coisas deveriam ser óbvias, e devemos entendê-la. Suponha-se que deve ser capaz de entender o significado de tudo o que Deus dirige e que ele vai explicar de uma maneira semelhante como fez com lã de Gideão é superstição, não pena.

7. Devemos ter cuidado com aquilo que identificamos como providência de Deus. O exemplo mais proeminente de identificação demasiado apressada de eventos históricos com a vontade de Deus é, provavelmente, os "cristãos alemães", que em 1934 apoiaram a ação de Adolf Hitler viu isso como uma maneira de Deus operante na história. As palavras da sua declaração são instrutivas para nós quando agora ler: "Agradecemos muito a Deus para que Ele, como o Senhor da história, deu a Adolf Hitler como nosso

líder e salvador da nossa situação. Reconhecemos que nós, corpo e alma estão vinculados e dedicado ao Estado alemão e seu Führer. Esta união e contém obrigação para nós, como cristãos evangélicos, mais profunda e mais santo em obediência ao mandamento de Deus que significa "uma declaração no ano passado ditado." Neste torção da história [isto é, a chegada de Hitler ao poder] dizemos que um Sim. Deus deu-nos gratos. A ele seja a glória. Vinculado como nós somos a Palavra de Deus, reconhecemos os grandes acontecimentos do nosso dia uma nova comissão de Deus à sua Igreja. "De nossa perspectiva, a loucura de tais declarações é óbvio. Mas nós não estamos fazendo hoje talvez alguns pronunciamentos semelhantes pessoas erradas podem considerar as seguintes décadas? Embora não seja necessário chegar tão longe quanto ele fez Karl Barth para rejeitar a teologia natural baseada no progresso da história, na sua condenação da acção dos cristãos alemães há uma palavra de cautela que encontramos instrutivo.

Providência e à oração

Um problema que tem preocupado os cristãos sérios quando eles pensam sobre a natureza da providência é o papel da oração. O dilema surge a questão do que é realmente alcançado através da oração. Por um lado, se a oração tem qualquer efeito sobre o que acontece, então parece que o plano de Deus não foi definido pela primeira vez. Providence em um sentido depende ou alterada pelo facto de alguém para orar e como fazê-lo. Além disso, se o plano de Deus é estabelecida e ele vai fazer o que ele vai fazer, então que importa se ou não oramos?

Devemos salientar que esta é simplesmente uma forma particular de a questão mais ampla é a relação entre o esforço humano e providência divina. Assim, podemos abordá-lo com as mesmas considerações analíticas que usamos para examinar a questão mais ampla. Devemos destacar dois fatos: (1) as Escrituras ensinam que o plano de Deus é definida e fixa; Não está sujeito a reexame; e (2) somos ordenados a rezar e ensina que a oração tem valor (Tg. 5:16). Mas como esses eventos se relacionam entre si?

A partir das Escrituras, parece que em muitos casos, Deus trabalha em uma espécie de associação com os humanos. Deus não trabalha se os humanos não fazem a sua parte. Portanto, quando Jesus ministrou em sua cidade natal, Nazaré, ele não fazer qualquer milagre excelente. Tudo o que ele fez foi tratar alguns pacientes. Jesus "foi espantado com a sua incredulidade" (Marcos 6: 6) sugere que o povo de Nazaré simplesmente não usar a sua necessidade para ele para curar. É claro que, em muitos casos, o ato de fé era necessário para Deus agir; e ele não tinha esse tipo de fé em Nazaré. Além disso, quando Jesus caminhou sobre a água (Mateus 14: 22-33), Pedro pediu para ser autorizado a ir com ele andando sobre a água como bem e foi concedida. Supõe-se que Jesus poderia ter deixado todos os seus discípulos andou sobre a água, mas apenas Pedro fez, porque ele era o único que pedimos. Ordenando o centurião para curar seu servo (Mateus 8: 5-13) ea mulher com a hemorragia tocando o manto de Jesus (Mt. 9: 18-22), são exemplos de fé, que é demonstrada nas petições, e que resultam na obra de Deus. Quando Deus deseja que fim (neste caso a cura), você também quer a mídia (o pedido para ser curado, que por sua vez pressupõe a fé). Portanto, a oração não muda o que ele pretende fazer. É o meio através do qual realiza este fim. Portanto, é vital que você orar, pois sem oração o resultado desejado não vai acontecer.

Isto significa que a oração é mais do que apenas a auto-estimulação. Há um método para criar em nós uma atitude mental positiva, para que possamos fazer o que lhe pediram para fazer. Pelo contrário, a oração é, em grande medida para criar em nós uma atitude positiva para a vontade de Deus. Jesus ensinou aos seus discípulos - e nós - a orar: "Venha o teu reino. Tua será feito "e depois" O dia nosso pão, dá-nos hoje. "A oração não é tanto para chegar a Deus para fazer o nosso vai demonstrar que nos preocupamos tanto quanto ele que sua vontade é levada a cabo. Além disso, Jesus ensinou persistência na oração (Lc. 11: 8-10; note que os imperativos do versículo 9 e participios no versículo 10 são no

tempo presente: pedir, buscar, bater). Grande fé e compromisso é necessário para orar por alguma coisa uma vez e depois parar. A oração persistente deixa claro que o nosso pedido é importante para nós como é para Deus.

Nem sempre conseguimos o que perguntar. Jesus perguntou três vezes para ficar longe dele o cálice (morte por crucificação); Paulo orou três vezes para que você possa remover o espinho na carne. Em ambos os casos concedido algo que era necessário (por exemplo, 2 Coríntios 12: 9-10). O crente pode orar com confiança, sabendo que o nosso Deus sábio e bom vai nos dar, não necessariamente o que você perguntar, mas o que é melhor para nós. Porque, como o salmista disse: "[Jeová] não reter bem a quem andam na retidão" (Salmo 84:11.).

Providência e Milagres

O que temos vindo a discutir até agora são assuntos ordinários ou normais providência. Embora de origem sobrenatural, são relativamente comuns e, portanto, não muito chamativo ou espetacular. No entanto, devemos procurar uma espécie adicional de providência: milagres, essas obras marcantes ou incomuns feitos por Deus e são claramente sobrenatural. Estas são obras sobrenaturais especiais da providência de Deus que não pode ser explicada pelos padrões normais da natureza.

Uma questão importante em relação aos milagres é a sua relação com as leis naturais ou leis da natureza. Para alguns, milagres têm sido um obstáculo para a fé, em vez de uma ajuda, uma vez que eles são tão contrária aos padrões normais que parecem improváveis ou mesmo inacreditável. Portanto, a questão de como pensar sobre esses eventos em relação às leis naturais é de grande importância. Há pelo menos três pontos de vista sobre a relação entre os milagres e as leis naturais.

O primeiro conceito é que os milagres são realmente manifestações de pequenas leis naturais conhecidas e praticamente desconhecidos. Se nós conhecia e compreendia plenamente a natureza, podemos compreender e até mesmo prever tais eventos. Sempre que as circunstâncias incomuns que produzem um milagre reaparecer nessa concentração particular, o milagre irá ocorrer. Alguns exemplos bíblicos parecem se encaixar esse padrão, por exemplo, a pesca milagrosa em Lucas 5. De acordo com este ponto de vista, Cristo não criar o peixe para a ocasião, e levou-os de qualquer forma de seus lugares no lago ao site que ele iria lançar a rede. Em vez disso, as condições eram incomum para o peixe para ser agrupados em um lugar onde você normalmente não seria de esperar que eles deveriam. Sempre que ocorrer nestas circunstâncias específicas, o peixe iria encontrar lá. Portanto, o milagre não foi tanto um ato de onipotência e onisciência. O milagre aconteceu porque ele sabia onde os peixes seriam encontrados. Também vêm à mente outros tipos de milagres. Algumas das curas de Jesus pode ter sido cura psicossomática, ou seja, os casos em que o forte sugestão elimina sintomas neuróticos. Como muitas doenças com sintomas físicos são mais funcional do que orgânica de origem ou caráter, parece razoável supor que Jesus simplesmente usou seu extraordinário conhecimento da psicossomática para essas curas.

Grande parte dessa visão é atraente, especialmente porque alguns dos milagres bíblicos se encaixam perfeitamente a este regime; ele pode muito bem ser que alguns deles eram desta natureza. No entanto, existem alguns problemas com a aprovação deste ponto de vista como uma explicação para tudo. Alguns milagres são realmente difíceis de explicar, de acordo com esta teoria. Por exemplo, o homem que nasceu cego (Jo. 9) pode ser considerado um caso de cegueira congênita psicossomático? É claro que nenhum de nós sabe o que as leis pode ser que nós ignoramos. Essa é a natureza da ignorância: muitas vezes não sabem o que nós não sabemos. Mas é razoável assumir que devemos pelo menos ter alguma idéia do que poderia ser estas incógnitas. A própria imprecisão da teoria é tanto a sua força e sua fraqueza. Ou seja, sem qualquer outro argumento, que existem leis da natureza que não conhecemos pode nem confirmar nem negar.

Um segundo conceito é que os milagres quebrar as leis da natureza. No caso de machado flutuante, por exemplo (2 Reis 6: 6), esta teoria sugere que, por um curto período de tempo, em seguida, mais ou menos metro cúbico de água, a gravidade foi suspenso. Simplesmente não se aplicava. Porque Deus desarmou a lei da gravidade até que o machado foi recuperado, e mudou a densidade do machado ou água. Este ponto de vista tem a virtude de milagres parece consideravelmente mais sobrenatural do que a última. Mas tem alguns inconvenientes. Por um lado, que a suspensão ou quebrar as leis da natureza geralmente introduz complicações que exigem uma série de milagres que compensam. Na história do dia mais longo de Joshua normal (Js 10: 12-14.), Por exemplo, numerosos ajustamentos têm que ser feitas, de que não há qualquer vestígio da narrativa, se Deus realmente parou de rotação Terra em seu eixo. Embora certamente um Deus Todo-Poderoso poderia fazer isso, não há nenhuma indicação de que nos dados astronômicos. Há dois problemas psicológicos, um e o outro teológicas. Psicologicamente, a aparente desordem na natureza introduzido pela visão de que os milagres são violações da lei natural desnecessariamente predispõe cientistas contra eles. Essa definição faz milagres são particularmente difíceis de defender. Na verdade, algumas pessoas rejeita categoricamente milagres com base nesta definição.¹⁴ e teologicamente, essa visão parece fazer Deus trabalha contra si mesmo, que introduz uma forma de auto-contradição.

A terceira idéia é que, quando os milagres acontecem, as forças sobre as forças naturais contra-natural. Nesta perspectiva, as leis da natureza não são suspensos. Eles continuam a operar, mas a força sobrenatural é introduzido, negando o efeito da lei natural. No caso de machado flutuante, por exemplo, a lei da gravidade continuou a operar nas imediações do machado, mas a mão invisível de Deus estava sobre ela, segurando-a como uma mão humana foi levantado. Este ponto de vista tem a vantagem de considerar os milagres como algo sobrenatural ou extranatural genuinamente mas sem ser antinatural, como é a segunda teoria. Sem dúvida, ele pode ter sido, no caso da pesca, as condições da água que fariam os peixes estavam lá, mas essas condições não teria dado se Deus não tivesse fatores como a temperatura atual e água influenciado. E talvez, por vezes, tem havido atos de criação também, como o caso em que ele alimentou cinco mil pessoas.

Não deve haver problemas quando os eventos vão contra as leis naturais que ditam ocorrer. A ciência do século XX, estão mais dispostos do que no século XIX, A CONSIDERAR AS LEIS NATURAIS COMO MEROS RELATÓRIOS ESTATÍSTICOS DO QUE ACONTECEU. De um ponto de vista puramente empírica, uma não tem qualquer base lógica, mas apenas uma inclinação psicológica para prever o futuro com base no passado. Se o curso da natureza é fixo e inviolável, ou se pode combater com sucesso é uma questão que nos leva ao reino da metafísica. Se estamos abertos à possibilidade de realidade e força fora do sistema da natureza, então os milagres são possíveis. Em seguida, ele se torna uma questão de examinar a evidência histórica para determinar se eles foram bem sucedidos ou não. Faremos isso em conexão com o milagre supremo, a ressurreição de Jesus, em nosso tratamento da cristologia (pp. 794-96).

Neste ponto, no entanto, devemos mencionar o propósito de milagres. Existem pelo menos três. O mais importante é glorificar a Deus. Beneficiários e observadores dos milagres bíblicos geralmente respondeu glorificando a Deus. Isto significa que quando milagres acontecem hoje, devemos honrar a Deus, que é a fonte do milagre, não o agente humano, que é o canal. Nos tempos bíblicos, um segundo propósito de milagres foi estabelecer a base sobrenatural da revelação de que muitas vezes os acompanhou. A palavra grega σημεία (*SEMEIA* - "sinais") aparece no termo do Novo Testamento para milagres desta dimensão. Observamos também que milagres muitas vezes vêm em um momento de particularmente intensa revelação. Isto pode ser visto no ministério de nosso Senhor (eg Lc. 5:24). Finalmente milagres acontecem para satisfazer as

necessidades humanas. Muitas vezes, nosso Senhor descrito como movido por compaixão para com os necessitados, os feridos que vêm a ele. Ele cura para libertar o sofrimento causado por doenças como a cegueira, hanseníase e sangramento. Ele nunca faz milagres com o propósito egoísta de expor.

Vimos que a doutrina da providência não é um conceito abstrato. É a convicção de um crente a estar nas mãos de um Deus bom, sábio e poderoso para cumprir Seus propósitos no mundo.

Nunca consternado que no esforço, Deus vai cuidar de você;
suas asas fortes serão cobertos; Deus cuidará de você.

Em ensaios graves e tribulação, Deus vai cuidar de você;
em seu conflito e tentação, Deus vai cuidar de você.

Sua riqueza irá fornecer-lhe; Deus vai cuidar de você;
Eu nunca negou sua propriedade; Deus cuidará de você.

Testes vêm, dor cruel, Deus vai cuidar de você;
Coloque as suas preocupações sobre o Salvador; Deus cuidará de você.

Deus vai cuidar de você; é ver seu terno amor;
sim, ele vai cuidar de você, Deus vai cuidar de você.

(Civilla Durfee Martin, 1904)

20. O mundo de Deus e do mal: um problema especial

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Definir e compreender a natureza do problema do mal.
- Examine os temas bíblicos que tratam desse problema e que contribuem para aliviá-la.
- Para fortalecer a fé do crente e permitir oferecer resposta às críticas da fé cristã.

Resumo do capítulo

Provavelmente o desafio intelectual mais difícil para a fé cristã é o problema de como pode haver mal no mundo. Se Deus é todo-poderoso e todo-amoroso como pode o mal existir no mundo? Embora o problema nunca será completamente resolvido nesta vida terrena, há ensinamentos bíblicos que ajudam a atenuar-lo.

Questões de estudo

1. Por que é difícil de explicar o problema do mal?
2. Quais são as três posições sobre o problema do mal, e qual é a resposta bíblica para estas posições?
3. Como a liberdade humana afeta o problema do mal?

4. Como você definiria os termos *bom* e *ruim*?

5. Como afetar gravemente os pecados gerais e específicos?

A natureza do problema

Tipos posições

Finitismo: Rejeição da onipotência

Mudando o conceito da bondade de Deus

Denial of evil

Perspectivas para abordar o problema do mal

Mal acompanhamento como necessária da criação da humanidade

A reavaliação do que constitui o bem eo mal

A má global como resultado do pecado em geral

Mal resultado específico dos pecados específicos

Deus como vítima do mal

O Afterlife

A natureza do problema

Nós conversamos sobre a natureza da providência de Deus e têm indicado que ela é universal: Deus controla tudo o que acontece. Ele tem um plano para o universo e para todos os tempos, e está trabalhando para que isso aconteça este bom plano. Mas uma sombra paira sobre esta doutrina consoladora: o problema do mal.

O problema pode ser afirmado em um simples ou uma forma mais complexa. David Hume declarou sucintamente quando escreveu sobre Deus: "Você quer impedir o mal, mas não conseguiu? Então ele é impotente. Ele é capaz, mas não querendo? Então é malévolos. Como disposto e você pode fazer? Então, onde faz o mal "A existência do mal também é visto como um problema na oração dos alimentos que muitas crianças aprenderam a rezar:" Deus é grande, Deus é bom. Demos graças por esta refeição. "Porque, se Deus é grande, será capaz de impedir o mal aconteça. Se Deus é bom, você não vai querer que aconteça mal. Mas o mal é bastante evidente em torno de nós. Então, você deve pensar sobre o problema do mal como um conflito envolvendo três conceitos: o poder de Deus, a bondade de Deus e da presença do mal no mundo.

Em graus variados, o problema é uma dificuldade para todos os tipos de forte teísmo. Especificamente, há uma teologia dificuldade que temos apresentado neste trabalho. Discutimos a onipotência de Deus: a sua capacidade de fazer todas as coisas que são objeto próprio de seu poder. Temos notado que a criação e da providência são maneiras de implementar a sua onipotência, ou seja, respectivamente a Deus por decisão própria e livre ação deu vida a tudo o que existe e que controla a criação, mantendo e orientando-a para o fim que tem escolhido. Além disso, vimos a bondade de Deus: Seus atributos de amor, misericórdia, paciência. No entanto, é óbvio que o mal está presente. Como isso pode acontecer em função de quem eo que é Deus?

O mal que precipita esse dilema é de dois tipos gerais. Por um lado, o mal natural não envolve vontade e ação humana, mas é apenas um aspecto da natureza que parece agir contra o bem da humanidade. Eles são as forças destrutivas da natureza: furacões, terremotos, furacões, erupções vulcânicas e afins. Estes eventos catastróficos produzir grandes perdas de vidas e bens. E muito sofrimento e perda de vidas ocorre com doenças como câncer, fibrose cística ou a esclerose múltipla. O outro tipo de mal mal, moral chamado, pode ser atribuída à escolha e ação de agentes morais livres. Aqui encontramos coisas como guerra, crime, crueldade, questões de classe, a discriminação, a escravidão ea injustiça demasiado numerosas para mencionar. Embora, em certa medida, podemos eliminar da consideração os males morais que culpam o exercício do livre arbítrio do ser humano, dos males naturais não pode ser descartado dessa maneira. Apenas eles parecem estar lá na criação por Deus.

Temos notado que o problema do mal surge em graus variados para diferentes teologias; também ele assume diferentes formas. Na verdade, John Feinberg argumenta que não estamos lidando com um problema, mas uma série de problemas que aparecem em diferentes combinações. Além disso, o problema do mal pode ser tão problema religioso ou teológico ou ambos. De acordo com a distinção feita no capítulo introdutório deste livro, a religião é o nível de prática, experiência e crenças espirituais. Teologia é o nível secundário de reflexão sobre a religião, que envolve a análise, interpretação e construção. Em geral, a forma religiosa do problema do mal acontece quando um aspecto particular da experiência que alguém tem tido o efeito de pôr em causa a grandeza e a bondade de Deus e, portanto, ameaça a relação entre o crente e Deus. A forma teológica do problema do mal está em causa em geral. Não é uma questão de como pode haver uma situação específica, nomeadamente à luz do que ou quem é Deus, mas como pode haver um problema tão grande. Não é a forma religiosa do problema não implica necessariamente uma experiência pessoal, mas não terá sido uma situação específica em que, pelo menos indiretamente, foi o conhecido. No entanto, a forma teológica do problema não implica necessariamente uma situação tão específica. Nossa abordagem para o problema pode acontecer de ser religioso ou teológico, como resultado de tais desenvolvimentos, ou concentrar-se no problema do mal, em geral, pode ser devido a considerações mais amplas. É importante notar estas distinções. Porque, assim como Alvin Plantinga observou, a pessoa a quem qualquer doença (isto é provavelmente mais preciso do que o problema do mal) apresenta uma dificuldade religiosa pode precisar de cuidado pastoral em vez de ajudar a resolver as dificuldades intelectuais.³ Então, Da mesma forma, os verdadeiros problemas intelectuais de que você tem como uma simples questão de sentimentos não será muito útil. Não ser capaz de reconhecer a forma religiosa do problema do mal parecem insensíveis; não ser capaz de tratar a forma teológica vai parecer intelectualmente insultuosos. Em particular, quando ambos aparecem juntos, é importante reconhecer e distinguir os respectivos componentes.

Tipos posições

Eles têm tentado muitos tipos diferentes de soluções para este problema. Para a maioria de (nossa análise é um pouco maneira simplificada aqui), estas tentativas de solução tentar reduzir o estresse, alterando um ou mais dos três elementos combinados causaram o dilema: a grandeza de Deus e a bondade de Deus e a presença do mal. Desta forma, a teodiceia pode tentar mostrar que essa concepção de Deus Todo-Poderoso não é adequada em algumas coisas. Ou Deus não é totalmente ilimitada, Deus ou a prevenir ou evitar particularmente ruim não é realmente uma questão de onipotência. Ou uma teodiceia pode tentar provar que Deus não é bom no sentido que assumimos. Ou Deus não é totalmente bom, ou não ser capaz de prevenir ou evitar o mal em particular não é realmente uma questão de bondade. Por exemplo, evitar um mal particular (ou, na verdade, dar a uma pessoa o que você quer) não poderia ser um caso de amor, mas de indulgência. Ou uma teodiceia pode tentar mostrar que Deus não está vinculada às normas que tentam impor. É completamente livre; portanto, tudo o que você quer ou decreto que é bom é bom, só porque ele quer que seja assim. Ou uma teodiceia pode redefinir, procurando demonstrar que o que se acredita é muito ruim, pelo menos parcialmente, bom. Examinar exemplos de cada uma destas estratégias para o tratamento de mau.

Nós não devemos ter expectativas demasiado elevadas quando se lida com o problema do mal. Este é um problema muito sério, talvez o mais grave de todos os problemas intelectuais que têm de enfrentar o teísmo. Em um colégio cristão evangélico destacou pelo alto nível intelectual de professores e alunos, uma pesquisa de estudantes no ano passado destacou o problema do mal liderada repetidamente a lista dos mais inquietantes problemas intelectuais que tinham que enfrentar sobre sua fé. Este problema tem ocupado a atenção de algumas das mentes mais importantes da igreja cristã, intelectuais como

Agostinho e Tomás de Aquino. Nenhum deles foi capaz de terminar completa e definitivamente com a questão. Portanto, não deve se sentir indevidamente deprimido se não somos capazes de resolver o problema permanentemente. Embora não possamos resolvê-lo, talvez possamos de alguma forma aliviar e ver a direção a partir da qual a solução poderia vir se tivéssemos uma compreensão mais completa.

Finitismo: Rejeição da onipotência

Uma maneira de resolver o problema de tensão descrito é abandonar a idéia de onipotência de Deus. Muitas vezes isso toma a forma de dualismo, tal como o zoroastrismo eo maniqueísmo. A segunda filosofia, que veio em um momento posterior e foi mais influente no cristianismo, foi especialmente atraente para Agostinho por um tempo, como ofereceu uma explicação para sua preocupação interna. Dualismos propor que não um, mas dois princípios últimos no universo: Deus eo poder do mal. Normalmente pensamos do mal como uma força que não criou, que sempre esteve presente. Portanto, existe uma luta entre Deus eo poder do mal, sem certeza do resultado final seja tomada. Deus tenta superar o mal, e eu faria se eu pudesse, mas simplesmente não podia.

Um exemplo do século XX é o finitismo Edgar S. Brightman, um professor de filosofia por muitos anos na Universidade de Boston, e destaques do que é conhecido como favoritismo ou porta-voz do idealismo pessoal. Ele desenvolveu o conceito de Deus como solução finita para o problema do mal. O Deus de Brightman é uma consciência pessoal de duração eterna, uma vontade eternamente ativa, trabalhando com as criadas "dado"., Relações matemáticas lógicas "dado" é formado em parte pelas leis da razão eterna e não e Idéias platônica. Também tem "nenhum processo racional de consciência não foi criado de forma igual e eterna exibindo todas as últimas qualidades dos objetos percebidos (*qualia*), leguminosas e desejos desordenados, experiências, tais como dor e sofrimento, as formas de espaço e tempo, e . o que quer que em Deus é irracional fonte do mal "Todos os elementos do" Dado "são distinguidos por duas características: (1) são eternas dentro da experiência de Deus; (2) eles não são o produto da vontade ou atividade criativa.⁶

O conceito de irracional mal precisa de alguma exposição. Há vantagens inerentes, que são boas em si mesmas. Há também benefícios instrumentais, que podem ser os meios para alcançar um bom, mas eles também podem se tornar males instrumentais. Às vezes, a mesma coisa é bom e ruim. O mesmo trem pode ser uma pessoa santa e um grupo de criminosos para a mesma cidade, onde eles vão, respectivamente, o bem eo mal. Portanto, *instrumentalmente, é bom e ruim*. Muito do que nós pensamos que é ruim pode se tornar boa sob a atenção e atividade de Deus. Mas não é assim com o mal irracional. O mal é irracional como um número irracional na matemática, que um número não pode ser expresso em números racionais. Da mesma forma, um mal irracional "é um mal que não pode ser expresso em termos de bondade, independentemente das operações realizadas com ele."⁸ Não é algo que realmente limitar o que Deus pode desejar. Brightman diz que "todos os teístas finistas concorda que no universo há algo que não foi criado por Deus, e não é o resultado da auto-limitação voluntária, que Deus é um obstáculo ou instrumento à vontade." Ao contrário daqueles teístas, que dizem que Deus não é limitado pelo livre-arbítrio humano, mas conscientemente e voluntariamente limitou-se a optar por dar aos seres humanos, Brightman insiste que Deus está com livre-arbítrio humano e deve trabalhar com ele .

Brightman é bastante crítico do que ele chama de "teísmo absoluta", que envolve a proposição de que tudo o que é aparentemente ruim é realmente bom. Ele objetos em particular o seu efeito sobre as considerações éticas e morais. Argumentando que tudo o que parece mal irremediável é realmente bom, na verdade o teísmo absoluta abriu a porta para alguém argumentar que o que parece ser bom realmente ruim. Isso pode levar a um

ceticismo completas sobre valores. Além disso, ele retira os esforços morais. Se tudo já é perfeito, por que tentar melhorá-lo? Finitismo, por outro lado, baseia-se numa avaliação realista de certo e errado e a distinção entre eles. E motiva a nossa participação na luta contra o mal: "O finitismo é um *desafio inspirador para o esforço cooperativo eterna* moral: a cooperação entre Deus eo homem.

Ao contrário da maioria finistas, segurando um dualismo em que algo externo aos limites de Deus o que ele pode fazer, Brightman entendido que esta limitação é parte da própria natureza de Deus. Ele diz que devemos falar de um Deus cuja vontade é finita em vez de falar de um Deus finito.

Finitismo alguma forma resolve o Brightman dificuldade. Ele explica a presença do mal praticamente rejeitando o conceito de onipotência divina. No entanto, ao fazer isso, você paga um preço excelente. Pode-se dizer que o que o finitismo não for resolvido o problema do mal, mas o problema de o problema do mal. Ou seja, oferece uma explicação de por que o mal existe, mas não fornece um estímulo para acreditar que o mal será derrotado no final. Não há segurança no resultado. Provavelmente o que ele diz Brightman poderia deduzir que Deus tem vindo a trabalhar desde a eternidade, ainda não tenha sido capaz de acabar com o mal. Se assim for, então que base nós temos que assumir que no futuro vai começar a fazer o que não tem sido capaz de chegar tão longe? E nestas condições, não há motivação para nós para participar nesta luta? Você pode ter certeza que a vitória será deles, mas sendo o conhecimento eo poder limitado, eu poderia estar errado. A sugestão de que Deus tem uma vantagem porque tem sido capaz de fazer progressos em seu favor, introduzindo-os como aliados na batalha para seres inteligentes, seres humanos, não é convincente, uma vez que não é totalmente claro que todos os seres humanos ou mesmo mais capaz e mais inteligentes são de Deus. Portanto, ele poderia muito bem ser um triunfo do mal em vez de um triunfo do bem. Duas guerras mundiais e guerras mais limitados e outros títulos de tragédia e crueldade, tornam difícil para qualquer um de nosso século para extrair algum tipo de mente a sugestão de que a humanidade Deus uniu na luta contra o mal.

Além disso, o Brightman finitismo coloca uma pergunta na bondade de Deus. Se o "dado" o que Deus está a enfrentar e que é a fonte do mal irracional faz parte da natureza de Deus, como você pode chamá-lo de bom? Não acontece que, como diz Henry Nelson Wieman, Brightman "une sob uma divindade rótulo duas realidades diametralmente opostas, isto é, a vontade perfeito e santo de Deus e da natureza do mal que se opõe à vontade"? ¹⁶

Mudando o conceito da bondade de Deus

Uma segunda maneira de reduzir as tensões do problema é mudar a idéia da bondade de Deus. Embora poucos, se houver, que se chamam cristãos negar a bondade de Deus, muitos outros, pelo menos por implicação, sugerem que você deve compreender a bondade de ligeiramente diferente do que é normalmente entendido formulário. Um que é nesta categoria é Gordon H. Clark.

Como um calvinista convicto, Clark não hesitou em usar o termo *determinismo* para descrever que Deus faz todas as coisas, incluindo as ações humanas. Ele argumenta que a vontade humana não é livre. Ao descrever a relação de Deus com certos delitos de seres humanos, ele rejeita o conceito da vontade permissiva de Deus. Mesmo ele declara: "Eu quero dizer francamente e sem rodeios que se um homem se embriaga e atira em sua família, foi Deus quem fez isso", comparando o papel de Deus neste ato particular em seu testamento que Jesus foi crucificado. No entanto, Clark faz uma distinção entre obrigatório e decretora vontade de Deus. A vontade prescritiva é o que Deus manda, como os Dez Mandamentos. Isto é o que *deve* ser feito. O decretora Deus, no entanto, porque tudo o que acontece. Porque o que faz. Clark diz: "Pode parecer estranho à primeira vista que Deus decretou um ato imoral, mas a Bíblia mostra que ele tem."

Isto, naturalmente, levanta a questão de saber se Deus é pecado. Também não duvido que Clark: "Devemos dizer inequivocamente que essa visão certamente faz de Deus a causa do pecado. Deus é a causa última de tudo. Nada é independente dele em tudo. Só Ele é o ser eterno. Só que ele é onipotente. Só Ele é soberano. "Isso não significa que Deus é o autor do pecado. É a causa *última* do pecado, não a causa imediata do mesmo. Deus não peca; os seres humanos cometem pecado se Deus quiser assim decretora determina que acontece, e é a causa final do mesmo. Judas não era Deus, que traiu Cristo. Deus eo pecado não é pecado responsável.

O conceito de que não é um pecado em si que Deus faça um pequeno humano precisa ser explicadas. Por definição, Deus não pode pecar. Clark oferece vários pontos a clarificar a sua posição:

1. Tudo o que Deus faz é justo e certo, simplesmente porque ele faz. Não há Deus maior do que a legislação promulgar que proíbe atos pecaminosos. O pecado é a transgressão da lei de Deus, ou a falta de cumprimento. Mas ele é "exlex" está acima da lei. Ele é a definição da norma de direito.

2. Embora seja verdade que é pecaminoso para um homem ao pecado ou a tentativa de cometer outro pecado, o pecado não é Deus fazer pequenos humano. A relação dos seres humanos entre si é diferente do relacionamento entre Deus e os seres humanos e sua relação com a lei de Deus é diferente da relação entre Deus ea lei. Como o criador de todas as coisas, Deus tem direitos absolutos e ilimitados sobre eles, e ninguém pode punir.

3. As leis que Deus impõe sobre a humanidade literalmente não lhe são aplicáveis. Por exemplo, ele não pode roubar, porque tudo pertence. Não há ninguém que pode roubar.

4. A Bíblia declara abertamente que Deus fez os profetas da mentira (por exemplo 2 Cr 18: 20-22.). Tais afirmações estão em nenhum sentido incompatível com as declarações bíblicas que Deus é sem pecado.

O que Clark tem feito isso é redefinir a bondade de Deus. Solução de Clark para o problema do mal toma a forma de uma forma o seguinte silogismo:

Tudo o que acontece é causado por Deus

Tudo o que Deus é boa causa.

Tudo o que acontece é bom.

O problema, na verdade, resolve entendimento de que é bom e certo de que Deus (eventualmente) causar maus atos como um tiro bêbado sua família, mas Deus não o pecado e não é responsável por este ato pecaminoso. Mas esta solução para o problema da bondade mal o termo passou por tal transformação que se tornou algo muito diferente do que queremos dizer normalmente por bondade. Em resposta, várias observações deve ser feita.

1. Embora em alguns casos Deus é claro não tem as mesmas obrigações que as suas criaturas (por exemplo, a proibição do roubo), estresse isso é fazer essas qualidades morais são tão enganosa que eles começam a perder sua força e significado. No esquema de Clark, as frases "Deus faz o bem" e "um homem faz o bem" são tão diferentes que, na verdade, que quase não sabe o que significa dizer: ". Deus é bom"

2. Em um momento ou outro, Clark está em perigo de manter a teoria de que Deus é arbitrária, o que é uma reminiscência de William de Ockham. A vontade decretora obrigatório e Deus podem ser e são bastante diferentes. Clark também rejeita enfaticamente a idéia de que Deus está vinculado a qualquer superior a ele mesmo direito externo. Então, qual é o status de sua lei obrigatória? É de acordo com a sua natureza? Se não, então (como não há lei não superior) deve ser uma vontade arbitrária sobre o que é bom. Mas se assim for, o decretora Deus, pelo menos, nos pontos em que ele está em contradição com as suas disposições, não deve ser feita de acordo com a sua natureza. Decretora Ou Deus ou sua vontade arbitrária são de preenchimento obrigatório.

3. A natureza da própria bondade é posta em causa por discutir responsabilidade Clark. Ele diz que "o homem é responsável porque Deus pede contas; o homem é

responsável porque o poder supremo pode puni-lo por sua desobediência. Deus, porém, não pode ser responsabilizada pela simples razão de que não há um poder superior; exceder todas as contas que você pode perguntar; ninguém pode puni-lo. "Este parece ser perigosamente perto da posição que o certo eo errado são uma questão de conveniência. A obrigação de conta determina a moralidade: uma ação é certa, se você receber recompensa é incorreta se ele vai ser punido. Embora a um nível inferior tais considerações podem motivar as pessoas a um nível mais elevado que não pode ser aplicada. Jesus disse: "Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos" (Jo 15:13.). Parte do que torna a morte de Jesus é um ato de bondade é que, embora ele não tem de prestar contas a ninguém, e não seriam punidos (mais não poderia ser) não se submeter a cruz, deu o seu vida.

Denial of evil

Uma terceira proposta de solução para o problema do mal rejeita a realidade do mal, tornando desnecessário qualquer explicação de como ele pode coexistir com um Deus onipotente e bom. Nós encontrar este ponto de vista em várias formas de panteísmo. A filosofia de Baruch Spinoza, por exemplo, afirma que há apenas uma substância e que todas as coisas são modos ou atributos distintos dessa substância. Tudo é causada deterministically; Deus dá a vida a todas as coisas com a maior perfeição.

A mais popular, mas muito menos sofisticado esta solução para o problema da versão do mal é na Ciência Cristã. Embora os escritos de Mary Baker Eddy falta a erudição e refinamento filosófico de Spinoza, tem impressionantes paralelos com ele. A metafísica idealista de base; o fato da matéria é negado. A única realidade é Deus, mente infinita. O espírito é real e eterno; a matéria é irreal e temporal. A matéria não tem existência real, mesmo na mente. É uma ilusão sustentada por uma ilusão. Não só é matéria irreal, mas os sentidos são fontes de erro e, por último, do mal: "O mal não tem realidade. Não é uma pessoa ou um lugar ou uma coisa, mas simplesmente uma crença, uma ilusão de sentido material."²⁸ Esta conclusão decorre do ponto de vista da ciência cristã sobre Deus que, embora não esteja claro nesta sentença Eddy, parece que Deus é realmente tudo. Outras vezes que retrata Deus como a fonte de todos: "Se Deus fez tudo o que foi feito, e foi bom, onde se originou o mal" Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: "[mau] não Originou-se ou existiu como uma entidade. É apenas uma falsa crença. "

Um dos males mais graves, a doença, é, portanto, uma ilusão; Não tem nenhuma realidade. O que é experimentada como uma doença é causada por uma crença errônea, uma incapacidade de reconhecer a irrealidade da doença.³¹ Tal como em todas as outras áreas, os sentidos também enganar aqui. A cura da doença não tem que obter através da medicina, mas encontra-se no conhecimento de a verdade de que a dor é imaginária. Quando a doença ea dor são vistos como algo irreal, não afligir o indivíduo. A morte também é ilusória, "O pecado trouxe a morte, e morte desaparecerão com o desaparecimento do pecado. O homem é imortal, eo corpo não pode morrer, porque a matéria não tem vida para se render. "A promessa de 1 Coríntios 15:26 é que a morte é o último inimigo a ser destruído. É apenas uma outra fase do sonho que a existência é material.

O que podemos dizer para avaliar este ponto de vista? Três problemas surgem em particular:

1. A Ciência Cristã não tenha banido de todos os males. Pois, embora crentes do Christian Science afirmam que a doença não existe, pois é apenas uma ilusão, a ilusão da doença ainda está presente, ea ilusão de dor maneira muito genuína. Portanto, embora a existência do mal já não significa um problema, a existência da ilusão do mal que é. Então, essa questão mudou, mas isso não é menos difícil.

2. A existência de uma ilusão deve ser explicado. Em um mundo em que tudo é Deus, ea matéria é irreal, como poderia surgir e manter uma ilusão tão difundido? Não deve ser no universo perverso que o produz? E por que Deus não elimina essa falsa crença?

3. A teoria não está a funcionar. O que se diz é que o entendimento correto dissipar o mal. No entanto, os cientistas cristãos adoecem e morrem. Sua resposta à doença e morte são causadas pela fé insuficiente que parece entrar em colapso pelo fato de que, mesmo que se originou e foi chefe do movimento, autor da mais alta autoridade (além da Bíblia) e, supostamente, o epítome da fé, ele morreu.

Embora um pouco do que foi dito nesta revisão só pode ser aplicado para a ciência cristã, muito do que é aplicável a todas as formas de ponto monista e panteísta de vista que o mal é ilusório. Isto é particularmente verdadeiro nas duas primeiras críticas.

Algumas teologias, particularmente aqueles que têm tendência filosófica, siga um sistema bastante rigoroso. O mais rígida ou acabar com o sistema, mais nítida será a escolha da solução para o problema do mal. As três visões que examinamos ilustrar isso muito bem: o dualismo interno de Brightman levou-o para refinar a onipotência de Deus; acreditam na soberania divina absoluta leva Clark para definir a bondade divina de uma maneira que faz causa (embora não oficial) do mal; e monismo leva a Ciência Cristã negar a realidade do mal.

Eles têm oferecido algumas classificações teodicea nos últimos anos, com base em vários critérios. Em *Mal eo Deus de Amor* (O mal eo amor de Deus), John Hick theodicies em agostiniano e ireneas classificado. Versão agostiniana considerado o mal como uma parte da criação que é necessário para o seu bem maior. O tipo de teodiceia Irineu considerado mal como parte do processo de que Deus tem que amadurecer almas. Norman Geisler teodicéias classificados como abordagens "mundo melhor" e "melhor".³⁴ Gottfried von Leibniz, por exemplo, tentou mostrar que este é o melhor de todos os mundos possíveis; Tomás de Aquino, além disso, tentou mostrar que o que Deus estava fazendo era a melhor maneira de alcançar seus objetivos neste mundo. John Feinberg fala de abordagens teonomistas e racionalistas. No primeiro, recolhe é antes da lógica. William de Ockham, por exemplo, afirmou que Deus é livre para escolher o que você quer e tudo o que quiser é bom por definição. Racionalistas, como Leibniz, a precedência lógica para a teologia. O que Deus quer é determinado pelas leis da lógica.

Feinberg observou com razão que o problema do mal deve ser considerada no contexto de uma teologia particular e que conceitos como mal, certo e liberdade significa *dentro desse sistema*. É muito injusto, por exemplo, criticar especificamente uma teodicéia porque não entende mal como outras escolas de pensamento a não ser prova de todas as escolas de pensamento deve necessariamente considerar o conceito de mal neste caminho.

Para tentar formular uma teodiceia, devemos ter em mente alguns fatores. Nem todos os casos de mal são o mesmo tipo fundamental. E se existem diferentes tipos, pode haver diferentes explicações. Devemos destacar uma espécie de outros muito ruim e negligenciando. Na verdade, pode não ser muito inteligente ou útil para concentrar a nossa atenção em um desses elementos que em conjunto constituem o problema. Em outras palavras, talvez nós devemos evitar nítida distinção entre os diferentes tipos de abordagens que temos analisadas e utilizadas perspectivas válidas de cada um. Embora cada uma dessas abordagens não consegue resolver a tensão entre os três fatores modificar um deles (a grandeza de Deus, a bondade de Deus ea existência do mal, respectivamente), o custo é muito alto. Pode ser que a melhor abordagem é a de reduzir a tensão analisar cada uma das três factores. Este processo pode revelar que o problema do mal é o resultado de mal-entendido ou exagerando um ou mais desses fatores.

Perspectivas para abordar o problema do mal

E observou que uma solução abrangente para o problema do mal é além da capacidade humana. Então, o que vamos fazer aqui é apresentar várias perspectivas que combinavam vai nos ajudar a resolver o problema. Estas perspectivas vão ser coerente com os princípios básicos da teologia expostos neste trabalho. Esta teologia pode ser caracterizado como um Calvinismo leve (Congruism) que colocou em primeiro lugar a soberania de Deus, mas olhando positivamente relacionadas com a liberdade ea individualidade humana. Esta teologia é uma dualidade na qual o segundo elemento é dependente ou derivado do primeiro. Que há, realidades distintas de Deus que têm uma boa e verdadeira sobre sua própria existência, mas finalmente recebeu sua existência através da criação (não por emanção). Esta teologia também afirma o pecado e da queda da raça humana eo conseqüente mal de cada ser humano; a realidade dos seres pessoais mal e demoníaco demônio cabeças; a encarnação da segunda pessoa do Deus trino, que se tornou um sacrifício para a expiação do pecado humano; e vida eterna após a morte. No contexto desta estrutura teológica é onde as seguintes perspectivas são apresentados como uma ajuda para tratar o problema do mal:

Mal acompanhamento como necessária da criação da humanidade

Há algumas coisas que Deus não pode fazer. Deus não pode ser cruel, porque a crueldade é contra a natureza. Você não pode mentir. Você não pode quebrar sua promessa. Esses atributos morais são discutidos no Capítulo 14. Há outras coisas que Deus não pode fazer sem alguns resultados inevitáveis ocorrer. Por exemplo, Deus não pode fazer um círculo, não um verdadeiro círculo que todos os pontos do círculo são equidistantes do centro. Da mesma forma, Deus pode fazer a um ser humano sem características particulares.

Os seres humanos não seríamos humanos sem genuinamente livre arbítrio. Isto levou ao argumento de que Deus não pode criar um verdadeiramente livre e ao mesmo tempo ter certeza de que este será sempre exatamente o que Deus quer que eu faça. Este ponto de vista da liberdade tem sido criticado por alguns filósofos e teólogos; Temos tentado isso em algum detalhe no Capítulo 17. No entanto, note que se os seres humanos são livres no sentido de que os arminianos dizem (não a liberdade compatibilista) ou livre em um sentido que não seja incompatível com Deus tem garantido que você tem que passar (liberdade compatibilista) que Deus criou os seres humanos por finalidade significa que eles têm certas capacidades (por exemplo, a capacidade de desejar e agir) que não poderiam exercer plenamente como se houvesse algo errado. Que Deus iria impedir o mal teria criado uma humanidade existente diferente. Humanidade genuína requer a capacidade de querer ter e fazer coisas que são contra a intenção de Deus. Deus aparentemente acreditavam que, para ele, por razões óbvias, mas só podemos entender em parte, foi make andróides humanos melhores. E o mal era um complemento necessário para o grande plano de Deus para fazer as pessoas ser completamente humano.

Outra dimensão dessa perspectiva é que Deus fez o mundo físico como certas semelhanças são obrigatórios. Ao que parece, que os seres humanos tinham uma escolha moral genuína com a possibilidade de uma verdadeira punição por desobediência foi para torná-los mortal. Além disso, a manutenção da vida requer condições que possam levar à morte. Por exemplo, a mesma água que precisamos para a vida, às vezes você pode entrar em nossos pulmões, cortando nosso suprimento de oxigênio e fazer-nos afogar. Do mesmo modo, um grau de calor necessário para sustentar a vida. Mas, sob certas condições, o mesmo fogo que nos aquece pode nos matar. Na verdade, o fogo não poderia ter começado sem oxigênio, que também é vital para as nossas vidas. A capacidade de água, fogo e oxigênio para sustentar a vida significa que eles também podem causar a morte.

Se Deus fosse para ter um mundo onde há uma escolha real e um verdadeiro castigo moral para a desobediência e, eventualmente, a morte, deve haver sinais de intensidade

suficiente que nos fez mudar o nosso comportamento de aviso. E este sinal, a dor é de tal modo que pode tornar-se um prejuízo grave em certas circunstâncias. Mas Deus não poderia ter criado o mundo para que os maus pensamentos ou maus resultados não acontecessem, ou não poderia intervir para alterar o curso dos acontecimentos? Por exemplo, um martelo pode ser sólido e firme quando usado para unhas motrizes, mas macio e flexível quando alguém tentou usá-lo para bater em alguém até a morte. Mas em um mundo, a vida seria impossível. Nosso ambiente seria tão imprevisível que nenhum planejamento inteligente seria possível. Portanto, Deus criou para que o bem do mundo pode se tornar ruim quando usá-lo errado ou algo der errado na criação.

Neste ponto, pode-se levantar a questão: "Se Deus não poderia criar um mundo sem a possibilidade de o mal, por que ele cria? Ou por que não criar um mundo sem seres humanos?" Em certo sentido, não podemos responder a essa pergunta, porque nós não somos Deus, mas é conveniente notar aqui que era obviamente melhor para criar não criar o que Deus tem a intenção de atingir o fim. E era melhor criar seres capazes de falar com ele e lhe obedecem, mas sofrem tentações para fazer o contrário, para fazer outra coisa. Obviamente, este foi um bem maior que colocar seres humanos em um ambiente completamente anti-séptico em que se exclui mesmo a possibilidade lógica de querer qualquer coisa contrária à vontade de Deus.

Mas por que Deus não erradicar o mal agora? Talvez a única maneira de erradicar o mal agora destruiria toda agente moral capaz de induzir mal disposto. Mas quem entre nós possa apresentar tal perfeição como dizer que não contribuem para o mal neste mundo, seja por comissão ou omissão, na palavra, no trabalho ou pensou? Este erradicação do mal poderia significar o extermínio da raça humana, ou pelo menos a maior parte dela. Não é suficiente que ele erradicada apenas o que nós consideramos como ruim, ou o que você quer que ele seja excluído, mas tudo o que é muito ruim. No entanto, Deus prometeu nunca mais destruir a raça humana como um todo (Gn. 6-7). E você não pode voltar atrás em suas promessas.

A reavaliação do que constitui o bem eo mal

Pode haver algumas coisas que classificam de bom ou ruim, na verdade não o são. Temos a tendência de identificar o bom com o que é agradável para nós a qualquer momento eo que está errado com a gente pessoalmente desagradável, desconfortável ou perturbadora. No entanto, a Bíblia parece ver as coisas de forma diferente. Considere brevemente sobre três pontos que indicam que a identificação do mal com a desagradável está incorreto.

Primeiro, temos de pensar na dimensão divina. O bem não é definida como oferecer o prazer pessoal para os seres humanos diretamente. Deve ser definido em relação à boa vontade e do ser de Deus. A boa notícia é que glorifica-lo, o que faz a sua vontade, o que está de acordo com sua natureza. A promessa de Romanos 8:28 é frequentemente citado levianamente por cristãos: "Sabemos também que daqueles que amam a Deus todas as coisas cooperam para o bem, isto é, que segundo o seu propósito eles são chamados." Mas o que isso é bom? Paul dá a resposta no versículo 29: "Aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos." Isto é tão bom: não saúde e riqueza pessoal, mas a ser conformes à imagem do Filho de Deus, não o nosso conforto no curto prazo, mas o nosso bom a longo prazo.

Ao considerar a dimensão divina, devemos notar também a sabedoria superior e conhecimento de Deus. Pode não ser os melhores juizes do que é bom eo que é prejudicial para o nosso bem-estar. Para mim, eu posso olhar bom para comer doces doce e pegajosa. Meu dentista (a menos que você só se preocupar com dinheiro) pode pensar de forma diferente, e eu jamais pode acordar no meio da noite com uma lembrança dolorosa que o médico tem um conhecimento superior do que é bom e ruim para Meu higiene

dental. Da mesma forma os alimentos saborosos e gordurosos pode parecer bom, mas o meu médico considera ruim. Assim muitos de nossos julgamentos de certo e errado são formuladas com base em dados muito incompletos, um resultado direto de ser seres humanos e finitos, mas as infinitamente sábio Deus julga os mesmos assuntos de forma bastante diferente. Dando preceitos morais, que eu parecem tão tedioso e causam-me tantos problemas, talvez ele sabe que, em última análise agir em meu nome.

Em segundo lugar, devemos considerar a dimensão do tempo ou duração. Alguns males que experimentamos são muito chateado no curto prazo, mas o trabalho de longo prazo para trazer um bem maior. O dano faz sobre o dentista e dor pós-operatória pode parecer doenças graves, mas eles são pequenos, se considerarmos os efeitos a longo prazo deles decorrentes. As Escrituras nos encorajam a avaliar o nosso sofrimento temporário *sub specie aeternitatis* (sob a luz da eternidade). Paulo disse: "Eu acho que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada a nós" (Romanos 8:18.). Ele também escreveu: "Porque a nossa leve momentânea tribulação produz para nós um peso muito mais excedente e eterno de glória" (2 Cor 4:17; cf. Hb 12: 2 e 1 Pedro 1: 6-7.). Um problema muitas vezes é ampliada por sua proximidade para nós, e é desproporcionada relativamente a outras questões relevantes. Uma boa pergunta para perguntar sobre qualquer mal aparente é: "Qual a importância que isso terá para mim em um ano? ¿Em cinco? ¿Dentro de um milhão de anos? "

Em terceiro lugar, há a questão da extensão do mal. Nós tendem a ser muito individualista em nossa avaliação do bem e do mal. Mas este é um mundo vasto e complexo, Deus tem muitas pessoas que eles tratam. Despojos sábado de chuva o piquenique da família ou um jogo de golfe que podem parecer mal para mim, mas são de grande benefício para os agricultores cujos campos que cercam o campo de golfe ou para o parque e para muitas mais pessoas dependentes ressequido estas culturas de agricultores, cujo preço vai variar dependendo da escassez ou abundância deles. O que é ruim do ponto de vista estreito, portanto, pode ser apenas uma inconveniência, e de um quadro mais amplo de referência, um grande bem para muitas mais pessoas. Desde então Deus pode fazer milagres para todos tem o que eles precisam ou querem, mas isso não tem de ser a melhor forma de agir, e que a consistência é necessária na criação.

Parte do que estamos dizendo aqui é que o que parece ruim pode em alguns casos ser o meio para um fim melhor. Este parece ser o caso de uma vista consequencialista da ética, que define o bom quanto qualquer coisa que produz boas conseqüências. No entanto, deve notar-se que o que faz algo de bom é que Deus desejada e planejada. Deus cuida de seus planos de sucesso e trazer boas conseqüências. Em outras palavras, como os planos de Deus são bons (ou seja, eles são a vontade de Deus) tem boas conseqüências. Não que os planos e ações de Deus são boas para as suas conseqüências. Para dizer isso de outra forma: com respeito à bondade de ações específicas que Deus revelou sua vontade de forma precisa, as boas conseqüências têm um valor epistemológico, mas não ontológica. As boas conseqüências podem indicar que estas ações têm incentivado o plano de Deus, e, portanto, deve ser considerado bom; mas as boas conseqüências que essas ações são boas. O que faz com que essas ações são boas é que Deus tem desejado.

A má global como resultado do pecado em geral

A doutrina fundamental da teologia desenvolvida neste livro é o fato do pecado racial. Isso não significa que o pecado da raça contra raça, mas que toda a humanidade pecou e é agora pecadora. Em Adão, como a cabeça, toda a raça humana violada a vontade de Deus e caiu do estado de inocência em que Deus criou a raça humana. Consequentemente, todos nós começar a vida com uma tendência natural para o pecado. A Bíblia nos diz que, com a queda, o primeiro pecado, houve uma mudança

radical no universo. A morte veio para a humanidade (Gênesis 2:17; 3: 2-3. 19). Deus pronunciou uma maldição sobre a humanidade, que foi representada em certas coisas específicas: a dor no parto (3,16), domínio do homem sobre a mulher (16 v.), Trabalhar terra dura, (v. 17) espinhos e cardos (v 18.); provavelmente apenas alguns dos efeitos a criação real. Paulo em Romanos 8 diz que toda a criação foi afetada pelo pecado humano, e está agora em escravidão da decadência. Ele está esperando o que resta deste escravidão. Portanto, parece provável que tenha havido uma série de males naturais como resultado do pecado humano. Nós vivemos no mundo que Deus criou, mas não exatamente como era quando Deus terminou; agora um mundo caído e quebrado.

Um problema em conexão com essa atribuição do pecado humano mal natural que abrange estes males, como é conhecido em geologia, parecem ter estado presente na Terra antes dos humanos. Alguns têm sugerido que estes males foram colocados lá por Deus com antecedência, porque eu sabia que os homens estavam prestes a cometer o pecado, mas isso é um pouco artificial. Apesar de uma exploração abrangente deste tópico está além do escopo deste livro, parece melhor para acreditar que estas condições estavam presentes desde o início, mas eles eram de caráter neutro. Os maus efeitos desses fenômenos pode ter sido o resultado do pecado humano. Por exemplo, as camadas de terra pode mover-se naturalmente (tremores de terra). Quando as pessoas imprudentemente, talvez como resultado da ganância, construída sobre linhas de falhas, o deslocamento das camadas da terra se torna um mal.

No entanto, seria mais óbvio é a contribuição e queda para o mal moral, isto é, o mal que está relacionada com os desejos humanos e suas maneiras. Desde então muita dor e infelicidade dos seres humanos é o resultado do mal estrutural na sociedade. Por exemplo, o poder pode estar nas mãos de uns poucos que usá-la para explorar os outros. A ganância em uma escala coletiva pode colocar um grupo social ou raça em condições árduas ou miseráveis.

Uma pergunta importante a fazer é como o pecado poderia ocorrer na primeira instância. Se os homens foram criados bons, ou pelo menos não é uma má natureza, feito à imagem de Deus, e se a criação, Deus os fez era "muito bom" (Gn. 01:31), então como poderia acontecer pecado? O que poderia ter motivado esse pecado? Aqui nos voltamos para a queda de Adão. Em Gênesis 3, lemos que a serpente (certamente o diabo) tentou Eva. Aparentemente, em um tempo entre a conclusão da criação, Deus disse que era bom, ea tentação de Eva, houve a queda de Satanás. Portanto, uma força do mal estava presente na criação, uma força induzida em Adão e Eva desejo que os levou a pecar.

Mas será que isso realmente resolver o problema ou ele simplesmente dar um passo para trás? Agora a questão é como bons anjos que pecaram, e, em particular, que se tornaram o diabo? Como eles estavam na presença de Deus, o que poderia levá-los a pecar? Não existe já um pedaço de mal presente na criação? Caso não algum pequeno componente pecaminosa que apenas um pontinho? E se é assim, Deus não teria sido o autor deste pecado, ea cabeça não só deste pecado, mas todos os outros que o seguiram, então?

Este pensamento é uma forma de entender a natureza do pecado errado, como uma espécie de substância necessária para esses atos ocorreu. Pode ser chamado de "teoria dos germes" do pecado: é preciso "pegar" ou "ser infectado por" pecado. Mas você não precisa estar em contato com alguém que tenha quebrado um osso para quebrá-lo você mesmo; tudo o que é necessário é um membro de torcer para o lado errado, e nós temos uma pausa! Da mesma forma, o pecado ocorre quando vai e relacionamento da pessoa com Deus é torcida mal, quando duas possibilidades realizada ruim.

Para os seres humanos para ser verdadeiramente livre, deve haver uma opção. A escolha é obedecer ou desobedecer a Deus. No caso de Adão e Eva, a árvore do conhecimento do bem e do mal simbolizado esta escolha. A tentação da serpente apelou para as paixões em si mesmos não eram ruim, mas poderia ser expressa e realizada de forma errada (desobedecendo a Deus). Quando isso foi feito, havia uma relação torcido

ou distorcida com Deus. Na verdade, uma palavra para o pecado traz consigo a idéia de torcer. Torção a este relacionamento ocorrer, o pecado tornou-se uma realidade. Os seres humanos (e é entendido como também anjos caídos) foram gravemente afectadas pelo pecado: suas atitudes, valores e relacionamentos mudaram.

É evidente, portanto, que Deus não criou o pecado. Ele só forneceu as opções necessárias para a liberdade humana, opções que poderiam acabar em pecado. Eram seres humanos que pecaram, e antes deles os anjos caídos, não Deus. É claro que alguns podem objetar que Deus deveria ter impedido o pecado acontecer, ou até mesmo sua possibilidade. Nós já tratamos com este tipo de objecção no capítulo 17.

Mal resultado específico dos pecados específicos

Alguns males específicos são o resultado de pecados específicos ou, pelo menos, imprudente. Alguns dos maus situações na vida são causados pelas más ações dos outros. A morte de um policial pode ser atribuído aos infratores que empunhava a arma. Embora possa haver muitas razões complexas por trás deste ato, o fato básico é que o policial foi morto pela ação de outra pessoa. Assassinato, abuso infantil, roubo e estupro são males que vêm das escolhas pecaminosas feitas por indivíduos pecadores. Em alguns casos, a vítima é inocente do mal acontece, mas em outros casos contribui ou causa a ilegalidade.

Em muitos casos, nós atraímos mal a nós mesmos com nossos atos pecaminosos e imprudentes. Temos de ter cuidado com isso. Os amigos de Jó tenderam a atribuir seus infortúnios apenas a sua pecados (ex. Job 22). Mas Jesus disse que a tragédia não é sempre o resultado de um pecado específico. Quando seus discípulos lhe perguntaram sobre um homem que nasceu cego: "Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?" Jesus respondeu: "Não ele pecou, nem seus pais, mas que o obras de Deus se manifestasse nele "(Jo. 9: 2-3). Jesus não estava negando que o homem nem seus pais pecaram, mas foi refutando a ideia de que a cegueira era o resultado de um pecado específico. Não é prudente atribuir automaticamente o infortúnio para o pecado que cometeu um. No entanto, há uma tendência a considerar os infortúnios como punição enviada por Deus, e se sentir culpado ou culpar a Deus por ser injusto para enviar uma punição não acho que merecemos. A pergunta "Por quê?" Muitas vezes reflete o equívoco de que Deus envia a cada evento como uma resposta direta às nossas ações. Como se Deus envia sol e da chuva sobre os justos e os injustos, em um mundo em que o pecado tem devastado natureza e doenças trazidas, o infortúnio pode acontecer igualmente para o justo eo injusto. Certamente, Deus tem garantido que quer que aconteça, mas não necessariamente ser dirigido cada doença específica em resposta a um pecado específico.

Mas depois de fazer esta advertência, é necessário assinalar que há exemplos de pecado que trazem resultados infelizes para o pecador em particular. Um exemplo é David, cujo pecado com Bate-Seba e assassinato de Urias, resultou na morte do filho de Davi e Bate-Seba e conflito na casa de David. Isso deve pensar mais em termos dos efeitos naturais de certos atos de punição de Deus. Nós não sabemos as circunstâncias, certas condições podem adultério momento trouxe consigo um defeito genético em crianças. No caso do estupro de Tamar por Amnon e assassinato de Amnon por Absalão e sua sedição contra David, ele pode ter sido a de que as sementes foram semeadas pelo conhecimento de que as crianças tiveram a iniquidade do pai, ou não, porque David fez ele foi capaz de exercer disciplina em seus filhos por seu próprio senso de culpa e sensação de que seria hipócrita dele para repreender seus filhos a fazer algo que ele também tinha feito. Em outras palavras, o pecado de David pode ter o levou a ser indulgente com seus filhos, que por sua vez levaram a pecar. Muito mal disse na Escritura acontece com as pessoas por causa de seu próprio pecado, ou de alguém próximo a eles. Um exemplo proeminente é Achan e sua família que foram apedrejados pelo pecado que cometera em Jericó (Js 7: 24-25.).

Paulo disse: "Não vos enganeis; Deus não se zomba, pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará, porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas quem semeia para o Espírito do Espírito colherá a vida eterna "(Gal. 6: 7-8). Embora Paul foi provavelmente pensando principalmente na dimensão eterna das conseqüências do pecado, o contexto (a primeira parte do Capítulo 6) sugere que também teve em conta os efeitos temporários. Há certas relações de causa - efeito no reino espiritual eo físico. Violar a lei contra o adultério (Ex. 20:14) pode trazer a destruição de relações de confiança, não só com o marido, mas também com as crianças; algumas também podem perder sua família. Deus não é necessariamente punir o ofensor infligir estes resultados, mas o ato de adultério pode iniciar uma cadeia de efeitos adversos. Beber regularmente pode destruir a nossa saúde por cirrose hepática. Deus não está atacando o bebedor; sim o pecado de embriaguez traz a doença. No entanto, isto não significa que Deus não pode usar os resultados naturais do pecado para punir as pessoas.

O que temos dito sobre o pecado (quebrar a lei de Deus) também é válido para o comportamento imprudente e irresponsável. Alguns de nossos problemas são o resultado de nosso comportamento selvagem e irresponsável. A organização de seguros tráfego comentou recentemente que 90% das pessoas que sofrem ferimentos graves em um acidente de trânsito não estavam usando o cinto de segurança no momento do acidente, eo número dos que morreram foi maior: 93 %. Embora não haja nenhuma maneira de calcular quantas dessas pessoas não teriam morrido se tivessem tomado o cinto, parece claro que a pergunta "Por que Deus permitiu que isso acontecesse?" Não é o mais importante. Na verdade, você pode até considerar inadequado. Além ignorando as regras de segurança no trânsito, outro grande experiência que o mal pode ser descuidadas práticas de gestão financeira e contribuições de saúde pobres.

Deus como vítima do mal

Deus tomou o pecado e seus efeitos malignos sobre si mesma é uma contribuição especial da doutrina cristã para resolver o problema do mal. Vale ressaltar que, sabendo que ele iria se tornar a principal vítima do mal que vem do pecado, Deus permitiu que isso acontecesse pecado. A Bíblia nos diz que Deus pelo comportamento pecaminoso dos seres humanos (Gn 6: 6.) Entristecido. Embora, claro, há aqui certo antropomorfismo, isto é, no entanto, o que indica que o pecado humano é doloroso e fere Deus. Mas isso é ainda mais claro com a encarnação. O Deus trino sabia que a segunda pessoa viria à terra e ser objecto de muitos males: a fome, a fadiga, a traição, o ridículo, a rejeição, sofrimento e morte. Ele fez isso para negar o pecado e seus efeitos maléficos. Deus sofre conosco o mal do mundo, e, conseqüentemente, é capaz de entregar-nos do mal. Que grande exemplo de amor! Qualquer um que desafie a bondade de Deus para permitir que o pecado eo mal deve acto posterior que a posição de acordo com o ensino das Escrituras que o próprio Deus se tornou uma vítima de mal por ele e nós podemos ser vitorioso sobre o mal.

O Afterlife

Não há dúvida de que nesta vida há exemplos suficientes de injustiça e de sofrimento de inocentes. Se esta vida estavam todos lá, então o problema do mal não teria nenhuma solução. Mas a doutrina cristã da vida futura nos ensina que haverá um grande julgamento serão reconhecidos todos os pecados e boas ações são também revelados. A punição para o mal será administrada de forma justa, e da dimensão final da vida eterna será dada a todos os que têm respondido à oferta do amor de Deus. Portanto, a denúncia do salmista que os maus prosperam e os justos sofrem ficará satisfeito, à luz da vida após a morte.

Um problema adicional para o teísmo cristão está relacionada com a vida após a morte: Como um Deus amoroso poderia enviar alguém para o inferno? Enquanto nós

abordar esta questão mais detalhadamente em conexão com a escatologia, deve-se notar aqui que o pecado é a escolha que o homem faz em seu caminho, em vez de seguir a Deus. Ao longo da vida, quase uma pessoa está dizendo a Deus: "Deixe-me sozinho." Inferno, a ausência de Deus, está finalmente a apenas dar a essa pessoa o que tem sido sempre a pedir. Ele não é Deus, mas a própria escolha da pessoa que enviou essa pessoa para o inferno.

21. Os agentes especiais de Deus: Anjos

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Descrever a história da doutrina dos anjos bons e maus.
- Identificar e compreender os anjos bons e suas características especiais.
- Identificar e compreender os anjos maus através de suas características e obras.
- Tenha confiança em anjos de Deus, mas não se sinta fascinado excessivamente com eles.
- Sentindo-se uma relação saudável para os anjos maus, mas não medo ou fascínio.
- Descubra o papel dos anjos na realização do plano de Deus.
- Compreender as limitações e o destino final de Satanás e seus servos.

Resumo do capítulo

Lá seres sobre-humanos, mas não em seres divinos que trabalham na história da humanidade. Alguns deles, que permanecem fiéis a Deus, levada a cabo o seu trabalho. Outros que caíram de seu estado santo, vivendo em oposição a Deus e Seus filhos. O cuidado ea preocupação de Deus para a Sua criação é evidente na ajuda dos anjos bons. Por outro lado, Satanás e seus seguidores tentam torcer propósitos de Deus. Mas Deus tem limitado os seus poderes.

Questões de estudo

1. Por que é necessário estudar os anjos e incluídos no estudo da teologia?
2. Como você classifica anjos Dionisio e cada grupo que significa isso?
3. Quais são os papéis e responsabilidades dos anjos no plano de Deus?
4. Como você compararia e iria contrastar os anjos bons e maus?
5. Comparar e contrastar a doutrina dos anjos de acordo com a compreender Rudolf Bultmann e Karl Barth.
6. Como termos difíceis "filhos de Deus" e "o anjo do Senhor" definida?
7. Que confiança em Deus inspirar o crente cristão o papel dos anjos na vida?
8. Quais os limites são definidos para Satanás e seus emissários?

- Ensino de História
- Os anjos bons
 - Terminologia
 - Origem, natureza e estatuto
 - Sua aparência
 - Suas habilidades e poderes
 - Organização
 - Termos difíceis
 - Suas atividades
- Os anjos maus
 - O status atual de demonologia
 - A origem dos demônios
 - O chefe dos demônios
 - Atividades de demônios
 - Possessão demoníaca
 - O destino de Satanás e seus demônios
- O papel da doutrina dos Anjos

Quando falamos de anjos, digite um assunto que em alguns aspectos é o mais incomum e difícil de todas as disciplinas da teologia. Karl Barth, que fez o mais extenso tratamento do assunto tem sido feito em qualquer tratado teológico recente, descreve o tema de anjos como o mais "impressionante e difícil de todos." É, portanto, uma questão que é tentador omitir ou negligência. Alguns poderiam dizer que a doutrina cristã não seria afetada se omitir este tópico, e em certo sentido isso é verdade. Seria possível manter as doutrinas da criação e da providência sem referência aos anjos, porque Deus certamente criou o universo e pode armazenar e orientá-lo diretamente, sem usar os anjos como agentes. No entanto, o ensino da Escritura nos diz que ele criou esses seres espirituais e ter escolhido para realizar muitas de suas ações através deles. Portanto, se quisermos ser fiéis estudantes da Bíblia, não temos escolha, mas para falar sobre essas coisas.

Por angels entender esses seres espirituais que Deus criou superiores aos seres humanos, alguns dos quais permanecem obedientes a Deus e fazer sua vontade, e outros desobedeceram, eles perderam seu status e agora se opor e dificultar o seu trabalho.

Temos enfatizado a dificuldade desta questão. Uma razão é que, embora existam muitas referências a anjos na Bíblia, não são muito úteis para desenvolver uma teoria sobre os anjos. Todas as referências a anjos é incidental para outros tópicos. Eles não são tratados por si só. Quando mencionado, é sempre a dizer mais sobre Deus, sobre o que ele faz e como ele faz isso. Desde detalhes sobre os anjos não são significativos para o efeito, eles geralmente são omitidos.

Ensino de História

O tema dos anjos, provavelmente, teve um mais variado do que a maior parte da história doutrinas. Às vezes, tem havido uma preocupação exagerada sobre a doutrina dos anjos e especulação selvagem sobre sua natureza e atividades. Outras vezes, acredita em anjos tem sido visto como uma relíquia de um tipo de pensamento pré-científico e não-crítica. No entanto, a potencial utilização indevida não deve nos impedir de lidar com esta questão de verdadeira importância. Barth reconheceu que em lidar com este problema que nos aproximamos do limite de menciona vários teólogos que reconhecem a natureza tangencial do tema "problemas não relacionados com a tarefa e propósito de uma dogmática baseada na Palavra de Deus." Orígenes, Gregório de Nissa, Agostinho Tomás de Aquino e João Calvino, mas, no entanto, observou que: "Claro, seria inconcebível não para lidar com o problema."

A doutrina dos anjos nem sempre foi considerado como problemático. Apologistas do segundo século parecem ter dado os anjos próximo ao status de divindade. Por exemplo, para responder à acusação de ateísmo feito contra os cristãos, Justin listados seres que os

cristãos venerado e adorado; Ele incluía não só o Filho, também o exército de anjos que o seguiram e tinham semelhança com ele.

A cristandade medieval discutidos extensivamente sobre o assunto dos anjos. O principal impulso foi fornecida pelo trabalho de um autor do século V ou VI, que escreveu sob um pseudônimo e foi dito que Dionísio, o Areopagita, que tinha sido convertido por Paulo em Atenas (At. 17:34). Ele classificou os anjos em três grupos (1) tronos, querubins e serafins; (2) poderes, domínios autoridades; (3) os principados, arcanjos, anjos. O primeiro grupo, o mais próximo a Deus, ilumina o segundo grupo, que por sua vez ilumina o terceiro. Dionísio colocou grande ênfase na hierarquia que ele acreditava que era inerente a toda a realidade. Baseando seu argumento na declaração de Paulo de que a lei foi dada por meio de anjos (Gl. 3:19), Dionísio disse que os seres humanos, como ordem inferior eles estavam, não tinham acesso direto a Deus ou suas manifestações, se não foi por meio de anjos. Ordens de humanos, em particular a Igreja deve refletir uma estrutura hierárquica similar.

O pensamento medieval mais tarde estava muito interessado em anjos. Na *Summa contra Gentiles*, Aquino procurou demonstrar por que a existência dos anjos. Na *Summa Theologica* tenta provar vários pontos sobre eles: o seu número é maior do que todo o conjunto de seres materiais; cada um tem sua própria natureza individual; Eles são sempre num ponto particular, mas não estão limitados a esse ponto. Cada pessoa tem um anjo da guarda atribuído à nascença (nascimento antes que a criança estiver sob a custódia do anjo da guarda de sua mãe). Embora os anjos se alegram com a sorte e interesses espirituais das pessoas que são responsáveis, não aflito com as coisas negativas que acontecem, porque a tristeza ea dor são estranhos.⁷ Thomas passou nada menos do que 118 natureza individual e condição das questões anjos. Este interesse em anjos pode ter sido a razão pela qual ele ganhou o título de *doutor* angélico. Muitas de suas idéias sobre anjos foram baseadas no que hoje seria chamado de teologia natural, uma série de argumentos racionais e inferências.

O efeito dos argumentos de Thomas foi fortemente enfatizado que o reino supra-sensível de anjos. Afinal, se o seu número superou o de todas as coisas relacionadas com a matéria, o material ou reino terreno deve ser de importância secundária. Assim, grande parte da teologia posterior tenderam a atribuir tudo o que aconteceu com a atividade de anjos (ou demônios).

No entanto, a tentativa de provar racionalmente a existência de anjos não está limitado ao trabalho de Thomas. Encontramos também em teólogos posteriores. Johannes Quenstedt, uma do século escolástica luterana XVII, ARGUMENTOU QUE A EXISTÊNCIA DOS ANJOS, OU QUALQUER COISA COMO ELES, ERA PROVÁVEL, PORQUE NA NATUREZA NÃO HÁ LACUNAS. Assim como existem seres puramente corporais, como pedras, e seres corpóreos e parte parte espiritual, como seres humanos, poderia se esperar que a criação existem seres completamente espirituais tais como anjos. Mesmo Charles Hodge argumentou que a idéia de que o homem é o único ser racional é tão improvável quanto que os insetos são os únicos animais irracionais: "Há todas as razões para supor que a escala de estar entre as criaturas racionais é tão extensa como no mundo animal."⁹

Embora alguns teólogos deram início aos anjos lugar muito importante no esquema global, parte do pensamento recente tem sido minimizada ou mesmo eliminada a doutrina da consideração anjos teológicas. Isso aconteceu especialmente com o programa de demitologização de Rudolf Bultmann. Ele observa que no Novo Testamento anjos desempenham um papel importante. Eles ocupam o céu (no caso dos anjos bons) eo inferno (no caso de demônios). No entanto, eles não estão limitados para o céu ou o inferno. Ambos os anjos e demônios trabalhar activamente na zona média, a terra. Anjos, em nome de Deus pode intervir milagrosamente na ordem criada. Os demônios vêm em seres humanos, colocando-os sob o seu controlo, através de meios tais como a doença. Mas hoje já não acredito nesse tipo de seres espirituais, diz Bultmann. Sabemos

agora, demônios, graças à nossa maior conhecimento da natureza, a doença não é causada, mas vírus e bactérias. Sabemos também o que devemos fazer para se recuperar de tais doenças. Bultmann diz: ". É impossível usar a luz elétrica eo rádio e servir as descobertas médicas e cirúrgicas, e ao mesmo tempo crer no mundo dos espíritos e dos milagres do Novo Testamento" Ele diz que não há nada de único e especial na crença nas mentes dos escritores do Novo Testamento. Só que é um reflexo das idéias popularmente realizada naqueles dias. Em outras palavras, é um mito. Mesmo muitos modernos que nada sobre a teoria hermenêutica muito técnico e muito refinado de Bultmann sabem considerado obsoleto crença nos anjos. Entre as primeiras áreas da doutrina cristã é desmitologizan popularmente é a crença em anjos e diabos.

Na última parte do século XX, TEM HAVIDO UM RESSURGIMENTO REAL DO ANGEOLOGIA. Tem havido um crescente interesse da sociedade no sobrenatural, incluindo o fascínio oculto. Talvez como uma reação contra o racionalismo explicações naturalistas científicos que caem fora do âmbito das leis naturais que floresceram em alguns círculos. Os cristãos têm mostrado uma demonologia renovada, particularmente possessão demoníaca e doenças induzidas por interesse demônios. Neste contexto, embora alguns persistente ao longo do tempo, tem havido um interesse popular nos anjos bons. No início de 1990, apareceram vários filmes que contavam realidade e atividade dos anjos. No entanto, tem havido uma investigação equilibrada da natureza e da atividade dos anjos, tanto os bons e os maus.

Os anjos bons

Terminologia

A principal palavra hebraica para anjo é מַלְאָךְ (Mal'ak); a palavra grega é ἄγγελος (Angelos); em cada caso, o significado básico é o mensageiro, seja humano ou angelical. Quando usado para anjos, os termos enfatizar seu papel como portadores de mensagens. Exemplos de humano designado pelo termo מַלְאָךְ ou ἄγγελος é o mensageiro de Jezebel Elias (1 Reis 19: 2) (. Lucas 9:52) e alguns discípulos de João Batista (. Lucas 7:24) e Jesus. Alguns sugerem que a palavra singular no Antigo Testamento geralmente se refere a mensageiros divinos (ou seja, anjos) e mensageiros humanos plurais; mas as exceções são suficientemente numerosas e importantes para fazer esta observação não é realmente significativo. Outras expressões hebraicas acreditados para se referir aos anjos são "filhos de Deus - Deus -" (Jó 1: 6; 2: 1) e "filhos de Elim - poderosas -" (Salmo 29: 1; 89 :. 6). É duvidoso que a palavra *Elohim* sozinho, pode representar anjos, embora a Septuaginta traduz bem em várias ocasiões, o mais proeminente Salmo 8: 5. Outros termos de anjos do Antigo Testamento são "santos" (Salmo 89: 5., 7) e "vigilantes" (Daniel 4:13, 17, 23.). Quando falamos deles como um todo são chamados "a congregação" (Sl 89: 5., 7) e "Army" ou "exércitos" e na expressão comum "Senhor dos Exércitos" encontrou mais de sessenta às vezes apenas no livro de Isaías.

Muitas vezes, quando ἄγγελος aparece no Novo Testamento, é acompanhado por uma frase que deixa claro que ele está se referindo aos anjos, como "anjos do céu" (Mateus 24:36). Outras expressões do Novo Testamento é acreditado para se referir aos anjos são "celestial anfitrião" (Lc. 2:13), "espíritos" (Hb. 1:14), e em diferentes combinações "principados", "poderes" "tronos", "dominações" e "autoridades" (ver especialmente Cl 1:16; também Ro 08:38 ;. 1 Cor 15:24; Ef 6:12 ;. Col. 2:15). O termo *arcanjo* aparece em duas passagens, 1 Tessalonicenses 4:16 e Judas 9. O último é chamado Miguel Arcanjo.

Origem, natureza e estatuto

Escritura não diz explicitamente que os anjos foram criados, eles não foram mencionados na história da criação (Gn. 1-2). No entanto, eles foram criados é claramente implícita no Salmo 148: 2, 5: "Louvai-o, todos os seus anjos; louvai-o, vós todos os seus exércitos ... Louvado seja o nome do Senhor, pois mandou, e logo foram criados. "Os anjos como objetos celestes mencionados nos versos 3 e 4, é dito ter sido criado pelo Senhor. Isto parece também afirma em Colossenses 1:16: "Porque nele foram criadas todas as coisas que estão no céu e que estão na terra, visíveis e invisíveis; sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades; Tudo foi criado por meio dele e para ele "Alguns estudiosos acreditam que Gênesis 2 :. 1 e Jó 38: 7 indica que os anjos eram parte da criação original, mas esses textos não são claras o suficiente para ser usado como base para essa crença. Aparentemente, os anjos foram criados de uma só vez diretamente, já que parece que eles têm o poder de espalhar normalmente (Mt. 22:30), e não são informados de que não havia criações mais diretas de Deus após o fim do esforço criativo original (Gn. 2: 2-3).

Judeus e cristãos sempre acreditaram e ensinou que os anjos são seres imateriais ou espirituais. Além disso, os anjos têm aparecido como seres humanos com corpos materiais. Nesta, como no caso de criação, não há nenhuma evidência explícita abundante. Na verdade, pode-se concluir que os anjos e os espíritos são seres diferentes uns dos outros em Atos 23: 8-9, mas pode que os anjos são parte do gênero de espíritos. A afirmação mais clara sobre a natureza espiritual dos anjos é encontrada em Hebreus 1:14, onde o escritor, evidentemente referindo-se aos anjos (cf. vv 5, 13), diz: "Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para favor daqueles que hão de herdar a salvação "que os anjos são espíritos podem também ser inferida a partir das seguintes considerações ?:

1. Para os demônios (anjos caídos) são descritos como espíritos (Mateus 8:16; 12:45; Lucas 07:21; 8 :. 2; 11:26; Atos 19:12;. Rev. 16:14) .

2. Dizem-nos que a nossa luta não é contra "carne e sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade nas regiões celestes" (Ef. 6:12) .

3. Paulo, em Colossenses 1:16, parece identificar as forças celestiais como invisível.

4. Que os anjos são espíritos parece seguir (embora não necessariamente) as declarações de Jesus que os anjos não se casam (Mateus 22:30) e não morrem (Lc. 20:36).

Alguns argumentam que já que não há referências às almas dos anjos, eles não têm alma ou organismos a ser ocupado pelas almas (daí os anjos devem estar espiritual). Esta conclusão, no entanto, é um pouco forçado. Além de ser um argumento de silêncio implica um ponto discutível de vista da relação corpo-alma.

Em vista do exposto, parece seguro concluir que os anjos são seres espirituais; há corpos físicos ou materiais. Manifestações físicas registrados nas Escrituras deve considerar aparições feitas para a ocasião (angelofanías).

Como observado anteriormente neste capítulo, tem por vezes sido exagerada tendência para exaltar os anjos, oferecendo adoração e reverência se deve apenas à divindade. No entanto, a passagem mais alargado sobre anjos Hebreus 1: 5-2: 9, conclui que Cristo é superior aos anjos. Embora por algum tempo o fizeste um pouco menor que os anjos, ele é superior a todos eles. Embora Jesus ao longo de um período de tempo era subordinado ao Pai, os anjos são sempre subordinado a Deus e realizar a sua vontade; não agir por sua própria iniciativa. Apesar de serem superiores aos seres humanos em muitas habilidades e qualidades são parte da classe dos seres criados e, portanto, são seres finitos. Nós não sabemos exatamente quando foram criados, mas parece claro que em um dado momento Deus lhes deu vida. Como seres espirituais são totalmente original entre todas as outras criaturas, mas eles ainda são criaturas.

Há uma série de anjos. Escritura tem várias formas para indicar a quantidade, "dezenas de milhares" (Dt. 33: 2); "Dezenas de milhares de milhares" (Salmo 68:17.); "Doze legiões" (entre 36 mil e 72 000 - do tamanho de uma legião romana variou

de 3,000 a 6, 000) (Mateus 26:53); "Miríades de anjos" (Hebreus 0:22.); "Trilhões." (Apocalipse 5:11). A última referência pode ser uma alusão a Daniel 7:10. Job 25: 3 e 2 Reis 6:17 indicam também um grande número de seres angelicais. Embora nenhuma razão exata para assumir estes números, particularmente para o significado simbólico dos números usados (12 a 1000), é evidente que os anjos são muitos.

Sua aparência

Na maioria dos casos não vê anjos. O Senhor teve de abrir os olhos de Balaão para ver o anjo que está em seu caminho (Num. 22:31). Eliseu orou para que o Senhor abra os olhos de seu servo; Depois que o jovem viu a montanha cheia de cavaleiros e carros de fogo em redor de Eliseu (2 Reis 6:17). Quando você vê os anjos geralmente têm uma aparência humana, para que possam ser confundidos com os humanos (Gênesis 18: 2, 16, 22; 19. 1, 5, 10, 12, 15, 16, Qui 13: 6. ; Marcos 16: 5; Lucas 24: 4) .. Às vezes, a glória do Senhor brilha sobre eles (Lc 2: 9; 9:26.) - Talvez a razão por que você às vezes vê-los vestindo roupas brancas de aparência brilhante. Olhe como Matthew descreve o anjo do Senhor, rolou a pedra do túmulo de Jesus: "O seu aspecto era como um relâmpago, e as suas vestes brancas como a neve" (Mat. 28: 3; cf. Ez 1:13; Dn . 10: 6; Apocalipse 01:14 e 19:12) ..

Alguns dos conceitos que permaneceram geralmente não são suportados por qualquer referência da escritura. Não há indicações de anjos que aparecem em forma feminina. Sem específico para ter asas, embora em Daniel 9:21 e Apocalipse 14: 6 referências dizem voar. O querubins e serafins são representados com asas (Ex 25:20; Isa 6 :. 2.) E também criaturas simbólicas de Ezequiel 1: 6 (cf. Apocalipse 4: 8). No entanto, não podemos ter certeza de que o que é verdadeiro de querubins e serafins é também para os anjos em geral. Uma vez que nenhuma referência explícita de que todos os anjos têm asas, devemos considerar isto como uma mera inferência, mas não é uma inferência necessária, elaborado a partir das passagens bíblicas em que são descritos de vôo.

Suas habilidades e poderes

Os anjos são representados como seres pessoais. Você pode interagir com eles. Eles têm inteligência e vontade (2 Samuel 14:20; Apocalipse 22: 9). Eles são criaturas morais, alguns são caracterizados como santos (Mateus 25:31; Mr 08:38;. Lucas 1:26 Atos 10:22; .. Apocalipse 14:10), enquanto outros, que caíram, eles são descritos como mentirosos e pecadores (João 8:44; 1 João 3: 8-10) ...

Em Mateus 24:36 Jesus implica que os anjos têm conhecimento sobre-humano, mas também estabelece expressamente que o seu conhecimento tem limites: "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas o meu Pai ". Em 1 Pedro 1:12 pode haver uma alusão ao carácter limitado do seu conhecimento. Obviamente vê-los crescer no conhecimento das ações humanas e audição do arrependimento humano (Lucas 12: 8; 15:10; 1 Cor. 4: 9; Ef 3:10.). Seu conhecimento é maior do que a observada em humanos a sua presença no conselho celeste, a sua participação na transmissão de revelação (Gal. 3:19) e com a interpretação de visões (como nos casos de Daniel e Zacarias). Seja comparado com um anjo pode implicar que possui grande sabedoria.

Como os anjos possuem grande conhecimento, mas não onisciente, e também tem um grande poder sobrenatural, mas não onipotente. O grande poder dos anjos ensinou três maneiras nas Escrituras:

1. Os valores mobiliários atribuídos a pelo menos alguns deles, principados, poderes, autoridades, dominações, tronos.
2. Demonstrações direta; por exemplo, "enquanto que os anjos que são maiores em força e poder [humana]" (2 Pedro 2:11); "Bendito seja o Senhor, todos os seus

anjos poderosos, em força, que cumprem sua palavra obedecendo à voz da sua palavra" (Sl. 103: 20).

3. Os efeitos atribuídos ao seu desempenho: ver 2 Crônicas 32:21; Atos 12: 7-11; e nossa discussão sobre as atividades dos anjos (pp. 468-70).

Os anjos obter o seu grande poder de Deus e continuam dependentes de vontade ou permissão favorável para exercê-la. Eles são restritos a agir dentro dos limites de sua autorização. Isso acontece mesmo Satanás, cuja capacidade para afligir Jó foi confinado à vontade do Senhor (Jó 1:12; 2: 6). Os anjos de Deus só agem para realizar suas ordens, eles não o fazem de forma independente. Só Deus faz milagres (Sl. 72:18). Como criaturas que são os anjos estão sujeitos a todas as limitações de criaturas.

Organização

Às vezes, eles desenvolveram esquemas muito elaborados sobre a organização das hostes angelicais. Há pouca informação definitiva e clara sobre este assunto. Sabemos que há arcanjos, que, obviamente, têm uma posição mais elevada do que os anjos comuns. O termo é usado somente duas vezes na Bíblia, em 1 Tessalonicenses 4:16 e Judas 9. Michael é identificado apenas pelo nome, como arcanjo. Embora popularmente pensado que Gabriel é um arcanjo, não há nenhum lugar na Bíblia em que ela é identificada como tal. Também não estamos disses quantos arcanjos lá.

Você tentou elaborar um padrão de organização com base nas diferentes termos usados por Paulo como principados e potestades e tronos. Embora esses termos podem representar diferentes funções, não há realmente nenhuma maneira de detectar se há uma cadeia de comando.

Os querubins e serafins os apresentam problemas especiais, uma vez que nenhuma declaração sobre o seu relacionamento com os anjos em geral não é feito. Isaías 6: 2-3 adorar a Deus representa apenas uma menção dos serafins é feita. O querubins, por outro lado, são muitas vezes mencionados; eles são descritos como humano-como, com asas e participar de uma maneira especial de Deus, que é entronizado acima deles (Nm 7:89; 1 Sm. 4: 4; 2 Sm 6: 2; Sl 80. : 1; 99: 1; etc). Quando Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Éden, Deus colocou querubins e uma espada flamejante para guardar a árvore da vida (Gn. 3:24).

Houve vários tipos de especulação sobre os serafins e querubins. Alguns argumentaram que os querubins devem ser identificados com os serafins. Forte Augustus sustentou que não deve considerar-se-lhes pessoas reais, com mais de gama humano, mas "aparências simbólicas, tentando representar a humanidade redimida dotado de todas as criaturas perfeições perdida após a queda, e concebido para servir como a casa de Deus. "Na ausência de mais dados, é inútil especular. A postura mais cautelosa é simplesmente considerar os serafins e querubins como pertencentes ao grupo de criaturas espirituais que é designado pelo nome geral de Anjo. Eles podem ser anjos com funções especiais, ou um tipo especial de anjo. Em qualquer caso, não podemos assumir que as características do querubins e serafins podem ser aplicados a todos os anjos. Nós não sabemos se eles são maior ou menor grau, se os intervalos.

Termos difíceis

Existem dois termos difíceis que merecem atenção especial: "filhos de Deus" e "anjo do Senhor". Em Gênesis 6 :. "filhas dos homens" 2 lemos que os filhos de Deus tomou esposas dos poucos estudiosos têm vindo a concluir que esses filhos de Deus eram, na verdade, anjos que se juntaram as mulheres humanas para criar uma raça de homens poderosos. Entre os argumentos apresentados a favor desta interpretação é o fato de que os anjos são chamados filhos de Deus em outros lugares na Escritura (Jó 1: 6; 2: 1; 38: 7) e, aparentemente, foi uma corrida super-homens na terra naqueles dias (v. 4). Além disso,

o fato de que havia também grandes males que desagradaram tanto para com Deus e para enviar o dilúvio levou a sugestões de que os filhos de Deus foram realmente anjos caídos. Mas a sugestão de que os anjos (bons ou caídos) mulheres humanas estavam unidos e tinham filhos vai contra o que Jesus ensinou sobre os anjos (Mateus 22:30). Assim, a interpretação de que os "filhos de Deus" em Gênesis 6: 2 são filhos de Seth pagãos que se juntaram com descendentes de Caim, parece ter menos problemas do que os "filhos de Deus" são anjos, embora nenhum das duas teorias podem ser mantidas dogmatically. É simplesmente necessário para concluir que não há provas suficientes para justificar o uso dessa passagem como fonte de informação sobre anjos. Isto não deve ser considerado um caso de "demitologização evangélico", como sugere o autor de uma defesa da interpretação tradicional que os "filhos de Deus" da Bíblia em Gênesis 6: 2 eram anjos. É simplesmente permanecer cético quanto à falta de provas suficientes.

Temos também o problema da identidade No Antigo Testamento há muitas referências ao anjo do Senhor e do "anjo de Deus" (Gênesis 16:; ". Anjo do Senhor" 7-14, 18 22:11, 14-15. ; 24: 7, 40; 32: 24-30; 48: 15-16; Êxodo 3: 2; 14:19; 23: 20-23. ; 32: 34-33: 17, Qui 2: 1, 4. ; 05:23; 6: 11-24; 13: 3, etc.). O problema é que, embora existam inúmeras passagens em que o anjo do Senhor é identificado com Deus, muitas outras passagens em que os dois diferem. Exemplos de passagens que são iguais são Gênesis 31:11 e 13, em que o anjo do Senhor diz: "Eu sou o Deus de Betel", e Êxodo 3: 2 e 6, onde o anjo do Senhor lhe diz Moisés: ". Eu sou o Deus de teu pai" Exemplos de passagens em que os dois diferem são Gênesis 16:11, onde o anjo do Senhor, diz Hagar: "Porque o Senhor ouviu a tua aflição", e Êxodo 23 20 onde o Senhor diz ao povo de Israel: ". Eu envio o meu anjo diante de ti" Há três interpretações principais de "o anjo do Senhor" (1) é apenas um anjo com uma missão especial; (2) temporariamente visível é Deus em forma humana; (3) é o Logos, uma pré-encarnação temporária da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Embora nenhuma dessas interpretações é totalmente satisfatória, com a clareza de identificar essas frases tanto a segunda ea terceira opção parece mais apropriado do que o primeiro. Onde há uma distinção aparente entre Deus eo anjo do Senhor, Deus se refere a si mesmo na terceira pessoa. Portanto, não é possível retirar a natureza de um anjo de Deus conclusões que podem ser aplicados a todos os anjos.

Suas atividades

1. Anjos elogiar continuamente e glorificar a Deus (Jó 38: 7; Salmo 103: 20; 148 :. 2; Apocalipse 5: 11-12; 7:11; 8: 1-4.). Embora esta atividade ocorre normalmente na presença de Deus, pelo menos, uma vez que ocorre na terra: o nascimento de Jesus os anjos cantaram: "Glória a Deus nas alturas" (Lc. 2: 13-14).

2. Anjos revelar e comunicar a mensagem de Deus para os seres humanos. Esta atividade está mais de acordo com a palavra *do* anjo. Anjos participou particularmente como mediadores da lei (Atos 7:53; Gal 03:19; Hebreus 2: ... 2). Embora eles não são mencionados em Êxodo 19, Deuteronômio 33: 2 diz: "O Senhor veio ... dez milhões de santos." Esta passagem obscura pode ser uma alusão à mediação de anjos. Embora não seja dito que desempenham uma função semelhante com relação à nova aliança, o Novo Testamento muitas vezes representa-los como portadores da mensagem de Deus. Gabriel aparece a Zacarias (Lc. 1: 13-20) e Maria (Lc. 1: 26-38). Anjos também falar com Felipe (Atos 8:26.), Cornélio (Atos 10: 3-7.), Peter (Atos 11:13; 12: 7-11.) (. Atos 27:23) E Paulo.

Ministro 3. Anjos aos crentes. Isso inclui as proteger. Na igreja primitiva era um anjo que trouxe os apóstolos da prisão (Atos 5:19). E depois, Peter (Atos 12: 6-11.). O salmista experimentou o cuidado de anjos (Salmo 34: 7.; 91:11). No entanto, o ministério principal é necessidades espirituais. Os anjos estão muito interessados no bem-estar espiritual dos fiéis, regozijando-se de sua conversão (Lc. 15:10) e servir suas necessidades (Heb.

1:14). Os anjos são espectadores das nossas vidas (1 Cor. 4: 9; 1 Tm 5:21) e estão presentes dentro da igreja (1 Cor 11:10). Com a morte dos crentes, levando-os para o lugar abençoado (Lc. 16:22).

4. ensaios Anjos realizados ao longo dos inimigos de Deus. O anjo do Senhor matou 185.000 assírios (2 Reis 19:35) E os filhos de Israel em Jerusalém até que o Senhor lhe disse para parar a mão (2 Samuel 24:16). Era o anjo do SENHOR, que estava entre os israelitas e os egípcios (Ex. 14: 19-20); o resultado foi a libertação dos israelitas ea destruição dos egípcios no Mar Vermelho. Era um anjo de Deus, que matou Herodes (At. 00:23). O livro do Apocalipse está cheio de profecias sobre o julgamento a ser administrada pelos anjos (8: 6-9: 21; 16: 1-17; 19: 11-14).

5. Os anjos estarão envolvidos na segunda vinda. Eles acompanham o Senhor na Sua vinda (Mt. 25:31) e participou de outros eventos significativos da vida de Jesus, como seu nascimento, a tentação ea ressurreição. Eles separar o trigo do joio (Mt 13: 39-42). Cristo, ele enviará os seus anjos com grande trombeta, e reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos (Mateus 24:31; cf. 1 Tessalonicenses 4: 16-17.).

O que sobre o conceito de anjos da guarda, a idéia de que cada pessoa ou, pelo menos, cada crente tem um anjo específico designado para cuidar dele e acompanhá-lo durante toda a sua vida? Esta ideia foi uma crença judaica popular no tempo de Cristo e se tornou uma parte do pensamento cristão. Dois textos bíblicos como prova da existência de anjos da guarda são mencionados. Depois de chamar uma criança e colocá-lo entre os seus discípulos, Jesus disse: "Veja que você não desprezeis algum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre vêem a face de meu Pai que está nos céus" (Mt . 18:10). Quando ela montou disse aos que estavam na casa que Pedro estava à porta, eles disseram: "É o seu anjo" (Atos 0:15.). Estes versos parecem indicar que os anjos são atribuídos a indivíduos particulares.

No entanto, em toda a Bíblia, lemos que nenhum anjo, mas muitos acompanhado, protegida e cuidada para os crentes. Eliseu foi cercado por muitos cavalos e carros de fogo (2 Reis 6:17); Jesus poderia ter chamado doze legiões de anjos; vários anjos tomou a alma de Lázaro a Abraão (Lc. 16:22). Além disso, Jesus faz referência aos anjos dos pequenos Estados que estão na presença do Pai. Isto sugere que estes são anjos louvando a Deus na presença de anjos em vez de cuidar de seres humanos neste mundo. Rode resposta reflete a tradição judaica de que o anjo da guarda se parece com a pessoa a quem é atribuída. Mas uma indicação de que alguns discípulos creram em anjos da guarda nenhuma autoridade para essa crença. Alguns cristãos ainda tinha crenças erradas ou confusas sobre vários temas. Na ausência de um direito material didático, temos de concluir que não há provas suficientes para o conceito de anjos da guarda.

Os anjos maus

O status atual de demonologia

Onde examinar a questão dos anjos maus apresenta um problema. Trate em conexão com nossa revisão dos anjos bons tendem a sugerir que há paralelos entre elas. Como os anjos bons foram tratados aqui por sua óbvia ligação com a providência, os anjos maus não são um pouco fora de lugar aqui? Não seria mais apropriado para lidar com esta questão no âmbito do estudo de pecado? Mas falar dos anjos maus, neste momento é justificado de duas maneiras. Em primeiro lugar, os anjos maus deve ser estudada em estreita colaboração com os anjos bons, pois eles têm a mesma origem, e muito do que tem sido dito destes segundos também é verdadeiro para o primeiro. Os bons anjos ainda estão em sua época, foram também os anjos maus. Em segundo lugar, a providência de Deus tem a sombra do problema do mal. E como temos tratado sobre o mal, parece lógico para resolver a questão de demônios eo diabo aqui. Nós enviamos a estes agentes malignos novamente quando falamos de pecado e tentação, e quando aprofundar a doutrina das últimas coisas; mas você não pode simplesmente ignorá-los neste momento.

Teólogos têm mostrado recentemente uma tendência para reestruturar a idéia que temos sobre os demônios e Satanás. Uma dessas tentativas foi, naturalmente, o programa de demitologização de Rudolf Bultmann, observado anteriormente neste capítulo. De acordo com esta visão e afins, são apenas demônios conceitos mitológicos extraídos da cultura do momento. Em particular, acredita-se que a representação bíblica reflete a influência da mitologia persa. Apesar da superfície de impacto que é essa idéia tem um defeito grave ao não levar em conta que o ponto de vista cristão não contém qualquer um dualismo que tantas vezes está no pensamento persa.

A segunda abordagem alternativa é despersonalizar os demônios. A realidade do mal no nosso tempo não pode ser negado. Mesmo aqueles que rejeitam idéias como a total depravação e pecado original, muitas vezes condenar a injustiça ea guerra no mundo. Alguns teólogos ver tudo isso não como mal algo que vem de uma fonte pessoal, mas como algo que faz parte do próprio tecido da realidade, especialmente em nossa realidade social atual. O termo *demônio* é considerado como uma caracterização das poderosas forças e estruturas sociais em vez de seres pessoais. Um exemplo daqueles que sustentam esta visão é Paul Tillich.

Uma abordagem terceira recente é de Karl Barth. Ele destaca a antítese entre demônios e anjos. Isso não significa que o tratamento separado das duas questões, porque fala brevemente sobre os demônios depois de tentar sobre os anjos. Não que eu tenha em mente a oposição entre eles. Pelo contrário, a idéia é que demônios e anjos Barth literalmente não têm nada em comum. Há duas espécies do mesmo gênero: os anjos. Há uma antítese absoluta e exclusiva entre os dois. Como o "nonsense" não é algum tipo de sentido, demônios ou anjos maus não são algum tipo de anjos, mas a realidade eles condenam, negar e excluir os anjos bons. A origem ea natureza dos demônios que vivem em nada, o caos, a escuridão.²¹ não foram criados por Deus, mas são parte da ameaça para a criação de Deus. Eles são simplesmente nada em sua dinâmica. O problema básico com esta posição é que ele nega a realização de coisas más e ruins.

A origem dos demônios

A Bíblia tem pouco a dizer sobre como anjos maus veio a ter seu caráter moral presente e diz ainda menos sobre sua origem. Podemos aprender algo de sua origem, de modo que se diz de seu caráter moral. Duas passagens estreitamente relacionados nos dizer sobre a queda dos anjos maus. Segundo Pedro 2: 4 diz: "Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas lançou-os no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo." Jude 6 diz que "os anjos que não guardaram sua dignidade, mas deixaram a sua própria habitação, tem guardado em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande dia. "Os seres descritos nestes dois versos são claramente identificados como anjos que pecaram e julgados. Eles devem ser criados os seres como o resto dos anjos.

Um problema é que estes dois versos dizem que os anjos foram lançados nas trevas exteriores para aguardar julgamento. Isso levou alguns a teorizar que existem dois tipos de anjos caídos que estão na prisão, e aqueles que são livres para realizar o mal no mundo. Outra possibilidade é que estes dois versículos descrevem a condição de todos os demônios. O último é a coisa certa sugere o resto de 2 Peter 2. No versículo 9 Peter diz. "O Senhor sabe livrar os piedosos de tentações, e reservar os injustos sob castigo para o dia do juízo" Esta linguagem é praticamente idêntico ao usado no versículo 4. Observe que o resto do capítulo (vv. 10-22) é uma descrição da atividade pecaminosa continuou este povo que está sendo punido. Conclui-se que, também, embora lançados nas trevas exteriores, anjos caídos têm liberdade suficiente para realizar suas atividades mal.

Os demônios, então, os anjos são criados por Deus e, portanto, na origem foram bem; mas eles pecaram e, assim, tornou-se ruim. Quando a rebelião ocorreu exatamente

nós não sabemos, mas deve ter acontecido entre o tempo de Deus terminou a criação e disse que era "bom" e o momento da tentação e queda de seres humanos (Gn. 3).

O chefe dos demônios

O diabo é o nome que as Escrituras dão a cabeça desses anjos caídos. Ele também é conhecido como Satanás. O nome hebraico שָׂטָן (Satanás) vem do verbo שָׂטָן (Satanás), que significa ser ou agir como um adversário. Então ele é o adversário, que se opõe a causa e povo de Deus. A palavra grega Σατάν (satan) ou Σατανᾶς (Satanás) é uma transliteração do nome hebraico. A palavra grega para isso é mais comum διάβολος (diabolos: diabo, adversário, acusador). Também é usado κατήγορ (kategor - acusador -. Apocalipse 12:10). Outros termos usados com menos frequência são: tentador (Mateus 4: 3; 1 Tessalonicenses 3: 5) (. Mateus 00:24, 27; Mr 03:22; Lucas 11:15, 19), Belzebu, o inimigo (Mt. 13:39), o mau (Mateus 13:19, 38; 1 João 2:13 ;. 3:12; 5:18), Belial (2 Coríntios 6:15), adversário (1 P. 5: 8), a antiga serpente (Apocalipse 12: 9), o grande dragão (Apocalipse 12: 3 ...), o pai da mentira (Jo 8:44), um assassino (João 8:44), o pecador (1 João 3: 8). Eles transmitir algo sobre o caráter ea atividade do diabo. Embora o diabo não é expressamente chamado diabo nas Escrituras, Jesus identificou Satanás com Belzebu, o príncipe dos demônios (ver as contas paralelas de Mateus 12: 22-32; Marcos 3: 22-30 E Lc 11: : 14-23). Satanás é um demônio também está implícito em Lucas 10: 17-20, onde a expulsão de demônios é um sinal de que venceu Satanás. Aqueles que estavam possuídos por demônios que eles disseram que foram "oprimidos do diabo" (Atos 10:38; Lc 13:16 ..).

O diabo é dedicado, como o próprio nome sugere, a opor-se a Deus e à obra de Cristo. Ele faz isso especialmente atraente para os seres humanos. Isso é demonstrado na tentação de Jesus na parábola do joio e do trigo (Mateus 13: 24-30) (. Lc 22: 3) e o pecado de Judas. (Veja também Atos 5: 3; 1 Cor. 7: 5; 2 Coríntios 2:11; Efésios 6:11; 2 Timóteo 2:26 ..).

Um dos principais métodos usados por Satanás é o engano. Paulo nos diz que Satanás se disfarça em anjo de luz, e os seus ministros se disfarçam em ministros de justiça (2 Coríntios 11: 14-15). O uso de engano também é mencionado em Apocalipse 12: 9 e 20: 8, 10. incrédulos "compreensão cegou para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus "(2 Coríntios 4: 4). Ele se opõe e dificulta os cristãos no seu serviço (1 Tessalonicenses 2:18.), Mesmo fazendo uso de dor física para obter o seu fim (bem, provavelmente em 2 Coríntios 12: 7).

Apesar de toda a potência de Satã é limitado, tal como mostrado no caso do emprego. Ele pode resistir com êxito e fugir (Tiago 4: 7; ver também Efésios 4:27 ..). No entanto, você não pode escapar de nossos próprios esforços, mas somente pelo poder do Espírito Santo (Romanos 8:26 ;. 1 Cor 3,16).

Atividades de demônios

Como sujeitos de Satanás, os demônios realizar seu trabalho no mundo. Por conseguinte, deve ser considerado como estando envolvido em todas as formas de tentação e do engano que ele usou. Causa da doença: mudez (Marcos 9:17), surdo-mudez (Marcos 9:25), cegueira e surdez (Mateus 12:22), convulsões (Sr. 1:26; 9:20; Lc 9:39.) , paralisia ou claudicação (Atos 8: 7). E, em particular, se opõem ao progresso espiritual do povo de Deus (Ef. 6:12).

Possessão demoníaca

A incidentes de possessão demoníaca foi dada especial atenção nos relatos bíblicos. O termo técnico é "ter um demônio" (ἔχω δαιμόνιον - *daemon* ECHO) ou "ser

possuído" (δαμονίζομαι -daimonizomai). Às vezes encontramos expressões como "espíritos imundos" (Atos 8: 7.; 19:12).

As manifestações de possessão demoníaca são variados. Já observamos algumas das doenças físicas que infligem demônios. As pessoas podem ter possuído força incomum (Marcos 5: 2-4), podem agir estranhamente como não usar roupas ou que vivem entre os túmulos, em vez de viver em uma casa (Lucas 8:27). Ou pode ter um comportamento auto-destrutivo (Mateus 17:15; Marcos 5: 5). É óbvio que existem níveis de angústia, como Jesus falou do espírito do mal "leva consigo outros sete espíritos piores do que ele" (Mateus 00:45). Em todos estes casos, o elemento comum é que a pessoa envolvida está sendo destruído, seja física, emocional ou espiritualmente. Parece que os demônios eram capazes de falar, provavelmente, usando o aparelho vocal da pessoa possuída (por exemplo, Mt. 08:29, 31; Mr 1:24, 26, 34; 5: 7, 9, 10; Lucas 4 :. 41; 08:28, 30). Parece que os demônios também poderiam ser introduzidas em animais (ver as contas paralelas do incidente com os porcos - Mt. 8; Mark 5; Lc. 8).

Vale ressaltar que os escritores da Bíblia nem todas as doenças atribuídas a possessão demoníaca. Lucas nos diz que Jesus estabeleceu uma distinção entre dois tipos de curas: (. Lucas 13:32) "Eu expulso os demônios e fazendo curas, hoje e amanhã". Uma distinção semelhante é feita em Mateus 10: 8; Marcos 1:34; 06:13; Lucas 4: 40-41; 9: 1. Epilepsia com possessão demoníaca não é confuso. Nós lemos em Mateus 17: 15-18 que Jesus expulsou um demônio de um epilético, mas em Mateus 4:24 epiléticos (como paralíticos) diferem do possuído. Em muitas curas referência aos demônios não é feito. Em Mateus, por exemplo, é feita referência ao exorcismo de demônios, quando curou o servo do centurião (8: 5-13), a mulher com o fluxo de sangue doze anos (9: 19-20), os dois Blind Man (9: 27-30), o homem com a mão atrofiada (12: 9-14) e aqueles que tocou a orla do manto de Jesus (14: 35-36). Em particular, a lepra não parece não ser atribuída a demons.

Jesus expulsou os demônios sem dizer fórmulas elaboradas. Simplesmente ele ordenou-os (Marcos 01:25; 09:25). Exorcismo atribuída ao Espírito de Deus (Mateus 12:28) ou o dedo de Deus (Lc. 11:20). Jesus inaugurou seus discípulos com a autoridade para expulsar demônios (Mateus 10: 1). Mas a fé discípulos necessário para ter sucesso na tarefa (Mt. 17: 19-20). A oração também é mencionado como um requisito para exorcismo (Marcos 9:29). Às vezes a fé de uma terceira parte (::: 5-6 cf. Mark 23-24 junho Mr. 9) era necessário. Às vezes, os demônios foram expulsos de pessoas que mostraram nenhum desejo de ser curado.

Não há nenhuma razão para acreditar que as posses demoníacas estão restritos ao passado. Casos, especialmente, mas não exclusivamente em culturas menos desenvolvidos, eles só parecem ser capazes de explicar desta forma são dadas. O cristão deve estar alerta para a possibilidade de possessão demoníaca acontecer hoje. Ao mesmo tempo, ele não deve muito rapidamente atribuída a fenômenos psíquicos ou físicos aberrantes possessão demoníaca. Quando Jesus e os escritores da Bíblia distingue casos de posse de outras doenças, como devemos fazer, "testar os espíritos."

Nos últimos anos houve uma explosão de interesse no fenômeno da possessão demoníaca. Como resultado, alguns cristãos podem considerar esta como a principal manifestação das forças do mal. Na verdade, Satanás, o grande enganador, pode ser encorajadora interesse em possessão demoníaca para os cristãos negligenciar outras influências mais sutis de os poderes do mal.

O destino de Satanás e seus demônios

A Bíblia deixa claro que está ocorrendo seria intensa luta entre Cristo e seus seguidores de um lado e Satanás e suas forças no outro. Evidências dessa luta incluem a tentação de Jesus (Mateus 4: 1-11), encontros de Jesus com os demônios e muitas outras passagens (por exemplo, Lucas 22:. 31-34; Gl 5: 16-17; Ef .. 6: 10-20). A tentação de

Jesus representou uma vitória preliminar sobre Satanás. Outras antecipações da vitória final pode ser encontrado em Lucas 10:18; João 12:31; 14:30; 16:11; Romanos 16:20; Hebreus 2: 14-15; 1 João 2:13; 3: 8; 05:18. Apocalipse 12 descreve uma guerra no céu entre Miguel e seus anjos de um lado e Satanás e seus seguidores, por outro; uma guerra que termina com Satanás expulsar do céu para a terra e, em seguida, atacar Cristo e sua igreja. Em Apocalipse 20, lemos que Satanás será preso por mil anos (v. 2) e, em seguida, liberado por um tempo antes de ser jogado no lago de fogo e enxofre para sempre (v. 10). Jesus salienta que este também será o destino dos anjos de Satanás (Mt. 25:41).

A batalha decisiva na guerra entre o bem eo mal foi travada e vencida por crucificação e ressurreição de Cristo. Satanás foi derrotado e, embora ainda lutando desesperadamente, seu destino foi selado. Os cristãos devem ser aliviado ao saber que eles têm de ser derrotado em qualquer um dos seus encontros específicos com Satanás (1Co 10:13; 1 João 4: 4).

O papel da doutrina dos Anjos

Para escuro e estranho que essa crença nos anjos bons e maus pode ser para alguns, desempenha um papel importante na vida dos cristãos. Vários benefícios podem ser tirados de uma pesquisa sobre este tema:

1. É reconfortante e animador perceber que existem inúmeros e poderosos agentes invisíveis que nos auxiliam em nossas necessidades. O olho da fé vai fazer para o crente que a visão de anjos feito pelo servo de Eliseu (2 Reis 6:17).

2. O louvor e serviço dos anjos de Deus dá-nos um exemplo de como temos agora eo que vai levar nosso negócio na próxima vida na presença de Deus.

3. Devemos dar uma pausa para perceber que mesmo os anjos de Deus estavam perto sucumbiu à tentação e caiu. Isso nos lembra que devemos "olhar para não cair" (1 Cor 10:12).

4. Saber dos anjos maus serve para nos alertar de perigo e sutileza da tentação que podemos esperar para vir de forças satânicas, e dá-nos uma visão sobre as formas em que as obras do diabo. Temos de estar em guarda contra dois extremos. Tomármolos não deve de forma tão leve como a ignorar os perigos, ou sentir-se demasiado forte interesse por ele.

5. Dá-nos confiança para perceber que não importa quão poderosos são Satanás e seus cúmplices, há limites sobre o que eles podem fazer. Portanto, nós, pela graça de Deus, podemos resistir com êxito. E nós sabemos que no final de sua derrota é certa.

Parte 5

A HUMANIDADE

- 22. Introdução à doutrina da humanidade
- 23. A origem da humanidade
- 24. A imagem de Deus no homem
- 25. A natureza constitucional do homem
- 26. A universalidade da humanidade

22. Introdução à doutrina da humanidade

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Descreva cinco razões pelas quais a doutrina da humanidade é importante para outros grandes doutrinas cristãs.
- Identificar e compreender sete imagens contemporâneas da humanidade.
- Comparar e contrastar estes sete imagens da humanidade com a visão cristã da doutrina da humanidade.

Resumo do capítulo

Há cinco razões pelas quais a visão cristã da humanidade é importante. A doutrina cristã da humanidade afirma que um ser humano é uma criatura de Deus, feita à imagem de Deus. Isto contrasta com sete idéias contemporâneas da humanidade. A resposta bíblica ao significado da humanidade é o mais gratificante de todas essas idéias possíveis.

Questões de estudo

1. Como é que a doutrina da humanidade está relacionada com a pessoa de Cristo?
2. Que há crises na forma como ele entendeu a própria humanidade?
3. Quais são as sete imagens contemporâneas da humanidade?
4. Como é que as idéias das imagens da humanidade que a sociedade tem a sua visão da natureza humana afeta?
5. O que você acha Jean-Paul Sartre da humanidade?
6. Que semelhanças e diferenças entre as imagens descobriu seculares da humanidade e da visão cristã da humanidade? Como você avalia cada perspectiva?
7. O que significa ser feito à imagem de Deus?

Importância da doutrina da humanidade

Imagens da humanidade

Uma máquina

Um animal

Um ser sexual

Um orçamento ser

Um fantoche do universo

Um homem livre

Um estar social

A visão cristã da humanidade

Importância da doutrina da humanidade

Em uma classe de homilética em um seminário, o professor estava explicando as diferentes partes do sermão. Quando eu estava falando de entrar no referido modo bastante enfático: "A introdução é a parte mais importante sermão." Quando ele falou da parte central do sermão, ele disse e "meio do sermão é a parte mais importante sermão." ". A conclusão é a parte mais importante do sermão", quando ele apresentou o tema da

celebração disse sobriamente, Eventualmente, um estudante confundido a pergunta óbvia: "Como é que as três partes pode ser o mais importante" o professor pacientemente Ele explicou que qualquer parte do sermão a ser tratada, é sempre o mais importante, *nesse momento*.

As doutrinas da teologia cristã tem uma relação semelhante entre si. Em certo sentido, toda doutrina é o mais importante quando se discute isso. Mas a questão vai além disso. À sua maneira, todas as doutrinas são os mais importantes (ou pelo menos alguns deles são). A doutrina das Escrituras é o mais importante para fins epistemológicas. Se Deus não se revelou e manteve essa revelação nas Escrituras, não teríamos conhecido o que era a nossa necessidade e como resolvê-lo. A doutrina de Deus é o mais importante do ponto de vista da ontologia, porque Deus é a realidade última, a fonte e sustentador de tudo o que é. A doutrina de Cristo é o mais importante para a nossa redenção, porque sem a encarnação, vida, morte e ressurreição, não haveria base para nossa salvação. A doutrina da salvação é o mais importante existencialmente, porque lida com o real mudança em nossas vidas, de nossa existência. A igreja é a mais importante em termos de relações doutrina como é o cristão dentro da comunidade cristã. E escatologia é o mais importante para a doutrina história, porque fala de nosso destino eterno.

Existem várias razões pelas quais a doutrina da humanidade é especialmente importante:

1. Esta doutrina é importante por causa de sua relação com os outros grandes doutrinas cristãs. Como o ser humano é a criatura terrestre mais importante de Deus, o estudo da humanidade ajuda a completar a nossa compreensão da obra de Deus e, em certo sentido, do próprio Deus e aprendemos algo observando o que o Criador criou. Porque só humana, diz a Bíblia que foram criados à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1: 26-27.). Portanto, um indício direto com a natureza de Deus deve vir a partir do estudo dos seres humanos.

Esta doutrina também lança muita luz sobre nossa compreensão da pessoa de Cristo, ea Bíblia ensina que a Segunda Pessoa da Trindade assumiu a natureza humana. Isto significa que, para compreender a natureza de Cristo, é necessário compreender a natureza da humanidade. No entanto, temos de ter a certeza de ser capaz de distinguir a humanidade essencial, ou a humanidade como veio das mãos de Deus, a humanidade existencial ou empírica, como a encontramos hoje. O método teológico funciona em ambas as direções. Estudar a natureza humana de Jesus também nos fornecer uma compreensão mais completa do que realmente estava destinado a humanidade.

Além disso, a doutrina da humanidade é também a porta de entrada para o estudo de outras doutrinas com que a conexão não é tão óbvio. Se Deus não tivesse criado humana, provavelmente não teria havido encarnação, ou expiação, sem necessidade de regeneração e justificação. Não teria havido igreja.

Isso significa que você deve ser extremamente cuidadoso quando se trata de formular adequadamente nossa teoria sobre a humanidade. O que acredita-se ser humanos cores nossa percepção do que precisava ser feito para eles, como eles fizeram e seu destino final. Por isso, o esforço despendido em que vale a pena, porque esta matéria são evidentes e podem ser tratadas de forma aberta e conscientemente. Ao estudar outras doutrinas, estas questões são muito mais difíceis de reconhecer e lidar com um todo. O esforço adicional aqui, então vale a pena especialmente.

A doutrina da humanidade tem um status incomum. Aqui, o estudante de teologia é também seu objeto. Isso separa doutrinas antropologia como a teologia ea própria cristologia (embora não separado de doutrinas como a soteriologia, que, é claro, está preocupado com a salvação dos seres humanos). Nossa antropologia determinar como entendemos a nós mesmos e, conseqüentemente, como fazemos teologia, ou mesmo o que é a teologia, ou seja, na medida em que você pensar nela como uma atividade humana.

2. A doutrina da humanidade é um ponto de convergência da revelação bíblica e preocupação humana. Teologia é aqui tentando um objeto que todos (ou pelo menos

quase todos) admitir que eles existem. Os ocidentais modernos podem não ter a certeza se existe um Deus, ou se havia uma pessoa como Jesus de Nazaré, ou se eles realmente ocorreram milagres atribuídos a ele. Eles têm poucas ou nenhuma dúvida sobre sua própria realidade, pois este é um fato existencial na vida diária. E a menos que eles de alguma forma ter sido influenciado pelo pensamento oriental, é provavelmente o fato de que eles são os mais seguros.

Isto significa que o tema da humanidade é um ponto de partida para o diálogo. Se uma discussão inicia-se com um descrente falando sobre o que a Bíblia ou o que Deus está dizendo, a atenção do ouvinte perde quase o início. Muitas pessoas hoje estão céticos de qualquer coisa que vai além do que pode ser percebido pelos sentidos. Além disso, o pensamento moderno muitas vezes tende a humanismo, tornando padrões humanos e humanos o valor mais alto objeto e preocupação. Isso muitas vezes se manifesta em um anti-autoritarismo que rejeita a ideia de um Deus que exige o direito de dizer o que deve ser feito, ou um livro autoritária que nos diz o que acredita ou como se comportar. Mas os seres humanos modernos estão preocupados com eles mesmos, o que acontece com eles, onde eles vão. Você não pode pensar muito sobre a idéia de humanidade. Você pode assumir passivamente os valores da opinião geral do momento. Mas ele está preocupado com seu bem-estar e seu lugar na vida. Portanto, mesmo se a conversa não termina com a humanidade é um local adequado para iniciá-lo.

Temos aqui uma excelente oportunidade de usar o que Paul Tillich chamou o método de correlação. Em sua teologia apologético, uma análise da situação, toda a interpretação da vida e da realidade sustentada por uma cultura se torna. Isso se expressa através da arte, filosofia, política e tecnologia que a cultura. A análise nos informa sobre as perguntas que a sociedade faz. Portanto, no sistema de Tillich antes da teologia expor sua mensagem pergunta quais as questões que são mais importantes para as pessoas que alvos.³ Depois de teologia expressa sua mensagem, desenho seu conteúdo a partir do pólo de autoridade teológica, mas deixá-lo do jeito que é regido pelo pólo da situação. A mensagem é expresso em resposta a questões colocadas por pessoas, e não como algo alheio imposta de fora.⁵

Como seres humanos de todas as culturas cuidar de si mesmos, seus problemas e necessidades, tanto individual como coletivamente, e isso diz muito perguntas sobre a humanidade. Portanto, este é um bom ponto de partida para uma discussão com os incrédulos. Mas a discussão não termina aí. Porque as questões levantadas pelos descrentes com o entendimento de que eles têm de si mesmos levar a respostas que vão além do ponto de partida da discussão. Por exemplo, a questão poderia levar a uma explicação sobre a relação dos seres humanos com Deus, que por sua vez pode necessitar de uma explicação da natureza de Deus. Portanto, embora a discussão pode acabar muito longe de onde tudo começou, você pode começar de onde o interesse da pessoa é.

Isso sugere que talvez seja bom que a nossa pregação começou com alguns aspectos comuns da experiência humana. Em particular, a introdução poderia incidir sobre uma questão que está na mente do ouvinte acima de todos os outros. Se o sermão começa com uma explicação de cinco minutos sobre a situação cultural em Filipos, no primeiro século, ou uma clarificação do significado do peitoral do sumo sacerdote no livro do Êxodo, você irá notar gestos que distraem na audiência. Se, no entanto, o sermão começa com uma situação de interesse humano, e, em seguida, passa a mostrar como a Escritura fala de você quiser experimentar esta situação particular, têm a oportunidade de manter as pessoas vigilantes. Embora nós tendemos a pensar que este problema só tem pregadores de rádio e televisão, ficamos surpresos ao descobrir que de sentar na frente de um pregador no domingo de manhã as pessoas que são capazes de desligar o sermão, quer com os olhos fechados ou com eles totalmente aberto. A doutrina da humanidade é um ponto a partir do qual você pode entrar na mente de uma pessoa secular hoje. Porque pelo menos você começa com os itens que estão na mente da pessoa na rua.

3. A doutrina da humanidade hoje é particularmente significativo devido à grande atenção dada à várias disciplinas intelectuais humanidade. O número de disciplinas que compõem a natureza humana ou que exerçam a sua principal foco de atenção continua a crescer rapidamente. Novos departamentos que se concentram em áreas de comportamento que não havia sido explorada anteriormente aparecem regularmente em universidades. Eles estão a surgir estudos interdisciplinares. Até mesmo as escolas de negócios estudos, que anteriormente focados em problemas econômicos e organizacionais, tente aumentar o sujeito humano, e às vezes perceber que é o mais importante. As escolas médicas estão cada vez mais conscientes de que os médicos não tratar os sintomas ou doenças ou organismos, mas seres humanos, e, portanto, os médicos devem estar cientes da dimensão pessoal da relação médico-paciente. E em ciências comportamentais tradicionais, como a psicologia, a sociologia, a antropologia ou política, que continua a investigar o ser humano.

Há um interesse crescente em problemas humanos. As questões éticas dominar as discussões, particularmente entre os jovens. Seja qual for o assunto principal - as relações raciais na década de 1950, a Guerra do Vietnã nos anos 60, o ambiente na década de 70, a corrida aos armamentos nucleares na década de 80, o crime nos anos 90 - há intensa preocupação. E as questões levantadas - "O que vamos fazer?" "O que é certo?" - Às vezes responder declarações bastante dogmáticas, são questões que apontam para um endereço que pode muito bem levar a uma resposta Deus transcendente que é a base das normas morais. Deve-se notar aqui que o muitas vezes bastante vigorosa na natureza, o debate político sobre questões que estão enraizadas na ética. É a prosperidade material é mais importante do que a educação? Você tem que avaliar com mais segurança econômica que a liberdade de escolha? Estas são questões que realmente levantam a pergunta "Qual é a natureza humana?" E "O que é bom para os seres humanos?"

Embora o nosso ponto anterior (ou seja, a questão da humanidade pode ser um trampolim poderosa para discussão com os incrédulos) relacionada principalmente com respeito ao ser humano individual em si, aqui estamos a pensar mais em termos de preocupação coletiva da própria sociedade, que é um assunto mais intelectual. Devido ao número crescente de disciplinas acadêmicas que incidem sobre a humanidade, a teologia cristã está em uma posição apropriada para entrar diálogo com outras perspectivas e metodologias escolares. Como em uma conversa muito pessoal com um indivíduo, um diálogo acadêmico também é de importância vital para ter uma idéia abrangente e precisa sobre os seres humanos, do ponto de vista da teologia, além de estar familiarizado com a forma como que eles são vistos por estas outras abordagens e como eles são abordagem teológica iguais e diferentes.

4. A doutrina da humanidade é importante por causa da crise atual sobre o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Não só um grande interesse na questão "O que é o homem?" Há também uma considerável confusão no que diz respeito a resposta como eventos e acontecimentos recentes têm dúvidas sobre muitas das respostas que foram dadas a esta pergunta.

Um desses eventos é o problema que os jovens quando descobrir que eles estão enfrentando. A busca de identidade sempre foi parte do processo natural de maturação, a idéia de formar uma vida independente, o estabelecimento de seus próprios valores e objetivos. Recentemente, no entanto, parece ter tido maior. Por um lado, muitos pais realmente não transmitir seus valores aos filhos, ou valores defensores não se manifestam em suas vidas. As fontes tradicionais de valores: a igreja, a universidade, o estado estão sob suspeita. A ameaça de extinção escurece o futuro de muitos jovens e que as armas nucleares proliferam e se espalhou para outras nações. Quem sou? O que é a vida? Onde o mundo vai? Estas são as perguntas que apontam a crise que enfrenta muitos jovens e alguns mais velhos.

Outro elemento que contribui para a crise de auto-conhecimento é a perda das raízes históricas. Em muitos casos, a história tornou-se perdido em um campo do conhecimento,

o que é impraticável e irrelevante. Devido a isso, as pessoas e até mesmo nações inteiras não estão mais em contato com quem eles são. As tradições são deixados de fora porque eles são considerados antigos, chatos e esmagadora. Mas as tradições podem nos ensinar muito sobre quem somos. Na verdade muitas pessoas fizeram descobertas sobre si mesmos quando se olha para as suas raízes familiares. No entanto, a pergunta final é: Onde é que a raça humana? Esta é a quintessência de questões históricas. Cristianismo responde a esta pergunta e dá-nos uma sensação de segurança identidade: somos criaturas de Deus, feitas à sua imagem e semelhança e para a comunhão com ele. Toda a raça humana deve a sua origem e continuou a sua existência à vontade e obra de Deus, que criou por amor.

O elemento final que leva à crise de auto-conhecimento humano está relacionada a eventos dramáticos na vida da nação. Às vezes, leva-nos ao ponto de perguntar: "O que está fazendo o nosso país ou nosso mundo?" Desde 1960, uma série de assassinatos políticos e tentativa de homicídio, terrorismo e guerras que têm perguntado para onde estamos indo e se a raça humana como um todo enlouqueceu. A contradição na raça humana é forte e profundo. Por um lado, somos capazes de grandes realizações, incluindo viagens espaciais e os grandes avanços nas comunicações, processamento de dados e da medicina, mas nós parecemos incapazes de nos controlar. A tecnologia moralmente neutra é usado para fins ruins. Os crimes estão aumentando, e assim é a tensão racial e conflito. Por um lado, os homens parecem ser quase deuses, alcançando as estrelas; em segundo lugar, demônios parecem ser capazes de cruel não encontrado no reino animal. O ser humano é, certamente, em crise, o que exige uma intensa pesquisa e reflexão cuidadosa.

5. Esta doutrina também afeta nossa maneira de ministro. Nosso conceito de seres humanos e seu destino irá afetar a maneira como tratamos eo que nós esperamos fazer para eles. Se pensarmos em seres humanos como seres físicos, principalmente a nossa maior consideração, e talvez a única, será a satisfação das unidades físicas da maneira mais eficiente possível.

Se pensarmos dos seres humanos como essencialmente racional, então nosso ministério apelar principalmente para o seu intelecto. Argumentos presentes e exposições cuidadosamente preparada, a justificação fundamentada para ações e idéias. Nossa premissa básica é que a forma de uma ação desejável daqueles que tentam obter é convencê-los de que este é o melhor curso de ação. Se considerarmos humano principalmente como seres emocionais, vamos recorrer a eles em primeiro lugar em termos de considerações emocionais. Se nós os vemos como seres sexuais, essencialmente, eles conseguem um bom equilíbrio sexual será uma prioridade em nosso ministério a eles. Tanto o que buscamos e como obtê-lo, o nosso conceito de humano é crucial para nossa forma de trabalhar com e para eles.

Imagens da humanidade

As considerações acima devem convencer-nos de que a doutrina da humanidade é particularmente oportuna para estudar e utilizar no nosso diálogo com o mundo não-cristão. Para identificar os problemas colocados pela cultura contemporânea, precisamos olhar mais de perto alguns conceitos atuais da humanidade. Como existem muitas disciplinas diferentes que lidam com a natureza humana, há muitas imagens diferentes.

Uma máquina

Uma dessas perspectivas é o que os seres humanos são capazes. O empregador, por exemplo, você estiver interessado em a força ea energia dos humanos, habilidades ou capacidades de que dispõe. Nesta base, a entidade patronal "alugar" o empregado para um número de horas por dia. Máquinas que os seres humanos são considerados às vezes

torna-se particularmente evidente quando uma máquina substitui o homem no seu trabalho. Um robô, mais precisa e consistente, muitas vezes melhor trabalho realizado; de fato, ele requer menos atenção, não requer aumentos salariais e não perde tempo para a doença.

A principal preocupação dos que têm esse conceito dos seres humanos irá atender a essas necessidades da pessoa (máquina) que permitem continuar a trabalhar de forma eficaz. Cuidados de saúde do empregado, não porque pode causar a pessoa, mas pelo efeito que tem sobre a eficiência do trabalho. Se uma máquina, ou a introdução de tecnologia pode melhor fazer o trabalho, ele não hesitará em tomar as medidas porque o trabalho é o objetivo e a preocupação mais importante. Além disso, o trabalhador é pago o mínimo necessário para executar a tarefa.

Essa idéia também desliza no interior da igreja até o momento. Você pode apreciar as pessoas para o que eles podem fazer. Igrejas podem refletir sobre sua escolha de pastores, querendo alguém que pode fazer uma tarefa ministerial eficaz e eficiente. Pode haver uma preocupação especial para recrutar membros que possa realizar o trabalho da igreja. Convertidos potenciais podem ser considerados principalmente como "unidades de doadores" que podem ajudar a financiar o programa da igreja. Um pastor chamado suas visitas a idosos e doentes de sua congregação "visitas de lixo", porque essas pessoas não poderiam contribuir muito para o trabalho da igreja. Em todos estes casos o conceito de homem como uma máquina é esta: ele valoriza as pessoas por aquilo que eles podem fazer, e não o que ele pode fazer por eles.

Nesta abordagem, as pessoas pensam que são basicamente as coisas, meio para um fim e não um fim em si mesmos. Eles têm valor na medida em que eles são úteis. Eles podem se deslocar de um lugar para outro, como se fossem peças de xadrez, como fazem algumas grandes empresas com pessoal, manipulando-os, se necessário, para atender a função pretendida deles.

Um animal

Outro ponto de vista considera o ser humano principalmente como um membro do reino animal derivados de algumas das suas formas mais elevadas. Os seres humanos apareceu na mesma maneira como outros animais, e tem um fim semelhante. Não há diferenças qualitativas entre os homens e outros animais. A única diferença é de grau: eles têm uma estrutura física diferente um pouco, mas não tem de ser necessariamente mais elevados uma maior capacidade craniana, um mecanismo de estímulo, - resposta mais treinado.

Este ponto de vista da humanidade é talvez mais desenvolvido em psicologia comportamental. Destina-se principalmente a motivação humana em termos biológicos. Conhecimento da humanidade é realizado, não pela introspecção, mas experiências com animais.

O comportamento humano pode ser afectada por processos semelhantes ao animal. Como os cães de Pavlov aprenderam a salivar quando um sino é tocado, os seres humanos podem ser condicionados a reagir de determinadas maneiras. O reforço positivo (recompensa), e menos desejável, reforço negativo (castigo) são meios de controlo e de treinamento.

Um ser sexual

Sigmund Freud considerava a sexualidade como a chave para a natureza humana. Em um mundo onde o sexo não é abertamente discutido ou sequer mencionado nos círculos educados, Freud desenvolveu toda uma teoria da personalidade em torno da sexualidade humana. Seu modelo da personalidade humana foi tripartite. Eles são o id, uma mão essencialmente amoral, um caldeirão fervilhante de impulsos e desejos. Derivada, o ego

é a parte consciente da personalidade, a parte mais pública do indivíduo.¹¹ Estas forças aqui, um pouco modificadas, buscando a gratificação. O superego é um censor ou controle de impulsos e emoções da pessoa, a interiorização da restrição e regulação (ou, pelo menos, endereço) pai de atividades da criança. A grande força motriz ou fonte de energia é a libido, uma força sexual básica, buscando a gratificação de qualquer maneira e em qualquer lugar. Basicamente, todo o comportamento humano deve ser entendido como uma modificação deste plástico e abordar a energia sexual. Esta energia pode ser sublimada em outros tipos de comportamento direcionado para outros objetivos, mas continua a ser o principal determinante do elemento humano.¹³

De acordo com os termos de Freud, pode causar grave insuficiência na maneira de lidar com esta energia sexual. Parece que o bônus integral e gratuita, uma situação que tornaria a sociedade, a sociedade impõe limitações na busca da satisfação e da agressividade que muitas vezes acompanha-lo. Essas limitações podem causar frustração. Uma incompatibilidade grave também ocorre quando o desenvolvimento sexual de uma pessoa pára em um dos primeiros estados no processo. Essas teorias de Freud repousa sobre o conceito de que todo comportamento humano é basicamente derivada de motivação e energia sexual.

Embora o quadro teórico desenvolvido por Freud não atingiu um amplo acordo, o pressuposto básico é amplamente aceito. Forma bastante grosseira, a filosofia da "Playboy" assume que o ser humano é essencialmente um ser sexual, e sexo é a experiência humana mais significativa. Grande parte da publicidade que existe hoje também expor esta idéia parece como se ninguém poderia vender nada sem uma conotação sexual. A preocupação com o sexo sugere que, na prática, a idéia de que o homem é essencialmente um ser sexual é predominante em nossa sociedade.

Às vezes, o cristianismo com seus códigos de ética, especialmente o cristianismo evangélico, é criticado por ser muito dura com o sexo. Joseph Fletcher é um daqueles que colocar voz a esta avaliação. Mas a ética cristã é excessivamente crítico ou estão simplesmente respondendo ao papel excessivo do sexo em nossa sociedade? CS Lewis observou que uma parte considerável da actividade da nossa empresa é baseado em uma preocupação excessiva para a sexualidade humana:

Podemos reunir público considerável para um número de striptease; ou seja, para ver como uma mulher nua no palco. Suponha que vêm para um país onde eles poderiam encher um teatro, bastando a apresentação no palco fonte interior, em seguida, levantando lentamente a tampa para permitir que todos possam ver, pouco antes da policia luzes, que continha uma costeleta de carneiro ou de um fatia de bacon, você não pensaria que nesse país algo havia distorcido em relação ao apetite para o alimento? E eu não acho que alguém que tinha crescido em um mundo diferente que algo igualmente estranho aconteceu em conta o instinto sexual entre nós.

Um orçamento ser

Outra idéia é que as forças econômicas são o que realmente afetar e motivar os seres humanos. Em certo sentido, essa idéia é uma extensão da idéia de que o ser humano é essencialmente um membro do reino animal. Centra-se sobre a dimensão material da vida e suas necessidades. A comida, roupas e moradia adequada são as necessidades humanas mais importantes. Quando as pessoas têm os recursos econômicos para fornecer estes na forma mais adequada para si e para aqueles que dependem deles, estão satisfeitos, ou chegaram ao seu destino.

A ideologia que se desenvolve de forma mais abrangente e coerente a humanidade compreensão é sem dúvida o comunismo, ou como é chamado em uma maneira mais precisa: o materialismo dialético. Esta ideologia consideradas as forças econômicas que impulsionam a história através de estágios progressivos. Primeiro foi a escravidão; Nesta fase, os proprietários da empresa tinha toda a riqueza, que incluiu outros seres

humanos. Depois veio o feudalismo, onde o modelo foi a relação senhor e servo. Depois veio o capitalismo, onde a classe dominante possuía os meios de produção e contratou outros para que eles trabalhem para eles. No capitalismo liberal, permanece posse privada de fazendas e fábricas, mas o governo impõe certas limitações sobre os proprietários, o que torna mais fácil para posicionar os trabalhadores para a negociação. Chegará um momento em que não há propriedade privada dos meios de produção. Eles serão totalmente propriedade do Estado. O fosso econômico entre as classes desaparecer, e com ela o conflito entre eles; nesta sociedade sem classes, o mal murchar. Nesta última etapa da dialética, o lema do comunismo será cumprida. "De cada um de acordo com suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades" O material e forças econômicas levaram a história até seu fim último.

Se o materialismo dialético é a formulação mais completa dessa filosofia, não é o único. A nível popular, o conceito de que os seres humanos são motivados principalmente por forças econômicas parece ser a filosofia de uma grande porcentagem de políticos americanos. Presumivelmente, eles refletem o que as pesquisas de dizer-lhes que são as principais preocupações da maioria dos eleitores. Essas forças econômicas estão a trabalhar para influenciar questões como as tendências da população. Pense, por exemplo, o clima não é primariamente, ou pelo menos diretamente, o que influencia o lugar onde a maioria das pessoas vive. Mais recursos são: a disponibilidade de empregos.

Um fantoche do universo

Particularmente entre certos existencialistas, mas também em setores mais amplos da sociedade, encontramos a idéia de que os seres humanos estão à mercê de forças mundiais que controlam o seu destino, mas você realmente não se importam com eles. Eles são considerados forças cegas, forças de azar em muitos casos. Às vezes é forças pessoais, mas ainda são forças sobre as quais os indivíduos não têm nenhuma influência, e superpotência política. Esta é basicamente uma visão pessimista mostrando às pessoas como ser esmagado por um mundo que é hostil ou pelo menos indiferente ao seu bem-estar e necessidades. O resultado é um sentimento de impotência, de futilidade. Bertrand Russell eloquentemente expressa esse sentimento de "desespero incessante".

Que o homem é o produto de causas que não tinham previsão do fim que estavam atingindo; que sua origem, seu crescimento, suas esperanças e medos, seus amores e crenças, mas são o resultado da colocação accidental de átomos; que nenhum fogo, nenhum heroísmo, nenhuma intensidade de pensamento e sentimento, pode preservar a vida individual além da sepultura; que o trabalho das eras, toda a devoção, toda a inspiração, todo o brilho do gênio humano, estão destinados à extinção na vasta morte do sistema solar e todo o templo das realizações do homem deve inevitavelmente ser enterrado sob a restos de um universo em ruínas, todas essas coisas, se alguém poderia discutir, eles são tão seguros, que nenhuma filosofia que as rejeita pode ser mantida. Somente o andaime destas verdades, apenas sobre o alicerce firme de desespero inflexível, pode construir a partir de agora o quarto alma com segurança ...

A vida do homem é pobre e impotente; sobre ele e toda a sua raça o destino lento e seguro cai escuro e implacável. Cego para o bem eo mal, desatento para a destruição, a matéria onipotente avança implacavelmente; porque o homem, condenou hoje a perder os mais dispostos, também vai amanhã as portas do escuro, você só precisa ver, antes de ocorrer o acidente vascular cerebral, os pensamentos sublimes que enobrecem a sua pequena dia ... orgulhosamente desafiando o irresistíveis forças que toleram, por um momento, seu conhecimento e sua condenação, para sustentar sozinha, um cansado, mas inflexível Atlas, o mundo formaram seus próprios ideais, apesar de a marcha destrutiva do poder inconsciente.

O existencialista Jean-Paul Sartre desenvolveu este tema do absurdo e desespero em muitos de seus escritos. Um deles, "The Wall", conta a história de um membro de um grupo revolucionário que foi capturado. Ele será executado a menos que revelar o paradeiro do líder do grupo, Gray. Ele sabe que Gray está escondido em um porão, mas

está determinado a não divulgar esta informação. Enquanto espera por sua morte, ele reflete sobre sua vida, sua namorada, seus valores. Por fim, em tom de brincadeira diz que os guardas que Gray está escondido no cemitério. Eles vão procurar por ele. Quando você se tornar o herói é liberado, porque sem que ele soubesse, Gray havia deixado seu esconderijo para se esconder no cemitério e é pego lá. A vida do herói - uma vida que não quer mais - foi salvo por uma ironia do destino.

Albert Camus também captou essa idéia geral em sua reelaboração do mito clássico de Sísifo. Sísifo tinha morrido e ido para o submundo. No entanto, ele foi enviado de volta à Terra. Quando ele foi chamado de volta para o submundo, ele se recusou a voltar porque gostei completamente os prazeres da vida. Como punição, ele foi trazido de volta e condenado a empurrar uma pedra até o topo de uma colina. No entanto, ao chegar ao topo, a pedra rolou. Ele teve que ir para baixo novamente para a parte inferior do morro novamente e empurre a pedra até o topo, onde isso iria cair para trás. Foi destinado a repetir este processo indefinidamente. Apesar de todos os seus esforços, houve um resultado permanente. E estão imersos em pensamentos de medo da morte, o futuro extinção natural do planeta, a destruição nuclear, ou simplesmente na luta contra o controle do poder político e econômico, todos os que sustentam que um ser humano é basicamente um fantoche à mercê do universo que eles são dominados por um sentimento semelhante de impotência e resignação.

Um homem livre

A abordagem que enfatiza a liberdade humana vê a vontade humana como a essência da personalidade. Esta abordagem básica é muitas vezes evidente nas idéias políticas e sociais conservadoras. Aqui a liberdade é a questão mais importante, já que permite que os seres humanos para desenvolver a sua natureza essencial. O papel do governo é apenas para garantir um ambiente estável para exercer essa liberdade. Além disso, a idéia de deixar ir é seguido. O excesso de regulamentação, como o paternalismo para fornecer todas as necessidades e exclui a possibilidade de falha é evitado. É melhor deixar em liberdade precisa ser livre, mas há uma escolha real.

Segundo os defensores desta idéia, a necessidade humana básica é a informação que torna possível uma escolha inteligente. Dos três requisitos para a ação: saber o que fazer, eu sei o que deve ser feito e a capacidade de fazer o que você quer fazer, o único problema real é o primeiro fator. Porque uma vez que você tem bastante informação para fazer uma escolha inteligente sobre o que deve ser feito (o que, naturalmente, ter em conta os objectivos e as competências pessoais), não há nada interno ou externo, se o governo garante que não um ambiente favorável, o que impede os actos pessoa.

Este ponto de vista sustenta que não só os seres humanos têm a capacidade de escolher, mas devem. Para ser uma pessoa completa, deve-se aceitar a responsabilidade de auto-determinação. Todas as tentativas de rejeitar essa responsabilidade para si mesmo são impróprios. A desculpa comum é o condicionamento genético "Eu não posso controlar o meu comportamento. É em meus genes. Eu herdei do meu pai, "Outro é o condicionamento psicológico". Eu fui criado dessa maneira. Eu não posso ajudar do jeito que eu sou "ou condicionamento social". Quando eu cresci eu não tinha escolha. Não houve oportunidade de obter uma educação. "Todas essas desculpas são exemplos do que o existencialismo chamados" existência inautêntica, "dispostos a aceitar a responsabilidade por si mesmo. Esta incapacidade de exercer a liberdade que você tem é uma negação da dimensão fundamental da natureza humana e, portanto, uma negação da humanidade um possui. Da mesma forma, é errado para qualquer esforço de privar outras pessoas de sua liberdade de escolha, seja através da escravidão, de um governo totalitário, um estilo manipulador democracia excessivamente regulamentar ou social. O poema de William Ernest Henley do "Invictus" expressa muito bem essa filosofia que um ser humano é essencialmente um homem livre:

Na noite que me cobre,
Preto como o poço do abismo,
Agradeço aos deuses que poderia ter
Para minha alma inconquistável ...

não importa quão estreita a porta,
ou quão numerosas são as punições,
Eu sou o mestre do meu destino;
Eu sou o capitão da minha alma.

Um estar social

A perspectiva final é que um indivíduo humano é fundamentalmente um membro da sociedade. Pertencer a um grupo de pessoas e se relacionar com eles é o que realmente distingue a humanidade. Alguém que não está relacionado com outros seres sociais não é inteiramente humano. Em certo sentido, não é realmente humano, exceto quando estiver operando dentro de um grupo social, não cumprindo o seu propósito humano ou telos.

Este ponto de vista, muitas vezes inclui a idéia de que os seres humanos realmente não tem tal natureza. A pessoa é o conjunto de relações em que está envolvida. Isto é, a essência humana não é uma substância ou tem uma natureza fixa definível, mas sim nas relações e rede de conexões que temos com os outros. Fomentar essas relações que o indivíduo pode se tornar totalmente humano. A igreja pode ajudar uma pessoa a cumprir o seu destino, fornecendo e incentivando-os a tomar as relações sociais construtivas.

A visão cristã da humanidade

Vimos diferentes conceitos sobre a natureza da humanidade, nenhum dos quais é satisfatória como uma idéia de como viver. Alguns, como a idéia de homem e animal, pode servir como uma teoria abstrata, mas mesmo o biólogo acredita que seu filho recém-nascido é simplesmente um mamífero ninguém. Outras idéias falham porque quando eles atender às necessidades do seu ponto de vista são fundamentais para (por exemplo, necessidades econômicas e sexuais) humanos ainda há um sentimento de vazio e insatisfação. Outros pontos de vista como mecanicista, são despersonalizar e, portanto, frustrante. Você pode considerar que estas são formas satisfatórias de compreender a humanidade de lado apenas aspectos de sua experiência. O ponto de vista cristão, ao contrário, é uma alternativa compatível com toda a nossa experiência.

A visão cristã da humanidade, que é objecto de cinco parte deste livro é que o ser humano é uma criatura de Deus, feita à imagem de Deus. Isto significa, em primeiro lugar, você tem que entender que a humanidade não se originou através de um processo de evolução accidental, mas por uma consciente e determinado ato de Deus. A razão da existência humana reside na intenção do Ser Supremo.

Em segundo lugar, a imagem de Deus é intrínseca e essencial para a humanidade. Embora o significado deste conceito é explorado no capítulo 24, podemos ver que o que é que separa os humanos do resto da criação, só eles são capazes de ter uma relação pessoal com o Criador consciente e responderá; pode conhecer a Deus e entender o que você quer dele, eles podem amar, adorar e obedecer a seu Criador. Estas respostas podem atender mais plenamente a intenção do Criador para humano.

O ser humano tem também uma dimensão eterna. Comece o ponto definido no tempo foi a criação por um Deus eterno, que deu aos seres humanos um futuro eterno. Portanto, quando perguntamos o que é bom para os seres humanos, não devemos responder em termos de bem-estar ou único conforto físico temporário. Ele deve chegar a outra dimensão (e, em muitos aspectos mais importantes). Consequentemente, nenhum favor aos seres humanos quando nós protegê-los pensar sobre as questões do destino eterno.

Mas, certamente, o ser humano como parte da criação física e do reino animal, têm as mesmas necessidades que os outros membros desses grupos. A nossa aptidão é importante. Como Deus está em causa, ele também deve ser motivo de preocupação para nós. Nós também somos seres unificados; portanto, dor e fome afeta nossa capacidade de concentrar-se na vida espiritual. E nós somos seres sociais, colocados na sociedade para trabalhar através de relacionamentos.

Não podemos descobrir o nosso verdadeiro significado considerando-nos a nós mesmos e nossa própria felicidade como os maiores valores, e encontrar a felicidade, realização, satisfação ou procurá-lo diretamente. Nosso valor foi dado a nós por um ser superior. É de lá que vem a satisfação derivada do compromisso com Deus. Foi quando percebemos a verdade nas palavras de Jesus: "quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; e quem perder a sua vida por minha causa e do evangelho, esse a salvará "(Marcos 8:35).

Muitas das perguntas que a cultura contemporânea faz directa ou implícita são respondidas pela visão de que o cristianismo tem da humanidade. Além disso, este ponto de vista dá um sentido de identidade para os indivíduos. A imagem do homem como uma máquina leva à sensação de que somos partes que passam despercebidos e sem importância. No entanto, a Bíblia indica que Deus nos valoriza e conhece cada um de nós: a nossa cabeça estão contados (Mateus 10: 28-31). Jesus fala do pastor que, enquanto noventa e nove ovelhas em segurança na dobra, é olhar para o que se perdeu (Lc. 15: 3-7). É assim que Deus considera cada ser humano.

O que estamos dizendo aqui é que a perspectiva cristã sobre os homens é mais relevante para eles do que qualquer outro ponto de vista. Esta imagem da humanidade explica toda a gama de fenômenos humanos de forma mais completa e com menos distorção do que qualquer outro. E esta abordagem à vida, mais do que qualquer outro, permite-nos trabalhar maneiras mais satisfatórias a longo prazo.

O salmista perguntou:

Que é o homem para que te lembres dele,
eo filho do homem que você visitá-lo?

Você fez pouco menor que os anjos
e coroados de glória e de honra.
Você dar-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos;
você colocar tudo debaixo de seus pés. [Sl. 8: 4-6]

O que é o homem? Sim, isso é uma questão de grande importância, que a revelação bíblica dá a melhor resposta.

23. A origem da humanidade

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e compreender o significado de "origem" sobre a humanidade vai além do início e também inclui finalidade científica.
- Identificar e compreender o estado de Adão e Eva, tanto bíblica e histórica.
- Identificar e descrever cinco pontos de vista diferentes sobre o início do homem.
- Identificar e descrever quatro visões conservadoras sobre a idade da raça humana, e como eles se relacionam com o problema de elementos do Neolítico Gênesis 4.

- Explique o significado teológico da criação humana e sua importância para uma cosmovisão cristã.

Resumo do capítulo

O objetivo de colocar os seres humanos na Terra vai além da simples explicação da existência física dos seres humanos e é explicado na revelação bíblica. De acordo com Romanos 5 e 1 Coríntios 15, não podemos aceitar a posição de Brunner sobre criação, mas devemos considerar Adão e Eva literalmente como indivíduos. Dos cinco posições sobre os primórdios do ser humano, criacionismo progressivo parece estar a ter menos problemas. Da mesma forma, a evidência parece apoiar a posição que a cultura pode ser datada de cerca de 30 mil anos o surgimento da linguagem. Há cinco posições sobre os elementos do Neolítico em Gênesis 4. Você não pode chegar a qualquer conclusão definitiva. Finalmente, você começa a nove conclusões sobre o significado teológico da criação.

Questões de estudo

1. Como você distinguir entre os primeiros humanos e origem humana?
2. Como defender uma resposta ortodoxa ao status de Adão e Eva em oposição à posição de Emil Brunner?
3. Comparar e contrastar os cinco pontos de vista sobre o início do homem.
4. Articular uma posição para tentar explicar o início da humanidade. O que é o apoio bíblico para a sua posição?
5. Como você descreveria quatro visões conservadoras sobre a idade da raça humana, e defender o que?
6. Qual é o problema em Gênesis 4 e que soluções foram oferecidas para explicar e resolver isso?
7. Quais são os nove conclusões sobre o significado da criação humana e como eles nos ajudam melhor a nós mesmos e compreender toda a humanidade?

O significado de "Origem"

O estado de Adão e Eva

As opiniões sobre o início da humanidade

 Evolução naturalista

 Criação instantânea

 Evolução deísta

 A evolução teísta

 Criacionismo progressivo

A idade da raça humana

 Quatro pontos de vista conservadores

 O problema de elementos do Neolítico em Gênesis 4

O significado teológico da criação humana

O significado de "Origem"

Quando falamos sobre a origem da humanidade, estamos nos referindo a mais do que apenas o começo. Desde "start" refere-se apenas ao fato de vir a existir. Por isso, falando de "o começo do humano" é um tipo de referência puramente científico para o fato de que

os seres humanos vieram a existir, e talvez a maneira em que isso aconteceu. Mas "origem" denota a finalidade deste fato. Em termos de existência individual, o início da vida de uma pessoa é sempre o mesmo acontece quando o esperma de um homem combina com o óvulo de uma mulher. Mas, de um ponto de vista terreno, a origem de toda a vida é diferente. Na verdade, em alguns casos pode ser considerada incorrecta para falar de origem. Porque enquanto alguns nascimentos são o resultado do plano definido e desejo de duas pessoas para ter um filho, outros são produto indesejado de uma união física entre duas pessoas, talvez o resultado de um descuido. A teologia não é apenas uma questão de como indivíduos na face da Terra, mas por que eles aparecem, ou o propósito por trás de sua presença aqui. A perspectiva de início humana oferece pouca orientação sobre o que somos eo que fazemos, mas sob a ordem de uma informação mais clara e mais completa sobre a natureza do homem vem entendimento. A imagem bíblica da origem da humanidade é que um Deus sábio, todo-poderoso e bom criou a humanidade a amar e servi-Lo e para desfrutar de um relacionamento com ele.

O estado de Adão e Eva

Genesis contém duas contas da criação de seres humanos por Deus. A primeira, em 1: 26-27, simplesmente coleta (1) a decisão de Deus para fazer os seres humanos em sua imagem e semelhança e (2) a ação de Deus para implementar sua decisão. Nada é dito sobre os materiais ou o método utilizado. A primeira história coloca uma ênfase maior sobre a finalidade ea razão para a criação de seres humanos; isto é, ser frutífero e multiplicar (v. 28) e dominar a terra. A segunda história, Gênesis 2: 7, é bem diferente: "O Senhor Deus formou o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida eo homem se tornou um ser vivente." Aqui a ênfase parece estar a caminho em que Deus criou.

Eles criaram e promulgada muitas interpretações diferentes sobre o estado do primeiro casal humano. Houve uma divergência clara sobre se Adão e Eva têm que ser considerados como figuras históricas verdadeiras ou são meramente simbólica. A visão tradicional tem sido de que eles eram pessoas reais e eventos que a Bíblia tenha ocorrido no espaço e no tempo. No entanto, uma série de teólogos contestou este ponto de vista.

Um dos que rejeitaram mais fortemente esse ponto de vista foi Emil Brunner. Ao contrário de Karl Barth, Brunner reconheceu a historicidade de Adão e Eva é o que importa. Barth disse que o que realmente importa não é se a serpente do paraíso falou a verdade, mas o que ele disse. No entanto, Brunner estava considerando apenas uma evasão inteligente da pergunta a ser feita, e não só para fins apologéticos, mas também para fins teológicos.²

De acordo com Brunner, a história de Adão e Eva devem deixar questões externas e internas. Por questões externas compreendeu considerações empíricas. Evidência da ciência natural, como a evolução biológica, paleontologia e da história está em conflito com a tradição da igreja. Em particular, enquanto o ponto de vista eclesiástico requer a idéia de uma idade de ouro passada, com seu ensino de uma criação originalmente perfeita inocente e sua subsequente queda no pecado, a evidência científica indica cada vez mais uma forma humana primitiva como mais retrocedemos. Embora a evolução é um fato firmemente estabelecida, a nossa ideia de os primórdios da raça humana, que na melhor das hipóteses é uma idéia vaga e fraco não se encaixa com o retrato bíblico de Adão e Eva. Portanto Brunner acreditava que a igreja deve abandonar a crença de que eles eram pessoas reais, como este traz nada além de desprezo e zombaria à igreja.

Brunner considerou razões internas eram ainda mais importante. O verdadeiro problema com o ponto de vista eclesiástico é que ele mantém a história de Adão e Eva é no plano da história empírica. Quando você pensa dessa forma, o relato bíblico está em desacordo com a explicação científica das origens humanas. A explicação científica defendendo não pode manter qualquer coisa conta cristão ou bíblico, desde que acreditam

que o relato bíblico tentativa de fornecer uma explicação factual. Isto é verdade para a adoção de um naturalismo mecanicista e evolutiva idealista, como Friedrich Schleiermacher e teólogos hegeliana.

Brunner sustentou que nada está perdido, abandonando a idéia de que a história de Adão e Eva coleta eventos históricos. Pelo contrário, deixando essa idéia é uma purificação necessária da doutrina da humanidade mais do que questões teológicas científicos. Enquanto eles acreditam que o relato bíblico preocupa-se com as duas pessoas descritas no mesmo, ele terá pouco a ver com qualquer outra pessoa. No entanto, quando for lançado a partir da visão tradicional da Igreja, podemos ver que a discussão bíblica sobre as origens humanas não é sobre um homem particular, Adam, que vivia há muito tempo, mas sobre você, e qualquer outro pessoa no mundo.

Em muitos aspectos, a abordagem Brunner compara o relato da criação com uma parábola, como o filho pródigo. Se o "Filho Pródigo" é considerada um fato, então ele não é mais que uma história interessante sobre um jovem que saiu de casa durante séculos. Se, por outro lado, é entendido como Jesus era para ser entendido, isto é, como uma parábola, em seguida, é aplicável e relevante para nós hoje. Da mesma forma a história de Adão e Eva não deve ser considerado como uma coleção de eventos na vida de duas pessoas. Adam tem um nome não é significativo, porque Adão significa "homem". O Gênesis, portanto, não é sobre duas pessoas que viveram há muito tempo, mas é realmente alguma verdade para cada um de nós hoje .

Como devemos considerar esta interpretação? Será que isso importa realmente se a história de Adão e Eva é considerado um relato histórico de duas pessoas reais no início da raça humana, ou uma história representante de todos nós? A questão não é simplesmente como eles considerado o autor da história, como alguns poderiam dizer a perspectiva de que Adão e Eva eram histórica foi a maneira em que o autor expressa a doutrina que continha a história. Este formulário pode ser modificado sem a essência da doutrina foi perdido. Mas a perspectiva de que Adão e Eva são figuras históricas é a única maneira de expressar a doutrina da origem da humanidade, ou em um sentido é a sua essência?

Uma abordagem para este problema é examinar a maneira do Novo Testamento vê Adam. É verdade que a palavra Adam pode ser tomado como um termo geral ou classe ("humano"), em vez de como um nome próprio. No entanto, em duas passagens: Romanos 5 e 1 Coríntios 15, Paulo relaciona o pecado humano com Adão de uma forma que torna difícil a considerar "Adam" apenas como um termo representativo. Em Romanos 5: 12-21 Paulo se refere várias vezes a pecar também se refere à obediência, graça e integridade de Paulo está fazendo um paralelo entre Adão e homem "Um homem, Jesus Cristo" "um homem.". o homem Jesus Cristo. Note-se que a parte negativa da exposição doutrinária de Paulo reside na realidade de Adam. O pecado, culpa e morte são fatos universais da existência humana; Eles são partes essenciais da doutrina de Paulo sobre a humanidade. Paulo explica que todos os seres humanos morrem porque o pecado entrou no mundo por uma só pessoa. A morte é uma manifestação da condenação resultante do pecado de um só homem. Por isso, é difícil concluir que não o Paulo acreditava que Adão era uma pessoa privada que cometeu um pecado que foi significativo para o resto da raça humana nada.

Em 1 Coríntios 15 posição de Paulo torna-se ainda mais evidente. Ele diz que a morte veio por um homem (21 v.) Em seguida, deixa claro (v 22). Refere-se a Adam. No versículo 45 Paulo refere-se distintamente o "primeiro homem, Adão." Se Adão entendeu que a palavra sempre significa "humano" Há, pelo menos, alguma redundância aqui. Parece que é suficientemente claro que Paulo acreditava que Adão foi uma pessoa histórica real.

Como você está razões, concluímos que os escritores do Novo Testamento, como Paul acreditam não só que Adão e Eva realmente existiu, mas considerou-os uma parte indispensável da doutrina da humanidade. Mas é essa idéia sustentável? O que os dados

científicos estabeleceram a origem da raça humana? Você ter excluído um começo monogenico de Adão e Eva? Embora a resposta depende muito da definição dada a humanidade (um tópico discutido mais adiante neste capítulo), fatores comuns na raça humana, por exemplo interfertilidade, foi sugerido em uma origem comum.

As opiniões sobre o início da humanidade

Se Deus realmente sustentam que a raça humana começou com duas pessoas, Adão e Eva, e que toda a humanidade descende do primeiro par, continuamos tendo-nos a enfrentar a questão de como eles se originaram. Aqui estão uma variedade de explicações, que diferem principalmente em dar mais importância a elementos específicos ou elementos progressivos na origem da raça humana.

Por um lado, a ortodoxia conservadora tende a enfatizar eventos patentemente instantâneas e sobrenaturais. Acredita-se que a obra de Deus quase sempre caracterizado pelo seu imediatismo e descontinuidade, ou cortes drásticos no processo natural. É quase como se um evento deve ser considerado trabalho claramente sobrenatural de Deus.

Borne Borden Parker diz um muito oportuna para esta história. Um rei Oriental perguntou um de seus conselheiros para lhe mostrar algum sinal de as obras maravilhosas de Deus. O conselheiro disse ao rei que eu possa plantar quatro bolotas. Quando o rei olhou após o plantio, vi quatro árvores crescidas. Acreditando que ele havia gasto apenas um momento, ele pensou que um milagre havia acontecido. Quando o conselheiro disse ao rei que tinha sido oitenta anos de idade, e esta foi a que teve idade e que suas roupas estavam agora exaustos, exclamou com raiva. "Então não foi um milagre" "Oh sim, era", respondeu o conselheiro "é Deus, não importa o que leva um segundo ou oitenta." Fundamentalismo, às vezes, parece exigir uma ação imediata, não só porque é o que a Bíblia ensina, mas porque o imediatismo parece ter um caráter sobrenatural inerente . Leonard Verduin fala de "comunidade de peixes." ⁷

Liberalismo, entretanto, enfatiza o processo. Basicamente Deus trabalha na e pela natureza. Ele inicia um processo e executa o alvo pretendido. Não intervir; isto é, não muda a partir do que foi sendo feito a partir de dentro do processo.

A diferença entre estes dois pontos de vista é realmente em nossa compreensão de Deus e sua relação com o mundo. O fundamentalista enfatiza que Deus é transcendente e trabalhar directamente ou descontínua. Além disso, o liberalismo enfatiza que Deus é imanente, trabalhando através de canais naturais. Cada ponto de vista é que o outro é inadequada. Mas como Deus é tanto transcendente e imanente eles devem manter os dois ênfase, ou pelo menos na medida em que é ensinada na Bíblia.

Evolução naturalista

Hoje, existem opiniões diferentes sobre a origem da espécie humana. Eles diferem no lugar atribuído aos dados bíblicos e científicos. Um desses pontos de vista é a evolução naturalista. É uma tentativa de explicar a espécie humana, como todas as outras formas de vida, sem recorrer a uma explicação sobrenatural. Processos imanentes dentro da natureza ter produzido seres humanos e tudo o que existe. Nenhuma implicação de qualquer pessoa divina, no início ou durante o processo.

Tudo que é necessário, de acordo com a evolução natural, eles são átomos de movimento. Uma combinação de átomos, movimento, tempo e oportunidade é o que tem moldado o que temos agora. Não tente explicar esses elementos simplesmente existem e são a base de tudo.

Nosso mundo é o resultado da combinação acidental ou chance de átomos. Em níveis mais altos do processo ou mais tarde, ele executa algo chamado de "seleção natural". A natureza é extremamente prolífica. Ela produz mais descendentes das diferentes espécies que podem sobreviver. Devido à escassez de recursos competição da vida ocorre. O

melhor, o mais forte, o mais adequado é o sobrevivente; outros não. Em consequência, uma melhoria gradual ocorre na espécie. Além disso, as mutações ocorrem. Há mudanças súbitas, novas funcionalidades que não estavam em gerações anteriores de uma espécie. Das muitas mutações que ocorrem, a maioria é inútil e até prejudicial para a espécie, mas alguns são realmente úteis para a competição. Depois de um longo processo de seleção natural e mutações, seres humanos apareceram em cena. Eles são organismos altamente complexos com habilidades superiores, não porque alguém estava planejando ou então seria torná-los dessa maneira, mas porque estas características lhes permitiu sobreviver.

Embora a evolução naturalista não é necessariamente a melhor explicação para os dados científicos, pelo menos, é compatível com eles. Nada no campo da biologia, da antropologia ou paleontologia parece contradizer absolutamente; Além disso, essas disciplinas não oferecem apoio material todas as suas idéias. Em tais casos, é necessário tomar algumas das leis da natureza geralmente aceito como uniformidade. Mas a verdadeira dificuldade surge quando tentamos conciliar essa idéia com o ensino bíblico. Certamente, se há algo que afirmam os primeiros capítulos do Gênesis, é o fato de que um ser pessoal estava envolvido na origem dos seres humanos.

Criação instantânea

No lado oposto do espectro é o que às vezes é chamado de criação instantânea ou fiat. Esta é a idéia de que Deus, com um ato direto, quase que instantaneamente deu vida a tudo o que existe. Olhe para duas características dessa visão. Um deles é logo envolvido e, portanto, relativamente recente que é o que aconteceu na criação. Embora tenha havido várias fases da criação, um após o outro, não demorou substancial espaço de tempo desde o início até ao final do processo. Talvez uma semana ou assim. Outro princípio desta visão é a idéia do trabalho direto de Deus. Deus fez o mundo e tudo que nele há, sem utilizar meios indiretos ou mecanismos biológicos, mas através da ação e contato direto. Em cada caso, ou em cada fase, Deus não usar materiais existentes. Novas espécies não surgiu modificando espécie anterior, mas foram criadas novo a partir do zero, ou, dito de outra forma, foram especialmente criados por Deus. Todas as espécies são completamente diferentes um do outro. Especificamente, Deus fez o homem inteiramente por uma única ação criativa e direta; o homem não é de qualquer organização que já existia anteriormente.

Deve ficar claro que não há nenhuma dificuldade em conciliar a criação instantânea com o relato bíblico. Além disso, essa visão reflete uma leitura estritamente literal do texto, que foi a forma como a história foi entendido por um longo tempo na história da igreja. A frase que Deus deu a vida a cada animal e vegetal segundo a sua espécie tem sido tradicionalmente interpretado como ele criou cada espécie individualmente. No entanto, deve notar-se que o nome Hebrew מין (Min), que se traduz como "tipo" na maioria das traduções, é apenas um termo geral de divisão. Pode significar espécie, mas não é específico o suficiente para concluir que ela é. Portanto, não podemos dizer que a Bíblia exige a criação imediata; no entanto, é bastante claro que as autorizações.

É no que diz respeito a dados científicos, onde a criação instantânea encontra dificuldades. Para aqueles que levam a sério esses dados, estes parecem indicar que houve um grande desenvolvimento, incluindo o que parecem ser formas de transição entre as espécies. Há mesmo algumas formas que parecem ser ancestrais da espécie humana.

A evolução teísta

Embora o termo não ouvido muitas vezes, a evolução teísta é talvez a melhor maneira de descrever uma variedade de o que normalmente é chamado de evolução teísta. Esta é a idéia de que Deus começou o processo de evolução, a produção de matéria-prima e

implantando na criação de leis que guiaram seu desenvolvimento. Portanto, o processo programado e, em seguida, retirou-se da participação ativa, tornando-se, por assim dizer, Criador emérito. O progresso da ordem criada é livre da influência direta de Deus. Ele é o Criador de todas as coisas, mas apenas o primeiro componente do processo é criado diretamente. Todo o resto do que Deus criou tem sido feito de forma indireta. Deus é o Criador, a causa última, mas a evolução é o meio, a causa próxima. Portanto, exceto para a idéia do princípio da própria matéria, a evolução teísta é idêntica à evolução naturalista, uma vez que nega qualquer atividade direta de um Deus pessoal durante subsequente processo criativo.

A evolução teísta tem alguns problemas com dados científicos. No entanto, com o material bíblico é uma coisa diferente. Há um conflito definitivo entre a idéia deísta de um Deus ausente e a imagem bíblica de um Deus que tem estado envolvida não apenas em um, mas em uma série de atos criativos. Em particular, os dois relatos de Gênesis sobre a origem dos seres humanos indicam que Deus é distintamente definido e agiu queria criá-lo. Além dos conflitos de evolução deísta com a doutrina bíblica da providência pelo qual Deus se preocupa e é pessoal e intimamente envolvido com o que está acontecendo em eventos específicos de toda a criação.

A evolução teísta

A evolução teísta tem mais em comum com a evolução teísta, mas vai mais longe no que respeita ao envolvimento de Deus com Sua criação. Deus começou o processo de dar à luz o primeiro corpo. Em seguida, ele continuou trabalhando internamente para alcançar seu objetivo com a criação. No entanto, em algum ponto, ele também actuou sobrenaturalmente intervir para modificar o processo, mas utilizando materiais existentes. Deus criou o primeiro ser humano, mas ao fazê-lo usou uma criatura existente. Deus criou uma alma humana e introduziu um dos primatas superiores, transformando essa criatura no primeiro ser humano. Portanto, embora Deus criou a natureza especialmente espiritual de Adão, natureza física era um produto do processo de evolução.

A evolução teísta não tem muitas dificuldades porque os dados científicos demonstram que a dimensão física dos seres humanos vem através da evolução. Por isso, pode acomodar qualquer evidência de continuidade no processo que ocorreu na raça humana. No que diz respeito aos dados bíblicos, a evolução teísta, muitas vezes apóia a idéia de que havia um par original, Adão e Eva. Quando assim é, não há nenhuma dificuldade em conciliar a evolução teísta com o ensino de Paulo sobre a pecaminosidade da raça. Ao tratar os capítulos introdutórios de Gênesis, uma dessas duas estratégias são seguidas. Afirmar que o Gênesis não diz nada específico sobre como os seres humanos se originaram, ou considerar a passagem como simbólica. Neste último caso, "pó" (2: 7), por exemplo, não é feita literalmente. Em vez disso, ele é interpretado como uma referência simbólica a uma criatura existente, menos do que a forma humana. Esta interpretação particular merece uma análise mais aprofundada depois de ter examinado a opção final.

Criacionismo progressivo

Criacionismo progressivo vê obra criadora de Deus como uma combinação de uma série de atos criativos *de novo* e uma operação imanente ou processo. Deus, por vezes, muito separados no tempo, *criada de novo* (isto é, mais uma vez). Nessas ocasiões, ele não usou a vida que existia anteriormente, apenas modificá-lo. Embora ele poderia ter dado vida a algo bastante semelhante a algo já criado anteriormente, fez uma série de mudanças e do produto do que o trabalho era uma criatura completamente nova.

Entre estes atos especiais de criação, o desenvolvimento ocorre através da evolução. Por exemplo, é possível que Deus criou o primeiro membro da família do cavalo, e, em seguida, várias espécies da família foram desenvolvidos através da evolução. Este é um desenvolvimento "em sala de aula" (microevolução), e não "da classe" (macroevolução). No que respeita à afirmação bíblica de que Deus criou todas as criaturas segundo a sua espécie já salientou que a palavra hebraica מִיַּיִן (Min) é bastante vago, por isso não há necessidade de identificar as espécies biológicas. Sua importância pode ser muito mais amplo do que isso. Além disso, ele tem uma grande quantidade de tempo para microevolution ocorrido, uma vez que a palavra יוֹם (Yom), que é traduzida como "dia" também pode ser traduzido mais livremente.

De acordo com o criacionismo progressivo, quando se trata de dar vida ao primeiro homem veio, Deus não fez diretamente e completamente de uma criatura inferior. Pelo contrário, a natureza física e espiritual de Adão foi especialmente criado por Deus. A Bíblia nos diz que Deus fez o "pó" da terra. Este pó não era para ser realmente poeira física. Esta pode ser uma representação pictórica elementar que era compreensível para os primeiros leitores.

Criacionismo progressivo é consistente com a criação instantânea na ideia de que toda a natureza do primeiro humano foi criado especialmente. No entanto, ele discorda afirmando que o verdadeiro desenvolvimento ocorre na criação após o ato direto originais. Ele concorda com a evolução naturalista, evolução teísta e evolução teísta para ver que nenhum desenvolvimento dentro da criação, mas insiste em que existem vários atos de criação *de novo* dentro do processo global. Embora ele concorda com a evolução teísta de que a humanidade é o resultado de um ato especial de criação de Deus, que ultrapassa essa idéia e insiste em que este especial acto criativo envolve toda a natureza humana, ambos parte física e espiritual.

Dadas as premissas e princípios deste livro, as duas opções mais viáveis são a evolução teísta e criacionismo progressivo. Ambos são realizadas por estudiosos que crêem na Bíblia envolvidos, e cada um pode assimilar ou explicar ambos os dados bíblicos e empíricos. A pergunta é: o que pode torná-lo mais completo, plano e com menos distorção do material que é?

Para responder a esta pergunta, é importante perguntar que tipo de material literário que temos em Gênesis 1 e 2. Há elementos simbólicos na história da criação? Provavelmente estamos a lidar com um gênero que nem todos os objetos devem ser entendidos como meros objetos. Tomemos por exemplo, a árvore no jardim do Éden não é apenas uma árvore, mas "a árvore do conhecimento do bem e do mal." Também é possível que o pó foi usado para formar Adam não era só poeira, mas realmente construindo blocos que material orgânico inanimado surgiram e, portanto, vida. Mas suponha que nós interpretamos como fariam evolucionistas teístas, poeira simboliza uma criatura viva que existia anteriormente. O que acontece então?

A pergunta a ser feita é se o simbolismo é consistente. A palavra pó אֲפָרָה ('Aphar "porque és pó e em pó te tornarás." Se entendermos em 2: :) aparece não só em Gênesis 2: 7, 3:19 7 também representa uma criatura existente, somos confrontados com duas opções: o termo é diferente em 03:19 (e também 3:14), e nós situação bastante ridículo que depois da morte de nos voltarmos para se tornar animais. Devemos notar que em graves degenerativas os casos em que a pessoa se torna quase subumanas, a mudança ocorre antes da morte real. Então seria melhor deixar a poeira referência em 03:19 (mais leve) para interpretar 2: 7 (menos clara).

Um segundo problema para o evolucionista teísta é a expressão "eo homem foi feito alma vivente" (Gênesis 2: 7). As palavras traduzidas "alma vivente" são נֶפֶשׁ חַיָּה (Chayah nephesh), que é o mesmo termo usado para indicar as outras criaturas que Deus havia criado anteriormente (1:20, 21, 24). Como vimos, a evolução teísta afirma que a dimensão física do ser humano evoluído a partir de um desses antigos organismos

vivos. Ele alega que como seu pai, a dimensão física de Adão (a quem Deus infundiu alma) e necessariamente deve ter sido um ser vivo. Mas este princípio de evolução teísta contradiz a afirmação em Gênesis 2: 7, que o homem foi feito alma vivente quando Deus formou ele e soprou em suas narinas o fôlego da vida.

Outro argumento às vezes se opõe a evolução teísta é que vai contra a unidade da personalidade humana. Mas a unidade entre as dimensões física e espiritual de um ser humano não parece ser suficientemente completo para invalidar a teoria de que as duas dimensões se originou de diferentes maneiras.

Apesar da fraqueza do terceiro argumento, as duas primeiras considerações parecem suficientemente significativo para fazer a evolução teísta é menos viável para o criacionismo progressivo. Embora este último ponto de vista não é sem dificuldades, explica e melhor integrado na dados bíblica e científica e que deve ser considerada mais apropriada do que a evolução teísta.

A idade da raça humana

Uma questão adicional que precisa ser levantada é a questão da idade da raça humana. Quando apareceu pela primeira vez em seres humanos da terra, especificamente, tal como apresentado pela Bíblia? Os cristãos evangélicos conservadores ou responderam a esta pergunta de diferentes maneiras. Parte da nossa resposta depende de nossa definição de humanidade.

Quatro pontos de vista conservadores

1. O assunto não tem importância. Ou não podemos determinar a idade da raça humana, ou mesmo se não pudéssemos ter uma diferença significativa. BB Warfield escreveu certa vez: "A questão da antiguidade do homem em si não tem significado teológico. Para a teologia, como tal, é totalmente indiferente saber quanto tempo que existe um homem sobre a terra. "Embora seja duvidoso que Warfield aprovar o uso às vezes é feito de esta declaração não parece dar grande importância à questão.

2. toolmaking é a marca da humanidade. A capacidade de conceber, modelar e usar ferramentas é o que distingue os seres humanos a partir de criaturas sub-humanas. Se este for o critério, então a origem da raça humana deve ser datado muito em breve, talvez faz cerca de 500.000 a 2 milhões de anos.

3. A prática de enterrar os mortos é o que separa os seres humanos de outras criaturas. Se este é o critério, identificar o primeiro homem de Neanderthal humana e que remonta cerca de 50.000 anos atrás.

4. A humano distingue-se pela presença e o uso de um complexo de simbolismo ou mais especificamente língua. Apesar de ferramentaria e enterrar os mortos indica um padrão de comportamento bastante sofisticado, é a linguagem que torna possível o tipo de relacionamento com Deus iria experimentar um ser criado à imagem de Deus. Com base nisso, pode-se relacionar o início da raça humana em todo o sentido bíblico da evidência de uma explosão cultural entre 30.000 e 40.000 anos. O primeiro ser humano não deve ser identificada com os neandertais, mas um pouco mais tarde, provavelmente com o Cro-Magnon.

O problema da idade da raça humana não for resolvido facilmente. Uma resposta que às vezes é dado para a questão de onde ele se encaixa nos registros paleontológicos Adam é: "Diga-me como foi Adão e dizer-lhe onde ele se encaixa dentro dessa cadeia." É claro que isso significa zombando resposta não poupa o problema real.

A primeira visão resumida acima é insustentável. Importa quando Adão foi criado porque existem fenômenos na descrição de seus descendentes imediatos em Gênesis 4 que são identificáveis como Neolítico. Quando nos relacionamos com as histórias bíblicas

de Adão e seus descendentes com os dados da antropologia, várias questões a serem abordadas com a disciplina de surgir apologetica.

O segundo ponto de vista considera que fazer ferramentas é o que distingue a humanidade, não parece muito satisfatório. Sua tese básica tem sido contestada por várias descobertas. Por exemplo, Jane Goodall observou chimpanzés quebrou galhos, tirou as folhas e usou para sondar cupinzeiros em busca de alimento. Os chimpanzés tinham ramificações até um quilômetro de um ninho para outro. Goodall concluiu: "Ao fazer isso ... o chimpanzé atingiu o primeiro início rudimentar de ferramentas de construção ... É pouco provável que esta pesquisa padrão de cupins é um comportamento inato."

A terceira visão teoriza que o enterro dos mortos é um sinal da presença da imagem de Deus no homem. No entanto, James Murk, argumenta que esta prova prática, apenas o medo do desconhecido, que por sua vez pressupõe que há apenas imaginação. Não desenha na conclusão de que há um sentido moral, e de fato a religião e a ética são tratadas separadamente na forma literatura antropológica, porque muitas vezes não coincidem.

Isto leva ao quarto ponto de vista, ele parece ter menos dificuldades. O crescimento cultural de trinta mil anos atrás é melhor entendida como um resultado do início da linguagem naquele momento. Isto foi afirmado por Bertram S. Kraus: "Parece mais provável que o homem era incapaz de produzir, manter e alterar a cultura sem a capacidade de transmitir as suas experiências e conhecimentos para seus descendentes de uma maneira diferente por exemplo."

O relato bíblico sugere que Adão e Eva tinham linguagem desde o início. A comunicação entre os dois e com Deus pressupõe a posse de linguagem. (Note que aceitar este ponto de vista envolve uma negação de que o enterro dos mortos é um sinal de sentido moral que faz parte da imagem de Deus.)

O problema de elementos do Neolítico em Gênesis 4

Se aceitarmos a idéia de que a linguagem é o que distingue os humanos de outras criaturas e, portanto, o primeiro ser humano surgiu há cerca de 30.000 anos atrás, ainda há um problema, que já mencionamos: o problema dos elementos Neolítico em Gênesis 4. Se Adão foi criado há trinta mil anos, se Caim e Abel eram seus descendentes imediatos, se encontrarmos práticas genuinamente Neolítico em Gênesis 4 (como a agricultura), e se a partir do Neolítico começou há dez anos ou oito mil anos, então nos deparamos com um problema de conflito de gerações de pelo menos vinte mil anos, ele não vai lacunas geracionais. Eles têm oferecido várias soluções:

1. A teoria pré-adanista diz que Adão foi o primeiro ser humano em todo o sentido bíblico, mas não foi o primeiro ser humano no sentido antropológico. Havia genuínos representantes dos *homo sapiens* antes dele.

2. Caim e Abel não eram os descendentes imediatos de Adão. Eles podem várias gerações da mesma. É até concebível que condensam as histórias narrativas de vários indivíduos em um: Caim, filho de Adão, Caim, o assassino Caim, o construtor.

3. Na história da criação (Gênesis 1:26; 2: 7) A palavra hebraica אָדָם ('Adam), que é muitas vezes usado para simbolizar toda a raça humana, refere-se o primeiro ser humano, que é anônimo. Em outras passagens (Gênesis 4: 1, 5: 3.) É um nome que aponta para um indivíduo específico que vieram depois.

4. "Talvez Caim e Abel não eram realmente *domesticação* de plantas e animais, mas sim na língua de Moisés, e em particular as nossas traduções única *parecia* ser. As suas preocupações [a Caim e Abel] pelas disposições de plantas e animais poderia ter sido muito mais primitivo. "

5. A domesticação de plantas e animais podem ser muito mais distante no tempo que período neolítico. Assim, Adão e seus descendentes podem ter praticado a agricultura trinta mil anos atrás.

Nenhuma dessas teorias é inteiramente satisfatória. Todos têm um problema hermenêutico, mas estes parecem maiores nas teorias de (1) a (3). Além disso, em teoria (1) pré-adanistas parecem ser completamente humano. Mas então como é que vamos explicar as palavras de Paulo em Romanos 5 que o pecado ea morte passou a todos os homens por causa do pecado de Adão? Este parece argumentar em favor de uma origem monogenético da raça humana: todos os seres humanos vêm de Adão. Por estas razões, estou inclinado para teorias (4) ou (5). Mas esta é uma área em que não existem dados suficientes para fazer afirmações categóricas; Estudo adicional é necessária.

O significado teológico da criação humana

Agora que temos discutido o conteúdo básico da doutrina da criação humana, temos de determinar o seu significado teológico. Há vários pontos que requerem atenção especial e interpretação.

1. os seres humanos são criados significa que eles não têm existência independente. Eles estão vivos porque Deus quis existir e agiu para mantê-los vivos e para preservá-los. A sua existência não é necessário. Eles podem ser declarados independente e agir como se fossem, mas isso não altera o fato de que a sua própria vida e cada respiração que deve continuar a tomar a Deus.

Isto deve fazer-nos fosse perguntar a razão da nossa existência. Por que Deus nos colocou aqui, eo que temos que fazer de acordo com que propósito? Uma vez que só estão vivas graças a Deus tudo o que temos e somos vem dele. A mordomia não significa dar a Deus uma parte do que é nosso, do nosso tempo ou o dinheiro. Nós nos deram a vida para o nosso uso, mas ainda pertence a Deus e deve ser usado para servir e glorificá-Lo.

Isto também ajuda a estabelecer a identidade humana. Se você é pelo menos em parte é uma função de onde viemos, a chave para a nossa identidade será encontrada no fato de que Deus nos criou. Não são apenas os filhos de pais humanos, e não o resultado de fatores ocasionais no mundo. A humanidade existe como um resultado da intenção consciente e o plano de um ser inteligente e nossa identidade está em cumprir menos parcialmente o plano divino.

Somos uma criação de Deus, não uma emanção do mesmo. Temos um conhecimento e poder limitado. Embora o objetivo da vida cristã é ser espiritualmente um com Deus, os seres humanos serão sempre separados de Deus metafisicamente. Portanto, não devemos tentar perder a nossa identidade humana individual.

2. Os seres humanos são parte da criação. No entanto diferente de outros seres criados por Deus, não diferem muito do restante como não ter nenhum relacionamento com eles. Como outras criaturas, a vida humana foi dado um daqueles dias da criação, no mesmo dia (o sexto) que os animais da terra.

Como notado anteriormente neste trabalho, existe uma lacuna metafísico dentro da extensão de ser. No entanto, esta diferença não é entre a humanidade e outras criaturas. É entre Deus por um lado, e todas as outras criaturas. O homem, cujas origens remontam a um dos dias da criação, está ligada de forma mais estreita com todos os outros seres criados que Deus era o único que fez a criação.

E num certo sentido todas as criaturas estão relacionadas com os seres humanos, deve haver harmonia entre eles. Na prática isto pode não ser o caso, mas é o ser humano, e não o resto da criação que introduziu esta desarmonia. Quando levada a sério, a nossa relação com o resto da criação tem um impacto definitivo. A palavra "ecologia" deriva da palavra grega οἶκος (oikos), que significa "casa", por isso aponta para a idéia de que há uma casa grande. O que faz a parte humana também afeta outras partes; uma verdade que estamos a ser muito claro quando percebemos que danifica poluição vidas humanas ea destruição de certos predadores naturais dá oportunidade de pragas se espalham muito livremente.

Somos parentes do resto da criação também nos diz que devemos ser benevolente. Os outros seres vivos pode ser utilizado como alimento por humanos. No entanto, eles não

podem ser destruídos por prazer. Outras criaturas são nossos parentes distantes, porque eles foram criados por Deus. O bem-estar dessas criaturas é importante para Deus e deve ser assim para nós. Da mesma maneira que nós nos importamos e executar ações específicas para o bem-estar dos outros seres humanos, porque somos um com eles, assim se o nosso comportamento para o resto da criação.

Nós somos parte da criação significa também que temos muito em comum com outras criaturas. Esses pontos em comum significa que haja alguma validade na tentativa de compreender a humanidade behaviorista através do estudo de animais. Porque os animais como seres humanos e suas motivações estão sujeitos às leis da criação.

3. No entanto, o ser humano tem um lugar especial na criação. Como se observa, somos criaturas e, portanto, compartilham muito com o resto das criaturas. Mas há um elemento que nos torna especiais, entre outras coisas. Diz-se que todos foram feitos "segundo a sua espécie." O homem, por sua vez, é dito ter sido feito à imagem e semelhança de Deus. Ele coloca os humanos acima do resto da criação, para ter domínio sobre ele. Não podemos comparar em todos os aspectos com toda a criação. Apesar de estarmos sujeitos às leis que regem as criaturas, transcender os outros seres e seu estado, porque o ser humano significa ser mais do que uma mera criatura. Os detalhes desta dimensão extra será discutida mais detalhadamente no próximo capítulo. A questão aqui é que não podemos restringir a compreensão que temos de nós mesmos para ser como criaturas, ou desculpar nosso comportamento inadequado culpar nossos instintos e impulsos. Nosso ser está em um nível superior, o que nos separa do resto da criação.

Isto também significa que os seres humanos não estão satisfeitos quando todas as suas necessidades são animais completos. A vida humana abrange muito mais do que a simples satisfação de necessidades, tais como alimentos, roupas e talvez prazer. Além disso, mantenha o elemento transcendente designado pela maneira especial, no qual ele descreve o humano eo distingue de outras criaturas em mente.

4. Há fraternidade entre os seres humanos. Um dos grandes debates teológicos do final do século XIX e início do século XX foi sobre a extensão da paternidade de Deus e, assim, a extensão da fraternidade da humanidade. Liberais insistiu que há uma fraternidade universal entre os humanos, e uma conservadores igualmente enfático sustentou que somente aqueles que estão em Cristo são irmãos espirituais. Na verdade, ambos foram à direita. A doutrina da criação e os descendentes de toda a raça humana a partir de um par original significa que estamos todos relacionados entre si. Em certo sentido, cada um de nós é um primo distante de todos nesta terra. Estamos todos relacionados. A parte negativa da nossa descendência comum é que no estado natural todas as pessoas são filhos rebeldes do Pai celestial e, portanto, são separados dele e do outro. Somos todos como o filho pródigo.

A verdade da fraternidade universal, se totalmente compreendido e agiu sobre ele, deve produzir uma preocupação e empatia pelos outros seres humanos. Nós tendem a sentir mais fortemente as necessidades e as feridas dos nossos amigos mais próximos e familiares do que os de estranhos. Podemos ser tão despreocupado com os assassinatos, acidentes de carro, com resultados fatais e coisas assim nem sempre é um envolvido que nós sabemos. No entanto, se descobrir que um dos nossos entes queridos morrer em um acidente sentimos uma grande tristeza. Mas a doutrina da fraternidade de toda a humanidade nos diz que todos os seres humanos são os nossos parentes. Não temos de vê-los principalmente como rivais, mas como parceiros. Nós somos um com eles no sentido mais básico: a nossa origem. Portanto devemos nos alegrar com os que se alegram e chorar com os que choram, mesmo que eles não são cristãos.

5. A humanidade não é o maior objeto no universo. Nosso valor é ótimo, porque nós somos, com exceção dos anjos, as criaturas mais importantes. No entanto, este estatuto nos dá Ser destaque de tudo, Deus. Apesar de todo o respeito à humanidade e mérito reconhecimento especial e eu prendo a certas pessoas proeminentes, devemos sempre lembrar que eles, suas vidas, suas habilidades, suas forças foram dadas por Deus. Sua

glória, não o nosso prazer e conforto é o valor final. Nunca devemos elevar nosso respeito pelo ser humano, a ponto de chegar a elogiá-los. O elogio é para Deus; quando se ofereceu para outra pessoa ou objeto, é idolatria. Temos de garantir que o nosso crédito final e glória a Deus. Da mesma forma, nós não aceitaremos uma forma de lisonja que só Deus merece. Até mesmo o amor por nossos companheiros seres humanos não devem competir com o amor a Deus, para os primeiros mandamentos dizem respeito à nossa relação com Deus (Ex. 20: 3-11), eo mandamento de amar a Deus com todo o nosso precede estar mandamento de amar o próximo como a si mesmo (Mateus 22: 37-40; Marcos 12: 28-34; Lc. 10: 27-28). Na verdade, o amor de Deus é parte da motivação de amor para os seres humanos, que são criados à imagem de Deus. E, assim como o nosso amor para as pessoas, realizações humanas são consideradas a partir de uma perspectiva adequada. Tão maravilhoso como tais realizações que os seres humanos têm conseguido só são possíveis graças à vida, à inteligência e talentos que Deus lhe deu para suas criaturas humanas.

6. Há limitações definidas sobre a humanidade. Os seres humanos são criaturas não são Deus, e tem as limitações que vêm com ser seres finitos. Somente o Criador é infinita. Os seres humanos não sabem e não pode saber tudo. Embora devemos tentar saber tudo o que sabemos, e nós devemos admirar e estimar o grande conhecimento, a nossa finitude significa que o nosso conhecimento será sempre incompleto e sujeito a erros. Isso deve lhe dar uma sensação de humildade para todos os nossos juízos, porque percebemos que podemos estar errados, não importa o quão impressionante as nossas conclusões parecem.

Finitude também pertence a nossas vidas. Se Adão foi criado como teria morrido se eu tivesse pecado é um assunto aberto ao debate (ver pp 624-27.). No entanto, sabemos que era susceptível de ser sujeito à morte. Ou seja, se ele era imortal, a imortalidade era condicional. Portanto, a humanidade não é inerentemente imortal. E como ele é constituído hoje, enfrentamos a morte (Hb. 9:27). Mesmo no estado original da raça humana, qualquer possibilidade de vida eterna dependesse de Deus. Somente Deus é eterno inerentemente; tudo o resto morre.

Finitude significa que existem limitações práticas para todas as nossas conquistas. Embora a humanidade tem feito grandes progressos física, que o progresso é limitado. Um ser humano pode agora fazer um salto de mais de dois metros, mas é improvável que alguém na nossa atmosfera, fazer um salto de mil metros sem a ajuda de um reforço artificial. Outras áreas de realizações, quer intelectual, física ou espécie, têm limitações práticas semelhantes.

7. A limitação em si não é ruim. Há uma tendência a se queixar de finitude humana. Alguns até afirmam que esta é a causa do pecado humano. Se não estivéssemos limitados, nós sempre sabe o que é certo eo que faríamos. Se os seres humanos não foram incapacitado por sua finitude, eles fariam muito melhor. Mas a Bíblia diz que, tendo feito o homem com as limitações que vêm com ser uma criatura, Deus olhou para criação e disse que era "muito bom" (Gn. 1:31). O finito pode levar ao pecado, se não formos capazes de aceitar nossas limitações e viver de acordo com ela, como veremos em breve. Mas o simples fato de nossa limitação não faz inevitavelmente pecado. Pelo contrário, é a resposta inadequada a esta limitação que constitui ou resulta em pecado.

Alguns acreditam que o pecado humano é um fardo desde as fases iniciais de desenvolvimento, mas que vai gradualmente ficando para trás. Como você vai aumentar o nosso conhecimento e capacidade, vamos ser menos pecaminoso. No entanto, isso não parece ser verdade. Na prática, a maior sofisticação parece oferecer aos homens a oportunidade de conseguir meios mais engenhosos para o pecado. Você pode pensar que o enorme crescimento da tecnologia de computador, por exemplo, trazer a solução para muitos problemas humanos básicos e, portanto, seria o homem em linha reta. Embora esta tecnologia é muitas vezes utilizada com fins benéficos, ganância humana também levou a novo e engenhoso roubar dinheiro e informações através do uso de formulários de computador. Redução das nossas limitações, portanto, não nos conduzirá inevitavelmente

a ser melhores seres humanos. A conclusão é clara: as limitações humanas não são ruins em si mesmas.

8. O ajuste adequado na vida pode ser alcançado apenas por aceitar nossa própria finitude. O fato de nossa finitude é clara. No entanto, ele pode não estar disposto a aceitar esse fato e de nosso lugar no esquema das coisas como criaturas de Deus que dependem dele. A queda de Adão e Eva era, pelo menos em parte devido à tentei ser como Deus (Gn. 3: 4-6), Para saber o que Deus sabia. A aspiração comum subjacente à queda dos anjos maus (Jud. 6). Devemos deixar Deus ser Deus, não tentando lhe dizer o que é certo eo que é errado, mas submeter-se a ele e os planos que Ele tem para nós. A julgar as obras de Deus exige ter conhecimento infinito, algo que nós simplesmente não têm.

Isso significa que nem sempre tem que estar certo. Não precisamos ter medo do fracasso. A única coisa que nunca falha é Deus ou cometer erros. Portanto, não precisamos excusemos por nossas fraquezas que estão na defensiva porque não somos perfeitos. No entanto, percebemos nossa finitude muitas vezes leva a sentimentos de insegurança que tentam superar por nós mesmos. Jesus disse a seus discípulos que tais tentativas para tentar se sentir seguro com as nossas forças levar ao aumento da ansiedade. Não devemos ser Deus porque há um Deus. Nós apenas temos que encontrar o seu reino ea sua justiça, e todas as necessidades da vida são fornecidos para nós (Mateus 6: 25-34).

Humildade adequada irá ocorrer se admitirmos que somos criaturas finitas e estão dispostos a viver em conformidade. O departamento da autoridade bíblica, uma vez recebido um pedido de um cargo de professor de uma pessoa que tenha praticado extremo pensamento positivo. As respostas às perguntas do formulário estavam cheios de auto-promoção, até mesmo arrogância, que parecia particularmente inadequado para alguém sem experiência no ensino. O chefe do departamento pediu a um colega para sua reação. "Oh," foi a resposta, "Eu não acho que nós temos uma posição que está à altura deste homem. Na verdade, "ele acrescentou," Eu não acho que haja qualquer lugar em qualquer lugar que está no seu auge. Não houve nenhuma vaga na Trindade de pelo menos dois mil anos atrás. "

Nós não somos, não podemos e devemos ser Deus. Deus espera que sejamos Deus. Se aceitarmos isso esperamos satisfação e felicidade, se não à frente de insatisfação e frustração. Não somos seres que deveriam ser Deus e falharam na tentativa. Nós somos aquilo que se destinavam: limitado criaturas humanas.

9. No entanto, a humanidade é maravilhoso. Apesar de serem criaturas, os seres humanos são a categoria mais alta, incluindo os que foram feitos à imagem de Deus. O fato de que o Senhor do universo que nós simplesmente adicionar grandeza de dar status de marca humanidade por assim dizer. Nós não estamos simplesmente a produção de acaso ou subproduto de um mecanismo ou os restos são removidos no processo de fazer algo melhor, mas nós somos um produto expressamente designado por Deus.

Alguns cristãos sentiram a necessidade de minimizar a capacidade humana e realizações para dar glória a Deus. Claro, devemos colocar realização humana em seu devido lugar em Deus. Mas você não precisa de Deus proteger a concorrência contra a sua criatura mais importante. Grandeza humana pode glorificar a Deus mais. Devemos reconhecer francamente que os seres humanos têm feito muitas coisas maravilhosas. Eles são certamente os seres incríveis, o que eles são eo que eles podem fazer. Mas quanto maior é o que eles fizeram!

Os seres humanos são grandes, mas o que os torna grande é que Deus criou. O nome *Stradivarius* qualidade de voz em um violino; seu fabricante foi a melhor. Mesmo quando nós admiramos o instrumento, estamos ainda mais admirar o talento de seu fabricante. O ser humano foi criado por o melhor e mais sábio de todos os seres, Deus. Um Deus que tem sido capaz de fazer uma criatura tão maravilhosa como o homem é certamente um grande Deus.

Sabei que o Senhor é Deus;

ele nos fez e não nós mesmos;
somos o seu povo e ovelhas do seu pasto.

Entrai pelas portas dele com ações de graças,
Seus átrios com louvor.
Louvor, bendizei o seu nome!,

Porque o Senhor é bom;
porque a sua benignidade dura para sempre, ea sua fidelidade a todas as gerações.

[Sl. 100: 3-5]

24. A imagem de Deus no homem

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e explicar as escrituras relevantes para a imagem de Deus no homem.
- Distinguir entre três diferentes pontos de vista da imagem de Deus e explicar cada.
- Avaliar e comparar pontos de vista contrastantes relacional, funcional e substantiva da imagem de Deus.
- Identificar seis deduções que podem ser extraídas da idéia bíblica da imagem de Deus.
- Sintetizar os pontos de vista acima à imagem de Deus com as inferências das Escrituras.
- Identificar seis características específicas que são a nossa verdadeira humanidade.

Resumo do capítulo

A imagem de Deus na humanidade é muito importante para nós entender o que nos torna humanos. Os pontos de vista substantivo, relacional e funcional da imagem de Deus não são completamente explicações satisfatórias. Temos de chegar a conclusões sobre a imagem de Deus, fazendo inferências a partir dos dados bíblicos. As implicações da imagem de Deus devem inspirar e definir os parâmetros para a nossa visão de toda a humanidade.

Questões de estudo

1. Que observações podem ser feitas a partir das escrituras que são relevantes para compreender a imagem de Deus?
2. Que substantiva pontos, relacional e funcional imagem de Deus diferente? Que defendem essas posições?
3. Qual é o centro de cada vista e os problemas que existem em cada um deles?
4. O que se podem tirar conclusões a partir do material bíblico que refere-se à imagem de Deus?

5. De acordo com o material bíblico, o que é possível tirar conclusões sobre a natureza da imagem de Deus e como esses achados podem nos ajudar a entender melhor a nossa verdadeira humanidade?

As passagens pertinentes da Escritura
As opiniões sobre a imagem
 O ponto de vista substantivo
 Relacionais pontos de vista
 O ponto de vista funcional
Avaliação dos pontos de vista
Conclusões sobre a natureza da imagem
Implicações da doutrina

Tão importante quanto a resposta para a pergunta: "Onde é que a humanidade passou" para compreender a identidade humana, não tudo o que precisamos saber sobre aquilo a que Deus deu a vida, quando eu acho que a humanidade nos dizer.

Existem várias maneiras de formular uma definição da humanidade. Um é o de investigar o que a Bíblia tem a dizer sobre os seres humanos. Se fizermos isso, podemos concluir que são inerentemente mau; mas também pode achar que eles são agora diferentes do que era Adão no momento da criação e que algo desencadeou a mudança que levou à condição atual. Ou poderíamos estudar os seres humanos modernos, utilizando diferentes métodos de pesquisa das ciências comportamentais. Este conceito seria baseado no comportamento humano atual.

A representação bíblica da raça humana é que hoje, na verdade, está em uma condição anormal. O ser humano real não é encontrado agora na sociedade humana, mas que veio das mãos de Deus, sem ser danificado pelo pecado e da queda. Em um sentido muito real seres humanos autênticos foram Adão e Eva antes da queda e Jesus. Todos os outros exemplos são torcidos, distorcido, corrompido a humanidade. Por isso, é necessário olhar para o estado original do homem em Cristo e para avaliar adequadamente o que significa ser humano.

A frase-chave é que Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. Este homem distingue de outras criaturas, porque somente os seres humanos usou esta expressão. Embora tenha havido muita discussão sobre o tema, o conceito é muito importante porque a imagem de Deus é o que faz os homens humanos. Nossa compreensão do quadro irá afetar a forma como tratamos os outros e para ministrar. Se entendermos que a imagem refere-se principalmente à razão humana, então as nossas relações com os outros será basicamente educacional e natureza cognitiva. Se entendermos que se refere às relações pessoais, o nosso ministério vai enfatizar a "teologia relacional" e da interação grupo pequeno.

Este capítulo examina as passagens bíblicas apresentados separadamente. Então, olhamos para algumas interpretações representativas de "a imagem de Deus." Estas são tentativas de unir as várias passagens em um conjunto. Finalmente, tentar formular uma teoria que é verdadeiro para todo o testemunho bíblico e definir a importância actual do conceito.

As passagens pertinentes da Escritura

Várias passagens bíblicas falam da imagem de Deus. O mais conhecido é provavelmente Gênesis 1: 26-27: "Então Deus disse:" Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e dominai sobre os peixes do mar, as aves do ar e sobre o gado, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra. " E Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou "O versículo 26 é uma declaração de intenções de Deus .; Ele inclui os termos עֶלְמָא (Tselem) e דְּמוּתָא (Demuth), traduzido, respectivamente, como "imagem" e O primeiro termo é repetido duas vezes no versículo 27. Em Gênesis 5 "semelhança".: 1 têm

uma recapitulação do que Deus havia feito: "O dia em que ele criou . Deus ao homem, como Deus fez "O escritor acrescenta no versículo 2:" Homem e mulher os criou; e os abençoou. E o seu nome Adão no dia em que foram criados. "O termo usado aqui é **דְמוּת**. Em Gênesis 9: 6 assassinato é proibido, alegando que o homem é feito à imagem de Deus: "Quem derramar o sangue do homem, pelo homem terá o seu sangue derramado; porque a imagem de Deus fez o homem. "Embora a passagem diz que os seres humanos ainda tem a imagem de Deus, mas Deus tinha criado à sua imagem, é claro que o que Deus tinha feito anteriormente ainda tem algo para fazer, mesmo após a queda. Depois disso, há mais referências na imagem do Deus do Antigo Testamento, embora duas passagens do Apocrypha mencionar, Sabedoria de Salomão 2:23 e Eclesiastes 3:17.

Duas passagens no Novo Testamento imagem de Deus mencionado em conexão com a criação do homem. Em 1 Coríntios 11: diz 7 Paul "O homem não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem" Paulo não diz que as mulheres são a imagem de Deus, mas. simplesmente afirma que é a glória do homem como o homem é a glória de Deus. A palavra imagem aqui é **εἰκών** (Eikon). E, em Tiago 3: 9, com o fundamento de que o homem é feito de Deus **ὁμοίωσις** (homoiosis), o autor condena o uso da linguagem para amaldiçoar os homens: "Com ela bendizemos ao Senhor e Pai, e com ela amaldiçoamos . homens, que são feitos à semelhança de Deus "também tem uma sugestão à imagem de Deus em Atos 17:28, embora o termo não é usado, " Pois nele vivemos, nos movemos e existimos; Como alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração. "

Além disso, várias passagens do Novo Testamento se referem a que os crentes são feitos à imagem de Deus através do processo de salvação. Romanos 8:29 estados que estão sendo feitos à imagem do Filho: "quem de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, que ele seja o primogênito entre muitos irmãos". Em 2 Coríntios 3:18 lemos. "Mas todos nós, com rosto descoberto, refl exo como em um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, pela ação do Espírito do Senhor" Em Efésios 4: 23-24 Paulo exorta seus leitores: "renovado no espírito de sua mente, e colocar o novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade". Finalmente, Colossenses 3:10 também se refere a o homem velho é "colocar o novo. Este, de acordo com a imagem de seu Criador, está sendo renovado em conhecimento ".

As opiniões sobre a imagem

É necessário fazer algum tipo de definição da imagem de Deus. Este processo envolverá tanto a interpretação de referências individuais e integrando várias declarações óbvias como várias alusões a Escritura. Há três pontos de vista geral sobre a forma de ver a natureza da imagem. Alguns consideram a imagem como há certas características dentro da própria natureza humana, seja física, psicológica ou espiritual. Nesta visão ele irá chamar *substantivo* imagem. Outros acreditam que a imagem não é algo que é inerentemente presente ou inerente ao ser humano, mas é experiente com a relação entre o homem e Deus, ou entre dois ou mais seres humanos. Esta é a visão relacional. Finalmente, alguns consideram que a imagem não é algo que o homem é ou experiência, mas algo que faz. Esta é a visão função.

O ponto de vista substantivo

O ponto de vista substantivo tem sido o predominante em quase toda a história da teologia cristã. O elemento comum nas diferentes variedades de este ponto de vista é que a imagem é identificado com uma característica ou atributo definido no caráter humano. Alguns têm pensado que a imagem de Deus é uma característica da nossa forma física ou corporal. Embora essa idéia nunca foi estendido, ele tem persistido até hoje. Ele

pode ser baseado numa leitura literal da palavra עֲלָם (Tselem), que no seu sentido mais concreto significa "estátua" ou "caminho". De acordo com esta leitura, Gênesis 1:26 significa algo como "que os seres humanos se assemelham a nós." Hoje, os mórmons são provavelmente a maioria dos defensores fervorosos da posição de que a imagem de Deus é físico. Esta posição não apresenta nenhum problema, uma vez que argumentam que Deus não tem corpo.

Seria de se esperar que, com a ênfase colocada muitos círculos em seres humanos como unidade psicossomática, não seria renovado pela idéia de que a imagem de Deus é um fator físico no interesse seres humanos. Isto provavelmente seria verdade, se não fosse para a maioria das pessoas que dão importância para a unidade psicossomática da natureza humana tendem a negligenciar a metafísica. Devemos também observar que alguns vêem a imagem como uma característica física com significado metafórico. Que os seres humanos andar ereto, por exemplo, é tomado como um símbolo de honestidade e rectidão moral de Deus ou a relação dos seres humanos com Deus.

Pontos de vista substantivo da imagem de Deus mais comum isolá-lo em termos de alguma qualidade psicológica ou espiritual na natureza humana, especialmente o direito. Na verdade, a espécie humana é biologicamente classificados como *Homo sapiens*, o ser pensante.

Houve vários graus de ênfase na razão. Quando tiver colocado muita ênfase na racionalidade na sociedade em geral, como ilustrado, o mesmo também aconteceu no pensamento teológico. Em vez mais subjetiva, a razão recebem menos atenção. Em um período como a última parte do século XX, COM UMA MAIOR ÊNFASE NA VONTADE E VISCERAL, A RAZÃO DESEMPENHA UM PAPEL MENOR. Há também diferentes formas de compreender a razão: uma contemplação abstrata (platonismo), ou algo mais empírica ou científica (aristotelismo-tomista). Todos afirmam que aspecto cognitivo, cerebral da humanidade é mais semelhante a Deus; portanto, devemos enfatizar e desenvolvê-lo.

Não surpreendentemente, os teólogos têm escolhido a razão como o aspecto mais importante da natureza humana, porque os teólogos são o segmento da igreja responsável por intelectualizar e refletir sobre a fé. No entanto, ao fazê-lo, eles têm não só um aspecto isolado da natureza humana que levar em consideração também concentraram sua atenção em uma única faceta da natureza de Deus. Isso pode levar a um mal-entendido. Certamente onisciência e sabedoria constituem uma dimensão significativa da natureza de Deus, mas não a essência da divindade.

Baseado em Gênesis 1: 26-27 que tem vindo a desenvolver uma tendência a entender "imagem" e "semelhança" como dois aspectos ou dimensões da imagem de Deus. Às vezes havia conotações naturalistas: o ser humano só foi criado à imagem de Deus, mas também evoluiu gradualmente em Godlike. No entanto, é mais comum que a presença da semelhança de Deus na humanidade é atribuída à causa espiritual ou sobrenatural. Orígenes, por exemplo, viu a imagem como algo que ocorreu imediatamente na criação, à semelhança de Deus como algo dado mais tarde. No entanto, foi Irineu, que ofereceu a distinção entre imagem e semelhança de endereço teólogos continuou por algum tempo. Embora seus retornos variam amplamente e não são totalmente consistentes, às vezes encontramos neles uma clara distinção entre imagem e semelhança. Em primeiro lugar, ele quis dizer que Adam tinha razão e livre arbítrio; Irineu apontou para o segundo atributo certo Adam sobrenatural possuído pelo Espírito. Ao contrário de teólogos posteriores Irineu não estava pensando em justiça original. Como uma criança imatura sendo semelhança de Adão com Deus estava presente na forma germinal, única potencial que eu poderia tornar-se assim. No entanto, quando Adão caiu em pecado, ele perdeu sua semelhança, mas a imagem persistiu pelo menos até certo ponto.

Na teologia escolástica medieval, a distinção Irineu desenvolvido. A diferença foi clarificado e os efeitos da queda foram isolados. A imagem foi semelhante natural do ser

humano com Deus, os poderes da razão e da vontade. A semelhança era um *superadditum* donum: um dom divino adicionado a natureza humana básica. Esta semelhança consistia das qualidades morais de Deus, enquanto a imagem implícita os atributos naturais de Deus. Quando Adão caiu, ele perdeu sua semelhança, mas a imagem permaneceu completamente intacta. A humanidade como humanidade ainda estava cheia, mas havia estragado o ser bom e santo.

Este curso vista envolveu uma concepção da natureza do pecado e da queda, mas também uma idéia definida sobre a natureza da humanidade. Nossa natureza humana é unitária e relativamente imune aos efeitos nocivos da queda. Mesmo os não-cristãos e crentes marginais são tão humanos como crentes santificados. Eles possuem a capacidade de avaliar as provas, reconhecer a verdade, optar por conhecer a verdade. Isso deixa em aberto a possibilidade de uma teologia racional ou natural; mesmo sem especial revelação todos podem conhecer alguma verdade sobre Deus. Ele também deixa em aberto a possibilidade de ética natural. Ser livre, os seres humanos são capazes de fazer algumas boas ações, mesmo se eles não têm graça. Com este pressuposto foi feito um grande empréstimo para todo o sistema católico de teologia.

Como um bom exegeta, Martin Luther viu a diferença de formulação que levou à conclusão de que a imagem de Deus permaneceu intacto caído humana (única semelhança é perdido) não é realmente a diferença. "Imagem" e "semelhança" em Gênesis 1:26 tem diferentes referências. Pelo contrário, este é simplesmente um exemplo da prática comum de Hebrew paralelismo. Consequentemente, não há distinção entre imagem e semelhança, antes ou depois da queda.

Luther propôs um ponto de vista unitário da imagem de Deus. Todos os aspectos da imagem de Deus no homem ter sido danificado; o que resta é uma relíquia, um resquício da imagem: não certas qualidades, mas fragmentos de tudo o que estava à semelhança de Deus. A resposta de Lutero a Gênesis 9: 6 era de que a imagem existe como ainda não corrompida intenção de Deus aos homens, mas isso não é realmente presente neles.

Calvin levou um ponto muito semelhante à visão de Lutero, rejeitando a dualista ponto de vista escolar e manter em vigor uma relíquia da imagem permaneceram em cada pessoa após a queda. Ele permaneceu como uma relíquia, o conhecimento de nós mesmos e do conhecimento de Deus estão relacionados. Para conhecer a nós mesmos passamos a conhecer Deus, como ele nos fez à sua imagem. Por outro lado, sabemos que somos nós mesmos medindo contra sua santidade. Apesar de todas as coisas, de certa forma, mostrar a imagem de Deus, especialmente os seres humanos fazem, mais notavelmente a nossa capacidade de raciocinar.¹²

Todos os pontos de vista substantivo que mencionamos, com seus conceitos muito diferentes da natureza da imagem de Deus, concordam em uma coisa em particular: o locus da imagem. Ele está localizado dentro de seres humanos como uma qualidade ou capacidade interna. Embora conferida por Deus, a imagem reside em humanos, embora eles reconheçam ou não a existência de Deus e sua obra.

Relacionais pontos de vista

Muitos teólogos modernos não conceber a imagem de Deus como algo que está dentro da natureza humana. Na verdade, eles geralmente não perguntar o que é ou que tipo de natureza humana pode ser um ser humano. Em vez disso, pense na imagem de Deus como o fato de experimentar um relacionamento. Podemos dizer que os seres humanos são feitos à imagem e mostra a imagem ao estabelecer uma relação particular, que na verdade é a imagem.

Emil Brunner argumentou que a palavra de Deus é a chave para a compreensão da imagem, não só epistemologicamente, mas também ontologicamente. Ele não só nos diz o que a imagem de Deus, mas, na verdade, constitui a imagem. Somente quando tivermos

fé em Jesus Cristo realmente possuímos a imagem de Deus e, portanto, podemos compreender a nossa própria natureza.

Brunner distinguir entre dois sentidos da imagem de Deus: formal e material. A imagem formal é o *humanum*, o que faz uma pessoa humana, homem de distinção de animais, como uma racional, responsável e livre. As pessoas pecadoras, mas não perderam esse aspecto da imagem de Deus. De facto, a capacidade para assumir que pecado não. Isto é o que se entende por a descrição do Antigo Testamento que os seres humanos são feitos à imagem e semelhança de Deus.

O sentido material da imagem é o ato de resposta, o relacionamento com Deus. Quando os homens respondem às palavras de Deus: "Você é meu", dizendo: "Sim, eu sou seu", o material de imagem está presente. O material de imagem pode estar presente ou ausente, mas não formal. Mesmo as pessoas que não respondem a responsabilidade de Deus. Brunner descreve a imagem física usando o exemplo da reflexão em um espelho. A luz reflectida não está permanentemente gravada na superfície do espelho, porque é um espelho, não uma fotografia. É a fonte de luz, nem tem. Da mesma forma, quando nos voltamos para Deus, nós refletir Sua imagem totalmente. Como o espelho quando não se virou para a luz para refletir ainda está associado com ele, mesmo quando nos rebelamos e rejeitar a Deus, continuamos a ser responsável diante de Deus e, portanto, nós permanecemos seres humanos.¹⁶

Brunner não limitar a sua discussão para a relação do homem com Deus. Além do mandamento de amar a Deus é um segundo mandamento: amar outros seres humanos. A nossa "responsabilidade no amor" começa a ter efeito quando interagimos com nossos vizinhos. Nós não podemos ser humanos em isolamento. O amor genuíno é a humanidade para os outros não brilho intelectual de uma pessoa.

Karl Barth também manteve um ponto de vista relacional na imagem de Deus. Na primeira eu usei o termo "imagem de Deus", mas falou de uma unidade entre Deus e os seres humanos que era algo como a unidade entre a mãe eo feto. Esta unidade foi perdido desde a queda, mas a queda não foi um evento temporário que ocorreu em um dado momento da raça humana. No segundo período, o pensamento de Barth, o período de sua controvérsia com Emil Brunner, negou vigorosamente qualquer ligação entre Deus eo homem, sem capacidade humana para receber a Palavra de Deus.¹⁹

A terceira fase de pensar sobre a imagem Barth é o mais novo. Nesta fase Barth fala da imagem está ainda presente no interior do ser humano, como ainda é humano. Barth vê a imagem de Deus, não apenas como a relação vertical entre o homem e Deus, mas também na relação horizontal entre os seres humanos. A imagem não é algo que o homem é ou faz. Em vez disso, a imagem está relacionada ao fato de que Deus queria para dar vida a um ser que, como ele, pode ser um companheiro.²¹

Evidência de certo tipo de relação entre a divindade pode ser encontrado na mesma forma de a decisão de criar: ". Façamos o homem" Barth afirma que dentro do próprio ser de Deus é uma contrapartida; por isso, Deus experimenta um encontro harmonioso com si mesmo e auto-descoberta. Human reflectir este aspecto da natureza de Deus em dois níveis: experimentar o relacionamento com Deus e estar juntos. A semelhança entre Deus eo homem, é que tanto a experimentar o confronto I - Você.²³

Barth disse que tanto Gênesis 1:27 e 5: ". Macho e fêmea os criou" 1-2 frase que o homem foi feito à imagem de Deus está relacionada com as palavras, portanto, a imagem de Deus em humano deve ser procurada no masculino e feminino think. Em Deus e no ser humano há um "eu" e "você" abordadas. A humanidade não existe como um indivíduo solitário, mas como duas pessoas de frente para o outro.

Barth faz um outro ponto: podemos aprender com a estudar a humanidade a Cristo, não humano. Existem diferenças significativas entre sua humanidade e nossa, porque ele era a natureza humana como foi planejado.²⁶ Somente através de revelação podemos saber como a humanidade foi criada, e Jesus é a forma mais completa de que a

revelação. Não podemos determinar de forma independente o que é a natureza humana e, portanto, saber o que Jesus era.²⁸

E sobre a humanidade de Jesus? É "para outros homens." A presença da imagem de Deus em nós, que é o que nos torna humanos, envolve quatro pontos:

1. Vemos nossos vizinhos como o nosso vizinho.
2. Nós falar e ouvir uns aos outros.
3. Nós ajudamos uns aos outros.
4. Nós fazemos essas coisas com facilidade.

Para resumir a doutrina de Barth sobre a imagem de Deus, sabemos de Gênesis 1: 26-27 que a imagem é que os seres humanos refletem a comunhão interna e encontrar Deus. O encontro interior com um ser humano reside no fato de que a raça humana foi criada masculino e feminino. Portanto, existe uma Yo confronto - Você na humanidade como existe na relação do homem com Deus. Sabemos também, olhando para Jesus no sentido pleno da humanidade, a imagem de Deus deve ser para os outros. Assim, a partir dessa perspectiva, estar em relação com os outros é o que constitui a imagem.

Embora não estava em um ponto um desacordo amargo entre Barth e Brunner, acabou recebendo um acordo gradual entre os pontos de vista de ambos os homens. Os dois representantes da abordagem relacional veio para compartilhar vários princípios básicos:

1. A imagem de Deus ea natureza humana são melhor compreendidas através do estudo da pessoa de Jesus da natureza do homem em si.
2. Entendemos a imagem por revelação divina.
3. A imagem de Deus não pode ser entendida como qualidades estruturais nos seres humanos; não é algo que os seres humanos são e possuem. Em vez disso, a imagem é um relacionamento com Deus; É algo que a experiência humana. Portanto, é dinâmica e não estática.
4. A relação do homem com Deus, que é a imagem de Deus, é paralelo ao relacionamento entre os seres humanos. Barth coloca mais ênfase na relação masculino - feminino; Brunner expande ainda mais o círculo de relações, ou seja, a sociedade.
5. A imagem de Deus é universal; É encontrado em todos os seres humanos e em todos os tempos e lugares. Portanto, está presente nos seres pecaminosos. Mesmo se afastando de Deus, não há como negar o fato de que estamos ligados a ele de uma maneira que nenhuma outra criatura é. Há sempre uma relação, seja positivo ou negativo.
6. Não pode haver necessidade de se tirar quaisquer conclusões sobre o que deveria ser a natureza de uma pessoa para fornecer-lhe a capacidade de ter esse tipo de relacionamento. Brunner e Barth nunca perguntam se uma estrutura especial é necessário para que a imagem de Deus está presente em um ser humano. Mesmo a imagem formal falando Brunner é relacional, não estrutural.

Como o existencialismo é a filosofia por trás do ponto de vista relacional da imagem de Deus, é importante rever algumas de suas características. Uma delas é a ênfase na eliminação das essências ou substâncias. O importante aqui é: "É?" ("Existe?"), E não "O que é isso?" Teme-se que qualquer qualidade torna-se objetiva e torna-se uma espécie de realidade estrutural permanente. Em vez disso, ressaltando a vontade ea ação subsequente que importa de uma pessoa ou coisa individual é, de acordo com o existencialismo, o que ele faz. A realidade é que uma entidade que está sempre lá e é aceito; ao contrário, é algo que se cria. Tudo isso é consistente com a visão de Brunner e Barth sobre a revelação, segundo a qual a Bíblia não é a Palavra de Deus inerentemente, torna-se a Palavra de Deus, quando Deus encontra o homem por meio de ela ou ela. Da mesma forma, o existencialismo subjaz a sua ideia da imagem de Deus. Esta não é uma entidade que um homem tem, mas a experiência está presente quando a conexão está ativa.

O ponto de vista funcional

A terceira imagem vista teve uma história muito longa e tem aumentado recentemente em popularidade. É a idéia de que a imagem não é algo que está presente na composição do homem, nem é a experiência da relação com Deus e com os outros seres humanos, mas a imagem é algo que se faz. É uma função humana, que é mencionado na maioria das vezes é o exercício do poder sobre a criação.

Enquanto o ponto de vista relacional relativamente pouca atenção ao conteúdo da imagem de Deus, essa visão tenta determinar a partir do mesmo conteúdo do texto bíblico da imagem. Em Gênesis 1:26, "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança", é seguido imediatamente "e dominai sobre os peixes do mar ...". A estreita ligação entre estes dois conceitos é encontrada não só neste versículo, onde Deus manifesta a sua intenção de criar, também nos versículos 27-28, onde lemos que Deus realmente criou o homem à imagem de Deus e ordenou a *ejerciesen* poder. Alguns consideram a justaposição destes dois conceitos como mais do que uma coincidência. Considera-se que o exercício do poder é o conteúdo da imagem de Deus. Este é o Socinios proposta e incluídos no seu catecismo Racovian. Como Deus é o Senhor de toda a criação, os seres humanos refletem a imagem de Deus exercendo autoridade sobre o resto da criação. A imagem de Deus é realmente a imagem de Deus como Senhor.³⁷

A segunda passagem contendo uma estreita ligação entre a imagem de Deus na humanidade e do homem exercer a autoridade é o Salmo 8: 5-6: "Eu tenho feito um pouco menor do que os anjos e coroado de glória e de honra. Você dar-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos; Você colocou todas as coisas debaixo de seus pés ""'. Comentaristas geralmente estão convencidos de que o Salmo 8 depende em grande parte Genesis "Um de seus testes é o catálogo de criaturas Sl 8: 7-8.: Animais selvagens, aves do céu peixes do mar. A conclusão é que o versículo 5 é equivalente a Gênesis 1 frases que dizem que o homem foi criado à imagem de Deus. Sigmund Mowinckel diz "Homem que fala semelhança com Deus Salmo 8 consiste na maior parte de sua soberania e autoridade sobre todas as outras coisas, sobre sua semelhança com" honra e glória "de Deus em relação a eles. Norman Snaith diz: "Biblicamente falando, a frase" imagem de Deus "não tem nada a ver com a moralidade ou com quaisquer ideais; refere-se apenas ao domínio do mundo e tudo que nele há. No "não diz nada sobre a natureza de Deus, mas tudo sobre o papel dos homens.⁴¹ Outra interpretação ampla à imagem de Deus e do homem exercer o poder é a de Leonard Verduin em *pouco menos do que Deus*, (apenas sob Deus) expor sua idéia bastante força: "Mais uma vez a idéia de ter o poder permanece como uma característica central. Que o homem é uma criatura pensado para ter o poder e, como tal reflete a imagem de seu Criador, que é a intenção de a história da criação é oferecida no livro de Gênesis, o livro de origens. É o ponto de que o escritor desta história que ele queria que a planta ".

Em Gênesis 1:26, 28, Hebreus os termos קָבַץ (Kavash) e רָדָה (Radah) continha o significado que o homem teve de exercer domínio sobre toda a semelhante ao que nos últimos tempos esperava-se que os reis hebreus *ejerciesen* criação de seu povo. Os reis não tem que governar em seu próprio benefício, mas para o bem de seus súditos. Quando Israel queria um rei (1 Samuel 8: 10-18), Deus advertiu-os de que um rei iria explorá-los. Para uma pessoa que dominar os outros é contra a vontade de Deus, uma vez que representa a exploração do resto da criação.

A perspectiva de que o exercício do poder é a própria essência da imagem de Deus fez ênfase maior sobre o que está por vezes em círculos reformados é chamado mandato cultural. Como Jesus disse a seus apóstolos ao mundo e ordenou-lhes para fazer discípulos de todas as pessoas, por isso Deus enviou suas criaturas superiores, seres humanos, criando e ordenou-lhes para governar. Este mandato está implícito que os seres humanos têm a fazer pleno uso de sua capacidade de aprender sobre toda a criação. Para

chegar a compreender a criação, os seres humanos serão capazes de prever e controlar suas ações. Estas actividades não são opcionais, mas parte da responsabilidade que vem com ser a criatura mais importante de Deus.

Notamos que o ponto de vista relacional de Barth e Brunner existencialismo surgiu. Da mesma forma, do ponto de vista funcional vem do funcionalismo filosófica ou pragmática, outra filosofia proeminente do século xx.

Avaliação dos pontos de vista

Agora, precisamos avaliar os três pontos de vista gerais sobre a imagem de Deus. Começamos com os conceitos menos tradicionais de imagem e relacionamento e como uma função.

A abordagem relacional tem utilizado com sucesso a verdade de que o homem sozinho, de todas as criaturas, conhecidas e conscientemente se refere a Deus. As imagens de Adão e Eva no Jardim do Éden sugerir que Deus e eles geralmente estavam em comunhão. Os seres humanos não foram criados como meras obras de arte, estátuas de mostrar criatividade e sabedoria de Deus, mas para cumprir o propósito especial que Deus tem para eles. É significativo que tanto a lei do Antigo Testamento (os Dez Mandamentos em Êxodo 20) e declaração dos dois grandes mandamentos de Jesus (Mt. 22: 36-40; Marcos 12: 28-31; Lc 10: 26-27), o propósito de Deus ao ser humano tem a ver com a relação com Deus e com os outros seres humanos.

No entanto, existem alguns problemas com a idéia de que a imagem de Deus é uma questão puramente relacional. Uma delas é a universalidade da imagem. Em que sentido podemos dizer que aqueles que estão vivendo em total indiferença para com Deus, ou mesmo uma rebelião hostil contra ele são (ou são) a imagem de Deus? Brunner tem tentado responder a esta afirmando que há sempre uma relação, um é sempre "diante de Deus". Mas isso parece ter pouco significado. A distinção de Brunner entre elementos materiais e formais da imagem, juntamente com sua insistência de que até mesmo o elemento formal é relacional em vez de estrutural, parece não ter base bíblica e ser bastante reforçada.

Outro problema que se coloca é quando perguntamos quais são os seres humanos que lhes permite ter essa relação que nenhuma outra criatura pode ter. Embora Barth e Brunner estão relutantes em levantar a questão, que deve ser. Claro que existem alguns pré-requisitos para a relação fatores ocorrem. Ao criticar a posição de Brunner, John Baillie disse que não há forma sem conteúdo. Pode-se dizer que, de fato Brunner respondeu a essa crítica quando ele disse que o actual conteúdo é diferente do conteúdo original.⁴⁵ Do ponto de vista do conteúdo Brunner lá (embora tenha mudado), e, portanto, pode ser moldado. No entanto, isto não parece evitar a dificuldade, porque Baillie perguntando o que torna possível a imagem formal, enquanto indicação de Brunner que existe uma mudança no conteúdo é realmente uma referência para a realização do sentido material da imagem.

Conclui-se que os pressupostos substanciais totalmente anti-Barth e Brunner, que sugerem que o existencialismo esquerda, levou-os para o caminho errado. Isto leva para a posição de que o que é especial sobre o ser humano deve ser um pouco formal do que substantiva. Mas a base exata para a constituição formal do homem como ser capaz de se relacionar nunca foi perfilado.

Quando passamos o ponto de vista funcional, novamente vemos um uso astuto de um dos principais elementos na representação bíblica da imagem de Deus, isto é, o ato de Deus criar o homem é imediatamente seguido o mandato de dominar. Há, sem dúvida, pelo menos, uma ligação estreita entre a imagem eo desempenho do domínio. Há também, provavelmente, um paralelo entre Gênesis 1 e Salmo 8 (por exemplo, ao descrever o âmbito da qual deverá ter poderes de seres humanos). No entanto, existem dificuldades nesta visão.

Uma dificuldade reside na ligação entre o Salmo 8 e Gênesis 1. Os termos *imagem* e *semelhança* não aparecem no Salmo 8. Se esse salmo depende de Gênesis 1, encontramos referências específicas à imagem, e se o domínio sobre as criaturas exercício mencionado no Salmo versículos 7-8 é realmente a imagem de Deus, então seria de esperar que nesta passagem qualquer referência específica à imagem também apareceu.

Além disso, Gênesis 1 não contém qualquer relação clara da imagem de Deus com o exercício do domínio. Pelo contrário, há indícios de que sejam distinguíveis. Diz-se que Deus criou o homem à sua imagem; em seguida, deu a ordem para exercer o poder. Em outras palavras, se diz que o homem é feito à imagem de Deus, antes de ser condenada a exercer o poder. No versículo 26 o uso de dois termos exortatórios: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" e "dominar", parecem distinguir os dois conceitos. Walter Eichrodt diz uma bênção ao criar o homem é dado, mas uma segunda bênção antes que ele pudesse exercer autoridade sobre as criaturas é necessário. O ponto de vista funcional parece ter tomado uma consequência de ter igualado imagem e da própria imagem.

Agora, temos de considerar cuidadosamente o ponto de vista material ou estrutural. Significativamente, o mesmo texto da Escritura não identifica quais são as qualidades dentro do ser humano poderia ser a imagem. É críticas justificadas que, em tentativas fracassadas para identificar tais qualidades, uma série de defensores estruturalmente sugeriram conceitos anti-bíblicas (por exemplo, o antigo conceito grego de razão). Além disso, do ponto de vista estrutural é muitas vezes reduzida a um aspecto da natureza humana e, em particular, a dimensão intelectual. Isto por sua vez implica que a imagem de Deus varia entre diferentes seres humanos. O mais intelectual é uma pessoa, ela está presente na imagem de Deus. E depois há o problema adicional de determinar exatamente o que aconteceu quando Adão e Eva caíram em pecado. Não parece que a queda afetaria a inteligência ou a razão em geral. De fato, alguns descrentes são mais inteligentes e perspicazes do que alguns dos cristãos mais santificado.

Conclusões sobre a natureza da imagem

Depois de ter recordado as dificuldades de cada um dos pontos de vista geral, temos agora de tentar formar algumas conclusões sobre o que é a imagem de Deus. A existência de uma grande variedade de interpretações é um indicador de que não há nenhuma indicação directa em escritura que resolver o problema. Nossos resultados, portanto, deve ser inferências razoáveis extraídas pouco que a Bíblia diz sobre o assunto:

1. A imagem de Deus é universal na raça humana. Nós entrar em mais detalhes no Capítulo 26, mas neste momento notamos que o primeiro ser humano universal, Adam, e não apenas uma parte da raça humana, foi feito à imagem de Deus. Observamos também que a proibição de assassinato (Gênesis 9: 6) E maldição (Tiago 3: 9-10.) Se estende a todos os seres humanos. Nenhuma limitação é colocada sobre estas proibições, que são baseadas no fato de que a humanidade foi criada à imagem de Deus.

2. A imagem de Deus não é perdido através do pecado ou especificamente pela queda. As proibições de assassinato e estender os pecadores maldição homens e os crentes mais fervorosos. A presença da imagem e semelhança do não-cristão é assumido. Se assim for, a imagem de Deus não é algo accidental ou externo à natureza humana. É algo intrinsecamente ligada à humanidade.

3. Não há nenhuma indicação de que a imagem é uma pessoa presente numa extensão maior do que o outro. Recursos naturais mais elevados, como o aumento da inteligência, não são prova de que existe um maior grau de presença ou imagem.

4. A imagem não está relacionada a nenhuma variável. Por exemplo, não existe uma relação direta entre imagem e construção de relacionamento, nem ele pode contar com o exercício da autoridade parental. As demonstrações em Gênesis 1 simplesmente dizer que

Deus decidiu fazer os homens à sua imagem e ele fez. Este parece ser antes de qualquer atividade humana. Não há frase que limita a imagem a determinadas condições, atividades ou situações. Embora este seja um argumento negativo essencialmente diz um ponto fraco nos pontos relacionais e de vista funcional.

5. De acordo com o exposto, a imagem deve ser considerado principalmente como substantivo ou estrutural. A imagem é algo na própria natureza do ser humano, da mesma forma que foi feito. Ele se refere ao que *é* e não algo que *é* ou faz. Ser humano, a imagem de Deus *é*; Não tem nada a ver com a presença de outra coisa. Em contrapartida focar pontos relacionais e funcionalmente é realmente nas consequências ou aplicações da imagem e não na própria imagem. Embora eles estão intimamente ligados à imagem de Deus, as relações de experiência e exercer o poder em si mesmos, não são a imagem.

6. A imagem refere-se aos elementos da constituição humana que permitam o cumprimento de seu destino. A imagem são as qualidades de personalidade que torna humanos, como Deus, para interagir com os outros, são capazes de pensar e refletir e têm livre-arbítrio.

Criação de Deus foi proposital. Eles queriam que o homem sabia, amou e obedeceu a Deus e viviam em harmonia com outro ser humano, como indicado pela história de Caim e Abel. Os seres humanos certamente foram colocados na terra para exercer poder sobre o resto da criação. Mas essas relações e essa função pressupõe outra coisa. Os seres humanos são mais humanos quando eles são mais ativos nesses relacionamentos e quando eles executar esta função, cumprindo suas *telos*, *o propósito que Deus tem para eles*. Mas estas são as consequências ou aplicações da imagem. A imagem em si é o conjunto de qualidades necessárias para essas relações e esta função ocorre. Eles são as qualidades de Deus, refletidos nos seres humanos, permitem a interação pessoal, adoração e trabalho. Se pensarmos em Deus como um ser com qualidades, teremos dificuldade em aceitar o fato de que os seres humanos também têm essas qualidades. Os atributos de Deus, às vezes, referido como atributos transmissíveis torna-se, são a imagem de Deus; isto não está limitado a qualquer atributo particular. A humanidade como a humanidade tem uma natureza que engloba tudo o que constitui a individualidade ou personalidade: intelecto, vontade, emoções. Esta é a imagem que os seres humanos foram criados, permitindo-lhes exercer o poder e ter o relacionamento Deus pretendia que tinham com ele e com os outros seres humanos.

Além da questão do que a imagem de Deus, devemos perguntar por que faz o homem à imagem de Deus. O que realmente está sendo feito à imagem de Deus? Qual foi a intenção de Deus para as nossas vidas? Neste outros pontos de vista sobre a imagem que estamos particularmente útil, porque eles se concentram sobre as consequências ou manifestações da imagem. O caráter de Jesus e suas ações vão servir-nos particularmente útil sobre esta questão desde que ele foi o exemplo perfeito do que eu queria ser exemplo a natureza humana:

1. Jesus tinha perfeita comunhão com o Pai. Enquanto na terra que ele associava com ele e muitas vezes falou com ele. Sua comunhão é visto mais claramente em sua oração sacerdotal em João 17. Jesus fala sobre como ele eo Pai são um (vv. 21-22). Ele tem glorificado e glorificar o Pai (vv. 1, 4), e que o Pai glorificado e glorificá-lo (vv. 1, 5, 22, 24).

2. Jesus obedeceu perfeitamente o Pai. No Jardim do Getsêmani, Jesus orou: "Pai, se queres, retire de mim este cálice; mas a minha vontade feito, não o seu" (Lc. 22:42). Na verdade, durante o seu ministério, sua vontade era subordinado: "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (João 4:34.); "Eu não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (Jo 5:30.); "Porque eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (Jo. 6:38).

3. Jesus sempre mostrou um grande amor para os seres humanos. Tomemos, por exemplo, em sua preocupação com as ovelhas perdidas de Israel (Mateus 09:36; 10:

6); sua compaixão pelos enfermos (Marcos 1:41) e sofrimento (Lc. 07:13), paciência e perdão para aqueles que falham.

A intenção de Deus é que um sentido similar de comunhão, obediência e amor caracterizar as relações humanas com Deus, e que os homens estão unidos pelo amor. Nós só são plenamente humano quando nós manifestar essas características.

Implicações da doutrina

1. Nós pertencemos a Deus. O fato de que somos feitos à imagem de Deus significa que alguns de seus atributos também pertencem a nós (pelo menos até certo ponto), e ainda mais nos lembram que nós pertencemos. Dorothy Sayers e observou David Cairns argumentou que, embora o termo "imagem de Deus" não aparecer, é crucial para compreender Marcos 12: 13-17. A questão era saber se eles devem pagar tributo a César. Quando trouxeram-lhe uma moeda, ele perguntou o que imagem (εἰκών) apareceu nela. Os fariseus e herodianos responderam corretamente. "César", Jesus disse: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus." O que é "o que é de Deus"? Certamente nada tendo a sua imagem. Então, o que Jesus estava dizendo era: "Dê a César o seu dinheiro, porque leva a sua imagem e, portanto, pertence. Mas danificar-se a Deus. Você carrega sua foto e você pertence. "Compromisso, devoção, amor, lealdade, serviço a Deus, todos estes estão aptos a transportar a imagem de Deus responde.

2. Devemos seguir o padrão de Jesus, a revelação plena da imagem de Deus. Ele é a imagem completa de Deus e da pessoa cuja a humanidade nunca foi corrompido pelo pecado (Hb. 4:15). O perfil da imagem de Deus pode ser visto em Jesus. A dedicação que ele disse: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice; todavia não como eu quero, mas como tu queres" (Mateus 26:39) é o que deve caracterizar-nos. A determinação de que disse: "Eu preciso trabalhar as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (João 9: 4), tem que ser nosso modelo. E nós temos que imitar o amor se manifesta na vida e na morte do que disse: (. Jo 15:13) "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos". Esta é a imagem de Deus em seu sentido mais puro, a formação da imagem de Cristo em nós (Rm. 8:29).

3. experimentar a plena humanidade somente quando nos relacionamos com Deus corretamente. Não importa o quão educados ou educado somos, ninguém é totalmente humano a menos que seja um discípulo de Deus redimiui. Este é o *telos* humano para o qual foram criados. Portanto, há espaço em nossa teologia para o humanismo, para um cristão, humanismo bíblico se preocupe que os outros têm um relacionamento correto com Deus. O Novo Testamento deixa claro que Deus vai restaurar a imagem danificada, e talvez até mesmo transformar além dela (2 Coríntios 3:18).

4. Aprender e trabalho é bom. O exercício do poder é um resultado da imagem de Deus. A humanidade é compreender e controlar a criação, desenvolvê-lo até as últimas consequências para seu próprio bem e para Deus. Isto significa também de exercer o poder sobre nossas próprias personalidades e habilidades. O exercício do poder era parte da intenção original de Deus para a humanidade; Ele precedeu a queda. O trabalho, portanto, não é uma maldição, mas uma parte do bom plano de Deus. A base para a ética do trabalho pode ser encontrada na própria natureza do que para o qual Deus nos criou.

5. O ser humano tem valor. A sacralidade da vida humana é extremamente importante no esquema das coisas de Deus em primeiro lugar. Mesmo após a queda, o assassinato foi proibido; a razão era é que os seres humanos foram feitos à imagem de Deus (Gênesis 9: 6) em. Embora a passagem em questão não diz explicitamente que o homem manteve-se à imagem de Deus, mas apenas que foi criado à sua imagem, é evidente que mesmo os seres humanos pecaminosos ainda possuía. Porque de outra forma, Deus não citou imagem como por que ele foi proibido matar.

6. A imagem é universal na humanidade. Foi Adam, Human, que foi dada a imagem. E considerar Adão como o primeiro ser humano ou como representante ou um ser simbólico, "Adam" era toda a raça humana e "Eva" foi a mãe de todos os viventes (Gn. 3:20). Ambos Gênesis 1:27 e 5: 1-2 deixa claro que a imagem tinha tanto homens como mulheres.

A universalidade da imagem significa que há dignidade em ser humano. Cairns sugere que Calvino encorajou as pessoas reverenciam. Embora esta terminologia é muito forte uma caracterização do que realmente disse Calvin,⁵¹ o conceito geral é válido. Não devemos negligenciar qualquer ser humano. Todos são algo bonito, se as distorções de que Deus realmente queria era originalmente humanidade. A semelhança com o potencial Criador existe. Há boas obras feitas por não-cristãos, não merecendo para obter o favor divino da salvação, mas agradar a Deus contribuindo para o seu objectivo global.

A universalidade da imagem também significa que todas as pessoas têm alguma sensibilidade para as coisas espirituais. Embora às vezes essa sensibilidade parece ser enterrado e ser muito difícil identificar, todos têm o potencial de comunhão com Deus e será incompleta se não obtê-lo. Devemos olhar para as áreas de ternura ou, pelo menos, abertura a todos.

Porque todos nós somos feitos à imagem de Deus, não deve fazer nada para invadir os limites dos outros no exercício legítimo da sua autoridade. Você não deve tirar a liberdade de um ser humano que não perdeu esse direito abusar dele (assassinato, roubo, etc ...). Isto significa claramente que a escravidão é errada. No entanto, para além deste, isso significa que privar alguém de sua liberdade por meios ilegais, manipulação ou intimidação, é incorreto. Todo mundo tem o direito de exercer a autoridade, um direito que só termina onde os direitos de outra pessoa começa a exercer o poder.

Todo ser humano é uma criatura de Deus feito à imagem de Deus. Deus nos dotou com o poder da personalidade que nos permitirá louvar e servir. Ao fazer uso desses poderes para o efeito, somos mais plenamente o que Deus pretendia que devemos, e, portanto, mais plenamente humano.

25. A natureza constitucional do homem

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Lista e reafirmando as posições básicas sobre a constituição humana: tricotomista, dicotomista e monistas.
- Ligando cada uma destas três posições básicas da constituição humana para considerações bíblicas.
- Rever e avaliar a posição monista de John AT Robinson.
- Relacionar e refutar cinco natureza humana a objeções filosóficas feitas.
- Comparar e contrastar um modelo alternativo, baseado na unidade padrão.
- Compreender e aplicar as implicações da unidade padrão

Resumo do capítulo

Há três posições tradicionais na constituição humana: o tricotomista, o dicotomista e monista. Monismo atenção especial a ser pago John AT Robinson. Uma discussão aprofundada de considerações bíblicas e filosóficas levam a rejeitar as três posições

tradicionais. Em vez disso, será fornecido um modelo alternativo de unidade condicional da pessoa, que tem cinco implicações.

Questões de estudo

1. Que conceitos mantiveram-se na constituição humana?
2. Que tipo de apoio ou oposição bíblica é para cada uma das posições tradicionais da constituição humana?
3. Como se defender ou refutar cada uma das posições tradicionais da constituição humana?
4. Qual é a importância do estado intermediário de consciência?
5. Qual é a unidade padrão afeta a nossa visão da natureza humana?
6. Que implicações são desenhados para aceitar a unidade condicional da constituição humana?

Posições básicas sobre a constituição humana

Tricotomismo

Dicotomia

Monismo

Considerações bíblicas

Considerações filosóficas

Um modelo alternativo: Unidade Condicional

Implicações da unidade condicional

Quando perguntado o que é o ser humano, estamos fazendo várias perguntas diferentes. Um deles, já foi discutido, é a questão da origem. Também estamos perguntando sobre a função humana ou propósito. Isto poderia levar a questão do destino final do homem. A composição do homem também é outra questão que surge com a questão do que os seres humanos são. São seres unitárias, ou são compostos por dois ou mais componentes? E se eles são compostos de vários componentes, quais?

Como vemos a constituição do homem é de grande importância. Se assim for dualista, uma tendência a pensar em certos aspectos da vida humana isolada de outras desenvolve. Por exemplo, pode-se considerar o aspecto espiritual da vida bastante independente da condição física. Além disso, se considerarmos o ser humano como uma unidade, um ser, que é a questão do que é a única "substância" que é a natureza humana. É um corpo, uma alma ou o que? Depois de ter encontrado uma resposta satisfatória a esta questão, temos a tendência de ver os seres humanos apenas como a substância. Neste ponto, a maioria das pessoas tomar uma das diferentes teorias sobre a humanidade que esboçam no Capítulo 22.

Ao considerar a constituição humana, devemos tomar um cuidado especial para examinar os pressupostos com que nos aproximamos nosso estudo. Como não há disciplinas bíblicas também estão preocupados com a humanidade, é uma possibilidade muito real de que alguns de seus conceitos afetando o desenvolvimento da nossa teologia. Se um dualismo grego antigo, behaviorista ou um monismo moderno, precisamos estar atentos para não introduzir pressuposições não-bíblicas quando lemos as escrituras.

Posições básicas sobre a constituição humana

Tricotomismo

Uma posição popular nos círculos protestantes conservadoras é chamado "tricotomismo." Um ser humano é composto por três elementos. O primeiro elemento é o corpo físico, algo que os seres humanos têm em comum com os animais e plantas. Não há nenhuma diferença no tipo entre um corpo e animais e plantas humana; mas existe uma diferença de nível, uma vez que os seres humanos têm uma estrutura física mais complexo. A segunda parte é a alma humana. Este é o elemento psicológico, a base da razão, emoção, interação social e assim por diante. Acredita-se que os animais têm uma alma rudimentar. Possuindo uma alma é o que distingue os homens e animais provenientes de plantas. Embora a alma humana é muito mais complexa e muito mais capaz do que a dos animais, suas almas são semelhantes em espécie. O que realmente distingue o homem dos animais é não ter uma alma mais complexa e avançada, mas um terceiro elemento, ligue para o espírito. Este elemento religioso permite que os seres humanos a perceber as questões espirituais e responder ao estímulo. É o lugar onde as qualidades espirituais do indivíduo estão localizados, enquanto os traços de personalidade residem na alma.

Uma boa parte do tricotomismo está em dívida com os antigos metafísica grega. No entanto, com exceção de referência explícita ocasional à influência dos filósofos gregos que não é facilmente perceptível. Na verdade, a principal base de tricotomismo certas passagens da Escritura ou listadas três componentes da natureza humana ou distinguir entre a alma eo espírito. Um texto é 1 Tessalonicenses 5:23: "Que o Deus da paz vos santifique em tudo; . E todo o seu ser - espírito, alma e corpo - é irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo "A Palavra de Deus Hebreus 4:12 descreve como" viva e eficaz, mais penetrante que qualquer espada de dois gumes, e penetra até . ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração "Além disso, uma divisão tripartite parece estar implícita em 1 Coríntios 2: 14-3: 4, onde Paulo classifica os seres humanos como "carnais" (σαρκικός - *sarkikos*), "não-espirituais" (ψυχικός - *psuchikos* - literalmente "alma") ou "espirituais" (πνευματικός - *pneumatikos*). Estes termos parecem referir-se a diferentes funções ou orientações, se diferentes componentes do humano. I Coríntios 15:44 também distingue entre o corpo natural(ψυχικόν) e o corpo espiritual (πνευματικόν).

Alguns filósofos gregos ensinaram que o corpo é o aspecto material do homem, a alma é o aspecto imaterial e do espírito coloca em conexão. Ele frequentemente faz um paralelo entre a forma como o corpo ea mente estão relacionados e como Deus eo mundo criado por ele estão relacionados. Da mesma forma Deus entra em relação com o mundo através de uma terceira substância (intermediário), a alma eo corpo estão relacionados através do espírito. Pensou na alma como algo imaterial e parte do outro em relação com o corpo. Na medida em que se relaciona com o corpo, ele é considerado sexual e mortais;mas quando se apropriou do espírito, considerou-se imortal.

O tricotomismo tornou-se particularmente popular com os pais Alexandrino dos primeiros séculos da Igreja, como Clemente de Alexandria, Orígenes e Gregório de Nissa. Ele caiu em algum descrédito depois que ele fez Apolinario usar para o desenvolvimento de sua cristologia, a Igreja determinou que era herético. Embora alguns dos Padres do Oriente continuou mantendo, ela sofreu um declínio geral na popularidade até que reviveu o Inglês e teólogos alemães do século XIX.

Dicotomia

Provavelmente a posição mais estendida ao longo da história do pensamento cristão é que o homem é composto de dois elementos, um aspecto material (o corpo) e um componente imaterial (alma ou espírito). A dicotomia manteve-se praticamente desde o primeiro período do pensamento cristão. No entanto, após o Concílio de Constantinopla de 381 cresceu em popularidade, a ponto de se tornar crença quase universal da Igreja.

Formas recentes de dicotomia sustentam que o Antigo Testamento apresenta uma visão unificada da natureza humana. No entanto, no Novo Testamento esta visão unitária

é substituído por um dualismo: o homem é composto de corpo e alma. O corpo é a parte física do ser humano, o partido morre. Experimente a morte desintegração e retorna à terra. A alma, por outro lado, é a parte imaterial do homem, a parte que sobrevive à morte. É esta natureza imortal que separa os homens dos outros seres.

Muitos dos argumentos para a dicotomia são essencialmente argumentos contra conceito tricotomista. Tricotomismo rejeita a dicotomia que, se um segue o princípio de que cada uma das referências a versículos como 1 Tessalonicenses 5:23 representa uma entidade distinta, as dificuldades surgem com outros textos. Por exemplo, em Lucas 10:27 Jesus diz: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda sua força e com toda tua mente." Aqui nós temos três entidades, mas quatro, e os quatro não caber três em 1 Tessalonicenses. Na verdade, apenas um deles é o mesmo: a alma. Além de "espírito" e "alma" são usados para criar o animal. Por exemplo, Eclesiastes 3:21 refere-se ao espírito do animal (a palavra aqui é o hebraico רִיחַ[Ruach]). Os termos *espírito* e *alma* são freqüentemente usados alternadamente. Observe, por exemplo, Lucas 1: 46-47., Que é provavelmente um exemplo de paralelismo "A minha alma glorifica o Senhor eo meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador" Aqui os dois termos parecem praticamente equivalente. Existem muitos outros exemplos. Um homem de blocos de construção são designados como a alma eo corpo em Mateus 06:25 (ψυχή - *psuche* "vida") e 10:28, mas chamou o corpo eo espírito em Eclesiastes 12: 7 e 1 Coríntios 5: 3, 5. A morte é descrita como sua alma (Gênesis 35:18; 1 Reis 17:21; Atos 15:26 [.. ψυχὰς - *psuchas*,[ψυχὴν] "(Mateus 16:26) Não há referência ao problema do espírito (Gen. 41: .. 8; Jo 13:21) ?. e agitação da alma (Sl. 42: 6; Jo . 12:27).

A teologia liberal clara distinção entre alma e corpo quase como duas substâncias diferentes. A pessoa foi identificada com a alma ou espírito, não o corpo. Um exemplo claro deste tipo de pensamento, William Newton Clarke, fala de uma divisão do homem em corpo e espírito (alma e espírito são usados como palavras intercambiáveis para a mesma entidade). "A pessoa, ciente de que o agente moral se não é o corpo; em vez habita e controla o corpo. "O espírito de um ser humano tem que ser concebido como" incorpóreo e imaterial que vive e atua através do corpo. "⁶ O corpo é o lugar e os meios de nossa vida presente, mas não uma parte necessária da nossa personalidade. Pelo contrário, é o organismo através do qual reflete a personalidade e expressa sentimentos. A personalidade pode existir sem o corpo, aprender com o mundo exterior por outros meios que os sentimentos e expressar uma forma diferente do que com o corpo, e ainda assim permanecer "tão real quanto é agora." O corpo, portanto, não é uma parte essencial da natureza humana. A pessoa pode funcionar muito bem sem ele. Este é um verdadeiro e autêntico dualismo. A morte é a morte do corpo e do espírito vive muito bem. "Deixe o corpo material, mas ainda vive, e em novas cenas de ação."

Menos definido, mas mostrando a mesma posição básica é o pensamento de Harold L. DeWolf. Ele observa que qualquer posição que nega que haja uma real diferença de identidade entre a alma humana eo corpo é contrária aos ensinamentos da experiência cristã. DeWolf admite que a Bíblia assume que a vida da alma depende de um corpo vivo; mas responde que "esta suposição pode ser atribuído aos velhos hábitos de pensamento e de fala dificuldades para representar a realidade sem uma imagem sensorial e necessidade indiscutível para a consciência humana tem um contexto de comunicação fornecida por qualquer meio." ¹⁰

DeWolf chama a atenção para inúmeras passagens que sugerem um dualismo corpo-alma. Na sua morte, Jesus deu o seu espírito gritando "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Mt. 27:50;. Jo 19,30 ;. Lucas 23:46). Outras referências importantes são Lucas 12: 4; 1 Coríntios 15:50; 2 Coríntios 4:11; 5: 8, 10. O corpo tem um papel importante no plano de Deus em seu lugar. Ele é usado como uma ferramenta para expressar e cumprir com as intenções da pessoa. Mas a alma deve controlar o corpo.

O dualismo de Clarke e DeWolf, mantendo ao mesmo tempo que a alma pode existir sem o corpo, não levá-los a negar a ressurreição do corpo. Do seu ponto de vista separar

a alma depois da morte há uma situação temporária. No entanto, alguns liberais substituiu a doutrina tradicional da ressurreição do corpo para a imortalidade da alma. Um deles, Harry Emerson Fosdick, considerado a idéia da ressurreição do Novo Testamento como um produto do seu tempo. Uma vez que o conceito judaico de Sheol, um lugar onde os mortos suportou uma existência sem sentido, você dificilmente poderia entender de outra forma imortalidade não ir com a idéia de ressurreição. Durante o exílio, o judaísmo ficou sob a influência do zoroastrismo e à idéia de ressurreição foi cada vez mais se juntar a esperança da imortalidade.¹⁴ No entanto, como Fosdick que trabalhou a partir da perspectiva da metafísica grega, serra a necessidade de identificar a idéia da imortalidade na ressurreição. Ele preferiu a idéia de "persistência da personalidade através da morte" para a ressurreição da carne. Fosdick a doutrina da imortalidade da alma mantém a experiência básica duradouro, mas substitui a forma de a expectativa Novo Testamento de uma vida após a morte.

Os conservadores não tão longe liderou a posição dualista. Embora eles acreditam que a alma pode sobreviver à morte, vivendo sem um corpo, eles também esperam uma futura ressurreição. É a ressurreição do corpo para a sobrevivência da alma. Pelo contrário, são duas fases do futuro de um ser humano.

Monismo

Os pontos de acordo entre as posições tricotomistas dicotomistas e superar suas diferenças. Ambos concordam que o ser humano é complexo e composto, feito de partes separáveis. Em contraste, existem várias maneiras a posição que o ser humano é considerado indivisíveis. Monismo insiste que não se deve pensar que o homem é composto de peças ou entidades separadas, mas sim uma unidade radical. Na idéia monista a Bíblia vê o homem como corpo, alma e espírito, mas simplesmente como um ser. Os termos são por vezes utilizados para distinguir partes de um ser humano, na verdade, ser feita basicamente sinónimos. O homem nunca é abordada na Bíblia como um ser dualista.

De acordo com o monismo, os seres humanos estão a ser ou ter um corpo. A idéia de que, de alguma forma, um homem pode existir sem um corpo é impensável. Por conseguinte, não existe a possibilidade de existência após a morte, sem um corpo. A imortalidade da alma é insustentável. Portanto, é não só impossível ter uma vida futura sem a ressurreição do corpo, mas qualquer tipo de estado intermediário entre a morte ea ressurreição também está descartada.

Monismo, que surge, em parte como uma reação contra a idéia liberal da imortalidade da alma, era popular no neo-ortodoxia e teologia bíblica do movimento. Sua abordagem foi baseada principalmente em um método de estudo das próprias palavras. Um bom exemplo é o corpo, um estudo de John AT Robinson em teologia paulina. Ele argumenta que o conceito do corpo é a pedra angular da teologia de Paulo e Paul é o único escritor do Novo Testamento para a palavra σῶμα (Sōma) tinha qualquer importância doutrinária.

De acordo com Robinson, é um fato notável que não há nenhuma palavra hebraica para o corpo, ou qualquer equivalente Antigo Testamento a partir de palavras-chave grego σῶμα. Há várias palavras hebraicas traduzidas por σῶμα na Septuaginta, das quais a mais importante ea única importância teológica é בָּשָׂר (Base de). No entanto, essencialmente significa "carne" em vez de "corpo", e na maioria dos casos na Septuaginta traduz em σάρξ (sarx). Portanto, as duas palavras mais decisivos na antropologia de Paul "carne" (σάρξ) e "corpo" (σῶμα), representando a mesma palavra no original hebraico. Robinson argumenta que Paul antropologia deve ser entendida à luz dos pressupostos hebreus sobre os seres humanos. Como o Antigo Testamento apresenta uma visão unificada do homem, sem distinção entre carne e corpo, não diferenciam os termos *carne* e *corpo*, quando eles aparecem nos escritos de Paulo. Ambos referem-se a

toda a pessoa. Aqueles que afirmam que σάρξ e σῶμα ter diferentes referências estão erradas.

Como Robinson explica que o grego tem duas palavras diferentes para o que em hebraico é um conceito único? Ele explica que os judeus nunca levantou certas questões que faziam os gregos. Diversas questões levantadas pensamento grego terminou a distinção entre carne e corpo:

1. A oposição entre *forma* e matéria. O corpo é a forma que define a matéria ou substância a partir da qual é feita.
2. O contraste entre *um* e *muitos*, *o todo* e *suas partes*. As partes do corpo da frente ou órgãos dentro dele.
3. A antítese entre *corpo* e alma. Em grego pensei que o corpo não é essencial para a personalidade. É algo que o homem tem e não algo que o homem é.
4. O princípio da individualidade. O corpo, em contraste com a não-singularidade da "carne" marca e isolamento de um outro humano.

Robinson vê-los como questões levantadas pelos gregos, mas eram estrangeiros para hebraico pensamento. É instrutivo observar que nem mesmo a documentação fornecida como uma fonte do pensamento grego para o que se propõe como pensamento grego.

Paul Robinson admite que, é claro, os dois termos utilizados σάρξ e σῶμα. Mas σάρξ, diz Robinson, Paul não se refere a carne como uma substância ou material a partir do qual o corpo é feito. Em vez disso, a carne refere-se à pessoa em geral e em particular para a pessoa considerando a sua aparência, sua existência física. É utilizado, por exemplo, o ponto a apontar para fora a circuncisão em contraste com o interior do coração de circuncisão. A palavra *de carne* também é usado para designar a humanidade em contraste com Deus. Denota fraqueza e mortalidade. Da mesma forma, as cartas de Paulo na palavra *corpo* não se refere a algo que o homem tem algo exterior a si mesma. Mas é sinônimo pessoa. Robinson diz que as palavras ψυχή e πνεῦμα (pneuma) também representam toda a pessoa, mas sob diferentes aspectos, o segundo termo se refere ao que é no ser humano que o torna aberto a Deus e transmitir a sua vida.

Em tudo isso, John AT Robinson está seguindo o pensamento de H. Wheeler Robinson, comentando sobre a terminologia do Antigo Testamento sobre a natureza humana e humana. O termo "corpo e alma" não deve ser entendido como uma nítida distinção entre os dois, ou algo que divide os seres humanos em dois componentes. Pelo contrário, deve ser considerado uma descrição exaustiva da personalidade humana. Na concepção do Antigo Testamento, um homem é uma unidade psicofísica, carne animada por alma. . Como uma frase já clássico de H. Wheeler Robinson diz "A idéia hebraica de personalidade é um corpo animado, não uma alma encarnada" Ele declara que a resposta para a velha pergunta: "Que é o homem" é "O homem é uma unidade, e [isso] unidade é o corpo como uma coleção de peças, que chamam a sua vida e atividade da alma que lhes dá fôlego, que não tem existência fora do corpo." Portanto, o hebraico não tem uma palavra específica para o corpo ". Ele nunca precisou de um porque o corpo era o homem" ²⁵

Para resumir o argumento monista figuras bíblicas modernas pintar o homem como um ser unitário. Pensamento hebraico não conhecia distinção na personalidade humana. Corpo e alma não eram termos contrários, mas sinónimos intercambiáveis.

Considerações bíblicas

Agora, temos de avaliar o monismo à luz de todos os dados bíblicos. Quando olhamos mais de perto, descobrimos que a posição do monismo absoluto da natureza humana tem sido negligenciado ou obscurecido alguns dados importantes. Desde há alguns problemas, especialmente na área da escatologia, uma postura completamente monista tem dificuldade em lidar.

Certas passagens sugerem um estado intermediário entre a morte e a ressurreição, um estado em que as pessoas ainda estão vivendo uma existência pessoal consciente. Uma dessas passagens é a frase que Jesus diz para o ladrão na cruz: "Em verdade vos digo, ainda hoje estarás comigo no paraíso" (Lucas 23:43.). Outra é a parábola do homem rico e Lázaro (Lc. 16: 19-31). Alguns acreditam que isso não é uma parábola, mas uma história verdadeira, porque seria algo especial em uma parábola colocar um nome de uma das personagens da história. Dizem-nos que o homem rico e o pobre homem morreu. O homem rico foi para o Hades, onde sofreu grande tormento nas chamas, enquanto o pobre Lázaro, foi levado para o seio de Abraão. Ambos estavam em um estado consciente. A terceira consideração que aponta para um estado intermediário de referência de Paulo é estar ausente do corpo e presente com o Senhor (2 Coríntios 5: 8). O apóstolo expressa temor que estado de nudez (vv. 3-4) desejando ser revestidos (v. 4). Finalmente, existem algumas referências das Escrituras em que a distinção entre corpo e alma é difícil de ignorar. Um exemplo proeminente é as palavras de Jesus em Mateus 10:28: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo no inferno".

Embora a posição radicalmente unificada tem dificuldade em lidar com estas considerações escatológicas, há também problemas com o caso positivo feito para esta posição. Em seu volume significativo e influente, *Semântica de Língua bíblica*, James Barr convincentemente criticou o Tratado de John AT Robinson. Barr lembra o argumento de Robinson que os gregos levantaram questões que as forçaram a diferenciar entre o "corpo" e "carne", enquanto os hebreus não eram tal distinção. Barr insiste em que a frase de Robinson "não poderia ter sido escrito, se não totalmente desprovida semântica lingüística" é baseado no pressuposto de que a diferença de conceitos requer vários termos.²⁷ Mas um exame linguístico mostra que isso não faz é verdade. Enquanto algumas línguas têm duas palavras para "homem" (latim *vir* e *homo*, alemão *Mann* e *Mensch*, grego *άνήρ* [Aner] e *άνθρωπος* [anthropos], outros têm apenas um (Francês *homme*, *homem*). *Da mesma forma francês, alemão e grego ter mais de uma palavra "saber", enquanto Inglês e hebraico têm apenas No entanto, em cada caso, a distinção conceitual existe na cultura. Isso é verdadeiro mesmo se os termos separados representando faltando cada um dos conceitos. Portanto, o fato de que a linguagem não diferencia entre "corpo" e "carne" não significa que os hebreus não estavam cientes desta distinção. Quando se vai além de exemplos isolados argumenta que Robinson, é que seu método é bastante perversa e até mesmo cômico.*²⁹

Barr Robinson também criticado por negligenciar a semântica históricos ou diacrônica. Robinson disse que os dois termos eram necessários *σῶμα* e *πνεῦμα* pelo contraste entre forma e matéria, o que ele pensava que era básico no pensamento grego. No entanto, embora os dois termos foram bem estabelecida no tempo de Homero, Aristóteles sustenta que a distinção entre forma e matéria era desconhecida para os primeiros filósofos gregos. Há uma questão real, então, se os gregos realmente pensei sobre *σῶμα* e *σάρξ* como forma e matéria. Como observado acima, Robinson não forneceram qualquer documentação do pensamento grego.

Além crítica de Barr, devemos salientar outros problemas com a posição de Robinson. Uma delas é que parece que estamos a ver "o ponto de vista grego", como uma mentalidade monolítica. No entanto, qualquer um que tenha estudado a primeira filosofia grega conhece a sua variedade. Mais uma vez a falta de documentação de Robinson enfraquece seu argumento.

Além disso, como é comum em teologia bíblica movimento, Robinson toma uma distinção muito clara entre o pensamento grego e hebraico. Esta hipótese já havia sido defendida por H. Wheeler Robinson, Johannes Pedersen e Thorleif Boman, mas agora, como Brevard Childs aponta, tenha sido rejeitado", mas mesmo entre os teólogos bíblicos não estavam convencidos [por críticos de Barr] Foi acordado que a ênfase do movimento teologia bíblica colocar uma mentalidade distinta nunca poderia manter sem uma grande

reforma. "A diferença entre grego e hebraico o pensamento deve ser visto como algo muito menos radical do que Robinson mantida.

A avaliação do valor relativo das duas mentalidades também deve ser questionada. Robinson assume que o pensamento é automaticamente da Bíblia Hebraica. Childs resume essa suposição teologia bíblica movimento "pensamento hebraico era algo essencialmente bom em contraste com o grego que foi considerado ruim." No entanto, esta hipótese nunca é realmente justificada. Agora parece ser uma expressão de desconforto da teologia bíblica com o pensamento mais ontológica e objetiva. E este, por sua vez deve refletir a influência de uma ou mais das escolas filosóficas contemporâneas descritos no Capítulo 2 deste livro: pragmatismo, existencialismo, a filosofia analítica ea filosofia do processo. Também parece eliminar qualquer possibilidade de revelação progressiva, que poderia envolver formas e conteúdos linguísticos e conceituais. Insistindo canonizar como, a mente tal hebraico o risco de que Henry Cadbury chamado run "O perigo de arcaizarse."

Vamos rever o argumento de Robinson:

1. Os hebreus tinham uma idéia unitária da natureza humana. Eles não tinham terminologia para distinguir "carne" de "corpo" porque não diferenciar a pessoa como um todo e aparência.
2. Paulo adotou o conceito ou quadro hebraico.
3. Enquanto estiver usando termos diferentes - σάρξ, σῶμα, ψυχή, πνεῦμα - não há entidades diferentes em mente. Eles estavam todos olhando para a pessoa como um todo.
4. Por conseguinte, nem o Antigo nem no Novo Testamento ensinam uma visão dualista da natureza humana. Um dualismo corpo - alma não é bíblico.

Robinson não só declarou a sua posição, parece claro que, com base na falta de multiplicidade linguística profissional dos termos é bastante coerente com a complexidade. Robert Longacre observou, por exemplo, na palavra espanhola mexicana, *tecla* serve para identificar o que é dito em Inglês com três: *chave*, *chave* e *torneira*. Isso indica que o mexicano não vê esses três objetos que distingue Inglês? Longacre acha que não. Como a palavra aparece em vários contextos, sabemos que o mexicano é tão capaz de distinguir objetos representados por este único mandato como um alto-falante Inglês.

Parece que, a partir do acima exposto, você pode extrair o ensino bíblico de que a natureza humana não exclui a possibilidade de algum tipo de caráter composto, ou pelo menos alguma forma de separabilidade, dentro da composição humana. Isso não significa que o uso dos termos σῶμα, ψυχή e πνεῦμα é uma prova da complexidade da natureza humana, mas essa possibilidade não está excluída pelo campo lexical. Você pode ensinar outra forma na Bíblia. E, claro, temos notado as passagens das Escrituras que defendem uma vida sem um corpo após a morte. No entanto, continua a haver uma série de objeções filosóficas.

Considerações filosóficas

As principais objeções à natureza humana são feitos filosófica. Eles são basicamente reivindicações que surgem como resultado do facto de a dualidade é simplesmente insustentável. Eles têm muitos argumentos que podem ser classificados em cinco grupos apareceram.

1. Consulte uma "pessoa" independentemente do seu corpo é uma língua estrangeira; É muito diferente do que se entende por "pessoa" na linguagem comum. Anthony Flew estados que palavras como "você", "me", "pessoa", "povo", "mulher" e "homem" são usados para se referir a objetos que podem ser vistos, apontando, tocar, ouvir e falar com eles. Use a palavra *pessoa*, ou *qualquer outro destes*, em um

sentido diferente de "pessoa encarnada" é mudar o significado de tal modo que as implicações cruciais são perdidas.

Bruce Reichenbach observa que a respeito do homem como um composto de alma e corpo também muda drasticamente a idéia da morte. Se acreditamos na imortalidade da alma, temos que reformular a frase: "Meu tio morreu aos oitenta", porque a sua alma ainda vive. Vamos ter de dizer em vez disso: Mas isso vai significar a determinação da morte (a cessação da vida) por "o coração, pulmões e cérebro de meu tio parou de funcionar aos oitenta, mas (como pessoa) ainda vive." critérios bastante diferentes do que é utilizado uma vez que o fim do funcionamento do coração, pulmões e do cérebro é o critério que é geralmente aceite para a morte. Na verdade, isso tornaria inaplicável o termo *morte* para os seres humanos.

Aqui estão os problemas especiais para o dualista cristão, como as Escrituras falam de que o homem morre, "da forma como aos homens está ordenado morrerem uma só vez" (Hebreus 9:27.); "Se vivemos, vivemos para o Senhor; e se morremos, morremos para o Senhor. Então, se vivemos ou morremos, somos do Senhor" (Rom. 14: 8); "Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados" (1 Cor 15:22). Estes versos falam do indivíduo, a pessoa morre; Eles não dizem que o corpo morre ea pessoa continua a viver de alguma forma. Ele nunca fala da ressurreição como uma única ressurreição do corpo, mas da pessoa. Considere também a morte expiatória de Jesus. Escritura diz claramente: "Cristo morreu por nossos pecados", diz apenas que suas funções do corpo cessar.

2. O conhecimento humano depende do corpo físico e especialmente o cérebro. Reichenbach lista várias outras evidências de uma relação radical entre o psíquico eo físico: a herança de habilidades mentais; o efeito de dano cerebral no conhecimento, memória e capacidade conceitual; causas físicas de fraqueza mental, que é uma condição do intelecto; centralização de certos estados sensoriais em áreas específicas do cérebro. Tudo isso depõe contra uma parte separável do psíquico humano.

3. A identidade pessoal depende em última instância sobre o corpo. Este argumento foi apresentado de várias maneiras. Uma das apresentações mais atraentes é Terence Penelhum: o nosso único critério de identidade pessoal são o corpo físico e memória. No entanto, o primeiro e está excluída se falamos de uma alma sem corpo. E o segundo não é uma função separada, mas depende do corpo. Portanto, não há princípio de identidade para uma alma sem corpo ou espírito, e em última análise, conceito sem sentido.

Penelhum leva grandes esforços para rejeitar a idéia de que a memória de um evento é um critério adequado de identidade pessoal. Apresenta-se o caso hipotético de uma pessoa que experimentou E desencarnada ₂ ea memória da experiência E ₁. Agora, se E ₂ ea memória de E ₁ são eventos sucessivos, é se o mesmo assunto tinha essas duas experiências. Isto não pode ser definido se não pela continuidade de um corpo físico, e por isso não está provado identidade. Se, por outro lado, E ₂ e a memória de E ₁ são eventos simultâneos, ainda não há maneira de saber se elas foram experimentadas por duas pessoas diferentes ou a mesma pessoa porque cada uma dessas idéias presume que "significa que individualiza uma pessoa de um outro; o qual está ausente no caso em que nenhum organismo".

4. Provavelmente, a objeção mais enfático ao dualismo é o conceito que simplesmente não faz sentido. Essa avaliação é uma aplicação do princípio da verificabilidade do positivismo lógico: uma proposição é significativo somente quando você pode especificar um conjunto de dados mensuráveis para os sentidos que podem verificar (ou negar). Nesta base, AJ Ayer concluiu que a idéia de que uma pessoa sobrevive à destruição de seu corpo é auto-contraditória: "Pois o que é suposto para sobreviver ... não o ser empírico (que é inconcebível sem o corpo), mas a entidade metafísica: a alma. E esta entidade metafísica, sobre o qual não se pode fazer qualquer hipótese verdadeira, não tem qualquer conexão lógica com o ser. "Da mesma forma, Ludwig Wittgenstein argumentou que as idéias de uma existência sem corpo ea morte como separação da alma o corpo não tem sentido,

porque não podemos especificar um conjunto de dados empíricos resultantes de qualquer um deles.⁴⁵

5. Outra objeção à idéia de que o homem é um dualismo corpo - alma vem da psicologia behaviorista. Behaviorismo, cujo motorista era John Watson, é em um sentido para a psicologia o que o positivismo lógico com os seus princípios é a filosofia. Os behavioristas estão determinados a fazer o *gia psi* é uma ciência, em vez de o assunto introspectiva e subjetiva que era uma vez. Portanto restringir os seus dados para o comportamento observado de seres humanos e os resultados dos experimentos, a maioria dos quais são efectuados em animais. Há uma velha piada sobre dois behavioristas que estão na rua. Observa-se a outro com cuidado e, em seguida, diz: "Você está bem. O que eu sou? "

Dada a restrição para dados de comportamento observáveis e resultados de experiências, não só os pensamentos e sentimentos, mas também as entidades de alma estão excluídos da consideração de psicologia. Pensamento e sentimento não são consideradas atividades da mente ou alma. São atividades comportamentais. Eles representam reações físicas, principalmente a partir dos sistemas muscular, visceral e glandulares. Este é claramente um ponto de vista monista, e na verdade bastante materialista.

Uma versão ligeiramente modificada desta abordagem é a teoria materialista que incide sobre o estado central da mente. Esta teoria leva mais a sério os estados mentais e sentimentos que o behaviorismo, tratando-os como condições reais de processos dentro do cérebro ou no sistema nervoso central. Estados mentais e sentimentos desempenham um papel causal genuíno na vida de um indivíduo. No entanto, eles não são apenas de natureza psicológica, porque são os mesmos processos que um neurologista seriam encontradas. Cada evento mental pode ser caracterizado (pelo menos) duas maneiras. Uma imagem que é frequentemente usado é o relâmpago. Física fala de choque elétrico concentrada em um tempo e lugar; um observador normal, vê um flash de luz. Os dois estão falando sobre o mesmo evento, mas suas histórias são diferentes. Assim neurologista também fala de cargas eletromagnéticas no cérebro e o sujeito fala um pensamento particular tem naquele momento. Eventos mentais são um dado adquirido, mas apenas explicando por fatores psicológicos.

Será que esses problemas e objeções filosóficas são intransponíveis? Vamos replicar cada um deles individualmente.

1. É verdade que é peculiar de pensar de um ser humano sem o seu corpo e usar a palavra *pessoa*, ou um *prazo semelhante para se referir a um aspecto imaterial do homem*. Em comparação com a língua o uso habitual quando se trata de temas religiosos, necessariamente, é muito raro, porque, como observamos no Capítulo 6 deste livro, tem uma natureza especial. Tentar obter uma visão especial que vai além da referência empírica para alcançar o significado não é tão evidente. Em alguns casos, eliminatórias logicamente estranhas são usados para nos ajudar a entender o significado mais profundo.

"Morte" é um daqueles termos que, em um contexto religioso, é ambíguo. Há um referente empírico e um significado mais profundo que exigem discernimento especial. A morte M_1 refere-se ao término da vida física, ou a suspensão do funcionamento do corpo físico. A morte H_2 refere-se à conclusão final da existência de toda a entidade. A questão aqui é se existe uma possibilidade de que uma parte do indivíduo para sobreviver à morte física, e não há outro tipo de morte além da morte física. A resposta não é se assumirmos que a existência humana é equivalente à existência do corpo. Mas a Bíblia usa a palavra *morte* em diferentes sentidos; Reconhece-se mais do que um tipo de morte. Jesus disse: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode destruir a alma eo corpo no inferno "(Mateus 10:28). E em Apocalipse 20: 6 João fala de uma "segunda morte", aparentemente distinto da primeira morte (o que normalmente quer dizer com morte).

2. Você tem que assumir que o corpo físico e especialmente o cérebro está intimamente relacionado com a consciência humana. Mas devemos necessariamente concluir que não há possibilidade de um aspecto intangível separável na natureza humana? Qualquer pessoa que tenha tido um reboque sabe que sua presença afecta a condução de muitas maneiras, mas uma vez que tomamos o trailer, o carro vai funcionar normalmente. Além disso, o fato de que as habilidades mentais são fisicamente conversações herdar sobre seu meio de transmissão, não a sua natureza.

3. Paul Helm respondeu as críticas de que a identidade pessoal Penelhum em última análise, depende do corpo. Embora argumento Helm que a memória em si é um critério adequado de identidade pessoal é demasiado complexo para discutir o assunto exaustivamente aqui, podemos citar alguns dos destaques. Confrontando a emissão de E_2 e E_1 a memória de um caso venham a ocorrer em, são experiências do mesmo assunto, Leme diz que a resposta pode depender do tipo de experiências que são. Se parte de uma cadeia de raciocínio, é lógico supor que as experiências são a mesma pessoa. Se este não for o caso, ele não poderia chegar a uma conclusão porque iria depender dessas instalações. Se, além disso, estávamos a dizer que um segundo indivíduo experiente E_2 alguém que foi criado com as experiências e memórias da pessoa que passou por E_1 não se estaria propondo uma afirmação sem sentido, e desnecessariamente mais complicado do que a proposta em onde apenas uma pessoa está envolvida?

Helm tem resposta Penelhum um passo adiante. Se E_2 ea memória de E_1 são simultâneos, o que distingue uma pessoa sem corpo de outro é o mesmo princípio que distingue de qualquer outra coisa: o suas propriedades são diferentes e têm duas essências individuais diferentes. Argumentam que pode haver dois indivíduos têm as mesmas propriedades ea própria essência faria a linguagem comprova inútil. O que é Penelhum parece requerer uma confirmação independente, um observador de fora para dizer que o mesmo indivíduo está envolvida em ambos os eventos. Mas ninguém poderia aplicar-se o problema de memória insuficiente como critério de identidade pessoal para o observador também? Não há garantia de que a pessoa observada E_1 é a mesma pessoa que observou E_2 . É também possível para que o observador tem uma percepção errada. Helm argumenta vez que o conceito de "pessoa mínimos", isto é, uma pessoa que não tem mais um corpo, mas se lembrar de coisas sobre seu passado, é inteligível e razoável.⁵¹

4. A oposição decorrentes do princípio de verificabilidade também estão sujeitas às mesmas dificuldades associadas com o início. Essas dificuldades são bem conhecidos e já foram analisados no Capítulo 6. Otem diz que é contraditório que um homem sobrevive à destruição de seu corpo, como a entidade metafísica, a alma, que é suposto para sobreviver à morte, não Tem conexão lógica com o ser. No entanto, esta linha de raciocínio faz a suposição de que o ser indevida é idêntica à do corpo. Wittgenstein diz que não podemos apontar para um conjunto de consequências empíricas que resultariam da existência sem um corpo ou a separação da alma e do corpo. Portanto, essas idéias não fazem sentido. Mas ele está tomando o mesmo relativamente estreita (ou seja, a ideia de que só faz sentido se os dados estão verificável observável com nossos sentidos), que foram encontrados para ser idéia inadequada. Na verdade, temos oferecido modelos de acordo com os conceitos religiosos como existência sem um corpo, mas não pagar por análises científicas, pode ser considerada como tendo um significado cognitivo.

5. A concepção comportamental da humanidade deve ser criticado por sua incapacidade para representar humano como nós os vemos. Seu desprezo pelo elemento introspectivo em seres humanos e à restrição de conhecimento válido para o meramente observável truncado nossa experiência de nós mesmos e da vida. A partir deste ponto de vista homem é pouco mais do que um animal muito desenvolvido. Mas o que behaviorista quando seu primeiro filho nasceu considera este evento apenas o nascimento de um mamífero ou longe de seus sentimentos internos, nessa ocasião, com a desculpa de que eles não são parte do eu essencial?

A modificação dessa perspectiva, a teoria materialista que incide sobre o estado central da mente, evitar estas dificuldades óbvias, permitindo experiências subjetivas são reais, mas mantendo que também pode ser descrita em termos neurológicos como descargas eletromagnéticas no cérebro. Existe um problema inerente na caracterização de um evento de duas maneiras. Mas supor que a história neurológica é a única ou a última palavra sobre o assunto é cometer a falácia genética. Além disso, temos a garantia de que todas as experiências subjetivas pode ser descrita em termos neurológicos. Isso poderia muito bem ser o caso, mas não pode provar por qualquer método conhecido hoje e é muito provavelmente nunca pode começar a fazer.

Um modelo alternativo: Unidade Condicional

Nós examinamos o filosófico para a idéia de que a pessoa humana existe algum tipo de complexidade que faz um desencarnados acusações de existência, e parece que nenhum deles é persuasivo. Vale ressaltar que aqueles que rejeitam a noção de complexidade, argumentando a favor da unidade absoluta da pessoa humana, raramente levantar a questão da natureza deste componente única que nos torna humanos. É material ou imaterial (espiritual)? Ou é uma mistura ou composição de ambos? Grande parte da literatura sobre o assunto é materialista, pelo menos, incipiente, e os pressupostos subjacentes mesmo em alguns escritos teológicos cristãos muitas vezes parecem ser as dos behavioristas. Se o ser pessoa está indissociavelmente ligada à existência corporal, deve pensar cuidadosamente sobre as implicações.

Devemos salientar que tem havido esforços para encontrar um compromisso entre o dualismo absoluto e monismo (materialismo). Um exemplo proeminente é a idéia da evolução criativa de Henri Bergson. Além da questão, não é o que Bergson chamou um homem no *elan vital*, uma força espiritual interior de caráter deliberado e criativo. Mas isso abre as áreas que estão além do escopo deste estudo.

Agora temos de tentar juntar algumas conclusões e formar um modelo viável. Temos notado que, no Antigo Testamento, o homem foi considerado como uma unidade. No Novo Testamento, a linguagem corporal parece - alma, mas não pode com precisão se relacionam com a idéia de corpo e sem existência física. Embora o corpo ea alma são, por vezes, em contraste (como nas palavras de Jesus em Mateus 10:28), não é sempre tão claramente distingue. Além disso, as imagens de seres humanos nas Escrituras parecem considerá-los na maioria das vezes como realidades unitários. Raramente uma natureza espiritual de forma independente ou sem o corpo é.

No entanto, tendo dito isso, também devemos lembrar as passagens citadas anteriormente neste capítulo, que apontava para um aspecto imaterial do homem é inseparável da existência material. As Escrituras indicam que há um estado intermediário da existência pessoal consciente entre a morte ea ressurreição. Este conceito de estado intermediário não é incompatível com a doutrina da ressurreição. Uma vez que o estado intermediário (intangível ou desencarnado) é claramente incompleto ou anormal (2 Coríntios 5: 2-4). Na ressurreição que está por vir (1 Cor 15) a pessoa vai receber um corpo novo ou melhorado.

A ampla gama de dados bíblicos podem acomodar melhor a idéia do que chamamos de "unidade condicional." Neste ponto de vista, o estado normal do homem é um ser unitário materializou. Por isso, consideram e tratam humano nas Escrituras. Eles não são pressionados a fugir ou deixar o corpo, como algo intrinsecamente errado. No entanto, esta condição monista pode quebrar e isso é o que acontece com a morte, de modo que o aspecto imaterial do homem continua a viver mesmo quando o material se decompõe. No entanto, na ressurreição haverá um retorno à condição de material ou física. A pessoa vai assumir um corpo que tem alguns pontos de continuidade com o corpo de idade, mas também para um novo corpo, reconstituído ou espiritual. A solução para a variedade de dados no testemunho bíblico não é, portanto, seguir o curso da neo-ortodoxia a abandonar

a idéia de natureza humana feita, e, portanto, eliminar qualquer possibilidade de que um lado humano a persistir após a morte. Marcadamente nem é distinguir os componentes de um ser humano, como fez algumas variantes do liberalismo, para terminar o ensino da alma imortal sobrevive e, portanto, uma ressurreição no futuro não é necessário. Não é a imortalidade da alma e da ressurreição do corpo. Manter o que tem sido a tradição da igreja ortodoxa, é tanto.

Que tipo de analogia que usamos para nos ajudar a entender essa idéia ou conjunto de idéias? Um frequentemente utilizado é o da química em contraste com elementos de mistura. Em uma mistura, os átomos de cada elemento mantenham as suas características distintivas, porque eles mantêm suas identidades separadas. Se a natureza humana eram uma mistura de qualidades espirituais e físicas que poderiam de alguma forma distinguir, ea pessoa poderia atuar como um ser espiritual ou um ser físico. Além disso, em um composto, os átomos de todos os elementos envolvidos combinam para formar novas moléculas. Estas moléculas têm características ou qualidades que são diferentes de qualquer um dos elementos que as compõem. No caso de um único grão de sal (composto de cloreto de sódio), por exemplo, não podemos detectar as qualidades ou de sódio ou cloreto. No entanto, é possível romper o composto, que se tornaram características originais com as suas características distintivas. Esses recursos incluem a natureza venenosa do cloreto, enquanto o produto composto não é tóxico.

Poderíamos pensar em um homem como uma unidade composta de um elemento material e imaterial. Elementos espirituais e físicas nem sempre podem ser distinguidos, desde que o homem é um ser unitário; não há conflito entre natureza material e imaterial. No entanto, o composto pode ser dissolvido; dissolução ocorre com a morte. Na ressurreição, o composto é reformada, com a alma (se optar por chamá-lo) novamente sendo inseparavelmente ligados ao corpo.

Bruce Reichenbach propôs uma outra analogia. Sugerindo que eles pensam do corpo como um computador complexo, ele diz que é possível construir dois computadores idênticos, a programação de forma idêntica, e introduzir os mesmos dados. No momento da ressurreição, o corpo vai ser recriado e cérebro fisicamente programado com os mesmos dados a ser tido, enquanto vivia na terra. Essa analogia, no entanto, não explica as imagens bíblicas do estado intermediário: um programa e os dados sem um computador não constitui uma unidade funcional. Portanto, por intrigantes sugerindo que falha em um ponto muito importante.

Uma analogia alternativa do mundo da física, tem a ver com o conceito de estados alternados. Embora uma vez que acreditava que a matéria ea energia foram dois tipos diferentes de realidade, o trabalho de Albert Einstein sabe agora são intercambiáveis. Eles são simplesmente dois estados de uma mesma entidade. Uma explosão nuclear, com sua tremenda liberação de energia, é uma demonstração espetacular de fórmula de Einstein $E = mc^2$. Da mesma forma pode-se pensar que os seres humanos podem existir em dois estados, um equipamento e outro intangível. O estado normal de humanos é o material, o qual pode estar fundamentar a forma física e perceptíveis. No entanto, você pode produzir uma mudança para um estado imaterial com a morte. A morte não é separar muito os dois lados como sendo assume uma condição diferente. Não pode haver e haverá uma alteração substancial do estado final. Na altura do corpo ressuscitado condição que será reconstituído.

Infelizmente, existem vários problemas com esta analogia. Em primeiro lugar, não se encaixam bem, porque a energia de Einstein ainda energia física. Em segundo lugar, a analogia pode levar a Deus entender como energia puro, o que não seria aceitável. Em terceiro lugar, o que acontece com o corpo? Em um estado alterado, você pode esperar algo completamente equivalente a uma vaporização. Talvez o corpo é simplesmente um resíduo, um resíduo de a mudança de estado. Ou, como o veículo original ou o corpo ou o locus corpóreo do estado para ser utilizado no futuro em rematerialização

pessoa.Finalmente, a principal ênfase é sobre a analogia do ser como um todo ou o assunto, em vez de nas partes da natureza humana.

Implicações da unidade condicional

Quais são as implicações do monismo contingente, isto é, a idéia de que a natureza humana é uma unidade de condicional?

1. Devemos tratar humana como unidades. Sua condição espiritual não pode ser tratada independentemente da sua condição física ou psicológica e vice-versa. Medicina psicossomática é apropriado.Assim é o ministério psicossomática (ou devemos chamar ministério pneumopsicosomático?). O cristão que quer ser saudável espiritualmente pagar a atenção para coisas como dieta, repouso e exercício.Qualquer tentativa de lidar com a condição espiritual das pessoas, independentemente da sua condição física e seu estado mental e emocional só irá parcialmente bem sucedido, uma vez que irá tentar lidar com todas as emoções humanas de isolamento relacionamento com Deus.

2. Um ser humano é um ser complexo, cuja natureza não pode ser reduzida para um único princípio.

3. Todos os diferentes aspectos da natureza humana deve ser cuidada e respeitada. Não subestime o corpo, as emoções ou inteligência. O evangelho agrada a toda a pessoa. É significativo que Jesus em sua encarnação faria plenamente humano, porque ele veio para resgatar tudo o que somos.

4. O prazo de vencimento desenvolvimento ou religiosa não é para subjugar uma parte da natureza humana contra a outra. Nenhuma parte da constituição humana é má em si mesma. Depravação total significa que o pecado contamina tudo, é um homem, não apenas o corpo, a mente ou emoções. Por isso, o cristão não tentar colocar o corpo (o que muitos consideram erroneamente como o único bad parte da natureza humana) sob o controle da alma. Da mesma forma, não devemos pensar que a santificação afeta apenas uma parte da natureza humana, porque há uma parte da pessoa que é a bondade final e justiça. Deus está trabalhando para renovar tudo o que somos. Consequentemente, ascetismo, no sentido de impedir as necessidades naturais do corpo, apenas porque, não deve ser praticada.

5. A natureza humana não é incompatível com o ensino da Escritura que há uma existência pessoal consciente entre a morte ea ressurreição. Examinamos essa doutrina de forma mais extensa em nossa seção sobre escatologia.

26. A universalidade da humanidade

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Explorar o material bíblico e descobrir que Deus não faz distinção entre raças, sexos ou status econômico.
- Afirmado que as pessoas de todas as raças, sexos ou diferentes posições econômicas são todos parte da família humana de Deus.
- Reconhecer a importância de determinar que uma pessoa em qualquer idade cronológica é plenamente humano e tem valor para Deus.
- Reconhecer a humanidade de um por nascer argumentos biológicos e bíblicos feto e defender a sua proteção.

- Reconhecer a posição bíblica de solteiros e confirmar a sua relação com Deus, da Igreja e da humanidade.
- Oposição a discriminação baseada na raça, sexo, status econômico, idade, do feto e estado civil.

Resumo do capítulo

Depois de examinar a origem, propósito e destino de toda a humanidade, as características de raça, sexo, idade, estado feto, estado civil são incidentais à humanidade básica de alguém. Deus cuida de todas as pessoas. Como Deus toma essa opção, o crente deve adotar uma postura semelhante e praticar uma santa reverência para toda a humanidade. Especialmente para aqueles que podem ser sujeitos a discriminação.

Questões de estudo

1. Como é que a humanidade usou as escrituras para prosseguir a sua prática de discriminação em relação às questões de raça, etnia ou sexo?
2. Quais são as características da história da criação explicar a relação entre homens e mulheres?
3. Por que é riqueza, ou a falta dela, importante para a humanidade ea relação humana com Deus?
4. Que argumentos são dadas para dizer que um feto é claro humana?
5. O que Paulo diz indivíduos que não são casados?
6. Como deve afetar o estudo deste capítulo para nossa prática em casa, no trabalho, na igreja e na sociedade em geral?
7. Se você estava preparando uma conferência sobre a questão da discriminação, o que evidência bíblica encontram a opor-se a discriminação racial, sexual ou econômica? Pense de discriminação como algo que também afetaria os idosos, fetos e adultos solteiros.

Todas as raças
 Ambos os sexos
 Pessoas de todas as posições econômicas
 Velho
 O nascituro
 Solteiro

Vimos que a finalidade ou o destino do homem é conhecer, amar e servir a Deus. Deus fez homens capazes de atender e responder a ela. Esta é a característica distintiva compartilhada por toda a humanidade. Todas as outras características são secundárias.

No entanto, existem algumas características secundárias em seres humanos que às vezes afetam, pelo menos na prática, a forma como a sociedade trata as pessoas. Embora, em teoria, ninguém nega que as pessoas de alguma forma diferentes é completamente humano, a sociedade tende a tratá-los como menos do que outros. Nosso objetivo neste capítulo é examinar o que a Bíblia e da teologia derivada dela têm a dizer sobre várias categorias de pessoas. É de notar que o estatuto especial que Deus deu a Adão e Eva para com os animais, para torná-los à sua imagem e semelhança, estende-se a todos os membros da raça humana.

Todas as raças

O primeiro ponto a salientar é que todas as raças estão incluídos na família humana de Deus e, portanto, são objetos de seu amor. No entanto, o fenômeno do preconceito social ainda é bastante comum. Muito diferentes grupos têm sido sujeitos a vieses, que em alguns casos levou à escravidão abertamente, e, por vezes, formas menos extremas de discriminação. Às vezes até mesmo os preconceitos sociais têm contado com visões teológicas que sugerem que, para Deus, há uma diferença de estatuto entre certos grupos raciais. Em *Is Deus um racista branco?* (É Deus um racista branco?) William Jones tem escrito sobre a forma de este fenômeno, chamado racismo Divino divide a raça humana em duas categorias "racismo divino.". "Eles" "nós" e é assumido como Deus Ele então dividiu a raça, e mostrando interesse particular em que eles estão dentro de seu grupo e favores. De acordo com esta teoria, Deus valoriza todas as pessoas igualmente. Tente um pouco mais gentil do que outros. Existe um desequilíbrio sofrimento intencional, o que afecta o grupo que está do lado de fora está dentro. Deus quis que o desequilíbrio; ele concede o seu favor ou não depende da identidade racial ou étnica. ²

Jones não sugerem que o racismo divino se restringe a nenhuma religião em particular. No entanto, o cristianismo não é sem exemplos. Talvez o mais extremo estavam os argumentos de alguns racistas brancos que foram tão longe para se atreveria a negar a humanidade dos negros, ou, dito de outra maneira, negou que os negros têm almas. Esta foi uma tentativa de justificar as desigualdades entre escravos e senhores. . Um dos argumentos mais comuns pseudoteológicos levantadas foi que as características dos três filhos de Noé caracterizar seus descendentes até o fim dos tempos ^{em abril} foi argumentado que Cam nasceu preto; portanto, seus descendentes eram negros. Ham tinha sido amaldiçoado a sua iniquidade; essa maldição Canaã forçou o seu filho para servir os descendentes de Sem e Jafé. Deve ser entendido que todos os negros estão debaixo da maldição de Deus e da escravidão se justifica porque Deus quis que assim seja. Outra variação desse argumento era a visão de que Caim, que foi amaldiçoado por matar seu irmão Abel, foi posto em cativo e (o recorde estabelecido Cain: Gênesis 4: 13-15.) Ficou preto. Cam supostamente se casou com uma descendente de Caim, então o filho de Cam, Canaã, foi duplamente amaldiçoada. Outro ponto de vista era que os negros realmente não faziam parte da raça de Adão. A abordagem geral desta teoria era de que o negro é humano, mas é um outro tipo de ser humano; Adam é apenas o pai da raça branca.

Um outro argumento era que os negros devem ser considerados como animais de duas pernas. Como os negros estão conosco hoje, eles devem ter sido na arca. No entanto, apenas oito pessoas foram salvas na arca, e todos pertenciam à família de Noé. Como uma besta sobre a arca, o negro não tinha qualquer que fosse para ser salvo alma. Aqui é a última razão para justificar a discriminação racial e até mesmo escravidão os negros não são humanos; conseqüentemente, eles não têm os mesmos direitos que os seres humanos.

Formas menos extremas de preconceito têm como alvo vários grupos. Todos tendem a atribuir estatuto menos humana ao grupo que está fora de seu. A nossa resposta terá duas abordagens: para refutar o caso feitas por esses pressupostos e apresentar a evidência bíblica de que Deus deu à humanidade se estende a todas as raças.

Não há apoio bíblico para a suposição de que os negros (ou qualquer raça humana) são inferiores ou menos. Há provas, por exemplo, que a CAM foi preto. O mesmo vale para a idéia de que a marca de Caim era a negra. Também garantir que os negros não são humanos contradiz a evidência antropológica como fecundidade entre todas as raças.

Mais significativo para nós é a evidência bíblica para a forma positiva como Deus vê todas as raças e nacionalidades. Este tema é desenvolvido nas Escrituras especialmente as relações entre judeus e gentios. O status de Israel como uma nação escolhida poderia concluir que o interesse e preocupação de Deus para a humanidade é limitado ao povo judeu. No entanto, é claro que os judeus não são apenas escolhido como destinatários da bênção de Deus, mas são receptores e transmissores do mesmo. Mesmo na era do Antigo Testamento, não havia espaço para outsiders seguidores da fé de Israel foram feitas. Raabe

e Rute, a moabita são exemplos notáveis e pode ser encontrado mesmo na genealogia de Jesus (Mateus 1: 5).

No ministério de Jesus, encontramos uma abertura para aqueles que não eram da casa de Israel. Sua preocupação com a mulher samaritana (Jo. 4) e a oferta que ele a água da vida faz com que indicam que a salvação não se restringiu apenas aos judeus. A pedido da mulher siro-fenícia que expulsou o demônio dentro de sua filha foi tratada (Marcos 7: 24-30). Talvez o incidente mais notável é o centurião romano que veio para pedir a cura de seu servo paralítico (Mateus 8: 5-13). Jesus ficou maravilhado com a fé deste homem, que excedeu a de qualquer homem que havia encontrado em Israel (v. 10) concordou com o pedido do homem, mas antes de fazer isso, fez uma previsão razoável de nota: "Eu vos digo que muitos virão o leste e o oeste, e deve sentar-se com Abraão, Isaac e Jacó, no reino dos céus; mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes" (vv. 11-12). Esta é certamente a antecipação de uma época em que a graça de Deus para inúmeras pessoas será executado independentemente da raça.

Quando chegamos ao livro de Atos, a universalidade da graça de Deus é mais aparente. A visão de Pedro (At. 10: 9-16), que foi ordenado a comer animais puros e impuros, era o sinal de que ele deve espalhar a mensagem da salvação aos gentios, em primeiro lugar para o centurião Cornélio (vv. 17-33). Pedro expressou sua nova convicção: "Na verdade reconheço que Deus não faz acepção de pessoas; mas, em cada nação que teme-lo e fazer justiça" (v. 34-35). Quando pregou o evangelho para o grupo se reuniu na casa de Cornélio, o Espírito Santo desceu sobre eles tal como tinha acontecido anteriormente os judeus (vv. 44-48). Este evento deu um impulso para o ministério para os gentios, que foi realizada principalmente por Paulo e seus companheiros.

O ministério de Paulo incluiu muitos incidentes que encontramos instrutivo saber o status de não-judeus. Um dos mais significativos é o encontro com os filósofos atenienses em Atos 17. O impulso de sua mensagem para eles tem uma natureza universal. Deus fez a terra e tudo nele (v. 24). Ele deu a vida, a respiração e todas as coisas a todos os homens (v. 25). Paulo coloca particular ênfase para a unidade do gênero humano, quando ele diz: "A partir de um só fez todas as raças dos homens, para habitarem sobre toda a face da terra; e eles determinaram os seus tempos determinados e os limites da sua habitação" (v. 26). Sua declaração aos atenienses que o "deus desconhecido" que eles adoram é, na verdade, ele prega Deus (v. 23) baseia-se no pressuposto de que todos são parte da raça humana que Deus criou e que forneceu os meios para a salvação.

Não deve haver divisão entre judeus e gentios dentro da igreja. Em Efésios 2:14 Paulo diz que Cristo foi quebrada os muros que as separam. Não só é a salvação para todos, mas não deve haver qualquer discriminação baseada na nacionalidade. Esta lição nem sempre é compreendido e aprendido rapidamente, e por isso, quando Peter estava relacionado a algum tipo e, em seguida, virou-se quando chegaram alguns judeus, Paulo achou necessário repreendê-lo face a face (Gal. 2,11). Em Gálatas 3: 6-9 Paulo argumenta que todo mundo que tem a fé de Abraão é herdeiro de Abraão, independentemente da nacionalidade. Em Apocalipse 5: 9 diz que o Cordeiro redimiu pessoas "de toda tribo, língua, povo e nação."

As passagens citadas, é claro, nenhuma menção de todas as raças e nações especificamente. No entanto, parece que o campo em que eles estão localizados é amplo: todos os seres humanos são criados para ter comunhão com Deus, e a oferta de salvação é aberto a todos. Da mesma forma que não há distinção de sexo a Deus a respeito de justificação, não há distinção de raça (Gal. 3,28).

Ambos os sexos

As mulheres às vezes têm sido considerados, na melhor das hipóteses, os membros de segunda classe da raça humana. Eles não poderão votar ou exercer outros direitos de que

gozam os próprios homens, e em alguns casos as mulheres foram praticamente considerado como propriedade de seus maridos. No mundo bíblico, as mulheres tinham poucos direitos, ou, pelo menos, muito menos do que os homens. Embora em certa medida o Antigo Testamento não altere esta situação, desde o início havia indícios de que a mulher que Deus tinha o mesmo status. Estas indicações são aumentadas como o tempo passou e a revelação especial tornou-se níveis progressivamente maiores.

Já na história da criação encontramos indícios da condição das mulheres. Em Gênesis 1: 26-27 uma ênfase especial é colocada, parece querer entender claramente que a mulher tem a imagem de Deus, da mesma forma que os homens. Apesar de Karl Barth e Paul Jewett¹¹ triádica argumentam que temos um paralelo em 01:27 e, portanto, que o homem foi criado homem e mulher é a imagem de Deus, isso não é óbvio a todos. Os dois primeiros versos: "E criou Deus o homem à sua imagem" e "À imagem de Deus o criou" são equivalentes, porque eles repetem o paralelismo no versículo 26: Por outro "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança." , a terceira estrofe: "homem e mulher os criou", especialmente no versículo 27, e não é, obviamente, igual ao dos outros dois. Em vez de repetir a idéia das duas primeiras estrofes, parece complementar. Tem a mesma relação a estas duas estrofes "e tem poder ..." tem os dois elementos da primeira parte do versículo 26. Em cada caso, acrescenta algo ao pensamento. Neste último caso, que acrescenta deixa claro que o "homem" foi criada à imagem de Deus é ao mesmo tempo masculino e feminino. *Ambos* têm a imagem do Criador.

A mesma ênfase também é encontrada em Gênesis 5: 1-2: "O dia em que Deus criou o homem, como Deus fez. Homem e mulher os criou; e os abençoou, e os chamou pelo nome de homem no dia em que foram criados. "A frase que Deus criou o homem como homem e mulher aparece entre duas frases sobre a criação do homem, a primeira das quais fala sobre como Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Parece haver uma ênfase no fato de que o macho e fêmea da espécie foram feitos à imagem de Deus.

Outra característica notável da história da criação é a proporção de mulheres para homens, a partir da qual ela foi feita. Às vezes, muitas conclusões a partir do fato de que as mulheres como "auxiliar" é descrito como se este termo implica algum tipo de inferioridade ou pelo menos subordinação das mulheres aos homens são extraídos. No entanto, um exame mais detalhado de Gênesis 2:18 mostra que este conceito é falso. A expressão *ajuda, usado em versões mais antigas, é na verdade, duas palavras hebraicas traduzidas*. A segunda נִגְדָה (Neged), significa "corresponde a" ou "igual a" a ele. A palavra traduzida como "ajuda" עֵזֶר ('Ezer) é usado com Deus em vários lugares no Antigo Testamento: Êxodo 18: 4; Deuteronômio 33:29; Salmos 33:20; 70: 5; 115: 9, 10, 11. Isso sugeriria que o assistente tinha em mente em Gênesis 2:18 não é inferior, em essência, a pessoa que você está ajudando. Em vez disso, deve-se pensar nisso como um parceiro ou assistente. É verdade que a palavra hebraica בָּעַל (Ba'al), que significa "senhor" ou "mestre" foi muitas vezes utilizado para "marido". No entanto, deve notar-se que as mulheres dessa palavra também aparece. Em Gênesis 20: 3, por exemplo, é usado para descrever a relação de Sarah Abraham. Assim, independentemente da natureza do solar no relacionamento conjugal não é unilateral.

A imagem da mulher das Escrituras não é à insignificância ou submissão total. Em Provérbios 31, por exemplo, a mulher virtuosa é exaltada. Ele está sempre interessado em promover o bem-estar de sua família, mas não constantemente nos limites de sua casa. Ele está envolvido em questões comerciais e de negócios (18 vv., 24).

Devemos também observar que não só Deus criou a mulher à Sua imagem, mas às vezes fala de Deus usando imagens ou termos femininos. Deus é descrito como a mãe de Israel em Deuteronômio 32:18: "desatento para a rocha que você gostou e esqueceu o Deus que vos deu à luz" (NHB). Moisés usou a terminologia que destaca as dores do parto, deixando claro que é o papel de mãe tem em mente aqui. Jesus também usou o imaginário feminino para descrever Deus. Por exemplo, considere três parábolas que

falam sobre a preocupação de Deus e procurar pessoas perdidas: a ovelha perdida, a moeda perdida e do filho pródigo (Lc 15).. Na primeira e terceira figura que representa Deus é masculino, mas na parábola da moeda perdida, o personagem principal é uma mulher. Além disso, Jesus escolhe uma viúva como um símbolo de generosidade (Lc. 21: 1-4).

A atitude de Jesus para com as mulheres, e dispensação de tratamento, também é instrutiva. Apesar de um judeu não teria normalmente com os samaritanos e pecadores particularmente bronze, Jesus começou a falar com uma mulher samaritana porque ela se preocupava sua condição espiritual (Jo. 4). Jesus elogiou uma mulher que sofria hemorragias e tocou a orla do seu manto pela fé (Mt. 9: 20-22). Maria e Marta estavam entre seus amigos mais próximos. A mulher que ungiu Jesus em Betânia (Mateus 26: 6-13) será lembrado por seu ato de devoção em todo lugar e tempo do evangelho (vv 10-13.) É proclamada. Maria Madalena foi a primeira pessoa a quem Jesus apareceu após a ressurreição, e instruiu-o (o confiado) para ele para dizer a seus discípulos que ele tinha ressuscitado (Jo. 20: 14-18). Desde então, as mulheres desempenharam um papel importante no início da vida e ministério de Jesus. Foi Maria e não Joseph, que expressou louvor a Deus com o anúncio de Jesus (Lc. 1: 46-55) nasceria. Isabel também elogiou e abençoou o Senhor (Lc. 1: 41-45). Ana foi, provavelmente, a primeira mulher discípulo de Jesus (Lc. 2: 36-38). Donald Shaner bem resumida relações de Jesus com as mulheres: "É interessante notar que Jesus não tratar as mulheres como as mulheres, mas como pessoas. Ele levou a sério, perguntou-lhes perguntas, encorajou-os a fazer o melhor de si e subiu para o nível de dignidade que merecem. "

Provavelmente a declaração mais direta que as mulheres estão no mesmo nível que os homens aos olhos de Deus, em relação à salvação, é o texto clássico Gálatas 3:28: "Não há judeu nem grego ; escravo nem livre; homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus. "Esse versículo é muitas vezes tomado fora do contexto e usado para tratar assuntos que Paulo não está falando. Ele não está falando sobre igualdade no emprego ou igualdade em posições de atendimento dentro da igreja, por exemplo, como ministros ordenados. Pelo contrário, é importante abordar a questão da justificação pela fé, o status individual com Deus sobre a retidão pessoal. Paulo está dizendo que, no que diz respeito à salvação pessoal, Deus dá um tratamento diferente do masculino e feminino. Todos os que foram batizados em Cristo Jesus está revestido de Cristo (v. 27).

Finalmente, devemos também notar o importante papel desempenhado pelas mulheres na obra do reino de Deus. Embora uma minoria, em todas as épocas da história bíblica, houve mulheres que ocupam cargos de liderança e influência. Miriam ajudou Moisés e levou a cantar e dançar depois de deixar o Egito (Ex. 15: 20-21). Deborah foi juiz de Israel, e Jael matou Sísera (Juízes 4: 17-22). Esther salvou o povo judeu de ser destruída por Haman. Já vimos algo do papel das mulheres no Novo Testamento selecionado. A lealdade das mulheres que estavam sobre Jesus em tempos de crise é impressionante. Vemo-los na cruz (Lucas 23:49.); Eles tentam ungir o corpo de Jesus;; (Lc 23, 55-56). eles descobriram o túmulo vazio, ouviram a mensagem dos dois anjos e lhes disse que a notícia para os apóstolos (Lc 24: 1-11.).

Há várias indicações nas Escrituras que as mulheres tinham e exerceu o dom de profecia. Isaías refere-se a sua esposa como "a profetisa" (Is. 8: 3), e Felipe, o evangelista tinha quatro filhas que profetizavam (Atos 21: 9). Joel previu uma época em que homens e mulheres profetizarão (Jl. 2:28), e sublinha que Pedro cita (At. 2:17). Paul especifica as condições em que as mulheres (1 Coríntios 11: 5) deve profetizam.

Mesmo Paul, que é acusado de se opor às vezes de forma rígida que as mulheres estão envolvidas no trabalho da igreja, fala positivamente de mulheres em posições de liderança. Phoebe escreve: (Rom. 16: 2) "a recebais no Senhor, de um modo digno dos santos, ea ajudeis em qualquer coisa que ela pode precisar de você, pois ela tem ajudado muitas pessoas e eu mesmo". Priscila e Áquila fala como "meus colaboradores em Cristo Jesus, que arriscaram suas vidas por mim" (Rom. 16: 3-4). Apesar de não saber detalhes

de Mary (v. 6), ou Persis (v. 12) sabem que "trabalhou arduamente no Senhor." Paulo também recebe a Trifena e a Trifosa "aquelas mulheres que trabalharam arduamente no Senhor" (v. 12), a mãe de Rufus "o que é meu" (v. 13), Júlia, Nereu e sua irmã (v. 15). Paul permite que as mulheres a profetizar na assembléia, pelo menos, com certas condições (1 Coríntios 11: 5). Estas indicações conceito com Paul sobre a utilidade das mulheres no ministério qualificar as passagens que parecem limitar as suas actividades. Portanto, as passagens restritivas, provavelmente, deve ser visto como relacionado a determinadas condições locais (por exemplo, 1 Co. 14: 33-36).

Pessoas de todas as posições econômicas

A Bíblia tem muito a dizer sobre os pobres. O Antigo Testamento indica que Deus tem uma preocupação especial para os pobres, como quando libertar os israelitas da escravidão e da pobreza que eles experimentaram no Egito. Ele pode ser visto nas advertências que Deus faz contra os maus-tratos dos pobres e oprimidos. Um exemplo de tais ordens é Deuteronômio 15: 9: "Cuidado com segurando em seu coração este pensamento perverso: 'É perto do sétimo ano, o encaminhamento' para olhar de soslaio para o seu irmão pobre e dar-lhe nada, porque Ele podia chorar ao Senhor contra você, e você contar como o pecado. "

Um certo número de disposições foram feitas para o bem-estar dos pobres. De três em três anos teve que dar um dízimo ao levita, ao estrangeiro, o órfão e a viúva (Deut. 14: 28-29). A promessa foi obrigado a fiel cumprimento deste mandato "para que o Senhor teu Deus te abençoe em toda a obra das suas mãos para fazer." O ano sabático (a cada sete anos) foi particularmente significativa: os ceifeiros não tem que cortar os campos, e os pobres que escolher o que cresceu (Ex. 23: 10-11) é permitido; Lv. 25: 3-6); Escravos hebreus eram para ser liberado após 6 anos de serviço (Ex. 21: 2). Há também foi o ano sabático de licenças sabáticas, o ano do jubileu, o quinquagésimo ano, quando o país voltou a seu proprietário original (Lev. 25: 8-17). Em todos os momentos da produção campos e vinhas tinham de ser deixadas para os pobres, para que a escolha (Lev. 19: 9-10), e um faminto podia comer frutas e começar a colheita no campo, mas não conseguiu levá-la (Dt. 23: 24-25). Aqueles que fizeram empréstimos para os pobres tinham que fazê-lo sem qualquer interesse (Ex. 22:25). Sem pobre hebreu que se vendeu foi levado como escravo, devia ser considerada como jornaleiro (Lev. 25: 39-40) e não ser tratados com dureza (v 43).. Ninguém deve tomar como penhor parte superior ou inferior da roda de moinho, quase como vida dependesse deles (Deut. 24: 6).

Em particular, deve-se ter muito cuidado em fazer justiça aos pobres: "Você não deve violar os direitos dos pobres em sua causa" (Ex. 23: 6). Amos pregou contra aqueles que desobedeceram a esta ordem: "Conheço as tuas transgressões e graves os vossos pecados; Eu sei que afligem o justo, receberá um suborno nos tribunais e você perder a sua causa aos pobres "(Am. 5:12). O salmista também denuncia aqueles que perseguem os pobres: "Em arrogância, os ímpios perseguem furiosamente o pobre; serão capturados nas armadilhas preparadas ... [os pobres] se esconde no segredo como um leão no seu covil; está de emboscada para apanhar o pobre; intercepta o pobre dando sua rede "(Sl. 10: 2, 9).

O próprio Jesus era um dos mais pobres. Isso fica claro a partir da conta do filho dela levou a Jerusalém para o ritual de purificação. A lei disse que teve que sacrificar um cordeiro e uma pomba ou um pombo. No entanto, "Se ela não puder pagar um cordeiro, então tomará duas rolas ou dois pombinhos, um para o holocausto e outro para o pecado. O sacerdote fará expiação por ela, e será limpo "(Lev. 12: 6-8). A família de Jesus ofereceu "um par de rolas ou dois pombinhos" (Lc. 2:24) em vez de um cordeiro indica pobreza. Embora Jesus no seu ministério não parece padecer necessidade real ou privação certamente ele não tinha aparente abundância e muitas vezes dependia da hospitalidade de outros, como Maria, Marta e Lázaro. Ele se referiu à falta de meios, quando ele disse:

"As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça "(Mateus 8:20).

O ensino de Jesus tratar muito sobre os pobres e a pobreza. Citando Isaías 61: 1-2 mostraram que ele tinha vindo para anunciar a Boa Nova aos pobres (Lucas 4:18, 21.). A preocupação pelos pobres está no centro de seu ministério. Fala sobre como abençoado são os pobres (Lc. 06:20). Entre as coisas que eu queria dizer a ele que João era que os pobres foram pregadas (Lc. 07:22). Jesus também repetidamente salientado o perigo da riqueza: "É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus" (Marcos 10:25). Na parábola do homem rico e Lázaro, o homem rico depois da morte ele está no lugar de tormento, mas Lázaro no seio de Abraão. Abraão diz ao homem rico: "Filho, lembre-se que você recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro coisas ruins; mas agora ele é consolado, e tu atormentado "(Lc. 16:25). Deve-se notar que a riqueza em si não é mais a discriminação por causa da pobreza. É a preocupação com a riqueza (Marcos 10: 17-31 .; Lc 8:14; cf. 1 Tim 6:10) ou abuso de riqueza a finalidade das advertências e condenações de Jesus.

Santiago também tem algumas coisas afiadas a dizer sobre maltratando os pobres na congregação. Ele descreve uma situação em que um homem rico muito bem vestido alcançar a montagem. uma grande confusão em torno dele é arma e ofereceu um bom lugar. Além disso, quando um homem pobre vem é convidado a sentar-se em um lugar mais discreto. A distinção em favor do homem rico é objecto de severas críticas: "Você não fez distinção entre vós mesmos e se tornar juízes de maus pensamentos? Meus amados irmãos, não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam "(Tiago 2: 4-5.).

Muitas outras partes da Bíblia destacar os pobres e os ricos são iguais perante Deus e os pobres são superiores a ricos ímpios. Lemos no livro de Provérbios: "Um bom nome é mais desejável do que grandes riquezas; eo favor é melhor do que a prata eo ouro. Os ricos e os pobres têm em comum que tanto o Senhor "(Prov. 22: 1-2) fez. Mais cedo no mesmo livro são: "Melhor é o pobre que anda na sua integridade do que os lábios perversos fátuo ... A satisfação do homem é fazer a misericórdia, e um homem pobre é melhor do que um mentiroso" (19: 1, 22). Deus não importa se você tem riqueza alto ou baixo. Deus deu riquezas e decidiu onde para distribuí-lo; ele é a causa das diferentes circunstâncias individuais. A igreja deve assumir a perspectiva de Deus sobre a riqueza e pobreza e considerar igualmente os ricos e os pobres.

Velho

A Bíblia também deixou claro que todas as idades, incluindo pessoas muito idosas, são plenamente humano e são valiosas para Deus. Hoje em dia, especialmente nas culturas ocidentais, os maiores são às vezes subestimado. Em parte, isso é devido ao culto da juventude; juventude como uma expressão mais completa da humanidade é exaltada. Isto é sobre capacidades físicas, porque nós temos os nossos níveis mais elevados aos vinte. Após um declínio e deterioração começa; mas em outros aspectos, não atingem a maturidade mais tarde. Parte da discriminação contra o idoso é baseado na abordagem utilitarista ou pragmático para avaliar o valor de uma pessoa. Considera-se que os idosos têm pouco valor para a sociedade, porque não pode contribuir muito para isso, e pode até mesmo adicionar alguma carga nele.

A atitude bíblica para com os idosos é muito diferente. Em comum com os orientais em geral, eles honraram a idade Hebreus. Ele pediu respeito pelos mais velhos: "Antes de cabelos grisalhos que você vai subir e honrar o rosto do idoso. Você teme o teu Deus. Eu sou o Senhor "(Lev. 19:32). Um sinal da degradação de Israel, nos dias de Jeremias foi seu desprezo para as pessoas idosas "não respeitou as faces dos anciãos" (Lam. 5:12).

No Antigo Testamento não é temido ou desprezado a ser aumentada, mas por causa da idade queria ser um sinal da bênção divina é considerado. O livro de Provérbios

contrasta favoravelmente qualidades o velho eo jovem: "A glória dos jovens é a sua força; a beleza do velho, idade avançada" (Prov. 20:29). Ser idoso é considerado um dom de Deus, uma oportunidade adicional para servir "longa vida vou satisfazê-lo e lhe mostrarei a minha salvação" (Salmo 91:16.). O crente é a certeza de que terá a presença de Deus quando o velho, "Até que sua idade avançada eu sou ele, e seus cabelos brancos Vou argumentar" (Is. 46: 4). A promessa de longevidade para aqueles que honram seus pais podem ser encontradas tanto no Antigo Testamento (Êxodo 20:12). E Nova (Ef. 6: 1-3).

Uma das razões para o alto status dado aos idosos foi a crença de que a sabedoria vem com a idade. Essa crença é refletida em Job 00:20; "[Deus] toma a palavra para alto-falantes de forma segura e privada de discernimento para os idosos." Como foi pensado para ser trazido com o velho sábio seja, os anciãos foram oferecidas posições de autoridade. Olhe para o uso da palavra *velha* para os líderes de Israel, uma palavra que é então aplicada aos líderes das igrejas cristãs locais ou congregações. O declínio da força física que ele tinha feito aos homens para a comunidade foi compensada por um aumento da suposta sabedoria que outro valor. Por esta razão, Peter aconselha: "Da mesma forma, mais novo, sujeitai-vos a vossos anciãos" (1 Pedro 5: 5).

No entanto, o maior impulso para a estima do idoso veio de um conjunto de valores religiosos; os indivíduos não são apenas avaliados no que você pode fazer por alguém. Deus não apenas nos ama, para que possamos fazer por ele, mas por aquilo que ele pode fazer por nós, para o cuidado que pode oferecer. E como Deus tem tido essa relação com o idoso por um longo tempo, em certo sentido o mais valorizado. Em um contexto genuinamente cristã, embora, naturalmente, haverá preocupação para os jovens e seus potenciais, a maioria das pessoas não vai ser subestimada ou demitidos. A sua contribuição é bem-vinda e bem-estar será muito apreciada.

O nascituro

Outro problema com amplas implicações, particularmente no campo da ética, é a relativa ao estatuto do nascituro ou, mais especificamente, o feto ainda está no útero. Você tem que considerar o feto humano, ou é simplesmente uma massa de tecido dentro do corpo da mãe? No primeiro caso, o aborto significa acabar com uma vida humana e, portanto, tem implicações morais graves. No segundo caso, o aborto é nada mais do que um procedimento cirúrgico para remover algo que cresce indesejavelmente como com um processo de cisto ou tumor.

Aqueles que afirmam que o feto é humano apresentam dois argumentos: biológica e bíblica. Muitas vezes, eles utilizados em conjunto. O argumento biológico emprega vários estudos científicos sobre o desenvolvimento fetal durante o período de gravidez. Os dados são examinadas num esforço para determinar o ponto de diferenciação, pelo qual define positivamente a identidade individual do feto. Ele é geralmente visto que há um desenvolvimento contínuo e gradual do feto da concepção ao nascimento; portanto, não é possível especificar um determinado momento em que a humanidade surge ou a alma é infundida. Por conseguinte, é necessário considerar o feto como um ser humano, em qualquer fase de desenvolvimento. Este argumento, é claro, é baseado na teologia natural; Ele utiliza apenas os dados da revelação geral. Para que isso seja significativo, ele não vai fazer a nossa autoridade.

Aqueles com a história bíblica examinaram as Escrituras para indicações sobre o estado do feto. Um número considerável de passagens que lidam com a questão de se Deus considera feto humano são citados.

Uma passagem que é frequentemente mencionado é a oração de arrependimento de Davi, o Salmo 51, que contém a frase "In mal ter sido formado e em pecado me concebeu minha mãe" (v. 5). Embora David usa pronomes pessoais aqui não é inteiramente clara neste versículo se ele está pensando em si mesmo como uma pessoa no período pré-

parto. Quase expressa essa idéia Salmo 139: 13-15: "Você formou minhas partes internas; você me no ventre de minha mãe. Eu assombrosamente maravilhoso me formaste; Estou impressionado e minha alma o sabe muito bem. Não foi escondido de você meu corpo, mas eu fui feito em segredo, e esmeradamente tecido nas profundezas da terra. "Aqui David fala como se Deus tivesse algum tipo de relação pessoal com ele, quando ele ainda estava no útero.

Outra passagem do Novo Testamento que alguns acreditam que é este tipo de problema é Lucas 1: 41-44. Elizabeth, grávida de João Batista, é recebido por sua prima Mary anuncia que ela será a mãe do Messias. Lucas diz: "Quando ele ouviu a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo, exclamou em alta voz:" Bem-aventurados ... porque assim que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança Ele pulou no meu ventre ". "Se tomarmos literalmente as palavras de Elizabeth, teríamos aqui um exemplo de fé pré-natal. No entanto, é difícil saber o que interpretação deve ser dada a este evento. Não temos certeza o que exatamente isso significa que Isabel está "cheio do Espírito Santo." Ela, e, portanto, suas palavras realmente foram "inspirado" no sentido técnico da palavra? Também não está claro se ela destina-se a ser tomado literalmente sua declaração explicando a ação para ser seu nascituro (ele pulou *de* alegria).

Outra passagem do Novo Testamento citado várias vezes em conexão com a questão do estatuto do feto é Hebreus 7: 9-10, a história do encontro de Abraão com Melquisedeque e dízimo. O escritor conclui discutindo: ". E por assim dizer, por meio de Abraão pagou dízimos, até Levi, que recebe dízimos, pois ele ainda estava nos lombos de seu pai" tomado literalmente, este argumento seria em favor da humanidade não só o feto nascituros, mas mesmo as pessoas que ainda não foram concebidas como Levi foi um bisneto de Abraão. No entanto, é mais significativo para tomar esta passagem como evidência Traducianism, a idéia de que toda a natureza humana de uma pessoa, material e imaterial (ou corpo e alma), é recebido por transmissão directa; isto é, a alma não é algo que é infundida a uma hora mais tarde (por exemplo, do nascimento) dentro do corpo, que está fisicamente gerado na concepção. Se Hebreus 7 Traducianism realmente dá suporte (e assim parece), esta passagem por sua vez, argumentam em favor da humanidade do feto, como seria possível pensar o feto sem uma alma ou uma natureza espiritual.

A passagem que é discutido em ligação com o objecto da humanidade do feto é, provavelmente, Êxodo 21: 22-25, que aparece em uma longa lista de preceitos e as leis que se seguem os Dez Mandamentos. Ele diz: "Se alguma briga e ferir uma mulher grávida, e isto aborta, mas sem causar qualquer dano, será punido de acordo com o que a impor marido da mulher e do juiz juízes. Mas se eles causam outros danos, então darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe. "Esta é uma aplicação de *lei de talião* , a lei da retaliação, como explicado em Levítico 24: 17-20 ("como fez, assim lhe será feito"). Uma interpretação do Êxodo 21: 22-25 é que se o aborto causado pela luta entre dois homens, a *lei de talião* aplica-se somente se a mãe vai danificado. Por conseguinte, conclui que o feto não é considerado uma alma ou uma pessoa, e, portanto, ele não pode ser considerado plenamente humano.

Uma interpretação alternativa, que, embora menos popular, tem uma longa tradição, recentemente, foi reavivada no meio de controvérsia moderna sobre o aborto. Jack Cottrell, apresentou um dos a expressão mais clara e mais completa desta alternativa. De acordo com Cottrell, a frase traduzida como "e isto aborta" deve ser traduzido literalmente "e seu filho sai." O nome aqui é יֵלֶדְהוּ (Yeledh), que é uma palavra comum para criança ou haste. A coisa incomum sobre o nome é que em Êxodo 21:22 é plural. O verbo aqui é יָצָא (Yatsa '), o que normalmente significa "vá, vá em frente, vá em frente." Ele é geralmente usado para se referir ao parto normal das crianças, pai aparecer em Inglês ou útero da mãe. Exemplos do primeiro uso é encontrado em Gênesis 15: 4; 46:26; 1 Reis

8:19; e Isaías 39: 7. Exemplos de segundo uso são encontrados em Gênesis 25: 25-26; 38: 28-29; Jó 1:21; 3:11; Eclesiastes 5:15 e Jeremias 1: 5; 20:18. Em cada um destes casos יָצָא (Yatsa ") refere-se ao nascimento normal de uma criança normal; em nenhum caso é a palavra usada para o aborto. Em Números 00:12 refere-se ao nascimento de um filho morto; Devemos observar aqui que este é o nascimento de uma criança morta, não um aborto. O conceito de natimorto comunica por descrição específica da criança ("o natimorto, que fora do útero já meio consumida sua carne"), e não pelo verbo יָצָא (Yatsa '). Existe uma palavra hebraica -שָׁחַל (Shakhol) - que se refere especificamente ao aborto; Ele é usado em Êxodo 23:26 e Oséias 09:14. Cottrell conclui: "Portanto, não parece interpretar Êxodo 21:22 garantia como" a destruição de um feto. ""

De acordo com Cottrell, a situação tem em mente em Êxodo 21: 22-25 é simplesmente esta: se uma criança nasce prematuramente ileso porque a mãe sofre como resultado de uma disputa entre dois homens, não mais punição do que uma multa. No entanto, se ocorrer algum dano, em seguida, o princípio aplica-se uma vida por uma vida e olho por olho. Note que não há especificação de que a danos aos *lei de talião* postas em prática. A mãe ou a criança o princípio é igualmente aplicável. Se for interpretado desta forma, Êxodo 21: 22-25 apoia a ideia de que a Bíblia considera as pessoas que ainda não nasceram. A interpretação de Cottrell, Carl F. Keil e Franz Delitzsch, e outros estão mais de acordo com os dados da passagem do que normalmente se pensa ou interpretar. Pelo menos, então, a ideia de que a passagem não é tão totalmente feto humano é bastante questionável. No entanto, não podemos dizer que a passagem estabelecer de forma conclusiva a humanidade do feto.

Na verdade, nenhuma das passagens que examinamos mostra de forma conclusiva que o feto é humano aos olhos de Deus. No entanto, tomados em conjunto, eles nos dão evidência suficiente para fazer essa interpretação é bastante provável. E quando se trata de tão importante como a possível destruição de uma questão de vida humana, a prudência dita que você deve seguir de forma conservadora. Se você está caçando e você vê um objeto em movimento pode ser um cervo ou outro caçador, ou se você estiver dirigindo e ver o que pode ser um monte de trapos ou um filho deitado na rua, sempre assumido como sendo um ser humano . Um cristão consciente tratar um feto como um ser humano, pois é muito provável que Deus considera o feto como uma pessoa capaz de (pelo menos potencialmente) que têm comunhão com Deus para o qual foram criados os seres humanos.

Solteiro

Nossa última categoria é o status marital. Em muitas sociedades, há uma tendência a considerar o casamento como o estado normal de um ser humano. Embora tenha havido um declínio na popularidade de casamento, tendo mais e mais pessoas que escolhem não se casar ou adiar o casamento, a nossa cultura ainda considera o casamento o estado civil mais desejável e natural. E dentro da igreja, pessoa solteira, muitas vezes não se encaixa. Os programas da Igreja muitas vezes são projetados para famílias. Um único pessoas que são deixados de fora ou eles podem sentir que eles são deixados de lado. A ideia de que uma pessoa está realmente executada somente dentro do casamento podem estar presentes, aberta ou tacitamente formar. Às vezes, a ideia toma mesmo um pouco mais. O mandamento de Deus para o primeiro casal humano: "Sede fecundos e multiplicai-vos; Você enchei a terra e sujeitai-a "(Gn. 1:28) leva muito significa que as pessoas só são verdadeiramente humanos quando jogado, e que pressupõe casamento.

No entanto, a Bíblia não considerar o celibato como um status de segunda classe. Além disso, a vida de solteiro é honrado e é recomendado por exemplo pessoal e instrução. Nosso Senhor nunca se casou, embora alguns tenham tentado fornecer reconstruções da história de dizer que ele fez. Além disso, temos o exemplo pessoal de Paul e ensino direto recomendando o Estado Parte. Você quer todos ser como ele (1

Coríntios 7: 7). Aconselha solteiros e às viúvas se ficarem como ele (v. 8). Embora reconhecendo que nenhum mandamento do Senhor sobre o assunto, no entanto continua a dar o seu "parecer, como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel" (v. 25). Alguns interpretaram essa frase como uma admissão por Paulo de que o que você está recomendando aqui é uma opinião puramente humano; nem uma palavra é inspirada por Deus. No entanto, parece mais provável que Paulo está dizendo que o Senhor está falando (ou escrita) por isso mesmo que a tradição não reteve nenhuma das palavras que o Senhor falou sobre o assunto durante seu ministério na terra. Esta é a explicação de "como tendo obtido misericórdia do Senhor para ser fiel."

Paulo encoraja seus leitores que, em vista das iminentes (ou atuais) dificuldades que devem permanecer como estão (v. 26). Aqueles que são casados devem permanecer casado; solteiros devem permanecer solteiro (v. 27). Embora, claro, é admissível que uma viúva se casa novamente, de acordo com Paul é melhor continuar sem casamento (vv. 39-40). O conselho de Paulo é baseada em considerações práticas. Uma pessoa casada deve se preocupar em agradar seu marido, juntamente com o Senhor, enquanto os solteiros podem dedicar-se totalmente para agradar ao Senhor (vv. 32-35).

Pode ser que a recomendação de Paulo a permanecer solteira estava ligada a uma situação cultural definido de seu tempo. A referência à "crise actual" suporta esta hipótese. Se Paulo tinha em mente uma situação em status de solteira preferência particular não poderia ser generalizada para todas as situações. No entanto, deve notar-se que não há nada de errado, pelo menos, nesta situação a ser única. Portanto, o único estado não pode ser *inerentemente* mais baixo do que casar. A igreja deve levar isso em conta no seu ministério para aqueles que nunca se casaram ou que tenham sido casado antes.

Uma consideração que às vezes surge contra o status único é o conselho que Paulo deu aos bispos (1 Tim. 3: 2), os anciãos (Tito 1: 6.). E diáconos (1 Tm 3: 12) deve ser "o marido de uma mulher." Este para algumas exclui as pessoas que não são casadas com esses comércios. No entanto, a frase grega (μία γυναίκα ἄνδρα - *mina gunaikos andra*) ". Uma mulher" não deve ser considerado uma recomendação de que um funcionário da igreja deve ser um homem casado, mas um homem deve ser como Ou seja, Paulo não está recomendando que um mínimo de uma mulher, mas um máximo. Assim, em algumas traduções ler "casado apenas uma vez" ou algo similar. Portanto, não devem ser excluídos destes escritórios para qualquer pessoa na simples facto de não ser casado.

Temos notado que a marca registrada da humanidade, que é designado pelo termo "imagem de Deus" é de grande alcance, que se estende a todos os seres humanos. Aos olhos de Deus, todos os seres humanos são iguais. Distinções de raça, estado civil e sexo não importam qualquer para ele (Gl. 3:28). A salvação, a vida eterna e comunhão com Deus estão disponíveis para todos. E uma vez que isto é assim, os cristãos devem mostrar o mesmo interesse e a mesma preocupação imparcial para o ser humano, independentemente das circunstâncias secundárias de suas vidas (Tg 2: 9.).

Parte 6

PECADO

- 27. A natureza do pecado
- 28. O poder do pecado
- 29. Os resultados do pecado
- 30. A magnitude do pecado

27. A natureza do pecado

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- relacionar a doutrina do pecado com outras doutrinas e explicar por que é difícil argumentar pecado na sociedade de hoje.
- Identificar e descrever três métodos para a discussão do pecado e da necessidade de confirmar a Palavra de Deus para entender o pecado.
- Examine os oito termos bíblicos usados para caracterizar o pecado e expandir nossa compreensão do pecado e da sua natureza.
- Identificar e explicar os resultados do pecado de quatro palavras bíblicas.
- examinar três abordagens comuns para a compreensão da natureza essencial do pecado e sintetizar uma definição.

Resumo do capítulo

A doutrina do pecado é importante para nós, porque afeta e sofre o efeito de outras doutrinas. Vários métodos têm sido utilizados para estudar o pecado, mas a análise dos dados bíblica é o método que nos faz compreender melhor o pecado e suas conseqüências. As causas, a natureza e os resultados do pecado pode ser analisado através do estudo dos termos para o pecado são usados nas Escrituras. O pecado é qualquer irregularidade ou mau motivo que se opõe a Deus. Simplificando, o pecado não é deixar Deus ser Deus e colocar outra coisa ou outra pessoa no lugar certo é a supremacia de Deus.

Questões de estudo

1. Por que é difícil para as pessoas na cultura contemporânea nem falar do conceito de pecado?
2. Por que a abordagem bíblica, entre outras abordagens possíveis, é melhor estudar pecado?
3. Como é que as palavras das Escrituras do Antigo e do Novo Testamento para a nossa compreensão do pecado e suas conseqüências?
4. Pense sobre os resultados do pecado. Como descrevê-los?
5. pecado tem sido descrita como a incapacidade de deixar Deus ser Deus. Você concorda com essa descrição? Dê exemplos para apoiar sua resposta.
6. Como é a sua vida afetada pelo pecado? Como o pecado pessoal afeta a vida dos outros? Dê exemplos.

- A dificuldade de discutir o pecado
- Métodos de estudo pecado
- Termos de pecado
 - Termos que enfatizam as causas do pecado
 - Ignorância
 - Erro
 - Inatenção
 - Termos que enfatizam o caráter do pecado
 - Extraviar-se
 - Irreligión
 - Transgressão
 - Maldade ou falta de integridade
 - Rebelião
 - Traição
 - Perversão
 - Abominação
 - Termos que enfatizam os resultados do pecado
 - Agitação ou inquietação
 - Ruim ou mal
 - Culpa
 - Questão
 - A natureza essencial do pecado
 - Sensualidade
 - Egoísmo
 - Substituindo Deus

A relação entre a doutrina do pecado e de outras doutrinas

A doutrina do pecado é muito importante e muito controversa. É importante porque afeta e é influenciado por muitas outras áreas da doutrina. A nossa visão da natureza de Deus influencia nossa compreensão do pecado. Se Deus é muito elevada, pura e exigente para estar à espera de seres humanos para ser como ele, em seguida, o menor desvio do padrão ideal é pecado e da condição humana está em uma situação muito grave. Se, por outro lado, o próprio Deus é bastante imperfeito, ou indulgente, uma espécie de talvez um pouco avô senil que não tem conhecimento de muitas coisas que acontecem, então a condição humana não é tão grave. Assim, em um sentido real a nossa doutrina do pecado irá refletir nossa doutrina de Deus.

Nossa compreensão da humanidade também afeta a nossa compreensão do pecado. Se fomos criados para refletir a natureza de Deus, o homem não deve ser comparado com outros homens, mas com os padrões de Deus. Tudo o que não é um pecado para chegar a esse nível. Se os seres humanos são livres, isto é, eles não são simplesmente determinadas por forças da natureza, então eles são responsáveis por suas ações, e os seus pontos fracos serão tratadas mais severamente do que se um controle força motriz ou limitar fortemente a capacidade de escolher e ato.

Nossa doutrina da salvação será fortemente influenciado por nossa compreensão do pecado. Porque se um homem é basicamente bom, com sua capacidade intelectual e moral essencialmente intacto, qualquer problema em relação a Deus será relativamente menor. Qualquer dificuldade pode ser uma questão de ignorância, a falta de conhecimento sobre o que fazer ou como fazê-lo. Nesse caso, a educação resolver o problema; talvez tudo que você precisa é um bom modelo ou exemplo: Além disso, se os seres humanos são corruptos ou rebelde, e, portanto, não podem ou não querem fazer a coisa certa, uma mudança radical é necessária na pessoa. Portanto, quanto mais grave a nossa concepção do pecado, a salvação será mais sobrenatural que precisamos.

Nosso entendimento do pecado também é importante porque tem um efeito importante sobre a nossa visão da natureza e estilo de nosso ministério. Se você considerar que os homens são basicamente boas e inclinado a fazer o que Deus quer e objetivos deles, a mensagem e o foco do ministério será positiva e afirmativa, incentivando as pessoas a dar o melhor de si mesmos, para continuar na direção atual. Se, por outro lado, acredita que as pessoas são radicalmente pecaminoso, eles serão instruídos

a se arrepender e ser nascido de novo. Na primeira instância de recurso à justiça, bondade e generosidade são consideradas suficientes. No segundo caso, alguém não se tornar basicamente seria considerado egoísta e até mesmo desonesto.

Nossa abordagem para os problemas da sociedade também será regida pela nossa visão do pecado. Por um lado, se pensarmos que a humanidade é basicamente bom, ou na melhor das hipóteses, moralmente neutra, consideramos os problemas da sociedade surgir de um ambiente Nocivo. Se o ambiente for alterada, as alterações em indivíduos e o seu comportamento vai ocorrer. Se, por outro lado, os problemas da sociedade estão enraizadas nas mentes e vontades dos homens perverteu a natureza desses indivíduos terão de ser alteradas, ou continuar infectando o todo.

A dificuldade de discutir o pecado

Tão importante quanto a doutrina do pecado, não é um assunto fácil de discutir hoje, por várias razões. Uma delas é que o pecado, como a morte, é um assunto desagradável. Nós não gostamos de pensar em nós mesmos como pessoas más ou más. No entanto, a doutrina do pecado nos diz que isso é o que somos por natureza. Nossa sociedade enfatiza a ter uma atitude mental positiva. Ele insiste em enfatizando apenas as idéias e as considerações positivas, possibilidades e realização humana. Discussão dos homens como pecadores é como gritar uma obscenidade ou blasfêmia em uma reunião muito formal, digno e distinto, ou até mesmo uma igreja. Proibido. Esta atitude geral é quase um novo tipo de legalismo, a proibição poderia ser maior ". Não diga nada negativo"

Outra razão pela qual é difícil argumentar sobre o pecado é porque para muitas pessoas este é um conceito que é estranho para eles. Culpar os problemas da sociedade em um quarto médio e não prejudiciais aos pecadores humanos, em alguns círculos tornou-se bastante raro sentimento de culpa objetiva. É definida como uma culpa irracional sensação de que não se deve tomar parte devido à influência de Freud. Sem um ponto de referência transcendente teísta, não há ninguém além de nós mesmos e os outros seres humanos antes de ser responsáveis e responsabilizados. Portanto, se nossas ações não prejudicar os seres humanos, não há nenhuma razão para se sentir culpado.

Além disso, muitas pessoas são incapazes de entender o conceito de *pecado* como força interior, como condição inerente como poder de controle. As pessoas hoje pensam mais em termos de *pecados*, ou seja, *atos individuais erradas*. Sins são algo externo e concreto, o que pode ser logicamente separados da pessoa. Assim, alguém que tenha feito nada de errado (geralmente você acha de um evento externo), é considerado bom.

Métodos de estudo pecado

O tema do pecado pode ser focado e estudar em várias maneiras. Uma delas é a abordagem empírica ou indutiva. Você pode observar as ações dos seres humanos contemporâneos ou examinar as obras de pessoas bíblicas, e, em seguida, tirar conclusões sobre o seu comportamento e da natureza do pecado. Neste caso, as características gerais do pecado são desenhados a partir de um certo número de exemplos específicos.

A segunda abordagem é o paradigma. Você pode selecionar um tipo de pecado (ou um termo para o pecado) e definido como um modelo básico do pecado. Então, nós podemos analisar outros tipos de pecado (ou termos para o pecado), com referência ao modelo básico, considerando variedades ou exemplos de nosso paradigma.

Uma terceira abordagem começa por salientar terminologia bíblica para todo o pecado. surgirá uma variedade de conceitos. Estes conceitos são examinados para descobrir o elemento essencial do pecado. Esta abordagem fator básico deve ser usado como quando tentamos estudar e compreender a natureza de exemplos específicos de pecado. Isto é, em grande medida a abordagem adotada neste capítulo.

Termos de pecado

Termos que enfatizam as causas do pecado

A Bíblia usa muitos termos para expressar o pecado. Alguns se concentram em suas causas, outros na natureza e outros em suas conseqüências, embora estas categorias não são sempre bem definido. O primeiro é que aqueles que enfatizam as causas do pecado, fatores que levam ao pecado predisponente.

Ignorância

Uma das palavras do Novo Testamento destaca um pecado é ἄγνοια (agnoia). A combinação de um verbo grego que significa "saber" (γινώσκω - *ginōscō* de γνῶω - *gnoō*) e *alfa exclusivo, que está relacionado com a palavra agnóstico*. Juntamente com as suas palavras relacionadas utilizados na Septuaginta para traduzir verbos como שָׁגָה (Shagah) e שָׁגָג (Shagag), que basicamente significa "errar." Sua encaminhamento imediato é ἀγνοέω (agnoeō, "ser ignorante"). Esta palavra é frequentemente usado em frases que significa ignorância inocente (Rm 1:13; 2 Cor. 6: 9; Gal. 1:22). Algumas coisas foram feitas na ignorância aparentemente inocente aos olhos de Deus, ou pelo menos ele está esquecido (Atos 17:30). No entanto, em outros casos, as ações do ignorante parecia ser culpado. Ef. 4:18 diz dos gentios: "Tendo o entendimento obscurecido, alheios à vida de Deus pela ignorância que há neles, por causa da dureza de seu coração." Em duas passagens, Atos. 03:17 Pedro 1:14, é questionável se a ignorância é culpado ou inocente. Na primeira, o apelo imediato de Pedro aos seus ouvintes a se arrepender sugerem responsabilidade. O único exemplo de ἀγνόημα é em He. 9: 7, referindo-se à visita anual do sumo sacerdote no santuário para oferecer sacrifícios por ele e "pelos pecados de ignorância do povo." Estes eram aparentemente erros ou ignorância essas pessoas podiam ser punidos por eles. Esta foi a ignorância voluntária: as pessoas poderiam ter conhecido o caminho a percorrer, mas optou por não saber.

Erro

Mais abundantes são as referências para o pecado como um erro, isto é, a tendência do homem para passear, para cometer erros. Os principais termos do Antigo Testamento são שָׁגָה (Shagah) e שָׁגָג (Shagag), seus derivados e palavras relatadas para eles. שָׁגָה (Shagah) é usado tanto literal e figurativamente. Em seu sentido literal é usado para ovelhas que se desviam do rebanho (Ez 34: 6.) E bêbados que tropeçam e cambaleiam (Is. 28: 7). Embora o nome associado שָׁגָגָה (Mishgeh) é usado para erro accidental em Gênesis 43:12, a palavra geralmente se refere a um erro na conduta moral. O contexto indica que a pessoa que comete o erro é responsável por sua ação. Um exemplo particularmente claro é encontrada em 1 Samuel 26:21. Saul quis matar Davi, mas Davi poupa a vida de Saul. Saul diz: "Pequei; de novo, David, meu filho, que já não vai nenhum mal, porque a minha vida foi hoje preciosa aos seus olhos. Tenho feito tolamente, eu cometi um grande erro. "

O verbo שָׁגָג (Shagag) eo nome associado a ele שָׁגָגָה (*Sh^e gagah*) ocorre principalmente em passagens de rituais. Entre passagens não rituais, Gênesis 6: 3 parece referir-se às fraquezas humanas, e sua propensão ao erro. O Senhor diz: "Meu Espírito não contendrá sempre com o homem, pois ele é mortal; mas viver cento e vinte anos" Em dois outros casos, Salmos 119 :. 67 e Eclesiastes 10: 5, o erro parece ser culpado. A segunda passagem diz: "Há um mal que vi debaixo do sol, como que emana do príncipe de erro." Jó 12:16 Parece que também se refere a um erro culpável. Rituais passagens em

muitos casos têm a ver com a descoberta de que a lei do Senhor foi quebrado involuntariamente por ignorância ou erro de julgamento (por exemplo, Lev. 4: 2-3, 22-24, 27-28; Nm . 15: 22-29). Em Levítico 22:14, temos o caso de alguém que acidentalmente comer a comida que eles podem comer apenas os sacerdotes. Apesar de ter sido por engano que imporá uma pequena multa é uma indicação de que o ofensor deveria ter sido mais cuidadoso. Este sentido de responsabilidade para os próprios erros também pode levar a outros exemplos.

Mais comum do que שָׁגָה (Shagah) ou שָׁגָג (Shagag) é טָעָה (Ta'ah) que aparece cerca de cinquenta vezes no Antigo Testamento. O significado básico é "errar ou desviar." Como שָׁגָג, טָעָה é usado para descrever alguém que está embriagado (Is. 28: 7). É também usado para confusão (Is. 21: 4). Isaías fala de pecadores que erra de espírito (29:24). O termo refere-se mais a um erro deliberada a um erro accidental.

No Novo Testamento, o termo que denota mais pecado como erro é muitas vezes πλανάμαι (planōmai), a forma passiva de πλανάω (planao). Destaca a causa de que se está perdido, isto é, para ser enganado. No entanto, estática ser enganado por erro é muitas vezes evitáveis, como indicado por frases como: "Acautelai-vos, que ninguém vos engane" e "Não erreis" (Marcos 13: 5-6; 1 Coríntios 6: 9; Gal . 6: 7; 2 Ts 2: 9-12; 1 João 3: 7; 2 João 7) ... A fonte dessa perda pode ser maus espíritos (1 Tm 4: 1; 1 Jo. 4: 6; Ap 12: 9; 20: 3), Outros humano (Ef 4:14; 2 Timóteo 3:13 ..) ou de auto (1 Jo. 1: 8). Independentemente da fonte, aqueles que caem em um erro sabem ou deveriam saber que eles se desviaram. Jesus comparou a ovelhas pecadores (Lc. 15: 1-7), e também afirmou que o erro dos saduceus era que nem conhecem as Escrituras nem o poder de Deus (Marcos 12: 24-27). Pecado contra a natureza é chamado de erro em Romanos 01:27 e Tito 3: 3, Paulo descreve os que vivem sem Cristo como hebreus no deserto o povo foi caracterizado por disperso em "insensatos, desobedientes e rebelde." seus corações (3:10). O sumo sacerdote era delicadamente pecados do ignorante e instável, já que ele mesmo foi sujeito a tais fraquezas; no entanto, ele tinha para oferecer sacrifícios por esses pecados (5: 2-3).

Do acima exposto, parece que tanto o Antigo eo Novo Testamento reconheceu vários erros como o pecado, embora fossem claramente erros inocentes, atos de ignorância, para a qual foi imposta nenhuma sanção (ou apenas uma pequena multa). Evidência disso pode ser visto na nomeação de cidades de refúgio para aqueles que tinham matado alguém involuntariamente (Números 35: 9-15, 22-28; 20 Js ..). Claro, atos como homicídio involuntário são mais ao longo das linhas dos acidentes ignorância. No entanto, na maioria dos casos, o que a Bíblia chama de erros simplesmente não deveria ter acontecido: a pessoa deveria ter sabido e foi responsável por ter sido informado. Embora esses pecados são menos hediondo do que deliberada, o indivíduo ainda é responsável por eles e, portanto, levar uma pena que lhes são inerentes.

Inatenção

Outro pecado designação bíblica é desatento. No grego clássico, a palavra παρακοή (parakoē) tem o significado de várias passagens do Novo Testamento refere-se à falta de atenção desobediência (Romanos 5:19; ". Ouvir errado ou incorretamente" 2 Coríntios 10 : 6). O caso mais claro é Hebreus 2: 2-3, onde o contexto indica o sentido que estamos sugerindo: "Porque, se a palavra falada pelos anjos permaneceu firme e toda transgressão e desobediência [παρακοή] recebeu uma justa retribuição, como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? Esta salvação, que foi anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram ".

Da mesma forma, o verbo παρακούω (parakouo) significa "se recusam a ouvir" (Mt. 18:17) ou "ignorar" (Marcos 5:36). Portanto, o pecado de παρακοή (parakoe) não é ouvir

bem ou prestar atenção a Deus quando ele fala, ou desobedecer depois de não ter ouvido direito.

Termos que enfatizam o caráter do pecado

Na seção anterior examinamos palavras que enfatizavam as causas do pecado, os fatores que nos predispõem ao pecado, em vez de o caráter ou a natureza do pecado, embora alguns de este último também está contida nestes termos. Em muitos casos, nós examinamos os pecados que trouxeram conseqüências relativamente menores. Mas agora chegamos a um grupo de pecados que são tão graves na natureza que há pouca diferença de por que eles ocorrem, o que faz com que as pessoas a cometer crimes. Sua natureza é a questão crucial.

Extraviar-se

Provavelmente os conceitos mais comuns que enfatiza a idéia da natureza do pecado é a ideia de errância. Nós são encontrados no verbo hebraico חָטָא (Flat') eo verbo grego ἁμαρτάνω (hamartano). O verbo hebraico e seus cognatos aparecem cerca de seis centenas de vezes e traduzido na Septuaginta com trinta e dois anos, o mais comum destas palavras gregas diferentes, de longe, é ἁμαρτάνω e afins.

Um uso literal de חָטָא podemos encontrar em Juízes 20:16. Setecentos homens escolhidos, todos com a mão esquerda (ou ambidestro) e da tribo de Benjamim "jogou uma pedra em um cabelo profunda e não perca." Outro uso literal é em Provérbios 19: 2: "Muito, muito errs que é executado (NIV) "Mas esses usos literais são raros.

A frase "errar o alvo", geralmente sugere um erro, mas um pecado que é escolhido voluntariamente executar. Mas na Bíblia a palavra חָטָא Ele não sugere apenas falha, mas uma decisão a falhar um erro voluntário e culpado. Ryder Smith diz muito claramente: "As centenas de exemplos do uso *moral* da palavra exigir que um homem mau 'errar branco *porque ele escolhe* para visar o alvo errado" e "o caminho *errado, porque ele deliberadamente segue* errado' e não este é um erro inocente ou uma mera idéia negativa de 'falha'."

A palavra חָטָא Ele é usado para se referir a suas ações em relação com os outros e com Deus, embora este último é muito mais comum do que o primeiro. Nas passagens rituais são alguns exemplos onde a forma nominal parece referir-se a um pecado não intencional. Muitas vezes encontramos ligado à palavra חָטָא ("Sem querer", por exemplo, através da ignorância); É traduzida como "pecado" ou "oferta pelo pecado" (ex. Lev. 4-5). Estes dois conceitos pecou oferecidos e da oferta pelo pecado parece ser conectado na idéia de "suportar o pecado", encontramos, por exemplo, em Levítico 24:15 e Isaías 53:12. Isto é consistente com a observação de que Gerhard von Rad "em hebraico o ato e conseqüências negativas subsequentes que Israel 'será', isto é, para vir a Israel, são a mesma coisa." O pecado é um fardo que deve ser suportado.

O termo Novo Testamento mais comum, e seu equivalente mais próximo חָטָא ἁμαρτάνω e duas formas nominais, ἁμαρτία (hamartia) e ἁμάρτημα (hamartēma). Esta conclusão baseia-se em duas considerações. Uma delas é que, como notado acima, ἁμαρτάνω é a palavra mais frequentemente utilizada na Setenta para traduzir חָטָא. A outra consideração é que o significado básico das duas palavras é a mesma. O verbo ἁμαρτάνω originalmente significava "de perder, perder a marca, perdendo não ser parte, estar errado." O nome ἁμαρτία denota o ato em si, a incapacidade de alcançar um objetivo, εἰς ἁμάρτημα denota o resultado deste ato.

Esta família de palavras é o mais importante grupo de palavras do Novo Testamento para pecado. Ele é usado com muito mais frequência (há quase três centenas de exemplos) que qualquer outro termo. Como na Septuaginta, o significado de errando o alvo no Novo Testamento é a falhar porque um aponta para o alvo errado, com destaque para o que realmente está acontecendo e ninguém tem a motivação para cometer erros.

Este pecado é sempre pecado contra Deus, pois não consegue atingir a meta que ele estabeleceu, o padrão do amor perfeito de Deus e perfeita obediência a ele. Nós errar o alvo e pecar contra Deus, quando, por exemplo, não amar o nosso irmão, porque se Deus realmente amei automaticamente ama a seu irmão iria ocorrer. Da mesma forma, quando tentamos nossos corpos estamos mal danificar o templo de Deus (1 Coríntios 3: 16-17) e, portanto, o pecado contra Deus.

Algumas observações adicionais são necessárias. Uma delas é a idéia de que a culpa está claramente ligada ao fato de errando o alvo. Qualquer que seja o fundo que leva ao ato de pecado, é um comportamento culpado. Isso muitas vezes você está em denominações diferentes, indica que o pecador se sente responsável. Outro ponto é a associação conceito teológico. Você tem um objetivo ou propósito e não poderia obtê-lo. Embora alguns objetar que isso é uma mentalidade grega, você pode ser encontrado em ambos os Testamentos.

Devemos também destacar que houve um desenvolvimento e aperfeiçoamento do conceito entre os períodos do Antigo e Novo Testamentos. O grego não só tem o nome, o ato do pecado, mas também o nome, o resultado final do pecado. Não há distinção equivalente em hebraico; talvez porque, como dito anteriormente, acreditava-se que o ato eo resultado eram inseparáveis e até mesmo idênticos.

Irreligion

O pecado também é chamado de irreligion, particularmente no Novo Testamento. Uma palavra de destaque é o verbo ἀσεβέω (asebeō), juntamente com a sua forma substantiva ἀσέβεια (asebeia) e a sua forma adjetiva ἀσεβής (asebēs). Este é o negativo do σέβω (sebo) que significa "louvor" ou "honra" e está sempre em voz baixa no Novo Testamento. Ἀσεβέω é o oposto do termo εὐσεβέω (eusebeō) e seus aliados, que são especialmente comuns em epístolas pastorais. O verbo εὐσεβέω e seus aliados, em conjunto com o termo θεοσεβής (theosebēs) são utilizados para a misericórdia do devoto. Portanto, todos os termos que giram em torno ἀσεβέω não significar muito impiedade como irreverência. Encontramos particularmente em Romanos, 2 Pedro e Judas. "A impiedade" e seus cognatos pode ser a melhor maneira de traduzir.

As palavras ἀδικέω (adikeō) ἀδικία (adikia) e ἄδικος (Adikos) também denotar irreligion, ou a ausência de justiça. No grego clássico ἀδικία não está claramente definido e leva vários tons de significado. O adjetivo ἄδικος pode significar "errado, inútil, não adequada a natureza." As palavras desta família muitas vezes aparecem em contextos jurídicos onde significam abandono do dever aos deuses. Na Septuaginta eles usaram para traduzir alguns termos em hebraico; ἀδικέω utilizado para não inferior a vinte palavras. A forma substantiva é encontrada principalmente no singular, considerada por alguns autores como uma indicação de que a idéia de pecados individuais já tinha mais perto da noção mais ampla pecado.

O δίκη (Dique) ou da justiça que contrasta ἀδικία era originalmente tribunal de justiça. Assim, no Novo Testamento ἀδικία é injustiça ou, num sentido mais amplo, a injustiça. É a incapacidade de viver de acordo com a norma de justiça. Em 1 Coríntios 6: 9 Paulo pergunta: "Não sabeis que os injustos [ἄδικοι - *adikoi*?] Não herdarão o reino de Deus" E em Colossenses 3:25 diz: "Quem é injusto [ἀδικῶν - *adikōn*] receberá injustiça [ἡδίκησε - *ēdikēse*]. cometeu, porque não há parcialidade "Este e outros textos do Novo Testamento concluir que ἀδικία é contrário ao padrão de comportamento correto, embora esse padrão não podem ser especificamente identificadas como lei.

Um prazo adicional neste grupo é o nome ἀνομία (anomia), juntamente com o adjetivo ἄνομος (anomos) eo advérbio ἀνόμως (anomos). Eles não são muito comuns no Novo Testamento. Uma forma ou outra são, obviamente, negar νόμος (nomos, "Lei"). Existem duas formas básicas. Paulo usa o adjetivo e advérbio para se referir a pessoas que não são lei judaica, ou seja, os gentios (Romanos 02:12; 1 Coríntios 9:21). E Peter provavelmente usou o adjetivo semelhante em Atos 2: 23. No entanto, na maioria das vezes essas palavras se referem àqueles que infringem a lei em geral, seja judeu ou gentio. Peter diz de Lot "aborreciam sua justa alma dia vendo e ouvindo maldades" (2 Pedro 2: 8; ver também 2 Ts 2: 8.; 1 Timóteo 1: 9). Os gentios, embora eles não tinham a lei judaica, no entanto eles tinham um divinas infratores constantemente. A palavra ἀνομία nunca se refere a violar a lei no sentido estrito da lei mosaica, mas de violar a lei de Deus no sentido mais amplo. Os únicos usos de ἀνομία nos Evangelhos Sinópticos são quatro exemplos em Mateus (07:23; 13:41; 23:28; 24:12). Em cada caso, Jesus, que usa o termo é; em cada caso há uma violação da lei universal que todo mundo sabe; em cada caso, o contexto refere-se ao julgamento a ter lugar na segunda vinda de Cristo. Várias outras passagens do Novo Testamento falam da violação da lei de Deus em um sentido mais amplo e aparecem em contextos que se referem a segunda vinda e julgamento (por exemplo, 2 Ts de Cristo 2: 1-12; 1. Jo. 3: 2, 4). Ryder Smith resume: "Toda vez que você usar *anomia* estão presentes conceitos de direito e da justiça, e em exemplos característicos e mais numerosos, que se faça referência a lei judaica, mas tudo o que qualquer homem sabe que Deus ordenou "Vale ressaltar que quando Paulo se refere à violação da lei dos judeus, usado outra palavra. παρανομέω (paranomeō) (Atos 23: 3).

Transgressão

A palavra hebraica עָבַר ('Abar) aparece cerca de seis centenas de vezes no Antigo Testamento. Literalmente significa "a" ou "passar"; na maior parte dos casos usados em sentido literal. No entanto, em algumas passagens, a palavra carrega a idéia de quebrar uma ordem ou ir além de um limite. Em Ester 3: 3 é usado com uma ordem terrena de um rei. No entanto, na maioria dos casos paralelo, ele é usado para transgressões dos mandamentos do Senhor. Há um exemplo concreto de Números 14: 41-42. O povo de Israel quer ir até o lugar que o Senhor prometeu, mas Moisés diz: "Por que vocês transgridem o mandamento do Senhor? Isso não vai bem. Não para cima, porque o Senhor não está no meio de vós, para que não sejais feridos diante dos vossos inimigos "O povo de Israel não ter de violar o pacto de Deus: Ou mandamento (Dt 26:13). (Deut 17. 2). . Outros exemplos incluem Jeremias 34:18; Daniel 9:11 Oséias 6: 7; 8: 1.

Embora várias palavras gregas usadas na Septuaginta para traduzir עָבַר, Que é mais próximo de seu significado é παραβαίνω (parabainō) e nominalmente παράβασις (parábasis). O verbo aparece em Mateus 15: 2-3. Os fariseus e escribas lhe perguntou: "Por que os teus discípulos quebrar a tradição dos anciãos?, Então, não lavam as mãos quando comem pão." Jesus respondeu: "Por que você quebrar o mandamento de Deus pela vossa tradição ? "Às vezes, estes termos se referem à violação de um comando específico, como Adão e Eva a comer do fruto proibido (Ro 5:14 ;. 1 Tm 2:14.). Sempre traz consigo a implicação de que a lei foi violada. Consequentemente, Paulo pode dizer: "Onde não há lei, não há transgressão" (Romanos 4:15.). Normalmente, a que se refere a lei judaica (Rm 2:23, 25, 27; Gálatas 3:19; Hebreus 2:.. 2; 9:15). Mesmo quando ele sugere algo maior (Gl 2:18;. Tg 2 :. 9, 11), há uma referência direta à lei judaica. Isto é consistente com o observado acima distinção entre ἀνομία e παρανομέω.

Maldade ou falta de integridade

Para o pecado é também caracterizado-o como um pecado. A principal palavra aqui é עָוָל ('Awal) e seus derivados. A idéia básica parece ser a de desvio de rumo certo. Portanto, a palavra pode conduzir à idéia de injustiça, a incapacidade de satisfazer a norma de justiça ou falta de integridade. A idéia de injustiça é clara em Levítico 19:15: "Tu não cometerás injustiça no juízo, nem favorecem aos pobres ou adiar para o grande :. Com justiça julgarás o teu próximo" No primeiro caso, a falta de integridade é por não cumprimento ou manter a justa lei de Deus. Em último caso, é a falta de integridade no desunião no indivíduo: a discrepância entre o comportamento ou caráter presente e passado.

Rebelião

Algumas palavras do Antigo Testamento descrevem o pecado como rebelião, um conceito muito importante no pensamento hebraico. A mais comum destas palavras é פָּשָׁע (Pasha '), juntamente com o seu nome פְּשָׁע (Pesha '). O verbo muitas vezes traduzida como "transgressão", mas o "rebelde". Significado da raiz Às vezes é usado para a rebelião contra um rei humano (por exemplo, 1 Reis 12:19), mas mais frequentemente refere-se ao rebelião contra Deus. Um dos usos mais vívida deste último é encontrado em Isaías 1: 2: "Eu levantei as crianças e tornou-se grande, e eles se rebelaram contra mim."

Entre outras palavras que transmitem a idéia de rebelião é מָרָד (Mara). . Geralmente traduzido como "rebeldes", observa "Refratariedade" Isaías 01:20 diz: "Se você não quer e são rebeldes, sereis devorados à espada. A boca do Senhor o disse. "Uma outra palavra que descreve o pecado como rebelião é מָרָד (MARAD). Deus diz a Ezequiel: «Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às nações rebeldes que se rebelaram contra mim; eles e seus pais têm transgredido contra mim até hoje "(Ez 2: 3.). Devemos também mencionar סָרָר (Sara) representando a idéia de obstinação, além do padrão (Dt 21:18; Sl 78:. 8.). Os hebreus têm um extenso vocabulário para a rebelião, prova de que era uma prática muito comum entre eles. Os profetas, em particular, manifestou-se contra este tipo de comportamento, porque no momento a tentação de contornar a soberania do Senhor foi bastante pronunciado.

O Novo Testamento também caracteriza o pecado como rebelião e desobediência. Os termos mais comuns são nomeados ἀπειθεια (apeitheia) eo verbo ἀπειθέω (apeitheō) eo adjetivo ἀπειθής (apeithēs) associado a ele. No total, estes termos são vinte vezes. Em dois casos (Romanos 1:30;. 2 Tim 3 2 :.) referem-se a desobediência aos pais, mas na grande maioria dos casos envolve desobediência a Deus. Judeus na época de Moisés não podia entrar na Terra Prometida por causa da desobediência (Hb 3:18; 4: 6). João Batista foi enviado para voltar a desobediência dos judeus de seu tempo com sabedoria (Lc. 1:17). Diz-se também que os ex-gentios (Atos 11:31 ;. 1 Pedro 3:20) foram desobedientes como foram os contemporâneos (Romanos 1:30.). Os gentios eram responsáveis, como, aparentemente, tinha a lei de Deus escrita em seus corações. Pablo ainda usa o termo "filhos da desobediência" em Efésios 2: 2 e 5: 6, e, talvez, em Colossenses 3: 6 (dependente do texto para ler). Não são apenas os crentes que desobedecem, existem inúmeras passagens que se referem a pessoas de fora que são desobedientes (por exemplo, João 3:36 é; Atos 14: .. 2; 19: 9; 1 Pedro 2 : 8, 3: 1; 4,17). Rejeitam o evangelho é considerado "desobediência" porque se supõe que aqueles que aceitam o evangelho vai obedecer.

Dois outros termos do Novo Testamento em particular representam a idéia de rebelião são ἀφίστημι (aphist'mi) e ἀποστασία (apostasia). A primeira é usada em 1 Timóteo 4: 1 e Hebreus 03:12 para falar dos cristãos que se afastaram da fé. Em 2 Tessalonicenses 2: 3, Paulo fala de uma apostasia final, e em Atos 21:21 Irmãos Jerusalém informá-lo que é rumores de ter ensinado aos judeus a abandonar Moisés (os seus ensinamentos). O

verbo πικραίνω (pikrainō) e seus derivados, usado frequentemente na Septuaginta (nomeadamente sob a forma παραπικραίνω - *parapikrainō*) para traduzir os termos hebraicos da rebelião, normalmente usada no Novo Testamento para falar para provocar os homens em vez de Deus. A exceção mais notável é encontrada em Hebreus 3: 8-16.

Para resumir: presume-se que todas as pessoas estão em contato com a verdade de Deus, até mesmo os gentios, que não têm nenhuma revelação especial. Não acredito que a mensagem, especialmente quando se trata de especial e abertamente, é a desobediência ou rebelião. Quem desobedece um rei é considerado um inimigo. O mesmo se aplica às multidões que desobedecem a Palavra de Deus.

Traição

Intimamente relacionado com o conceito de pecado e rebelião são a idéia de pecado como uma quebra de confiança ou traição. A palavra hebraica mais comum, neste contexto, é מַאֲל (Ma'al), que na maioria dos casos trair indica a Deus. Ela é usada em Números 5:12, 27 sobre uma mulher infiel a seu marido. O pecado de Acã tendo anátema é considerado "cometer um infidelidade" (Js. 7: 1; 22:20). Um excelente exemplo do uso deste termo que denota traição contra Deus é encontrada em Levítico 26:40: "Mas se confessarem a sua iniquidade ea iniquidade de seus pais, e sua traição e rebelião constante contra mim ..." (NVI). Em Ezequiel 14:13 e 15: 8 Deus diz que todas as terras ato tão infiel contra ele ficará assolada e vazia. Outra palavra hebraica, בָּגָד (Bagad), ele é ocasionalmente usada para se referir a traição contra Deus (Salmo 78:57 ; Jer 03:10;.. Mal 2:11).

Há também referências em pecado no Novo Testamento como traição. Entre as palavras usadas na Septuaginta para traduzir מַאֲל são παραπίπτω (parapipto) e παράπτωμα (*paraptōma* "declínio"), tanto significado do exemplo de παραπίπτω no Novo Testamento está em Hebreus 6: 6, referindo-se a uma volta afastado deliberadamente para que do que se Ele aprendeu e foi envolvido. Dos vinte ocorrências da palavra παράπτωμα, Ryder Smith diz que "é provável que no Novo Testamento e LXX, a idéia da deserção do traidor não tinha perdido em tudo."

Ambos os Testamentos, estão concentrados no vínculo ou aliança entre Deus e seu povo. O povo do convênio goza de uma relação especial com Deus ou, pelo menos, foi apresentado às coisas de Deus. Deus confiou um dom excepcional. O pecado de enganar ou ser infiel ao que a confiança é chamado de traição corretamente. É especialmente censurável para o que ele foi traído.

Perversão

O significado básico da palavra אָוָה (Awah) é "dobrar ou torcer." Isso também significa O significado literal pode ser visto em Isaías 21 "se curvar ou ajoelhar-se." 3 ("Eu me sinto sobrecarregado para ouvir e ver-me cheio de temor") e 24: 1 ("Eis, Senhor devasta a terra e devasta-lo, distorce seu rosto e espalhe seus habitantes"). Em Provérbios 12: 8 passa a idéia do plano físico para o mental, a partir de um corpo trançado (como em Isaías 21: 3.) A uma mente pervertida: "Pois a sabedoria é louvado o homem, mas a mente perversa é desprezado." As formas nominais derivado de אָוָה falar sobre destruição de cidades (Sl 79: 1; Is. 17: 1; Jer 26:18; Mic 1: .. 6; 03:12) e à distorção de decisões: "Jeová misturado um espírito perverso no meio de ele, e eles se dirigiram para o Egito em toda a sua obra, como o bêbedo vai cambaleando quando vômitos "(Is. 19:14).

O significado básico está presente metaforicamente quando אָוָה ou um termo relacionado utilizado para designar o pecado. Muitas vezes, a sugestão prazo envolve

punição. Cain, por exemplo, diz: "Esta punição é mais do que eu" (Gênesis 04:13.). Mais uma vez vemos uma estreita ligação entre pecado e suas conseqüências. Da mesma forma, חַטָּא e seus derivados, ocasionalmente, sugerir a condição de culpa ou pecado. Esta ênfase é evidente em Oséias 5: 5 ("A soberba de Israel testifica seu rosto; Israel e Efraim cair na sua iniquidade, e Judá cairá com eles") e 14: 1 ("porque você caiu pelo seu pecado"). Aqui o conceito de pecado vem não apenas como um ato isolado, mas como uma verdadeira mudança no caráter ou condição do pecador. Aquele que peca é torcido ou distorcida por assim dizer. A verdadeira natureza por que e em que foi criado o homem (à imagem e semelhança de Deus) é perturbado. Isto é tanto o resultado como a causa do pecado.

Abominação

A caracterização do pecado e abominação parece ter especial referência à atitude de Deus para com o pecado e seu efeito sobre ele. "Abominação" é a tradução mais comum para שִׁקּוּץ (Shiqquts) and תּוֹעֵבָה (To'ebah). Estes termos geralmente descrevem um ato particularmente repreensível por Deus como idolatria (Dt 7: 25-26.), A homossexualidade; (Lv 18:22; 20:13). vestindo roupas do sexo oposto (Deuteronômio 22: 5), sacrificando crianças (Deuteronômio 00:31.) ou animais com defeitos (Deut. 17: 1) e feitiçaria (Dt. 18: 9-12). Essas práticas foram quase nauseante de Deus. O termo *abominação* indica que esses pecados não são apenas algo contra o que Deus se opõe relutantemente, mas são algo que você é repulsivo.

Termos que enfatizam os resultados do pecado

Alguns termos não estão focados nos fatores que predisõem ao pecado, ou a natureza do ato em si, mas nas conseqüências que o pecado.

Agitação ou inquietação

Acredita-se que a palavra רָעָה (Resha '), que normalmente é traduzida como "maldade", sugeriu inicialmente o conceito de movimento e inquietação. Relacionada com uma palavra árabe que significa "ser solto (filiação)," a raiz de רָעָה isso poderia significar "ser desarticulado, mal regulamentado, anormal, errado." Há evidências de significado literal em Jó 03:17 ("Ali os ímpios cessam de perturbar; e ali se encontram aqueles que perderam suas forças") e Isaías 57: 20-21 ("Mas os ímpios são como o mar agitado, que não pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo." Não há paz para os ímpios ", disse meu Deus"). Os ímpios tem que ser para causar agitação e desconforto para si e para os outros. Eles vivem em confusão caótica e trazer essa mesma confusão para as vidas daqueles ao seu redor. Este senso moral está sempre presente quando a palavra רָעָה ou está ligado se aplica para os seres humanos.

Ruim ou mal

A palavra רָ (Ra ") é um termo genérico que significa ruim no sentido do mal. Portanto, pode se referir a algo que é ruim ou mal, não só moralmente errado. Por exemplo, ele pode ser usado para alimentação que se tornou um animal ou mau perigoso. Pode significar problemas ou adversidade. Jeremias 42: 6 citou os comandantes do exército quando eles dizem Jeremias: "Seja bom, seja mau, a voz do Senhor, nosso Deus, a quem te enviamos, que, em obediência à voz do Senhor nosso Deus, ir-nos bem "As palavras" seja bom, seja mau "poderia ter sido traduzida aqui como" ser prósperos

ou adversos "Em Amos 6: .. 3 lemos um dia ruim. Esta palavra liga, portanto, o ato de pecado e suas conseqüências. Em Deuteronômio 30:15 Deus coloca diante de pessoas a escolha entre "a vida eo bem, a morte eo mal." Eles podem optar por seguir os mandamentos de Deus, caso em que a multa será vêm a eles, ou eles podem desobedecer, em que Se o resultado for ruim: eles perecem (v 18)..

Culpa

Embora algumas das palavras acima discutidas envolvem a idéia de culpa, palavra אָשָׁם (Asham) é explicitada. Ela está falando do ato do pecado, אָשָׁם Significa "alguma coisa errada, cometer um delito, infligindo uma queixa." Tornou-se algo para alguém, algo ruim, então ele deve punir o fez ou deve indenizar a vítima. E, de fato, em um terço das passagens onde aparece אָשָׁם ou uma palavra relacionada, o significado é em Números 5 "oferta pelo pecado." 8 meios. "delito de compensação" "Mas, se o homem não tem nenhum parente a ser indenizado pelo dano será indenização por danos a Jeová ao sacerdote, além do carneiro da expiação, o sacerdote fará expiação por ele. "A idéia, neste caso, e em muitos outros é que o dano tenha sido feito pelo ato de pecado, e deve haver alguma forma de restituição para consertar as coisas.

A palavra usada na Septuaginta para traduzir a palavra hebraica אָשָׁם πλημμέλεια (plēmmeleia), não aparece no Novo Testamento. No entanto, há uma palavra no Novo Testamento para "culpado" -ἔνοχος (enochos), que aparece apenas dez vezes. Jesus disse que, independentemente do veredicto humano, qualquer pessoa que odeia a seu irmão é culpado de assassinato aos olhos de Deus (Mateus 5: 21-22). Paulo adverte que todos os que participam da Ceia do Senhor indignamente é réu do corpo e do sangue de Cristo (1 Cor 11,27). E James insistiu em que o infractor uma questão de direito é culpado de todos (Tia. 2:10). Em todos esses usos da palavra ἔνοχος, o padrão é a justiça de Deus. O pecador está exposto a punição por ofender a Deus. Como vimos, no pensamento hebraico é praticamente inseparáveis punição do pecado.

Questão

A palavra אָוֵן (Aven) significa, literalmente, "problema", quase sempre em um sentido moral. A ideia subjacente é que o pecado traz problemas para o pecador. Então Oséias se refere a Betel depois que se tornou lugar de idolatria, como Bethaven (casa da iniquidade "(Oséias 04:15; 10: .. 8) Nos Salmos aparece com freqüência o termo" fazedores iniquidade "(por exemplo, 5: 5, 6: 8, etc.). Os meios equivalentes árabes" estar cansado, cansado "; sugere fadiga, dor, dificuldade A hebraico parece expressar a idéia do consequente problema miséria. dificuldade e tristeza Essa implicação do termo é claramente explicado em uso em Provérbios 22: 8:.. "O que semeia a iniquidade colherá"

A natureza essencial do pecado

Vimos que há uma variedade de termos para o pecado, cada um destacando um aspecto diferente. Mas isso é possível no meio da formulação de uma enorme gama abrangente do que é pecado definição, identificar a essência do pecado? Vimos que os pecados são caracterizados variadamente na Bíblia como desconfiança, rebelião, mau, err. Mas o que é pecado?

Comum a todas estas várias formas para caracterizar a idéia de pecado é que o pecador não tem cumprido a lei de Deus. Existem várias maneiras de fracassar na tentativa de alcançar o seu padrão de justiça. Podemos ir além dos limites, ou "transgredir". Podemos apenas ficar curto, ou não em tudo o que Deus nos ordena a fazer ou esperar para fazer. Ou

podemos fazer a coisa certa, mas pelo motivo errado, e, assim, cumprir a letra da lei, mas não seu espírito.

No Antigo Testamento, o pecado, em grande parte uma questão de ações externas ou falta de conformidade exterior aos requisitos de Deus. Os pensamentos e as motivações internas não foram completamente ignorado na concepção do Antigo Testamento, mas no Novo Testamento tornam-se especialmente importante, tornando-se quase tão importante quanto as ações. Então Jesus condenou a ira e luxúria com igual veemência que assassinato e adultério (Mateus 5: 21-22, 27-28). Ele também condenou atuas boas ações externas, principalmente pelo desejo de obter a aprovação para o ser humano e não para agradar a Deus (Mateus 6: 2, 5, 16).

Mas o pecado é não apenas ações e pensamentos errados, mas também disposição interior inerente pecaminosidade que nos inclina em direção ao pensamento errado e age. Nós não somos pecadores simplesmente porque pecamos; pecamos porque somos pecadores.

Nós oferecemos, portanto, esta definição de pecado: "Pecado é qualquer falta de conformidade, ativo ou passivo, a lei moral de Deus. Pode ser um ato ou um pensamento, ou uma matriz ou estado interno. "O pecado é a incapacidade de viver de acordo com Deus espera de nós, agir, pensar e do ser. No entanto, ainda me pergunto neste momento se há um princípio básico em pecado, um fator subjacente que caracteriza todo o pecado em suas muitas variedades. Houve várias sugestões.

Sensualidade

Uma sugestão é que o pecado é a sensualidade. Esta foi a idéia de Friedrich Schleiermacher e outros. De acordo com este ponto de vista, o pecado é uma tendência de menor natureza ou de natureza física que controla a natureza superior ou espiritual. Isso faz com que as advertências de Paulo contra vivo "segundo a carne" são tomadas literalmente, eo pecado é baseada na aparência física ou material humano. Essa concepção, que muitas vezes assume que a matéria é inerentemente mau, também é destaque no pensamento de Agostinho; se vem de sua própria luta contra a sensualidade.²²

Por esta idéia pode parecer surpreendente pela sua simplicidade, mas tem deficiências significativas. Por um lado, parece descartar o fato de que muitos pecados, e talvez pior, não são de natureza física. No famoso catálogo de pecados de Paulo em Gálatas 5: 19-21, muitos são certamente "obras da carne", literalmente: imoralidade sexual, impureza, libertinagem, bebedeira e orgias. Mas alguns são definitivamente mais "espiritual" na natureza: o ódio, a discórdia, ciúmes, ira, ambição, discórdias, intrigas e invejas. A ideia de que o pecado é a sensualidade tem que manter o contato da alma ou espírito com um corpo corrupto produz esses pecados "espirituais". Mas neste momento o significado da sensualidade parece ter sobrecarregado.

Além disso, o controle apertado da nossa natureza física não parece ter qualquer efeito perceptível sobre nosso grau de pecaminosidade. Ascetas tentar manter sob controle seus impulsos físicos, e muitas vezes conseguido em grande parte, embora de forma menos são pecadores. Pode haver outros presentes pecados como o orgulho. A natureza pecaminosa é reprimida em uma área, simplesmente esforços expressa em outras áreas. Isto normalmente ocorre com os idosos. Apesar de suas paixões físicas são diminuiu consideravelmente, eles podem apresentar um grande show de irritabilidade, impaciência ou algo similar.

Além disso, a ideia de que o pecado é essencialmente sensualidade é o caminho errado para entender o termo "carne", usado especialmente Paul (ver página 612). Portanto, devemos concluir que a idéia de que a sensualidade é o princípio essencial do pecado é inadequada.

Egoísmo

A segunda idéia é que o pecado é essencialmente egoísmo. "A escolha de ser como a meta suprema, que é a antítese do amor supremo de Deus" O Esta opinião foi realizada por Augustus Strong, e, de uma forma um pouco diferente por Reinhold Niebuhr. Niebuhr argumentou que o egoísmo, arrogância, é a principal forma de oposição do homem contra Deus.²⁴

De acordo com Strong, egoísmo, um preferido, em vez de Deus, pode revelar-se de muitas maneiras. Em alguns com apetites exagerados e desejos, ela assume a forma de sensualidade. O egoísmo também pode aparecer como desconfiança, afastando-se da verdade de Deus. Ou você pode se manifestar como inimizade com Deus, se concebermos que a santidade de Deus se opõe a nós e nos punir. Portanto, o pecado em qualquer forma é egoísmo. É a preferir nossas próprias idéias para a verdade de Deus. Você prefere a satisfação de nossa vontade antes da vontade de Deus. Uma delas é a amar mais do que Deus. Destronar o legítimo lugar de Deus em nossas vidas como Senhor requer colocar outro em seu lugar, e entende-se que você se coloca no trono.

Mais uma vez estamos diante de uma teoria muito louvável. É claro que muitos de nós compreendê-lo, porque sabemos que o egoísmo forte amarrado nossas vidas e nos leva a cometer muitos pecados. No entanto, existe um grande problema com esta teoria. Algumas coisas que fazemos não pode ser considerada egoísta em sentido estrito, mas eles são pecaminosos. Por exemplo, há aqueles que pecam contra Deus, não se amam mais do que Deus, mas porque amam mais do que outros. E outras pessoas que dão suas vidas por uma causa que se opõe a Deus. Claro, pode-se dizer que este é o que dá satisfação a essas pessoas. O sofrimento ea morte pode ser o que eles precisam para atender suas necessidades e sentimentos egoístas. Mas o contra-argumento implicaria a definição de "egoísmo" de tal elástico de modo que nada poderia contar contra a teoria de que o egoísmo é a essência do pecado, caso em que a teoria seria uma afirmação sem sentido.

Substituindo Deus

Um preferível as idéias de pecado e sensualidade ou egoísmo alternativa é, basicamente, que a essência do pecado não é simplesmente deixar Deus ser Deus. É colocar algo, qualquer coisa, no lugar supremo que pertence a ele. Por isso, escolheu-se, em vez de Deus não é errado porque escolheu a si mesmo, mas porque nós escolhemos algo diferente de Deus. Escolha um objeto finito diante de Deus é errado, não importa que tipo de egoísta que este ato pode ser.

Este conceito é apoiado por importantes textos do Antigo e Novo Testamentos. Os Dez Mandamentos começam com o mandamento de dar a Deus o lugar apropriado: "Não terás outros deuses diante de mim" (Ex. 20: 3) é a primeira proibição da lei. Da mesma forma, Jesus disse que o primeiro e grande mandamento é: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento e com todas as tuas forças" (Marcos 12:30) . Reconhecendo Deus corretamente é fundamental. A idolatria de qualquer forma, não o egoísmo, é a essência do pecado.

Pode-se perguntar o que é o nosso maior fracasso quando se trata de amor, adoração e obedecer a Deus. Eu acho que não está acreditando. Qualquer pessoa que realmente acredita que Deus é o que ele diz que vai dar o seu status real. Não fazê-lo é pecado. Coloque nossas próprias idéias acima da palavra revelada de Deus implica a recusa em acreditar que é verdade. Pesquisar nossa própria vontade significa acreditar que nossos valores são mais elevados do que os de Deus. Em suma, não é ser capaz de reconhecer que Deus é Deus.

28. O poder do pecado

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar cinco itens sobre a fonte do pecado.
- relacionar e expressar o ensino bíblico sobre a origem do pecado.
- Identificar e descrever as implicações de diferentes pontos de vista sobre a origem do pecado.
- Explique a cura para o pecado.

Resumo do capítulo

Há muitas teorias sobre a origem do pecado. Frederick Tennant leva a abordagem da natureza animal. Ansiedade finitude era a visão de Reinhold Niebuhr. Paul Tillich mantém um ponto de vista da separação existencial. O problema econômico é a teoria realizada pelos teólogos da libertação. Individualismo e competitividade é a idéia de que Elliot e Harrison argumentam aqueles que defendem a filosofia de John Dewey. Nenhuma dessas teorias representa adequadamente a perspectiva bíblica.

Questões de estudo

1. Como é que o conceito de natureza animal como uma fonte de pecado afeta nossa idéia de humanidade?
2. Como Tennant expressou sua idéia sobre a origem do pecado?
3. Como você descreveria o ponto de vista expresso por Reinhold Niebuhr?
4. Qual é a diferença entre a idéia sobre a origem do pecado de Paul Tillich dos outros?
5. Qual tem sido o impacto da teologia da libertação sobre a forma de compreender a origem do pecado?
6. Porque é a educação por si só é insuficiente para resolver o problema do pecado?
7. Qual é a cura para o pecado?

Várias idéias sobre o poder do pecado

Natureza animal

Ansiedade finitude

Alienação existencial

Conflito econômico

Individualismo e competitividade

O ensinamento bíblico

Implicações de diferentes pontos de vista: A cura para o pecado

Várias idéias sobre o poder do pecado

Vimos que o Antigo e Novo Testamento têm uma variedade de termos para o pecado. Agora, precisamos pedir a fonte do pecado, a causa ou ocasião que leva ao pecado. Isso é vital para a nossa compreensão do poder que o pecado afectaráen enormemente para a nossa compreensão da natureza da ação a ser tomada para evitar ou eliminar o pecado surge.

Natureza animal

Um conceito de fonte do pecado acredita que os seres humanos evoluíram a partir de animais e, portanto, têm uma natureza animal com impulsos que persistem de períodos anteriores. Como ainda em evolução, esses impulsos estão em declínio e humanidade pecadora é menor agora do que no passado. Este ponto de vista do pecado era particularmente popular no final do século XIX e início do XX, UM PERÍODO EM QUE A CONSTRUÇÃO TEOLÓGICA ESTAVA SOB DUAS INFLUÊNCIAS MUITO SIGNIFICATIVAS. Os relatos bíblicos da criação e da queda começou a ver uma luz um pouco diferente. O estudo crítico do Pentateuco e aceitação da hipótese documentária foram provavelmente em seu pico. O outro fator principal foi a popularidade da teoria da evolução biológica. Desde a publicação de *A Origem das Espécies* por Charles Darwin em 1859, a crença em suas teorias tinham gradualmente alargado a pessoas que áreas puramente biológicos. Por exemplo, pensava-se que as diferentes religiões eram o produto de longos períodos de desenvolvimento. Com base no estudo do desenvolvimento das religiões, concluiu-se que a religião judaica era o produto de um processo evolutivo e tinha tomado a maior parte dos principais conceitos das religiões das aldeias vizinhas. O relato de Gênesis da criação do homem veio a ser considerado insustentável, e com ele a crença na historicidade da queda teve de ser abandonado assim. Então ele teve que encontrar outra explicação para a origem do pecado.

Uma tentativa importante nessa direção é o Frederick R. Tennant, que escreveu pelo menos três livros sobre o pecado. Considere a doutrina da queda, ou seja, a crença de que o homem se rebelou e caiu livremente um estado de justiça original, como uma explicação conveniente adotada pela teologia e filosofia, por vezes, para explicar o fenômeno generalizado do pecado. . Apesar da crença popular tem sido, Tennant diz que não há justificção para a introdução do ensino bíblico subsequente no início da história da raça humana ³ ciências diferentes disciplinas e hoje tornam impossível acreditar em um estado original de justiça:

A crescente quantidade de luz lançada sobre o início da história da humanidade, para não mencionar a continuidade entre a espécie humana e os mais baixos na escala da vida animal, nos estar convencido de que empurra o que uma vez foi necessariamente recebidos como tradição genuína é bastante transfigurado e espiritualizado, o produto de especulações primitivas sobre um tema que estava fora do alcance da memória humana. Crítica literária e exegese histórico, religião e psicologia comparativa das raças, geologia e antropologia contribuir materialmente para o acúmulo de evidências sobre esta questão.

Tennant aponta que há também um problema se você tentar conciliar duas propostas que emergem da experiência do crente: o, e até mesmo o pecado universal comum e culpa. O pecado é universal, porém escolhida individualmente e, portanto, o pecador é culpado. Como ele acredita em pecado original como a velha doutrina agostiniana que todos pecaram em Adão, essa contradição não pode ser conciliada. Tennant acredita que mais é possível encontrar a fonte do pecado na forma da natureza humana e o desenvolvimento gradual da consciência moral através do processo de evolução. ⁶

Tennant é o esboço da ideia expressa no pensamento do arqui-diácono J. Wilson e filosofia da religião Otto Pfleiderer. Wilson disse em suas palestras em Hulse:

Homens caiu, de acordo com a ciência, quando ele era primeiro ciente do conflito entre liberdade e consciência. Pois o pecado evolutiva não é uma inovação, mas a sobrevivência ou a utilização indevida de hábitos e tendências que eram inerentes em um estado anterior de desenvolvimento, seja individual ou raça, e originalmente não eram pecadores, mas em eles foram realmente útil. Pecaminosidade é seu anacronismo em sua resistência à força da evolução e da força divina que procuram promover o desenvolvimento e retidão moral. O pecado é a violação de uma natureza humana mais elevada que ele encontra dentro de si mesmo, em paralelo com uma natureza inferior.

Pfleiderer é pecado nos impulsos naturais do homem sobreviventes de um estado mais primitivo. Todos os seres vivos, incluindo os humanos, tendem a satisfazer os seus impulsos naturais. Isso não é errado ou pecaminoso. É apenas a expressão do instinto de sobrevivência que eles têm implementado. Quando os seres humanos se deslocar para o ponto onde sabemos que a lei, esses impulsos não simplesmente desaparecer. Os conflitos surgem. Nós não somos mais escravos de impulsos animais, mas temos desenvolvido liberdade de vontade suficiente para controlá-los. Pfleiderer chamado pecado cada tentativa fracassada de natureza racional superior e dominar esses impulsos naturais, e qualquer retirada consciente dessa luta.

Tennant adota e desenvolve conscientemente as sugestões desses dois teólogos. Seu primeiro grande axioma é que a humanidade evoluiu a partir de formas inferiores de vida: ". Atrevo-me a tomar posse como muito provável que seja uma continuidade entre a constituição física do homem e os animais inferiores" A primeira vida humana era social; a tribo era o mais importante, eo indivíduo foi relativamente insignificante. Embora não tenhamos conhecimento histórico direto deste período inicial, podemos extrapolar a partir do que sabemos sobre como a humanidade evoluiu na história. O estudo das sociedades primitivas contemporâneas complementa nosso conhecimento. Isto traz-nos mais perto da conclusão de que o indivíduo foi de relativamente pouca importância nas fases iniciais da vida humana. A idéia da personalidade moral veio muito tarde no pensamento humano.¹⁰

Tennant não está envolvido na questão das origens dos eventos que hoje chamamos de pecado. Eles são simplesmente a continuação dos actos de auto-preservação que são naturais em animais e, portanto, sua origem, também em seres humanos. Quando a consciência moral surge, esses atos agora assumir um personagem que merece o nome de pecado. Consciência pessoal, ou o que chamamos consciência, evoluiu quando era meramente arbitrários ou cerimonial tornou-se por graus internos e introspectivas. A origem do pecado, nesse sentido, foi um processo gradual.

Tennant destaca a declaração de Paulo: "Eu não teria conhecido o pecado, senão pela lei ... porque sem a lei está morto o pecado" (Rom. 7: 7-8). É esta lei que dá atos naturais do caráter do pecado. "A aparência do pecado, a partir deste ponto de vista, não é fazer algo que nunca havia sido feito antes, e cujo mal, se você vier a cometer, ele estava ciente acima; preferem a continuação de certas práticas, ou a satisfação de certos impulsos naturais, depois que se descobriu que eles se opuseram a um costume tribal reconhecida pelo quão baixo sua posição. "Assim, o primeiro pecado não foi o momento mais trágico na história da raça humana. Na verdade, foi bastante insignificante. Na verdade, a malignidade do pecado aumentou de zero quanto a raça humana tornou-se mais sensível ao fato de o quão errado suas ações de cada vez.¹³ Ao mesmo tempo, é claro, os seres humanos têm continuado a evoluir e número de atos pecaminosos diminuiu.

Vamos recapitular o que Tennant disse. Os seres humanos têm certos impulsos a ser animais que evoluíram a partir de formas menos desenvolvidas. Esses impulsos são naturais, e são um meio de sobrevivência. Eles foram intensificados pelo processo de seleção natural por longos períodos de tempo. Deus não é errado fazer os homens com esses impulsos; no entanto, deve ser mantido sob controle, como você vai estar ciente da lei moral.

Nós somos seres naturais ao invés de seres morais, e não apenas o indivíduo se encontra com o desenvolvimento físico da raça humana, também o seu desenvolvimento moral. Portanto, como a corrida atingiu a consciência relativamente tarde, por isso as pessoas vêm para perceber o significado moral de seus atos lenta e gradualmente.

A universalidade do pecado pode ser explicado pelo fato de que todos nós temos necessariamente que passar pelo processo de desenvolvimento evolutivo, o que torna as pessoas têm uma tendência natural de auto-preservação. Paradoxalmente, apenas quando o progresso humano e reduzir impulsos naturais, realmente tornar-se pecadores. Se fala-se de uma queda, deve designar a consciência moral da raça primeiro e depois o

indivíduo. A queda seria, portanto não cair de um estado original de perfeição, mas para cima. Para que este desenvolvimento introduzido pecaminosidade, também tornou possível para superar as tendências da natureza animal, ou pelo menos mantê-los sob o controle ou o redirecionamento da razão humana e vontade moral. Isto permite que a perfeição humana que o ponto de vista Christian tem tradicionalmente colocado no início do desenvolvimento da humanidade.

Ansiedade finitude

Reinhold Niebuhr vê problema com o pecado de outra fonte, isto é, da finitude humana, por um lado, eo desejo de liberdade do outro. Na sua avaliação da condição humana, Niebuhr ainda pensava Albrecht Ritschl, que viu a remoção desta contradição, como o objetivo de todas as religiões. Para Niebuhr, essa contradição não é um pecado, mas é a ocasião para o pecado, mas não a sua causa. Esta situação não tem de levar ao pecado, embora muitas vezes o faz.

Um corolário da finitude humana é a insegurança e os problemas ameaçador. Isto é o que Niebuhr chama de "contingência natural." Os seres humanos tentam superar essa insegurança, principalmente, de duas maneiras. Talvez o mais comum é o exercício da vontade, em uma tentativa de ganhar um poder para além dos limites do local de criaturas humanas. Uma forma mais intelectual está tentando negar a natureza limitada do conhecimento e perspectivas humanas. Este orgulho intelectual eo exercício da vontade de ganhar poder indevida perturba a harmonia da criação. Eles são as formas fundamentais de pecado. Há dimensões religiosas e morais em pecado. O primeiro manifesto como rebelião contra Deus; é o último de injustiça humana para os outros.

As descrições bíblicas do pecado primário Niebuhr apoiar a visão. Olhe para a foto sugeriu o mal na condenação de Lúcifer em Isaías 14: 12-15. A falta de Lúcifer estão em sua ambição de querer subir ao céu e pôs o seu trono acima das estrelas de Deus. Não querendo ficar dentro dos limites de sua posição, ele caiu em pecado. Esse também foi o caso na queda do homem. A tentação de colocar antes de Adão e Eva foram tentados a ser como Deus, conhecendo o bem eo mal estar (Gn 3: 5). Em outras palavras, seu pecado foi o de cair na tentação de tentar ser mais do que isso para o qual foram criados, a ser homens. Na verdade, eles tentaram ser Deus.

A tentação de ir além do que é adequado, é possível (e podem obter), de modo que eles são apenas seres humanos. Por um lado, os seres humanos são limitados, incapaz de saber e fazer tudo. No entanto, eles são capazes de visualizar a possibilidade de conhecer e fazer tudo, imaginar o que poderia ser, mas não são. Consciente ou inconscientemente, os seres humanos nunca escapar do fato de que eles são finitos.

Niebuhr depende muito do trabalho de Soren Kierkegaard *conceito de angústia* 's. A "angústia" de Kierkegaard é a vertigem que se sente em liberdade. Trata-se, diz ele, como vertigem que sentimos ao olhar para baixo de uma grande altura. Somos tentados a pular, e sentir o medo das conseqüências. No entanto, alguma coisa dentro de nós quer saltar. Nós percebemos que temos ao nosso alcance o poder de ser e não ser. Esta é a angústia. É estar ciente de ser livre e ainda ser amarrado. É a condição de pecado. Não há pecado em si, mas o tropeço.

Isto é o que Niebuhr quer dizer com "ansiedade". É o estado espiritual inevitável de qualquer ser humano é confrontado com a situação paradoxal de liberdade e finitude. É a experiência subjetiva da tentação: "A ansiedade é a descrição interna do estado de tentação." No entanto, este Estado não tem de se identificar com o pecado, porque há sempre a possibilidade de que a fé perfeita depurar sua tendência a auto-affirmação pecador. Aqueles que colocam sua confiança em Deus encontrar segurança completa. Portanto, a ortodoxia sempre considerou não acredita, falta de confiança, como a raiz do pecado. É por isso que Jesus disse: "Não estejais ansiosos, portanto, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou o que vestir? ... porque vosso Pai celeste sabe que

necessitais de todas estas coisas [] "(Mateus 6: 31-32). Não há vida, nem mesmo o mais santo, cumpre perfeitamente a exigência de não estar ansioso.

Tentar superar o estado de ansiedade, a tensão entre finitude e da liberdade, negando a finitude do self é a forma mais óbvia de pecado. Levando a várias manifestações de orgulho e auto-engrandecimento; por exemplo, não querendo reconhecer que o nosso conhecimento é finito, explorar ou dominar os outros. Cada caso representa uma tentativa de construir nossa própria segurança através de nossos próprios esforços.

Outra forma do pecado é a tentativa de aliviar a tensão entre a liberdade e a finitude negando nossa liberdade. Isso significa "perdido em algum aspecto da dinâmica do mundo." Aqui o pecado é a sensualidade, a viver apenas por certos impulsos particulares de nossa natureza. Embora esses impulsos podem ser variadas, todos eles representam a descida humana em nível animal, ou capitulação ao que a natureza determina a ser o comportamento humano. Seja qual for o sentido que damos, a negação da nossa finitude e nossa liberdade, o pecado é causado, mas não causou, pelo estado de ansiedade. Própria finitude humana não é um pecado. Mas sendo um ser finito e ainda ser capaz de imaginar e aspirar ao infinito, ele coloca você em uma posição de tensão que pode ser convertido à fé ou pecado.

Niebuhr analisou a dinâmica do pecado e da tentação de uma forma que em muitos aspectos é muito perspicaz e precisa. No entanto, continua a ser um problema. Sua solução para a ansiedade da finitude envolve aprender a confiar em Deus, que aceitar o fato de nossa própria mortalidade e viver percebendo que sempre haverá alguma incerteza. Mas isso é realmente possível? Não é este um auto-estimulação requer, motivação e habilidade que excede as capacidades humanas? Construir e manter a fé por nós mesmos exigem habilidade humana que contradiz a experiência, para dizer as Escrituras. Mesmo a vida cristã, muitas vezes precisamos orar: "Eu creio; Ajuda a minha incredulidade" (Marcos 9:24). Não ser capaz de reconhecer a necessidade de transformação feita por Deus enfraquece a resistência dos pontos de vista de Niebuhr.

Alienação existencial

Paul Tillich tem construído uma teoria do pecado que depende fortemente de existencialismo. Ele observa que vários mitos antigos feitos responsável pela queda dos seres humanos. Nestes mitos, entre os quais se inclui a história bíblica, ambas as figuras sub-humanos como o supra-humano influência na decisão do homem. Na Bíblia, a serpente é induzir os seres humanos do pecado. Tillich rejeita claramente que pode ser entendido literalmente Gênesis 3, e substitui-lo com uma reinterpretação.

A doutrina de Tillich sobre Deus é que Deus é a base ou o poder de ser tudo o que é, ao invés de *um* ser como tal. Tudo está lá por causa de sua participação neste fundamento de existência. No entanto, o estado humano de existência é um estado de alienação: a base da existência de outros seres e de si mesmo. De certa forma isso é uma saída equivalente ao que o cristianismo tem tradicionalmente chamado de "pecado". "O problema é a alienação do homem, mas a remoção é pecado", diz Tillich. No entanto a retirada não é exatamente o mesmo que o pecado, porque "pecado" se refere a algo que não está incluído no conceito de separação, ou seja, o ato pessoal de dar de volta para que a que pertencemos. Se a alienação é o estado de não ser o que se essencialmente é e deve ser, o pecado é o ato de se afastar, dando um passo em direção consciente separação. É necessário distinguir entre a essência humana, o que era para ser humano eo que eles criaram, e sua existência, que são empiricamente. Para os humanos, o que há para estar em um estado de estranhamento. Existência e jogos fora de casa.²⁷

Aqueles que defendem uma interpretação literal do Gênesis fala de um momento no tempo em que a humanidade não era remoto ou, em suas palavras, não era pecado. Sua posição é que a queda alterado as estruturas da natureza; Maldição de Deus sobre Adão e Eva trouxe uma mudança de natureza nelas e em torno delas. Houve uma mudança de

essência de existência no tempo. Tillich é enfático ao rejeitar essa idéia. "A noção de um momento no tempo em que o homem ea natureza mudou de bom para o mal é absurdo e não tem base na experiência ou revelação" ²⁹ Sua alternativa é: ". A criação e queda coincidem na medida em que há um momento no tempo e no espaço em que para realizar a criação de bondade e veio à existência" Tillich afirma que esta é a única posição possível para qualquer pessoa a rejeitar a interpretação literal da história da queda e levar a sério a realidade da alienação como visto em toda parte. "A criação realizada e existência remoto são idênticos. Apenas literalismo bíblico tem o direito de negar esta afirmação teológica. Que exclui a idéia de uma etapa histórica da bondade essencial não deve tentar escapar das consequências." ³¹

Niebuhr, entre outros, disse que a posição de Tillich problema. Se a criação e queda coincidem, então o ponto de vista de Tillich não está perto de Orígenes, que os seres humanos caíram em uma existência anterior, e, portanto, são pecadores desde o nascimento? Parece que o pecado tornou-se necessário e se identificar com finitude. Ciente das críticas, Tillich admite que a indecisão de muitos críticos a aceitar a identidade da criação e da queda é "causado por seu medo justificado de que o pecado pode se tornar uma necessidade racional, como em sistemas puramente essencialistas". ³³ No entanto, ele insiste que, uma vez criada por Deus, os mesmos bebês recém-nascidos cair em um estado de alienação existencial. Quando eles amadurecem, eles reafirmam o seu estado liberdade de restrição envolvendo atos de responsabilidade e culpa. Tillich diz que o ser humano são ações de cada pessoa livres e responsáveis que produzem alienação.

Tillich está apresentando um esquema detemporalized. Portanto, a raça humana não era inocente em um momento de tempo, e outro caiu e era culpado ou se afastaram. Em vez disso, em todos os momentos, todas as pessoas de distância de sua própria escolha. Tillich, como o existencialismo com as quais ele trabalha, assim como caracterizar o homem como decaído e caído em cada momento da experiência; estas categorizações não pode compartimentar em regimes temporários antes e depois. Portanto, a essência da criação é bom, mas as criaturas que sempre usar nossa liberdade para que possamos cair em um estado de estranhamento.

Tillich tem realmente resolveu o problema? Se você tem qualquer sentido dizer que a criação e queda coincidem, é a escolha livre ou reafirmação de alinhamento não deve de forma alguma ser contido em nossa criação? Se toda a gente escolhe, sem exceção, da mesma forma, não se enquadra é praticamente um resultado da criação? Observe também que Tillich excluídos cuidadosamente qualquer possibilidade de queda em algum ponto do tempo e do espaço. Você precisa resolver, ou pelo menos esclarecer, a tensão entre a liberdade de escolha ea coincidência da criação e da queda.

Conflito econômico

A teologia da libertação entende que o pecado surge de conflito econômico. Isso é bem diferente do ponto de vista convencional ou ortodoxa. Se Gênesis 1-3 ortodoxia vê como a chave para entender o pecado, pode-se dizer que a teologia da libertação entende pecado em Êxodo 1-3. Aqui nós estamos falando sobre a teologia da libertação de uma forma bastante ampla, incluindo movimentos como teologia negra ou feminista.

Um primeiro passo para entender a posição da teologia da libertação é apontar sua rejeição da privatização do pecado. Do ponto de vista tradicional, muitas vezes considerado o pecado como a quebra da relação do indivíduo com Deus; portanto, o pecado, basicamente, não é acreditar, rebelde ou algo desse tipo. No entanto, a teologia da libertação é muito mais preocupado com as estruturas sociais e económicas do pecado. Portanto, James Cone diz: "O pecado não é primariamente uma impureza religiosa política econômica, mas a opressão social, e os pobres. É a negação da humanidade dos outros, através de acções políticas e económicas injustas ". ³⁶ A

verdadeira natureza do pecado e da reação de Deus antes que possa ser visto em passagens como Amos 5: 11-12:" Portanto, uma vez que humilhar o você pobre daquele tributo de trigo, não habita em casas de pedras lavradas construíram nem beber vinho, das belas vinhas que você plantou. Conheço as tuas transgressões e graves os vossos pecados; Eu sei que afligem o justo, receberá um suborno nos tribunais e você perder a sua causa aos pobres. "Portanto, uma importante dimensão do pecado é a opressão e exploração.

Gustavo Gutiérrez descrito como um pecado egoísta em relação a si volta. Pecado se recusa a amar o nosso próximo e, portanto, o próprio Senhor. Esta recusa, seja pessoal ou coletiva, é a causa última da pobreza, a injustiça ea opressão. Gutierrez classificados uso injusto e pecaminoso da violência pelos opressores para manter o sistema injusto. Além disso justifica o uso da violência por parte dos oprimidos a libertar-se.³⁸ É claro que esta visão é marcadamente diferente do cristianismo tradicional, nomeadamente a paz, segundo a qual o uso da violência é errado, mesmo quando se trata de resistir a atos injustos e pecaminosos dos outros.

James Fowler classifica os teólogos da libertação em "teólogos ideológicas" e "teólogos de equilíbrio." O primeiro, onde James Cone, Albert Cleage e William Jones são vistos como muito diferentes coisas dicotomias. De acordo com sua visão de Deus é identificado com os oprimidos ou opressores. Você não pode ser ambos. Cone diz: "A teologia Preto não pode aceitar uma idéia de Deus que não representá-lo como para os negros e, portanto, contra os brancos. Vivendo em um mundo de opressores brancos, os negros não têm tempo para um Deus neutro."⁴⁰ Além disso, o balanço de teólogos, considere a linha divisória entre o bem eo mal não é entre dois grupos, mas através de deles: "Na luta contra as estruturas do mal e contra os opressores, os cristãos devem lutar como se esperando a redenção do opressor."

E sobre os oprimidos? Qual seria o pecado para eles? De acordo com o entendimento tradicional do pecado e também para o equilíbrio teólogos, pode-se pensar em pecado como ódio, amargura, falta de amor para o opressor. Porque Jesus nos ordenou que amássemos nossos inimigos (Mateus 5:44). Para os teólogos ideológicas, por outro lado, o pecado dos oprimidos é a sua conformidade com a situação opressiva. Cone diz: "O pecado é tentar" compreender "o traficante de escravos, 'te amo' em seus próprios termos. Aceitar a situação, ao invés de se opor e tentar superá-lo, é o pecado dos oprimidos. Catherine González justo e dizer que desta forma:

Se nos voltarmos para a antropologia, a teologia da libertação rejeita a noção de que Deus é melhor servido com a nossa humilhação. Demasiadas vezes a doutrina da Reforma da justificação pela fé foi apresentado dessa forma. É significativo que muitos daqueles que nos dizem que a humildade é a maior virtude, ou que a raiz de todo pecado é o orgulho, eles estão fazendo dos púlpitos de prestígio e empregos bem remunerados ... teologia tradicional tem muitas vezes tentou promover a virtude da humildade, especialmente para aqueles que são humildes são mantidos no lugar e se recusam a reivindicar o estatuto que lhes pertence nas sociedades humanas como filhos e herdeiros de Deus.

Acredite ou não, que a teologia da libertação é influenciada pelo marxismo, não é difícil reconhecer alguns paralelos entre os dois, tanto no conceito de problemas humanos e defender os meios para superar os problemas. Em cada caso, os problemas da sociedade, chamá-los de males ou pecados, são considerados o resultado da distribuição injusta de poder e riqueza, e a solução é eliminar essas injustiças e opressão deles derivados.

O pressuposto da teologia da libertação, como o marxismo, é que eles são problemas econômicos, particularmente as injustiças no poder e propriedade, que determinam o comportamento humano. Presumivelmente, aqueles que promovem essas injustiças são grandes pecadores, enquanto luta contra eles não são. Na verdade, alguns teólogos da libertação, em alguns casos, em particular, pode considerar uma ação (por exemplo kill) como pecado se cometido por um opressor, mas não se cometido por um oprimido quando lutando para acabar com a injustiça. Acredita-se que eliminar as injustiças também remover o tropeço.

No entanto, esta teoria não realmente parecem ter funcionado bem. Na antiga União Soviética, onde a sociedade foi alcançado sem aulas, havia ainda problemas graves de poder entre os líderes e repressão, mesmo com uso de violência, que estavam fora da estrutura de poder, como pode atestar milhão de húngaros , tchecos e poloneses. Parece que a posse de recursos suficientes para satisfazer as necessidades básicas da vida não suprime a tendência de buscar a auto-satisfação, mesmo à custa de outros. A redistribuição de poder e riqueza não elimina o "pecado".

Individualismo e competitividade

Outro ponto de vista é que o pecado deriva do individualismo e competitividade. Em meio a ênfase neoortodoxo sobre a pecaminosidade humana, particularmente na década de 1930, surgiram vozes de protesto. Um dos objectores foi Sacket Elliot Harrison, professor de educação cristã no Union Theological Seminary em Nova York. Como muitos outros que buscavam um retorno ao tema da bondade e perfeição da humanidade, Elliot tinha sido influenciado pelo instrumentalismo na filosofia de John Dewey e sua abordagem progressiva para a educação.

Elliot não se limitou a reinterpretar a idéia de pecado humano, como teólogos como Tennant tinha feito. Ao contrário, ele negou que os seres humanos foram em todos os pecadores. Ele reconheceu a existência do pecado e do fato de que os seres humanos pecaram, mas a idéia de depravação inata ou corrupção não tinha lugar em sua mente. Seu argumento tem quatro pontos básicos:

1. A idéia de Karl Barth e Emil Brunner que todos auto-afirmação humano é pecaminoso é relacionado e passa a ver Deus de forma autoritária como governante absoluto ou um pai que insiste em total submissão à Sua vontade. Qualquer coisa menos do que isso é considerado rebelião. Sociologicamente, essa idéia de Deus refere-se a uma visão autoritária das instituições humanas, incluindo a família. No entanto, Elliot pecado de uma criança não é para afirmar a sua vontade contra seu pai, mas a assumir que o que é eo que ele alcançou é o seu próprio trabalho independente.⁴⁶ O pecado é uma negação ou ruim utilize um talento particular e à sua herança social. É uma luta egoísta, individualista contra outros seres humanos e contra Deus ao invés de cooperar com eles. Em contraste com a visão autoritária que faz com que a relação entre os seres humanos e Deus é de modo algum contraditório na natureza, Elliot ressalta a camaradagem entre os dois. Embora não necessariamente igual, eles vão trabalhar juntos para atingir objetivos comuns. Os seres humanos tomar a iniciativa e responsabilidade, tomar decisões, mas também reconhecer a sua dependência de Deus, os recursos utilizados.⁴⁸

2. A idéia de como seres humanos pecadores ou resiste e pode resistir a análise lógica. O "pecado" desafia a definição exata. Ela não representa *qualquer* entidade particular, mas na verdade é uma etiqueta para toda uma gama de diferentes eventos. A interpretação do pecado varia muito e é influenciada significativamente pela situação cultural. Elliot rejeita qualquer tentativa de reduzir o pecado a um determinado tipo de comportamento, especialmente egoísmo. Embora tenha sido caracterizado o "pecado americano" como o esforço egoísta "individualismo áspero," não se pode generalizar que todas as iniciativas, todo esforço egoísta, estar errado. Seria sensato para caracterizar o egoísmo do individualismo supercompetitivo, superagressivo como o pecado, mas que sobre as pessoas que são vítimas desta competição e cujo problema é a preocupação, medo, incapacidade de ser mestres de sua própria vida? "⁵⁰ Estes As pessoas têm que ser mais egoísta. Para eles, o egoísmo não é um pecado.

3. A idéia de como seres humanos pecadores pode ser psicologicamente insalubre e prejudicial. Em particular, sacrificar pelos outros, em um esforço para expiar nossa condição pecaminosa pode levar a abandonar-se os direitos legítimos. Além disso, a ênfase no pecado e da culpa pode causar indivíduos a se tornarem auto-destrutiva 52.

4. A análise psicológica da condição humana não levaram à conclusão de que os seres humanos são pecadores. A idéia do pecado assume que certas tendências e impulsos são realmente inata e inflexível, incapaz de ser alterado ou modificado. No entanto, as evidências sugerem que os seres humanos são bastante maleável. Elliot diz que não há tendências inatas bons ou maus identificados em humanos, ou. "A tendência inata é amoral no sentido de que não há nada na natureza com um predetermine nascido indivíduo se vai ser um santo ou um demônio. O "divino" ou possibilidades diabólicas " para desenvolver depende do que acontece com esta natureza original com experiências de vida. A personalidade individual é de origem social. "

Portanto, Elliot não vê pecado como algo inato, mas como algo aprendido. Não é egoísmo ou afirmação em si, mas o egoísmo ou a reafirmação de um grau excessivo: a crueldade, a concorrência entre os indivíduos. No entanto, isso não precisa ser assim. Embora a humanidade pode usar os recursos de suas mentes para desenvolver instrumentos de poder desconhecido no mundo animal, eles também podem substituir relações de cooperação relações de competitividade fortes que vão além da ajuda mútua que ocorre no mundo animal.

Elliot sugere que a concorrência entre os indivíduos não é inerente, mas adquiriu como uma "segunda natureza", por assim dizer, você pode mudar socialmente, principalmente através da educação. No entanto, a educação nem sempre tem sido bem sucedida, como observado Niebuhr. Em vez de usar a ciência para aliviar o sofrimento humano, os seres humanos têm usado para desenvolver ferramentas de destruição usado contra seus companheiros.

Elliot, reconhecendo a legitimidade da crítica de Niebuhr, argumenta que o problema não é a inteligência humana, mas na atual estratégia de desenvolver e usar. Existem duas dificuldades na forma como é normalmente realizado educação liberal. Uma delas é que era demasiado intelectual. Atenção centrou-se quase exclusivamente em treinar a mente, dando pouca ou nenhuma atenção às emoções. O segundo problema é ainda mais relevante para a questão que estamos tratando. A educação tem sido uma questão individual, assumindo que as pessoas com iniciativa vai resolver os problemas da sociedade. No entanto, a experiência mostra que a razão se torna o servo, não o mestre, o desejo de poder do indivíduo. Se houver uma chamada para atender às necessidades sociais, de forma rápida subordinados aos interesses egoístas do indivíduo. Elliot sugere que em vez de enfatizar atividade individual, concorrência e sucesso, a educação deve enfatizar as actividades de cooperação em que os indivíduos contribuem para um objetivo comum e receber os benefícios do sucesso do grupo. Se o tipo errado de educação e condicionamento social levaram ao "pecado" de competitividade indivíduo, a educação adequada deve excluí-lo.

Do ponto de vista de meio século depois, Elliot sugestões são quase engraçado, como acontece com alguns defensores recentes deste ponto de vista. Educação progressiva já tentou e encontrou teólogos inadequadas tanto cristãs como muitos educadores seculares. Na esperança de ver uma mudança radical na natureza humana não se materializou com a introdução de situações de aprendizagem não-competitivas. De fato, nossa sociedade parece não só menos competitivos estruturado, pode ser ainda mais competitivo do que nos dias em que Elliot escreveu.

O ensinamento bíblico

Foram considerados cinco visões diferentes sobre a origem do pecado. Temos visto que todos eles são muito insatisfatória em um ou mais pontos importantes. Portanto, devemos perguntar mais sobre o que a Bíblia realmente ensina sobre o assunto. Certos aspectos de alguns conceitos que rejeitaram o achado na forma como a Bíblia entende a natureza ea causa do pecado. No entanto, a posição da Escritura é, em muitos aspectos muito diferentes de todos os outros.

É importante notar que o primeiro pecado não causou Deus. Santiago rapidamente rejeitou esta idéia, provavelmente seria muito atraente para alguns. "Quando somos tentados a dizer que não é tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta" (Tiago 1:13.). Nem a idéia de que o pecado inevitavelmente resulta da própria estrutura da realidade é incentivada. Em vez disso, a responsabilidade pelo pecado é atribuída diretamente ao ser humano ", cada um é tentado, quando, pela sua própria concupiscência, ele é arrastado e seduzido. Em seguida, após a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; eo pecado, uma vez consumado, gera a morte "(Tiago 1: 14-15.). Analisando esta e outras passagens, tanto didático e narrativa, podemos determinar o que a Bíblia ensina que o pecado é a base.

Os homens têm certos desejos. Estes, por si só são legítimas. Em muitos casos, a sua satisfação é indispensável para a sobrevivência do indivíduo ou a corrida. Por exemplo, a fome é o desejo por comida. Sem satisfazer esse desejo ou impulso, que morreria de fome. Da mesma forma o impulso sexual procura gratificação. Se não estiver satisfeito, não haveria reprodução humana ea raça humana seria preservado. Sem tentar abordar aqui a questão da adequação de comer por prazer e fazer sexo por prazer, podemos dizer que esses impulsos nos foi dada por Deus, e que existem situações em que a sua satisfação é não só permitido, mas mesmo ele poderia ser obrigatória.

Além disso, notamos a capacidade humana. Os seres humanos são capazes de escolher entre alternativas, incluindo opções que não estão presentes imediatamente. Eles só de todas as criaturas são capazes de transcender seus lugares no tempo e no espaço. Através de memória pode reviver o passado e aceitar ou repudiá-lo. Ao antecipar pode imaginar versões diferentes do futuro e escolher entre eles. Com sua imaginação, você pode imaginar que eles estão em outra localização geográfica. Você pode imaginar que outras pessoas são diferentes, eles ocupam uma posição diferente na sociedade, que são casados com um parceiro diferente. Portanto, não podemos apenas desejar que realmente temos à nossa disposição, mas também o que não é adequada ou legítima. Esse recurso expande as possibilidades de atos ou pensamentos pecaminosos.

Alguns desejos naturais, mesmo se eles são bons em si mesmos, são potenciais áreas de tentação e pecado:

1. O desejo de desfrutar as coisas. Deus estabeleceu determinados requisitos em cada um de nós. É essencial não só para atender a essas necessidades, mas também pode produzir alegria. Por exemplo, a necessidade de comida e bebida deve estar convencida de que a vida é impossível sem eles. Ao mesmo tempo, pode legitimamente deseja comer e beber como um meio de diversão. No entanto, quando você comer ou beber durante o prazer de comer, e excedendo o que é necessário, é cometer o pecado da gula. Sex unidade, embora não seja necessário para preservar a vida do indivíduo, é essencial para manter e continuar a raça humana. Podemos legitimamente querem a satisfação desse impulso, pois é essencial e também porque nos dá prazer. No entanto, quando o desejo é tão gratificante que transcende os limites naturais e apropriados (por exemplo, quando se reuniu fora do casamento), torna-se a base do pecado. Qualquer satisfação imprópria de um desejo natural é um exemplo de "a concupiscência da carne" (1 Jo. 02:16 NVI).

2. O desejo de coisas. Há um papel na economia de Deus para posses. Está implícito no comando de exercer domínio sobre o mundo (Gen. 1:28.) E, por exemplo, nas parábolas de mordomia (Mateus 25: 14-30). Além de bens materiais são considerados legítimos incentivos para encorajar a indústria. No entanto, quando o desejo de coisas materiais é tão irresistível que é cumprida a qualquer custo, mesmo explorando ou roubar dos outros, então ele degenerou em "a concupiscência dos olhos" (1 Jo. 02:16 NVI).

3. O desejo de fazer coisas, de obter. As parábolas de mordomia também exemplificam esse desejo tão natural e apropriado. É parte do que Deus espera da humanidade. Quando transfere os limites apropriados e prosseguido em detrimento de outros seres humanos, degenerou em "soberba da vida" (1 Jo. 2:16).

Não são adequados para atender cada um desses desejos maneiras, e há limites estabelecidos por Deus. Não ser capaz de aceitar esses desejos como eles foram nomeados por Deus e, portanto, submeter-se a controlo divina é pecado. Nesses casos, os desejos, no contexto da sua origem divina e como um meio de agradar a Deus, mas como fins em si mesmos não são visíveis.

Nas tentações de Jesus, Satanás apelou aos desejos legítimos. Desejos Satanás que levaram Jesus para atender não eram ruins por si só. O que estava errado foi o tempo e o modo em que foi sugerido que deve ser satisfeito. Jesus jejuou durante quarenta dias e noites e com tanta fome. Era uma necessidade natural que tinham de ser cumpridos para se manter vivo. Ele foi à direita para Jesus foram fornecidos, mas não de uma maneira milagrosa e não antes do seu exame foi cumprido. Convinha que Jesus sentiu precisa descer do pináculo do templo, mas não foi necessário exigir uma demonstração do poder do Pai. Reclamase Jesus estava certo para si mesmo todos os reinos da terra, porque eles eram dele. Ele havia criado (Jo. 1: 3) e os mantém até hoje (Colossenses 1:17). Mas não era apropriado para tentar recuperar elogiando o líder das forças do mal.

Muitas vezes, a tentação envolve uma influência externa. Isso foi assim no caso de Jesus. No caso de Adão e Eva, a serpente não directamente para comer da árvore proibida sugeriu. Em vez disso o que ele fez foi levantar a questão de saber se o fruto de todas as árvores estava fora dos limites. Então eu digo: "Não morra ... [mas] você vai ser como Deus." (Gênesis 3: 4-5.). Embora o desejo de comer o fruto ou ser como Deus proibido pode ter sido presente naturalmente, há também foi uma influência externa de origem satânica. Em alguns casos, os homens que se sentem tentados a empurrar os limites do comportamento imposta por Deus. No entanto, em última análise, a escolha do pecado é a pessoa que comete. O desejo de fazer o que é feito pode estar presente naturalmente, e pode haver influências externas. Mas é o indivíduo que é o responsável final. Adão e Eva escolheu para agir em impulso e sugestão; Jesus não escolheu.

Claro que, para além do natural desejo ea tentação, também deve haver uma ocasião de pecado. Inicialmente Adam não poderia ser tentado a ser infiel à sua esposa, Eva não poderia ter ciúmes de outras mulheres. Para aqueles que vivem depois da queda e não são Jesus, há um fator que complica as coisas. Existe algo chamado "a carne", o que influencia muito o que fazer. Paulo fala disto em numerosas passagens, por exemplo, em Romanos 7:18: "E eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; para o querer está presente comigo, mas não fazê-lo" em Gal. 5: 16-24 fala fortemente da oposição entre a carne eo espírito, e as obras da carne, que constituem todo um catálogo de males. "Carne" Paul não entende a natureza física dos seres humanos. Não há nada de intrinsecamente errado com a constituição do corpo humano. Em vez disso, o termo refere-se à auto-centrado vida, negação ou rejeição de Deus. Isso é algo que tornou-se parte da natureza humana: uma tendência ou inclinação para o pecado e separado de Deus. Assim, temos agora são menos capazes de escolher o bem do que uma vez foram Adão e Eva. É até concebível que os desejos humanos naturais que são boas em si mesmas, foram alteradas.

Implicações de diferentes pontos de vista: A cura para o pecado

Mas pode-se perguntar qual é a diferença em fazer uma ou outra posição sobre esta questão? A resposta é que nossa visão do pecado é o que vai determinar a nossa ideia do que a cura para o pecado, como a cura para o pecado necessariamente de envolver a negação da causa.

Se um mantém, como faz Tennant, que o pecado é simplesmente a persistência dos instintos normais e padrões de comportamento de nossa herança animal em um período de responsabilidade moral, a cura não pode ser retornado para um estado anterior de inocência. Seria uma questão de liberdade de esses instintos velhos, ou aprender a

controlar ou dirigir-los adequadamente. Esta cura conceito de pecado leva a crença otimista de que o processo evolutivo está levando para a raça humana na direção certa.

Se alguém adota o ponto de vista de Niebuhr que o pecado vem da ansiedade de serem seres finitos, tentando superar por nós mesmos tensão entre o finito eo liberdade a finalidade maior, a cura implica a aceitação dos nossos limites e colocar nossa confiança em Deus. Mas esta cura é alterar a atitude que temos, não é uma verdadeira conversão.

Tillich conecta pecado com a alienação existencial, o que parece um companheiro natural de ser uma criatura. Mais uma vez, a cura básica é tentar mudar a sua atitude, não uma verdadeira conversão. A solução envolve estar cada vez mais consciente de que parte da constituição ou faz parte da base da existência. O resultado será o cancelamento de separação a partir da base da existência de outros seres si mesmo e.

Se forem aprovadas as premissas da teologia da libertação, a solução para o problema do pecado é eliminar a opressão ea desigualdade em posses e poder. Em vez de evangelização dos indivíduos, que visam é empreender políticas económicas e que visam alterar a estrutura da sociedade para eliminar os estoques pecado.

De acordo com Elliot a solução é a educação. Como o pecado (competitividade individualista) é aprendido por meio da educação e condicionamento social, devem ser eliminadas da mesma forma. O antídoto é a educação que promove um esforço não competitivo para alcançar objetivos comuns.

Do ponto de vista evangélico, o problema é que os seres humanos são pecadores por natureza e viver em um mundo em que forças poderosas induzi-los ao pecado. A cura para o pecado vir de uma alteração sobrenatural da nossa natureza humana e ajuda divina para contrabalançar o poder da tentação. É a conversão individual e regeneração que vai mudar a pessoa e levar a um relacionamento com Deus que fará possível viver uma vida cristã completa.

29. Os resultados do pecado

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Delinear as consequências do pecado na relação do homem com Deus.
- Para expressar a gravidade do pecado e como ela afeta a vida humana.
- Identificar e explicar os efeitos específicos do pecado sobre o pecador.
- Descrever os efeitos do pecado nas relações humanas.

Resumo do capítulo

O pecado tem graves consequências para as relações entre o pecador e Deus. Estes resultados incluem os desaprovação divina, culpa, punição e da morte. Física morte, espiritual e eterna surgem das consequências do pecado. O pecado tem consequências que afetam o pecador individual. Estes são escravidão, fuga da realidade, a negação do pecado, auto-engano, insensibilidade, egoísmo e inquietação. Estes efeitos no pecador também têm implicações sociais, tais como a competitividade, a incapacidade de identificar com os outros, a rejeição da autoridade e da incapacidade de amar. O pecado é um assunto sério, tanto para com Deus e para a humanidade.

Questões de estudo

1. O que são iguais e diferentes do Antigo e do Novo Testamento em sua compreensão do pecado e seus efeitos?
2. Qual é a recompensa e como se relaciona ao pecado e ao individual?
3. Como pecado está relacionado com a morte?
4. Quais os efeitos são evidentes no pecador?
5. Quais são as consequências do pecado em relação a outros seres humanos?
6. Imagine que você está escrevendo um sermão ou uma palestra sobre o pecado o que o público para enfatizar a seriedade do pecado?

Resultados que afetam o relacionamento com Deus

- Desaprovação divina
- Culpa
- Punição
- Morte

- A morte física
- A morte espiritual
- Morte eterna

Efeitos sobre o pecador

- Escravidão
- Fugir da realidade
- A negação do pecado
- Ilusão
- Insensibilidade
- Egoísmo
- Inquietação

Efeitos sobre a relação com outro ser humano

- Competitividade
- Incapacidade de identificar com os outros
- Rejeição da autoridade
- Incapacidade de amar

Uma ênfase encontrada nos dois Testamentos é que o pecado é uma questão muito séria que tem consequências sérias e duradouras. O próximo capítulo vai discutir o pecado coletivo, ou efeitos, o impacto que o pecado de Adão teve em toda a sua posteridade. No entanto, neste capítulo nós vamos preocupar com os efeitos individuais de pecado como ilustrado nas Escrituras (em particular no que se refere a Adão e Eva) e pela nossa própria experiência.

O impacto do pecado tem várias dimensões. Há efeitos sobre relacionamentos pecador com Deus, com os outros seres humanos e de si mesmo. Alguns dos resultados do pecado poderia ser chamado de "consequências naturais", isto é, o pecado veio quase em uma sequência de causa - efeito. Outros são específicos e directamente ordenados por Deus como castigo pelo pecado.

Resultados que afetam o relacionamento com Deus

O pecado era uma mudança imediata na relação de Adão e Eva com Deus. Claramente, eles tinham uma relação muito próxima e amigável com Deus. Eles confiavam nele e obedecida, e de acordo com Gênesis 3: 8 pode-se concluir que eles tinham um relacionamento regular de comunhão com Deus. Ele os amou e deu-lhes tudo o que precisavam; somos lembrados de amizade que Jesus falou em João 15:15. Mas, como eles violaram a confiança eo mandato de Deus, a relação tornou-se algo completamente diferente. Eles foram colocados no lado oposto a Deus e tornou-se seus inimigos. Foi Deus quem alterado ou movido, foram Adão e Eva.

Desaprovação divina

É de destacar como a Bíblia caracteriza relacionamento de Deus com o pecador e o pecador. Dois exemplos no Antigo Testamento dizem que Deus odeia o pecador Israel. Em Oséias 9:15 Deus diz: "Toda a sua malícia se acha em Gilgal; há, portanto, eu os odiava; por causa da maldade das suas obras lançarei minha casa; Eu os amarei mais; todos os seus príncipes são desleais." É claro que esta é uma forma muito forte de expressão, porque Deus diz que está realmente começando a odiar Israel e que já não o ama mais. Um sentimento similar é expresso em Jeremias 12: 8. Em duas outras ocasiões se diz que Deus odeia os ímpios (Salmo 5: 5; 11: 5). No entanto, eles são muito mais freqüentes passagens em que ele diz que odeia o mal (por exemplo, Pv 6: 16-17; Zacarias 8:17..). Mas o ódio não é só de Deus por causa do mal descrito como aqueles que odeiam a Deus. (Ex .: 20 5; Dt 7:10) E o mais geralmente aqueles que odeiam a justiça (Salmo 18:40 ; 69: 4; Pv 29:10) .. Nessas poucas passagens onde se diz que Deus odeia o ímpio, é claro que ele faz, porque eles vão odiá-lo e ter cometido atos de maldade.

Deus favorece alguns e desaprova outros ou raiva e mostrar-lhes a qualquer momento dado Israel diz que ama e odeia outros, não é um sinal de mudança, inconsistência ou inconstância em Deus. Sua reação ao nosso trabalho é determinada pela sua natureza imutável. Deus deixou bastante claro que você não pode tolerar ou tolerar certas coisas. É parte de Sua natureza santa categoricamente contra ações pecaminosas. Ao realizar tais ações, estamos nos movendo no território da desaprovação de Deus. No caso de Adão e Eva, a árvore do conhecimento do bem e do mal estava fora dos limites. Ele os havia informado que a resposta de Deus se eles comeram do fruto. Eles escolheram, portanto, tornam-se inimigos de Deus, cair no domínio de desaprovação.

O Antigo Testamento descreve muitas vezes aqueles que pecam e violam as leis de Deus como inimigos de Deus. No entanto, a Bíblia raramente fala de Deus como seu inimigo (Ex 23:22; Isaías 63:10; Lam 2: 4-5. ..). Ryder Smith disse: "No Antigo Testamento," inimizade ", como ódio, raramente aparece com Deus, mas é bastante comum a aparecer com o homem." Rebelando-se contra Deus é o homem, e não Deus, que rompe o relacionamento.

A inimizade com Deus teve resultados graves para Adão e Eva, e que acontecer para nós hoje também forneceu, apesar de estar ciente da lei e a penalidade por violá-la, o pecado. No caso de Adão e Eva, confiança, amor, segurança e proximidade foram substituídos por medo, terror e evasão de Deus. Enquanto espera ansiosamente antes de seu encontro com Deus após a queda que não queria vê-lo. Eles se esconderam em uma tentativa de evitá-lo. Como Adão e Eva, para quem acredita no julgamento de Deus, a consequência do pecado é que Deus se torna temido. Já não é um amigo próximo, mas conscientemente tentar evitá-lo. A situação é que temos antes que os guardas da lei. Se seguirmos a lei, não me importo de ver um policial. Podemos até ter um sentimento positivo de conforto quando vemos um carro de polícia. Isso nos dá uma sensação de segurança para saber que a proteção está ao nosso alcance e que há alguém lá para apreender infratores. No entanto, se sabemos que temos quebrado a lei, a nossa atitude é bastante diferente. Nós vemos um carro de polícia incomoda com tochas acesas pelo nosso espelho retrovisor. A atividade policial não mudou, mas mudou nossa relação com ela.

Embora raramente dizer que Deus odeia o ímpio, no Antigo Testamento, é normal dizer que você está irritado com eles. A ira de Deus não deve ser visto como a raiva mal-intencionada ou não controlada. Pelo contrário, é indignação com a injustiça.

Há várias palavras hebraicas que expressam a ira de Deus. O termo אָנָפִי (Anaph) originalmente significava "sopro". É uma palavra muito específica e colorida que transmite a idéia de um expressões físicas que acompanham a raiva. A forma

verbal é incomum, mas é usado com Deus (Deuteronômio 01:37; Isaías 12: .. 1) eo seu ungido (Sl 02:12.). O nome é muito mais comum e tem três significados: narinas, rosto e raiva. Ele é usado para falar sobre a ira de Deus 180 vezes, quatro vezes mais do que o que é usado com os seres humanos. Ele descreve Deus irado com Israel para fazer o bezerro de ouro, enquanto Moisés estava se encontrando com ele nas montanhas. O Senhor disse a Moisés: "Agora, pois, a minha ira se acenda contra eles, e os consuma; . Mas vou fazer de você uma grande nação ", Moisés respondeu:" Por que, Senhor, a tua ira contra o teu povo, que tiraste da terra do Egito com grande poder e com mão forte "(Ex 32 ? . : 10-11). A ira de Deus é como um fogo que queimará consumir os israelitas. Há muitas outras referências para a ira de Deus (. Qui 02:14) "a ira do Senhor, que lhes entregou para ladrões que saqueavam se acendeu contra Israel." Jeremias pediu a Deus para corrigi-lo, mas "não na tua ira" (Jer. 10:24). O salmista se alegra de que "por um momento a sua ira, mas o seu favor dura toda a vida" (Sl. 30: 5).

Duas outras raízes judaicas, חָרָה(Charah) e יָחַם(Yacham) sugerir a idéia de calor. O primeiro verbo é freqüentemente traduzido como "light", como no Salmo 106: 40: "Ele continuou, portanto, a ira do Senhor contra o seu povo." A forma substantiva é muitas vezes traduzido como "[raiva] feroz "ou" feroz ". A forma substantiva do final de raiz corretamente traduzido como" raiva ", como em" para que não saia o meu furor como fogo, e queimar com quem o apague por causa da maldade das suas ações "(Jer. 4: 4).

No Novo Testamento, há um foco particular sobre a inimizade e ódio de não-crentes e ao mundo contra Deus e seu povo. Para o pecado é fazer com que um inimigo de Deus. Em Romanos 8: 7 e Colossenses 1:21, Paulo descreve que se concentra a mente na carne e em Santiago 4 "inimizade contra Deus": 4 lemos que, no entanto, "a amizade do mundo é inimiga de Deus." Deus é inimigo de ninguém; Ele ama a todos e odeia ninguém. Ele os amava o suficiente para enviar seu Filho para morrer por nós, sendo nós ainda pecadores e estavam em desacordo com ele (Rom. 5: 8-10). Personifica o que ele comanda. Ele ama seus inimigos.

Embora Deus não é um inimigo dos pecadores ou odiá-los, é claro que ele sente raiva para com o pecado. As duas palavras que expressam mais claramente quais são θυμός (thumos) e ὀργή (Orge) ("raiva e fúria"). Eles não se relacionam, em muitos casos, apenas a reação atual de Deus para o pecado, mas sugerem certas ações divinas que vão acontecer. Por exemplo, em João 03:36, Jesus diz: "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece. "Várias passagens ensinam que mesmo a ira de Deus está no pecado e aqueles que cometem, essa raiva vai se transformar em ação em algum momento no futuro. ". A ira de Deus se revela do céu contra toda a impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade" Romanos 1:18 ensina que Romanos 2: 5 fala de "tesouro raiva" para o dia do juízo e Romanos 09:22 Deus diz, mesmo "querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a destruição." A imagem nestas passagens é que a ira de Deus é uma questão muito real e presente, mas não completamente revelado, nem irá se manifestar em ação até mais tarde.

Assim, é evidente que Deus olha com desagrado pecado, que o pecado provoca raiva, raiva ou desconforto. No entanto, devemos acrescentar dois comentários adicionais. A primeira é que a raiva não é algo que Deus escolhe sentir. Sua desaprovação do pecado não é uma questão arbitrária, porque sua natureza é a santidade; rejeita automaticamente pecado. É, como já sugerido em outros lugares ", alérgico ao pecado", por assim dizer. A segunda observação é que devemos evitar pensar sobre a ira de Deus como algo excessivamente emocional. Não é como se eu estava fervendo de raiva, quase perdendo o controle. Ele é paciente e longânimo, e age dessa forma. Também não devemos pensar que Deus de alguma forma se sentem frustrados por nosso pecado. Decepção é talvez a melhor maneira de manifestar a sua reacção.

Culpa

Outro resultado de nossos pecados que afeta nosso relacionamento com Deus é a culpa. Esta palavra tem de ser explicado com cuidado, porque no mundo de hoje o significado normal do termo é a culpa, ou o aspecto subjetivo da culpa. Estes sentimentos são muitas vezes considerados irracional, e, na verdade, às vezes são. Ou seja, uma pessoa pode ser objectivamente feito nada de errado para merecer punição, mas mesmo assim pode ter estes sentimentos. No entanto, o que queremos dizer aqui é o alvo estado de violar Deus pretendia para nós e, por conseguinte, ser digno de punição. É este aspecto de culpa que merece atenção especial.

Para esclarecer o que entendemos por "culpa", seria útil mencionar brevemente duas palavras que podem ser exibidos em uma definição de pecado: "ruim" e ". Errado" Por um lado, podemos definir o pecado como ele é inerentemente lugar errado bom. É imundo, repulsivo, odiado por Deus, simplesmente porque é contrária ao bem. No entanto, aqui temos um problema porque a palavra tem muitos significados; por exemplo, pode significar "pobre, pobre, pobre." Você pode pensar de um mau equipe atlética ou um mau trabalhador quando ele é incompetente ou não produtiva, mas não tem de ser moralmente errado. E assim as palavras que o pecado é ruim só pode ser entendida a partir de um ponto de vista estético: o pecado é uma torcido, ação feia, quebrado que deprecie o padrão de perfeição que Deus planejou.

Por outro lado, no entanto, podemos definir o pecado como algo que não é apenas ruim, mas também errado. No primeiro caso, você poderia pensar de pecado como uma doença mental que as pessoas saudáveis temido. Mas, no segundo caso, pensamos em pecado, não só como uma falta de integridade ou perfeição, mas como algo moralmente errado, como uma violação deliberada dos mandamentos de Deus, o que, portanto, merecem punição. Esta é uma maneira de ver o pecado em termos legais estéticos. Na primeira vista, você pensa sobre o bom e bonito, harmonioso, adorável, desejável e atraente, ao mesmo tempo que é considerado o mal como desarmônica, turbulento, feio e repulsivo. No segundo ponto de vista, a lei é enfatizada. A coisa certa é o que está em conformidade com as disposições do direito e errado é o que separa um pouco do que padrão. Por isso, merece ser punido.

Esta distinção pode ser ilustrada em outras formas. Você poderia pensar em um carro difícil de conduzir e ineficaz, que gasta muito gás ou muito danificado e é um horror. Um carro-lo seria desafiar a paciência do seu dono e causar sentimentos de desgosto, mas como as luzes, indicadores e outras funções irão funcionar correctamente, as emissões de gases estavam dentro dos limites permitidos pela lei e tinha uma licença dia e seguro, não havia nada de ilegal no mesmo veículo. Ele não poderia obter um bilhete ao motorista para dirigir porque não está quebrando todas as leis de trânsito. No entanto, se o carro emite gases poluentes também, ou alguns dos dispositivos de segurança não funcionam, você está quebrando a lei e pode, legitimamente, aplicar uma multa. Agora, quando falamos de culpa, queremos dizer que o pecador, como o carro que não atende às normas de segurança, tem quebrado a lei e, portanto, merece ser punido.

Neste ponto, temos de olhar para a natureza precisa da perturbação que o pecado e culpa produzir na relação entre Deus eo homem. Deus é todo-poderoso e eterno, a única realidade independente e não contingente. Tudo o que existe deriva sua existência dele. E o homem, a mais alta de todas as criaturas, tem o dom de vida e de ser uma pessoa somente através da bondade e graça de Deus. Como Senhor, Deus colocou o homem encarregado de criar e ordenou-lhes que a regra (Gn. 1:28). Eles são resumidos como mordomos do reino de Deus ou da vinha, com todas as oportunidades e privilégios que isso implica. Como o Deus onipotente e santo pediu-nos o nosso louvor e obediência em troca de seus dons. Mas não temos sido capazes de cumprir as ordens de Deus. Estamos comprometidos com a criação de riqueza e temos utilizado para os nossos propósitos, como estelionatários de fundos. Além disso, como cidadãos tentando depreciativamente um monarca ou um líder eleito, um herói ou uma pessoa que tem feito grandes conquistas,

não temos sido capazes de lidar com o respeito para o mais alto de todos os seres. Além disso, mostramos a nós mesmos ingrato para com tudo o que Deus nos deu e fez por nós (Rom. 1:21). E, finalmente, temos desprezado a oferta de amizade e amor de Deus, e, no caso mais extremo, a salvação alcançada através da morte do Filho de Deus. Estas infracções são maiores por causa de quem Deus é o Criador Todo-Poderoso, que é infinitamente acima de nós. Sem qualquer obrigação nos deu a vida. Então, ele tem um direito absoluto sobre nós. E o padrão de comportamento que ele espera de nós é a sua própria perfeição santo. Como Jesus disse: "Sede vós pois perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito" (Mateus 5:48).

Nós pensamos de pecado e culpa como categorias metafísicas, se temos um conceito de seu imenso efeito sobre o nosso relacionamento com Deus e na verdade em todo o universo. Deus é o maior ser e nós somos suas criaturas. Não ser capaz de atender às suas expectativas perturba toda a economia do universo. Cada vez que a criatura priva o criador do que é realmente seu, equilíbrio, como não é venerado e obedecer a Deus breaks. Se um erro, a perturbação não for corrigido, Deus seria, na prática, ser Deus. Portanto, o pecado eo pecador merecem sequer precisam ser punidos.

Punição

Estar sujeito à punição de Deus é, portanto, uma outra consequência do pecado. É importante aprofundar a natureza básica e intenção de punição de Deus para com o pecador. É um remédio que tenta corrigir o pecador? Você tenta dissuadir, apontando as consequências que o pecado e, portanto, leva a alertar os outros para não agir de forma errada? Ou retribuição, projetado exclusivamente para dar pecadores que eles merecem? Devemos examinar cada um desses conceitos.

Hoje, há uma oposição generalizada à idéia de que o castigo de Deus é pecadores retribuição sentindo. A remuneração é considerado algo primitivo, cruel, um sinal de hostilidade e ressentimento, o que é inadequado em um Deus amoroso que é um pai para seus filhos terrestres. No entanto, apesar desse sentimento, o que pode refletir a idéia de pai amoroso que tem uma sociedade permissiva, não é definitivamente uma dimensão de castigo divino na Bíblia, particularmente o Velho Testamento. Ryder Smith afirma categoricamente: "Não há dúvida de que no pensamento hebraico é punição retributiva. O uso da pena de morte é prova suficiente disso."⁷ Parece que a remuneração era um elemento importante na forma como entendemos a lei dos hebreus. Desde então, a pena de morte, para ser terminal de reabilitação, que não se destinam. E apesar de ter um efeito dissuasor, a conexão direta entre o que foi feito para a vítima e qual é o agressor ficou claro. Isto é especialmente visto em uma passagem como Gênesis 9: 6 "Quem derramar o sangue do homem, pelo homem terá o seu sangue derramado; porque a imagem de Deus fez o homem" Devido à atrocidade do que é eu tinha feito (ele tinha destruído a imagem de Deus) deve ter e há uma sanção adequada.

A idéia de retaliação também pode ser visto claramente no prazo נָקָם (Naqam). Esta palavra, que (incluindo derivados) ocorre cerca de oitenta vezes no Antigo Testamento é freqüentemente traduzido por "vingança, vingança, vingança". Embora os termos *vingança* e *vingança* são adequados para descrever as ações de Israel contra os seus vizinhos traduções há algo inadequado para aplicá-los para as ações de Deus. Desde "vingança" aplica-se, em particular, a reação de um indivíduo contra algo errado que tem sido feito contra ele. Mas Deus considerado em conexão com as violações da lei moral e espiritual, ele não é uma pessoa privada, mas pública, o administrador da lei. Além disso, a "vingança" ou "vingar" levar a idéia de retaliação, a obtenção de uma satisfação (psicológica) para compensar o que foi feito, em vez de a idéia de obter e administrar a justiça. No entanto, a preocupação de Deus é manter justiça. Portanto, em relação à punição de Deus pelos pecados, "retribuição" é uma tradução melhor "vingança".

Há numerosas referências, nomeadamente entre os profetas antigos, dimensão retributiva do castigo de Deus para os pecadores. Podemos encontrar exemplos como Isaías 01:24; 61: 2; 63: 4; Jeremias 46:10 e Ezequiel 25:14. No Salmo 94: 1 fala de Deus como Nesses casos, como na maioria dos casos, o Antigo Testamento, a punição imagina irá ocorrer dentro da história e não em qualquer estado "Deus de vingança." futuro.

A idéia de retaliação também é encontrada em muitas passagens narrativas. Para punir o mal de toda a raça humana na Terra, Deus enviou o dilúvio para destruir a humanidade (Gn. 6). O dilúvio não foi enviado para dissuadir qualquer pessoa de pecado como os únicos sobreviventes, Noé e sua família, eram pessoas tão rectas. E é claro que ele não poderia ser enviado para corrigir ou reabilitar, como todos os ímpios foram destruídos. O caso de Sodoma e Gomorra é semelhante. Por causa da maldade dessas cidades, Deus destruiu. A ação de Deus foi uma mera punição por seus atos.

Embora com menos frequência do que no Antigo Testamento, a idéia de justiça retributiva também é encontrada no Novo Testamento. Aqui uma referência a um temporário que se torna mais juízo futuro. Paráfrase de Deuteronômio 32:35, podemos encontrar em Romanos 0:19 e Hebreus 10:30, "está escrito:" Minha é a vingança, eu retribuirei '. "Em Romanos, o propósito de Paulo é dissuadir os crentes que tentar vingar o mal que foi feito para eles. Deus é um Deus de justiça, e aqueles que fazem o mal não ficará impune.

Convém não esquecer duas outras dimensões ou funções de punição. Deuteronômio advertências que se tome cuidado com o pecado acompanhados de exemplos de castigos infligidos aos pecadores. Estes exemplos foram tentando convencer as pessoas a fazer o mal (Deuteronômio 6: 12-15; 8:11, 19-20). O mesmo acontece quando Judá Jeremias lembra que Deus fez em Shiloh (Jer 7: 12-14.) Como o salmista diz o que aconteceu com a geração que pereceram no deserto (Sl 95: 8-11.). O apedrejamento de Achan e sua família foi em parte uma punição para o que tinha feito, mas era também um meio para dissuadir outros de agir de forma semelhante. Por esta razão, a punição daqueles que fizeram de errado foi feito com frequência em público.

Há também o efeito da punição disciplinar. A punição administrada para convencer pecadores do erro de seus modos de agir e para eles longe deles. Salmos 107: 10-16 indica que o Senhor havia punido Israel por seus pecados e que, portanto, tinha se transformado de suas más ações, pelo menos temporariamente. O Salmista em outra parte reconhece que a punição tinha sido bom para ele porque ele tinha aprendido os estatutos do Senhor (119 Ps: 71.). O escritor de Hebreus diz: "Porque o Senhor ama Ele castiga, e flagela todo filho a quem recebe" (Heb. 12: 6).

No Antigo Testamento, é ainda um pouco a idéia de purificação do pecado pela punição. Esta, pelo menos, está implícito em Isaías 10: 20-21. Deus usou a Assíria para punir seu povo. Como resultado aqueles que permanecem de Israel aprender a inclinar-se no Senhor. "O resto voltará, o resto de Jacó, para o Deus forte."

A maneira pela qual é administrada a punição também é significativo. Às vezes é dado indiretamente, simplesmente pelo trabalho imanente de Deus nas leis físicas e psicológicas estabelecidas no mundo. A punição indireta pode ser externo, por exemplo, quando o pecado viola os princípios de saúde e higiene e, portanto, a doença aparece. A pessoa que está envolvido em pecados sexuais e contrai uma doença venérea é um exemplo de que é frequentemente citada, mas também casos menos dramáticos abundam. Estamos aprendendo mais e mais psicólogos ódio e hostilidade ter efeitos destrutivos sobre a saúde física. A punição indireta também pode assumir a forma de um conflito externo (por exemplo, na família de um) derivada de nossos pecados e leis psicológicas que Deus ordenou. David pode ser um caso a considerar. Por causa de seu pecado de adultério com Bate-Seba e assassinato de Urias, foi-lhe dito que David sua casa iria sofrer problemas (2 Samuel 12: 10-12). O estupro de Tamar, o assassinato de Amnom, Absalão e revolta de Absalão contra David eram realizações de que a profecia. Agora embora acreditemos que essas tragédias foram escolhidas e gerenciadas diretamente por

Deus para caber o pecado de David, também podemos pensar que são conseqüências naturais que seguem o comportamento de David e da psicologia humana básica. Os crimes dos filhos pode muito bem ter sido as conseqüências da tendência de as crianças imitam o comportamento ou o fracasso de David de seus pais quando disciplinar seus filhos, pensando que seria hipócrita em vista de seu próprio comportamento. Finalmente, o castigo indirecta pode ser interno. Por exemplo, você pode levar automaticamente a uma desagradável sensação de culpa, um sentido de responsabilidade corrosivo.

Algumas das passagens bíblicas que ensinam ensinam que, em alguns casos, existe uma relação de causa-efeito entre o pecado e punição. Em Gálatas 6: 7-8 Paulo usa a imagem de semear e colher para comparar os resultados do pecado e da justiça. Isso implica que, como as culturas provenientes de sementes plantadas, a pena vem diretamente do ato pecaminoso. Mas, embora Deus muitas vezes funciona indiretamente através das leis físicas e psicológicas que ele estabeleceu, esta não é a única ou mesmo a principal, meios de punição. É frequentemente o caso que Deus por uma decisão definitiva e um ato direto impõe um castigo. E também devemos ser especialmente notado que, mesmo quando a punição é agir naturalmente, não é algo impessoal, infortúnio. A lei que rege estes padrões fixos é uma expressão da vontade de Deus.

Visualizar o cristão de que Deus pune indiretamente através de padrões estabelecidos que devem ser distinguidos hindu e budista do karma conceito, segundo o qual qualquer acto tem certas conseqüências. Existe uma ligação entre os dois inexorável. Nada pode quebrar esta ligação, nem mesmo a morte, pois a lei do karma vai para a próxima encarnação. Do ponto de vista cristão, a sequência de pecado - a punição pode ser interrompido com o arrependimento e confissão dos pecados, com o perdão posterior, ea morte é uma libertação dos efeitos do pecado.

Morte

Um dos resultados óbvios do pecado é a morte. Esta verdade é indicada pela primeira vez na sentença de Deus que proíbe Adão e Eva comer da árvore do conhecimento do bem e do mal ", porque no dia em que dela comeres, morrerás" (Gênesis 2. : 17). É também forma clara e didática em Romanos 6:23: "O salário do pecado é a morte." O que Paulo quer dizer é que, como os salários, a morte é a compensação adequada, a justa recompensa para o que tem sido feito. Merecemos esta morte que tem aspectos diferentes: (1) a morte física, (2) a morte espiritual, e (3) a morte eterna.

A morte física

A mortalidade de todos os seres humanos é um fato óbvio e verdade as escrituras ensinam. Hebreus 9:27 diz: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, e depois disso o juízo." Paulo em Romanos 5:12 morte atribuída ao pecado original de Adão. No entanto, embora a morte entrou no mundo através do pecado de Adão, todos os seres humanos se espalhar, porque todos pecaram.

Isto levanta a questão de saber se os humanos foram criados mortal ou imortal. Eles teriam morrido se não tivesse pecado? Calvinistas têm basicamente tomado a posição negativa, argumentando que a morte física foi introduzida com a maldição (Gn. 3:19). Pelagian ponto de vista, aliás, é que os seres humanos foram criados mortal. Como tudo em torno de nós morrer mais cedo ou mais tarde, por isso é e sempre foi o caso com os seres humanos. O princípio de morte e decadência é uma parte de toda a criação. Os pelagianos dizer que, se o ponto de vista dos calvinistas estavam corretas, então seria a cobra que estava certo eo Senhor era errado dizer, "porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás", desde Adão e Eva não caiu morto imediatamente depois de cometer o pecado. ¹² A morte física, do ponto de vista Pelagian, é um acompanhamento

natural ao ser humano. Bíblia morte por causa das referências pecado são entendidas como referências à morte espiritual, a separação de Deus, ao invés de morte física.

O problema não é tão simples como pode parecer à primeira vista. Suponha que a mortalidade começou a cair, e Romanos 5:12 e referências semelhantes no Novo Testamento a morte deve ser entendida como referindo-se à morte física, não pode ser justificada. Um obstáculo à idéia de que a morte física é o resultado do pecado é o caso de Jesus. Não só não pecou (Hb. 4:15), mas que não foi maculada pela natureza corrupta de Adão. No entanto, ele morreu. Ele poderia ter afetado a mortalidade alguém fosse espiritualmente no mesmo lugar onde estavam Adão e Eva antes da queda? Este é um enigma. Temos dados conflitantes aqui. É possível escapar desse dilema de alguma forma?

Primeiro, notamos que a morte física está ligada à queda de alguma forma clara. Gênesis 3:19 seria uma frase sobre o que é e tem sido o caso desde a criação, mas uma declaração de uma nova situação: "No suor do teu rosto comerás o pão, até que tornes à terra, pois a partir dele você era tomadas; Pois tu és pó, e ao pó tornarás. "Além disso, parece difícil separar as idéias de morte física e morte espiritual nos escritos de Paulo, especialmente em tema de 1 Coríntios 15. Paulo é que a morte física foi conquistada por meio da ressurreição de Cristo. Os homens continuam a morrer, mas a natureza terminal da morte foi eliminada. Paulo atribui ao pecado o poder da morte física na ausência da ressurreição. Mas com Cristo vencer a morte física, em si (e, portanto, a morte espiritual) pecado é superar (vv. 55-56). Se não fosse pela ressurreição da morte física de Cristo, nós em nossos pecados, isto é, nós ainda mortos espiritualmente (v. 17). Louis Berkhof parece estar certo quando diz: "A Bíblia não conhece nenhuma distinção, tão comum entre nós, entre uma morte física, espiritual ou eterna; Ele tem uma idéia sintética da morte e considerou a separação de Deus. "

Por outro lado, existem considerações que Adão e Eva morreram espiritualmente, mas fisicamente no momento ou no dia em que pecou, e que até mesmo Jesus era sem pecado poderia morrer. Como você pode desembaraçar isto?

Eu sugiro que o conceito de imortalidade condicional como um estado de Adão antes da queda. Não que fosse devidamente capaz de viver para sempre, mas eles não tem que ser morto. Dadas as condições certas, ele poderia ter vivido para sempre. Este poderia ser o significado das palavras de Deus, quando ele decidiu expulsar Adão e Eva do Paraíso e da presença da árvore da vida ", que estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva para sempre "(3:22). Parece que Adão e Eva, mesmo após a queda, poderia ter vivido para sempre se tivessem comido da árvore da vida. O que aconteceu na época de sua expulsão do Jardim do Éden era humano, que anteriormente poderia ter vivido para sempre, ou morreram, agora foram separadas de essas condições que tornaram possível a vida eterna, e, assim, tornou-se inevitável para morrer . Anteriormente *eles poderiam* morrer; Agora, *eles tinham que* morrer. Isto também significa que Jesus nasceu com um corpo que estava sujeito à morte. Eu tinha que comer para viver; se eu não tinha comido, ele teria morrido de fome.

Deve-se ressaltar que houve outras mudanças como resultado do pecado. No Éden os seres humanos tinham corpos que poderiam adoecer; após a queda tinha doenças que poderiam entrar em colapso. A maldição, que envolveu a morte da humanidade, também incluiu todo um grupo de doenças que podem levar à morte. Paulo nos diz que um dia essas condições serão eliminados, e que toda a criação será libertado "da escravidão da corrupção" (Rm. 8: 18-23).

Em suma: o potencial da morte foi na criação, desde o início, mas assim era o potencial para a vida eterna. Pecado, no caso de Adão e cada um de nós, isso significa que a morte já não é algo meramente possível, mas real.

Nós não têm tentado definir a morte física, mas os mais velhos teologias definida como a separação do corpo e da alma. Esta definição não é inteiramente satisfatória, pelas razões declarou em nosso tratamento da composição da natureza humana (Capítulo

25). Tentamos definir a morte física de mais plenamente no debate das últimas coisas. Por agora, vamos pensar nisso como o fim da existência humana em sua condição ou material do corpo.

A morte espiritual

A morte espiritual está ligado com a morte física, mas também difere dele. É quando a pessoa inteira está separado de Deus. Deus, como sendo perfeitamente santo, não se pode ignorar o pecado ou tolerar sua presença. Portanto, o pecado é uma barreira para a relação entre Deus e os homens, colocando-os sob o julgamento e condenação de Deus.

A essência da morte espiritual pode ser visto no caso de Adão e Eva. "No dia em que você comê-lo [a árvore do conhecimento do bem e do mal] certamente morrerás" não significa que eles irão experimentar a morte física imediata. Isso significa que, como vimos, que a mortalidade potencialmente se tornar mortalidade real. Significou também a morte espiritual, a separação entre eles e Deus. E, de fato, depois de Adão e Eva comeram do fruto, eles tentaram se esconder de Deus porque eles sentiram vergonha e culpa, e Deus severo pronunciado maldições sobre eles. Pecado resultou na alienação de Deus. Este é o salário do pecado mencionadas por Paulo em Romanos 6:23.

Para além deste objectivo de aspecto espiritual morte, existe também um aspecto subjectivo. A Bíblia diz que muitas vezes as pessoas longe de Cristo são mortos em nossos delitos e pecados. Isto significa que, pelo menos em parte, que a sensibilidade para as questões espirituais e a capacidade de agir e responder espiritualmente para fazer coisas boas, estão ausentes ou muito danificados. A novidade de vida que é nosso agora, graças à ressurreição de Cristo e é simbolizada no batismo (Rm. 6: 4), mas não impede a morte física, certamente implica uma morte para o pecado que nos afligiram. Ela produz uma nova vitalidade espiritual e sensibilidade.

Morte eterna

Morte eterna em um sentido real é a extensão e conclusão da morte espiritual. Se chega-se à morte física ainda espiritualmente mortos, separado de Deus, a condição torna-se permanente. E a vida eterna é qualitativamente diferente da nossa vida presente e ainda sem fim, assim como a morte é a separação eterna de Deus, que é tanto qualitativamente diferente da morte física e duração eterna.

Nos finais de julgamento de pessoas que compareçam perante o tribunal de Deus serão divididos em dois grupos. Aqueles que são julgados justos serão enviados para a vida eterna (Mateus 25: 34-40, 46b). E aqueles que são considerados como injusto será enviado para o castigo eterno ou fogo eterno (vv. 41-46a). Em Apocalipse 20, João escreve sobre uma "segunda morte". A primeira morte é a morte física, o que libera a ressurreição, mas não nos livra. Apesar de tudo apenas sofrendo a primeira morte, a questão importante é saber se cada indivíduo passou a segunda morte. Aqueles que participam da primeira ressurreição são chamados de "bendita e santa." Diz-se que sobre eles a segunda morte não tem poder (v. 6). Na última parte do capítulo, a morte eo inferno são lançados no lago de fogo (13-14 vv.), Que foram lançadas anteriormente a besta eo falso profeta (19:20). A isto se denomina a segunda morte (20:14). Qualquer pessoa cujo nome não for achado escrito no livro da vida serão lançados no lago de fogo. Este é o estado permanente de que o pecador escolheu na vida.

Foram examinados os resultados têm pecado em relação do homem com Deus. Esta é a principal área que é afetada pelo pecado. David certamente pecou contra Urias, e de alguma forma também contra Bate-Seba, e até mesmo contra a nação de Israel. No entanto, o grande salmo penitencial orou: "Contra você, só você eu pequei, e fiz o que é mal aos teus olhos" (Sl. 51: 4). Mesmo onde não há dimensão horizontal do pecado, Deus é afetado por ela. O argumento de que certas acções não são ruins, se feito com o

consentimento e ninguém seja prejudicado, ignora o fato de que o pecado é essencialmente contra Deus e afeta principalmente a relação entre o pecador e Deus.

Efeitos sobre o pecador

Escravidão

O pecado também tem consequências internas para a pessoa que o comete. Estes efeitos são variadas e complexas. Um destes é o poder de enslaving. Pecado se torna um hábito, ou mesmo uma adição. Um pecado leva a outra. Por exemplo, depois de matar Abel, Caim se sentiu obrigado a mentir quando Deus lhe perguntou onde estava seu irmão. Às vezes, um pecado maior é necessário para cobrir um pecado menor. Tendo cometido adultério, David achou que fosse necessário ao assassinato para esconder o que tinha feito. Por vezes, o padrão é fixo, de modo que o evento é repetido da mesma maneira. Este foi o caso de Abraão. No Egito, ele mentiu sobre Sarah, dizendo que era sua irmã em vez de sua esposa, o que resultou Faraó buscar por mulher (Gn 12: 10-20). Mais tarde, Abraão repetiu a mentira a Abimeleque (Gn 20). Parece que ele tinha aprendido nada desde o primeiro incidente. Mesmo seu filho Isaac depois repetiu a mesma mentira sobre sua esposa Rebecca (Gn 26: 6-11).

O que algumas pessoas consideram a liberdade para o pecado, liberdade de restrições impostas pela obediência à vontade de Deus, é, na verdade, a escravidão que o pecado. Em alguns casos, o pecado tem muito controle e poder sobre a pessoa que você não pode escapar. Paulo lembra aos cristãos de Roma havia sido "escravos do pecado" (Rom. 6:17). Mas o domínio que o pecado tem sobre as quebras individuais através da obra de Cristo: "Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte" (Rom. 8: 2).

Fugir da realidade

Pecado também resulta em não querer encarar a realidade. Sem realisticamente enfrentamos os aspectos ásperos da vida e, especialmente, as consequências do nosso pecado, em particular verdade, bruto da morte (Hb. 9:27). Uma maneira de evitar esse fato por uma linguagem positiva. Ninguém morre; mas "ele morre." Faz morte parecer um pouco agradável viagem. Não mais cemitérios ou sepulturas em nossa sociedade moderna. Em vez disso, "parques memoriais". E a experiência de envelhecimento, marcando a aproximação da morte, cuidadosamente mascaramento com eufemismos como "idosos" e "idade de ouro", mesmo com "segunda juventude." Esse disfarce ou ignorar a morte às vezes é uma forma de negá-lo, o que é realmente um sinal de medo da morte. A supressão da idéia de que a morte é o salário do pecado (Rom. 6:23) está subjacente a maior parte de nossas tentativas de evitar pensar nisso.

A negação do pecado

Acompanhando nossa negação da morte é a negação do pecado de maneiras diferentes. Pode dar-lhe outro nome para ele não é reconhecido como pecado. Pode ser considerado um caso de doença, privação, a ignorância ou talvez um desequilíbrio social no pior dos casos. Karl Menninger escreveu sobre este fenômeno em seu livro, *O que aconteceu com o pecado?* (*O que aconteceu com o pecado?*) Negar a existência do pecado é uma maneira de se livrar da consciência dolorosa do nosso mau comportamento.

Outra maneira de negar o pecado é admitir o erro de nossas ações, mas não aceitamos nossa responsabilidade para eles. Vemos isso funciona dinâmicas do primeiro pecado. Quando ele enfrentou a pergunta do Senhor: "Quem te mostrou que estavas nu? ". Você já comeu da árvore que eu te havia proibido de comer "(Gênesis 3:11), Adam respondeu culpando o outro:" A mulher que você me deu, ela me deu da árvore, e eu comi

"(v. 12). A reação imediata de Adam era negar a responsabilidade pessoal: ele tinha comido apenas induziu Eva. Mas a tentativa de Adam culpando significou ainda mais porque o que ele disse foi: "A mulher *que* deu, ela me deu da árvore, e eu comi." Adão tentou passar a culpa até mesmo Deus, porque, se Deus não faz teria dado a mulher a Adão, isto não teria sido exposta à tentação. A mulher rapidamente aprendeu com o exemplo de seu marido: "A serpente me enganou e eu comi" (v. 13). A cobra não tem ninguém para culpar, assim que o processo parou por aí. No entanto, vale ressaltar que o julgamento caiu sobre os três: Adão, Eva e a serpente. O fato de que alguém tinha instigado os respectivos pecados de Adão e Eva não elimina a sua responsabilidade. Ambos os pecadores como o instigador foram punidos.

Tente passar a responsabilidade para os outros é uma prática comum. E que dentro de nós há sempre um sentimento de culpa que está desesperadamente tentando erradicar. Mas a nossa responsabilidade de tentar passar mais agrava o pecado e arrependimento torna menos provável. Todas as desculpas e explicações que oferecemos para as nossas ações são sinais da profundidade de nosso pecado. Apelando para o determinismo de explicar e justificar o pecado é simplesmente uma forma sofisticada de negação.

Ilusão

Auto-engano é o problema subjacente negação do pecado. Jeremias escreveu: "Enganoso é o coração acima de todas as coisas, e perverso; Quem pode conhecer?" (17: 9). Os hipócritas de Jesus falou muitas vezes provavelmente enganados antes de tentar enganar os outros. Ele observou como aponta tão ridículo você pode tirar auto-engano: "E por que tu no argueiro que está no olho de teu irmão, e não reparas na trave que está no teu próprio olho?" (Mateus 7: 3). David denunciou a injustiça do homem rico da parábola de Natã, que levou apenas cordeiro do pobre homem, mas não tem conhecimento do impulso da parábola (sua própria injustiça para tirar a mulher de Urias) até que Nathan vê (2 Samuel 12: 1-15).

Insensibilidade

Pecado também produz a insensibilidade. À medida que continuamos pecando e rejeitando as advertências e condenações de Deus, nós responderemos a cada vez em menor medida a avisos de consciência. Embora no início você pode sentir se arrepender cometer um erro, o resultado do pecado é que já não se move da Palavra e do Espírito. Eventualmente, você pode até mesmo cometer pecados graves sem sentir qualquer remorso. Uma concha, uma crosta espiritual, por assim dizer, cresce em nossa alma. Paulo fala daqueles que "têm cauterizada a consciência" (1 Tim. 4: 2) (. Romanos 1:21) e aqueles cujas mentes estão obscurecidos pela rejeição da verdade. Talvez o exemplo mais claro no ministério de Jesus são os fariseus, que, depois de ter visto os milagres de Jesus e ouviram seus ensinamentos, o que foi atribuído ao Espírito Santo para Belzebu, príncipe dos demônios.

Egoísmo

Um aumento de egoísmo, como resultado do pecado também aparece. De muitas maneiras, o pecado é uma viragem em direção a si mesmo o que é confirmado pela prática. Chamamos a atenção para nós mesmos e nossas boas qualidades e realizações, minimizando os nossos erros. Buscamos favores especiais e oportunidades na vida, querendo ter vantagens não tem ninguém. Estamos atentos aos nossos próprios desejos e necessidades, ignorando os outros.

Inquietação

Finalmente, o pecado causa preocupação. Há um certo caráter insaciável em pecado. Nunca há uma satisfação total. Embora alguns pecadores pode ser relativamente estável ao longo do tempo, o pecado em última análise, perde a sua capacidade de satisfazer. Como um vício em drogas, a tolerância é aumentada, e é mais fácil para o pecado sem sentir dores de culpa. Além de uma dose maior é necessária para produzir os mesmos efeitos. No processo, os nossos desejos aumentar tão rápido como a capacidade para satisfazer ou mesmo mais rápido. Diz-se que a pergunta "Quanto dinheiro é que um homem precisa ser satisfeito?", Disse John D. Rockefeller. "Só mais um pouco" Como um mar inquieto e agitado, os ímpios não alcançar a paz.

Efeitos sobre a relação com outro ser humano

Competitividade

O pecado também tem um enorme impacto sobre as relações entre os seres humanos. Uma das mais importantes é a proliferação de competitividade. Assim como o pecado faz uma cada vez mais egoísta e egocêntrico, é inevitável que os conflitos com os outros. Queremos o mesmo trabalho, a mesma união do parceiro ou o fundamento de que outro tem. Cada vez que um ganha, o outro perde. O perdedor, de ressentimento, muitas vezes torna-se uma ameaça para o vencedor. A pessoa que tem sucesso vai sempre sofrer a ansiedade de saber que os outros podem tentar recuperar o que perderam. Portanto, não há vencedores na corrida para a competitividade. A versão mais extrema, raça humana em grande escala é uma guerra, com sua destruição indiscriminada de bens e vidas humanas. Santiago é bastante claro sobre os principais fatores que levam à guerra, "De onde vêm as guerras e contendas entre vós? Nem mesmo de vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam? Você cobiçar e não têm; Você assassinar e cobiçar e não pode obter; Você luta e da guerra "(Tg 4: 1-2.). Temos anteriormente observado que o pecado escraviza, levando a mais pecado. Santiago confirmou esta observação com sua afirmação de que o pecado da ganância leva a pecados de homicídio e guerra.

Incapacidade de identificar com os outros

A incapacidade de identificar-se com os outros é uma importante consequência do pecado. Preocupar-se com os nossos desejos pessoais, nossa reputação e opiniões só vê nossa própria perspectiva. Não podemos colocar no lugar dos outros e apreciar as suas necessidades, ou ver como você poderia entender uma situação de uma maneira diferente. Este é o oposto do que Paulo aconselhou seus leitores: "Nada façais por contenda ou por vanglória, mas com humildade cada um considere os outros superiores a si mesmo; Não atente cada um o que é seu, mas cada qual também para o que é dos outros. É, portanto, você que houve também em Cristo Jesus "(Filipenses 2: 3-5.).

Rejeição da autoridade

A rejeição da autoridade é muitas vezes um ramo de pecado social. Se encontrar segurança em nossas posses e realizações, está a ameaçar qualquer autoridade externa. Como estamos limitados ao que fazemos, nós resistir ou ignorar. No processo, é claro, você pode atropelar muitos outros direitos.

Incapacidade de amar

Finalmente, o pecado resulta na incapacidade de amar. Como os outros ficar no nosso caminho, representando competição e ameaça para nós, não podemos agir para seu bem-

estar, se o nosso objetivo é a satisfação pessoal. E suspeitas, conflitos, amargura e até o ódio resultante de auto-absorção ou buscar valores finitos que substituíram Deus como o centro da vida do pecador.

O pecado é um negócio sério; Tem muito amplos efeitos sobre o nosso relacionamento com Deus, com nós mesmos e com os outros seres humanos. Assim, uma cura que tem efeitos extensão semelhante é necessária.

30. A magnitude do pecado

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Ligar a educação sobre a extensão do pecado no Antigo e Novo Testamento com uma forma mais completa compreensão de pecado.
- Ligar a educação sobre a intensidade do pecado no Antigo e Novo Testamento com uma forma mais ampla de compreender a extensão do pecado.
- Identificar e explicar três teorias tradicionais sobre Pecado Original: Pelagianismo, Arminianismo e Calvinismo.
- Extrapolar conceitos bíblicamente adequados de teorias tradicionais e formular um modelo bíblico e contemporâneo do pecado original.

Resumo do capítulo

É claro, portanto, descrições do Antigo e do Novo Testamento que o pecado é universal. As duas vontades reafirmar a profundidade e extensão do pecado em todos humanos. Três vistas históricas de pecado original são Pelagianismo, Arminianismo e Calvinismo. Pelagianism está mostrando menos afinidade com as Escrituras. O autor apresenta uma forma contemporânea de entender a magnitude do pecado incorporação de uma perspectiva bíblica e os melhores elementos de visões tradicionais.

Questões de estudo

1. Que semelhanças e diferenças percebidas entre os ensinamentos do Antigo e do Novo Testamento como para a extensão do pecado?
2. Como os fariseus se tornou um exemplo da intensidade do pecado na humanidade?
3. Qual é o pelagianismo, e como argumentar contra esta posição? Como essa posição reflete a visão de muitas pessoas na cultura contemporânea?
4. Compare e contraste Arminianismo e Calvinismo.
5. Que conclusões tirar da Bíblia e do jeito que você compreender as três teorias do pecado original? Desenvolva a sua própria posição e defendê-la.
6. Como é que a sua posição em relação ao modelo oferecido pelo autor?

- A extensão do pecado
 - O ensino do Antigo Testamento
 - O ensinamento do Novo Testamento
- A intensidade do pecado
 - O ensino do Antigo Testamento
 - O ensinamento do Novo Testamento
- Teorias do pecado original
 - Pelagianismo
 - Arminianismo
 - Calvinismo
- Pecado Original: Um modelo bíblico e contemporânea

Tendo visto algo da natureza do pecado, sua fonte e seus efeitos, devemos agora perguntar sobre sua magnitude. Há duas facetas para este problema: (1) Como é pecado extensa e comum? (2) Como é intensa e radical?

A extensão do pecado

Quando perguntado que peca, a resposta parece clara: o pecado é universal. Não apenas alguns indivíduos isolados ou mesmo a maioria da raça humana, mas todos os seres humanos, sem exceção, são pecadores.

O ensino do Antigo Testamento

A universalidade do pecado é ensinado de várias maneiras e em vários lugares da Escritura. No Antigo Testamento, nós não encontrar muitas vezes afirmações gerais sobre todas as pessoas em todos os momentos, mas em todo mundo que vivem nas vezes sobre o que eles escreveram. No tempo de Noé, o pecado da raça foi tão grande e tão extensa que Deus decidiu destruir tudo (exceto para Noé e sua família e os animais que foram introduzidos na arca). A descrição é viva: "Deus viu que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente" (Gênesis 6: 5). Deus se arrependeu de ter feito a humanidade e decidiu apagar toda a humanidade, juntamente com todas as coisas vivas, porque a corrupção era em todo o mundo: "A terra estava corrompida diante de Deus, ea terra estava cheia de violência" (Gênesis 6:11). . Noah parece ser uma exceção: ele achou graça aos olhos do Senhor, ele foi descrito como "homem justo, ele foi perfeito entre os homens de seu tempo" (v. 9). No entanto, embora ele se destacou entre aqueles ao redor dele, era culpado do pecado de embriaguez (9:21), também condenou outros lugares na Escritura (Hab 2:15 ;. Ef. 5:18).

Mesmo após a enchente destruiu os ímpios da terra, Deus ainda disse: "O coração do homem é má desde a sua mocidade" (Gênesis 8:21.). David descreve a corrupção de seus contemporâneos nos termos Paulo cita em Romanos 3. Em Salmos 14 e 53, que são quase idênticas, a corrupção é expresso como universal: "Eles são corruptos, eles fazem obras abomináveis, não há ninguém que faça o bem ... Todos se extraviaram, à uma se fizeram corrupto; não há ninguém que faça o bem, não há sequer um "(Sl. 14: 1, 3). Mais uma vez, há poucos justos entre os que praticam a iniquidade (v. 5). No entanto, David não sugere que a justiça é uma realização pessoal, em vez de um dom da graça de Deus. Provérbios 20 significa que a procura de um homem justo e fiel não terá sucesso "Há muitos que proclamam a sua própria bondade, mas o homem fiel, quem a achará?" (V. 6). "Quem pode dizer, 'Eu tenho purificado o meu coração, eu estou limpo do meu pecado?' "(V. 9). Entre essas questões são declarações retóricas sobre um homem justo e um rei sentado no trono para julgar (vv. 7-8), mas, aparentemente, mesmo eles não podem reivindicar o crédito por justiça.

A afirmação categórica sobre a pecaminosidade do homem é encontrado em 1 Reis 8:46: "Pois não há homem que não peque" (cf. Rm 3:23.). David faz uma afirmação semelhante, quando ele pede misericórdia de Deus: "Não entres em juízo com o teu servo,

porque ele não era justo antes de que nenhum ser humano" (Sl 143: 2). A mesma ideia está implícita no Salmo 130: 3 "Jah, se você olhar para as iniquidades, Senhor, quem subsistirá?" O escritor de Eclesiastes diz: "Não há na terra homem tão íntegro que faz o bem e nunca pecados" (Eccles. 7:20).

Estas declarações da pecaminosidade universal da raça humana deve ser considerada como uma classificação de toda escritura referente ao povo perfeito ou sem culpa (por exemplo, Sl 37:37; Prov. 11: 5). Mesmo aqueles que especificamente descrito como perfeito tem falhas, como Noé. O mesmo vale para Job (cf. Jó 1: 8 e 14: 16-17, onde Jó se refere a suas transgressões). Abraão era um homem de grande fé; sim, o Senhor ordenou-lhe para ser perfeito (Gênesis 17: 1). No entanto, suas ações provaram que não sem pecado. Para gerar um filho, Ismael, Hagar, mostrou que não acreditava na capacidade de Deus para cumprir sua promessa de lhe dar um herdeiro, Abraão demonstrou falta de integridade também duas vezes apresentou a sua esposa como sua irmã Sarah (Gen 12. 20). Moisés foi certamente um homem de Deus, mas sua falta de confiança era que ele não tinha permissão para entrar com o povo de Israel para a Terra Prometida (Num. 20: 10-13). Davi era um homem segundo o coração de Deus (1 Samuel 13:14). No entanto, seus pecados foram graves e causaram o grande salmo de arrependimento (Sl. 51). Isaías 53: 6 esforça para universalizar sua descrição metafórica dos pecadores: "Todos nós, como ovelhas, nos desviamos é; Vos Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. "

O ensinamento do Novo Testamento

O Novo Testamento é ainda mais clara no que se refere à universalidade do pecado humano. A passagem mais conhecida é, claro, Romanos 3, onde Paulo cita e discorre sobre Salmos 14 e 53, e 5: 9; 140: 3; 10: 7; 36: 1; e Isaías 59: 7-8. Ele afirma que "tanto judeus como gregos estão debaixo do pecado", e em seguida, adiciona um número de citações descritivas começando: "Não há justo, nem um sequer; (v. 9) ninguém entende, ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; ninguém faz o bem, nem um sequer" (vv. 10-12). Ninguém será justificado pelas obras da lei (v. 20). A razão é clara: "Porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus" (v. 23).. Paul também deixa claro que está falando não só dos incrédulos, aqueles que estão fora da fé cristã, mas também dos crentes, incluindo ele próprio. Em Efésios 2: 3 reconhece que "entre eles [os filhos da desobediência v. 2] também viveu todos nós no passado, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros. "Parece que não há nenhuma exceção a esta regra universal. Na sua declaração sobre a lei e função, Paulo menciona o fato de que "a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado" (Gl. 3:22). Da mesma forma, em 1 João 5:19 diz que "o mundo inteiro jaz no Maligno."

A Bíblia diz que não só muitas vezes que somos todos pecadores; também assume todos os lugares. Tomemos, por exemplo, o mandato se estende a todos ao arrependimento. Quando Paulo falava no Areópago, disse: "Durante muito tempo, Deus perdoou aqueles que o fizeram de tudo isso, porque eles sabiam o que estavam fazendo; mas agora Deus ordena a todos os que habitam este mundo que se arrependam" (At. 17:30). Embora Jesus nunca necessário para confessar o pecado e se arrepender, é necessário que todos os outros fazem, porque, obviamente, todos pecam. Conversando com Nicodemos sobre nascer de novo, Jesus fez a sua declaração universal: "Eu lhe asseguro que, se alguém não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus" (Jo. 3: 5). Todo mundo precisa a transformação que traz o novo nascimento. Parece que no Novo Testamento a todos, pelo fato de ser considerado um pecador que precisa se arrepender e nascer de novo. O pecado é universal. Como Ryder Smith afirma: "A universalidade do pecado é assumido. Examiná-los, é que todos os discursos aos actos, incluindo Stephen, e todas as epístolas assumir que todos os homens pecaram. Esta é

também a assunção de Jesus nos Evangelhos Sinópticos. Jesus trata a todos com base em 'Aqui é um pecador. " "

Além de confirmar e em todos os lugares assumir que todos os seres humanos são pecadores, a Bíblia também ilustra isso em abundância. Pecadores flagrantes aparecer nas páginas da Escritura. A mulher samaritana em João 4 e ladrões na cruz são exemplos óbvios. Mas o que é mais impressionante é que mesmo as pessoas boas, os justos, os heróis da Escritura, são apresentados como pecadores. Já observamos vários exemplos do Antigo Testamento: Noé, Abraão, Moisés, David. E no Novo Testamento lemos sobre o fracasso dos discípulos de Jesus. Os pecados de Peter trouxe-o várias reprimendas Jesus, o mais grave: "Para trás de mim, Satanás!; Você é uma pedra de tropeço para mim, porque não consciente das coisas de Deus, mas as coisas dos homens "(Mateus 16:23). Ambição egoísta e orgulho é revelada não só na tentativa de Tiago e João foram colocados em lugares de poder à direita e à esquerda de Jesus, mas também ressentimento e indignação dos outros discípulos (Mt. 20 : 20-28; Marcos 10: 35-45; Lc 22, 24-27) .. Este incidente é ainda mais surpreendente porque vem logo depois que eles tinham discutido sobre qual deles era o maior, e Jesus tinha respondido com um discurso sobre a necessidade de servir (Mateus 18: 1-5; Marcos 9: 33- 37; Lucas 9: 46-48) ..

Mais uma prova da universalidade do pecado é que todas as pessoas estão sujeitas à penalidade do pecado, ou seja, a morte. Exceto aqueles que estão vivos quando Cristo voltar, todos sucumbem à morte. Romanos 3:23 ("Porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus".) E 6:23 ("Porque o salário do pecado é a morte.") Estão interligadas. A universalidade da morte falado do segundo verso é uma prova da universalidade do pecado falado da primeira. Entre estes dois versos é Romanos 5:12. "Portanto, assim como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte se espalhou a todos os homens, porque todos pecaram" Aqui, também o pecado é considerado universal.

A intensidade do pecado

Tendo visto que a extensão do pecado é universal, agora vamos olhar para a questão da sua intensidade. Como é um pecador pecador? Quão profundo é o nosso pecado? Será que somos essencialmente puro, com uma inclinação positiva para o bem, ou são francamente corrupto? Temos de olhar atentamente para os dados bíblicos e, em seguida, tentar interpretar e integrar.

O ensino do Antigo Testamento

O Antigo Testamento fala na maior parte dos pecados, não a malignidade do pecado como um ato e não um estado ou disposição. A sentença proferida pelos profetas hebreus foi dirigido geralmente a atos de pecado ou pecados. Mas esta convicção não está apenas relacionada com atos externos do pecado, mas também interno. Na verdade, a distinção entre pecados de acordo com a sua motivação. O direito à habitação foi reservada para assassinos que mataram acidentalmente e não para aqueles que o fizeram intencionalmente (Deut. 4:42). A razão era tão importante quanto o ato em si. Além disso, as intenções e os pensamentos interiores são condenados além de eventos externos. Um exemplo é o pecado da cobiça, um desejo interno a ser escolhido livremente.

No entanto, o Antigo Testamento dá um passo adiante em sua compreensão do pecado. Particularmente nos escritos de Jeremias e Ezequiel descreve o pecado como uma doença espiritual que aflige o coração. Nosso coração está errado e precisa ser corrigido ou substituído, ou trocados. Não só eu fazer o mal; nossa inclinação é o próprio mal. Jeremias diz: "Enganoso é o coração acima de todas as coisas, e perverso; Quem o conhecerá "(Jer. 17: 9). Mais tarde, Jeremias profetiza que Deus mude os corações de seu povo. Chegará o dia em que o Senhor colocou a lei em Israel e "escrevê-lo em seu

coração" (Jer. 31:33). Da mesma forma, no livro de Ezequiel, Deus diz que os corações das pessoas precisa mudar: "Eu lhes darei um só coração, e porei um espírito novo dentro deles; E tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne "(Ez. 11:19).

É também de salientar que, embora algumas das palavras hebraicas para o pecado que examinamos no Capítulo 27 ponto para os pecados definidas e específicas, outros parecem sugerir uma condição, condição cardíaca ou tendência. Um termo que é particularmente significativo aqui é o verbo **כָּשַׁב**(Chashab) que cerca de 180 vezes de maneiras diferentes. Embora existam mais de vinte traduções diferentes, o significado básico é "planejar", que combina as idéias de pensar e projetar. O termo é usado em conexão com os pensamentos e propósitos de Deus, e, especialmente, com as idéias engenhosas e coração humano pecaminoso. No segundo caso, a palavra chama a atenção não para o ato de pecado, mas sobre a finalidade e até mesmo a dupla intenção por trás dele. Em Eclesiastes 7, o pregador reflete sobre a prevalência do mal. Ele fala da mulher cujo coração são redes e laços (26 v.), E, em seguida, conclui: "Eis que isto tão-somente achei: que Deus fez ao homem reto, porém eles buscaram muitas invenções" (v. 29). A pessoa que comete maldades é aquele cujo coração concebe o mal, cujo hábito é pecar. A imagem do coração mal e encontrada na história do dilúvio; Deus diz sobre a humanidade pecadora que "toda a imaginação dos pensamentos de seu cardíaco era só má continuamente" (Gênesis 6: 5). Exemplos posteriores abundam: "Deixe o ímpio o seu caminho, eo homem maligno os seus pensamentos e deixá-lo voltar para o Senhor, e Ele terá misericórdia dele; e para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar" (Isaías 55: 7.); "Eu não sabia que eles tinham planejado contra mim" (Jeremias 11:19.); "Senhor detesta os pensamentos dos ímpios; mas as palavras dos puros são agradáveis "(Prov. 15:26). Ryder Smith comenta sobre estas passagens: "Aqui a idéia de pecados internos *separam* se torna um hábito de pecar."

Salmo 51, o grande salmo penitencial expressa mais plenamente a ideia de pecado ou a natureza pecaminosa. Deixando de lado por agora a questão de saber se o pecado ou corrupção é herdada, notamos aqui uma forte ênfase na ideia de que o pecado é uma condição ou disposição interna, bem como a necessidade de purgar o interior da pessoa. David fala de ser formado em iniquidade e concebido em pecado (v. 5). Ele diz que o Senhor ama a verdade no íntimo, e da necessidade de compreender a sabedoria em segredo (v. 6). O salmista reza para ser lavados e purificados (v. 2), purificados e lavados (v. 7), e pede a Deus para criar nele um coração puro e renova um espírito reto dentro dele (v. 10). Apenas eles podem ser encontrados na literatura mais fortes expressões religiosas de consciência da necessidade de mudar a disposição ou de natureza interna. Claramente, o salmista pensa de si mesmo não apenas como alguém que pecados, mas como uma pessoa pecaminosa.

O ensinamento do Novo Testamento

O Novo Testamento é ainda mais claro e mais enfático sobre este assunto. Jesus falou da disposição interna como ruim. Não é o suficiente para não matar; que está com raiva de um irmão é susceptível de ser julgado (Mateus 5: 21-22). Não é suficiente para que se abstenham não cometer adultério. Se um homem ganancioso com uma mulher em seu coração, já adulterou com ela (Mt. 5, 27-28). Jesus expõe ainda mais severamente em Mateus 12: 33-35, onde as ações são consideradas como saídas do coração: "Se a árvore é boa, seu fruto bom; se a árvore é má, eo seu fruto será ruim, porque o fruto se conhece a árvore. Raça de víboras! Como você pode falar coisas boas, sendo maus?, Por causa da abundância do coração fala a boca. O homem bom, do bom tesouro tira coisas boas, eo homem mau do mau tesouro tira coisas más "Lucas deixa claro que o fruto produzido reflete a natureza da árvore, ou pessoa. Árvore boa não dá mau fruto, árvore má não dá bom fruto (Lc 6: 43-45.). Nossas ações são o que são porque nós somos o que somos. Não

pode ser de outra forma. Más ações e palavras ruins vêm dos maus pensamentos do coração: "Mas o que sai da boca vêm do coração; e isso contamina o homem por causa do coração procedem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias" (Mt 15: 18-19).

Próprio testemunho de Paulo é também um argumento poderoso que é a corrupção da natureza humana que produz pecados individuais. Ele lembra que "enquanto vivia na carne, as paixões dos pecados, suscitadas pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte" (Rom. 7: 5). Vê "outra lei nos meus membros, guerreando contra a lei da minha mente, e me levando cativo à lei do pecado que está nos meus membros" (v. 23). Em Gálatas 5:17 ele escreve que os desejos da carne são contra o Espírito. A palavra aqui é ἐπιθυμέω (epithumeo), que pode se referir tanto a um desejo neutro quanto ao desejo impróprio. Há muitos "obras da carne": "imoralidade, impureza, sensualidade, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, divisões, heresias, invejas, bebedices, orgias, e similares" (vv. 19-21). No pensamento de Paulo, portanto, como o de Jesus, os pecados são o resultado da natureza humana. Em cada ser humano há uma forte inclinação para o mal, uma inclinação definido efeitos.

O adjetivo *todos* freqüentemente ligado à idéia de depravação. Esta ideia resulta de alguns dos textos já examinados. No início da Bíblia, lemos: "Deus viu que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente" (Gênesis 6: 5). Paulo descreve os gentios: "Tendo o entendimento obscurecido, alheios à vida de Deus pela ignorância que há neles, por causa da dureza de seu coração. Estes, então, tornar-se insensível, eles se deram ao deboche com avidez toda sorte de impureza" (Ef. 4: 18-19). Suas descrições dos pecadores em Romanos 1: 18-32 e Tito 1:15, e as pessoas dos últimos dias em 2 Timóteo 3: 2-5, concentra-se em corrupção, insensibilidade e maldade desesperada. Mas a expressão "depravação total" deve ser usado com cuidado. Como às vezes ele tem sido interpretado que expressa uma forma de entender a natureza humana que a nossa experiência desmente.

Não com depravação total é dizer que a pessoa regenerada não é totalmente insensível a questões de consciência do que é certo e errado. Para Paulo em Romanos 2:15 diz que os gentios tinham a lei escrita em seus corações ", a sua consciência e que testemunham seus pensamentos ora acusando defendê-los."

Além disso, depravação total não significa que a pessoa pecadora é tão pecaminoso quanto possível. Sem continuamente fazer o mal e mais mal possível. Lá as pessoas não regeneradas que são genuinamente altruísta, mostrando bondade, generosidade e amor pelos outros, que são bons e dedicados maridos e pais. Algumas pessoas totalmente seculares foram envolvidos em atos de heroísmo por seu país. Estas acções, embora, de acordo com a vontade e lei de Deus agradar a Deus. Mas nem por isso eles são meritórias. Não qualificar uma pessoa para a salvação, ou contribuir para isso de alguma forma.

Finalmente, a doutrina da depravação total não significa que o pecador está envolvida em todos os tipos de pecados. Muitas vezes, porque virtude, como Aristóteles disse, está algures no meio de dois extremos, cada um dos quais são vícios, a presença de um defeito em alguns casos excluir automaticamente o outro.

O que queremos dizer positivamente à idéia de depravação total? Primeiro, o pecado é uma questão de toda a pessoa. A sede do pecado não é um aspecto da pessoa, como o corpo ou razão. Desde então, várias referências deixar claro que o corpo é afetado (por exemplo, Ro 6: 6, 12; 07:24; 08:10. 13). Outros versos nos dizem que a mente ou o corpo estão envolvidos (como Ro 1:21; 2 Cor. 3: 14-15; 4: 4). Que as emoções também estão envolvidos é amplamente atestado (Romanos 1: 26-27; Gl 5:24 e 2 Tim. 3: 2-4, onde os ímpios são descritos como amantes de si mesmos e do prazer, em vez de .. Deus). Finalmente, é claro que a vontade também afectada. A pessoa não regenerado não tem verdadeiro livre arbítrio, mas é um escravo do pecado. Pablo descreve sem rodeios

os romanos dizendo que uma vez que eram "escravos do pecado" (6:17). Receia que os inimigos do servo do Senhor "arrependimento de saber a verdade ..., e no laço do diabo, tendo sido feitos cativos por ele à sua vontade" (2 Tim. 2: 25-26).

Além disso, depravação total significa que mesmo o altruísmo pessoas não regeneradas sempre contém um elemento de motivação imprópria. As boas obras nem sequer principalmente amor total e perfeita vontade de Deus. Em cada caso há um outro fator, como é a preferência do interesse próprio ou outro objeto que não seja Deus. Portanto, embora possa parecer um comportamento bom e desejável e pode ser inclinado a acreditar que não é pecaminoso em qualquer forma, mesmo a bondade está contaminado. Os fariseus tantas vezes falou com Jesus fez muitas coisas boas (Mateus 23:23), mas não se sentir o verdadeiro amor de Deus. Então ele disse: "Examinais as Escrituras, porque você acha que neles você tem a vida eterna, e são elas que de mim testificam; e não quereis vir a mim para terdes vida. Glória homens não começar. Mas eu conheço, que não tendes o amor de Deus em vós "(Jo. 5: 39-42).

Muitas vezes o pecado é coberto com uma camada lisa de charme e graça. No entanto, como indicado pela doutrina da depravação total sob as cobertas, há um coração que não é realmente inclinado para Deus. Langdon Gilkey conta como descobriu esta verdade em um campo de prisioneiros japoneses. Ele tinha sido educado em círculos educados. Seu pai era reitor da Rockefeller Capela da Universidade de Chicago, e Langdon frequentou a Universidade de Yale. Ele conhecera pessoas que cuidam e generosas. Mas quando ele estava no campo com muitas pessoas do mesmo tipo, eu vi uma parte diferente da natureza humana. Lá, com a escassez de tudo, o egoísmo, o que é natural no ser humano, que se manifesta, por vezes de forma dramática. O espaço era muito limitado, portanto, definidos distribuições foram feitas tão equitativa quanto possível para todos. Gilkey estava no comando da atribuição de alojamento. Algumas pessoas ofereceu elaboradas explicações de por que eles deveriam ter mais espaço do que outros. Alguns transferiram suas camas um centímetro a cada noite para obter um pouco mais de espaço. Entre os infratores ainda alguns missionários cristãos. Em uma passagem movendo diz a descoberta de algo como o pecado original. É um lembrete vívido do que acontece em situações extremas pode ser a melhor indicação da verdadeira condição do coração humano que as circunstâncias normais da vida.

Tais experiências com teimosia normal dos homens, naturalmente, me estimulou a pensar muito nos alguns momentos, ele estava sozinho. Minhas idéias sobre como eram as pessoas eo que motivaram suas ações passou por uma revisão radical. As pessoas geralmente - e eu sei que ele não poderia excluir-me - ele parecia ser muito menos racional e mais egoísta do que eu jamais tinha pensado, não era das boas pessoas 'que eu sempre tinha assumido que eram. Eles decidiram não ir porque era ato razoável e moral dessa maneira, mas porque serviu seus melhores interesses. Depois que eles eram moral e racional para o que eles já estavam determinados a fazer razões.

Os seres humanos não são aqui bem acima do nível dos animais, lutando entre si por comida mesmo que não haja o suficiente para todos. Quando a sociedade funciona normalmente, a humanidade não parece tão triste; o que esquecemos é que as forças de segurança que nos forçam a obedecer a lei servir como um elemento dissuasor. Mas quando uma queda de energia em Nova York e que a polícia não pode fazer o seu trabalho normalmente, o crime seu caminho livremente em grandes proporções. Portanto, não devemos assumir muito rapidamente que a relativa bondade dos seres humanos em circunstâncias normais refuta a idéia do pecado original. Essa bondade pode ser motivado pelo medo da prisão e punição.

Considerações semelhantes podem ser feitas do estranho problema de "Grande Don", o charmoso e atencioso, prestativo, generoso não-cristão. Às vezes é difícil pensar que este tipo de pessoa que é um pecador e precisa de regeneração. Como bem uma pessoa pode ser um pecador perverso, orgulhoso e rebelde? Segundo correta doutrina da depravação total, o pecado não é definido por aquilo que outros seres humanos podem

acreditar que é desagradável. É, antes, uma falha de amar, honrar e servir a Deus. Por isso ainda mais charmoso e agradável pessoa precisa o evangelho da nova vida, tanto quanto qualquer pessoa desagradável, rude e arrogante.

Finalmente, depravação total significa que os pecadores são completamente incapazes de deixar a sua condição pecaminosa. Além das boas ações que fazem estão contaminados por qualquer coisa menos do que o amor de Deus, você não pode manter continuamente ações boas e lícitas. O pecador não pode alterar a sua vida através de um processo de determinação, vontade e reforma. O pecado é inevitável. Este facto reflecte-se nas frequentes referências às Escrituras fazem pecadores como Paulo escreve "espiritualmente mortos." "Você estava morto em delitos e pecados em que você andou uma vez ... [Deus] mesmo quando estávamos mortos em delitos, nos deu vida juntamente com Cristo" (Ef. 2: 1-2, 5). A mesma expressão é encontrada em Colossenses 2:13. O escritor de Hebreus fala de "obras mortas" (Hebreus 6: 1; 9:14). Essas expressões não significa que os pecadores são totalmente insensível aos estímulos espirituais, mas eles são incapazes de fazer o que deve. O não regenerado são incapazes de realmente bons e redentores atos; tudo que você faz está morto ou ineficaz em relação a Deus. A salvação pelas obras é totalmente impossível (Ef. 2: 8-9).

Todo mundo que já tentou viver uma vida perfeita por conta própria, descobriu que Paulo diz aqui. Tais esforços finalmente acabar, pelo menos em frustração. Um professor de seminário descreveu sua tentativa pessoal. Ele listou trinta características da vida cristã. Então, cada um designado para um dia diferente do mês. O primeiro dia, ele trabalhou muito no primeiro atributo. Com grande concentração, ele tentou cumprir sua meta durante todo o dia. O segundo dia do mês, ele mudou para a segunda área, e dono da situação. Mais tarde, ele tornou-se a terceira área, e em cada dominado até o último dia perfeitamente realizado o recurso que tinha sido atribuído. Mas, assim como eu estava regozijando-se na sua vitória, ele olhou para trás para o objectivo do primeiro dia para ver como eu estava fazendo. Com grande decepção percebi que eu tinha perdido completamente de vista o objectivo do primeiro dia - e os segundo, terceiro e quarto dias. Embora concentrando-se em outras áreas, seus fracassos e falhas passadas havia apenas reapareceu. A experiência do professor é um estudo empírico do que a Bíblia nos ensina: "Não há ninguém que faça o bem, nem um sequer" (Sl 14: 3; 53. 3b; Ro 3:12.). A Bíblia também dá a razão para isso: "A eles se tornaram corruptos" (Salmo 14: 3a; 53 :. 3a). Somos completamente incapazes de fazer o suficiente atos genuinamente meritório para o favor de Deus.

Teorias do pecado original

Todos nós, parece que, sem exceção, são pecadores. Com isto queremos dizer não apenas que todos nós pecamos, mas nós temos uma natureza depravada e corrupta que nos inclina para o pecado assim encontramos este quase inevitável. Como pode ser isso? Qual é a base deste fato surpreendente? Não há algum fator comum no trabalho de todos nós? É como qualquer história ou um fator anterior na vida levam ao pecado universal universal e depravação. Mas o que é o fator comum que é muitas vezes chamado pecado original? De onde vem e como é transmitido e comunicado?

Encontramos a resposta em Romanos 5: "Portanto, assim como o pecado entrou no mundo por um homem e pelo pecado a morte, assim também a morte se espalhou a todos os homens, porque todos pecaram" (v. 12). Este pensamento é repetida de várias maneiras diferentes nos seguintes versos: "Porque, se pela ofensa de um morreram muitos" (v 15). "O julgamento foi por um a condenação" (v. 16); "Se por causa da transgressão de uma morte reinou" (v. 17); "Portanto, como uma transgressão foi a condenação de todos os homens" (v 18.); "Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores" (v. 19). Paulo vê algum tipo de conexão causal entre o que Adão fez a

pecaminosidade e de todas as pessoas em todos os momentos. Mas o que exatamente é a natureza da influência de Adam em humano e por que meios opera?

Houve várias tentativas de compreender e elucidar a influência de Adam. Nas páginas seguintes, vamos examinar e avaliar se transforma cada uma dessas tentativas. Então nós tentamos construir um modelo que faça justiça às diferentes dimensões do testemunho bíblico e também é compreensível no contexto contemporâneo.

Pelagianismo

O primeiro ponto de vista, e em alguns aspectos os mais interessantes, sobre as relações entre os indivíduos humanos e do primeiro pecado de Adão é que de Pelagio. Era um monge britânico (embora haja alguma dúvida se era realmente um monge) que se mudou para Roma para ensinar. Quando, como resultado da invasão de Alaric deixou a Itália para ir para Carthage no norte da África, em 409, o conflito com os ensinamentos de Agostinho era quase inevitável.

Pelágio era um moralista: a sua principal preocupação era que as pessoas viveriam vidas boas e decentes. Ele acreditava que uma visão excessivamente negativa da natureza humana teve um efeito desastroso sobre o comportamento humano. Juntamente com ênfase na soberania de Deus, a dimensão da pecaminosidade humana parecia eliminar toda a motivação de tentar viver uma vida boa.

Para contrariar estas tendências, Pelagio reforçada fortemente a idéia de livre-arbítrio. Ao contrário de outras criaturas, os seres humanos foram criados livres da influência controladora do universo. Além disso, os seres humanos estão livres de qualquer influência controladora da queda hoje. Manter uma idéia criacionista sobre a origem da alma, Pelagio sustentou que a alma, criados por Deus especificamente para cada pessoa é livre de qualquer alegada corrupção ou culpa. A influência de Adam, se for o caso, os seus descendentes é apenas para ser um mau exemplo; nenhuma outra conexão direta entre o pecado de Adão e do resto da raça humana. Os seres humanos não têm nenhuma culpa espiritual congênita. Portanto, o batismo não remover o pecado ou culpa nas crianças, já que não há tal coisa, mas pode eliminar adultos pecado.¹⁴

Se o pecado de Adão não tem efeito direto em cada ser humano, não há necessidade para a graça de Deus para funcionar especialmente no coração de cada indivíduo. Pelo contrário, a graça de Deus é simplesmente algo que está presente em todos os lugares e em todos os momentos. Quando Pelágio falou de "graça" significa o livre arbítrio, compreender Deus através da razão, a lei da instrução Moisés e Jesus. Há também a graça do perdão que é dado a adultos no batismo. Graça está disponível para todos igualmente. Portanto, Pelágio rejeitou qualquer coisa que até mesmo um pouco lembrava que a predestinação ensinou Agostinho.

Quando Pelágio explicou as implicações de diferentes princípios, a idéia de que os seres humanos poderiam, por si só, perfeitamente cumprir os mandamentos de Deus sem pecar. Há uma inclinação natural para o pecado no início da vida; qualquer outra inclinação nesse sentido só vem a partir da aquisição de hábitos ruins. Portanto a salvação pelas obras é bastante possível, embora este é um equívoco. Como não somos realmente pecadores, culpados e condenados, este processo não é uma questão de salvação de algo que nos une hoje. É, antes, uma preservação ou manutenção do nosso status e bom direito posição. Por nós mesmos, ficar longe de cair em uma condição pecaminosa.

Pelagio não eliminar o batismo infantil, mas seu significado foi considerado uma bênção, em vez de regeneração. O que as crianças recebem no batismo é "iluminação espiritual, a adoção como filhos de Deus, a cidadania da Jerusalém celeste, a santificação, e tornar-se membros de Cristo, compartilhando a herança no reino dos céus." Alguns dos discípulos Pelagio levou um pouco mais as suas doutrinas. Celestio ensinou que as crianças pudessem ter a vida eterna, mesmo sem o batismo, e Adão foi criado mortal e

teria morrido havia pecado ou não.¹⁸ Julian de Eclanum insistiu que o livre-arbítrio deles lugares humanos em situação de absoluta independência diante de Deus.

Arminianismo

Uma visão mais moderada é o arminiano. James Armínio era um pastor teólogo Reformada Holandesa e modificou consideravelmente a posição teológica que tinha sido treinado. O mesmo Arminio tomou uma posição bastante restrita, mas declarações posteriores por outros foi muito mais longe. John Wesley alterações posteriores foram mais perto da posição original de Armínio. Existem diferenças consideráveis entre os arminianos; aqui vamos tentar esboçar uma forma bastante moderada do Arminianismo.

Ao contrário Pelagianismo, Arminianismo sustenta que Adão recebeu uma natureza corrupta. Começamos a vida sem justiça. Portanto, todos os seres humanos são incapazes, sem auxílio divino especial, para atender os mandamentos espirituais de Deus. Esta deficiência é físico e intelectual, mas volitivo.

Embora alguns arminianos dizem "culpa" também faz parte do pecado original, não realmente se relacionar com a culpa, mas simplesmente para ser exposto a punição. Desde qualquer culpa e condenação teria recebido através do pecado de Adão é eliminado cedo pela graça, uma doutrina que é uma contribuição especial de volta Arminianismo. Orton Wiley diz: "O homem agora não é condenado pela depravação da sua natureza, embora que a depravação é a essência do pecado; culpado, manter, foi removido por o dom gratuito de Cristo. "Esta graça cedo se estende a todos, e em efeito neutralizar corrupção recebemos de Adão.

Calvinismo

Calvinismo tem prestado mais atenção à questão do pecado original que a maioria das escolas de teologia. No geral, a posição calvinista sobre esta questão é que há uma conexão definitiva entre o pecado de Adão e todos os homens de todos os tempos. De certa forma, o seu pecado não é meramente o pecado de um indivíduo isolado, mas também o nosso pecado. Como eu participo de que o pecado, todos, desde o início da vida, talvez a partir do momento da concepção, recebeu uma natureza corrupta, com o consequente tendência hereditária para o pecado. Na verdade, todas as pessoas são culpados do pecado de Adão. A morte, a pena para o pecado tenha sido transmitida de Adão a todos os homens; que é a prova de culpa de todos. Assim, embora do ponto de vista da Pelágio atribuído a Deus ou a natureza corrupta humana ou culpa, e do ponto de vista de comportamento corrupto Deus Arminian atribuído a eles, mas não culpado (no sentido de responsabilidade), em o regime calvinista Deus que lhes é atribuído tanto como corrupto natureza culpa. A posição calvinista é baseado em uma forma muito séria e bastante literal para entender a declaração de Paulo em Romanos 5: 12-19 que o pecado entrou no mundo através de Adão e morte através de que o pecado, e assim a a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram. Pelo pecado de uma pessoa todos nos tornamos pecadores.

Surge uma dúvida quanto à natureza da conexão ou relação entre Adão e nós, e, portanto, também entre o primeiro pecado de Adão e nossa pecaminosidade. Houve numerosas tentativas de responder a esta pergunta. As duas abordagens principais ver esta conexão em termos de cabeça federal e natural da cabeça.

A abordagem Adam vê a conexão com a gente em termos de cabeça federal está geralmente relacionada com a visão criacionista sobre a origem da alma. Esta é a idéia de que os seres humanos são, por natureza legado físico de seus pais, mas que a alma foi especialmente criado por Deus para cada indivíduo e se junta ao corpo no momento do nascimento (ou em algum outro momento apropriado). Portanto, não fomos psicologicamente e espiritualmente presente em qualquer dos nossos antepassados,

incluindo Adam. No entanto, Adam era nosso representante. Deus fez Adão agir não só no nome, mas também na nossa, de modo que as consequências de suas ações também têm passadas para os seus descendentes. Adam era um teste para todos nós; e como Adão pecou, todos são tratados como culpados e corruptos. Vinculado à aliança entre Deus e Adão, somos tratados como reais e, pessoalmente, teríamos feito o que ele fez como nosso representante. O paralelo entre Adão e nossa relação com nosso relacionamento com Cristo (Rom. 5: 12-21) é significativo aqui. Como não somos realmente certo para nós mesmos, mas são tratados como temos a mesma posição de justiça de Jesus, embora não somos pecadores, pessoalmente, até que nós nos comprometemos nosso primeiro ato pecaminoso, antes disso, já nos trata como se fôssemos a mesma posição que tinha Adam pecadores. Se for retidão impute direito que não é nossa, mas de Cristo, também é certo que imputa o pecado e da culpa de Adão. Ele é tão capaz de agir em nosso nome, como Cristo.

O outro foco principal Adam vê a conexão com a gente como um natural da cabeça (ou realista). Esta abordagem está relacionada com a origem idéia traducianist da alma, pelo qual recebemos a alma da nossa transmissão pais, da mesma forma temos a nossa natureza física. Por isso, estavam presentes em forma germinal ou seminal nossos antepassados; em um sentido muito real, nós estávamos lá em Adão. Sua ação não era apenas um indivíduo isolado, mas toda a raça humana. Embora não estávamos lá individualmente, no entanto, estávamos lá. A raça humana pecou como um todo. Portanto, não é injusto ou inadequado para uma natureza corrupta e culpada de Adão é recebido, e nós estamos obtendo os resultados justos de nosso pecado. Esta é a visão de Agostinho.

Pecado Original: Um modelo bíblico e contemporânea

A passagem chave para a construção de um modelo bíblico e contemporâneo do pecado original é Romanos 5: 12-19. Paulo está dizendo que a morte é a consequência do pecado. Versículo doze é particularmente decisiva ". Portanto, assim como o pecado entrou no mundo por um homem e pelo pecado a morte, assim também a morte se espalhou a todos os homens, porque todos pecaram" Seja qual for o significado exato de estas palavras, Paulo está dizendo que é claro morte tem suas raízes na raça humana por causa do pecado de Adão. Ele também está dizendo que a morte é universal e que a causa disso é o pecado universal da humanidade. No entanto, mais tarde ele disse que a causa da morte de todo o pecado de um homem, Adão, "pela ofensa de um morreram muitos" (v 15.); "Por causa da transgressão de uma morte reinou" (v. 17). O problema é como se relacionar com as declarações que a universalidade da morte veio através do pecado de Adão e que veio através do pecado de todos os seres humanos.

Agostinho compreendeu que ἐφ ᾧ (hō eph ", porque") significava "em que" como o Latin mal traduzido do grego neste momento. Dessa forma, sua compreensão da última frase no versículo 12 foi que estávamos "em Adão", e que, portanto, o pecado de Adão também era nosso. Mas a sua interpretação é baseado em uma tradução inadequada, a frase deve investigar com mais cuidado. Em particular, devemos perguntar o que "todos pecaram."

Tem sido sugerido que a frase final do versículo 12 Paulo está falando do pecado pessoal de todos. Individualmente todos nós pecamos e assim temos contrato com a nossa própria participação pessoal da mesma falha que Adam contraiu com a sua acção. A frase poderia ser traduzido como: ". Desta forma, a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram" De acordo com o princípio de que somos responsáveis por nossas próprias ações e só eles, o significado seria que todos morrem porque todos nós somos culpados, e todos nós somos culpados, porque cada um de nós tem pecado por si só.

Há vários problemas com esta interpretação. Uma delas é a tradução de ἡμαρτον · (hēmarton). Se essa interpretação estiver correta, a palavra seria escrito

corretamente ἁμαρτάνουσιν (hamartanousin),isso denota que algo está acontecendo continuamente. Além disso, o pecado que se refere a "todos pecaram" seria diferente da de "um homem entrou o pecado no mundo", e nos versículos 15 e 17. E, além disso, as duas últimas frases ainda teria de ser explicada .

Não há outra maneira de entender a frase final no versículo 12, uma maneira de evitar esses problemas e fazer o sentido dos versos 15 e 17. O verbo ἥμαρτον é um aoristo simples. Desta vez, geralmente refere-se a uma única ação passada. Se Paulo tinha a intenção de se referir a um processo contínuo de pecado, ele teria estado disponível para os tempos atuais e imperfeitos. Mas ele escolheu o aoristo, e isso deve ser levado em seu valor de face. Na verdade, se considerarmos o pecado de todos os seres humanos e Adam são os mesmos, os problemas que identificamos são feitas muito menos complexa. Portanto, não há conflito entre o versículo 12 e versículos 15 e 17. Além disso, o potencial oferecido pelo versículo 14, onde lemos que "a morte, reinou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram problema na forma do transgressão de Adão ", é resolvido, porque não é imitação ou repetição do pecado de Adão, mas a participação nele que conta.

A última frase no versículo 12 nos diz que de alguma forma estiveram envolvidas no pecado de Adão; em certo sentido, também foi o nosso pecado. Mas o que se quer dizer com isso? Por um lado, ele pode ser entendido em termos de cabeça federal, Adam agiu em nome de todas as pessoas. Havia uma espécie de contrato entre Deus e Adão como nosso representante, então o que Adam fez envolver-nos.No entanto, o nosso envolvimento no pecado de Adão poderia ser melhor compreendido como o cabeça natural. No capítulo 23 nós defendem uma criação especial de toda a natureza humana. Também argumentamos no Capítulo 25 para uma conexão estreita ("unidade condicional") entre os aspectos tangíveis e intangíveis da natureza humana. No Capítulo 26, examinamos vários evidência bíblica de que Deus considerado pessoa, mesmo o feto. Estas e outras considerações apoiam a posição de que toda a natureza humana, tanto física como espiritual, material e imaterial, que recebemos de nossos pais e os nossos mais antigos ancestrais através da descendência do primeiro casal humano. Nesta base, já estávamos realmente presente em Adão, assim que todo o pecado em seu ato. É injusto, então, a nossa convicção e de morte como resultado do pecado original.

Mas aqui está outro problema: a condição de bebês e crianças. Se o raciocínio acima estiver correta, então todos começam a vida com uma natureza corrupta e culpa que é o resultado do pecado. Será que isso significa que, se as crianças morrem antes de tomar uma decisão consciente para receber "a abundância da graça e do dom da justiça" (v. 17), estão perdidos e condenados à morte eterna?

Embora a situação das crianças e aqueles que nunca chegar a competência moral é uma questão difícil, parece que nosso Senhor não considerá-los sob condenação. Além disso, a ele exemplificou o tipo de pessoa que hão de herdar o reino de Deus (Mateus 18: 3; 19:14). David estava confiante para ver seu filho que tinha morrido (2 Samuel 12:23). Com base nestas considerações, é difícil manter um pensa que as crianças são pecadores e estão condenados e perdidos.

No entanto, essa idéia não é baseado apenas em um impulso sentimental. Há várias indicações nas Escrituras que as pessoas não são moralmente responsáveis por um certo tempo, o que é muitas vezes referida Deuteronômio 01:39, Moisés diz que "a idade de responsabilidade." "E vossos pequeninos, que você disse seriam por presa, e vossos filhos que hoje não conhecem nem o bem ou o mal, estes entrarão ali; Vou dar-lhes e eles herdarão. "Mesmo com a idéia hebraica de personalidade e responsabilidade corporativa, essas crianças não foram responsabilizados pelos pecados de Israel. Na profecia messiânica de Isaías 7 há duas referências ao momento em que a criança "saiba rejeitar o mal e escolher o bem" (vv. 15, 16). Finalmente, Jonah cita Deus como dizendo: "E eu não deveria poupá Nínive, a grande cidade, onde estão mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem discernir entre a sua mão direita ea sua mão esquerda, e também muito gado"

(4 : 11). Embora esta seja menos claro a partir do contexto, parece que a referência é a capacidade de distinguir moralmente. Nestas declarações reside o fato evidente de que, até um determinado momento na vida não há responsabilidade moral porque não há nenhuma consciência do que é certo eo que é errado.

Para resumir os principais pontos de doutrina que temos delineado: temos argumentado que a Bíblia, especialmente nos escritos de Paulo, afirma que pelo pecado de Adão todos recebem uma natureza corrupta e é culpado aos olhos de Deus. Além disso, discutimos os termos de Agostinho (a cabeça natural) imputação do pecado original. Nós éramos todos os presentes de forma indiferenciada na pessoa de Adão, que com Eva era toda a raça humana. Portanto, ele pecou não apenas Adão mas toda a humanidade. Todos estavam envolvidos, embora não pessoalmente e são responsáveis pelo pecado. Além disso, temos argumentado que o ensino bíblico de que as crianças não são condenados por Deus por este pecado, pelo menos até que atinjam a idade da responsabilidade em questões morais e espirituais. Agora devemos nos perguntar se a doutrina do pecado original pode conceber e expressar de uma maneira que faz justiça a todos esses fatores.

O Paul paralelo em Romanos 5 empates entre Adão e Cristo a respeito de seu relacionamento com a gente é impressionante. Garante que paralelo que cada um deles tinha tido uma influência sobre nós (assim como o pecado de Adão leva à morte, o ato de justiça de Cristo leva à vida). Quais são as semelhanças? Se, como podemos tendem a pensar, condenação e culpa de Adão somos reconhecidos sem que tenha havido em nosso lado nenhuma escolha consciente deste ato, o mesmo poderia pensar apenas redentora e obra de Cristo. Mas sua morte nos justifica simplesmente em virtude de sua identificação com a humanidade através da encarnação e independentemente de nós fazer ou não uma aceitação pessoal consciente de seu trabalho? E todos os seres humanos são acusados igualmente a graça de Cristo, como eles foram acusados pecado de Adão? A resposta normal dos evangélicos não é; Há muitas evidências de que existem dois tipos de pessoas, os perdidos e os salvos, e que apenas uma decisão de aceitar a obra de Cristo torna este efeito em nossa vida. Mas se isto é assim, a imputação de culpa com base na ação de Adão, mas Adam incluem nós, mas também requerem algum tipo de escolha volitiva? Se não houver nenhum "fé inconsciente", pode ser "pecado inconsciente"? E o que dizer sobre crianças que morrem? Apesar de ter participado nesse primeiro pecado, de alguma forma eles são aceites e guardadas. Apesar de não ter feito uma escolha consciente da obra de Cristo (ou o pecado de Adão), os efeitos espirituais da maldição no seu caso são negados. Embora algumas teologias reter o paralelismo permitindo culpa e justiça de Cristo queixa de Adão inconsciente ou incondicional, parece que qualquer outra alternativa seria preferível.

Meu pensamento atual é: estamos todos envolvidos no pecado de Adão, e, portanto, receber a natureza corrupta que possuía após a queda, e culpa e condenação que foram anexadas ao seu pecado. No entanto, esta questão da culpa e da imputação da justiça de Cristo, deve haver alguma decisão consciente e voluntária de nossa parte. Até que isto é assim, só há uma imputação de culpa condicional. Portanto, nenhuma condenação até que atinjam a idade de responsabilidade. Se uma criança morre antes de ser capaz de tomar decisões morais genuínos, a imputação do pecado de Adão não se tornar realidade, e que a criança vai experimentar o mesmo tipo de existência futura com o Senhor que aqueles que tenham atingido a idade de responsabilidade moral e ter seus pecados perdoados por aceitar a oferta de salvação baseada na morte expiatória de Cristo. O problema da natureza corrupta de tais pessoas é, provavelmente, da mesma forma que a natureza imperfeita dos crentes santificados glorificar.

Qual é a natureza da decisão voluntária apenas a nossa inocência infantil e é a ratificação do primeiro pecado, a queda? A posição sobre esta questão é que não há imputação final do primeiro pecado, até que cometer um pecado nós mesmos, ratificando, assim, o pecado de Adão. Ao contrário da visão arminiana, esta posição sustenta que, no momento do nosso primeiro pecado nos tornamos culpados de que o pecado e *também do*

pecado original. No entanto, há uma outra posição, que é o preferido, pois preserva melhor os paralelos entre a nossa aceitação da obra de Cristo e responsabilidade o primeiro pecado. Somos responsáveis e culpados quando aceitamos ou aprovamos a nossa natureza corrupta. Há um momento na vida de cada um de nós, em que nos damos conta de nossa tendência ao pecado. Naquela época, nós odiamos a natureza do pecado que tem estado presente em nós o tempo todo. Nesse caso podemos nos arrepender disso, e mesmo se sabemos que o evangelho, podemos pedir a Deus perdão e purificação. Pelo menos haverá uma rejeição da nossa condição pecaminosa. Mas, se ceder a essa natureza pecaminosa, estamos dizendo em efeito é bom. Dar o nosso consentimento tácito à corrupção, também estamos aprovando ou dar o nosso consentimento para a ação do Jardim do Éden tanto tempo. Tornamo-nos culpados de que o pecado sem nos comprometermos pecar.

31. A dimensão social do pecado

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar cinco razões pelas quais é difícil reconhecer o pecado social.
- Examinar o conceito de mal de uma perspectiva bíblica.
- Citar e explicar quatro características do mundo como uma força espiritual em oposição ao reino de Deus.
- Delinear o conceito dos poderes que se opõem ao serviço de Deus e de Cristo examinar o papel desempenhado na oposição a estes poderes.
- Interpretar o significado da personalidade coletiva como um transmissor do mal no mundo.
- Identificar três estratégias para vencer o pecado social e sintetizar uma abordagem bíblica para responder ao mal social da sociedade.

Resumo do capítulo

O pecado social é predominante em nossa sociedade e não com o pecado individual. As pessoas que se opõem ao pecado pessoalmente pode ser aprisionado pela natureza coletiva do pecado pelas más ações dos governos, estruturas económicas ou outras formas de participação coletiva. A Bíblia identifica o mal que vem através das potências mundiais e a personalidade coletiva que participa da maldade da sociedade tanto crentes e não crentes. Nossa esperança está em Cristo, que venceu o mundo. Mas é necessário que nós também ser pró-ativa quando se trata de se opor ao pecado social encontrar estratégias para responder ao pecado social.

Questões de estudo

1. Por que eles acham tão difícil para os cristãos a reconhecer o pecado social da sociedade?
2. Qual o papel que o cosmos em o mal social? O que os cristãos podem ter confiança no meio de um mundo pecaminoso?

3. Quais são os poderes, como identificado nas Escrituras, e que papel eles desempenham no pecado da sociedade?
4. O que o autor quer dizer com personalidade coletiva e como ele contribui para o domínio do mal na cultura?
5. Como os cristãos podem responder ao mal coletivo? Que estratégias podem ser usadas? Quais os critérios que determinam a adequação das estratégias?
6. Por que é importante para compreender os aspectos coletivos do pecado e da sua natureza onipresente em nossa sociedade?

A dificuldade de reconhecer o pecado social

O ensinamento bíblico

O mundo

Os poderes

Personalidade coletiva

Estratégias para superar pecado social

Regeneração

Reforma

Revolução

Para a maior parte, o pecado que nós temos falado sobre até agora é o pecado individual: ações, pensamentos e disposições que caracterizam os seres humanos individuais. Pecado individual tem sido muitas vezes o foco de atenção dos cristãos evangélicos. Pecado e da salvação são considerados assuntos relacionados estritamente ao ser humano individual.

No entanto, as Escrituras também fazem referências freqüentes ao pecado do grupo ou pecado coletivo. Um caso é o contexto de Isaías 1:18, um texto que é muito citado nos apelos evangelísticos: "Vinde, pois, diz o Senhor, e argüi-me: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã "é instrutivo apreciar os cursos de ação que o Senhor prescreve nos dois versos que precedem imediatamente" lavar e fazer-se limpos;. tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos , deixam de fazer o mal, aprendei a fazer o bem;. buscar o direito, eles impediram a opressão, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva "É claro que Deus está falando sobre as condições opressivas que a responsabilidade para a sociedade .

A dificuldade de reconhecer o pecado social

Aqui nós temos um paradoxo. Podemos ser muito sensíveis ao desagrado de Deus pelos nossos pecados individuais mas deixe muito menos consciente da pecaminosidade de um grupo a que pertencemos. Por isso, algumas pessoas que nunca pensariam de matar outro ser humano, para tomar a propriedade dos outros ou trapacear em um negócio pode ser parte de uma corporação, ou classe que nação realmente faz fazer coisas. Essas pessoas contribuem para esses males mediante o financiamento (através de impostos ou taxas), a aprovação direta (voto) ou acordo tácito (não discordar ou expressando oposição). Existem várias razões para este fenômeno estranho:

1. Nós não nos sentimos inclinados a considerar como suas próprias obras que não têm uma eleição muito ativa. O líder ou decisor é outro; nós simplesmente aceitar o que está feito. Nós somos muito menos consciente da responsabilidade de certas coisas a ocorrer, como teria ocorrido mesmo se nós não fizemos parte do grupo.

2. pode also're tão condicionados pela nossa participação em um grupo que a nossa própria percepção da realidade é colorido por ele. Se, por exemplo, que são brancos, nós podemos nunca nos colocar na situação de homens de cor. Esta condição é tão sutil e profunda que nós pode não perceber que uma questão pode ter uma perspectiva diferente,

ou que não podem nem mesmo perceber que não há tal coisa. Pense na frase que diz que disse Marie Antoinette, quando ela foi informada de que o povo não tinha pão para comer ". Bem, deixe-os comer o bolo" nunca lhe ocorreu que as pessoas eram tão pobres que, se eles não podiam dar ao luxo de comprar pão muito menos bolos.

3. Podemos reconhecer grupo egoísmo porque ele pode realmente ter na generosidade individual. Como observado no Capítulo 27, embora haja uma tendência a considerar que o pecado é basicamente egoísta, na verdade, nós podemos ser muito generosamente. Você não pode saltar para fora (pelo menos palpável ou directo) da ação específica de um grupo a que pertencemos. Isso pode nos cegar para o fato de que o grupo pode estar agindo de forma egoísta. Portanto, o nosso sacrifício ea generosidade para o bem do grupo pode ser visto como uma virtude, mas na verdade nós poderíamos estar se beneficiando indiretamente. Nossa generosidade pode ser uma forma sofisticada de sublimação está fazendo um sacrifício a curto prazo para um benefício a longo prazo.

4. Nossos excessos pode ser muito menos óbvio para nós, porque somos parte de um grupo. Olhe em algum momento o comportamento público de um computador local em um evento muito disputado. Há uma ousadia uma leviandade e ostentando em nome da equipe que, provavelmente, muito poucas pessoas iria mostrar por e para si mesmos. As pessoas que não mostram atitudes de superioridade por si mesmos como indivíduos, podemos mostrar-lhes sobre o seu país ou igreja.

5. Quanto mais somos do verdadeiro mal, o menos real que parece. Portanto, nós nos consideramos menos provável responsável. Muitos de nós acham difícil olhar diretamente para um soldado inimigo, com uma arma mirar e atirar, e nós estaríamos vendo a pessoa que você está atirando e os resultados de nossa ação. No entanto, não parece tão difícil para lançar uma bomba ou atirar uma peça de artilharia, situações em que não veríamos as vítimas ou os resultados de nossas ações. Na verdade, se nós tivéssemos uma posição como um contador nas armas produzindo fábrica, que seria ainda menos responsável e culpado. Se pessoalmente representar um produto ou lei falsa ruim, nos sentimos mal sobre o que fizemos. No entanto, se somos acionistas de uma empresa que faz exatamente isso, provavelmente não terá dificuldade para dormir. Em muitos casos, não sabemos o que o grupo de cidadãos, accionistas ou sócios que realmente pertencem, e de que maneira podemos contribuir para o pecado, mas sem realmente estar ciente disso ou nenhum senso de responsabilidade.

O ensinamento bíblico

O mundo

A Bíblia ensina que o mal é um estado separado e independente da vontade humana individual, subsiste por si só, de forma organizada ou estruturada. Ocasionalmente nós nos referimos a esta situação como "o mundo". A palavra grega original aqui é κόσμος (Kosmos). Às vezes, este termo refere-se ao objeto físico, a terra. Às vezes, refere-se a toda a população da raça humana, e todas aquelas outras pessoas que habitaram a Terra em um ponto de tempo. Mas há outras referências nas quais κόσμος designa uma força espiritual, a antítese, por assim dizer, do reino de Deus. Ele é a própria encarnação do mal. Este conceito é particularmente nos escritos de John e Paul, mas podem ser encontrados em outras partes do Novo Testamento também.

Há muitas referências a inimizade, hostilidade e oposição que mostra o mundo a Cristo, o crente e da igreja. Jesus disse: "Não pode o mundo vos odeia; mas ele me odeia porque eu testemunho de que as suas obras são más "(João 7: 7). "Se o mundo vos odeia, sabe que me odiou a você. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria seu próprio; No entanto, porque não sois do mundo, mas eu vos escolhi do mundo, por isso o mundo vos odeia "(Jo. 15: 18-19). A mesma idéia é repetida na oração sacerdotal de Jesus para seus discípulos (Jo. 17:14).

Paulo diz que o mundo eo crente entender as coisas completamente diferentes. As coisas de Deus são loucura para o mundo (1 Cor 1:21, 27); eles são fracos e desprezível no mundo (v. 28). Deus, porém, tornou louca a sabedoria do mundo (1 Cor 1:20; 3:19). Isso ocorre porque existem diferentes "espíritos" envolvido. "Mas Deus nos deu o Seu Espírito, podemos perceber que Deus, na sua bondade, fez por nós" (2:12). As coisas e os dons do Espírito não são recebidos (δέχομαι - *dechomai*) pelo "*nenhum homem espiritual*", porque eles devem ser discernem espiritualmente (v. 14). Uma pessoa como eles são tão estranho, não pode (ou não) aceitar.

A idéia da incapacidade de perceber ou compreender também ser encontrado nas palavras de Jesus sobre o mundo que você não está recebendo dele ou do Espírito. Jesus prometeu a seus discípulos "o espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; Mas você sabe, porque ele habita convosco e estará em vós" (Jo. 14:17). Depois de um curto período de tempo o mundo nunca iria vê-lo, mas ele se manifestaria aos seus discípulos e que iria reconhecê-lo (vv. 19, 22). Isto é consistente com o fato de que o mundo não sabia nem o Pai (Jo 17:25.) Nem o filho quando ele veio (Jo. 1: 10-11).

O mundo às vezes pode produzir efeitos superficialmente semelhantes aos produzidos por Deus, mas os dois têm resultados muito diferentes. Paulo fala de uma carta dele que tinha afligido o Coríntios, mas que pena levou-os a arrepender-se porque sentiram uma tristeza segundo Deus. Em seguida, ele acrescenta: "A tristeza opera arrependimento para a salvação, que não arrependimento; mas a tristeza do mundo produz morte" (2 Coríntios 7:10).

O mundo representa uma força organizada, um poder ou ordem que é o contraponto ao reino de Deus. Paulo em Efésios 2 descreve a estrutura que controla o incrédulo. Os efésios tinham sido mortos em nossos delitos e pecados ", em que você andou uma vez, seguindo o curso deste mundo, seguindo o príncipe do poder do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência" (v. 2). Em seu estado anterior "Entre os quais também todos nós, ao mesmo tempo, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais" (v. 3). Há uma ordem que permeia o mundo, a estrutura e as regras que afetam a humanidade. Esta ordem também é chamado de "espíritos elementares" (Colossenses 2: 8). Paulo instou os colossenses a não se deixe enganar por esses elementos do mundo ou "aqueles filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens." Tendo morrido com Cristo a esses espíritos elementais, Colossenses não deveria agora sujeitos a estes forças, vivendo como se ainda pertencia ao mundo. Esses espíritos elementais são os princípios de funcionamento de acordo com o que o mundo é governado. Paul também escreve aos Gálatas sobre eles anteriormente "servido aqueles que por natureza não são deuses" e, em seguida, pede-lhes como eles agora sei que Deus pode dar a volta novamente e se tornar escravos dos rudimentos fracos e pobres "(Gal. 4: 8-9).

Este κόσμος sistema ou mal é controlado pelo diabo. Já observamos isto em referência de Paulo ao "príncipe das potestades do ar" (Ef. 2: 2). João escreveu que "o mundo inteiro jaz no Maligno" (1 Jo. 5:19). Pouco antes de sua traição Jesus disse a seus discípulos "o príncipe deste mundo" (Jo. 14:30). Atrás e em certo sentido, acima de todas as autoridades que exercem um controle no mundo, há um poder muito maior; eles são apenas os seus agentes, talvez inconscientemente. Satanás é realmente o líder deste domínio. Portanto Satanás oferecendo a Jesus todos os reinos do mundo (Mateus 4: 8-9) não era infundado ou excessivamente presunçoso. Esses reinos estão sob a sua jurisdição, embora eles não são realmente seu e será lançado um dia controlar agora trabalha como um usurpador.

Tão ruim quanto o inferno é este mundo que é a própria encarnação de tudo o que polui corruptos e aqueles que caem sob a sua influência e controle. Jesus disse que não é deste mundo, e não dele. Ele contrasta-se com os judeus: "Vós sois de baixo, eu sou de cima; Vocês são deste mundo, eu não sou deste mundo" (Jo. 8:23). O reino de Jesus não

é deste mundo (Jo. 18:36). Ao contar esta a Pilatos, Jesus certamente quis dizer que seu reino seria estabelecido na terra naquele tempo. Mas haverá um futuro reino terreno de Deus, parece que Jesus tinha outra coisa em mente, isto é, o seu reino obtém sua energia a partir de uma das forças terrestres que lutam por ele.

Jesus proclamou e provou que ele estava separado de atitudes e práticas do mundo ruins. Seus seguidores têm de fazer o mesmo. Santiago enumera os critérios positivos e negativos da verdadeira religião: "A religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo" (Tiago 1:27.). Há uma mentalidade de base associado a ser o mundo: "Não sabeis vós que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus" (Tiago 4: 4). Como inimizade com Deus está colocando a si mesmo. A orientação egoísta daqueles no mundo é tão em desacordo com o reino de Deus que fere qualquer frase que poderia oferecer: "Você pergunta, mas não recebeis, porque pedis mal, para gastar em seus prazeres" (Tiago 4: 3). A incompatibilidade total entre o reino de Deus eo mundo que nos lembra da declaração de Jesus que não se pode servir a dois senhores (Mateus 06:24). Os dois são antitéticas entre si.

Talvez o mais afiado aviso é encontrada em 1 Jo. 2: 15-17. Aqui João envia os leitores não ama o mundo ou as coisas do mundo, para aqueles que amam o mundo não têm o amor do Pai (v 15).. "Para tudo há no mundo - a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos ea soberba da vida - a partir do Pai, mas do mundo" (v. 16). O aviso é simples, porque é o destino eterno da questão: "O mundo está passando, e os seus desejos, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre" (v. 17). A pessoa que ama o que é transitório, também passará. Aquele que coloca sua lealdade para com o que é permanente também permanecem para sempre.

O crente, no entanto, não ser limitada para evitar o mundo. Esta seria uma abordagem muito negativo e derrotista. Como Cristo voluntariamente veio à terra, o crente deve voluntariamente exercer justiça e manifestar perante o mundo, que a sua escuridão se dispersa. Paulo exortou os Filipenses a ser "crianças inocentes e inocentes, de Deus sem culpa em uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo" (Fp. 2:15). Isto não é diferente para o comando de Jesus a seus discípulos para "resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt. 5:16). No entanto, sabemos que muitas vezes quando a luz veio ao mundo, os homens preferiram as trevas porque a luz revelou suas más obras (Jo 3: 19-21.). Portanto, os crentes devem esperar rejeição e até hostilidade e oposição à luz que exibem.

No entanto, o testemunho da Escritura também deixa claro que o mundo está condenado; Seu julgamento já aconteceu, mas será implementado no futuro. O crente não precisa e não ser superado pelo mundo. João diz que o espírito do anticristo, do qual existem muitas manifestações do mundo, "Crianças, vocês são de Deus e os venceram, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo. Eles são do mundo; por isso falam das coisas do mundo eo mundo os ouve" (1 Jo. 4: 4-5). Com fé é o que vence o mundo. "Por que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é que vence o mundo senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus? (1 Jo. 5: 4-5).

O uso da palavra *derrota* sugere que os seguidores de Jesus não tem que esperar para a sua tarefa fácil. Além disso, ser odiado pelo mundo é um sinal de que você pertence a ele e não ao mundo: "Se o mundo vos odeia, sabeis que me odiou a vós" (Jo 15:18.). Ele alerta e incentiva o tempo: "No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" (João 16:33.). Em certo sentido, o acórdão do mundo já teve lugar, porque Cristo diz em João 12:31: "Agora é o juízo deste mundo; Agora o príncipe deste mundo será expulso. "Que este julgamento foi realizado através da morte de Cristo torna-se claro nos

versos seguintes, onde ele fala de ser levantado do chão e atrair todos a si mesmo (vv. 32-33).

O mundo já foi julgado também é evidente nos escritos de Paulo. Ele diz que os crentes são corrigidos pelo Senhor para não sermos condenados com o mundo (1 Cor 11:32). Ele também argumenta que os crentes não devem tomar suas diferenças para tribunal para julgar os descrentes, porque santos algum dia vai julgar o mundo (1 Coríntios 6: 2). O que foi alcançado com a morte de Cristo será revelado em algum momento no futuro.

O crente não tem que estar sob o controle deste mundo. Seu poder sobre o crente está quebrado. Isso está ligado à morte de Cristo, o crente se identifica com Cristo na sua morte vitoriosa. Paulo escreve: "Deus me livre de glória, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gálatas 6:14.). O que foi realizada na cruz e que um dia você pode enfrentar será concluído pelo menos em parte agora crentes.

Resumindo o que encontramos em nossa revisão dos ensinamentos bíblicos sobre o mundo:

1. O mundo como um sistema organizado de força espiritual é um fato. Ele é a própria encarnação do mal. É uma entidade estendida que existe independentemente dos seres malignos individuais; É a estrutura de toda a realidade contrário a Deus. É uma maneira de pensar e de um quadro totalmente diferente de referência e oposição a Cristo e seus discípulos.

2. O mundo está sob o controle de Satanás. Apesar de ter sido criada para servir a Deus, agora é o reino de Satanás. Ele é capaz de usá-lo e usar seus recursos para cumprir seus propósitos e se opor a Cristo. Os indivíduos e as instituições estão a exercer influências negativas neste mundo não são a melhor fonte de mal que ocorre. Após esta questão é a atividade de Satanás. Às vezes, essa atividade pode assumir a forma de possessão demoníaca, mas é geralmente mais sutil.

3. O mundo está claramente errado. Ele tem a capacidade de corromper tudo o que toca. Assim, os cristãos devem evitar cair sob a sua influência. Assim como Jesus não era deste mundo, os cristãos não devem fazer parte dela. simplesmente para evitar certas ações mundanas não tratada. É um conjunto de atitudes e valores diametralmente diferentes.

4. Por que o sistema poderoso e líder do mundo estão condenados. A derrota do mundo já foi determinada. Em um sentido espiritual, o mundo foi julgado no tempo de Cristo e através de sua morte e ressurreição. Algum dia ele vai ser realmente julgados diante do trono de Deus. Na verdade, os próprios crentes serão envolvidos no julgamento do mundo, para que eles não devem ser submetidos para o mundo de hoje.

Os poderes

Uma análise mais aprofundada sobre o tema geral do pecado coletivo é o conceito paulino de "poderes". Embora tenha sido negligenciada durante muito tempo, recentemente tomou bastante consideração. Hendrikus Berkhof feito o primeiro tratamento importante sobre o assunto, que já foi seguido por vários outros estudos acadêmicos.³

A idéia de que o mundo eo que acontece lá são o resultado de algumas forças invisíveis em que recebeu atenção suficiente no mundo helênico de Paul. Nos escritos apocalípticos judaicos esta idéia tomou a forma de um amplo esboço de angelology. Ao abrigo deste regime, há várias classes de anjos (por exemplo, tronos e principados), cada classe ocupa um nível diferente do céu. Alguns pensadores judeus acabaram se preocupar quase que exclusivamente pelos anjos e sua influência sobre os acontecimentos terrenos. Como resultado, houve dois crença bastante comum na cultura de Paulo como

anjos ("poderes"): (1) eles eram seres espirituais pessoais; (2) influenciado eventos terrestres, especialmente na natureza.⁵

Paul trabalhou com o contexto judaico, mas fez alterações significativas, indo além das concepções normais de adaptação (em vez de adotá-las). Embora os termos utilizados foram familiar para seus leitores, não devemos supor que estes termos usado com o sentido usual. Por exemplo, em Romanos 8: 38-39 distinguir entre poderes e os anjos: "Porque eu estou bem certo de que nem morte nem vida, nem anjos, nem os principados, nem as potestades, nem coisas presentes, nem coisas para vir, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor. "anjos, principados e potestades são tratados aqui como entidades separadas. Eles são todas as realidades criadas aparentemente capaz de controlar ou dominar nossas vidas.

O uso de Paulo do termo στοιχεῖα (*stoicheia* - "princípios básicos") em Colossenses 2: 8 e 20 é uma indicação de que o conceito de poder é um pouco mais impessoal do que o conceito judaico, mantendo eles são anjos ponto. Aqui em Colossenses 2, o termo literalmente refere-se às letras do alfabeto, designado princípios elementares ou rudimentares da ordem do universo. Estes "poderes e autoridades" (v. 15) exercer controle sobre as pessoas do mundo (v. 14). Fale regulamentos comportamento (muitas vezes religiosa). Embora seja difícil determinar se Paul pensou que estes poderes foram de alguma forma entidades pessoais, claramente ele não identificado como anjos. As realidades são criadas que dão para a sociedade e que são capazes de ter um efeito construtivo ou prejudicial.

Como realidades criou os principados e potestades não são ruins em si mesmas. Eles são especificamente mencionados em Colossenses 1:16 entre "todas as coisas" criadas por Cristo e para Cristo. Assim, uma parte do plano de Deus para a criação. Berkhof fala da criação tem um primeiro plano das coisas físicas plano visível e invisível, os poderes, que foram criados como instrumentos do amor de Deus, como as relações entre Deus eo homem. "Como auxiliares e indicadores para o serviço de Deus, constituem o quadro em que deve realizar esse serviço." Eles são princípios de modo a tentar evitar a queda criação no caos.

No entanto, o declínio afetou toda a criação. Não só os membros humanos individuais de criação são agora separado e à parte de Deus, também os poderes para organizar e influenciá-los. Paul acredita que os poderes são agora aliados com Satanás, a realização de seus propósitos em todo o mundo. Isso se expressa bastante clara e forma direta em Efésios 6:12: "Porque não temos que lutar contra a carne eo sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade nas regiões celestial. "Por trás das estruturas e instituições da sociedade e da cultura visíveis, as forças do mal estão no trabalho usar esses poderes invisíveis para escravizar e oprimir os crentes para atacar e prejudicar.

Quando Paulo em Colossenses 2 discute as relações humanas com os principados e potestades, sublinha que Cristo é o Criador e Senhor, mesmo daquelas realidades. No entanto, os Colossenses, têm mostrado nenhuma inclinação para considerar essas estruturas e regulamentos como fins em si mesmos, ídolos por assim dizer, e não como um meio para facilitar a sua relação com Cristo. Esta é a idéia principal de discussão de Paulo sobre a prática de comer e beber, cultos e feriados (vv. 16-19). Poderia ser a expressão de um código moral, ideologia política ou filosófica, grupo nacional ou racial, ou algo similar. O problema é que o que foi originalmente concebida como um meio de se relacionar com homens que Deus acabou se tornando um obstáculo que os separa de Deus.

Paulo não nos dizer muito sobre as formas específicas em que os poderes aparecem. No entanto, o que está claro é que as forças do mal pode usar qualquer um dos padrões de uma sociedade de influenciar os pensamentos e ações dos membros dessa sociedade. John Yoder sugeriu que esses padrões incluem ambas as estruturas intelectuais

(gias ou ismos) e moral (a tirania, o mercado, a escola, os tribunais, raça e nação). Sempre que o controle ou pelo menos influenciar os seres humanos são poderes. O termo *estrutura* é apropriada, porque o padrão usado por forças do mal é a mesma forma e estrutura dentro da qual uma pessoa trabalha. Eles têm a sua influência antes ou a um nível inferior a influência ea escolha consciente. Essencialmente, o indivíduo não é realmente conscientes de sua influência. Ele pode não estar ciente de que existem outras opções viáveis.

É essencial para apontar o que é dito na Bíblia sobre como Cristo e sua obra tem lidado com os poderes. Paul é muito clara sobre isso em Colossenses 2: 13-15: "E você, sendo morto em seus pecados e na incircuncisão da vossa carne, Deus fez a vida juntamente com ele, perdando todos os pecados. Havendo riscado a cédula de ordenanças que era contra nós, que era contrário a nós, e para fora do caminho cravando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades e fez um show deles abertamente, triunfando sobre eles na cruz. "Cristo ganhou uma vitória sobre os poderes, exorcizando eles e sua capacidade de dominar os humanos. Cristo fez isso de três formas:

1. Cristo desarmou os poderes; sua força é agora neutralizado. As reivindicações destes regulamentos que os seres humanos devem ser e fazer já não têm qualquer força. Porque com a sua morte e ressurreição, Cristo fez por nós o que nos é pedido. A lei pode, portanto, exigir nada mais. Grande parte da força do mal reside em uma ilusão sobre o que os seres humanos devem fazer, e agora que o engano foi descoberto.

2. Cristo tornou um exemplo público dos poderes. Ele revelou sua verdadeira natureza e função. Anteriormente, eles pareciam ser realidades últimas do universo, os deuses que governam o mundo. Sua vitória deixou claro que este é um grande engano. É óbvio que os poderes de fato são contra o plano de Deus e agir contra ela. A capacidade de perverter o pecado é tão grande que os seres humanos podem acreditar que estão fazendo a vontade de Deus, quando, na realidade, suas ações são contra. Mantendo a lei, que já foi pensado para ser a essência da vontade de Deus para nossas vidas, agora visto como potencialmente comprometer a nossa confiança na graça de Deus (cf. Gal 3: 1-5.).

3. Cristo triunfou sobre os poderes. Existem duas dimensões a este triunfo. Em primeiro lugar, a mesma morte de Cristo foi a expressão suprema de más intenções e esforços das autoridades, que se tornou agora, ironicamente, no meio de seu fracasso. Em segundo lugar, ele triunfou sobre os poderes desarmá-los e exhibi-los publicamente.

No entanto, isso não sugere que a vitória sobre os poderes e seu exílio foi totalmente produzido. Ainda há muito a ser feito no futuro. Como Paulo escreve em 1 Coríntios 15:24: ". Então [na vinda de Cristo] o fim, quando ele entregar o reino a Deus o Pai, quando houver destruído todo domínio, e toda autoridade e poder" O último inimigo a ser destruído é a morte (v. 26). Mas Paulo também diz que a morte foi tragada pela vitória (vv. 54-57). E o que é verdade para a morte também é para o resto dos inimigos. O próximo lançamento da criação de seus títulos está em andamento (Rom. 8: 18-25). Podemos pensar na vitória sobre os poderes como "já, mas não ainda." Com a sua morte, Cristo já conquistou e destruiu esses inimigos. No entanto, a plena implementação de fato ainda não foi feito ou experimentado.

Eles podem utilizar numerosas analogias. Berkhof, que viveu na Holanda durante a Segunda Guerra Mundial, recorda que durante o "inverno fome" de 1944-45 os nazistas tinham sido derrotados, mas eles ainda eram capazes de oprimir os holandeses. Assim, enquanto a queda dos poderes já garantiu, ainda oprimem os fiéis.

Personalidade coletiva

Também é importante compreender pecado social o conceito bíblico da personalidade coletiva. Em particular na história da nação de Israel, as ações dos indivíduos não consideradas isoladamente entre as ações do grupo. Embora por vezes, as ações de um subgrupo é separada do resto da nação (como no caso de Core e aqueles que rebelou com

ele), em outras vezes todo o grupo sofreu das ações de um ou alguns. Um exemplo é encontrado em Josué 7. Por causa do pecado de Acã, trinta e seis homens morreram em Israel. Hai, três mil homens fugiram e toda a nação sofreu a humilhação da derrota. Quando o ladrão foi descoberto, ele não só foi apedrejado, mas também fez o mesmo com sua família. O princípio de que um grupo inteiro está ligado às ações de um de seu grupo não era incomum em outros países também. Golias e David lutaram uns contra os outros, sabendo que os resultados de suas lutas individuais determinar o resultado do conflito entre as suas nações.

Paulo desenvolve a idéia da personalidade coletiva de forma mais marcante em sua discussão sobre o efeito do pecado de Adão sobre toda a raça humana. Através do pecado uma pessoa veio para a raça humana, e pelo pecado a morte, e esta morte se espalhou a todos os homens (Rom. 5:12). Não estão interligados no caráter raça humana, de modo que não operam isoladamente. O pecado de Adão trouxe o julgamento, sofrimento e morte para cada pessoa que já viveu.

Curiosamente, muitos sociólogos modernos e outros cientistas do comportamento nos dizem que não podemos separar o indivíduo e suas ações na empresa como um todo. As decisões e ações de nossas vidas, estamos sempre trabalhando dentro do contexto da sociedade e estamos condicionados por suas realidades. De muitas maneiras, as realidades sociais afetam ou governar o cristão neste mundo. Em algumas dessas influências estamos cientes de qualquer outro.

A influência social afeta todos os indivíduos simplesmente assim as realidades políticas da vida. Pense sobre a vida em uma democracia política. Apesar de todos os cidadãos do país têm uma palavra a dizer no final é o mais imponente e dominante. Se o governo decidiu sobre algo que algumas pessoas discordam, por razões éticas, eles têm pouca escolha na matéria. Eles podem expressar seu desacordo através de várias formas de protesto, mas estes são susceptíveis de ter um efeito limitado. O país vai continuar com suas políticas em matéria de armas militares, racial e tratamento ambiental, independentemente de essas convicções. E vai usar seus dólares de impostos para financiar essas ações. Nós realmente não temos escolha, a não ser que você está disposto a enfrentar a punição e prisão. Em outras palavras, poderíamos ser forçados a contribuir para o que é contrário às nossas convicções morais. Em alguns casos, o governo pode realmente ser opor à prática da fé de um cristão. Embora este foi certamente verdade para aqueles que vivem em sociedades opressivas fascistas ou comunistas, ele também pode ser verdade, de uma forma mais limitada, em qualquer outro sistema de governo.

Nossas vocações também pode impor certas restrições ou limitações. Podemos encontrar em uma indústria tão arraigados certos fatores que são difíceis de evitar práticas pecaminosas ou antiéticos.

Podemos também certas escolhas morais que enfrentamos em que não há nenhuma boa maneira de agir. O melhor que se pode fazer é escolher o menor de dois males. Claro que isto é triste lembrança do quão longe nosso mundo é um mundo caído e quebrado, torceram e distorceram diferente do que Deus originalmente destinado a ser. Às vezes, além disso, você pode resolver ou aliviar um problema apenas à custa de agravar outra. Tomamos nossas decisões morais dentro de muitos contextos possíveis, sobre os quais temos pouco ou nenhum controle. Eles representam muito real para nossa liberdade e nossas escolhas como indivíduos limitações.

As nossas decisões morais também pode ser limitada a estruturas intelectuais. Cada um de nós está exposto a diferentes graus a um conjunto de ideologias que diferem em seu grau de absolutismo. Eles dão nossas mentes um ângulo particular. Alguém que cresceu em uma sociedade que pensa que uma determinada raça é superior a outra pode ter dificuldade em perceber as coisas de forma diferente. Um indivíduo pode muito bem acreditar que ele tem justificação suficiente para o preconceito. Ação discriminatória ou exploradores pode parecer natural e apropriado. Da mesma forma, a influência

condicional de nossa igreja, grupo religioso ou nação pode limitar severamente a nossa perspectiva e afetar adversamente nossas ações em todas as esferas da vida.

As influências da família também impor limites à liberdade moral pessoal. Uma das frases mais curiosas da Escritura é a afirmação de que Deus visitará os pecados dos pais sobre os filhos (Ex. 20: 5). Isso pode ser tomado como uma promessa de Deus vingança maldosa sobre os descendentes dos antepassados inocentes culpados. Em vez disso, deve ser tomado como uma declaração de que os padrões de ação pecaminosa e suas conseqüências são passadas de geração em geração. Esta transmissão pode ser genética, hereditária. Ou pode ser ambiental, ou seja, a partir da amostra ou condicionamento. Padrões de comportamento Inúmeros são repetidas geração após geração. A maioria dos abusadores de crianças, por exemplo, já foram abusadas por seus pais. E alcoolismo é freqüentemente reproduzidas nos filhos.

Mesmo a presença da doença na raça humana pode levar a uma má ou promovê-lo. Por exemplo, uma população com uma praga de vermes generalizadas não têm a energia, determinação e capacidade para combater outros problemas sociais.

O simples fato de viver onde vivemos contribui poderosamente para vários males dos quais não temos conhecimento. Quantas pessoas, por exemplo, a desperdiçar seus recursos em luxos e exigir a carne de melhor qualidade perceber quantas pessoas estão sendo negado uma dieta adequada, como resultado? Para a maioria de nós, se vivemos entre os menos afortunados economicamente, provavelmente seria coisas difíceis nos com alimentos que poderiam ser usadas para mantê-los vivos. No entanto, como existem vários milhares de quilômetros de distância, nós não sentimos a impropriedade do nosso estilo de vida. Apenas nós não pensamos sobre o que nossas ações estão fazendo o ecossistema total que essas outras pessoas também fazem parte.

Deve ficar claro que estamos condicionados e severamente limitado pelas realidades sociais. A situação social particular em que nos encontramos involuntariamente - incluindo o sistema familiarizado política e econômica, e nosso contexto intelectual, mesmo a localização geográfica em que nascemos - contribui inevitavelmente a más condições e em alguns casos o pecado inevitável. O pecado é um elemento desta estrutura social que o indivíduo não pode escapar.

É importante que esta ver no contexto da queda. A história em Gênesis 3 enumera maldições específicas que ocorrem após a queda, ou talvez devêssemos dizer aspectos específicos da maldição. A natureza difícil da obra, cardos e espinhos, e a natureza perturbadora de nascimento são mencionados. No entanto, parece provável que esta lista não é exaustiva. A Maldição do curso inclui estas coisas, mas não há nenhuma razão para acreditar que eles são os únicos. Pode também incluir o tipo de estruturas sociais que descrevemos aqui. Em Romanos 8: 18-25 Paulo fala da natureza cósmica do pecado. Toda a criação foi submetido a futilidade (v. 20). Ele está aguardando o momento em que "ser libertada da escravidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Nós sabemos que toda a criação geme e sofre as dores de parto, até ao presente" (vv. 21-22). Se o pecado da humanidade distorceu toda a criação, é claro as suas estruturas sociais estão incluídos.

Estratégias para superar pecado social

Se aceitarmos que precede que há uma dimensão do pecado e do mal que vai além de indivíduos ou seres humanos individuais, nós temos que determinar qual a abordagem deve ser tomado durante a tentativa de tratar o pecado coletivo. Aqui encontramos diferenças consideráveis de opinião.

Regeneração

Uma abordagem considera a dimensão social do pecado apenas como a combinação de pecados individuais. Por conseguinte, os problemas sociais não será resolvido por tratamento da sociedade. Uma vez que a direção da sociedade é determinado pelas mentes e vontades dos membros que constituem a alteração da sociedade ocorrem apenas mudando os indivíduos que a compõem. Esta é a estratégia de regeneração que, em si, é uma forma de utopia. Porque ele diz que se todas as pessoas na sociedade são transformadas, a própria sociedade será transformada.

Enfatizando essa ideia é a crença profunda no pecado humano e depravação. Melhorar as circunstâncias externas ou o ambiente não vai mudar a pessoa interior corrupto. E sem a transformação interior, a condição pecadora da sociedade simplesmente retornar.

Há também uma ênfase no indivíduo. Cada pessoa é uma entidade única, que contém em si mesmo e é capaz de fazer escolhas livres, quase não afetada pelas condições da sociedade. A unidade da moralidade é a pessoa individual. O grupo não é uma entidade orgânica com suas características próprias, mas uma coleção ou conjunto de indivíduos.

A abordagem de adotar e praticar esta estratégia é muito evangelística. Impelem as pessoas a tomar uma decisão e mudar o rumo de suas vidas. Muitas vezes, é também coloca uma forte ênfase na comunhão cristã. Isto pode assumir a forma de grupos sociais muito intensas dentro da igreja organizada. O principal compromisso é com o grupo cristão, e a função básica disso é que não há apoio mútuo entre os membros. Portanto, pode haver uma tendência para dar-se envolver com o mundo. Outros defendem os envolvidos na sociedade, por exemplo, trabalhando no sentido de ajudar profissões. No entanto, geralmente essas pessoas são mais orientados para a segurança social (facilitando as condições resultantes de uma estrutura social defeituosos) em direção a uma ação social (alterando as estruturas que causam problemas). Deve notar-se que os grupos que seguem esta estratégia, para a qual eles são geralmente conhecidos como evangélicos, são o segmento de Cristianismo que está a crescer mais rapidamente, não só em os EUA, também na América Latina e África.

Reforma

Outras estratégias têm em comum a crença de que os problemas são maiores do que as vontades dos seres humanos individuais e deve ser tratado usando uma regeneração / base mais ampla de conversão única. Eles são alterar diretamente as estruturas da sociedade. Existem várias possibilidades.

A possibilidade de que mais frequentemente defende está mudando a forma política da sociedade através de canais políticos. A sociedade deve ser reestruturada escolher legisladores aprovar leis para mudar as condições indesejáveis. O mal tem que ser ilegal. Conformidade com essas leis vai mudar as condições que constituem o mal estrutural. Essa visão pode ser chamado a abordagem ou estratégia de reforma. Baseia-se na ideia de que a estrutura do grupo, o que pode ser tão ampla quanto a sociedade em geral, tem-se uma realidade diferente da vontade dos membros individuais. Portanto, a estrutura não pode ser mudado simplesmente mudando os indivíduos que o constituem. Mas, por outro lado, não há qualquer garantia de que os indivíduos se irá alterar a estrutura, pelo menos, as condições ou situações em que se movem, seja alterada.

Às vezes, são utilizados diferentes meios de reforma política. Estas podem ser as pressões econômicas, como diferentes formas de boicote. Os negros se boicotar os ônibus em Montgomery, Alabama, em meados dos anos 1950 é um excelente exemplo. Produtos específicos pode boicotar um produtor particular. Acionistas rebeliões pode alterar a política de uma corporação. Resistência não-violenta como a defesa Mahatma Gandhi e Martin Luther King é outro meio de procura de reforma.

Revolução

A abordagem mais radical para mudar as estruturas da sociedade é destruir ou remover e substituí-los, usando a força, se necessário. As estruturas são consideradas tão corruptos que não podem ser resgatadas pela transformação. Eles precisam começar de novo completamente, derrubar as formas existentes. Muitas vezes, o conceito que se coloca aqui é que a humanidade, se você tem a chance de provar isso, é basicamente bom, ou pelo menos moralmente neutra. Portanto, se as actuais estruturas são abolidas, o que é erguido em seu lugar será basicamente bom. Essa abordagem também ligada a crença evidente que a sociedade não tem nenhuma influência efeito duradouro sobre seus membros. Seja qual for a influência que a estrutura tem sobre os indivíduos é, não caráter substancial dinâmico. Por conseguinte, uma vez que uma estrutura é eliminado, a influência desaparece. Ele não produziu uma natureza humana pervertida, a menos que seja regenerado e até que seja, vai continuar a operar para o mal. Por isso, é totalmente confiável que uma vez eliminadas as estruturas maus, aqueles que atingem posições de liderança não estabelecer uma nova ordem que é favorável apenas aos seus próprios interesses.

Esta estratégia poderia ser chamado de revolução, estamos nas filosofias políticas e religiosas mais radicais. Pode ser encontrada em várias formas de teologia da libertação, especialmente aqueles que são tipo mais agressivo. Também é, evidentemente, um princípio do marxismo e vários grupos terroristas modernos.

Se, como temos argumentado neste e em capítulos anteriores, é errado natureza individual / pessoal e social, deve ser atacado com uma combinação de estratégias e não apenas um. Como as personalidades e os corações humanos são corruptos, a regeneração é necessária para que a alteração tem um efeito duradouro. Além disso, como há estruturas do mal no mundo que transcendem o indivíduo humano quer, devemos encontrar os meios para renovar estas estruturas. A revolução é a abordagem muito radical; viola os ensinamentos de Cristo sobre a violência. Embora as estratégias a serem adotadas para resolver o problema do mal é uma questão que vai além do escopo deste livro, parece que uma combinação de regeneração e reforma não violenta poderia fornecer a melhor maneira de lutar contra o pecado eo mal nosso mundo. Isso requer uma ênfase em evangelismo, ética pessoal e ética social.

Parte 7

A pessoa de Cristo

32. Questões Contemporâneas no método cristológico

33. A divindade de Cristo

A humanidade de Cristo 34.

35. A unidade da pessoa de Cristo

36. A Virgem Nascimento

32. Questões Contemporâneas no método cristológico

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Demonstre que você compreende os problemas atuais na metodologia cristológica.
- Identificar e descrever os conceitos cristológicos históricos de todos os pontos de vista.
- Avaliar metodologias e liberal cristológico tradicional e determinar a sua coerência com os preceitos bíblicos.
- Determine o procedimento para estudar a pessoa e a obra de Jesus Cristo.
- Para examinar e refutar a tendência atual para ver a encarnação de Cristo como mitologia.

Resumo do capítulo

Na história da Igreja, o debate mais acalorado na cristologia foi entender como a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Alguns teólogos recentes determinaram que Cristo não pode ser ao mesmo tempo Deus e homem novamente, e tentar historicamente pesquisar a vida de Jesus usando esta maneira de pensar. Alguns pesquisadores, liderados por Rudolf Bultmann, acreditam que a história de Cristo é cercada pelo mito e que a chave para entender o Cristianismo está reinterpretando o mito de como Jesus influenciou seus discípulos e as pessoas ao seu redor. No entanto, uma perspectiva que usa a fé para interpretar a história de Jesus, encontrado através da razão, pode fornecer a metodologia mais adequada cristológica.

Questões de estudo

1. O que são a metodologia relativa às questões contemporâneas cristológicas e como eles afetam a igreja?
2. Qual é a "busca do Jesus histórico" e como é importante para entender a pessoa e a obra de Jesus Cristo?
3. Como afetou a cristologia de Rudolf Bultmann para ver como Cristo e sua obra?
4. Como devem realizar um estudo sobre a pessoa e a obra de Jesus Cristo? Por que é necessário em qualquer ordem particular?
5. Como se deve reagir à crescente tendência para ver Jesus Cristo como um personagem mitológico e irrelevantes para a prática religiosa moderna?

História e cristologia

A Busca do Jesus histórico

"Cristologia do alto"

"Cristologia a partir de baixo"

Avaliação

Uma abordagem alternativa

A pessoa e a obra de Cristo

Encarnação visto como mitologia

Temos visto que os seres humanos foram criados para amar, servir e estar em comunhão com Deus. Vimos também que nenhum ser humano é capaz de cumprir esse propósito divino; em outras palavras, todos os homens pecam. No entanto, como Deus amou a humanidade, que ele escolheu para agir através de Cristo para dar a volta à situação e à alegada relação. Portanto, a nossa compreensão da pessoa e obra de Cristo vem diretamente das doutrinas da humanidade e do pecado.

O estudo da pessoa e obra de Cristo estão no cerne da própria teologia cristã. Porque, como cristãos, são por definição crentes e seguidores de Cristo, a sua compreensão de Cristo deve ser central e determinar a própria natureza da fé cristã. Por conseguinte, temos um cuidado especial e precisão atenciosa para tornar a nossa cristologia.

Há certos problemas perenes em cristologia. Estes surgem em vários momentos. Há também questões específicas levantadas em um momento da história. É importante que nós investigar e tirar nossas próprias conclusões no que diz respeito a estas questões. Este capítulo examina três questões contemporâneas de metodologia cristologia: (1) a relação entre fé e história, (2) a relação entre o estudo da pessoa de Cristo e do estudo da obra de Cristo, e (3) a formulação da ideia de encarnação. Para fazer estas perguntas de forma diferente: (1) Uma boa compreensão de Cristo pode ser baseada estritamente em dados históricos, ou deveria ser assumida pela fé? (2) Devemos determinar ou primeiro entender a natureza de Cristo e depois aplicá-lo para a nossa investigação de seu trabalho, ou deve abordar a questão da sua natureza através de um estudo de sua obra? (3) Será que a ideia da encarnação de Deus é inerentemente mitológica e, portanto, insustentável? As duas primeiras questões lidar com o método de cristologia; o terceiro é saber se é realmente possível cristologia. Para entender a sensação contemporânea da construção cristológica, é necessário analisar seu contexto histórico. Uma vez que as abordagens atuais para cristologia forma de representar o culminar de um longo processo que envolve reações e counteractions.

História e cristologia

Durante muito tempo, os teólogos limitado as suas discussões sobre Cristo para os pontos de vista definidos pelos respectivos denominações ou tradições religiosas. Estas tradições, por sua vez usado para manter as posições desenvolvidas nos concílios ecumênicos dos primeiros séculos da Igreja. Os problemas de cristologia foram levantadas principalmente em termos metafísicos: como podem coexistir naturezas divina e humana em uma pessoa? Ou, dito de outra forma, como Jesus pode ser Deus e homem? Durante o século XX, no entanto, o foco mudou. Alguns círculos hostis teológica (ou, pelo menos, indiferente) à metafísica. Assim, o estudo de Cristo agora ocorre principalmente em forma histórica. Em parte, essa mudança foi motivada pela suspeita de que o Cristo da tradição teológica é diferente do Jesus real, que caminhou pelas estradas da Palestina, ensinando e trabalhando entre os seus discípulos e entre as multidões.

A Busca do Jesus histórico

A busca para descobrir como Jesus realmente era eo que ele fez é conhecida como a "busca do Jesus histórico". Nessa busca reside a esperança de que o verdadeiro Jesus provar ser diferente, mesmo de Cristo na Escritura e está em sentir o produto da teologia de Paulo e outros. Entre as "vidas de Jesus" cedo mais famosos são aqueles desenvolvidos por David Strauss e Ernest Renan.² Cada vez mais, o Jesus terreno é descrito como um homem bom, basicamente, um professor de grandes verdades espirituais, mas não a segunda pessoa existente Trindade, que realizou milagres.

Talvez a imagem mais conhecida e influente de Jesus é a de Adolf von Harnack, que de muitas formas representa o pico eo fim da busca de Jesus. Ele observa que os Evangelhos não nos dão os meios para construir uma biografia completa de Jesus, porque temos alguns dos primeiros anos de sua vida. No entanto, nós fornecemos os fatos essenciais. Quatro observações gerais levar a Harnack para estabelecer um Jesus não milagrosa:

1. No tempo de Jesus, num momento em que havia uma perspectiva razoável de que era possível eo que não é, as pessoas se sentiam cercado por milagres.

2. Os milagres atribuídos a pessoas famosas quase imediatamente após sua morte.
3. Sabemos que o que acontece em nosso mundo é governado por leis naturais. Portanto, não existem tais coisas como "milagres", se eles entendem interrupções ordem da natureza.
4. Há muitas coisas que não entendemos, mas você deve ver coisas maravilhosas e até agora, inexplicáveis, mas não milagres.

A avaliação Harnack faz com que a mensagem de Jesus tem sido considerada a declaração clássica da posição teológica liberal. Ele observa que a principal mensagem de Jesus não era sobre ele, mas sobre o Pai eo reino:

No entanto, se dermos uma olhada geral nos ensinamentos de Jesus, veremos que eles podem ser agrupados em três categorias. Cada tal como para conter o conjunto, e, por conseguinte, pode ser apresentado na sua totalidade em todas elas.

Em primeiro lugar, o Reino de Deus e Sua vinda.

Em segundo lugar, Deus o Pai eo valor infinito da alma humana.

Em terceiro lugar, a maior justiça e do mandamento do amor.

Enquanto continua a busca pelo Jesus histórico, ele cresceu chateado que Jesus estava nos relatos dos Evangelhos do que produzido inconscientemente que ele procurou, e parecia surpreendentemente buscadores. George Tyrrell, um estudioso Católica, talvez colocá-lo melhor: "O Cristo Harnack ver, olhando para trás através de dezenove séculos de escuridão Católica é apenas o reflexo do rosto de um protestante liberal, visto no fundo um poço profundo. "

Dois escritos em particular anunciou o fim da busca liberal para Jesus. Um deles foi *The Quest do histórico Jesus* Albert Schweitzer. Schweitzer dividiu o método histórico básico e objetivos dos requerentes liberais, mas divergiam sobre as suas conclusões, questionando seriamente a sua objectividade. Ele acreditava que o estudo incidiu sobre a vida de Jesus com os seus próprios preconceitos e então passou a aceitar ou rejeitar o material como ajustase ou não esses preconceitos. Quando Schweitzer examinou os evangelhos, ele encontrou o reflexo de um típico liberal do século XIX. Em vez disso o que encontrou em Jesus era um desenho completamente escatológica que acreditavam e ensinavam que o fim do mundo estava chegando em breve, e que a sua própria segunda vinda ocorreria em conexão com esse fim. No entanto, Jesus estava errado, de acordo com Schweitzer. O ponto principal para os nossos propósitos aqui é a idéia de que Schweitzer Jesus como figura escatológica não terá que refazer pessoa como totalmente moderna.⁸

So-Called Jesus histórico eo Cristo bíblico histórico de Martin Kahler abre uma nova perspectiva sobre a sua análise do problema. Kähler duvidavam da utilidade dos esforços que haviam sido feitas para desenvolver uma imagem de Jesus. Não só a busca do Jesus histórico não teve êxito; É que na verdade era contraproducente. Kahler resumiu sua "aviso gritar de forma intencionalmente negrito: *O Jesus histórico de autores modernos que oculta o Cristo vivo*. O Jesus do "movimento da vida de Jesus 'é simplesmente um exemplo moderno da criatividade humana, não um iota melhor do que o famoso Cristo da cristologia dogmática bizantino. Um deles é tão longe do verdadeiro Cristo como o outro. "Em resposta à busca do Jesus histórico, Kähler propôs uma distinção importante. Ele observou que o Jesus da história, a Jesus depois de os Evangelhos, teve relativamente pouca influência. Ele só foi capaz de obter alguns discípulos e com fé fraca. No entanto, o Cristo da fé, tem exercido uma influência significativa. Este é o Cristo, Cristo ressuscitado em acreditar os apóstolos e pregação. Este Cristo *histórico* e não o Jesus *da história* é a base da nossa fé e da nossa vida hoje. Nos relatos dos Evangelhos nunca ficar na *Historie*, *eventos objetivos*, *o que realmente aconteceu*. Precisamos construir nossas crenças sobre o *Geschichte*, ou *história significativa que pertence ao impacto Jesus tinha sobre seus discípulos*.

Esta distinção foi, em muitos aspectos a maior influência que a cristologia durante a primeira metade do século XX. Cada vez mais, o estudo não focado em fatos reais da vida de Jesus da história, mas na fé da Igreja. Esta mudança é mais clara e completamente no desmitificação de Rudolf Bultmann, mas também visto em cristologias escritos por Karl Barth e Emil Brunner.

Houve uma reação contra a abordagem cética de Bultmann. Assim começou uma nova busca pelo Jesus histórico no século XX. Ernst Käsemann soou a trombeta oficialmente que marcou essa mudança. Outros também têm sido e estão trabalhando para tentar formular uma queima é o que Jesus realmente disse e fez. Ethelbert Stauffer e Joachim Jeremias estão levando as pessoas que estiveram envolvidas nesta nova pesquisa. Tentamos isso sob "cristologia a partir de baixo." Mas primeiro precisamos explicar uma outra abordagem que dominou a maior parte da história da cristologia no início do século XX.

"Cristologia do alto"

"Cristologia do alto" foi a estratégia e orientação básica da cristologia dos primeiros séculos da Igreja. Foi também, muito, a cristologia da ortodoxia durante a pré-crítico foi quando a confiabilidade histórica da Escritura não estava em questão. No século XX, esta abordagem à cristologia é particularmente associada com Karl Barth, Rudolf Bultmann e Emil Brunner em um dos seu primeiro livro Omediador. Algumas das principais características da cristologia de acima são evidentes neste trabalho:

1. A base para a compreensão de Cristo não é o Jesus histórico, mas o *kerygma*, o anúncio da Igreja de Cristo. Brunner diz:

Somos obrigados a opor-se à ideia de que a fé cristã é dada pela observação histórica da imagem histórica de Jesus de Nazaré. O próprio cristianismo sempre soube de outra forma. A fé cristã só vem a partir do testemunho de Cristo que está na mensagem pregada a palavra escrita e da Escritura. Certamente, o histórico imagem está incluído neste último ...; mas por si só não é a base de conhecimento.

2. Cristologia, há uma preferência marcante para os escritos de Paulo e do Quarto Evangelho contra os Evangelhos Sinópticos. O ex-conter mais explicitamente interpretações teológicas, enquanto os Sinópticos são basicamente dizendo ações tão prosaicas e ensinamentos de Jesus. Este princípio é muito perto do primeiro,

Se você vir uma vez à convicção de que a fé cristã não vem de a imagem do Jesus histórico, mas o testemunho a respeito de Cristo como tal - o que inclui o testemunho dos profetas e apóstolos - e que é com base nesta testemunho, então, inevitavelmente, a preferência para os Evangelhos sinópticos e as próprias palavras de Jesus, que era a posição normal de última geração, desaparecer.

3. A fé em Cristo não é baseada em provas sólidas e é legitimada por eles. Você não pode provar cientificamente. O conteúdo que acreditamos que é fora do reino da razão natural e pesquisa histórica e, portanto, não pode ser provado conclusivamente. Embora a pesquisa histórica pode servir para eliminar os obstáculos à várias crenças (por exemplo, acreditam na divindade de Jesus Cristo), não pode servir para estabelecer essas crenças. "Jesus ensinou um grupo de discípulos para o mar" é uma pesquisa histórica sentença aberta; "Jesus é a segunda pessoa da Santíssima Trindade" não. Nós aceitamos frases históricas quando estamos persuadidos de forma racional. Pela fé nós aceitamos a proclamação.

Brunner feita uma distinção que clarifica o sentido de que, para ele, é histórico cristologia e em que sentido ele não é. Esta distinção é "Cristo *em* carne" e "Cristo *segundo* a carne." Por "Cristo na carne" Brunner entende que Deus se encarnou, a Palavra se fez carne e história. O "Cristo segundo a carne" é o Cristo conhecido por

historiadores, cronistas, com os seus métodos de pesquisa. Sabendo o "Cristo na carne" é a de saber algo mais do que o "Cristo segundo a carne". O crente sabe Cristo

como veio em carne e osso, como um de quem os cronistas e historiadores humanistas deve ter algo a dizer. Mas ele sabe disso "Cristo na carne" de uma forma que eles não podem saber nada; ele sabe tanto dele como alguém completamente diferente, e é isso que importa. Porque o conhecimento dos outros - o escritor humanista e historiador - ainda não é do conhecimento de Cristo, o "Verbo feito carne", mas é o conhecimento "na carne".

Brunner enfatiza a Cristo na carne, mas não ignore o Cristo segundo a carne. Pois, embora a fé nunca surge a partir da observação dos fatos, mas o testemunho da igreja e da Palavra de Deus, que Deus "fez carne" significa que a fé está de alguma forma ligado com a observação. O testemunho da Igreja e Escritura inclui sempre a imagem de Jesus.

"Cristologia a partir de baixo"

Com a publicação do Bultmann *Jesus ea Palavra*, cristologia do alto que atingiu o seu apogeu. Aqui, de fato foi uma declaração de fé no Cristo kerigmática não pode se conectar com certeza a verdadeira vida terrena de Jesus de Nazaré. De acordo com os termos de Bultmann que ele não se importa. A reação atual que ocorreu com o pensamento de Bultmann tornou-se o título de uma metodologia. Provavelmente, as primeiras reações, o mais significativo foi o de Ernst Käsemann "O problema do Jesus histórico", publicado originalmente em 1954. Käsemann afirma a necessidade de formar a nossa crença em Jesus baseado em pesquisa histórica de quem ele era eo que ele fez. Embora esta não foi uma ressurreição da investigação do século XIX, foi chamado de "a nova busca do Jesus histórico".

Pode-se dizer que as buscas para qualquer coisa século XIX eram cristologias autênticos. Seria melhor chamá-los "Jesusologías." O Jesus que surgiram a partir desses estudos era um ser humano e pouco mais. Para alguns dos "nova procura" isso parece ter sido o resultado de tendências antisobrenaturais estava dentro do método em si; Em outras palavras, a metodologia era inadequada. Na nova busca do Jesus histórico, a possibilidade de um verdadeiro cristologia. Ou seja, é possível que a pesquisa histórica pode levar você a acreditar na divindade de Jesus Cristo, em conclusão, não como pressuposto da pesquisa histórica.

O exemplo mais instrutivo para nós de uma "cristologia a partir de baixo" é, sem dúvida, o contemporâneo de Wolfhart Pannenberg. Em *Jesus-Deus e Homem* Pannenberg ele fez um extenso tratamento cristológica, como o título. Ele foi minuciosamente examinado e criticado os pressupostos da metodologia cristológico para garantir a abertura ea objetividade. Apesar de reconhecer certos benefícios na abordagem à cristologia a partir de cima, ele indica três razões básicas para que você não pode usar esse método:

1. A tarefa da cristologia é fornecer suporte racional para a crença na divindade de Jesus, por isso é o que está sendo discutido no mundo de hoje. Cristologia do alto é inaceitável porque *pressupõe* a divindade de Jesus.
2. cristologia do alto tende a negligenciar a importância das características históricas distintas de Jesus de Nazaré. Em particular, sua relação com o judaísmo do seu tempo, o que é essencial para a compreensão de sua vida e mensagem, quase irrelevante nesta abordagem.
3. A rigor, uma cristologia do alto só é possível no mesmo Deus, e não nossa. Como seres humanos limitados e terrestres, temos de começar e conduzir nossa pesquisa a partir da perspectiva humana.

Pannenberg construída a partir da vida do homem Jesus de Nazaré uma cristologia completo, incluindo sua divindade. As características positivas da abordagem de

Pannenberg deixar claro o esquema básico da cristologia a partir de baixo, em contraste com a cristologia de cima:

1. A pesquisa histórica por trás do *kerygma* do Novo Testamento é possível e necessário teologicamente tempo. A forma crítica tem mostrado que você não pode construir um momento exato da vida de Jesus. No entanto, é possível descobrir pelo testemunho dos apóstolos as principais características de Jesus. Tal conhecimento de Jesus é necessário. Se a nossa fé baseia-se apenas no *kerygma*, *sem levar em conta os fatos históricos da vida de Jesus, não podemos escapar da desconfiança e temem que a nossa fé não é colocado no lugar certo*. Pannenberg diria que poderíamos estar pensando em Lucas, Mateus, Paul ou qualquer outro, em vez de Jesus. Outra complicação envolveu apenas apoiar a nossa fé no *kerygma* é que esses testemunhos do Novo Testamento não nos dá unidade, mas a diversidade, e às vezes até antitéticos. Temos de penetrar além dos vários testemunhos de discernir o que é o único Jesus que todos respeitam.

De acordo com Pannenberg, é extremamente importante para abordar a tarefa de pesquisa histórica com uma mente aberta. O problema com muita pesquisa do século XIX e no desmitificação de Bultmann é bastante certas concepções estreitas do que é historicamente possível eo que não é. Por exemplo, a ressurreição de Jesus são muitas vezes excluídos da crença antes de iniciar a investigação. No entanto, é muito importante para aproximar os horizontes dos nossos tempos bíblicos modernos, sem preconceito. Somente quando antisobrenaturalistas pressuposições naturalistas ou anular pode construir corretamente uma cristologia a partir de baixo.

2. A história é unitária, não dualista. A vida, ensinamentos e ministério de Jesus, incluindo sua morte e ressurreição, não parte de um único tipo de história que a história em geral. Há uma sala especial para resgate ou história sagrada é o *Geschichte*, *Heilsgeschichte* ou o que quer. Para Pannenberg, a história de Cristo é um com o resto da história mundial. Você não pode separar ou isolar da história em geral. Consequentemente, não há necessidade de abordá-lo com um método diferente que é usado para conhecer toda a história. O método histórico usado na investigação das guerras napoleônicas é para ser usado em cristologia.

3. Obviamente cristologia a partir de baixo pode dar-nos um Jesus plenamente humano. No entanto, você pode estabelecer a divindade de Jesus? A evidência mais comum argumenta cristologia abaixo ao tentar estabelecer a unidade de Jesus com Deus é o seu pré-Páscoa reivindicação de autoridade pela declaração e ação. Há uma sobreposição considerável neste momento para um número de teólogos. Werner Elert observa que Jesus afirmou ser o Filho de Deus. Quando ele falou de seu Pai, Jesus se referiu a ele como "meu Pai." Quando ele tinha em mente a relação dos discípulos ao Pai, ele usou a frase "seu Pai." Eu nunca combinava com a sua relação com o Pai com a relação entre discípulos com o Pai, usando a expressão "nosso Pai". Paul Althaus afirma igualmente que Jesus reivindicou a autoridade pressupõe uma proximidade com Deus que não tem mais ninguém. "O que Jesus faz é blasfêmia prosseguir a menos que a autoridade especial. Solicite esta autoridade para si mesmo."²² À sua maneira, Friedrich Gogarten, Hermann Diem, Gunther Hans Conzelmann Bornkamn e, essencialmente, dizer o mesmo. Pannenberg diz: "O acordo básico é impressionante. Dogmática, neste caso, parece ter precedido a pesquisa histórica".

Este esforço para provar a divindade de Jesus por sua afirmação de autoridade antes da Páscoa, no entanto, deve inevitavelmente falhar porque esta reivindicação de autoridade está relacionada à verificação futura da sua mensagem não irá ocorrer até o julgamento final. "Pelo contrário," Pannenberg diz, "tudo depende da ligação entre a alegação de Jesus e sua confirmação por Deus."

Esta confirmação pode ser encontrada na ressurreição de Jesus. Pannenberg acredita que a ressurreição é um fato histórico. Tendo considerado as provas separadamente - o túmulo vazio e as aparições do Senhor ressuscitado - Pannenberg conclui que os relatos evangélicos das aparições de Jesus são tão lendária personagem só se eles podem ser

encontrados em um grama de história. Por isso, vá para o resumo de Paulo em 1 Coríntios 15: 1-11 e conclui:

Portanto a ressurreição de Jesus pode ser considerado como acontecimento histórico neste sentido: se o surgimento do cristianismo primitivo, que, além de outras tradições Paul estabelece as aparições de Jesus ressuscitado, você pode entender, apesar de todos os testes críticos Tradição somente se examinadas à luz da esperança escatológica da ressurreição dentre os mortos, então o que é designado e é um evento histórico, apesar de sabermos nada de especial sobre ele.

Validade Pannenberg atributos semelhantes às histórias do túmulo vazio. Se esta tradição ea tradição de aparições do Senhor ocorreu independentemente do outro, então ", complementam-se mutuamente para permitir que a afirmação da ressurreição de Jesus, no sentido explicado acima, parece muito provável historicamente, e isso significa sempre na pesquisa histórica de ser tomadas para concedido até prova em contrário aparece ".

Se o mesmo evento foram o conjunto da ressurreição, nós só não teria feito mais. Seu significado e interpretação estaria sujeito a discussão questão em aberto; talvez fosse apenas uma questão de fé. Muitos significados possíveis poderia ser anexado ao fato da ressurreição. No entanto, a partir da perspectiva de Pannenberg isso não é assim. Dado o lugar que tinha na história da tradição e as expectativas culturais, ressurreição realizado um significado definido. O evento não pode ser avaliado ou isolado entender a tradição e as expectativas dos judeus. A idéia de que a ressurreição ocorreu sem a vontade e participação de Deus era impensável para os judeus. A ressurreição de Jesus, então, significa que Deus deu a sua aprovação às reivindicações de Jesus e que essas reivindicações, o que seria uma blasfêmia, a menos que Jesus era realmente o Filho do homem, eram verdadeiras. Portanto, não só estabeleceu o fato histórico da ressurreição de Jesus, também a verdade teológica de sua divindade.

Avaliação

Esta é uma disputa que continua a ser importante. Para que não pensemos que esta é apenas intramural debate entre os teólogos europeus, um estudo cultural contemporânea revela os mesmos temas. Teólogos latino-americanos tendem a cristologia em um cenário histórico, isto é, enfatizando a abordagem de baixo para cima, enquanto os asiáticos trabalhar com uma orientação mais metafísico, favorecendo a abordagem de cima.²⁹ Estes dois tipos de cristologia de cima e abaixo eles têm seus pontos fortes e fracos emblemas, que tenham sido claramente identificados. Em alguns casos, uma declaração de posição também tem sido uma crítica de uma outra abordagem.

Cristologia de cima tem a força para reconhecer que o verdadeiro propósito e valor da encarnação foi o efeito da vida de Jesus sobre aqueles que acreditam nele. Seu testemunho merece mais atenção, porque de todas as pessoas o conheciam mais intimamente e estavam em melhor posição para descrevê-lo aos outros. Além disso, esta abordagem é verdadeiramente empenhado na supernaturalism, algo que nem sempre tem sido o caso para cristologias de baixo. Deixa em aberto a possibilidade de um milagre divino Jesus-working.

O problema básico da cristologia do alto é a substancialidade da crença. Cristo da fé é realmente a mesma pessoa que o Jesus que caminhava pelas estradas da Galileia e da Judeia? É o compromisso com a Cristo kerigmática é baseado no que realmente era ou é uma fé sem fundamento? De uma forma ou outra o problema da subjetividade sempre que assola este tipo de cristologia. Como podemos ter certeza de que o Cristo sabemos a partir do testemunho dos Apóstolos e com o qual estamos em nossa experiência atual Jesus como ele realmente é, e não só os nossos sentimentos? Um segundo problema está relacionado com o conteúdo da fé. Embora seja bem e bom para dizer que nós tomamos algo pela fé, como podemos determinar o que aceitamos pela fé? Sem uma referência empírica, o Cristo da fé, é de alguma forma forma irreal e vago.

Cristologia a partir de baixo, além disso, suaviza a crítica que a teologia cristã (e especificamente Cristologia) se baseia tanto na fé como alguns podem estar completamente vazio. Esta abordagem tem tentado eliminar quantias indevidas da subjetividade. Reconhecendo que é necessário que haja envolvimento (ou compromisso) Subjetiva no crente, cristologia a partir de baixo por filtragem evita a subjetividade de outros crentes, por exemplo, os primeiros discípulos.

No entanto, existe um problema persistente. Especialmente na versão de Pannenberg, o sucesso da cristologia de baixo depende do estabelecimento de seu conteúdo histórico, com certeza objetiva, mas isso é difícil de conseguir. Se os fatos são questões de Cristologia história verdadeiramente objetiva, então deve ser possível provar a divindade de Jesus a quem pede objectiva e honesta. No entanto, na prática, alguns estão a analisar a evidência muito convencido. Além disso, Paul Althaus afirma que do ponto de vista da unidade história Pannenberg faz fé uma função da razão. Pannenberg respondeu que embora a fé é certamente um dom do Espírito, não um produto da razão, no entanto, o conhecimento da revelação histórica é logicamente, mas não psicologicamente, antes da fé. A razão na sua estrutura essencial é suficiente para entender a revelação de Deus e reconhecer sua verdade. A razão humana, no entanto, caiu em um estado antinatural e precisa ser repostado. Esta reposição não significa que ele deve ser supernaturalized, mas é naturalizada com a ajuda do *querigma* e do Espírito.

Esta distinção, no entanto, não é muito útil. Independentemente de saber se a razão humana precisa ser supernaturalized ou naturalizados única, o mesmo espectro de subjetividade, esta teologia estava tentando evitar a todo o custo, é colocar a cabeça. Embora o Espírito usa as evidências históricas para criar fé, ainda resta a questão de saber se a fé é verdadeira. Não pode acontecer com outra pessoa, com base na mesma prova, chegar a uma conclusão diferente? Não somos novamente, pelo menos até certo ponto, retornando de volta para o Cristo da fé em uma tentativa de alcançar o Jesus da história? A verdadeira questão da cristologia de baixo foi comprometida quando começa a apelar para conceitos tais como a necessidade de naturalizar razão. Embora a diferença entre a evidência histórica objetiva e as conclusões da fé diminuiu um pouco, ainda está lá.

Uma abordagem alternativa

Temos visto que estas duas posições aparentemente mutuamente exclusivas têm certos pontos fortes e fracos. Existe uma maneira de unir cristologia de abaixo com a cristologia de cima para manter os melhores elementos de ambos e minimizar os seus problemas? Será que o Cristo kerigmática e do histórico Jesus, a fé ea razão pode ir junto? Os evangélicos estão preocupados com a retenção de ambos. Esta preocupação surge, em parte porque os evangélicos entendem que a revelação é *tanto* fatos históricos e da interpretação dada a eles. Estes dois meios complementares harmônicas e há pelo qual Deus se manifesta. Ambos são, por conseguinte, as fontes para a sua informação. Propomos uma análise conceitual e um modelo que possa esclarecer esta questão aqui.

Como o Jesus da história é centrada em razão eo Cristo kerigmática por meio da fé, que, aparentemente, estão enfrentando um caso clássico de fé-razão dicotomia. Embora a fé tradicional e razão filosófica estão relacionados, aqui está o que a fé está relacionada com a razão histórica. Em ambos os casos, a questão é a utilidade eo valor da razão para justificar a fé. Filosófico, há três posições básicas sobre os papéis relativos à fé e razão. Há três posições semelhantes no campo histórico:

1. cristologia do alto é, basicamente fideística. Em especial, no modo descrito por Brunner e outros teólogos existencialistas, extraída em grande parte pensado Søren Kierkegaard. De acordo com esta posição, o nosso conhecimento da divindade de Jesus

não se baseia em factos historicamente prováveis em sua vida terrena. É uma fé baseada na fé dos apóstolos como indicado no *kerygma*.

2. Inversamente, a partir de baixo cristologia é principalmente tomista. Tentando provar o carácter sobrenatural de Cristo a partir da evidência histórica. Portanto, a divindade de Cristo não é uma suposição, mas uma conclusão do processo. É um apelo à razão histórica, não a fé ou autoridade. Enquanto o primeiro modelo fé predominante, o segundo é a razão pela.

3. Há um outro modelo possível, isto é, o agostiniano. Neste modelo, a fé precede, mas não permanentemente independente da razão. A fé fornece perspectiva ou ponto de partida a partir do qual você pode operar o direito permitindo compreender o que de outra forma não conseguia entender.

Quando este modelo é aplicado para a construção de uma cristologia, o ponto de partida é o *kerygma*, *crença e da igreja pregar sobre Cristo*. O conteúdo do *kerygma* serve como hipóteses para interpretar e integrar os dados fornecidos pela pesquisa do Jesus histórico. Deste ponto de vista, a interpretação de que a primeira igreja de Cristo faz dele ou dela a fé nos permite fazer mais sentido dos fenômenos históricos do que qualquer outra hipótese. Portanto, o nosso modelo alternativo não é cristologia a partir de baixo, que, ignorando o *kerygma* leva a enigmas para tentar entender o "mistério de Jesus", como muitas vezes ele chamou-lhe os teólogos do século XIX. Nosso modelo não é uma cristologia improcedente a partir de cima, construído sem referência à vida terrena de Jesus de Nazaré; em vez disso, testados, suportados e justificados por fatores históricos demonstráveis de quem eo que era e afirmou ser Jesus.

Nosso modelo não implica apenas manter a fé e razão histórica, mas ambos mutuamente dependentes, bloqueio articulações simultaneamente progressivamente. A crescente familiaridade com o Cristo kerigmática nos permitirá compreender e integrar dados através de pesquisa histórica. Da mesma forma, uma maior compreensão do Jesus da história persuadir-nos mais plenamente que a interpretação dos apóstolos de Cristo da fé é verdadeira.

Há uma base bíblica para essa visão. Algumas das pessoas que conhecia as palavras e ações de Jesus muito bem que eles não conseguiram ter um conhecimento adequado da-lo por isso. Por exemplo, os fariseus, vendo Jesus realizar curas milagrosas pelo poder do Espírito Santo (Mt. 12: 22-32; Marcos 3: 20-30; Lc. 11: 14-23). Embora, sem dúvida, eles estavam familiarizados com as tradições judaicas e provavelmente tinha visto Jesus por algum tempo, sua avaliação foi: "Ele está expulsando demônios pelo príncipe dos demônios." De alguma forma eles não sabiam tirar a conclusão apropriada, mas possuíam um conhecimento dos fatos. Mesmo aqueles que estavam mais próximos de Jesus não foi capaz de atender a todos. Judas traiu. Os outros discípulos não sabiam o significado de sua crucificação e até sua ressurreição. As autoridades religiosas, obviamente, sabia que o túmulo estava vazio, mas não interpretou corretamente esse fato.

Mais positivamente, há também indicações de que quando você vem para uma percepção correta de Jesus é baseada em algo mais do que a percepção natural. Por exemplo, quando em resposta à pergunta de Jesus: "Quem dizem os homens ser o Filho do homem dizer", disse Pedro "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" Jesus disse que "não revelado para você e. , mas pelo meu Pai que está nos céus "(Mt 16: 15-17) .. Embora pudéssemos debater tempo sobre o significado exato de "carne e sangue", no original, é claro que Jesus está contrastando certo tipo de revelação direta do Pai com uma fonte puramente humana como a opinião dos outros.

Caso contrário, a partir do outro lado da dialética, é João Batista. Na prisão, ele começou a se perguntar Cristo. E enviou dois dos seus discípulos para perguntar ao Senhor: "És tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?" (Lucas 7:19.). Juan Talvez ele estava esperando algum evento histórico particular (talvez sua própria libertação da prisão?) Como prova de que Jesus era de fato, como John sabia que era Cristo. A resposta de Jesus foi identificar as obras que tinham sido no trabalho, "os cegos

vêm, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres é evangelizados" (v. 22). O Jesus histórico foi a confirmação do Cristo da fé.

Nesse modelo, dois fatores se juntam: não só o Jesus histórico, nem o Cristo da fé, mas o Cristo kerigmático como a chave que abre o Jesus histórico e os acontecimentos da vida de Jesus como suporte para a mensagem Ele é o Filho de Deus. A fé em Cristo nos leva a uma compreensão do Jesus da história.

A pessoa ea obra de Cristo

Uma segunda questão metodológica importante é a relação entre o estudo da pessoa e obra de Cristo. Eles devem ser separados? E em caso afirmativo, qual é a ordem lógica da cristologia? É primeiro deve desenvolver a compreensão da pessoa de Cristo, e em seguida, aplicar a sua natureza para entender a obra de Cristo? Ou devemos começar com a obra de Cristo e, portanto, deduzir que tipo de pessoa ele é?

No início da história da Igreja, os dois são mantidos juntos com uma ligação muito estreita. No entanto, esta abordagem alterados durante o período medieval. A teologia escolástica disseminar a doutrina da pessoa de Cristo (sua divindade, humanidade e unidade dos dois) de comércio e obra de Cristo. Como resultado, tornou-se irrelevante cristologia para a maioria dos crentes. As discussões sobre a divindade de Jesus, a extensão de seus conhecimentos e faltava pecado e perguntas como se ele tivesse uma vontade ou dois foram bastante abstrato. O cristão comum era difícil ver que efeitos, se o tivessem feito, tinha essas questões em suas vidas.

Nos séculos XIX e XX uma tendência oposta baseado em uma famosa linha de Philip Melancthon foi desenvolvido: "Conhecer Cristo é conhecer seus benefícios." Por sua vez, está ligada à reação de Lutero contra a concentração escolar sobre o ser de Cristo. Luther vez enfatiza atividade salvadora de Cristo *para* nós. Esta ênfase na obra de Cristo é feito explicitamente na cristologia de Friedrich Schleiermacher mais de dois séculos mais tarde. Schleiermacher começa sua discussão de cada doutrina com a experiência cristã. Isto está de acordo com a sua tese geral de que a religião (ou compaixão) não é uma questão de dogma ou atividade ética, mas de sentimento. Assim, a principal coisa para Schleiermacher cristologia é a nossa experiência do que Cristo faz por nós. No entanto, em teoria, a pessoa de Cristo e sua obra são inseparáveis, e cristologia pode ser abordado a partir de dois ângulos.³⁴

Essa correlação das duas considerações, mas com prioridade sobre a obra de Cristo, foi tomada por Bultmann e talvez ainda mais explicitamente por Paul Tillich, que disse: "A cristologia é uma função da soteriologia. O problema da soteriologia cria a questão cristológica e fornece um endereço para a resposta cristológica. "No método de correlação de resposta teológica de Tillich está relacionada com a questão existencial. Portanto, devemos nos concentrar sobre o simbolismo dos materiais bíblicos, como destacou o significado universal do evento de Cristo. Os acontecimentos históricos e lendas são para ser usados apenas como corroboração.³⁶

Deve-se notar que há duas razões principais para se aproximar da pessoa de Cristo através da obra de Cristo. Um deles é o desejo de uma maior coerência entre cristologia e soteriologia. Pode ser tratada isoladamente o primeiro segundo. Mas não é possível falar do que Cristo faz em nossas vidas sem que este trabalho com a natureza de Cristo, o que pressupõe. A segunda razão é o desejo de demonstrar a relevância da doutrina de Cristo. É difícil para a maioria das pessoas interessadas em discutir certas questões sobre a natureza de Cristo, a menos que ver como eles afetam.

No entanto, as dificuldades surgem nesta abordagem. Um deles é que, quando a ênfase é sobre o trabalho que Cristo fez para a humanidade, a percepção humana normalmente dita a necessidade ou planejar o desenvolvimento do modo de compreender a pessoa ea natureza de Cristo. Portanto, há um dilema: ou ela considera a obra de Cristo

primeiro e depois as conclusões para aplicar a situação humana, ou primeiro examinar a situação e, em seguida, retorna para os materiais bíblicos sobre a obra de Cristo. No primeiro caso, existe ainda o perigo de possível irrelevância; no segundo caso, para fazer uma compreensão da obra de Cristo como a percepção humana de necessidade.

Um problema com a preocupação de relevância é que ele assume que a pessoa está fazendo as perguntas certas. Mas esta suposição é sempre válida? Há questões que não são feitas de que talvez eles deveriam ser. Esta situação é análoga à diferença entre dizer que o médico em certos sintomas e realizar um exame físico completo. Análise físico pode revelar alguns fatores que o paciente não tem conhecimento, mas que são, no entanto, importante. Da mesma forma, você nunca pode experimentar algumas questões importantes da cristologia se as coisas estão programados de acordo com nossa percepção subjetiva de necessidade. Um outro problema é que uma conclusão particular no soteriology pode ser deixada aberta mais do que uma posição possível sobre a natureza de Cristo. Portanto, com base em cristologia "necessidades sentidas" é inadequado.

Apesar destas dificuldades, há uma maneira aceitável para começar a cristologia com a obra de Cristo. Embora você não pode dar ao luxo de estabelecer o programa de acção, que pode ser usado como um ponto de contato com a natureza mais elaborada das discussões. Essas discussões, por sua vez irá responder em sua área de trabalho. Devemos estar cientes de que, se quisermos desenvolver uma cristologia completa, devemos examinar considerações em uma área para encontrar respostas para questões do outro.

Encarnação visto como mitologia

Outra questão de importância crescente na cristologia é saber se a ideia de encarnação é mitológica. Segundo alguns, a ideia de que Deus fez o homem e entrou na história humana, que é o que a doutrina da encarnação significou historicamente, não é para ser tomado literalmente. Na verdade, de acordo com este ponto de vista, é necessário nem possível fazer isso. Um número de factores têm favorecido esta teoria.

Um deles é o programa de demitologização de Bultmann. Bultmann concluiu que a maior parte do Novo Testamento é mito, o que significava que era uma tentativa por seres humanos para dar expressão ao sobrenatural como o simbolismo extraído da natureza. Esses conceitos devem ser entendidas como expressões literais da natureza da realidade. E não tem que considerar como algo de alguma forma especialmente revelado por Deus, ou a sua apresentação nos escritos dos apóstolos e dos profetas devem ser considerados um tanto inspirados como divinamente. Eles são simplesmente conceitos da natureza da realidade culturalmente condicionada. Em muitos casos, podemos identificar as fontes de onde foram tomadas: helenismo, Judaísmo, o gnosticismo. Bultmann insistiu que estes conceitos devem ser "desmitologizada," não significa que deve ser removido, mas deve ser reinterpretado. Os autores das Escrituras usou o mito de expressar o que tinha acontecido existencialmente. Tomemos por exemplo a história de Jesus andando sobre as águas (Mateus 14: 22-23). É tomado literalmente a intenção de contar uma história verdadeira, um evento milagroso. Mas quando desmitologiza, é que queremos dizer algo sobre o que aconteceu com os discípulos. O que aconteceu *realmente* importante. O ponto é que Jesus tinha feito uma grande impressão sobre os Doze. Quem quer que fosse, era alguém realmente chocante. A maneira que procurou expressar o fato de que Jesus havia impressionado de uma forma que não poderia comparar com alguém que tinha conhecido estava dizendo a este e outros "milagres" na les. Jesus era o tipo de pessoa que diria: "Se alguém pudesse andar sobre a água, que Jesus seria."

A segunda influência que contribui para a visão de que a encarnação é mitológica é o aumento em uma visão mais geral da relação de Deus para o mundo. Tradicionalmente teologia ortodoxa Deus viu contato e envolvimento com o mundo, especialmente relacionados com a pessoa de Jesus, durante um período de trinta anos na Palestina. Por

outro lado, movimentos como a teologia efêmero da morte de Deus propôs um processo contínuo pelo qual o Deus primordial tornou-se plenamente imanente no mundo. Isso já aconteceu em etapas ou fases, o passo mais completa Cristo. Daquele ponto em diante, o processo foi transmitido a partir de Cristo para o resto da raça humana, como seus ensinamentos e práticas estão sendo adotadas. O Deus primário deixou de existir; Agora é totalmente imanente na raça humana.

Este conceito particular mostra uma grande semelhança com o pensamento de Georg Hegel. Para Hegel, o evento de Cristo não é de grande importância por si só. É apenas um símbolo da verdade mais abstrata de Deus se espalhou por todo o mundo, o que representa uma verdade mais filosófica.

Há muitas variações dentro cristologias assistindo encarnação como mitológica. Apesar da variedade e diversidade, existem vários pontos de concordância:

1. A idéia de que Deus se fez homem, literalmente, é bastante surpreendente e logicamente contraditórias.

2. A cristologia de contas do Novo Testamento sobre a fé que os ensinamentos dos discípulos de Jesus. Os discípulos procuraram dar expressão à profunda impressão que Jesus lhes tinha causado. Ao fazer isso, eles usaram títulos e conceitos comuns naqueles dias, como a idéia de Deus vindo para a terra. Estes títulos e idéias não eram usados pelo próprio Jesus. Sua mensagem foi sobre o reino de Deus, não em si mesmo. Os discípulos estavam tentando dizer que tinham encontrado em Jesus um homem que viveu um modelo de vida de confiança e fé em Deus. Eles também foram dar expressão ao seu sentimento de que Deus estava envolvido com o mundo, com a sua dor e tragédia. Conceitos teológicos encontrados nos Evangelhos, e especialmente no quarto evangelho, representam sua meditação sobre a pessoa de Cristo, e não sobre o que ele ensinou. A mensagem de Jesus e da fé em primeiro lugar original, os discípulos não foram em todos os ontológica. Em particular, houve uma idéia de um Filho de Deus metafísica. Se havia alguma idéia de que tipo, que teria sido que Deus havia adotado Jesus.

3. O tipo tradicional de cristologia do Novo Testamento não veio, mas a teologia da Igreja, particularmente nos séculos IV e V. Ao fazê-lo, a igreja usou os conceitos filosóficos que estavam então em vigor. Como resultado, as doutrinas formuladas lembrava os princípios filosóficos de tempo. As doutrinas, como eles foram baseados em uma filosofia que era contrário à visão bíblica, impediu a igreja entendeu corretamente o testemunho de que o Novo Testamento foi de Cristo. Além disso, muitas dessas formulações (por exemplo, que Jesus tinha duas naturezas, mas foi uma única pessoa) eram na verdade internamente contraditório e faltou conteúdo. Eles foram fórmulas vazias. A igreja nunca realmente explicou o que significavam essas expressões; qualquer tentativa de fazê-lo é considerado heresia.

4. A idéia de Jesus como a encarnação não foi tão especial como é comumente assumido. Por exemplo, Gautama Buda representa também a vinda de Deus para os seres humanos, mostrando o desejo de Deus de estar envolvido com sua criação, ea unidade essencial de Deus e da humanidade. Jesus é, portanto, a única expressão dessa verdade religiosa. Pensando que Jesus é o único caminho, e que somente aqueles que acreditam que a Igreja ensina sobre ele será salvo é tão pouco como muito provincial e abominável. Isso quer dizer que a grande maioria daqueles que não viviam poupado, na verdade, eles não tinham chance de salvar. Em vez disso, temos de perceber que a alegação cristã básica - que Deus ama o mundo e quer se reconciliar com ele - também acreditava e expressa de diferentes maneiras em outras religiões. Deus está presente em outras religiões também, mas há o nome de sua presença não é Jesus. "Jesus" é o termo cristão distintivo para a presença de Deus.⁴⁵

5. A forma de realização pode ser entendido em sentido estrito e amplo. Em sentido estrito, é a crença de que, num momento de tempo e espaço Deus entrou no mundo na pessoa de Jesus Cristo, como ele nunca tinha feito antes, e ele não tem feito desde então. No sentido mais amplo, a incorporação, a imanência de Deus no mundo. Portanto,

o meio pelo qual a humanidade tem para se aproximar de Deus está no mundo físico, não fugir dela. O mundo físico é um transmissor de valor espiritual. Este sentido amplo não é especial no cristianismo, você também pode ser encontrado no judaísmo. Relacionada não só à cristologia, mas também para as doutrinas da criação e da providência, a doutrina da encarnação significa que Deus está no mundo e está trabalhando nisso.

Esses dois sentidos, a imanência de Deus no mundo e a individualidade absoluta do Deus - Homem, Jesus Cristo, não são inseparáveis. Enquanto o segundo significado da Encarnação tem sido usado pela igreja para muita de sua história para comunicar o primeiro, o primeiro pode ser mantida sem a segunda. Isso é análogo à capacidade da igreja para manter a Eucaristia sem acreditar na transubstanciação e manter a autoridade da Bíblia sem acreditar na infalibilidade.

É necessário desenvolver uma resposta à visão de que a encarnação é lendária. Os próximos três capítulos esclarecer e desenvolver o verdadeiro significado da Encarnação. No entanto, eles têm a oferecer algumas sugestões neste momento.

1. A idéia da encarnação de Deus não é intrinsecamente contraditório. Brian Hebblethwaite argumentou que a idéia de acreditar que a Encarnação implica uma contradição surge de tomar encarnação demasiado antropomórfica. Certamente, aqui é um paradoxo, um conceito que é muito difícil de assimilar intelectualmente. A função de um paradoxo, como mostrado por Ian Ramsey, é forçar a mente para além do natural para o sobrenatural.⁴⁷ Neste caso, não estamos pregando a divindade da humanidade de Jesus, ou sugerindo que Deus tornou-se uma classe Deus completamente diferente, ou que uma pessoa era tanto respeito limitado e ilimitado para a mesma coisa novamente. Em vez disso, nós estamos dizendo que Deus assumiu voluntariamente certas limitações ao exercício do seu infinito. Não foi igualmente limitado suas opções quando criou os seres humanos.

2. Não há evidência histórica de que a cristologia do Novo Testamento vem do próprio Jesus e não somente a fé dos discípulos. Aqui estão uma série de considerações. Por um lado, a teoria de que os discípulos pudessem ter emprestado a idéia da vinda de Deus encarnado outros mitos é duvidosa. Para ter acesso a esses tipos de mitos têm mostrado tão pouco questionável. Além disso, os pré-paulina congregações helenístico foi dito que as idéias helenísticas fundiu-se com a história de Cristo é agora conhecido que não existia.⁴⁹ Finalmente, há indicação de um "elevado" cristologia nos primeiros escritos do Novo Testamento.

3. A sugestão de que a encarnação de Deus em Jesus é semelhante aos ensinamentos de outras religiões não pode ser sustentada. A doutrina da encarnação é radicalmente diferente da doutrina da imanência divina. Além disso, é inconcebível que, se Deus é um, mais de uma pessoa de ser Deus encarnado. Quando compreender plenamente o significado bíblico da doutrina da encarnação, a encarnação de Deus em Jesus simplesmente não pode ser comparado com, por exemplo, a visão de que o budismo é Buda.

A doutrina da encarnação requer um desenvolvimento muito mais amplo. Continuamos a investigar com a garantia de que nós empreendemos esta tarefa não é impossível.

33. A divindade de Cristo

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Demonstrar que você compreenda plenamente a divindade de Jesus Cristo e da importância para a fé cristã.
- Identificar e explicar o ensinamento bíblico sobre a divindade de Cristo.
- Reconhecer e descrever ebionismo e arianismo, duas visões de Jesus Cristo e como desviar-se da compreensão bíblica e histórica da divindade de Jesus Cristo.
- Compreender a natureza limitada do "cristologia funcional" e como seus pressupostos afetar as conclusões retiradas dos escritores bíblicos e da igreja primitiva.
- Desenvolver implicações sobre a divindade de Cristo com a finalidade de desenvolver uma cristologia equilibrada.

Resumo do capítulo

A divindade de Cristo está no auge da disputa e a crença na fé cristã. Embora alguns tenham sobredimensionado a divindade de Cristo, outros como os ebionitas e arianos atraídos a Cristo como um ser humano único que possuía nenhuma natureza divina. Passagens bíblicas relevantes indicam claramente que este não é o caso. Mais recentemente, desenvolveu-se a "cristologia funcional", que se concentra nas ações de Jesus, em vez de sua natureza. Mais uma vez, a evidência bíblica não suporta essa idéia. A divindade de Cristo tem um valor real para o crente no conhecimento de Deus, uma nova vida, relacionamento pessoal com Deus e a capacidade de louvar Cristo para o que é.

Questões de estudo

1. Por que é tão importante a divindade de Cristo para a fé cristã? Use referências das escrituras para apoiar sua resposta.
2. Por que Jesus não falou abertamente de sua divindade? O que ele disse para sustentar sua divindade?
3. Que teorias têm sido desenvolvidas que reduzem a divindade de Cristo e você ainda tem defensores hoje?
4. Quais são os principais elementos de uma "cristologia funcional" e como responder a eles?
5. Que implicações pode ser desenhado sobre a divindade de Cristo e por que você acha que eles são importantes?

O ensinamento bíblico

A percepção de Jesus

O Evangelho de João

Hebreus

Paul

O termo "Senhor"

A evidência para a ressurreição

Desvios históricos da crença na divindade de Cristo completa

Ebionismo

Arianismo

Cristologia funcional

Implicações da divindade de Cristo

Uma das questões mais controversas e ainda mais crucial da teologia cristã é a divindade de Cristo. Ele está localizado no centro da nossa fé. Desde a nossa fé é que Jesus é verdadeiramente Deus, o homem, não apenas um homem extraordinário, mesmo que seja a pessoa mais notável que eu já vivi.

O ensinamento bíblico

Nós começamos nossa pesquisa no ponto onde toda a nossa construção doutrinária deve começar o testemunho da Escritura. Aqui encontramos uma grande variedade de materiais e ênfase, mas nenhuma diferença de opinião. Embora não seja possível investigar todas as referências que lidam com esta questão, a não ser que entre em contato dados.

A percepção de Jesus

Ao olhar para a evidência bíblica para a divindade de Cristo, começamos com a percepção de que Jesus tinha de si mesmo. O que Jesus pensava e acreditava sobre si mesmo? Alguns argumentam que Jesus nunca disse que ele era Deus. Sua mensagem foi inteiramente do Pai, não sobre ele. Portanto, somos solicitados a crer *em* Jesus, não *em* Jesus. O que realmente se encaixam a evidência da Escritura com este comentário?

É verdade que Jesus não explicitamente proclamado aberta sua divindade. Sem textualmente disse: "Eu sou Deus." O que nós encontramos, no entanto, são declarações que seria inadequado se alguém fez isso foi menos do que Deus. Por exemplo, Jesus disse que iria enviar "seus anjos" (Mateus 13:41); outro lugar ele fala deles como "anjos de Deus" (Lc. 12: 8-9; 15:10). Essa referência é particularmente significativo porque fala não só de anjos, mas também o reino como sua própria: ". Ele vai enviar o Filho do Homem para os seus anjos e colherão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade" É feita referência a este reino repetidamente como o reino de Deus, mesmo no Evangelho de Mateus, onde se esperaria encontrar "o reino dos céus."

Mais significativo ainda são as prerrogativas que Jesus reivindicados. Em particular, a sua pretensão de perdoar os pecados de carga blasfêmia contra ele como um resultado. Quando o paralítico foi reduzido a partir do telhado por seus quatro amigos, Jesus não respondeu com um comentário sobre a condição física do homem ou a sua necessidade de cura. Pelo contrário, o comentário foi: "Filho, os teus pecados estão perdoados" (Marcos 2: 5). A reação dos escribas indica o significado que eles deram suas palavras: "Por que esse falar dessa maneira? Blasfêmias. Quem pode perdoar pecados senão Deus?" (V. 7). Robert Stein diz que sua reação mostra que eles interpretam comentário de Jesus, uma vez que "está a ter um poder de prerrogativa divina para realmente perdoar os pecados." Aqui era uma excelente oportunidade para Jesus para esclarecer a situação, para corrigir os escribas se É que eles tinham entendido mal o significado de suas palavras. No entanto, ele não fez. Sua resposta foi instrutivo: "E então Jesus percebeu em seu espírito que eles assim arrazoavam entre si, lhes disse: Por que acha isso? O que é mais fácil dizer ao paralítico: 'Os teus pecados estão perdoados' ou dizer: 'Levanta-te, toma o teu leito e anda? Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados, ele disse ao paralítico, eu vos digo: Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa "(vv 8-11.).

Jesus também reivindicou outros privilégios. Em Mateus 25: 31-46 fala de julgar o mundo. Ele vai sentar-se no trono de glória e partem as ovelhas dos cabritos. O poder de julgar a condição espiritual e atribuir o destino eterno de todas as pessoas pertence. Claro que isto é um poder que só Deus pode exercer.

Jesus fez outras afirmações diretas. Agradecemos, ao examinar os Evangelhos, eles são feitos mais explícita nos últimos estágios do ministério de Jesus. No início, permitiu que as pessoas para tirar conclusões sobre ele o poder de seu ensino moral e milagres. Portanto, este segmento do ministério de Jesus dá alguma sustentação às teorias de Harnack e outros. No entanto, nas fases posteriores, que se concentra mais em si mesmo. Por exemplo, poderíamos comparar o Sermão da Montanha ao discurso no cenáculo. No primeiro, a mensagem centra-se na do Pai e do reino. Na segunda, Jesus é

muito mais o centro das atenções. Portanto, a idéia de que Jesus dirigiu ao Pai nossa fé e não para si mesmo é difícil de sustentar.

A autoridade reivindicado e exercido Jesus também é visto claramente a respeito do sábado. Deus estabeleceu o sábado como santo (Ex. 20: 8-11). Só Deus poderia revogar ou alterar este regulamento. No entanto, considere o que aconteceu quando os discípulos de Jesus pegou grão no sábado, os fariseus se opuseram porque eles estavam a violar as leis sabáticas (pelo menos a versão deles). Jesus respondeu dizendo que David tinha violado a lei ao comer o pão reservado para os sacerdotes. Depois de voltar diretamente para a situação que falou, Jesus disse: "O sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado. Assim o Filho do homem é Senhor do sábado "(Marcos 2: 27-28). Claramente que era reivindicando o direito de redefinir o status de sábado, um direito que pertence somente a alguém que é quase igual a Deus.

Vemos também que afirma ter uma relação incomum com o Pai, especialmente nas histórias de John. Por exemplo, Jesus afirma ser um com o Pai, e que o conhece e sabe e vê-lo, vê o Pai (João 10:30). (Jo. 14: 7-9). Em João 8:58 ele fala da pré-existência: ".. Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade, eu digo antes que Abraão existisse, eu sou" "Eu sou" Vamos dar uma olhada aqui em vez de dizer "eu era", diz Leon Morris sugere que você tomar para envolveu um contraste entre "um modo de ser que tem um começo" e um "que é eterno." Também é possível que aqui Jesus está se referindo a "fórmula EU SOU" com Deus ele se identifica em Êxodo 3: 14-15. Porque neste caso, a fórmula "I am" indica a existência. O verbo é copula (por exemplo, "Eu sou o bom pastor", "Eu sou o caminho, a verdade ea vida"). Outra alusão à pré-existência é encontrado em João 3:13, onde Jesus diz: ". Ora, ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem, que está nos céus" Há também rumores de que o trabalho em simultâneo e nos mesmos termos que o Pai ", Jesus respondeu, e disse: 'Aquele que me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele morada "(Jo. 14:23). Apesar de algumas declarações de Jesus pode parecer um tanto vago, não há dúvida de como eles interpretaram seus inimigos. Após a sua alegação de que existia antes de Abraão, a reação imediata dos judeus era coletar pedras para lhe atirarem (Jo. 8:59). Desde então isso indica que o considerou culpado de blasfêmia, porque era a pena de apedrejamento por blasfêmia (Lev. 24:16). Se eles tentaram apedrejá-lo só porque eles estavam com raiva por causa de suas referências desfavoráveis a eles sob a lei que teria sido culpado de tentativa de homicídio.

Em alguns aspectos, a indicação mais clara de como Jesus via a si mesmo é encontrada em conexão com seu julgamento e condenação. A carga, de acordo com o relato de João era que "ele fez Filho de Deus" (Jo. 19: 7). Mateus diz o sacerdote disse ao tribunal: "Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus" (Mateus 26:63). "Disse-lhe Jesus: Tu o disseste. E eu te digo agora você vê o Filho do Homem sentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu. "Esta é a declaração mais clara de que uma divindade pode ser encontrada nos Evangelhos. Alguns argumentam que Jesus estava falando de um satírico, e ele estava realmente dizendo. "Você disse que não me," É verdade que o pronome pessoal é usado aqui para completar a segunda pessoa do singular do verbo, sugerindo que a ênfase do a frase cai sobre o assunto: *Você* dizer isso! No entanto, é necessário fazer duas observações adicionais: (1) Jesus continuou a falar de seu poder e sua segunda vinda, confirmando, em vez de contradita, acusação; (2) Jesus teve uma grande oportunidade aqui para corrigir qualquer mal-entendido que havia sido envolvido. Ele não o fez. Ele poderia ter evitado a execução simplesmente negar o Filho de Deus, mas não o fez. Ou queria morrer, mesmo para uma falsa acusação, seja porque o acusado não respondeu posição estava correta. A reação dos judeus é instrutiva. Quando o sumo sacerdote disse: "Ele blasfemou! Que necessidade temos de testemunhas? Agora que você já ouviu a sua blasfêmia. O que você acha "E eles disseram:" Ele merece a morte "(Mt. 26: 65-66) !. O crime é que Jesus reclamase que só

Deus tem o direito de reclamar. Aqui nós temos Jesus dizendo, na prática, pela aquiência, a sua igualdade com o Pai.

Jesus não só negou a acusação de reivindicar ser Deus, mas aceitou que seus discípulos atribuissem divindade. O caso mais claro disso é a resposta para Thomas quando ele chamou de "Meu Senhor e meu Deus" (Jo. 20:28). Aqui eu tinha uma excelente oportunidade de corrigir este erro, se foi, mas Jesus não.

Existem outras indicações de como Jesus considerava a si próprio. Uma delas é a maneira em que justapõe suas próprias palavras ao Antigo Testamento, as Escrituras do seu tempo. Uma e outra vez ele disse: "Vocês ouviram o que foi dito Mas eu digo ..." (eg, Mt. 5: 21-22, 27-28) ... Aqui Jesus se atreve a colocar a sua palavra, ao mesmo nível que a Escritura do Antigo Testamento. Pode-se argumentar que ele estava apenas dizendo que ele era um profeta na mesma categoria que os profetas do Antigo Testamento. No entanto, os profetas de autoridade baseado as suas declarações sobre o que Deus tinha dito ou estava dizendo através deles. Assim, encontramos a fórmula característica: "A palavra do Senhor veio a mim dizendo ..." (Jer 01:11; Ez 1: 3.). Jesus, no entanto, não menciona que a fórmula quando transmitir seus ensinamentos. Ele simplesmente diz: "Mas eu digo ..." Jesus afirma ter o poder de oferecer lições que têm a mesma autoridade que os profetas do Antigo Testamento.

Jesus também por implicação, por declaração direta e para trabalhos alegou ter poder sobre a vida ea morte. Ana em seu cântico de louvor atribuído a Deus o poder de dar a vida ea morte (1 Sam 2: 6). No Salmo 119, o salmista reconhece uma dúzia de vezes que é o Senhor quem dá e preserva a vida. Em João 5:21 Jesus afirma esse poder para si mesmo: "Assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem ele quer." Talvez a frase mais enfática é encontrado em suas palavras de Martha "Eu sou a ressurreição ea vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá." (Jo. 11:25).

O próprio Jesus aplicada especificamente para expressões que exprimiam a maneira como eles entendem a si mesmos. Um deles é o das formas críticos encontrar este título em todos os estratos dos Evangelhos "Filho de Deus." - Clear prova de que Jesus usou para falar de si mesmo. Embora o título é suscetível de significados diferentes ", Jesus deu um novo conteúdo para descrever a sua pessoa especial e relacionamento com Deus." Isso significava que Jesus tinha uma relação diferente com o Pai de cada ser humano. Os judeus entenderam que Jesus estava afirmando, assim, uma relação especial de filiação que variavam "não só quantitativamente, mas qualitativamente; não apenas em grau, mas em espécie ". ⁵ Em João 5: 2-18, por exemplo, lemos, que reagiu com grande hostilidade quando defender cura no sábado, Jesus vinculada seu trabalho com o Pai. Como João explica: "Portanto, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu Pai, fazendo-se igual a Deus" (v 18).. Do acima exposto, parece difícil, mas com base em determinados pressupostos críticos para evitar a conclusão de que Jesus acreditava-se igual ao Pai e que ele tinha o direito de fazer as coisas que somente Deus tem o direito de fazer.

O Evangelho de João

Quando examinamos o Novo Testamento, vemos que o que seus escritores dizem sobre Jesus é inteiramente coerente com o que Jesus diz e reivindica para si. O Evangelho de João é, naturalmente, conhecida por suas referências à divindade de Jesus. O prólogo em particular expressa esta ideia: ". No princípio era o Verbo, eo Verbo estava com Deus, eo Verbo era Deus" O que John está realmente dizendo é: "Divine [ou Deus] era o Verbo" (θεὸς ἦν ὁ λόγος - *theos en ho logos*). Coloque θεὸς em primeiro lugar, em contraste com a ordem das palavras na frase anterior, que faz com que a frase tem maior resistência. Ele identificou o Logos como divino e viu a Palavra de Deus. Ele não está

descrevendo um monoteísmo simples ou monarchianism modalístico. O resto do Evangelho suporta e estende-se a idéia central do prólogo.

Hebreus

A Epístola aos Hebreus é também muito enfático sobre a divindade de Jesus. No capítulo de abertura, o autor fala do Filho como o esplendor da glória de Deus e a expressão exata de sua natureza (χαρακτήρ τῆς ὑποστάσεως αὐτοῦ - *tes autou hupostaseos* charakter; Hebreus 1: 3). Este Filho, através do qual Deus criou o mundo (v. 2), também mantém (ou suportes) todas as coisas pela palavra do seu poder (3 v.). No versículo 8, que é uma citação do Salmo 45: "Deus". 6, o Filho é mencionado como O ponto aqui é que o Filho é superior aos anjos (1: 4-2: 9), Moisés (3: 1-6), e os sumos sacerdotes (4: 14-5: 10). Ele é superior porque não é apenas um ser humano ou um anjo, mas algo mais, ou seja, Deus.

Paul

Paul muitas vezes dá testemunho da divindade de Jesus. Em Colossenses 1: 15-20 Paulo escreve que o Filho é a imagem (εἰκόν - *eikon*) do Deus invisível; (v 15). ele é quem, por quem e através de quem todas as coisas (17 v.). No versículo 19 Paulo toma esta linha de argumentação a uma conclusão: "porque aprouve a Deus que nele toda a plenitude [πλήρωμα - *pleroma*]." Colossenses 2: 9 apresenta uma idéia muito similar: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade. "

Paulo também confirma algumas das declarações que ele havia feito anteriormente. O acórdão do Antigo Testamento é atribuída a Deus. Abraão em Gênesis 18:25 refere-se a Deus como "o Juiz de toda a terra". Em Joel 3:12 Senhor proclama: ". Porque não me sento para julgar todas as nações vizinhas" já observamos que Jesus disse ele iria julgar as nações (Mateus 25: 31-46). Paulo confirma esta afirmação. Embora, por vezes, faz referências ao julgamento de Deus (por exemplo, Rom. 2: 3) fala de "Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos" (2 Tim. 4: 1) ou o tribunal de Cristo (2 Cor . 5:10).

Uma passagem Pauline lidar com o status de Jesus tornou-se o assunto de considerável controvérsia. À primeira vista, Filipenses 2: 5-11 é uma clara afirmação da divindade de Jesus Cristo, como falado como sendo ou a existir na "forma" (μορφή - *morphe*) de Deus. Em grego bíblico e clássico este termo refere-se a "todo o conjunto de características que fazem algo que é." No entanto, estudos recentes este ponto de vista da passagem tem sido questionada. Muitas interpretações modernas de Filipenses 2: 5-11, comece a partir Ernst Lohmeyer, que propôs que o que temos aqui é, na verdade, uma citação de um hino litúrgico, a passagem pode ser dividido em duas estrofes, cada um dos quais consiste em três estadias de três linhas. Além disso, segundo Lohmeyer, o hino não é helenístico, mas aramaico na origem, isto é, pode ser traçada a partir dos primeiros cristãos hebreus. Como evidência aponta para quatro paralelos ao Antigo Testamento:

1. "forma de Deus" (RSV v. 6) - "à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn 1:26.).
2. "esvaziou-se" (v. 7) - "Ele derramou a sua alma" (Isaías 53:12.).
3. A imagem de Jesus como um servo - Isaías 53.
4. "Tornou-se como homens" (v. 7) - "como um filho do homem" (Daniel 7:13.).

O principal ponto para nós é que "forma de Deus" tem sido acompanhado por uma referência ao Antigo Testamento à imagem e semelhança de Deus. A Septuaginta, por vezes, usar μορφή no sentido εἰκόν é apresentado como prova de que "sob a forma de Deus" deve ser entendida como a imagem de Deus que está em cada ser humano. Assim, alguns estudiosos têm a hipótese de que o antigo hino cristão que Paulo não se deu por apresentar Jesus como o Deus preexistentes, mas, simplesmente como um segundo

Adão. Interpretar que "[ele] não considerou a igualdade com Deus algo a ser alcançado" como uma tentativa de Adão para se tornar Deus. Ao contrário de Adão, Jesus não estava tentando ser igual a Deus. Existem inúmeros problemas com a interpretação do Lohmeyer:

1. Não há acordo sobre a divisão específica da passagem em quartos.
2. Mesmo que a passagem representa um hino, o formulário não pode controlar a interpretação.
3. A origem de uma porção de material não é o único factor que explica o seu significado. Proceda como este está a cometer uma falácia genética.
4. Interpretar μορφή como equivalente εἰκών é na melhor das hipóteses inútil. Com base em algumas aparições μορφή na Septuaginta, este argumento ignora o sentido fundamental clássico da palavra: a substância, o verdadeiro significado de uma coisa.

Concluimos, então Filipenses 2: 6 realmente ensinar uma preexistência ontológica do Filho. E toda a passagem, como mantida Reginald Fuller, apresenta um "padrão cristológico triplo" Jesus, sendo Deus, esvaziou-se, tornou-se homem, e foi, em seguida, exaltado novamente ao status de divindade e igualdade com o Pai .

Alguns teólogos africanos como Charles Nyamiti ter visto na doutrina da pré-existência de Cristo uma oportunidade de se relacionar cristologia com grande respeito pelos seus antepassados africanos. No entanto, outros teólogos africanos não têm considerado esta uma tática recomendada.¹¹

O termo "Senhor"

Há um tipo mais geral de argumento para a divindade de Cristo. O Novo Testamento atribui a termo κύριος (*kurios* - "Senhor") Jesus, especialmente em seu estado ressuscitou e ascendeu. Embora o termo pode ser usado sem qualquer grande conotação cristológica, há várias considerações que argumentam que o termo significa a divindade quando aplicado a Jesus. Em primeiro lugar na Septuaginta κύριος é a tradução normal do nome יהוה (Jeová) e reverencial אֲדֹנָי (Adonai) é muitas vezes substituído por ele. Além de várias referências no Novo Testamento a Jesus como "Senhor" são citações de textos do Antigo Testamento que empregam um dos nomes hebraicos para Deus (por exemplo, Atos 2: 20-21 .. e Ro 10:13 [cf. Joel 2 .. 31-32]; 1 Pedro 3:15 [ver Isaías 08:13] Estas referências deixar claro que os apóstolos queria dar a Jesus o título de *Senhor* no sentido mais amplo Finalmente. κύριος é usada no Novo Testamento para designar tanto a Deus o Pai, Deus o soberano (eg, Mt. 01:20; 09:38; 11:25; Atos 17:24;. Rev. 4:11) e Jesus (por exemplo, Lucas 2 :. 11; João 20:28; Atos 10:36; 1 Cor. 2: 8; Filipenses 2:11; Tg 2: 1; Apocalipse 19:16) Childs William Robinson diz que Jesus "é tratada como o Senhor exaltado, está tão identificado com Deus que nenhuma ambigüidade em algumas passagens sobre se referência ao Pai ou o Filho é feita (por exemplo, Atos 1:24 ;. 2:47; 8:39; 09:31; 11:21 ; 13: .. 10-12; 16:14; 20:19; 21:14; cf. 18:26; Romanos 14:11) "Para os judeus em particular o termo κύριος sugeriu que Cristo era igual ao Pai.

A evidência para a ressurreição

Para alguns, a abordagem que adotamos em nosso esforço para mostrar a divindade de Jesus pode não parecer crítico na natureza, usando a Bíblia, sem levar em consideração os resultados dos métodos mais radicais da pesquisa bíblica. No entanto, existe outra maneira de estabelecer a divindade de Jesus, a maneira que nós não enredado em discutir questões críticas ponto por ponto. No capítulo 32 nós mencionamos a metodologia conhecida como "cristologia a partir de baixo." Agora voltamos à cristologia de Wolfhart Pannenberg, especialmente desenvolvido em seu livro *Jesus-Deus e Homem*. Alguns

teólogos contemporâneos têm procurado desenvolver uma cristologia base conceitos que Jesus tem de si mesmo antes da ressurreição; Estes incluem Werner Elert, Paul Altaus, Ernst Käsemann e Gunther Bornkamm. No entanto, este não é o curso que escolheram seguir Pannenberg. Sua cristologia é em grande parte baseada na ressurreição de Jesus.

Pannenberg vê uma dimensão muito escatológico no ministério de Jesus. Junto com Bornkamm, Rudolf Bultmann, Eduard Heinz Todt e outros, sustenta que as palavras mais antigas do Novo Testamento sobre o Filho do homem vindo do céu para julgar os homens, estrato é o próprio Jesus; formulações não são a primeira comunidade cristã. Todo o ministério de Jesus foi um personagem antecipatória. À medida que as palavras proféticas de contexto apocalíptico, suas reivindicações exigem uma confirmação futuro. Portanto, ele não cumpria as exigências do fariseus imediata "sinal do céu." E mesmo em resposta aos discípulos de João Batista, Jesus disse que os atos salvíficos do fim dos tempos estavam acontecendo em seu ministério , estabelecendo sua identidade, verificação autêntica ainda ter lugar no futuro.

O argumento de Pannenberg só pode ser entendida sob os termos da história revelação. Para Pannenberg, toda a história é reveladora. Portanto, podemos dizer que a revelação aconteceu plenamente apenas quando a história tem o seu curso, porque só assim podemos ver onde ele veio. Pode-se esperar, portanto, que a história não tem valor de revelação para nós, como temos apenas partes incompletas, como peças de um quebra-cabeça. No entanto, a ressurreição, como é o fim da história, para ter acontecido forma antecipatória, nos dá revelação, mesmo dentro do tempo.

Pannenberg afirma que a ressurreição deve ser entendida do ponto de vista da tradição histórica da qual faz parte. Embora tenha se tornado bastante comum considerar um evento como uma constante e sua interpretação como uma variável que muda ao longo do tempo, une ambos. O significado de um evento é o sentido de anexar as pessoas cuja história vai. Pannenberg afirma que o fato da ressurreição de Jesus teria significado para os judeus daquela época:

1. Para um judeu da época da ressurreição de Jesus tinha começado teria significado o fim do mundo. Paulo esperava que a ressurreição de todas as pessoas, especialmente dos crentes para seguir rapidamente Jesus. Portanto, ele falou de Jesus como "as primícias dos que morreram" (1 Co 15:20) e "o primogênito dentre os mortos" (Cl 1:18).

2. A ressurreição teria sido evidência de que o próprio Deus confirmou a atividade pré-Páscoa de Jesus. Para os judeus, a alegação de autoridade de Jesus, colocando-se no lugar de Deus era uma blasfêmia. Entretanto, se ele foi ressuscitado dentre os mortos, ele tinha que ser o Deus de Israel, o Deus que tinha alegadamente blasfemado, que o ressuscitou. Portanto, os judeus da época, ter considerado a ressurreição como uma confirmação de Deus que Jesus realmente era o que ele dizia ser.

3. A ressurreição tinha estabelecido que o Filho do homem não era outro senão o homem Jesus. Antes da Páscoa, Jesus é tido por um homem que andava visivelmente sobre a terra; o Filho do homem era um ser celestial para vir no futuro do céu. No entanto, depois da Páscoa, os dois foram considerados idênticos.

4. A ressurreição teria significado que Deus tinha finalmente revelado em Jesus. Somente no final do tempo você pode revelar plenamente Deus em Sua divindade. O fim do mundo já está presente na ressurreição de Jesus; portanto, Deus se revela nele. Em Jesus, Deus apareceu na terra. Embora este conceito não tem a precisão encontramos no mais tarde ortodoxa cristologia, "a divindade de Jesus e está envolvido de alguma forma no conceito de a aparência de Deus nele."

Depois de ter visto isso, que os judeus do tempo de Jesus teria significado sua divindade ressurreição, devemos pedir provas disso. Pannenberg observa a ascensão do cristianismo, Paul remonta às aparições de Cristo ressuscitado. Se a ascensão do cristianismo pode ser entendido "apenas se examinadas à luz da esperança escatológica da ressurreição dentre os mortos, então o que é designado e é um evento histórico, mesmo que nós não sabemos nada em particular sobre isso."

Pannenberg concorda com Paul Althaus que a proclamação da Ressurreição em Jerusalém, logo após a morte de Jesus é significativa. Na comunidade cristã primitiva que deve ter sido uma testemunha confiável para o túmulo vazio. Pannenberg também disse que na polêmica judaica contra a mensagem cristã da ressurreição de Jesus não há nenhuma afirmação de que o túmulo de Jesus não estava vazia.

De acordo com Pannenberg, evidência de um Coríntios 15 é realmente mais importante do que a dos Evangelhos. Fazer com que alguns elementos da lenda pode ter infiltrou-se os relatos dos Evangelhos. Um exemplo é o de Jesus comer peixe após a Ressurreição. No entanto, para a maior parte, temos medidas adequadas para estabelecer a historicidade da ressurreição prova, que é em si uma prova da divindade de Jesus.

Desvios históricos da crença na divindade de Cristo completa

Quando a igreja tentava entender quem eo que Jesus estava, e, particularmente, como se relacionava com o Pai, houve algumas interpretações incomuns.

Ebionismo

Um grupo, conhecido como os ebionitas, resolvido a tensão real ou ontológica negar a divindade de Jesus. O nome *Ebionite*, *derivado de uma palavra hebraica que significa "pobre", foi originalmente aplicada a todos os cristãos; Mais tarde só para cristãos judeus; e, em seguida, para um determinado sector de hereges cristãos judeus.*

Ebionismo raízes podem ser encontradas nos movimentos judaizantes no período apostólico e do Novo Testamento. A carta de Paulo aos Gálatas foi escrita para combater a influência de um desses grupos. Cristãos judaizantes tinha chegado a Gálatas e estavam tentando minar a autoridade apostólica de Paulo. Eles ensinaram que, além de aceitar pela fé a graça de Deus em Jesus, era necessário observar todos os regulamentos da lei judaica, como a circuncisão. Os ebionitas eram uma continuação ou uma filial dos judaizantes. Sendo fortemente monoteísta, eles concentraram sua atenção sobre os problemas da divindade de Cristo. Eles rejeitaram o nascimento virginal, sustentando que Jesus nasceu de José e Maria como normal.

De acordo com os ebionitas, Jesus era um homem comum que possuía dons incomuns de justiça e sabedoria, mas não sobre-humano ou sobrenatural. Ele era o Messias predestinado, mas em um sentido bastante natural ou humana. No batismo de Cristo desceu sobre Jesus como uma pomba. Este é entendido mais como a presença de poder e influência de Deus no homem Jesus como uma realidade metafísica e pessoal. Para o final da vida de Jesus Cristo se retirou dele. Portanto, Jesus foi principalmente humano, mas um ser humano em quem, pelo menos por um tempo, o poder de Deus estava presente e ativo em um grau incomum. Os Ebionites manteve a sua posição, em parte, por uma negação ou rejeição da autoridade das cartas de Paulo.

Ebionita ponto de vista de Jesus tinha o poder de resolver a tensão entre a crença na divindade de Jesus ea ideia de Deus monoteísta, mas a um preço elevado. Ebionismo teve que ignorar ou negar a maior parte do material de Escritura: todas as referências para a pré-existência, o nascimento virginal e estado qualitativamente e papel especial de Jesus. Do ponto de vista da Igreja, esta foi uma concessão muito grande.

Arianismo

Um ponto de vista desenvolvido muito mais profunda e se espalhou de forma aguda no século IV em torno dos ensinamentos de um padre Alexandrino Arius nomeado. Tornou-se a principal ameaça para a posição defendida implicitamente que a igreja sobre a divindade de Jesus. Arianismo surgiu como um sério período de reflexão teológica e representou uma mais sistemática e mais profunda do que ebionismo

construção, este movimento teve uma chance real de se tornar a posição oficial. Apesar de ter sido condenado pela Igreja no Concílio de Nicéia, em 325 e os seguintes conselhos, ele dura até hoje em várias formas, principalmente no movimento chamado Testemunhas de Jeová formar.

Um conceito central da mesma forma que o arianismo entender Jesus é a singularidade absoluta e transcendência de Deus. Deus é a única fonte de todas as coisas, não criou tudo o que existe em todo o universo. Só Ele possui os atributos da divindade. Além disso, você não pode compartilhar o seu ser ou essência com ninguém. Se eu pudesse dar alguma essência com outros seres, seria divisível e sujeitas a alterações, pois ele não é Deus. Se outro ser participar de sua natureza divina, seria necessário falar da dualidade ou multiplicidade de seres divinos. Mas isso estaria em contradição com a certeza real do monoteísmo, a singularidade, o fato de que há apenas um Deus. Portanto, não pode haver qualquer outra coisa que tenham surgido ou surgir de uma certa emanção da essência ou substância de Deus. Tudo que não seja Deus teve que vir de um ato de criação, no qual ele dá existência a partir do nada. Só Deus (que para Arius é o Pai) não é criado e eterno.

No entanto, o Pai, embora criou tudo o que não está diretamente criou a terra. Esta não podia suportar o contato direto. Pelo contrário, o Pai operou por meio da Palavra, o agente da criação e os trabalhos em curso no mundo. A Palavra é um ser criado, embora a primeira e seres mais elevados. Não é uma emanção do Pai, mas criando uma ordenou-lhe do nada. A palavra γεννάω (*gennao* - "gerar"), quando usado para se referir à relação com a Palavra do Pai deve ser entendida em sentido figurado para ποιέω (*poieo* - "fazer"). Embora a Palavra é uma criatura perfeita não da mesma classe que outras criaturas não existe por si só.

Este dois conceitos derivam da Palavra. Primeiro, a Palavra deve ter tido um começo em um determinado momento. Por isso, o slogan arrianista foi: "Houve um tempo em que não havia." No arrianistas eles sentiram que, se a Palavra é co-eterno com o Pai, seriam dois princípios de auto-existente. Isso seria irreconciliável com o monoteísmo, o princípio absoluto de sua teologia.

Em segundo lugar, o Filho não tem comunhão, mesmo conhecimento direto do Pai. Embora a Palavra e Sabedoria de Deus, não da essência de Deus; sendo uma criatura, leva esses títulos só porque parte da palavra e da sabedoria do Pai. Sendo totalmente diferente em essência do Pai, o Filho é capaz de mudar e até mesmo o pecado. Quando pressionado para arrianistas para ser dito como eles poderiam se referir à Palavra como Deus ou Filho de Deus, eles apontam que essas designações são mera questão de cortesia.

Os arrianistas não fez a sua vista única sobre um princípio filosófico ou teológico a priori. Ao contrário, eles o fizeram com base em uma extensa coleção de referências bíblicas:

1. Os textos que sugerem que o Filho é uma criatura. Entre estes estão Provérbios 08:22 (na Septuaginta); Atos 02:36 ("Este Jesus que vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo"); Ro. 08:29; Colossenses 1:15 ("o primogênito de toda a criação"); e Hebreus 3: 2.
2. Os textos em que o Pai é representado como o único Deus verdadeiro. A mais significativa é a oração de Jesus em João 17: 3: "E esta é a vida eterna Que eles te conheçam, o único Deus verdadeiro, ea Jesus Cristo, a Quem enviaste."
3. Os textos que parecem implicar que Cristo é inferior ao Pai. A mais notável delas é João 14:28, onde Jesus diz: ". O Pai é maior do que eu" O fato de que esse versículo e citado no parágrafo anterior são o livro de João, o mais teológica dos evangelhos, eo evangelho mais frequentemente citado como um texto de prova para a divindade de Cristo, faz o argumento mais poderoso.
4. Textos Filho atribuídos a imperfeições e fraquezas, ignorância e do sofrimento. Um dos destaques é Marcos 13:32 "Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão o Pai."

O resultado de tudo isso foi que a Palavra foi dado o status de um semideus. Ele foi considerado o mais alto de todas as criaturas, mas manteve-se uma criatura. Era um ser intermediário entre Deus Pai eo resto da criação, o agente pelo qual o Pai os havia criado e continuou interagindo com eles, mas não era Deus no sentido mais pleno. Poderia ser chamado de Deus por cortesia, mas era tanto um deus criado, não a Deus, sendo eterno e não criado. De alguma forma, o semi-arianos eram um pouco menos extremo, destacou as semelhanças e não as diferenças entre o Verbo eo Pai. Eles estavam dispostos a dizer que a Palavra era de natureza semelhante (ou essência) Pai (ὁμοιούσιος - *homoiousios*), mas não que era da mesma essência como o Pai (ὁμοούσιος - *homoousios*).

Há duas respostas principais para a teologia Arian. Um deles é notar que os tipos de provas que são objecto de recurso para o início deste capítulo para sustanciar a divindade de Cristo são ignoradas ou tratadas inadequadamente por arrianistas. O outro é para olhar melhor nas passagens em que o ponto de vista arrianista suportados. No geral, devo dizer que os maus arrianistas ter construído várias frases bíblicas relativas à subordinação do Filho durante a encarnação. A descrição de subordinação funcional com o tempo Pai tem sido mal interpretado como declarações sobre a essência do Filho.

Examinando passagens mais profundas que parecem falar de Jesus foi feito ou criado não vai ensinar isso. Por exemplo, as referências a Jesus como o "primogênito" da criação tem um significado para arrianistas temporária. No entanto, na realidade, a expressão "primogênito" significava principalmente primeira vez, mas primeiro preeminência. Isto é indicado, por exemplo, no contexto de Colossenses 1:15, pois o próximo versículo diz que Jesus foi o meio pelo qual se originaram todas as coisas criadas. Paulo certamente teria qualificado esta declaração (digitando, por exemplo, "todas as outras coisas" em vez de dizer que ele "foram criadas todas as coisas"), se a criança era um deles. Além disso, Atos 02:36 não diz nada sobre a criação do Filho. Ele diz que Deus fez Senhor e Cristo, as referências a seu cargo e função. Este versículo confirma que Jesus cumpriu a sua tarefa messiânica, que foi criado pelo Pai dando-lhe uma essência particular.

João 17: 3 também tem de ser vista no contexto. Nós avaliá-la à luz de numerosas outras referências neste Evangelho para a divindade de Cristo. Ao falar do Pai como o único Deus verdadeiro (ἀληθινός - *alethinos*), *Jesus não está comparando o Pai ao Filho, mas os outros que afirmam divindade, os falsos deuses*. Claro, aqui Jesus está se colocando muito perto de Deus. A vida eterna não é só conhecem o Pai, é também saber a quem Ele enviou, Jesus Cristo.

João 14:28, a passagem em que Jesus diz que o Pai é maior do que deveria ser considerada tendo em conta a subordinação funcional temporal do Filho durante a encarnação. Em seu ministério terrestre de Jesus dependia do Pai, em especial, o exercício dos seus atributos divinos. Mas, quando diz que ele eo Pai são um (Jo. 10:30) e pediu que seus seguidores sejam um, como Ele eo Pai são um (Jo. 17:21), está expressando uma proximidade entre eles, se você Não está expressando a idéia de que eles são intercambiáveis. Além disso, a fórmula baptismal (Mt 28:19) e Pauline bênção de 2 Coríntios 13:14 sugerem uma associação do Pai, do Filho e do Espírito Santo em partes iguais; qualquer membro da Trindade é maior ou menor do que outros.

Finalmente, as passagens que se referem às fraquezas, ignorância e do sofrimento devem ser vistos como declarações que confirmam a autenticidade da Encarnação. Jesus era plenamente humano. Isso não significa deixar de ser Deus, mas aceitou as limitações da humanidade. Durante a sua estada na Terra na Sua primeira vinda Eu realmente não sabia quando seria sua segunda vinda. Sua divindade exercido e experimentada somente de acordo com a sua humanidade Embora o problema da relação das duas naturezas são discutidos com mais profundidade no Capítulo 35, deve-se notar neste momento que não havia um limite de tempo, e não uma finitude permanente. Por um curto período de tempo Jesus não tinha conhecimento absoluto e habilidade física. Portanto, enquanto na terra poderia desenvolver física e intelectualmente maduro.

A igreja deve avaliar o Arianismo, ele chegou a sua conclusão no Concílio de Nicéia, em 325. Levando em consideração coisas como já mencionamos, concluíram que Jesus é verdadeiramente Deus como o Pai. É de uma substância diferente, até mesmo de um material semelhante; É a mesma substância do Pai. Decidido isso, o Conselho condenou o arianismo, uma frase que foi repetida em conselhos subsequentes.

Cristologia funcional

Nem todas as modificações para a doutrina da divindade de Jesus são encontrados nos primeiros séculos da história da igreja. Uma das teorias cristológicas interessantes do século XX foi a "cristologia funcional." Com isto queremos dizer a ênfase sobre o que Jesus fez e não o que era Jesus. Basicamente, a cristologia funcional disse que o trabalho com base no Novo Testamento somente e não categorias metafísicas ou especulativos de um período de reflexão adicional, enraizadas no pensamento grego.

Um exemplo claro da cristologia funcional é a obra de Oscar Cullmann *A cristologia do Novo Testamento*. Observa que as controvérsias cristológicas dos séculos IV e V da pessoa em causa ou a natureza de Cristo. Essas preocupações se concentraram em duas questões: em primeiro lugar, a relação entre a natureza de Jesus e Deus; em segundo lugar, a relação entre as naturezas divina e humana de Jesus. No entanto, estas não são as questões que preocupam o Novo Testamento. Se não eliminar os problemas recentes de nossa revisão do Novo Testamento, temos uma falsa perspectiva da cristologia desde o início. Isso não significa, como Cullmann, a igreja não precisa abordar estas questões mais tarde, ou que seu tratamento deles é inadequada. Mas devemos lembrar que a Igreja dos séculos IV e V estava lutando com os problemas resultantes da "helenização da fé cristã, a emergência da doutrina gnóstica e os pontos de vista de Ário, Nestório, Eutiques e outros." Estes problemas simplesmente Eles não vieram no Novo Testamento.

Cullmann exorta-nos a perguntar "o que é a orientação e os juros do Novo Testamento a respeito de Cristo?" Sua própria resposta é que o Novo Testamento fala mal da pessoa de Cristo sem falar ao mesmo tempo o seu trabalho. "Quando no Novo Testamento pergunta:" Quem é Cristo? 'a questão nunca se refere exclusivamente, ou mesmo primariamente para "o que é a sua natureza?", mas acima de tudo, "o que é a sua função? "

Os pais da igreja focada pessoa e obra de Cristo de uma maneira um pouco diferente. Eles tiveram que lutar contra as idéias heréticas, relacionados principalmente à natureza de Cristo ou sua pessoa. Ao fazê-lo, eles subordinados a discussão da obra de Jesus à sua natureza. Embora reconhecendo a necessidade de os pais da igreja desses esforços, Cullmann adverte-nos de estar alerta para a mudança: "Mesmo que esta mudança necessária contra certas idéias heréticas, a discussão sobre a" natureza "seria um problema grego Basicamente, nenhum judeu ou bíblica. "

Cullmann abordagem é usar a "história da salvação" (*Heilsgeschichte*) como um princípio organizador para examinar vários títulos para Jesus no Novo Testamento. Sua cristologia, então, se concentra no que Jesus fez na história: "É característico da cristologia do Novo Testamento que Cristo está conectado com toda a história da revelação e da salvação, começando com a criação. Não pode haver *Heilsgeschichte* sem cristologia; Cristologia ou sem *Heilsgeschichte* revelam que o tempo. Cristologia é a doutrina de um "evento" não a doutrina das naturezas.

Há duas maneiras em que defende uma cristologia funcional desempenhar o seu papel.

1. A cristologia funcional do Novo Testamento em oposição a uma cristologia ontológica é o verdadeiro ponto de vista bíblico, mas pode ser usado para construir uma cristologia mais ontológico, como os conceitos ontológicos estão embutidos dentro funcional.
2. Não é necessário nem desejável ir além da abordagem funcional tirada do Novo Testamento. A cristologia do Novo Testamento é normativo para a nossa cristologia.

Embora Cullmann não diz claramente que apoiar esta segunda posição, pode-se tirar essa conclusão. Uma conclusão semelhante pode ser tirada daqueles que defendem que a teologia precisa o ambiente atual tem uma maior afinidade com a abordagem funcional para as metafísicas gregas dos séculos IV e V.

O espaço não permite uma exposição completa e exaustiva e avaliação da cristologia ou de Cullmann qualquer outro cristologia funcional. No entanto, a resposta é necessário fazer diversas observações:

1. É verdade que os escritores da Bíblia foram muito interessado na obra de Cristo e não ocupado em simples especulação sobre a natureza de Jesus. No entanto, o seu interesse na natureza não é sempre subordinado a seu interesse em seu trabalho. Observe por exemplo, como John refere-se a humanidade de Jesus em sua primeira carta: "Por isso, você sabe o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus "(4: 2-3a). Claro, pode-se dizer que a vinda de Jesus está o seu trabalho, mas a idéia principal deste número é que ele veio "na carne." Devemos também chamar a atenção para o Prólogo do Evangelho de João. Cullmann responde que mesmo aqui "o Verbo estava com Deus, eo Verbo era Deus" está conectado com Mas, embora seja uma coisa para apresentar como prova, pedindo "todas as coisas foram feitas por intermédio dele." "Quem é Cristo ? "O Novo Testamento não significa de forma exclusiva" *Qual é a natureza?* ", outra bem diferente é afirmar, como faz Cullmann, que o Novo Testamento não significa que é principalmente a questão. De acordo com trechos de João 1: 1 e 1 João 4: 2-3a, é impossível sustentar que no Novo Testamento sempre precedência sobre a ontologia funcional.

2. A suposição de que a discussão das naturezas é "em última análise, um problema grego, não judaica ou bíblica," reflete a suposição comum de teologia bíblica movimento que existe uma grande diferença entre pensamento grego e hebraico, e que o hebraico é a mentalidade bíblica. A monumental obra de James Barr *Semântica de Língua bíblica* demonstra que estes e outros conceitos mantidos pelo movimento da teologia bíblica são insustentáveis. Brevard Childs afirma que a perda de credibilidade desses conceitos é "rachando paredes" teologia bíblica movimento. Aceitar ou não a avaliação de Barr, simplesmente não pode ser ignorado e não repetir declarações críticas da mente hebraico.

3. Por conseguinte, o pressuposto de que a mentalidade dos hebreus não era ontológica ou teórico deve ser questionada. George Ladd acredita que o uso de Paulo de *mar* em 1 Coríntios 16:22 é significativo: "Que Paulo usa uma expressão aramaico em uma carta a uma igreja de língua grega não sabe teste aramaico usando *mar* (kyrios) a Jesus Cristo vem da igreja primitiva aramaico e não é um produto da comunidade helenística "Este texto, também. *Didache* 10: 9", atesta o culto a Jesus como Senhor na comunidade de língua aramaica estava à procura de sua vinda e não Pai. "É claro, então, que tinha um elemento ontológico no conceito hebraico de Cristo.

4. Existe um amplo consenso de que a cristologia do século IV foi fortemente influenciada pelos pressupostos gregos em relação às Escrituras. Certamente eles acreditavam que essas suposições refletia o que estava na mente dos cristãos hebreus. Mas se procura em vão por qualquer admissão por Cullmann ou outros cristólogos funcionais que eles trazem para o seu estudo do Novo Testamento são influenciados por pressuposições meio intelectual do seu tempo. Muito menos indicar conscientemente o que poderia ser essas suposições. O pressuposto em que trabalhar o tempo todo é que a partir do seu lugar privilegiado no século XX são capazes de entender melhor a mente dos escritores do primeiro século que os teólogos dos séculos IV e V. Supõe-se que a posse de métodos históricos superiores que lhes permite ter uma perspectiva melhor. Mas pode não os teólogos calcedonianas, estar mais perto do tempo do Novo Testamento, iria entender tão bem ou melhor do que os teólogos modernos?

Em particular, deve investigar o trabalho dos teólogos funcionais para ver se as categorias são removidos do funcionalismo contemporâneo (por exemplo, o pragmatismo) não vai influenciar a sua interpretação da Bíblia. A conclusão de Barr e outros que a mentalidade dos judeus não era como nenhuma metafísica como às vezes se pensou deverá conduzir a pelo menos considerar a possibilidade de que a exegese de Cullmann é afetado pelo funcionalismo contemporâneo.

5. Cullmann advertiu contra a distorção da perspectiva bíblica, quando analisados sob as categorias de um período posterior. Mas o que sobre o seu princípio organizacional básica da *Heilsgeschichte*? É importante ter em mente as poucas vezes esse conceito aparece, tanto no Antigo e Novo Testamento. É claro que o conceito está lá, mas você explica tanto a Bíblia para justificar uso como princípio organizador? Cullmann diz que sim e documenta a sua opinião, apelando para seu *Cristo* e hora, mas este trabalho também tem sido severamente criticada por Barr. Isso não significa que o caso de Barr conclusivo, mas deve avisar-nos contra acriticamente assumir que Cullmann não usa qualquer categoria de fora do texto bíblico. Na prática, Cullmann parece funcionar em uma forma circular: o *Heilsgeschichte* valida a cristologia funcional, e valida a cristologia funcional *Heilsgeschichte*. Mas a afirmação de que "cristologia é a doutrina de um 'acontecendo', não a doutrina das naturezas," precisa de mais provas fora do círculo.

6. Mesmo se admitirmos que a igreja cristã primitiva estava mais preocupado com o que Jesus tinha feito esse tipo de pessoa ele era, não podemos deixar a nossa cristologia lá. Toda vez que você quer saber como algo funciona, também perguntou sobre os pressupostos da operação, porque a operação não acontece no resumo. A função assume algum tipo de forma. Não ser capaz de ver isso e ficar satisfeitos com uma cristologia funcional está caindo em uma "cristologia tipo Cheshire cat". Como o gato de Cheshire de Lewis Carroll, que desapareceram gradualmente até que só o seu sorriso, cristologia funcional oferece funções informes. Deixando de lado por agora a questão de saber se os primeiros cristãos fizeram questões ontológicas sobre Jesus, não podemos deixar de, se queremos ser responsáveis e contemporânea. Se você não fizer isso, ele cai em uma categoria de Henry Cadbury "arcaizarse" substituir teologia bíblica teologia.⁴¹ apenas não ao vivo no primeiro século. Temos de continuar, como Cullmann sugere que fez corretamente teólogos do século IV, levantando questões sobre a natureza de Jesus.

Em suma: como cristologia funcional tem vista para algumas características do testemunho bíblico e distorce os outros, não é uma cristologia adequada para hoje. É questionável se, como sustenta Cullmann, o Novo Testamento coloca maior ênfase sobre o papel eo trabalho de Jesus em sua pessoa ou natureza. Os conceitos ontológicos estão implícitas se não explícita no Novo Testamento. Qualquer cristologia para ser completamente apropriado para tentar integrar as questões ontológicas e funcionais.

Implicações da divindade de Cristo

Com a introdução deste capítulo, dissemos que a divindade de Cristo é de vital importância para a fé cristã. A disputa entre a Ortodoxia (que declarou que Jesus é *homoousios* - da mesma natureza que o Pai) eo Semi-arianos (que alegou que Jesus é *homoiousios* - de natureza semelhante) por vezes tem sido ridicularizado. É apenas uma disputa sobre um ditongo. No entanto, uma ligeira mudança na ortografia faz uma grande diferença no significado.⁴³

Há várias implicações importantes da doutrina da divindade de Cristo:

1. Nós podemos ter um conhecimento real de Deus. Jesus disse: "Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo. 14: 9). Enquanto os profetas tinham uma mensagem de Deus, Jesus era Deus. Se você quer saber como o amor, a santidade, o poder de Deus, precisamos apenas olhar para Cristo.

2. A redenção está à nossa disposição. A morte de Cristo é suficiente para todos os pecadores que nunca viveram, porque não era apenas uma humana finita, mas Um Deus

infinito que morreu. Ele, a Vida, o doador e sustentador da vida, ele não tinha morrido, morreu.

3. Deus e os homens se reuniram. Não era um anjo, ou um ser humano que veio de Deus para a raça humana, mas o próprio Deus cruzou o abismo criado pelo pecado.

4. louvor a Cristo é apropriado. Não é apenas a mais alta das criaturas, mas Deus da mesma forma e na mesma medida que o Pai. Ele merece nosso louvor, adoração e obediência como Pai merece.

Algum dia todos irão reconhecer quem eo que é Jesus. Aqueles que acreditam na divindade de Cristo e reconhecer quem você é e agir em conformidade:

Glorioso Cristo, Rei da criação
O homem e Deus, eu te louvo
Eu te amo, meu amigo doce
Corona mina e Salvador.

A humanidade de Cristo 34.

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Avaliar a importância da doutrina da humanidade de Cristo.
- Prove que o material bíblico há físico, emocional e intelectual evidência da humanidade de Cristo.
- Compreender as heresias da igreja primitiva: Docetism e Apollinarianism, negar ou limitar a humanidade de Cristo.
- Compreender as últimas tendências de Karl Barth e Rudolf Bultmann a desvalorizar a humanidade de Jesus.
- Revisão e reafirmar que Jesus não tinha pecado.
- avaliar seis implicações da humanidade de Jesus.

Resumo do capítulo

Embora a doutrina da humanidade de Cristo é menos controverso do que a sua divindade, houve várias heresias antigas e modernas teorias que negam ou diminuem sua humanidade. O fato de que Jesus não tinham pecado coloca um problema especial. Alguns sustentam que Jesus não poderia ser humano se você não pecou. Este não precisa ser necessariamente a conclusão. Há várias implicações decorrentes do fato de aceitar a posição ortodoxa da humanidade de Jesus.

Questões de estudo

1. Como você descreveria a doutrina da humanidade de Jesus?
2. Por que é importante doutrina da humanidade de Jesus?
3. Explique a heresia do docetismo e Apollinarianism para que você possa entender uma pessoa que não tenha estudado doutrina ou história da igreja.

4. Explicar os problemas das posições de Barth e Bultmann sobre a humanidade de Cristo.
5. Imagine que você foi convidado para defender o conceito de impecabilidade de Jesus, em particular, a possibilidade de que ele poderia ter pecado. O que você diria?
6. Se você estava pregando ou ensinando sobre a humanidade de Jesus, que pontos você gostaria de tentar?

A importância da humanidade de Cristo

A evidência bíblica

Heresias iniciais sobre a humanidade de Jesus

Docetism

Apollinarianism

Restrições recentes sobre a humanidade de Jesus

Karl Barth

Rudolf Bultmann

A impecabilidade de Jesus

Implicações da humanidade de Jesus

O tema da humanidade de Jesus Cristo, de certa forma, não desperta muita atenção e controvérsia como a sua divindade. À primeira vista, parece óbvio, qualquer que fosse, Jesus certamente deve ter sido humano. No século XX, a humanidade de Jesus não recebeu uma atenção tão ampla e profunda como a sua divindade, foi um importante tópico de discussão entre os fundamentalistas e modernistas. O que não é questionado é raramente discutido, pelo menos não tão profundamente como é feito com a maioria das questões controversas. No entanto, a questão da humanidade de Jesus tem desempenhado, pelo menos, um papel tão importante no diálogo teológico como a sua divindade, especialmente nos primeiros anos da igreja. E, em termos práticos, de certa forma, era mais perigoso para a teologia ortodoxa.

A importância da humanidade de Cristo

A importância da humanidade de Jesus não pode ser subestimada, uma vez que a questão da encarnação é soteriológica, isto é, pertence à nossa salvação. O problema humano é a diferença entre Deus e nós. A diferença é certamente ontológica. Deus é muito superior aos seres humanos, de modo que a razão humana não pode conhecer sem ajuda. De modo que a humanidade possa conhecê-lo, Deus deve tomar a iniciativa. Mas o problema não é apenas ontológica. Há também uma diferença espiritual e moral entre eles, uma lacuna criada pelo pecado do homem. Homens por seu próprio esforço moral não pode compensar seu pecado para subir para o nível de Deus. Para ter comunhão entre os dois eles têm que vir juntos de alguma forma. Este é tradicionalmente entendida a ser alcançado pela concretização em que a divindade e humanidade unida em uma só pessoa. No entanto, se Jesus não era realmente um de nós, a humanidade e divindade não estão unidos e não podemos ser salvos. A validade do trabalho realizado com a morte de Cristo, ou pelo menos a sua aplicabilidade no que diz respeito a nós como seres humanos depende da realidade da sua humanidade, bem como a sua eficácia depende de como genuíno qualquer divindade.

Além disso, o ministério intercessor de Jesus depende de sua humanidade. Se ele realmente era um de nós, experimentando todas as tentações e provações humanas, então é capaz de entender e compreender as nossas tentações e humano. Além disso, se não fosse humano ou humana só incompleta, ele não poderia interceder como faz um sacerdote para que ele representa.

A evidência bíblica

Existe uma grande evidência bíblica de que o homem Jesus era uma pessoa totalmente humano, que não carecem de qualquer um dos elementos essenciais da humanidade que estão em cada um de nós. O primeiro aspecto é que ele tinha um corpo totalmente humano. Ele nasceu. Ele não desceu dos céus e apareceu de repente na terra, mas que foi concebido no ventre de uma mãe humana pré-natal e alimentados como qualquer outra criança. Apesar de seu design foi especial porque nenhum homem não estava envolvido, o processo a partir de então era aparentemente idêntica à experiência qualquer outro feto. O nascimento em Belém, embora em circunstâncias muito especiais, no entanto, foi um nascimento humano normal. A terminologia utilizada para descrever este nascimento é o mesmo que foi usado para descrever o nascimento humano normal. Jesus tinha um pedigree, como indicado pelas genealogias de Mateus e Lucas. Antepassados tinham, e os genes deles provavelmente herdado, como quaisquer outros genes humanos que está sendo recebido de seus antepassados.

Não só o nascimento, mas também a vida de Jesus indicam que ele tinha uma natureza física humana. Tem sido dito que "crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens" (Lc. 2:52). Ele cresceu fisicamente, alimentada por água e comida. Ele não tinha uma força física sem limites. No entanto, seu corpo pode ter sido em algum mais perfeito do que os nossos caminhos, porque ele havia nenhum vestígio do pecado (pessoal, quer originais ou próprios de cada ser humano) que afetam sua saúde.

Jesus tinha a mesma fisiológica e física do que outras limitações humanas. Então ele sentiu fome quando em jejum (Mt 4: 2). Ele também sofreu sede (Jo. 19:28). Além disso, ele experimentou a fadiga durante a viagem (Jo. 4: 6), provavelmente também em muitas outras circunstâncias. Portanto, justifica-se sentir desanimado quando seus discípulos adormeceu enquanto orava no Getsêmani, porque enfrentando o mesmo tipo de fadiga do que eles. Eu não estava pedindo nada que não seja exigida a si mesmo (Mateus 26:36, 40-41).

Finalmente, Jesus sofreu fisicamente e morreram em todo o mundo. Isto é evidente na história da crucificação, mas talvez seja mais claro em João 19:34, onde lemos que abriu o lado com uma lança e de lá fluíu água e sangue, o que indica que ele já estava morto. Sem dúvida, ele tinha sofrido fisicamente (como genuíno como você ou eu) ter sido espancado quando ele colocou a coroa de espinhos na cabeça, e quando os pregos foram colocados nas mãos (ou pulsos) e pés.

Jesus tinha um corpo físico é evidente no fato de que seus contemporâneos tinha uma verdadeira percepção física dele. Juan explicou que vividamente em 1 João 1: 1: ". O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e tocados com a nossa vida a Palavra de mãos" Juan Ele está a estabelecer a verdade da natureza humana de Jesus. Ele realmente ouviu, viu e tocou Jesus. O toque foi para os gregos a forma mais básica e mais confiável, porque é uma percepção direta - de jeito nenhum se interpõe entre o observador eo objeto percebido. Então, quando João fala de "o que as nossas mãos apalpam," está enfatizando que era a manifestação física de Jesus.

Rudolf Bultmann, entre outros, opôs-se à ideia de uma percepção física de Jesus. Citando 2 Coríntios 5:16 - "Portanto nós, doravante, ninguém conhecemos depois [*κατὰ σάρκα* - *kata sarka*] carne; e mesmo que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já sabemos que ele." Bultmann argumenta que não podemos conhecer Jesus por meio da percepção humana comum ou pela pesquisa empírica histórico. Mas como vimos (p. 616), nos escritos "carne" de Paulo não é utilizado como envolver fisiológico, mas como a orientação natural do ser humano para dar de volta a Deus. É como não regenerado humano fazer ou ver as coisas. Então, o que Paulo está falando sobre poderiam ser mais bem traduzida como "de uma perspectiva mundana [ou humano]" a sentença *κατὰ σάρκα* não se refere a uma possível maneira de conhecer Jesus, mas sim uma perspectiva, um ponto de vista uma atitude em relação a

ele. Contrariando Bultmann, por conseguinte, a nossa posição é que a possibilidade de obter informações a respeito de Jesus não pode ser excluída com base neste texto particular de Paul.

Se Jesus era um ser humano real fisicamente, ele também estava completamente e verdadeiramente humano psicologicamente. Escritura atribuído o mesmo tipo de qualidades emocionais e intelectuais que encontramos em outros homens. Eu pensei, fundamentado e senti.

Quando examinamos a personalidade de Jesus, encontramos toda a gama de emoções humanas. É claro, que ele amava. Ele está se referindo a um de seus discípulos como o discípulo "que Jesus amava" (Jo. 13:23) É feito. Quando Lázaro estava doente e Marta e Maria enviado por Jesus, a sua mensagem era: (. Jo 11: 3) "Senhor, a quem amas está doente". Quando o jovem rico perguntou como herdar a vida eterna, Jesus olhou para ele e "amava" (Marcos 10:21). Jesus sentiu compaixão ou piedade para aqueles que estavam com fome, eles estavam doentes ou perdida (Mateus 9:36; 14:14; 15:32; 20:34). A palavra grega é *σπλαγχνίζομαι* (splagnizomai), que significa literalmente "órgãos internos ou viscerais agitados." Jesus impassível, você sofrimento humano.

Jesus reage a diferentes situações com as emoções certas. Ele podia sentir chateado e preocupado, como ele era antes de sua traição e crucificação (Mateus 26:37). Ele também experimentou a alegria (Jo 15:11; 17:13; Hebreus 12: 2 ..). Ele poderia estar com raiva ou aflitos com as pessoas: (. Marcos 10:14) (Marcos 3 5.), e até mesmo indignado.

Algumas destas emoções, é claro, por si só, não provam que Jesus era humano. Porque Deus certamente sentir amor e compaixão, como observado em nossa discussão de sua natureza, e também raiva e indignação com o pecado. No entanto, algumas das reações de Jesus, são estritamente humano. Por exemplo, ele mostra espanto em situações positivas e negativas. Ele se maravilha com a fé do centurião (Lc. 7: 9) e à descrença dos moradores de Nazaré (Mc. 6: 6).

Ilustrativa também são referências para as preocupações de Jesus. Eles vêm a sua reação humana em particular a uma variedade de situações, especialmente seu senso de morte que ele teve que enfrentar. Ele estava bem ciente da necessidade e importância de sua missão ", e eu como eu angustio até que o mesmo se realize!" (Lucas 12:50.). Consciência do que tinha que acontecer alma perturbada (Jo. 12:27). No jardim do Getsêmani, era evidente que ele sofreu uma luta interna e foi tensa e parece que não quer ser deixado sozinho (Marcos 14: 32-42) Na cruz, o seu grito: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste" (Marcos 15:34), era uma expressão muito humana da solidão.

Um dos mais reações humanas de Jesus aconteceu na morte de Lázaro. Vendo Mary e seus companheiros estavam chorando, Jesus "comoveu-se em espírito e perturbou-se" (Jo 11:33.); choraram (v 35.); Ele foi para o túmulo "profundamente comovido de novo" (v. 38). A descrição aqui é muito intensa, porque para descrever o gemido do espírito de Jesus, João escolhe um termo usado para os cavalos Huff(*ἐμβριμάομαι* - embriamomai). É óbvio que Jesus tem uma natureza humana capaz de sentir vergonha e uma tristeza tão profunda que se sente como.

Quando tentamos as qualidades intelectuais de Jesus, percebemos que ele tinha conhecimento extraordinário. Ele sabia que o passado, presente e futuro de uma forma que não é acessível a pessoas normais. Por exemplo, ele sabia o que seus amigos pensaram assim (Lucas 9:47). E os inimigos (Lc 6: 8.). Ele podia adivinhar a natureza de Natanael (Jo. 1: 47-48). Ele "não precisa de ninguém para explicar qualquer coisa sobre o homem, pois ele sabia o que havia no homem" (Jo. 2:25). Ele sabia que o samaritano tinha tido cinco maridos e estava vivendo com um homem que ela não era casada (Jo. 4:18). Ele sabia que Lázaro estava morto (Jo. 11:14). Ele sabia que Judas iria traí-lo (Mateus 26:25), e que Pedro o negaria (Mateus 26:34). É claro que Jesus sabia tudo o que ia acontecer (Jo. 18: 4). Eu realmente tinha um grande conhecimento do passado, presente, futuro, a natureza eo comportamento humano.

No entanto, esse conhecimento não era sem limites. Jesus perguntou mais frequentes, ea impressão dada nos Evangelhos está pedindo não sabia. Claro, existem algumas pessoas, incluindo professores, que fazem perguntas cujas respostas já conhece. Mas Jesus parece se perguntou por que ele não possuía as informações necessárias. Por exemplo, ele perguntou ao pai do menino epilético: "Há quanto tempo ele está assim?" (Marcos 9:21). Aparentemente, Jesus não sabia quanto tempo ele tinha o menino que sofre da doença, as informações necessárias para a cura adequada.

O testemunho bíblico vai ainda mais longe. Em pelo menos um caso expressamente afirmou que Jesus não sabia sobre uma questão particular. Falando sobre a segunda vinda, ele afirmou: "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão o Pai" (Marcos 13:32).

É difícil explicar o fato de conhecer Jesus foi excelente em algumas áreas, mas certamente limitada em outros. Alguns sugeriram que tinha as mesmas limitações que temos com relação ao conhecimento discursivo (conhecimento obtido através do processo de raciocínio ou receber informações parciais dos outros), mas teve percepção pleno e imediato sobre questões de conhecimento intuitivo. No entanto, não parece completamente apto. Ele não explica o seu conhecimento do passado da mulher samaritana, ou que Lázaro estava morto. Talvez pudéssemos dizer que tinha esse conhecimento quando necessário para cumprir a sua missão; em outros assuntos que ele era tão ignorante como nós.⁵

A ignorância e erro, no entanto, são coisas muito diferentes. Alguns estudiosos modernos argumentam que Jesus realmente cometeu um erro de algumas de suas declarações, como quando os livros do Pentateuco atribuída a Moisés (Marcos 0:26) e quando disse que o retorno enquanto viveram alguns de seus ouvintes. Estas previsões são anotados Mr 9: (. "Alguns dos que aqui não provarão a morte até que vejam o reino de Deus chegar com poder", cf. Mt. 16:28; Lc 9:27) 1 e Mark 13:30 ("Em verdade vos digo, esta geração não passará até que todas estas coisas" Cf Mt 24:34; Lc 21:32.). Como você está previsões não se cumpriram como ele disse, obviamente, perdeu. No primeiro caso, a atribuição do Pentateuco a Moisés por Jesus não contradiz quaisquer declarações sobre a Bíblia, mas contradiz as conclusões de metodologias críticas, muitos estudiosos evangélicos rejeitados. No segundo caso, Jesus não estava fazendo uma declaração sobre o momento de seu retorno. Ao expressar a ignorância, ele nunca fez uma distorção.

Como observado por James Orr: "A ignorância não é um erro, nem um implica necessariamente a outra. Jesus usou a linguagem do seu tempo em coisas comuns, onde seu julgamento não era necessário nem o seu pronunciamento, ele é bem compreendido; foi vítima da ilusão ou falso juízo sobre qualquer questão que deve decidir é uma afirmação perigosa. É claro, nós seres humanos não são apenas sujeitos a ignorância, também o erro. Parte da maravilha da encarnação é que, embora a humanidade de Jesus significava não saber algumas coisas, ele estava ciente de suas limitações e não se aventurar declarações sobre tais assuntos. Temos que ter cuidado e evitar a suposição de que sua humanidade tinha todas as nossas deficiências. Isto é, como observado por Leonard Hodgson, medir a humanidade de Jesus como o nosso, em vez do nosso para deles."⁷

Devemos também observar a "vida religiosa humana" de Jesus. Embora possa parecer estranho e talvez um pouco blasfêmia para alguns, não é menos bem sucedido. Ele vai ao culto na sinagoga, e ele fez regularmente ou usual (Lc. 4:16). Sua vida de oração foi uma clara indicação de sua dependência humana sobre o Pai. Jesus orou regularmente. Às vezes eu orei por um longo tempo e com grande intensidade, como no Jardim do Getsêmani. Antes de tomar o importante passo de escolher os doze discípulos, Jesus orou a noite toda (Lc. 6:12). Claramente Pai dependente Jesus sentiu quando ele procurou orientação, força e proteção contra o mal.

Além disso, deve-se notar que Jesus usou para falar de si mesmo terminologia que denota humanidade. Quando tentado por Satanás, Jesus respondeu: "Nem só de pão

viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus" (Mateus 4: 4). Parece que Jesus está a aplicar esta citação de Deuterônimo 8: 3 si. A afirmação mais clara é encontrada em João 08:40, onde Jesus diz aos judeus: "Mas agora procurais matar-me, para que eu ter dito a verdade, o que eu ouvi de Deus. Abraão não fez isto. "Outros também usou essa linguagem para se referir a Jesus. Em seu sermão no dia de Pentecostes, Pedro diz: "Jesus de Nazaré, um homem aprovado por Deus entre vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus fez entre vocês por intermédio dele, como vós mesmos sabeis" (Atos 2:22.). Paul, em sua argumentação sobre o pecado original, compara Jesus e Adão e usa a expressão "um homem" para falar sobre Jesus três vezes (Rom. 5:15, 17, 19). Encontramos um pensamento e uma expressão semelhante em 1 Coríntios 15:21, 47-49. Em 1 Timóteo 2: 5, Paulo enfatiza o significado prático da humanidade de Jesus: ". Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens Cristo Jesus"

As Escrituras também se referem a Jesus levaram carne, isto é, que se fez homem. Paulo diz que Jesus foi "manifestado na carne" (1 Tim. 3:16). João disse: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós" (João 1:14.). John foi particularmente enfático sobre isso em sua primeira carta, um de seus objetivos era o de combater a heresia que negou que Jesus era verdadeiramente humano: "Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus "(1 Jo. 4: 2-3a). Nesses casos, parece que a "carne" não é utilizada no sentido de Pauline da humanidade que dá de volta a Deus, mas sim o sentido mais básico de natureza física. A mesma idéia é encontrada em Hebreus 10: 5: "Sacrifício e oferta não quiseste, mas você me deu um corpo." Paulo expressa o mesmo pensamento de uma forma mais implícita em Gálatas 4: 4: "Mas quando a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei ".

Parece claro que os discípulos e os autores dos livros do Novo Testamento, a humanidade Jesus não é questionada. Nenhum realmente argumentar este ponto, porque se você apenas discutido sobre isso (com exceção da situação em que se encontrava uma John). É simplesmente assumido. Aqueles que estavam mais próximos de Jesus, e que viveu com ele todos os dias, ele foi considerado como totalmente humano como a si mesmos. Eles foram capazes de verificar que ele era humano por si só; e quando, por ocasião da ressurreição de Jesus, foi questionado se ele poderia ser um espírito, ele convidou-os a ter a certeza da segurança de sua humanidade para si: "Eis as minhas mãos e os meus pés, que sou. Trate-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho "(Lc. 24:39). Ele fez tudo o que eles fizeram, exceto no pecado e orar pedindo perdão. Ele comeu com eles, sangrado, dormiu, chorou. Se Jesus não era humana, então ninguém jamais foi.

Heresias iniciais sobre a humanidade de Jesus

No entanto, no início da vida da Igreja vários desvios em relação à ideia de entendimento Jesus como plenamente humanos surgiram. Essas heresias forçaram a igreja para pensar profundamente e cuidadosamente articular sua compreensão sobre este assunto.

Docetism

Vemos uma tal negação da humanidade de Jesus e na situação que se opõe tão fortemente a Primeira Carta de João. Além de um grupo específico de cristãos conhecida como docetistas, uma negação básica da humanidade de Jesus permeado muitos outros movimentos dentro do cristianismo, incluindo o gnosticismo e Marcionism. De muitas maneiras, ele foi a primeira heresia completa, com a possível exceção de judaizar legalismo que Paulo teve que lutar na Galácia. Foi diametralmente oposta à ebionismo. Enquanto este movimento negou a realidade da divindade de Cristo, o Docetism negada a sua humanidade.

Docetism é essencialmente uma cristologia fortemente influenciada pelos pressupostos básicos gregos de ambas as variedades platônicas e aristotélicas. Platão ensinou a idéia de gradações de realidade. O espírito, mente ou pensamento é o mais alto. Matéria ou material é menos real. Esta distinção de gradação ontológica da realidade parecem gradações éticas também vêm. Portanto, nós pensamos da matéria como algo moralmente errado. Aristóteles enfatizou a idéia de impassibilidade divina, segundo a qual Deus não podia mudar, sofrer ou até mesmo ser afetada por qualquer coisa que aconteça no mundo. Estas duas escolas de pensamento têm diferenças significativas, mas ambos sustentam que o, mundo físico, material visível é algo intrinsecamente mau caminho. Ambos enfatizam a importância e a diferença absoluta de Deus e sua independência do mundo material.

Docetism leva o seu nome a partir do verbo grego δοκέω (dokeo), que significa "olhar ou parecer." Sua tese central é que Jesus só apareceu para ser humano. Deus poderia ter o material feito, porque toda a matéria é má, e ele é totalmente pura e santa. É possível que o Deus transcendente que se juntaria a influência corrupta. Ser impassível e inalterável, Deus não poderia ter sofrido alterações em sua natureza certamente seria necessário que ocorrem em uma verdadeira encarnação. Ele poderia ter se exposto às experiências da vida humana. A humanidade de Jesus, sua natureza física, era apenas uma ilusão, não uma realidade. Jesus era mais como um fantasma, uma aparição de um ser humano.

Como os ebionitas docetistas tinha dificuldade com a idéia de nascimento virgem, mas de um ponto diferente. Docetistas não tinha dificuldade em acreditar que Maria era virgem; Foi a acreditar que Jesus nasceu dela o que eles acharam inaceitável. Para se Maria tinha levado Jesus, como outras mães fazem com seus filhos por nove meses e dar à luz, ela teria contribuído de alguma forma material que ele, e que teria sido uma perversão da bondade moral da Divindade. Consequentemente, Docetism, pensando mais de uma transmissão por meio de Maria em uma natividade. Jesus só passou através dela, enquanto a água passa através de um tubo. Ela era apenas um veículo, contribuindo nada.

Cristologia resolvido esse estresse particular sobre a idéia de que a divindade e a humanidade estavam unidos em uma só pessoa. Ele estava dizendo que, enquanto a divindade foi humanidade real e completo era apenas aparente. Mas a Igreja reconheceu que esta solução tinha sido alcançado com um ótimo preço, a perda da humanidade de Jesus e, portanto, qualquer conexão real entre ele e nós. Inácio e Irineu atacou várias formas de Docetism, enquanto Tertuliano particular atenção aos ensinamentos de Marcião, incluindo elementos Docetics. Hoje em dia é difícil encontrar exemplos puros de Docetism, mas as tendências Docetic aparecer em muitas e variadas maneiras de pensar.

Apollinarianism

Docetism era uma negação da realidade da humanidade de Jesus. Em contraste, no Apollinarianismo é uma versão truncada da humanidade de Jesus. Jesus tomou uma verdadeira humanidade, mas não toda a natureza humana.

O Apollinarianismo é um exemplo de como algo de bom pode ser levada demasiado longe. Apolinar era um bom amigo e colaborador de Atanásio, o líder da cristologia ortodoxa contra o arianismo no Conselho de Niceia. No entanto, como muitas vezes acontece, a reação contra a heresia tornou-se uma reação exagerada. Apolinar muito preocupado para manter a unidade do Filho, Jesus Cristo. Se Jesus tinha duas naturezas completamente diferentes, Apolinar fundamentado, ele tinha que ter tido uma *voûç* (*nous* homem-alma, mente, razão) e uma divina. Apolinar acreditava que essa dualidade era absurda. Assim, ele construiu uma cristologia baseada em uma leitura extremamente estreito de João 1:14 ("o Verbo se fez carne", isto é, a carne foi o único aspecto da natureza humana que estava envolvido). De acordo Apolinar, Jesus era uma

unidade composta, parte da composição (alguns elementos de Jesus) foi humano, o resto era divino. O que ele (o Verbo) não foi feita toda a humanidade, mas somente a carne, isto é, o corpo. No entanto, esta parte não poderia encorajar sozinho. Tinha de haver uma "centelha de vida" que elogio. Este foi o Logos divino; Ele tomou o lugar da alma humana. Por isso, Jesus estava fisicamente humano, mas psicologicamente. Ele tinha um corpo humano, mas não uma alma humana. Sua alma estava divina.

Assim, embora Jesus era humano, era um pouco diferente dos outros seres humanos, uma vez que lhe faltava algo que os outros tinham (um voûç humano). Por isso, havia possibilidade de contradição entre o divino eo humano. Havia apenas um centro de consciência, e foi celestial. Jesus não tinha vontade humana. Por isso, ele não poderia pecar, porque a sua pessoa foi totalmente controlado por sua alma divina. Loraine Boettner levantou a analogia de uma mente humana implantado no corpo de um leão; O ser resultante é governado, não pela leão psicologia ou animal, mas a psicologia humana. Este é um paralelo áspero à visão de que Apolinar tinha sobre a pessoa de Jesus.¹⁵

Apolinar e seus seguidores pensaram que tinham encontrado o ideal para a visão ortodoxa de Jesus, eles pareciam solução tão grotesco. Como Apolinar jogado cristologia ortodoxa, Jesus era composta de duas partes da humanidade (um corpo e uma alma [esta é uma simplificação] e uma parte da divindade (a alma). Mas $2 + 1 = 3$, como todos saber. Portanto, como uma pessoa com duas almas, Jesus teria sido uma aberração, porque só temos uma alma e um corpo ($1 + 1 = 2$). De acordo Apolinar viu seu próprio ponto de vista, Jesus foi feito por um parte humana (um corpo) e uma parte divina (a alma). Como $1 + 1 = 2$, não havia nada de estranho com ele. A alma divina tudo que fiz foi tomar o lugar ocupado pela alma humana em seres humanos normal. No entanto, como a ortodoxia viu sua própria cristologia, Jesus realmente constou de duas partes da humanidade (corpo e alma) e uma parte da divindade (a alma), mas o resultado da fórmula foi $2 + 1 = 2$. Isto, obviamente, é um paradoxo, mas que a ortodoxia sentiu-se obrigado a aceitar como verdade divina além de sua capacidade de compreender. A idéia subjacente é que Jesus não tinham nada da humanidade, ou seja, eles tinham uma alma humana e uma alma divina, mas esse fato fez você tem uma personalidade dupla ou dividida.

O Apollinarianismo provou ser uma engenhosa mas não é aceitável para o problema. Porque, assim como o elemento divino em Jesus não era apenas ontologicamente superior à humana, mas também constituíam a parte mais importante de sua pessoa (a alma antes do corpo), o divino era duas vezes maior. Daí a dupla natureza de Jesus tendia a tornar-se prática em uma natureza, absorveu o humano divino. A igreja concluiu que, embora não fosse uma negação completa da humanidade de Jesus como o docetismo, a Apollinarianism tinha o mesmo efeito prático. Os teólogos da igreja questionou a suposição de que as entidades humanas e divinas, como entidades completas, não podem ser combinados de modo que pudessem formar uma unidade real. Eles observaram que, como afirmado Apolinar, Cristo não tinha a mais característica da humanidade (vontade, a razão, a mente humana), parece denominar-le quase humana incorreta. E, especificamente, eles concluíram que a rejeição da Apolinar a crer que Jesus tomou os componentes psicológicos da natureza humana confrontos com os relatos dos Evangelhos. Consequentemente, a doutrina de Apolinário foi condenado pelo Concílio de Constantinopla em 381.

Restrições recentes sobre a humanidade de Jesus

Nós já observou que as negações categóricas teóricos da humanidade de Jesus são geralmente bastante raro hoje em dia. Na verdade, Donald Baille fala do "fim da Docetism." No entanto, há cristologias que de uma forma ou de outra, minimizando a importância da humanidade de Jesus.

Karl Barth

Como ele desenvolveu seu *Church Dogmatics*, cristologia de Karl Barth está relacionada com a sua idéia de revelação e da maneira que Kierkegaard tinha que entender o papel da história na fé. Kierkegaard falou de "incógnito divino", o que significa que a divindade de Cristo foi completamente escondido em sua humanidade. Como resultado, a observação e até mesmo a descrição detalhada do homem Jesus eo que ele fez e disse, não revela nada de sua divindade.²⁰

Barth acredita fortemente na humanidade de Jesus, mas não vejo nada de especial sobre ela. Observa que é difícil obter informações históricas sobre Jesus, e que, mesmo quando o fazemos, isso não é realmente significativo para a fé: "Jesus Cristo é verdadeiramente o rabino de Nazaré, que historicamente é tão difícil obter informações, e quando chega, geralmente um tópico muito como qualquer outro fundador de uma religião e até mesmo como temos de representantes posteriores da sua própria "religião". "Para Barth, a vida humana de Jesus, tanto que ele disse que o que ele fez, não muito reveladora da natureza de Deus. Além disso, as informações que recebemos sobre Jesus usando o método histórico usado para esconder um pouco do que para revelar sua divindade. Isto é, é claro, consistente com a visão de Barth sobre a revelação, segundo a qual os eventos narrados nas Escrituras não estão se revelando. Cada evento é revelador somente quando Deus se manifesta em um encontro com alguém que está a ler ou ouvir sobre isso. Eventos e palavras que eles reflectem são o veículo através do qual ocorre a revelação; não são revelação objetiva.²²

De acordo com Barth, então, embora se sabia corretamente que Jesus disse e não conheceu a Deus por isso. Algumas formas populares de apologética tentar argumentar que os milagres, comportamento incomum e os ensinamentos de Jesus, esta deve ter sido Deus. Estas questões são apresentadas como prova irrefutável de sua divindade, há apenas examinar a evidência. No entanto, do ponto de vista de Barth, mesmo se você pudesse fazer uma crônica completa da vida de Jesus, seria mais opaca do que transparente. Evidência disso aparece nos dias da vida de Jesus.

Muitos dos que viram o que ele fez e ouviu o que ele disse não estavam convencidos de sua divindade. Alguns foram apenas surpreso que ele, o filho de José, o carpinteiro, podia falar como ele fez. Alguns reconheceu que o que ele fez foi sobrenatural, mas não se sentir Deus em que eles observaram. Em vez disso, eles concluíram que o que ele fez foi pelo poder de Belzebu, o príncipe dos demônios. A carne eo sangue não revelou a Pedro que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo; em vez disso, foi o Pai no céu que convenceu Peter desta verdade. Assim deve ser com a gente também. Não podemos conhecer a Deus por saber o Jesus da história.

Rudolf Bultmann

No que diz respeito à importância da história de Jesus terreno para a fé, o pensamento de Rudolf Bultmann é ainda mais radical do que a de Barth. Seguindo os passos de Martin Kahler, Bultmann divide a história de Jesus em *Historie* (os fatos reais de sua vida) e *Geschichte* (história significativa, isto é, o impacto que teve sobre os crentes). Bultmann acredita que há pouca chance de se voltar para o *Historie* usando métodos normais de historiografia. No entanto, isso realmente não importa, porque a fé não está principalmente preocupado ou cosmologia, a natureza das coisas, ou a história normal no sentido do que normalmente acontece. A fé não é construída através de uma relação de eventos, mas com a pregação dos primeiros crentes, a expressão de sua fé.

Cristologia de Bultmann, portanto, não se concentra em um conjunto objetivo de fatos sobre Jesus, mas no seu significado existencial. A questão crucial é o que ele faz para nós, como nossas vidas transformadas. Assim, por exemplo, o significado da crucificação de Jesus não é um homem, Jesus de Nazaré nasceu para morrer na cruz fora de Jerusalém. Mas nós encontramos em Gálatas 6:14. "O mundo está crucificado para mim

e eu para o mundo» The questão colocada fé não é se a execução de Jesus realmente aconteceu ou não, mas se temos crucificado nossa velha natureza sua ânsia terrestre e esforço para alcançar a segurança. Da mesma forma, o verdadeiro significado da ressurreição é tudo sobre nós, não o Jesus histórico. A questão não é se Jesus veio vivo ou não, mas se levantaram - se nós acordamos do nosso velho vida centrada em nós mesmos a uma fé aberta ao futuro.

Os pontos de vista de Barth e Bultmann têm certas características que as distinguem umas das outras. Mas ambos concordam que os fatos históricos da vida terrena de Jesus não são significativos para a fé. Então, o que é importante ou decisivo para a fé? Barth disse ser revelação sobrenatural; Bultmann disse a ser o conteúdo existencial da pregação da igreja primitiva.

Devemos notar que a cristologia de Barth sofrendo neste momento de as mesmas dificuldades que a sua doutrina da revelação. As críticas básicas são bem conhecidas e foram resumidos em um capítulo anterior deste livro. Em cristologia de Barth existem problemas relacionados com o nosso conhecimento sobre a divindade de Cristo, em matéria de acessibilidade e objetividade. Além disso, a força da afirmação "Deus se fez homem" é severamente diminuída.

Para Bultmann, há uma separação entre *Historie* e *Geschichte* que mal encontra justificação bíblica. Declarações de Paulo que ligam fato e do impacto da ressurreição de Cristo (1 Cor: 12-19 15) é especialmente indicada. E Bultmann e Barth ambos parecem ter em conta as declarações feitas Jesus depois de sua ressurreição diretamente chamando a atenção para a sua humanidade (Lucas 24: 36-43; Jo. 20: 24-29.).

Alguns teólogos evangélicos latino-americanos acreditam que a teologia tradicional mesmo Ortodoxa foi muito preocupado com questões filosóficas, enfatizando a divindade de Cristo. O resultado, em sua opinião, tem sido uma depreciação de considerações históricas e de Jesus a humanidade, também afastado o dogma de problemas sociais que a Igreja deve lutar.

A impecabilidade de Jesus

Outro item importante na humanidade de Jesus é a questão de saber se Jesus pecou ou até mesmo poderia pecar. Ambas as passagens como material didático na narrativa, a Bíblia é muito clara sobre este assunto.

Ensinar ou passagens diretamente declaratórias são substanciais em número. O escritor de Hebreus diz que Jesus "foi tentado em todas as coisas como nós somos, mas sem pecado" (Hb. 4:15). Jesus é descrito como "sumo sacerdote [que] nós tornou-se, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus" (7:26), e "sem mácula" (9:14) . Peter, que, claro, sabia que Jesus disse que ele era "o Filho do Deus vivo» (Jo. 6:69), e ensinou que Jesus "não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca" (1 Pedro 2 : 22). John disse que "não há pecado nele" (1 Jo. 3: 5). Paulo também disse que Cristo "não conheceu pecado" (2 Coríntios 5:21).

O próprio Jesus disse de forma explícita e implicitamente estava certo. Ele pediu a seus ouvintes: "Quem dentre vós me convence de pecado?" (Jo 8:46.); ninguém respondeu. Ele também manteve ", porque eu sempre faço o que lhe agrada [aquele que me enviou]" (João 8:29.). Mais uma vez: "Eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai" (João 15:10.). Ele ensinou seus discípulos a confessar seus pecados e pediu perdão, mas em nenhum lugar se afirma que ele confessar e pedir perdão por seus próprios pecados. Embora ele foi ao templo, nós não temos nenhum registro de que ofereceu sacrifício para si ou para seus pecados. Há nunca foi acusado de qualquer pecado, exceto a blasfêmia; e, claro, se fosse Deus, ele (ou seja, declarar pecados perdoados) não era uma blasfêmia. Embora não haja nenhuma prova categórica de que Jesus não tinham pecado, há muitos testemunhos de sua inocência das acusações em que ele foi crucificado. A esposa de Pilatos advertiu: "não tem nada a ver com isso justo" (Mt. 27:19); o ladrão na

cruz, disse: "Isso tem feito nada de errado"; (Lucas 23:41). e até mesmo Judas disse: "Eu traí sangue inocente" (Mateus 27: 4).

A impecabilidade de Jesus é confirmada pelos relatos dos Evangelhos. Há contos de tentação, mas não o pecado. Nada se diz dele que está em conflito com a lei revelada por Deus sobre o que é certo eo que é errado; tudo o que ele fez foi em relação com o Pai. Portanto, com base na declaração direta e silêncio sobre certos pontos, devemos concluir que as testemunhas uniformemente bíblicos para a impecabilidade de Jesus.

No entanto, esta consideração surge um problema. Jesus era plenamente humano se ele nunca pecou? Ou, dito de outra forma, a humanidade de Jesus, se eu estava livre de todo pecado natureza ou ação ativa, é a mesma que a nossa humanidade? Para alguns, isso parece ser um problema sério. Porque o ser humano, por definição, ser tentado e pecado. Será que a falta do pecado não deixa Jesus completamente fora do nosso tipo de humanidade? Isto levanta dúvidas sobre a autenticidade das tentações de Jesus.

AE Taylor colocou o caso diretamente e claramente: "Se um homem não cometer transgressões ... deve ser porque ele nunca foi atraído para eles." Mas é realmente assim? Parece que o que você está assumindo aqui é que se algo for possível, deve tornar-se uma realidade, e, inversamente, algo que nunca acontece ou não se torne realidade é que não teria sido possível. No entanto, temos a afirmação do autor da Carta aos Hebreus diz que, se Jesus realmente foi tentado em todas as como somos (4:15). Além disso, a descrição das tentações de Jesus mostram grande intensidade. Por exemplo, pensar a agonia do Getsêmani, enquanto luta para a vontade do Pai (Lc. 22:44).

Mas Jesus poderia ter pecado? As Escrituras nos dizem que Deus não pode ser tentado pelo mal, nem a ninguém tenta (St. 1:13). Então era realmente possível que Jesus, sendo Deus, pecou? E se não, sua tentação era genuíno? Aqui encontramos um dos grandes mistérios da fé, as duas naturezas de Jesus, que serão examinadas mais de perto no próximo capítulo. No entanto, ela serve para notar aqui que, embora possa haver pecado, é claro que não teria. As lutas e tentações eram genuínas, mas o resultado foi sempre seguro.

Uma pessoa que não sucumbir à tentação realmente senti-lo, ou não, como Taylor argumenta? Leon Morris argumenta o contrário alegação de Taylor está correto. A pessoa que sabe o verdadeiro poder, resiste à tentação. A falta de pontos de pecado para uma mais intensa não menos intensa tentação. "O homem que se rende à tentação particular não sei todo o seu poder. Ele pagou, enquanto a tentação ainda tinha algo guardado. Somente o homem que não cair na tentação [,] que, em relação a essa tentação particular, está sem pecado, conhece toda a extensão dessa tentação ".

Alguém poderia perguntar questões sobre alguns pontos da trama Morris. Por exemplo: "Você pode medir a força da tentação por um padrão objetivo ou seu efeito subjetivo" "Não é possível que alguém que tenha sido tentado tem feito no ponto de máxima força" Mas? o argumento de que você está fazendo é, no entanto válido. Você simplesmente não pode concluir que se você não tiver pecado é porque você ainda não experimentou a tentação; caso contrário, pode muito bem ser verdade.

Mas a questão permanece: "Uma pessoa que não peca é realmente humano?" Se dissermos não, nós estamos mantendo que o pecado é parte da essência da natureza humana. Tal ponto de vista deve ser considerado uma heresia grave para quem acredita que o homem foi criado por Deus, então Deus seria a causa do pecado, o criador de uma natureza que é essencialmente má. A partir do momento em que sustentam que, ao contrário, o pecado não é parte da essência da natureza humana, ao invés de pedir, devemos perguntar "Jesus foi tão humano como nós?": "Será que somos tão humanos quanto Jesus ? "Para o tipo de humanidade que possuímos não é pura natureza humana. A autêntica humanidade criada por Deus em nosso caso foi corrompido e danificado. Houve apenas três seres humanos puros, Adão e Eva (antes da queda), e Jesus. O resto de nós está apenas quebrado e versões corruptas da humanidade. Jesus não é tão humano como

nós; é mais. A nossa humanidade não é o padrão pelo qual devemos medir o seu. Sua humanidade, verdadeiro e puro é o padrão pelo qual devemos medir a nós mesmos.

Implicações da humanidade de Jesus

A doutrina da plena humanidade de Jesus é de grande importância para a fé e a teologia cristã:

1. A morte expiatória de Jesus pode realmente servir-nos. Ele não era um estranho para a raça humana que morreu sobre a cruz. Ele era um de nós, e, portanto, realmente tinha que oferecer um sacrifício em nosso nome. Como o sacerdote do Antigo Testamento, Jesus era um homem que se ofereceu em sacrifício pelo seu povo.

2. Jesus pode verdadeiramente simpatizar e interceder por nós. Ele passou por tudo para que possamos passar. Quando estamos com fome, estamos cansados ou se sentir sozinho, ele entende perfeitamente, porque foi através dele (Heb. 4:15).

3. Jesus revela a verdadeira natureza da humanidade. Embora muitas vezes estamos inclinados a tirar conclusões sobre o que a humanidade através do exame indutivo de nós mesmos e aqueles que nos rodeiam, estes são apenas exemplos de humanidade imperfeita. Jesus não só nos disse que era a perfeita humanidade, nós também demonstrada.

4. Jesus pode ser o nosso exemplo. Não é um superstar celeste, mas alguém que viveu onde vivemos. Portanto, podemos tê-lo como um modelo de vida cristã. Os padrões bíblicos do comportamento humano, que parecem tão difíceis de realizar, ele parece humanamente possível. Claro, deve haver total dependência da graça de Deus. O fato de que Jesus acreditava que era necessário rezar e dependem do Pai diz-nos que também nós devemos depender dele.

5. A natureza humana é boa. Quando temos a tendência para o ascetismo, no que respeita a natureza humana, e em particular a natureza física como inerentemente mau ou, pelo menos, inferior ao espiritual ou imaterial, o fato de que Jesus tomou para si a forma humana completa é um lembrete de que o homem não é mau, é bom.

6. Deus é absolutamente transcendente. Não tão longe da raça humana. Se você pudesse realmente viver entre nós uma vez como uma pessoa real, não surpreendentemente, pode trabalhar entre os homens e de fato fazê-lo novamente hoje.

Com John regozijamo-nos em que a encarnação foi real e completa: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai "(Jo. 1:14).

35. A unidade da pessoa de Cristo

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de

- Descrever a importância da unidade das duas naturezas, divina e humana, em uma pessoa, Jesus, e da complexidade desta unidade.
- Demonstrar um amplo conhecimento do material bíblico relacionado com a unidade da pessoa de Jesus Cristo.
- Identifique e explique a posição de que o naturezas, divina e humana, foram separados (Nestorianism), ea posição que, no momento da encarnação aconteceu lá foi apenas uma natureza (Eutychianism).

- Reconhecer e descrever os outros quatro tentativas de explicar a pessoa de Jesus Cristo.
- Expressar um completo entendimento da doutrina de duas naturezas em uma pessoa, Jesus Cristo e sua relevância para a teologia cristã.

Resumo do capítulo

A doutrina da pessoa de Jesus não termina no momento de descrever suas naturezas divina e humana. A unidade destas duas naturezas tem amplas implicações para a compreensão da teologia cristã. Ao estudar antropologia, os seres humanos têm tentado descartar ou superestimar a idéia da unidade de Jesus Cristo. No entanto, o material bíblico e histórico apoia a ideia de que Cristo é ambas as naturezas humana e divina unidos em uma só pessoa. Isso não vem diretamente de uma perspectiva humana, porque a humanidade não consegue entender a união dessas duas naturezas.

Questões de estudo

1. Como é possível anexar uma natureza humana e divina de uma pessoa e por que é necessário?
2. Como a Bíblia descreve a unidade da pessoa de Jesus Cristo?
3. O que tem a dizer Nestorianism e Eutychianism sobre a pessoa de Jesus Cristo e como eles diferem?
4. Como abusou Filipenses 2: 7, quando se refere à pessoa de Jesus Cristo, e como você responde a essa interpretação?
5. Que elementos são necessários para entender a doutrina das duas naturezas em uma só pessoa?

Importância e dificuldade do assunto

Material bíblico

Mal-entendidos primitivos

Nestorianism

Eutychianism

Outras tentativas para resolver o problema

Adoptionism

Não hipostática cristologia

Kenoticismo

A doutrina da dinâmica encarnação

Princípios básicos da doutrina das duas naturezas em uma pessoa

Importância e dificuldade do assunto

Tendo concluído que Jesus era plenamente divino e plenamente humana, ainda tem que enfrentar uma grande questão: a relação entre essas duas naturezas em uma pessoa, Jesus. Este é um dos mais difíceis problemas teológicos, juntamente com a Trindade ea relação do livre-arbítrio do homem e da soberania divina. É também uma questão de grande importância. Já explicamos que cristologia, em geral, é importante porque a encarnação envolve fechando a lacuna metafísico, moral e espiritual entre Deus ea humanidade. O fechamento dessa lacuna depende a unidade da divindade e humanidade em Jesus Cristo. Porque se Jesus era Deus e homem, mas as duas naturezas não estavam unidos, então, embora menor, a diferença permanece. A separação de Deus ea raça humana ainda é uma dificuldade que não tenha sido ultrapassado. Para a redenção

cumprida na cruz vai servir a humanidade, ele deve ser o trabalho do Jesus humano. Mas para ter o valor infinito necessário para expiar os pecados de todos os seres humanos em conexão com um Deus perfeitamente santo e infinito, ele também deve ser o trabalho do Cristo divino. Se a morte do Salvador não é obra de um Deus - o homem unificado, será ruim em um ponto ou outro.

A doutrina da unidade do divino e do humano em Jesus é difícil de entender porque pressupõe a combinação de duas naturezas que, por definição, têm atributos contraditórios. Como uma divindade, Cristo é infinito em conhecimento, poder e presença. Se Deus deve conhecer todas as coisas. Você pode fazer todas as coisas que são objetos próprios de seu poder. Você pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Mas, por outro lado, se ele era humano, ele tinha conhecimento limitado. Ele podia fazer tudo. E é claro que se limitava a estar em um lugar ao mesmo tempo. Para uma pessoa ser tanto tempo infinito e finito parece simultaneamente impossível.

A questão é ainda mais complicada pela escassez relativa de material bíblico que pode ser trabalhado. Na Bíblia não existem declarações diretas sobre a relação das duas naturezas. O que devemos fazer é retirar conclusões a partir do conceito de que Jesus tem de si mesmo, de suas ações e de várias declarações didáticas sobre o assunto.

Em vista do que dissemos, você precisará trabalhar com especial cuidado e rigor. Teremos de examinar cuidadosamente as declarações que temos, e observar as diferentes formas pelas quais as diversas escolas de pensamento e teólogos têm procurado abordar esta questão. Aqui, o laboratório histórico da teologia será particularmente importante.

Material bíblico

Vamos começar por notar a ausência de qualquer referência à dualidade no pensamento, ação e efeitos de Jesus. Em contraste, há indícios de multiplicidade na Divindade como um todo, por exemplo, em Gênesis 1:26 "disse Então [singular] Deus:". Vamos [plural] o homem à nossa imagem [plural] "Referências similares, sem uma mudança número pode ser encontrado em Gênesis 3:22 e 11:17. Há exemplos de um membro do Trindade abordando outra no Salmo 2: 7 e 40: 7-8, como nas orações de Jesus ao Pai. No entanto, Jesus sempre fala de si mesmo no singular: esta é particularmente visível na oração em João 17, onde Jesus diz que ele eo Pai são um Mas não faz referência a qualquer (vv 21-22). complexo dentro de si mesmo.

Há referências nas Escrituras que se referem à divindade e humanidade de Jesus Enquanto isso, porém se referem claramente a um único assunto. Entre eles estão João 1:14 ("E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade"); Gálatas 4: 4 ("Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei") e 1 Timóteo 3:16 ("Ele foi manifestado na carne, justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido na glória "). O último texto é particularmente importante porque se refere tanto à encarnação terrena de Jesus como a sua presença no céu antes e depois dele.

Há outras referências que incidem sobre a obra de Jesus de uma forma que deixa claro que este trabalho não deve ser humana ou divina, mas um sujeito unificado. Por exemplo, Paulo diz que a obra redentora de Cristo é unir judeus e gentios e "através da cruz para nos reconciliar ambos com Deus em um só corpo, tendo por ela matado a inimizade. Ele veio e pregou paz a vós que estáveis longe, e aqueles que estão perto, porque por ele ambos temos acesso através de um Espírito ao Pai "(Ef. 2: 16-18). E em referência à obra de Cristo, John disse: "Mas, se alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo. Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também para todo o mundo "(1 Jo. 2: 1-2). Esta obra de Jesus, que assume a sua humanidade (4: 2) como a deidade (4:15; 5: 5), é o trabalho de uma pessoa, que é descrito na mesma carta que o Filho ao Pai O enviou como Salvador do mundo (4:14). Através de

todas essas referências, você tem que olhar uma pessoa unificada cujas ações fazem supor que é divino e humano ao mesmo tempo.

Além disso, várias passagens nas quais Jesus é chamado por um de seus títulos são bastante reveladores. Por exemplo, nós temos situações nas Escrituras onde um título divino usado para se referir a uma atividade humana de Jesus. Paulo diz: "nenhum dos príncipes deste mundo sabia [a sabedoria oculta de Deus], porque se eles tivessem, eles nunca teriam crucificado o Senhor da glória" (1 Coríntios 2: 8). Em Colossenses 1: 13-14, Paulo escreve: "Ele [o Pai] nos libertou do poder das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados." Aqui o status de rei do Filho de Deus é justaposta com a obra redentora de seu corpo crucificação e ressurreição. Em vez disso, o título "Filho do homem", Jesus muitas vezes usado para se referir a si mesmo durante seu ministério na terra, aparece em passagens que apontam para o seu estado celestial; por exemplo, no João 3:13: ". Ora, ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem, que está nos céus" Uma referência ao mesmo tipo é João 6:62: "O que então se você ver o Filho do homem subindo para onde estava antes?" Nada nestas referências contradiz a posição de que uma pessoa, Jesus Cristo, foi ser divino tanto uma pessoa terrena e pré-existente encarnado. Também não há qualquer sugestão de que essas duas naturezas fazer a sua actividade de forma alternada.

Mal-entendidos primitivas

A reflexão sobre a relação entre as duas naturezas chegou relativamente tarde na história da igreja. Logicamente antes discussões foram o genuíno eo conjunto das duas naturezas. Uma vez que a igreja tinha resolvido essas questões, os Concílios de Niceia (325) e de Constantinopla (381), que era apropriado para questionar a relação precisa entre as duas naturezas. De fato, o tema da discussão foi: "O que realmente significa declarar que era totalmente Deus e totalmente homem?" No processo de examinar e sugerir algumas respostas possíveis, a igreja rejeitou alguns como insuficientes.

Nestorianism

Uma resposta oferecida Nestório e aqueles que seguiram seus ensinamentos. Nestorianism é particularmente difícil de entender e avaliar. Uma razão é que este movimento surgiu em um período de forte rivalidade política dentro da igreja. Consequentemente, nem sempre é claro se a igreja rejeitou a teoria de suas idéias ou oposição entre o seu principal defensor e alguém que teve uma influência superior eclesiástico. Além disso, a linguagem de Nestório era tanto ambíguo e inconsistente. É claro que a teoria censurado pela igreja chamada Nestorianismo não cumpria todos a posição ortodoxa e, provavelmente, foi defendida por um dos seguidores de Nestório.⁴ No entanto, na opinião de estudiosos importantes, ao mesmo Nestório não era "Nestorian, "mas que a terminologia mal escolhido, juntamente com uma oposição agressiva contrário, levou a uma condenação injusta de suas idéias.

No quarto século tinham sido dois tipos principais de cristologia: ". Palavra-Man" a "Palavra de carne" eo O primeiro, considerado o Word como o principal elemento do homem-Deus e da alma humana como relativamente menor (lembre-se que Apollinarianism declarou que Jesus tinha uma alma divina e um corpo humano). A segunda, menos certo que a Palavra ocupar uma posição dominante no Deus-homem, Jesus declarou que assumiu uma natureza humana completa. Esta diferença de pontos de vista é o contexto ideológico da Nestorianism.

Pouco depois de Nestório foi nomeado patriarca de Constantinopla, em 428, ele foi forçado a decretar sobre a adequação de se referir a Maria como *Theotokos* ("Deus-portador"). Nestório estava relutante em fazer isso, a menos que *Theotokos* foi

acompanhada pelo termo *anthropotokos* ("portador do homem"). Embora suas idéias não eram originais naquele tempo, a escolha da língua causou problemas infeliz Nestório. Ele disse que Deus não poderia ter uma mãe e, certamente, nenhuma criatura poderia ter sido pai de um membro da Trindade. Maria, portanto, não deu à luz a Deus; Ela deu à luz a um homem que era um veículo para Deus. Deus simplesmente não poderia ter sido por nove meses no ventre de uma mãe, ou ser enrolado nas roupas de uma criança; Ele não poderia ter sofrido, ter morrido e sido enterrado. Nestório acreditava que o termo *Theotokos* ou implicitamente continha o ponto de vista do Filho como criatura Arian ou Apolinar conceito de humanidade incompleta de Jesus.

Declaração Nestoriano alarmado outros teólogos, entre os quais estava Cirilo de Alexandria, que foi adversário de Nestório. Eusébio, bispo de Cesaréia mais tarde, depois de ouvir que Mary era suposto ser apenas dado à luz a um homem, concluiu que Nestório foi um adopcianista (ou seja, Nestório acreditava que o homem Jesus era divino em um determinado momento do vida após o nascimento, provavelmente o batismo). Nestorianas declarações e reações a suas idéias a idéia tradicional de Nestorianism como heresia que surge o Deus-homem dividido em duas pessoas diferentes. É este tipo de heresia que é condenado. Cyril era o líder da oposição, e no Concílio de Éfeso (431) provou sua habilidade de manobra política. Os legados papais aprovou a posição do grupo de bispos dominadas por Cyril.

É praticamente impossível determinar exatamente o que foi o ponto de vista de Nestor. E isto particularmente à luz da descoberta no século XX livro Heraclidas, aparentemente Nestório escreveu cerca de vinte anos depois de sua condenação. Neste livro ele manifesto correspondem à formulação de Calcedônia (duas naturezas unidas em uma pessoa). No entanto, é verdade que estava impaciente com a "união hipostática" que ensinou Cyril, acreditando que este conceito tinha eliminado o carácter distintivo em ambas as naturezas. Nestório preferiu pensar em termos de um "conjunto" (συνάφεια - *sunapheia*) em vez de uma união (ἔνωσις - *henosis*) entre os dois. Talvez o melhor resumo do pensamento Nestorian quer dizer que, embora ele conscientemente ou não mantida ou abertamente ensinam que houve uma divisão na pessoa de Cristo, o que ele disse parecia implicar. Se o mesmo Nestório Nestorianism não era representativo de suas próprias idéias que levaram logicamente a ele e foram adotadas por muitos, se a igreja não tinha feito qualquer declaração sobre este assunto.

Eutychianism

É igualmente difícil para confirmar Eutychianism cristologia. Após o Concílio de Éfeso (431), um documento foi elaborado em uma tentativa de alcançar um padre dentro da igreja. Na verdade, este documento se originou nos bispos orientais (Antioquia) que apoiaram Nestório em Éfeso, mas foi enviado por Juan de Antioquia Cyril. Cyril aceito em 433, embora ele continha uma linguagem positiva para a posição Nestorian. Portanto, parecia que ele tinha conseguido chegar a algum compromisso.

Mas alguns defensores e aliados de Cyril posicionado mais à direita acreditava que ele tinha feito demasiadas concessões a Nestorianism. A forte ênfase colocada sobre o compromisso em duas naturezas parecia que minaram a unidade da pessoa de Jesus. Conseqüentemente, a idéia de que ele possuía duas naturezas, divina e humana, mas só começou a pegar entre eles. Após a morte de Cirilo em 444, o grupo insatisfeito lançou um ataque contra os ensinamentos de Teodoreto provavelmente tinha preparado o projecto de compromisso, e era agora a principal escola teológica de Antioquia. Dióscoro, o sucessor de Cirilo, liderou a oposição ao ensino de que Jesus tinha duas naturezas. Dióscoro acreditavam que os pais da igreja esmagadoramente apoiada a ideia de que só havia uma natureza na pessoa de Jesus e Cyril tinha cometido em um momento de fraqueza. Se isso era correto ou não maneira de entender a posição de Cyril ou se ele

tinha exposto a crença de que Jesus tinha apenas uma natureza é discutível. Em qualquer caso, houve aumento da ênfase na "fórmula da natureza única."

Um velho chamado Arquimandrita Eutyches se tornou o foco de controvérsia. Todos os que estavam descontentes com o acordo e compromisso de 433 que haviam rejeitado a idéia de as duas naturezas de Jesus fez Eutiques posição símbolo. Foi relatado em uma reunião do Sínodo Permanente de Constantinopla. Isso levou a discussões formais que levaram à convicção e ao despedimento de Eutyches. Na sessão final Eutyches não lutar, mas apenas para ouvir a sentença.

Não é fácil para confirmar exatamente a doutrina da Eutyches. Em um teste preliminar antes do sínodo, ele disse que o Senhor Jesus Cristo após o nascimento teve um carácter único, o Deus encarnado e homem tornar-se. Eutiques rejeitou a idéia das duas naturezas como contrária às Escrituras e as opiniões dos Padres. No entanto, ele apoiou a ideia de nascimento virgem e afirmou que Cristo foi tanto verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Sua visão básica parece ser a de que havia duas naturezas antes da encarnação, um depois.

Eutyches não era, aparentemente, um pensador muito claro e preciso. Historicamente, no entanto, suas idéias formaram a base de um movimento que ensinava que a humanidade de Jesus estava tão absorvido pela divindade que foi praticamente eliminada. Na verdade, o Eutychianism era uma forma de Docetism. Era uma variante da interpretação da natureza como uma fusão da divindade e humanidade de Jesus em algo completamente diferente, uma terceira substância, algo como um híbrido. Talvez fosse isso que iria apoiar os mesmos Eutyches, embora seus pensamentos estavam confundindo (pelo menos na maneira de colocá-lo). Em 449 uma reunião do conselho em Éfeso reintegrado Eutyches e declarou ortodoxo. Ao mesmo tempo, a idéia de que existem duas naturezas após a encarnação foi considerada um anátema. Este conselho tornou-se conhecido como o "Robber Sínodo".

No entanto, o ladrão Sínodo não tinha realizado sob a autoridade imperial adequada. A sucessão de um novo imperador mais compatível com a posição de que Jesus tinha duas naturezas levou à chamada para outro município, em Calcedônia, em 451. Este conselho confirmou o Credo Niceno e emitiu uma declaração que se tornou padrão para todos Cristianismo. Sobre a relação entre as duas naturezas, esta declaração fala de:

um eo mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, para ser reconhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação; por todos os meios a distinção de naturezas desaparece pela união, mas é preservada a propriedade de cada natureza e concordantes em uma *pessoa* e *substância*, não se separaram ou dividido em duas *pessoas*, mas *um só e mesmo Filho e unigênito, Deus, a Palavra, o Senhor Jesus Cristo*; como os profetas, desde o início ter declarado a respeito dele, e do Senhor Jesus Cristo mesmo nos ensinou, eo credo dos Padres tem sido dado a nós.

Esta declaração evita tanto a heresia de Nestorianism como o Eutychianism. Ele enfatiza tanto a unidade da pessoa e integridade e na separação das duas naturezas. Mas isso só serve para aumentar a tensão. Pois qual é a relação precisa entre as duas naturezas? Como você pode manter os dois sem dividir Jesus em duas pessoas, cada um com conjunto de atributos distintos e especiais? E como podemos afirmar que Jesus é uma pessoa, com um centro de consciência, sem fundir as duas naturezas em uma mistura ou híbrido?

Quando perguntei sobre um exame para os alunos-lhes para explicar seu entendimento da ortodoxia das duas naturezas e uma pessoa de Cristo. Um aluno escreveu: "Nenhuma doutrina ortodoxa das duas naturezas e uma pessoa. Foram feitos todos os tentativa de dar substância à fórmula foi declarada heresia. Nenhum conteúdo, apenas uma afirmação abstrata. "Em certa medida que o aluno estava certo. Porque conclusão de Calcedônia é essencialmente negativa ". Sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação" Isso nos diz o que não significa "duas naturezas em uma só

pessoa." Em certo sentido, Calcedônia não é uma resposta; É a pergunta. Devemos pedir mais o que se entende pela fórmula.

Outras tentativas para resolver o problema

Antes de tentar resolver a fórmula "duas naturezas em uma só pessoa," é preciso apontar algumas outras tentativas de compreender essa união que foram feitas desde o Concílio de Calcedônia. Mais uma vez, o veredicto da história vai ser útil para nós. Existem quatro tentativas de representação ou estratégias: (1) a idéia de que o homem Jesus se tornou Deus (adoptionism); (2) a idéia de que o ser divino, Deus assumiu uma humanidade impessoal ao invés de uma personalidade humana individual (não hipostática Cristologia); (3) a idéia de que a Segunda Pessoa da Trindade mudou sua divindade para a humanidade (kenoticismo); e (4) a idéia de que a Encarnação foi o poder de Deus presente no (a doutrina da dinâmica encarnação) humano.

Adoptionism

A primeira e recorrente tentativa de resolver o problema das "duas naturezas em uma pessoa" é adoptionism. Na forma mais simples, é a idéia de que Jesus de Nazaré era simplesmente um homem nos primeiros anos de sua vida. No entanto, em algum momento, provavelmente no batismo (ou talvez em sua ressurreição), Deus "adotado" como Filho. Se era esta decisão um ato de pura graça de Deus, ou uma promoção em seu status ao qual Jesus teria qualificado em virtude de seus atributos pessoais, foi mais um caso de um homem que se tornou Deus de Deus tornar-se homem.

Para apoiar a sua posição, as Adoptionists concentrar-se na idéia bíblica de que Jesus nasceu de Deus. Ele é até mesmo chamado o "unigênito" (μονογενής - *monogenes.*, João 3:16). Quando foi a procriação? Os Adoptionists chamou a atenção para o fato de que o autor de Hebreus cita duas vezes Salmo 2: 7: "Tu és meu filho; Eu gerei ", e ele é aplicado ao Filho de Deus, Jesus Cristo (Hebreus 1: 5; 5: 5). Eles apontam para a semelhança considerável entre este bloco eo Pai no batismo de Jesus: "Tu és o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Marcos 1:11). Por isso, está assumindo o Espírito descer no momento do Filho representa a chegada do homem Jesus divindade.

Esta posição dá ao homem Jesus de um estatuto independente. Ele só teria continuado a viver como Jesus de Nazaré se a adoção especial de Deus não aconteceu. Foi mais de Deus entrando em um ser humano existente do que uma verdadeira encarnação. Às vezes, este evento é considerado mais como só algo que só aconteceu com Jesus; por vezes, em comparação com a adoção de outros seres humanos, como filhos de Deus.

Adoptionism fez aparições recorrentes ao longo da história do cristianismo. Aqueles que levar a sério todos os ensinamentos das Escrituras, no entanto, está ciente de que existem grandes obstáculos a esta visão, incluindo a pré-existência de Cristo, a narrativa do pré-parto e do nascimento virginal.

Não hipostática cristologia

Uma outra tentativa de esclarecer a relação entre os dois naturezas poderia ser chamado de "não cristologia hipostática." Este ponto de vista que ele insiste em que a humanidade de Jesus foi impessoal e não tinha subsistência independente, isto é, que a Palavra Divina não foi unida com uma pessoa humana individual. Originalmente, tentando cristologia não hipostática que iria proteger contra a divisão Nestorian de Jesus em duas pessoas e na crença de que Maria estava relacionado apenas a mãe da pessoa humana. Também serviu para negar adoptionism, que declarou que Jesus era um ser humano com existência independente que foi elevado ao status de divindade. O principal ponto da cristologia hipostática não é o homem Jesus não tinha existência além da

Encarnação da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Ele apoiou esta tese como negar que Jesus não tinha personalidade humana individual.

O problema com essa posição é não pensar em Jesus como um ser específico indivíduo humano sugere que o Verbo divino se juntou a raça humana ou da natureza humana; literalmente tomado essa idéia é absurda. É verdade que, ocasionalmente, dizer que Jesus entrou para a raça humana, mas nós dizemos figurativamente, com base nas características fundamentais compartilhados por todos os seus membros. Temos em mente uma unidade física literal com toda a raça humana. Uma dificuldade adicional não é hipostática cristologia em uma tentativa de evitar a heresia, pode cair em outro. Insista para que Jesus é pessoal apenas na sua dimensão divina exclui vital manifesta a sua humanidade. Negar a humanidade individual de Jesus deu a entender que era predominantemente divina. E isso soa como Apollinarianism.

Kenoticismo

O período moderno tem sido uma tentativa distinta para resolver o problema das relações entre as duas naturezas. Particularmente no século XIX, ele propôs que a chave para entender a encarnação é encontrada na frase "[Jesus] se esvaziou" (Fil. 2: 7). De acordo com essa idéia, de que Jesus foi despojado da forma de Deus *θεοῦ μορφή* - *morphe theou*, v. 6). A Segunda Pessoa da Trindade colocou de lado seus atributos divinos distintos (onipotência, onipresença, etc.) e, em vez adotada qualidades humanas. Na verdade, a encarnação consistiu de uma troca de parte da natureza divina por características humanas. Suas qualidades morais, tais como amor e misericórdia, foram mantidos. Embora pareça um ato único Filho, envolve também o Pai. O Pai enviando o Filho era como um pai que envia seu filho para o campo da missão. Parte dele também estava com ele.¹⁸

O que temos aqui é um paralelo no campo da cristologia com a solução oferecida pelo monarchianism modalístico o problema da Trindade. Jesus não é Deus e homem ao mesmo tempo, mas sucessivamente. No que diz respeito a certos atributos, ele é Deus, então ele é humano, então Deus novamente. A solução para a fórmula de Calcedônia é manter que Jesus é Deus e homem ao mesmo propósito, mas não simultaneamente. Embora essa idéia resolve alguma dificuldade, ela não explica a evidência citada acima sobre os escritores da Bíblia consideravam Jesus Deus e homem. Além disso, os indícios de uma encarnação permanente aparente (ver, por exemplo, 1 Tm. 3:16) parecem ir contra essa teoria, no entanto, pode ser inovador.

A doutrina da dinâmica encarnação

A última tentativa de resolver o problema das duas naturezas em uma pessoa que poderia ser chamado a doutrina da dinâmica Encarnação. Ele defende que a presença de Deus em Jesus o divino-humano não era como uma união pessoal hipostática entre a Segunda Pessoa da Trindade e um ser humano individual, Jesus de Nazaré. Em vez disso, eles devem entender a encarnação como a presença ativa do poder de Deus na pessoa de Jesus.

Essa visão é semelhante à monarchianism dinâmico. O poder de Deus veio ao homem Jesus. Portanto, a encarnação não foi tanto um caso de Jesus juntou-se a Deus em uma espécie de união hipostática como o poder de Deus habitava nele.

Uma forma recente dessa idéia é encontrada no trabalho de Donald Baillie *Deus estava em Cristo* (Deus estava em Cristo). Baillie baseou sua teologia em 2 Coríntios 5:19, "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo." Vale ressaltar que, em vez de dizer "Cristo era Deus", este versículo enfatiza que "Deus estava em Cristo."

Para explicar o paradoxo da Encarnação, Baillie usa o modelo de Deus que habita no crente no que é chamado o paradoxo de graça. Quando o crente faz a coisa certa, e faz a

escolha certa, geralmente diz: "Não fui eu, Deus o fez." Em Gálatas 2:20 e Filipenses 2, 12-13 Paulo fala sobre o funcionamento interno de Deus. Baillie tem o poder de Deus na vida do crente como um modelo da encarnação. No entanto, suas declarações implicam que a encarnação de Jesus é realmente um caso, mesmo o mais completo, o paradoxo da graça que habita:

Este paradoxo em sua forma fragmentária em nossa vida cristã é um reflexo de que a união perfeita de Deus e do homem na Encarnação do qual depende toda a vida cristã, e, portanto, pode ser a nossa melhor pista para entender. No Novo Testamento, vemos o homem em quem Deus se encarnou batendo todos os outros ao se recusar a reivindicar qualquer coisa para si de forma independente e dando toda a bondade de Deus.

Dada essa interpretação da encarnação, a diferença entre Cristo e nós só é quantitativa, não qualitativa. Mas deve-se notar que esta interpretação entra em conflito com vários ênfases nas Escrituras: A plenitude (πλήρωμα - Pleroma). Deus habita em Jesus corporalmente (Cl 2: 9); a pré-existência de Cristo (Jo 1:18 ;. 8:58); e a natureza singular de sua filiação (μονογενής - *monogenes*., João 3:16). Embora a doutrina da encarnação minimize tensão dinâmica sugerido pela fórmula de Calcedônia, é a dificuldade de reduzir a sua divindade implícita.

Princípios básicos da doutrina das duas naturezas em uma pessoa

Revisamos várias tentativas para resolver o difícil problema cristológico de duas naturezas em uma só pessoa, e temos observado que existem deficiências em cada um. Por isso, apresentamos uma alternativa. Quais são os princípios essenciais da doutrina da encarnação, e como entendê-los? Vários pontos-chave nos ajudará a entender este grande mistério.

1. A encarnação foi mais uma contribuição de atributos humanos que uma perda de atributos divinos. Filipenses 2: 6-7 é muitas vezes entendido para significar que Jesus foi despojado de alguns de seus atributos divinos, talvez até mesmo da mesma divindade. De acordo com esta interpretação, tornou-se humano tornando-se algo menos do que Deus. Ele dispensados de sua divindade e substituiu-o com qualidades humanas. A encarnação, portanto, é uma subtração de sua natureza divina que uma soma.

No entanto, de acordo com nossa interpretação de Filipenses 2: 6-7, o que Jesus não foi despojado do divino μορφή, a natureza de Deus. Em nenhum momento esta passagem diz que já não possuem essa natureza divina. Isso se torna mais claro quando levamos em conta Colossenses 2: 9: "Porque nele habita toda a plenitude da divindade." O kenosis Filipenses 2: 7 deve ser entendida à luz do pleroma de Colossenses 2: 9. O que, então, dizer que Jesus "esvaziou-se"? Alguns sugeriram que esvaziou sua divindade em sua humanidade como quando o conteúdo de um copo para outro é passado. No entanto, isso não identificar o navio do qual Jesus derramou a sua natureza divina quando ele esvaziou sua humanidade.

Uma abordagem melhor para Filipenses 2: 6-7 é pensar da frase "tomou a forma de servo" como uma explicação circunstancial de kenosis. Como λαβών (Labon) é um particípio aoristo em função adverbial, se traduziria na primeira parte do versículo 7 "se esvaziou assumindo a forma de servo." A frase participial é uma explicação de como Jesus se esvaziou ou o que fez kenosis constituída. Embora o texto não especifica esvaziado, é de salientar que "a forma de servo" contraste gritante "o ser igual a Deus" (v. 6). Concluímos que é igual a Deus, não da maneira de Deus do que Jesus esvaziou. Embora não mais na natureza que era o Pai, era funcionalmente subordinado ao Pai durante a encarnação. Jesus fez isso a fim de revelar Deus e redimir a humanidade. Tomando a natureza humana, ele concordou em certas limitações no desempenho de seus atributos divinos. Estas limitações não eram o resultado de uma perda de atributos divinos, mas a soma dos atributos humanos.

2. A união das duas naturezas significa que eles não funcionam de forma independente. Jesus não exerceu sua divindade e, por vezes, por vezes, a sua humanidade. Suas ações eram sempre do divino-humanidade. Esta é a chave para entender as limitações funcionais impostas a humanidade divindade. Por exemplo, ainda tinha o poder de estar em toda parte (onipresente). No entanto, como um ser incorporada, que foi limitado na utilização deste poder pela posse de um corpo humano. Da mesma forma, ele permaneceu onisciente, mas possuído e exercido em conexão com um corpo humano que cresceu gradualmente em consciência, seja do ambiente natural ou as verdades eternas. Portanto, apenas gradualmente limitada psique humana percebi quem ele era eo que ele tinha que fazer. No entanto, isso não deve ser considerada uma redução no poder e capacidades da Segunda Pessoa da Trindade, mas uma limitação induzida pelas circunstâncias no exercício do seu poder e capacidades.

Imagine a seguinte analogia. Velocista mais rápido do mundo participa de uma corrida de três pernas, que deve conter um de seus amarrado à perna de um companheiro pernas. Apesar de sua capacidade física não diminuiu, a condição em que os actos são seriamente limitados. Mesmo se o seu parceiro é velocista mais rápido a segunda do mundo, sua carreira será muito mais lenta do que se competem separadamente; Eles seriam ainda mais lento do que quase qualquer outra pessoa sem ir-lo amarrado para ser executado. Ou considere o melhor lutador do mundo que estão lutando com uma mão amarrada atrás das costas. Ou em um jogo de softball em que os pais, que estão competindo com os seus filhos, mudar a mão que você normalmente pegar o morcego (por exemplo bastão destro esquerda e bastão destro). Em cada um destes casos, a capacidade não é diminuída substancialmente, mas as condições impostas limite sobre o desempenho de exercício.

Esta é a situação da encarnação de Cristo. Como o corredor ou boxer eles poderiam separar de suas forças, mas optou por abster-se de fazê-lo para a duração do evento, de modo a encarnação de Cristo significou uma limitação voluntária escolhido pelo próprio. Eu tive que tomar forma humana, mas decidiu fazê-lo durante a encarnação. Durante esse tempo, sua divindade sempre trabalhou em conexão com a sua humanidade.

3. Ao pensar sobre a encarnação, temos de começar não com os tradicionais conceitos de humanidade e divindade, mas reconhecendo que os dois estão mais conhecido em Jesus Cristo. Às vezes nos concentramos encarnação com a suposição de que é praticamente impossível. Sabemos que a humanidade é e qual é a divindade, e, claro, por definição, são incompatíveis. Eles são, respectivamente, o finito eo infinito. Mas este é o lugar errado para começar - com um conceito de humanidade com base em nosso conhecimento da humanidade existencial e não a humanidade essencial. A nossa compreensão da natureza humana foi formada por uma pesquisa indutiva que fizemos a nós mesmos e os outros seres humanos como nós os conhecemos. Mas nenhum de nós é a humanidade como Deus pretendia que fosse ou como fora de suas mãos. A humanidade foi estragado e corrompido pelo pecado de Adão e Eva. Consequentemente, não são seres humanos reais, mas enfraquecido e restos quebrados da humanidade essencial, e é difícil imaginar esse tipo de humanidade ligado à divindade. Mas quando dizemos que na encarnação Jesus tomou forma humana, não estamos falando sobre esse tipo de humanidade. Para a humanidade de Jesus não era a de seres humanos pecadores, mas Adão e Eva possuía desde a sua criação e antes da queda. A questão, portanto, não é se Jesus era plenamente humano, mas se nós somos (ver p. 733). Não era apenas humano como nós; era mais humano do que nós. Teve, espiritualmente, o tipo de humanidade que temos quando estamos glorificado. Sua humanidade foi certamente mais compatível com a divindade que tipo de humanidade como a conhecemos agora. Devemos definir a humanidade, não integrando nossas atuais observações empíricas, mas, examinando a natureza humana de Jesus, porque ele é o que melhor reflete a verdadeira natureza da humanidade.

Jesus Cristo é a nossa melhor fonte de conhecimento da divindade. Nós assumimos que sabemos como ele realmente é Deus. Mas é em Jesus que somos melhores revelados como Deus é e melhor divulgado. Como John disse: "Deus ninguém jamais viu; o Filho único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer »(Jo. 1:18). Portanto, a nossa imagem de como divindade vem principalmente da revelação de Deus em Jesus Cristo.

Às vezes nos concentramos encarnação maneira errada. Nós definimos divindade e humanidade de forma abstrata e dizer: "É impossível para eles para se encaixar." Nós assumimos que a natureza divina simplesmente não pode ser ligado a natureza humana, mas essa suposição é baseada no conceito grego da impassibilidade da divindade e não na Bíblia. No entanto, se começarmos com a realidade da encarnação de Jesus Cristo, não apenas vemos melhor como são as duas naturezas, mas reconhecemos que eles são como são, não são incompatíveis, porque uma vez que coexistiram em uma pessoa. E o que aconteceu é naturalmente possível.

Em conexão com a possibilidade de união entre divindade e humanidade, temos de ter em conta a imagem distintiva da humanidade que é oferecido na Bíblia. Como a imagem de Deus, o homem ea criatura é mais semelhante a Deus. A suposição de que os seres humanos são tão diferentes de Deus que nós dois não podem coexistir em uma pessoa provavelmente é baseado em outro modelo da natureza humana. Você pode estar pensando sobre o ser humano, basicamente, como um animal que tem evoluído a partir de formas inferiores de vida. No entanto, nós sabemos pela Bíblia que Deus escolheu para encarnar em uma criatura que parecia muito com ele. É possível que parte do propósito de Deus para fazer a humanidade à Sua semelhança era facilitar encarnação para acontecer algum dia.

4. É importante pensar sobre a iniciativa da Encarnação como algo que, por assim dizer, vem de cima, não abaixo. Parte do nosso problema em entender a encarnação pode vir do fato de que nós o vemos de uma perspectiva humana. A partir desta perspectiva, a encarnação parece altamente improvável, talvez até mesmo impossível. A dificuldade é que, na realidade, estamos perguntando a nós mesmos como um ser humano pode se tornar Deus, como se fosse possível para um ser humano para se tornar Deus ou deidade de alguma forma adicionar à sua humanidade. Estamos plenamente conscientes das nossas limitações, e nós sabemos quão difícil ou impossível seria para ir além deles, em particular, ao ponto de se tornar Deus. Mas, para Deus, humano (ou para ser mais correto, adicione a humanidade a Sua divindade) não é impossível. Ele é ilimitado e, portanto, capaz de rebaixar a parte inferior, enquanto o menor não pode ascender ao mais alto ou mais alto. (Para nós, como seres humanos que você pode fazer coisas que um cão ou gato, por exemplo, imitam o som ou curso comportamento não é realmente levar o seu cão ou gato forma, e nós temos algumas limitações, como uma forma menos bem sucedido. visão ou cheiro, mas é muito mais fácil para nós para imitar animais para que eles imitar o comportamento humano). O fato de que um homem não ascender à divindade ou Deus levantou um homem à divindade, mas sim Deus condescendeu em tomar a forma humana, facilita a nossa capacidade de criar e efetivamente excluídos adoptionism encarnação. Será útil ter em mente aqui que a Segunda Pessoa da Trindade está acima do Jesus terreno de Nazaré. Na verdade, não havia terreno este Jesus de Nazaré para o momento em que foi concebido no ventre da Virgem Maria.

5. Também é útil pensar em Jesus como uma pessoa muito complexa. Sabemos que as pessoas que têm personalidades simples. Você começa a conhecê-los muito rapidamente, e geralmente bastante previsível. Outras pessoas têm personalidades mais complexas. Eles podem ter mais experiência, mais educação, ou uma estrutura emocional mais complexo. Quando nós pensamos que conhecemos bem, uma outra faceta de sua personalidade anteriormente conhecimento da sua existência surge. Agora, se nós imaginar a complexidade estendida para um grau infinito, temos uma pequena idéia de "personalidade de Jesus," por assim dizer, de suas duas naturezas em uma só pessoa. Porque a personalidade de Jesus incluiu as qualidades e atributos que constituem

a deidade. Ele tinha dentro dele dimensões de experiência, conhecimento e amor que são encontrados em seres humanos. É claro que não é um problema, porque estas qualidades humanas diferem não só em grau, mas também em espécie. Isso serve para lembrar a pessoa de Jesus não era apenas uma amálgama de qualidades divinas e humanas misturadas em uma espécie de *tertium quid*. Pelo contrário, foi uma personalidade que, além das características da natureza divina também tinha todas as qualidades e atributos da natureza humana perfeita, sem pecado.

Nós têm apontado várias dimensões da verdade bíblica que nos ajudarão a compreender a encarnação. Às vezes diz-se que há apenas sete piadas básicas e que cada piada é apenas uma variação de um deles. Você pode dizer o mesmo sobre as heresias em relação à pessoa de Cristo. Existem basicamente seis, que aparecem todos nos primeiros quatro séculos do cristianismo. Ou negar a autenticidade da divindade de Jesus (ebionismo) ou a sua plenitude (Arianismo); ou negar a autenticidade da humanidade de Jesus (Docetism), ou o completo (Apollinarianism); dividir sua pessoa (Nestorianism), ou confundir sua natureza (Eutychianism). Todos os desvios da doutrina ortodoxa da pessoa de Cristo são variantes simples dessas heresias. Embora possamos achar difícil especificar o teor exacto dessa doutrina, total fidelidade às Escrituras evitar cuidadosamente todas essas distorções.

36. A Virgem Nascimento

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Explique a importância do nascimento virginal de ao desenvolver uma maneira de entender a teologia sobrenatural, Cristo e Christian como um todo.
- Identificar e descrever a evidência bíblica e histórica, especificamente na igreja primitiva, o nascimento virginal.
- Reconhecer e compreender cinco objeções ao nascimento virginal.
- refutar cinco objeções ao nascimento virginal, usando evidência bíblica e racional.
- Desenvolver uma doutrina teológica do nascimento virginal com base nas provas apresentadas, a favor e contra.

Resumo do capítulo

Após a ressurreição, o nascimento virgem é a mais controversa da vida de Jesus Cristo evento. No final do século XIX século e início XX, O TEMA DO NASCIMENTO VIRGEM TORNOU-SE UM PROBLEMA QUE PROVARAM A CRENÇA DAS PESSOAS NO SOBRENATURAL. Embora o termo "concepção virginal" é mais apropriado para explicar o significado de uma concepção sobrenatural é a de um "nascimento virgem", este último tornou-se a expressão mais comum para se referir a esta doutrina. As duas referências bíblicas, discutindo o nascimento virginal, Mateus 1 e Lucas 1, satisfazer a coerência da Escritura como a crença no nascimento virginal. Como um elemento-chave da cristologia, acreditam no nascimento virgem é necessária para a teologia cristã.

Questões de estudo

1. Por que o nascimento virginal é importante para a teologia cristã?
2. Que evidências encontradas na igreja primitiva a acreditar no nascimento virginal?
3. Quais objeções foram levantadas contra o nascimento virginal, e como responder a eles?
4. Como iria defender a crença no nascimento virginal usando Mateus 1 e Lucas 1?
5. Como é que cristologia crença no nascimento virginal?

Importância da questão

Evidência do nascimento virginal

Evidência bíblica

Tradição da igreja primitiva

Objeções ao nascimento virginal

Ignorância inesperada sobre o nascimento virgem

A possibilidade de que o nascimento virginal permitir que a humanidade completa

Paralelos com outras religiões

Incompatibilidade com a pré-existência de Cristo

Conflito com a lei natural

O significado teológico do nascimento virginal

Importância da questão

Junto com a crucificação e ressurreição, talvez o sucessor para a vida de Cristo que tem recebido mais atenção é que do seu nascimento virginal. Claro que, juntamente com a ressurreição é o mais debatido e controversa.

No final do século XIX e início do XX, O NASCIMENTO VIRGEM ESTAVA EM PLENO DEBATE ENTRE FUNDAMENTALISTAS E MODERNISTAS. Os fundamentalistas insistiu que a doutrina era uma crença essencial. Os modernistas ou rejeitado por não ser essencial ou insustentável, ou reinterpretado de forma não-literal. Pela primeira havia uma garantia de que Cristo era especial e que era Deus, enquanto o segundo parecia desviar a atenção da realidade espiritual para assunto biológico.

Uma das razões para colocar muita ênfase sobre este ensino é mencionado apenas duas vezes nas Escrituras é que outras doutrinas tinha mais variedade de interpretações. Os liberais tendem a redefinir a terminologia sem alterar doutrinas como John Herman Randall Jr. observadas Como resultado, a composição dessas doutrinas não era mais um teste positivo da ortodoxia. Por isso, já não era possível supor que o que um teólogo significa "divino" e "divindade" Cristo era uma singularidade qualitativa que a distingue de outros seres humanos. Diz-se que W. Robertson Smith, um teólogo escocês do século XIX, QUANDO FOI ACUSADO DE NEGAR A DIVINDADE DE CRISTO, DISSE: "COMO VOCÊ PODE ME ACUSAR DE QUE? Eu nunca negava a divindade de qualquer homem, muito menos o de Jesus "Em vista de tais idéias, a adoção da doutrina da divindade de Jesus não inclui necessariamente o significado tradicional: que Jesus era divino no mesmo sentido e grau que o Pai, e de uma forma que não é verdade para qualquer outra pessoa que já viveu. Portanto, não é surpreendente que a divindade de Cristo não aparece em algumas listas de os fundamentos da ortodoxia. No entanto, a ressurreição corporal e nascimento virginal se eles estão lá. Os fundamentalistas fundamentado que alguém que pode aceitar o nascimento virginal provavelmente poderia aceitar outras provas da divindade de Jesus, uma vez que são geralmente menos difícil aceitar que o nascimento virgem. Assim, os candidatos à ordenação foram convidados que expressou uma posição sobre o nascimento virginal, porque era uma maneira relativamente fácil e eficiente para determinar se sustentava que Cristo era

sobrenatural. Em tempos mais recentes, o teólogo asiática Chohan-Seng Canção jogou a encarnação de Cristo como Deus trabalha em todas as situações em que há sofrimento. Portanto, o nascimento virgem ainda é importante para a particularidade de a encarnação de Cristo em um determinado momento no tempo.

No entanto, houve um problema ainda maior aqui. Para o nascimento virginal foi um teste sobre a posição a ser tido para o milagroso. Qualquer pessoa que aceite o nascimento virgem pode aceitar outros milagres da Bíblia diz. Portanto, este tornou-se um modo conveniente de determinar a atitude tinha um em relação ao sobrenatural em geral. Mas, mesmo para além disso, era uma maneira de verificar a visão de mundo que tinha do mundo e, especificamente, a relação entre Deus eo mundo.

Um dos pontos de divergência entre conservadores e liberais tinham a ver com a relação de Deus com o mundo. De um modo geral, os liberais ou modernistas ressaltou a imanência de Deus. Considerou-se que Deus estava presente e ativo em todos os lugares. Acreditava-se que ele agiu para cumprir Seus propósitos através de leis e processos naturais diariamente e não de forma direta e especial. Conservadores ou fundamentalistas, por outro lado, ressaltou a transcendência de Deus. Nesta visão, Deus está fora do mundo, mas milagrosamente intervém ocasionalmente para fazer uma obra especial. O fundamentalista viu o nascimento virginal como um sinal da obra milagrosa de Deus, enquanto o liberal viu cada nascimento como um milagre. O nascimento virgem foi, portanto, um importante campo de batalha que está sendo pontos Sobrenaturalistas e naturalistas sobre a relação entre Deus e da visão de mundo.

O nascimento virginal significa coisas diferentes para diferentes teólogos. O que estamos realmente falando aqui é o "nascimento virgem". Com isto queremos dizer que a concepção de Jesus no ventre de Maria não era o resultado de uma relação sexual. Maria era virgem no momento da concepção de Jesus e assim permaneceu até o momento de seu nascimento, pois as Escrituras indicam que Joseph não teve relações sexuais com ela até depois do nascimento (Mt 01:25). Maria ficou grávida de uma influência sobrenatural que o Espírito Santo estava sobre ele, mas isso não significa que Jesus foi o resultado da relação sexual entre Deus e Maria. Nem implica que um parto normal não ocorreu. Alguns teólogos católicos, em particular, interpretadas como o nascimento virginal de Jesus não nasceu normalmente. De acordo com seu ponto de vista, ele simplesmente atravessou a parede do ventre de Maria, em vez do canal de parto normal, para que o hímen de Maria não foi quebrado. Houve, portanto, uma espécie de cesariana milagrosa. De acordo com a doutrina católica da virgindade perpétua de Maria, ela em nenhum momento teve relações sexuais, então não havia nenhuma criança naturais nascidos de José e Maria. Alguns teólogos, por exemplo Dale Moody, para distinguir a sua interpretação do nascimento virginal do catolicismo tradicional, propuseram que a palavra "concepção virginal" ou "concepção milagrosa" em vez de usar "nascimento virgem".⁷ No entanto, devido o uso comum do termo "nascimento virgem", vamos usá-lo aqui, mas a compreensão de que a nossa interpretação difere do dogma católico romano tradicional.

Também há desacordo no que respeita à importância do nascimento virginal, mesmo entre aqueles que insistem que você deve segurar a crença nesta doutrina. Alguns argumentaram que o nascimento virginal era essencial para a encarnação. Se havia uma mãe e um pai humano, Jesus teria sido apenas humano. Outros acreditam que o nascimento virginal era necessário que Cristo, o pecado não tinha.⁹ Se havia dois pais humanos, Jesus teria herdado uma natureza humana depravada ou corrompido completo; não haveria nenhuma chance de ser livre do pecado. No entanto, outros acreditam que o nascimento virginal não era essencial para qualquer uma destas considerações, mas tinha grande valor para simbolizar a realidade da encarnação. É um fator indicativo, muito semelhante à forma como outros milagres, sobretudo o trabalho ressurreição para certificar que Cristo é sobrenatural. Nesta base, o nascimento virginal não é necessário do ponto de vista ontológico, ou seja, não é necessário que Jesus nasceu

de uma virgem para ser Deus. No entanto, é necessário epistemologicamente, isto é, de modo que sabemos quem é Deus.

Além disso, alguns têm argumentado que a doutrina do nascimento virginal é dispensável. Ele pode ser omitida sem problemas que ocorrem no significado essencial do cristianismo. Embora alguns evangélicos têm activamente nesta posição, é interessante notar que alguns textos de teologia sistemática evangélicos fazem pouca ou nenhuma referência ao nascimento virginal em seu tratamento sobre cristologia.¹² De fato, muitas das discussões sobre o nascimento virginal foi feito em trabalhos separados que tratam do assunto em detalhe.

Depois de examinar os argumentos e os sinais positivos do nascimento virginal, é necessário que nos perguntar o que é o verdadeiro significado e importância da doutrina. Só então poderemos tirar as suas implicações práticas.

Evidência do nascimento virginal

Evidência bíblica

A doutrina do nascimento virginal é baseado em duas referências bíblicas explícitas: Mateus 1: 18-25 e Lucas 1: 26-38. Há outras passagens do Novo Testamento que alguns também se referem ou aludem ou, pelo menos, pressupõem o nascimento virgem, e é a profecia de Isaías 7:14, citado em Mateus 1:23. Mas mesmo considerando essas passagens, o número de referências relevantes é bastante baixa.

Nós apenas poderia parar neste ponto e dizer que porque a Bíblia confirma o nascimento virginal não uma, mas duas vezes, é prova suficiente. Como acreditamos que a Bíblia é inspirada e autoridade, Mateus 1 e Lucas 1 nos convencer de que o nascimento virginal é um fato. No entanto, devemos também notar que, em relação à verdade histórica do nascimento virginal, ou seja, quando se refere a um evento que ocorre em um determinado ponto e espaço tempo, é, em princípio, algo ele pode ser confirmada ou negada pelos dados da pesquisa histórica.

Notamos, em primeiro lugar, a integridade de base das duas passagens relevantes. As duas referências explícitas e, especialmente, Mateus 1: 20-21 e Lucas 01:34; Eles são partes integrantes da narrativa em que acontecer; há inserções ou interpolações. Além disso, Raymond Brown acredita que entre as narrativas da infância e do resto do livro em que parece que há uma continuidade de estilo (por exemplo, o vocabulário, a fórmula geral da citação) eo assunto.

Além disso, pode-se argumentar que as duas contas do nascimento de Jesus, mas claramente independentes um do outro, são semelhantes em muitos pontos (incluindo a virgindade de Maria), devemos concluir que, nestes aspectos, tanto surgissem independentemente de uma história comum anterior a qualquer um deles; a ser mais velhos, eles têm maior garantia de historicidade. Brown compilou uma lista de onze pontos que compartilham as contas de Mateus e Lucas. Entre os pontos mais importantes que diferem Brown diz referências Lucas para a história de Zacarias, Isabel e do nascimento de João Batista, o censo, os pastores, a apresentação do menino Jesus no templo, e os ensinamentos de Jesus lá ao meio-dia. Além disso, Matthew tem a história dos Reis Magos liderado por uma estrela para a criança, a morte de crianças por Herodes ea fuga para o Egito.¹⁵ que, apesar desta diversidade das duas contas se referem especificamente à concepção virginal Ele é um forte indício de que esta questão em particular ambos dependem de uma única tradição anterior. Um ponto adicional de autenticação refere-se ao caráter judeu dessas porções dos evangelhos. Assim, a partir da perspectiva de forma crítica, a tradição do nascimento virgem apareceu muito cedo na história da igreja, quando foi principalmente sob a influência judaica, em vez de grego.

De onde vem essa tradição? Uma resposta dada é que surge a partir de fontes extra-cristão extra-bíblicas, como mitos encontrados nas religiões pagãs pré-cristãs e Judaísmo. Examine estas sugestões um pouco mais tarde (p. 770). No entanto, cabe

ressaltar aqui que os paralelos com outras religiões são bastante superficial e supostas fontes diferem significativamente dos relatos bíblicos. Além disso, há sérias dúvidas de que os primeiros cristãos conheciam ou aceitam a maioria deles. Portanto, esta teoria deve ser descartada.

No passado, era tradição comum atribuído a José e Maria, que, afinal, eram os que conheciam as coisas diretamente. Assim, o relato de Mateus foi atribuída a José e Maria Lucas. Quando visto a partir da perspectiva do que é mencionado e que é omitido, essa hipótese faz sentido considerável. Mas Brown argumenta que Joseph, que aparentemente tinham morrido na época em que Jesus estava fazendo seu ministério público, não pode ser considerada uma fonte para a tradição. E Maria não parece ter sido muito perto dos discípulos durante o ministério de Jesus, embora, aparentemente, ele era parte da comunidade depois da ressurreição. Brown afirma que, enquanto não é impossível que ela era a fonte de material para a história da infância de Jesus em Lucas, é improvável que ela foi fornecido o material para a história de Mateus, porque parece ser dito de seu ponto de vista. Então, Brown conclui que "não sabemos com certeza se algum ou todos os materiais sobre a infância de Jesus vem de uma tradição para a qual não era uma testemunha comprobatória." ¹⁸

Apesar dos argumentos de Brown é difícil aceitar as suas conclusões. O argumento de que Joseph não pode ser considerada uma fonte da tradição do nascimento virginal, porque ele já estava morto quando Jesus desenvolveu seu ministério, mas é um argumento de silêncio, provavelmente é tecnicamente correto. Não era uma fonte directa. No entanto, isso não significa que as suas experiências pessoais sobre o nascimento de Jesus não tem sido conhecido para a comunidade primitiva. Será que ele não ter sabido onde José poderia ter confiado e, eventualmente, tornar-se crentes e parte da comunidade cristã? E Mary nunca conversamos sobre ele? Ele também deixa de fora muito rapidamente o papel de Maria. Se, como admite Brown, há evidências no Novo Testamento que Maria era parte de depois da ressurreição (At. 1:14) da comunidade, não é uma fonte provável de tradição?

Não devemos tão facilmente rejeitar a possibilidade de que outros membros da família de Jesus também tiveram a sua quota. Foi observado que o *Evangelho de Tiago*, supostamente um relato do nascimento de Jesus escrito por um de seus irmãos, é bastante popular e faz com que erros elementares sobre as questões processuais no templo. Mas o fato de que é um escrito apócrifo não confiável deveria concluir-se que o verdadeiro Santiago, Brown admite que veio a década de sessenta, não pode ser uma fonte confiável de tradição correta? Brown fez a mesma sugestão consistente a esse respeito em uma carta anterior:

A tradição familiar de como Jesus foi concebido pode ter dado apoio a solução teológica [para o problema de como Jesus poderia ter nascido sem pecado]. Embora não haja nenhuma maneira de provar a existência da tradição privada, a reputação da família de Jesus em Jerusalém igreja - por exemplo Tiago, irmão do Senhor - devemos evitar sobre como os cristãos eram livres, pelo menos até 60, de inventar tradições familiares sobre Jesus.

Excluindo a família como fonte de tradição, temos o problema complicado de realmente saber onde apropriado. Temos notado que a hipótese de uma fonte extra-bíblica apropriada. Por isso, concluem que "é difícil explicar como veio a idéia se não fosse o fato." Embora para nós, não é necessário para estabelecer a fonte exata da tradição, a família de Jesus ainda parece bastante provável possibilidade.

Devemos também observar que Jesus legitimidade aparentemente muito cedo foi questionada. Na polêmica anti-cristã de Celsus (cerca de 177-180) Jesus é acusado de ser o filho ilegítimo de Maria e um soldado romano chamado Pantera, e que o próprio Jesus tinha inventado a história do nascimento virginal. Eles acreditam que a obra de Celso foi baseada em fontes judaicas defende uma antiga tradição do nascimento virginal.

No entanto, mesmo no Novo Testamento há indícios de que a legitimidade de Jesus foi questionado. Em Marcos 6: "., Filho de José" 3 Jesus é identificado pelo povo de sua aldeia como "o filho de Maria", quando o que se espera é que ele sabia como Para alguns, esta é considerada uma referência à tradição que José não era o pai de Jesus; sua idéia é reforçada pela declaração de que os aldeões se ofendeu com Jesus. Normalmente, nesse momento, quando uma pessoa foi identificada, ele disse quem era seu pai. Quando um homem identificado com o nome de sua mãe era porque sua paternidade era incerto ou desconhecido. Brown argumenta que o fato de que os irmãos de Jesus também são mencionados em Marcos 6: 3 é um sinal de normalidade que vai contra a designação "filho de Maria" como evidência da ilegitimidade de Jesus, porque a legitimidade de seus irmãos e as irmãs também têm questionado. Seja ou não Brown conclusão válida, é claro que a evidência não é conclusiva texto. A existência de variantes (por exemplo, "o filho do carpinteiro") é outra advertência contra conclusões precipitadas em punho.

Outro texto que lida com este assunto é João 8:41, onde os judeus disseram a Jesus Use o pronome enfático "nós não somos nascidos de prostituição." Ὑμεῖς (hemeis) pode ser interpretada como uma alusão: "Nós não somos *nós* que nascemos da fornicção. "

Não seria surpreendente que há rumores de que Jesus era ilegítimo, pois de acordo com os relatos de Mateus e Lucas, Jesus foi concebido depois de Maria foi prometida a José, mas antes que eles foram oficialmente juntos. Assim que ele nasceu embaraçosamente breve. Especialmente Matthew pode ter incluído a história encontrada em 1: 18-25 porque rumores de ilegitimidade. Ele também pode ser devido ao desejo de manter o respeito para ambos os pais de Jesus como a convicção de que Jesus não tinha pecado. Desde então indicações de que acreditavam que Jesus era ilegítimo são consistentes com a concepção virginal. Claro, não verificada, uma vez que outra escolha lógica para estas indicações que Jesus realmente era ilegítimo. Mas pelo menos podemos dizer que toda a evidência bíblica deixa claro que José não era o pai biológico de Jesus.

Tradição da igreja primitiva

Outra evidência do nascimento virginal é uma longa tradição na Igreja primitiva. Embora esta tradição por si só não estabelece o nascimento virginal como uma verdade, é o tipo de evidência que seria de esperar se a doutrina fosse verdadeira.

Um ponto de partida é o Credo dos Apóstolos. A forma como usamos agora ocorreu em Gália, no quinto ou sexto séculos, mas vem de muito antes. Na realidade, é baseado em uma antiga confissão batismal Roman. O nascimento virginal é confirmada tanto a versão mais antiga e na parte traseira. Pouco depois do meio-segundo século, a maneira antiga já estava em uso, não apenas em Roma, mas também no Norte de África Tertuliano e Irineu na Gália e na Ásia Menor. A presença da doutrina do nascimento virginal de uma confissão da Igreja primitiva importante de Roma é muito significativo, especialmente porque esta crença não incorpora nenhuma nova doutrina.

Outro depoimento inicial importante é a de Ignacio, bispo de Antioquia da Síria, que foi martirizado o mais tardar no ano 117. argumentando contra docetistas fez um resumo das principais crenças sobre Cristo. Adolf von Harnack chamou o resumo de Ignacio um *kerygma* de Cristo. Ele incluiu uma referência à virgindade de Maria como um dos "mistérios sobre estar falando." ²⁸ Várias observações fazer esta referência muito impressionante: (1) como Ignacio está escrevendo contra Docetism, a expressão "nascido de mulher "(e Gal. 4: 4) seria melhor servir o seu propósito que" nasceu de uma virgem "; (2) não foi escrito por um novato, mas o bispo da igreja mãe do cristianismo gentio; (3) O mais tardar escreveu 117. Como observado por J. Gresham Machen, "quando encontramos [Ignacio] confirmando o nascimento virginal não é uma novidade, mas como um dos fatos aceitos sobre Cristo, é evidente que a crença no nascimento virginal deve ser estendida bem antes do final do primeiro século. "

Claro, há também evidências iniciais de negação do nascimento virgem. Alguns, é claro, veio de pagãos. No entanto, mais significativo foram as acusações dos judeus que estavam em uma posição melhor para ter conhecimento dos fatos e poderia refletir uma imagem mais precisa da tradição. Alguns afirmam ser crentes cristãos também levantaram objeções. Entre os diferentes tipos de oposição à doutrina Celsus, Cerinthus, Carpocrates e Ebionites eram. É significativo que nós não encontramos qualquer ortodoxa (ou seja, para manter todas as outras doutrinas básicas da fé cristã) que nega o nascimento virginal. Machen sintetiza bem o testemunho negativo do segundo século: ". Os desmentidos do nascimento virgem que apareceu em que século é muito mais probabilidade de ser baseada em pressupostos filosóficos ou dogmáticos em uma verdadeira tradição histórica"

Em contrapartida, a existência de um forte testemunho positivo do segundo século, juntamente com outros elementos de prova já mencionado, argumentam fortemente a favor da historicidade e da realidade do nascimento virginal. Embora possa parecer ambígua e não ser esmagadora, a evidência é suficiente para sustentar a crença no testemunho bíblico sobre esta importante questão.

Objeções ao nascimento virginal

Eles têm uma série de acusações ao nascimento virginal emergiu.

Ignorância inesperada sobre o nascimento virgem

Tem sido argumentado que as pessoas perto de Jesus, especialmente Maria, mas seus irmãos não sabia o nascimento milagroso. Baseado em Marcos 3:21, 31, assume-se que foram eles que vieram para ficar, acreditando que ele estava fora de si. Estar ciente de o nascimento milagroso de Jesus que teria servido como explicação para o seu comportamento era tão estranho para você aqui.

Também foi observado que a maior parte do Novo Testamento não diz nada sobre o nascimento virginal. Como poderia Marcos, autor do primeiro e mais básico dos Evangelhos, omitindo menção desta questão se você sabe? E por que o Evangelho de João, o mais teológica dos quatro, não diz nada sobre um assunto tão importante? Além disso, é surpreendente que Paulo, com toda a sua apresentação sobre a importância de Cristo e seu forte foco na doutrina, permanecem ignorantes sobre esse problema se ele realmente fosse um fato e ser parte da tradição da igreja primitiva. Na verdade, a pregação da igreja primitiva, que é recolhido no livro de Atos, permanece estranhamente silenciosos a esta questão. Não é estranho que apenas dois livros fazem referência ao nascimento virginal, e apenas brevemente? Mesmo Mateus e Lucas não use, nem novas referências para o nascimento virginal. Essas são acusações graves que exigem uma resposta, porque, se tomado por aquilo que parecem ser, comprometer ou neutralizar a alegação de que havia uma testemunha cedo do nascimento virginal.

Observamos primeira Mark 3. Sem segurança que Maria e os irmãos de Jesus (v. 31) eram pessoas que pensavam que ele estava fora de si (v. 21). Literalmente do grego diz "seu", presumivelmente referindo-se a pessoas de sua própria casa. Mas quem eram essas pessoas não é de todo claro. E deve-se notar que no verso 31 ao verso nenhuma menção é feita 21. Assim, há uma probabilidade de ocorrer logo após o outro, mas os dois versos estão dizendo eventos desconectados. Não há dúvida de que, quando Maria e de Jesus irmãos vieram procurá-lo, eles estavam preocupados com a sua saúde mental e estabilidade de sua indicação ações. Sem conexão com a terminologia do versículo 21 estados, nem há qualquer pista indicando que esta foi uma segunda abordagem da mãe e os irmãos de Jesus. Além disso, uma troca verbal com os escribas de Jerusalém aparece entre os dois versos. E referência de Jesus à "minha mãe e meus irmãos" não contém qualquer indício de que tinha um reflexo adverso da sua parte (vv. 33-35). Então, não há

justificativa para acreditar que aqueles que pensavam que Jesus estava fora de si estavam sua mãe e seus irmãos.

No entanto, mesmo que Mary tinha sido entre aqueles que pensavam que Jesus estava fora de si, não seria incompatível com o que sabia sobre o seu nascimento virginal. Se Maria Jesus espera um dia sentar-se no trono de Davi, ele poderia facilmente ter se senti perplexo. Porque no ministério em que ele embarcou Jesus agora ele parecia produzir oposição e rejeição. No entanto, ele poderia estar ciente do fato de que, durante a infância ea maturidade de Jesus, ela teve uma posição de superioridade sobre ele, cuidar dele por formação, aconselhamento. Ele teria sido certamente momentos em que ela tinha achado necessário orientá-lo em melhores maneiras de agir em sua vida pessoal, se sua encarnação foi realmente genuíno. Você deve ter notado este episódio como apenas mais uma ocasião em que foi necessária a sua orientação.

No que diz respeito a seus irmãos, você pode aplicar algumas dessas mesmas considerações. No entanto, se tivermos uma declaração explícita de que eles não acreditam em Jesus durante o seu ministério, ou pelo menos em algum momento de seu ministério (Jo. 7: 5). Sua falta de crença tem sido citado como prova de que eles não tinham conhecimento do nascimento virgem e que, portanto, este não tivesse ocorrido. Mas não há realmente nenhuma razão para acreditar que Maria e José lhes havia dito sobre o nascimento virgem. Embora possa que verdade se encontraram mais tarde, e até mesmo pode ter tido a ver com o fato de que eles começaram a acreditar nele, é bastante provável que, por ser mais jovem do que Jesus, quando eles pensaram não completamente desconocien sobre seu nascimento incomum .

Mas o que dizer do silêncio dos outros livros do Novo Testamento? O Evangelho de Marcos é considerado bastante significativo a esse respeito, uma vez que, presumivelmente, é um documento antigo e básico em que os Evangelhos Sinópticos foram escritos. Mas deve-se sempre ter o cuidado de discutir com o silêncio, e especialmente neste caso. Mark não faz qualquer referência ao nascimento e da infância de Jesus. O mesmo projeto do livro parece ser a de fornecer um relatório dos eventos que podem ter sido uma questão de conhecimento público, não para oferecer detalhes íntimos da vida de Jesus. Ao escrever um livro tão compacto como ele escreveu, Mark oferece nenhum discurso estendido conforme se encontra em Mateus, e tais incidentes apenas uma ou duas pessoas saberiam não encontrá-los aqui. A tradição de Mark baseou seu evangelho em informações fornecidas por Pedro sugere que Mark poderia ter escolhido apenas o que o apóstolo tinha observado pessoalmente. Estas considerações, se for verdade, apoiaria a ausência de qualquer referência ao nascimento virginal. Isto não implica que Mark não sabia sobre isso ou que a tradição é falsa.

No entanto, uma coisa no Evangelho de Marcos que alguns têm apontado como evidência de que o autor sabia o nascimento virginal. Isso acontece em 6: 3. A passagem paralela em Mateus que o povo de Nazaré se perguntou: "Não é este o filho do carpinteiro" (Mt 13:55); e Lucas tem: "Não é este o filho de José?" (04:22). No entanto, em Marcos, lemos: "Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E não são suas irmãs aqui conosco? "Parece que Mark estava deliberadamente tentando evitar referindo-se a Jesus como o filho de Joseph. Ao contrário de leitores de Mateus e Lucas, que já tinha avisado do nascimento virgem no capítulo dos respectivos Evangelhos de abertura, os leitores de Marcos não tinha como saber isso. Então, ele escolheu suas palavras com cuidado para não dar a impressão errada. O ponto crucial para nós é que o relato de Marcos há nenhuma base para concluir que José era o pai de Jesus. Portanto, apesar de Marcos não falar do nascimento virgem, certamente não contradiz.

John também menciona o nascimento virginal em seu evangelho. Tal como acontece com Mark, deve notar-se que a natureza do Evangelho de John é tal que não existe qualquer relato nascimento. É verdade que o prólogo fala da origem de Jesus, mas esta passagem é mais historicamente orientada teológico, e é imediatamente seguido pela

imagem de Jesus e João Batista no início do ministério público de Jesus. Não há nada que chegue perto de uma conta de eventos na vida de Jesus antes que ele tinha trinta anos. Enquanto alguns têm tentado encontrar uma alusão ao nascimento virginal, em João 1:13, esta interpretação depende de uma variante textual disputada.

Como observado acima, não há referências ao nascimento virginal nos sermões de Atos. No entanto, devemos notar que esses sermões foram oferecidos para públicos hosts ou desinformados. Por isso, não teria sido natural para incluir referências ao nascimento virginal, porque eles poderiam ter introduzido desnecessária a aceitação da mensagem ea pessoa que eu estava focado obstáculo.

A consideração final é os escritos de Paulo. Por causa de seu papel dominante no desenvolvimento da teologia da igreja primitiva, o que ele diz ou não diz é de importância considerável. Uma leitura cuidadosa dos escritos ou discursos de Paulo irá revelar nada do nascimento virgem diretamente envolvidos, quer numa perspectiva positiva ou negativa. Alguns vêem Gálatas 4: 4 é uma prova para o nascimento virgem e outros que têm provas em contrário, mas seu argumento não tem muito peso. Alguns acreditam que Romanos 1: 3 é incompatível com a idéia de concepção virginal, mas é difícil ver qualquer contradição final.

No entanto, a ausência de qualquer referência às preocupações de nascimento virgem nós como sendo uma questão de tamanha importância, parece estranho que Paulo não falar sobre isso. No entanto, devemos ver os escritos de Paulo como eles são: eles são declarações gerais da natureza catequética, mas o tratamento de problemas específicos na vida de uma igreja ou de um indivíduo. Se o tempo de exposição não exigia uma discussão sobre um determinado tópico, Paul não estava. Entre as principais questões são discutidas e graça da lei, a natureza dos dons espirituais no corpo de Cristo e da moralidade pessoal. Ele não entrou em detalhes sobre questões relacionadas com a pessoa de Cristo, porque, obviamente, eles não foram objecto de controvérsia nas igrejas ou pessoas a quem ele escreveu.

Para resumir este ponto: não há nada no silêncio de muitos escritores do Novo Testamento sobre o nascimento virginal de fazer militar contra eles. No entanto, mais tarde, de alguma forma, a visão de tanto silêncio, podemos nos perguntar a real importância desta doutrina. É essencial para a fé cristã? E se sim, como?

A possibilidade de que o nascimento virginal permitir que a humanidade completa

Alguns questionaram se Jesus era plenamente humano se ele era simplesmente um pai humano. Mas isso confunde a essência da humanidade através do processo que transfere de uma geração para outra. Adão e Eva não teve um pai e uma mãe humana e ainda eram totalmente humanos; e, no caso de Adão, não havia nenhum ser humano anterior, que ele poderia levar sua natureza humana de forma alguma.

Pode-se objetar que a ausência de fator masculino de alguma forma impede plena humanidade. No entanto, este, com seu sexismo implícito, não é uma consequência lógica. Jesus não veio somente com o padrão genético de Maria, porque nesse caso teria sido um clone dele e, portanto, deveria ter sido mulheres. Em vez disso, ele contribuiu com um componente masculino. Em outras palavras, um espermatozóide se juntou com um ovo fornecida por Mary, mas foi especialmente criado para a ocasião, em vez de ser fornecida por um homem existente.

Paralelos com outras religiões

Alguns sugeriram que os relatos bíblicos do nascimento virginal não são nada, mas adaptações de histórias como essa encontrada na literatura de outras religiões. Plutarco sugere que uma mulher pode ser impregnados quando se aproxima uma pneuma divino. Esta consideração faz em seu relato sobre a história do Numa, que após a morte

de sua esposa, aposentado na solidão de ter relações com o divino sendo Egéria. Há histórias de como Zeus pai de Hércules, Perseu e Alexander e Apollo gerando Ion, Asclepius, Pitágoras, Platão e Augusto. No entanto, esses mitos são apenas histórias sobre fornicação entre os seres divinos e humanos, o que é algo radicalmente diferente das histórias da Bíblia sobre o nascimento virgem. Dale Moody disse: "O enorme abismo entre estes mitos politeístas pagãos promiscuidade e de alta monoteísmo do nascimento virginal de Jesus é muito grande para as investigações cuidadosas cruz." ³⁴ As semelhanças são muito menores do que as diferenças. Portanto, a idéia de que os mitos pagãos foram incorporados os relatos evangélicos deve ser rejeitado.

Uma variante dessa idéia histórias bíblicas conectadas com o judaísmo ao invés da religião pagã. As contas de Mateus e Lucas são considerados demasiado judeu ter recebido qualquer influência pagã direto. No entanto, temos de reconhecer, dizem os defensores desta teoria é que no judaísmo havia uma expectativa de um nascimento virginal. De alguma forma, o judaísmo tinha tomado essa idéia e paganismo incorporada. Depois que os documentos cristãos foi ao ar sua forma judaizado.

O problema com esta teoria é que não há nenhuma evidência substancial de que o judaísmo iria apoiar uma crença no nascimento virginal. Parece que a teoria tem sido construído sobre o pressuposto de que o nascimento virgem é uma idéia pagã e que, como não teria aceitado diretamente, deve ter vindo ao cristianismo através judaísmo. Portanto, presume-se que tal crença deve ter existido dentro do judaísmo.

Incompatibilidade com a pré-existência de Cristo

Uma outra objeção importante ao nascimento virgem é que você não pode reconciliar a idéia com a evidência clara e definitiva da pré-existência de Cristo. Diz-se que se você continuar não se pode manter a outra. Eles são mutuamente exclusivos idéias, não complementares. A expressão recente é o mais erudito de Wofhart Pannenberg.

No entanto, essa objeção é válida? Para Jesus Cristã Ortodoxa ele foi totalmente divino e humano. A Palavra, a Segunda Pessoa da Trindade, sempre foi. No entanto, em um determinado ponto do tempo, ele tomou a humanidade e nasceu como o homem Jesus de Nazaré. Não há nenhuma razão para que a pré-existência eo nascimento virgem deve estar em conflito se eles acreditam que houve uma real desde cedo na vida terrena de Jesus encarnação.

Conflito com a lei natural

A objeção final para o nascimento virginal vem de uma resistência fundamental para a possibilidade de milagres e do sobrenatural intrusão na esfera da história. Na verdade, essa objeção poderia estar por trás de alguns dos outros. No entanto, aqui a tentar abertamente nascimento humano normal, sempre precisam de reprodução sexual em que um homem e uma mulher envolvida.

Falamos sobre o tema dos milagres em nosso capítulo sobre a providência de Deus. Aqui nós simplesmente salientar que a posição a adoptar para a possibilidade de milagres é em grande parte uma questão de visão de mundo básica. Se acredita que tudo se passa como um resultado de forças naturais, e que o sistema da natureza é toda a realidade, então *não pode* ser qualquer coisa "milagrosa". Se, por outro lado, é aberta a possibilidade de que existe uma realidade fora do nosso sistema fechado, então existe a possibilidade de que um poder sobrenatural para intervir e neutralizar o funcionamento normal das leis imanentes. Em um universo aberto, ou uma que é considerada aberta, qualquer evento e seu oposto são igualmente prováveis de ocorrer. Em tal situação, a posição que se tem respeito a questões específicas, tais como o nascimento virginal é uma questão de forma histórica de determinar o que realmente aconteceu, não teorizar sobre se ou não isso poderia acontecer. Nossa posição é que não há uma quantidade adequada

de evidência histórica de que Jesus era realmente o filho de uma virgem, e que ela foi concebida sem intercurso humano normal. Se você não tiver antes da possibilidade de tal um objeto de evento, isso leva à conclusão de que realmente aconteceu.

O significado teológico do nascimento virginal

Examinou as provas a favor e contra o nascimento virginal e tendo concluído que nenhuma base adequada para a manutenção dessa doutrina, agora temos de perguntar o que significa. Por que é importante?

Em algum nível, é claro, o nascimento virginal é importante simplesmente porque nos diz o que aconteceu. Embora possamos ver necessária ou não o nascimento virginal, se a Bíblia nos diz o que aconteceu, ele acredita que é importante, porque não fazê-lo é tacitamente repudiar a autoridade da Bíblia. Se não mantivermos o nascimento virginal embora a Bíblia confirma isso, então nós estamos cometendo a autoridade da Bíblia e, em princípio, não há razão para aceitar seus outros ensinamentos. Portanto, rejeitar o nascimento virgem tem implicações que vão muito além da própria doutrina.

Mas devemos perguntar o nascimento virginal não é importante em uma maneira mais específica? Alguns têm argumentado que a doutrina é essencial para a encarnação. Sem o nascimento virginal não haveria união entre Deus eo homem. Se Jesus tivesse sido simplesmente o produto de uma união sexual normal entre um homem e uma mulher, que teria sido um ser humano, não um Deus - o homem. Mas isso é realmente verdade? Ele não poderia ter sido Deus e homem se ele tinha dois pais humanos, ou nenhum dos dois? Como Adão foi criado diretamente por Deus, Jesus poderia ter sido uma criação especial direto. E, conseqüentemente, deveria ter sido possível para Jesus teve dois pais humanos e ainda ser totalmente Deus - o homem. Insista que tem um pai humano impede sua divindade lembra o Apollinarianism, segundo a qual o Logos divino tomou o lugar dos componentes normais da natureza humana (alma). Mas Jesus era plenamente humano, incluindo todas as coisas que normalmente contribuem um pai e uma mãe humana. Além disso, ele possuía elemento divindade. O que Deus fez foi fornecer pela criação especial, tanto componente humano que normalmente ajuda o homem (e por isso temos o nascimento virginal) como o fator divino (que é por isso que temos a encarnação). O nascimento virginal só exige a existência de um ser humano ocorre sem o envolvimento de um pai humano. Isso poderia ter acontecido sem encarnação, e poderia ter havido nenhuma encarnação nascimento virginal. Alguns chamaram este segundo conceito "adoptionism instantânea", porque humano supostamente envolvidos têm existido por si além da adição da natureza divina. A questão aqui, porém, é que, com a encarnação acontecendo no momento da concepção ou nascimento, nunca teria sido uma época em que Jesus não teria sido plenamente humano e plenamente divino. Em outras palavras, o ser divino e humano não depende do nascimento virgem.

A segunda sugestão é muitas vezes feita é que o nascimento virginal era necessário que Jesus faltava pecado. Tinha que ele possuía com que a mãe contribui eo que o pai geralmente ajuda, eu teria tido uma natureza pecaminosa depravada e, portanto, como o resto de nós. Mas este argumento também parece sugerir que não teria pecado, se não tivéssemos um filho pai. E este, por sua vez poderia significar uma de duas coisas (1) ou que o pai, não a mãe, é a fonte de depravação, uma noção que na prática significa que a mulher tem uma natureza depravada (ou se houver, não transmissível), ou (2) que a depravação não é da natureza de nossos pais, mas o ato sexual por que a reprodução ocorre. Mas não há nada na Bíblia para apoiar a última alternativa. A declaração em Salmo 51: 5: "Em malícia fui treinado e em pecado me concebeu minha mãe", significa simplesmente que o salmista era um pecador desde o início da vida. Isso não significa que o ato da concepção é pecado em si.

É, em seguida, a primeira alternativa, isto é, a transmissão do pecado está relacionado com o pai. Mas isso não tem qualquer suporte nas Escrituras. Embora você possa

encontrar algum apoio nas palavras de Paulo, que foi o pecado de *Adão* (Rom. 5:12), que fez homens pecadores, Paulo também indica que Eva, não Adão, "ele foi enganado em transgressão" (1 Tim. 2:14). Nenhum sinal de pecado que mais homens do que mulheres.

A questão de saber se a raça humana inteira está manchada pelo pecado original, Mary Jesus não teria feito algumas de suas conseqüências? Tem sido argumentado que Jesus tinha uma natureza depravada, mas que não fez *realmente* nenhum pecado. Em resposta, notamos que o anjo disse a Maria: "O Espírito Santo virá sobre ti ea força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; Por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus" (Lc. 1:35). Parece provável que a influência do Espírito Santo teve um efeito tão poderoso e santificadora que nenhuma transferência de depravação ou culpa de Maria de Jesus não ocorreu. Sem essa influência especial santificação, ele possuía a mesma natureza depravada que temos. Mas se o Espírito Santo impediu a corrupção Mary passar de Jesus, ele não poderia ter impedido a Joseph também passar? Concluimos que a impecabilidade de Jesus não depende da concepção virginal.

Observamos anteriormente que o nascimento virginal não é mencionado nos sermões evangelísticos de Atos. Talvez não tenha sido uma das doutrinas de classe (ou seja, essenciais para a salvação). É uma subsidiária ou apoiar doutrina; Ela ajuda a criar ou manter a crença nas doutrinas essenciais, ou reforçar as verdades encontradas em outras doutrinas. À medida que a ressurreição é tanto um evento histórico, a doutrina e as provas, é bem possível desconhecer ou ignorar o nascimento virginal e ainda ser salvo. É claro, é evidente que um grande número de pessoas que lhes aconteceu. Mas, então, qual é a importância desse ensinamento?

1. A doutrina do nascimento virginal é um lembrete de que a nossa salvação é sobrenatural. Jesus, quando Ele falou a Nicodemos sobre a necessidade de um novo nascimento, disse: "Se alguém não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; eo que é nascido do Espírito é espírito" (Jo. 3: 5b-6). Juan disse que aqueles que crêem e recebem o poder de se tornarem filhos de Deus "não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (João 1:13.). A ênfase é que a salvação não vem do esforço humano, nem é uma realização humana. Então o nascimento virgem também diz mesmo a incapacidade de seres humanos para se obter o mesmo primeiro passo no processo. A humanidade não é apenas incapaz de assegurar a sua própria salvação, mas não podia sequer entrar no Salvador na sociedade humana.

O nascimento virginal é, ou pelo menos deveria ser, uma parada para a nossa tendência humana natural para o orgulho. Embora Mary foi a que deu à luz o Salvador, ele nunca teria feito isso, mesmo com a ajuda de José, se o Espírito Santo não estivesse presente e trabalhando. O nascimento virginal é a prova da atividade do Espírito Santo. Paulo escreveu em outra ocasião: "Temos este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (2 Coríntios 4: 7). O nascimento virginal é um lembrete de que a nossa salvação, mas veio através da humanidade, é totalmente de Deus.

2. O nascimento virginal é também um lembrete de que a salvação de Deus é totalmente um dom da graça. Não havia nada em especial, que iria fazê-la digna Maria dar à luz o Filho de Deus. Provavelmente muitos jovens judeus poderia ter sido usado para isso. Certamente Maria manifestou qualidades, como a fé e dedicação, que Deus poderia usar (Lc. 01:38, 46-55). Mas não havia nada de especial para oferecer, nem mesmo um marido. Alguém aparentemente incapaz de ter um filho foi escolhido para levar o Filho de Deus é um lembrete de que a salvação não é uma conquista humana, mas um dom de Deus e um dom que não merecemos.

3. O nascimento virginal é a prova de como Jesus especial era o Salvador. Embora possa ter sido uma encarnação sem um nascimento virgem, a natureza milagrosa de nascimento (ou pelo menos o conceito) é mostrar que Jesus foi, pelo menos, um homem muito incomum escolhido por Deus de uma maneira especial.

4. Aqui é uma nova evidência do poder e da soberania de Deus sobre a natureza. Em várias ocasiões (por exemplo, nascimento de Isaíque, Samuel e João Batista) Deus tinha dado um filho a uma mãe estéril ou que já tinham ultrapassado a idade da maternidade. Sem dúvida, estes foram os nascimentos miraculosos. No entanto, este nascimento foi ainda mais surpreendente. Deus tinha provado o seu tremendo poder quando, com a promessa de um filho de Abraão e Sara, disse ele retoricamente: "Existe algo demasiadamente difícil para Deus? Na época, eu tornarei para vós, e Sara terá um filho "(Gn. 18:14). Deus é todo-poderoso, capaz de alterar e superar o caminho natureza para alcançar seus objetivos. Deus poderia fazer o que parecia impossível no tema do nascimento virginal simboliza a sua capacidade de cumprir a tarefa aparentemente impossível de fornecer um novo nascimento para os pecadores. Como o próprio Jesus disse a respeito da salvação "Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível" (Mateus 19:26).

Parte 8

A obra de Cristo

- 37. Introdução à obra de Cristo
- 38. Teorias da Expição
- 39. O tema da expiação
- 40. A extensão da expiação

37. Introdução à obra de Cristo

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e descrever o papel revelador ou profética de Jesus Cristo por toda a eternidade e aqui na terra.
- Identificar e descrever o governo ou o reinado de Jesus Cristo sobre o universo.
- Identificar e descrever a função sacerdotal ou conciliar Jesus Cristo para todos os crentes.
- Explique a humilhação fase da obra de Cristo, que envolve a encarnação e da morte, e de acordo com alguns, a descida ao Hades.
- Reconhecer e explicar o estágio de exaltação da obra de Cristo, que inclui a ressurreição, ascensão, a sua posição à mão direita do Pai e da Segunda Vinda.

Resumo do capítulo

A obra de Cristo é particularmente adequado para o papel na Trindade. Tradicionalmente, a obra de Jesus é classificada com base nas três funções básicas executadas: a função de desenvolvedor, seu governo e conciliação trabalho. No momento, há duas fases principais na obra de Cristo: a humilhação e exaltação. A obra de Cristo não se limita a essas áreas,

mas estes títulos para a obra de Cristo nos ajudar a identificar e dar sentido ao que Cristo fez para a humanidade.

Questões de estudo

1. Considera que identificar os papéis de Cristo como revelador, reconciliando régua ou uma explicação adequada?
2. O que você aprendeu com o papel de Cristo como profeta e como ele acha que pode aplicar isso em sua própria vida?
3. De acordo com a revelação das Escrituras, o que significa que Cristo é rei e sacerdote? São estas duas funções completamente diferentes?
4. Ao tentar compreender a obra de Cristo, o que ele se humilha para encarnar e que significado isso tem para o crente hoje?
5. Por que há controvérsia sobre a ressurreição? Como apresentar provas da ressurreição para uma pessoa que não acredita?

As funções de Cristo

- A função de desenvolvedor de Cristo

- O governo de Cristo

- A obra de reconciliação de Cristo

As etapas do trabalho de Cristo

- Humilhação

 - Encarnação

 - Morte

 - Descida ao Hades

- Exaltação

 - A Ressurreição

 - Ascensão e posição à mão direita do Pai

 - Segunda Vinda

Era importante fazer um estudo completo da pessoa de Cristo, sua divindade e humanidade, para entender melhor o seu carácter específico permite que você faça por nós. Claro, ele era sempre o eterno Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. No entanto, ele se encarnou por causa da tarefa que ele tinha que cumprir: salvar-nos do pecado. Embora alguns tenham argumentado que Jesus iria encarnar independentemente se a humanidade tivesse pecado ou não, isso parece improvável.

Neste livro, considerou-se que a pessoa de Cristo deve tentar (isso não só ontológica, mas epistemológica) antes de sua obra. Como revelou-se não só através de seus atos, mas também interpretaram suas palavras da revelação, não é preciso deduzir o significado de Jesus 'atua-se não mais. Isso nos dá algumas vantagens. Porque sem a compreensão da pessoa e da natureza de Jesus Cristo você não pode compreender plenamente o trabalho que ele fez. Quem foi feito a ele particularmente adequado para o que ele tinha que fazer.

As funções de Cristo

Historicamente, é habitual para categorizar a obra de Cristo em três "escritórios": profeta, sacerdote e rei. Enquanto alguns pais da igreja falar dos ofícios de Cristo, foi João Calvino que pagou atenção especial a este conceito. O conceito de escritórios era popularmente usado para tratar a obra de Cristo.

No entanto, muitos tratamentos recentes cristologia não descrever o trabalho multifacetado de Jesus como um profeta, sacerdote e rei. Em parte isto é porque alguns theologues modernos têm um diferente em um ou mais dos tipos de trabalho assim

caracterizado perspectiva. Ficar ou não os títulos exatos, é importante para manter as verdades que Jesus revela Deus à humanidade, reconciliados com Deus e da humanidade e da rainha e reinar sobre toda a criação, incluindo a humanidade.

Há vários motivos para isso você hesitação em usar o termo "ofícios de Cristo" na teologia recente. Uma razão é a tendência, especialmente na escolástica protestante, para ver claramente as operações distintas ou diferenciadas umas das outras. Às vezes, como notas GC Berkouwer, foram objeções ao conceito de negócios com base em qualquer tipo de distinção é artificial e escolar. Outra razão para a hesitação é que, ocasionalmente, a idéia de escritório foi tomada de modo muito formal.³ Isto é de uma conotações específicas que o termo *ofício* transmitidos fora das escrituras. O resultado é um escurecimento do caráter dinâmico e pessoal da obra de Cristo.

Seguindo o conceito de escritórios de Cristo é a idéia básica de que Jesus foi dada uma tarefa. As dimensões desta tarefa (profética, sacerdotal, real) é bíblico, não uma imposição sobre o material bíblico fora de um conjunto de categorias. Para preservar uma visão unificada da obra de Cristo, ele se referiu a Berkouwer *escritório* (singular) de Cristo. Dale Moody refere-se a comércios, usando os termos *profeta*, *sacerdote* e *potentado*. Ao fazê-lo, estende-se do cargo de rei, mantendo a idéia geral.

Temos escolhido para falar sobre as três funções de Cristo, revelando e conciliar decisão. É conveniente considerar esses aspectos da obra de Cristo como a sua comissão, porque Jesus era o Messias, o ungido. No Antigo Testamento, as pessoas eram ungiu-o para certas funções (por exemplo, sacerdote ou rei). Então, quando falamos de Jesus como o Cristo, ou ungido, devemos perguntar qual o papel que foi ungido. Será importante para manter os três aspectos do seu trabalho, e assim realçar uma outra permanecem desativados ou muito diferenciar um do outro como se fossem separados de Cristo compartilha.

A função de desenvolvedor de Cristo

Muitas referências ao ministério de Cristo destacou a revelação do Pai e da verdade celeste. E, claro, ele entendeu claramente que Jesus foi um profeta, porque quando o seu ministério em Nazaré não foi recebida disse: "Não há profeta sem honra senão na sua terra e na sua casa" (Mt. 13:57). Aqueles que ouviram a sua pregação, pelo menos, seus seguidores, reconheceu que ele era um profeta. Além disso, no momento da sua entrada triunfal em Jerusalém, a multidão, disse: "Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia" (Mateus 21:11). Quando essa semana no final de um discurso os fariseus queriam prendê-lo, mas temeram fazê-lo porque as pessoas diziam que era um profeta (Mateus 21:46). Os dois discípulos na estrada de Emaús que se refere a Jesus como "profeta poderoso em obras e palavras" (Lc. 24:19). O Evangelho de João nos diz que as pessoas falavam de Jesus como "o profeta" (06:14; 07:40). O homem cego a quem Jesus curou o identifica como um profeta (9:17). E os fariseus responder a Nicodemos: "Pesquisa e vê que da Galiléia não surge profeta" (07:52). Obviamente, eles estavam tentando refutar a visão de que Jesus era um profeta.

Jesus era um profeta era em si o cumprimento de uma profecia. Peter identifica especificamente com a previsão de Moisés, em Deuteronômio 18:15: "O Senhor vosso Deus vos levantará dentre vossos irmãos" (Atos 3:22.). Portanto, as profecias sobre Jesus falou de um sucessor não só de Davi como rei, mas como um profeta Moisés.

O ministério profético de Jesus se assemelhava a de outros profetas que foi enviado por Deus. No entanto, houve diferenças significativas entre si e os outros. Ele veio da própria presença de Deus. Sua pré-existência com o Pai foi um fator importante na sua capacidade de revelar o Pai, porque ele tinha sido com ele. Então, João diz: "Deus ninguém jamais viu; o Filho único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer »(Jo. 1:18). O próprio Jesus confirmou a sua pré-existência, "Antes que Abraão existisse, eu sou" (João 8:58.). Quando Filipe pediu-lhe para mostrar-lhes o Pai para os discípulos,

Jesus disse: "Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo. 14: 9). Ele disse a Nicodemos: "Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem que está no céu" (Jo 3:13.).

O recurso especial do ministério profético de Jesus, no entanto, foi semelhante em muitos aspectos para o trabalho dos profetas do Antigo Testamento. Sua mensagem de muitas maneiras assemelhava-los. Ele falou sobre o destino eo julgamento e proclamar as boas novas da salvação. Em Mateus 11: 20-24 Jesus declara infortúnios que se abatem sobre Corazim, Betsaida, Cafarnaum como os de Amos contra Damasco, Gaza, Tiro, Moab e em outros lugares, finalmente culminando com a denúncia de Israel (Am 1-3.). Em Mateus 23 Jesus pronuncia sentenças contra os escribas e fariseus, chamando-os de hipócritas, serpentes, víboras. Desde então, a mensagem profética de condenação do pecado foi um destaque em sua pregação.

Jesus também proclamou uma boa notícia. Entre o Antigo Testamento profetas Isaías tinha falado particularmente boas novas de Deus (Isaías 40: 9; 52: 7). Do mesmo modo, em Mateus 13 Jesus descreve o reino dos céus em termos que tornam definitivamente uma boa notícia: o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo (v 44). Como um tesouro precioso e Pearl (v. 46). Mas mesmo em meio a este bom Palavras notícia de aviso para o reino é semelhante a uma rede que captura todos os tipos de peixes, mas os bons são recolhidos em cestos e os ímpios (vv. 47-50) são descartadas.

Há também boas notícias na mensagem consoladora de Jesus em João 14: depois de ir para preparar um lugar para levar seus seguidores, ele vai para eles (vv 1-3.); aqueles que acreditam no que ele vai fazer mais obras (v. 12); ele vai fazer o que eles pedem, em seu nome (vv 13-14.); Ele eo Pai virão para aqueles que acreditam (vv 18-24.); Ele lhe dá paz (v. 27). O tom desta passagem é muito semelhante ao de Isaías 40, começando com "Consolai, consolai o meu povo", e continua a confirmar a presença, bênção e cuidados do Senhor.

Alguns têm notado a semelhança de estilo e do tipo de material entre os ensinamentos de Jesus e da maneira de expressar os profetas do Antigo Testamento. Grande parte da profecia do Antigo Testamento é poesia, não prosa. CF Burney, Joachim Jeremias, e outros apontaram a estrutura poética de muitos dos ensinamentos de Jesus, e em muitos casos foram encontrados após os textos gregos texto aramaico. Jesus também seguiu os profetas do Antigo Testamento e foi além do uso de parábolas. Em um caso, mesmo uma parábola adaptada para uso próprio Isaías (cf. Is 5: 1-7; Mateus 21: 33-41.).

O trabalho revelador de Cristo abrange um vasto espaço de tempo e formas. Primeiro, ele agiu de uma maneira reveladora, mesmo antes de sua encarnação. Como o Logos, ele é a luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo; portanto, em certo sentido toda a verdade veio dele e através dele (Jo. 1: 9). Há indicações de que o próprio Cristo estava trabalhando na revelação que veio através dos profetas que tinham uma mensagem sobre ele. Pedro escreve que os profetas previram a salvação viria foram "procura que tempo ou que ocasião que o Espírito de Cristo, que estava neles, ao predizer os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiria (1 Pedro 1 : 11). Embora ele ainda não tinha encarnado na pessoa, Cristo já estava revelando a verdade. É bem possível que a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade esteve envolvido (ou manifesta) nas teofanias do Antigo Testamento.

A segunda e mais aparente período da obra reveladora de Cristo era o seu ministério profético durante sua encarnação e permanecer na terra. Aqui duas formas de divulgação conjunta ocorrer. Ele fala palavra da verdade de Deus. Mas, além disso, que era a verdade e era Deus, e, portanto, que ele fez foi uma demonstração não só a proclamação da verdade e da realidade de Deus. O autor da Carta aos Hebreus diz que Jesus é o maior de todas as revelações de Deus (1: 1-3). Deus falou por meio dos profetas, agora, nos últimos dias tem falado por meio de seu Filho, que é superior aos anjos (4 v.) E até mesmo a Moisés (3: 3-6). Porque Jesus não era apenas uma palavra de Deus, mas tinha o carimbo autêntico da sua natureza, refletindo a glória de Deus (1: 3).

Há um terceiro revelando e continuando ministério de Cristo através de sua igreja. Ele prometeu sua presença na tarefa (Mt. 28:20). Ele deixou claro que o seu ministério seria prosseguido e concluído pelo Espírito Santo. O Espírito seria enviado em nome de Jesus, e ensinar seus seguidores todas as coisas e lembrar-lhes tudo o que ele tinha dito (Jo. 14:26). O Espírito guiaria em toda a verdade (Jo. 16:13). Mas a revelação do Espírito Santo não seria independente da obra de Jesus. Porque Jesus disse "não fala por si mesmo, mas falará apenas o que ouvir, e ele vos mostrará as coisas que virão. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará. Tudo o que o Pai tem é meu; por isso eu disse que Ele receberá do que é meu e vo-lo anunciará" (vv. 13-15). Em um sentido real, Jesus continuaria seu trabalho revelando através do Espírito Santo. Talvez esta seja a razão que Lucas fez essa afirmação um tanto misteriosa que seu primeiro livro era tudo o que Jesus "começou a fazer e a ensinar" (Atos 1: 1 - NIV). Outra sugestão da obra reveladora contínua de Jesus pode ser encontrado em declarações como "sem mim nada podeis fazer" (Jo. 15: 5), que ocorre em conexão com a imagem de Jesus como a videira e os discípulos como seus ramos. Conclui-se que, quando os apóstolos proclamar a verdade, Jesus estava realizando seu trabalho de revelação através deles.

O mais recente e mais completo trabalho de revelação de Jesus está no futuro. Chegará um momento em que ele vai voltar; uma das palavras para a segunda vinda de Cristo é "revelação" (ἀποκάλυψις -apokalupsis). Naquele tempo, vamos ver de forma clara e directa (1 Cor 13:12); veremos como Ele é (1 Jo 3: 2.). Em seguida, todas as barreiras ao pleno conhecimento de Deus e das verdades que Cristo falou serão eliminados.

O trabalho revelador de Jesus Cristo é um ensino que tem persistido através dos diferentes destinos de cristologias. Nos séculos XIX e XX alguns teólogos tornaram praticamente servir como toda a doutrina da obra de Cristo e, portanto, sua pessoa ou a natureza também. Embora o liberalismo teve várias maneiras de compreender a natureza da obra de Jesus, seu foco principal foi a de que Jesus era basicamente um revelador significativa do Pai e da verdade espiritual. Isso não significa necessariamente que existe um tipo de comunicação misteriosa da verdade desconhecida para ele. Os liberais têm geralmente considerado como um gênio espiritual que era uma religião que Einstein à física teórica. Assim, Jesus foi capaz de descobrir mais sobre Deus do que ninguém tinha feito antes dele.

Muitas vezes, em relação à idéia de que a obra de Cristo foi, essencialmente, revelando é a teoria de que a expiação é para ser entendido por influência moral em seres humanos (ver pp 789-802.). De acordo com esta teoria, o problema humano é que eles são afastados de Deus. Eles argumentaram com Deus e cremos que Deus está zangado com eles. Você pode até sentir que Deus tem prejudicado, enviando suas vidas males imerecidas; por conseguinte, os seres humanos podem ser considerados como um Deus mal, em vez de benevolência. O propósito da morte de Cristo foi demonstrar a grandeza do amor de Deus: ele enviou seu filho para morrer. Mostrado esta prova do amor de Deus e impressionado com esta demonstração da profundidade dele, os seres humanos sentem incentivados a responder. Quem ouve os ensinamentos de Jesus, entender que sua morte é um sinal do grande amor de Deus e responder de forma adequada, você vai experimentar toda a obra de Cristo, uma obra que é essencialmente reveladora.

Para aqueles que pensam que a obra de Jesus estava revelando principalmente sua mensagem que consiste em (1) verdades básicas sobre o Pai, o reino de Deus, eo valor da alma humana e (2) os ensinamentos éticos. Esta concentração na função de desenvolvedor de Cristo negligenciar seus papéis como rei e sacerdote, e, portanto, inaceitável. Os três papéis ir juntos inseparavelmente. Porque se você olhar atentamente para o conteúdo dos ensinamentos reveladores de Jesus, é claro que muitos deles tentar a sua própria pessoa e ministério, e, especificamente, tanto o seu reino ea reconciliação morte sofreria. Em seu julgamento, ele falou de seu reino (Jo. 18:36). Ao longo de seu ministério, ele proclamou: "Arrependei-vos porque o Reino dos céus está próximo!" (Mateus 4:17). Ele disse que tinha vindo "para dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10:45). Portanto, de acordo

com o ponto de vista próprio de Jesus, sua função reveladora foi inextricavelmente ligada ao seu líder e funções de reconciliação. Certamente existem alguns ensinamentos de Jesus que não lidam diretamente com o seu reino ou sua morte expiatória (por exemplo, a parábola do filho pródigo fala principalmente o amor do Pai); No entanto, quando se leva em conta a imagem bíblica de Jesus, o seu trabalho como um desenvolvedor não pode ser separada de seu trabalho como um líder e reconciliador.

O governo de Cristo

Os Evangelhos representam Jesus como um rei, o governador do universo. Isaías havia previsto que haveria um futuro governador que iria sentar-se no trono de Davi (Is. 9: 7). O escritor de Hebreus aplica Salmo 45: 6-7 Filho de Deus: "Seu trono, Deus, pelos séculos dos séculos. Cetro de justiça é o cetro do teu reino" (Heb. 1: 8). O próprio Jesus disse que no novo mundo do Filho do Homem vai sentar-se no trono de sua glória (Mateus 19:28). Ele alegou que o reino dos céus era seu (Mt. 13:41).

Aqui surge um problema. Como não há uma tendência a pensar que o trabalho de revelação de Jesus é algo do passado, assim como também muitas vezes pensam que seu governo é quase exclusivamente futuro. Porque quando olhamos à nossa volta, vemos Jesus governando de forma muito activa. É verdade que a Bíblia diz que é rei, e os habitantes de Jerusalém e aplaudindo no que hoje chamamos de Domingo de Ramos. É como se a porta do céu se abriu um pouco para que por um breve momento de tempo podia ver sua verdadeira posição. Apesar disso, parece ser hoje pouca evidência empírica de que as nossas regras Senhor de toda a criação e, em particular, sobre a raça humana.

Em primeiro lugar, devemos notar que, ao contrário, sim, há evidências de que o governo de Cristo hoje. Em particular, o universo natural obedece a ele. Como Cristo é através de quem todas as coisas foram feitas (Jo. 1: 3) e continuar através de quem todos (Colossenses 1:17), está no controle de tudo o universo natural. Foi, portanto, direito de dizer que se as pessoas tivessem permanecido em silêncio no Domingo de Ramos, as pedras teria chorado; esta é apenas uma outra forma de a verdade expressa na declaração do salmista que os céus declaram a glória de Deus (Sl. 19: 1).

Mas há evidência de um reinado de Cristo em seres humanos no mundo moderno? Claro que sim. O reino de Deus, no qual Cristo reina, está presente na igreja. Ele é a cabeça do corpo, da igreja (Cl 1:18). Quando eu estava na terra, seu reino estava presente no coração dos seus discípulos. E onde quer que os cristãos de hoje estão seguindo o senhorio de Cristo, o Salvador estará cumprindo seu papel regulador.

De acordo com o exposto, podemos ver que o governo de Jesus Cristo não é apenas a exaltação final, como alguns têm acreditado. É em conexão com a etapa final de sua exaltação, voltando com todo o seu poder, quando seu governo está concluída. O hino de Filipenses 2 enfatiza que Cristo foi dada "o nome que está acima de todo nome, para que todo joelho no céu, na terra e debaixo da terra em nome de Jesus; e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (vv. 9-11). Chegará um momento em que o reinado de Cristo será completa; então nós tudo estará sob o seu governo, quer por desejando e esperando ansiosamente, ou involuntariamente e ainda relutam em fazê-lo.

A obra de reconciliação de Cristo

Finalmente, é a obra de Cristo como reconciliador, que é objecto dos capítulos seguintes. Por agora, vamos limitar nossa discussão para o assunto do seu ministério de intercessão.

A Bíblia registra numerosos exemplos de Jesus intercedendo por seus discípulos, enquanto ele estava aqui na terra. Quanto maior é a sua oração sacerdotal para o grupo (Jo. 17), quando orou para ter alegria completa em si mesmos (v. 13). Ele não orou para que possa ser removido do mundo, mas para ser mantido longe do mal (15 v.). Ele orou

para que todos sejam um (v. 21). Além disso, esta última frase era para aqueles que acreditam, através das palavras dos discípulos (v. 20). Também durante a Última Ceia Jesus ele mencionou especificamente que Satanás queria "cirandar como trigo" (Lc. 22:31) Peter (e, aparentemente, os outros discípulos). No entanto, Jesus tinha orado para que a fé de Pedro não pode falhar e quando voltou para confirmar os seus irmãos (vers. 32).

O que Jesus fez por seus seguidores durante sua estada na Terra, ele continua a fazer na sua presença diante do Pai celestial. Em Romanos 8: 33-34 Paulo levanta a questão de quem poderia condenar ou acusar-nos de alguma coisa. É evidente que não pode ser Cristo, porque ele está sentado à direita de Deus, intercedendo por nós. Em Hebreus 7:25 nos é dito que sempre vive para interceder por aqueles que vêm a Deus por ele, e diz que é 9:24 na presença de Deus para o nosso bem.

O que é a razão para esta intercessão? Por um lado, é justificando. Jesus apresenta a sua justiça diante do Pai para a nossa justificação. Ela luta com a sua justiça em nome dos crentes que, embora tenham sido justificada, continuam pecando. E, finalmente, parece que especialmente em exemplos de seu ministério terrestre, Cristo reza ao Pai para os crentes a santificar-se e para mantê-los longe da tentação do mal.

As etapas do trabalho de Cristo

Quando aprofundar o trabalho de Jesus, percebemos que foi feito em duas etapas básicas, que tradicionalmente referidos como o estado de humilhação e exaltação estado. Cada uma destas fases, por sua vez é constituída por uma série de etapas. O que temos é uma série de etapas que descem da sua glória e depois de uma série de passos ascendentes para a sua antiga glória, e mesmo além dela.

O humilación

Encarnação

O fato da encarnação de Jesus é por vezes expressa de forma direta, como em João 1:14, onde o apóstolo diz simplesmente. "A Palavra se fez carne" Às vezes, a ênfase no que Jesus deixou para trás ou fica ele tomou para si. Um exemplo do primeiro é Filipenses 2: 6-7: "Ele estava na forma de Deus, não considerou a igualdade com Deus algo que deve ser aproveitada, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens "Um exemplo do segundo é Gálatas 4: 4 " .. Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei "

O que Jesus deixou para vir à Terra era imensa. A partir de uma posição de "igualdade com Deus", que trouxe consigo a presença imediata do Pai e do Espírito Santo e adoração contínua dos anjos, ele passou a ser na terra, onde não havia nada disso. A magnitude do que resta além do que somos capazes de imaginar, porque nós nunca vimos o que é o céu. Quando chegarmos lá, vamos ser provavelmente surpreendido pelo esplendor do que ele deixou para trás. Ele que se fez pobre, era o maior príncipe.

Mesmo que Cristo tinha vindo com maior esplendor do que a terra poderia oferecer, o declínio teria permanecido imensa. O maior de riqueza, as maiores honras no tribunal de qualquer potentado, não teria havido nada em comparação com as condições restantes. Mas ele não veio com os mais altos circunstâncias. Em vez disso, ela tomou a forma de servo, um escravo. Ele veio para uma família simples. Nascido na cidade de Belém escuro. E o que é mais surpreendente, ele nasceu em um estábulo humilde e deitado em uma manjedoura. As circunstâncias de sua baixaza nascimento parece simbolizar o estado do qual ele veio.

Ele nasceu sob a lei. Ele que deu origem à lei e era o Senhor do mesmo, tornou-se o assunto da lei, no pleno respeito a todos. Era como se um oficial, ter feito um estatuto que os que estavam sob seu comando teve que cumprir, tinha-se colocado em uma posição

inferior, a partir do qual ele foi forçado a obedecer. Jesus desceu ao nível de direito e seguiu-a totalmente. Assim, ele foi circuncidado ao oitavo dia, e no momento certo foi apresentado no templo para a purificação ritual da mãe (Lc. 2: 22-40). Tornando-se sujeito à lei, Paulo diz, Jesus foi capaz de resgatar os debaixo da lei (Gal. 4: 5).

E sobre os atributos da divindade durante o período de humilhação? Já sugerimos (p. 751) que a Segunda Pessoa da Trindade esvaziou de igualdade com Deus, acrescentando ou tirando a humanidade. Existem várias posições possíveis sobre o que Jesus fez com seus atributos divinos durante esse tempo:

1. O Senhor deu-se seus atributos divinos. Com efeito, ele deixa de ser Deus, voltando-se de Deus para ser um homem. Os atributos divinos foram substituídos por seres humanos. Mas é uma metamorfose que uma encarnação é contrariada por várias declarações da divindade de Jesus durante o tempo em que ele estava vivendo na Terra.

2. O Senhor deu-se alguns atributos divinos, ou naturais ou relativos. Dizer que Jesus deixou seu divino naturais atributos meios que manteve o moral, como o amor, misericórdia e verdade. O que ele foi deixado onisciência, onipotência e onipresença. Dizer que Jesus deixou os Seus atributos divinos relacionados com meios que retiveram as qualidades absolutas possuía em si, como a imutabilidade ea própria existência, mas abandonou as qualidades que foram relacionados com a criação, como a onipotência e onipresença. Mas também parece fazer isso, pelo menos parcialmente, deixaria de ser Deus. Se a natureza de algo é a soma dos atributos que a compõem é difícil imaginar como Jesus poderia realmente ter abandonado qualquer um de seus atributos divinos, sem deixar de ser Deus.

3. Jesus deixou ao exercício independente de seus atributos divinos. Isso não significa que ele deixa de ter alguns (ou todos) os atributos divinos, mas voluntariamente abandonado a capacidade de exercê-lo por si mesmo. Ele só podia exercer dependendo do Pai e em conexão com a posse de uma natureza humana completa. Por isso, ele foi capaz de usar seu poder divino, e ele o fez em diversas ocasiões, como quando realizar milagres ou quando eu ler os pensamentos dos outros. Mas no exercício deste poder, ele teve que pedir ao Pai, para deixá-lo fazer isso. As duas vontades, do Pai ea sua própria, foram necessários para ele usar os atributos divinos. Uma analogia apropriada poderia ser a de um seguro; o banco eo depositário: duas chaves são necessárias para abri-lo. Da mesma forma, se Jesus iria exercer o seu poder divino, eles tiveram que concordar ambas as vontades a ação ocorreu. Poderíamos dizer, então, que Jesus ainda possuía onisciência, mas foi na parte inconsciente de sua personalidade; Eu não poderia devolvê-lo para o consciente, sem a ajuda do Pai. Uma analogia pode ser usado aqui seria a de um psicólogo que permite que o paciente (por administração de drogas, hipnose ou outras técnicas) recuperar o material é enterrado no seu subconsciente.

4. Cristo abandonado o uso de seus atributos divinos. Isto significa que Jesus seguiu possuir atributos divinos e do poder de exercê-las de forma independente, mas optou por não usá-los. Não depende, portanto, o Pai de usar. Mas, se este for o caso, como é que vamos explicar a oração aparente e dependência do Pai?

5. Embora Jesus ainda estava os atributos divinos, agiu como se ele tinha. Fingiu ter limitações. No entanto, se este fosse o caso, Jesus seria culpado de simulação ou desonestidade completa quando, por exemplo, disse ignorando o tempo de sua segunda vinda (Marcos 13:32).

Destes diferentes pontos de vista sobre o que Jesus fez com seus atributos para a duração da sua humanidade, o terceiro é o que melhor se adapta todos os dados: ele abandonou sua capacidade para exercer o seu poder divino independentemente. Portanto, foi uma terrível humilhação assumir a natureza humana. Ele não podia exercer livremente e de forma independente todas as capacidades que tinha quando eu estava no céu.

A humilhação trouxe com todas as condições da humanidade. Portanto, Jesus foi capaz de sentir fadiga e cansaço, dor e sofrimento, fome, mesmo a pena por traição, negação e negligência dos que estavam perto dele. Ele sentiu a insatisfação, o desespero

ea angústia da alma que estão ligados a ser plenamente humano. Sua humanidade foi completa.

Morte

O passo final para baixo na humilhação de Jesus foi a sua morte. Que era "a vida" (Jo. 14: 6), o Criador, o doador da vida e da vida nova que é a vitória sobre a morte, ele se torna o tema da morte. Ele não havia cometido nenhum pecado sofreu a morte, consequência ou "preço" do pecado. Ao tornar-se humano, Jesus foi sujeito à possibilidade da morte, isto é, se tornou mortal; ea morte não era apenas uma possibilidade, tornou-se um fato.

Além disso, Jesus não apenas sofreu a morte, mas esta foi humilhante. Ele experimentou um tipo de execução no Império Romano reservada para os criminosos mais problemáticos. Foi uma morte lenta e dolorosa, a morte por tortura. Nós também temos que acrescentar a esta desgraça de circunstâncias. O escárnio e ao ridículo pela multidão, abuso de líderes religiosos e soldados romanos e os desafios cada uma de suas funções compostas humilhação. seu status como um profeta foi questionado quando ele foi levado perante o sumo sacerdote: "Profetiza-nos, Cristo, quem é que te bateu" (Mateus 26:68). Eles ridicularizado seu reinado eo seu governo com a inscrição colocada na cruz ("Rei dos Judeus") e as provocações dos soldados ("Se você é o rei dos judeus, salve-se!" - Lucas 23. : 37). Sua função sacerdotal foi questionada com as palavras sarcásticas de governantes: "Salvou os outros; deixá-lo salvar a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus." (Lc. 23:35). Portanto crucificação era uma contradição com tudo o que ele dizia ser.

Pecado parecia ter ganho; os poderes do mal parecia ter batido Jesus. A morte parecia ser o fim de sua missão; ele falhou em sua missão. Seus discípulos não ouvir os seus ensinamentos e iria realizar seus mandamentos, porque todos estavam espalhados e derrotado. Sua voz foi silenciada, então eu não poderia pregar ou ensinar, e seu corpo estava sem vida, incapaz de curar, ressuscitar dentre os mortos tempestades e calmas.

Descida ao Hades

Alguns teólogos acreditam que houve mais um passo na humilhação. Jesus não só foi sepultado, e em um túmulo emprestado (uma indicação de sua pobreza), mas no Credo dos Apóstolos é uma referência para a descida ao inferno ou Hades. De acordo com algumas escrituras, principalmente Salmo 16:10; Efésios 4: 8-10; 1 Timóteo 3:16; 1 Pedro 3: 18-19 e 4: 4-6, e declarou credo, continua a fazer parte da humilhação que incluiu a descida real de Jesus no inferno ou Hades, durante o período entre a sua morte na cruz e na sexta-feira Sua ressurreição do túmulo no domingo de manhã. Este é um ponto de controvérsia; na verdade, alguns teólogos rejeitam categoricamente. Entre eles está Rudolf Bultmann, que se recusa a acreditar nele, alegando que ela implica uma cosmologia obsoleto (por exemplo, um universo de três níveis). Mas sua objeção tem os mesmos defeitos que outros aspectos de seu programa de demitologização.

Entre as razões para a controvérsia é o fato de que não há um único texto bíblico que questionar a doutrina da descida ao inferno completamente, ou para definir o problema de forma clara e inequívoca. Além disso, a doutrina não é encontrada nas versões anteriores do Credo dos Apóstolos ", mas aparece pela primeira vez em forma de Aquileia, que data de 390 dC A crença foi feita por juntar vários textos bíblicos em uma imagem comum: Jesus desceu Hades; lá pregou aos espíritos na prisão antes de ir lá no terceiro dia. Note-se que esta versão da doutrina da descida ao Hades é tanto a etapa final de humilhação como o primeiro passo rumo à exaltação, pois envolve uma proclamação triunfante aos espíritos escravizados pelo pecado, a morte eo inferno, Jesus Ele venceu as forças opressoras.

O que dizer exatamente as passagens relevantes? A primeira passagem a considerar, e é o único no Antigo Testamento é o Salmo 16:10: "Senhor, fizeste subir a minha alma do inferno. Você me deu a vida, para não descer à cova "(Sl. 30: 3). Alguns viram isso como uma profecia de que Jesus iria descer ao inferno e voltou de lá. No entanto, quando examinamos cuidadosamente este versículo parece ser apenas uma referência para o lançamento de morte, o inferno não. "Seol" foi muitas vezes utilizado simplesmente para se referir ao estado de morte, que é suposto todos. Tanto Paulo quanto Pedro interpretar 16:10 Salmo como o Pai não abandonou Jesus nos poderes da morte para que você possa ver a corrupção, ou em outras palavras, o seu organismo decompõe (Atos 2: 27-31; 13. : 34-35). Em vez de ensinar que Jesus desceu para um lugar chamado Hades e depois o soltou, o salmista estava dizendo que a morte não tem uma energia permanente sobre Jesus.

A segunda passagem é Efésios 4: 8-10. Os versículos 8 e 9 dizem: "Por isso, Ele diz:" Subindo ao alto, levou cativo o cativo, e deu dons aos homens. " Agora que ele 'rosa', o que é, senão que também desceu às partes mais baixas da terra? "O versículo 10 deixa claro que o aumento foi" acima de todos os céus ", ou seja, era um retorno da terra ao céu. Por conseguinte, a redução foi de céu para a terra e não em algum lugar abaixo da terra. Portanto, "as partes mais baixas da terra" (v. 9), deve ser entendida como uma simples aposição "tinha descido às partes mais baixas [do universo], isto é, para o chão."

Primeira Timóteo 3:16 diz: "E sem controvérsia grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido na glória." Tem sido sugerido que os anjos estavam caídos viram que Jesus viu quando ele desceu ao inferno anjos. No entanto, deve notar-se que, a menos que um qualificador para anexar a palavra *anjos*, *refere-se sempre a anjos bons*. Seria mais em linha com a lembrança da passagem considerar a frase "visto dos anjos", como apenas parte da lista de testemunhas, tanto o céu ea terra, o importante fato de que Deus se manifestou em carne, em vez como evidência de que Jesus desceu ao inferno, onde ele foi visto por anjos caídos ou demônios.

O mais importante e de muitas maneiras a passagem mais difícil é 1 Pedro 3: 18-19: "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados ... sendo posta à morte na carne, mas vivificado pelo Espírito; e em espírito foi, e pregou aos espíritos em prisão. "Existem várias interpretações desta passagem. (1) O ponto de vista católico romano é que Jesus foi o *patrum* limbo, a morada dos santos que viveram e foram mortos; Ele disse-lhes a boa notícia da vitória sobre o pecado, a morte eo inferno; e, em seguida, levou-os fora daquele lugar. (2) O ponto de vista luterano é que Jesus desceu ao inferno não para anunciar a boa notícia e oferecer libertação para aqueles que estavam lá, mas para declarar vitória total sobre Satanás e pronunciar uma condenação.¹⁹ (3) Anglicana Tradicional ponto de vista é que Jesus foi para o Hades, à parte específica chamado paraíso, e ali fez a feira uma exposição mais completa da verdade. Nem interpretação é apropriado. (1) A idéia católica romana de uma segunda chance de aceitar a mensagem do evangelho após a morte não parece muito coerente com outros ensinamentos da Bíblia (por exemplo, Lc. 16: 19-31). (2) Embora qualquer parte da Escritura a palavra *κηρύσσω* (*kerusso* - "preach") consistentemente se refere ao anúncio do Evangelho, no entendimento Luterana de 1 Pedro 3:19, aparentemente, se refere a uma declaração do julgamento. (3) A interpretação Anglicana tem dificuldade em explicar por que os justos no paraíso são descritos como "espíritos em prisão".

Claro que é difícil chegar a uma interpretação de 1 Pedro 3: 18-19 que é internamente consistente e coerente com os ensinamentos do resto das Escrituras em vez. Uma possibilidade é entender esta passagem à luz do versículo 20: Jesus pregou aos espíritos em prisão ", que noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto a arca, em que poucos, isto é, oito almas se salvaram pela água ". De acordo com essa interpretação, Jesus foi feito mortal, no mesmo espírito em que ele pregou através de Noé com as pessoas que viveram no período pré-diluviano. Essas

peças não tinham entendido a mensagem e por isso foram destruídos. Essa pregação foi um exemplo do ministério profético de Jesus preincarnate (ver páginas 779-80). Alguns, entretanto, dizem que a referência aos dias de Noé é figurativa ou ilustrativa. Jesus havia pregado no poder do Espírito aos pecadores de sua época. Eles eram tão desatentos à mensagem como pecadores, nos dias de Noé e, tanto quanto será outro antes da segunda vinda (Mt. 24: 37-39). O mesmo Espírito que levou Jesus ao deserto, para ser tentado (Mateus 4: 1), permitiu-lhe para expulsar demônios (Mateus 0:28) e voltou à vida, foi a fonte de sua pregação durante a sua vida aqueles que foram presos pelo pecado. Deve-se notar que não há indicação de uma sequência temporal do Espírito para trazer à vida e sua pregação aos espíritos em prisão.

A passagem final é 1 Pedro 4: 4-6, especialmente o verso 6: "Porque este foi também pregou o evangelho aos mortos, para serem julgados segundo os homens na carne, mas viver no espírito como Deus". Tem sido sugerido que esse versículo aponta para uma descida de Jesus ao inferno para pregar a esses espíritos que ali estavam. No entanto, suponha que Peter significa que o evangelho pregado a pessoas que já estavam fisicamente mortos rostos das dificuldades mencionadas em conexão com 1 Pedro 3: 18-19: em nenhum outro lugar na Escritura fala de uma segunda chance para os mortos. Além disso, não há nenhuma indicação de que a pregação em que Pedro, o Jesus estava pensando assim. Então, eu acho que é melhor para ver em 1 Pedro 4: 6, uma referência geral para a proclamação da mensagem do evangelho às duas pessoas que realmente morreu e para aqueles que estão espiritualmente mortos (Ef 2: 1; 5; Col. . 2:13).

Em suma, as passagens citadas como prova de uma descida ao Hades são na melhor das hipóteses vagas ou ambíguas, ea tentativa de unir para formar uma doutrina não é convincente. Embora você possa interpretá-los como Jesus desceu ao inferno, não há provas suficientes para garantir que a descida ao inferno pode ser estabelecida como uma doutrina distinta do cristianismo. Por causa das dificuldades em tentar interpretar esses versos como prova de um verdadeiro declínio do espírito de Jesus no Hades entre o momento da crucificação e ressurreição, é melhor não ser dogmático sobre este assunto.

Exaltação

A Ressurreição

Vimos que a morte de Jesus foi o ponto baixo de sua humilhação; a superação da morte pela ressurreição foi o primeiro passo no processo de exaltação. A ressurreição é particularmente significativo porque a morte infligir foi o pior pecado e os poderes do pecado poderia fazer para Cristo. A incapacidade simboliza a morte para segurá-lo toda a sua vitória. O que mais pode as forças do mal se alguém morto, não fique morto? Samuel Rayan considera a ressurreição como o início dos últimos dias, um período em que Cristo está presente de uma forma mais radical.

À medida que a ressurreição é tão importante, que tem causado muita controvérsia. Claro, não havia testemunhas humanos para a verdadeira ressurreição, já que Jesus estava sozinho no túmulo quando ocorreu o incidente. No entanto, existem dois tipos de provas. Em primeiro lugar, o túmulo onde Jesus havia sido posto estava vazio eo corpo nunca foi encontrado. Em segundo lugar, muitas pessoas testemunharam ter visto Jesus vivo. Ele foi visto em várias ocasiões diferentes e em lugares diferentes. A explicação mais natural para esta evidência é que Jesus estava vivo novamente. Além disso, não há nenhuma maneira (ou pelo menos melhor) para explicar que os discípulos que ser pessoas assustadas e devido a ser pregadores militantes da ressurreição.

Uma questão que merece especial atenção é a natureza da ressurreição do corpo. Parece haver evidências conflitantes sobre este assunto. Por um lado, somos informados de que a carne eo sangue não herdarão o reino de Deus, e há outras indicações de que haverá um corpo material no céu. Além disso, Jesus comeu depois da sua ressurreição, e, aparentemente, era reconhecível. Além disso, as marcas dos cravos em

suas mãos e ferida lança no seu lado sugerem que ele ainda tinha um corpo material (Jo 20, 25-27.). Se nós reconciliar esse conflito aparente, é importante notar que Jesus ressuscitou nesse momento, mas não tinha subido. No momento da nossa ressurreição, nossos corpos serão transformados em uma única etapa. No entanto, no caso de Jesus, os dois eventos: a ressurreição e ascensão, separados em vez de unir em uma única etapa. Assim, o corpo tinha na época da ressurreição ainda teve que passar por uma completa transformação no momento da ascensão. Ainda assim, ele tinha de se tornar o "corpo espiritual" de que fala Paulo em 1 Coríntios 15:44.

Mas, como o nascimento virginal não deve ser considerada como uma questão essencialmente biológico, nem deve ver a ressurreição como um fato principalmente física. Foi o triunfo de Jesus sobre o pecado ea morte e todas as ramificações que surgem lá. Foi o passo crucial em sua exaltação: ele foi libertado da maldição ele tinha trazido sobre si voluntariamente suportar o pecado de toda a raça humana.

Ascensão e posição à mão direita do Pai

O primeiro passo para a humilhação de Jesus significava, indicando o estado ocupada no céu e para baixo para condições de terra; o segundo passo na exaltação significava deixar condições terrenas e retornar para tomar seu lugar com o Pai. O próprio Jesus predisse repetidamente que ele voltaria para o Pai (João 6:62, 14. 2, 12, 16: 5, 10, 28; 20:17). Lucas dá-nos as histórias mais amplas sobre a ascensão (Lucas 24: 50-51; Atos 1: 6-11 ..). Paul também escreve sobre a ascensão (Ef 1:20; 4: .. 8-10; 1 Tm 3:16), assim como o autor da Carta aos Hebreus (1: 3; 4:14; 9: 24).

Em tempos pré-modernos é geralmente pensou que a subida foi uma transição de um lugar (terra) para outro (o céu). No entanto, o nosso conhecimento do espaço agora sabemos que o céu não é algo que está acima da terra, e também parece provável que a diferença entre a terra eo céu não é algo meramente geográfica. Ninguém pode vir a Deus apenas viajando longe o suficiente e rápido em algum tipo de nave espacial. Deus está em uma dimensão diferente da realidade, ea transição daqui até lá requer não só uma mudança de lugar, mas também do Estado. Então, de certa forma, a ascensão de Jesus não foi apenas uma mudança física e espacial, mas espiritual. Naquele tempo, Jesus viu o que restava da metamorfose começa com a ressurreição de seu corpo.

A importância da ascensão é que Jesus deixou para trás a condição associada com a vida na terra. Portanto dor, tanto física como psicológica, que as pessoas de experiência, ele parou de sentir. A oposição, hostilidade, descrença, a infidelidade com que eles haviam encontrado foi substituído pelo louvor dos anjos e da presença imediata do Pai. Deus o exaltou e lhe deu "um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho ... e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (Fil. 2: 9-11). Anjos terem retomado a sua canção de louvor para o Senhor do céu voltou. Que contraste com os abusos e insultos que ele sofreu na terra! No entanto, o cântico de louvor vai além do que foi cantado antes da encarnação. Ele acrescentou um novo verso. Jesus fez algo que não tinha feito antes da encarnação experimentou pessoalmente e vencer a morte.

Existem também diferenças em outros aspectos. Porque agora Jesus é o Deus-homem. Há uma encarnação contínua. Em 1 Timóteo 2: 5, Paulo diz: ". Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens Jesus Cristo" Isto dá todas as indicações de que Jesus hoje é um homem que faz a mediação entre Deus e nós . No entanto, a sua não é o mesmo tipo de humanidade que temos, mesmo a humanidade teve quando ele estava aqui. É uma humanidade perfeita do mesmo tipo que a que temos após a nossa ressurreição. Portanto, sua encarnação continuou não restringe a sua divindade. Como nossos corpos ser eliminado muitas das suas limitações, isso aconteceu com a humanidade perfeita e glorificado de Jesus, que permanece ligado a sua divindade e, por conseguinte, ser sempre maior do que podemos esperar para começar.

Existem razões concretas por que Jesus teve que deixar a terra. Um deles era preparar um lugar para a nossa futura residência, mas não especificou o que isso significava (Jo 14, 2-3.). Outra razão eu tive que sair para que ele pudesse vir é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade: o Espírito Santo. Mais uma vez os discípulos não foram informados porque era uma coisa para a outra exigência ocorre, mas Jesus disse que isso tinha que ser assim (Jo. 16: 7). O envio do Espírito Santo foi importante porque enquanto Jesus só poderia trabalhar nos discípulos de ensino e exemplo externo, o Espírito Santo poderia trabalhar dentro deles (Jo. 14:17). Com mais acesso para o centro de suas vidas, ele poderia trabalhar neles mais livremente. Como resultado, os crentes fariam as obras que Jesus fez, e ainda maior (Jo. 14:12). E através do ministério do Espírito Santo, Deus Uno e Trino estava presente com eles; e assim Jesus poderia dizer para estar com eles para sempre (Mateus 28:20).

A ascensão de Jesus significa que ele agora está sentado à direita do Pai. O próprio Jesus previu isso em sua declaração do sumo sacerdote (Mateus 26:64). Peter se refere a estar sentado à direita do Pai em seu sermão de Pentecostes (Atos 2: 33-36) (. Atos 5:31) e perante o conselho. Também é mencionado em Efésios 1: 20-22; Hebreus 10:12; 1 Pedro 3:22 e Apocalipse 3:21; 22: 1. A importância disso é que a mão direita é o lugar de distinção e poder. Lembre-se como James e John queria sentar-se à direita e à esquerda de Cristo também (Marcos 10: 37-40). Jesus sente-se à destra de Deus não deve ser interpretado como uma questão de repouso ou inatividade. É um símbolo de autoridade e governo ativo. A mão direita é também o lugar onde Jesus está sempre intercedendo junto ao Pai em nosso favor (Heb. 7:25).

Segunda Vinda

Há ainda uma dimensão de exaltação. As Escrituras indicam claramente que Cristo voltará em algum momento no futuro; o momento exato não sei ainda. Em seguida, o triunfo será completa. O Senhor será vitorioso, o juiz de todas as coisas. Naquele momento, seu reinado, que até agora é, em certa medida única potencial, e muitos não aceitar, será total. Ele mesmo disse que sua segunda vinda seria em glória (Mateus 25:31). O que veio em humildade, servilismo e até humilhação, voltará exaltação completa. Então tudo dobrar os joelhos e confessar que Jesus Cristo é o Senhor (Fil. 2: 10-11).

38. Teorias da Expição

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e ilustrar a importância da obra expiatória de Cristo.
- Compreender o significado de expiação para o crente.
- Reconhecer e descrever cinco teorias sobre a expiação.
- Comparar e contrastar cinco teorias da expiação e recolher as suas verdades em uma teoria mais ampla.

Resumo do capítulo

O símbolo mais reconhecível do cristianismo é a cruz. Sua importância é baseado na obra expiatória de Cristo. É a doutrina da expiação que faz com que o ponto de transição entre

doutrinas objetivas de Deus, a humanidade, do pecado e da pessoa de Cristo, e doutrinas subjetivas. Esta transição é a chave para o equilíbrio da teologia cristã e torná-la relevante para o elemento crente. Historicamente, o significado da expiação tem sido controverso. Diferentes teorias da expiação têm lidado com elementos diferentes. Muitas dessas teorias não integram todos os elementos. Entre os elementos que certas verdades ou teorias apresentadas incluem: o exemplo de Cristo, demonstrando a abrangência do amor de Deus, a severidade da justiça de Deus e a gravidade do pecado, vitória sobre a morte e satisfação nossos pecados. Estas verdades são evidentes na expiação, e devem ser incluídas na explicação dele.

Questões de estudo

1. Por que a Expiação é tão vital para a teologia e da fé cristã?
2. Como tem que entender a Expiação como outras doutrinas da fé cristã?
3. De acordo com as doutrinas da sociniano pensando em expiação, que dois requisitos que deve cumprir a morte de Jesus, e por quê?
4. Por que devemos rejeitar a visão de Horace Bushnell sobre a obra expiatória de Cristo?
5. Como você responderia à teoria satisfação de expiação?
6. Que outras teorias da expiação examinados e como responder a eles?

O significado da Expiação

As grandes teorias da expiação

- A teoria Socinian de expiação como um exemplo
- A teoria da influência moral da expiação como uma demonstração do amor de Deus
- A teoria governamental da expiação como uma demonstração de justiça divina
- A teoria de resgate: a expiação como uma vitória sobre as forças do pecado e do mal
- A teoria de satisfação: a expiação como Pai compensação

O significado da Expiação

Na expiação, chegamos a um ponto crucial da fé cristã, é o ponto de transição, por assim dizer, dos objetivos para os aspectos subjetivos da teologia cristã. Aqui nós mudamos a nossa despesa sobre a natureza de Cristo ao seu papel activo na nossa abordagem favor; teologia sistemática aqui tem um envolvimento direto em nossas vidas. A expiação tem feito a nossa salvação possível. Ele também é o fundamento de outras doutrinas importantes que esperam para ser estudado: a doutrina da igreja é, os aspectos coletivos da salvação, a doutrina das últimas coisas com seus aspectos futuros.

"A pedra de toque da cruz" A maioria dos teólogos têm reconhecido de uma maneira ou de outra a natureza essencial da expiação ou um jogo de palavras Emil Brunner, por exemplo, diz: "Aquele que compreende a Cruz corretamente ... entende a Bíblia, Jesus Cristo entende" Leon Morris escreveu: "A Expiação é a doutrina fundamental da fé. Se estivermos corretos neste pouco importa, ou pelo menos assim parece-me, como estamos em qualquer outra coisa."² Dada a importância desta doutrina, devemos examiná-lo bem de perto.

Na doutrina da expiação vemos talvez a indicação mais clara do caráter orgânico da teologia, ou seja, vemos que as várias doutrinas se encaixam de forma coesa. A posição assumida em qualquer deles atinge ou contribui para a construção da outra. Aqui as doutrinas de Deus, a humanidade, do pecado e da pessoa de Cristo se reúnem para definir

a necessidade humana e disposição tinha de ser feita a essa necessidade. E a nossa compreensão desses outros assuntos doutrinários deve nossa compreensão das diferentes facetas da salvação que vai ser justo aos olhos de Deus (justificação); receber vitalidade espiritual e direção de nossas vidas (regeneração); desenvolvimento de santidade (santificação). Teologia, quando feita corretamente, tem uma qualidade estética. Há uma simetria notável ou equilíbrio entre os diferentes aspectos da doutrina. Há uma interface que lembra a beleza de uma máquina que funciona perfeitamente, ou uma pintura em que as cores complementam um ao outro, e as linhas e formas estão corretas e adequadas para todo o formato da imagem.

Nossas doutrinas acerca de Deus e Cristo vai colorir a nossa compreensão da expiação. Porque, se Deus é um santo, justo e exigente, então os humanos não pode satisfazer facilmente, e é bastante provável que fazer qualquer coisa para os seres humanos para satisfazer Deus. Se, por outro lado, Deus é indulgente pai, permissiva, que diz: "Vamos deixar que os seres humanos se divertir de vez em quando", pode então ser suficiente para dar-lhes algum incentivo e instrução. Se Cristo é só um ser humano, então o trabalho feito por ele apenas exemplos; Não foi capaz de oferecer qualquer coisa para nós além de seu perfeito para fazer o que precisava ser feito, incluindo a morte na cruz exemplo. No entanto, se Deus, o seu trabalho para nós foi muito além do que podemos fazer por nós mesmos; não serviu apenas como um exemplo, mas também de sacrifício por nós. A doutrina da humanidade, amplamente definido para incluir a doutrina do pecado, ela também afeta toda a imagem. Se os seres humanos são basicamente intacta espiritualmente, eles são susceptíveis de ser com um pouco de esforço, realizar o que Deus quer deles. Assim, a instrução, inspiração e motivação são o que os seres humanos precisam e, portanto, a essência da expiação. No entanto, se a humanidade é totalmente depravado e, portanto, incapaz de fazer a coisa certa, não importa o quanto eles querem ou quão duro eles tentam, então você precisa fazer um trabalho mais radical em seu favor.

As grandes teorias da expiação

A importância e influência da expiação é rica e complexa. Consequentemente, tem havido várias teorias. Dada a abundância do testemunho bíblico ao fato da expiação, diferentes teólogos têm escolhido para enfatizar textos diferentes. Sua escolha de textos reflete suas idéias sobre outras áreas da doutrina. Nós examinamos várias de suas teorias, alcançando uma apreciação da complexidade do significado da expiação. Embora incompleta e insuficiente, vemos que são cada si.

A teoria Socinian de expiação como um exemplo

Fausto e Socinius Laelius, que viveu no século XVI, DESENVOLVEU UM ENSINO CUJA REPRESENTAÇÃO MELHOR HOJE SÃO A UNIDADE. Eles rejeitou qualquer idéia de a satisfação vicária. Eles fizeram um reconhecimento formal dos três ofícios de Cristo, mas na prática neutralizaram a função sacerdotal de duas maneiras. Primeiro, eles sustentavam que o ministério de Jesus durante sua vida na terra era mais profético do que sacerdotal. Segundo lugar, afirmaram que seu papel sacerdotal, cujo lugar é o céu, coincide com o seu trabalho como rei em lugar de seu distinto. A nova aliança de que Jesus fala perdão implica um absoluto em vez de um tipo de sacrifício substituto. O valor real da morte de Jesus está no belo e perfeito do tipo de compromisso que deve praticar exemplo. A ressurreição de Jesus é importante porque é a confirmação de seus ensinamentos e promessas. Para provar que o significado da morte de Cristo é como ele serve como um exemplo do ponto a 1 Pedro 2:21 Socinianos: "Para isso fostes chamados, porquanto também Cristo padeceu por nós, deixando-nos um exemplo para que sigais as suas pisadas." Outras passagens citadas incluem 1 João 2: 6: "Aquele que diz que

permanece nele, deve andar como ele andou." No entanto, apenas em 1 Pedro 2:21 encontramos uma conexão explícita entre o exemplo de Cristo e sua morte.

Vários conceitos apoiar a compreensão sociniano de expiação. Um ponto é a visão pelagiana da condição humana é capaz de satisfazer as expectativas espirituais e morais de Deus. Outro é o conceito de que Deus não é um Deus de justiça retributiva, e, portanto, não requer qualquer tipo de satisfação ou em nome de alguém que peca contra ele. Finalmente, há o conceito de Jesus como meramente humana. Sua morte foi a de um mero humano em um mundo pecador caído. É importante, não sobrenatural, mas como a expressão final de seu papel como um grande professor da justiça. Sua morte foi o supremo exemplo de um homem cumprir o que o Senhor exige: "fazer justiça, amar a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus" (Miquéias 6: 8). Jesus não simplesmente dizer-nos que o primeiro e maior mandamento é "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e com toda a tua mente" (Lc. 10:27). Ele também mostrou o que significava, e provou que um ser humano pode fazer. A morte de Jesus é, portanto, o exemplo ea realização perfeita do que ele queria ensinar ao longo de sua vida. Como uma extensão de seus ensinamentos, é apenas quantitativamente diferente deles.

Do ponto de vista Socinian, a morte de Jesus cumpre duas necessidades. Em primeiro lugar, cumpre a necessidade de encontrar um exemplo desse amor total a Deus que vamos mostrar se queremos experimentar a salvação. Em segundo lugar, a morte de Jesus nos dá inspiração. O ideal de amor total a Deus é tão grande que parece quase inatingível. A morte de Jesus é a prova de que esse amor vem dentro da esfera da realização humana. O que ele poderia fazer, nós também podemos!

Sociniano ponto de vista, é claro, deve enfrentar o fato de que muitas partes das Escrituras parecem encarar a morte de Jesus de forma bastante diferente. Eles falam de resgate, sacrifício, sacerdócio, para levar o pecado, e assim por diante. Tome-se, na verdade, a frase seguinte três versículos do texto favorito das Socinians (1 Pe 2:21): "Ele mesmo levou os nossos pecados em Seu corpo sobre o madeiro, para que, mortos para pecados, vivamos para a justiça. Pelas suas chagas fostes curados "(v. 24). A resposta usual dos socinianos e outros que têm suas convicções é que a expiação é apenas um conceito metafórico. Tudo que é necessário, dizem eles, que Deus eo homem tem uma relação de comunhão é que o ser humano tem fé e amor a Deus. Porque Deus teria exigido algo mais seria qualquer coisa contrária à sua natureza, e puniram os inocentes (Jesus) em vez do culpado, que teria sido contrário à justiça. Pelo contrário, ela tem restaurado a relação que tinham buscado a Deus e os seres humanos através da nossa adoção pessoal dos ensinamentos de Jesus e do exemplo que marcou sua vida e, especialmente, sua morte.

A teoria da influência moral da expiação como uma demonstração do amor de Deus

Outro ponto de vista que enfatiza que o principal efeito da morte de Cristo ocorre em humanos é chamado de "teoria da influência moral" da expiação. No entanto, ao contrário da teoria Socinian que enfatiza a natureza humana de Cristo e sua morte considerada como um exemplo do amor que temos de mostrar a Deus, a teoria da influência moral vê a morte de Cristo como uma demonstração do amor de Deus ; destaca a dimensão divina de Cristo.

A teoria da influência moral foi desenvolvido pela primeira vez por Pedro Abelardo, em resposta à vista de Anselmo. Anselmo pensei que a encarnação foi necessária porque o nosso pecado é uma ofensa contra a dignidade moral de Deus, portanto, deve ter alguma forma de compensação a Deus. Abelardo, por outro lado, enfatizou o primado do amor de Deus e insistiu que Cristo não pagar qualquer tipo de sacrifício ao Pai para satisfazer sua dignidade ofendida. Em vez disso, Jesus mostrou à humanidade toda a extensão do amor de Deus para eles. Era o medo da humanidade e da ignorância de Deus que precisava

ser corrigido. Isto foi conseguido com a morte de Cristo. Assim, o principal efeito da morte de Cristo veio em seres humanos e não em Deus.

Esta teoria não recebeu apoio imediato. No entanto, mais tarde, ele ganhou popularidade quando exposto outro de seus defensores. Horace Bushnell (1802-1876) popularizado nos Estados Unidos, enquanto que, provavelmente, o mais proeminente representante na Grã-Bretanha foi Rashdall Hastings. Nossa exposição é baseada ter pensado destes homens.

Os defensores da teoria da influência moral sustentou que a natureza de Deus é essencialmente amor. Minimizar qualidades tais como a justiça, santidade e justiça. Assim, eles concluíram que os humanos não têm a temer a justiça ea punição de Deus. Portanto, o problema não é que eles violaram a lei de Deus e eles vão punir, e de fato deve fazê-lo; mas atitudes humanas mantê-los separados de Deus.

Nossa separação e alienação de Deus pode ter diferentes formas. Podemos não perceber que a nossa desobediência é uma fonte de dor para Deus. Ou talvez não nos damos conta de que, apesar de tudo que aconteceu, Deus ainda nos ama. Você pode temer a Deus, ou você pode culpar para os problemas que temos em nosso relacionamento com ele, ou mesmo o mundo em geral. No entanto, se arrependessem e se convertessem a nossa confiança e fé em Deus, não haveria reconciliação porque a dificuldade não reside na capacidade de Deus para perdoar. Nada na natureza exige satisfação ou retificação dos nossos pecados. A dificuldade está em nós. Bushnell considera o pecado como um tipo de doença que deve ser curada. Para corrigir esse defeito nós é o que Cristo veio.

Bushnell defende fortemente empatia Cristo. É justo sugerir que Cristo tinha um grande amor por seres humanos, mesmo antes da Encarnação; ele já tinha o fardo deles. Enquanto as teorias mais objetivas de expiação (por exemplo, as teorias que enfatizam que o principal efeito da morte de Cristo é sobre algo fora humano) compreender a morte de Cristo como o motivo de sua vinda, ele mantém Bushnell Ele veio para mostrar o amor de Deus. Sua morte era apenas um dos (embora, sem dúvida, o mais impressionante de todos) maneiras de expressar seu amor. Assim, a morte de Jesus foi um incidente ou circunstância que lhe permitiu demonstrar seu amor. Como Bushnell diz, "expiação [Jesus], tomado como um fato na época não lhe estava proposta, como fim ou objeto de seu ministério - este teria se tornado um mero espetáculo do sofrimento, sem dignidade racional, ou personagem, mas quando isso aconteceu, foi apenas má sorte que tipo de trabalho, perseguido com grande devoção, normalmente encontrados ao longo do caminho. Sua morte não era a intenção, mas a conseqüência de sua vinda.

Do ponto de vista da Bushnell o objectivo ou o objeto da vinda de Jesus não era "anular a dívida dos nossos pecados" ou "satisfazer a justiça divina para nós". Ele observa que, embora apresentados em vários contextos e em associação com várias imagens e idéias, o propósito da morte como essa da vida de Jesus é explicado de forma consistente em toda a Escritura. O objetivo de Jesus em suas próprias palavras "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido" (Lucas 19:10.); "Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade" (Jo 18:37.). Paulo disse que "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19). Embora a forma de expressão varia, todas essas passagens têm uma idéia comum. Bushnell resume: "Tomando essas passagens e todas as outras escrituras, concebemos uma transação que desenvolve o caráter nas almas; uma mudança de regenerador, salvador, sujeito à vida interior direito, tudo restaurado - em uma palavra o estabelecimento do reino de Deus, ou o céu, entre os homens, e, finalmente, a incorporação desta reunião um novo mundo. "

Curar almas é o verdadeiro trabalho que Jesus veio fazer. A humanidade tinha uma necessidade urgente para este tipo de cura. Esta necessidade é maior do que a necessidade de aqueles que vieram a ele durante sua vida com seus problemas físicos. Os seres humanos não só precisa da absolvição do pecado, mas estavam livres dela. Os seres humanos podem ser curados e reconstituída, por assim dizer, por causa do sacrifício e do

sofrimento de Jesus. Sua morte tornou possível a realização das três necessidades básicas da humanidade:

1. A humanidade precisa de uma abertura a Deus, uma inclinação para responder ao seu chamado ao arrependimento. Pense sobre a situação de Adão e Eva no Jardim do Éden, depois de pecar. Eles não iria ver a Deus; Eles estavam com medo dele e tentou se esconder ou fugir. Esta é a resposta natural de um pecador diante de abordagem de Deus: medo, medo, evitação. Compreender a nossa reação, Cristo mostra principalmente a sua santidade e pureza infinita, mas que é introduzido na nossa situação, concebível morrer com a morte amarga. Bushnell descreve seu poderoso efeito sobre nós: Em suma podemos vê-lo entrar tão profundamente em nossa situação, que nos amolecer e somos atraídos para ele, e começou a desejar que o mais profundamente, para se sentir mais difícil. Assim, um ponto muito importante na nossa recuperação ocorre. Nosso coração é tocado antes de ser quebrado. . Appreciar o amigo antes de amar o Salvador "Portanto Jesus através de sua morte atendeu nossa necessidade como seres humanos pecadores primeiros removeu nosso temor de Deus.

2. A segunda necessidade humana é a convicção genuína e profunda do pecado pessoal e do arrependimento posterior. Certamente temos um sentimento superficial de culpa cada vez que fazemos algo errado. Sabemos também que a lei de Deus dita um julgamento duro e direto sobre o pecado. No entanto, o que é necessário é uma convicção, o pecado penetrar mais sensível e melhor. Além do objetivo, consciência intelectual que foi feito de errado que é o que a lei prevê, o que precisamos é uma convicção interior profunda, conduzindo a um sentimento de genuína pena do que temos feito para Deus. Quando vemos ele, quem temos ferido por nossos pecados, nós nos amolecer. Ao contrário de Judas, que foi e matou-se, nós não se sentir desanimado, endurecidas ou rejeitada pela dor que acompanha o reconhecimento do nosso pecado; em vez disso, vamos recebê-socorro. Como Paulo com as palavras "Eu sou Jesus, a quem tu persegues" (Atos 9: 5), percebemos que a nossa resistência a Deus está desaparecido. Vamos amar a Jesus.

3. A humanidade também precisa de inspiração. Embora nós descrições abstratas de santidade que precisamos para personificar, é quando vemos exposta em uma equipe prático e quando se torna real para nós. Nós não queremos que as definições teológicas de Deus, diz Bushnell. Em vez disso, "nós queremos um amigo, a quem podemos sentir como um homem, e que é adequado o suficiente para nós para aceitar e amor."

Bushnell fala um monte de mudança que precisa ocorrer em nós. Ele diz que nascemos, fomos criados de novo, revivido. Esta mudança é possível porque o trabalho que Cristo realizou, de modo especial com a sua morte. Deus humanizado, trazendo-a para o nosso avião. Sabemos Jesus da mesma forma que nos conhecemos.¹⁵

De acordo com Bushnell, um dos mais poderosos para amar e confiar em incentivos Deus é perceber que ele também sofreu devido ao mau. Há uma tendência humana para perguntar por que Deus não remover o mal do mundo, ou mesmo para culpá-lo por sua existência. Sabendo que Deus é grande e completamente suficiente nos leva nessa direção e também a suposição de que Deus não pode sofrer, sendo infinito e imutável. A morte de Cristo, no entanto, evidências de que o pecado do mundo não se encaixa aos olhos de Deus do jeito que uma visão desagradável estaria de acordo com um olho de vidro. A morte de Cristo deixa claro que Deus tem sensibilidade à dor que o pecado traz sobre nós. Não culpe Deus pelos pecados do mundo sofre. Como você se sente o poder ea tragédia resposta básica é nenhuma condenação, mas compaixão. Um Deus faz com que nosso amor e confiança.

A teoria governamental da expiação como uma demonstração de justiça divina

Os pontos de vista dos precedentes expiação têm, basicamente, atraídos a Deus como um ser compassivo e perdoando. Sustenta que para recuperar o favor de Deus só é

necessário para fazer tudo o que podemos ou responder ao amor de Deus. Siga essa visão pode levar ao antinomianismo. No entanto, a lei de Deus é um assunto sério e estuprar ou não considerar, não é uma questão a ser tomada de ânimo leve. O governo chamada teoria enfatiza a gravidade do pecado. É uma visão mediador com ambos os elementos objetivos (a expiação é considerada para satisfazer as exigências da justiça) e subjetiva (considera-se que a morte de Cristo é um impedimento para o pecado, para que o pecador perceber a gravidade do que significa para o pecado).

O maior defensor da teoria governamental foi Hugo Grotius (1583-1645), advogado clérigo de mais formação. Por conseguinte, incluiu na sua revisão da expiação os tipos de considerações que seriam importantes para um advogado. Ele desenvolveu a teoria em resposta às Socinians, cuja idéia de expiação pensei que era muito focado no homem. Ele tinha sido educado nos ensinamentos calvinistas, mas se tornou Arminian.¹⁸

Para entender o ponto de vista de Grotius deve começar por seu conceito da natureza de Deus. Deus é um ser santo e justo que estabeleceu certas regras. O pecado é uma violação dessas regras. No entanto, estas violações não devem ser considerados ataques à pessoa de Deus como uma única privada. Em vez disso, como um líder, sua preocupação com a lei é como um gerente. O direito de punir é anexado ao ofício da direção. Portanto, Deus como governante tem o direito de punir o pecado, porque o pecado inerentemente merece ser punido.

As ações de Deus deve ser entendido, no entanto, à luz do seu atributo predominante, isto é, o amor. Deus ama a humanidade. Embora o direito de puni-la por seu pecado, não é necessária ou requerida para fazê-lo. Você pode perdoar o pecado e absolver os seres humanos de sua culpa. No entanto, a questão é como você fazer isso. Ele escolheu para fazê-lo de uma forma que reflete tanto sua misericórdia e da sua gravidade. Deus pode perdoar pecados, mas também leva em consideração os interesses de seu governo moral.

De acordo com Grotius, Deus pode relaxar a lei para que uma punição ou sanção específica para cada violação do mesmo, não é necessário. No entanto, ele tem atuado que mantém os interesses do governo. O papel de Deus aqui é que de um governante mais de um credor ou um mestre. Um credor pode cancelar a dívida, se você escolher. Um mestre pode punir ou não de acordo com seu desejo. No entanto, a decisão não pode simplesmente ignorar ou negligenciar a violação das regras. Você não pode agir de acordo com seus caprichos, seus desejos pessoais a qualquer momento. Pelo contrário, ela deve agir tendo em mente o mais adequado para aqueles que estão sob seus interesses autoridade.

O que lhe interessava era a humanidade que Cristo morreu. O perdão dos seus pecados, se eles oferecem muito livremente, acabaria por minar a autoridade ea eficácia da lei. Era, pois, necessário ter um sacrifício que iria fornecer base para o perdão e ainda manter a estrutura moral do governo. A morte de Cristo serviu para cumprir ambos os fins. Descrevendo a morte de Cristo, Grotius usou o termo "substituição penal." Eu não quis dizer que a morte de Cristo foi uma pena infligida a ele como um substituto para a sanção deve estar ligada aos pecados da humanidade. Em vez disso, Grotius acreditavam que a morte de Cristo foi um substituto para ele. O que Deus fez através morte de Cristo foi para mostrar que a justiça de Deus exige que nós sofremos, se continuarmos no pecado. Sublinhando a seriedade de violar a lei de Deus, o horror do pecado, esta demonstração da justiça de Deus é mais impressionante tendo em conta que ele era eo que ele era o Cristo. A visão do sofrimento que Cristo sofreu é suficiente para se afastar do pecado. E se se afastar do pecado, podemos ser perdoados e que o governo moral de Deus pode ser preservada. Portanto, devido à morte de Cristo pode Deus perdoar nossos pecados sem uma ruptura na fibra moral do universo ocorre.

De acordo com a teoria governamental, os sofrimentos de Cristo são uma oferta pelo pecado. No entanto, a interpretação de Grotius esta afirmação é completamente diferente de alguém como Anselmo. A partir da perspectiva de Anselmo, que às vezes é chamado de "teoria da satisfação" da expiação, a morte de Cristo foi um verdadeiro penalidade

imposta como um substituto para a sanção deve estar ligada à infracção à lei por pecadores individuais. Grotius discorda. Ele acredita que a morte de Cristo não foi um castigo; pelo contrário, ele fez a punição desnecessária. Na verdade, de acordo com Grotius, você não poderia ser vinculado ou transferir qualquer penalidade Cristo, porque a punição não pode ser transferido de uma pessoa para outra. A pena é pessoal e individual. Se você pudesse transferir a ligação entre pecado e da culpa permanecem separados. O sofrimento de Cristo, então, não era uma maneira de vicariamente suportar o nosso castigo, mas foi uma demonstração de ódio de Deus para com o pecado sentiu, um show que tentou induzir-nos a sentir horror do pecado. Quando nos afastamos do pecado, podemos ser perdoados. Portanto, mesmo na ausência de punição, justiça e moralidade são mantidos.

Uma implicação dos termos de Grotius é que Deus não infligir punição como uma forma de castigo rigoroso. O pecado não é simplesmente punir que merece ser punido, mas por causa das obrigações morais do governo. A finalidade de punição não é a retribuição, mas dissuasão para cometer mais pecados, seja pela pessoa que sofreu o castigo ou por terceiros que têm observado isso. Pecado certamente merece punição (na verdade, é a única base para a punição), e Deus não seria injusto aplicar a penalidade para o pecado em cada caso. Portanto, não é errado quando alguém é punido. Mas o castigo não precisa de ser aplicada em todos os casos ou na sua totalidade.

Do acima exposto, deve ficar claro que Grotius era um adversário ativo do antinomianism em todas as suas formas, como foram os últimos defensores da teoria do governo. De acordo com a sua maneira de ver, a teoria Socinian da expiação é, essencialmente, um belo exemplo de como devemos viver é insuficiente para viver em uma base verdadeiramente santos, porque não há consequências que vão junto com a incapacidade de viver uma vida santa. Deve incentivar as pessoas para o bem eo mal, uma vez que de distância. Mesmo teoria promove a satisfação não leva em consideração a lei. Porque, se a morte de Cristo é uma punição equivalente exato pelos nossos pecados, então não há nenhuma possibilidade real de punição futuro para nós e nós podemos fazer o que quisermos. Uma vez que Cristo morreu por nós, não há nenhuma necessidade para nós de ser punido. Grotius pensou que seu esquema, no entanto, teve o benefício de marca a humanidade em toda a gravidade do pecado.

Em teoria, o governo é nenhum elemento objectivo. A morte era um verdadeiro sacrifício feito por Cristo a Deus. Através deste ato Deus uma vez por todas que ele era capaz de lidar com misericórdia para a humanidade. A Expiação tiveram um impacto sobre Deus. Mas a teoria do governo é principalmente uma teoria subjetiva da expiação: o impacto mais importante ocorreu em seres humanos. O propósito da morte de Cristo não cumpria as exigências da própria natureza de Deus para que ele pudesse fazer o que de outra forma não poderia ter feito, ou seja, perdoar os pecados. Em vez disso, a morte de Cristo permitiu a Deus para perdoar pecados ou isento de pena, de modo que não há consequências adversas ou ter efeitos adversos sobre os seres humanos. O sofrimento de Cristo serve como um elemento dissuasor para o pecado imprimido em nós deixando a gravidade do pecado. Quando nos afastamos do pecado, podemos ser perdoados. Nossa necessidade de ser punido foi eliminada, e ainda, ao mesmo tempo, o governo moral e do Estado de direito foram mantidos. Portanto, em última análise, o principal impacto da Expiação ocorre em seres humanos.

Do ponto de vista da Grotius que Cristo iria oferecer em si era suficiente para manter a satisfação moral do governo, e, portanto, foi capaz de exonerar Deus do pecado para que quaisquer consequências adversas para a humanidade. Os socinianos objetar que a satisfação ea isenção são mutuamente exclusivas. Se Deus requer ou aceita a satisfação pelos pecados que realmente não existe misericórdia e graça. Mas Grotius distingue entre o pagamento da dívida total e satisfação. Evita cuidadosamente noção legalista que Deus em todos os casos exigem uma penalidade equivalente a uma ofensa. Se existe um pagamento total e completa, haveria uma verdadeira remissão. Mas a satisfação é aceite como suficiente para o propósito do governo não exclui ou prevenir clemência por

Deus. Ela exige a pena completa. Portanto, existe uma isenção real. Em vez de insistir que ser pago até as últimas conseqüências, a natureza amorosa de Deus quer perdoar. É quase como se, em seu desejo de perdoar o pecado, Deus tinha procurado uma desculpa para não exigir todas as conseqüências. Ele descobriu esta oportunidade na morte de Cristo, considerando-o o suficiente para manter seu governo moral.

Uma coisa que nos impressiona quando examinamos a teoria do governo é a falta de base bíblica explícita. Nós olhamos em vão nas obras de textos bíblicos específicos Grotius para comunicar sua idéia principal. Em vez disso, vemos em operação na mente de um advogado, que incide sobre os princípios gerais da escritura e certas inferências tiradas delas. O versículo é citado como o apoio directo à teoria de que a morte de Cristo foi exigida pela preocupação de Deus para preservar seu governo moral e lei quando perdoa o pecado é Isaías 42:21: "O Senhor está satisfeito por Sua Justiça engrandecer a lei e torná-la gloriosa." Outros Escrituras são usadas como prova dos elementos contextuais da teoria da expiação governamentais. Neste contexto, a declaração de John Miles sobre a expiação é bastante reveladora. Listas de lista textos que falam da ira divina, a justiça divina e sacrifício através do sofrimento, mas não menciona textos que lidam com a própria idéia de expiação ou, mais corretamente, para definir a expiação. Citando versos descrevem vários aspectos (por exemplo, o sofrimento de Cristo), mas não dentro do caráter essencial da expiação ou a forma como ele funciona. Portanto, enquanto outras teorias tomar uma instrução bíblica explícita sobre a natureza da expiação e enfatizaram mais do que outros, a teoria governo trabalha deductively de alguns dos ensinamentos e os princípios gerais da Escritura.

A teoria de resgate: a expiação como uma vitória sobre as forças do pecado e do mal

A teoria de que mais reivindicações para ter sido o modo de exibição padrão no início da história da igreja é provavelmente a chamada teoria da redenção. Aulen Gustaf tem sido chamado de teoria clássica, e de muitas maneiras essa designação é correta, pois em várias formas domina o pensamento da igreja até o tempo de Anselm e Abelardo. Mesmo era a principal forma que Agostinho compreendeu a expiação, e, portanto, gostei imenso prestígio associado ao seu nome.

Os dois autores mais importantes começaram a desenvolver a teoria de resgate eram Orígenes e Gregório de Nissa. Orígenes considerada a história bíblica como a representação de um grande drama cósmico. Assim, sua visão da expiação também Visão "dramático". Na luta cósmica entre as forças do bem e do mal é chamado de Satanás estabeleceu o controle sobre a humanidade. Irineu e outros, sugeriram que através de um ato de controle injusta agressão foi estabelecida. Mas de qualquer forma que foi alcançado, agora Satanás é o poder que está governando o mundo. Como governante do mundo os seus direitos não podem simplesmente ser posta de lado, porque Deus não rebaixaria a usar as técnicas usadas pelo diabo; Deus não "roubar" a humanidade, por assim dizer. O principal problema do ser humano, portanto, a escravidão é um proprietário incompetente, ou seja, Satanás.

Origens enfatiza a declaração de Paulo de que temos sido comprado com um preço (1 Coríntios 06:20). Mas Orígenes questão, que foram comprados? Desde então, ele deve ter sido o único a quem servimos. Ele deve ter colocado o preço.

Agora é o demônio que nos prende, cuja equipa têm sido atraídos pelos nossos pecados. Assim, como o preço pedido pelo sangue de Cristo. Mas até que o sangue de Jesus, que era tão precioso que se serviu como redenção de todos, que foi entregue, era necessário para aqueles que estavam sob a lei dar o seu sangue para si próprios (por exemplo, a circuncisão), como se era uma imitação da redenção iria ocorrer.

O texto sobre o qual Orígenes e outros que defendem a teoria do resgate é mais fortemente contar com as palavras de Jesus que veio para dar sua vida em resgate por muitos (Mateus 20:28; Marcos 10:45). Para quem este resgate foi pago? Certamente não Deus. Ele não pagou a si mesmo em resgate. Em vez disso, ele deveria ter sido pago ao maligno, porque foi ele que nos manteve em cativeiro até o resgate, ou seja, a alma de Jesus, foi pago.

Note-se que na formulação da doutrina de Orígenes, foi Satanás, e não Deus, que exigia o sangue de Cristo, dando início a este aspecto da transação. Assim, o resgate foi dada por Satanás e paga e aceita por ele. Isso reduz em certa medida a posição que faz o resgate teoria de que Deus é de algum modo um comerciante desonesto. Claro, Satanás foi enganado, mas é mais correto dizer que se enganou, e de duas maneiras de acordo com Orígenes. Primeiro, Satanás pensou que ele poderia ser o senhor da alma de Jesus; A ressurreição de Jesus provou que isso não era assim. Em segundo lugar, Orígenes sugere algum lugar que o diabo não percebeu que a humanidade, parcialmente liberado pelos ensinamentos e milagres de Cristo, ele estaria totalmente liberada através de sua morte e ressurreição. Então Satanás entregue a raça humana, apenas para descobrir que eu não consegui segurar Cristo, a quem ele havia aceitado como a mudança para a humanidade.

Um século depois, Gregório de Nissa, Orígenes desenvolveu a teoria da expiação. A primeira preocupação de Gregório era manter a justiça de Deus. De acordo com seu raciocínio como a escravidão em que nos encontramos é nossa culpa, nossa livre escolha, teria sido injusto privar Satanás de seus cativos por um método arbitrário. Isso teria sido Satanás roubar o que era deles por direito. Assim, um compromisso tinha de ocorrer. Por causa de seu orgulho e ambição, Satanás rapidamente aceito um preço que ele considerava muito mais valioso do que as almas cativas, ou seja, a vida de Cristo. No entanto, Satanás não percebeu que a divindade de Deus estava envolto em seu corpo. A divindade de Cristo foi deliberadamente escondido dos olhos de Satanás para ele aceitar Jesus como resgate.

Gregory reconhece que Deus enganou Satã. "A divindade estava escondido sob o véu de nossa natureza, de modo que, como faz um peixe com fome, o gancho da Trindade poderia ser engolidos junto com a isca de carne" Além de reconhecer o engano, warrants Gregorio. Ele argumenta que existem dois requisitos para um ato para ser justo. Uma delas é que todos devem ter seu vencimento; a outra é que a motivação por trás do ato deve haver amor à humanidade. Na redenção realizada por Deus estejam reunidas as duas condições. É conveniente que Satanás usou decepção porque ele ganhou o seu poder sobre a humanidade por engano, usando a isca de prazer sensual. Embora isso possa parecer um problema que Deus usa o engano sempre ciente de que Satanás está condenado, Gregory destaca a diferença de objetivo e propósito:

Mas quando você considera o objeto eo propósito do que aconteceu, ocorre uma mudança na direção dos mais nobres; porque enquanto ele, o inimigo fez a sua decepção com a ruína de nossa natureza, Ele que é justo, bom e sábio, ele usou seu plano, que era engano, para a salvação dos que tinham morrido, e este beneficiou não só perdeu, mas também que eu tinha trazido a nossa ruína.

A decepção de Deus sobre Satanás é justificado, pois foi feito para um bom propósito, que parece quase a sugerir que "a fi n justifica os meios". O comentário crítico que o ato de engano Satanás foi benéfico para nós como nenhum Ele explicou ainda.

A Gregorio e Rufino eles especialmente achou a imagem do gancho e isca. Ainda pensei que Jó 41: 1 ("? Vai pegar você leviatã com um gancho ou segurar sua língua com uma corda") pode ter sido uma antecipação da expiação. Gregório Magno Cruz em comparação com uma rede para apanhar pássaros, ³⁴ e até mesmo Agostinho comparado a cruz com uma ratoeira, com o sangue de Cristo para servir como isca.

Como a teologia ocidental desenvolvido, a idéia de justiça foi desenvolvido ainda mais. Isto não é surpreendente dada a influência dominante do sistema judicial romano. Sustentando que engano de Satanás não deve ser visto como algo que Deus fez, mas como algo que permitiu bastante, Agostinho desarmou a acusação de que Deus foi injusto ou desonesto. Em Agostinho não há nenhuma indicação de que ele tinha

escondido a divindade de Cristo para enganar Satanás. Em vez disso, Satanás foi vítima de seu próprio orgulho, porque ele pensou que poderia ganhar e reter Cristo, quando na verdade ele não tinha tal poder. Como Jesus nunca pecou, e, portanto, não estava sujeito à morte, não estava sob o controle de Satanás.³⁷

De qualquer maneira a teoria no início do período é expressa, o tema dominante foi a vitória sobre Satanás e da libertação da humanidade da escravidão para ele. Entre os teólogos notáveis desta vez eles não adotaram a teoria só temos de resgatar quase Gregório de Nazianzo e Atanásio. A figura subsequente que de alguma forma também reconheceu a incongruência da idéia de que Deus tinha feito um acordo com Satanás e era João de Damasco. Ele parecia nojento acreditar que Deus poderia oferecer Cristo o inimigo. Tendo nenhuma outra teoria para mergulhar, Juan aceitar que a expiação era essencialmente um triunfo de Deus, mas sustentou que o poder que tinha prendido a humanidade, e que por sua vez tinha sido apanhado por Deus era a morte e nenhum mal. Deus, oferecendo Seu Filho destruiu a morte:

Deus não permita que o sangue do Senhor é oferecido ao tirano! A morte está chegando e engolir o corpo como isca é preso ao anzol da divindade, e depois de tentar um corpo sem pecado e cheia de vida, perece, e expulso de novo tudo o que tinha engolido anteriormente. Pois, assim como a escuridão desaparece quando a luz aparece, assim, a morte é expulso antes do assalto de vida, que traz vida para todos, mas de morte para o destruidor.

Com o surgimento da teoria de Anselmo e Abelardo, a teoria de resgate, pelo menos na forma como nós discutimos, ele perdeu sua supremacia. Em tempos mais recentes, Gustaf Aulen a reposição. Ele a chama de "modo de exibição clássico", sustentando que, seja qual for a forma em que a teoria é expressa, o ponto essencial é o triunfo de Deus.

Como o resgate teoria sustenta que a expiação de Cristo não foi dirigido primeiramente para a humanidade, é uma teoria objetiva da expiação. Certamente o objetivo final da morte de Cristo foi a libertação da raça humana. No entanto, isso foi conseguido através de um trabalho que está essencialmente relacionada com um terceiro; como um resultado deste trabalho, houve uma mudança na condição humana. A teoria de resgate é especial entre as teorias da expiação por dizer que os efeitos diretos do sacrifício da morte de Cristo não era nem Deus nem os seres humanos. Em vez disso, na versão original e mais comum dessa idéia, que era o diabo que foi dirigido contra a morte de Cristo. A obra de Cristo em relação a Deus era secundário neste momento.

A teoria de satisfação: a expiação como Pai compensação

De todas as teorias consideradas neste capítulo, que considera mais claramente que o principal efeito da morte de Cristo é teoria objetiva é comumente referido comercial ou satisfação. Ele enfatiza que Cristo morreu para satisfazer um princípio que está na própria natureza do Pai. Não é apenas a expiação não foi direcionado principalmente para a humanidade, mas não era nenhum dinheiro para Satanás.

Alguns dos teólogos latino posteriores tinha antecipado a teoria de satisfação. Porque manter a transação com Satanás servido a causa **da justiça de Deus** (ou, pelo menos, não era incompatível com ele), eles reconheceram uma dimensão de expiação dirigidos para Deus. Agostinho e Gregório, o Grande, tinha argumentado que algo na própria natureza de Deus exigia a expiação, mas não conseguiu desenvolver essa idéia.

Deve-se notar que os teólogos latino trabalhando no contexto do direito romano, que deu suas declarações forma legal. Anselmo (1033-1109), arcebispo de Canterbury, viveu em um ambiente diferente. Até o momento ele escreveu, a estrutura política tinha mudado. Era o Império Romano, mas o sistema feudal a força mais poderosa que estruturou a sociedade. Justiça e legislação tornou-se mais de uma questão pessoal; violações da lei é considerado uma ofensa contra o senhor feudal.

Além de aumentar a ênfase foi colocada sobre o conceito de satisfação. A Igreja Católica tinha gradualmente desenvolvido seu sistema de penitência oferecendo algum tipo de satisfação, você pode evitar a punição por infracções cometidas. Isso foi em linha com o tempo de um princípio jurídico: em matéria de delito privado, a punição poderia ser substituído por outras formas de satisfação. Às vezes, o conceito de satisfação Anselmo tornou-se parte integrante da estrutura feudal. Portanto, encontramos no pensamento de Anselmo a imagem da mudança de tratamentos anteriores de expiação. Ele representa a Deus como um senhor feudal, para manter a sua honra, insiste que ele terá uma recepção adequada qualquer ofensa contra ele.

Anselmo é expiação em sua obra principal *Cur Deus homo?* O título indica a direção do tratado. Anselmo primeiro tenta descobrir por que Deus assumiu a forma humana. O método utilizado é o de mostrar que havia uma necessidade lógica para a expiação, e, portanto, também para a encarnação.

Anselmo clara e definitivamente rejeita a teoria padrão da redenção, e até mesmo a modificação que fez Agostinho. O problema é a controvérsia que Satanás tinha "direito de posse" sobre a humanidade. Anselmo negado este curso de direito. Human pertencem a Deus e ninguém além de Deus. Mesmo o demônio pertence a Deus. Nem humano nem o diabo não lhe são aplicáveis. Portanto, Deus não tem que comprar os seres humanos Satanás. A única obrigação de Deus estava punindo era seu servo que tinha persuadido um servo a segui-lo deixando o Sr. que tinham em comum. Não houve necessidade de pagar um resgate para o diabo.

A forma de Anselmo para entender a Expiação é baseada principalmente na sua doutrina do pecado, porque a maneira como entendemos o pecado que irá influenciar fortemente a nossa opinião sobre o que deve ser feito para responder a ela. Anselmo, o pecado, basicamente, não é cumprir as nossas obrigações para com Deus. Ao não fazê-lo, nós tomamos a Deus o que é deles por direito e desonra. Os pecadores que devolver a Deus o que roubaram. Mas não é o suficiente para retornar o que roubaram. Porque a tomar o que pertence a Deus, temos ferido; e mesmo depois de lhe dar de volta o que é deles, deve haver uma compensação adicional em reparação pelos danos que temos feito. Uma boa comparação seria as regras de justiça modernas que estipulam que um ladrão, além de devolver a propriedade roubada à vítima, devem pagar por danos ou ir para a prisão.

Deus ser Deus, você não só pode agir para preservar sua própria honra; mas deve fazê-lo. Você não pode simplesmente ignorá-lo. Portanto, você não pode simplesmente perdoar ou absolver o pecado sem castigar. Não o suficiente para que nós pagamos a Deus o que devemos. Deve haver uma reparação adicional. Apenas acrescentou alguma forma de compensação pode restaurar o equilíbrio que foi perdido com o pecado. O pecado fica impune deixar Deus economia desequilibrada.

Ele violou a honra de Deus pode ser reajustado punir humana (condenando) ou aceitar a satisfação que tem sido feito em seu nome. Anselmo distingue cuidadosamente os dois conceitos. Por que Deus não apenas infligir punição? Alguns teólogos dizem que desde que Deus é amor, preferem receber satisfação antes de condenar humano. No entanto, esta não é a abordagem Anselmo. Lembre-se que eles estão tentando provar a necessidade da encarnação. Seguindo o argumento de Agostinho diz que alguns seres humanos, necessariamente, ser salvo, Deus para compensar a perda dos anjos caídos. Como os anjos caídos não podem ser devolvidos ou salvos, elas devem ser substituídas por um número igual de seres humanos. Portanto, Deus não pode punir todos humanos; pelo menos alguns devem ser recuperados. Você tem que produzir uma satisfação em seu nome.

Mas o que sobre a natureza e os meios para levar a cabo esta satisfação? Os seres humanos não poderiam ter dado a ele a satisfação em seu próprio nome, porque, mesmo fazendo tudo o que eles podiam fazer, eles não estariam fazendo qualquer outra coisa, mas o que fazer para Deus. Como Deus havia prejudicado, era necessária uma maior satisfação. Além dos seres humanos haviam lhes permitido vencer o diabo, o inimigo de

Deus. Este foi um crime particularmente grave. Satisfação também teve de incluir a compensação especial para este mal, que é derrotar o demônio. Como ele poderia fazer isso nenhum homem, eles enfraqueceram como eram pelo pecado e já tendo sido vencidos por Satanás? Para colocar as coisas no seu devido lugar na economia do reino de Deus, alguém qualificado para representar os seres humanos tinham que fazer algo por eles. Olhe o quão perto que é a doutrina de Anselmo da humanidade e do pecado com a sua doutrina da expiação.

Esta, portanto, era a situação que eles eram humanos. Os seres humanos foram criados por Deus e queria escolher, amar e servir o bem mais elevado Deus. No entanto, eles fizeram isso; portanto, veio a morte. Deus, no entanto, foi obrigado a salvar pelo menos parte da humanidade caída. Você tinha que dar satisfação, que esta poderia produzir. Para ser eficaz, a satisfação tinha que ser maior do que todos os seres humanos eram capazes de fazer, porque eles só poderia fazer o que se pretendia fazer. Como assim, só Deus poderia proporcionar satisfação. No entanto, para servir a humanidade em relação a Deus, ele teve que ser realizada por um ser humano. Portanto, a satisfação tinha que ser feito por alguém que era ao mesmo tempo Deus e homem. Consequentemente, a encarnação foi uma necessidade lógica. Sem ele, não poderia haver satisfação e, portanto, a remissão da pena.

Cristo, sendo Deus e homem sem pecado, ele não merecia a morte. No entanto, oferecendo a sua vida a Deus em nome da raça humana, que fazia parte foi além do que era exigido dele. Assim, ele poderia servir como uma verdadeira satisfação a Deus pelos pecados da humanidade. Mas foi o suficiente para realizar o que é necessário? Foi o suficiente para pagar? Sim, porque a morte do homem -. Deus, considerando que, sendo Deus, tinha poder sobre suas próprias vidas (. Jo 10:18) e ele tinha que morrer, tem valor infinito. Na verdade, até mesmo seu corpo tinha sofrido um dano mais leve, teria um valor infinito.

O argumento de Anselmo foi muito baseado na lógica. Com exceção de alguns pontos, não temos prestado muita atenção a este fato. É importante notar, entretanto, que ele acreditava representados e todos os pontos de seu sistema teológico - expiação, encarnação - como uma necessidade lógica.

Vimos que a morte de Cristo é interpretada de muitas maneiras diferentes. Cada uma das teorias que examinamos falhar um aspecto importante de sua obra. Embora pudéssemos ter algumas sérias objeções a algumas teorias, nós reconhecemos que todos eles têm uma dimensão de verdade. Em sua morte, Cristo (1) deu um exemplo perfeito do tipo de dedicação que Deus quer de nós, (2) demonstrou a ampla gama do amor de Deus, (3) enfatizou a seriedade do pecado e da gravidade da justiça de Deus (4) triunfou sobre as forças do pecado e da morte, libertando seu poder e satisfação (5) deu ao Pai por nossos pecados. Nós, seres humanos são necessários para fazer todas essas coisas para nós, e Ele fez todos eles. Devemos perguntar qual deles era o mais básico? Qual deles fez tudo o outro possível? Vamos passar essa questão no próximo capítulo. Ao fazer isso, ele vai estar com uma apreciação profunda da medida de tudo o que Cristo fez para nos trazer em comunhão com o Pai.

Como no seu sangue pode ter, portanto, sorte para mim?
Se eu seus problemas piores e causa de sua morte foi?
Existe alguma maravilha que o seu amor? Morrer para mim com tanta dor!

(Charles Wesley, 1738).

39. O tema da expiação

Objetivos do capítulo

Após concluir este capítulo, você deve ser capaz de:

- Nome cinco fatores que formam o fundo da expiação e demonstrar como elas influenciam a forma como você vê a expiação.
- Reconhecer e explicar os ensinamentos do Novo Testamento que falam da expiação.
- Identificar e descrever o significado básico da expiação e a importância para o crente.
- Listar e descrever quatro objeções à teoria da substituição penal, e, em seguida, mostrar problemas bíblicos e racionais que existem com estas acusações.
- Discutir e comparar a teoria da substituição penal com outros quatro teorias da expiação.
- Identificar e descrever as implicações da expiação substitutiva para todos humanos.

Resumo do capítulo

A doutrina da expiação repousa em grande parte sobre a perspectiva de várias condições doutrinas. As doutrinas da natureza de Deus, o estado de direito, a condição humana, Cristo e o sistema de sacrifício do Antigo Testamento têm uma enorme influência sobre a idéia de expiação. Em Evangelhos do Novo Testamento, Jesus fala de si mesmo como resgate, um substituto, e que dá vida à humanidade. Paulo descreve a obra da expiação de Cristo como propiciação ou conciliação com a ira de Deus para os pecados da humanidade. Portanto, podemos entender que a expiação envolve sacrifício, propiciação, substituição e reconciliação na relação entre Deus e a humanidade. É a teoria da substituição penal que melhor se relaciona esses aspectos da expiação.

Questões de estudo

1. Por que é importante saber perspectiva de uma pessoa sobre a condição humana de compreender a sua posição sobre a expiação?
2. Como você acha que Paul a morte de Cristo em seus escritos do Novo Testamento?
3. Que elementos são parte do significado básico da expiação e por quê?
4. Quais são as objeções à teoria da expiação como substituição penal, e como responder a eles?
5. Como pode a expiação ser uma demonstração de amor e justiça de Deus ao mesmo tempo?
6. Que significado pode ser tirada da teoria da substituição penal como expiação para a teologia cristã?

Determinantes

- A natureza de Deus
- Estatuto da lei
- A condição humana
- Cristo
- O sistema sacrificial do Antigo Testamento

Os ensinamentos do Novo Testamento

- Os Evangelhos
- Os escritos de Paulo

- O significado básico da expiação
 - Sacrifício
 - Propiciação
 - Substituição
 - Reconciliação
- Objecções à teoria da substituição penal
 - A objeção ao conceito da necessidade de expiação
 - A objeção ao conceito de substituição
 - A objeção ao conceito de propiciação
 - A objeção ao conceito da imputação da justiça de Cristo
- A teoria da substituição penal em relação a outras teorias
 - A expiação como um exemplo
 - A expiação como uma demonstração do amor de Deus
 - A expiação como uma demonstração da justiça de Deus
 - A expiação e triunfo sobre o mal
- As implicações da expiação substitutiva

Ao examinar as várias teorias da expiação no capítulo anterior, agradecemos que cada uma delas é formada em torno de um aspecto significativo da obra expiatória de Cristo. Devemos perguntar qual desses aspectos é a principal ou a dimensão básica a maior parte desse trabalho, para que a outra vara, ou dependente.

Determinantes

Como observado no início do capítulo 38, a doutrina da expiação é o ponto em que o caráter orgânico da teologia é mais visível. Nossas idéias sobre outras doutrinas afetar significativamente as nossas conclusões nessa área. Então começamos a analisar a fundo a partir do qual podemos construir nossa própria doutrina da expiação.

A natureza de Deus

Como as passagens bíblicas aparecem em contexto, assim como as doutrinas. Doutrina abstrata do contexto produz uma distorção na mesma. Em qualquer assunto de estudo teológico, do contexto mais amplo é, naturalmente, a doutrina de Deus, especialmente quando se trata de um relacionamento com Deus, e da expiação.

A natureza de Deus é santidade perfeita e completa. Esta não é uma questão opcional ou arbitrária; É o modo de ser de Deus por natureza. Sendo contrária à sua natureza, o pecado acha repulsiva para Deus. Ele é alérgico ao pecado, por assim dizer. Você não pode suportá-lo.

Estatuto da lei

O segundo fator importante a considerar quando nós fazemos a nossa teoria da expiação é o status de lei espiritual e moral de Deus. Não se deve pensar na lei como se fosse algo impessoal e alheio a Deus, mas como uma expressão da pessoa e da vontade de Deus. Sem pedidos proíbe assassinato amor ou apenas porque você escolhe fazer. A partir de sua própria natureza, à aceitação de determinadas ações ea proibição de outra surge. Deus diz que o amor é bom, porque ele é o amor. Mentir é errado, porque Deus não pode mentir.

Isto significa que, na prática, a lei é como uma cópia escrita da natureza de Deus. Quando nos relacionamos com ele, positiva ou negativamente, não estamos interagindo com um documento impessoal ou conjunto de regulamentos. Em vez disso, estamos obedecendo ou desobedecendo a Deus. Desobedecer a lei é grave, porque a lei não tem qualquer valor inerente ou dignidade que deve ser preservado, mas porque desobedecer é na verdade um ataque contra a natureza de Deus. Portanto, o legalismo - a atitude que a lei deve ser obedecida por causa dela - é inaceitável. Você realmente tem que entender a lei como um meio de interagir com um Deus pessoal.

Algum objeto à idéia de que a natureza de Deus pode ser expressa na forma de proposição, que a vontade de Deus é, de certa forma, codificada. Após essa objeção parece ser um ceticismo kantiano nunca pode saber as últimas realidades, porque o único conhecimento válido é baseada na percepção sensorial. Desde então, expressar afirmações que dizem que a vontade de Deus (lei) além da experiência sensorial e, portanto, considerá-los improcedente. Também há muitas vezes uma objeção pelo conceito de Friedrich Schleiermacher de que a religião não é primariamente uma questão de doutrina, mas de sentimentos. Mas se mantivermos que Deus é uma realidade objetiva, e revelou, objetiva sobre si mesmo, a verdade racional, certamente há espaço para a lei e representação objetiva de sua vontade, e mesmo da natureza.

Portanto, a violação da lei, quer por transgressão ou porque eles têm sido incapazes de cumprir, carrega as graves consequências de ser punido e especialmente a morte. Adão e Eva foram informados de que o dia em que comeram do fruto proibido certamente morrerás (Gn. 2: 15-17). O Senhor disse a Ezequiel que "a alma que pecar, essa morrerá" (Ez. 18:20). De acordo com Paul "o salário do pecado é a morte" e "o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção" (Gal. 6: 8) (Rm 6:23.). Há um vínculo definitivo entre o pecado e passível de ser punido. Particularmente na última rodada (Gálatas 6: 7-8.) - Efeito entre o pecado ea punição causar conexão aparente. No entanto, em todos os casos é entendido que a punição é inevitável, e não uma mera possibilidade.

A condição humana

Outro fator crucial para a nossa compreensão da expiação é a natureza e condição da humanidade. Observamos anteriormente (pp. 643-48) o fato da depravação total, o que não quer dizer que os seres humanos são tão maus quanto possível, mas no final eles são incapazes de fazer qualquer coisa para salvar-se ou fora da situação dos pecadores. Sendo assim, foi necessário para a expiação, fazer para a humanidade o que temos feito, foi feito por alguém em nome da humanidade.

Cristo

A nossa compreensão da natureza de Cristo é crucial aqui. Anteriormente, observamos que Cristo é Deus e homem (capítulos 33-35). Ele é eterno, preexistente, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Deus está na mesma direção e com a mesma intensidade que o Pai, um sentido em que nenhum outro ser humano foi e nunca será divina. A humanidade divindade, acrescentou. Ele não deixou sua divindade de forma alguma, apenas o exercício independente de seus atributos divinos.

Para nós, a humanidade de Jesus significa que sua morte expiatória é aplicável aos seres humanos. Porque Jesus foi realmente um de nós, ele poderia redimir. Não era um estranho tentando fazer algo para nós. Foi um verdadeiro ser humano representar-nos a outros seres humanos. Isto está implícito em que Paulo diz em Gálatas 4: 4-5: "Deus enviou o seu Filho ... nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei .."

Não só isso, Jesus é humano; Ele é que é *completamente* humano. Não só levou a natureza física de um ser humano, mas também toda a sua constituição psicológica. Ele sentiu extensão cheia de emoções humanas normais. Por isso, ele foi capaz de resgatar toda a natureza humana, porque ele levou tudo que significa ser verdadeiramente humano.

Além disso, a morte de Jesus é suficiente para redimir toda a humanidade valor. A morte de um ser humano comum quase nenhum valor suficiente para cobrir seus próprios pecados, muito menos aqueles de toda a humanidade. Mas a morte de Jesus é de valor infinito. Como Deus, Jesus não tinha que morrer. Ao morrer Deus fez algo que nunca tinha tido que fazer. Como um sem pecado, ele não tem que morrer para pagar por seus próprios pecados. Portanto morte pode redimir os pecados de toda a humanidade.

O sistema sacrificial do Antigo Testamento

A morte redentora de Cristo também deve ser dado o contexto do sistema de sacrifício do Antigo Testamento. Antes da morte redentora de Cristo foi necessária para oferecer sacrifícios regularmente para compensar os pecados que tinham sido cometidos. Estes sacrifícios não eram necessários para exercer um trabalho a reforma no pecador ou outros para não pecar mais, mas para expiar o pecado, que inerentemente merecia punição. Tinha havido um delito contra a lei de Deus e, portanto, contra o próprio Deus, e isso tinha que ser reparado.

A palavra hebraica usada no Antigo Testamento para diferentes tipos de expiação é כִּפָּר (Kaphar) e seus derivados. A palavra significa literalmente "cobrir". Você se livrou de punição interposição de qualquer coisa entre o pecado e Deus. Então, Deus viu a expiação do pecado em seu lugar. A ocultação do pecado significava que ele não era mais necessário o pecador.²

Deve-se notar que a expiação foi um fato objetivo. Os sacrifícios foram oferecidos para apaziguar Deus. Para os amigos de Jó, por exemplo, eles foram instruídos a oferecer sacrifícios a Deus não tratar como suas indiscrições. Deus estava muito zangado porque não tinha dito a verdade sobre ele (Jó 42: 8). Além disso, um sacrifício oferecido como um substituto para pecadores. Este sacrifício levou a culpa do pecador. Para que seja eficaz, deve haver alguma conexão, alguns pontos em comum entre a vítima eo pecador que havia oferecido esse sacrifício.

Vários outros factores eram necessárias para reconciliação surtiera o efeito desejado. O animal foi sacrificado falta de falhas, defeitos. Um para que expiação foi feita teve que apresentar o animal e colocar as mãos sobre ele: "Eu vou oferecer à porta da tenda da congregação ... porá a mão sobre a cabeça do holocausto, e este será aceito como expiação" (Lev. 1: 3-4). Apresentando o animal e colocar as mãos sobre ele era uma confissão do pecado pelo pecador. Colocando as mãos simboliza a transferência da culpa do pecador para a vítima. Em seguida, oferecer ou expiação foi aceite pelo sacerdote.

Embora porções legais do Antigo Testamento tipificado considerável clareza o caráter substituto e sacrifício da morte de Cristo, as mensagens proféticas ir ainda mais longe. Estabelecer a conexão entre os sacrifícios do Antigo Testamento e da morte de Cristo. Isaías 53 é o mais claro de todos. Depois de descrever a pessoa do Messias e de salientar a natureza ea extensão da maldade dos pecadores, o profeta se refere ao sacrifício de Cristo: "Todos nós, como ovelhas, nos desviamos é; Vos Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos "(v. 6). A maldade dos pecadores é transferido para o servo sofredor como nos ritos do Antigo Testamento, os pecados eram transferidos para o animal abatido. A imposição das mãos era uma antecipação da aceitação ativa da obra expiatória de Cristo do crente.

Os ensinamentos do Novo Testamento

Os Evangelhos

O Novo Testamento é muito mais detalhado em termos do sacrifício de Cristo. Primeiro observamos próprio testemunho do Senhor como ele se relaciona com a natureza ea finalidade de sua morte. Embora Jesus não falou muito sobre a sua morte no início de seu ministério no final ele começou a falar sobre isso muito explicitamente claro. Estas lições não são oferecidos por questões casuais de seus discípulos ou pelas pressões de seus inimigos, mas que fez uma intenção deliberada por sua própria iniciativa.

Jesus sabia com certeza que o Pai O havia enviado para fazer o trabalho do Pai. Ele declara em João 10:36 que o Pai O havia enviado ao mundo. Em João 6:38 diz: "Porque eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou." O apóstolo João nos diz especificamente que o Pai enviou seu Filho para executar a obra redentora de expiação: "Deus Ele não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o

mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele "(Jo. 3:17). O propósito de sua vinda foi a expiação, e que o Pai estava envolvido nesse trabalho. Ressalta-se que o Filho foi enviado pelo Pai para tornar claro que a obra do Filho não é independente, nem está em contraste com o que o Pai. E a morte de Cristo não foi um castigo que um juiz impiedosamente imposta a uma terceira pessoa. O Pai estava pessoalmente envolvido, porque ele caiu sobre seu Filho, a quem ele tinha enviado voluntariamente e tinha ido de bom grado.

Jesus tinha a convicção de que sua vida e morte foram o culminar das profecias do Antigo Testamento. Em particular, ele jogou sua própria vida e morte como a realização clara de Isaías 53. Na Última Ceia, ele disse: "Eu vos digo que eles precisam para se cumpra em mim o que está escrito:" E ele foi contado com os transgressores ", e porque o que está escrito sobre mim ter um fim "(Lc. 22:37). Ele estava citando Isaías 53:12, portanto, ele se considera como o servo sofredor. Seus constantes referências ao seu sofrimento deixar claro que ele viu sua morte como o principal motivo para sua vinda. Ele disse aos Seus discípulos claramente que o Filho do homem estava a sofrer muito, seria rejeitado pelo as autoridades religiosas e matá-lo (Marcos 8:31). Mesmo no início do seu ministério, ele aludiu a seu sofrimento quando ele falou do momento em que o noivo será tirado (Mateus 09:15; Marcos 2: 19-20). E, claro, na descida do Monte da Transfiguração, um dos destaques do seu ministério, disse que "Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quisesse; assim o Filho do homem padecer às mãos deles "(Mateus 17:12).

Jesus viu a sua morte como um resgate. Sem especificar quem deve pagar o resgate, ou o controle deve ser libertou os escravos, Jesus disse à sua vida seria o meio pelo qual muitos seriam livres da escravidão (Mt. 20:28; Sr. . 10:45). A palavra λύτρον (*Lutron* - "resgate") e seus cognatos são usados 140 vezes na Septuaginta, geralmente tendo em mente o lançamento de algum tipo de escravidão em troca do pagamento de uma indenização ou a oferta de um substituto.

Cristo também se viu como nosso substituto. Este conceito é particularmente visto no Evangelho de João. Jesus disse: "Ninguém tem maior amor do que esse homem, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos" (Jo 15:13.). Foi estabelece um princípio de ampla aplicação; Eu estava ordenando seus discípulos para mostrar-se uns aos outros o mesmo amor que ele lhes mostrara. Mas, enquanto ele falava na véspera de sua crucificação, pode haver pouca dúvida de que ele tinha em mente. É claro que eu estava pensando sobre a morte vicária que estava prestes a sofrer.

Existem outras indicações de que Jesus via a si mesmo como um sacrifício. Disse em sua grande oração sacerdotal "Para eles eu me santifico, para que também eles sejam consagrados na verdade" (Jo. 17:19). O verbo aqui é ἁγιάζω (*hagiazō*), um termo comum no contexto de sacrifício. CK Barrett diz: "a linguagem é igualmente adequado para a preparação de um sacerdote para a preparação de um sacrifício; portanto, é duplamente apropriado para Cristo ".

A declaração de João Batista no início do ministério de Jesus tem conotações semelhantes: "Este é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!" (João 1:29.). O apóstolo João também recolhe comentário depreciativo de Caifás ao Sinédrio: "Você não sabe nada, e você percebe que ele é melhor que um homem morra pelo povo do que a nação inteira perecer" (Jo. 11: 49- 50). O ponto de interesse não está na atitude de Caifás, mas na verdade profunda que Caifás disse, sem se dar conta disso. Jesus iria morrer não só para a nação, mas para o mundo inteiro. Deve notar-se que John chama a atenção para este comentário Caifás outra vez (18:14).

Jesus acreditava profundamente que ele era a fonte e doador da verdadeira vida. Ele diz em João 17: 3 "E esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, ea Jesus Cristo, a Quem enviaste." Dê vida eterna aqui está ligado a ambos, o Pai eo Filho. Nós podemos receber nesta vida por uma relação particularmente estreita com o filho ele chamou simbolicamente como "comer a minha carne". Em João 6 fala de "o

verdadeiro pão do céu" (v. 32), o "pão da vida" (vv. 35, 48), "o pão que desce do céu" (v. 50). Depois claro que ele tem falado: "Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; eo pão que eu darei é a minha carne, que Eu darei pela vida do mundo" (v. 51). Para ter a vida eterna devemos comer sua carne e beber seu sangue (vv. 52 e 58). Jesus viu uma conexão definitiva entre para que pudéssemos ter vida e ele deu a vida por nós.

Resumindo o que Jesus e os escritores do evangelho, disse sobre a sua morte, Jesus viu clara identificação entre ele e seu Pai. Ele falou regularmente que o Pai lhe tinha enviado. Ele eo Pai são um, e, portanto, o trabalho que fez o Filho também foi obra do Pai. Jesus veio para dar sua vida como *resgate, uma maneira de libertar as pessoas que foram escravizados pelo pecado*. Ele ofereceu-se como um *substituto* para eles. Paradoxalmente, sua morte dá a vida; podemos obtê-lo em nós aceitá-lo. Sua morte foi um sacrifício tipificado no sistema de sacrifício do Antigo Testamento. Estes vários temas são elementos vitais em nossa construção da doutrina da expiação.

Os escritos de Paulo

Quando fi Jamos nos escritos de Paulo, vemos uma rica coleção de ensinamentos sobre a expiação, os ensinamentos que correspondem ao que dizem os Evangelhos sobre isso. Paulo identifica e até mesmo amor e trabalho de Jesus com o Pai fazer. Você pode citar muitos textos: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19); "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós" (Romanos 5: 8.); "O que era impossível para a Lei, porque ela estava enferma pela carne, Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado, e por causa do pecado, condenou o pecado na carne" (Rom. 8: 3); "Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como se não com ele, nós também dará graciosamente todas as coisas?" (Rom. 8:32). Portanto, como os autores dos evangelhos e próprio Jesus, Paul não considera a expiação como algo que Jesus fez, independentemente do Pai; É o trabalho de ambos. Na verdade, o que Paulo diz sobre o amor do Pai, ele também fala sobre o amor do Filho: "O amor de Cristo nos constrange, tendo concluído este, se um morreu por todos, logo todos morreram" (2 Coríntios 5:14); "Cristo nos amou e se entregou por nós (Ef. 5: 2). O amor do Pai e do Filho é intercambiável. George Ladd diz: "A idéia de que a Cruz exprime o amor de Cristo por nós, porque mantém a expiação diante de um pai severo e relutante, perfeitamente certo e absolutamente inflexível é uma perversão da teologia do Novo Testamento."

No entanto, tendo dito isso, devemos notar que o tema da ira divina por causa do pecado é algo muito proeminente em Paul. É importante perceber que, por exemplo, Romanos 3: 21-26, uma passagem sobre a redenção que Deus dá a Jesus Cristo, é o culminar de um processo de raciocínio que começou com o pronunciamento da ira de Deus contra o pecado: "A ira de Deus está revela do céu contra todos os homens impiedade e injustiça dos que detêm a verdade (Rom. 1:18). A santidade de Deus exige que haja expiação para a condição de pecadores condenados podem ser superados. O amor de Deus dá esta expiação.

Paul muitas vezes ele pensava da morte de Cristo e se refere a ele como um sacrifício. Em Efésios 5: 2 a descreve como em 1 Coríntios 5 7 escreve: "Para a nossa Páscoa, Cristo, foi sacrificado por nós" Suas numerosas referências ao sangue de "oferta e sacrifício a Deus cheiro perfumado.". Cristo também sugerem um sacrifício: havia um "sacrifício pela fé no seu sangue", (Romanos 3:25). "Uma vez que temos sido justificados pelo seu sangue"; (Rom 5 9). "No qual temos a redenção, pelo seu sangue" (Ef. 1: 7); "Você, foram aproximados pelo sangue de Cristo" (Efésios 2:13.); Ele reconciliou todas as coisas para ele, "fazer a paz pelo sangue da cruz" (Colossenses 1:20). Ladd observou, no entanto, que havia pouco derramamento do sangue de Cristo como

tal. Embora tenha havido perda de sangue quando eles colocaram a coroa de espinhos na cabeça e quando ele pregou os pregos na carne, não foi até ao momento em que ela morreu quando o sangue (misturado com água) fluiu em abundância (Jo. 19:34) . Assim, as referências ao sangue de Cristo não se refere a si próprio sangue físico, mas a sua morte como um sacrifício pelos nossos pecados.

O apóstolo Paulo também sustenta que Cristo morreu por nós e em nosso nome. Deus "não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós" (Romanos 8:32.); "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós" (Romanos 5: 8.); "Cristo nos amou e Se entregou por nós" (Ef. 5: 2); Cristo. "Maldição por nós" (Gl 3:13) foi proferida;"Ele morreu por nós" (1 Ts. 5:10). Mais adiante neste capítulo perguntar se a morte de Cristo foi apenas para nosso benefício, isto é, para nós, ou se ele foi realmente substituir, ou seja, em nosso lugar.

Finalmente, Paulo considera a morte sacrificial de Cristo, ou seja, que Cristo morreu para aplacar a ira de Deus contra o pecado. Este ponto tem sido questionada, especialmente por CH Dodd em seu livro *A Bíblia e os gregos*. Dodd baseia seu argumento sobre a forma como o verbo ἱλάσκομαι (hilaskomai) e seus cognatos é usado na Septuaginta. Ele argumenta que é propiciação, expiação, mas o que é visto em versos como Romanos 3:25: "O significado transmitido (por uso LXX é constantemente determinante para Paul) é a expiação, não a expiação. A maioria dos tradutores e comentaristas estão errados sobre isso. "Deus não foi apaziguado pela morte de Cristo. Em vez disso, o que Cristo realizou com a sua morte foi pecadores limpas de seus pecados, cobrir seu pecado e impureza. Dodd construiu sua teoria não apenas em considerações lingüísticas, mas também mais geralmente sob considerações teológicas. AG Herbert acrescenta que "pode ser direito de acreditar que a ira de Deus 'apaziguados' com a expiação de Cristo, como algumas teorias" transacionais "da expiação ter acreditado que é Deus que, em Cristo, reconciliando o mundo a si próprio ... pode estar correto colocar nenhuma oposição da ira do Pai e amor do Filho ". ¹⁰

Apesar da posição assumida pelo Dodd, Ladd argumentou que ἱλάσκομαι significa, naturalmente, propiciação. O desconto a partir de quatro pontos:

1. escritores helenísticos não bíblicas, como Josephus ou Philo, uniformemente palavra significa "favor". O mesmo se aplica ao uso nos pais apostólicos. Leon Morris disse: "Se tradutores e escritores do Novo Testamento desenvolveu um novo significado da palavra grupo, pereceu com eles e não se levantou para este dia."

2. Existem três lugares na Septuaginta onde ἐξιλάσκομαι (exilaskomai) refere-se a expiação ou apaziguar Deus (Zacarias 7: 2, 8:22; Mal 1: 9.). Dodd comentário sobre estas passagens é que parece haver algo excepcional na utilização do termo aqui.

3. Embora a palavra é raramente usada na Septuaginta com "Deus" como um objeto direto, também deve-se notar que *nunca mais* utilizada no Antigo Testamento com a palavra *pecado* como um objeto direto.

4. Há muitos lugares no Antigo Testamento em que, embora não seja realmente usado para se referir a apaziguar a ira de Deus, a palavra aparece em um contexto onde a vista é a ira de Deus.

Pelo exposto, é questionável se as conclusões de Dodd, pelo influente que possam parecer, são bem sucedidos. Seus resultados podem ter resultado de uma concepção inadequada da Trindade, um equívoco que se trai a ser incapaz de levar a sério a evidência contrária em passagens como Zacarias 7: 2; Malaquias 8:22 e 1: 9.

Em contraste com Dodd, notamos que há passagens nos escritos de Paulo que não podem ser interpretados com sucesso se negamos que a ira de Deus precisava ser apaziguado. Isto é particularmente verdade em Romanos 3: 25-26. No passado, Deus havia deixado impunes os pecados. Poderia ter acusado-o perfeitamente a ignorar o pecado, porque ele não tinha exigido a punição para ele. No entanto, ele tinha agora colocar Jesus como ἱλαστήριον (hilasterion). Isso prova tanto que Deus é justo (raiva

requer o sacrifício) e ele é o justificador daqueles que têm fé em Jesus (seu amor providenciou o sacrifício para eles).

Numerosas passagens que falam da ira (ὀργή - *Orge*) de Deus contra o pecado são a prova de que a morte de Cristo foi necessariamente propiciatório: Romanos 1:18; 2: 5, 8; 04:15; 5: 9; 09:22; 00:19;13: 4-5; Efésios 2: 3; 5: 6; Colossenses 3: 6 e 1 Tessalonicenses 1:10; 02:16; 5: 9. Então, a idéia de Paul não é simplesmente que a morte expiatória (Cristo como ἱλαστήριον - *hilasterion*) cobre limpo do pecado e da corrupção (reparação), mas também o sacrifício apazigua um Deus que odeia o pecado e é radicalmente contra ele (propiciação).

O significado básico da expiação

Depois de rever o ensino direto da Bíblia sobre o tema da expiação, devemos agora concentrar-se em seus temas centrais.

Sacrifício

Já observamos várias referências à morte de Cristo como um sacrifício. Estes aparecem no Velho Testamento (especificamente em Is. 53), os ensinamentos de Cristo e as narrativas do Evangelho, e Paul. Agora suplementaremos nossa compreensão deste conceito afirmando que ele diz no livro de Hebreus especialmente sobre este assunto. Em Hebreus 9: 6-15 obra de Cristo está ligada ao Dia da Expiação no Antigo Testamento. Cristo é descrito como um sumo sacerdote que entrou no lugar mais sagrado para oferecer sacrificados. Mas o sacrifício de Cristo oferecido não era o sangue de bodes e bezerras, mas (12 v.) Seu próprio sangue. Assim, ele assegurou "redenção eterna". A vívido contraste entre o sacrifício de animais, que têm apenas um efeito limitado está empatada, e Cristo, cuja morte tem efeito eterna. Enquanto os sacrifícios mosaicos teve de ser oferecido várias vezes, a morte de Cristo foi um sacrifício uma vez por todas pelos pecados da humanidade (8 v.).

Um pensamento semelhante é expressa em Hebreus 10: 5-18. Novamente, a idéia é que em vez de queimado, o corpo de Cristo (v. 5), foi sacrificado. Era uma oferta feita uma vez por todas (v. 10). Em vez de a oferta diária do sacerdote (v. 11), Cristo ofereceu "uma vez para sempre, um único sacrifício pelos pecados" (v. 12). No capítulo 13, o autor vincula a morte de Cristo e da oferta pelo pecado do Antigo Testamento. Cristo morreu para santificar o povo pelo seu sangue. Portanto, somos exortados a sair e ir até ele e suportar o mesmo abuso que ele sofreu (vv. 10-13).

O que é especial no sacrifício de Cristo, e muito importante manter em mente é que Cristo é tanto vítima e sacerdote que oferece o sacrifício. Quais eram duas partes para o sistema de sacrifício levítico são combinados em um só em Cristo. A mediação de Cristo, que começou com a sua morte, continua até agora em sua intercessão sacerdotal para nós.

Propiciação

Em nossa discussão do material Pauline sobre a expiação, observamos a controvérsia sobre se a morte de Cristo foi sacrificado. Devemos notar que o conceito de expiação não se limita aos escritos de Paul. No sistema de sacrifício do Antigo Testamento, a oferta foi feita para o Senhor e também desliza para ele: "o sacerdote queimará isso sobre o altar sobre o holocausto ao Senhor. Priest fazer expiação para o pecado que cometeu [o pecador], e ele será perdoado" (Lev. 04:35). Tendo em vista a ira de Deus contra o pecado, a afirmação de que seria apresentado ofertas e perdão que se seguiriam, parece que este verso pontos em direção a uma paz de Deus.

Substituição

Temos notado que Cristo morreu por nós ou para nós. Mas é correto falar de morte substitutiva, ou seja, na verdade, morreu em nosso lugar?

Várias considerações sugerem que Cristo realmente tomou o nosso lugar. Em primeiro lugar, há uma série de passagens que nos dizem que nossos pecados foram "transferidos" para Cristo, "carregada" com nossa iniquidade, ele se tornou pecado" por nós. Um exemplo notável é Isaías 53: "Todos nós, como ovelhas, nos desviamos é; Vos Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos "(v. 6). "Ele foi contado com os transgressores; mas ele levou o pecado de muitos, e intercedeu pelos transgressores" (v 12-B.). Quando ele viu Jesus, João Batista disse: "Este é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!" (João 1:29.). Paulo disse: "Aquele que não conheceu pecado, para nós ele fez pecado, para que nos tornássemos justiça de Deus em Cristo" (2 Coríntios 5:21), e "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós "(Gal. 3:13). O autor da carta aos Hebreus disse: "Assim também Cristo foi sacrificado uma vez para tirar os pecados de muitos; Ele aparecerá segunda vez, sem pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam "(Hb. 9:28). E, obviamente, ter Isaías 53: 5-6, 12 em mente, Peter escreveu: "Ele levou os nossos pecados em Seu corpo, sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, vivamos para a justiça. Pelas suas chagas fostes curados "(1 Pedro 2:24). A idéia comum nessas passagens é que Jesus levou os nossos pecados; você foram transferidos ou transmitidos a partir de nós para ele. Como ele se tornou um pecado, que deixaram de ser um pecado ou pecadores.

Mais preposições evidências são usados para designar a relação específica entre a obra de Cristo e nós. A preposição que sugere de forma mais clara a substituição é ἀντί (anti). Esta palavra não está contexto soteriológico significa claramente "como substituto para" ou "em vez de". Por exemplo, Jesus perguntou: "Qual de vocês, pais, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe em vez de um peixe dar a ele uma serpente? "(Lc. 11:11). Em Mateus 02:22 a palavra é usada em conexão com um filho sucede ao seu pai. "Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes" Em 1 Coríntios 11:15 Paulo observa que, como impróprio para uma mulher orar cabeça descoberta (v. 13), em vez de véu natureza tenha dado seu cabelo. Quando olhamos para passagens em que a preposição ἀντί usado para especificar a relação entre a morte e os pecadores de Cristo, esta idéia de substituição está claramente presente. AT Robertson observa que ἀντί significa "no lugar de" ou "e substitua" quando ele aparece em contextos onde "dois substantivos colocados frente um do outro são equivalentes e podem ser trocados." Então, como você tem em mente substituindo frases como "olho por olho" de Mateus 05:38, é assim em casos como Mateus 20:28: "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida resgate por todos. "Robertson disse que importantes passagens doutrinárias como Mateus 20:28 e Marcos 10:45" substituto ensinar o conceito da morte de Cristo, não porque ἀντί na verdade significa "em vez de", que não é verdade, mas . porque o contexto faz alguma idéia resultante fora de questão "A mesma idéia vem em 1 Timóteo 2: 6, onde uma posição diferente da preposição (usado ὑπέρ - *huper*), mas parece ἀντί em uma forma composta, em nome ἀντίλυτρον (*antilutron* - "resgate").

A outra preposição relevante é ὑπέρ. Ele tem vários significados, dependendo, em parte, o caso em que é utilizado. Para nós, que estamos interessados, em especial dos exemplos de ὑπέρ com o caso genitivo. Foi alegado que ἀντί literalmente significa "em vez de" e ὑπέρ No entanto, GB Winer diz que "em nome." "Na maioria dos casos, alguém que age em nome de outra pessoa aparece em vez de ela [1 Tim. 2: 6; 2 Coríntios 5:15], e, portanto, ὑπέρ às vezes se aproxima do campo semântico da ἀντί "em vez de". Sobre essa idéia de que alguém agindo em nome de outro aparece em seu lugar Robertson disse: "Depende da natureza ação, não ἀντί ou ὑπέρ "No entanto, no caso de ostraca e papiro, a palavra ὑπέρ significa claramente" em vez de ".

Em algumas passagens bíblicas, como Romanos 5: 6-8; 08:32; Gálatas 2:20 e Hebreus 2: 9, ὑπέρ pode ser tomado em um sentido de "em nome de", embora

provavelmente significa. No entanto, em várias outras passagens, muito notáveis John 11:50; "em vez de". 2 Coríntios 5:15 e Gálatas 3:13, o significado é óbvio. Sobre estes versos Robertson diz: "ὑπέρ" e apenas ignorar o contexto pode se livrar dela "é a noção resultante de" um pouco do que ele não precisa significar "em vez de" tornar-se evidente em cada exemplo, como. não há provas suficientes ao longo das Escrituras que a morte de Cristo foi substitutiva. Leon Morris diz:

Cristo tomou o nosso lugar, como a vítima sacrificial ocupa o lugar do devoto. Eu percebo que o significado do sacrifício tem sido amplamente discutido, e há alguns que rejeitam qualquer substituto aparente. Não há espaço para resolver completamente o problema. Só posso dizer dogmaticamente que eu acredito que o sacrifício não pode ser entendida de forma satisfatória, a menos que inclui um aspecto de substituição. E Cristo morreu como nosso sacrifício. Assim, ele morreu como nosso substituto.

Reconciliação

A morte de Cristo também põe fim à inimizade e distanciamento existente entre Deus e a humanidade. Nossa hostilidade para com Deus foi removida. As Escrituras frequentemente enfatizam que somos reconciliados com Deus, isto é, ele tem desempenhado um papel activo; Ele nos reconciliou consigo mesmo. Assim, os defensores da teoria da influência moral argumentam que a reconciliação é estritamente obra de Deus. Eles estão certos?

Para responder, devemos notar, em primeiro lugar, que quando a Bíblia chama alguém para ser conciliado com outro, a hostilidade não tem necessariamente a ver com a pessoa a quem a chamada é dirigida. A declaração de Jesus em Mateus 5: 23-24 confirma este ponto de vista: "Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar . com o seu irmão, e depois vem apresentar a tua oferta "Note que o irmão está se sentindo mal e que carrega dentro de si a animosidade; não há indicação de que a oferta transportadora sentir qualquer hostilidade. No entanto, é este último que é convidado a se reconciliar com seu irmão. Da mesma forma, embora Deus não se sente animosidade, ele está no trabalho de reconciliação para ocorrer.

Outra referência bíblica notável a este respeito é a palavra de Paulo em Romanos 11:15. A reconciliação do mundo é agora possível graças à rejeição dos judeus. Na rejeição dos judeus, Deus toma a iniciativa, que separa Israel do favor divino e graça do Evangelho. A reconciliação do mundo (gentios) está em contraste com a rejeição de Israel. Por isso, é entendido que a reconciliação é também um ato de Deus; o ato no mundo receber seu favor e ele trata-os de uma maneira especial. Importante como que os seres humanos se convertessem a Deus, o processo de reconciliação envolve principalmente a volta do deus seu favor para com eles.

Objeções à teoria da substituição penal

Vimos que a doutrina da expiação cobre muitos tópicos: sacrifício, propiciação, substituição, reconciliação. Das várias teorias que examinamos no capítulo anterior, a teoria da satisfação é o melhor ajuste para o aspecto essencial da obra expiatória de Cristo. Cristo morreu para satisfazer a justiça da natureza de Deus. Ele deu satisfação ao Pai, para que pudéssemos livrar do castigo pelos nossos pecados. Em vista dos outros fundamentos da teoria de satisfação, como se explica mais detalhadamente neste capítulo, também tem sido chamado de "teoria da substituição penal" da expiação. Oferecendo-se como um sacrifício, substituindo para nós, suportando o castigo que nós realmente deveria ter sido, Jesus acalmou o Pai e realizou uma reconciliação entre Deus e a humanidade.

Apesar de uma investigação mais aprofundada das escrituras relevantes apontam claramente para a teoria da substituição penal da expiação, várias objeções têm sido levantadas. Colidir com vários aspectos da doutrina como já explicamos. Vamos fazer uma breve reflexão sobre estas acusações.

A objeção ao conceito da necessidade de expiação

A primeira objeção questiona a necessidade de expiação. Por que Deus não apenas limitado a perdoar pecados? Por que são obrigados a ser pago em espécie, por assim dizer? Os seres humanos são capazes de perdoar uns aos outros simplesmente por um ato de boa vontade. Nós não precisamos aqueles que nos ofenderam reparar seu erro antes de aceitá-los novamente. Se os cristãos podem fazer isso, não é possível para Deus fazer o mesmo?

Aqueles que levantam essa objeção não vi quem Deus realmente é. Deus não é meramente uma pessoa privada que tenha sido danificado, é o administrador oficial do sistema judicial. Como uma pessoa privada, em um sentido você poderia perdoar as ofensas cometidas contra ele, como seres humanos perdoar uns aos outros. Mas se Deus remover ou ignorar a culpa do pecado sem a necessidade de pagamento iria destruir a fibra moral do universo em si, a distinção entre o bem eo mal. Um problema adicional é que Deus é um ser de infinita santidade e bondade perfeita. Uma ofensa contra ele é muito mais grave do que uma ofensa contra um ser humano pecador normal. Quando alguém peca contra nós, estamos conscientes de que, pelo menos em parte, a culpa pode ser culpa nossa, e que em muitas ocasiões pecamos contra os outros, e, provavelmente, contra a mesma pessoa que tenha feito de errado contra nós agora. Mas com Deus, nem tentado nem errado, não existe tal elemento de imperfeição que faz com que o nosso pecado parecer menos terrível.

A objeção ao conceito de substituição

A segunda objeção questiona a moralidade ou a integralidade da substituição. A idéia de substituir o Filho ao Pai para suportar o nosso castigo parece muito injusto. Imaginem que este é um julgamento: o juiz, após encontrar o réu culpado, avance para punir alguém que é inocente. Isso não seria inapropriado?

Há duas respostas a esta objeção. Um deles é a natureza voluntária do sacrifício. Jesus disse: "Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos" (Jo 15:13.). Ele disse ainda mais explicitamente em João 10: 17-18: "Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo. Eu tenho poder para dar e tenho poder para tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai. "Jesus não estava vinculada pelo Pai para dar a sua vida. Ele assim o fez voluntariamente e assim aprovou a Deus. Quase não é preciso dizer que escolher alguém que é voluntário é preferível atribuir a alguém para punição.

A segunda resposta é que a obra de Jesus Cristo para dar a sua vida envolve também o Pai. Nós identificamos vários textos em que é indicado que como o Pai eo Filho são um, a obra de Cristo é também a obra do Pai. Portanto, o Pai, a punição não foi outra pessoa que não era ele mesmo. Embora nós não sabemos a natureza exata das relações entre as pessoas da Trindade, é claro que Deus é tanto o juiz ea pessoa paga a pena. De acordo com a analogia da corte, não que o juiz dá a sentença sobre o acusado, e que uma terceira pessoa não envolvida, alguns inocentes, pagar a multa ou cumprir a pena. Pelo contrário, é como o juiz vai julgar com o acusado, em seguida, remove o manto e irá cumprir a pena no lugar do acusado.

A objeção ao conceito de propiciação

Outra objeção está relacionado com o conceito de expiação. O Filho de amor é capaz de converter a raiva e ira do Pai contra o pecado em um espírito clemente e amoroso é considerado um sinal de que há um conflito interno na mente de Deus ou entre pessoas da Trindade.

Em resposta a esta objecção, é útil recordar as muitas referências que indicam que o Pai enviou seu Filho para expiar o pecado. Cristo foi enviado pelo amor *do* Pai. Portanto, não é que a propiciação alterado para um Deus irado em um Deus amoroso. Como John Murray disse: "Uma coisa é o Deus amoroso tornou-se irritado. Isso seria uma mentira completa. Outra coisa é que o Deus irado é amoroso. Essa é uma verdade muito profunda. "O amor que levou Deus a enviar seu Filho estava sempre lá. Enquanto santidade, retidão e justiça exigiu que o Pai tinha um pagamento pelo pecado, que deu o seu amor. A expiação é o resultado do amor divino do Pai. Isto é claramente indicado em 1 João 4:10: "Nisto consiste o amor Não que nós tenhamos amado a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados."

Propiciação, portanto, não diminui o amor ea misericórdia de Deus. Pelo contrário, mostra quão grande é o seu amor. Ele não podia ignorar o pecado e ainda ser Deus. Mas ele estava disposto a oferecer seu próprio Filho para aplacar sua ira contra o pecado. Se essa raiva não foi apaziguada, não haveria remissão dos pecados. Portanto, para exigir o pagamento da multa, Deus mostrou o quão grande era a sua santidade e justiça. Fornecendo esse pagamento, ele disse a imensidão do seu amor. Como Paulo diz em Romanos 3:26 que ele fez: "a fim de expressar neste momento sua justiça. Que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" A cruz é um símbolo apropriado para expiação porque representa a intersecção de dois atributos ou aspectos da natureza de Deus. Aqui o amor de Deus se encontra com a santidade de Deus. Santidade exige o pagamento de uma penalidade, e amor prevê o pagamento.

A objeção ao conceito da imputação da justiça de Cristo

E às vezes argumenta-se que Cristo não pode carregar nossa culpa, é também disse que não pode tomar sua justiça. Há objeções à idéia de que a justiça de Cristo imputada a nós pudermos. Uma pessoa não pode ser bom em detrimento de outro. Nós somos responsáveis por nós mesmos. A transferência de créditos, por assim dizer, de uma pessoa para outra é uma forma de transação externa e formal muito, muito inadequada no tópico de nossa posição espiritual diante de Deus.

Essa objeção seria a algum ponto muito válido se nosso relacionamento com Cristo estava longe ou se ele estava longe de nós. Em seguida, ele seria como uma fiança de pagamento estranho para um prisioneiro. Mas, na verdade o crente está em Cristo. Como veremos ainda mais plenamente quando examinamos a Doutrina da Justificação, a transferência da justiça de Cristo, e que foi alcançado com a expiação não era uma transação remotamente. Pelo contrário, é uma questão de dois, e Cristo o crente que se tornar um aos olhos de Deus. Portanto, Paulo pode dizer que os crentes que morreram em Cristo ressuscitarão com Cristo (Rom. 6: 3-4).

É como se, no que diz respeito ao estado de espírito de um, uma nova entidade emergiu. É como se Cristo e eu teria me casado, ou que teria se fundiram para formar uma nova empresa. Portanto, a imputação de sua justiça não é tanto uma questão de transferir algo de uma pessoa para outra, como para unir duas pessoas que têm coisas em comum. Em Cristo, eu morrei na cruz, e reviveu. Portanto, ele não apenas morrer em meu lugar, ele morreu comigo.

A teoria da substituição penal em relação a outras teorias

Temos notado no capítulo anterior que cada uma das teorias da expiação conter qualquer observação válida. Nossa visão é que a teoria da substituição penal mantém estas

observações válidas. Além disso, gostaríamos de salientar que estas outras observações têm vigor apenas a partir do ponto de vista da substituição.

A expiação como um exemplo

Consideremos primeiro a teoria Socinian de expiação. Esta teoria sustenta que o valor da morte de Cristo é para nos dar um exemplo do tipo de vida que devemos viver, e especialmente o tipo de dedicação que deve caracterizar-nos. Mas este exemplo poderia ter alguma validade, se Cristo não tivesse morrido *por* nós? Suponha que havia sido salva por algo diferente de sua morte substitutiva. O que então teria sido o propósito da morte de Cristo? Não teria sido tolo por Cristo que ele morreu? E o que seria o caráter moral Pai se ele tivesse sido capaz de exigir a morte de Cristo, enquanto os seres humanos tinham que pagar nenhum preço por seus pecados?

Imaginem algo. Considere que uma casa está a arder. Os pais ter escapado, mas de repente eles percebem que seu filho ainda dentro da casa em chamas. É impossível voltar a entrar na casa. No entanto, um bombeiro entra na casa a toda a velocidade e salvar a criança, mas no processo de morrer. Este é um belo exemplo de amor para outros homens seria considerado, sem dúvida, à custa da própria vida. Servir de inspiração para outros. Agora, suponha que nenhuma criança na casa, e que os pais insistem que nenhuma criança, o bombeiro e realmente acredito que não há ninguém dentro. Se, contudo, corre para a casa e morre, este é um exemplo a seguir ou ser considerado insano? Ninguém iria seguir um exemplo deste tipo, e certamente ninguém deveria. E o que acontece com a orientação superior uma meta bombeiro em chamas como um exemplo do que significa ser um bombeiro comprometida com seu trabalho e quão longe você está disposto a fazer o seu dever? Alguém deveria cumprir essa ordem? No entanto, na morte de Cristo representa este tipo de situação, se o propósito da expiação não era para pagar a pena pelos nossos pecados, mas apenas dar um exemplo. Além disso, se há realmente uma criança na casa, a criança não só ser salvo, mas ofereceu-nos um exemplo de coragem e generosidade. Da mesma forma, se a humanidade é culpada de pecado e condenado à morte, e Cristo deu a sua vida, em vez de a raça humana, não só seremos salvos, mas dá-nos um exemplo de como viver. A morte de Cristo é um exemplo, mas somente se ele é tanto um sacrifício substituto.

A expiação como uma demonstração do amor de Deus

Um argumento semelhante detém em relação à teoria da influência moral da expiação. É verdade que a morte de Cristo é uma poderosa demonstração do amor de Deus e, portanto, um incentivo que nos motiva fortemente a amar a Deus e reconciliar com ele. Mas, novamente, a perspectiva da teoria válida depende do fato de que ele morreu *por* nós.

De acordo com a teoria da influência moral, a morte de Cristo não era necessária de forma objetiva. Isto é, Deus poderia ter perdoado os nossos pecados sem a morte de Jesus. Houve um obstáculo inerente ao ser limitada a perdoá-lo, ou, mais corretamente, que nós simplesmente aceitar novamente a seu lado. Não houve necessidade de retribuição. Mas, nesse caso, devemos considerar a morte de Cristo como uma demonstração de amor ou um ato de loucura?

Se você e eu estamos discutindo na beira de um rio e você cair na água e está em perigo de afogamento, e eu, arriscando a minha vida, eu pulei na água e resgatou, minha ação pode ser visto como uma demonstração de amor. Mas se você está tranquilo e seguro para o rio, e eu digo: "Olha o quanto eu te amo" e eu pulei na água e começar a se contorcer lá, minha ação não vai me perdoar ou me amar ou reconciliado comigo. A maioria provavelmente acha que eu sou emocionalmente e mentalmente instável.

O mesmo vale para a expiação. A morte de Cristo é uma bela demonstração do amor de Deus e, portanto, um poderoso incentivo ao abandono da nossa hostilidade para com Deus e responder em arrependimento e fé para sua oferta de graça. Mas é eficaz como uma demonstração de amor precisamente porque estávamos perdidos e Deus se importava o suficiente para a nossa condição de oferecer seu filho em sacrifício. Se a expiação não tinha sido necessário para nos redimir dos nossos pecados, então, em vez de uma demonstração da preocupação de Deus para o ser humano, que teria sido uma demonstração de preocupação para si mesmo. Porque se o seu objectivo principal foi para acabar com nossos ressentimentos.

A expiação como uma demonstração da justiça de Deus

A principal preocupação da teoria do governo é manter a justiça de Deus. Esta expiação considerado essencialmente como uma manifestação da justiça de Deus. Para estabelecer que a lei é justa e que a violação da lei tem consequências graves, Deus tinha para exemplificar através de alguém. Ou seja, através da morte de Cristo. Cristo não tomar o nosso lugar e ofereceu um sacrifício que tinha de ser feito. Nem havia qualquer punição envolvido. Era só para mostrar as graves consequências do pecado e assim se arrepender empurrar-nos que Cristo morreu.

Mas, devemos perguntar, se a violação da lei ou, em outras palavras, o pecado, é realmente tão grave, pode Deus nos perdoe sem a necessidade de algum tipo de punição ou pena? E se você puder, a morte de Cristo era realmente necessário? Pelo contrário, parece que se tornou uma grande injustiça e desnecessária, e que Cristo foi vítima do mesmo. Pode alguém amar e servir a Deus? Se a morte de Cristo não quer dizer tomar o nosso castigo para a nossa redenção, não há justiça na mesma.

Na teoria da substituição, no entanto, não existe tal problema porque considera a morte de Cristo como algo que é exigido por lei, a não ser, claro, que a lei tinha que ser cumprida no sentido estrito, isto é, o o sofrimento ea morte de todos os pecadores. Aqui, a seriedade da lei é visto no fato de que leva radical quanto a morte do Filho de Deus. Se ele tivesse oferecido Cristo para morrer se houvesse outra maneira de resolver os problemas da humanidade? Portanto teoria de substituição coloca grande ênfase na justiça e santidade de Deus. Mas a plenitude do seu amor também pode ser visto claramente no que Deus estava disposto a fazer para redimir.

A expiação e triunfo sobre o mal

Finalmente, observamos que o tema do triunfo de Deus sobre Satanás e as forças do mal também é mantida na teoria da substituição penal. De acordo com a teoria de resgate ou teoria clássica, essa vitória foi obtida através da oferta de Jesus como resgate a Satanás, que, sob a ilusão de que ele poderia manter seu poder o Filho de Deus, aceitou a humanidade livre. A teoria de estados de substituição penal, enquanto a vitória sobre o mal vencer a Cristo dar a si mesmo em resgate, mas a pedido da justiça de Deus, não Satanás.

Colocando Jesus como resgate a Satanás teria sido suficiente por si só para quebrar o poder do mal? Para responder a esta pergunta é necessário (1) determinar a raiz do poder de Satanás, o que permite que você tenha a humanidade sob seu controle e dominação, e (2) especificar o que precisa ser feito para libertar o humana de suas garras. Note que o nome *Satanás* significa literalmente "acusador." Isso nos leva ao pecado ter que jogar acusações contra nós e submeter-se à condenação e maldição da lei. Essa é a essência do seu poder contra nós. Assim, para que possamos livrar-se de seu poder, devemos nos libertar da condenação da lei.

Portanto, a mensagem da cruz é que Cristo nos resgatou da maldição da lei, e assim nos libertou da escravidão em que Satanás nos mantido. A Bíblia deixa claro que estamos

livres da maldição da lei, precisamente porque Cristo tomou o nosso lugar, em nossa dor que ele tenha sido paga. Nele, podemos ter morrido e ter vindo de volta à vida. Quando ele morreu com Cristo somos escravos não mais do pecado (Rom. 6: 6-8). "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós" (Gal. 3:13). "Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm. 8: 1). Ninguém (nem mesmo Satanás) que pode condenar, porque Deus nos justifica, e Cristo, que morreu e ressuscitou dentre os mortos, rogai por nós (vv. 31-34). Portanto, Paulo pode desafiar o poder da morte e do pecado (1 Coríntios 15: 55-57). Cristo cumpriu a lei por nós e, portanto, o pecado já não tem poder de morte.

Se, por outro lado, a morte de Cristo tinha sido apenas pagar um resgate de Satanás, a lei não teria conhecido e Satanás não teria sido derrotado. Não era o pagamento de um resgate a Satanás que garantiu sua derrota eo triunfo de Deus, mas que Cristo deve tomar o nosso lugar para nos libertar da maldição da lei. Suportando a pena pelo nosso pecado e satisfazendo uma vez e para sempre todos os preceitos da lei, Cristo tornou Satanás tinha controle sobre nós raiz: o poder de apresentar sob a maldição e condenação da lei. A morte de Cristo, portanto, foi certamente um triunfo de Deus sobre as forças do mal, mas apenas porque era um sacrifício substituto.

As implicações da expiação substitutiva

A substituição da Expição de teoria morte de Cristo, quando ele é capturado em toda sua complexidade, é uma verdade rica e significativa. Ele tem várias implicações importantes para nossa compreensão da salvação:

1. A teoria da substituição penal confirma o ensinamento bíblico da depravação total de todos os seres humanos. Deus não teria ido tão longe para deixar seu precioso Filho para morrer se não fosse absolutamente necessário. Os seres humanos eram absolutamente incapazes de satisfazer suas próprias necessidades.
2. A natureza de Deus não tem uma única face, nem existe tensão entre seus diferentes aspectos. É justo e exigente, e amoroso e generoso. É só até o ponto de precisar ser fornecido um sacrifício pelo pecado. E amorosamente, ao ponto de prever que sacrificar.
3. Não há outro caminho para a salvação de graça e, especificamente, a morte de Cristo. Ele tem um valor infinito e, portanto, abrange todos os pecados de toda a humanidade para sempre. Um sacrifício infinito, no entanto, não poderia mesmo cobrir todos os pecados da pessoa que está oferecendo.
4. Não há segurança para o crente em que ele se refere a sua relação com Deus. Como base para o relacionamento, a morte expiatória de Cristo é completa e permanente. Embora nossos sentimentos podem mudar, a base do nosso relacionamento com Deus permanece inabalável.
5. Nunca devemos tomar de ânimo leve a salvação que temos. Embora seja livre, ele também é caro, pois custou a Deus o maior sacrifício. Portanto, estarle sempre grato pelo que ele tem feito; nós o amamos e imitar a sua natureza generosa.

"Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados" (1 Jo 4:10).

40. A extensão da expiação

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e determinar a extensão da expiação feita para a humanidade.
- Identificar e descrever o ponto de vista da expiação particular.
- Identificar e descrever o ponto de vista da expiação universal.
- Organizar e explicar uma teoria equilibrada de expiação.

Resumo do capítulo

Tem havido algum desacordo sobre a extensão da expiação. Para alguns, a expiação tinha uma extensão que foi limitado a aqueles a quem Deus tinha escolhido para ser salvo. A visão oposta afirma que a salvação está disponível para todos através da expiação. Dada a evidência proposto para ambos os argumentos, parece mais razoável sugerir que Deus primeiro escolhe para fornecer salvação para toda a humanidade e, em seguida, escolher alguns para recebê-lo. A questão de tentar obter a expiação foi discutido no século xx. É importante ressaltar que na expiação, Cristo cobrado tanto com a doença como o pecado na cruz. Em vez disso, a cura é um ato sobrenatural introduzido como qualquer outro milagre. Você não pode esperar que todos os casos de cura solicitou ser concedidos da mesma maneira que o perdão dos pecados. Para o crente, o corpo terreno é temporário.

Questões de estudo

1. Que evidência de defensores da Escritura tem expiação particular e expiação universal?
2. Qual é o ponto de vista da expiação particular e quais os problemas que podem ser extraídas as suas descobertas?
3. Qual é o ponto de vista da expiação universal e que problemas podem ser extraídas as suas descobertas?
4. O equilíbrio entre as duas visões da expiação pode ser encontrado nas Escrituras?
5. Que relação pode ser encontrada entre doença e pecado no expiação?

Para quem Cristo morreu?

Expiação especial

Expiação Universal

Uma avaliação equilibrada

Por Cristo sacrificado?

Tendo chegado a uma conclusão sobre a natureza da expiação, nós ainda temos que tomar uma decisão sobre a sua extensão. Aqui estão dois temas. O primeiro é o tema clássico por quem Cristo morreu. Ele morreu pelos pecados de todos, ou apenas para esse grupo escolhido por Deus para receber Sua graça, chamá-los eleito? O segundo tema que tem atraído atenção considerável no século XX é o que Cristo morreu. É o objetivo de sua morte só foi libertar-nos de nossos pecados, nos libertar da lesão ou morte espiritual também para se livrar da doença? Quero dizer, ele morreu para remover males físicos e espirituais?

Para quem Cristo morreu?

Quando os evangélicos fazem a pergunta "Por quem Cristo morreu" não estão perguntando se a morte de Cristo tem valor suficiente para cobrir os pecados de todas as pessoas. Há um consenso completo sobre esta questão. Como a morte de Cristo tinha um valor infinito, que é o suficiente, não importa o que o número de eleitos. Em vez disso, a questão é se Deus enviou Cristo para morrer para fornecer salvação para todas as pessoas, ou apenas para aqueles a quem escolhera. Na verdade, a nossa resposta depende de como entendemos a lapsarianismo. Se, como supralapsarianism e infralapsarianismo permanecem, decisão de Deus de salvar alguns (ou seja, eleito) precede logicamente a sua decisão de fornecer salvação através de Cristo, então a expiação é limitada a prover salvação os eleitos.² Se, por outro lado, a decisão de fornecer salvação precede logicamente a decisão de poupar algum e permitir que os outros para ficar em sua condição perdida, é possível afirmar que a morte de Cristo foi uma intenção ilimitada ou universal. Esta é a posição dos arminianos e calvinistas sublapsarianos.

Expição especial

A maioria dos calvinistas acreditam que a finalidade da vinda de Cristo não era possível a salvação de todos os seres humanos, mas para fazer algumas salvação dos eleitos. Existem vários elementos na sua argumentação.

Primeiro, há passagens das Escrituras que ensinam que a morte de Cristo foi "para o seu povo." A partir destas passagens, o particularista concluir que Cristo não morreu por todos. Uma dessas passagens é a promessa do anjo a José em Mateus 1:21: "Ele dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados." Há também toda uma gama de frases de Jesus sobre a sua ovelha, seu povo, seus amigos. Em João 10, Jesus diz: "Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas" (v. 11); "E eu dou a minha vida pelas ovelhas" (v. 15). Nos versículos 26-27 Jesus deixa claro que as "ovelhas": "Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas, como já disse. As minhas ovelhas ouvem a minha voz e eu as conheço, e elas me seguem ". Jesus deu sua vida por aqueles que respondem a ele. Isso não significa dar a vida para todos, para aqueles que não fazem parte de seu rebanho. Além disso, no sentido de instar os seus discípulos a imitar sua maneira de amor, Jesus não fala de morte no mundo, mas amigos "Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos" (Jo . 15:13).

As imagens variam. Diz-se que Cristo morreu para a Igreja e para a Igreja. Paulo exortou os anciãos de Éfeso para "alimentar a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue" (Atos 20:28.). O mesmo apóstolo incentivados maridos amar suas esposas "como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela" (Ef. 5:25). E Paulo escreveu aos Romanos que Deus "não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós" (Rom. 8:32). Parece claro a partir do contexto acima (vv. 28-29) e no próximo (v. 33) que aqueles para quem Deus deu o seu Filho foram aqueles que acreditaram nele, isto é, os eleitos.

Outra linha de argumento para particularista segue o conceito de expiação limitada de outros doutrinas, tais como a doutrina da obra de intercessão de Cristo. RB Kuiper argumenta que João 17: 9, que deliberadamente restringe o foco da oração sacerdotal de Cristo aos eleitos ("Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus"), esclarece em grande parte, o assunto que estamos estudando neste momento. Kuiper argumenta que, como intercessão e expiação de Cristo são as duas atividades sacerdotais, dois aspectos de sua obra expiatória, pode não se aplicar a mais pessoas do que o outro. Como Cristo orou somente para aqueles que o Pai tinha dado, segue-se que só morreu por eles. Portanto, Kuiper sustenta que o que é explicitamente ensinado em outras passagens citadas está implícito nessa passagem, ou seja, que Cristo morreu somente pelos eleitos.

Louis Berkhof leva esse argumento ainda mais longe, observando que a expiação é a base do trabalho de intercessão de Cristo, parte do qual consiste na apresentação de seu sacrifício expiatório diante do Pai. Com base na expiação esperar que todas as bênçãos da salvação é aplicada para aqueles para quem ele estava orando. E suas orações eram sempre eficaz (cf. Jo. 11:42 "Eu sei que sempre me ouves"). Em João 17: 9, reza para que a obra redentora é realizado em todos aqueles por quem ele faz expiação. Como a intercessão depende da expiação, Cristo reza por aqueles que não estão cobertos pela expiação. Como intercessão é limitado em extensão, a expiação deve ser muito. Da mesma forma, em João 17:24, ele ora: "Pai, que vocês me deram, eu quero que você onde eu estiver, também eles estejam comigo." Mais uma vez temos de concluir que, como Cristo ora apenas para aqueles a quem o Pai Foi dado, não só deve ser morto por eles.

Charles Hodge defende o mesmo período de intercessão e expiação com base na sacerdócio do Antigo Testamento. O sacerdote na antiga dispensação intercedeu por todos aqueles que se sacrificaram. A unidade do comércio foi que essas duas funções eram inseparáveis. Como Cristo é o cumprimento do sacerdócio de Arão, que serviu sacerdote do Antigo Testamento tinha de servir a ele. Além disso, como o Pai sempre ouve a oração de Cristo, "não pode dar ao luxo de interceder por aqueles que realmente não receber os benefícios de sua redenção." Em outras palavras, somente orem por aqueles a quem se sacrificou, e apenas sacrifícios para aqueles para quem você reza.

Um segundo argumento dedutivo decorre da natureza da expiação. A imagem de Jesus que dá a sua vida como resgate (Mateus 20:28 e Marcos 10:45) sugere uma expiação limitada. Resgate natureza é tal que, quando o pagamento for aceite, ela automaticamente liberta as pessoas para o qual foi pago. Não há mais acusações contra eles. Então, se a morte de Cristo foi um resgate igual para todos, não só para os eleitos, todos nós devemos ser livres pelo Espírito Santo. No entanto, a Escritura nos diz que aqueles que não aceitam a Cristo não será resgatou da maldição da lei. Se a morte de Cristo foi um resgate universal, parece que um duplo pagamento pelo pecado é necessário para você.

Uma consideração adicional é que as doutrinas da expiação e escolha foram ligados historicamente. Agostinho ensinou que Deus havia escolhido algumas pessoas para a salvação e tinha enviado Cristo ao mundo para morrer por eles. Desde Agostinho, esses dois ensinamentos, expiação limitada e da eleição de indivíduos para a salvação, já afirmada ou negada juntos. Quando o semi-Pelagians negou eles negaram o outro também. Durante a Idade Média, quando a Igreja confirmou a eleição especial, também considerou que a morte expiatória de Cristo foi somente pelos eleitos. Eles nunca se separaram. O mesmo pode ser dito da Igreja Luterana durante e depois da Reforma. Além disso, somente quando os Remonstrants rejeitou os outros pontos do calvinismo, como depravação total, a escolha de Deus com base em sua própria vontade soberana, deficiência humana e da perseverança dos santos, que é quando eles também rejeitou a expiação limitada. Estas considerações históricas sugerem que, para ser um calvinista consistente exige defender a expiação particular ou limitado.

Defensores recentes de expiação particular afirmam que a conexão não é apenas um fato histórico, mas também uma necessidade lógica. Como Hodge disse: "Se Deus desde a eternidade determinou a salvar uma parte da raça humana e não outra, parece uma contradição dizer que o plano de salvação tinha igual referência a ambas as partes; se o Pai enviou seu Filho para morrer por aqueles que tinha dado anteriormente salvos da mesma maneira e no mesmo sentido que deu aos que tinham escolhido para ser herdeiros da salvação. "Quase parece que o argumento é que ele teria sido um desperdício e uma falta de previsão por parte de Deus que Cristo morreu por aqueles que não foram eleitos para ser salvos. O pressuposto subjacente é que a economia na obra de Deus, separando a escolha particular de expiação limitada seria uma contradição inerente.

Expição Universal

Em contraste com a posição anterior é a idéia de que Deus iria fazer expiação a salvação possível para todos. Cristo morreu por todos, mas a morte expiatória torna-se efetiva somente quando aceites individualmente. Embora este seja o ponto de vista de todos os arminianos, é também o local de alguns calvinistas, que são às vezes chamados de sublapsarianos.

Aqueles que defendem esta teoria também apelos à Escritura de apoio. Primeiro de tudo, destinada a diferentes passagens que falam de morte ou a expiação de Cristo em termos universais, particularmente aqueles que afirmam que Cristo morreu pelos pecados João Batista apresentou Jesus com estas palavras "do mundo". "Este é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!" (Jo. 1:29). O apóstolo João explica a vinda de Cristo em termos universais: "Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele" (Jo. 3: 16-17). Paulo fala de uma maneira similar que Jesus morreu por todos: "O amor de Cristo nos constrange, tendo concluído este, se um morreu por todos, logo todos morreram; e ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para Aquele que morreu e ressuscitou" (2 Cor 5, 14-15). Em 1 Timóteo 4:10 fala do Deus vivo "é o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem." Este é um versículo particularmente interessante e significativo, porque ele se encaixa ambos os crentes e os outros no grupo aqueles salvos por Deus, mas indica um grau mais elevado de salvação dentro do primeiro.

Epístolas Gerais também que a morte de Cristo tem falam intenção universal. O autor de Hebreus diz que Jesus "foi feito um pouco menor que os anjos ... que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos" (Hebreus 2: 9.). Em 1 João são duas frases que lembram o Evangelho de João em relação à morte e morte de Cristo para o mundo: "Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Mas, se alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo. Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também para todo o mundo" (2: 1-2); "O Pai enviou seu Filho, o Salvador do mundo" (4:14).

Deve notar-se duas passagens adicionais de ser especialmente significativo. A primeira é a passagem profética, em Isaías 53: 6: "Todos nós como ovelhas se voltou para o seu próprio caminho; Vos Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. "Esta passagem é especialmente poderosa a partir de um ponto de vista lógico. É claro que a extensão do pecado é universal; Ele especifica que *cada* um de nós tem pecado. Deve também ser notado que a medida do peso do sofrimento servo será em paralelo com a amplitude de pecado. É difícil ler esta passagem e não concluir que, porque todos pecaram, a expiação deve ser para todos.

Igualmente convincente é 1 Timóteo 2 :. "deu a si mesmo em resgate por todos" 6, onde Paulo diz que Cristo Jesus Isso se compara com a frase original, em Mateus 20:28, onde Jesus disse que o Filho de Homem veio "para dar a sua vida como resgate para muitos (NVI)." Em 1 Timóteo, Paulo faz um avanço significativo sobre as palavras de Jesus. "Sua vida" (τὴν ψυχὴν αὐτοῦ - *dez psuche autous*) torna-se "a si mesmo" (ἑαυτὸν - *Heauton*); a palavra para "resgate" (λύτρον - *lutron*) aparece como composto (ἀντίλυτρον - *antilutron*). Mas o mais importante aqui ", para muitos," (ἀντὶ πολλῶν - *antil pollon*) torna-se "por todos" (ὕπερ πάντων - *huper Panton*). Quando Paulo escreveu, você pode provar palavras tradição familiar (como aparece em Mateus). Parece quase como tentar enfatizar que o resgate era universal em seu propósito.

Um segundo tipo de material são aquelas passagens bíblicas que sugerem que alguns por quem Cristo morreu perecerá. Duas passagens falam de um irmão que foi ferido ou arruinados ou destruídos pelas ações de um crente. Em Romanos 14:15 Paulo diz: "se por causa da comida se entristece teu irmão, não andar em amor. Não faça isso por causa de sua carne, por quem Cristo morreu "Da mesma forma, em 1 Coríntios 08:11 conclui:" ..

E assim, através de seu conhecimento, o irmão fraco por quem Cristo morreu serão perdidos "e uma declaração ainda mais forte é encontrada em Hebreus 10:29: "Quanto a punição mais severa acho que ele vai merecer que tenha rejeitado o Filho de Deus, e contou o sangue da aliança com que foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?" Embora possa ter algumas discussões sobre a condição espiritual exata das pessoas referidas nestes versos e os resultados precisos que eles tenham os actos nele descrito, 2 Pedro 2: 1 parece indicar mais claramente que as pessoas por quem Cristo morreu maio perde-se: ". Havia também falsos profetas entre o povo, assim como haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão encobertamente heresias destruidoras, negando até o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição" Tomados em conjunto, estes textos são uma demonstração impressionante de que aqueles por quem Cristo morreu e aqueles que estão finalmente salvos não são exatamente o mesmo número de pessoas.

A terceira classe de escrituras para assistir defensores expiação universal ou ilimitada consiste em passagens que indicam que o Evangelho deve ser proclamado universalmente. Os exemplos mais proeminentes são Mateus 24:14 ("E este evangelho do reino por todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim") e 28:19 ("Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo "). Duas passagens significativas em Atos que tratam desse assunto: "Recebereis a força quando você vem sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra (1: 8); e "Deus, tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens em todo lugar se arrependam" (17:30). Paulo diz que "a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens" (Tit. 2,11).

Citando tais textos, os defensores da expiação universal perguntar, se Cristo morreu somente pelos eleitos, como você pode oferecer a salvação a todas as pessoas, sem qualquer certa quantidade de desonestidade, artificialidade ou desonestidade? Não é inadequada oferta de salvação para todos, se, de fato, Cristo não morreu para salvar a todos? O problema se intensifica quando o número de passagens em que a oferta de salvação claramente carece restrições são observadas. Jesus diz: "Vinde a mim, todos os que estais e estão sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). Peter descreve o Senhor como o "não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pedro 3: 9). Mas isto pode ser isso, se Cristo morreu somente pelos eleitos? É praticamente impossível que ele está disposto a perecer não eleito, ou não é sincero de convidar a todos para vir, se sua vontade é que alguns não.

Finalmente, parece haver uma contradição entre as indicações nas Escrituras sobre o amor de Deus para o mundo, para todas as pessoas e a crença de que Cristo não morreu por todos eles. Várias passagens são aplicáveis aqui, o mais conhecido de todos é João 3:16: "Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. "Além disso, as palavras de Jesus que nós amamos não só os nossos amigos (aqueles que nos amam), mas também os nossos inimigos (aqueles que nos fizeram mal nenhum) parecem bastante vazio de sentido se Jesus exigiu sua discípulos que Deus faz. Mas Paulo diz que Deus ama certamente seus inimigos: "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós" (Romanos 5: 8.). Este amor dos inimigos pode ser visto particularmente na condução de Cristo na cruz, quando ele orou ao Pai: (. Lucas 23:34) "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". Como pode ser que Jesus não estava realmente morrendo para aquelas pessoas que estavam crucificando e atormentando, muitos dos quais, ou mais provavelmente nunca chegou a acreditar nele?

Um problema que aflige aqueles que detêm expiação universal é o perigo que a sua posição sobre esta matéria pode levar a acreditar na salvação universal. Se Cristo se sacrificou por todos, não devem salvar a todos? Isso parece lógico, especialmente em vista de certas declarações que os conceitos de expiação e salvação são justapostas, por

exemplo, em Romanos 5:18: "Portanto, como uma transgressão foi a condenação de todos os homens, apenas assim pela justiça de um julgamento veio a todos os homens para justificação de vida. "A resposta usual é que a morte de Cristo não conduz a" a absolvição e vida "em todos os casos, mas apenas aqueles que aceitá-Lo . Esta passagem particular deve ser entendida à luz das outras coisas que as escrituras ensinam sobre o assunto.

Uma avaliação equilibrada

Quando examinar e avaliar as afirmações e argumentos oferecidos por ambos os lados do argumento, podemos constatar que muito do que eles dizem não é inteiramente convincente. Um argumento a favor da expiação universal são aqueles versículos que declaram que Cristo morreu "para o mundo," ou "todos os homens", ou algo similar. Mas essas frases devem ser interpretados dentro de seu contexto. Por exemplo, o contexto de Romanos 08:32, um versículo que diz que Deus deu Seu Filho "para todos nós", deixa claro que Paulo tinha em mente todos aqueles que "segundo o seu propósito [Deus] são chamados "(v. 28), que é o predestinado. (. Jo 3:16) Da mesma forma a frase que Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho deve ser entendida considerando a seguinte oração: "que tudo o que ele *acredita* não pereça, mas tenha a vida eterna."

Por outro lado, a frase que Jesus ama e morre por sua igreja ou a ovelha não deve ser entendido como o seu amor especial e sua morte salvadora se restringe estritamente a eles. Mais uma vez, o contexto é importante. Sempre que Jesus fala do seu rebanho e da sua relação com eles, espera-se que se relaciona especificamente a sua salvação morte; Não vou discutir sua relação com aqueles que não fazem parte do seu rebanho. Da mesma forma, quando ele fala sobre o Senhor e à sua Igreja, ele é esperado para falar de seu amor pela Igreja, o seu amor para o mundo além. Portanto, com base em uma frase, não se segue que Cristo morreu por sua Igreja, pelas suas ovelhas; que ninguém morreu. A menos, claro, que a passagem diz especificamente que ele morreu *única* para eles.

Os defensores da expiação ilimitada também apelar para diversas passagens que sugerem que alguns daqueles por quem Cristo morreu perecer. No entanto, muitas dessas passagens são ambíguos. Isto é especialmente verdadeiro com Romanos 14:15, onde não está claro o que significa que o irmão está "triste" ou "perdido". Isso não significa necessariamente que ele é realmente perdeu ou não pode ser salvo. O significado de 1 Coríntios 8:11 não é óbvia.

Além disso, a tentativa de estabelecer expiação limitada com a dedução de outras religiões não é convincente também. Dado o fato de que a obra de intercessão de Cristo e seu sacrifício são aspectos da função sacerdotal, não é possível deduzir (como Kuiper argumenta) que são simplesmente dois aspectos da expiação. E enquanto a intercessão de Cristo em João 17, incidisse sobre a preocupação de que a sua obra expiatória aplicadas a todos aqueles que o Pai lhe tinha dado, ninguém pode deduzir que esta foi a sua única preocupação. A intercessão não se limita a orações que a obra da redenção é realizado, nem sempre dependem da expiação. crentes são encorajados a interceder uns pelos outros; aparentemente é possível orar sem ter que fazer qualquer expiação também. Em outras palavras, existe uma hipótese Pent (infundada e) no argumento de Berkhof.

Também não é bem sucedida tentativa de inferir a expiação limitada a partir da doutrina da eleição. Porque mesmo que se sustenta que Deus desde toda a eternidade já escolheu alguns membros da raça humana a serem salvos e outras a serem perdidos, não se pode concluir que a decisão de quem será salvo é mais cedo do que o de proporcionar a salvação na pessoa de Cristo. Supõe-se geralmente que todos os calvinistas acreditam que a decisão de salvar algumas pessoas precede logicamente a decisão de fornecer salvação. Berkhof, por exemplo, leva esta posição quando escreve: "O que a coerência pode ser em Deus escolhe certas pessoas para a vida eterna, em seguida, enviar Cristo ao mundo para tornar a salvação possível para todos os homens, mas a certeza de nenhum? "Além disso, Augustus Strong rejeita a suposição de que todos os calvinistas acreditam

que a decisão de escolher como logicamente anterior. Ele alega que a decisão de economizar é mais cedo, e mantidos em seus comentários que Calvin tomou uma posição semelhante. A menos que possam provar que a decisão de escolher o que ocorrer primeiro, a expiação limitada não pode ser inferida a partir da doutrina da eleição.

Além disso, o enredo não é convincente. A conexão histórica não estabelece uma conexão lógica entre os dois indiscutível. Pelo menos na prática, o próprio Calvino separou os dois ao interpretar escrituras relevantes.

Tendo em considerações que não são eliminados persuasivo, agora temos de examinar cuidadosamente os argumentos restantes para alcançar algum tipo de conclusão. Entendemos que alguns dos versos que falam de expiação universal simplesmente não pode ser ignorado. Entre os destaques estão uma Timóteo 4:10, que diz que o Deus vivo "é o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem." Aparentemente, o Salvador fez algo para todos, embora em menor medida por aqueles que não acreditam. Entre todos os outros textos que defendem a universalidade da obra salvífica de Cristo e que não podem ser ignorados são 1 João 2: 2 e Isaías 53: 6. Além disso, devemos considerar frases como 2 Pedro 2: 1, que afirma que alguns por quem Cristo morreu perecerá.

Certamente, há textos que falam do Cristo morreu por suas ovelhas e da sua Igreja. No entanto, estes textos não têm qualquer problema se considerarmos determinante universal regulamentar ou passagens. Claro que, se Cristo morreu por todos, não há problema em dizer que morreu por uma parte específica do todo. Insista para que aquelas passagens que incidem sobre pessoas que morreram por sua demanda para entender que morreu só para eles e não para outros contradiz as passagens universais. Nós concluímos que a hipótese da expiação universal é capaz de explicar um segmento maior do testemunho bíblico com menos distorções do que a hipótese da expiação limitada.

A questão subjacente aqui é a questão da eficácia da expiação. A expiação limitada defender supor que, se Cristo morreu por alguém, essa pessoa realmente salvos. Por extensão, o seu raciocínio é que, se Cristo morreu por todos, todo mundo iria receber a salvação. Por conseguinte, considera-se que o conceito de redenção universal leva à armadilha de salvação universal. No entanto, este pressuposto básico ignora o fato de que herdar a vida eterna envolve dois fatores: um golo (salvação oferecida por Cristo) e um subjetivo (nossa aceitação dela). Do ponto de vista daqueles que defendem a expiação ilimitada, há a possibilidade de que alguém tem à sua disposição não aceitar a salvação. No entanto, para aqueles que defendem a expiação limitada, essa possibilidade não existe. Embora John Murray escreveu *e Aplicada Cumprida-Redemption* (Redenção: Alcançados e Aplicada), na verdade, ele e outros de sua tendência doutrinária fundiu a segunda parte, a aplicação dentro do primeiro. Isto leva ao conceito de que Deus regenera após a pessoa escolhida e, portanto, acredita.

Os defensores da expiação limitada estão enfrentando a situação um pouco estranha para explicar que enquanto a expiação é suficiente para cobrir os pecados do não-eleitos, Cristo morreu por eles. É como se Deus, em dar um jantar, tinha preparado mais alimentos do que o necessário, e ainda se recusa a considerar convidar os hóspedes adicionais. Os defensores da expiação ilimitada, além disso, não tenho nenhum problema com a morte de Cristo é suficiente para todos, porque, do seu ponto de vista, Cristo morreu por todos.

A idéia de que estamos adotando aqui não deve ser interpretado como Arminianismo. É, antes, a forma mais leve do calvinismo, ou, como diriam alguns, uma modificação do calvinismo. É a idéia de que Deus prover a salvação logicamente decide em primeiro lugar e, em seguida, escolher algumas para ele. Esta é essencialmente a posição dos teólogos sublapsarianism como Augustus Strong. Aqueles que interpretam esta posição como o Arminianismo deve ser lembrado que o que distingue o Calvinismo Arminianismo não é a maneira de ver a relação entre o decreto de fornecer salvação e do decreto que concede a salvação a alguns e não a outros. Em vez disso, o ponto decisivo é saber se o decreto da eleição é baseada apenas na escolha livre e soberana de Deus mesmo

(Calvinismo) e também é baseado em parte no seu conhecimento prévio do crédito e da fé da pessoa escolhida (Arminianismo).

Por Cristo sacrificado?

A discussão a este ponto assumiu que o propósito da morte de Cristo foi para remover os efeitos do pecado, ou seja, culpa e condenação. Portanto, perdão, redenção e reconciliação são os principais resultados quando expiação é aceita e aplicada. Mas estes são os únicos resultados que se pretendem alcançar com a expiação? No século XX, SURTIU OUTRA ÊNFASE.

Neste período, tem havido um interesse crescente no assunto de cura espiritual o corpo. Isso já aconteceu em três etapas de movimentos relacionados, mas distintos. O movimento pentecostal, que surge e se espalha nos Estados Unidos no início do século XX, enfatiza o retorno de alguns dos presentes mais espetaculares do Espírito Santo. Então, por volta de meados do século, começou a neo-pentecostal ou carismática que tinha movimento muitos a mesma ênfase. Em 1980 e 1990, a "terceira onda" emergiu. Estes movimentos destacou os milagres de cura espiritual sobre o que faz o cristianismo em geral. Em muitos casos, não há realmente tentando fornecer uma explicação ou uma base teológica para essas curas. Mas quando essa pergunta é feita, muitas vezes a resposta dada é que a cura, não menos do que o perdão dos pecados ea salvação está na expiação. Cristo morreu, não só para eliminar o pecado, mas também a doença. Entre os principais defensores deste ponto de vista era AB Simpson, fundador do que hoje é conhecido como a Aliança Cristã e Missionária.

Uma das características notáveis de a idéia de que a morte de Cristo traz a cura para o corpo é a idéia de que a presença da doença no mundo é resultado da queda. Quando o pecado entrou na raça humana, uma maldição (na verdade, uma série de maldições) deliberou sobre a humanidade; doenças eram parte da maldição. De acordo com Simpson e outros, como a doença é um resultado da queda, e não apenas a constituição natural das coisas não pode ser combatido exclusivamente por meios naturais. Sendo origem espiritual, deve ser combatida da mesma forma que o resto dos efeitos da queda: por meios espirituais e, especificamente, através da obra expiatória de Cristo. Alegando para combater os efeitos da queda, sua morte abrange não só a culpa do pecado, mas também a doença. A cura do corpo, portanto, faz parte de nossa grande direito redentor.

Alguns textos bíblicos são usados para apoiar este ponto de vista, o destaque foi Mateus 08:17. Após a cura da mãe de Peter, muitas pessoas doentes foram trazidos para Jesus. Expulsou os espíritos com uma palavra e curou todos os enfermos. Mateus nos diz: "para cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías." Ele tomou as nossas enfermidades, e carregou com as nossas doenças ' "Parece que, citando Isaías 53: 4 Mateus está ligando cura de Cristo à sua morte, pois o próximo versículo em Isaías refere-se claramente à morte expiatória do Salvador. Com base nisso, podemos concluir que a morte de Cristo, além de reverter a maldição do pecado, ele também inverte a maldição da doença, uma maldição que tinha sido causada pela queda.

Mateus 08:17 tem sido interpretado de várias maneiras:

1. A referência em Isaías é vicariamente suportar as nossas doenças. Matthew interpreta a frase literalmente e Isaías vê o seu cumprimento na obra de Cristo na Cruz.
2. A referência em Isaías é vicariamente suportar a doença figurativo (nossos pecados). Matthew interpreta literalmente o que estava figurativamente Isaías fazer, aplicando o ministério de cura de Jesus uma referência Antigo Testamento para levar os nossos pecados.
3. Tanto Isaías e Mateus pensar doenças físicas reais. A este respeito, ambas as referências são para ser entendido literalmente. No entanto, em cada caso, o que temos em mente não é indiretamente apoiar a nossa doença, e eliminar a

doença. Pelo contrário, no que é pensado para ser em empatia com a nossa doença, na partilha de nossas dificuldades. Há um elemento figurativo, mas tem a ver com Cristo apoiar as nossas doenças, e não com a mesma doença.

Antes de tentar tirar nossas próprias conclusões sobre Mateus 8:17 (e Isaías 53: 4) e avaliar a posição de que a morte de Cristo cobriu a doença e pecado, deve resolver alguns problemas. Qual é a origem e causa da doença? Além disso, há alguma conexão intrínseca entre doença e pecado e, portanto, entre a cura de doenças físicas por Jesus eo perdão dos pecados?

Parece que a origem da doença foi geralmente cair como resultado de que toda uma gama de doenças veio ao mundo. As doenças estavam dentro das maldições que Deus pronunciou contra o povo de Israel por seu mau comportamento (Dt. 28:22). Toda a criação foi submetido a futilidade e servidão por causa do pecado (Rom. 8: 20-23). Embora algumas das descrições bíblicas da maldição do pecado não são específicas, parece razoável atribuir os problemas que estamos agora em seres humanos, incluindo as doenças, a esta fonte.

No mundo antigo, havia uma crença generalizada de que a doença era ou enviados pela divindade ou foi causado por espíritos malignos. Até mesmo o povo de Israel estava sujeito a tais superstições e costumava usar amuletos para se proteger contra doenças. Alguns também acreditavam que a doença era um sinal específico de desaprovação divina, castigo pelo pecado individual. Jesus não aceitou nem apoiou esta posição. Quando, como no caso do cego de nascença, os discípulos levantou a questão de "quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego" Jesus deu uma resposta direta: "Não ele pecou, nem a sua pais; mas que as obras de Deus se manifestem nele "(Jo. 9: 2-3). É óbvio que Jesus acreditava que a doença foi causada pelo pecado da pessoa, pelo menos neste caso particular.

Nem Jesus vinculada a sua cura de doenças físicas com o perdão dos pecados. No exemplo mencionado, nada é dito sobre o perdão. Jesus simplesmente curou os cegos. Certamente Jesus freqüentemente associada com o perdão do pecado cura, mas certamente não pode ser dito para ver uma conexão intrínseca entre pecado e doença. Isto não é considerado uma doença essencialmente uma punição para o pecado individual.

Qual era a base de curas de Jesus? Em muitos casos, foi necessário fé. Isso era o que seria de esperar se a doença foi o resultado de pecado individual, porque nesse caso a cura física exigiria o perdão do pecado que causou a doença. Como a fé é necessária para que os pecados são perdoados, a fé também é necessário para que ocorra a cicatrização. E é claro que existem muitos casos em que o ato de cura de Jesus depende de um exercício de fé ocorre na pessoa a ser curada: a mulher com o fluxo de sangue durante doze anos (Mateus 9: 20-22), os dez leprosos (Lc. 17: 11-19) e Bartimeu, o mendigo cego (Marcos 10: 46-52). No entanto, ocasionalmente, a cura ocorre pelo exercício da fé de um terceiro: a cura da filha da mulher siro-fenícia (Marcos 7: 24-30), o servo do centurião (Mateus 8: 5-13), eo menino possesso (Marcos 9: 14-29). Em alguns destes casos, a pessoa curada era capaz de exercer fé em si. Sobre o tema do perdão dos pecados, no entanto, a fé é necessária é sempre a pessoa, não o terceiro. Por conseguinte, parece improvável que a cura da filha do siro-fenícia, o servo do centurião e do garoto demoníaco está conectado com o perdão dos pecados.

Vamos resumir o que temos dito sobre este assunto. A opinião de Simpson e outros da mesma convicção é que a doença é um resultado da queda e Jesus com sua morte expiatória sacudiu não só as conseqüências espirituais do pecado, mas também física. Parece que o que se presume é que há uma conexão entre a doença e intrincado pecado e, portanto, deve ser combatida da mesma forma. No entanto, notamos que Jesus não atribuiu todos os casos da doença para o pecado individual; seus atos de cura nem sempre foram relacionados com o perdão dos pecados. Pois, embora a fé parece ter sido tão necessário para a cura e perdão, para a cura, ao contrário de perdão, nem sempre tem que ter fé no destinatário da bênção. Conclui-se que há uma íntima conexão entre a

doença eo pecado individual e, portanto, entre os atos de cura de Jesus e do perdão dos pecados, como assumido Simpson.

No entanto, esta é uma preliminar para a nossa discussão de Mateus 08:17 e Isaías 53: 4. Se a Bíblia ensina que a morte de Jesus e tira as nossas doenças, então a cura é uma bênção para o qual temos direito, um dom que deve reclamar. Começamos a investigar a passagem de Isaías: "Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores." O primeiro nome é **חָלִי** (Chali). O significado predominante da palavra é "doença física", mas pode ser usado metaforicamente, como em Isaías 1: 5 e 05:13 Oséias. Isaías colocado em uma posição enfática na sentença. O significado básico do verbo **נָשָׂא** (NASA) é "elevado". Brown, Driver and Briggs citar pelo menos duas centenas de exemplos em que esta palavra tem este significado. Eles também citam cerca de sessenta casos em que a palavra significa "out (fora)" e quase uma centena de versos que significa "urso, levar." Destes cem versos referem-se apenas trinta a suportar a nossa culpa, e apenas seis de apoio vicariamente, um deles é o décimo segundo verso de Isaías 53. Assim, embora **נָשָׂא** você pode se referir a suportar indiretamente, as chances são de que em Isaías 53: 4 significa também deve-se notar que Isaías não colocou o verbo em uma posição enfática, "que tomou." parece que o que realmente importa é o servo sofredor tomou, e não como você tomou. O segundo substantivo, **מַכְאוֹב** (Mak'ob), ele aparece apenas vinte e cinco vezes no Antigo Testamento, em três desses casos, parece que se refere à dor física. A idéia básica é a palavra que transmite a dor mental, tristeza ou sofrimento que vêm das dificuldades da vida, incluindo cargas físicas. O significado mais provável aqui parece ser a doença mental ou sofrimento (tristeza), talvez motivado por problemas físicos. O segundo verbo é **סָבַל** (Sabal). Basicamente, isso significa "para carregar um fardo pesado." Nove vezes quando aparece no Antigo Testamento, dois, Isaías 53:11 e Lamentações 5: 7, transmite a idéia de apoiar de forma indireta, a primeira instância a mais clara. Nos exemplos restantes, **סָבַל** simplesmente significa "para carregar um fardo"; sem qualquer conotação de algo vigário. Novamente, como no primeiro período, o foco está em apoiar o servo sofredor, e não como usá-lo.

Para resumir Isaías 53: 4, poderíamos dizer que embora possam justificar a várias interpretações, o que parece para melhor atender os dados linguística é aquele que diz que o profeta está se referindo a doença mental natural e real, mas não necessariamente que apoiar o -las vicariamente. Na nomeação de Matthew sobre esta passagem, encontramos algo semelhante. Os dois nomes são **ἀσθενείας** (astheneias) e **νόσους** (nosous), que fazem referência a ambas as condições físicas; o primeiro especialmente enfatiza a idéia de fraqueza. O primeiro verbo, **λαμβάνω** (lambano), é muito comum e inofensiva. Basicamente significa ". Você toma agarrando receber" ²⁷ Nowhere é usado em conexão com vicariamente suportar a culpa ou qualquer coisa semelhante. O segundo verbo, **bastázō** (bastadzo), está muito perto de significado para **סָבַל**. Significa "suportar ou transportar." Em nenhuma das suas utilizações que significa Gálatas 6 "stand vicariamente." 2 tem o significado de "transportar carga entre si de uma forma abrangente", e que é, provavelmente, o significado em Mateus 08:17. Mateus, que muitas vezes citou a Septuaginta, verbos mudou aqui, substituindo o neutro **bastázō** por **φέρω** (phero), que poderia muito bem ser traduzido como "tomar vicariamente."

O que estamos sugerindo é que tanto Mateus como Isaías se referindo ao que é doença física real e aflições mentais e pecados não. No entanto, eles não me importo de ser vicariamente apoiar estas doenças. Parece mais provável que seja referindo-se a uma compreensão dos problemas da vida. Se esta é a interpretação correta, "Jesus tomou as nossas enfermidades e as nossas dores" para encarnar melhor do que oferecer-se em sacrifício. Próximos à Terra, ele entrou em contato com as mesmas condições que temos aqui, incluindo a dores, doenças e sofrimento. Doença e experimentado por si mesmo e

entender (σπλαγχνίζομαι - *splagnidzomai*) o sofrimento humano, ele se sentiu compelido a aliviar as misérias desta vida.

Esta explicação de como a profecia de Isaías foi cumprida não implica dificuldade cronológica. Além disso, há um problema, se cremos que a expiação é previsto na profecia. Porque se é difícil explicar por que Mateus cita este versículo num contexto em que a cura está descrevendo eventos que aconteceram antes da morte de Cristo.

Outra questão que ainda deve ser abordado é a relação de 1 Pedro 2:24 com as passagens que estamos discutindo. O texto diz: "Ele mesmo levou os nossos pecados em Seu corpo na cruz." É claro que Pedro está falando do pecado, porque ele usa a palavra mais comum para o pecado (ἁμαρτία - *hamartia*), que também é o primeiro nome a tradução da Septuaginta Isaías 53: 4. E o verbo escolher, ἀναφέρω, você pode definitivamente usar como substituição do chumbo. No entanto, não é claro, como alguns podem supor, se Pedro está citando Isaías 53: 4. Ele não dá nenhuma indicação de que ele está fazendo. Nós não encontrar as palavras: "Está escrito" ou uma fórmula semelhante. Parece mais provável que este está se referindo a todos Isaías 53, especialmente o verso 12.

Em resumo: Jesus curou durante seu ministério na terra, e continua até hoje de cura. No entanto, esta cura não deve ser considerada uma manifestação ou aplicativo que está apoiando nossas doenças, da mesma forma que os nossos pecados. Em vez disso, seus milagres de cura são simplesmente uma forma de introduzir uma força sobrenatural no domínio da natureza como qualquer outro milagre. Claro que, em um sentido geral, expiação, cancelar todos os efeitos da queda. Mas alguns dos benefícios não serão apreciados até os fi n vezes (Rm. 8: 19-25). Nós não podemos esperar, portanto, que em todos os casos a cura só é garantida perguntar porque, como com o perdão dos pecados. Paulo aprendeu esta lição (2 Coríntios 12: 1-10), e também nós devemos aprender. Nem sempre se insere no plano de Deus para curar. Esse fato não deve se preocupar se nos lembrarmos que não se pretende que vivemos neste corpo terreno para sempre (Heb. 9:27).

Parte 9

O ESPÍRITO SANTO

- 41. A pessoa do Espírito Santo
- 42. A obra do Espírito Santo

41. A pessoa do Espírito Santo

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Serviço Expresso de, pelo menos, três razões pelas quais o estudo do Espírito Santo é importante.

- Citações razões pelas quais ele tem sido e continua encontrando dificuldades para compreender a doutrina do Espírito Santo.
- Traçar o curso da história da doutrina do Espírito Santo a partir da igreja primitiva até hoje.
- Compreender a natureza (deidade e personalidade) do Espírito Santo.
- Avaliar as implicações da doutrina do Espírito Santo.

Resumo do capítulo

À medida que o Espírito Santo não é descrita de forma sistemática nas Escrituras, a doutrina da Terceira Pessoa da Trindade tem sido controverso. O Espírito é importante porque o crente entra em contato com Deus. Isto levou a dificuldades para ele e entender o seu trabalho. Em vários estágios da história tem dado muita importância à doutrina do Espírito. No evidência bíblica, descobrimos que tem divindade e personalidade. Em nosso estudo, podemos tirar algumas conclusões sobre a pessoa ea obra do Espírito Santo.

Questões de estudo

1. Quando você pensa do Espírito Santo, que razões podem levar a estudá-lo e seu trabalho?
2. Quais as dificuldades em particular está em compreender a doutrina do Espírito Santo?
3. Desenhe o curso da doutrina do Espírito Santo da Igreja primitiva, durante a Idade Média, a Reforma e para idades XVIII e XIX século até o xxi.
4. O que você aprendeu sobre o Espírito Santo?

A importância da doutrina do Espírito Santo
 Dificuldade em entender o Espírito Santo
 A história da doutrina do Espírito Santo
 A natureza do Espírito Santo
 A divindade do Espírito Santo
 A personalidade do Espírito Santo
 Implicações da doutrina do Espírito Santo

Os destaques partes de nossa avaliação de teologia sistemática deve ser visto no contexto das doutrinas já examinados. Nós começamos com Deus, o ser supremo, e sua obra em que o planejado, criado e cuida de tudo o que é. Em seguida, examinamos a maior de suas criaturas, seres humanos, de acordo com o destino divino foi destinado para ele e sua saída do plano divino. Vimos também as consequências que isso teve sobre a raça humana e Deus proveu para sua redenção e restauração. Criação, providência e provisão de salvação são obra objetiva de Deus. Agora trabalho subjetivo de Deus vamos, aplicando sua poupança de trabalho humano. Examine a verdadeira natureza da salvação recebida e vivida por seres humanos. Depois de se investigar a formação coletiva da fé, isto é, a Igreja. E, finalmente, vemos o cumprimento do plano de Deus, isto é, as últimas coisas.

Outra maneira de ver a nossa análise para ver sistemática está se concentrando no trabalho dos diversos membros da Trindade. O Pai está em destaque na obra da criação e da providência (partes 1-4), o Filho realizou a redenção para a humanidade pecadora (partes 5-8), e do Espírito Santo aplica este criaturas obra redentora Deus humano, tornando a salvação é real (partes 9-11). Portanto, é importante para passar algum tempo estudando a Terceira Pessoa da Trindade, antes de continuar com os frutos de seus esforços.

A importância da doutrina do Espírito Santo

Existem várias razões pelas quais o estudo do Espírito Santo é especialmente importante para nós. Uma delas é que o Espírito Santo é o ponto em que a Trindade se torna pessoal para o crente. Geralmente acreditamos que o Pai é transcendente e que está longe no céu; Da mesma forma, o Filho parece muito longe na história e, portanto, relativamente difíceis de preencher. Mas o Espírito Santo é ativo na vida dos crentes; Ele vive em nós. É a determinada pessoa da Trindade, através do qual a divindade trina opera em nós hoje.

A segunda razão pela qual o estudo do Espírito Santo é especialmente importante é que vivemos em um período em que o Espírito Santo é mais proeminente do que os outros dois membros da Trindade. A obra do Pai foi o mais proeminente no Antigo Testamento, como foi nos dias do Filho que vão desde os Evangelhos até a subida. O Espírito Santo tomou o centro do palco desde o dia de Pentecostes, ou seja, desde o período a partir do livro de Atos e as Epístolas, e os seguintes períodos da história da igreja.

Uma terceira razão para a importância da doutrina do Espírito Santo é a cultura de hoje dá mais importância ao experimental, e é principalmente por meio do Espírito Santo como nós sentimos a presença de Deus dentro de nós e da vida cristã leva uma realidade tangível especial.

Dificuldade em entender o Espírito Santo

Embora o estudo do Espírito Santo é especialmente importante, também é bastante difícil. O entendimento aqui é muitas vezes mais incompleta e confusa do que na maioria das outras doutrinas. Uma razão para isso é que temos menos explícita revelação na Bíblia sobre o Espírito Santo do Pai e do Filho. Talvez isso aconteça porque grande parte do ministério do Espírito Santo é a declarar e glorificar o Filho (Jo. 16:14). Ao contrário de outras doutrinas, há discussões sistemáticas sobre o Espírito Santo. Praticamente, o único tratamento prolongado é feito é o discurso de Jesus em João 14-16. Na maioria dos casos, quando o Espírito Santo é mencionado, ele está em conexão com outra questão.

Um problema adicional é a falta de uma imagem específica. Deus Pai se entende muito bem que a figura de um pai é familiar a quase todos. O Filho não é difícil conceituar porque realmente apareceu em forma humana e foi observado e falou dele como tal. Mas o Espírito é intangível e difícil de visualizar. Para complicar a questão (pelo menos no mundo de fala Inglês) estão a terminologia usada pela King James Version e outras traduções inglesas antigos que referem-se ao Espírito Santo como o "Espírito Santo" (Espírito Santo). Muitas pessoas que cresceram usando essas versões da Bíblia do Espírito Santo concebida como algo que estava sob um lençol branco.

Além disso, surge um problema, como o que as Escrituras revelam sobre a natureza do ministério do Espírito Santo em relação com o Pai eo Filho. Atualmente, o Espírito faz com que o ministério de servir ao Pai e ao Filho, no exercício da sua vontade (que é claro que é). Neste sentido, somos lembrados do ministério terreno do Filho, durante o qual ele era subordinado em termos de Pai. No entanto, essa subordinação temporária da função - o Filho durante Seu ministério terreno e do Espírito durante esta fase - não deve levar à conclusão de que há uma inferioridade em essência também. No entanto, na prática, muitos têm uma teologia não-oficial que vê o Espírito é essencialmente um status inferior ao Pai e ao Filho. De fato, a Trindade pode ser exibido algo como pai, FILHO e espírito santo ou Pai, Filho,

Espirito Santo

Este erro é semelhante ao arianos. Por passagens bíblicas que falam da subordinação do Filho ao Pai durante seu ministério terrestre eles chegaram à conclusão de que o Filho tem uma essência e menos do que o status Pai.

Na última metade do século XX, houve uma controvérsia considerável quando se refere ao Espírito Santo. Na verdade, pode não esse nível popular ou profissional, a doutrina do Espírito Santo tem sido a mais controversa de todo esse período. Consequentemente, há uma relutância em discutir o Espírito por medo de que tal discussão termina em dissidência. Como pentecostais ampliado tanto o Espírito Santo, alguns não-Pentecostal, ansioso para não ser confundido com eles, eles evitam falar sobre isso completamente. Na verdade, enquanto em alguns carismáticos "cristãos" círculos é um distintivo de prestígio, em outros, é um estigma.

A história da doutrina do Espírito Santo

Seria mais fácil de ver a doutrina do Espírito Santo no contexto contemporâneo, examinando sua história passada. As doutrinas particulares têm desenvolvido em taxas diferentes. Isto é, é claro, porque as doutrinas são feitas mais desafiador quando a formulação tradicional ou surge ao desenvolver ou propor novas formas de compreender a doutrina. Isto é o que aconteceu especialmente com a doutrina do Espírito Santo.

Nos primeiros períodos da Igreja, ele disse relativamente pouco do Espírito Santo. A primeira ênfase estava falando do Espírito como uma força motriz e orientação para a produção da Bíblia, a Palavra de Deus. Orígenes, por exemplo, diz que a Bíblia foi "escrito pelo Espírito Santo." Naquela época, pensava-se que tudo o que estava na Bíblia foi transmitida através do trabalho especial do Espírito Santo. A idéia geral era que as Escrituras não só carecia de erros, mas eles não têm nada que fosse supérfluo. Embora uma teoria completa de inspiração não é proposta, houve uma série de teologia cristã que apoiava o ponto de vista de Philo e outros Alexandrino judeus que os autores das Escrituras praticamente tinha sido possuído pelo Espírito Santo ao escrever. O apologeta Atenágoras, por exemplo, descreveu os profetas como as pessoas caem em uma espécie de êxtase, com o Espírito Santo soprando através deles como um músico através de uma flauta.³ No entanto, este é um exemplo extremo de um pouco crença da igreja primitiva. A maioria dos Padres tiveram o cuidado de evitar qualquer sugestão de um papel puramente passivo de escritores. Agostinho, por exemplo, destacou a idéia de que os autores usam as suas próprias memórias dos eventos que aconteceram. O papel do Espírito Santo foi o de estimular e preservar as memórias do erro.

No final do segundo século que estava colocando uma ênfase crescente sobre a divindade do Espírito Santo. Clemente de Roma coordenou os três membros da Trindade em um juramento: ". Como Deus vive, e do Senhor Jesus Cristo vive e viver do Espírito Santo" Assim como ele perguntou: "Será que não temos um só Deus, um só Cristo e um só Espírito de graça derramado sobre nós?"⁶ Tertuliano chamou o Espírito Santo de Deus, observando que há uma substância que o Filho eo Espírito partes, por assim dizer, com o Pai. No entanto, Paulo de Samósata encontrar o ensinamento de que o Espírito era apenas um nome para a graça de Deus derramado sobre os apóstolos.⁸ Irineu no século II, sentiu o Espírito quase como um atributo de Deus, identificando-o com o sabedoria divina. Através dos profetas profetizou ele e através dele os homens eram justos.¹⁰ Orígenes mais longe do conceito do Espírito Santo como parte de uma trindade ontológica. Ele disse que o Espírito Santo é "o mais honrado de tudo o que existe por meio da Palavra sendo o primeiro a avaliar todas essas coisas que foram originadas pelo Pai, por Cristo," não ao contrário idéia de volta crença Arian no Filho. Embora ele insistiu em uma Trindade e salientou que há três hipóstases distintas, de Orígenes distinto de forma tão dramática que alguns consideraram sua teoria como perto de tritheism.¹² também falou de uma subordinação do Filho e do Espírito ao Pai que ambos transcende, se não mais, do que estão fora do âmbito da inferior.

Em certo sentido, o desenvolvimento de um entendimento doutrinário todo o Espírito Santo, especialmente em relação com o Pai e do Filho, foi um acompanhamento e um subproduto do trabalho cristológico feito nos séculos IV e V. Era natural, uma vez que a questão da divindade do Espírito de uma forma contida dentro de si a divindade do Filho. Porque se eu pudesse ter uma segunda pessoa divina, ele poderia ter apenas como facilmente uma terceira.

Desde a época de Orígenes, a reflexão teológica sobre a natureza do Espírito Santo estava por trás da prática devocional. Espírito é reverenciado, mas não ficou claro o seu verdadeiro status. Arius tinha falado do Espírito Santo como uma hipóstase, mas considerou-a muito diferente da do Filho e do Filho essência era completamente diferente do Pai. Eusébio falou do Espírito "em terceiro lugar", "terceira força" e "terceira da Causa Suprema".¹⁵ Ele ainda exegese Fontes João 1: 3, dizendo que o Espírito é "Uma das coisas que lá é através do Filho".

Atanásio foi inspirado para expressar suas idéias, em particular graças aos escritos de alguns a quem ele chamou de "Tropici", um nome derivado da palavra grega *τρόπος* (*tropos*), que significa "figura". Essas pessoas praticado uma exegese figurativa da Escritura, que não era uma prática incomum naqueles dias. Alegaram que o Espírito era uma criatura que tinha sido criado a partir do nada. Especificamente, ele foi considerado um anjo; certamente o anjo mais alto escalão, mas, no entanto, um dos "espíritos ministradores" que faz referência Hebreus 1:14. Você tem que considerar "substancialmente diferentes" (*ἑτεροούσιος* - *heteroousios*) a partir do Pai e do Filho. O Tropici citou textos de prova a apoiar os seus pontos de vista - Amos 4:13 ("Em verdade os montes cria e forma o espírito"); Zacarias 1: 9 ("E o anjo que estava comigo respondeu") e 1 Timóteo 5:21 ("Conjuro-te diante de Deus, o Senhor Jesus Cristo e dos anjos eleitos").

Atanásio respondeu com força para a vista do Tropici, insistindo que o Espírito é totalmente divina, consubstancial ao Pai e do Filho. Seu argumento contém vários itens. Primeiro foi uma refutação da exegese errado de Tropici. Em seguida, ele passou a demonstrar que as Escrituras ensinam claramente que o Espírito "é um lado, ea divindade que está na Tríade". Ele argumenta que, devido a Tríade é eterna e indivisível homogênea e do Espírito, como um membro da mesma, deve ser consubstancial ao Pai e do Filho. Além disso, devido à estreita relação entre o Espírito e do Filho, do Espírito deve pertencer ao Filho essencialmente, tal como o Filho pertence ao Pai. Finalmente, o Espírito deve ser divino, pois é ele que nos torna "participantes de Deus" (1 Cor 3: 16-17 - o Espírito que está em nós nos o templo de Deus faz). Por conseguinte, deve-se reconhecer que o Espírito tem a mesma natureza do Pai e do Filho, e deve ser dada a mesma honra e louvor da mesma maneira.

No entanto, ainda havia várias teorias. Rumo a 380, Gregório de Nissa disse em um sermão que havia diferentes crenças sobre o Espírito Santo. Alguns, disse, considerou uma força; outros perceberam como uma criança; outros pensaram que ele era Deus. E, devido à imprecisão das Escrituras sobre este assunto, outros se recusaram a se comprometer com ele. Mesmo entre aqueles que pensavam que o Espírito Santo era Deus, um mantido como uma opinião particular, outros declararam abertamente e um terceiro grupo sentiu que as três pessoas da divindade Trinity possuíam graus variados.

Entre os grupos mais radicais cristãos sobre este assunto foram macedônios ou Pneumatomachians ("lutadores contra o Espírito"). Essas pessoas se opunham à doutrina da plena divindade do Espírito Santo. No entanto, Basílio, em *De Spiritu Sancto* em 375 insistiu que ele tinha para oferecer ao Espírito Santo a mesma glória, honra e louvor que foi oferecido ao Pai e ao Filho. Basilio insistiu que ele deveria considerar "eles", não "abaixo deles". Ele não chamar a Deus Espírito verbatim, mas disse que "glorificar o Espírito com o Pai eo Filho, porque acreditamos que não é estranho à natureza divina." Do ponto de vista da Basilio, a grandeza do Espírito e da proximidade de seu relacionamento e trabalho com o Pai eo Filho são as principais chaves para entender o seu estado.

Havia grupos carismáticos durante este primeiro período da história da igreja. O mais proeminente eram os alpinistas, com pico na última metade do século II. No dia de seu batismo, Montano falou em línguas e começou a profetizar. Ele afirmou que o Paráclito, o Espírito Santo prometido por Jesus, foi expressa através dele. Acreditava-se que Montano e dois dos seus discípulos foram os porta-vozes do Espírito Santo. Entre suas numerosas profecias ele foi que a Segunda Vinda estava à mão. Os montanistas acreditavam e ensinavam que suas profecias esclarecer as Escrituras e continuariam subindo profetas inspirados pelo Espírito dentro da comunidade cristã. Afirmando estar transmitindo uma ordem do Paráclito, que declarou que o novo casamento era um pecado. Em um tempo em que as práticas da igreja tinha começado a relaxar um pouco, no movimento Montanist destacou um alto padrão de vida cristã. Eles tornam-se seu mais famoso assegurada quando Tertuliano alpinista foi feita. Um movimento semelhante subsequente foi Novatianismo, que floresceu a partir da metade do século III em diante. Este grupo compartilhado com Montanismo profundamente preocupado com a moralidade. No entanto, ele não deu muita importância para a profecia. Nenhum destes grupos teve um efeito duradouro sobre a igreja.

Durante o período medieval pouca importância foi dada ao Espírito Santo. Em parte, isso se deveu à relativa falta de interesse no aspecto experimental da vida cristã, que é, naturalmente, o domínio especial do Espírito Santo. O principal tema que emerge neste período é a inserção da palavra *filioque* no credo. Esta adição, originalmente era visto como uma maneira de refutar o arianismo: o Espírito Santo procede do Pai e ao Filho. Ele cresceu gradualmente oficial, o processo está praticamente concluído no Ocidente para o século IX. No entanto, as igrejas orientais, opor-se à palavra. Eles apontam que João 15:26 fala de o Espírito procede somente o Pai; não o Filho também. A forma original do Credo de Nicéia não continha as palavras "e do Filho" foram adicionados um ocidental. Além disso, as igrejas orientais baseiam a sua rejeição da palavra *filioque* no conceito de *μοναρχία* (*monarchia* - "governo single") do Pai; ele é a única fonte a causa raiz da divindade. Eles poderiam subscrever uma declaração dizer que o Espírito procede "do Pai por meio do Filho", mas não uma frase que diz procede "do Filho". Por conseguinte, o fim é separada das igrejas ocidentais. Embora controvérsia *filioque* foi citado ponto doutrinário, com toda a probabilidade não era questão realmente significativo que dividia Oriente do Ocidente.

A Reforma não produziu nenhuma mudança significativa na doutrina ortodoxa do Espírito Santo. O que encontramos são elaborações e expansões da formulação acima. No pensamento de Lutero, por exemplo, encontramos a idéia de "infusão de amor" do Espírito Santo no coração do crente. Em suas primeiras formulações, a idéia de Lutero foi bastante semelhante à de Agostinho. Isto não é surpreendente, pois Lutero era um monge agostiniano. A infusão do Espírito de amor que visa, por um lado, a presença de Deus na vida do indivíduo, que trouxe resultados em conformidade entre Deus ea vontade humana. O conceito de Lutero também apontou para o combate do Espírito Santo contra a natureza pecaminosa que ainda permanece dentro do indivíduo.

A contribuição especial feito por João Calvino para a discussão da doutrina do Espírito Santo foi na área da autoridade das Escrituras. Como sabemos que eles foram inspirados por Deus e, portanto, realmente a mensagem de Deus? A resposta da Igreja Católica é que a Igreja atesta a divindade das Escrituras. Embora a resposta de Calvino assume diferentes formas, o testemunho do Espírito é o seu ponto central. Não é o testemunho da Igreja, nem força de outros elementos de prova externa, mas o testemunho interior do Espírito Santo, que em última análise fornece a base para que possamos confiar na natureza divina da Bíblia.

Calvin insiste que o testemunho do Espírito Santo é superior à razão. É um trabalho interno que captura as mentes daqueles que ouvir ou ler as Escrituras, produzindo condenação ou certeza de que a Palavra de Deus é o que eles estão ouvindo ou lendo. Esta é uma segunda obra do Espírito Santo sobre a Escritura. Ele, que originalmente inspirou

os profetas e apóstolos para eles para escrever as Escrituras, agora entra em nosso coração, convencendo-nos de que estas Escrituras são verdadeiramente a Palavra de Deus e, portanto, são verdadeiras. Criar segurança, eliminando quaisquer dúvidas que possam surgir.

Calvin teve o cuidado de destacar a união da Palavra e do Espírito. Alguns esperavam que o Espírito Santo irá funcionar independentemente das Escrituras, e espera que o Espírito Santo para trazer novas revelações. Mas Calvin lembrou seus leitores palavras de Jesus em João 14:26, o Espírito não irá lançar uma nova verdade sobre os discípulos, mas para iluminá-los e eles imprimir nas palavras de Jesus.

Quando John Wesley coloca mais ênfase no que se refere ao Espírito Santo é sobre o tema da santificação. Discussão de um trabalho especial de santificação, que é inteiramente produzido em um determinado momento. A obra instantânea de santificação, que é algo completamente diferente para a conversão / regeneração acontece no início da vida cristã é algo de se esperar e olhar. Embora Wesley não usar o termo "batismo do Espírito Santo", considerou o evento como um ato especial do Espírito Santo bastante semelhante ao que mais tarde viria a chamar o Pentecostal "batismo". Ao contrário de Lutero e Calvino, Wesley falou sobre o que poderiam fazer para os fiéis que realizam a obra do Espírito.

Interesse no Espírito Santo teve um longo período de declínio durante os séculos XVIII e XIX. Isto foi devido a um grande número de movimentos, cada qual à sua maneira sentiram o Espírito e seu trabalho eram redundantes ou não credível. Um desses movimentos foi a escolástica protestante. Ele estava no luteranismo e, particularmente, em uma indústria que chamou a inspiração dos escritos de Philip Melancthon. Como havia uma série de discussões doutrinárias, tornou-se necessário definir e refinar mais especificamente crenças. Como resultado, ele começou a pensar mais como uma fé *rechte lehre* (doutrina direita). uma vista mecânico do papel de escritura foi desenvolvida e, por conseguinte, o testemunho do espírito tendiam a ser evitada. A palavra em si, sem o Espírito Santo, foi considerada a base da autoridade. Como a crença em vez de experiência, costumava ser considerado a essência da religião cristã, é cada vez mais negligenciada do Espírito Santo. A doutrina do Espírito Santo raramente tratado como um tema distinto. Seu trabalho foi muitas vezes em curto adicionado a discussões sobre a pessoa ea obra de Cristo.

Um segundo movimento foi Racionalismo. A razão humana foi estabelecido como o padrão supremo. Inicialmente, acreditava-se que a razão poderia justificar todas as crenças do cristianismo. No entanto, essa idéia foi sendo modificado até o princípio de que só posso acreditar que essas coisas que podem ser estabelecidas pela prova racional. Esta nova ênfase na razão significava, por exemplo, que o conceito de Deus tornou-se muito mais geral do que tinha sido previamente. O que podemos conhecer a Deus pela religião natural (isto é, sem revelação especial) é bastante vazio de detalhe. Deus é trino, que há um divino Espírito Santo, não pode ser provado por um exame da natureza. Ainda um outro aspecto a considerar é que começamos a considerar Deus distante da vida humana. Como ele cresceu este deísmo, contradisse diretamente ou, pelo menos, minimizou a imagem bíblica de Deus como profundamente envolvido com a humanidade. Assim, a doutrina do Espírito Santo, que é o canal particular de relação entre Deus e os seres humanos, foi bastante negligenciada.

O terceiro movimento deste período tendiam a suprimir a fazer perguntas sobre o Espírito Santo foi o romance. Embora o romance paga muito mais atenção para o campo de espírito acima do que é puramente intelectual, a *doutrina* do Espírito Santo sofreu com o advento do Romantismo. Porque romantismo na religião, como afirmou Friedrich Schleiermacher, disse que a religião não é uma questão de crença (doutrina) ou comportamento (ética). Isto não é para receber e examinar as doutrinas oferecidos por uma autoridade externa. Pelo contrário, são os sentimentos que constituem a essência da religião e, especificamente, o sentimento de dependência absoluta. Com esta mudança na

abordagem à religião do sentimento de crença, como tais doutrinas tendem a ser redefinido ou perder. Por exemplo, Schleiermacher definiu o Espírito Santo como "o vínculo vital da comunhão cristã como uma personalidade moral."

Apesar desses movimentos, setores do cristianismo que pagaram muita atenção para o Espírito Santo. Em particular, os revivalistas da América fronteira ocidental grande importância à conversão e imediatismo da experiência. A necessidade de tomar uma decisão final de aceitar Cristo era principalmente nas mentes daqueles que ouviram os revivalistas. O arrependimento e a conversão eram palavras-chave nesta abordagem para a fé cristã. E como o Espírito Santo está segurando o arrependimento e renascimento, não podemos ignorar nesta forma de religião pessoal. No entanto, nestas reuniões de avivamento obras normalmente não especiais do Espírito Santo ocorreu como contada no livro de Atos. No entanto, houve um forte aspecto emocional dessas reuniões evangelísticas.

No entanto, no final do século XIX, houve um desenvolvimento que daria o Espírito Santo, no mínimo, em alguns círculos, quase lugar mais proeminente na teologia. Houve alguns casos de glossolalia, ou falar em línguas na Carolina do Norte e em 1896. Em Topeka, Kansas, Charles Parham, o diretor de uma escola pequena Bíblia, ele pediu a seus alunos a estudar o batismo do Espírito Santo em sua ausência. Quando Parham voltou, a conclusão unânime foi que a Bíblia ensina que deve haver um batismo do Espírito Santo posterior à conversão e o novo nascimento, e que falar em línguas é um sinal de que foi recebido esse dom. A 01 de janeiro de 1901, uma aluna, Agnes Othman, pediu Parham pôs suas mãos sobre a cabeça, como a maneira bíblica. Ao fazer isso, e orar de acordo com seu próprio testemunho, o Espírito Santo caiu sobre ela e orei sucessivamente em várias línguas desconhecidas para ela. Outro grupo também recebeu o presente. Este, de acordo com alguns historiadores da Igreja, foi o início do movimento pentecostal.

No entanto, o lançamento real do movimento pentecostal ocorreu em reuniões organizadas por um pregador de santidade, que foi colorido, William J. Seymour. Como você está reunião teve lugar em uma antiga igreja metodista na 312 Azusa Street, em Los Angeles, eles são conhecidos como as reuniões da Rua Azusa. A partir deste início, o fenômeno Pentecostal espalhados por todo os Estados Unidos e outros países, principalmente na Escandinávia. Nos últimos anos, como o pentecostalismo se tornou uma grande força na América Latina e outros países em desenvolvimento.

Por muitos anos o movimento pentecostal era relativamente isolado dentro fator cristianismo. É encontrada principalmente em denominações compostas principalmente de pessoas de classes socioeconômicas mais baixas. Às vezes, suas práticas foram bastante espetacular, mesmo não só falavam em línguas muitos que pertenciam a um grupo específico, mas pela fé curas fez ou exorcismos de demônios. Tais práticas foram em contraste com os cultos das principais denominações.

No entanto, no início da década dos anos 1950, isso começou a mudar. Em alguns lugares que eram praticamente impensável antes, ele começou a praticar glossolalia. Em Episcopal, Luterana, e até mesmo igrejas católicas, ela coloca ênfase especial nas manifestações do Espírito Santo. Houve diferenças significativas entre este movimento poderia ser chamado de neo-pentecostal ou carismática, e a linha tradicional do pentecostalismo que surgiu no início do século XX e continua até hoje. Embora este último formou grupos denominacionais definidos cujos membros pertencem maioritariamente às classes econômicas, neopentecostalismo é mais um movimento transdenominacional, cujos membros vêm principalmente das classes média e média alta. De acordo com classificações de H. Richard Niebuhr, o pentecostalismo provavelmente seria considerado um "cult" e neopentecostalismo uma "igreja".³⁴ Os dois grupos também diferem na maneira de praticar seus dons carismáticos. Em grupos pentecostais tradicionais, os membros podem falar ou orar em voz alta de cada vez. Não é assim com os cristãos carismáticos, alguns dos quais usariam o presente apenas em

tempo de oração privada. As manifestações públicas do dom muitas vezes ocorrem em grupos especiais e não a adoração comum da congregação.

Na década de 1980 ele iniciou outro movimento que se chamou como a "terceira onda" e que coloca mais ênfase nos dons de cura e discernimento espiritual. Ele também insiste no valor probatório dos milagres. Isso é chamado de "evangelismo de poder". O movimento começou com uma palestra sobre "sinais e maravilhas" que contou com John Wimber no Seminário Fuller Escola de Missão Mundial. Ele tomou forma institucional de uma rede de igrejas chamada "The Vineyard."

A natureza do Espírito Santo

A divindade do Espírito Santo

Começamos o nosso olhar mais de perto a natureza do Espírito Santo com seu exame divindade. Ele não está definida tão facilmente como a divindade do Pai e do Filho. Pode-se dizer que a divindade do Pai é simplesmente assumiu na Escritura, que o Filho é afirmada e argumentou, enquanto que a do Espírito Santo deve ser inferida a partir de várias declarações indirectas nas Escrituras. No entanto, existem várias bases sobre as quais deve-se concluir que o Espírito Santo é Deus da mesma maneira e com a mesma intensidade que o Pai eo Filho.

Primeiro devemos notar que várias referências ao Espírito Santo são intercambiáveis com referências a Deus. Na verdade, essas passagens falam dele como Deus. Um exemplo proeminente é encontrado em Atos 5 Ananias e Safira tinham vendido uma propriedade e vinha apresentando algum do dinheiro o resto, como se tudo o que haviam recebido. Como uma repreensão para Ananias, Pedro perguntou: "Ananias, por que encheu Satanás o teu coração para mentir para o Espírito Santo e sustrajeras as receitas provenientes da venda da terra?" (V. 3). No versículo seguinte, ele diz: "Você não mentiu aos homens, mas a Deus." Parece que na mente de Pedro "mentir para o Espírito Santo" e "mentir para Deus" são expressões intercambiáveis. Pode-se argumentar, é claro, tem em mente duas referências diferentes e, na verdade, o que Pedro está dizendo é: "Você mentiu para o Espírito Santo e Deus." No entanto, a declaração no versículo 4 foi aparentemente tentando deixar claro que a mentira não se diga, alguém menos do que Deus, mas o próprio Deus. Então, isso nos leva à conclusão de que a segunda frase é uma elaboração do primeiro, enfatizando que o Espírito a quem Ananias mentiu era Deus.

Outra passagem onde o "Espírito Santo" e "Deus" são utilizados alternadamente é a discussão de Paulo sobre o corpo do cristão. Em 1 Coríntios 3: 16-17 diz: "Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá, porque o templo de Deus, que é você, é santo. " Em 6: 19-20 usa a linguagem quase idêntica: "Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo que habita em vós, o qual tendes da parte de Deus, e vós não sois de vós, Porque fostes comprados com? preço; Portanto, glorifiquem a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, que é Deus "Claramente, para Paulo, para ser um templo do Espírito Santo significa que Deus habita em nós. Combinando a "casa de Deus", com a frase "templo do Espírito Santo" Paulo deixa claro que o Espírito Santo é Deus.

Além disso, o Espírito Santo possui os atributos ou qualidades de Deus. Uma delas é a onisciência: "Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus, porque quem entre o que o homem conhece as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus "(1 Coríntios 2: 10-11). Note-se também a declaração de Jesus em João 16:13: "Quando o Espírito da verdade vier, Ele os guiará a toda a verdade, porque não fala por si mesmo, mas falará apenas o que ouvir, e ele irá mostrar-lhe as coisas eles vêm. "

Ele também fala do poder do Espírito Santo proeminentemente no Novo Testamento. Em Lucas 1:35 as frases "O Espírito Santo" e "o poder do Altíssimo" estão

em construção paralela ou sinônimos. Este é, naturalmente, uma referência para a concepção virginal, um milagre de primeira grandeza. Paulo reconhece que as realizações de seu ministério realizado graças ao "poder de sinais e prodígios, no poder do Espírito Santo" (Rom. 15:19). Além disso, Jesus atribuído ao poder do Espírito a habilidade de mudar os corações humanos e personalidades: é o Espírito que nos convence (Jo. 16: 8-11) e regeneração (Jo. 3: 5-8). Jesus tinha dito sobre a capacidade de mudar o coração humano: "Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível" (Mateus 19:26; ver vv 16-25.). Embora estes textos não especificamente afirmar que o Espírito é onipotente, realmente eles mostram que tem um poder que Deus tem supostamente única.

Outro atributo mais do Espírito colocou-o com o Pai eo Filho é a sua eternidade. Em Hebreus 9:14 fala de "Espírito eterno", através do qual Jesus se oferece. No entanto, somente Deus é eterno (Hebreus 1: 10-12.), Todas as criaturas são temporários. Portanto, o Espírito Santo deve ser Deus.

Além de ter atributos divinos, o Espírito Santo realiza certas obras que são normalmente atribuídos a Deus. Ele estava envolvido, e continua a ser, na criação, tanto na fonte e mantê-lo e dirigi-lo. Em Gênesis 1: 2, lemos que o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Jó 26:13 diz que o Espírito de Deus adorna os céus. O salmista diz: "Você envia teu Espírito, eles são criados [todas as partes da criação enumerados anteriormente] e renovar a face da terra" (Sl. 104: 30).

A evidência bíblica mais abundante sobre o papel do Espírito Santo tentando o seu trabalho espiritual ou em seres humanos. Nós já observamos que regeneração Jesus atribuído ao Espírito Santo (Jo. 3: 5-8). Isto é confirmado pelas palavras de Paulo em Tito 3: 5: "[Deus nosso Salvador] nos salvou, não por obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a Sua misericórdia, pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo ". Além disso, o Espírito ressuscitou Cristo dentre os mortos também nos ressuscitará a nós, isto é, Deus vai trazer-nos através do Espírito: "E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, Ele que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos vivificará também os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós" (Rom. 8:11).

Dê Escritura é outra obra divina do Espírito Santo. Em 2 Timóteo 3:16 Paulo escreve: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça." Pedro também fala sobre o papel do Espírito dar-nos as Escrituras, mas destaca a influência sobre o escritor, em vez de o produto resultante: "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo "(2 Pedro 1:21).

Nossa consideração final para argumentar em favor da divindade do Espírito Santo é a sua associação com o Pai eo Filho com base na igualdade aparente. Um dos mais conhecidos é forma batismal evidência de que é classificada na Grande Comissão: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mt. 28: 19). Pauline bênção em 2 Coríntios 13:14 é outra evidência: "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus ea comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós. Amém. " E, em 1 Coríntios 12, onde Paulo discute os dons espirituais, coordena os três membros da Trindade, "há diferentes dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o mesmo Senhor. Existem variedades de atividades, mas Deus, que opera tudo em todos, é o mesmo "(vv. 4-6). Da mesma forma, primeira saudação epístola de Pedro, liga a três, apontando os respectivos papéis no processo de salvação: "[expatriados da dispersão] escolhidos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo "(1 Pedro 1: 2).

A personalidade do Espírito Santo

Além da divindade do Espírito Santo é também importante notar a sua personalidade. Não é uma força impessoal. Isto é particularmente importante numa altura em que as tendências panteístas estão a ser introduzidos na cultura ocidental por religiões orientais. A Bíblia deixa claro em muitas maneiras que o Espírito Santo é uma pessoa que possui todas as qualidades que isso implica.

As primeiras evidências da personalidade do Espírito Santo é o uso do pronome masculino para representar. Como a palavra πνεῦμα (pneuma) é neutra e pronomes deve concordar com seu antecedente em gênero, número e pessoa, que seria de esperar um pronome neutro é usado para representar o Espírito Santo. No entanto, em João 16: 13-14 encontramos um fenômeno incomum. Quando Jesus descreve o ministério do Espírito Santo, usa um pronome masculino (ἐκεῖνος - *ekeionos*) *onde esperamos um neutro*. O único precedente possível no contexto imediato é "Espírito da verdade" (v. 13). Ou Juan cometeu um erro gramatical aqui para dizer o discurso de Jesus (que é bastante improvável, porque não há nenhum outro erro semelhante no resto do evangelho), ou deliberadamente escolheu usar o masculino para transmitir o fato de que Jesus Ele estava se referindo a uma pessoa, não uma coisa. Uma referência semelhante é encontrada em Efésios 1:14, onde uma cláusula relativa a modificação de um "Espírito Santo" é o preferido de leitura textual ὅς (hos) - "[que] é o penhor da nossa herança, para redenção da adquiriu a posse, para o louvor da sua glória. "

A segunda evidência da personalidade do Espírito Santo é um número de passagens em que ele e seu trabalho são, de uma forma ou de outra, estreitamente relacionadas com pessoas diferentes e os seus postos de trabalho. O termo παράκλητος (Paráclito) é aplicado ao Espírito Santo em João 14:26; 15:26 e 16: 7. Em cada um desses contextos, é óbvio que existe algum tipo de influência abstrato. É também expressamente fala de Jesus como um παράκλητος (1 Jo. 2: 1). Mais importantes são suas palavras em João 14:16, onde ele diz que vai orar ao Pai dos discípulos outra παράκλητος. A palavra "outro" aqui ἄλλος (allos), que significa "um outro da mesma espécie." Em vista das palavras de Jesus que apontam a vinda do Espírito com o seu próprio movimento (ver 16: 7), isso significa que o Espírito é a substituição de Jesus e que irá realizar o mesmo papel. A similaridade de função é indicativo do Espírito Santo, como Jesus, você deve ser uma pessoa.

Outra função que Jesus eo Espírito Santo realizada, e, portanto, serve como um indicador da personalidade do Espírito é glorificar a outro membro da Trindade. Em João 16:14 Jesus diz que o Espírito: "Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará". Um paralelo é encontrado em João 17: 4 em sua oração sacerdotal, Jesus disse que durante seu ministério na terra glorifica o Pai.

Os grupos mais interessantes que o Espírito Santo pode fazer com agentes pessoais são aqueles em que ele está vinculado, juntamente com o Pai eo Filho. Entre os mais conhecidos são a fórmula batismal em Mateus 28:19 e 2 Coríntios 13:14 bênção. No entanto, existem outros exemplos. Judas aconselha: "Mas vós, amados, edificando-vos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo, guardai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna" (vv. 20-21). Pedro aos seus leitores como "escolhidos de acordo com a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus" (1: 2 Pedro 1) endereços. No início de sua mensagem no Pentecostes, ele havia proclamado "Então [Jesus] exaltado pela mão direita de Deus, e tendo recebido do Pai o Espírito Santo prometido e derramou isto que você vê e ouve ... Arrependei-vos e ser batizados cada um de vós em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo "(At. 2:33, 38). Paul também coordena o trabalho dos três, por exemplo, em Gálatas 4: 6: "Porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: 'Abba, Pai!' ". Uma referência similar em 2 Coríntios 1: 21-22: "Aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus, que também nos selou e nos

deu, como garantia, o Espírito nosso coração. " Outros exemplos são Romanos 15:16; 1 Coríntios 12: 4-6; Efésios 3: 14-17 e 2 Tessalonicenses 2: 13-14.

O Espírito Santo também está ligada com o Pai eo Filho em diversos eventos do ministério de Jesus. No batismo de Jesus (Mateus 3: 16-17), das três pessoas da Trindade estavam presentes. Quando o Filho ser batizado, o Pai falou do céu apresentando seu Filho, eo Espírito Santo desceu visivelmente. Jesus disse que o seu poder de expulsar demônios estava relacionada com o Pai eo Espírito: "Mas se eu pelo Espírito de Deus expulsar demônios, que descerá sobre vós no reino de Deus" (Mateus 12:28). A união do Espírito Santo com o Pai eo Filho nesses eventos é uma indicação de que uma pessoa como elas são.

A personalidade de o Espírito Santo também pode ser visto em passagens que agrupados com os seres humanos. Não podemos citar um exemplo. A carta dos apóstolos e anciãos em Jerusalém a Antioquia da igreja continha uma expressão bastante incomum, "Porque pareceu bem ao Espírito Santo ea nós não vos impor maior encargo além destas coisas necessárias" (Atos 15:28.). Este trabalho coordenado do Espírito e líderes cristãos indica o Espírito possui algumas das qualidades que encontramos na personalidade humana.

E, de fato, o Espírito possui certas características pessoais é uma terceira indicação de sua personalidade. Entre os destaques estão a inteligência, vontade e emoções, tradicionalmente considerado como os elementos fundamentais da personalidade. Das várias referências a inteligência e conhecimento do Espírito, citamos João 14:26, onde Jesus prometeu o Espírito ", o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e Eu vos fará lembrar de tudo o que eu disse. " A vontade do Espírito testifica em 1 Coríntios 12:11, que afirma que "todas essas coisas [os vários dons espirituais] que um eo mesmo espírito, dividindo a cada um como ele quer." Que o Espírito tem emoções é evidente em Efésios 4:30, onde Paulo adverte que não se deve entristecer o Espírito.

O Espírito Santo também podem ser afetados como uma pessoa, mostrando a sua personalidade de forma passiva. Pode tentar mentir para o Espírito Santo, assim como Ananias e Safira (Atos 5: 3-4.). Paulo fala do pecado de entristecer o Espírito Santo (Ef. 4:30) e desligá-lo (1 Ts. 5:19). Stephen acusa seus oponentes de sempre resistir ao Espírito Santo (At. 7:51). Embora seja possível para resistir a uma mera força não pode mentir ou entristecer impessoal. E o que é mais, não é o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo (Mateus 12:31; Marcos 3.29). Este pecado, Jesus sugere é mais grave do que blasfemar o Filho, certamente não pode se comprometer com algo que é impessoal.

Além disso, o Espírito Santo está envolvido em ações morais e ministeriais eles só podem ser realizados por uma pessoa. Tais atividades incluem: ensino, regenerar, examinar, discutir, advogado, ordem, testemunha, guia, ilumine, revelar. Uma passagem incomum e interessante é Romanos 8:26: "Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois o que havemos de pedir como nós não sabemos, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos". Certamente Paulo tem uma pessoa em mente. E assim é que toda vez que Jesus fala do Espírito Santo, por exemplo, em João 16: 8: "Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo."

Todas as considerações acima expostas levam a uma conclusão. O Espírito Santo é uma pessoa, não uma força, e essa pessoa é Deus tão completamente e assim como são o Pai eo Filho.

Implicações da doutrina do Espírito Santo

A correta compreensão de quem eo que o Espírito Santo traz algumas implicações:

1. O Espírito Santo é uma pessoa, não uma força indefinidamente. Portanto, ele é alguém com quem podemos ter um relacionamento pessoal, alguém que pode e deve orar.

2. O Espírito Santo, sendo completamente divino, ele deve ser a mesma honra e respeito que damos ao Pai e ao Filho. É louvor apropriado como fazemos com eles. Nós não devemos considerá-lo de qualquer forma inferior a eles, se em algum momento o seu papel é subordinado a eles.
3. O Espírito Santo é um com o Pai eo Filho. Sua obra é a expressão e execução do que os três têm planejado juntos. Há uma tensão entre as pessoas e actividades.
4. Deus não está longe. No Espírito Santo, Deus Uno e Trino chega perto, de fato tão perto que cai dentro de cada crente. Ele ainda tem uma mais íntima entre em contato conosco na Encarnação. Pelo Espírito, Deus tornou-se verdadeiramente Emanuel, "Deus conosco".

42. A obra do Espírito Santo

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Examinar o trabalho do Espírito Santo no Antigo Testamento.
- Descrever a obra do Espírito Santo na vida e ministério de Jesus.
- Mostrar como o Espírito Santo afeta as vidas dos crentes, desde o início da vida cristã e em toda ela.
- Avaliar o fenômeno dos dons milagrosos hoje.
- Tirar conclusões sobre a importância do Espírito Santo em nossos dias.

Resumo do capítulo

Embora tenha havido alguma controvérsia sobre a obra do Espírito Santo no Antigo Testamento é claro que o Espírito estava no trabalho em todo o Antigo Testamento. Foi particularmente proeminente na vida e ministério de Jesus. Ele continua a trabalhar nas vidas das pessoas que Deus chama ao arrependimento e à fé. Orientar o crente desde o nascimento até a maturidade espiritual. Com as mudanças na atitude para com os dons do Espírito que ocorreram nos últimos anos, os dons milagrosos têm assumido um papel significativo em alguns círculos. Eles devem fazer algumas decisões sobre a forma de ver esses dons.

Questões de estudo

1. Mantenha o controle do Espírito Santo no Antigo Testamento. O que se aprendeu com o Espírito durante este estágio?
2. Como ele ministrou o Espírito Santo na vida de Jesus? O que você pode aprender com seu trabalho?
3. Como o Espírito Santo em a vida do crente cristão? Meditar sobre a experiência do novo nascimento e crescimento para a maturidade.
4. Qual é o propósito dos dons foram dados à igreja?

5. Quando você pensa dos dons miraculosos do Espírito, que papel você acha que deve ter os presentes na vida do crente e da igreja? Defenda a sua posição.

6. De acordo com seu estudo, como você resumiria o que você sabe sobre o Espírito?

A obra do Espírito Santo no Antigo Testamento

A obra do Espírito Santo na vida de Jesus

A obra do Espírito Santo na vida cristã

O princípio da vida cristã

A continuação da vida cristã

Os dons milagrosos hoje

Implicações da obra do Espírito

O Espírito Santo é de particular interesse para os cristãos, porque é especialmente através da sua obra que Deus está pessoalmente envolvido na vida dos crentes. Além disso, no passado recente, esta faceta da doutrina tem sido objecto de maior no que diz respeito à controvérsia Espírito Santo. Embora esta controvérsia gira em torno de alguns de seus dons especiais mais espetaculares, que é a base muito estreita sobre a qual construir nossa discussão neste capítulo. A obra do Espírito é uma questão que atinge uma ampla variedade de áreas. As questões controversas devem estar no contexto da actividade mais geral do Espírito.

A obra do Espírito Santo no Antigo Testamento

Muitas vezes, é difícil identificar o Espírito Santo no Antigo Testamento, pois reflete os primeiros estágios da revelação progressiva. Na verdade, o termo "Espírito Santo" é raramente usado aqui. Em vez disso, o termo usado frequentemente é o "Espírito de Deus". Hebraico é uma língua particular, com relativamente poucos adjetivos. Quando um substantivo e um adjetivo usado em espanhol, hebraico tende a usar dois nomes, um deles dependendo genitivo. Por exemplo, quando se fala em espanhol um "homem reto" em hebraico normalmente iria encontrar "um homem de retidão." Da mesma forma, a maioria das referências do Antigo Testamento para a Terceira Pessoa da Trindade são formados por dois nomes *Espírito* e Deus. Não está claro como há uma terceira pessoa envolvida. A expressão "Espírito de Deus" podia entender perfeitamente como uma simples referência à vontade, mente ou atividade de Deus. No entanto, existem alguns casos em que o Novo Testamento deixa claro que uma referência no Antigo Testamento ao "Espírito de Deus" é uma referência ao Espírito Santo. Uma das passagens mais importantes do Novo Testamento é Atos 2: 16-21, onde Peter explica que o que está acontecendo no dia de Pentecostes é o cumprimento do que foi dito pelo profeta Joel: "derramarei o meu Espírito sobre toda a carne" (2:17). Certamente, os eventos de Pentecostes foram a realização da promessa de Jesus: "Recebereis a força quando você vem sobre vós o Espírito Santo" (Atos 1: 8). Em suma, o "Espírito de Deus" do Antigo Testamento é sinônimo com o Espírito Santo.

Existem várias áreas-chave da obra do Espírito Santo no Antigo Testamento. A primeira é a criação. Nós encontramos referências à presença e acção do Espírito de Deus na história da criação: "A terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo eo Espírito de Deus se movia sobre a face das águas" (Gn . 1: 2). O trabalho contínuo de Deus na criação é atribuída ao Espírito. Job escreve: "Seu espírito adorna os céus; sua mão traspassou a serpente veloz "(26:13). Isaías futuro previsível do derramamento do Espírito que traria alta produtividade na criação: haverá desolação "até que sobre nós o Espírito é derramado do alto. Então o deserto se tornará em campo fértil, eo campo fértil é considerado uma floresta "(Is. 32:15).

Outra área geral da obra do Espírito Santo é dar a profecia bíblica e inspirar. Os profetas do Antigo Testamento testemunharam que quando eles falavam e escreviam era para o Espírito veio para eles. Ezequiel fornece o exemplo mais claro: "Depois de falar

para mim, o espírito entrou em mim e me pôs sobre os meus pés, e eu ouvi ele falando comigo" (2: 2; cf. 8: 3; 11: 1, 24). O Espírito entrou povo, assim como inesperados como Balaão (Num. 24: 2). Como um sinal de que Saul foi ungido por Deus, o Espírito desceu poderosamente para ele e profetizou (1 Samuel 10: 6, 10). Peter confirmou o testemunho dos profetas a respeito dessa experiência: "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:21). Além disso, o livro de Atos dá testemunho de que o Espírito tinha falado por meio de Davi (Atos 01:16 ;. 4:25). Como o Espírito Santo produziu as Escrituras, podemos nos referir como "inspirada por Deus" (θεόπνευστος - *theopneustos* - 2 Timóteo 3:16).

Outra obra do Espírito de Deus no Antigo Testamento era fornecer certas habilidades necessárias para várias tarefas. Por exemplo, lemos que ao escolher Bezalel para realizar a construção e amueblase o tabernáculo, Deus disse, "e eu o enchi do espírito de Deus, de sabedoria e de entendimento, e em conhecimento e em toda a arte, para fazer desenhos artísticos para o trabalho em ouro, prata e bronze, para trabalhar pedras e colocá-las, escultura em madeira e trabalhar em todo o labor" (Ex. 31: 3-5). Não está claro se Bezalel tinha todas essas habilidades acima ou se você de repente foram concedidos para executar esta tarefa particular. Também não é claro se continuou possuí-los mais tarde. Quando Zorobabel reconstruiu o templo depois do cativeiro na Babilônia, houve também uma disposição semelhante: "Não por força, nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zacarias 4: 6.).

A administração também parece ser um dom do Espírito. Mesmo Faraó reconheceu a presença do Espírito em Joseph: "E Faraó disse aos seus servos: '? Podemos encontrar outro homem como este, em quem o espírito de Deus é' "(Gênesis 41:38). Quando Moisés precisava de ajuda para levar o povo de Israel, ele levou-o a partir do Espírito para dar aos outros: "E o Senhor desceu na nuvem e falou com ele. Então ele, tirando do espírito que estava sobre ele, e colocá-lo sobre os setenta anciãos. E assim que o espírito repousou sobre eles, profetizaram; mas eles fizeram isso de novo" (Num. 11:25). Aqui, o dom de administração é acompanhada ou implicitamente incluído o dom da profecia. Embora não esteja claro se a capacidade de liderança Joshua foi relacionado especialmente com a obra do Espírito de Deus parece ser uma referência a esse efeito. "Josué, filho de Num, foi cheio do espírito de sabedoria, porque Moisés tinha imposto as mãos sobre ele, e os filhos de Israel lhe obedeceram fazer como o Senhor ordenara a Moisés" (Dt. 34: 9).

Na época dos juízes, a administração pelo poder e os dons do Espírito Santo foi especialmente espetacular. Era uma época em que havia muito pouca liderança nacional. A maior parte do que foi feito foi conseguido com o que hoje chamaríamos de "liderança carismática". Otoniel diz: "O Espírito do Senhor veio sobre Otoniel, que julgou a Israel e foi para a batalha. Senhor entregou nas suas mãos Cusã-Risataim, rei da Síria, e deu-lhe a vitória sobre Cusã-Risataim" (Jud. 3:10). Uma descrição semelhante da chamada é feita a Gideão: "O Espírito do Senhor veio sobre Gideão, o qual tocou a buzina, e os abiezritas se juntaram após ele" (Juízes 6:34.). A obra do Espírito nos dias dos juízes consiste principalmente fornecer o direito de realizar habilidades de guerra. O Espírito Otniel, e isso está indo para a guerra. O Espírito do Senhor vem a Gideão e depois de se certificar de que Israel será solto da sua mão, ele vai para a guerra. Seus soldados são particularmente eficazes, bem acima da proporção de seu número. Da mesma forma, Sansão foi fornecida com uma força extraordinária, quando o Espírito veio sobre ele, e foi capaz de realizar façanhas sobrenaturais: "O Espírito do Senhor desceu sobre ele; Sansão desceu para Ashkelon e matou trinta dos seus homens e tomou as suas roupas, paga com as vestes aos que tinham explicado o enigma" (Jud. 14:19).

O Espírito também dotou os primeiros reis de Israel de habilidades especiais. Nós já observamos que Saul profetizou quando o Espírito veio a ele (1 Samuel 10:10). A unção de Davi também foi acompanhada pela vinda do Espírito de Deus: "Samuel tomou o

chifre do óleo e ungiu-o no meio de seus irmãos. A partir desse dia, Davi veio sobre o espírito do Senhor "(1 Samuel 16:13).

No entanto, o Espírito não só parece incidentes espetaculares. Além das qualidades de liderança e atos heróicos de guerra nacional, ele estava presente na vida espiritual de Israel. Referindo-se a ele, ele é chamado como "bom espírito". Referindo-se a Deus, Ezra lembra o povo de Israel que estavam fornecendo os seus antepassados no deserto: "Você mandou seu bom Espírito, para ensiná-los; não reter o seu maná da sua boca, você deu-lhes água para a sua sede "(Ne. 9:20). O salmista pede a Deus: "Ensina-me a fazer a tua vontade, pois tu és o meu Deus; o teu bom espírito me levar no nível do solo "(Salmo 143: 10). A bondade do Espírito também é visto duas referências feitas a ele como "Espírito Santo". Em cada um há um contraste entre as ações pecaminosas de humana e santidade de Deus. Pedindo que seus pecados sejam apagados, David ora: "Não me lances fora da tua presença e tomar Espírito Santo não te de mim" (Salmo 51:11.). Isaías fala de pessoas "se rebelaram, e contristaram o seu santo espírito [do Senhor]" (Is. 63:10).

No entanto, a qualidade do bem e do Espírito Santo é mais claro se olharmos para o trabalho realizado e os resultados. Ele é descrito para produzir o temor do Senhor e diferentes qualidades de retidão e justiça no Messias prometido (Is. 11: 2-5). Quando o Espírito (Is. 32:15) é derramado, o resultado é a justiça, a justiça ea paz (vv. 16-20). Devoção ao Senhor virá depois do derramamento do Espírito (Is. 44: 3-5). Ezequiel 36: 26-28, uma passagem que anuncia a doutrina da regeneração do Novo Testamento fala de obediência cuidadosa e um novo coração que acompanham a recepção do Espírito de Deus.

As considerações acima representa o Antigo Testamento o Espírito Santo como o produtor das qualidades morais e espirituais de bondade e santidade na pessoa que vem ou onde ele mora. Em alguns casos, no livro de Juízes, sua presença parece ser intermitente e parece estar relacionada a uma atividade ou um ministério específico.

O testemunho do Antigo Testamento antecipa um futuro em que o ministério do Espírito ser ainda mais completo. Em parte, isso tem a ver com a vinda do Messias, sobre quem o Espírito vai descansar em uma maneira e em um grau incomum, como afirmado em Isaías 11: 1-5. Passagens semelhantes são Isaías 42: 1-4 e 61: 1-3 ("O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque me ungiu Senhor me enviou para anunciar a Boa Nova aos pobres, curar os quebrantados. coração, a proclamar liberdade aos cativos presos abertura de prisão ... "). Jesus cita o primeiro versículo de Isaías 61 e indica que eles tê-lo encontrado (Lc. 4: 18-21). No entanto, há uma promessa geral, a promessa de que não é restrito à Cristo. Pode ser encontrada em Joel 2: 28-29: "Depois disto, eu derramarei o meu Espírito sobre toda a carne e profetizarão vossos filhos e vossas filhas; Os vossos anciãos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. Até sobre os servos e servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. " No dia de Pentecostes, Pedro citou esta profecia, indicando que ele já tinha terminado.

A obra do Espírito Santo na vida de Jesus

Na vida de Jesus há uma presença grande e poderosa do Espírito. Até o início de sua existência foi encarnado do Espírito Santo. Tanto a previsão ea história do nascimento de Jesus aponta para uma obra especial do Espírito. Depois de dizer a Maria que ela daria à luz um filho, o anjo explicou: "O Espírito Santo virá sobre ti ea força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; Por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus "(Lc. 1:35). Depois acontecer concepção, o anjo apareceu a José, que estava obviamente confuso, e explicou: "José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que é gerado, o Espírito Santo é "(Mateus 1:20). As palavras com que a narrativa começa são: "O nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe cometeu com José, antes de se ajuntarem, achou-se grávida pelo Espírito Santo" (Mateus 1:18).

O anúncio de que ministério de Jesus de João Batista também destaca o papel do Espírito Santo. Batista foi-se cheio do Espírito Santo, e até mesmo no útero (Lc. 1:15). Sua mensagem salientou que ao contrário de seu próprio batismo, era apenas água, Jesus batizaria com o Espírito Santo (Marcos 1: 8). Mateus (03:11) e Lucas (3:16) adicionado "e com fogo". João não alegam ter o Espírito; e ele diz que ele dá o Espírito. Ele atribuiu ao Messias que virá para o poder do Espírito.

O Espírito está presente dramaticamente desde o início do ministério público de Jesus, se nós nos identificamos com seu batismo quando o Espírito Santo desceu sobre ele sensivelmente (Mt. 3:16, Mr 01:10; Lc 3. : 22, Jo 1:32) .. João deixa claro que João Batista também viu o Espírito e deu testemunho. Nenhum dos relatórios mencionados qualquer instante particular, ou manifestação, nenhum efeito visível ou algo similar. No entanto, sabemos que, imediatamente após Jesus foi "cheio do Espírito Santo" (Lc. 4: 1). Os autores deixam-nos eficazmente deduzido de eventos subseqüentes apenas o que eram as obras do Espírito Santo na vida de Jesus.

O resultado imediato foi que Jesus foi cheio do Espírito Santo sofreu sua maior tentação, ou uma série de tentações no início do seu ministério público. Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo para a situação em que houve a tentação. Em Mateus 4: 1 e Lucas 4: 1-2 descreve Jesus a ser conduzido pelo Espírito Santo ao deserto. A frase de Marcos é mais direto: "Então o Espírito ao deserto" (1:12). Jesus é praticamente "empurrado" pelo Espírito. O que é importante notar aqui é que a presença do Espírito Santo na vida de Jesus leva diretamente e imediatamente a um conflito com as forças do mal. Aparentemente, você tinha que trazer para fora o contraste entre o Espírito Santo e do mal no mundo.

O resto do ministério de Jesus, também realizada sob o poder e direção do Espírito. Isso ficou evidente nos ensinamentos de Jesus. Lucas diz-nos que, após a tentação, "Jesus voltou no poder do Espírito para a Galiléia, ea sua fama se espalhou por toda a região circundante" (4:14). Então ele começou a ensinar em todas as sinagogas. Quando você chegar a sua cidade, Nazaré, Jesus entrou na sinagoga e começou a ler. Ele leu Isaías 61: 1-2, e disse que ele tinha conhecido (Lc. 4: 18-21), confirmando assim que o seu ministério foi o resultado do trabalho do Espírito Santo nele.

O que é verdade dos ensinamentos de Jesus é assim seus milagres, sobretudo o exorcismo de demônios. O confronto entre o Espírito Santo e as forças do mal no mundo é clara. Em certa ocasião, os fariseus diziam que Jesus expulsava os demônios pelo príncipe dos demônios. Jesus apontou a contradição existente nesta declaração (Mt. 12: 25-27) e, em seguida, rebateu "Mas se eu pelo Espírito de Deus expulsar demônios, que descerá sobre vós no reino de Deus" (v 28.). Sua sentença às palavras dos fariseus como "blasfêmia contra o Espírito" (v. 31) e advertindo que "qualquer um que falar contra o Espírito Santo não será perdoado" (v. 32) são a prova de que o que tem Na verdade ele tem para o poder do Espírito Santo. Jesus foi aparentemente negou que ele era a fonte de seus milagres, e em vez disso foi atribuída ao Espírito Santo.

Não só os seus ensinamentos e milagres da vida de Jesus na época era "no Espírito Santo." Quando os setenta retornaram de sua missão e disse que mesmo os demônios estavam sujeitos a eles em nome de Jesus (Lc. 10:17), Jesus "se alegrou no Espírito" (v. 21). Até mesmo suas emoções estavam "no Espírito Santo." Esta é a descrição de alguém completamente cheio do Espírito Santo.

Não há nenhuma evidência de que a presença do Espírito Santo aumenta na vida de Jesus. Há uma série de experiências da vinda do Espírito Santo, assim concepção e batismo. No entanto, há um aumento progressivo dos efeitos da presença do Espírito. Também não encontramos qualquer evidência de fenômenos de êxtase na vida de Jesus. Claro que há momentos em que parece haver alguma urgência para realizar sua tarefa (como quando ele diz "Eu preciso trabalhar as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar". [João 9 4]). Mas encontramos na vida de Jesus, o tipo de fenômeno carismático disse em Atos e Paulo

discute em 1 Coríntios 12-14. Não só existe tal fenômeno que ele tem experimentado é recolhido, mas também temos nenhuma instrução a este respeito dela. Dados os problemas que a igreja foi encontrado em Corinto, os fenômenos de Pentecostes e experiências posteriores em Atos, é surpreendente, especialmente para aqueles que sustentam que a *Sitz im Leben* existencial é o principal determinante do que materiais foram incorporados os Evangelhos, nem a vida pessoal do Salvador e de seus ensinamentos não dão nenhuma indicação de tal carisma.

A obra do Espírito Santo na vida cristã

O princípio da vida cristã

Nos ensinamentos de Jesus vemos que coloca ênfase especial sobre o Espírito Santo para iniciar as pessoas na vida cristã. Jesus ensinou que a atividade do Espírito é essencial tanto na conversão, que a partir de uma perspectiva humana é o começo da vida cristã, e regeneração, que a partir da perspectiva de Deus é o começo.

Conversão é quando o homem se volta para Deus. Ele consiste em um negativo e um elemento positivo: o arrependimento, ou seja, longe do pecado; e fé, ou seja, a aceitação de promessas e obra de Cristo. Jesus falou especialmente de arrependimento e, especificamente, da convicção do pecado, que é o pré-requisito para o arrependimento. Ele disse: "E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais; Do juízo, porque o príncipe deste mundo está julgado" (Jo. 16: 8-11). Sem esta obra do Espírito Santo, não haverá conversão.

A regeneração é a transformação milagrosa do indivíduo e da implementação de energia espiritual. Jesus deixou muito claro a Nicodemos que a regeneração é essencial para ser aceito pelo Pai: "Em verdade, eu vos digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus ... se alguém não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; eo que é nascido do Espírito é espírito" (João 3: 3, 5-6). É claro que a regeneração é um evento sobrenatural, e é o Espírito Santo que produz. A carne (isto é, o esforço humano) não é capaz de efectuar esta transformação. Nem essa transformação pode ser compreendido pela mente humana. Jesus comparou a obra do Espírito, com o vento soprando ", O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sei de onde vem nem para onde vai. Assim é todo o que é nascido do Espírito" (v. 8).

A continuação da vida cristã

A obra do Espírito não termina quando a pessoa se torna um crente. Pelo contrário, este é apenas o começo. Ele realiza outros papéis ao longo da vida cristã.

Um papel do Espírito é treinar. Jesus deixou aos seus discípulos provavelmente surpreso quando ele disse: "Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em Mim, as obras que Eu faço ele fará também; e uma maior vontade, porque eu vou para o Pai" (Jo. 14:12). Essas grandes obras dependia aparentemente ciente de que ele era como a vinda do Espírito Santo, como vocês estavam intimamente ligados. Como os apóstolos foram claramente angustiado com o pensamento de sua partida, ele lhes disse: "Mas eu vos digo a verdade para vós que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; mas se eu for, vou mandá-lo" (Jo. 16: 7). Provavelmente os discípulos, que estavam agora muito mais conscientes de suas fraquezas e deficiências, parecia incrível que eles foram capazes de fazer maior do que ele tinha feito as obras mestras. No entanto, Pedro pregou no domingo de Pentecostes e trezentos acreditava. Para nosso conhecimento, até mesmo Jesus nunca teve tal resposta. Talvez não tantos convertidos reuniu todo o seu ministério autêntico! No entanto, a chave para o sucesso dos discípulos não estava em suas habilidades e pontos fortes. Jesus lhes tinha dito para esperar o

Espírito Santo (Atos 1: 4-5.), Para dar-lhes o poder que tinha prometido, a capacidade de fazer as coisas que ele previu: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra "(v. 8). Isto permitiu-lhes para ter sucesso em sua tarefa no momento, e é um recurso que ainda está disponível para todos os cristãos que querem servir ao Senhor.

Outro elemento da promessa de Jesus foi a de que o Espírito Santo vive no crente e alegrar: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para estar convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; Mas você sabe, porque ele habita convosco e estará em vós "(Jo. 14: 16-17). Jesus era um professor e um líder, mas sua influência foi a palavra e exemplo. No entanto, o Espírito pode afetar mais fortemente porque, vivendo em nós, pode chegar ao centro do nosso pensamento e nossas emoções, e levar-nos a toda a verdade, como Jesus prometeu. Até mesmo o nome usado para o Espírito, neste contexto, sugere esse papel: "Quando o Espírito da verdade vier, Ele os guiará a toda a verdade, pois Ele não falará por si próprio; ele falará apenas o que ouvir, e ele irá dizer- coisas que estão por vir. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará "(Jo. 16: 13-14).

O Espírito tem claramente um papel educativo. No primeiro, ler no mesmo discurso que lembra e explica as palavras que Jesus disse: "Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu Eu te disse "(Jo. 14:26). Jesus também promete: (. Jo 15:26) "Mas quando o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, ele dará testemunho de mim vir." Aqui nós temos a idéia da iluminação através do Espírito Santo, um tema que foi desenvolvido mais plenamente no capítulo 11. Este ministério do Espírito Santo não era apenas para que a primeira geração de discípulos, também ajuda os crentes hoje para compreender as Escrituras. Iluminai é um papel que o Espírito está em causa, porque Jesus é agora permanentemente a cargo de outras características mencionadas nesta passagem (por exemplo, preparando um lugar para os crentes [14: 2-3]).

Um outro ponto de particular interesse é a intercessão do Espírito Santo. Estamos familiarizados com a intercessão de Jesus como sumo sacerdote em nosso favor. Paulo também fala de uma oração de intercessão semelhante pelo Espírito Santo: "Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, porque o que devemos orar, eu não sei, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos. Mas aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus intercede pelos santos "(Rm. 8: 26-27). Portanto os crentes têm a garantia de que quando não sabemos como orar, o Espírito Santo intercede por eles com sabedoria para que a vontade de Deus ser feito.

O Espírito Santo também traz santificação na vida do crente. Por santificação queremos dizer a transformação em curso do caráter moral e espiritual para que a vida do crente reflete verdadeiramente a posição já tem aos olhos de Deus. Embora a justificação é o ato instantâneo de conceder um direito de pé diante de Deus, a santificação é o processo que leva uma pessoa a tornar-se santo ou bom. Anteriormente, em Romanos 8, Paulo fala sobre esta obra do Espírito Santo. O Espírito nos libertou da lei (v. 2). A partir de agora os crentes não andam mais e viver segundo a carne, sua velha natureza, mas o Espírito (v. 4), tendo as suas mentes nas coisas do Espírito (v. 5). Os cristãos vivem no Espírito (v. 9), e do Espírito vive neles, um pensamento que é repetido três vezes (9 vv. 11, duas vezes). Quando o Espírito vive nos crentes, orientá-los e levá-los, e as obras da matriz carne (v. 13). Todos os que são "guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (v. 14). O Espírito trabalha agora dá vida, dando testemunho de que eles são crianças e não escravos, e, portanto, demonstrando claramente que eles são realmente em Cristo (vv. 15-17).

A vida no Espírito é o que Deus quer para todos os cristãos. Gálatas 5, Paulo contrasta a vida no Espírito na vida da carne. Instrui seus leitores para caminhar com o Espírito, em

vez de satisfazer os desejos da carne (16 v.). Se você seguir esse padrão, o Espírito irá fornecer uma série de qualidades que, juntos, é chamado de "fruto do Espírito" (v. 22). Paulo lista essas qualidades: "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (versos 22-23.). Os seres humanos não pode ter essas qualidades em pleno, sem ajuda. Eles são uma obra sobrenatural. A lista de pecados encontrado nos versículos 19-21 - - como o Espírito se opõe a carne se opõem às obras da carne. Portanto, o Espírito Santo na santificação não é apenas o negativo de mortificação da carne (Rom. 8:13), mas também a produção de uma semelhança positiva a Cristo.

O Espírito também oferece alguns presentes especiais para os crentes dentro do corpo de Cristo. Nos escritos de Paulo existem três listas diferentes de tais dons; Há também uma mais curta em 1 Peter (ver Figura 5). Em relação a estas listas para fazer algumas observações. Em primeiro lugar, enquanto todos se referem aos dons do Espírito, sua orientação básica é diferente. 04:11 realmente é uma lista de vários ofícios da igreja, ou as pessoas que são dons de Deus para a igreja. Romanos 12: 6-8 e 1 Pedro 4:11 catalogados várias funções básicas executadas na igreja. A lista de 1 Coríntios é mais uma questão de habilidades especiais. É provável que, quando essas passagens falam de "dons do Espírito", têm coisas diferentes em mente. Portanto, não deve tentar reduzir essas expressões a um conceito ou definição unitária. Em segundo lugar, não está claro se esses dons são dados desde o nascimento, são treinamentos especiais são obtidos em um momento posterior, ou uma combinação de ambos. Em terceiro lugar, alguns presentes, como fé e serviço são qualidades ou atividades que se espera venham a ter todos os cristãos; Em tais casos, é provável que o escritor teve em conta uma capacidade extraordinária em relação a essa superfície. Em quarto lugar, dado que nenhuma das quatro listas inclui todos os dons dos outros, coletivamente não pode envolver todo o conjunto de possíveis dons do Espírito. Portanto, estes, são individual e coletivamente listas ilustrativas de vários dons com que Deus dotou sua igreja.

Figura 5

Dons do Espírito

Romanos 12: 6-8	1 Coríntios 12: 4-11	Efésios 4:11	1 Pedro 4:11
Profecia	Sabedoria	Apóstolos	Falar
Serviço	Conhecimento	Profetas	Ministro
Educação	Fé	Evangelistas	
Exortação	Saúde	Pastores e professores	
Generosidade	Milagres		
Aplicação	Discernimento de espíritos		
Misericórdia		Interpretação de línguas	

Também é importante notar neste ponto que Paul faz algumas observações sobre a natureza dos dons e como eles têm de ser exercido. Estas observações parecem em 1 Coríntios 12 e 14.

1. Os presentes são dados para o corpo (a igreja). Eles são para a edificação de todo o corpo, e não apenas para o prazer e enriquecimento de membros que possuem (12: 7, 14: 5, 12).
2. Ninguém tem todos os dons (12: 14-21), e não é um dom a ser concedido a todas as pessoas (12: 28-30). Por conseguinte, os membros da igreja precisam um do outro.
3. Embora nem todos são igualmente impressionante, todos os dons são importantes (12: 22-26).
4. O Espírito Santo dá dons diferentes para aqueles que querem e como querem (12:11).

Os dons milagrosos hoje

Alguns dos presentes mais espetaculares atraíram muita atenção e causou muita controvérsia nos últimos anos. Estes presentes às vezes são chamados, miraculosas, sinais especiais ou extraordinários dons carismáticos, sendo este último uma expressão em um modo redundante como χαρίσματα (carismas) significa basicamente presentes. O mais frequentemente mencionado é a cura pela fé, exorcismo de demônios, e especialmente glossolalia, ou falar em línguas. A questão tem causado mais controvérsia é se o Espírito Santo ainda dispensa esses dons na igreja hoje ou não, e em caso afirmativo, se são normativa (ou seja, se todos os cristãos podem e devem receber e exercê-los). Como glossolalia é o presente mais importante de tudo, vamos nos concentrar nele. Nossos resultados também servem para avaliar outros presentes.

A fim de compreender corretamente e tratar esta questão controversa precisamos examinar as duas posições sobre ele. O tema da glossolalia foi discutida ao longo do século XX por Pentecostal e nos últimos anos pelo carismático. Sua posição, que se baseia em grande parte em passagens narrativas do livro de Atos, é bastante clara. O argumento geralmente começa com a observação de que após a conversão e regeneração episódios que aparecem em Atos, costumava haver um batismo ou cheios do Espírito Santo e que sua manifestação normal foi falar em uma língua desconhecida. Há alguns que o Espírito deixou de conceder a igreja a indicação presente. Certamente há evidências de que o dom continuou durante toda a história da igreja até o presente. Embora muitas vezes ocorreu apenas em pequenas, grupos relativamente isolados deram a esses grupos uma vitalidade espiritual especial.

Muitas vezes, um argumento experimental é utilizado para apoiar glossolalia. Pessoas que sofreram este presente em si mesmo ou o que tem sido observado em outros uma certeza subjetiva sobre essa experiência. Eles enfatizam os benefícios que a vida espiritual cristã, especialmente revitalizantes nossa vida de oração.

Além disso, os defensores argumentam que glossolalia não é proibido em qualquer lugar nas Escrituras. Escrevendo aos Coríntios, Paulo não censurar o uso adequado do presente, mas o uso indevido. Na verdade, ele diz: "Eu agradeço a Deus por falar em línguas mais do que vós todos" (1 Cor 14:18). Ele também aconselhou seus leitores: "Buscai, no entanto, os melhores dons" (1 Co 00:31) e "os dons espirituais" (1 Coríntios 14: 1). Identificar "melhores dons" e "dons espirituais" com línguas, os defensores Glossolalia concluir que o dom de falar em línguas é tão possível quanto desejável nos cristãos.

Aqueles que rejeitam a idéia de que o Espírito Santo ainda continuam dispensando os dons carismáticos argumentam que historicamente os dons miraculosos cessaram; Eles eram praticamente desconhecidos para a maioria da história da igreja. Quando presente, era geralmente em grupos isolados, caracterizado por ter crenças heterodoxas sobre algumas outras doutrinas importantes. Alguns dos que rejeitam a possibilidade de glossolalia contemporânea usar 1 Coríntios 13: 8 como prova: ". Línguas cessarão" Eles observam a distinção em que o verso entre o verbo usado com "línguas" e usado para

"profecia" e "conhecimento". Não só é uma palavra diferente, mas a voz do meio é utilizado no primeiro exemplo e passiva no segundo. Assim, argumenta-se que as línguas, ao contrário de profecia e conhecimento não se destinavam a ser concedida, até o fim dos tempos, e que já cessaram. Portanto, nenhuma linguagem está incluído nas presentes imperfeitos referência que desaparecem quando a perfeição (vv. 9-10) chega. Alguns teólogos argumentam contra os dons miraculosos que continuam acontecendo com base em Hebreus 2: 3-4: "Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? Esta salvação, que foi anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram, Deus também deu testemunho dela por meio de sinais, prodígios e vários milagres e dons do Espírito Santo, segundo a sua vontade. " A orientação deste argumento é que o propósito dos dons milagrosos era para certificar e autenticar tanto a revelação e encarnação. Quando esse propósito foi cumprido, sendo milagres desnecessários, eles simplesmente desapareceu.

Um segundo aspecto do argumento negativo é a existência de paralelos glossolalia, obviamente, não precisam ser interpretados como dons especiais do Espírito Santo. Ele observa que, por exemplo, são fenômenos similares em outras religiões. Voodoo práticas de certos curandeiros são um exemplo. Além disso, o fenômeno não era exclusivo para os cristãos nos tempos bíblicos. O oráculo de Delfos, não muito longe de Corinto, não fez declarações ao contrário glossolalia encontrados na igreja de Corinto ecstasy. Psicologia também encontrar paralelos entre o falar em línguas e alguns casos de sugestão causados por lavagem cerebral intensificada e terapia de eletrochoque.¹⁹

Um ponto de particular preocupação nos últimos anos tem sido o estudo da glossolalia por lingüistas. Alguns defensores argumentam que as línguas de Corinto Glossolalia foram, como no Pentecostes, línguas que fazem fé. Da mesma forma eles mantêm que as línguas são línguas reais hoje, e qualquer um familiarizado com a linguagem particular que você está falando sobre conseguia entender sem a ajuda de um intérprete. No entanto, outros dizem que, ao contrário das línguas de Pentecostes, línguas de Corinto e hoje são manifestações de sílabas aparentemente não relacionados e, portanto, não mostram as características de qualquer idioma humano conhecido. Este segundo grupo não é afetada pela investigação linguística. No entanto, aqueles que sustentam que as línguas línguas hoje são realmente existentes têm de lidar com muitos casos de glossolalia em que simplesmente não há um número suficiente de recursos de linguagem para classificá-los como tal.

Existe uma maneira de lidar de forma responsável considerações levantadas pelas duas partes em litígio? Como o sujeito tem um efeito significativo sobre a forma como se conduz a vida cristã, e até mesmo o estilo ou o tom da vida cristã, o problema pode não ser não ignorado. Enquanto algumas conclusões dogmáticas podem ser tiradas a partir desta área, se você pode fazer algumas observações significativas.

Quanto ao batismo do Espírito Santo, podemos constatar primeiro que o livro de Atos fala de uma obra especial do Espírito vem depois do novo nascimento. No entanto, parece que o livro de Atos abrange um período de transição. Desde então, o padrão normal foi que a conversão / regeneração eo batismo do jogo Espírito Santo. Paulo escreve em 1 Coríntios 12:13: "Pois em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos quer livres; e foram todos feitos para beber de um só Espírito. " O versículo 12 deixa claro que "um só corpo" é Cristo. Portanto, Paulo parece estar dizendo no versículo 13 que nos tornamos membros do corpo de Cristo ao ser batizado nele pelo Espírito. O batismo do Espírito parece ser, se não igual à conversão eo novo nascimento, pelo menos, em simultâneo com eles.

Mas o que sobre casos de Atos em que é claro que há uma separação entre a conversão / regeneração eo batismo do Espírito? De acordo com a observação acima, que diz Atos abrange um período de transição, a minha interpretação é que esses casos realmente envolver outras pessoas regeneradas antes de receber o Espírito Santo. Eles foram o último dos crentes do Antigo Testamento. Eles foram regenerados porque acreditavam na

revelação que tinham recebido e tinham medo de Deus. No entanto, eles não tinham recebido o Espírito, porque a promessa da sua vinda não poderia ser cumprida até que Jesus não tivesse ressuscitado. (Tenha em mente que até mesmo os discípulos de Jesus, que, claro, já foram regenerados no âmbito do sistema do Novo Testamento não foram cheios do Espírito Santo até o Pentecostes). Mas no dia de Pentecostes, quando eles já foram regenerados acordo com o sistema do Antigo Testamento receberam a Cristo, cheios do Espírito Santo. Assim que isso aconteceu, não houve mais regenera crentes do Antigo Testamento. Após os acontecimentos de Pentecostes, encontramos há outros casos claros de experiência pós-conversão como a dos judeus. O que aconteceu com os judeus como um grupo (At. 2) também aconteceu com os samaritanos (Atos 8.), Aos gentios (At. 10). Depois disso, regeneração e batismo no Espírito Santo foram simultâneos. Para os discípulos de Apolo em Atos 19 parece ser uma questão de crentes não completamente evangelizadas, e que tinham sido batizados apenas com o batismo de João, que era o arrependimento, e não tinha sequer ouvido falar do Espírito Santo. Em nenhum desses quatro casos o batismo do Espírito Santo era algo que eles devem procurar os destinatários, nem há qualquer indicação de que o presente não tem todos os membros do grupo. Este esquema interpretativo parece se encaixar bem com as palavras de Paulo em 1 Coríntios 00:13, com o fato de que a Escritura em nenhum lugar nós pedimos para batizar no Espírito Santo ou por ele e que se diz em Atos.

Na minha opinião, não é possível determinar com certeza se os fenômenos carismáticos contemporâneos são realmente dons do Espírito Santo. Não há simplesmente nenhuma evidência bíblica para indicar o momento em que a previsão de que as línguas cessarão será cumprida. É no mínimo discutível conclusão com base nas diferenças entre os verbos em 1 Coríntios 13: 8 que as línguas cessarão, em algum momento, e profecia e conhecimento em outro. Não há nenhuma evidência histórica clara e conclusiva. A situação é de certa forma como existe na doutrina da sucessão apostólica. Há muitas evidências de ambos os lados. Cada grupo pode citar uma quantidade impressionante de dados que são vantajosas para a sua posição ignorando todos os dados apresentados pelo outro grupo. No entanto, esta falta de certeza histórica não é um problema. Porque mesmo se a história provou que o dom de línguas cessou, não há nada para impedir Deus de reset. Além disso, a evidência histórica de que o presente tem estado presente durante as várias etapas da igreja não aceitaria o fenômeno atual.

Então, o que fazemos é avaliar cada caso em seus próprios méritos. Isso não significa que começar a julgar a experiência espiritual, ou a vida espiritual dos outros cristãos. O que isto significa é que não podemos assumir que todos os que alega ter experimentado uma obra especial do Espírito Santo tem realmente feito. Estudos científicos têm encontrado paralelos suficientes que não são causadas pelo Espírito para que possamos ser prevenida e não ingenuamente acreditam qualquer manifestação deste tipo. É claro que nem todas as experiências religiosas excepcionais podem ser de origem divina, a menos é claro que Deus é um amplamente ecumênico e tolerante sendo a conceder manifestações especiais de Seu Espírito para alguém que não se identifica em absoluto com a fé cristã e pode até mesmo se opõem a ela. É claro que se as forças demoníacas poderia imitar milagres divinos nos tempos bíblicos (por exemplo, mágicos imitou as pragas do Egito, em certa medida), o mesmo poderia acontecer hoje. No entanto, ao contrário de há provas conclusivas de que esses dons não são para hoje e que não pode ser dado no presente. Consequentemente, não se pode generalizar a priori e categoricamente que glossolalia é falsa. Na verdade, ele pode ser extremamente perigoso, como as advertências de Jesus blasfêmia contra o Espírito Santo, fenômenos específicos atribuída à atividade demoníaca.

No final, a Bíblia ensina que o Espírito distribui presentes ou especial de hoje não é um problema para trazer muitas consequências práticas. Porque mesmo que dispensar, não devemos passar a vida olhando para eles. Ele soberanamente distribui; Só Ele determina quem vai receber (1 Coríntios 12:11). Ele escolhe a dar um presente especial,

não importa o que nós estamos esperando ou procura. O que estamos convidados a fazer (Ef. 5:18) é preenchido com o Espírito Santo (apresentar imperativo, o que sugere uma ação contínua). Isso não sugere que nós vamos estar recebendo um pouco mais do Espírito Santo; certamente todos nós temos que completamente Espírito. Em vez disso, o que é que ele tem sobre nossas vidas. Cada um de nós deve aspirar a dar o Espírito Santo todo o controle de sua vida. Quando isso acontece, nossas vidas manifestam os dons que Deus nos quis ter, além de todas as frutas e age para seu treinamento, ele quer mostrar através de nós. Lembre-se, como observado anteriormente, não é um dom que é dada a todos os cristãos, e nenhum presente é mais importante que outro.

Em muitos aspectos, mais importante do que receber certos dons é o fruto do Espírito. Estas virtudes são, na opinião de Paul, a evidência real de que o Espírito trabalha nos cristãos. Amor, alegria e paz na vida de uma pessoa são os sinais mais seguros de que não é uma experiência vital com o Espírito. Em particular, Paulo enfatiza o amor como mais desejável do que qualquer presente, não importa o quão espetacular ele (1 Coríntios 13: 1-3).

Mas qual seria a maneira correta de proceder com relação à prática pública hoje do que seriam os dons bíblicos de glossolalia? Em primeiro lugar, você não deve tirar conclusões com antecedência se o dom é genuíno ou não. Em seguida, você deve seguir o procedimento estabelecido pelo tempo de Paulo. Então, se alguém fala em línguas, deve haver um intérprete para o grupo inteiro poderia ser construído. Apenas uma pessoa deve falar de cada vez e não mais do que duas ou três pessoas por sessão (1 Cor 14,27). Se ninguém está presente, que pode atuar como intérprete, seja o alto-falante ou qualquer outra pessoa, o alegado esteja calado na igreja e restringir o uso das línguas para a devoção pessoal (v. 28). Não proibam o falar em línguas (v 39.); Além disso, não são ordenados em qualquer lugar buscar esse dom.

Finalmente, devemos notar que a ênfase da Escritura é dada em que os dons e não o de recepção. Deus muitas vezes executa obras miraculosas sem envolver agentes humanos. Lemos, por exemplo, em Tiago 5: 14-15, que os anciãos das igrejas tem que orar pelos enfermos. É a oração da fé, e não um trabalhador humano de milagres, que os salva. Qualquer que seja o presente, é a construção da igreja e da glorificação de Deus as coisas que realmente importam no final.

Implicações da obra do Espírito

1. Os dons que nos foram nos deu o Espírito Santo. Devemos reconhecer que eles não são a nossa realização. Eles são projetados para nós para uso na realização de seu plano.
2. O Espírito Santo capacita os crentes em sua vida e serviço cristão. Inadequações pessoais não devem interromper ou desencorajar.
3. O Espírito Santo dá seus dons para a igreja com sabedoria e soberanamente. A posse ou a falta de um dom especial não é motivo de orgulho ou arrependimento. Seus dons não são recompensas para aqueles que procuram ou são qualificados para eles.
4. Nenhum dom é para todos, e ninguém tem todos os dons. A comunhão do corpo é necessário para o pleno desenvolvimento do crente individual.
5. Pode nós confio que o Espírito Santo nos dá a compreensão de entender a Palavra de Deus e guiar-nos para saber o que ele quer de nós.
6. É conveniente abordar a oração ao Espírito Santo, como fazemos com o Pai e do Filho, e ao Deus Uno e Trino. Em tais frases damos graças e pedir-lhe particularmente a continuar a fazer esse trabalho especial que ele está fazendo em nós.

- 43. Interpretação da salvação
- 44. A história da salvação: a predestinação
- 45. O princípio da salvação: aspectos subjetivos
- 46. O princípio de aspectos objetivos salvação
- 47. A continuação da salvação
- 48. A conclusão da salvação
- 49. Mídia e extensão da salvação

43. Interpretação da salvação

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e explicar os detalhes que diferenciam as diferentes interpretações da salvação.
- Identificar e descrever cinco interpretações diferentes de salvação.
- Comparar e contrastar cinco interpretações diferentes de salvação e avaliar qual deles melhor explica a evidência bíblica.

Resumo do capítulo

Ao longo dos anos tem havido diferentes interpretações da salvação, destacando vários aspectos do mesmo. Há cinco performances que se destacaram acima dos outros. A teologia da libertação destaca uma nova ordem econômica e social. Teologia existencial enfatiza a mudança na opinião do indivíduo sobre a vida. A teologia secular acredita que a salvação vem quando as pessoas se afastam da religião para resolver os seus problemas. O atual catolicismo romano desenvolveu uma visão mais abrangente da salvação do que o tradicional. A posição evangélico sustenta que uma mudança total no indivíduo, em seguida, passa por santificação para alcançar glorificação.

Questões de estudo

1. Por que eles diferem em muitos detalhes as teorias de salvação?
2. Quais são as partes da Bíblia destaca a teologia da libertação e por quê?
3. Qual é a distinção de Heidegger entre a existência autêntica e inautêntica?
4. De acordo com Bonhoeffer, como Deus com o mundo secular?
5. O que mudou a posição católica sobre a salvação?
6. De acordo com a postura evangélica, o que faz a salvação?

Detalhes que interpretações di er de salvação
A dimensão temporal
Natureza e extensão da necessidade
Os meios de salvação
A direcção do movimento na salvação
A extensão da salvação
Os objetos de salvação
Interpretações atuais da salvação
Teologias da libertação
Teologia existencial
Teologia secular
Teologia católica romana contemporânea
Teologia Evangélica

A salvação é a aplicação da obra de Cristo na vida dos homens. Assim, a doutrina da salvação tem um particular interesse e relevância, pois tem a ver com as necessidades mais críticas da pessoa. Isto é particularmente evidente para aqueles que entendem os ensinamentos bíblicos sobre o pecado. Por causa da primazia da necessidade na vida dos indivíduos, algumas teologias recentes têm procurado a salvação em primeiro lugar, em seguida, têm lidado com a pessoa e obra de Cristo. Embora esta abordagem tem um valor apologético definida na pregação, tem limitações como um formato para a teologia, porque ele assume que o homem é o melhor juiz de seus próprios problemas e poderia até mesmo levar a uma situação em que o mundo ditar as condições em que Ele será produzido em diálogo com a igreja.

O significado de *salvação* pode parecer bastante óbvio para as pessoas que estão familiarizados com ele. No entanto, mesmo nos círculos cristãos há interpretações muito diferentes do que significa a salvação. Antes de examinar os destaques, seria útil examinar brevemente alguns detalhes que diferem. Nós vamos categorias que podemos usar quando examinamos os diferentes pontos de vista.

Os detalhes sobre as diferentes interpretações da salvação

A dimensão temporal

Existem várias opiniões sobre como a salvação está relacionada ao tempo. Ele é visto como um único evento que ocorre no início da vida cristã, um processo contínuo ao longo da vida cristã, ou um evento que terá lugar no futuro. Alguns cristãos consideram o essencialmente completa no início da salvação vida cristã. Eles dizem: "Nós fomos salvos." Outros vêem a salvação como um processo: "Nós estamos sendo salvos." No entanto, outros acreditam que ele vai ser algo que eles receberão no futuro: ". Vamos ser salvos" Claro que é possível combinar duas ou mesmo todas as três vistas. Nesse caso, os aspectos distintos da salvação (ou seja, a justificação, a santificação, a glorificação) é entendido como acontecem em momentos diferentes.

Se você acredita que a salvação acontece no tempo, então temos de determinar que tipo de tempo que estamos a falar. Em grego, em particular, o verbo usado pode expressar acção pontual ou durativo, ou podem não fazer parte da especificação de tempo. Consequentemente, a salvação e seus aspectos constitutivos pode ser concebido de diferentes maneiras:

1. Um certo número de pontos ...
2. Uma série de processos em lote:

3. Uma série de processos que se sobrepõem:

4. Um único processo continuou com componentes que são distinguidos: ____ | ____
| ____ | ____ | ____ | ____

Natureza e extensão da necessidade

Uma segunda questão está relacionada com a natureza eo alcance da necessidade de ser tratado. De acordo com a visão tradicional, acredita-se que a deficiência humana principal é vertical, sendo separado de Deus. Como a desobediência de Deus, o pecado resulta em inimidade com ele. O que é necessário é para restaurar o relacionamento quebrado entre Deus ea sua criatura. Esta é a visão evangélica da salvação. É caracterizada por termos como "conversão", "perdão", "reconciliação" e "adoção". Um segundo ponto de vista é que o principal problema do homem é horizontal. Poderia ser um indivíduo que não se adapta bem aos outros, ou uma falta básica de harmonia na sociedade em geral. A salvação envolve a eliminação de quebras na corrida, a cura dos relacionamentos sociais e pessoais. A "teologia relacional" cuida desse processo no nível de desequilíbrios e problemas em pequenos grupos individuais. A libertação cuidados teologias de conflitos entre diferentes raças e classes sociais, o fato de que a sociedade está estruturada de tal forma a ser capaz de negar alguns membros as necessidades básicas da vida. Finalmente, existem aqueles que pensam que o principal problema humano é interna. O indivíduo está cheio de sentimentos que devem ser erradicadas: culpa, inferioridade, insegurança. "Adaptação", "auto-compreensão", "auto-aceitação" e "uma maior auto" são as palavras-chave aqui.

Os meios de salvação

A questão de como a salvação é obtida ou como ele é transmitido também é muito importante. Alguns consideram a transmissão de salvação quase como um processo físico. Isso é assim em certos sistemas sacramentalists acreditar salvação ou a graça deve obtê-los através de objetos físicos. Por exemplo, no catolicismo romano tradicional acredita-se que a graça é transmitida e recebida realmente tomando o pão da Eucaristia. Embora o valor do Sacramento depende em certa medida, a atitude interior ou a condição do comunicante, que recebe graça principalmente através do fato físico externo. Outros acreditam que a salvação vem por meio da ação moral. Neste caso, a salvação não é algo que tem tanto um indivíduo ou uma organização e transmitida para outras pessoas, como algo que é criado através da alteração do status quo. Essa idéia de salvação está no movimento do evangelho social e as teologias da libertação. A abordagem defendida por essas ideologias mudam frequentemente secular na natureza, o que significa, por exemplo, o uso de canais políticos normais. As teologias evangélicos representam uma terceira ideia: a salvação pela fé. A fé toma para si o trabalho realizado por Cristo. O receptor, num sentido, é passivo no presente processo. (Essas questões são discutidas mais profundamente no Capítulo 49.)

A direção do movimento na salvação

Uma consideração adicional é a direção do movimento na salvação. Será que Deus obra salvadora indivíduos, fazendo uma transformação pessoal que continua após as mudanças na sociedade e no mundo que inclui os remidos? Ou Deus trabalha, alterando as estruturas de nossa sociedade e, em seguida, usa essas estruturas alteradas para mudar as pessoas que forma?

O movimento Evangelho Social do final do século XIX e início do XX, estava convencido de que o problema fundamental da humanidade não era a sua natureza humana pervertida, mas um ambiente social prejudicial. De acordo com este ponto de vista, os indivíduos mudança não vale a pena, eles serão devolvidos para uma sociedade

corrupta e infectado novamente. Os seres humanos não são essencialmente má. Eles são o que os faz ser o ambiente em que se encontram. Então, ao invés de tentar curá-los para, eles estão corrompidos pela sociedade, temos de alterar as condições que os levam à doença. Poderíamos dizer que os defensores evangelho social estavam propondo uma espécie de ministério espiritual da saúde pública. Sua visão da natureza humana era mais como a de Jacques Rousseau, embora num contexto muito diferente, é claro. Em alguns aspectos, se assemelha ao behaviorismo que diz que a personalidade humana é pouco mais que uma série de padrões de comportamento determinadas pelo ambiente de cada um.

A abordagem oposta foi defendida por aqueles setores do cristianismo conversão enfatizando. Eles sustentam que a natureza humana é fundamentalmente corrupto. Os males da sociedade são o resultado de ser composta de indivíduos maus. Somente quando esses indivíduos são transformados há uma esperança real de que há uma mudança na sociedade. Os indivíduos que mudaram a sociedade mudança final, e não simplesmente porque o todo é composta da soma das partes, mas porque os indivíduos sobrenaturalmente transformado tem a motivação para trabalhar de modo que a mudança na sociedade em geral.

A extensão da salvação

A extensão da salvação é uma preocupação para aqueles que acreditam que a salvação afeta os indivíduos, e não da sociedade. A pergunta é: quem ou quantos membros da raça humana ser salvo? A posição particularista considera que a salvação é baseada em respostas individuais à graça de Deus. Sustenta que nem todos respondem positivamente a Deus; conseqüentemente, alguns vão ser perdidos e outros serão salvos. A posição universalista, por sua vez, sustenta que Deus vai restaurar a relação dos seres humanos com ela para que ela seja como ele foi originalmente destinado. Ninguém vai perder. Há duas variedades na posição universalista. Pode ser particularismo universalista permanecer otimista. Ou seja, você poderia manter o tempo que você precisa para aceitar pessoalmente Jesus Cristo para nós e que todo mundo vai economizar. No entanto, infelizmente, parece que toda a gente tem no passado aceitou a Cristo; Além disso, muitas pessoas nem sequer têm a chance. Conseqüentemente, não é possível pensar que todos nós podemos nos salvar desta forma, a menos que haja algum tipo de semi-consciente em que as condições de salvação podem ser cumpridas. A posição universalista mais comum é assumir que no final Deus de alguma forma possível que todas as pessoas estão em comunhão com ele.

Os objetos de salvação

Alguns argumentam que só os seres humanos, individual e coletivamente, será salvo. Esta ideia considera o resto de apenas criar um cenário em que se desenrola o drama humano; portanto, é apenas incidental ao fato de salvação. No entanto, uma teoria alternativa afirma que existem dimensões cósmicas da salvação. Os seres humanos não estão sozinhos quando se trata de ser afetada pela presença do pecado na criação. Normalmente, seguindo os comentários de Paulo em Romanos 8: 18-25, a teoria alternativa afirma que a salvação em sua forma final, incluirá a restauração de todas as cosmos caídos, que agora está sob o domínio do pecado, puro e condição gloriosa em que foi criado e para o qual foi destinado pelo seu fabricante.

Interpretações atuais da salvação

Teologias da libertação

Um dos movimentos vitais que actualmente propostos sua visão especial da salvação é as teologias grupo para o qual como um todo tem sido chamado de "teologias da libertação". Poderíamos dividir o movimento nas teologias mundo negros, feministas e de terceiros. Especialmente o último é o que tem sido chamado de teologia da libertação. Apesar de algumas diferenças significativas, ocasionalmente causou conflito entre esses grupos, há semelhanças suficientes entre eles para nos permitem tirar algumas características básicas sobre sua idéia de a natureza da salvação.

Uma das coisas que muitas vezes enfatizam é que o problema básico da sociedade é a opressão e exploração das classes mais baixas por aqueles que têm poder. A salvação é para resgatar (ou liberar) desta opressão. O método de libertação irá ser adaptados à natureza da situação específica.

A análise que se faça teologias da libertação condição humana surge de duas fontes. Por um lado, há um consenso de que a abordagem capitalista ou "desenvolvimento" dos assuntos económicos e políticos é inerentemente errado e inadequado. Os capitalistas defendem que não é um processo pelo qual todas as sociedades deve acontecer. O problema com as nações em desenvolvimento simplesmente não ter chegado tão longe no processo de como as nações mais industrializadas. Quando as nações em desenvolvimento ir para a frente, os seus problemas serão resolvidos. No entanto, para os teólogos da libertação que é cada vez mais claro que o desenvolvimento económico das nações mais avançadas ea prosperidade das classes superiores, vem à custa dos menos afortunados. Você pode ver em países latino-americanos o contraste entre os prédios de apartamentos de luxo construídos ao lado de favelas. As empresas internacionais são bem sucedidos porque eles exploram mão de obra barata nas repúblicas de bananas ou similares. Os países ricos usar o poder militar para manter subordinado aos países pobres. Se os países pobres imitar as práticas dos ricos, que não iria resultar em prosperidade para todos. A razão subjacente é que as nações bem sucedidas são bem sucedida precisamente porque manter os outros na pobreza. O fosso entre ricos e pobres continua a crescer. Não só há um monte de gente (incluindo os Estados Unidos) que vivem na pobreza; É que há um grande número de pessoas que, literalmente, não pode viver. Além disso, existem milhões de pessoas que trabalham em condições degradantes e injustas.

A outra motivação para a salvação como libertação de uma exploração é o sentimento que você tem que a Bíblia é identificado com os oprimidos. Os teólogos da libertação reconhecer que sua teologia é parcial na sua abordagem bíblica, mas responder aos escritores bíblicos compartilhados esse viés. A história da obra redentora de Deus é uma história de grupos oprimidos. Desde então, o povo de Israel eram oprimidos pelo Egito. Claro que o livro do Êxodo é um dos favoritos partes da Palavra de Deus para os teólogos da libertação. Na história mais tarde, Israel também estava sob o jugo das nações mais poderosas. Pense dos ataques dos filisteus e em cativeiro pelos assírios e babilônios. A igreja, particularmente mediada que estava se espalhando em direção a território gentio, foi se enchendo de pessoas impotentes, pobres e sem importância em vez de ser composto por pessoas de alta classe social. Feira e Catherine González resumo: "Em primeiro lugar, é verdade que a maior parte da Bíblia está escrito a partir da perspectiva dos impotentes? Provavelmente sim. "

A teologia da libertação, inclinando a Deus para falar através do impotente, conclui que sua mensagem de salvação afeta em particular. Jesus confirmou isso em Lucas 10:21: "Eu te louvo, Pai, ... porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos filhos." O poderoso sábio e deve ouvir a palavra de Deus através das pessoas sem poder como Nathan, Amos, Pedro e Jesus ou ficar sem audiência.

Mas como você vê a natureza da salvação especificamente teologias da libertação? Estas teologias não pretendem ser teorias universais, eles estão muito ligados às realidades políticas concretas. Teorias universais muitas vezes revelar-se os conceitos teológicos de classe média os machos brancos. Em contrapartida, a teologia negra afirma

ser uma maneira de quebrar as influências corruptoras do pensamento branco para desenvolver uma teologia que se baseia em regras e vem de fontes adequadas para a comunidade negra.

Consecutivamente, as teologias da libertação não consideram a Bíblia em sua natureza universal. Quando examinados de perto, parece haver um livro de regras e verdades eternas, mas a história específica. E a história específica da Bíblia não é apenas uma mera narrativa de acontecimentos passados. É também um plano para a redenção da criação de Deus, uma tarefa política a ser realizado.

Embora a teologia da libertação se refere em particular ao concreto questões políticas e históricas, que não se considera apenas como uma teologia fragmentária. Ele se preocupa e tenta toda a teologia cristã. Não só de libertação. Ele é projetado para o tratamento de todas as doutrinas ou temas da teologia tradicional, mas a partir da perspectiva de libertação.

A teologia da libertação não entendem que Deus é impassível, imutável, não ser reconhecível em que eles têm, tradicionalmente, acredita a maioria dos cristãos. Pelo contrário, Deus está ativo. Ele está envolvido no sofrimento dos pobres. Uma prova disso é a sua encarnação, em que Deus, ao invés de permanecer distante e segura, ele veio ao mundo na pessoa de Jesus Cristo e participou de problemas humanos. Na teologia da libertação, Deus permanente e imutável do teísmo tradicional é na verdade um ídolo feito por aqueles que tinham mais a perder com a mudança. Mas, ao contrário, Deus está ativamente envolvido na mudança. Isso significa que ele não é neutra. Uma vez que é a favor da igualdade, Deus não pode nem deve também trabalhar para todas as pessoas. Se sua justiça procura a igualdade, tem que trabalhar ou compensatório de forma desigual em um mundo que já é misturado. Talvez a declaração mais enfática a este respeito é aquela feita por James Cone: "teologia Preto não pode aceitar uma idéia de Deus que não representá-lo em favor de negros e brancos contra. Vivendo em um mundo de opressores brancos, os negros não têm tempo para um Deus neutro ".

A idéia de que a teologia da libertação da salvação tem assumido uma visão particular da humanidade e do pecado. Teologia tradicional muitas vezes salientou humildade e auto-humilhação como principais virtudes da humanidade concebido por Deus. Orgulho, no entanto, é considerado o pecado fundamental. O pecado é muitas vezes considerada uma questão de atitude interna ou malícia privada. No entanto, como liberacionistas, a Bíblia enfatiza a humildade, um atributo que muitas vezes leva à aceitação da opressão. Em vez disso, em passagens como Salmo 8, a Bíblia exalta o ser humano. Além disso, a Bíblia considera orgulho interno como o principal pecado. Servir o interesse dos poderosos, neste contexto, como em outros, a teologia cristã e pregação tendem a ignorar o tipo de pecado que na maioria das vezes a Bíblia condena: "Ai dos que juntam casa a casa e acrescentou fazenda para fazenda para ocupá-lo todos "(Is. 5: 8) !.

Os teólogos da libertação dizem que não há salvação para ser considerado principalmente como vida de um indivíduo após a morte. A Bíblia é muito mais preocupado com o reino de Deus. Mesmo a vida eterna é geralmente colocado no contexto de uma nova ordem social e não se se considera a história e torná-lo parte de sua conclusão. Entenda que a meta da história é fazer justiça nunca foi muito popular entre os poderosos. Se, como a formulação tradicional diz, a história ea eternidade são duas realidades paralelas (ou seja, nem passou), nosso objetivo na história é obter acesso a eternidade. A melhor maneira de conseguir isso é ser humilde e aceitar. Como a principal preocupação do homem é sua alma vai para o céu, na verdade, explorando o corpo que pode estar oferecendo um serviço. Mas como dizem Gonzalez Gonzalez, se a história ea eternidade se cruzam, "se a salvação é para inserir uma nova ordem, que inclui todos os seres humanos, então nós temos que lutar contra tudo o que agora nega que a ordem" . Salve todas as pessoas da opressão é o propósito da obra de Deus na história e, portanto, deve ser a tarefa para aqueles que acreditam nele, usando todos os meios possíveis, incluindo política e mesmo que a revolução necessário.

Teologia existencial

Várias teologias do século XX foram existenciais no sentido de que elas foram construídas desde uma filosofia existencial. Na verdade, em diversos graus, provavelmente, a maioria das teologias do século XX ter incorporado alguns dos existencialismo na formulação de suas doutrinas. No entanto, o que temos em mente aqui são aqueles que têm uma teologia aberta e decididamente existencial na orientação sentido em que a filosofia existencial desempenha um papel importante e significativo. Talvez o mais proeminente representante da teologia existencial neste sentido é Rudolf Bultmann e seu programa de demitologização. Bultmann tentaram interpretar o Novo Testamento e construir uma teologia baseada no pensamento de Martin Heidegger, que ensinava filosofia na Universidade de Marburg quando Bultmann Novo Testamento ensinando lá. Para entender o conceito de salvação Bultmann será necessário resumir alguns dos principais princípios de Heidegger.

O primeiro princípio de Heidegger é a distinção entre o conhecimento objetivo e subjetivo. Conhecimento objetivo consiste em idéias ou refletindo corretamente corresponder com o objeto significado. A atitude do sujeito ou o conhecedor não importa. Na verdade, é potencialmente prejudicial, pois tende a prejudicar os dados. Conhecimento objetivo está buscando várias ciências naturais, que visa identificar, descrever e analisar os dados mais precisos possíveis estão a ser tidos em consideração. Conhecimento subjetivo, no entanto, é bem diferente. Sua principal preocupação não é a precisão da descrição do significado objeto, mas a paixão a implicação subjetiva ou interna bem informados sobre o assunto em discussão ou o objeto do conhecimento. É impossível obter uma compreensão de tipo científico quando se trata de assuntos em vez de objetos. Para os sujeitos, ou seja, outros, humana ou divina, não podem ser incluídos nas categorias formais da lógica. Nosso conhecimento subjetivo de outra pessoa não é o nosso objectivo conjunto de idéias sobre essa pessoa; mas sentimentos por ela. O mesmo se aplica ao nosso conhecimento subjetivo sobre nós mesmos. A verdade sobre nós, portanto, envolve muito mais do que informação factual. Porque enquanto nós podemos ter todos os tipos de conhecimento científico sobre o nosso corpo, saberíamos muito pouco sobre o nosso verdadeiro eu, o que realmente realmente são.

Portanto, do ponto de vista de Bultmann, a Bíblia não é primariamente uma fonte de informações objetivas sobre Deus, o homem e a condição humana. Ele oferece mais *Geschichte* que *Historie*. É principalmente um relato objetivo dos fatos históricos, mas o impacto de vários eventos levou os discípulos. Seu objetivo não é informar, mas para transformar; Não tente adicionar mais informações ao nosso reserva, mas afetam a nossa existência.

No pensamento de Heidegger, há também uma importante distinção entre a existência autêntica e inautêntica. O objetivo da filosofia é produzir uma existência autêntica no indivíduo. A existência real, como o termo indica, é de ser o que é suposto ser, de viver a vida, para que possamos alcançar o potencial humano. Um exemplo de falta de autenticidade é a incapacidade de exercer nossa capacidade de escolher e agir livremente. Fazer algo só porque todo mundo faz, seguindo os ditames da multidão, é incapaz de ser você mesmo. Outro exemplo de falta de autenticidade é a recusa em aceitar que agiu livremente e, portanto, é responsável. Desculpar ou explicar nossas ações com base em algum tipo de determinismo, seja genética, psicológico, social, teológica ou de outra forma não está sendo autêntico. A autenticidade, em contraste, envolve aceitar a responsabilidade por nossas ações. Reconhecendo que o que é que me ajudou como eu sou, eu sou livre para escolher e aceitar a responsabilidade por minhas escolhas. Neste aceitação da responsabilidade Heidegger chamou de "culpa".

Bultmann toma emprestado o conceito de existência autêntica e inautêntica. Duas tendências mencionadas no "homem moderno". Por um lado, há uma tendência de nos levar-nos na vida, cumprindo nossos votos de felicidade e segurança, utilidade e

benefício. Este é o egoísmo e vaidade. Eu amo para os outros e um desejo de aprender, compartilhar e honrar a verdade são subordinados ao desejo de engrandecimento pessoal. Os seres humanos não são apenas desrespeitosos às preocupações e necessidades dos outros, mas também desobedecer os comandos e as exigências de Deus em suas vidas. Ou negar a existência de Deus, ou se eles negam que tenha o direito legítimo à obediência e devoção de sua parte.

A outra tendência do homem moderno é a autonomia. Esta é a crença de que o homem pode alcançar a verdadeira segurança para os seus próprios meios, através da acumulação de riqueza, a proliferação da tecnologia e procurando exercer influência individual ou coletivamente. Esta é, infelizmente, uma esperança inatingível porque há obstáculos intransponíveis como a morte e os desastres naturais. O orgulho humano e continuou acção autónoma constitui uma rejeição ou a negação de tudo o que pretende ser humano. Isso é o equivalente teológico de Bultmann para a existência inautêntica.

Então, qual é a existência real ou salvação? A palavra de Deus "traz o homem de seu egoísmo e esse estado de segurança ilusória que construiu para si mesmo. Ele chama Deus, que está além do mundo do pensamento científico. Ao mesmo tempo, ele chama o homem a ser ele mesmo. "

Como a palavra de Deus vem ao humano, pessoalmente, ele pediu para abandonar sua tentativa de alcançar a segurança por conta própria e encontrar a verdadeira segurança, colocando sua confiança em Deus. Apenas exercendo fé o homem pode acabar com uma existência inautêntica, "cremos na Palavra de Deus significa abandonar toda a segurança meramente humano e superar o desespero que surge da tentativa de encontrar segurança, sempre tentar é inútil. "

Abandonar a tentativa de alcançar a segurança por nós mesmos e colocar nossa confiança em Deus significa contando apenas com algo que não é visto neste mundo, e para o qual não há julgamento terreno. Isso é algo que nós somos relutantes em fazer. No entanto, Bultmann observa que a tendência para restringir a confiança para o que não podemos ver, também é outra forma de autenticidade que caracteriza naturalmente para os seres humanos. Fé significa abandonar a busca para as realidades tangíveis e objetos transitórios. A busca por estas coisas é um pecado, porque ao fazê-lo, excluimos a realidade invisível de nossas vidas e rejeitar o futuro de Deus, que nos é oferecido como um presente. A fé é para abrir nossos corações à graça de Deus, permitindo-nos libertar do passado e levar-nos para o futuro. Também implica obediência: ". Desvie de nós mesmos e deixar com segurança"

Semelhante à idéia de que a salvação é simplesmente uma entrada em degrau à existência autêntica abandonar nossa busca egoísta de segurança e colocar nossa confiança em Deus em seu lugar é o programa de demitologização de Bultmann. As afirmações da Bíblia devem ser tomadas como declarações de verdade objetiva fora de nós mesmos. Em vez disso, eles nos dizem algo sobre nós mesmos. A cruz, por exemplo, deve ser entendida como Gálatas 2:20: "Já estou crucificado com Cristo e já não vivo, mas Cristo vive em mim; e eu vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim. "A mensagem da cruz não é que Jesus foi condenado à morte como uma espécie pagamento substituto feito em uma transação Pai celestial. Isso é um mito. O conceito demythologized da cruz é que cada um de nós deve matar pesquisas de satisfação pessoal e segurança não obteve Deus. Da mesma forma, a ressurreição é para ser entendido como se diz em textos como Romanos 6:11. "Então, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor" Este versículo não está falando com a gente um evento que aconteceu com Jesus. Pelo contrário, ela está expressando a verdade de que, se colocarmos nossa fé em Deus e estão abertos para o futuro, vivemos de uma maneira que nunca fomos. Salvação, então, não é uma mudança na substância da alma, como alguns tendem a entender a regeneração, nem uma declaração judicial de que somos justos aos olhos de Deus, a compreensão tradicional de

justificação. Pelo contrário, é uma alteração da nossa *Existenz*, toda a nossa visão sobre a vida e comportamento.

Teologia secular

Todo o ambiente cultural em que se desenvolve a teologia tem vindo a mudar. Pensava-se que a atividade de Deus era a explicação para a existência do mundo e que estava indo sobre isso, e Deus era o único que resolveu os problemas que os humanos tiveram de enfrentar. Hoje, no entanto, as pessoas depositam sua confiança no visível, no aqui e agora, e explicações que não pressupõem qualquer entidade transcendente ou que vão além da percepção sensorial.

Este ponto de vista diferente vieram de vários canais. Um deles foi o crescimento de explicações científicas. Considerando que parecia anteriormente necessário acreditar que algum ser ou força sobrenatural dera existência deste complexo universo, são agora possíveis explicações alternativas. No passado, a complexidade do corpo humano físico parecia apontar para um designer grande, sábio e poderoso. Porém, a teoria da evolução humana atribuída a complexidade variações casuais combinada com uma luta competitiva pela vida em que aqueles que são mais capazes de se adaptar sobreviver.

Outra razão para a mudança de perspectiva é que a humanidade desenvolveu a capacidade de resolver muitos dos problemas que enfrentamos na vida. Nos tempos bíblicos, se uma mulher era estéril, ele orou a Deus, e ele respondeu, abrindo seu útero para uma criança nascida (1 Samuel 1: 1-20). Acredita-se também que Deus era a fonte do clima. Nos dias de Elias, uma seca de três anos e meio ea grande aguaceiro que se seguiram foram atribuídos a Deus (1 Reis 17-18; James 5: 17-18.). Agora, no entanto, se uma mulher é infértil ter filhos, um ginecologista prescreve um comprimido para a fertilidade e nascimento ocorre (muitas vezes múltiplo)! Se não chove por um longo período de tempo, alguém espalhar iodeto de prata ou de uma substância semelhante nas nuvens e chuva. A humanidade pode controlar ambos: nascimentos e tempo. Já não precisamos de Deus. A raça humana atingiu a maioridade. É capaz de lidar com problemas sem ajuda sobrenatural.

Diante disso, muitas pessoas modernas se tornaram secular. Não que eles tenham conscientemente adotada principalmente uma visão naturalista do mundo, já que muitos deles não têm interesse em questões especulativas. Em vez disso, o que eles têm feito é inconscientemente adotar um estilo de vida que, na prática, não deixa espaço para Deus. Parte dessa visão secular é o resultado de um pragmatismo básica. A comunidade científica tem conseguido atender às necessidades humanas; religião não é mais necessário ou é eficaz. Este é, portanto, uma era pós-cristã.

Há duas respostas possíveis a esta situação, a igreja. Um deles é para ver o cristianismo e secularismo como concorrentes, alternativas de cada um. Se essa posição é adotada, e que foi a tendência nos séculos XVIII, XIX e até hoje, não haverá tentativas de resistir, evitar ou refutar secularismo. Ele vai tentar demonstrar a inadequação do secularismo e da filosofia que o acompanha, humanismo, com sua ênfase na bondade, o valor ea adequação dos seres humanos. Esta é a abordagem da apologética. Tentar provar que a humanidade enfrenta problemas que uma visão de mundo secular não podem tratar. Somente o teísmo cristão pode resolvê-los.

No entanto, nos últimos anos, teólogos cristãos estão cada vez mais adotando um tipo diferente de resposta. É de considerar o secularismo não como um concorrente, mas como uma expressão madura da fé cristã. Um dos antecessores desta abordagem era Dietrich Bonhoeffer. Nos últimos anos de sua vida, ele desenvolveu uma posição que ele chamou de "cristianismo sem religião." A maioria da raça humana não significa que se rebelou contra Deus, é Deus quem está educando seu mais alto criatura terrestre a ser independente. Da mesma forma que os pais sábios ajudar seus filhos a se tornar independente, na secularização Deus vem tentando trazer a raça humana a um ponto de

auto-suficiência. O esforço da apologética refutar o secularismo é, a teoria de Bonhoeffer, uma tentativa de voltar à adolescência adulto, forçando-os a ser dependente, explorando suas fraquezas.²³

Bonhoeffer não acho que Deus estava ausente do mundo secular. Ele acredita-se estar presente na "descrença". Ser cristão não significa ser "religioso", mas humano. Membros seculares da raça humana que tenham atingido a idade da maioridade são "cristãos inconscientes". Afirmamos que a humanidade foi emancipado de Deus como um dom de Deus. O cristianismo deve se traduzir em uma linguagem que as pessoas possam entender secular contemporânea. Devemos ajudá-los a entender que não precisa se tornar cristãos; porque *eles* são cristãos. Evangelismo tradicional cometeu o erro de fazer as pessoas religiosas para fora em vez de fazer a Christian (ou seja, auto-suficiente e totalmente humano). Bonhoeffer foi particularmente oposto ao aspecto interno, pessoal de fé cristã tradicional, o status final da religião.

Os escritos de Bonhoeffer sobre este assunto são fragmentários. Se não tivesse sido executada, sem dúvida ele teria se desenvolvido muito mais. Coube a outros para coletar e desenvolver as suas ideias. John AT Robinson na Grã-Bretanha e os teólogos da morte de Deus nos Estados Unidos têm sido os principais defensores da teologia secular. Entre estes últimos, Thomas JJ Altizer alega que o secularismo tem base ontológica. O Deus primária ou transcendental tornou-se plenamente imanente no mundo. Este foi um longo processo que culminou na encarnação de Jesus. Deus agora tem um mundo exterior dependente em-e o status raça humana. Conseqüentemente, você não será encontrado no louvor público ou por devoção pessoal. É mais provável que seja capaz de encontrar nos envolvermos no movimento dos direitos civis e em casos semelhantes.²⁸

Em suma: a teologia secular rejeita o entendimento tradicional da salvação que é separado do mundo e receber a graça sobrenatural de Deus. Em vez salvação trata de uma forma mais difusa. Não tanto para salvar por salvar a religião como religião. Nossa habilidade de perceber e utilizar, tornar-se independente de Deus, para amadurecer, para aceitar a nós mesmos e se envolver no mundo: que é o verdadeiro significado da salvação. A maioria das pessoas, mesmo aqueles fora da igreja, já estão experimentando essa salvação. Na verdade, tendo em vista a atual orientação "religiosa" da Igreja, estes estão fora pode ser mais genuinamente cristã do que aqueles dentro da igreja.

Teologia católica romana contemporânea

É difícil caracterizar o atual pensamento Católica Romana sobre qualquer assunto, porque, apesar de haver um momento em que a posição oficial da Igreja Católica Romana foi consistente na maioria das questões, agora parece que só há uma grande diversidade. Critérios doutrinários oficiais ainda estão vivos, mas agora complementar, e em alguns casos parecem contradizer, com declarações subsequentes. Estas declarações posteriores têm as conclusões do Concílio Vaticano II e as opiniões publicadas por estudiosos católicos individuais. Você precisa ver algumas dessas declarações na relação com o contexto tradicional da igreja.

A posição oficial da Igreja Católica tem sido de que a igreja é o único canal da graça de Deus. Essa graça é transmitida através dos sacramentos da Igreja. Aqueles que estão fora da igreja oficial e organizado não pode receber. Básica com essa visão tradicional é uma clara distinção entre natureza e graça. A natureza do homem é composto de duas partes: uma capacidade passiva para a graça e um desejo ou anseio de graça. Os seres humanos, no entanto, são bastante incapazes de satisfazer esses aspectos de sua natureza através de suas próprias realizações. Isso exige a graça de Deus, entende-se que a vida divina é dada à humanidade por Deus.

Esta posição tradicional tenha sido modificado em vários pontos. Uma delas diz respeito ao conceito de natureza humana. Aqui Karl Rahner se tornou uma das obras mais impressionantes. Descrevendo a humanidade, pois é para além da igreja e seus

sacramentos, Rahner fala de "sobrenatural existencial". Com isso ele quer dizer não só que os seres humanos têm em si o potencial de conhecer a Deus, mas esse potencial já está sendo exercido activamente. Você não pode estar totalmente longe de graça. Graça está presente até mesmo dentro da própria natureza.

Em suas discussões sobre as religiões não cristãs Concílio Vaticano II apareceu para permitir a graça de estar presente na natureza. Destacando a origem eo destino comum de todos os seres humanos. Diferentes religiões representam diferentes perspectivas sobre o mesmo mistério da vida. A graça de Deus está em todos eles, embora em graus variados. Assim, os católicos são instruídos a "reconhecer, preservar e promover o bem espiritual e moral" que, entre os seguidores de outras religiões.³²

Será que a presença da graça na natureza significa que nenhuma graça para além da igreja e fora dela? Este é o dilema que enfrenta a igreja. Será que o mandamento de Deus forçando os seres humanos de saber não significa que há alguma maneira pela qual podemos conhecer? A resposta global do catolicismo contemporâneo tem sido tanto a afirmar que todas as pessoas podem conhecer a Deus como para continuar a insistir na exclusividade do papel da igreja na salvação. Esta resposta tem exigido uma igreja maior e seu conceito de adesão.

A posição tradicional da Igreja Católica tem sido que a união com a Igreja é necessária para a salvação, porque a igreja tem os meios para a salvação. Se a verdadeira unidade não for possível, Deus aceitará vez um sincero desejo de ter essa união. Embora a verdadeira união com a igreja não é indispensável, completa separação não é aceitável. Yves Congar em vigor argumenta que existem graus de participação na Igreja. Enquanto a maioria da raça humana não tem uma conexão visível e oficial com a Igreja, no entanto, não é o que é chamado de filiação invisível. Onde quer que haja salvação, há também a igreja. Isso inverte a fórmula tradicional segundo a qual a presença da igreja encarna salvação.

O Concílio Vaticano II adotaram uma postura semelhante à de Congar: o povo de Deus não se limita à igreja hierárquica visível. O povo de Deus é dividido em três categorias de acordo com o grau de envolvimento na igreja:

1. católicos que são "embutidos" na igreja.
2. não-católicos cristãos, que são "ligadas" à Igreja. Embora a situação não é tão seguro quanto os católicos romanos, temos igrejas genuínas e não são separados completamente de Deus.
3. Os cristãos que estão "relacionados" à igreja.

O terceiro grupo inclui aqueles que Rahner chamou de "cristãos anônimos". O fato de que as pessoas estão fora da Igreja Católica visível (ou Igreja Cristã) não significa que você está separado da graça de Deus. Cristo morreu por eles, e não devemos negar essa graça. Os conceitos de graus de pertinência e cristãos anônimos permitiram a igreja para garantir a possibilidade de graça sem os seus sacramentos, mantendo sua autoridade.

Também foi discutido na igreja sobre a natureza da salvação. Tem havido uma maior abertura ao conceito protestante clássico da justificação. Neste sentido, o trabalho de Hans Küng sobre a teologia de Karl Barth tem sido particularmente significativa. No passado, o catolicismo se misturavam o que os protestantes denominado justificação e santificação em um conceito, a graça santificante. No entanto, Küng fala de aspectos objetivos e subjetivos de justificação. O primeiro corresponde ao que os protestantes comumente chamado de justificação. Neste aspecto da salvação humana é de Deus passiva e ativa. Este último corresponde, aproximadamente, ao que os protestantes muitas vezes chamado de santificação; aqui o homem está ativo. Küng observa que Barth destaca o primeiro, enquanto o Concílio de Trento enfatiza a segunda. No entanto, não há conflito entre Barth e Trent.³⁶ Para além do conceito protestante da justificação, a Igreja Católica tornou-se a interpretação mais tolerante também Luther teve graça.

Em suma: a Igreja Católica nos últimos anos tem sido mais aberto à possibilidade de que alguém de fora da igreja visível e, talvez, alguém que não está em tudo que diz ser cristão, para ser receptor gracioso. Como resultado, a compreensão católica da salvação de uma forma tornou-se mais amplo do que o conceito tradicional. Além disso, o entendimento atual inclui dimensões que são normalmente associados com o protestantismo.

Teologia Evangélica

Ortodoxo tradicional ou posição evangélica sobre a salvação está intimamente relacionado com a maneira ortodoxa de compreender o problema humano. De acordo com este entendimento, a relação entre o homem e Deus é o principal. Quando isso não vai bem, as outras dimensões da vida também são afetadas negativamente.

Os evangélicos entendem que as Escrituras indicam que há dois aspectos principais do problema humano do pecado. Primeiro, o pecado é um relacionamento quebrado com Deus. O homem não foi capaz de cumprir as expectativas de Deus, seja por transgressão dos limites da lei de Deus ou porque não fazer o que é ordenado na mesma. Desviar-se dos resultados de advocacia em um estado de culpa ou a possibilidade de ser punido. Em segundo lugar, a verdadeira natureza da pessoa é prejudicada por ter se desviado da lei. Agora há uma inclinação para o mal, uma inclinação para o pecado. Não é, por assim dizer, uma preferência a afastar-se do poço, de modo que a pessoa, por natureza, para fazer mal. Você normalmente seria chamado corrupção, e é frequentemente mostrado por confusão interna e conflito. Além disso, como nós vivemos no meio de uma rede de relações pessoais, a ruptura em nosso relacionamento com Deus perturba nossas relações com os outros. Pecado mesmo adquire dimensões coletivas: toda a estrutura da sociedade provoca danos e prejuízos para os indivíduos e grupos minoritários.

Certos aspectos da doutrina da salvação se relacionam com a sua condição diante de Deus. O estatuto jurídico do indivíduo deve mudar de não culpado a culpa. Eles estão sendo declarado justo ou correto aos olhos de Deus, ou que se considere cumprir todas as exigências divinas. O termo aqui é teológica justificação. Uma é justificada pela união legal com Cristo. No entanto, é preciso mais do que um mero perdão do pecado, porque a intimidade quente que deve caracterizar uma relação com Deus é perdida. Este problema foi corrigido pela adoção, em favor de Deus é restaurado e estamos autorizados a reivindicar todos os benefícios fornecidos pelo Pai amoroso.

Além da necessidade de restaurar a nossa relação com Deus, há também a necessidade de alterar a condição do nosso coração. A mudança fundamental na direção de uma vida a partir de uma inclinação para o pecado no sentido de um desejo positivo de viver em retidão é chamado de *regeneração* ou literalmente nasceu de novo. Trata-se de uma verdadeira mudança em nosso caráter, uma infusão de energia espiritual positiva. No entanto, este é apenas o começo da vida espiritual. A condição espiritual do indivíduo vai progressivamente alterando; uma na verdade torna-se mais santo. Esta mudança progressiva subjetiva é chamado de *santificação* ("tornar santo"). Santificação chegar a um fim na vida após a morte, quando a natureza espiritual do crente será melhorada. Isso é chamado de glorificação. Manutenção individual de fé e compromisso com o fim pela graça de Deus é a perseverança.

Como fizemos em outras questões, vamos adotar a postura evangélica em salvação. Embora Deus está preocupado com todas as necessidades humanas, individuais e coletivas, Jesus deixou claro que o bem-estar espiritual eterna do indivíduo é infinitamente mais importante do que satisfazer as necessidades temporárias. Tomemos por exemplo, o seu conselho em Mateus 5: 29-30: "Portanto, se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti, pois é melhor para ti que um dos teus membros se perca, e não que todo o teu corpo lançado no inferno. E se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a fora, pois é melhor para ti que um dos teus membros se perca do que

todo o teu corpo seja lançado no inferno. " Sua pergunta retórica em Marcos 8:36 levanta a mesma pergunta: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma" a preocupação de Deus para o bem-estar eterno imagem espiritual e bíblica do pecado humano de Eles são uma evidência convincente do ponto de vista evangélico sobre a salvação. Vimos no capítulo 28 que o pecado se origina no indivíduo através da escolha voluntária ao responder à tentação. E observamos no Capítulo 30 natureza radical e absoluta do pecado. Este "depravação total", como é chamado, significa uma transformação radical e sobrenatural da natureza humana de perdoar e é necessário recuperação do favor de Deus.

44. A história da salvação: a predestinação

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Defina e descreva a doutrina da predestinação.
- Trace o desenvolvimento da predestinação de Agostinho para Wesley.
- Compare, contraste e analisar a idéia da predestinação de calvinistas, arminianos e Karl Barth.
- Desenvolver uma solução significativa para o problema da predestinação.
- Identifique pelo menos quatro conclusões decorrentes da doutrina da predestinação.

Resumo do capítulo

Predestinação é a escolha que Deus fez as pessoas para a vida eterna ou morte eterna. Historicamente, a doutrina originou a disputa entre Agostinho e Pelágio. Ele recebeu um impulso na Reforma e continua até o presente. uma solução significativa é sugerido e quatro implicações da doutrina são identificados.

Questões de estudo

1. Como você distinguir entre a visão de Agostinho e Pelágio?
2. Que perspectiva medieval teólogos assumiu a doutrina da predestinação?
3. Comparar e contrastar as teorias dos reformadores com Arminius e Wesley.
4. Como se diferenciar entre as perspectivas dos calvinistas, arminianistas subseqüentes e Karl Barth?
5. Desenvolver uma teoria sobre a predestinação e defendê-la.
6. Que implicações surgem a partir da doutrina da predestinação e como você avalia isso?

De todas as doutrinas da fé cristã, certamente um dos mais intrigantes e menos compreendidas que é da predestinação. Para muitos, é escuro e até mesmo estranho. Para outros, é uma incursão desnecessária em algo que ultrapassa a capacidade de compreensão humana. Essa atenção ao detalhe teológico é considerada discutível. Eles podem ter se tornado mais piadas sobre esta doutrina sobre todas as outras doutrinas juntos. No entanto, como mencionado revelação bíblica, o cristão não tem escolha, mas para perguntar o que significa, mas seu significado é difícil e obscuro.

É necessário definir com precisão o que se entende pelo termo predestinação. Enquanto alguns usá-lo como sinônimo de "pré-determinação" e "escolha", para os nossos propósitos aqui, "predestinação" é meio caminho entre especificidade "predeterminação" e "escolha". Nós consideramos predeterminação como o conceito mais amplo, denotando a vontade de Deus concernente a todas as coisas que acontecem, seja a sorte de estar em execução um indivíduo ou uma pedra caindo. "Predestinação" significa que Deus faz a seleção de indivíduos para a vida eterna ou morte. A "escolha" é a escolha de uns para a vida eterna, é o lado positivo da predestinação.

Desenvolvimento histórico da doutrina

Como diferentes formulações da doutrina estão ligados a outros desenvolvimentos, tanto na teologia e da cultura em geral, pode ser útil introduzir a doutrina com uma visão geral do seu desenvolvimento através dos séculos da Igreja até o ponto onde eles articulam as formulações clássicas. Tal como acontece com outras doutrinas, a doutrina da predestinação permaneceu forma pouco desenvolvida até desentendimentos surgiram graves sobre ele. Houve, particularmente no Ocidente, uma crença crescente em pecado humano ea consequente necessidade de divina graça transformadora. No entanto, em geral, as implicações lógicas desta crença não está preparado para Agostinho. Sua experiência pessoal da graça de Deus permitiu-lhe ver mais claramente do que outros o ensino da Escritura sobre estas questões. Não devemos pensar que a sua experiência determinou que ele encontrou nas Escrituras. Pelo contrário, a experiência sensibilizados ele, que ele se identificar com o que encontrou lá e, assim, entender melhor.

Mesmo antes de conhecer o pensamento de Pelágio, Agostinho tinha muito desenvolvido sua própria idéia da situação humana. Ele enfatizou a idéia de que Adam tinha começado a vida realmente livre. As únicas limitações à sua vontade e suas ações eram inerentes limitações impostas pela própria natureza da humanidade. Assim foi, por exemplo, a possibilidade de mudança, incluindo a possibilidade de dar de volta para a direita.⁴ Quando Adão pecou, sua natureza foi tingida. Agora inclinado a fazer o mal, ele transmitiu a sua propensão para o pecado a seus descendentes. Como resultado, a liberdade de abster-se do pecado e fazer o bem é perdido. Isso não significa que o livre arbítrio, em geral, foi perdido, mas agora usamos essa liberdade, invariavelmente, de maneiras contrárias ao propósito que Deus tinha para nós. Sem a ajuda de Deus, nós não somos capazes de escolher e fazer o bem.

As idéias de Pelágio esclareceu o pensamento de Agostinho, forçando-o a ir além de seus limites originais. Pelágio, monge britânico, tinham se estabelecido em Roma, e lá se tornou um professor popular. Foi principalmente um moralista, em vez de um teólogo per se. Preocupado que as pessoas viviam no mais virtuoso possível, ele pensou Augustine colocar a tônica sobre a corrupção da natureza humana e seu corolário, a incapacidade humana, era uma época desmoralizante para todos esforço genuíno para viver retamente e também insultar a Deus.⁷ Deus fez homens diferentes para outros seres da Criação que

se refere a não estar sujeitos às leis da natureza. Os seres humanos têm liberdade de escolha. Este dom de Deus devem ser utilizados para cumprir os propósitos de Deus.

Pelagio desenvolveu seu sistema de acordo com esta idéia básica. Seu primeiro princípio é que cada pessoa vem ao mundo com uma vontade que não tem viés em favor do pecado. Queda de Adão não tem efeito direto sobre a capacidade dos seres humanos para fazer a coisa certa e fazer o bem, porque cada indivíduo foi criada diretamente por Deus e, portanto, não herdada de Adão mal ou uma tendência para o mal. Certamente Deus perdoa todos os seus pecados as pessoas não assumem a responsabilidade pelos pecados dos outros. O único efeito do pecado de Adão em seus descendentes, portanto, é dar um mau exemplo. Nós não herdamos a sua corrupção e culpa.¹⁰

Além disso Pelagio sustentou que Deus não exerce qualquer força em qualquer um para escolher a direita. A influência que ele exerce é através da ajuda externa. Há um trabalho interno de Deus na alma. Em particular, não faz eleição especial de determinadas pessoas à santidade. Graça está disponível para todas as pessoas igualmente. É constituída por livre e espontânea vontade, a compreensão de Deus através da razão, a lei do exemplo de Moisés e Cristo. Todo mundo tem a mesma oportunidade de se beneficiar desses dons da graça. O progresso na santidade só pode ser feito com base no mérito, e predestinação que Deus faz as pessoas é inteiramente baseado em sua capacidade de fornecer a qualidade de suas vidas.¹² Pode-se concluir que é possível viver sem pecado. E Pelagio realmente tirar essa conclusão. Se Deus disse: "Sede santos, porque eu sou santo, o Senhor vosso Deus" (Levítico 19: 2.); e ele teria ordenado: "Sede vós pois perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt. 5:48), se estar sem pecado não era uma possibilidade para os seres humanos?

Em resposta a esta posição, Agostinho desenvolveu sua teoria da predestinação. Ele ressaltou a gravidade do pecado de Adão, culpando apenas o ato de vontade de Adão. Mas esse pecado não foi apenas o pecado de Adão. Estávamos todos um com ele e, portanto, participar no seu pecado. Como a alma humana vem de nossos pais através do processo generativo, estivemos presentes em Adão e pecou nele e com ele. Isto significa que todos os seres humanos começam a vida em uma condição muito danificado. Agostinho argumenta que a imagem de Deus foi completamente destruído, mas sustenta que nós perdemos a liberdade que Adão não pecou.¹⁵ Sem graça de Deus, nós somos incapazes de evitar o pecado e fazer o bem requer uma graça mesmo maior. Isso não significa que os seres humanos não são livres. Eles têm opções, mas estas opções são todos pecadores por natureza. Os seres humanos são livres para escolher, mas apenas entre um pecado ou de outra. A graça de Deus restaura a liberdade plena; opção nos leva de volta para não pecar e fazer o bem. Esta graça, embora atraente, não trabalhar contra a nossa vontade, mas em harmonia com ela. Deus trabalha de tal maneira em relação à nossa determinação de que nós escolher livremente o bem. Deus, sendo onisciente, sabe exatamente em que condições podemos escolher livremente o que querem, e trabalho para produzir tais condições. Sem este trabalho especial de Deus, não podemos escolher ou fazer o bem. Embora nós sempre temos o livre arbítrio, somos livres para escolher e fazer o bem somente quando Deus nos dá essa liberdade.¹⁷

Essa linha de argumentação leva Agostinho a predestinação. Porque se nós fazer o bem somente se Deus escolhe para fazê-lo em relação à nossa vontade e se infalivelmente bom se Deus assim o desejar, podemos escolher fazer o bem ou parece ser inteiramente devido ao que Deus queria fazer. Portanto, é uma questão de Deus escolhe para dar graça a alguns e não a outros. Deus fez esta escolha desde toda a eternidade, e escolheu exatamente o número necessário para substituir os anjos caídos. Esta escolha de certas pessoas de modo algum dependente dele para ser informados com antecedência sobre o que eles vão para, como qualquer boa obra depende dele para dar-lhes a sua graça.¹⁹ realmente não é resposta para a questão de como Deus decide que vai receber a sua graça e que será deixado na sua condição pecaminosa. Escolha de acordo com seu desejo. No entanto, não há injustiça neste, e que a justiça resultaria em Deus condenar

todos eles. É só por um ato de grande compaixão que salva alguns. O condenado obter exatamente o que eles merecem. Os escolhidos recebem mais do que eles merecem.

Os ataques diretos Augustine levou à condenação de Pelagianism pelo Conselho de Éfeso, em 431, um ano após a morte de Agostinho. No entanto, o que prevaleceu não era então um Augustinianism pura, mas um semipelagianismo. Apesar da aceitação de muitos dos termos agostinianos, a doutrina da sinergia, que sustenta que Deus e os seres humanos em conjunto o que deve ser feito para que os seres humanos podem ser salvas, tendem a predominar. Esta posição foi tida em conta e condenado pelo Sínodo de Orange em 529. O Sínodo falou muito fortes em termos de falha humana e a necessidade da graça de Deus, mas não insistiu na predestinação absoluta (ou seja, a doutrina que Deus por decreto eterno imutável determinado quem será salvo, para ser inteiramente pela graça de Deus, a salvação não depende de forma alguma para o ser humano ou o que eles fazem) ou graça irresistível.

Esta forma mais branda da Augustinianism foi mantida durante vários séculos. No século IX, Gottschalk defendeu a doutrina da dupla predestinação: a predestinação é aplicável aos eleitos e os perdidos. As idéias de Gottschalk foram condenados por um sínodo de bispos em Maiz em 848. A controvérsia se seguiu. Um dos mais interessantes foi quem tomou posições Johannes Escoto Erígena. Embora o acusou de heresia, Erígena concordou com ele em rejeitar a idéia de que a predestinação de Deus foi baseada em conhecimento prévio de que os humanos fariam. Essa era uma forma bastante comum para tratar a aparente incoerência entre a predestinação divina ea liberdade humana. Origins, em particular, tinha avançado como uma solução. Mas agora Erígena argumentou que uma vez que Deus é eterno, não vê as coisas como passado ou futuro. Ele nos vê e vê todos nós ao mesmo tempo. Como Deus está fora do tempo, o conceito de conhecimento prévio é estranho para ele.

Entre os onze a treze séculos, vários teólogos importantes defendeu a posição de Agostinho. Anselmo conciliar esta posição com o livre vai insistir que a pessoa que só pode agir corretamente é mais livre do que aquele que pode fazer de errado. A segunda realidade é escravo do pecado. Peter Lombard mantém uma visão similar. Tomás de Aquino seguido a posição de Agostinho sobre estas questões, afirmando que a vontade de Deus é que algumas pessoas são salvas e outras não. Ele fez uma distinção entre a vontade geral de Deus que todos sejam salvos e, especialmente, para escolher alguns e rejeitar outros vão: "Deus quer que todos os homens sejam salvos por sua vontade anterior, que não é simplesmente deseja, mas em relativa ; ou mais tarde vai-se simplesmente desejar ".²³

A partir de agora até a Reforma, a tendência dominante na teologia católica foi uma inclinação para a Pelagianism. Havia exceções notáveis, tais como John Wycliffe e Thomas Bradwardine, mas para a maioria Duns Scotus a ênfase colocada no conhecimento prévio do valor do indivíduo refletia a posição da igreja. Este foi um dos principais pontos que lutaram contra Martin Luther.

Tem dado muita importância ao nível de base para a idéia de João Calvino sobre a predestinação do que apenas a força mostrada com Luther ele seguiu e ensinou uma idéia similar. Seu "pai espiritual", Johann von Staupitz, foi um monge agostiniano que promoveu as idéias de Agostinho, de modo que a Universidade de Wittenberg, onde Staupitz foi decano da Faculdade de Teologia, acabou tendo uma orientação decididamente agostiniano. Quando Lutero começou a lidar com a questão da predestinação, ele seguiu os Ockhamists abordagem: a predestinação é baseada na presciência do que vai humanos de Deus. Mas, como eu estudei as Escrituras e os escritos de Agostinho suas idéias começaram a mudar. Seu *comentário dos romanos*, que consiste em notas de uma palestra dada entre 03 de novembro de 1515 e 7 de Setembro, 1516, indicam um compromisso firme para a posição de Agostinho. Em conexão com Romanos 8:28, por exemplo, Lutero aponta para uma soberania absoluta de Deus sobre os humanos no Velho Testamento, em especial, a escolha de Isaque ea rejeição de Ismael, e sua

escolha de Jacob e sua rejeição Esaú (cf. Rm. 9: 6-18). Lutero insiste que todas as objeções a posição de Agostinho é derivado da sabedoria da carne, que é a razão humana. Seus comentários sobre Romanos 9 enfatizar seu forte compromisso com Augustinianism. Erasmo Papa exortou a usar seu poder de retórica para refutar Luther. O resultado foi *no* livre-arbítrio, publicado em 1524. Lutero respondeu no ano seguinte *na vontade livre de* escravos, um tratado abrangente sobre o assunto.

No entanto, John Calvin articulou a declaração definitiva sobre o assunto, deixando claro que o estudo da predestinação não é apenas um exercício acadêmico, mas também tem significado prático. Adverte contra se aprofundar muito profundamente no assunto. Embora ele não concordava com a idéia de Ulrich Zwingli que o pecado era necessária para a glória de Deus poderia manifestar corretamente, Calvin insiste que Deus livre e soberana escolheu salvar alguns e rejeitar outros. Deus é completamente justa e irrepreensível em tudo isso.²⁵

Calvin insiste em que a doutrina da predestinação não leva à negligência da moralidade, uma atitude relaxada em que podemos continuar a pecar, porque a nossa escolha é segura. Em vez disso, sabendo que fomos escolhidos leva a uma vida santa. A maneira como um crente pode ter a certeza de ser eleito é ver que a Palavra de Deus transforma sua vida.

Calvin estabeleceu uma universidade de Genebra, que veio estudar candidatos ministeriais. Ele ocupou a cadeira de teologia. Um grande número veio da Holanda; por que o Calvinismo foi particularmente forte lá. Seu sucessor, Theodore Beza, não só manteve o ensinamento da dupla predestinação de Calvino, mas estendeu-o em determinados pontos. Não só ele afirmou que Deus decidiu enviar alguns para o inferno; Ele não hesitou em dizer que Deus *fez* homens pecados. Além disso, ele acredita que, apesar da ausência de qualquer declaração bíblica específica, a lapsarianismo pode ser determinada. Ele acreditava que o decreto para salvar alguns e condenar os outros é logicamente anterior à decisão de criar. A conclusão é que Deus cria algumas pessoas *para* condená-los. Essa crença - o supralapsarianismo - eventualmente, passou a ser considerada a posição oficial do calvinismo.

Em vários momentos houve desentendimentos com a interpretação dos decretos e houve posições que estão fora desta linha. Provavelmente, o mais grave ocorreu na Holanda no final XVI e início do XVII. James Armínio, um pastor popular de Amsterdam que tinha sido um aluno de Beza, como resultado de estudar a história da Bíblia e da igreja, tinha vindo a ter menos clara idéia da dupla predestinação e, em particular, o supralapsarianismo Beza. Instalado como professor de teologia na Universidade de Leyden, ele foi acusado de ser semipelagiano e até mesmo Católica. A dissidência na faculdade tornou-se tão grave que o governo interveio. As tentativas de conciliação terminou com a morte de Armínio em 1609.

Arminio idéias são bastante claros e pode ser facilmente resumida. O primeiro decreto absoluto de Deus para a salvação não foi atribuir determinados indivíduos para a vida eterna e outros para a condenação, mas a eleição de Seu Filho, Jesus Cristo como o Salvador da raça humana. Em segundo lugar, Deus decretou que todos os que se arrependem e crêem seria salvo. Além disso, Deus assegurou a graça suficiente para permitir que todos acreditem. Eles acreditam livremente ou não acreditam em si mesmos. Deus não acreditar para nós e nos obriga a acreditar. Finalmente, Deus predestinou aqueles que sabem de antemão que eles vão acreditar.

No século XVIII, JOHN WESLEY POPULARIZADO ARMINIANISMO. De fato, por muitos anos dirigiu uma revista chamada *The Arminian*. Embora defendeu o livre-arbítrio, Wesley foi além da idéia de destacar Arminio graça prévia ou universal. Esta graça universal é a base de qualquer bondade humana no mundo. Esta graça pre também torna possível para qualquer pessoa a aceitar a oferta de salvação em Jesus Cristo.

Idéias diferentes sobre a predestinação

Calvinismo

O que é chamado calvinismo tomou diferentes formas ao longo dos anos. Aqui vamos examinar algumas características comuns de todos eles. Uma mnemônica usado em Inglês para resumir todo o sistema é o acrônimo TULIP (as iniciais das palavras-chave dos cinco pontos básicos do Calvinismo): depravação total, incondicional predestinação (eleição incondicional), expiação limitada, graça irresistível e perseverança . Apesar de existirem várias interpretações dessas expressões, e nem todos esses conceitos são essenciais para as nossas considerações presentes, o uso como um enquadramento para examinar esta teoria da predestinação.

Calvinismo acho que toda a humanidade é perdido no pecado. O conceito da depravação total significa que cada indivíduo é tão pecador que não é capaz de responder a qualquer oferta de graça. Esta condição, que merece plenamente, envolve tanto a corrupção moral (e, portanto, a incapacidade moral) como a susceptibilidade de punição (culpa). Todo mundo começa a vida nestas condições. Por esta razão, é chamado de "pecado original". Teólogos calvinistas discordam sobre a forma como o pecado de Adão produziu esse efeito em nós. Alguns dizem que Adão era o nosso representante e, portanto, seu pecado é imputada a nós. Somos tratados como se tivéssemos cometido o pecado nós mesmos. Outros tomam o ponto agostiniano de todo o gênero humano era de fato ou presente germinal forma seminal Adam olhos, para realmente pecamos. Apesar de nós não pessoalmente consciente de pecado, no entanto, foi o nosso pecado.³²

Às vezes a frase "incapacidade total" é usado, o que significa que os pecadores perderam a capacidade de fazer o bem e não são capazes de tornar-se a si mesmos. A passagem-chave que é frequentemente citado é Efésios 2: 1-3: "Ele vos deu vida, que estávamos mortos em nossos delitos e pecados em que você andou uma vez, seguindo o curso deste mundo, de acordo com príncipe do poder do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Entre os quais também todos nós, no passado, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais ". Numerosas outras passagens indicam a universalidade e a gravidade dessa condição (por exemplo, João 6:44; Rm 3: 1-23; 2 Coríntios 4: 3-4.).

O segundo conceito principal do Calvinismo é a soberania de Deus. Ele é o Criador e Senhor de todas as coisas, e por isso é livre para fazer o que quiser. Ele não está sujeito a qualquer pessoa ou prestar contas a ninguém. Os seres humanos não estão em posição para julgar a Deus pelo que ele faz. Uma das passagens citadas a este respeito é a parábola dos trabalhadores na vinha. O mestre contratou operários de manhã cedo, outros sobre a terceira hora, um pouco mais na sexta hora, o nono mais, e, finalmente, o décimo primeiro. Aqueles que foram contratados no décimo primeiro receberam a mesma promessa para aqueles que foram contratados no início número do dia. Quando aqueles que foram contratados primeiro reclamou sobre o que consideraram uma injustiça, o mestre respondeu: "Amigo, não te faço mal. Você não concorda comigo um dinheiro? Pegue o que é seu e vai; mas eu quero dar a este último o mesmo que você. Não está me permitiu fazer o que quero com o meu próprio? Ou você está com inveja porque eu sou bom "(Mt. 20: 13-15) ?. Outra passagem significativa é a metáfora de Paulo do oleiro e do barro. O indivíduo que acredita que Deus é injusto, Paulo responde: "Mas tu, ó homem, quem é você para questionar a Deus? Á o vaso de barro que ele formou: "Por que me fizeste assim" Não o oleiro poder sobre o barro para fazer da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra "(Rm. 9: 20-21) ?. Este conceito de soberania divina com a incapacidade humana, é fundamental para a doutrina calvinista da eleição. Sem estes dois conceitos o resto da doutrina faz pouco sentido.

A escolha, de acordo com o Calvinismo, é a equipe que faz com que certas pessoas que Deus lhes conceder favor especial. Você pode referir-se a escolha de Israel como um povo de convênios especiais de Deus ou a escolha de indivíduos para um determinado trabalho. No entanto, a sensação de que nos interessa principalmente é a escolha de

algumas pessoas para serem os filhos espirituais de Deus e, por conseguinte, destinatário da vida eterna. A evidência bíblica de que Deus escolheu certos indivíduos para a salvação encontrada em Efésios 1: 4-5: "Deus nos [o Pai] elegeu nele [Jesus Cristo] antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis antes dele. No amor ele nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade "Jesus indicou que a iniciativa tinha sido dela na seleção de seus discípulos para a vida eterna." Eu não me escolhestes a mim mas eu vos escolhi a vós, e vos designei para que vades e deis fruto, eo vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele pode dar-lhe "(Jo. 15:16). A capacidade de vir a Jesus depende da iniciativa do Pai: "Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia "(João 6:44 ;. também ver v. 65). Por outro lado, tudo o que o Pai dá Jesus veio a ele: "Todo aquele que o Pai me dá virá a mim; eo que vem a mim em nenhuma o lançarei fora" (João 6:37.). Além disso, em Atos 13:48 lemos que "os gentios, ouvindo isto [a oferta de salvação], alegravam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e todos quantos estavam ordenados para a vida eterna."

A interpretação de escolha ou seleção de certos indivíduos para a salvação de Deus é absoluta ou incondicional é de acordo com as ações de Deus em outros contextos, tais como a escolha da nação de Israel, que foi o resultado da seleção Jacó e Esaú rejeitada. Em Romanos 9, Paulo argumenta muito bem que todas estas eleições são totalmente de Deus e de modo algum dependente das pessoas escolhidas. Depois de citar as palavras de Deus a Moisés em Êxodo 33:19: "Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e compaixão de quem eu tenho compaixão", diz Paulo, "Portanto, não dependem de vontade humana ou esforço, mas da misericórdia de Deus "(Rom. 9:16).

Vimos várias características da eleição como eles vêem os calvinistas. Uma delas é que a eleição é a expressão da vontade soberana de Deus ou lazer. Ele não se baseia em qualquer mérito dos eleitos, ou conhecimento prévio de que o indivíduo vai acreditar. É a causa, e não o resultado da fé. Em segundo lugar, a eleição é eficaz. Aqueles a quem Deus escolheu certamente vir a ter fé nele, e, de fato, perseverar na fé até o fim. Todos eles elegeram certamente ser salvo. Em terceiro lugar, a escolha é desde toda a eternidade. Não é uma decisão tomada em um determinado ponto no tempo quando o indivíduo já existe. Isto é o que Deus sempre teve em mente fazer. Em quarto lugar, a escolha é incondicional. Ele não depende humano executar uma ação específica ou atender a certos termos e condições diante de Deus. Não que Deus escolhe para salvar as pessoas se fazer certas coisas. Basta escolher para salvar e fazer. Finalmente, a escolha é imutável. Deus não muda sua mente. A escolha é desde toda a eternidade e sua infinita misericórdia; ele não tem nenhuma razão ou oportunidade de mudar sua mente.

Para a maior parte, os calvinistas insistem que a escolha não é incompatível com o livre-arbítrio, como eles entendem que prazo. No entanto, eles negam que os seres humanos têm livre-arbítrio no sentido arminiano. O pecado removido se não gratuita, pelo menos a capacidade de exercer a liberdade corretamente. Loraine Boettner, por exemplo, em comparação com a humanidade caída com um pássaro que quebrou uma asa. O pássaro é "livre" para voar, mas é incapaz de fazê-lo. Da mesma forma "o homem natural é livre para se aproximar de Deus, mas não pode. Como você pode se arrepender de seu pecado, se você gosta? Como você pode vir a Deus quando você odiá-lo? Essa é a incapacidade da vontade sob a qual o homem se move ". Somente quando Deus vem com sua graça especial para aqueles que escolheram eles são capazes de responder. Depois de ver claramente e vividamente a natureza do pecado ea grandeza, glória e amor de Deus, eles certamente e infalivelmente vai virar para ele.

Há variações entre os calvinistas. Alguns sustentam dupla predestinação, a idéia de que Deus escolhe alguns para serem salvos e outros para ser perdida. Calvin chamou isso de "decreto horrível", mas, no entanto, manteve-o porque ele viu isso na Bíblia. Outros dizem que Deus escolhe ativamente aqueles que receberão a vida eterna, e ignora outros, deixando-os com os pecados que eles escolheram.⁴⁰ Embora o efeito é o mesmo em

ambos os casos, o segundo ponto de vista atribui o fato os não-eleitos são perdidos para sua própria escolha do pecado e não a decisão ativa de Deus, a escolha de Deus ou por omissão em vez de comissão.

A outra mudança principal entre o calvinista tem a ver com o lapsarianismo. Aqui fazemos a distinção entre as posições de supralapsarianism, infralapsarianismo e sublapsarianism. A terminologia está relacionada ao fato de, logicamente, se o decreto de salvação tem que ir antes ou depois do decreto para permitir a queda. As posições também divergem sobre se a expiação era para todos ou apenas para aqueles escolhidos para serem salvos:

Supralapsarianism

1. O decreto para salvar alguns e condenar outros.
2. O decreto criando os eleitos e os rejeitados.
3. O decreto para permitir a queda de ambas as classes.
4. O decreto de fornecer salvação para somente os eleitos.

Infralapsarianism

1. O decreto criando seres humanos.
2. O decreto para permitir a queda.
3. O decreto para salvar alguns e condenar outros.
4. O decreto de fornecer salvação para somente os eleitos.

Sublapsarianism (expiação ilimitada com aplicação limitada)

1. O decreto criando seres humanos.
2. O decreto para permitir a queda.
3. O decreto de fornecer salvação suficiente para todos.
4. O decreto de escolher alguns para a salvação.

Arminianismo

Arminianismo é um termo que engloba uma série de sub-posições. Elas podem variar desde o ponto de vista evangélico do mesmo Arminio-se a ala esquerda do liberalismo. Arminio declarou que os seres humanos eram pecadores e incapazes de fazer o bem para si mesmos. O liberalismo extremo, no entanto, descarta a tendência humana ao pecado e, por conseguinte, nega que os seres humanos têm uma necessidade de ser regenerado.⁴⁴ Arminianismo também inclui convencional catolicismo romano com sua ênfase sobre a necessidade de trabalhar no processo salvação. Em grande parte, vamos estar a pensar da forma mais conservadora ou evangélica do Arminianismo, mas a construção de um suficientemente amplo, de modo a ajustá-lo posiciona a maioria dos arminianos.

Embora estas mesmas declarações de posição variar até certo ponto, há um ponto de partida lógico: o conceito de que Deus quer que todos os homens sejam salvos. Arminianos dizem declarações específicas da Escritura. No Antigo Testamento, Deus deixou claro que ele não queria que a morte de ninguém, nem mesmo os ímpios, "Diga-lhes que eu vivo, diz o Senhor, eu não quero a morte do pecador, mas que se torna o ímpio do seu caminho e viver. Volta, volta dos vossos maus caminhos! Por que você vai morrer, ó casa de Israel? "(Ez. 33:11). Deus não encontra prazer na morte de pecadores também é evidente nas palavras de Pedro: "O Senhor não retarda a sua promessa, como alguns a têm por tardia, mas é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento "(2 Pedro 3: 9). Paulo diz uma frase similar: "Isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Tim. 2: 3-4). Este é precisamente o que Paulo declarou aos atenienses: (. Atos 17:30) "Deus, tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens em todo lugar se arrependam". Nota, em particular as duas ocorrências de "all" (πᾶσι - paixão).

Não só declarações didáticos, mas também a natureza universal de muitos dos mandatos de Deus e exortações expressou sua esperança de que toda a humanidade ser salva. O Antigo Testamento contém convites universais; por exemplo: "Vinde, todos os que tendes sede, vinde às águas! Vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; Vinde, comprai, sem dinheiro e sem preço,, vinho e leite "(Is. 55: 1) !. Da mesma forma o convite de Jesus era irrestrito: "Vinde a mim, todos os que estais e estão sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). Estas e outras passagens são tão forte e claro que mesmo um calvinista ferrenho tal como Boettner tem de admitir que "é verdade que alguns versículos por si só parecem implicar a posição Arminiana." Se, ao contrário do que estes versos parecem implicar, a intenção de Deus é que todas as pessoas sejam salvos, a sua oferta não deve ser sincero.

Um segundo princípio importante do Arminianismo é que todos têm a capacidade de pensar ou se qualificar para a salvação. Se assim não fosse, os convites universais para a salvação não teria muito sentido. Mas há espaço neste teologia para o conceito de que todo mundo pode acreditar? Sim, se nós modificar ou eliminar a idéia de depravação total dos pecadores. Ou, como Wesley e outros, adotamos o conceito de "graça antes." É a esta última posição que ocupam a nossa atenção aqui.

Como geralmente entendido, a graça prévia é a graça dada por Deus a todos os seres humanos, sem distinção. É que Deus envia o sol ea chuva para todos. Também é a base de toda a bondade encontrados em humanos em todos os lugares. Além disso, é dado universalmente para neutralizar o efeito do pecado. Henry Thiessen colocar desta forma: "Como a humanidade é morto sem qualquer esperança de transgressões e pecados e não pode fazer nada para obter a salvação, Deus por Sua graça restaura a todos os homens capacidade suficiente para escolher o questão de sua submissão a ele. Esta é a graça salvadora de Deus se manifestou a todos os homens "Como Deus tem dado graça para todos, todo mundo é capaz de aceitar a oferta de salvação .; consequentemente, não há necessidade para a graça de Deus se aplica a indivíduos especiais.

Um terceiro conceito básico é o papel do conhecimento prévio na escolha de pessoas para a salvação. Para a maior parte, os Arminianos desejam manter a palavra *escolha* ea idéia de que os indivíduos tenham sido pré-determinado para ser salvo. Isto significa que Deus deve preferir algumas pessoas sobre outras. De acordo com a visão arminiana, ele escolhe alguns para receber a salvação, ignorando outros. Aqueles que são predestinados por Deus são aqueles que em Seu infinito conhecimento que ele tem sido capaz de prever que aceitou a oferta de salvação em Jesus Cristo fez. Esta idéia é baseada na estreita conexão em escritura entre a presciência e predestinação ou predeterminação. A primeira passagem a que apelamos é Romanos 8:29: "A quem de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos." Um texto de apoio é de 1 Pedro 1: 1-2, onde Pedro se dirige a "escolhida de acordo com a presciência de Deus Pai". No primeiro exemplo, a palavra-chave para a nossa consideração é o verbo προγινώσκω (PROGINOSKO); no segundo, o seu nominalmente πρόγνωσις (prognóstico). Ambas as referências representam predeterminação como com base no conhecido ou dela resultantes.

Finalmente, as acusações arminianas para o modo de entender a predestinação calvinista como incondicional ou absoluta. Algumas dessas objeções são práticas do que teóricas na natureza. Muitos deles chegaram até a idéia de que o Calvinismo é fatalista. Se Deus tem dado tudo o que tem que acontecer, isso realmente faz qualquer diferença o que eles fazem os seres humanos? O comportamento ético torna-se irrelevante. Se for eleito, que isso importa como vivemos? Vamos guardar quaisquer que sejam nossas ações. Mildred Wynkoop Arminianismo resumiu como "um protesto ético contra as tendências antinomianas do Calvinismo. Se os homens são inteiramente determinadas pela predestinação, as exigências éticas de santidade não são relevantes para a vida cristã.

"

Uma outra objeção é que o Calvinismo nega qualquer esforço missionário ou missionária. Se Deus já escolheu quem será salvo, e seu número não pode aumentar, por pregar o evangelho? O eleito será salvo de qualquer maneira, e nem mais nem menos do que a quantidade indicada virá a Cristo. Então, por que se preocupar para arrecadar fundos para enviar missionários a pregar o evangelho, e orar pelos perdidos? Tais ações certamente seria esforços vazias.

A objeção final é que a doutrina calvinista dos decretos é uma contradição à liberdade humana. Nossos pensamentos, escolhas e ações não são realmente caseiro. Deus desde toda a eternidade foi predeterminado. Se assim fosse, não poderia ter feito outra coisa senão o que temos feito. Nossas ações não são realmente livres, eles são causados por uma força externa, chamá-lo de Deus. E por isso não estamos realmente humano, no sentido tradicional da palavra. Nós somos autômatos, robôs ou máquinas. No entanto, isso contradiz tudo o que sabemos sobre nós mesmos e como vemos os outros também. Não tem nenhuma relevância para louvar a Deus por ter-nos feito bem ou repreender-nos por ter feito mal, porque não poderia ter feito de outra forma.

Karl Barth

Além das duas visões clássicas, tem havido, ao longo da história da igreja, as tentativas de formular uma posição menos problemática. Um dos mais interessante colocá-lo no século XX Karl Barth. Como teólogo reformado, era muito natural que Barth queria abordar esta questão complexa, considerou básico e fundamental para toda a teologia. No entanto, eu pensei que tinha entendido mal tradição aqui o testemunho bíblico. Ciente de que deixou uma posição Reformada convencional, continuou como um princípio fundamental do tratamento da predestinação a centralidade de Jesus Cristo, que era o princípio fundamental de toda a sua teologia.

Barth acredita que a posição calvinista tradicional como uma leitura errada da Bíblia, com base em uma crença metafísica de que a relação de Deus com o universo é estático: certos indivíduos foram escolhidos a partir de toda a eternidade e outros foram rejeitados, e isso não é Você pode alterar. Barth admite que os teólogos mais velhos vieram com a Bíblia, especialmente em Romanos 9 e Efésios 1, mas não leu a Bíblia no caminho certo, e eles escolheram o ponto certo de partida. O que você precisa fazer é ler a Bíblia Christologically, tornando Jesus Cristo é o ponto de doutrina.

Se formulássemos uma doutrina da predestinação, diz Barth, deve fazer à luz da obra expiatória e reveladora de Deus. Jesus Cristo veio para salvar os seres humanos. Barth afirma que há uma conexão entre o intrincado fato de que Cristo é o centro da obra de Deus no tempo e predeterminação eterna de que o trabalho na eleição divina.⁵⁵ Neste caso, Deus estava escolhendo não recusar seres humanos. A encarnação é a prova de que Deus é para os seres humanos e não contra eles. Ele escolheu-os, não os rejeitou.

Quando Barth pede a Deus que escolheu esse fundamento cristológico permanece. Em vez de decreto estático, fixo e absoluto encontrado no pensamento de Calvino, Barth substitui-lo com a pessoa de Cristo. Esta é as alterações necessárias feitas na visão tradicional da predestinação. O Deus eterno é a escolha de Jesus Cristo. Nós não precisa de procurar vontade de Deus que está além ou atrás do trabalho que ele fez na história por meio de Jesus Cristo. Barth fornece uma visão mais dinâmica. Deus como um rei, ele é livre para alterar, suspender ou substituir seu decreto para que leva quase ao deísmo⁵⁷ O elemento imutável é, de acordo com Barth, a escolha eterna de alguns e rejeição dos outros, mas a constância de Deus em seu ser trino como o amor, livremente escolhido.

A escolha de Jesus Cristo, no entanto, não é um indivíduo isolado. Porque ele escolheu toda a raça humana. Mas mesmo isso não é toda a doutrina da eleição, porque Cristo não é apenas o homem escolhido; É também o Deus que escolhe. Obedeceu ao Pai escolher livremente para se tornar um homem. Barth fala de Cristo como "a forma

particular e manifesta a decisão divina - a decisão do Pai, do Filho e do Espírito Santo -. A favor do pacto foi estabelecido entre ele e nós" ⁵⁹ Com dupla predestinação significou Barth Jesus Cristo é Deus e homem eleitor escolhido. A dualidade de conteúdo que se aproxima do entendimento dupla predestinação tradicional também é produzido. Porque na escolha de se tornar Cristo humano escolher o "desaprovação, destruição e morte" escolher e escolher a vida para a humanidade. Voluntariamente ele escolheu rejeição de seres humanos; Isto é visto mais claramente na cruz.

A teologia reformada ortodoxa estava errado em parte como Barth, porque começou com pessoas e não com o homem e para o eleitor escolhido Deus, Jesus Cristo. Escolhendo entre Cristo e os indivíduos, além disso, há uma eleição intercalar na comunidade, que existe para proclamar Jesus e chamar o mundo a ter fé nele. Quando Barth começa a considerar a escolha do indivíduo como o terceiro passo no seu argumento, ele não fala da dupla predestinação. Em vez disso, fala da escolha universal para todos os seres humanos em Jesus Cristo. Isso não significa que Barth defende salvação universal, um tema que está cautelosamente evasivo nunca realmente. Embora todos são eleitos, nem todo mundo vive como tal. Alguns vivem como se tivessem sido rejeitados, mas que é a sua escolha. A tarefa da comunidade é escolhida para contar essa pessoa que "pertence a Jesus Cristo para sempre e, portanto, não tenha sido rejeitado, mas escolhido por Deus em Jesus Cristo; que a rejeição que ele merece por causa de sua escolha perversa foi satisfeita e cancelado por Jesus Cristo, e que é destinado para a vida eterna com Deus e justo juízo de Deus." ⁶²

Há uma diferença nítida entre os eleitos e os rejeitados. Crentes e não crentes, como Barth, porque todos foram escolhidos. O ex-perceberam que foram eleitos e viver em conformidade; o último ainda vivem como se tivessem sido eleito. Cristãos em um contexto tradicional pode querer levantar a questão de saber se eles estão realmente rejeitado eleitos também são salvos ou não, mas Barth quer tocar esse problema tão complicado. A igreja não deve levar muito a sério a descrença do rejeitados. Em última análise, Deus não irá rejeitar a humanidade. Deus, através de Jesus Cristo, escolheu para rejeitá-lo, mas a escolha para a humanidade.

A solução sugerida

Agora podemos tirar conclusões sobre as questões problemáticas os decretos de Deus concernentes à salvação? Tenha em mente que não estamos tentando toda a questão dos decretos de Deus em geral. Em outras palavras, não estamos analisando se Deus garante todos e cada um dos eventos que ocorrem ao longo do tempo e do universo. Essa questão já foi levantada e discutida no Capítulo 17 do presente trabalho. Aqui estamos preocupados apenas a questão de saber se alguns foram escolhidos por Deus para ser destinatários especiais da sua graça. A questão mais ampla aqui é uma questão secundária.

Escritura fala de eleição de várias maneiras diferentes. A escolha, por vezes, refere-se à escolha que Deus fez de Israel como seu povo especialmente favorecido. Ocasionalmente apontando para a seleção de indivíduos para uma posição de privilégio especial e serviço, e, é claro, a seleção para a salvação. Tendo em vista os diferentes significados de escolha, qualquer tentativa de limitar a nossa discussão com apenas um deles conduzirá inevitavelmente ao encurtamento do sujeito. O clichê que a escolha significa escolher um grupo de serviço para simplificar.

É necessário examinar cuidadosamente o vocabulário da predestinação. Há vários termos importantes em hebraico e grego. Hebraico בָּחַר (Bashar) e grego ἐκλέγομαι (eklegomai) termos são bastante equivalentes. Eles se referem ao ato de Deus escolhe ou selecionados a partir da raça humana para as pessoas certas para ter uma relação especial com ele. O verbo grego προορίζω (prooridzo) refere-se a pré-determinado ou fixado antecipadamente. No entanto, não se referem todas as ocorrências para o destino final. O verbo προτίθημι (protithemi) eo

nome *πρόθεσις* (prótese) referem-se a planejamento, finalidade ou resolver fazer alguma coisa. Todos esses termos expressam a idéia de começar uma ação.

Logicamente anterior ao ensino da Bíblia que Deus tem especialmente escolhido alguns para a vida eterna é a imagem viva de que os seres humanos estão perdidos, cegos e incapazes de responder com fé para a oportunidade da salvação. Em Romanos, especialmente no capítulo 3, Paulo descreve a raça humana como sendo impossível, irremediavelmente separados de Deus por causa do seu pecado. Eles são incapazes de fazer qualquer coisa para sair dessa condição porque, na realidade, ser cego para a sua situação, não tenho vontade de fazê-lo. Calvinistas e arminianos conservadores concordar com ele. Não é só que os seres humanos em seu estado natural pode fazer boas obras para justificá-las diante de Deus. Eles estão sofrendo de cegueira espiritual (Rom 1: 18-23; 2 Coríntios 4: 3-4.) E insensibilidade. Jesus descreve seu dilema muito bem quando ele explica que fala em parábolas para cumprir a profecia de Isaías: "Ouvindo, ouvireis, e não entendam; e, vendo, vereis, e não percebem, porque o coração deste povo é prejudicado, e com os ouvidos ouviram tardamente, e seus olhos se fecharam; para que não vejam com os olhos, e ouça com os ouvidos, e entenda com o coração, e se convertam e eu os cure" (Mateus 13: 14-15, citando Isaías 6: 9-10). Paul deixou claro que a deficiência é uma condição universal espiritual verdade tanto para judeus e gentios: "E então? Somos melhores do que eles? De jeito nenhum!, Porque demonstramos que todos, judeus e gentios, estão debaixo do pecado. Como está escrito: "Não há justo, nem um sequer; ninguém entende, ninguém que busque a Deus" (Rom. 3: 9-11).

Se assim for, ninguém nunca vai responder ao chamado do evangelho, se uma ação especial de Deus não está ocorrendo. Isto é onde muitos arminianos, reconhecendo a incapacidade humana, como ensinado nas Escrituras, introduzir o conceito de graça, antes, que se acredita ter um efeito universal anulando os efeitos do pecado, tornando possível a acreditar. O problema é que não existe uma base clara e adequada nas Escrituras para o conceito de formação universal. A teoria, porém atraente, que pode ser de várias maneiras simplesmente não ensinadas na Bíblia.

Voltando à questão de por que alguns acreditam, encontramos uma impressionante coleção de textos sugerem que Deus escolheu alguns para serem salvos, e que a nossa resposta à oferta de salvação depende dessa primeira decisão e iniciativa de Deus. Por exemplo, em conexão com a explicação de que Jesus falou em parábolas para que alguns ouvem, mas não entendem, notamos que disse aos discípulos: "Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem" (Mateus 13:16). Pode-se entender com isso que alguns dos ouvintes não eram tão deficientes como outros espiritualmente. No entanto, podemos compreendê-lo melhor, se olharmos para Mateus 16. Jesus perguntou a seus discípulos que os homens disseram que era ele e ele tinha sido dizendo-lhes várias opções. João Batista, Elias, Jeremias ou um dos profetas (v 14). No entanto, Pedro confessou: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (v. 16). O comentário de Jesus é instrutiva: "Bendito és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi revelado pelo homem, mas por meu Pai que está nos céus" (v. 17). Foi um ato especial de Deus que fez a diferença entre os discípulos e aqueles que estavam espiritualmente cegos e surdos. Isto está de acordo com as palavras de Jesus: "Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo. 6:44), e "Você não me escolheram, mas eu vos escolhi a vós" (Jo. 15:16). Jesus também nos diz que a atração e essa escolha são eficazes: "Tudo o que o Pai me dá virá a mim; eo que vem a mim em nenhuma o lançarei fora." (Jo 06:37); "Portanto, quem ouve o Pai e aprende com ele vem a mim" (v. 45).

O conceito de que a nossa crença depende da iniciativa de Deus também aparece no livro de Atos, onde Lucas diz-nos que, quando os gentios em Antioquia da Pisídia ouviram falar de salvação "estavam contentes e glorificavam a palavra do Senhor, e acredita todos os que foram ordenados para a vida eterna" (At. 13:48). Alguns tentaram argumentar que o verbo que aparece aqui *τεταγμένοι* - (*tetagmenoi*) deve ser entendido que ele está em

uma voz baixa e não voz passiva. Sua tradução da última frase deste versículo é "e todos os que se acreditava ordenados para a vida eterna." No entanto, existem várias dificuldades lógicas com esta explicação. A nossa convicção é supostamente o resultado de dirigir-nos a nós mesmos para a vida eterna. Mas como pode uma tal decisão uma pessoa não creram? Note-se também a raiz da palavra τάσσω (Tasso) "ordenada lugar." Uma pessoa não regenerado espiritualmente impotente e pode realmente colocar sua vida em ordem?

Nem argumento é convincente de que a predeterminação de Deus é baseado no conhecimento prévio de que ele tem. Porque a palavra יָדָא (Yada'), que parece estar a seguir o uso de Paulo da palavra προγινώσκω (PROGINOSKO) significa mais do que saber com antecendência ou precognição. Ela conota uma relação positiva e estreita. Ele sugere que olha com favor ou ama alguém, e até usou o sexo. O que você tem em mente, portanto, não é um conhecimento prévio neutro do que alguém vai fazer, mas uma escolha afirmativa a essa pessoa. No contexto hebraico, parece provável que as referências a conhecimento prévio em Romanos 8:29 e 1 Pedro 1: 1-2 estão mostrando que nenhum conhecimento prévio como uma base para a predestinação, mas uma confirmação disso.

Mas então o que acontece com a oferta universal da salvação eo convite geral para ouvintes para criar? Arminianos às vezes argumentam que, de acordo com as idéias calvinistas, alguém iria aceitar a salvação, mas não seria permitido para ser salvo. Mas de acordo com os calvinistas, que, naturalmente, nunca produzido, porque ninguém pode ser salvo, chegar a Deus, crede sem treinamento especial. Deus oferece sinceramente salvação a todos, mas estamos todos instalados em nossos pecados, para que nós não vamos responder a menos que obter ajuda para fazer isso.

Existe uma verdadeira liberdade em tal situação? Aqui nos referimos leitores a nossa discussão geral da liberdade humana em relação ao plano de Deus (Capítulo 17). No entanto, devemos ainda notar-se que estamos agora a abordar especificamente a habilidade espiritual ou liberdade de escolha no que diz respeito a importante questão da salvação. E a questão-chave aqui é depravação. Se, como argumentado no capítulo 30 e este capítulo, estado humano regenerado não são totalmente depravado e incapaz de responder à graça de Deus, não há necessidade de perguntar se eles são livres para aceitar a oferta de salvação: não é! Em vez disso, a pergunta a fazer é alguém que foi escolhido especificamente é livre para rejeitar a graça de Deus? A posição tomada aqui não é que aqueles que são chamados *devem* responder, mas Deus faz a sua oferta tão atraente que eles *vão* responder positivamente.

Implicações da predestinação

Entendi, a doutrina da predestinação tem várias implicações importantes:

1. Estamos confiantes de que o que Deus decidiu acontecer. Seu plano será cumprido, ea fé alcance eleitos.
2. Não devemos criticar quando alguém rejeita a Cristo. O próprio Jesus não ganhou toda a sua audiência. Ele entendeu que todos aqueles que o Pai lhe tinha dado viria a ele (Jo. 6:37) e somente aqueles viria (44 v.). Quando demos o melhor de nós mesmos, podemos deixar o assunto nas mãos de Deus.
3. A predestinação não nega o incentivo para evangelismo e missões. Não sabemos quem é o eleito e não eleito, por isso temos de continuar a espalhar a palavra. Os nossos esforços evangelísticos são meios de trazer os eleitos para a salvação de Deus. A ordenança da ordem de Deus também inclui a gestão dos meios para esse fim. O conhecimento de que as missões são os meios que Deus é forte motivação neste projecto e nos dá confiança de que terá sucesso.
4. A graça é absolutamente necessário. Enquanto Arminianismo frequentemente coloca uma forte ênfase na graça, não existe uma base em nosso esquema

calvinista para a escolha que Deus fez de uns para a vida eterna não é diferente de sua vontade soberana. Não há nada no indivíduo que persuadir a Deus para conceder a salvação.

45. O princípio da salvação: aspectos subjetivos

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Reconhecer a necessidade de uma chamada de caixa para a salvação de ocorrer.
- Para expressar a natureza essencial da resposta humana de conversão e de distinção entre os conceitos de arrependimento e fé.
- Examine o trabalho divino de regeneração, que produz o novo nascimento e transformação.
- Exponha e descrever seis implicações decorrentes da chamada dinheiro, conversão e regeneração.

Resumo do capítulo

A salvação consiste em três etapas: a chamada dinheiro, conversão e regeneração. Através do Espírito Santo, Deus chama o incrédulo para a salvação. A resposta humana a este apelo envolve a afastar-se do pecado e colocar a fé em Cristo. A fé inclui acreditar. Deus responde regenerar a pessoa com uma vida nova em Cristo. Nós só pode se maravilhar com a obra de Deus para salvar e regenerar como seres espirituais.

Questões de estudo

1. Qual é o papel da salvação chamada de caixa de um indivíduo? Por eficaz recurso é essencial para a salvação?
2. Quão importante é a ordem em que a chamada de caixa ocorrer, conversão e regeneração? Como isso se relaciona com o Arminianismo e Calvinismo?
3. O que faz a conversão e como eles se relacionam com o seu arrependimento e fé?
4. Qual é a regeneração e qual a sua relação com as outras partes da salvação?
5. O que você aprendeu sobre a salvação neste estudo?

Objetivos do capítulo

Chamada de Caixa

A ordem lógica: chamada dinheiro, conversão, regeneração

Conversão

Arrependimento

Fé

Regeneração

Implicações da chamada dinheiro, conversão e regeneração

A doutrina da salvação abrange uma área ampla e complexa do ensino bíblico e experiência humana. Por conseguinte, é necessário distinguir entre as suas diferentes

facetas. Embora pudéssemos organizar o material de muitas formas diferentes, optou-se por utilizar um regime temporário, de acordo com a princípio, e depois conclusão. Capítulos 45 e 46 negócio com o começo da vida cristã. A conversão ea regeneração (Capítulo 45) são aspectos subjetivos do início da vida cristã; quantidade de mudança dentro de nós mesmos, a nossa condição espiritual. A conversão é esta mudança visto a partir da perspectiva humana; regeneração é a alteração a partir da perspectiva de Deus. A união com Cristo, justificação e aprovação (capítulo 46), por outro lado, são os aspectos objetivos do início da vida cristã; principalmente os relacionados com o relacionamento entre as pessoas e Deus.

Chamada de Caixa

Certas questões são preliminares à própria salvação. No capítulo anterior, examinamos todas as questões complexas que estão envolvidas na predestinação, concluindo que Deus escolhe algumas pessoas para serem salvos e que sua conversão ocorre por decisão de Deus. No entanto, como todos os seres humanos estão perdidos no pecado, espiritualmente cegos e incapazes de acreditar, Deus deve intervir atuando em algum momento entre a sua decisão eterna ea conversão do indivíduo dentro do tempo. Esta atividade se chama Deus ou dinheiro recurso especial.

Para a Escritura é claro que há uma chamada geral para a salvação, um convite a todas as pessoas. Jesus disse: "Vinde a mim, todos os que estais e estão sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). Há uma dimensão universal à declaração encontrada em Isaías: "Olhai para mim, e sereis salvos, todos os confins da terra" (Is. 45: 22a). Esta passagem combina uma ênfase na exclusividade da universalidade de Deus com a sua oferta. Além disso, quando Jesus disse: "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos" (Mateus 22:14) foi provavelmente referindo-se ao convite universal de Deus. Mas note a distinção aqui entre chamada e escolha. Aqueles que são escolhidos são os objetos especiais de Deus chamada ou dinheiro.

Várias referências no Novo Testamento à chamada de Deus significa que nem todo mundo vai ser chamado. Por exemplo, em Romanos 8:30, Paulo escreve: "E aos que predestinou, também os chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou. "Aqui as classes dos predestinados, chamados, justificados e glorificados parecem ter a mesma extensão. Se assim for, a chamada devem ser eficazes, daqueles que são chamados realmente salvou. Também refere-se à eficácia desta chamada em 1 Coríntios 1: 9: "Deus é fiel, por quem fostes chamados à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor." Outras referências ao chamado de Deus em dinheiro especial incluem Lucas 14:23; Romanos 1: 7; 11:29; 1 Coríntios 1: 23-24, 26; Efésios 1:18; Filipenses 3:14; 1 Tessalonicenses 2:12; 2 Tessalonicenses 2:14; 2 Timóteo 1: 9; Hebreus 3: 1; 2 Pedro 1:10.

O recurso especial significa que Deus trabalha de forma particularmente eficaz com eleito, permitindo-lhes responder em arrependimento e fé e tomada inevitavelmente fazê-lo. As circunstâncias do apelo particular pode variar muito. Vemos Jesus convidou especialmente aqueles que se tornaram parte de seu círculo íntimo de discípulos (ver por exemplo Mateus 4: 18-22; Marcos 1: 16-20; João 1: 35-51). Ele deu uma atenção especial a Zacarias (Lc. 19: 1-10). Nestes casos, Jesus estabeleceu contato próximo com pessoas que ligaram. Certamente estava falando diretamente e pessoalmente com uma persuasão especial não foi apreciado pela multidão ao seu redor. Nós vemos um outro apelo dramático na conversão de Saulo (Atos 9: 1-19). Neste exemplo Deus fez um pedido especial. Às vezes, o seu apelo adota uma forma mais descontraída, como no caso de Lydia: "A mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, ouvi. O Senhor abriu o coração para atender às coisas que foram ditas por Paulo "(At. 16:14).

O recurso especial é em grande parte o trabalho de iluminação do Espírito Santo, o que permite que o receptor para compreender o verdadeiro significado do evangelho. Envolve também a obra de convencimento do Espírito Santo de que Jesus falou em João 16: 8-10. Esta obra do Espírito é necessário porque a característica depravação de todos os seres humanos impede captar a verdade revelada de Deus. Comentando sobre 1 Coríntios 2: 6-16, diz George Ladd

A primeira obra do Espírito é permitir que os homens para entender a obra divina da redenção ... Isto [a cruz] foi um evento cujo significado era tolice para os gregos e uma ofensa para os judeus. Mas para aqueles iluminados pelo Espírito é a sabedoria de Deus. Em outras palavras, Paulo reconhece um significado oculto no evento histórico da morte de Cristo ("Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" 2 Coríntios 5:19) que não é óbvio para o olho humano, mas pode ser aceite somente através de iluminação sobrenatural. O Espírito não revelar realidades celestes, mas o verdadeiro significado de um acontecimento histórico. Não dá uma espécie de esotérico verdade "gnóstica", mas o verdadeiro significado de um evento na história. Só pela iluminação dos homens espirituais podem entender o significado da cruz; Somente pelo Espírito pode, portanto, homens confesse que Jesus foi executado também é o Senhor (1 Cor 12, 3).

Portanto, o recurso especial ou dinheiro implica uma extraordinária apresentação da mensagem de salvação. Ele é poderoso o suficiente para neutralizar os efeitos do pecado e permitir que a pessoa a fazer. Também é tão atraente que as pessoas vão acreditar. O recurso especial é em muitos aspectos semelhante ao oradores anteriores graça das formas arminianos. No entanto, este conceito difere em dois aspectos. Ele é oferecido somente aos eleitos, não todos humanos, e leva infalivelmente eficaz resposta positiva ou a partir do receptor.

A ordem lógica: chamada dinheiro, conversão, regeneração

O recurso especial é logicamente anterior à conversão e conduz a ela. Aqui devemos perguntar se a regeneração é também acima da lógica de conversão ou se o inverso é verdadeiro. Esta é uma questão que tem tradicionalmente separados arminianos calvinistas. Arminianos dizem que a conversão está acima. É um pré-requisito para o novo nascimento. Uma arrepende e crê, e, portanto, Deus salva e transforma. Se assim não fosse, uma situação quase mecânica que iria acontecer: Deus faria; há realmente haveria elemento da resposta humana; eo apelo à conversão para aqueles que ouvem o evangelho seria insincero. Calvinistas, por outro lado, insistem que se todos os homens são pecadores reais, totalmente depravado e incapaz de responder à graça de Deus, ninguém pode se tornar a menos que seja previamente regenerado. O arrependimento ea fé não são as capacidades humanas.³

Nós não estamos falando sobre a sucessão temporal. A conversão eo novo nascimento acontecer simultaneamente. Pelo contrário, a questão é saber se um é convertido pela obra regeneradora de Deus ou porque Deus regenera o indivíduo se arrependem e crêem. Deve-se reconhecer que, a partir de um ponto de vista lógico, a posição calvinista faz sentido habitual. Se nós, pecadores humanos, somos incapazes de acreditar e responder ao evangelho de Deus, sem que Ele opere em nós de uma maneira especial, como alguém pode acreditar, mesmo os eleitos, se não for feita anteriormente para você ser capaz de acreditar por regeneração? Dizer que a conversão é anterior à regeneração parece uma negação da depravação total.

No entanto, a evidência bíblica apóia a visão de que a conversão é anterior à regeneração. Diferentes chamadas para responder ao Evangelho implica que a conversão resulta em regeneração. Entre eles está a resposta de Paulo ao carcereiro de Filipos (estamos supondo que a regeneração é parte do processo para serem salvos), "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo tu e tua casa" (Atos 16:31.). Pedro faz uma declaração

semelhante em seu sermão no dia de Pentecostes, "Arrependei-vos e sejam batizados cada um de vocês em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38.). Este parece ser o padrão em todo o Novo Testamento. Mesmo John Murray, de forma inequívoca a regeneração como acima, parece negar sua própria posição quando ele diz: "A fé que estamos falando agora não é a crença de que somos salvos, mas a confiança em Cristo para que possamos ser salvos". A menos que a regeneração Murray não considera como parte do processo de salvação, parece estar dizendo que fé é instrumental para a regeneração e, assim, logicamente anterior a ele.

A conclusão, então, é que Deus regenera aqueles que se arrependem e crêem. Mas esta conclusão parece inconsistente com a doutrina da incapacidade total. Estamos divididos entre Escritura e lógica neste momento? Há uma saída. É a distinção entre o recurso especial ou dinheiro de Deus, por um lado, e por outro regeneração. Embora ninguém possa responder ao chamado geral do evangelho, para o trabalho os eleitos de Deus intensamente através de um apelo especial para que eles respondam em arrependimento e fé. Como resultado dessa conversão, Deus regenera. Este recurso especial é simplesmente um trabalho intenso e eficaz do Espírito Santo. Não é a transformação é completa regeneração, faz a conversão do possível, individual e segura. Portanto, a ordem lógica dos aspectos iniciais da salvação é apelo especial - conversão - regeneração.

Conversão

A vida cristã, pela sua própria natureza e definição, representa algo muito diferente da forma como eles viviam antes. Em contraste com a morte do pecado e falhas, é uma *nova* vida. Embora ao longo da vida e até mesmo a eternidade, tem um ponto de partida particular. "Uma viagem de centenas de quilômetros começa com um único passo", disse o filósofo chinês Lao-tzu. E assim é com a vida cristã. O primeiro passo da vida cristã é chamada conversão. O ato de virando as costas para o nosso pecado e se arrepender voltar-se para Cristo em fé.

A imagem de afastar-se do pecado é encontrada tanto no Antigo e Novo Testamento. No livro de Ezequiel lemos a palavra de Deus ao povo de Israel: "Por isso, ó casa de Israel, vou julgar cada um segundo os seus caminhos, diz o Senhor. Arrependessem e se convertessem a partir de todas as vossas transgressões, ea iniquidade não vos servirá de tropeço. Lançai de vós todas as vossas transgressões que cometestes, e obter-se um novo coração e um novo espírito. Por que você morrer, ó casa de Israel? Eu não quero a morte de ninguém, diz o Senhor Deus. Arrependei-vos, pois, e viver" (Ez. 18: 30-32) !. Posteriormente Ezequiel é ordenado a advertir o ímpio do seu caminho (Ez. 33: 7-11). Em Efésios 5:14 Paulo usa imagens diferentes mas o enredo básico é o mesmo: ". Por esta razão, ele diz Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te de entre os mortos, e Cristo brilhará" Em Atos vemos Peter defendendo uma mudar de direção na vida: "Arrependei-vos pois, e convertei que os vossos pecados sejam apagados; vir da presença do Senhor os tempos de refrigério" (Atos 3:19).. Embora evangelistas contemporâneos muitas vezes perguntam: "! Convertei-vos", é curioso que, nas passagens citadas, o imperativo é ativo: "Arrependei-vos".

A conversão é uma única entidade que tem dois aspectos distintos, mas inseparáveis: arrependimento e fé. O arrependimento é o incrédulo se afasta do pecado e da fé está voltando para Cristo. Eles são, respectivamente, os aspectos negativos e positivos da mesma situação. Num sentido, é cada incompleta sem o outro e cada um é motivado pela outra. Quando temos consciência do pecado e vire a partir dele, vemos a necessidade de voltar-se para Cristo para nos dar a sua justiça. Da mesma forma, acreditando em Cristo, torna-nos conscientes do nosso pecado e que nos leva ao arrependimento.

Escritura não dá qualquer especificação no que diz respeito à quantidade de tempo envolvido na conversão. Em algumas ocasiões, parece ser uma decisão revolucionária que ocorre a partir de um momento para outro. Este foi provavelmente o caso para a grande maioria daqueles que se tornaram Pentecostes, provavelmente a primeira vez que eu realmente ouviram o evangelho. Além disso, para os outros a conversão era mais um processo. Nicodemos provavelmente comprometido com Cristo dessa maneira (Jo. 19:39). Da mesma forma, o apoio emocional conversão pode variar amplamente. Saul tomou sua decisão em circunstâncias muito dramáticas. Ele ouviu uma voz que lhe falava do céu (Atos 9: 4-7.) E até mesmo ficou cego por três dias (vv 17-18 setembro.). Em contraste, como mencionado acima, a abordagem Lidia Cristo parece ter sido muito simples e calma: "O Senhor abriu o coração para atender às coisas que foram ditas por Paulo" (Atos 16:14.). Além disso, novamente alguns versos depois, lemos que o carcereiro de Filipos, ainda tremendo de medo depois de ouvir que nenhum dos presos tivessem fugido depois do terremoto, ele perguntou: "O que devo fazer para ser salvo?" (V 30.). As experiências de conversão dessas pessoas eram muito diferentes, mas os resultados finais foram os mesmos.

Às vezes a igreja se esquece de que Deus trabalha de formas diferentes. Na fronteira americana algum tipo de pregação tornou-se um estereótipo. A vida era incerta e, muitas vezes difícil, e viajar evangelista apareceu com pouca frequência. O padrão geral pregação incluía uma forte ênfase no horror do pecado, uma apresentação vívida da morte de Cristo e seus benefícios, e depois de um apelo emocional para ser aceito Cristo. Ele pressionou ouvintes Tomasen para uma decisão imediata. E assim, a conversão veio a ser considerada como uma decisão para fazer em um momento de crise. Embora Deus muitas vezes funciona bem com os indivíduos, as diferenças entre personalidades, contexto imediato e circunstâncias podem resultar em diferentes tipos de conversão. É importante não insistir em que os factores de conversão acidentais ou externas são idênticas para todos.

Também é importante fazer uma distinção entre conversão e conversões. Há uma coisa importante na vida em que o indivíduo se transforma em Cristo, em resposta à oferta de salvação agora. Pode haver outros momentos em que os crentes devem abandonar uma prática ou crença particular para evitar o retorno a uma vida de pecado. No entanto, esses eventos são secundárias, são confirmações grande passo já foi dado. Poderíamos dizer que há muitas conversões na vida cristã, mas apenas uma conversão.

Arrependimento

O aspecto negativo da conversão é o abandono e rejeição do pecado. Isto é o que queremos dizer com arrependimento. É baseado em um sentimento de remorso santo para o nosso pecado. Ao discutir o arrependimento e fé deve se lembrar que você não pode separar uma coisa da outra. Primeiro falar sobre o arrependimento, porque logicamente o lugar onde foi precedida para onde ele vai.

Duas palavras hebraicas expressar a idéia de arrependimento. Um deles é נחם (Nacham), uma palavra onomatopoeic que significa "respiração ofegante, suspirando ou gemendo." I veio a significar "chorar ou ser atingidas." Ao se referir a um emocionais decorrentes das sucedido por outra situação, ela conota compaixão e simpatia. Quando usado para se referir a uma emoção produzida pelo nosso próprio caráter, ou trabalhos, que significa "pesar" ou "arrependimento". Curiosamente, quando נחם aparece com um sentimento de pesar, o sujeito do verbo é geralmente a Deus do que aos homens. Um exemplo proeminente é encontrado em Gênesis 6: 6: "O Senhor tinha feito o homem na terra se arrependeu, e pesou-lhe em seu coração." Outro exemplo é Êxodo 32:14. Tendo pensado para destruir o povo de Israel por seu comportamento pecaminoso por adorar o bezerro de ouro, Deus mudou de idéia: "E o Senhor se arrependeu do mal que ele faria para o seu povo". A passagem em que a palavra aparece

como um sujeito com um homem é encontrado em Jó. No final de seu longo calvário Job diz: "Eu sabia que você ouviu, mas agora meus olhos te vêem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza "(Jó 42: 5-6).

O tipo de arrependimento genuíno que os seres humanos têm de mostrar mais geralmente designado com a palavra שׁוּב (Shub). É amplamente utilizado em fazer chamadas profetas de Israel a voltar para o Senhor. Destaca a importância da separação consciente moral, a necessidade de abandonar o pecado e entrar em comunhão com Deus. Um dos usos mais populares é 2 Crônicas 7:14: "Se o meu povo se humilhar, no qual meu nome é invocado, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra. " Percebendo que a ira de Deus baixado mais de seus inimigos, Isaías acrescenta: "O Redentor virá a Sião e aos que se desviarem da transgressão em Jacó", diz o Senhor "(Isaías 59:20.). Na verdade, a palavra pode ser usada no aspecto positivo ou negativo de conversão.

Há também dois termos-chave no Novo Testamento, ao arrependimento. A palavra μεταμέλομαι (metamelomai) significa "ter sentimentos de cuidado, preocupação ou arrependimento. Como ἔλεος Destaca o aspecto emocional de arrependimento, um sentimento de arrependimento ou remorso pelas faltas cometidas. Jesus usou essa palavra na parábola dos dois filhos. O pai do primeiro filho pediu-lhe para ir trabalhar na vinha. "Ele respondeu, e disse:" Eu não quero "Mas depois ele se arrependeu, foi" (Mateus 21:29) !. O segundo filho disse que iria, mas não foi. Jesus em comparação com os principais sacerdotes e os fariseus (que falava) com o segundo filho e os pecadores arrependidos com o primeiro filho: "Pois João veio a vós no caminho da justiça e você não acreditou nele; no entanto, os publicanos e as meretrizes lho deram. Mas você, embora você viu isso, você não depois se arrepender e crer nele "(v. 32). A palavra μεταμέλομαι também usado para expressar remorso depois de Judas trai Jesus: "Então Judas, que tinha entregue a, vendo que Jesus fora condenado, trouxe novamente as trinta moedas de prata aos sumos sacerdotes e os anciãos" (Mt. 27: 3), e, em seguida, ele saiu e enforcou-se. Parece que μεταμέλομαι pode simplesmente expressar arrependimento e remorso por nossas próprias ações, como no caso de Judas. Ou você pode expressar o verdadeiro arrependimento, que envolve uma verdadeira mudança no comportamento, como no caso do primeiro filho. Otto Michel diz Judas mostrado "remorso, nenhum arrependimento. Judas vê a sua acção é culpado e cede sob o peso da culpa. O remorso de Judas: (. Ele 12:17) (Mateus 27 3) ou Esau não tem o poder de superar a ação destrutiva do pecado ". Judas e Pedro responder ao pecado contrário. Pedro se volta para Jesus e recupera a sua comunhão com ele. No caso de Judas, percebendo seu pecado leva ao desespero e autodestruição.

Outro termo importante do Novo Testamento para o arrependimento é μετανοέω (metanoeo), que significa literalmente "a pensar diferentemente sobre algo, ou mudar de idéia." A palavra era característico na pregação de João Batista: "Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo" (Mateus 3: 2). Ele também era um termo-chave na pregação da igreja primitiva. Em Pentecostes, Pedro exortou a multidão: "Arrependei-vos e sejam batizados cada um de vocês em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38.).

Quando examinamos o assunto de arrependimento, não podemos deixar de ficar impressionado com a sua importância como um pré-requisito para a salvação. O grande número de versos e da variedade de contextos em que o arrependimento é assinalado deixa claro que não é opcional, mas essencial. Que as pessoas de diferentes ambientes culturais que são exortados a se arrepender mostra que esta não é uma mensagem se destina apenas a situações locais específicas. Pelo contrário, o arrependimento é uma parte essencial do evangelho cristão. Já notamos a importância que ele colocou em seu arrependimento pregação de João Batista. Na verdade, você poderia dizer que representavam praticamente toda a mensagem de João. Arrependimento foi destaque na

pregação de Jesus em seu lugar. Na verdade, era a nota de seu ministério de abertura: "Desde então, Jesus começou a pregar:" Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo "(Mateus 4:17) !. E no final de seu ministério, ele disse que o arrependimento era para ser um tema dominante na pregação dos discípulos. Pouco antes de sua ascensão ao céu, ele disse: "Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia; e que pregava em seu nome o arrependimento eo perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém "(Lc. 24: 46-47). Peter começou a cumprir essa tarefa no dia de Pentecostes. E Paulo disse em sua mensagem para os filósofos no Areópago: "Mas Deus, tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens em todo lugar se arrependam" (Atos 17:30). Esta última frase é particularmente significativo, porque é universal, "*todos os homens em todos os lugares*". Sem dúvida, então, que o arrependimento é uma parte que não pode ser removido da mensagem do evangelho.

Recentemente, dentro do evangelicalismo que surgiu uma escola de pensamento que defende que o arrependimento ea aceitação do senhorio de Cristo não são necessárias para a salvação. Tudo o que precisamos é a fé, definida como crença e aceitação. O arrependimento é necessário para o discipulado. No entanto, esta distinção entre salvação e discipulado é muito difícil de sustentar, como na Grande Comissão em Mateus 28:19, onde Jesus diz aos seus discípulos: "Ide, portanto, fazei discípulos."

É importante compreender a natureza do verdadeiro arrependimento. O arrependimento é o remorso santo para o pecado de um anexo à resolução longe dele. Há outras maneiras de arrependimento para nossas más ações que são baseadas em diferentes motivações. Uma forma de remorso pode ser baseado em pouco mais de apoio. Se pecamos e as conseqüências são desagradáveis, você pode se arrepender nossas ações. Mas este não é o verdadeiro arrependimento. É mera penitência. O verdadeiro arrependimento é a punição para o pecado que cometemos porque fizemos um Deus mau e os danos que infligimos sobre ele. Esta pena é acompanhada por um desejo genuíno de deixar que o pecado. No caso de verdadeiro arrependimento, eu remorso pelo pecado existe mesmo que o pecador não sofreu quaisquer pertences pessoais infelizes por causa disso.

O uso repetido da Bíblia na necessidade de se arrepender ênfase é um argumento conclusivo contra o que Dietrich Bonhoeffer chamou de "graça barata" ("crença fácil"). Não basta apenas crer em Jesus e aceitar a sua oferta de graça; deve haver uma mudança real no interior da pessoa. Se você acredita na graça de Deus foi tudo o que era necessário, que não gostaria de se tornar um cristão? Mas Jesus disse: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Lucas 9:23.). Se houver um arrependimento consciente, não real consciência de sermos salvos do poder do pecado. Pode haver uma correspondente falta de profundidade e compromisso. Depois de Jesus ter certeza de que os muitos pecados da mulher que lavou os pés com as suas lágrimas e teve com seu cabelo foram perdoados, ele fez o seguinte comentário: "quem pouco se perdoa, pouco ama "(Lc. 07:47). Qualquer tentativa de aumentar o número de discípulos discipulado tornando-o mais fácil possível, por isso apenas começando é que diminui a qualidade do discipulado.

Fé

Assim como o arrependimento é o aspecto negativo da conversão, rejeitar o pecado, a fé é o lado positivo, aceitar as promessas e obra de Cristo. A fé é o coração do Evangelho, porque é o veículo através do qual a graça de Deus é recebida. Novamente, é importante observar a terminologia bíblica.

Em um sentido muito real, o Antigo Testamento hebraico não tem um nome para a fé, a não ser talvez אֱמוּנָה (Emunah) em Habacuque 2: 4, mas essa palavra é geralmente traduzido por "fidelidade". Em vez do hebraico transmite a idéia de fé com formas

verbais. Talvez isso aconteça porque os hebreus consideram fé, pois não é algo que você tem, uma atividade em vez de uma posse. A palavra que foi usada mais comumente para descrever a fé é אָמַן (Am'an). Nos meios radicais Qal "nutrir"; em meio radical nifal "posição firme, segura ou estável"; em hifil radical, que é o mais importante para os nossos propósitos, significa "considerado como estabelecido, considerar verdadeira ou crer." Este verbo pode ser usado com preposições לֵּ e בֵּ. O primeiro, basicamente, expressa a idéia de descansar com confiança em alguém ou alguma coisa; o segundo pode significar um aceno testemunho. "Positivamente, [a palavra significa] um anexo ou inclinação; porque esse é o sentido próprio de אָמַן, Chame isso de *uma conexão* [subject (Gesenius)] *do coração com a Palavra de Deus da promessa, uma inclinação para a potência e fidelidade de Deus*, razão pela qual ele pode fazer e fazer o que quiser, apesar de todos os obstáculos terrestres, e, portanto, uma ruptura no צוּר - לֵּב Salmo 73:26 ". Um segundo verbo hebraico é בָּטַח (Batach). Muitas vezes aparece com a preposição עַל Significa "a confiar em nós, confiança." Sem ela conota crença intelectual enquanto sugerindo cuide de si.

Quando olhamos para o Novo Testamento, não há uma palavra principal que representa a idéia de fé. É o verbo πιστεύω (pisteuo) com o seu nome cognato πίστις (pistis). O verbo tem dois significados básicos. Primeiros meios "para acreditar que alguém diz, aceitar uma declaração (especialmente de natureza religiosa) como verdadeiro". Um exemplo é encontrada em 1 João 4: 1, ". Amados, não creiais a todo espírito, mas provai os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo" Um exemplo flagrante do verbo são as palavras de Jesus o centurião: "Vai, e como creste faça-se" (Mateus 8:13). Muito impressionado, a fé do centurião Jesus foi recompensado quando o seu servo seria curado. Jairo pediu a Jesus que acreditem que sua filha estaria bem (Marcos 5:36;. Lucas 8:50) E perguntou aos cegos o seguiram desde a casa de Jairo, "Você acha que eu posso fazer isso? [Curá-lo]? "(Mt. 9:28). Estes exemplos e muitos outros afirmam que a fé significa acreditar que algo é verdadeiro. De fato, o autor de Hebreus diz que a fé no sentido de reconhecer certas verdades é necessária para a salvação: "Sem fé é impossível agradar a Deus, porque é necessário que vem a Deus deve crer que ele existe e que recompensa para aqueles que o buscam "(Heb. 11: 6).

Pelo menos tão importante são os exemplos onde πιστεύω e πίστις significa "confiança pessoal em contraste com a mera crença ou fé." Neste sentido é normalmente identificado por usando uma preposição. Em Marcos 01:15 a preposição utilizada ἐν (em): após a prisão de João Batista, Jesus pregou na Galiléia, dizendo: ". Arrependei-vos e crede no evangelho" A preposição εἰς (EIS) é usado em Atos 10:43: "A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que crêem nele recebe o perdão dos pecados pelo seu nome." Encontramos a mesma construção em Mateus 18: 6; João 2:11; Atos 19: 4; Gálatas 2:16; Filipenses 1:29; 1 Pedro 1: 8 e 1 João 5:10. O apóstolo João fala de crer no nome de Jesus (εἰς τὸ ὄνομα - eis a onoma): "Para todos os que o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus" (Jo. 1:12; veja também 2:23; 3:18 e 1 João 5:13) .. Este edifício teve um significado especial para os judeus, que consideravam o nome de cada praticamente o equivalente a pessoa. Portanto, crer no nome de Jesus foi pessoalmente nele confiam. A preposição ἐπὶ (epi) é usado com o acusativo em Mateus 27:42: "Se o Rei de Israel, desça agora da cruz, e vamos acreditar nele" (ver também Atos 09:42; 11:17 ;. 16:31; 22:19; Romanos 4: 5) .. Ele é usado com o caso dativo em Romanos 9:33 e 10:11 e 1 Pedro 2: 6, todos os quais são citações da Septuaginta, como em 1 Timóteo 1:16.

Baseando-se no que precede, conclui-se que o tipo de fé necessária para a salvação deve envolver acreditar que e acreditar, ou assentimento a fatos e confiar em uma pessoa. É vital para manter as duas coisas juntas. Às vezes, na história do pensamento

cristão que tem enfatizado tanto um aspecto da fé que faz com que o outro parece insignificante. Muitas vezes existe uma relação entre a nossa ideia de fé e nossa compreensão da natureza da revelação. Quando você pensa sobre a divulgação de informações como a comunicação, a fé é considerada uma aceitação intelectual da doutrina. Esse foi o caso da escolástica protestante.²² Quando revelação é visto como apresentação de Deus de si mesmo em um encontro pessoal, como no neo-ortodoxia, a fé é considerada confiança pessoal neste Deus conosco encontrado. No entanto, nós já argumentou que a divulgação não é um problema que tem apenas duas alternativas. Deus revela-se, mas ele faz, pelo menos em parte, para fornecer informações (ou proposições) em si mesmo, dizer quem ele é.²⁴ Nossa ideia da revelação nos leva a destacar a natureza dual da fé ao crédito afirmações e confiar em Deus.

Às vezes a fé é expressa como antitéticas à razão e não pode ser confirmada. A verdadeira fé não é algo incidir sobre uma base mais cedo da prova indiscutível. Mas a fé, uma vez aceito, nos permite raciocinar e reconhecer diferentes provas que corroborem. Isto significa que a fé é uma forma de conhecimento; Ele trabalha em conjunto com a razão, e não contra ela. Isso é relevante na resposta de Jesus aos dois discípulos que João Batista enviados para perguntar: "És tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?" (Lucas 7:19.). Jesus respondeu dizendo que ele diga John os milagres que ele tinha feito ea mensagem que tinham ouvido. Jesus realmente disse a João: "Aqui você tem a prova que você precisa acreditar."

A inspeção mais minuciosa revela que os casos citados, argumentando que a fé não está baseada em nenhuma evidência realmente não endossa essa conclusão. Um deles é o caso de Thomas, não estar com os outros quando o Jesus ressuscitado apareceu, ele não acreditou. Thomas disse que, a menos que ele podia ver as marcas dos pregos nas mãos de Jesus, coloque os dedos sobre eles e tocar o lado ferido não acreditaria (Jo. 20:25). Quando Jesus veio, ele convidou Thomas para atender às suas preocupações. E quando Thomas confessou: "Meu Senhor e meu Deus", Jesus respondeu: "Porque me viste, você acreditou (v. 28.); Bem-aventurados os que não viram e creram "(v. 29). Thomas acreditava que Jesus cegamente sem qualquer prova esperava? Lembre-se que Thomas tinha vivido com Jesus durante três anos, ele tinha escutado seus ensinamentos e que tinham visto seus milagres; ele sabia que a promessa de que Jesus iria retornar dos mortos. Ele tinha motivos suficientes para acreditar que o testemunho dos outros discípulos, cuja integridade tinha experimentado por um longo tempo. Eu não deveria ter necessária qualquer prova adicional. Da mesma forma, quando Abraham foi convidado a dar seu filho Isaac em sacrifício, ele não foi convidado a agir cegamente. É verdade, não era um animal sacrificial à vista; Eu só tinha que confiar em Deus. Mas apesar de não haver evidência visível no momento, Abraão sabia Jeová há muito tempo. No passado, Deus tinha sido fiel a fornecer a terra e o filho que ele havia prometido. A fé que Abraão provou estar disposto a sacrificar seu filho era uma extrapolação para um futuro desconhecido de sua experiência com Deus no passado.

Embora tenhamos descrito a conversão como uma resposta humana à iniciativa de Deus, mesmo o arrependimento ea fé são dons de Deus. Jesus deixou claro que a convicção, o que pressupõe o arrependimento é a obra do Espírito Santo: "E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais; Do juízo, porque o príncipe deste mundo está julgado "(Jo. 16: 8-11). Jesus também disse: "Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxe; e eu o ressuscitarei no último dia "(Jo. 6:44). Este é um trabalho eficaz do Pai: "Tudo o que o Pai me dá virá a mim, eo que vem a mim, não perca ... todo aquele que ouve o Pai e aprende com ele vem a mim" (Jo. 06:37, 45). Portanto, o arrependimento ea fé também são obra de homens que Deus por sua graça, feitas na vida dos crentes.

Regeneração

Conversão refere-se à resposta humana à oferta de salvação e divulgação para os homens de Deus. A regeneração é o outro lado da conversão. É inteiramente a obra de Deus. É a transformação que Deus faz dos crentes individuais, dar o espiritual uma nova vitalidade e uma nova direção em suas vidas quando eles aceitar a Cristo.

Subjacente à doutrina da regeneração encontrar uma suposição sobre a natureza humana. A natureza humana precisa ser transformado. O ser humano está espiritualmente morto e, portanto, precisa de um novo nascimento ou nascimento espiritual. Nós já notou que o indivíduo não tem conhecimento ou não responde aos estímulos espirituais.²⁷ As imagens bíblicas da unregenerate humano como cego, surdo e mortos indicam falta de sensibilidade espiritual. E não só os incrédulos não são capazes de perceber as verdades espirituais, são incapazes de fazer qualquer coisa para alterar seu status como cegueira e sua tendência natural para o pecado. Quando lemos a descrição do humano pecador em Romanos 3: 9-20, é bastante claro que é necessária uma mudança radical ou metamorfose, e não uma mera alteração ou ajuste na pessoa. Para alguns, isso parece uma visão muito pessimista da natureza humana, e é claro que é, em relação ao seu potencial natural; mas a nossa visão não limita as suas expectativas para possibilidades naturais.

As descrições bíblicas do novo nascimento são numerosos, cores vivas e variadas. Mesmo no Antigo Testamento, encontramos referências marcantes para a obra renovadora de Deus. Ele promete: "Eu lhes darei um só coração e porei um espírito novo neles; E tirarei o coração de pedra da vossa carne e dar-lhes um coração de carne, que andeis nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e fazer, e ser o meu povo e eu serei o seu Deus "(Ez. 11: 19- de 20). Embora a terminologia e imagens difere daquele do Novo Testamento, temos aqui a idéia básica da transformação da vida e do espírito.

No Novo Testamento, o termo mais literalmente expressa a idéia de regeneração é *παλιγγενεσία* (palingenesia). Ele só aparece duas vezes no Novo Testamento. Um está em Mateus 19:28, que se refere à "renovação de todas as coisas" [NIV] que farão parte do eschaton. O outro é Tito 3: 5, que se refere à salvação "Ele nos salvou, não por obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo". Aqui está a idéia bíblica de renascimento. Embora o termo literal *παλιγγενεσία* não encontrada em outras partes do Novo Testamento, a idéia certamente é muito comum.

A mais conhecida e ampla do conceito de exposição do novo nascimento que são encontrados na conversa de Jesus com Nicodemos em João 3. Jesus disse a Nicodemos: "Em verdade, eu vos digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o reino Deus "(v. 3). Mais tarde na discussão, ele diz: "Não te admires de eu disse que você deve nascer de novo" (v. 7). A palavra grega usada é *ἄνωθεν* (anóthen), que também pode ser traduzida como "de cima". No entanto, que "mais uma vez" ou "volta" é a tradução correta aqui você pode ver pela resposta de Nicodemos: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Ele pode entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe, e nascer?" (V. 4). Nicodemos sabia que Jesus estava dizendo para nascer de novo.

Embora a terminologia varia, a idéia é encontrada em outras partes do Novo Testamento. Na mesma conversa com Nicodemos, Jesus fala de ser "nascido do Espírito" (Jo. 3: 5-8). Ele tinha uma obra sobrenatural que transformou a vida do indivíduo em mente. Este trabalho, que é essencial se você quiser entrar no reino de Deus não é algo que pode ser alcançado por esforço ou planejamento humano. Também se fala de "nascer de Deus" ou "nasce da Palavra de Deus" (João 1: 12-13; Tg 1.18; 1 Pedro 1: .. 3, 23; 1 João 2:29; 5. 1, 4). Quem passar por essa experiência é uma nova criação: "Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas velhas já passaram; todas as coisas se tornaram novas "(2 Coríntios 5:17). Paulo fala da renovação no Espírito Santo (Tito 3: 5), para receber a vida (Ef. 2: 1, 5) e ressuscitar dentre os mortos (Ef. 2: 6). A mesma ideia está implícita nas declarações que Jesus veio para dar vida (Jo 6:63 ;. 10:10, 28)

Embora seja bastante fácil de fazer uma lista de exemplos em que a idéia do renascimento aparece, não é tão fácil de garantir o seu significado. No entanto, não

devemos nos surpreender que o novo nascimento é difícil de entender. Jesus disse a Nicodemos, que tinha dificuldade em entender o que Jesus estava dizendo que o conceito era difícil. É como o vento, mas nós não sabemos de onde vem nem para onde vai, o som (. 8 Jo 3) é ouvido. Como o novo nascimento aborda questões que não podem ser percebidas pelos sentidos, não pode ser estudado da mesma forma que outras questões são discutidas. Há também uma resistência natural à idéia do renascimento, uma resistência que torna difícil para nós, para examinar objetivamente o conceito. A necessidade de novo nascimento é uma carga para todos nós, que indica que nenhum de nós são bons o suficiente em seu estado natural; todos nós temos que passar por uma metamorfose, se queremos agradar a Deus.

Apesar dos problemas para entender o conceito, você pode fazer várias declarações sobre a regeneração. Em primeiro lugar, isso implica algo novo, uma verdadeira mudança nas tendências naturais da pessoa. Não é meramente uma extensão das características já presentes. Por um lado, a regeneração envolve matar ou crucificando qualidades existentes. Comparando a vida no Espírito com a vida na carne, Paulo diz: "Mas os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito "(Gl 5: 24-25.). Outras referências à morte do indivíduo os aspectos individuais ou incluir Romanos 6: 1-11 e Gálatas 2:20; 06:14. A idéia de morrer para a carne (a maneira natural de agir e de estar) e viver no Espírito é uma evidência de que a regeneração é a produção de uma nova criação (como corretamente chamado Paulo) e não apenas uma maneira de melhorá-lo ele estava prestes a direção básica na vida de alguém.

Como destruição da carne, o novo nascimento envolve neutralizar os efeitos do pecado. Isto pode ser visto mais claramente em Efésios 2: 1-10. A morte que requer uma transformação é o resultado do pecado em que vivemos, sendo guiada pelo príncipe do poder do ar. Embora a regeneração significa algo totalmente novo para nós, isso não resultará em algo que é alheio à natureza humana. Em vez disso, o novo nascimento é a restauração da natureza humana ao estado original como foi concebido para ter e realmente tinha antes do pecado entrou na raça humana no momento da queda. É, simultaneamente, o início de uma nova vida e um retorno à vida e à atividade original.

Além disso, parece que o novo nascimento é instantânea em si. Nada em sua descrição sugere que é um processo, não uma única ação. Em parte alguma é dito para ser incompleta. Escritura fala de crentes "nasceram de novo" ou "nascer de novo" não diz que "nascer de novo" (João 1: 12-13; 2 Coríntios 5:17; Ef. 2: 1, 5. -6; Jas 01:18; 1 Pedro 1: 3, 23, 1 João 2:29; 5: .. 1, 4 - os verbos gregos pertinentes a essas referências estão em aoristo, que não faz referência ao duração, tempo ou perfeito apontando um estado de ação completada). Embora incapaz de determinar a hora exata de renascimento, e pode haver uma variedade de origens, parece que o novo nascimento em si é concluída em um instante.

Embora a regeneração for concluída imediatamente, não é um fim em si. Como impulsos espirituais mudar, a regeneração é o início de um processo de crescimento, que continua ao longo da vida. Este processo de maturidade espiritual é a santificação. Tendo notado que seus leitores já foram mortos e agora vivo, Paulo acrescenta: "Pois somos feita dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Ef 2:10.). Fala em Filipenses 1: 6 para continuar e terminar o que ele começou, "Estou convencido de que aquele que começou a boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Jesus Cristo". A regeneração é um começo, mas há muito mais para vir. As manifestações desta maturidade espiritual são chamados de "fruto do Espírito". São diretamente opostos ao fruto da velha natureza, as obras da carne (Gal. 5: 19-23).

O novo nascimento é um fato sobrenatural. Isso é algo que não pode ser alcançado pelo esforço humano. Jesus deixou isso claro em João 3: 6: "O que é nascido da carne é carne; eo que é nascido do Espírito é espírito. "Ele estava respondendo a pergunta de

Nicodemos se o novo nascimento teve que voltar para o útero. A regeneração é especialmente o trabalho do Espírito Santo. Embora a salvação planejada e originou o Pai e foi realizada pelo Filho, o Espírito Santo é a que se aplica à vida do crente, cumprindo assim a intenção de Deus era para os seres humanos.

Houve momentos no passado, quando acreditava-se que a regeneração era uma alteração da substância da alma. Esta idéia não é muito interessante para nós, em parte porque o significado de "substância" não é muito clara. Seria melhor pensar em termos de uma mudança nas inclinações e impulsos de um indivíduo e não especular sobre a natureza exata da mudança.

A doutrina da regeneração coloca a fé cristã em um lugar incomum. Por um lado, os cristãos rejeitam a atual crença secular na bondade humana e as expectativas otimistas que surgem a partir daí. A mesma insistência sobre a regeneração é uma declaração de que sem ajuda externa e sem transformação completa, não há nenhuma possibilidade de que em grande escala genuína bondade da humanidade surge. Além disso, apesar de a avaliação pessimista da capacidade natural do ser humano, o cristianismo é muito otimista com os seres humanos ajuda sobrenatural pode ser transformado e restaurado ao seu estado original de bondade. Era sobre a capacidade de Deus para mudar os corações humanos, o que nos permite entrar em seu reino que Jesus disse: "Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível" (Mateus 19:26).

Implicações da chamada dinheiro, conversão e regeneração

1. A natureza humana não pode ser alterada por reformas sociais e educação. Deve ser transformado por uma obra sobrenatural de Deus Uno e Trino.
2. Ninguém pode prever ou controlar quem experimentar o novo nascimento. Como é o trabalho de Deus; a conversão depende da sua chamada dinheiro.
3. O início da vida cristã exige que nós reconhecemos que somos pecadores e estamos determinados a abandonar o nosso modo de vida egoísta.
4. Saving fé exige que acreditamos corretamente em conta a natureza de Deus e que ele tem feito. No entanto, acredito que corretamente é insuficiente. Também deve haver um compromisso ativo pessoal a Deus.
5. A conversão de uma pessoa pode ser radicalmente diferente do outro. O que importa é que não há um verdadeiro arrependimento e fé.
6. O novo nascimento não é percebido quando isso acontece. Pelo contrário, ela estabelece a sua presença a produção de uma nova sensibilidade para as coisas espirituais, uma nova direção na vida, uma crescente capacidade para obedecer a Deus.

46. O princípio de aspectos objetivos salvação

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Defina e descreva a união com Cristo.
- modelos contrastam com ensino inadequado das Escrituras em união com Cristo e apontar as implicações.
- Defina e descreva a justificação.
- Procure a justificação como uma doutrina judicial e da relação entre fé e obras.
- Defina e descreva a adoção.

- Descrever as vantagens da adoção.

Resumo do capítulo

Há três elementos essenciais dos aspectos objetivos da Salvação: a união com Cristo, a justificação e adoção. A união com Cristo é um termo que geralmente inclui tudo relacionado à salvação. Também é específico, referindo-se a um relacionamento íntimo com Cristo, similar a um relacionamento conjugal entre marido e mulher. Na justificação Deus imputa a justiça de Cristo ao crente, que anula o julgamento de Deus sobre o crente. Finalmente, a adoção significa que o crente realmente justificado dado o estado de graça para com Deus e adotados na família de Deus.

Questões de estudo

1. Definir e explicar as três doutrinas objetivas de salvação: a união com Cristo, a justificação e adoção.
2. Quais são as semelhanças e quais são essas três doutrinas diferem?
3. Qual seria modelos inadequados de união com Cristo e como se opor a eles?
4. Quais são os problemas a considerar uma doutrina da justificação forense? Como você responderia a essas acusações?
5. Quais são os benefícios da adoção? Como pode estimular a adoção de um sentido especial de louvor e de agradecimento no crente?

A união com Cristo

- O ensino da Escritura

- Modelos inadequados

- Características união

- Implicações da união com Cristo

Justificação

- Justificação e justiça forense

- Objecções à doutrina da justificação forense

- Fé e Obras

- As consequências permanentes do pecado

Adoção

- A natureza de adoção

- Os benefícios da adoção

Nós examinamos esses aspectos da vida cristã primitiva envolvendo autêntica condição espiritual da pessoa, ou seja, os aspectos subjetivos. Neste capítulo, vamos considerar a mudança no estatuto do indivíduo ou posição em relação a Deus, isto é, as dimensões objetivas do início da salvação.

A união com Cristo

O ensino da Escritura

Em certo sentido, a união com Cristo é um termo que inclui tudo da salvação; todas as outras doutrinas são simplesmente subdivisões. Embora este termo eo conceito são muitas vezes negligenciados e estão incluídos dentro de outros itens como regeneração, justificação e santificação, é instrutivo observar o grande número de referências que existem para a unidade de Cristo eo crente. O mais básico de referências esta conexão descrever o crente e Cristo como sendo um "em" outro. Além disso, temos muitas

referências específicas que o crente em Cristo; por exemplo, 2 Coríntios 5:17: "Portanto, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; todas as coisas tornaram-se novo. " Há duas frases assim em Efésios 1: 3-4: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo, como também nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele. " Dois versículos mais tarde, lemos: "Para louvor da glória de sua graça, que Ele nos concedeu gratuitamente no Amado. Nele temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça que ele derramou sobre nós com toda a sabedoria e prudência "(vv. 6-8). Paulo nos diz que somos feitos novos em Cristo: "Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Ef 2:10.). A graça de Deus é dada a nós em Cristo: "Dou graças a Deus sempre em seu nome, pela graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus, porque por ele fostes enriquecidos em tudo, em toda palavra e em conhecimento "(1 Cor 1, 4-5). A crentes falecidos são chamados de "os mortos em Cristo" (1 Tessalonicenses 4:16). E a nossa ressurreição acontecer em Cristo: "Pois como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados" (1 Coríntios 15: 22).

A outra parte desta relação é que se diz que Cristo está no crente. Paulo diz: "A quem Deus quis fazer conhecer as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, a esperança da glória" (Colossenses 1:27). A presença de Cristo é também expresso no crente, de uma forma um pouco diferente em Gálatas 2:20: "Já estou crucificado com Cristo e já não vivo, mas Cristo vive em mim; e eu vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim ". É também a analogia que Jesus fez sobre a videira e dos ramos, onde destaca-se que Cristo eo crente deve permanecer no outro, "Permaneça em mim e eu em ti. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós sois os ramos; Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer "(Jo 15: 4-5.). Parece que tudo o que o crente espiritualmente se baseia em Cristo está dentro dela. Nossa esperança da glória é Cristo em nós. A nossa vitalidade espiritual chamar de sua presença dentro de nós. Outras passagens poderia mencionar incluem as promessas de Jesus para estar presente no crente (Mt. 28:20;. Jo 14:23). Finalmente, o crente é dito que compartilham um conjunto de experiências "com Cristo": o sofrimento; (Romanos 8:17). crucificação (Gálatas 2:20.); morte (Cl 2:20); enterro (Rom. 6: 4);reavivamento (Ef. 2: 5); ressurreição (Colossenses 3: 1); glorificação e herança (Rm. 8:17).

Modelos inadequados

No entanto, devemos perguntar exatamente o que está envolvido, porque a linguagem dessas referências não é muito clara. Em que sentido podemos dizer que Cristo está em nós e nós nele? Será que estas expressões são inteiramente metafórico ou literal neles qualquer referência?

Algumas das explicações que foram dadas não explicar adequadamente as implicações desta doutrina. Entre elas está a idéia de que nossa união com Cristo é metafísica. A ideia subjacente aqui é o conceito panteísta que somos um em essência com Deus. Nós não têm existência se não com Deus. Nós somos parte da essência divina. Cristo é um com a gente criando mais do que a redenção. Isso significa que ele é um com todos os membros da raça humana, e não apenas crentes. No entanto, essa explicação vai além do ensino da Escritura; todas as afirmações bíblicas sobre a união com Cristo pertencem exclusivamente aos crentes. Várias passagens deixam claro que Cristo vive e nem todos e nem todos estão em Cristo (por exemplo, 2 Coríntios 5:17).

Um segundo modelo é que a nossa união com místico de Cristo. A relação entre o crente e Jesus é tão profunda e absorvendo o crente praticamente perde a sua própria

individualidade. Jesus controla tanto a relação que a personalidade humana é quase eliminado. Esta experiência cristã pode ser comparada com a de fãs de esportes ou assistir a concertos aqueles cuja atenção está tão focado no que acontece no campo ou no palco que não estão cientes da passagem do tempo nem o lugar eles não são sequer se. A relação não é tanto que o crente leva a vida que Jesus iria levá-lo a vestir como na verdade é responsável Jesus e viver a vida dessa pessoa. O crente é tão suscetível às ordens do Senhor, e parece quase hipnotizado.

Aqueles que defendem esta teoria afirmam que obediência total à vontade do Senhor é algo atingível nesta vida. Esse objetivo, naturalmente, é altamente recomendado. Também deve-se notar que há passagens que parecem apoiar esta posição, tais como Gálatas 2:20 onde Paulo diz: "Eu já não vivo, mas Cristo vive em mim". No entanto, um exame mais atento revela que este texto não ensina que a personalidade individual é eliminada, porque Paulo continua: "Eu vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e Ele se entregou por mim ". Aqui é Paul, que vive: vive na fé de Cristo. Outras referências relevantes incluem as palavras de Jesus em João 14:12: "Aquele que crê em mim, as obras que Eu faço ele fará também; e uma maior vontade, porque eu vou para meu Pai. " Da mesma forma, no momento em que ele vai deixar a terra diz: "Mas recebereis poder, quando há de vir sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra "(Atos 1: 8). Nestas passagens Jesus não está sugerindo que ele vai fazer o trabalho enquanto os discípulos devem permanecer totalmente passiva. Eles vão, mas com a energia que ele proporciona. Estas e outras passagens deixam claro que por mais forte a influência de Cristo no crente permanecer sempre ambos. Eles não serão fundidas em uma personalidade, ou absorver o outro.

Um terceiro modelo vê a nossa união com Cristo como uma união entre dois amigos ou como uma união entre um professor e um estudante. É a unidade psicológica resultante compartilhar os mesmos interesses e estar comprometidos com os mesmos ideais. Isto pode ser chamada uma unidade integral. É um acessório externo. Uma influencia a outra principalmente através do discurso ou exemplo; por exemplo, o professor influencia principalmente o estudante através transmitir instruções.

Se o segundo modelo falhar para fazer a conexão entre Cristo eo crente muito forte, o terceiro modelo faz com que seja muito fraco. Porque considera que a relação entre o cristão e Jesus não é de uma classe diferente que poderia ter sido um crente com o apóstolo Paulo ou João Batista. Mas, certamente, como Jesus prometeu que iria permanecer com seus seguidores, ele tinha em mente mais do que os seus ensinamentos. Claro, seu último grande discurso aos seus discípulos antes de sua morte, ele distingue entre os seus ensinamentos e sua presença pessoal: "Aquele que me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele morada "(Jo. 14:23). Obviamente, ele prometia uma relação que ia além de que Karl Marx ou Sigmund Freud tinha com seus discípulos.

Um quarto modelo é o sacramental: os fiéis recebem a graça de Jesus Cristo receber os sacramentos. Na verdade, um realmente leva Cristo a si mesmo participando da Ceia do Senhor, comendo a carne de Cristo e beber o seu sangue. Este modelo é baseado em uma interpretação literal das palavras de Jesus quando instituiu a Ceia do Senhor, "Este é o meu corpo ... este é o meu sangue" (Mateus 26: 26-28; Marcos 14: 22-24; Lucas 22. : 19-20). Da mesma forma interpreta as palavras de Jesus em João 6:53: "Em verdade, em verdade vos digo que comer a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós." Em grande medida, do ponto de vista da nossa união sacramental com Cristo é baseado em uma interpretação literal destes versos. Examinar e avaliar sacramentalismo mais tarde (pp. 1017-1021). No entanto, aqui cabe ressaltar que tomar essas passagens, no sentido mais literal parece errado e leva a conclusões quase ridículos (por exemplo, que carne e sangue de Jesus são simultaneamente parte do seu corpo e elementos da Eucaristia, tal como referido muitas vezes a Ceia do Senhor os

sacramentalists). Uma dificuldade adicional na visão sacramental do matrimônio é um intermediário humano, que administra os sacramentos. Este conceito contradiz as declarações de Hebreus 9: 23-10: 25 Jesus eliminou a necessidade de mediadores e pode vir diretamente para ele.

Características união

O que significa a união com Cristo positivamente? Para entender o conceito, destacam-se vários recursos da União. Não devemos esperar para entender este assunto totalmente, como Paulo falou dele como um mistério. Comparando-se a união entre Cristo e os membros de sua igreja com a união entre marido e mulher, Paulo disse: "Grande é este mistério" (Ef 5:32.). Ele estava se referindo ao fato de que o conhecimento desta união é inacessível para os seres humanos, sem uma revelação especial de Deus. É "o mistério que esteve oculto dos séculos e das gerações, mas agora foi manifesto aos seus santos. Aos quais Deus quis dar a conhecer as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, a esperança da glória "(Col. 1: 26-27).

A primeira característica da nossa união com Cristo é que é legal na natureza. Quando o padre avaliamos ou julgados perante a lei não considera-nos em paz. Deus vê o crente em união com Cristo e mede os dois juntos. Portanto, ele diz: "Jesus é certo, mas o homem não está certo." Vê os dois como um só e disse: ". Eles estão certos" O crente não está certo é uma ficção ou má interpretação. É a correta avaliação de uma nova entidade colectiva, uma empresa que foi formado como tal. O crente é incorporado em Cristo, e Cristo no crente (embora não exclusivamente). Todos os ativos de cada um são agora propriedade do outro. Do ponto de vista legal, os dois são agora um.

Em segundo lugar, essa união é espiritual. Esta união tem dois significados. Por um lado, a união é feita pelo Espírito Santo. É uma relação íntima entre Cristo e do Espírito Santo, mais íntimo do que costumamos perceber. Isso fica claro em 1 Coríntios 12:13: "Pois em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos quer livres; e foram todos feitos para beber de um só Espírito. " Observe também que em Romanos 8: 9-11 Cristo e do Espírito são intercambiáveis: "Mas vós não estais na carne, mas no Espírito, se o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Mas se Cristo está em vós, o corpo está morto por causa do pecado, mas o espírito está vivo por causa da justiça. . E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós "John Murray diz:" Cristo vive em nós se Seu Espírito vive em nós e vive em nós por meio do Espírito. " O Espírito é o vínculo dessa união. "

O Espírito Santo não só traz a nossa união com Cristo; É uma união dos espíritos. Não é uma união de pessoas em uma essência, como em Trindade, ou naturezas em uma só pessoa, como na encarnação de Jesus Cristo. Não é uma união física, soldagem e dois pedaços de metal. É de certa forma uma união de dois espíritos que não extingue qualquer um deles. Escusado será fisicamente mais forte ou crente mais inteligente, mas produz uma nova vitalidade espiritual no homem.

Finalmente, a nossa união com Cristo é vital. Sua vida flui para o nosso, renovando nossa natureza interna (Rom. 12: 2; 2 Coríntios 4:16) e dando força espiritual. Há uma verdade literal na metáfora da videira e dos ramos Jesus. Da mesma forma que os ramos não pode dar fruto, se você receber a vida da vinha, que não pode dar fruto espiritual se a vida de Cristo não flui em nós (Jo. 15: 4).

Usamos várias analogias para iluminar a idéia de união com Cristo. Alguns são retirados do reino físico. Na respiração boca a boca uma pessoa realmente respira por outro. Um coração artificial realiza a função vital de fornecimento de sangue (e, portanto, oxigênio e nutrientes essenciais várias) para as células do corpo durante a cirurgia cardíaca. E no campo da parapsicologia, encontramos um grande corpo de evidências de

que os pensamentos de alguma forma ser transmitido de um indivíduo para outro. Assim como Cristo foi concebido e criado toda a nossa natureza, de nossa psique nenhuma surpresa que vive dentro de nós de alguma forma, não podemos compreender em tudo, ele é capaz de afetar nossos pensamentos e sentimentos. A justificação final, e bíblica, a imagem é a de marido e mulher. Não só os dois se reúnem fisicamente, mas na melhor das hipóteses também tornar-se tão íntima na mente e no coração têm uma grande compreensão e entendimento mútuo. Embora nenhuma dessas analogias si pode nos dar uma compreensão adequada, coletivamente, eles podem aumentar o nosso conhecimento da nossa união com Cristo.

Implicações da união com Cristo

A união com Cristo tem implicações para as nossas vidas. Em primeiro lugar, somos considerados justos. Paulo escreveu: "Agora não há condenação para aqueles em Cristo Jesus" (Rm. 8: 1). Devido a nossa união legal com Cristo, temos uma posição adequada perante a lei e, aos olhos de Deus. Nós somos o mais reto é o Filho de Deus, Jesus Cristo.

Em segundo lugar, vivemos agora com a força de Cristo. Paulo disse: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Filipenses 4:13.). Ele disse: "Eu vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim" (Gálatas 2:20.). Quando Paulo estava sofrendo o "espinho na carne", provavelmente uma experiência física dolorosa, descobriu que embora não tenha sido eliminado, Deus lhe concedeu a graça de suportar: "E ele me disse:" A minha graça, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza ". Assim, a maioria de bom grado eu gloriarei nas minhas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo "(2 Coríntios 12: 9). Este poder é encontrada não só nos ensinamentos de Cristo e da inspiração do seu exemplo. Ele também oferece assistência prática que podemos usar para cumprir o que é esperado de nós.

Sendo um com Cristo significa também sofrimento. Os discípulos foram informados de que eles iriam beber o cálice que Jesus bebeu, e seria batizado no mesmo batismo (Marcos 10:39). Se o que você diz é tradição correta, a maioria deles morreu sofrendo o martírio. Jesus lhes disse para não ficar admirado de perseguição: "Lembre-se da palavra que eu vos disse:." Não é o servo maior do que seu mestre "Se me perseguiram a mim, também vos perseguirão a vós também; Se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa "(Jo. 15,20). Paul não se intimidou contra essas expectativas; de fato, um de seus objetivos era compartilhar os sofrimentos de Cristo: "Por causa dele eu perdi tudo ... eu possa conhecê-Lo eo poder da sua ressurreição ea comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me a ele na sua morte "(Filipenses 3: 8-10.). Pedro incentivou seus leitores: "Alegrai-vos que você participar nos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e exulteis" (1 Pedro 4:13).

Finalmente, esperamos que a reinar com Cristo. Para os dois discípulos que buscavam posições de autoridade e prestígio que lhes foram prometidas vez que sofrem (Marcos 10: 35-39); Mas Jesus também disse ao grupo como um todo tinha permanecido com ele ao longo de sua doença, iria beber e comer em sua mesa no seu reino, e "sentar-se em tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Lc. 22 : 30). Paul fez uma declaração semelhante: "Se sofrermos, também reinaremos com Ele" (2 Tm 2:12.). Mas também temos problemas e sofrimento aqui, oferecemos recursos para apoiá-los. E para aqueles que sofrem com Cristo, um futuro glorioso abre à frente.

Justificação

A humanidade tem um duplo problema como resultado do pecado e da queda. Por um lado, a corrupção é a natureza humana básica; nosso caráter moral foi corrompido pelo pecado. Este aspecto da maldição é cancelada por regeneração, o que inverte a direção e tendências gerais da natureza humana. No entanto, existem outros problemas que

permanecem: culpa e exposição a punição por não ser capaz de cumprir as expectativas de Deus. Este é o problema que a justificação está em causa. A justificação é ação pecadores pronunciando de Deus são bem diante dos seus olhos. Nós fomos perdoados e declararam que fizemos tudo o que a lei de Deus requer de nós. Historicamente, foi este problema que causa a Martin Luther e que o levou a se separar da Igreja Católica Romana. Ele também tem considerável importância prática hoje porque a questão é como você pode se acertar com Deus. Como pode um pecador pode ser aceite por um juiz santo e justo?

Justificação e justiça forense

Para compreender a justificação é necessário primeiro entender o conceito bíblico de justiça, para a justificação é um retorno do indivíduo para um estado de retidão. No Antigo Testamento, o verbo צדק (Tsadaq) e seus derivados tinha a conotação de conformidade com uma norma. Como o caráter do indivíduo não é tão visível como a sua relação com a lei de Deus, o termo por natureza, é mais religioso do que ético. O verbo significa "de acordo com uma determinada forma padrão"; em meio radical hifil "declarar em linha reta ou justificar." O padrão particular varia, dependendo da situação. Às vezes, o contexto são as relações familiares. Tamar era mais justa do que Judá, porque ele não tinha cumprido as suas obrigações como pai (Gn 38:26). E David, recusando-se a matar Saul, foi dito ser em linha reta (1 Samuel 24:17; 26:23), porque ele estava seguindo as regras do relacionamento monarca-assunto. É claro que a justiça é entendida como um modo de vida de acordo com critérios estabelecidos para um relacionamento. Em última análise, a pessoa de Deus ea natureza são a medida e padrão de justiça. Deus é soberano sobre todos, e a fonte de todos os critérios para o que é certo. Como Abraham confessou: "o Juiz de toda a terra, não é fazer o que é certo?" (Gênesis 18:25.).

No Antigo Testamento, o conceito de justiça, muitas vezes aparece em um contexto forense ou judicial. Uma pessoa justa é aquela que foi declarada livre de culpa por um juiz. A tarefa do juiz é para condenar os culpados e absolver os inocentes: "Quando há uma controvérsia entre os homens, e vem para o tribunal para julgar os juizes, eles justificam os justos e condenar os ímpios" (Deut. 25: 1). Deus é o juiz dos seres humanos (Sl 9: 4; Jer 11:20 ..). Aqueles que foram absolvidos foram tentadas para que eles estão em boas relações com Deus, isto é, para cumprir o que se espera deles nesse relacionamento. Em sentido do Antigo Testamento, por conseguinte, a justificação envolve certificando-se de que a pessoa é inocente e, em seguida, declara o que é verdadeiro, o que é direito, isto é, que tem cumprido a lei.

O Novo Testamento desenvolve este ponto de vista da justificação do Velho Testamento. Se tal disso teria sido chocante e ultrajante para Paul dizer, como ele disse, que Deus justifica o ímpio (Rom. 4: 5). A justiça exige que forem condenados; um juiz para justificar ou absolver aqueles que não estão em linha reta está agindo de forma inadequada a si mesmo. Assim, quando lemos que, pelo contrário, Deus justifica o ímpio tem provado para a direita (Rom. 3:26), devemos também entender que essa justificação é sem as obras da lei. No Novo Testamento, a justificação é o ato declarativo de Deus pelo qual, *com base na suficiência da morte expiatória de Cristo*, diz que os crentes tenham cumprido todos os requisitos da lei que lhes é aplicável. Justificação é um ato forense que a justiça de Cristo creditada ao crente; Não é realmente infundir santidade para o indivíduo. Esta é a pessoa que declara reto, como acontece quando um juiz absolve o réu. Ele não é a pessoa a fazer é justo ou alterar a sua verdadeira condição espiritual.

Diversos fatores apóiam o argumento de que a justificação é a natureza forense ou declarativa:

1. O conceito de justiça como uma questão de posição formal perante a lei ou acordo, e um juiz como alguém que encontra e declara sobre o nosso status.

2. A justaposição de "justificar" (δικαιόω - *dikaioo*) e "condenar" em passagens como Romanos 8: 33-34 "Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem é que condena? É Cristo Jesus quem morreu; sim sim, que ressuscitou, que está mesmo à mão direita de Deus, e também intercede por nós. " "Justified" e "condenação" são paralelos aqui. Se o segundo é um ato declarativo ou forense, então, presumivelmente, o primeiro é demasiado. Claro que não condenamos o ato de tentar mudar a condição espiritual de alguém, ou de alguma forma incutir o pecado ou o mal. É simplesmente acusando alguém de agir mal e estabelecer a sua culpa. Da mesma forma, o ato de justificação não infundir santidade nos crentes, mas declarar justo. Uma passagem semelhante é Mateus 00:37, onde Jesus, falando do dia do julgamento, quando todos vão perceber que todas as formas a palavra ociosa. "Porque por tuas palavras serás justificado e, pelas tuas palavras serás condenado." No Antigo Testamento deve ser notado Deuteronômio 25: 1, já citado, e Provérbios 17:15: "Aquele que justifica o ímpio eo que condena o justo, ambos são igualmente abomináveis ao Senhor. " Se "justificar" significa "tornar santo ou certo ou bom", o que justifica o ímpio, não seria notificada, juntamente com aqueles que condenam os justos. Se sentença é um ato declarativo, também deve ser justificada.

3. Passages onde δικαιόω significa "para defender, insulto ou reconhecer (teste) é verdadeiro." Em alguns casos, é utilizado para ações humanas em relação a Deus. Lucas nos que depois de ouvir a pregação de Jesus diz: "A aldeia inteira ouviu, e até os publicanos, justificaram a Deus" (Lucas 7:29.). Jesus usou o termo da mesma forma quando ele respondeu às tentativas de os fariseus e os doutores da lei para justificar a sua rejeição a ele: "Mas a sabedoria [isto é, os ensinamentos de João Batista e meu] é justificada por todos seus filhos (v. 35).

4. A evidência lingüística que a justificação é de caráter judicial ou declarativa. O final verbal - óω, e δικαιόω não significa "fazer algo de uma maneira particular." Isso sim é o significado de - άξώ εάγιάζω (*agiazoo* - "tornar santo"). O fim - óω, ao contrário, significa "declarar alguma coisa de modo particular" como em άξιόω (*azioo* - "vale a pena considerar"). Portanto, δικαιόω significa "declarar que é justo."

A partir dos dados acima pode-se concluir que a justificação é um ato forense ou declarativo de Deus, como quando um juiz absolve o réu. Gottlob Schrenk observa: "No raro NT não consegue detectar vez que a conexão legal ... é óbvio que a LXX com sua ênfase legal, tem tido uma enorme influência sobre o uso do NT. E DEH Whiteley resume: "É quase universalmente assumido que a palavra justificar(*dikaioo*) não significa" fazer o certo ".

Objecções à doutrina da justificação forense

Tiverem levantado objecções à ideia de que a justificação é forense na natureza. Quando tentamos, vamos entender melhor o significado da justificação. Arthur William Sanday e Headlam levantar a questão de como Deus pode justificar o ímpio (declarar justo). Não é uma ficção em que Deus trata os pecadores como se não tivesse pecado, ou em outras palavras, que os pecadores se destinam algo diferente do que elas realmente são? Esta interpretação da justificação faz parecer Deus culpado de decepção, mesmo que apenas no caso de auto-engano. Vincent Taylor teve esta ideia e argumentou que a justiça não pode ser imputada a um pecador: "Se por meio da fé um homem é considerado certo, deve ser porque, de certa forma respeitável, ele está certo, e não porque outro ser certo para ele em vez disso."¹⁵

Nós respondemos que, no ato da justificação não é que Deus está anunciando que os pecadores são algo que não são. Há um aspecto constitutivo também na justificação. Porque o que Deus realmente faz é declarar imputando reta (não ensinar) a justiça de Cristo em nós. Aqui é preciso distinguir entre dois sentidos da palavra certa. Pode-se estar certo de que nunca sofreu a lei. Tal pessoa seria inocente, ele

tem cumprido a lei completamente. Mas mesmo que ele tinha quebrado a lei, ele poderia ser considerado logo após o cumprimento da pena. Não há uma diferença entre estas duas situações, que indicam quão inadequado é definido como justificação considerar apenas me Deus "como se ele nunca tivesse pecado." Os seres humanos são não linear na primeira direcção, mas na segunda. Porque a pena pelo pecado foi pago, e, portanto, os requisitos da lei foram cumpridas. Existe, portanto, uma ficção que os crentes são justos, porque a justiça de Cristo imputada a eles. Esta situação é um pouco semelhante ao que ocorre quando duas pessoas se casam ou duas empresas se fundem. Eles trazem para a União as propriedades individuais de cada uma das partes, posteriormente, são considerados bens comuns.

Uma objeção às vezes levantada às doutrinas da expiação substitutiva e justificação forense é que a virtude não pode ser simplesmente transferido de uma pessoa para outra. Mas o que deve ser observado é que isso não é algo tão externo como às vezes se pensa. Por Cristo eo crente não são tão distantes quanto a ver objetivamente que quando Deus, o crente não pode também ver Cristo com a sua justiça, mas apenas fingir. Em vez Cristo eo crente chegaram a tal tipo de unidade que qualidades espirituais de Cristo, por assim dizer, e as possibilidades e as dívidas espirituais crente misturar. Portanto, para observar o crente vê Deus Pai somente a ele. Ele vê o crente com Cristo eo ato de justificação justifica os dois juntos. É como se Deus dissesse: "Eles estão certos", declara o crente sobre o que é realmente verdade, o que aconteceu, quando Deus fez um crente fora um com Cristo.

Por conseguinte, a justificação é uma questão de três partes, e não dois. E é voluntária para as três partes. Jesus não é uma vítima involuntária forçado a executar a tarefa. Ele voluntariamente se entrega e se liga o pecador. Há também uma decisão consciente do pecador se tornar parte dessa relação. E o Pai aceita voluntariamente. Que ninguém se sente compelido significa tudo é completamente ético e legal.

Numerosas escrituras indicam que a justificação é um dom de Deus. Um dos mais conhecidos é Romanos 6:23: "Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor." Outra é Efésios 2: 8-9: "Porque pela graça sois salvos mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não de obras, para que ninguém se glorie. "Justificação é totalmente imerecida. Não é uma conquista. É uma aquisição, não uma realização. Mesmo a fé é uma boa ação que Deus deve recompensar com a salvação. É um dom de Deus. Não é a causa de salvação, mas o meio através do qual recebemos. E, contrariamente ao que as pessoas acreditam, que sempre foi o meio de salvação. Em sua discussão de Abraão, o pai dos judeus, Paulo aponta que Abraão não foi justificado pelas obras, mas pela fé. Ele apontou isso para tanto positivo quanto negativo. Abraão disse: "creu em Deus e isso lhe foi imputado para justiça" (Gal. 3: 6). Depois de rejeitar a idéia de que podemos ser justificado pelas obras: "Maldito seja aquele que não permanece em todas as coisas escritas no livro da lei, para fazê-las ... e que, por lei ninguém é justificado diante de Deus é evidente" (vv. 10-11). Portanto, Deus não introduziu um novo meio de salvação. Ele sempre agiu da mesma forma.

O princípio da salvação pela graça é intragável para os seres humanos. O problema que a igreja na Galácia conheceu legalismo era bastante comum. De alguma forma, isso não parece justo que receber a salvação sem ter que fazer qualquer coisa ou sem ter que sofrer de alguma maneira pelos nossos pecados. Ou, se isso não parece ser o nosso caso, se ele parece ser o caso para os outros, especialmente aqueles que têm um carácter particularmente mal. Outra dificuldade é que quando os seres humanos aceitar o princípio de que eles têm que trabalhar para a salvação, ocorre frequentemente uma tendência a ir para o outro extremo, a antinomianism (Romanos 6: 1-2; Gl 5,13 .. -15).

Fé e Obras

O princípio da salvação pela graça levanta a questão da relação entre fé e obras. Resulta do que foi dito que as obras não dão a salvação. No entanto, o testemunho bíblico também indica que, embora a fé que conduz à justificação, a justificação deve invariavelmente produzir adequada à natureza da nova criatura obras emergente. Quando citamos o texto clássico sobre a salvação pela graça, Efésios 2: 8-9, não devemos estar diante versículo 10, que aponta para o resultado desta graça: "Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, que Deus de antemão preparou para que andássemos nelas". James colocou mais ênfase em sua discussão sobre a relação entre fé e obras, que se resume na frase: "Assim também a fé, se não tiver obras, é morta." (Tiago 2:17 ;. ver também 26 v.). Apesar da opinião generalizada de que há uma tensão entre Paul e James, os dois discutem essencialmente o mesmo: que a prova da fé que conduz à justificação é clara a partir dos resultados que dela decorrem. Se não há boas obras, não houve nenhuma fé real ou justificação. Encontramos apoio para esta afirmação no fato de que a justificação está intimamente ligada à união com Cristo. Se nós nos tornamos um com Cristo, não vamos viver segundo a carne, mas no Espírito (Rom. 8: 1-17). A união com Cristo traz justificação, mas também traz nova vida. Como JA Ziesler diz: "O crente entra não só uma relação particular com Jesus, mas de uma nova humanidade, em que se torna uma espécie de homem novo."

As consequências permanentes do pecado

Há ainda uma questão: as consequências do pecado parecem manter-se, mesmo após o pecado foi perdoado e pecador justificado. Um exemplo é o David. Foi-lhe dito que o seu pecado por ter cometido adultério com Bate-Seba e matar Urias tinha sido perdoado e não morreria; no entanto, a criança com Bate-Seba morreria por causa do pecado de Davi (2 Samuel 12: 13-14). Isso é verdade e perdão completo? Não como se Deus nos casos reter alguns perdão e ainda punir um pouco? E se é assim, é realmente engraçado?

É necessário distinguir entre consequências temporais e eternas do pecado. Quando alguém se justifica, todas as consequências eternas do pecado são cancelados, até mesmo a morte eterna. Mas as consequências temporais do pecado, tanto individuais como os que afetam a raça humana como um todo, não necessariamente são eliminados. Então nós continuamos a experimentar a morte física e os outros elementos da maldição de Gênesis 3. Algumas dessas consequências vêm de nossos pecados em uma relação de causa-efeito pode ser a natureza física ou social. Deus não costuma intervir milagrosamente para evitar a aplicação dessas leis. Assim, se, por exemplo, uma pessoa em um acesso de raiva, talvez bêbado, mata sua família, mas depois se arrepende e é perdoado, Deus não vai voltar à vida para os membros da família. Seu pecado o levou a sofrer uma perda para a vida.

Nós não sabemos a natureza exata da causa da morte do filho de Davi e Bate-Seba não é difícil ver uma conexão entre o pecado de Davi e estupro, assassinato e rebelião que aconteceu com os outros filhos. Plenamente consciente de suas próprias fraquezas, David pode ter sido muito leniente com os seus filhos, ou talvez eles viram que ele os encorajou a se comportar como um pouco hipócrita. Vemos os resultados nas tragédias que aconteceram mais tarde. Está aqui uma ressalva: embora o perdão de Deus não tem limites e é acessível, não se glorie dele. O pecado não é algo a ser tratado levianamente.

Adoção

O efeito da justificação é principalmente negativa: o cancelamento do julgamento contra nós. Infelizmente, você pode ser perdoado sem adquirir simultaneamente uma posição positiva. Mas não é assim com justificação. Porque nós não são apenas livre da exposição a punição, mas são retornados para uma posição de favor com Deus. Esta transferência de um estado de alienação e hostilidade para com uma das aceitação e favor é denominado

adoção. é feita referência a ele em várias passagens do Novo Testamento. Talvez o mais conhecido é João 1:12: "Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus" (João 1:12.). Paul aponta que nossa adoção é o cumprimento do plano de Deus: "Ele nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade" (Ef. 1: 5). E em Gálatas 4: 4-5 Paulo relaciona com a decisão justificação: "Mas quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, para que nós recebêssemos a adoção de filhos. "

A natureza da adoção

Existem várias características importantes da nossa adoção. Primeiro, acontece enquanto a conversão, regeneração, justificação e união com Cristo. Além disso é a condição em que o cristão vive e age a partir desse ponto. Embora logicamente indistinguível de regeneração e justificação, a adoção não pode realmente separá-los. Somente aqueles que forem adoptadas são justificadas e regenerado e vice-versa. Isso fica claro a partir das palavras que se seguem João 1:12, que, como observou, é uma referência fundamental para filhos adoptivos de Deus: "Estes não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus ".

Adopção envolve uma mudança de status tanto como condição. No sentido formal é uma questão declarativa, uma alteração da nossa posição legal. Tornamo-nos filhos de Deus. Este é um fato objetivo. No entanto, também é a experiência real de ser favorecido por Deus. Gostamos do que é chamado o espírito de filiação. O cristão parece tão carinhoso e confiar em Deus como Pai, em vez de considerá-lo um mestre ou severa e exigente a ser temido (Jo. 15: 14-15). Ao adotar é restaurado relacionamento com Deus que os seres humanos já teve, mas perdeu. Por natureza e criação são filhos de Deus, mas nós somos rebeldes e as crianças longe. Perdemos a família de Deus, por assim dizer. Mas Deus para nós nos adotar volta para o relacionamento com ele que tínhamos inicialmente previsto. Esta condição não é inteiramente novo, porque não é algo estranho à nossa natureza original.

Que somos filhos de Deus pela criação está implícito claramente nas palavras de Paulo em Atos 17: 24-29, culminando no versículo 29: "Estar em seguida, geração de Deus ...". Ele também está implícito em Hebreus 12: 5-9, onde Deus é representado como um Pai que disciplina seus filhos. Tiago 1:17 semelhante ver Deus como o Pai de todos os seres humanos, "Toda boa dádiva e todo dom perfeito vem do alto, do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação." Provavelmente o texto mais simples a este respeito é Malaquias 2:10: "Não temos nós todos um mesmo Pai? Não um Deus nos criou? Por que estamos, portanto, injusto com os outros, profanando o pacto de nossos pais? "Malaquias está se referindo aqui apenas para o povo de Israel e Judá. Embora temos um Pai, depois de ter sido criado por um Deus, eles têm sido infiel com os outros e sobre o pacto. Mas o princípio subjacente tem aplicação mais ampla. Todos os que foram criados por este Deus tem um Pai. A paternidade de Deus, portanto, não tem apenas importância ou aplicação local. É uma verdade universal, pois está ligada à criação da raça humana.

No entanto, devemos notar que a adoção do qual temos falado introduz um relacionamento com Deus muito diferente de seres humanos em geral, têm com ele. John aponta claramente para esta distinção: "Vede que grande amor o Pai nos deu, que fôssemos chamados filhos de Deus" (1 Jo. 3: 1a). O incrédulo simplesmente não faz, e não pode experimentar o tipo de relação filial experimentado pelo crente.

Os benefícios da adoção

O significado ou a importância da adoção se torna mais evidente quando examinamos os seus efeitos na vida dos crentes. Um deles é, é claro, remissão. Uma vez que Deus nos perdoou, Paulo nos exorta a perdoar os outros: "Seja gentil com o outro, compassivos um, perdoados aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo" (Efésios 4:32.). Temos que ser bom e misericordioso para com Deus, nosso Pai, não hesitou em perdoar. Ele se deleita em perdão; Ele é misericordioso, bondoso e terno (Dt 05:10; Sl. 103: 8-14.). Não é Pai estrito ou grave. Eles não temê-la, mas temos de confiar nele. O nosso adoção significa que existe uma remissão permanente. Se Deus é nosso juiz, nossos pecados passados seria perdoado nós, mas que podemos garantir nosso futuro perdão dos pecados. Na lei não se pode ser culpado ou absolvido antes de o acto em causa acontecer; você não pode pagar uma multa ou cumprir uma pena de antecedência. Somente após o ato em si pode pagar a pena e fazer a justificativa. Em contraste, não há necessidade de temer que a graça de Deus e deixará de ser tratado severamente se estivermos errados uma vez. Deus é realmente nosso Pai, não um policial. Nós temos paz com Deus, como Paulo disse em Romanos 5: 1. Nossa adoção e perdão são atemporais.

Nossa adoção também envolve a reconciliação. Não só tem Deus nos perdoou, mas também temos reconciliado com ele. Nós não temos inimizade para com ele. Deus mostrou seu amor por nós tomar a iniciativa de restaurar danificado pela comunhão pecado. Como Paulo disse: "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós ... porque se nós éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida" (Rom. 5: 8, 10). Ao adotar os dois lados reconciliados.

Há também é gratuita para os filhos de Deus. O filho de Deus não é um escravo que obedece a um sentimento de servidão ou obrigação. Os escravos vivendo no medo das consequências do exercício das suas funções, mas Paulo diz que como filhos de Deus não devem temer as consequências de não ser capaz de viver de acordo com a lei: "Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos Deus, por que você não recebestes o espírito de escravidão novamente para temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: *"Abba, Pai"*. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rom. 8: 14-16). Um pensamento semelhante é expressa em Gálatas 3: 10-11. Somos pessoas livres. Não somos obrigados pela lei da mesma forma que os escravos ou servos.

No entanto, essa liberdade não é libertinagem. Há sempre alguém que perverte a sua liberdade. Paulo faz um alerta às pessoas: "Vocês, irmãos, fostes chamados à liberdade; usar somente não da liberdade para dar ocasião à carne, antes pelo amor servivos uns aos outros, porque toda a lei em um presente de comando: ". Ame o seu próximo como a si mesmo" Mas se você morder e devorar um ao outro, tomar cuidado para que você não são consumidos uns aos outros. Digo, porém: Andai em Espírito e não satisfareis à concupiscência da carne" (Gl 5: 13-16.). Crentes servir a Deus não por medo ou pressão, mas por uma motivação maior: a sua amizade com ele. Jesus disse: "Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer" (Jo. 15: 14-15). Mais cedo no mesmo discurso que ele tinha feito declarações semelhantes: "Se você me ama, mantenha meus comandos ... Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele" (Jo 14:15., 21). O crente guardar os mandamentos, não pelo medo de um amor cruel e dura, mas o amor de um rei e pai amoroso.

A decisão significa que o cristão é o destinatário de cuidado paternal de Deus. Paulo disse: "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se filhos, também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se de fato nós

sofremos com ele, para que com ele sejamos glorificados "(Rm. 8: 16-17). Como herdeiros temos à nossa disposição os recursos ilimitados do Pai. Paul disse isso aos Filipenses: "Meu Deus suprirá todas as vossas necessidades segundo as suas riquezas na glória em Cristo Jesus" (Filipenses 4:19.). O crente pode orar com confiança, sabendo que não há limite para o que Deus pode fazer. De acordo com Jesus, o pai que alimenta os pássaros e veste os lírios do campo, mesmo cuidado de seus filhos humanos (Mateus 6: 25-34). Sua disposição é sempre sábio e bondoso (Lc. 11: 11-13).

No entanto, não se deve pensar que Deus é indulgente e permissiva. Ele é o nosso Pai celestial, não nosso avô celestial. Portanto, a disciplina é uma característica da nossa adoção. Na Epístola aos Hebreus há uma extensa discussão sobre esta questão (12: 5-11). Citando Provérbios 3: 11-12, o escritor diz: "Se você suportar a correção, Deus vos trata como filhos; pois que filho há a quem o pai não corrige? (V. 7). Disciplina pode não ser agradável no momento em que ela é aplicada, mas é benéfico a longo prazo. O amor é preocupação e de ação para o bem-estar do outro lado. Portanto, a disciplina deve ser considerado como uma prova de amor em vez de uma falta dela. Nem sempre pensar nisso como um benefício de adoção, mas ainda assim é um benefício. Deus repetidamente se refere a Israel como seu filho (Ex 04:22; Jer. 31: 9; Oséias 11: 1 ..). Para rebelde e impetuoso para ser o filho, Deus não abandona. Portanto, não devemos nos preocupar que Deus nos rejeitar quando partimos. Se Israel permaneceu unida apesar de todas as iniquidades que inclui o Antigo Testamento, também será paciente com nós, mostrando um amor fiel e persistente.

Finalmente, a adoção envolve a bondade do Pai. Somos perdoados, ou que a punição para o nosso mau comportamento foi paga. No entanto, isso só pode significar que não serão punidos no futuro. Não garantimos a sua Pai. Quando um criminoso pagou dívida com a sociedade, a partir daí a sociedade não necessariamente olhar favoravelmente para a pessoa ou instituição de caridade que paga. Você pode fazê-lo suspeitar que não contar com ele ou que produz animosidade. No entanto, com o Pai somos destinatários de amor e boa vontade que tanto precisa e deseja. Ele é nosso e nós somos dele, e através da adoção ele estende a nós todos os benefícios que o seu imenso amor pode oferecer.

47. A continuação da salvação

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Definir e explicar o que e como santificação acontece na vida do crente.
- Identificar e descrever como Deus trabalha santificação no crente.
- Examinar o papel da lei no que diz respeito ao crente.
- Identificar o papel de salvação para os crentes do Antigo Testamento.

Resumo do capítulo

Após o trabalho milagroso de salvação, Deus continua o processo de transformação para o crente à imagem de Cristo. Santificação é o processo de abandono do pecado para se tornar santo e levar uma vida livre do pecado. Embora isto não é alcançado nesta vida, é o objetivo. Obra santificadora de Deus é levada a cabo por vários processos, incluindo a união com Cristo e separação.

Questões de estudo

1. O que é santificação e como ele ocorre na vida do crente?
2. Diferenciar entre calvinista e arminiano idéia santificação.
3. Como contribuir para a santificação da união com Cristo, uma relação de amizade e separação?
4. Qual o papel que a lei sobre o conceito de santificação no Novo Testamento?
5. O que a Bíblia ensina sobre a salvação dos crentes do Antigo Testamento?

Santificação

A natureza da santificação

Santificação: completa ou incompleta?

Vida cristã

A união com Cristo

Uma amizade

O papel do direito

Separação

A salvação dos crentes do Antigo Testamento

Os primórdios da salvação como examinamos nos dois capítulos anteriores são complexas e profundas. Mas não estão ao final da obra especial de Deus para restaurar a semelhança de seus filhos com ele eles foram feitos para ter. Tendo iniciado esta obra transformadora, continuar com ele e completa.

Santificação

A natureza da santificação

A santificação é a continuidade do trabalho de Deus na vida do crente, tornando-se realmente santo. Por "santo" aqui entendemos "que realmente se assemelha a Deus." A santificação é um processo pelo qual a nossa condição moral entra em conformidade com o nosso estatuto legal diante de Deus. É uma continuação do que Deus começou com a regeneração quando uma nova vida foi infundida conferidos e do crente. Em particular, a santificação é o Espírito Santo aplica a obra de vida do crente por meio de Jesus Cristo.

Há dois sentidos básicos da palavra *santificação*, *que estão relacionados a dois conceitos básicos de santidade*. De um lado está a santidade como característica formal de determinados objetos, pessoas e lugares. Neste contexto, a santidade se refere a um estado de separação, afastar-se do comum ou mundano e dedicada a um propósito ou uso particular. O adjetivo hebraica para "santo" (קָדָשׁ) - Qados. "Separado") significa, literalmente, "separado" porque ele é derivado de um verbo que significa "cortar" ou em conjunto com seus cognatos são usados para designar locais específicos (especialmente o Santo Lugar eo Santo dos Santos), objetos (por exemplo, Aaron roupa no sábado) e pessoas (por exemplo, os sacerdotes e os levitas), especialmente quando se afastaram ou santificadas ao Senhor. Um exemplo é encontrado em Êxodo 13: 2 "Consagra-me todo primogênito. Tudo o que abre a madre entre os filhos de Israel, desde os homens até aos animais, é meu. "Da mesma forma, a santidade de Deus significa separação de tudo o que é impuro.

Este sentido de santificação também é encontrada no Novo Testamento. Pedro se refere a seus leitores como "raça eleita, sacerdócio real, nação santa, o povo adquirido" (1 Pedro 2: 9). Aqui ser santificados meios "que pertencem ao Senhor". A santificação, a este respeito é algo que acontece logo no início da vida cristã, no momento da conversão,

juntamente com a regeneração e justificação. É neste sentido que o Novo Testamento muitas vezes refere-se aos cristãos como "santos" (ἅγιοι - *hagioi*), *mesmo que eles estão longe de ser perfeito*. Paul, por exemplo, aborda o povo da igreja de Corinto dessa forma, mesmo que ele foi provavelmente a igreja mais imperfeito, onde ele ministrava. "Para a igreja de Deus em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso" (1 Cor 1: 2).

O outro significado da santificação é a bondade moral ou valor espiritual. Este sentimento era cada vez mais dominante. Designa não apenas o fato de que os crentes são formalmente parágrafos, ou que pertencem a Cristo, mas depois se comportar de acordo. Eles devem viver uma vida de pureza e bondade.

O termo *santificação* não aparecer a qualquer momento nos Evangelhos Sinópticos. Para expressar a idéia de que nossa vida deve ser puro, Jesus enfatizou a idéia de que somos filhos de Deus, nós pertencemos a Deus e devemos, portanto, mostram semelhança com ele. Nós devemos partilhar o seu espírito de amor: "Ouvistes que foi dito: 'Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo.' Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que spitefully usar e vos perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz sol sobre maus e bons, e faz chover sobre os justos e os injustos "(Mateus 5: 43-45). Para Jesus, seus irmãos e irmãs são aqueles que fazem a vontade de Deus (Marcos 3:35). Paul compartilha essa idéia de que nossa posição diante de Deus deve resultar em uma maneira piedosa de vida. Por exemplo, em Efésios, ele diz: "Eu, portanto, o prisioneiro no Senhor, vos rogo que andais digno da vocação a que fostes chamados" (Ef. 4: 1). Depois de especificar uma vida de humildade, mansidão, paciência e tolerância. O fato de pertencer a Deus deve resultar em atributos morais que reflectem essa posição.

Para focar ainda mais a natureza da santificação, é útil para contrastar com a justificação. Existem algumas diferenças notáveis. Uma parte da duração. A justificação é um evento instantâneo, é completado de cada vez, enquanto santificação é um processo que utiliza um tempo de vida para completar. Há também uma distinção quantitativa. Um deles é justificada ou não, enquanto você pode ser mais ou menos santificada. Ou seja, há graus de santificação, mas não justificação. A justificação é uma questão do tipo forense ou declarativa, como visto acima, enquanto que a santificação é uma verdadeira transformação do caráter e condição da pessoa. Justificação é uma obra objectiva que afetam a nossa posição diante de Deus, nosso relacionamento com ele, enquanto a santificação é um trabalho subjetivo que afeta a nossa pessoa interior.

Temos de olhar para as características de santificação. Devemos enfatizar que a santificação é uma obra sobrenatural, ele é algo feito por Deus, não algo que fazemos a nós mesmos. Portanto, não estamos a falar de uma reforma. Paulo escreveu: "Que o Deus da paz vos santifique em tudo; e todo o seu ser - espírito, alma e corpo - é irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo "(1 Tessalonicenses 5:23.). Outras referências enfatizam que Deus é quem efetua a santificação são Efésios 5:26; Tito 2:14 e Hebreus 13: 20-21. Quando dizemos que a santificação é sobrenatural, queremos dizer que é algo que a natureza não pode produzir ou explicar. Também é sobrenatural no sentido de que é, de trabalho ou uma série de obras do Espírito Santo volitiva especial. Não é apenas uma questão de providência geral, que se manifesta universalmente.

Além dessa obra divina é progressiva. Isto é visto, por exemplo, quando Paulo diz que Deus vai continuar o trabalho na vida dos filipenses: "Estou convencido de que aquele que começou em vós a boa obra a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus" (Fl 1.: 6). Paul também disse que a cruz é o poder de Deus ", que estamos sendo salvos, é para nós" (1 Cor 1,18). Aqui usa um participio presente, que expressa claramente a ideia de uma atividade que está em curso. Esta atividade é a continuação e conclusão da nova vida que começou com a regeneração é evidente não só em Filipenses 1: 6, mas também Colossenses 3: 9-10: "Não minta para o outro, eu coloquei de lado o velho homem com

os seus feitos e colocar no novo. Este, de acordo com a imagem de seu Criador, está sendo renovado em conhecimento ".

O objetivo deste trabalho é semelhança divina para o próprio Cristo. Esta foi a intenção de Deus desde toda a eternidade: (. Romanos 8:29) "A quem ele antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" . A palavra traduzida "para serem conformes" (συνμόρφους - *summorphous*) *mostra uma semelhança com Cristo não é apenas uma semelhança superficial ou externa*. Isso significa que todo o conjunto de características ou qualidades que fazem algo que é. Além disso, é uma palavra composta cujo prefixo indica uma conexão vital com o objeto que parece. Nós fomos feitos como Cristo, não é uma operação remota. O que teremos que temos *com* ele.

Santificação é o Espírito Santo. Em Gálatas 5, Paulo fala sobre a vida no Espírito: "Digo, porém: Andai em Espírito e não satisfareis à concupiscência da carne" (v. 16); "Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito" (v. 25). Ela também lista um grupo de qualidades descreve coletivamente como "o fruto do Espírito": (. Vv 22-23): "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Da mesma forma, em Romanos 8, Paulo diz muito sobre o Espírito ea cristã. Cristãos caminhar segundo o Espírito (v. 4); Eles se para as coisas do Espírito (v. 5); Eles vivem segundo o Espírito (v. 9); o Espírito está neles (v. 9); pelo Espírito mortificardes as obras da carne (v. 13); Eles são guiados pelo Espírito (v. 14); o próprio Espírito dá testemunho de que eles são filhos de Deus (v. 16); o Espírito intercede por eles (vv. 26-27). É o Espírito que trabalha no crente, fazendo a semelhança com Cristo ocorre.

Do acima exposto pode-se concluir que a santificação é algo completamente passiva por parte do crente. No entanto, este não é o caso. Embora a santificação é Deus coisa única, ou seja, que seu poder reside inteiramente na sua santidade, o crente constantemente a ser convidado para trabalhar e amadurecer em matéria de salvação. Por exemplo, Paulo escreve aos Filipenses: "Trabalhai na vossa salvação com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2: 12-13.). Paulo encoraja tanto praticar as virtudes, para evitar o mal (Rom. 12: 9, 16-17). Temos que fazer mortificar as obras da carne (Rm 8:13). E apresentar nossos corpos como sacrifício vivo (Rm 12: 1-2.). Assim, enquanto a santificação é Deus, o crente também tem um papel que envolve tanto eliminar o pecado como fomentar a santidade.

Santificação: completa ou incompleta?

Um tópico importante que tem sido desacordo sobre a história da igreja é se o processo de santificação é concluída assim que o crente vive na Terra. Existe um momento na vida quando deixamos de pecar? Embora seja perigoso generalizar, aqueles que respondem a esta pergunta na forma afirmativa (perfeccionistas) tendem a Arminianismo. Os principais perfeccionistas denominações como a Igreja dos grupos Nazarenas e pentecostais são arminianos. No entanto, nem todos os arminianos são perfeccionistas. Normalmente, os calvinistas não são perfeccionistas.

Os perfeccionistas sustentam que é possível chegar a um estado em que o crente não peca, e desde então alguns cristãos chegar a esse estado. Isso não significa que a pessoa não pode pecar, mas a pessoa realmente não peca. Também não significa que os meios de graça ou do Espírito Santo, já não existe ou tem a tentação de não lutar contra a tendência inata para o mal, ou já não ser capaz de continuar amadurecendo espiritualmente não é mais necessário. Pelo contrário, significa que você não pode pecar e que alguns crentes realmente abster-se de todo o mal. Muitos textos bíblicos sustentam essa visão. Um deles é Mateus 5:48, onde Jesus diz a seus ouvintes: ". Sede vós pois perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito" Paulo ressalta que os líderes serão capazes de equipar os santos para edificar o corpo de Cristo "até que todos cheguemos à unidade da fé e do conhecimento

do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo "(Ef. 4:13). Ore para que os tessalonicenses: "Que o Deus da paz vos santifique em tudo; e todo o seu ser - espírito, alma e corpo - é irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo "(1 Tessalonicenses 5:23.). O escritor de Hebreus semelhante orar: "Que o Deus da paz ... vos aperfeiçoe em toda a boa obra para fazer a Sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo." (Hb 13. : 20-21). Estes versos certamente parecem apresentar provas evidentes de que a inteira santificação é uma possibilidade para todos os crentes, e uma realidade para alguns.

Não menos comprometidos com suas crenças são aqueles que sustentam que a perfeição é um ideal que nunca fica nesta vida. Eles argumentam que, tanto quanto devemos desejar e buscar a nos libertar do pecado, uma vida sem pecado não é simplesmente uma meta realista para esta vida. Certas passagens indicam que não podemos escapar pecado. Um dos destaques é 1 João 1: 8-10: "Se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, ea verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se nós dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, ea sua palavra não está em nós. "O fato de que essa passagem foi escrita para os crentes faz a opção que não há pecado em nós tudo o mais convincente.

Outra passagem que muitas vezes fazem alusão não é perfeccionistas Romanos 7, onde Paulo fala sobre sua própria experiência. Supondo-se que Paulo tem em mente a sua vida após a conversão (uma suposição de que nem todos os estudiosos concordam), esta passagem parece ser um vital e convincente, a fim de que o crente não é sem testemunho pecado. Paul diz que fortemente: "Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, pois o querer está em mim, mas não é assim. Eu não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço "(vv. 18-19). Esta frase vem de uma das maiores Christian, de fato, alguns diriam maior cristã de todos os tempos. Se até mesmo ele admitiu que tinha grande dificuldade com o pecado, devemos concluir que a perfeição não pode ser alcançado nesta vida.

Como podemos esclarecer todas estas considerações e chegar a uma conclusão sobre esta muito difícil e importante? Nós apontando começar de novo a natureza do pecado. Não são apenas os actos de natureza externa. Jesus deixou claro que até mesmo os pensamentos e atitudes que somos pecadores se eles não estão inteiramente de acordo com a mente de Deus Onipotente e completamente santo (ver, por exemplo, Mateus 5: 21-28). Portanto, o pecado tem um caráter consideravelmente mais ampla e sutil do que geralmente pensamos.

Também é necessário para determinar a natureza de perfeição que é confiada. A palavra τέλειοι (teleioi), encontrado em Mateus 5:48, não significa "sem falta" ou "irrepreensível". Pelo contrário, significa "completo". É possível, portanto, ser "perfeito" sem estar totalmente livre do pecado. Em outras palavras, podemos ter a plenitude de Cristo (Efésios 4:13). E todos os frutos do Espírito (Gl 5: 22-23.) Sem possuir totalmente.

O padrão para a qual devemos tentar abordar é o da completa libertação do pecado. Os mandamentos para tentar alcançar esse objetivo através da graça de Deus são numerosos demais para ignorar. E, claro, se possível, mediante a entrega de ajuda para evitar uma tentação particular, então é possível ganhar em todos os casos. Paul coloca desta forma: "Você não sofreram qualquer tentação que não é comum ao homem; mas fiel é Deus, e não deixará que sejais tentados além do que podem suportar. Mas, quando forem tentados, ele também irá fornecer um escape, para que a possais suportar "(1 Coríntios 10: 13 - NVI). Dito isto, no entanto, devemos notar também a força de passagens como 1 João 1. Mesmo além dessas passagens é o ensino confirmatório que livremente Escrituras retratam os grandes homens e mulheres de Deus como pecadores. Embora devamos ter cuidado para evitar basear nossos argumentos principalmente na experiência, os fenômenos da vida cristã, porém devemos salientar que as narrativas e descritivas partes das Escrituras confirmar e esclarecer as passagens didáticas a este

respeito. Aparentemente, temos de assumir a perfeição teve os grandes heróis e heroínas da fé em Hebreus 11 não era incompatível com o fato de que eles não estavam totalmente livres do pecado. Além disso, o Pai significa que até o reino de Deus não é atingir plenamente o chão, você precisa orar, "perdoa-nos os nossos pecados." Nossa conclusão é que, embora a liberdade completa do pecado e da vitória sobre o que é o objetivo de alcançar e são teoricamente possíveis, é duvidoso que qualquer crente pode chegar a atingir este objetivo nesta vida.

No entanto, existem algumas dificuldades associadas a esta posição. Uma delas é que parece contraditório que exortam repetidamente os cristãos a viver uma vida vitoriosa e irrepreensíveis, se isso não é uma possibilidade real. Mas será que isso necessariamente tem que ser assim? Pode haver um padrão, um ideal para o qual estamos a caminhar, mas nós realmente não espero alcançado em um período de tempo finito. Ninguém jamais chegou a Estrela Polar durante a navegação ou moscas. No entanto, isso não muda o fato de que o ponto permanece para a frente, a nossa medida do que é "do Norte para ir." Da mesma forma, embora nós nunca pode perfeitamente santo nesta vida, seremos na eternidade e, portanto, deve manter isso em mente para ficar o mais próximo possível da inteira santificação.

Outro problema é a presença de ensinamentos como 1 João 3: 3-6: "E todo mundo que tem essa esperança Nele purifica a si mesmo, assim como ele é puro. Quem comete o pecado transgride também a lei, porque o pecado é a transgressão da lei e saber que Ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não há pecado.. Todo aquele que permanece nele não vive pecando. Todo mundo que peca não o viu ou conheceu. "Será que isso não confirmar a posição perfeccionista? No entanto, deve notar-se que as formas verbais, especialmente no versículo 4 ("cometer pecado") e, mais tarde, no versículo 6 ("que habita nele") estão presentes. O significado é que todos os que continuam a pecar geralmente são culpados de "ilegalidade" e nunca conheceram Cristo.

Há implicações práticas importantes em nossa visão de que, embora a absoluta falta de pecado não terá experiência nesta vida deve ser a nossa meta a atingir. Por um lado, esta posição significa que você não precisa ter grandes sentimentos de insatisfação, derrota, desespero e culpa, mesmo quando pecamos. Por outro lado, isso também significa que não vai ser muito satisfeitos com nós mesmos ou indiferente à presença do pecado. Porque fiel e diligentemente pedir a Deus para nos ajudar a superar esta tendência completamente mal, como Paulo, nós sabemos que é tão arraigado em nós.

Vida cristã

O Novo Testamento tem muito a dizer sobre a base, natureza e desenvolvimento da vida cristã. Esta declaração não só nos ajuda a compreender a atividade santificadora de Deus em nós, mas também nos leva a viver a vida cristã.

A união com Cristo

No capítulo anterior, examinamos extensivamente o conceito de união com Cristo e em certo sentido cobrindo toda a salvação, e seu papel na justificação. Mas, além disso, a nossa viagem continuou na vida cristã, a nossa santificação, depende de união com ele. Jesus deixou isso bem claro em sua imagem da videira e dos ramos: "Permanecei em mim e eu em ti. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. "Eu sou a videira, vós sois os ramos; Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer ": .. (Jo 15, 4-5). Jesus vê a união com ele, o que está intimamente ligada ao cumprimento dos mandamentos (v. 10), como a chave para a vida cristã do crente. Trazer o fruto (v. 5) orar (v. 7) e, finalmente, a alegria (v. 11) dependem dele.

Paulo expressou uma idéia similar em seu desejo de "ganhar a Cristo e ser encontrado nele, não tendo minha própria justiça, que é baseada na lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus e que se baseia na fé. Eu quero conhecer, eo poder da sua ressurreição ea comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me a ele na sua morte, se de alguma forma que fez para a ressurreição dentre os mortos "(Filipenses 3: 8b-11). Aqui, para ser como Cristo está intimamente ligado com o desejo de compartilhar seu sofrimento. Uma expressão similar encontrada em Romanos 8:17: "E, se filhos, também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se é certo que com ele padecemos, para que possamos também ser glorificados com ele. "Aparentemente Paul considerados união com Cristo como um compromisso recíproco.

Uma amizade

Talvez a relação mais emocional e íntimo entre a imagem crente Cristo e encontrado em seu uso da figura da amizade em João 15. No entanto, isso é mais do que uma metáfora, pois certamente Cristo foi aqui dizendo algo literal esta relação. Os crentes não tem que pensar em si mesmos como servos ou escravos (δοῦλοι - *douloi*), *porque Jesus disse a eles tudo o que ele tinha ouvido falar do Pai*. Ao fazer isso, ele agiu não como um mestre, ele não explica os seus servos o que ele faz, mas como um amigo (v. 15). Como os amigos de Jesus e não como escravos, os crentes têm uma atitude totalmente diferente. Há fé e confiança em Jesus, em vez de medo e segredo.

O mesmo tipo de carinho e confiança está presente na relação do crente com o Pai. Como os pais humanos, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, faz assim o Pai celestial. Ele nunca vai lhe dar tudo o que é ruim ou machucar seu filho pergunta simples fé (Lc. 11: 1-13). O Pai celestial sabe que precisa de sua criança tem e os perigos que podem ameaçar e agir sobre esse conhecimento para o bem da criança (Mateus 6: 25-34; 10: 28-31).

O papel do direito

À medida que a vida cristã é baseada na nossa unidade e amizade com Cristo, surge a pergunta: o que é o lugar de lei nesse esquema? Para além daqueles diretamente relacionados com Jesus Cristo, alguns problemas têm recebido esse tratamento extensivo de Paul como a lei. Para entender os ensinamentos do Novo Testamento sobre o lugar da lei na vida cristã, é preciso primeiro determinar o papel dele no Antigo Testamento.

Popularmente sustenta que enquanto a salvação em tempos do Novo Testamento foi obtida pela fé, os santos do Antigo Testamento foram salvos pela guarda da lei. No entanto, um exame minucioso dos textos do Antigo Testamento contradiz esta idéia. Na verdade, o fator importante foi a aliança que Deus fez com o seu povo através da graça; a lei simplesmente foi o critério estabelecido por Deus para aquelas pessoas que aderiram ao pacto. Por isso se diz que Abraão "creu em Deus e isso lhe foi imputado para justiça." Paul deixou claro que a salvação era pela fé Abraão não por obras da lei (Gal. 3: 6). Em muitas maneiras o Antigo Testamento diz que não é o cumprimento da lei que salva uma pessoa. A própria lei recomenda um amor total e absoluta de Deus: (. Dt 6: 5) "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda tua alma e com todas as tuas forças". Da mesma maneira o amor ao próximo é ordenado: "Amarás o teu próximo como a você mesmo" (Levítico 19:18.). Se tivesse exigido o cumprimento pessoal dessa lei aos santos do Antigo Testamento, nenhum teria sido salvo. É claro que a salvação veio através da fé e não pelas obras. Além disso, embora a aliança entre Deus eo homem foi certificada por uma circuncisão externa, ou ritual, que agir sozinho não foi suficiente para a pessoa a ser aceito diante de Deus. Ele também teve de produzir uma circuncisão do coração (Dt 10:16; Jer 4: 4.).O ato de fé foi o fator crucial.

Durante o período intertestamental a lei entrou em um estado diferente dentro do judaísmo. A idéia da lei veio para ofuscar o pacto. A observância da lei começou a ser considerado como o alicerce sobre o qual Deus iria julgar a humanidade. Foi dito ser baseado em esperança (Testamento de Judá 26: 1), justificação (siríaco Apocalipse de Baruch 51: 3), justiça (Rev. Bar 67: 6.), Salvation (Rev. Bar. 51: 7) , ressurreição (2 Macabeus 7: 9) Vida (4 Esdras 7: 20-21; 9:31.). Ele declarou que a obediência à lei traria o reino e transformar o mundo (Jubilees 23). George Ladd diz: "Portanto, a Lei obtém a posição de intermediário entre Deus eo homem."

No Novo Testamento, especialmente nos escritos de Paulo, a lei é vista de forma bastante diferente. Quando examinamos essa questão, tenha em mente que o status ea importância da lei nunca foi negligenciada no Novo Testamento. O próprio Jesus disse: "Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; Não vim para abolir, mas para cumprir" (Mateus 5:17). Da mesma forma, Paulo fala da lei como "a lei de Deus" (Rom. 7:22, 25). Não é pecado (Rom. 7: 7); ela é santa, justa e boa (v. 12); é espiritual (v. 14).

Judaísmo na época acreditava que a salvação foi baseada em obediência à lei, mas, realisticamente reconheceu que estrita obediência era raro. Assim, o ensinamento de que a salvação é baseada na obediência foi complementada por uma doutrina do arrependimento e do perdão. Para Paul, no entanto, esta nova tendência no pensamento judeu misturado dois princípios contraditórios: obras e graça. Ele insistiu em vez que para ser justo, devemos obedecer a lei em todos os particulares (Gal. 5: 3). Se você não pode atender a qualquer dos pontos de toda a lei (Gal. 3:10) é violada. A este respeito, ele concordou com o ensino de Tiago (Tg. 2:11). Existe um problema, é claro, que nenhum deles é capaz de obedecer toda a lei.

Como não somos capazes de alcançar a justiça, aderindo estritamente a lei, o papel da lei não se justifica, mas nos mostrar o que é o pecado (Rm 3:20 ;. 05:13, 20;. Gálatas 3:19). Revelando pecaminosidade humana a lei estabelece que são pecadores. A lei realmente faz para o pecado, mas não estabelecer nossas ações como pecados a Deus torna a avaliação deles oferecem. Nós não podemos manter-nos na lei e, portanto, ser justificada por, isso não significa, no entanto, que a lei já foi abolido. Porque em Cristo, Deus fez o que a lei não poderia fazer: enviando o seu próprio Filho para o pecado, condenou o pecado na carne, para que o que a lei exige agora ser cumprido por aqueles que andam no Espírito (Rom. 8: 3-4). Como a fé em Cristo nos liberta da lei, na realidade, estamos autorizados a manter a lei (Rom. 3:31). Por conseguinte, a lei continua a ser aplicável.

Receber não só a justiça, mas também a continuação da vida cristã é pela graça, não pelas obras que atendam a lei. E, no entanto, os cristãos devem considerar biblicamente revelou lei como expressão da vontade de Deus para suas vidas, porque, como vimos, a lei não foi abolida. Paulo aponta que nós podemos encontrar vários mandamentos específicos da lei do amor (Rom. 13: 8-10). Reitera a importância do mandamento de amar seu pai e sua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa (Ef. 6: 2). Portanto, Ladd observa: "É claro que a lei continua a ser a expressão da vontade de Deus para o nosso comportamento, até mesmo para aqueles que já não estão debaixo da lei."

É importante distinguir entre tentando observar os princípios consagrados pela lei e legalismo. As Escrituras nos dão nenhuma base para ignorar os mandamentos revelados por Deus. Jesus disse: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (João 14:15.), E "Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando" (Jo 15:14.). Nós não somos livres para rejeitar tais comandos; a fazê-lo seria um abuso da liberdade cristã. Portanto, tentamos guiar nossas vidas por esses preceitos. Tal comportamento não é legalismo. O legalismo é um escravo monitorar a lei acreditando que ele vai conseguir um mérito; implica também uma recusa em ir além dos requisitos formais ou literal da lei. É ineficaz porque ignora dois fatos: você nunca superar a necessidade da graça divina e que a essência da lei é o amor.

Separação

Um tema que emerge da ênfase bíblica sobre a pureza e a santidade é a separação. O cristão deve ser separada de certos aspectos do mundo. Santiago proclama esta mensagem: "A religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo" (. Tiago 1:27). Da mesma forma, Paulo escreve aos Coríntios: "Por isso saí do meio deles e separem, diz o Senhor, e não toqueis nada imundo; e eu vos receberei e será para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso "(2 Coríntios 6: 17-18). Essas chamadas a viver forma pura e distinta é baseada no fato de que somos filhos de Deus; a relação e comportamento deve ser diferente do resto do mundo.

A aplicação destes princípios à conduta prática da vida tem significado coisas diferentes para pessoas diferentes. Para alguns, longe de sabedoria mundana, isto é, evitar a aprendizagem secular. Para outros, significa separação de igrejas ou grupos cristãos que não são pura na doutrina ou estilo de vida. E para outros, significa a retirada de qualquer contato profundo ou prolongado com os não-cristãos, por medo de que nossa própria fé pode ver corrompido. Significa, também, a abstenção de certas práticas pessoais, como fumar, beber, dançar ou ao cinema. Alguns grupos têm adotado várias dessas idéias de separação.

Por outro stop, nos últimos anos tem havido algum movimento em direção à secularização em alguns círculos evangélicos. Este movimento tomou diferentes formas. Em círculos educacionais e acadêmicas que fizeram esforços para atender às instituições educacionais cristãs com secular semelhante, para a mesma educação, particularmente em nível de graduação em uma instituição secular, ou se engajar academicamente em círculos mais amplos.

Houve também uma forma eclesiástica da secularização. Conservadores na primeira metade do século XX, MUITAS VEZES PREFERIU AFASTAR-SE GRUPOS PERCEBIDOS COMO TEOLOGICAMENTE LIBERAIS. Isso aconteceu na fundação do Seminário de Westminster, em 1929, ea formação da Associação Geral da Igreja Batista Regular e da Associação Evangélica Batista são exemplos do mesmo fenômeno.²¹ Mas alguns evangélicos nos últimos anos têm escolhido permanecer parte do nomes originais que viraram à esquerda teologicamente; estes sentimentos de evangélicos é que eles podem exercer uma maior influência a partir de dentro do que de fora.

Ele também tem sido um movimento em direção a menor separatismo social. Isso é verdade no nível individual; Eles mantiveram estreitas amizades pessoais com os não-cristãos. Também é verdade de forma mais ampla; Evangélicos agora escolher para viver e trabalhar com os setores não-cristãos da sociedade, participação em organizações que não têm nenhum compromisso ou uma inconsistente cristã. E, finalmente, alguns evangélicos têm tomado práticas pessoais que antes eram tabu, tais como beber, fumar ou palavrões.

Sem fundamento bíblico que suporta algumas formas de cada uma dessas posições. Por um lado, é claro que é nos ensinamentos da Bíblia como nós pertencemos a um Deus puro e santo também deve ser puro. Mas é também nos ensinamentos de Jesus que devemos ser o sal da terra e luz do mundo (Mateus 5: 13-16). Temos que deixar nossa influência ser sentida em um mundo que precisa o efeito moderador do cristianismo. Ser envolvido nas estruturas da sociedade, mantendo o nosso ethos, a nossa qualidade como sal e luz, exige um cuidadoso equilíbrio; cada cristão precisa determinar qual é a melhor coisa a fazer para obtê-lo. O ideal levantada por Santiago deve ser nosso objetivo: a praticar atos de bondade e compaixão e ficar limpo diante do mundo.

A salvação dos crentes do Antigo Testamento

Uma questão que não pode ter importância prática direta, mas tem implicações muito amplas é o status dos crentes do Antigo Testamento. Sua salvação tinha a mesma base, como crentes de Pentecostes? A sua experiência subjetiva da vida cristã era o mesmo que temos hoje? Se houve desvios, como eles afetam a nossa maneira de interpretar e aplicar o Antigo Testamento?

Em nossa revisão do estatuto da lei, podemos constatar que a justificação, aparentemente, tinha a mesma base no Antigo Testamento no Novo. Não foi por obras, mas pela fé. Mas que sobre os outros aspectos da salvação?

A regeneração é uma questão particularmente problemática sobre os crentes do Antigo Testamento. Alguns teólogos têm manifestado bastante força que os crentes do Antigo Testamento não foram regenerados, e não podia ser, porque o Espírito Santo ainda não tinha sido dada e não seria dada até ao Pentecostes. Um representante desta posição é Lewis Sperry Chafer:

Dos ministérios atuais do Espírito Santo em relação ao crente: regenerar, ao vivo, batizar, vedação e enchimento, nada desde então sobre que tenham sido vivida pelos santos do Antigo Testamento ... os santos do Antigo Testamento se diz são essas bênçãos apenas teoricamente. ... Você pode procurar em vão na evidência Antigo Testamento que os judeus passou de um estado de salvação para um de salvação, ou uma declaração sobre os termos em que essa mudança tem lugar ... A idéia de que o Espírito Santo habita permanentemente no crente para que isso se torna um templo do Espírito Santo inalterável pertence somente a esta fase da igreja, e não tem lugar nas circunstâncias do judaísmo.

Esta posição é uma conclusão dedutiva da crença de que a regeneração pode ocorrer apenas se o Espírito Santo está em nós. Entretanto, não há evidência real de que os crentes do Antigo Testamento não foram regenerados. Além disso, há várias considerações bíblicas argumentam para a regeneração no período do Antigo Testamento (ou pré-Pentecostes).

Uma consideração importante é que a linguagem usada para descrever a situação dos santos do Antigo Testamento é muito semelhante ao descrito a regeneração dos crentes do Novo Testamento. Moisés distingue entre dois grupos em Israel. Havia aqueles que caminharam na dureza de coração (Dt. 29: 19-20). Eles eram chamados de "teimoso" e "dura cerviz" (Ex 32: 9; 33 :. 3, 5; 34: 9; Deuteronômio 9: 6, 13, Ezequiel 2: 4 ..). Um conceito similar expressa Stephen: "Vós de dura cerviz! Incircunciso de coração e ouvido!" (Atos 7:51.). Agora nós contrastam com estas descrições das promessas de Moisés em Deuteronômio 30: 6: "circuncidar o Senhor, teu Deus, seu coração, eo coração de tua descendência, a amar o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, para que vivas. "O contraste é entre aqueles que são circuncidados de coração e aqueles sem. Paulo esclarece a expressão: "Não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne; mas é um judeu que o é interiormente, e circuncisão é a do coração, espiritual e não literal. O louvor não provém dos homens, mas de Deus" (Rom. 2: 28-29). Arthur Lewis disse: "Paul, assim, ensinou e acreditou que o número total de judeus tinha sido sempre um grupo de *judeus* reais, todos que foram salvos pela fé e purificados a partir de dentro, tendo sido os seus corações alterados (" circuncidados ") em conformidade com a vontade de Deus ".

Além da semelhança na linguagem que reflete a condição dos crentes do Antigo e Novo Testamento, descrições do Velho Testamento sobre as mudanças em corações humanos se assemelham descrições do Novo Testamento sobre o novo nascimento. Samuel disse a Saul: "E o Espírito do Senhor descerá sobre ti com poder e profetiza com eles e ser transformado em outro homem" (1 Samuel 10: 6). Essa promessa foi cumprida imediatamente: "Foi assim, que ele simplesmente virou as costas para partir de Samuel, Deus lhe deu outro coração; e todos esses sinais aconteceram naquele dia "(v. 9). O Espírito de Deus veio poderosamente sobre Saul, e ele profetizou. Em Isaías 57:15 Deus declarou sua intenção de "reavivar o espírito dos humildes e para vivificar o coração dos contritos." A palavra hebraica significa literalmente "para viver". Deus promete duas

vezes em Ezequiel (11: 19-20, 36: 25-26) substituir o coração de pedra com um coração novo, um coração de carne. Todas estas referências parecem ser mais do que meras figuras de linguagem. O que você está descrevendo é uma transformação, como descrito por Jesus a Nicodemos, muito antes de Pentecostes. Difícil de acreditar que ele estava descrevendo algo que não estaria disponível até alguns anos mais tarde, ou que os apóstolos não eram nascidos de novo até ao Pentecostes.

A questão diante de nós aqui, no entanto, é se santos do Antigo Testamento experimentou santificação. É significativo que, no Antigo Testamento, encontramos exemplos notáveis de que o Novo Testamento chama de "o fruto do Espírito." Observe, por exemplo, Noé e Jó eram homens justos e perfeitos (Gênesis 6: 9; Jó 1 :. 1: 8). Especial atenção para a fé de Abraão, Joseph bondade, modéstia de Moisés, a sabedoria de Salomão, a auto-Daniel é fornecido. Embora estes homens não experimentar o que era ter o Espírito Santo dentro deles, é claro se sob sua influência.

Em contraste com essas semelhanças observamos, há duas formas de salvação que tinham e crentes experientes do Antigo Testamento é diferente do Novo Testamento. Apesar de ter sido baseado inteiramente no trabalho de Cristo, a graça no Antigo Testamento foi recebida de forma indireta. Os crentes do Antigo Testamento não sabia o que tinha tido efeito graça. Eles não entendem que a sua justiça foi antecipado: foi conseguida através da futura morte do Filho de Deus encarnado. Essa graça também está recebendo através dos sacerdotes e sacrifícios rituais; não através de uma relação direta e pessoal com Jesus Cristo. A segunda diferença foi a externalidade relativa de graça no Antigo Testamento. O Espírito Santo não estava lá dentro, mas as influências externas exercidas, por exemplo através da palavra escrita e falada. A presença de Deus estava visivelmente representado pelo Lugar Santo eo Santo dos Santos no tabernáculo e no templo. A lei era um externo, em vez de um Espírito que dá a verdade ao código de coração escrito, como seria o caso, então (Jo. 14:26). Mas, apesar dessas diferenças, o santo do Antigo Testamento, como crente do Novo Testamento, amadureceu em santidade através da fé e obediência aos mandamentos de Deus. Este progresso espiritual foi a obra de Deus.

Se houvesse diferenças radicais entre a salvação dos crentes do Antigo Testamento e os cristãos desde o Pentecostes, somos inclinados a pensar que o padrão encontrado no Novo Testamento também é uma variável sujeita a alterações. Mas o fato de que a essência da salvação se manteve inalterado ao longo do tempo e culturas muito diferentes, com apenas pequenas variações atribuíveis à revelação gradual indica que o padrão da salvação do Novo Testamento será nossa.

A vida cristã, como vimos, não é um processo estático, em que um é salvo e, em seguida, simplesmente repousa sobre esse conhecimento. É um processo de crescimento e progresso, não vivemos por nossa própria força, como cristãos, mas com o poder ea orientação do Espírito Santo. E é um processo de mudança e realização.

48. A conclusão da salvação

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Defina e descreva a doutrina da perseverança.
- Diferenciar entre calvinista e arminiano ponto de vista perseverança e resolver essas teorias conflitantes.
- Defina e descreva a doutrina da glorificação.

- Compreender o significado de glorificação e alegria e incentivo que ele proporciona.

Resumo do capítulo

A conclusão da salvação está nas doutrinas de perseverança e glorificação. Perseverança significa que Deus capacita o crente continuar a manter a fé o resto de sua vida. Isso também significa que o crente precisa demonstrar mais assemelha-se a salvação de Cristo. Glorificação é conseguido na vida futura, quando nós somos o que Deus pretendia que sejamos.

Questões de estudo

1. Por que a doutrina da perseverança é importante para a fé do crente?
2. Como resolver as diferenças entre as formas de compreender a perseverança que tem Calvinismo e Arminianismo?
3. O que a doutrina da glorificação?
4. Como é que a doutrina da glorificação dar esperança, encorajamento e alegria para o crente?

Perseverança

A visão calvinista

A visão arminiana

Uma solução de

Glorificação

O significado de "Gloria"

A glorificação do crente

São duas questões principais relacionadas com a realização da vida cristã na terra e vida após a morte. Primeiro, os cristãos, protegido pela graça de Deus, resistir com êxito todas as provações e tentações da vida, e permanecerá fiel ao Senhor até a morte. Chamamos isso de "perseverança". Em segundo lugar, a vida futura não será uma mera extensão da qualidade de vida atual, mas a perfeição dele. As limitações que agora experimentam será eliminado. Chamamos isso de "glorificação".

Perseverança

Será que o crente que foi verdadeiramente regenerado, justificados, adotados por Deus e unidos a Jesus Cristo persistir nesse relacionamento? Em outras palavras, uma pessoa que se tornou um cristão você seria bom? E em caso afirmativo, em que base? Esta é uma questão de grande importância do ponto de vista da prática da vida cristã. Se, por um lado, não há garantia de que a salvação é permanente, os crentes podem sentir muita ansiedade e insegurança e que distraí-los das principais tarefas da vida cristã. Por outro lado, se a nossa salvação é totalmente seguro, se estamos protegidos independentemente de nossas vidas ou nossas ações, pode muito bem acontecer que o resultado é uma certa lassidão e indiferença quando se refere às exigências espirituais e morais do Evangelho ; o resultado pode ser ainda deboche. Portanto, determinar o que as Escrituras ensinam sobre a pena de segurança do crente o tempo e esforço necessários.

A visão calvinista

Eles adotaram duas posições principais sobre a questão de saber se a salvação do crente é totalmente seguro ou não: o calvinista eo arminiano. Estas duas posições permanecem determinados conceitos comuns. Eles concordam que Deus é poderoso e fiel, e que pretende manter as suas promessas. Eles concordam, pelo menos em suas formas mais comuns, nem que a salvação pode ser alcançado, nem pode ser mantido por obras humanas. Eles concordam que o Espírito Santo trabalha nos crentes (embora possa haver algum desacordo sobre a presença e acção do Espírito). Ambos estão convencidos da plenitude da salvação que Deus oferece. Ambos insistem que o crente pode certamente sabe um ponto que você realmente tem salvação. No entanto, existem pontos de diferença significativa entre os dois.

A posição calvinista é simples nesta matéria; "Aqueles a quem Deus aceitou no Amado e chamados eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não pode cair no todo ou definitiva da graça, mas certamente perseverar até o fim e serão salvos para a eternidade." Este ponto é consistente com o restante do sistema teológicas calvinista. Como Deus escolheu certos indivíduos entre a massa de seres humanos caídos para receber a vida eterna, e aqueles que foram eleitos, necessariamente, receber essa vida, segue-se que a sua salvação deve ser permanente. Se os eleitos poderiam eventualmente perder sua salvação, que Deus os havia escolhido para a vida eterna, teria sido realmente eficaz. Portanto, a doutrina da eleição como entendido por Calvin também requer perseverança. Como Loraine Boettner disse:

Esta doutrina [perseverança] não se sustenta em si, mas é uma parte necessária do sistema de teologia calvinista. A doutrina da eleição e graça eficaz implica, logicamente, determinado a salvação daqueles que recebem as bênçãos. Se Deus escolheu homens absoluta e incondicionalmente para a vida eterna, e Seu Espírito aplique efectivamente a eles os benefícios da redenção, a conclusão inevitável é que essas pessoas sejam salvas.

No entanto, os calvinistas não defender a doutrina da perseverança, porque a consistência lógico. Numerosos ensinamentos bíblicos serve Prova independentemente da doutrina. Entre eles está um grupo de textos que destacam a qualidade indestrutível de salvação que Deus oferece. Um exemplo é 1 Pedro 1: 3-5: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível e imarcescível, reservada nos céus para vós, que são mantidos pelo poder de Deus mediante a fé, para a salvação preparada para se revelar no último tempo. "Os três adjetivos usados para descrever nossa herança são vivas e chocante. Eles falam da nossa salvação como incapaz de ser destruída na maneira em que os exércitos destruir um país, durante uma guerra. Ele não pode ser corrompido ou danificado pela introdução de algo impuro. E você nunca enfraquecido, não importa as influências que têm de suportar.

Vários textos que destacam a persistência ea força do amor divino também apoiar a doutrina da perseverança. Um testemunho deste tipo é encontrada na declaração de Paulo em Romanos 8: 31-39, culminando nos versículos 38-39: "Porque eu estou bem certo de que nem morte nem vida, nem anjos, nem os principados, nem poderes , nem o presente nem o futuro, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor. "Este texto aponta claramente para um trabalho contínuo de Deus em vida do crente. Cristo nos dá a vida eterna e depois é só deixar-nos para o nosso próprio esforço humano. Pelo contrário, o trabalho começa em nós continua a conclusão: "Estou convencido de que aquele que começou a boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus" (Filipenses 1: 6.). Além disso, diz-se que Cristo intercede por nós continuamente (Heb. 7:25). Jesus disse que o Pai sempre ouviu as suas orações (Jo. 11:42), segue-se que estas orações de intercessão para nós eficaz. E não apenas Cristo intercede por nós à destra de Deus, assim o Espírito Santo intercede por nós (Rom. 8:26). Portanto, mesmo quando não sabemos como orar ou o que orar, oração está sendo oferecido por nós.

Apoiar a posição calvinista também é fornecido garantias de que a Bíblia, por provisões de Deus, podemos enfrentar e superar todos os obstáculos e tentações que surgem em nosso caminho. Nosso Senhor vai permitir-nos os seus agentes, levará o juízo (Rom. 14: 4). Ele fornece uma maneira de resistir às tentações: "Não veio sobre qualquer prova de que não é humano; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além do que podem suportar, mas também com o teste de modo que você pode suportar "(1 Cor 10:13).

No entanto, onde os calvinistas encontrar a sua maior fonte de encorajamento neste assunto é nas promessas diretos de proteção do Senhor. Um dos mais direta é a declaração de Jesus aos seus discípulos: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz e eu as conheço, e elas me seguem; Eu lhes dou a vida eterna e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos, e ninguém pode arrebatar-las da mão de meu Pai. Eu eo Pai somos um "(Jo. 10: 27-30). Da mesma forma, Paulo tinha plena confiança na promessa de proteção da parte do Senhor: "Mas eu não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito naquele dia" (2 Tim 1. : 12).

Além disso, muitos calvinistas também deduzida a sua teoria sobre a perseverança de outras doutrinas. Entre eles está a doutrina da união com Cristo. Se os crentes se tornaram um com Cristo e sua vida flui através deles (Jo. 15: 1-11), nada pode substituir essa conexão. Louis Berkhof diz: "É impossível ser empurrado para fora do corpo novamente, frustrando o ideal divino." A doutrina do novo nascimento, o Espírito Santo dá uma nova natureza para o crente, apoiada no mesmo caminho para a doutrina da perseverança. João diz: "Todo aquele que é nascido de Deus não comete pecado, porque a semente de Deus permanece nele; e ele não pode pecar, porque é nascido de Deus "(1 Jo. 3: 9). Se a salvação pode ser perdida, a regeneração deve ser reversível. Mas pode ser? Você pode realmente vir alguém a morte espiritual que vive o Espírito Santo, isto é, alguém que recebeu a vida eterna? Isto tem de ser impossível, porque, por definição, a vida eterna dura para sempre. Finalmente, a perseverança é implícito nos ensinamentos bíblicos que dizem que podemos ter a certeza da salvação. Isso seria passagens relevantes sobre Hebreus 6:11; 10:22 e 2 Pedro 1:10. Talvez o mais claro de todos é encontrada na epístola de 1 João. Tendo várias evidências citadas (o testemunho do Espírito, a água eo sangue) que Deus nos deu a vida eterna em Seu Filho, o apóstolo resume: "Estas coisas vos escrevo, a vós que credes no nome do Filho de Deus para que saibais que tendes a vida eterna "(1 Jo. 5:13). Como você poderia ter essa certeza se você pode perder sua salvação? Ter esse tipo de segurança significa que a nossa salvação deve ser seguro.

A visão arminiana

Arminians ter uma visão bastante diferente. Uma interpretação precoce de seus pontos de vista sobre a questão da perseverança é a dos Remonstrants. Embora a posição detalhada *Sententia Remonstrantium* apresentados no Sínodo de Dort é bastante moderada em muitos aspectos, insistindo apenas que mentir possíveis declarações subsequentes, da posição Arminiana é mais enfático. Ambos são baseados nos ensinamentos das Escrituras e nos fenômenos da experiência.

O primeiro tipo de materiais bíblicos citados pelos arminianos que tratam de perseverança são advertências contra a apostasia. Jesus advertiu seus seguidores sobre o perigo de ser enganados (Mateus 24: 3-14). Especificamente, ele disse: "Acautelai-vos, que ninguém vos engane" (v. 4). E depois de descrever vários eventos que ocorreriam antes da Segunda Vinda, ele acrescentou: "Muitos falsos profetas se levantarão e enganarão a muitos; E porque se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo "(vv. 11-13). Tinha este aviso Jesus fez aos seus discípulos não seria possível se eles foram suportados e perder sua salvação? Há avisos semelhantes em outras partes das Escrituras. Paul, a quem os calvinistas muitas

vezes citam como suporte para a sua posição, sugerindo que havia uma base condicional na salvação: "E você, uma vez que foram alienados e inimigos em sua mente, e suas obras más, agora contudo vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, para vos apresentar santos, imaculados e irrepreensíveis diante dele. Mas é necessário que você permaneça fundados e firmes na fé, sem deslocar a partir da esperança do Evangelho »(Cl 1: 21-23a). Paul também advertiu os coríntios: "Então, quem pensa estar de pé veja que não caia" (1 Coríntios 10:12). O escritor de Hebreus foi especialmente veemente, chamando a atenção dos seus leitores várias vezes sobre os perigos de queda e da importância de estar em guarda. Um exemplo notável é Hebreus 2: 1: ". Portanto, devemos nos atentar com mais diligência para as coisas que já temos ouvido, para que não se afastar" Um aviso ligeiramente diferente é encontrada em 3: 12-14: "Eis irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um perverso coração de incredulidade que viver separado de Deus. Em vez disso, exortar mutuamente cada dia, enquanto se diz, "Hoje", para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado, porque somos feitos participantes de Cristo, se é que guardamos firme até o fim princípio da nossa confiança. "É difícil, diz o arminiano entender por que tais advertências foram feitas se o crente não pode cair.

O arminiano também cita textos que incentivam os crentes a perseverarem na fé. Um exemplo destas exortações à fidelidade, que muitas vezes aparecem em conjunto com avisos como já observado, é Hebreus 6: 11-12: "Mas nós queremos que cada um de vós mostre o mesmo zelo até o fim, completa . certeza da esperança, para que eles não se tornem negligentes, mas imitem aqueles que, pela fé e paciência herdaram as promessas "Paul testemunhou em sua própria diligência e esforços para permanecer fiéis:" Eu bato meu corpo e meu escravo, para que, quando eu ter pregado aos outros, eu mesmo a ser desqualificado "(1 Cor 9:27). A urgência dos esforços de Paulo para não ser retirado sugere que, mesmo que ele poderia perder sua salvação.

Arminianos também baseou sua visão sobre passagens que aparentemente falam sobre as pessoas que apóstata. Hebreus 6: 4-6 é talvez o exemplo mais direto e mais citados: "É impossível para aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo e provaram a boa palavra de Deus e os poderes mundo vindouro, e caíram, sejam outra vez renovados para arrependimento, visto que crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo ao ridículo: Se pecarmos voluntariamente, depois de receber o "Outro exemplo é Hebreus 26-27 outubro." conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma expectativa terrível de juízo e ardor de fogo que há de devorar os adversários. "Estas são declarações claras sobre pessoas que, tendo experimentado a salvação, que se afasta lo.

No entanto, a Bíblia não é apenas neste nível abstrato. Também inclui casos concretos de pessoas específicas que caem ou caem. Um dos mais vívida é que do rei Saul no Velho Testamento. Ele tinha sido escolhido e ungido rei de Israel, mas acabou por ser tão desobediente que Deus respondeu às suas orações (1 Samuel 28: 6). Deus rejeitou Saul como rei perdeu sua posição e sofreu uma morte trágica. Um exemplo notável de apostasia no Novo Testamento é o caso de Judas, que foi escolhido por Jesus como um dos doze discípulos. Para uma inconcebível Arminiana de que Jesus escolheu intencionalmente alguém descrente de ser um dos seus companheiros mais próximos e seu confidente, ou cometer o erro de julgar errado para escolher. A conclusão é clara: quando se escolheu Judas era um crente. No entanto, Judas traiu Jesus e terminou sua vida aparentemente sem recuperar a fé em Cristo. Certamente deve ter havido um caso de apostasia. Outros mencionados são os de Ananias e Safira; (Atos 5 1-11.) Himeneu e Alexandre, que "descartado, [a fé e boa consciência] ... naufrágio de sua fé" (1 Tim. 1: 19-20); Himeneu e Fileto (2 Tim 2: 16-18.); Dimas (2 Tm 4:10.); falsos mestres e daqueles que os (2 Pedro 2: 1-2) siga. Ao verem os arminianos, apenas a linha de raciocínio artificial pode explicar a sensação óbvio que esses caras eram realmente crentes que partiram da fé.

Note-se que os arminianos usam dois métodos básicos para formular sua teoria. Primeiro, o foco em passagens de ensino que aparentemente ensinam que é possível apostasia. Em segundo lugar, eles apontam a eventos históricos, histórias bíblicas que falam sobre pessoas específicas que aparentemente caíram. No entanto, quando o autor interpreta diretamente o que aconteceu (ou seja, quando Paulo diz que Himeneu e Alexandre havia arruinado sua fé) essas passagens na função particular, como materiais de ensino. Além de exemplos bíblicos, arminianos também apontam para vários exemplos extra-bíblicos de pessoas de história ou de sua experiência que em um ponto deu a impressão de estar totalmente regenerado ainda abandonada depois de qualquer sinal de fé cristã. Nestes casos, é claro, a linha de argumento baseia experimentais em vez de fenômenos de ensino bíblicos.

Finalmente arminianos também levantam várias práticas à idéia calvinista de acusações perseverança. Uma objeção é que a visão calvinista está em conflito com o conceito das Escrituras da liberdade humana. Se é verdade que aqueles que estão em Cristo, perseverar e não vai cair, então deve ser verdade que eles não podem escolher apostasia. E se assim for, eles não podem ser livres. No entanto, as Escrituras dizem arminianos, descritos como seres humanos livres, porque eles são incentivados repetidamente para escolher Deus e claramente descrita como responsável a Ele por suas ações.

Uma solução de

Os defensores de cada uma dessas duas posições opostas têm argumentos persuasivos a que podem recorrer para apoiar suas posições. Existe verdade nelas, ou temos de escolher entre um dos dois? Uma maneira de resolver este problema é examinar duas passagens bíblicas fundamentais que são, respectivamente, os principais textos que suportam cada uma das teorias. Essas passagens são João 10: 27-30 e Hebreus 6: 4-6.

As palavras de Jesus em João 10: 27-30 é uma declaração poderosa da segurança: o versículo 28 é especialmente enfático "Eu lhes dou a vida eterna e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão" na frase ". jamais perecerão" John usa uma dupla negativa μή οὐ (OU ME) com o subjuntivo aoristo, que é uma maneira muito enfática de declarar que algo vai acontecer no futuro. Jesus está excluindo categoricamente a mais remota possibilidade de apostasia em suas ovelhas. Uma tradução literal seria algo como: "não pereça, repito, não perecerá, no mínimo". Esta declaração é seguida pela afirmação de que ninguém pode tirar os crentes de mão de Jesus ou a mão do Pai (vv 28-29.). No geral, esta passagem é a rejeição mais forte que pode ser feito para a ideia de que um verdadeiro crente pode cair.

Arminianos defendem que Hebreus 6 também apresenta a sua posição enfaticamente. A passagem parece bastante clara: "É impossível para aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, eram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, se caírem, eles são novamente ao arrependimento "(vv. 4-6). A descrição é, aparentemente, as pessoas que realmente foram salvos e deixaram a fé e, assim, perdeu a sua salvação. No entanto, devido à complexidade do objecto e o material da passagem que tem havido uma série de interpretações:

1. O escritor tinha em mente para as pessoas verdadeiramente salvas que perderam sua salvação. Deve notar-se que uma vez que eles perderam sua salvação, não há nenhuma maneira de recuperá-lo novamente. O único elemento claro nesta passagem é que é impossível para renovar a salvação (v. 4-A), um ponto que muitos Arminianos ignorado.
2. As pessoas que nunca foram regenerados em consideração. Apenas provei a verdade ea vida, você foi exposto à palavra de Deus; Eles não plenamente vivida

estes dons celestes. Na verdade, eles caíram, mas a partir da proximidade da verdade espiritual, e não a partir de seu centro.

3. As pessoas que estão falando genuinamente e permanentemente salvo; eles não estão perdidos. Sua salvação é real, a apostasia é hipotético. Isto é, a condição de não ocorrer. O escritor está apenas descrevendo o que aconteceria se o recayera eleito pessoa (impossível).

Após cuidadosa consideração, a segunda explicação é difícil de aceitar. Vividez da descrição e, particularmente, a frase "fizeram participantes do Espírito Santo" em grande parte argumenta contra as pessoas que você tem em mente é (pelo menos por um tempo) regenerado. A escolha, por conseguinte, ser feita entre a primeira e a terceira opção.

Parte da dificuldade de interpretação vem da ambiguidade da palavra traduzida como "se fosse cometido apostasia" ou "caiu". A palavra é *παραπεσόντος* (*parapesontos*), que é um particípio adverbial. Como tal, ele pode ser traduzida em muitas formas diferentes. HE Dana e Julius Mantey listados dez possíveis utilizações do particípio adverbial; Você pode, por exemplo, para denotar causa, tempo, de concessão, e que é importante para os nossos propósitos aqui, a condição. Portanto, uma tradução de legítimo *παραπεσόντος* seria "se foram suportados" mas pode também ser traduzida em muitas outras formas, tais como "quando recaída" ou "recaída porque". O significado em tais casos deve ser determinado pelo contexto. O elemento-chave neste contexto é encontrado no versículo 9: Este verso poderia ser entendida como implicando que as pessoas descritas "Mas quanto a vós, amados, estamos persuadidos melhor pertencente a salvação coisas, ainda que assim falamos." nos versículos 4-6, ao contrário das pessoas que Hebreus é o destinatário, não é realmente salvo. No entanto, temos visto que há uma grande dificuldade nessa interpretação. A outra possibilidade é que o referente de versículos 4-6 e 9 é o mesmo. São as pessoas que são verdadeiramente salvos, o operador histórico. Versículos 4-6 dizem que seu estado se fossem reincidentes. No entanto, versículo 9 é uma declaração de que não recaída. Poderiam, mas eles não vão. Sua persistência ao fim é evidência de que a verdade. O escritor de Hebreus sabe que seus leitores vão cair; Ele está convencido de que as coisas melhor vai acontecer, coisas que têm a ver com a salvação. Ele fala sobre sua obra, e do amor (v. 10), e exorta-os a continuar com o mesmo zelo até o fim (v. 11). Os detalhes completos da passagem sugere que o escritor tem em mente os crentes genuínos que poderiam cair, mas eles não vão.

Agora podemos nos relacionar João 10 e Hebreus 6. Enquanto Hebreus 6 indica que os crentes genuínos *podem* cair, João 10 ensina que *eles não* vão. Há uma possibilidade lógica de apostasia, mas não vai acontecer no caso de crentes. Embora eles poderiam abandonar sua fé e, assim, chegar ao destino conforme descrito na Hebreus 6, a graça de Deus continua reincidente em apostasia. Deus faz isso, não tornando impossível para os crentes recaída, mas garantindo que não haja recaída. Nossa ênfase entre *poder* e *fazer* não sem importância. Preserva a liberdade do indivíduo. Os crentes são capazes de negar sua fé, mas livremente escolher não.

Neste ponto, pode-se perguntar, se a salvação é segura e permanente, o que as advertências e ordens dadas para o crente deve ser? A resposta é que eles são meios pelos quais Deus garante que a pessoa não cair salvo. Considere a analogia dos pais que temem que seus filhos para a rua e são atropelados por um carro. Uma maneira de evitar isso é colocar uma cerca em torno do jardim. Isso impediria a criança sair do jardim, mas também limitar à liberdade da criança. Embora tentasse, ela não podia deixar o jardim. Esta é a idéia de que alguns têm de perseverança. Outra possibilidade é que os pais ensinar e preparar as crianças para o perigo de ir para fora e a importância de cuidar. Essa é a natureza da segurança que estamos discutindo. Ele não é Deus fazer que a apostasia é impossível remover a própria opção. Em vez disso, o que ele faz é usar todos os meios possíveis de graça, incluindo advertências das Escrituras, para nos motivar a continuar comprometido com ele. Como ela nos permite perseverar em nossa fé, o termo *persistência* é preferível a conservação.

Mas o que sobre a alegação de que as Escrituras recolher exemplos reais de apostasia? Quando examinados, esses exemplos parecem muito menos impressionante do que à primeira vista. Alguns casos, como Pedro, deve ser considerada mais como um abandono como apostasia. Pedro negou o Senhor em um momento de fraqueza, não foi um ato de rebelião deliberada e intencional; Foi temporária, não permanente. É difícil, por outro lado, sei como classificar a situação do rei Saul e que vivia sob a antiga aliança. Como para Judas, havia sinais de que ele não estava regenerados. Considerar, em particular a referência feita a ele era um ladrão (Jo. 12: 6). No caso de Himeneu e Fileto, "que desviaram da verdade dizendo que a ressurreição é já passada, e assim pervertem a fé a alguns." (2 Tm 2:18), não há nenhuma indicação de que eles nunca foram defensores convencido da verdade, ou que esta tem sido uma parte intrínseca de suas vidas. De fato, os versos seguintes, em contraste, o foco em seguros de crentes: "Todavia o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo:" O Senhor conhece os que são seus "e" Turn do mal quem invoca nome de Cristo "(v. 19). A referência a Himeneu e Alexandre em 1 Timóteo 1: 19-20 é muito difícil de interpretar, porque eles não sabem exatamente o que Paulo quer dizer com "os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar." Como em 2 Timóteo 2: 17-18, esta referência tem de ser visto à luz das declarações de Paulo em 1 Timóteo 1: 6-7 sobre os que se afastaram em discussões vãs. Declaração de Paulo de que eles não entendem o que estão dizendo pode muito bem significar que eles não são verdadeiros crentes. A proximidade de 1 Timóteo 1: (. Vv 19-20) 6-7 referência à Himeneu e Alexander e o uso da palavra-chave ἀστοχέω (astochēō) "desviar" a partir do verdadeiro em 1 Timóteo 1: 6 e a referência ao Himeneu e Fileto (2 Tim. 2:18), pode indicar que as duas situações eram semelhantes. Himeneu e Alexandre pode ter sido fiéis que foram punidos e disciplinados por ter se desviado da verdade, ou ele pode ter sido envolvido superficialmente indivíduos que foram expulsos da comunidade. Como os outros mencionados pelos Arminianos nome (por exemplo, Demas), não há provas suficientes para garantir a conclusão de que eles eram verdadeiros crentes que recaíram.

Mesmo menos confiáveis são os exemplos dados de pessoas contemporâneas que supostamente um ponto eram verdadeiros crentes e depois recaída. A dificuldade aqui é que nós também podemos citar exemplos de pessoas que, por seu próprio testemunho nunca foram realmente cristãos, mas pensei que eles eram. Além disso, devemos ter o cuidado de distinguir os casos de deserções temporários, como Pedro, o abandono de fé genuína. Você precisa perguntar sobre alguém que parece ter perdido a fé se ele já está morto. Além disso, notamos que a Bíblia não justifica a qualquer um que faz uma profissão de fé visível como ele deve ser regenerado e considerar. Jesus advertiu contra os falsos profetas, que vêm vestidos como ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores (Mt 07:15). Eles devem ser avaliados pelos seus frutos, não pelo que eles dizem (vv. 16-20). O dia do juízo que as pessoas o chamam de "Senhor, Senhor" e dizer que profetizado em teu nome, para expulsar os demônios, e realizou milagres em seu nome (22 v.). Tudo isso pode ser verdade. No entanto, existem aquelas pessoas que entram no reino dos céus, mas (21 v.) Aqueles que fazem a vontade do Pai. As últimas palavras de Jesus sobre os falsos crentes será: "Nunca vos conheci. Afasta de mim, malfeitores!" (V. 23). A parábola do semeador (Mateus 13: 1-9; 18-23) é outra indicação de que o que parece ser a fé genuína pode ser muito diferente. Pode ser simplesmente uma resposta superficial e temporária: "Aquele que foi semeado em terreno pedregoso é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria, mas não tem raiz em si mesmo, mas é de curta duração, porque quando a tribulação ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza" (vv. 20-21). À luz do que Jesus disse em Mateus 7: 16-20, parece que só os crentes que são verdadeiramente regenerados dar frutos, quer trinta, sessenta ou cem (Mt. 13:23). De forma semelhante, falando sobre assuntos escatológicos, Jesus disse que perseverança é a marca do verdadeiro crente: "E porque se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo" (Mateus 24: 12-13); ver também Mateus 10:22; Sr. 13:13). Finalmente, observamos que Jesus nunca considerou que Judas

foi regenerado. A confissão de fé de Pedro: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós acreditamos e sabemos que Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Jo. 6: 68-69). Jesus respondeu: "Não vos escolhi a vós os doze, e um de vós é um diabo?" (V 70). Judas embora não um crente, teve um papel muito importante no esquema da redenção. A partir do exposto, é evidente que, do ponto de vista de Jesus, nem todo mundo parecia que eram realmente crentes. Concluímos que parece que caiu nunca tinham sido regenerados.

As implicações práticas para a nossa compreensão da doutrina da perseverança é que os crentes podem ter certeza de que sua salvação é permanente; nada pode separá-los do amor de Deus. Assim, você pode torcer com a esperança da vida eterna. Eles não precisam se sentir ansioso com o pensamento de que alguém ou algo vai levá-los para longe da bênção final que foi prometido a eles e eles estão esperando. No entanto, por outro lado, a nossa compreensão da doutrina da perseverança permite que há espaço para preguiça ou desleixo. É duvidoso que qualquer um pensar: "Agora eu sou um cristão pode viver como quiser" pode ser realmente convertidos ou regenerado. Pelo contrário, a fé genuína o fruto do Espírito vem. A certeza da salvação, a convicção subjetiva do ser cristão, vem da evidência dada pelo Espírito Santo para estar no trabalho na vida dos indivíduos. Resultados da obra do Espírito na convicção bíblica de que Deus irá permitir Christian persistir, a este respeito, que nada pode separar o verdadeiro crente do amor de Deus.

Glorificação

A fase final da salvação é chamado glorificação. Nas palavras de Paulo, aqueles a quem Deus "de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho ... e aos que predestinou, esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm. 8: 29-30). A glorificação é um ponto que a doutrina da salvação é sobreposta sobre a doutrina das últimas coisas, porque parece para além desta vida para o mundo por vir. Este tópico não é muito discutido em textos padrão sobre teologia, e até mesmo menos em sermões, mas tem uma importância muito prático, pois fornece coragem e fortalece os crentes a esperança.

A glorificação é multidimensional. Ela envolve tanto escatologia individual e coletiva. Ele cobre a perfeição da natureza espiritual do crente, a morte ocorre quando o cristão passa a estar na presença do Senhor. Envolve também a perfeição dos corpos de todos os crentes, que ocorre no momento da ressurreição em conexão com a segunda vinda de Cristo. Mesmo que envolve a transformação de toda a criação (Rm. 8: 18-25).

O significado de "Gloria"

Para entender a doutrina da glorificação, devemos primeiro saber o significado de glória, que se traduz várias palavras bíblicas. Um deles é o hebraico קָבוֹד (Kabod), que se refere a um atributo de um indivíduo, a um show de dignidade, riqueza e grandeza. Quando a respeito de Deus é usado, ele não aponta para qualquer atributo particular, mas a grandeza de toda a sua natureza.²¹ Salmo 24: 7-10 fala de Deus como Rei da glória. Como Rei é executado pelos seus exércitos e caracterizar a infinita beleza e esplendor.

No Novo Testamento, a palavra grega δόξα (doxa) significa brilho, esplendor, magnificência e fama. Aqui estão uma glória atribuída a Jesus Cristo, como atribuído a Deus no Antigo Testamento. Jesus orou para que o Pai o glorificará como tinha glorificado o Pai (Jo. 17: 1-5). É especialmente na ressurreição de Cristo, quando vemos a sua glória. Pedro proclamou que Jesus ressuscitou dentre os mortos Deus foi glorificado daquele a que os judeus haviam rejeitado (Atos 3: 13-15.). Da mesma forma, Pedro

escreveu em sua primeira carta: "Através dele você acredita em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus" (1 Pedro 1:21). Paulo disse: "Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós possamos caminhar em novidade de vida" (Rom. 6: 4); também falou da gloriosa ressurreição do corpo de Cristo (Fl. 3:21). Paulo viu a glorificação de Cristo também em ascensão: foi "recebido acima na glória" (1 Tm 3:16.). Além dos apóstolos pregaram que Cristo está à destra de Deus (Atos 02:33 ;. 5:31).

A segunda vinda de Cristo é também uma oportunidade para a glória. O próprio Jesus ofereceu um retrato vívido da natureza gloriosa de seu retorno, "todas as tribos da terra se lamentarão quando virem o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória" (Mateus 24:30); "Quando o Filho do Homem vier na sua glória e todos os anjos com ele, então se assentará em seu trono de glória" (Mateus 25:31). Uma petição que Jesus fez em sua oração sacerdotal era que seus discípulos poderiam ver a sua glória "vejam a minha glória que me tens dado, porque me amaste antes da fundação do mundo" (Jo 17:24.). Paulo falou de "a bendita esperança ea manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo" (Tito 2:13.).

Tanto o Antigo eo Novo Testamento temos esta manifestação escatológica da glória de Deus e da esperança e objetivo do crente. A referência mais clara no Antigo Testamento é encontrada no Salmo 73:24: "Tu me guias com o teu conselho, e depois me receberás em glória." Esta promessa de futuro bênção é a resposta de Deus à reclamação e desespero do salmista pela boa sorte e prosperidade dos ímpios aparente. O Novo Testamento também mostra a futura glória como incomparavelmente superior ao atual sofrimento dos justos. Paulo escreve em Romanos 8:18: "Eu acho que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada para nós." Faz uma declaração similar em 2 Coríntios 4:17: "Porque a nossa leve momentânea tribulação produz para nós um peso muito mais excedente e eterno de glória." Pedro também liga o sofrimento presente com o futuro revelação de glória: "Os anciãos que estão entre vós, eu, um ancião e companheiro testemunha dos sofrimentos de Cristo, que sou também um participante da glória que há de ser revelada" exorta os anciãos para alimentá-lo do rebanho que "quando o supremo Pastor se manifestar, receberéis a coroa de glória" (1 Pedro 5: 1, 4).

A glorificação do crente

É importante perceber que não só Cristo, todos os verdadeiros crentes também será glorificado. O Novo Testamento contém várias caracterizações desta dimensão futura da salvação cristã. Paulo diz: "Nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a redenção do nosso corpo" (Romanos 8:23.). Esta é a última etapa no processo de salvação é uma herança garantida pelo Espírito Santo: "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para o louvor da sua glória" (Ef. 1: 13-14). Peter também fala de uma herança: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo por sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, imaculada, e imarcescível, reservada! nos céus para vós, que sois guardados pelo poder de Deus mediante a fé, para a salvação preparada para se revelar no último tempo" (1 Pedro 1: 3-5). Além disso, o Novo Testamento promete que seremos salvos da ira de Deus no tempo do julgamento: "Logo muito mais, tendo sido já justificados pelo seu sangue, seremos salvos da ira, porque se sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rom. 5: 9-10). Em suma, o crente pode

esperar de uma experiência muito maior, descrito como a adoção por Deus, a redenção do corpo, garantido pelo patrimônio não contaminada Espírito Santo e salvos da ira de Deus.

Mas o que exatamente faz a glorificação do crente? Um aspecto é a vindicação total e final do crente. A justificação que ocorreu no momento da conversão irá se manifestar ou óbvia no futuro. Este é o significado de Romanos 5: 9-10, citado no parágrafo anterior. No capítulo 8, Paulo contempla o julgamento futuro e pede que acusam os eleitos; Assim como Cristo morreu por nós e agora intercede por nós, ninguém vai (vv. 33-34). Nem o presente nem o futuro pode nos separar do amor de Deus em Jesus Cristo (vv. 38-39). O julgamento será a declaração final do crente justificado status (Mt. 25: 31-46). Como um estudante que está totalmente preparado para consideração, o cristão enfrenta o julgamento final, não com medo, mas com antecipação, sabendo que o resultado será positivo.

Na glorificação do indivíduo também será melhorada, moralmente e espiritualmente. Várias referências bíblicas apontam para uma conclusão futuro do processo que começou com a regeneração contínua e santificação. Um dos textos mais diretos é Colossenses 1:22: "Agora hath reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, para vos apresentar santos, imaculados e irrepreensíveis diante dele." O conceito de ser sem mácula e irrepreensíveis no futuro, também são encontrados em Efésios 1: 4 e Judas 24. A inocência é mencionado em 1 Coríntios 1: 8. Paulo ora para os filipenses para "o vosso amor aumente mais e mais no conhecimento e em todo o discernimento, para que possais discernir o que é melhor, a fim de ser sinceros e irrepreensíveis até o dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, que são através de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus" (Filipenses 1: 9-11.). A nossa perfeição moral e espiritual será alcançado, em parte, removendo a tentação, porque a origem do pecado, o mal ea tentação será completamente expirado (Ap. 20: 7-10).

A glorificação futuro trará o pleno conhecimento. Em 1 Coríntios 13:12, Paulo contrasta o conhecimento imperfeito que temos agora com o pleno conhecimento de que teremos ", agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face. Agora, conheço em parte; então eu conhecerei como também sou conhecido "Nosso conhecimento incompleto será substituída por uma compreensão mais completa.. O nosso conhecimento vai aumentar, porque vamos ver o Senhor; não vamos ter de se contentar com a simples leitura de histórias escritas por aqueles que o conheceram durante seu ministério na terra. Como João diz: "Amados, agora somos filhos de Deus e ainda não se manifestou o que havemos de ser: mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é "(1 Jo. 3: 2).

O que temos descrito até agora pode ser chamado a glorificação da alma (o aspecto espiritual da natureza humana). Haverá também uma glorificação do corpo (aparência física), em conexão com a ressurreição do crente. Na segunda vinda de Cristo, todos os que morreram no Senhor vai subir; e eles, juntamente com os crentes que sobrevivem serão transformados. Três passagens em particular destaque a mudança que vai ocorrer no corpo do crente. Em Filipenses 3: 20-21 Paulo diz: "Mas a nossa pátria está nos céus, e com isso aguardamos um Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Ele vai mudar o nosso corpo mortal em um corpo glorioso como o seu próprio, pelo poder com o qual também pode manter-se todas as coisas ". A palavra *σύμμορφον* (*summorphon* - "like") indica que nosso corpo será "semelhante em forma" para Cristo. Em 2 Coríntios 5: 1-5 Paulo exibiu o corpo que terá um corpo eterno na natureza, não feito por mãos humanas, mas de Deus. Será que nossa morada celestial. O que é mortal será absorvido pela vida (v. 4). A terceira passagem é 1 Coríntios 15: 38-50. Paulo compara o corpo com o qual temos agora:

1. O presente corpo é mortal, sujeito à doença e à morte; a ressurreição do corpo será incorruptível, imune à doença e decadência.
2. O corpo atual é semeado em desonra; o corpo da ressurreição será glorioso.

3. A presente corpo é fraco; o corpo da ressurreição será poderoso.
4. O presente corpo é físico (ψυχικόν - psuchikon); a ressurreição do corpo será espiritual.

Paul aponta que a grande mudança vai acontecer no momento da vinda de Cristo será instantânea: "Eu vos digo um mistério: nem todos dormiremos; mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados "(vv 51-52.). Bernard Ramm diz: "Em suma, os quatro atributos positivos do corpo ressuscitado pode ser identificado com a glorificação do corpo. Esta glorificação não é um processo, não uma questão de maturação, acontece de repente, de forma dramática, o fim dos tempos. "

Finalmente, devemos salientar a relação entre a glorificação do crente ea renovação da criação. Como os seres humanos são parte da criação, pecado e queda trouxe certas consequências sobre ela como sobre si mesmos também (Gn. 3: 14-19). O edifício está actualmente sujeita à vaidade (Rom. 8: 18-25). No entanto, Paulo nos diz que "a própria natureza criada será libertada da escravidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (v. 21). A natureza da transformação que irá ocorrer é explicado mais especificamente em Apocalipse 21: 1-2: "E vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu ea primeira terra passaram, eo mar já não mais existido. . E eu, João, vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, adereçada como uma esposa para seu marido "Então Deus declarou:" Eu faço novas todas as coisas "(v. 5). A humanidade viviam originalmente no local paradisíaco chamado Jardim do Éden; residência final também é o lugar perfeito: a Nova Jerusalém. Parte da glorificação do homem estará fornecendo um ambiente perfeito para se viver. Será perfeito para a glória de Deus estará presente.

Neste crenças a vida às vezes eles choram e sofrem porque se sentem incompletas. No entanto, eles têm uma esperança segura. A doutrina da perseverança garante que nunca vai perder a salvação que eles têm. E a doutrina da glorificação promete que mais tarde algo melhor nos espera. Nós seremos tudo o que Deus sempre pretendeu que sejamos. Em parte, nossa glorificação ocorrerá com a morte e superar as limitações desta existência terrena; e, em parte, que acontecerá na segunda vinda de Cristo. Depois disso, vamos ser perfeito e completo é seguro.

49. Mídia e extensão da salvação

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Examine três teorias teológicas atuais sobre os meios de salvação: libertação, sacramentais e evangélicos.
- avaliar a validade das abordagens de libertação e sacramental tentando descobrir o meio de salvação.
- Demonstrar a validade da abordagem evangélica.
- Avaliar vários tipos de universalismo.
- Procurar uma das teorias do universalismo representados no pensamento de Nels Ferre.
- Desenvolver uma resposta bíblica para a abordagem universal.

Resumo do capítulo

Para concluir o assunto da salvação, há duas questões. O primeiro é o meio pelo qual a salvação vem. Há três visões teológicas: o da libertação, o sacramental e evangélica. A segunda questão é a questão de qual é a extensão da salvação. Universalistas dizer que no final todos serão salvos. A Bíblia contradiz a posição universalista.

Questões de estudo

1. Como é que aqueles que acreditam na teologia da libertação evangelho bíblico alterado para atender seus interesses?
2. Como que altera sacramentalismo meios bíblicos de salvação?
3. Qual é a diferença entre o evangelicalismo de teologias da libertação e sacramentalismo?
4. Origens posição crítica e sete alterações à sua posição sobre a questão de como a salvação poderia ser disponibilizado para toda a humanidade.
5. Como você avalia argumentos sobre universalismo Nels Ferre?
6. Como um evangélico como você responderia aos advogados universalismo propuseram o mesmo ao longo dos séculos? Considere a evidência bíblica.

Pontos de vista sobre os meios de salvação

Miradouro da Teologia da Libertação

Visão sacramental

Ponto de vista evangélico

A extensão da salvação

Variedades de universalismo

Avaliando universalismo

Resta discutir duas importantes dimensões do tema da salvação. O primeiro diz respeito o meio pelo qual ela é feita ou a salvação vem; a segunda diz respeito à extensão da salvação: Vamos salvar a todos?

Pontos de vista sobre os meios de salvação

A visão que se tem dos meios pelos quais a salvação é obtida depende em grande parte a nossa compreensão da natureza da salvação. No entanto, mesmo entre pessoas que têm basicamente a mesma maneira de compreender a natureza da salvação, existem diferentes formas de visualizar os meios de comunicação.

Miradouro da Teologia da Libertação

Para entender o conceito que tem a teologia da libertação dos meios de salvação, devemos olhar primeiro a ter a idéia da natureza da teologia. Em sua *Teologia da Libertação*, que tem como subtítulo significativamente *história, política e salvação*, Gustavo Gutiérrez observa que a idéia básica da natureza da teologia passou por uma transformação radical. Originalmente, a teologia foi simplesmente meditar sobre a Bíblia; o seu objectivo era a sabedoria e crescimento espiritual. Depois de teologia começou a olhar como uma reflexão racional, sistemática e crítica do conteúdo da fé cristã. No entanto, nos últimos tempos tem havido uma mudança considerável na compreensão da fé. A fé não é mais considerada a comunicação de verdades, mas sim um

compromisso total de si mesmo aos outros. O amor é o centro da vida cristã e da teologia. A espiritualidade não é uma contemplação monástica, mas uma atividade que ocorre no mundo, colocando a ênfase nas dimensões seculares da vida.

Gutierrez define a salvação como libertação em três níveis diferentes. O primeiro nível de libertação tem a ver com "as aspirações do povo e as classes oprimidas, ressaltando os aspectos conflitantes de processos econômicos, sociais e políticos que trazê-los em conflito com as nações ricas e classes sociais opressivas." Gutierrez veementemente contra aqueles que defendem que o desenvolvimento natural dentro de uma estrutura capitalista basicamente resolver todos os problemas do mundo. O segundo nível tem a ver com o que o homem tomar "responsabilidade consciente de seu próprio destino."⁴ O terceiro nível é Cristo Salvador libertar o homem do pecado.

Gutierrez acredita que a salvação é a natureza escatológica. No entanto, ele tem em mente uma versão sobrenatural das condições de vida aqui. Em vez disso, pense na abertura da história do futuro. Não é uma fuga da história, mas a realização dos ideais fundamentais na história futura; que é a meta para a qual estamos caminhando. Além disso, embora a libertação teólogos dimensão escatológica da mensagem cristã e levar a sério a Bíblia, não devemos supor que o seu interesse na escatologia significa que sua abordagem básica é aplicar a mensagem bíblica a situações históricas. Pelo contrário, é o oposto: eles transmitir a sua experiência da realidade à teologia. Isto é o que Juan Luis Segundo descreveu como "círculo hermenêutico". Sua experiência da realidade leva aos teólogos da libertação a questionar as teologias prevaletentes, após pressupostos teológicos subjacentes a estas ideologias e, finalmente, a hermenêutica.⁶ Os teólogos da libertação rejeitar teologia ortodoxa ocidental porque é incapaz de caber sua experiência de vida, nem os novos desenvolvimentos na exegese.

Como iria ocorrer a liberalização econômica necessária? Uma solução que tem sido proposto é o desenvolvimento. A idéia de que trabalhar dentro de uma estrutura capitalista, basicamente, ser possível melhorar as condições dos pobres. No entanto, Gutierrez encontrado esta uma medida tímida. Nenhum trabalho de tentar provocar mudanças na ordem existente. Em vez disso, ele diz: "uma ruptura radical com o estado atual das coisas, isto é, uma profunda transformação do sistema da propriedade privada, a ascensão ao poder das classes exploradas e revolução social que iria quebrar esta dependência mudaria para um nova sociedade, uma sociedade socialista; ou pelo menos tornar possível um tipo de sociedade também. "

Pela ênfase na transformação dos sistemas existentes, é evidente que a teologia da libertação vê a salvação como libertação para todos. Salvação significa igualdade econômica, política e racial para todos. A obra de Deus nessa direção é conseguido através de vários meios, não só para a Igreja ea prática da religião. Na verdade, a salvação é feito principalmente através do processo político, e às vezes até mesmo através da revolução e violência.

Ao avaliar o conceito de salvação que tem a teologia da libertação, devemos admitir que, dos três níveis, Gutierrez identificado como o mais básico que Jesus nos liberta do pecado. No entanto, na prática, ele coloca a ênfase sobre os aspectos políticos e econômicos. Ninguém duvida, é claro, que Deus vai se preocupar esses aspectos da vida, como uma leitura dos profetas menores (por exemplo, Amos) indica. No entanto, o que pode ser mais grave questão é saber se esses aspectos são tão importantes como dando-lhe os teólogos da libertação. Além disso, a questão crucial das Escrituras é a nossa escravidão do pecado e da separação e alienação de Deus que o pecado causou. Mesmo o Êxodo, a libertação dos israelitas da escravidão no Egito, não era primariamente uma questão política. De fato, se examinarmos as histórias da Bíblia com cuidado, vemos que o principal objetivo do êxodo era Deus estabelecer uma relação especial com Israel para que eles pudessem desfrutar das bênçãos espirituais que ele tinha reservado para pessoas especiais. O por liberdade política importante, suficiência econômica e saúde física, que possam ser, são secundários para o destino espiritual. Esta é uma implicação a ser

desenhado a partir das palavras de Jesus: "Portanto, se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti, pois é melhor para ti que um dos teus membros se perca, e não que a tua inteira corpo lançado no inferno. E se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a fora, pois é melhor para ti que um dos teus membros se perca do que todo o teu corpo seja lançado no inferno" (Mateus 5: 29-30). Se a nossa análise está correta, o defeito da teologia da libertação não é tanto o que diz, mas pelo que ela não diz. Você não diz nada sobre o que o Novo Testamento indica claramente que é a principal dimensão da salvação.

Nós também comentar sobre a defesa que faz com que a teologia da libertação da violência por parte dos pobres e oprimidos. É de salientar que esta posição parece entrar em conflito com algumas das declarações feitas por Jesus, como exortações para dar a outra face (Mateus 5:39 ;. Lc 06:29) e de amar os nossos inimigos (Mateus 5 : 44; Lc 6:27, 35) .. Embora se possa argumentar solidamente sobre o uso da força ocasionalmente (por exemplo, em uma guerra justa), os teólogos da libertação não ter estabelecido um argumento adequado para usar a força nesta situação.

Visão sacramental

Outro ponto importante sobre os meios de vista salvação é que a salvação é transmitido e recebido através dos sacramentos da Igreja. Provavelmente a expressão mais clara e mais completa dessa visão é o catolicismo romano tradicional, que sucintamente Joseph Pohle:

A justificação do pecador ... geralmente não é um processo ou série de atos puramente internas e invisíveis, mas requer o uso de sinais visíveis externos instituídos por Cristo, que quer conferir graça ou aumento. Esses meios visíveis de graça são chamados sacramentos.

Neste breve parágrafo são indicadas várias características importantes dos sacramentos. Estes actos são necessários para a justificação do pecador. Justificação não é meramente um fato interno e invisível (um evento puramente espiritual), mas depende de necessidades individuais e ritos externos. Estes ritos são meios reais da graça. Simbolizar as mudanças que ocorrem no indivíduo, mas não são meros símbolos. Na verdade, eles produzem ou comunicar a graça. Eles são, em outras palavras, sinais eficazes.

Um sinal visível de uma graça invisível e uma instituição divina: De acordo com o pensamento católico, três elementos para constituir um sacramento são necessários. O sinal visível consiste em duas partes: uma forma material (por exemplo, no batismo de água) e uma palavra de pronunciamento. Todos os sacramentos comunicam a graça santificante; isto é, tornar o indivíduo é justo e santo, combinando o que os protestantes chamar justificação e santificação.¹¹

De primordial importância é a idéia de que os sacramentos são eficazes. De acordo com o Concílio de Trento, os reformadores protestantes considerados os sacramentos como meros "exortações projetados para excitar fé" (Lutero), "símbolos da verdade das promessas divinas" (Calvin) ou "sinais de profissão de fé cristã por que fiel testemunha que pertencem à Igreja de Jesus Cristo" (Zwingli). Condenando as posições dos reformadores, o Conselho adoptou a sua própria posição que os sacramentos são meios de graça que para aqueles que não coloque entraves a essa graça.

Os defensores da posição do Conselho de Trent argumentam que as Escrituras fornecem evidências essencial de um nexos de causalidade entre os sinais e graça sacramental. Um dos exemplos mais proeminentes é João 3: 5: "se alguém não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus." Diz-se que a água é a causa instrumental do novo nascimento. Pohle diz: "Por isso, é tão verdade que o renascimento espiritual de um homem é causada principalmente pelo Espírito Santo como ela é causada

instrumentalmente água e, conseqüentemente, a água do batismo tem um efeito causal sobre a justificação." Outros textos citados como apoio para o argumento de que a água do batismo o pecado limpa são Atos 2:38; 22:16; Efésios 5:26 e Tito 3: 5. Além disso, com base em diversos textos, também afirma que a eficácia de outros sacramentos: confirmação; (Atos 08:17). Eucaristia (Jo 6, 56-58.); Penitência (Jo 20: 22-23.); A extrema-unção (Tiago 5: 14-16.); ordenações (2 Tim. 1: 6). Além disso, o testemunho dos pais da igreja citada como suporte para a teoria de que os sacramentos são meios de graça.¹⁵

De acordo com o ponto de vista histórico católico, dos sacramentos são eficazes *ex opere operato* ("pelo trabalho feito"). Esta expressão foi usada pela primeira vez no século XIII, FOI FORMALMENTE APROVADAS PELO CONCÍLIO DE TRENTO. Ele indica que a graça é conferida, dependendo do ato em si, não pelos méritos do sacerdote ou do receptor. Desde então, tem de haver um padre para conferir o sacramento eo receptor deve ser moralmente preparado. Na verdade, o número de graça conferida depende do arranjo e da cooperação do anfitrião. No entanto, esses fatores não são o que faz o sacramento eficaz. O sacramento em si é a causa eficiente da graça ocorre.

Às vezes, a posição católica parece contraditório. Por um lado, ele diz que os sacramentos produzem os seus efeitos ", independentemente dos méritos e à disposição do destinatário." Além disso, a preparação moral para o sacramento produz "todo o efeito justificação necessária" é considerado necessário. No entanto, esta preparação moral é simplesmente removendo "qualquer falta de vontade anterior para opor-se à personagem do respectivo sacramento."¹⁸ Portanto, a eficácia real do sacramento não depende em absoluto sobre o mérito do receptor. Um argumento apoiando esta teoria é a prática do batismo infantil, onde é óbvio que não pode haver nenhum mérito, nem mesmo uma fé ativa.

Já aludiu ao fato de que deve haver um administrador apropriado do sacramento. Com a exceção de determinadas circunstâncias incomuns, as únicas pessoas qualificadas para administrar os sacramentos são ordenados, ou seja, as pessoas que receberam o sacramento da ordenação. Como vimos, a validade do sacramento não depende da qualidade moral da pessoa ou o sacerdote ortodoxia.²¹ No entanto, o que precisamos é a intenção de realizar o sacramento. Esta intenção não tem que estar ciente. Se um padre para realizar um sacramento está distraído, o sacramento é válido. Este caso é considerado intenção virtual (em contraste com a intenção real). Além disso, se o padre, enquanto nadava, derramar água sobre outra piada, isso não é batismo, porque não foi feito com a intenção de batizar.

O que tudo isto significa é que a salvação depende da igreja. Porque, em primeiro lugar, os sacramentos, que foram confiados à Igreja por Cristo, são um requisito para a salvação. E em segundo lugar, é necessária a presença de um administrador qualificado, isto é, um indivíduo encomendado pela igreja. A ideia essencial nesta teoria é que a salvação mediante os sacramentos realmente ocorre. São o meio pelo qual é alcançada. Se quisermos receber a salvação, devemos receber os sacramentos.

A posição definida do catolicismo romano tradicional é deficiente em vários pontos. Nós indicar algumas das suas deficiências na discussão sobre batismo e da Ceia do Senhor. No entanto, aqui vamos salientar que há pouca evidência para algumas das interpretações catolicismo tradicional tem vários textos relevantes da Bíblia. Essas interpretações são como pouco duvidoso na melhor das hipóteses muito imaginativo. Claramente o catolicismo romano clássico não subscrever a nossa visão de que a Bíblia é a única autoridade da verdade divina. Em vez disso, ele assume que há duas autoridades, a Bíblia ea tradição não escrita dos Apóstolos, a igreja preservada, interpretadas e expressa. No entanto, não deve haver nenhuma contradição entre essas duas autoridades em relação ao ensino das disciplinas básicas, como os sacramentos. Nós não podemos encontrar ensinamento claro na Bíblia sobre a eficácia dos sacramentos é, aparentemente, muito significativo. Além disso, a idéia de que o ministério ou o

sacerdócio tem um papel especial ou distintivo não encontrar uma expressão clara na Bíblia. Além disso, como Hebreus 9 passagens parecem contradizer esta idéia.

Além disso, o conceito de provisão necessária para o destinatário do sacramento desejo de receber a graça apresenta dificuldades. Os sacramentalists, em uma tentativa de evitar a acusação de que eles têm uma visão mágica dos sacramentos, isto é, que têm um efeito automático si o stress que os sacramentos são objetivamente eficaz, conferindo a graça necessária, mas eles precisam alguma vontade no receptor. O receptor deve remover todos os obstáculos para a graça de Deus. Em outras palavras, o trabalho sacramento, *operato ex ópera*, se o receptor não resistir ou rejeitá-la. Isso torna a fé, mesmo a fé salvadora é passiva. Na melhor das hipóteses, é uma conformidade intelectual. No entanto, o tipo de fé necessária para receber a graça de Deus é muito mais ativo. Ver, por exemplo, James 2: 18-26, onde a fé que envolve assentimento mental obras desacompanhados é dito ser morto. Além disso, a fé que os apóstolos apelar no livro de Atos é definitivamente ativa. Perguntou um agarrar-se positivamente às promessas de Deus e permanecer totalmente comprometido.

Ponto de vista evangélico

O que, de acordo com a construção teologia evangélica, os meios de salvação ou para colocá-lo de forma mais ampla, os meios da graça? Até certo ponto, a teoria evangélica foi exposto na nossa avaliação dos pontos de vista da teologia da libertação e sacramentalismo. No entanto, é necessário dizer mais em termos de uma declaração positiva de postura evangélica.

De acordo com a teologia evangélica, a Palavra de Deus desempenha um papel indispensável em toda a questão da salvação. Em Romanos, Paulo descreve a condição das pessoas sem Cristo. Não é justo; ninguém merece a sua graça e salvação (3: 9-20). Então, como é que eles podem ser salvos? Eles têm que ser salvos invocando o nome do Senhor (10:13). No entanto, para ser chamado deve acreditar, mas não posso acreditar que se eles não escutam; então alguém deveria dizer a eles ou pregar as boas novas (vv. 14-15). Paulo também escreveu a Timóteo sobre a importância da Palavra de Deus. As Sagradas Escrituras que Timóteo conhece desde a sua mocidade "podem tornar-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra "(2 Tim. 3: 15b-17). Peter também fala sobre o papel instrumental da Palavra de Deus ", para você ter renascido, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus que vive e permanece para sempre ... e esta é a palavra que o evangelho tem Foi anunciado "(1 Pedro 1:23, 25). No Salmo 19 David exalta as virtudes e valores da lei do Senhor revive a alma (v 7A.); notifica (vv 7b, 8b.); adverte contra o que está errado (v. 11).

Há uma série de imagens ricas que expressam a natureza ea função da Palavra de Deus. É um martelo pode quebrar um coração duro (. Jer 23:29), um espelho que reflete nossa verdadeira condição (Tiago 1: 23-25.), Uma semente que cresce (Lc 08:11; 1 Pe. 1: 23), a chuva ea neve nutrir sementes (Is. 55: 10-11). É alimentos: leite para crianças (1 Coríntios 3: 1-2; Hebreus 5: 12-13.) A carne para pessoas maduras (1 Coríntios 3: 2; Hebreus 5: 12-14.) E mel todos (Sl. 19:10). A Palavra de Deus é ouro e prata (Salmo 119: 72), A lâmpada (Sl 119: 105; Pv 6:23; 2 Pedro 1:19 ..), Um coração exigentes espada (Heb. 4: 12), um incêndio que levou o crente a falar (Jer. 20: 9). Estas imagens graficamente expressar a idéia de que a Palavra de Deus é poderoso e capaz de realizar uma grande obra na vida do indivíduo. No entanto, não é só a Bíblia, mas a palavra tal como aplicado pelo Espírito Santo, que efetua uma transformação espiritual.

A Palavra de Deus é o meio não só para iniciar a vida cristã, mas para amadurecer nela. Por isso, Jesus disse a seus discípulos que eles seriam limpos pela palavra que ele tinha falado com eles (Jo. 15: 3). Ele também orou para que o Pai santificá-los na verdade,

porque a palavra do Pai, é verdade (Jo. 17:17). O Senhor disse a Josué que o livro da lei era o meio para levar uma vida de retidão "Não se aparte da tua boca o livro desta lei, mas dia e noite meditá-la, para que tu possas fazer conforme tudo o que está escrito nele, para, em seguida, você vai fazer o seu caminho próspero, e então você vai ficar bem "(Js 1: 8.). A Palavra de Deus os nossos pés (119 Ps.: 105) e fornece proteção quando lutamos na guerra espiritual (Efésios 6:17.).

Vimos que a Palavra de Deus, ler ou pregado, Deus é o meio para apresentar a salvação é encontrada em Cristo; A fé é o nosso meio de aceitar que a salvação. Paulo expressa isso muito claramente em Efésios 2: 8-9: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. " A Palavra de Deus (o evangelho) e fé são os meios de salvação, é evidente em Romanos 1: 16-17: "Porque não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e Também do grego, para o evangelho, a justiça de Deus é revelada, de fé em fé, como está escrito: "O justo viverá pela fé". A necessidade de fé também é clara em Romanos 3:25: "A quem Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça, por ter sido negligenciado, em sua paciência, pecados passados ". Paulo deixa claro que só há um caminho para a salvação para todos, quer judeus, quer gentios, "Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei é Deus, o Deus dos judeus.? Não é também dos gentios? Certamente, também dos gentios, porque Deus é um só, e ele justificados pela fé a circuncisão, e por meio da fé para os não circuncidados "(vv. 28-30). Mesmo Abraham considerado justo por causa de sua fé: "Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado para justiça" (Rom. 4: 3; ver também os versículos 9, 12.).

Se você acabou de dizer é correto, a salvação não é pelas obras. Uma pessoa é declarado justo aos olhos de Deus, não porque eles têm feito boas obras, mas por ter acreditado. Mas o que dizer das passagens que parecem argumentar que as obras são necessárias para a salvação de Deus? Essas passagens são Mateus 25: 31-46; Lucas 7: 36-50; 18: 18-30 e Tiago 2: 18-26. Quando interpretamos, precisamos levar em conta o ensinamento claro das passagens que acabamos de discutir.

Talvez a passagem mais problemático é Mateus 25: 31-46, o que parece sugerir que o nosso destino eterno é baseada em ser bons e caridosos para os outros. No entanto, devemos notar uma característica desta história. As obras feitas para os outros não são realmente a base em que a decisão é proferida. Como essas obras são consideradas como tendo sido feito (ou não) ao próprio Jesus (vv. 40, 45). É, portanto, a nossa relação com o Senhor e não para os outros, com base em julgamento. Levanta a questão: se as obras feito para o outro não são a base do julgamento, porque não estão ainda tomadas em consideração? Para responder a esta pergunta, devemos entender Mateus 25: 31-46 no contexto mais amplo da doutrina da salvação. Note aqui a surpresa de ambos os grupos, quando o teste (37-39 vv., 44) é apresentado. Não tinha pensado sobre as obras realizadas para os outros como uma indicação de sua relação com Deus. Mesmo aqueles que tinham feito caridade foram surpreendidos quando seus atos de bondade foram apresentados como prova. É verdade que as obras não são meritórias. No entanto, eles são a prova da nossa relação com Cristo e Sua graça já está trabalhando em nós. Donald Bloesch diz:

A intenção da parábola é mostrar que seremos julgados pelos frutos que nossa colheita fé, embora quando nos relacionamos esta passagem com seu contexto mais amplo, vemos os frutos da fé são tanto a obra da graça dentro de nós. Eles são a prova eo resultado de uma graça que já foi derramado sobre nós. Seremos julgados de acordo com nossas obras, mas seremos salvos, apesar deles. Ambas as declarações devem ser feitas se quisermos fazer justiça ao mistério do dom gratuito da salvação. O julgamento final é confirmar a validade de uma justificativa e obteve Jesus.

A chave para entender esta passagem, então, tenha em mente que se relaciona com o julgamento final, não a nossa conversão. As boas obras que fazemos para os outros são

representados como o seguinte para a salvação, não como o que temos de fazer para recebê-lo.

Em Lucas 7: 36-50 encontramos a história de uma mulher pecadora que lavou os pés de Jesus com suas lágrimas, os seca com seus cabelos, e, em seguida, beija-os e unge-os. Reconhecendo que as mulheres fizeram e declarando que ela muito amou, Jesus diz que seus pecados estão perdoados (vv. 44-48). Isso sugere que ele foi perdoado por suas ações e para o amor. No entanto, as palavras de Jesus quando a mulher folhas são instrutivas: "A tua fé te salvou; vai em paz" (v. 50).

A história do jovem rico, encontrada em Lucas 18: 18-30 (também em Mateus 19: 16-30; Marcos 10: 17-31), parece sugerir que a salvação é pelas obras. "O que devo fazer para herdar a vida eterna": porque a pergunta Jesus respondeu: "Vende tudo o que tens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me" (Lc. 18:22). No entanto, é significativo que, imediatamente antes desse episódio, Jesus disse: "Em verdade vos digo que não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele" (v. 17). Portanto, a base da salvação é confiar como se fosse uma criança; o desejo de deixar tudo para trás é apenas uma maneira de determinar se você tem esse tipo de confiança.

Finalmente, um exame cuidadoso mostrará que Tiago 2: 18-26 não considera uma alternativa para as obras da fé, mas uma certificação fé. Diz o apóstolo: "Mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras" (v. 18). Santiago de modo algum nega que somos justificados pela fé. Pelo contrário, nesta passagem a idéia de que se coloca é que a fé sem obras não é a verdadeira fé; está morto (v. 20). A verdadeira fé conduz necessariamente a obras. Fé e obras são inseparáveis. E assim James escreve: "não se justificava pelo nosso pai Abraão, quando ofereceu seu filho Isaac sobre o altar? Você vê que a fé cooperou com as suas obras, ea fé foi aperfeiçoada pelas obras? "Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado como justiça" e foi chamado amigo de Deus "(vv 21-23.): E se cumpriu a escritura que diz. Significativamente, como Paulo em Romanos 4: 3 e Gálatas 3: 6, Santiago citar aqui a prova de texto clássico para a salvação pela fé: Gênesis 15: 6. Ao dizer que o que Abraão tinha cumprido as Escrituras, Santiago é claramente conectando as obras para a justificação pela fé; as obras são o cumprimento de fé.

Nossa conclusão das quatro passagens que acabamos de examinar, quando os vemos em seu contexto e em relação aos textos que falam da justificação pela fé não é ensinado que as obras são meios para a salvação. Em vez disso, o que eles ensinam é que a fé genuína será evidenciado pelas obras que produz. A fé que produz obras não é a verdadeira fé. Da mesma forma, as obras que não vêm da fé e da relação autêntica com Cristo não serão tidas em conta no dia do juízo. Jesus deixa claro em Mateus 7: 22-23. Naquele dia, muitos vão dizer: "Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome não expulsamos demônios? E em teu nome não fizemos muitos milagres?". Certamente tudo isso vai ser verdade. Mas Jesus responde: "Nunca vos conheci. Afasta de mim, malfeitores! "À medida que as suas obras não foram feitas com fé e compromisso genuíno, Jesus não inclui tais pessoas entre aqueles que fizeram a vontade do Pai que está nos céus (v. 21) .

A extensão da salvação

Vamos agora o assunto de que serão salvos. E, especificamente, se todos serão salvos. A posição tradicional da Igreja ao longo da história tem sido que, embora alguns, ou mesmo muitos, nem todos serão salvos. A igreja tem tomado esta posição não porque eles querem que todos sejam salvos, mas porque ele acredita que existem declarações claras na Escritura sobre que alguns serão perdidos. No entanto, de vez em quando, ele estabelece uma posição contrária na igreja, isto é, que todos serão salvos. Esta posição é conhecida como universalismo, América levou em uma denominação que ostenta o nome

de *Universalist* (que mais tarde se fundiu com os Unitários). No entanto, nem todos aqueles que defendem o universalismo estão nessa denominação.

Variedades de universalismo

Universalismo tem uma longa história. Orígenes foi provavelmente o primeiro proeminente defensor. Ele acreditava que a punição dos ímpios, de que fala a Bíblia não era uma forma de sofrimento infligido externa Deus eterno, mas uma aflição temporária interna causada pelo sentimento longe dele. O seu objectivo é o de ser purificado. Esse fim pode ser alcançado sem castigo eterno. Assim, a punição dos ímpios, em algum momento chegar a um fim, e todas as coisas retornam à sua condição original. Esta é a doutrina da *apokatastasis* Orígenes.

Embora a forma das Origens ensinam sobre a salvação universal tem sido a mais popular, não foi o único. De fato, tem havido várias hipóteses sobre como a salvação poderia estar disponível e alcançado por toda a raça humana (pelo menos em teoria):

1. A teoria da conversão universal sustenta que todas as pessoas serão salvas como o caminho que designou a Bíblia, arrependimento e fé. Os defensores desta idéia acreditam que um dia o mundo vai ser evangelizado com sucesso; todas as pessoas vão responder ao evangelho e, portanto, ser salvo. No entanto, o problema com esta teoria é que milhões de pessoas viveram e morreram sem serem convertidos. Os imagina resposta universal é algo para o futuro. Portanto, não há nenhuma garantia de salvação para todos, mas somente para aqueles que responder no futuro. Aqui não há universalismo genuíno. Para ser verdadeiramente universal, esta teoria deve ser combinado com um outro aspecto da teoria ou qualquer teoria.

2. A teoria expiação universal sustenta que Cristo morreu não apenas para uma certa parte da raça humana (os eleitos), mas por todos os seres humanos. Isso não é verdade universalismo, embora às vezes considerado como tal aqueles que defendem uma expiação particular ou limitado. Como arminianos e calvinistas propôs a teoria da expiação universal normalmente eles não acreditam que todos aqueles por quem Cristo sacrificou vai acreditar (ou expiação será eficaz em todos os casos), só falam de expiação universal, há salvação universal. Somente quando essa teoria é interpretado como critérios externos e não de acordo com seus próprios critérios é entendido como verdadeiro universalismo.

3. A teoria da oportunidade universal sustenta que todas as pessoas durante a sua vida ter a oportunidade de responder a Jesus Cristo para que eles possam ser salvos. A oportunidade de ser salvos não se limita aos que ouvem o evangelho para aqueles que têm a oportunidade de acessar o conhecimento da revelação especial. Todos, desde a exposição à divulgação geral do que é falado no Salmo 19, Romanos 1 e 2 e em outras partes da Escritura, a exigência pode implicitamente exercer fé em Jesus Cristo. Mais uma vez, não é certo que todos irão responder; a teoria da oportunidade universal não é, portanto, verdadeiro universalismo. Embora todos possam exercer fé, muitos não. Pode haver cristãos anônimos, mas não muitos. Este grupo não é composto de devotos fanáticos de outras religiões em conflito com os princípios centrais do cristianismo. Pelo contrário, aqueles que são salvos através da revelação geral são como os atenienses que adoravam o "deus desconhecido" (At. 17:23).

4. A teoria explícita oportunidade sustenta que todos têm a oportunidade de ouvir o evangelho aberta e explicitamente. Aqueles que não podem fazer durante a sua vida na Terra terá sua chance no futuro. Haverá uma segunda chance. Após a morte, pode-se ouvir. Alguns defensores desta teoria acreditam que mesmo aqueles que ouviram e rejeitaram terá de enfrentar as reivindicações de Cristo em vida após a morte. Quando essa crença está ligada à idéia de que todo mundo tem essa oportunidade, certamente eles vão aceitar a conclusão inevitável é a salvação universal. É difícil conciliar essa idéia com

os ensinamentos de Jesus sobre a vida após a morte (cf. Lc. 16: 19-31, 26, especialmente v.).

5. A teoria sustenta que a morte reconciliação universal de Cristo serviu o seu propósito de reconciliar a humanidade com Deus. A morte de Cristo tornou possível para Deus aceitar um ser humano, e ele fez. Por conseguinte, qualquer separação entre homem e se beneficiariam com a graça de Deus é subjetiva por natureza; Ela existe apenas na mente do homem. A mensagem a ser comunicada, então, não é que há uma chance de salvação; mas eles foram salvos e, portanto, devem desfrutar das bênçãos que já são deles. Os defensores dessa teoria dão grande importância a 2 Coríntios 5:18: "Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação." A reconciliação não é algo que será; É um fato consumado.

6. A teoria do perdão universal sustenta que Deus, sendo um Deus de amor, não irá suportar as condições definidas. Embora ameaçado de condenação eterna para todos os que não o aceita, o fim não será intransigente e perdoar a todos. Assim você não precisa de exercer a fé. Deus vai tratar a todos como se tivessem acreditado. Imputar-lhes não só a justiça, mas também a fé. Embora isto possa parecer injusto para aqueles que têm acreditado e agido para aceitar a salvação, deve-se lembrar a parábola dos trabalhadores e da vinha. Aqueles que veio mais tarde recebeu o mesmo salário que aqueles que começaram o trabalho no início da manhã.

7. A teoria da recuperação universal foi expressa por Orígenes. Em algum momento no futuro, tudo voltará a recuperar seu estado original, que se destinava a ter; haverá uma salvação completa. A realidade existente será alterada ou transformada. Deus pode levar instantaneamente a humanidade a um estado de perfeição. No entanto, o funcionamento normal da teoria de que segue o padrão de pensamento de Orígenes o início da vida após a morte é uma função do purgatório. Quando houve um período suficiente de punição, a humanidade será purificado até o ponto onde Deus pode comungar com eles para o resto da eternidade.

Avaliando universalismo

Agora temos que olhar de perto os argumentos específicos de universalismo. Não será possível examinar e avaliar cada uma das variedades de universalismo resumiram. No entanto, em certa medida, como as teorias da salvação universal que se baseiam em argumentos semelhantes. Existem dois tipos gerais de considerações que são fornecidos para apoiar a crença de que a salvação é universal. Alguns são baseados em ou dizem respeito a um determinado texto da Escritura. Outros são mais natureza teológica. O segundo tipo de argumento apresenta Nels Ferre.

Nascido na Suécia, Ferre era o filho de um pregador batista muito conservadora. Quando eu era jovem Nels teve muitos problemas com o que ele ouviu seu pai dizer a partir do púlpito, especialmente com a ideia de que o evangelho não quis ouvir perdido eternamente no inferno. Sua breve autobiografia "Never Fails Terceira Conversão" (A terceira conversão nunca falha), descreve as suas preocupações crescentes sobre a Bíblia. Quando ela finalmente reuniu o suficiente para perguntar a seu pai sobre estes assuntos valor, foi rejeitada com uma resposta autoritária: não questionar a Deus. Como um adolescente, ele viajou para a América, onde ele abandonou a visão ortodoxa. Mais tarde, fui influenciado pelos teólogos lundensiana escola na sua Suécia natal, que enfatizou o amor de Deus. Depois de sua influência, ele construiu sua própria teologia com base no pensamento central do amor divino. Em consideração da escatologia, este conceito é poderoso e decisivo.

Ferre observa que a maioria das abordagens para a escatologia destaca a justiça de Deus. Embora seja verdade que Deus é justo, essa justiça, como Ferre, é completamente ao serviço do seu amor. Portanto, com base Ferre sua percepção de Deus em um único atributo divino. Querendo saber por que as pessoas insistem em ensinar e pregar o

conceito de um inferno eterno, sugere que eles fazem é porque eles nunca entenderam realmente o amor de Deus.³⁹ Ele baseia suas conclusões no pressuposto de que o amor ea punição, céu e inferno, alegria e dor são mutuamente exclusivas:

Alguns nunca tê-lo visto completamente contraditório são o céu eo inferno como realidades eternas. Seus olhos nunca foram abertos a esta verdade. Se o inferno eterno é real, o amor é eternamente frustrado e céu é um lugar de luto e preocupação pelos perdidos. A alegria e dor que não pode ir junto. Não pode haver uma personalidade mental, divisão para os verdadeiros amantes de Deus e claramente não para Deus. Portanto céu só pode ser o céu quando o inferno está vazio, tão verdadeiro como que o amor é amor e Deus é Deus. Deus não pode ser infiel a si mesmo não importa o que, quando somos infiéis; Ele é o poder, o reino e glória.

Ao estudar as passagens escatológicas do Novo Testamento, Ferre encontrado o que ele considerava tradições irreconciliáveis. Primeiro são as passagens que ensinam que haverá um inferno eterno. No entanto, se Jesus ensinou esta doutrina ou não é clara.⁴² Outra lição no Novo Testamento é a dos ímpios perecerá. Simplesmente eles são excluídos ou destruídos pela morte. Eles não são salvos para sempre no céu ou no inferno vai respeitar. Mas há uma terceira tradição é chamado Ferre "vitória soberana de Deus em Cristo acima de todas as coisas, em termos de seu próprio amor".⁴⁴ Cita certos textos específicos quando se ensina que todos os seres humanos serão salvos: Deus "é o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem" (1 Tm 4:10.); "Se dobre todo joelho ... e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor" (Fp 2: 10-11.); "Para Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, tem misericórdia de todos" (Rom. 11:32). No entanto, ele não era um verso em particular que levou Ferré às suas conclusões finais sobre o assunto:

Mas todos estes versículos, em qualquer caso, para muitos são, e muito claro, eles não são nada em comparação com a mensagem geral do Novo Testamento ... A lógica do Novo Testamento em seu ponto mais alto ou mais baixo é a lógica do amor Deus soberano, "pelo poder com o qual também pode manter-se todas as coisas." ... Aqueles que adoram o Senhor soberano atreve a proclamar a nada menos do que a vitória total do seu amor. Nenhuma outra posição pode ser coerentemente cristã. Todas as outras posições limitar a sua bondade ou poder, em cada caso, tanto o fundamentalismo como o liberalismo moderno têm suas próprias variedades de Deus finito.

Com base nestas considerações, Ferre atinge uma posição universalista. Significativamente a exposição da escatologia aparece em um tratado sobre a doutrina de Deus, porque sua compreensão de Deus como Amor é a regem a sua interpretação das Escrituras relevantes eo assunto como um todo. Diz que cria a compreensão de como a salvação universal será alcançado. Basta aceitar o fato. Mas de qualquer forma o método, a soberania do amor de Deus conduzirá o processo para completar a vitória.

Descrevendo o ponto de vista de Ferre, mencionamos vários textos que parecem afirmar ou dar a entender que a salvação é universal. "Portanto, como uma transgressão foi a condenação de todos os homens, da mesma forma pela justiça de que ele veio a todos os homens para justificação de vida" (Rom: outros versículos para apoiar universalismo também são citados . 5:18); "Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados" (1 Cor 15:22); "Porque aprouve a Deus que nele deve habitar toda a plenitude e por Ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas, se as coisas na terra ou coisas no céu, fazendo a paz pelo sangue da sua cruz" (Colossenses 1: 19-20); Jesus "foi feito um pouco menor que os anjos ... que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos" (Hebreus 2: 9.).

No entanto, se quisermos fazer teologia sistemática, devemos também levar em consideração os textos que sugerem a conclusão oposta, e, portanto, tentar conciliar o material aparentemente contraditória. Há muitos textos que parecem contradizer o

universalismo: "Irã para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna" (Mateus 25:46); "Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16.); "Não vos admireis disso, porque o tempo virá em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz; e os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; mas aqueles que tiverem praticado o mal, para a ressurreição da condenação" (Jo 5: 28-29); "E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a destruição?" (Rom. 9:22). Poderíamos citar muitas outras passagens, incluindo Mateus 08:12; 25:41; 26:24; Marcos 3:29; Romanos 2: 5; 2 Tessalonicenses 1: 9; Apocalipse 21: 8. Na verdade, apenas com base nos números parecem ser muitos mais passagens que ensinam que alguns serão perdidos para sempre para aqueles que dizem que todos serão salvos.

Será que as aparentes contradições podem ser reconciliados? Uma possibilidade levantada por universalistas é considerar aquelas passagens que sugerem que os ímpios serão perdidos como descrições de alguns uma situação real e não hipotético. (Aqui lembramos a nossa interpretação de He. 6: 4-6). Ou seja, eles são descrições do que aconteceria se negou a Cristo. Mas, na verdade, ninguém faz, porque as passagens em questão estão aviso suficiente para nos voltamos para Cristo. Com base nesta universalistas pode se livrar de textos como João 3:16 e Marcos 3.29. No entanto, ainda existem aqueles versos que afirmam que algumas pessoas realmente perdido. Exemplos incluem Mateus 08:12; 25:41, 46 e João 5:29. Nós simplesmente não podemos descartar essas referências. Será que nós, portanto, concluir, com Ferre, existem tradições irreconciliáveis no Novo Testamento?

Nós temos uma alternativa: a interpretar as passagens universalistas tão restritivas que o ajuste. Este esforço é mais bem sucedida. Observe primeiro que Filipenses 2: 10-11 e Colossenses 1: 19-20 não diz que todos sejam salvos e recuperados comungam com Deus. Eles só falam de restaurar a ordem quebrada do universo, para fazer todas as coisas sujeitas a Deus. Mas isto pode ser conseguido por uma vitória que obriga os rebeldes a apresentar; Isso não significa necessariamente indicam que, na verdade, voltar a ter uma comunhão com Deus. Observe também que 1 Timóteo 4:10 e Hebreus 2: 9 diz apenas que Cristo morreu por todos e ofereceu a salvação a todos. Estes versos defendem a expiação universal, mas não necessariamente em favor da salvação universal. Além disso, Paul em 1 Timóteo distingue explicitamente entre "aqueles que acreditam" e do resto da humanidade.

Mais problemático são as passagens em que se faz um paralelo entre o efeito universal do pecado de Adão e da obra salvadora de Cristo, como Romanos 5:18 e 1 Coríntios 15:22. No contexto de cada uma destas passagens, no entanto, há elementos que servem para descrever a dimensão universal aplicáveis ao trabalho de Cristo. Para Romanos 5, versículo 17 especifica que "muito mais reinado em vida por um só, Jesus Cristo, *os que recebem* a abundância da graça e do dom da justiça" (grifo nosso). Além disso, o termo *lote* (πολλοί - *polloi*) *em vez de tudo* é usado nos versículos 15 a 19. Paulo restringe de forma semelhante o significado de "todos" em 1 Coríntios 15:22 ("em Cristo todos serão vivificados"). Porque no próximo versículo acrescenta: "Mas cada um por sua ordem: Cristo, as primícias; em seguida, *aqueles que são de Cristo* 's na sua vinda" (grifo nosso). Na verdade, ele havia deixado claro anteriormente que ele estava falando sobre crentes: "E, se Cristo não ressuscitou ... Então também aqueles que morreram em Cristo pereceram" (vv 17-18.). Conclui-se que os benefícios da morte de Cristo são *aqueles que estão em Cristo*, da mesma forma que a pena para o pecado de Adão é sobre aqueles que estão em Adão.

Há ainda uma passagem universalista. Romanos 11:32 parece sugerir que Deus salva todos: ". Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, tenha misericórdia de todos" No entanto, na realidade, a misericórdia, Deus tem mostrado é o de dar o seu Filho como um sacrifício e ampliar a oferta de salvação para todos, porque, neste contexto,

Paulo está falando da rejeição de Israel de Deus e da oferta de salvação para Então Deus fez os gentios. Deus mostrou sua misericórdia para toda a humanidade, mas apenas aqueles que aceitam que vai aproveitá-lo e experimentá-lo. Na verdade, Paul (por exemplo, nos versículos 7-10, 21-22) observa que alguns rejeitaram a misericórdia de Deus e, portanto, não receberam a salvação deles. Portanto, embora a salvação universal está disponível, não é universal.

Nem todos serão salvos. Esta não é uma conclusão que estabelecemos com satisfação, mas é tanto mais verdade ao testemunho bíblico. Ele deve ser um impulso para os esforços evangelísticos:

Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: "Quão formosos são os pés dos que anunciam a paz, que trazem boas novas!" (Rom. 10: 14-15)

Parte 11

A IGREJA

- 50. A natureza da igreja
- 51. O papel da igreja
- 52. O governo da igreja
- 53. O rito de iniciação da Igreja: o batismo
- 54. Continuação igreja rito: a Ceia do Senhor
- 55. A unidade da Igreja

50. A natureza da igreja

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Definir e explicar o conceito de igreja.
- Comparar e contrastar definições alternativas com a definição bíblica filológica da igreja.
- Identificar as características da verdadeira igreja de examinar as imagens usadas por Paul.
- Identificar e analisar quatro questões especiais relacionadas com a igreja.
- Relacionar as implicações do estudo da igreja com a nossa compreensão da igreja.

Resumo do capítulo

A igreja é uma das poucas formas visíveis de relação societária entre os crentes. Ele é melhor definida pelo método bíblico filológica. A Bíblia usa uma série de imagens para descrever a igreja. Alguns dos destaques são o povo de Deus, o corpo de Cristo e templo

do Espírito Santo. Cada um contribui para a nossa compreensão. Quatro edições especiais também são discutidas em relação à igreja.

Questões de estudo

1. Como as imagens bíblicas da igreja dizem respeito à definição da igreja?
2. Como você descreveria características e definições alternativas da igreja?

A igreja eo reino, a igreja e Israel, o visível eo invisível igreja eo momento de início da igreja: Foram identificados quatro problemas 3. especiais. Expor o que é a natureza do problema, para cada um deles. Como você responderia a todos os problemas?

4. De acordo com o nosso estudo da igreja, cinco implicações são estabelecidos, qual é o significado de cada um e como elas contribuem para uma melhor compreensão da igreja?

Definindo a igreja

- A confusão sobre a Igreja
- Definição Dynamic-empírica da igreja
- A definição filológico-bíblico de igreja

O Bible Church

- O povo de Deus
- O corpo de Cristo
- O templo do Espírito Santo

Problemas especiais

- A igreja eo reino
- A igreja e Israel
- A igreja visível ea igreja invisível
- Comece tempo da Igreja

Implicações

Até agora, temos discutido a natureza da salvação dos cristãos individuais. No entanto, a vida cristã é um caso solitário. Normalmente encontrada no livro de Atos que a conversão leva o indivíduo para a comunhão de um grupo de crentes. Esta dimensão colectiva da vida cristã que chamamos de igreja.

Definindo a igreja

A confusão sobre a Igreja

A igreja é uma questão tanto muito familiar e muito mal compreendido. É um dos poucos aspectos da teologia cristã que podem ser observados. Para muitas pessoas, é o primeiro e talvez o único em que o contato com o cristianismo é tomada. Karl Barth disse que uma das formas que a Igreja dá testemunho de Jesus Cristo é simplesmente por sua existência. Não há provas concretas de que a igreja existe, ou pelo menos que tem sido. As estruturas da Igreja, mesmo que, por vezes, algumas pessoas se reúnem, são a prova da realidade do que chamamos de igreja. A igreja mencionado na mídia, mas sem muita especificação do que isso significa. Os documentos legislativos se referem a ele. Nos Estados Unidos, a igreja é mantido separado do estado. As pessoas pertencem a uma igreja; Eles vão à igreja no domingo. Mas apesar de toda essa familiaridade, muitas vezes há uma considerável confusão e mal-entendidos sobre a igreja.

Parte deste equívoco decorre de os múltiplos usos do termo Igreja. Algumas vezes é utilizado com respeito a uma estrutura de arquitectura, de um edifício. Ele é frequentemente usado para se referir a um determinado corpo de crentes; Poderíamos, por

exemplo, falar da Primeira Igreja Metodista. Outras vezes ele usou para falar de um nome, um grupo com características distintas; por exemplo: a Igreja Presbiteriana ou da Igreja Luterana. Além da confusão gerada pelos múltiplos usos do termo *igreja*, *há evidências de confusão num nível mais profundo: a falta de compreensão da natureza básica da igreja*.

Entre as razões para esta falta de compreensão é o fato de que em nenhum momento na história do pensamento cristão a doutrina tem recebido atenção direta e total pago a outras doutrinas. Na primeira assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, realizada em Amsterdã em 1948, o padre Georges Florowsky disse que a doutrina da igreja mal tinha passado a sua fase de pré-teológica. Em contraste, a cristologia e a doutrina da Trindade havia sido dada uma atenção especial nos séculos IV e V, eo mesmo aconteceu com a doutrina da Expição de Cristo na Idade Média e da doutrina da salvação na séculoxvi. Mesmo a controvérsia entre donatistas e princípios agostinianos do século V, E DISPUTA DO SÉCULO XVI sobre os meios de graça, mas tentando aspectos da natureza da igreja realmente não abordou a questão central do que *é* a igreja. Colin Williams sugeriu que "nunca fecham a atenção para a própria igreja foi dado provavelmente porque era algo que era dado como certo".

No entanto, desde que você não pode atrasar a questão da natureza da igreja. O movimento ecumênico do século XX empurrou a igreja para o centro da discussão. Embora haja espaço para o ecumenismo em desacordo com determinadas áreas da teologia, ou pelo menos com alguns detalhes de questões como a relação entre a divindade e humanidade de Jesus, a natureza forense da justificação e da possibilidade de inteira santificação nesta vida, o problema da natureza da Igreja não pode ser ignorado. Porque a principal preocupação do movimento ecumênico é a relação entre as igrejas.

Há outras razões pelas quais é muito importante definir cuidadosamente a natureza essencial da igreja. John Macquarrie disse que a igreja era um assunto que eu escrevi um monte de seu tempo:

Provavelmente mais tem sido escrito sobre a Igreja de hoje que qualquer outro assunto teológico. A maioria tem escrito uma orientação prática. Ouvimos sobre a igreja em relação a rápida mudança social, a igreja em uma sociedade secular, a igreja e culto, a Igreja em missões. Mas, no entanto, valioso como eles são alguns dos conhecimentos adquiridos nos diferentes campos, ele precisa ser guiado e relacionado a uma compreensão teológica da Igreja.

Macquarrie chama a atenção para o fato de que muitas das discussões sobre a Igreja tratou as suas relações com outras entidades, por exemplo, com a sociedade secular. No momento, o foco da maior parte dessa literatura não é a própria igreja, mas as outras entidades. É hora de inverter esta tendência, caso contrário entedemos claramente o que a natureza da Igreja, não podemos compreender a sua verdadeira relação com essas outras áreas.

A ênfase em áreas como a mudança social e mais do que na mesma igreja missão é, em parte devido a uma mudança geral em direção à mentalidade secular. Para colocá-lo de outra forma: tem havido uma mudança significativa na forma como eles verão a Deus; mais importância é dada à sua imanência para transcendência. E não é visto interagindo com o mundo somente através das ações de sua instituição sobrenatural, a igreja, mas interagir dinamicamente com o mundo através de muitas avenidas e instituições. A ênfase é sobre o que Deus está fazendo, não como ele é. Conseqüentemente, mais atenção para a missão da Igreja à sua identidade ou seus limites são fornecidos.

Tradicionalmente, pensava-se que a igreja era outra coisa no mundo, algo que se opõem a ela e destinado a se transformar. Na forma mais completa e desenvolvida dessa idéia, a Igreja é depositária da graça e do mundo poderia receber essa graça e tornar apenas se juntar a ela e receber os sacramentos. De uma forma mais protestante, esta

teoria sustenta que a igreja tem o evangelho, as boas novas de salvação, e que o mundo está perdido e separado de Cristo pode salvar ou encontrá-lo apenas a ouvir o evangelho, e crer Justifica-se e regenerado. No entanto, agora é Deus trabalhando diretamente no mundo, fora das estruturas formais da igreja, e cumprindo seu propósito até mesmo por pessoas e instituições que não são declaradas abertamente cristã, o que resulta em parte de uma concepção alterou a natureza e os meios de salvação.

Definição Dynamic-empírica da igreja

Há ainda um outro fator que tem frustrado as tentativas de desenvolver uma moderna doutrina da igreja. O século XX com a sua aversão generalizada à filosofia, e em particular para a metafísica e ontologia, é muito menos interessado na natureza teórica de algo em suas manifestações históricas concretas. Tanto da teologia moderna está menos interessado na essência da igreja, o que "realmente" ou "deve ser", que em sua expressão, que é especificamente ou o que irá tornar-se dinamicamente. Em uma abordagem filosófica, que é basicamente dedutivo e platônico, ele começa a formular uma definição da igreja ideal e, em seguida, passa essa essência pura e fixa a exemplos específicos, que são apenas cópias imperfeitas ou sombras. Em uma perspectiva histórica, o que vai ser a igreja indutivamente surge de seu envolvimento com o que existe: a condição do mundo e os problemas em que moldar o que deve ser a igreja. Isto, naturalmente, é parte do que acontece quando você se move de uma preocupação com o sobrenatural, o reino da realidade que não pode ser visto, a uma preocupação com o terrestre, o reino do observável.

Há um reconhecimento generalizado de que houve uma mudança de tal reconhecimento em nossa cultura, e muitos teólogos aceitá-la como normativo e desejável. Carl Michalson, por exemplo, escreveu: "o ser de Deus - ele mesmo, sua natureza e atributos, a natureza da Igreja, a natureza do homem, a natureza existente de Cristo - todas estas questões tomaram teologia hipotética Campo de vida a um nível de homens especulação metafísica físicos ou remotos deve ser abandonado. " Colin Williams concorda. "Eu não tenho nenhuma dúvida de que essa mudança ocorreu e deve ser bem-vinda" ⁶

A mudança na ênfase de uma essência teórica uma presença empírica é característica da forma como o mundo olha um todo: como algo que flui ao invés de fixos. Walter Ong chama a atenção para o fato de que passamos de uma cultura impressa para a cultura oral. O primeiro tendiam a ser fixado; a segunda tende a ser dinâmico e para alterar ou crescer. Ilustra esta tendência com o *Novo Dicionário Internacional* de Webster. As primeiras edições refletia a idéia de que a linguagem tem formas fixas a serem seguidas rigidamente. A última edição reflete a idéia de que a língua é dinâmica: ela está viva e em constante mudança. Suas regras são determinadas por utilização efectiva. (Ong considerada forte reação popular contra esta nova visão sobre a linguagem como uma forma simples de a recusa geral de considerar a realidade como dinâmico.) Da mesma forma, a igreja é agora dinamicamente. Não é considerado em sua essência, mas de acordo com a sua existência: uma interpretação abertamente existencialista. É um evento, um projecto, não uma entidade já plenamente realizado e completo.

Como resultado dessa mudança, a igreja agora é estudada por diferentes disciplinas e metodologias para a teologia sistemática ou dogmática, que tenta definir ou isolar essências. Muitos teólogos observar a história da igreja para dizer-lhes o que a igreja: a igreja é o que tem sido. Alguns estritamente considerado um fenômeno do Novo Testamento; ou seja, limitar o seu estudo histórico para o primeiro período da igreja, vendo-a como normativo.

A nova ênfase no uso de disciplinas não-teológicas e metodologias para o estudo da igreja é um perigo quando a igreja tenta entender-se teologicamente. No passado, sempre que a igreja, antes de uma nova metodologia alternativa ou antes de um novo quadro (por

exemplo, biologia, antropologia e psicologia), tentou justificar seu entendimento de doutrinas particulares (por exemplo, a doutrina da ou pecado a humanidade), já havia atingido um elevado nível de preparação, por isso foi relativamente confiante. Neste caso, no entanto, a igreja não tem certeza de sua própria doutrina, e, portanto, pode ser tentado a adotar uma visão e categorias derivadas das ciências sociais. Como instituição social, a igreja tem atraído o interesse de quem estuda as instituições sociais de vários tipos. No entanto, a igreja é mais do que uma instituição social e, portanto, ser definida em termos que vão além do puramente sociológica.

Tentar definir a igreja por atividade dinâmica é evitado fazer qualquer afirmação sobre a natureza da igreja. Este é um exemplo do que foi descrito no Capítulo 5 como o foco dos transformadores, que fazem mudanças significativas no conteúdo da doutrina para atender às mudanças no mundo. Mas a questão de saber se a definição de igreja vai sofrer modificações freqüentes relacioná-la com o mundo moderno, em que sentido se pode dizer que existe uma continuidade com o anterior? Ou, em outras palavras, por que manter chamando igreja? Qual é a característica comum que identifica a igreja ao longo de todas as mudanças? Não é provável que um determinado aplicativo é um termo diferente? Considere o campo da evolução biológica. Quando uma espécie se desenvolve a partir de uma versão anterior, é atribuído um novo nome. Os biólogos não se aplicam um antigo nome a uma nova espécie. Esse nome é reservada para membros das antigas espécies. Com todas as mudanças aparentes no mundo, e certas categorias de classificação morfológicas são fixos. No entanto, argumenta-se que, embora a igreja está a mudar e deve mudar, talvez de forma bastante dramática, mas ainda deve ser chamado igreja. Mas se você continuar chamando igreja, devemos saber o que é que a distingue como uma igreja, ou o que se qualifica para que denominam isso. Temos de determinar se existe um ponto em que a igreja deve donominarse clube, ação social ou algo similar. Estas perguntas não podem ser respondidas sem enfrentar a questão da natureza da igreja. Este é um assunto a ser tratado, e que melhor maneira de começar do que com o próprio testemunho bíblico.

A definição filológico-bíblico de igreja

A palavra *igreja* e termos similares em outras línguas (por exemplo, *Kirche*) são derivados da palavra grega κυριακός (*kuriakos*), que pertence ao Senhor." No entanto, deve ser entendida à luz do termo Novo Testamento ἐκκλησία (*ekklesia*). Embora esta seja uma palavra comum, suas aparições são distribuídos de forma desigual em todo o Novo Testamento. Os únicos exemplos nos Evangelhos são encontradas em Mateus 16:18 e 18:17, que são, de alguma forma debate. Não em 2 Timóteo, Tito, 1 ou 2 Pedro, 1 ou 2, ou Juan Judas. Não é muito importante não listados em 1 e 2 de John, porque ele é encontrado em 3 João; em Timóteo e Tito, que é encontrada em 1 Timóteo, e Judas, porque o livro é muito curto. No entanto, sua ausência é mais marcante nas cartas de Pedro. Schmitdt Karl diz: "1 Pedro é maneira muito enfática a natureza ea importância da comunidade e usa expressões da AT AT, por isso, devemos perguntar se o problema [da igreja] vai ou não estar presente, embora o termo não aparece. A mesma questão se coloca relativamente à não ocorrência da palavra na Synoptic de Marcos e Lucas nem no Evangelho de João. "

O significado do conceito do Novo Testamento deve ser visto no contexto de dois contextos, do grego clássico e do Antigo Testamento. No grego clássico, a palavra ἐκκλησία já ser encontrado no tempo de Heródoto, Tucídidos, Xenofonte, Platão e Eurípides (século V aC em diante). Ele refere-se ao conjunto de cidadãos de uma *polis* (cidade). Essas assembléias reuniu em intervalos freqüentes, cerca de quarenta vezes por ano, no caso de Atenas. Enquanto a autoridade do ἐκκλησία foi limitado a certas questões, para todos os que estavam cidadãos de pleno direito que eles foram autorizados a votar em tal matéria. No sentido secular, portanto ἐκκλησία, ele é

simplesmente referido uma reunião ou assembléia de pessoas, o que significa que ainda pode ser encontrado em Atos 19:32, 39, 41. Apenas três casos excepcionais em grego clássico usado para descrever uma comunidade ou organização religiosa. E nestas ocasiões que se referia a suas reuniões administrativas, e não da própria União.

Mais significativo para nós é o contexto do Antigo Testamento. Nele, há duas palavras hebraicas, קָהָל (Qahal) e עֵדָה ('Edah). O primeiro, talvez derivado da palavra para voz, refere-se a convocar uma reunião e de agir em conjunto em conjunto. Não é uma especificação de um dos membros de um conjunto tal como uma indicação de se reunir. Às vezes, eles adicionado um significado religioso para a palavra (por exemplo, Deuteronômio 09:10; 10: 4.; 23: 1-3). O termo também pode denotar uma reunião geral das pessoas (por exemplo, 1 Reis 12: 3). Mulheres (Jeremias 44:15.) E até mesmo crianças (Esdras 10: 1; Ne 8: .. 2) também estão incluídos. O termo também é usado para a coleta de tropas, e Ezequiel refere-se a outras nações de Israel (Egito, 17:17; Tiro, 27:27; Assíria, 32:22).

O outro termo hebraico importante para nós é עֵדָה. Especialmente sobre o Pentateuco; mais da metade de suas aparições estão no livro de Números. Refere-se ao povo, particularmente para que se reúne antes da tenda do Tabernáculo. O termo aparece pela primeira vez em Êxodo 12: 3 sugere que a "congregação" de Israel foi formado com o mandamento para celebrar a Páscoa e deixar o Egito. A palavra עֵדָה Ele chamou a adoração centrada ou o direito comunitário. Resumindo a distinção entre as duas palavras hebraicas, Lothar Coenen diz:

Se o uso de duas palavras hebraicas são comparados, é evidente que, nas passagens em que ambos aparecem no mesmo contexto (por exemplo, Êxodo 12: 1 e ss; 16: 1, No. 14 ff: ff 1; 20: 1 ff; 1 Reis 12: 1) que ff 'Edah é termo inequívoca e permanente para a comunidade cerimonial como um todo. Além disso, qahal é o discurso cerimonial para o conjunto resultante da comunidade de aliança do Sinai e no sentido de Deuteronômio, para a comunidade em sua forma atual. Você também pode representar coleta regular de pessoas em ocasiões seculares (Nm 10: 7; 1 Rs. 12: 3) ou religiosa, e também para uma multidão que reúne (Números 14: 5 (Sl 22:26.). ; 17:12).

Quando olhamos para as palavras gregas usadas na Septuaginta para traduzir estes termos hebraicos são usados frequentemente ἐκκλησία traduzir קָהָל Mas nunca עֵדָה. O segundo termo é geralmente traduzido por συναγωγή (sunagoge), que também é usado para traduzir קָהָל. É ἐκκλησία que é a nossa principal fonte para a compreensão do conceito de igreja do Novo Testamento.

Paulo usa ἐκκλησία mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento. Como a maioria de seus escritos eram cartas dirigidas aos recolhimentos locais específicos de crentes, não é de estranhar que o único termo que se refere a um grupo de crentes em uma cidade particular. Portanto cartas de Paulo são os destinatários "a igreja de Deus em Corinto" (1 Cor 1: 2; 2 Coríntios 1: 1) ". Igrejas da Galácia", (Gal 1: 2), "a igreja dos Tessalonicenses" (1 Ts 1: 1). O mesmo se aplica a outros escritos do Novo Testamento. A introdução do Apocalipse de João. (Ap 1-3) foi dirigida a sete igrejas específicas. Em Atos também ἐκκλησία principalmente refere-se a todos os cristãos que vivem e se encontram em uma determinada cidade como Jerusalém (Atos 5:11; 8 :. 1; 11:22; 12: 1, 5) ou Antioch 13 : 1). Paulo visitou as igrejas locais a designar anciãos (14:23) ou a instruir ou incentivar (15:41; 16: 5). Esta igreja local é, obviamente, sentido do significado pretendido na grande maioria das vezes que a palavra aparece ἐκκλησία.

Além referências a igrejas cidades específicas, há também referências a igrejas que se reúnem em casas individuais. Para enviar saudações a Priscila e Aquila, Paul também saúda "a igreja que se reúne na casa deles" (Rom. 16: 5; veja também 1 Coríntios 16:19). Em sua carta aos Colossenses, ele escreveu: "Saudai aos irmãos que estão em Laodiceia, ea Ninfas ea igreja que está em sua casa" (Col. 4:15). Na maioria dos casos,

no entanto, a palavra ἐκκλησία tem um sentido mais amplo, todos os crentes de uma determinada cidade (Atos 8: 1, 13: 1.). Em alguns casos, eles têm em mente uma área geográfica mais ampla. Um exemplo é Atos 9:31: "Assim, a igreja tinha paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, e foram edificadas; e andando no temor do Senhor e na força do Espírito Santo, continuou a crescer "(NVI). Outro exemplo é 1 Coríntios 16:19, "As igrejas da Ásia vos saúdam." Embora a primeira referência é singular, o segundo é plural.

Devemos notar que só congregação, ou grupo de crentes em um lugar particular nunca considerados apenas como parte ou componente de toda a igreja. A igreja não é uma soma ou uma composição de grupos locais individuais. Em vez disso, tudo está em cada localidade. Karl Schmidt diz: "Temos notado que a soma das congregações individuais não resultar na comunidade, total ou igreja. Cada comunidade, ainda que pequena, representa toda a comunidade, a igreja ". Coenen faz um comentário semelhante: "Também em Atos [como Paul] a *ekklesia* é o fim. É verdade que só quando se reunir em locais particulares (cf. 14,27). Mas sempre envolve o todo ". Primeiro Coríntios 1: 2 é particularmente útil para compreender este conceito. Paulo dirigiu esta carta "Para a igreja de Deus que está em Corinto" (ver também 2 Coríntios 1: 1). Note-se que você está escrevendo para a igreja que se manifesta ou aparece em um lugar, por exemplo Corinto. "É um mundo inteiro e ainda, ao mesmo tempo está plenamente presente em todas as reuniões."

Neste ponto, alguns teólogos acusam pode adotar uma postura platônica pelas igrejas locais são considerados exemplos concretos ou manifestações particulares de idéia pura, abstrata da igreja. Deve-se notar, no entanto, que os teólogos não estão a introduzir um conceito estranho na Bíblia. Este conceito é realmente presente no pensamento de Paulo e Lucas; não introduzir os seus intérpretes. Neste momento existe uma verdadeira paralelo entre o pensamento bíblica e Platão. Isto não é nem bom nem mau, e não deve ser considerada como um indicativo de influência platônica na Bíblia. É apenas um fato.

A idéia de que a Igreja é universal na natureza nos permite compreender certas passagens do Novo Testamento de forma mais clara. Por exemplo palavras de Jesus em Mateus 16:18: "Eu edificarei a minha igreja" tem muito sentido à luz deste conceito. Em Efésios, Paulo destaca em especial a natureza universal da Igreja. A igreja é o corpo de Cristo, e todas as coisas estão sob ele (1: 22-23); divulga a multiforme sabedoria de Deus (3:10) e glorificá-lo para sempre e sempre (3:21). "Um corpo" (4: 4); "Cristo é a cabeça da igreja, que é o seu corpo, e ele é o Salvador" (5:23); a igreja está sujeita a Cristo (v 24). e deve aparecer antes dele (v 27).. Ele ama a sua Igreja e se entregou por ele (v. 25). Cristo ea igreja são um grande mistério (v. 32). Todos estes versos apontam para a natureza universal da Igreja como ele faz 1 Coríntios 10:32; 11:22; 12:28 Colossenses 1:18, 24. É óbvio que a igreja inclui todos de todo o mundo que se relacionam com forma salvadora de Cristo. Ele também inclui todos os que viveram e sido parte de seu corpo, e todos eles vão. Essa inclusão notavelmente descrito em Hebreus 12:23, "a congregação dos primogênitos, que estão inscritos nos céus." Em vista disso inclusão poderíamos tentar oferecer uma definição teológica da Igreja como corpo daqueles que através da morte de Cristo foram reconciliados com Deus e maneira redentora ter recebido uma nova vida. Ele inclui todas as pessoas, quer no céu ou na terra. Embora seja de natureza universal, encontra a sua expressão em grupos locais de crentes que apresentam as mesmas qualidades que o corpo de Cristo como um todo.

O Bible Church

A próxima coisa que precisamos investigar é sobre as qualidades ou características que estão presentes na igreja verdadeira. Tradicionalmente, esta questão focada examinar as "marcas da igreja," as qualidades de unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade. O que nós vamos fazer é examinar certas imagens que Paulo usou a Igreja. Embora existam muitas dessas imagens, examinamos três em particular. Arthur Wainwright afirmou que

muitos dos escritos de Paulo há um Trinitarianism implícito mostrado mesmo na estrutura organizacional de suas cartas.¹⁹ também está presente em seu entendimento de que a igreja é descrita como o povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo.

O povo de Deus

Paulo escreveu sobre a decisão de Deus para fazer os crentes seu povo: "Eu habitarei e entre eles andarei; Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo" (2 Coríntios 6:16). A igreja é composta de pessoas de Deus. Eles pertencem e que pertence a eles.

O conceito da Igreja como Povo de Deus enfatiza a iniciativa de Deus na escolha deles. No Antigo Testamento não adota como seu próprio para uma nação existente, mas, na verdade, *criou* um povo para si mesmo. Ele escolheu Abraão e, em seguida, através dele, ele criou o povo de Israel. No Novo Testamento, o conceito de que Deus escolhe um povo é estendido para incluir judeus e gentios dentro da igreja. Então, Paulo escreve aos Tessalonicenses: "Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade. Para isso vos chamou pelo nosso evangelho, para obter a glória de nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Tessalonicenses 2: 13-14; ver também 1 Tessalonicenses 1: 4.).

Entre os textos do Antigo Testamento em que Israel é identificado como o povo de Deus é Êxodo 15:13, 16. Cantando o Senhor depois de cruzar o Mar Vermelho, Moisés diz que Deus redimiu Israel e seu povo são: "Você levou em sua misericórdia as pessoas a quem você resgatadas. Você tomou com a sua força para a sua santa morada ... que caem sobre eles [Edom, Moabe e os habitantes de Canaã] Espanto e pavor! Antes de a grandeza de seu braço imóvel como uma pedra, até que o teu povo, ó Senhor, até que passe o povo que tens comprado. "

Outras alusões a Israel como o povo de Deus são Números 14: 8; Deuteronômio 32: 9-10; Isaías 62: 4; Jeremias 12: 7-10 e Oséias 1: 9-10; 02:23. Em Romanos 9: 24-26 Paulo aplica as afirmações contidas em Oséias em Deus inclui tanto judeus e gentios: "Esses vos chamou, isto é, para nós, não só os judeus, mas também dentre os gentios ". Como ele diz em Oséias: "Chamarei meu povo ao que não era meu povo, e não amados, amados. E no lugar em que lhes foi dito: Vós não sois meu povo ', lá eles serão chamados' filhos do Deus vivo "(1:10).

O conceito de Israel e da Igreja como povo de Deus contém várias implicações. Deus é orgulhoso deles. Cuida e protege o seu povo; guarda-os como "a menina dos seus olhos" (Dt. 32:10). Finalmente, ele espera que seja o seu povo sem reservas e lealdade total. O Senhor tem direitos exclusivos sobre o seu povo se expressa na história de Oséias direito exclusivo sobre sua esposa infiel Gomer. Todo o povo de Deus é marcada com uma marca especial por assim dizer. No Antigo Testamento, a circuncisão é prova de que ele pertencia a Deus. Ele exigia que todas as crianças do sexo masculino de Israel, e todos os convertidos e discípulos. Era o sinal externo da aliança que os fez o povo de Deus. Ele também era um sinal subjetiva da aliança que foi aplicado a cada pessoa individualmente, enquanto a arca do sinal do pacto serviu como meta para todo o grupo.

Em vez de circuncisão externa da carne encontrada na administração da antiga aliança, a nova aliança encontramos a circuncisão interior do coração. Paulo escreveu, "mas é um judeu que o é interiormente, e circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra" (Rm 2:29; veja também Filipenses 3: 3.). Enquanto no Antigo Testamento, ou a Antiga Aliança, o povo de Deus era a nação de Israel, na inclusão do Novo Testamento no povo de Deus não com base na identidade nacional ", porque nem todos descendente Israel são Israel "(Rm. 9: 6). É inclusão na aliança que distingue o povo de Deus; É constituída por todos aqueles que "chamada, isto é, ... não só os judeus, mas também dos gentios" (v. 24). Para Israel a aliança foi a aliança com Abraão, pois a igreja é a nova aliança e estabelecida por Cristo (2 Coríntios 3: 3-18).

O povo de Deus uma qualidade particular de santidade é esperado. Deus sempre esperou que Israel era puro e santo. Como a noiva de Cristo a Igreja deve também ser santo: "Cristo amou a Igreja e se entregou por ela para santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a Si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível "(Ef 5: 25b-27.).

O corpo de Cristo

Talvez a imagem mais difundida da igreja é a sua representação como o corpo de Cristo. Além disso, parece que alguns consideram isso como quase uma definição completa da igreja. Embora uma representação completa e rica não é a totalidade do mesmo.

Esta imagem destaca a igreja é o veículo da atividade de Cristo como seu corpo físico foi durante seu ministério terrestre. A imagem é usada tanto para a Igreja universal e para as congregações locais individuais. Efésios 1: 22-23 ilustra o primeiro: "E sujeitou todas as coisas debaixo de seus pés e lhe deu como cabeça sobre todas as coisas para a igreja, que é o Seu corpo, a plenitude d'Aquele que preenche tudo em todos ". As palavras de Paulo aos Coríntios 1 Coríntios 12:27 ilustrar a segunda: "Ora, vós sois o corpo de Cristo e seus membros em particular."

A imagem do corpo de Cristo também enfatiza a conexão da igreja como um grupo de crentes, com Cristo. A salvação, em toda a sua complexidade, é em grande parte resultado da união com Cristo. Notamos no capítulo 46 numerosas referências a o crente está "em Cristo" e "em Cristo." Aqui encontramos uma ênfase em outro aspecto desta. Cristo no crente é baseada na crença e esperança. Paulo escreve: "A quem Deus quis dar a conhecer as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, a esperança da glória" (Cl 1:27; ver também Gálatas 2:20.).

Cristo é a cabeça desse corpo (Col 1,18) que os crentes são membros ou partes individuais. Todas as coisas foram criadas por ele, por meio dele e para ele (Colossenses 1:16). Ele é o princípio, o primogênito (v. 15). Deus tinha o propósito "para reunir todas as coisas em Cristo, na plenitude do tempo estabelecido, tanto as que estão no céu e as da terra" (Ef. 1:10). Crentes unidos com ele, alimentá-lo através da cabeça à qual eles estão conectados (Cl 2:19). Esta imagem é quase um paralelo imagem Jesus de si mesmo como a videira com a qual os crentes, como ramos, estão vinculados "(Jo. 15: 1-11). Como chefe do corpo (Col. 1,18), também lidera a igreja: "Porque nele habita toda a plenitude da divindade, e estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo principado e poder" (Col. 2: 9-10). Cristo é o Senhor da igreja.

A imagem do corpo de Cristo fala também da interligação entre todos aqueles que formam a igreja. A fé cristã não é definida apenas em termos de relacionamento individual com o Senhor. Em 1 Coríntios 12, Paulo desenvolve o conceito de interconexão do corpo, especialmente no que diz respeito aos dons do espírito. Expressa a dependência de cada crente na frente dos outros. Sublinha que "todos os membros do corpo, embora muitos, somos um só corpo" (v. 12). Todos eles, quer judeus, quer gregos, foram batizados por um Espírito, formando um corpo e tudo foi dado beber de um só Espírito (13 v.). Os vários membros receberam presentes, não para satisfação pessoal, mas para a edificação do corpo como um todo (14: 4-5, 12). Embora existam variedades de presentes, não há divisão no corpo. Alguns desses dons são mais marcantes do que outros, mas por que não são mais importantes (12: 14-25). Nenhum dom particular é para todos (12: 27-31); Por outro lado, isso significa que ninguém pode ter todos os dons. Cada membro precisa do outro, e cada um é necessário por outro.

Neste entendimento do corpo há uma dependência mútua; cada crente incentiva e edifica os outros. Em Efésios 4: 15-16, Paulo conclui: "Mas, falando a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado por cada articulações que ajudam uns aos outros, de acordo com o bom

funcionamento de cada parte individual, cresce e desenvolve-se em amor ". A pureza deve ser definido. Membros do corpo têm de suportar os encargos dos outros (Gal. 6: 2) e restaurar aqueles que estão presos em um pecado (v. 1). Em alguns casos, como o presente, lidando com os membros de pecado pode envolver restaurar mansa. Às vezes, você pode ter que se afastar da comunidade para aqueles que poluem, isso significa uma exclusão ou uma excomunhão real. Em Mateus 18: 8, 17, Jesus falou sobre essa possibilidade, como fez Paulo em Romanos 16:17 e 1 Coríntios 5: 12-13.

O corpo é caracterizada por comunhão genuína. Isso não significa apenas a interação social, mas um sentimento íntimo e compreensão mútua. Deve ter empatia e encorajamento (construção). O que se experimenta tudo tem que experimentar. Por isso Paulo escreve: "Portanto, se um membro sofre, todos os membros padecem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele" (1 Cor 12,26). A igreja no livro de Atos até mesmo compartilha com outros bens materiais.

O corpo tem que ser um corpo unificado. Os membros da igreja de Corinto estavam divididos sobre o que deve seguir líder religioso (1 Cor 1: 10-17; 3: 1-9). Eles tinham formado círculos sociais ou facções e havia muita evidência de que nas reuniões da igreja (1 Coríntios 11: 17-19). No entanto, isso tinha que ser assim porque nem todos os crentes são batizados por um Espírito, formando um corpo (1 Coríntios 12: 12-13). Paul também escreve em outra ocasião, "um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos "(Ef. 4: 4-6).

O corpo de Cristo é também universal. Todas as barreiras foram eliminadas como Paulo disse: "não há grego nem judeu, circuncisão e incircuncisão, bárbaro, estrangeiro, escravo ou livre, mas Cristo é tudo em todos" (Cl 3.11). A mesma idéia, com especial referência para o interior do corpo a eliminar as divisões entre judeus e gentios, é encontrada em Romanos 11: 25-26, 32; Gálatas 3:28 e Efésios 2:15.

Como o corpo de Cristo, a igreja é a extensão de seu ministério. Ele está tendo dito que todo o poder foi dado no céu e na terra (Mateus 28:18), enviou seus discípulos a evangelizar, batizar e ensinar, prometendo estar sempre com eles, até o fim do mundo (vv . 19-20). Ele lhes disse para continuar o seu trabalho, e que iria a um ponto surpreendente: "Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em mim, as obras que Eu faço ele fará também; e uma maior vontade, porque eu vou para o Pai "(Jo. 14:12). Portanto, a obra de Cristo, se alguém o fizer, será seu corpo, a igreja.

O templo do Espírito Santo

Completando o conceito trinitário de Paul na igreja temos a imagem da igreja como um templo do Espírito. É o Espírito que criou a igreja no dia de Pentecostes, onde ele batizou os discípulos e converteu três mil e dando vida à igreja. E continuou povoando a igreja: "Pois em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos quer livres; e nós foram todos feitos para beber de um só Espírito "(1 Coríntios 12:13).

A igreja é agora habitado pelo Espírito, individual e coletivamente. Paulo escreve aos Coríntios: "Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá, porque o templo de Deus, que sois santo, "(1 Cor 3: 16-17). Mais tarde, Paulo diz: "Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo que habita em vós, o qual tendes da parte de Deus, e vós não sois de vós mesmos?" (1 Coríntios 6:19). Em outro lugar ele descreve os crentes como "um templo santo no Senhor; no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito "(Ef. 2: 21-22). É um contexto em que nos encontramos a imagem de Cristo como a pedra angular do templo, Pedro fala de crentes como "casa espiritual" (1 Pedro 2: 5).

Habita na igreja, o Espírito Santo dá vida a ele. As qualidades que fazem parte da natureza e é chamado de "o fruto do Espírito" na igreja encontrar o amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança (Gl 5: 22-23.) . A presença dessas qualidades indica o atividade do Espírito Santo e, portanto, em certo sentido, a genuinidade da igreja.

É o Espírito que transmite energia para a igreja. Jesus diz-lhe como em Atos 1: 8: ". Você vai receber uma força, há de vir sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra" Devido à iminente chegada do Espírito no poder, Jesus faz aos discípulos a promessa surpreendente que eles fariam ainda maior do que ele tinha feito (Jo. 14:12) funciona. Por isso Jesus disse: "Mas eu vos digo a verdade para vós que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; mas se eu for, vou mandá-lo "(Jo. 16: 7). É o Espírito quem faz o que for preciso para convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo (8 v.).

A promessa foi cumprida em breve. Não apenas três mil pessoas responderam à pregação de Pedro no dia de Pentecostes (Atos 2:41)., O Senhor também adicionados diariamente mais pessoas iam sendo salvos (Atos 2:47.). Discípulos cheios do Espírito Santo testemunhou a ressurreição com coragem e grande poder (Atos 04:31., 33). Não pode justificar a eficácia do ministério desses primeiros crentes com base em suas habilidades ou esforços. Eles eram pessoas comuns. Os resultados foram resultado do ministério do Espírito Santo.

Estudantes em uma classe de homilética foram convidados a preparar sermões em diversos sermões contidas na Bíblia. Quando os alunos chegaram em Atos 2, eles descobriram que o sermão de Pedro no dia de Pentecostes não é uma maravilha da homilética perfeição. Eles foram capazes de preparar sermões tecnicamente superiores a Pedro, embora nenhum superar resultados esperados. Os resultados do sermão de Pedro exceder a habilidade com que ele foi preparado e exposto. A razão para seu sucesso reside no poder do Espírito Santo.

Como já anteriormente observado o Espírito, sendo um, também produz unidade no corpo. Isso não significa uniformidade; unidade de propósito e ação. Na igreja primitiva, é descrito como "um só coração e alma" (At. 4:32). Eles ainda tinha todas as coisas materiais em comum (2: 44-45; 4:32, 34-35). O Espírito havia criado neles um maior sentido de pertença a um grupo, a pessoa física e, portanto, não viu posses como "meu" ou "seu", mas como "nosso".

O Espírito Santo, habitando na Igreja, também cria sensibilidade para a direção do Senhor. Jesus prometeu permanecer com os seus discípulos (Mt. 28:20;. Jo 14:18 23). No entanto, ele também disse que teve de sair para o Espírito Santo poderia vir (Jo. 16: 7). Nós concluímos que o Espírito que habita em nós é o meio através do qual Jesus está presente em nós. Assim, Paulo escreveu: "Mas vós não estais na carne, mas no Espírito, se o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Mas se Cristo está em vós, o corpo está morto por causa do pecado, mas o espírito está vivo por causa da justiça "(Rom. 8: 9-10). Paul usados alternadamente idéias de Cristo em nós e do Espírito que habita em nós.

Habitar o Espírito sobre os discípulos de Jesus, ele os fez lembrar os ensinamentos do Senhor (Jo. 14:26) e levou-os a toda a verdade (Jo. 16:13). Esta obra do Espírito se reflete dramaticamente no caso de Peter. Em uma visão, Peter é convidado a matar e comer alguns animais imundos foram reduzidos ao chão em uma espécie de grande tela (At. 10: 11-13). A primeira resposta de Pedro foi: "Senhor," (v. 14), porque ele estava bem ciente da proibição de comer animais impuros. Tradição disse que ele deveria se abster. No entanto, Pedro logo percebeu que a essência da mensagem não era que ele deve comer animais imundos, mas deve levar o evangelho aos gentios da mesma forma que o levou aos judeus (vv. 17-48). A Espírito Santo faz com que os crentes que são teimosos tornam-se receptivos e obedientes a direção do Senhor.

O Espírito é, em certo sentido, também o governante da igreja. Porque é ele que treina os presentes dispensá-lo corpo, que em alguns casos são pessoas para atender diferentes comércios e em outros casos são habilidades especiais. Ele decide quando dar um presente, e para quem eu concedê-lo. Paulo escreve: "Mas opera todas estas coisas um eo mesmo espírito, dividindo a cada um como quer" (1 Coríntios 12:11).

Finalmente, o Espírito Santo faz com que a Igreja é santa e puro. Porque como o templo era um lugar santo e sagrado na antiga aliança que Deus habitava nele, e assim são santificados crentes na nova aliança, porque eles são o templo do Espírito Santo (1 Coríntios 6: 19-20) .

Problemas especiais

Há quatro questões especiais que requerem uma atenção especial em nosso capítulo introdutório sobre a doutrina da igreja: a relação entre a Igreja eo reino; a relação entre a Igreja e Israel; a relação entre o visível eo invisível igreja; eo momento de início da igreja.

A igreja eo reino

Há obviamente uma estreita ligação entre o reino ea igreja. Na verdade, Jesus, depois de ter anunciado que iria construir sua igreja e que as portas do inferno não prevalecerão contra ela, imediatamente passou a dizer a Pedro: "Eu te darei as chaves do reino dos céus" (Mateus 16: 18-19). A partir disso, pode-se concluir que a igreja é sinônimo com o reino. Na verdade, Geerhardus Vos argumentou que as imagens dessa passagem é que a igreja é uma casa construída sobre uma rocha (v. 18) e que as chaves da casa será entregue a Pedro. No entanto, George Ladd, mantido adequadamente trazer esta linguagem metafórica é muito longe. Em vez disso, ele argumenta, o reino deve ser considerado como o reino de Deus. A igreja, no entanto, é um campo de seu reinado, as pessoas sob o seu governo. O Reino é o governo de Deus, enquanto a igreja é a comunidade humana que está sob esse governo.²³ Ladd destaca cinco pontos básicos sobre a relação entre o reino ea igreja.

1. A igreja não é o reino.
2. O reino cria a igreja.
3. A Igreja dá testemunho do reino.
4. A igreja é o instrumento do reino.
5. A Igreja é o guardião do reino.

A igreja é uma manifestação do reino ou reino de Deus, a forma que assume na terra em nosso tempo. É a manifestação concreta do governo soberano de Deus em nossos corações. Sob a antiga aliança, o caminho do reino foi expressa Israel. O reino pode ser encontrado onde quer que Deus regra nos corações humanos. Mas mais do que isso, onde quer que seja Sua vontade seja feita. Assim, o reino estava presente no céu, mesmo antes de os seres humanos foram criados, porque os anjos estavam sujeitos a Deus e obedeceu. Eles agora estão incluídos no seu reino e será no futuro. Mas eles nunca foram, nem fará parte da igreja. A igreja é apenas uma manifestação do reino.

A igreja e Israel

Um segundo assunto especializado está relacionada com o relacionamento de Israel com a igreja. Aqui encontramos opiniões e até mesmo discussões que diferem amplamente e de forma clara. Por um lado, alguns teólogos Reformados ver o literal como absorvidos ou deslocados pela igreja ou espiritual Israel Israel. Nada é deixado de realizar em relação ao literal Israel; portanto, você não precisa de um milênio em que os judeus serão devolvidos a um lugar de destaque no local de trabalho de Deus. Além disso, os

dispensacionalistas acreditam que Israel e a igreja são duas entidades separadas eternamente com Deus trata de forma diferente.²⁶ Como observou Ladd, a verdade aqui, como em tantas outras questões, está em algum lugar entre os dois pólos.

Primeira nota que Israel espiritual tem de muitas maneiras tomado o lugar de Israel literal. Paulo enfatiza este ponto em Romanos e Gálatas. Por exemplo, ele escreveu: "Não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne; mas é um judeu que o é interiormente, e circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra" (Rm 2: 28-29.). Aos Gálatas, ele escreveu: "E, se sois de Cristo, descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa" (03:29). Outras passagens relevantes incluem Romanos 4:11, 16, 18 e 9: 7-8.

Devemos também observar que algumas das promessas dirigidas a literal Israel no Antigo Testamento, os escritores do Novo Testamento consideradas cumpridas em Israel espiritual, a Igreja. Por exemplo, Oséias escreveu: "Eu vou semear a ela para me na terra; Tenho compaixão da 'indignos de compaixão 'para' Pueblo alienígena 'Vou chamar' meu povo ', e ele vai dizer, 'Meu Deus '" (Oséias 2: 23 - NVI). É evidente a partir Oséias 1: 6-11 que este versículo se refere a Israel. Mas Paulo também aplica-o aos judeus e gentios. Por causa de mencionar que "[Deus] também nos chamou, não só os judeus, mas também dos gentios", cita esse versículo. Como ele diz em Oséias: "Chamarei meu povo ao que não era meu povo, e não amava, amava" (Rm. 9: 24-25). Ladd também cita Peter implementar a promessa de Joel: "Depois disto, eu derramarei o meu Espírito sobre toda a carne e profetizarão vossos filhos e vossas filhas; Os vossos anciãos terão sonhos, os vossos jovens terão visões" (Joel 2:28 ;. cf. Atos 2:17.). No entanto, deve notar-se neste ponto que Pedro estava falando para os judeus e sobre eles (Atos 2: 5, 22.). Portanto, a alegação de que Pedro está fazendo aqui é aplicar as promessas da Igreja para Israel está aberto à discussão.

No entanto, há um futuro para a nação de Israel. Ainda as pessoas especiais de Deus. Tendo declarado que a rejeição de Israel significou a reconciliação do mundo, Paulo pergunta: "Qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?" (Romanos 11:15).. O futuro é brilhante: "Então todo o Israel será salvo" (v 26).. Mas Israel será salvo de entrar na igreja, como os gentios. Não há nenhuma indicação no Novo Testamento envolvendo outra base para a salvação.

Em suma: a Igreja é o novo Israel. Na nova aliança toma o seu lugar no antigo Israel. Enquanto no reino do Deus do Antigo Testamento era povoada por Israel nacional no reino do Testamento Deus New ela é preenchida pela igreja. No entanto, há um futuro especial para Israel nacional, através da conversão em grande escala a Cristo e à entrada da igreja.

A igreja visível e a igreja invisível

Outro tema é a relação entre o visível e a invisível igreja. A distinção que já apareceu Agostinho foi primeiro enunciado claramente por Martin Luther³⁰ e, em seguida, construída por João Calvino para a sua teologia. Era a maneira de lidar Lutero aparentes discrepâncias entre as qualidades da Igreja como encontramos expostos nas Escrituras e as características da igreja empírica como ele realmente existe na Terra. Ele sugeriu que a verdadeira igreja consiste unicamente justificado, aquelas que estão relacionadas em um Deus redentor.

A distinção entre o visível e a invisível igreja, uma distinção que alguns rejeitam, não é o mesmo que a distinção entre a igreja local e a universal. Em vez disso, o que temos é a questão de até que ponto é a verdadeira igreja é identificar a instituição terrena atual. Por um lado, é possível que algumas pessoas que estão dentro da igreja visível não são verdadeiros crentes, eles não são realmente parte do corpo de Cristo? Por outro lado, podem ser membros do corpo de Cristo, que não são afiliados a qualquer segmento da igreja visível, um grupo local de crentes? Ou, dito de outra forma, o que é o fator

prioritário, institucional ou pessoal / espiritual? É a ligação com a igreja institucional torna um cristão? Ou a Igreja é composta das experiências cristãs individuais dos seus membros? O que justifica a outra coisa, a organização institucional ou experiências espirituais individuais? Estas perguntas foram respondidas de maneiras diferentes.

Por um lado, há grupos que argumentam que a igreja institucional é visível ou acima. O catolicismo romano tradicional é provavelmente a forma mais pura deste ponto de vista, embora também é característica de comunhões anglicanas e ortodoxas. Algumas organizações privadas são consideradas como parte da igreja verdadeira se puderem demonstrar que se originam na ata da criação da Igreja de Cristo (Mateus 16:18). De acordo com este ponto de vista, a declaração de Jesus: "Eu edificarei a minha igreja" não era uma previsão simples e promessa. Foi uma declaração constitutiva. Esse foi o momento em que começou a igreja é confirmado pela seguinte declaração: "Para ti darei as chaves do reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado no céu, e tudo o que desligares na a terra será desligado nos céus "(v. 19). Na interpretação tradicional católica romana, aqui Jesus deu aos apóstolos um estatuto especial que lhes permitiu definir doutrina e transmitir graça, por exemplo, perdoar pecados. É esta graça (graça santificante na formulação tradicional) que oferece a salvação ou que faz de você um cristão. A autoridade para dispensar esta graça foi transmitida pelos apóstolos a seus sucessores, um processo que continua até hoje.

Assim, uma marca líder de igreja autêntica é apostólica. Jesus deu aos Apóstolos uma franquia exclusiva por assim dizer; Por conseguinte, uma verdadeira igreja deve mostrar um pedigree específico. A igreja verdadeira é aquela que pode ser rastreada até os apóstolos e, portanto, é claro, o momento em que Jesus estabeleceu a igreja. Sem esse pedigree existe nenhuma igreja, nenhum salvação e não cristãos. Um grupo de pessoas podem se encontrar, organizada como uma corporação, realizar serviços religiosos, erigir uma estrutura e se chamam igreja, mas não ser uma igreja. Que autentica um grupo de pessoas como uma igreja é uma ligação visível para a organização atual pode ser rastreada até a igreja do Novo Testamento. Obviamente, aqueles que sustentam essa teoria dar muita importância a assuntos como a ordem da igreja, liderança e governação e ministros ordenados.

No extremo oposto, é o que chamamos de abordagem pietista à igreja, embora este termo pode ser um pouco enganador. O foco aqui é sobre a relação direta entre o indivíduo e Deus através de Jesus Cristo, que é tudo o que faz um cristão. E é a presença de tais cristãos, pessoas regeneradas, o que torna um grupo esteja devidamente constituído como uma igreja. Note-se que de acordo com este ponto de vista aqueles relacionados a Cristo são redemptively igreja, ou não ligados para formar um grupo visível. Participação em um grupo visível não é garantido para ser justificada aos olhos de Deus, portanto, a organização visível é relativamente sem importância. Na verdade, alguns negam a necessidade de fazer parte de um corpo organizado. A comunidade informal de voluntários é tudo o que é necessário. Se grupos como Plymouth Brethren (assembléias irmãos), podem ter uma aversão a qualquer coisa que uma estrutura formal e um ministério formal, como ele.³⁵ Membro de uma igreja, como um compromisso permanente com um grupo de crentes, é minimizado nesta abordagem individualista. Organizações para-ecclesiásticas ou igrejas domésticas pode tomar o lugar da igreja organizada. E as organizações intercongregacionais, se comunhões denominacionais ou interdenominacionais são considerados relativamente sem importância. Enquanto os cristãos que apoiam esta abordagem pode ser considerada interdenominacional-se muitas vezes não são confessionais, e às vezes antidenominacionais.

Em alguns casos, a igreja visível para minimizar podem surgir a partir de um ponto de vista dispensacional que considera toda a Igreja como um parêntese no plano de Deus, uma espécie de reflexão tardia. A ênfase aqui é que a intenção original de Deus foi relacionada a Israel nacional. Quando Israel rejeitou a oferta do reino de Jesus, Deus

virou-se para os gentios e criou a igreja. No entanto, Deus nunca deixou de estar interessado Israel. Quando você tiver concluído o estágio de seu trabalho com a igreja, Israel voltará a ser colocada na sua posição de supremacia. O verdadeiro reino de Davi será restaurado, como sacrifícios do Antigo Testamento. Israel e a Igreja são independentes e sempre será. O futuro primazia de Israel não será o resultado de um grande número de conversões que incorporam igreja judaica, mas a recuperação do estatuto especial de Israel como uma nação. A igreja é um fenômeno temporário não previstos no Antigo Testamento. Além disso, nenhuma profecia do Antigo Testamento fala da igreja ou a igreja se reúne. Como esse é o caso e até mesmo a igreja invisível é relativamente temporária, visível ou igreja institucional, certamente, você não precisa receber muita atenção.

A visão da igreja que está sendo rastreada aqui de alguma forma poderia ser descrito como individualista como pietista. No entanto, o que faz com que o termo *pietista* é apropriado é que muitas vezes coloca uma forte ênfase na qualidade da vida cristã individual. Como a relação do indivíduo com Cristo é decisivo para a cristandade, piedade e pureza de vida são de grande importância. Portanto, sempre que os cristãos se reúnem indivíduo, também eles realçam essas qualidades éticas dentro do grupo. Estas características deve ser considerada como uma característica do grupo como tal, mas de indivíduos que vêm para dar-lhe forma.

Uma posição intermediária entre os dois pontos de vista que temos discutido é o que poderíamos chamar de visão "paroquial". Isso destaca tanto o visível e invisível igreja. A igreja visível ou paróquia inclui todas as profissões externas eles se reúnem para ouvir a Palavra e celebrar os sacramentos. Os crentes nesta igreja são a verdadeira igreja visível, a igreja invisível.

Nesta visão, há certas marcas pelas quais pode-se detectar a presença da verdadeira igreja. Eles são marcas critérios objectivos, não meramente subjetivos. Ou seja, eles não são apenas as qualidades dos indivíduos que formam o grupo, mas da assembleia local para além da condição espiritual dos indivíduos na mesma. Os dois mais frequentemente mencionados são a verdadeira pregação da Palavra e a administração dos sacramentos. O primeiro refere-se à pureza e rigor da doutrina. O segundo para uma pessoa devidamente autorizada administra os sacramentos, de forma adequada para as pessoas que estão preparados para recebê-los, e que a sua eficácia é entendida corretamente.

Tendo considerado estes diferentes pontos de vista, podemos concluir que é necessário manter a distinção entre a igreja visível e invisível, mas com nuances. A parábola do joio e do trigo (Mateus 13: 24-30, 36-43) e os ensinamentos de Jesus sobre as ovelhas e os bodes (Mateus 25: 31-46) apoia esta distinção. Mas isso deve ser visto como um reconhecimento da possibilidade de hipocrisia e até decepção, não diminui a importância da membresia da Igreja. É um reflexo da verdade 2 Timóteo 2:19: "O Senhor conhece os que são seus". Mesmo um dos doze discípulos de Jesus acabou por ser um traidor.

Devemos observar que as Escrituras parecem considerar condição espiritual individual como uma prioridade. Por exemplo, Lucas conta da igreja primitiva: "E o Senhor acrescentava à igreja aqueles que iam sendo salvos" (Atos 2:47.). Quando perguntado sobre a salvação dos apóstolos nunca sugeriu que dependem de estar ligado a um grupo de crentes. Quando perguntaram a Pedro e aos outros: "Irmãos, o que devemos fazer." (Atos 2:37), a resposta foi: "Arrependei-vos e ser batizados cada um de vocês em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados" (v. 38). Mensagem de Pedro foi a mesma em Atos 3: 12-26 e 4: 7-12. A resposta de Paulo à pergunta do carcereiro de Filipos: "Senhores, que devo fazer para ser salvo" (. Atos 16:30) Foi direto: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo tu e tua casa" (v. 31). Em nenhum dos casos há dúvida de que a relação com um grupo é a sugestão decisivo. As palavras de Jesus à samaritana indicam que a adoração em um determinado lugar é menos importante do que a adoração em espírito e em verdade (Jo. 4: 20-24).

Embora tenhamos dada prioridade à fé, ou temos dado preferência ao invisível sobre o visível, no entanto, não devemos minimizar a importância da forma visível da igreja. Aparentemente, era o procedimento normal que um crente ser parte de uma comunidade (ver, por exemplo, Atos. 2:47). Nós não sabemos exatamente o que implica a adesão na igreja apostólica, é claro o seu objectivo era para edificação, oração, serviço e, como você pode ver especialmente Atos 5, disciplina. Portanto, devemos destacar a importância de todos os crentes parte integrante de um grupo de crentes e que se comprometam firmemente a ele. O cristianismo é uma questão corporativa. E a vida cristã só pode ser feito totalmente em relação com os outros.

Embora reconheçamos a distinção entre igreja e da comunhão visível ou invisível ou espiritual empírica, devemos fazer tudo ao nosso alcance para que ambos são idênticos. Como qualquer verdadeiro crente deve permanecer fora da comunidade, também deve ser diligente para garantir que apenas os verdadeiros crentes estão no interior. A conduta de Ananias e Safira (At 5.), bem como as instruções de Paulo aos Coríntios (1 Cor 5: 1-5) e aos Gálatas (6: 1) sobre como tratar os pecadores, para discutir o grupo a acompanhar de perto a condição espiritual e conduta de seus membros. Embora a perfeita pureza dos membros é um ideal que não pode ser alcançado nesta vida (Mateus 13: 24-30), não acreditar ou abertamente o pecado não pode ser tolerada.

Comece tempo da Igreja

Uma última pergunta sobre a natureza da igreja é a que se relaciona com o momento da sua criação. Louis Berkhof, entre outros, fala da igreja no período patriarcal e Moisés. No entanto, é notável que Jesus faz apenas duas referências à igreja (Mateus 16:18; 18:17), e que, no primeiro caso está falando sobre o futuro ("Eu edificarei a minha igreja"). O fato de que Lucas nunca use ἐκκλησία em seu evangelho, mas usou 24 vezes em Atos também é muito significativo. Parece como se a igreja foi considerada presente para o período abrangido pela Atos (Atos 07:38 Enquanto estiver usando ἐκκλησία de Israel no deserto, é provável que aqui o termo está sendo usado em um sentido não técnico.) Concluímos que Originou-se da igreja em Pentecostes.

De acordo com esta conclusão, devemos perguntar sobre o estado de Israel. E quanto a crentes do Antigo Testamento? Nós argumentamos que, enquanto o caminho do povo de Deus no Antigo Testamento tomou foi a Israel nacional no Novo Testamento como é a igreja, ea igreja começou no dia de Pentecostes. Isso significa que aqueles que agora são parte da igreja estará sempre em um grupo separado de crentes no Antigo Testamento? Eu, no entanto, gostaria de sugerir que aqueles que faziam parte de Israel antes de Pentecostes foram incorporadas à igreja. Isso certamente parece ter sido esse o caso dos apóstolos. Eles tinham sido parte de Israel, mas no dia de Pentecostes tornou-se o núcleo da igreja. Se os crentes do Antigo Testamento, aqueles que formaram o verdadeiro Israel foram salvos, como nós, a vida ea morte expiatória de Cristo, então eles devem ter passado pelo mesmo organismo Pentecostes, os crentes do Novo Testamento. Portanto, Israel não foi simplesmente superado pela igreja, que foi incluído na mesma. O povo de Deus é realmente um povo; o corpo de Cristo é um só corpo.

Implicações

1. A Igreja não pode ser concebida principalmente como um fenômeno sociológico, mas como uma instituição estabelecida por Deus. Por conseguinte, a sua essência é determinada não pela análise da sua actividade, mas pela Escritura.
2. A igreja existe por causa de seu relacionamento com o Deus trino. Ela existe para cumprir a vontade do Senhor, pelo poder do Espírito Santo.
3. A igreja é a contínua presença e ministério do Senhor no mundo.

4. A igreja deve ser a união dos crentes regenerados que mostram as qualidades espirituais do Senhor. A ênfase na pureza e devoção sets.
5. Embora a igreja é uma criação divina, ela é composta de seres humanos imperfeitos. Não vai chegar a santificação perfeita glorificação ou até a vinda do Senhor.

51. O papel da igreja

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e descrever as quatro funções da Igreja: a evangelização, edificação, adoração e preocupação social.
- Reconhecer e definir o evangelho como o centro do ministério da igreja que está implícito em cada uma de suas funções.
- Definir e explicar o caráter da igreja, com foco em seu desejo de servir e adaptação em diferentes contextos.

Resumo do capítulo

A igreja foi confiada para realizar o ministério de Cristo no mundo. Para conseguir isso, você deve executar certas funções. É essencial encontrar um equilíbrio nessas funções para a saúde espiritual e bem-estar do corpo. O evangelho é o cerne do ministério da Igreja e está implícito em todas as funções da igreja. Quando o evangelho é alterado, a não mais em equilíbrio igreja. Para continuar a existir, é necessário que a Igreja está disposta a servir, metodologicamente ser flexível e adaptável ao seu ambiente.

Questões de estudo

1. Quais são as funções da igreja e como eles se relacionam entre si?
2. Porque é que o evangelho no centro do ministério da Igreja?
3. O que ensina o Antigo Testamento sobre a boa notícia?
4. O que Paulo diz sobre o evangelho em seus escritos?
5. Que atitude deve manter a igreja para realizar suas funções?

Funções da igreja

Evangelismo

Edificação

Adoração

Preocupação Social

O coração do ministério da igreja: o Evangelho

O caráter da igreja

Eu desejo de servir

Adaptabilidade

Nós têm criticado a posição de que a igreja tem que ser definida de acordo com a sua função, ou seja, a sua forma vem de suas funções. No entanto, as funções da igreja são questões importantes porque o Senhor não deu origem à igreja simplesmente de existir, não mais. Em vez disso, ele foi criado para cumprir com as intenções que o Senhor tem para ela. Deve realizar o ministério do Senhor no mundo, perpetuar o que ele fez eo que ele faria se ele ainda estivesse aqui. Nossa primeira consideração neste capítulo são as diferentes funções que é responsável para a igreja. Em seguida, passar para o que é fundamental para o ministério da igreja e que molda tudo o que faz a Igreja, isto é, o evangelho. Finalmente, nós tentamos duas qualidades que a igreja precisa mostrar no momento: vontade de servir e de adaptação.

Funções da igreja

Evangelismo

O tema que enfatiza ambas as histórias das últimas palavras de Jesus aos seus discípulos é o da evangelização. Ele disse em Mateus 28:19: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações". Em Atos 1: 8 diz: "Mas recebereis poder, quando há de vir sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra." Esta foi a ênfase final que Jesus fez aos seus discípulos. Parece que considerou a evangelização era a própria razão de sua existência.

A chamada para o evangelismo é um comando. Tendo aceitado a Jesus como Senhor, os discípulos tinham colocado sob o seu comando e foram obrigados a fazer o que ele pediu. Porque ele lhes dissera: "Se você me ama, mantenha meus mandamentos"; (João 14:15). "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama" (v 21A.); e "Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando" (Jo. 15:14). Se os discípulos realmente amava seu Senhor, eles iriam realizar seu chamado para evangelizar. Para eles, não era uma opção.

No entanto, os discípulos foram enviados sem ajuda. Jesus precedeu seu compromisso com esta declaração: "Todo o poder me foi dada no céu e na terra" (Mateus 28:18). Tomando toda a autoridade, ele comissionou seus discípulos como agentes. Portanto, eles tinham o direito de ir e evangelizar todas as nações. Além disso, Jesus prometeu aos seus discípulos que o Espírito Santo viria para eles e eles receber o poder. Então, eles foram autorizados e capacitados para fazer o trabalho. Além disso, eles disseram que não estaria sozinho. Embora ele seria afastado corporal deles, no entanto, seria com eles espiritualmente até o fim do mundo (Mateus 28:20).

Observe também a extensão da comissão: abrangente. Em Mateus 28:19 Jesus fala de "todas as nações", e em Atos 1: 8 faz uma lista específica, "recebereis poder, quando há de vir sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra. "Há diferentes questões envolvidas nos diferentes níveis deste mandamento.

Jerusalém, é claro, foi nas imediações. Embora não tenha sido o território casa do círculo íntimo de discípulos (estes eram da Galiléia), que era o lugar de Pentecostes. Como os primeiros convertidos tinha muitos contactos estreitos em Jerusalém, foi um natural para a igreja para testemunhar e espalhar lá. No entanto, Jerusalém foi também o mais difícil de testemunhar, porque era o lugar que tinha ocorrido o escândalo dos últimos dias de Cristo e, especialmente, sua morte humilhante por crucificação. Haveria uma desconfiança natural e talvez até uma rejeição da apresentação da mensagem do Salvador. Além disso, uma vantagem do testemunho em Jerusalém era que as pessoas viviam perto o suficiente para o outro para se juntar a uma congregação se eles escolheram para fazer isso.

Além Jerusalém, os discípulos tiveram a testemunhar em "toda a Judéia." Esta área era basicamente homogênea em pensamento e costumes, porque seus habitantes eram judeus, e os judeus da Judéia também. No entanto, muitos deles estavam muito longe do

centro de Jerusalém para um encontro. Portanto, o cumprimento desta parte da comissão traria o estabelecimento de congregações adicionais.

Talvez a parte mais "desagradável" da comissão aos discípulos foi o terceiro: o de Isso levou-os para as pessoas que os amam mais difícil, e que seria provavelmente menos receptivos à mensagem, porque os judeus tinham "em Samaria." Os judeus e os samaritanos tinham sido em conflito por um longo tempo. O desacordo voltou para a época em que os judeus retornaram do cativeiro na Babilônia. Os samaritanos eram o produto da união entre os israelitas que não haviam sido deportados pelos assírios e muitos colonos estrangeiros que, em seguida, enviados os assírios para repovoar a área. Quando os judeus retornaram de Babilônia e começou a reconstruir o templo, os samaritanos se ofereceu para ajudar, mas sua oferta foi rejeitada. Desde aquela época, houve divergências entre os dois grupos. Isto é evidente nos relatos dos Evangelhos do ministério de Jesus. Quando Jesus perguntou a água Samaritano, ela respondeu: "Como pode você, sendo um judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?" John diz, "porque os judeus e os samaritanos não tratamos uns aos outros" (Jo 4.: 9). Este foi um evento incomum, porque Jesus e os seus discípulos, muitas vezes não passou por Samaria; preferido atravessaram o rio Jordão e viajar através Perea quando eles foram para a Galiléia, no norte de Judéia, no sul. Jesus fornece parábola adicional sobre amar o seu vizinho fazer o seu herói é um samaritano (Lc 10: 29-37). Vigor. Os judeus tentou insultar Jesus quando eles perguntou: "Não dizemos nós bem que és samaritano, e que tens demônio" (Jo 8:48.). Você pode pretendiesen o primeiro insulto (que Jesus não respondeu) foi o mais humilhante deles. Certamente os samaritanos eram as pessoas que eu menos queria ser judeus incluídos em uma igreja, mas Jesus disse: ".. Sereis minhas testemunhas ... em Samaria"

Finalmente os discípulos tinham para dar testemunho "até os confins da terra." Não havia nenhuma restrição geográfica para a sua comissão. Eles tinham que trazer a mensagem do evangelho a todo o mundo, para todas as nações e todos os tipos de pessoas. Naturalmente, isso não poderia fazê-lo sozinho. Como eles foram virando pessoas, esses convertidos, por sua vez evangelizar os outros. Portanto, a mensagem se espalharia em círculos cada vez mais amplos, ea tarefa será concluída no final.

Portanto, para que a igreja seja fiel ao seu Senhor e trazer alegria ao seu coração, você deve tentar levar o evangelho a todos. Isto inclui as pessoas que, por natureza, é geralmente para agradar. Estende-se a pessoas que são diferentes de nós. E ele vai além da nossa esfera imediata de contatos e influência. Em um sentido verdadeiramente autêntica, evangelismo local, extensão igreja ou plantação de igrejas e missões mundiais são a mesma coisa. A única diferença é o comprimento do seu raio. A igreja deve agir em todas estas áreas. Caso contrário, ele vai se tornar espiritualmente doente, porque ele vai tentar correr de uma forma que nunca foi o Senhor que se destina.

Edificação

A segunda função principal da igreja é a edificação dos crentes. Embora Jesus colocar mais ênfase na evangelização, edificação dos crentes é, logicamente antes. Paulo fala repetidamente de edificação do corpo. Em Efésios 4:12, por exemplo, indica que Deus deu muitos dons para a igreja "para equipar os santos para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo." Os crentes devem crescer em Cristo "quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado por cada articulação com os quais eles se ajudam mutuamente, de acordo com o bom funcionamento de cada parte individual, cresce e desenvolve-se em amor "(v. 16). O potencial para o edifício é o critério pelo qual todas as atividades, incluindo o nosso discurso, deve ser medida: "nenhuma palavra torpe proceder a partir de sua boca, mas apenas o que é bom para edificação necessário, para que dê graça aos ouvintes "(v. 29).

Além disso, na discussão de Paulo sobre certos dons espirituais controversas, ele mencionou a questão do edifício. Ele diz, por exemplo, em 1 Coríntios 14: 4-5: "O que fala em língua edifica a si mesmo; mas o que profetiza edifica a igreja. Desejo a todos falavam em línguas, mas ainda mais para profetizar, porque maior é aquele que profetiza do que aquele que fala em línguas, a não ser que ele intercede para que a igreja receba edificação. "A importância da construção de outros quando exercício presentes controversas mencionado novamente, de forma diferente, nos versículos 12, 17 e 26. A última dessas referências resume o tema. "Deixe tudo ser feito para edificação" Note-se que edifício é edificação mútua por todos os membros da Igreja não apenas pelo corpo do ministro ou pastor.

Existem vários meios pelos quais os membros da igreja devem ser construídas. Um deles é a comunhão. O Novo Testamento fala de *κοινωνία* (Koinonia) literalmente obter ou manter todas as coisas em comum. E, claro, em Atos 5, os membros da igreja primitiva ainda tinham em comum os seus bens materiais. Paulo fala de partilha de experiências mutuamente: "Então, se um membro sofre, todos os membros padecem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele" (1 Cor 12,26). Quando compartilhada, a dor é reduzida e alegria. Temos de encorajar uns aos outros e tentar entender. Os crentes têm de suportar as cargas dos outros (Gal. 6: 2). Às vezes isso pode ser corrigido e censura, mas deve ser feito com cuidado. Jesus estabeleceu um padrão de disciplina em Mateus 18: 15-17. Em casos graves, pode ser necessário remover alguém do grupo, tal como no caso do homem imoral mencionado em 1 Co 5: 1-2. No entanto, o primeiro objectivo da acção disciplinar desse tipo não é para se livrar de um membro que cometeu um erro, mas para conseguir que a pessoa voltar a ter uma vida boa e, portanto, voltar à comunhão com os crentes.

A igreja também constrói seus membros através da educação ou de ensino. Isso faz parte da maior tarefa de discipulado. Um dos mandamentos de Jesus na Grande Comissão é ensinar os convertidos a "obedecer a tudo o que vos tenho ordenado" (Mateus 28:20). Para este fim, um dos dons que Deus dá às igrejas é "pastores e mestres" (Ef. 4:11) para se preparar e treinar pessoas de Deus para o serviço. No entanto, você não precisa sempre dar instrução de um funcionário pastor-professor da congregação, nem precisa ser dada em um grande grupo. Uma imagem bonita desta verdade é vista em Atos 18. Apolo, um judeu treinado e eloquente que tinha vindo ao conhecimento de Jesus, ele estava falando ousadamente na sinagoga em Éfeso. Há Priscila e Áquila o ouviram, então o convidou para a sua casa e "explicou com mais precisão a ele o caminho de Deus" (v. 26). Em seguida, ele continuou seu ministério ainda mais eficaz.

A educação pode assumir muitas formas e ocorrer em muitos níveis. Um operador histórico igreja de usar todos os meios legítimos e toda a tecnologia disponível hoje. A primeira é a educação cristã na igreja local, ou, por exemplo, através da escola de domingo. Para além deste nível, a igreja local trabalha com outras igrejas para realizar aspectos específicos da sua tarefa de instrução. Por exemplo, seminários teológicos e escolas bíblicas são pastores-professores e outros para instruir as pessoas no Word. Esta é uma adaptação do mandato de Paulo a Timóteo: "O que você ouviu falar de mim antes de muitas testemunhas, confie a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros" (2 Tim. 2: 2).

Como a Igreja tem a tarefa de ensinar a verdade de Deus, como revelado pelas Sagradas Escrituras, por implicação é necessário para amadurecer no entendimento de que a revelação. Portanto, a tarefa de bolsa de estudos compete bíblica sobre a igreja. Esta tarefa é realizada por especialistas que são dotados neste domínio. Mas a igreja tem que estudar não só a revelação especial de Deus, mas sua revelação geral e do relacionamento entre os dois. Universidades cristãs são um meio através do qual a Igreja pode cumprir sua responsabilidade de instruir. Academias cristãs e escolas privadas feito o mesmo esforço para um nível menos avançado. E as escolas missionárias, onde alfabetizadas, pessoas estão lendo a mensagem da Bíblia.

A pregação é mais um meio de instrução que a Igreja Cristã tem usado desde o começo. Em 1 Coríntios 14, quando Paulo fala sobre a profecia, provavelmente você está se referindo a pregar. Diz que profetiza é mais valioso do que o falar em línguas, porque constrói ou constrói a igreja: "Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação. O que fala em língua edifica a si mesmo; mas o que profetiza edifica a igreja "(vv. 3-4).

A fim de edificar Deus equipou a igreja com dons diferentes fornecidos e distribuídos pelo Espírito Santo (1 Coríntios 12:11). Como já foi referido anteriormente (p. 891), o Novo Testamento contém quatro listas significativamente diferentes de presentes. Onde quer virtudes como a fé, serviço e generosidade, que, segundo a Bíblia, espera-se que todos os crentes são apresentados como dons especiais do Espírito, parece que o escritor tem em mente dimensões ou graus de tais virtudes extraordinárias ou incomuns. O Espírito Santo em sua sabedoria deu apenas o que é necessário, para que o corpo como um todo pode ser construído e equipado.

Adoração

Outra atividade da igreja é adoração. Enquanto o edifício está focada nas crentes e os beneficia, centros de adoração ao Senhor. A igreja primitiva se reunia para adoração diante, uma prática regular e ordenada recomendado pelo apóstolo Paulo. Sua recomendação aos Coríntios a destinar dinheiro a partir do primeiro dia da semana (1 Cor 16: 2) sugere que se reuniam regularmente para adorar esse dia. O escritor de Hebreus exorta seus leitores a não negligenciar a reunir-se, como era o costume de alguns (Heb. 10:25). Apesar de adorar a Deus enfatiza, também procura beneficiar todos os que fazem isso. Podemos tirar esta conclusão faz advertência de Paulo contra as orações, canções e ação de graças que não são capazes de construir, porque não há ninguém presente para explicar o seu significado para as pessoas que não compreendem (1 Cor 14: 15- 17).

Louvor, adoração e glorificação de Deus eram prática comum no Antigo Testamento, como se vê particularmente no livro de Salmos. Nas imagens do céu no livro de Apocalipse e em outros lugares, o povo de Deus é representado como reconhecendo e declarando sua grandeza. Neste aspecto da sua actividade, a igreja se concentra em quem eo que é Deus, e não a si mesma. É expressar adequadamente a natureza de Deus e não para satisfazer seus próprios sentimentos.

Neste ponto é importante para identificar a localização de várias funções da igreja. Nos tempos bíblicos, a igreja se reuniram para adorar e instrução. Em seguida, ele saiu para evangelizar. No culto, os membros focado em Deus; na instrução e na comunhão, eles se concentraram em si mesmos e os outros cristãos; na evangelização, eles voltaram sua atenção para aqueles que não eram cristãos. Ele é bom para a igreja para manter alguma separação entre essas atividades. Se isto não for feito, poderá ser uma ou mais pontas. Como resultado, a Igreja sofre por causa de todas essas atividades, como os elementos de uma dieta equilibrada são essenciais para a saúde espiritual e bem-estar do corpo. Por exemplo, a adoração de Deus sofre se a reunião do corpo se concentra principalmente na interação entre os cristãos, ou se o culto é dirigido principalmente para evangelizar incrédulos estão presentes. Este não era o patrono da igreja no livro de Atos. Pelo contrário, os crentes se reuniram para louvar a Deus e edificar; em seguida, estender a mão aos perdidos.

Preocupação Social

Entre as várias funções da igreja é de responsabilidade de realizar atos de amor e compaixão, tanto para crentes e não crentes. É claro que Jesus se importava para os necessitados e sofredores. Ele curou os enfermos e até mesmo ressuscitou os mortos na ocasião. Para a igreja para levar a cabo o seu ministério será envolvido em algum tipo de

ministério para os necessitados e sofredores. Jesus espera que esta de crentes é evidente na parábola do Bom Samaritano (Lc. 10: 25-37). Jesus contou esta parábola para o intérprete da lei, a compreensão de que poderia herdar amar a Deus com todo o nosso ser e ao nosso próximo como a nós mesmos, perguntou quem era seu vizinho a vida eterna. Ao responder à pergunta, Jesus também explicou o que significava amar o nosso próximo como a nós mesmos. O Bom Samaritano, embora ele não tinha nada a ver com o assalto ao homem que estava em seu caminho para Jericó, abordou as necessidades da vítima pagando-lhes pessoalmente e suportar os inconvenientes e até mesmo riscos potenciais. Como o amor ao próximo é muito ligada por lei ao amor de Deus e envolve ações como o Bom Samaritano, a igreja cristã deve cuidar dos feridos e necessitados do mundo. Além disso, Jesus sugere, em Mateus 25: 31-46 que um dos sinais pelos quais a cristãos genuínos que fazem profissões vazias de amor são atos que são feitas em nome de Jesus e seguindo o seu exemplo vai ser distinguidos. A preocupação com a órfãos, as viúvas e os imigrantes é característica daqueles que adoram um Deus que mostra tanta preocupação si mesmo (Dt. 10: 17-19).

A ênfase em questões sociais também aparece nas epístolas. Santiago, em particular, coloca grande ênfase no cristianismo prático. Considere, por exemplo, sua definição de religião: "A religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo" (Tiago 1:27.). Fala claramente contra a mostrar favoritismo para os ricos, um mal que estava acontecendo até mesmo dentro da mesma igreja (2: 1-11). Anime verbalmente sentenciar se não for acompanhada pela ação: "Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser:" Ide em paz, ser aquecido e cheio ', mas Você não dar-lhes as coisas que são necessárias para o corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé, se não tiver obras, é morta "(2: 15-17). John é igualmente clara: «Mas quem tiver bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade e fechar o seu coração, como estará nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade "(1 Jo. 3: 17-18). O meio-irmão de Jesus eo discípulo amado tinha aprendido bem o que Jesus queria ensinar, dizendo: "amarás o teu próximo como a ti mesmo."

A preocupação social também envolve a condenar o pecado. Amos e outros profetas do Antigo Testamento falou enfaticamente contra a corrupção mal e de seu tempo. João Batista, por sua vez, ele condenou o pecado de Herodes, o governante de seu tempo, mesmo que isso lhe custou sua liberdade (Lc. 3: 19,20) e fim de vida (Marcos 6: 17-29).

A igreja deve mostrar preocupação e tomar medidas sempre que ele vê que há necessidades, dano ou de que algo não está certo. Haverá diferenças de opinião quanto às estratégias e táticas empregadas. Em alguns casos, a igreja simplesmente vai trabalhar para aliviar a ferida, isto é, para enfrentar as consequências do problema. Em outros, ele vai agir para alterar as circunstâncias que produziram o problema. Haverá momentos em que a igreja agindo coletivamente ser capaz de conseguir que os cristãos a título individual; em outras vezes, será o oposto.

A igreja tem muito a fazer para melhorar. No entanto, às vezes não é capaz de perceber o quanto já foi alcançado. Quantas universidades e hospitais criaram grupos cristãos na Inglaterra e nos Estados Unidos nos últimos anos? Hoje, muitas funções de caridade e educacionais que, uma vez realizados a igreja são realizados pelo Estado e são suportados pelos impostos pagos por cristãos e não-cristãos. Considere também que as necessidades sociais dos países desenvolvidos não são tão graves como eram no passado.

Muitas das igrejas que minimizem a necessidade de regeneração argumentam que os evangélicos não ter participado o suficiente para aliviar as necessidades humanas. No entanto, quando a estrutura de uma cena doméstica é alterado como os EUA é um mundo, o quadro é bem diferente. Para os evangélicos, concentrando seus ministérios da medicina, agricultura e educação em países onde as necessidades são mais graves têm superado os seus homólogos de denominações protestantes liberais no campo de missões

mundiais. Além disso, per capita, os evangélicos se tornaram igrejas mais liberais que e certamente muito mais do que a população em geral.

O coração do ministério da igreja: o Evangelho

É importante agora para observar cuidadosamente fator básico forma que lhe dá tudo o que a igreja faz, o elemento que está no centro de todas as suas funções, ou seja, o evangelho, a boa notícia. No início de seu ministério, Jesus anunciou que ele tinha sido ungido para pregar o evangelho; mais tarde, ele encomendou os apóstolos para continuar a difundir o evangelho.

Jesus confiou aos crentes a boa notícia de que havia caracterizado o seu próprio ensino e pregação desde o início. É significativo que, no livro de Mark, a primeira atividade é coletado de Jesus depois de seu batismo e tentação é a pregação do evangelho na Galiléia: "Depois que João foi preso, Jesus veio para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus . Ele disse: "O tempo está cumprido, eo reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho! ' "(Marcos 1: 14-15). Da mesma forma, Lucas registra que Jesus inaugurou o seu ministério em Nazaré a leitura de Isaías 61: 1-2 e aplicar a profecia para si mesmo: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres ; Enviou-me a curar os quebrantados do coração, a proclamar liberdade aos cativos e vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, a proclamar o ano do Senhor "(Lc. 4: 18-19). E quando João Batista perguntou se Jesus era realmente o único que havia sido profetizado, a resposta de Jesus incluído como prova de que "os pobres têm evangelizados" (Lc. 07:22). Matthew contou o ministério de Jesus como segue: "Então Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo" (Mateus 09:35) . Além do mais, Jesus ligou a fidelidade ao Evangelho em estreita colaboração com o compromisso com ele, "Jesus respondeu, e disse: Em verdade vos digo que ninguém que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do Evangelho, que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições, e no mundo vindouro a vida eterna "(Marcos 10: 29-30). Ele também afirmou que o Evangelho deve ser pregado a todas as nações e ao redor do mundo antes do fim dos tempos (Mt 24:13; Mr 13:10).

A palavra-chave do Antigo Testamento que se refere ao evangelho é a palavra בְּשֵׂרָה (Base de). Tem o sentido geral Um exemplo é encontrado em 1 Reis 1:42, onde Adonias diz Jônatas, filho de Abiatar, o sacerdote "proclamar as boas novas.". "Entre, pois você é um homem digno e trazer boas notícias" David usa o verbo em 2 Samuel 04:10, "Quando eu recebi a notícia de que Saul estava morto, cuidando que trazia boas novas, eu agarrou-o e matou-o em Ziclague, como forma de pagamento para a notícia." Um mensageiro veio de a batalha se acredita ter trazido uma boa notícia (2 Samuel 18:27). Em Jeremias 20:15 a palavra é usada para referir-se a boa notícia do nascimento de uma criança.

Em alguns casos, o verbo בְּשַׂר costumava falar uma mensagem que não é favorável, como em 1 Samuel 04:17, onde um mensageiro anuncia a queda de Israel, a perda da arca, a morte dos filhos de Eli, Hofni e Finéias, uma combinação de má notícia, que resultou na morte de Eli caiu da cadeira para trás e quebrou o pescoço. Em 1 Reis 1:42 e Isaías 52: 7 e 2 Samuel 18:27, o adjetivo טוֹב (Tob, "bom") é usado em conjunto com בְּשֵׂרָה. Consequentemente, alguns estudiosos concluíram que a própria palavra significa simplesmente "entregar uma mensagem". Este é acreditado para ser neutra em termos de se a notícia é positiva ou negativa. Gerhard Friedrich rejeita essa conclusão, pedindo provas de outras línguas semíticas:

Isto não é assim. Em todas as línguas semíticas: acadiano, Etíope, árabe, significa "alegria" está implícita na raiz. O conceito realista da "palavra" nas línguas semitas é demonstrado pelo fato de que ele tem uma raiz social, para declarar que algo é bom, enquanto Latina e línguas modernas não, e grego, adota um meio de formação composto εὐαγγέλιον, εὐαγγελίζομαι. Adicionando עֲוָנִי a AT serviu apenas para fortalecer o que já está presente na raiz

Da mesma forma, os termos-chave do Novo Testamento que se referem ao evangelho εὐαγγελίζομαι (euangelizomai) e εὐαγγέλιον (euangelio) pelo elemento εὐ (UE), invariavelmente, denotam uma boa notícia. Na verdade, Friedrich afirma categoricamente: "εὐαγγέλιον é um termo técnico para" notícia da vitória ".

Foi questionado Jesus usou o termo εὐαγγέλιον (ou mais corretamente, o prazo para o aramaico) falando de si mesmo. Os limites deste trabalho não permitem considerar todos os argumentos que se acumularam sobre este assunto. É suficiente notar que Jesus pensou em si mesmo, não só falando da boa notícia, mas que foi a boa notícia:

A questão realmente decisiva não é saber se o próprio Jesus usou a palavra *euangelion*, mas se uma palavra adequada à substância da mensagem. Não há dúvida de que Jesus considerava sua mensagem do reino vindouro de Deus (Marcos 1:14), que já estava presente na sua palavra e em suas obras, como uma boa notícia ... é mais, ele apareceu não só como o mensageiro e autor da mensagem, mas ao mesmo tempo era o assunto, que falavam a mesma mensagem. Por isso, é bastante lógico que os primeiros cristãos levou o termo *euangelion* para descrever a mensagem de salvação em conexão com a vinda de Jesus.

Friedrich observa que Jesus usou a palavra εὐαγγέλιον si é "uma questão de sua consciência messiânica. Se percebeu que ele era o Filho de Deus teve que morrer e ressuscitar, ele também percebeu que ele próprio era o conteúdo da mensagem ... O que estava com ele era o conteúdo do evangelho ".

Entre os escritores do Novo Testamento, Paulo é a única que faz uso dos termos εὐαγγέλιον e εὐαγγελίζομαι. É significativo que, muitas vezes, usar o nome sem qualquer qualificação; ou seja, não existe um adjetivo, frase ou cláusula que define o que se entende por "o evangelho" (Rm 1:16 ;. 10:16; 11:28; 1Co 4:15; 09:14 [dois vezes]; 9:23; 2 Coríntios 8:18; Gal 2: 5, 14; Filipenses 1: 5, 7, 12, 16, 27; 02:22; 4 :. 3, 15; 1 Tessalonicenses 2. : 4; 2 Timóteo 1: 8; Philemon 13) ... Claramente εὐαγγέλιον teve um significado suficientemente normalizados como para os leitores de Paulo sabia exatamente o que ela queria dizer com a palavra tem dois significados básicos "evangelho". Proclamação ativa e proclamou o conteúdo da mensagem. Os dois sentidos aparecem juntos em 1 Coríntios 9:14: "Então o Senhor ordenou que aqueles que pregam o evangelho [o conteúdo], que vivam do evangelho [o ato de proclamação]."

Parece que quando Paulo usa a palavra εὐαγγέλιον objeto direto de um verbo para indicar falar ou ouvir, tem em mente um determinado conteúdo, um determinado conjunto de fatos. Entre os verbos usados para falar com εὐαγγέλιον são εὐαγγελίζομαι (1 Coríntios 15: 1; 2 Coríntios 11: 7.; Gal 1,11) καταγγέλλω (katangelō, 1 Coríntios 9:14), κηρύσσω (*kerusso*, Gal 2: 2; Cl 1:23; 1 Tessalonicenses 2: 9)..λαλέω (laleo, 1 Ts 2: 2). γινώριζω (gnōrizō, 1 Cor. 15: 1; Ef 6:19), διδάσκω (didasko, Gal 1:12.) e ἀνατίθημι (anatithemi, Gal. 2: 2). O significado de verbos que são usados para ouvir εὐαγγέλιον incluem ἀκούω (akouo, Col. 1:23), προακούω (proakouō, Col. 1: 5), παραλαμβάνω (paralambano, 1 Cor. 15: 1; Gal 1:12) e δέχομαι (dechomai, 2 Coríntios 11: 4).

A questão que se coloca é que, se Paulo e seus leitores acreditavam que o evangelho significava algum conteúdo, qual era o conteúdo? Embora Paul em nenhum momento nos faz uma declaração completa e detalhada dos princípios do evangelho, algumas passagens são indicativos de que ela inclui. Romans um: 3-4 fala do Evangelho "refere-se a seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, que era descendente de Davi segundo a carne, o qual

foi declarado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela sua ressurreição dos mortos "Em 1 Coríntios 15 Paulo lembra seus leitores em que termos tendo anunciado o evangelho (v. 1):" Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e que apareceu a Cefas, e depois pelos doze. Depois apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez ... Depois apareceu a Tiago, então a todos os apóstolos. ... Finalmente a mim "(vv. 3-8). Uma breve referência é encontrada na admoestação de Paulo em 2 Timóteo 2: ". Lembre-se de Jesus Cristo, descendente de David, ressuscitou dos mortos, segundo o meu Evangelho" 8

Em suma: Paulo considerou o evangelho centrada em Jesus Cristo e que Deus havia feito por meio dele. Os pontos essenciais do evangelho é o status de Jesus como Filho de Deus, a sua humanidade genuína, ele morreu por nossos pecados, sepultura, ressurreição e aparições posteriores futuro vinda em julgamento. Pode-se dizer que, para Paulo, Jesus Cristo é o evangelho. Na verdade, o apóstolo usa o termo "evangelho de Cristo" repetidamente (Rm 15:19; 1 .: Gal; 1Co 9:12; 2 Coríntios 2:12; 9:13 10:14. . 7; Filipenses 1:27; 1 Ts 3: 2) .. Friedrich argumenta que não devemos tentar determinar se genitivo objetivo ou subjetivo é usado nestas passagens; devemos entender a Cristo como o objeto eo autor desta mensagem. Paul considera as verdades essenciais da mensagem do evangelho como a realização das promessas do Antigo Testamento (Rm 1: 1-4; 16: 25-26 .; 1 Coríntios 15: 1-4). Mesmo o fato de julgamento por vir é uma boa notícia para o crente (Rom. 2:16), pois Cristo é o agente do julgamento. Para o crente, o resultado do julgamento é vindicação, não condenação.

Observe que a que Paulo se opõe ou rejeita é outra maneira de determinar algum dos elementos básicos do evangelho. A razão que ele escreveu sua carta aos Gálatas havia separado foi por causa do que ele havia pregado e que acreditava que em e se dirigiu para uma espécie de evangelho que foi realmente o evangelho em absoluto (Gálatas 1: 6. - 9). Alguns dos Gálatas passou a acreditar que a justiça, pelo menos, um diploma do mesmo, poderia ser obtido por meio de obras. Enquanto isso, o verdadeiro evangelho, argumenta Paul, categoricamente afirma que um é justificado pela fé na obra da graça de Jesus Cristo em sua morte e ressurreição.

Apesar de tudo o que disse até agora, não devemos pensar do evangelho como um mero recital de verdades teológicas e eventos históricos. Em vez disso, essas verdades e eventos relacionados com a situação de cada crente individual. Portanto, Jesus morreu "por nossos pecados" (1 Coríntios 15: 3). A ressurreição de Jesus não é um evento isolado; É o início da ressurreição geral de todos os crentes (1 Coríntios 15:20 em conjunto com Ro. 1: 3-4). Além disso, o futuro julgamento afeta a todos nós. Todos serão julgados de acordo com nossa atitude pessoal em relação ao evangelho e nossa resposta a ele: "Como labareda de tomada fogo vingança dos que não conhecem a Deus e não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Tessalonicenses 1: 8.).

Para Paulo, o evangelho é essencial. Declara a Igreja de Roma que o Evangelho "é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Rom. 1:16). Ele lembra aos Coríntios que "por que também, se retiverdes a palavra que eu preguei, são salvos, se você acredita em vão" (1 Coríntios 15: 2). Aos Efésios, ele explica: "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e creram nele, foram selados com o Espírito Santo da promessa" (Efésios 1:13.). É o meio pelo qual a vida é obtidos. Ele escreve a Timóteo que a graça de Deus "agora tem sido revelado pelo aparecimento de nosso Salvador Jesus Cristo, o qual aboliu a morte e trouxe à luz a vida ea imortalidade por meio do evangelho" (2 Tim. 1:10). O evangelho traz paz e esperança para aqueles que acreditam. Assim, Paulo fala do "evangelho da paz" (Ef. 6:15) e "a esperança do evangelho que ouvistes" (Col. 1:23).

Convencidos de que somente o evangelho pode trazer salvação e todas as bênçãos adicionais, Paulo insiste que o evangelho é absoluto e exclusivo. Você não deve adicionar

ou remover qualquer coisa, há uma rota alternativa para a salvação. Nós já aludido no caso de certos judaizantes chegaram a Galácia após Paulo pregou lá. Tentando melhorar o evangelho, que insistiu que os gentios convertidos se submeter à circuncisão, um rito que a lei do Velho Testamento exigido para cumprir os seguidores do judaísmo. Paul vigorosamente oposição a isso, uma vez que qualquer dependência dessas obras foi uma perda parcial da confiança na eficácia de graça. Ele lembrou aos gálatas que aqueles que contou com a lei tinha de cumprir em todos os aspectos e que eles estavam condenados ao fracasso (Gal. 3:10). Os crentes que têm vindo a crer no evangelho diferente tê-lo abandonado que os chamou (1: 6). Paul se opõe tão categoricamente qualquer esforço que envolve alterar a mensagem do Evangelho afirmando: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que vos temos pregado, seja anátema" (v. 8). Reitera esse pensamento no verso seguinte: "Como já dissemos antes, então agora eu digo novamente:" Se alguém vos anunciar outro evangelho que recebestes, seja anátema "(v. 9). (Em grego, a palavra da primeira frase é do subjuntivo, apontando para uma situação hipotética, enquanto o segundo está no alvo, apontando para uma situação real). Certamente Paulo iria insistir muito em algo somente se considerados importantes.

Sabendo que o evangelho é o único caminho para a salvação, Paul está determinado a defendê-la. Escrever aos Filipenses sobre a "defesa e confirmação do evangelho" (Filipenses 1: 7.). Aqueles que pregam a Cristo por amor saber que Paulo estava na prisão por defender o evangelho (v. 16). Em ambos os casos, a palavra grega é ἀπολογία (apologia), um termo legal que significa que o caso de alguém que foi levado a julgamento. Paul estava preparado para dar um argumento fundamentado o evangelho. Vale ressaltar que em sua carta à igreja em Filipos, Paulo fala em defesa do evangelho. É provável que o carcereiro que respondeu a sua apresentação do evangelho e Paul se tornou uma nova pessoa (At. 16: 25-34) foi um membro dessa igreja. Tendo testemunhado na mesma cidade do terremoto de El Salvador demonstrou o poder de Deus, Paulo poderia nunca ter abandonado o evangelho? No entanto, algumas pessoas afirmam que o evangelho não precisa de defesa que se defende. No entanto, este raciocínio vai contra o padrão de ação do próprio Paulo, por exemplo, ao falar no Areópago (At. 17: 16-34). A objeção a uma abordagem apologética é um mal-entendido de como Deus, ao não reconhecer que a leve a fé no Espírito Santo usa a mente ea razão humana.

Não devemos caracterizar a atividade de Paul simplesmente como uma defesa do evangelho. Ele também tinha ofensiva. Ele estava disposto a anunciar a boa nova a todas as nações. Ele queria ser estabelecido em todos os lugares. Ele queria pregar aos Romanos (Rom. 1:15). Ele sentiu-se compelido a esta missão como: "Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!" (1 Cor 9,16).

Este evangelho não só passa por todas as barreiras raciais, sociais, econômicos e educacionais (Ro 1:16; .. Gal 3,28), também se estende ao longo dos séculos. Uma mensagem não-envelhecimento (Jud. 3) é a herança sagrada da igreja de hoje. Numa época em que a maioria das idéias e sistemas de pensamento, bem como técnicas e produtos são descartáveis, a igreja tem um apelo infalível e duradouro, uma mensagem que é o único meio de salvação. A igreja pode mostrar a mesma confiança no evangelho que Paulo tinha, porque continua a ser o mesmo evangelho; o tempo não corroeu a sua eficácia.

A igreja tem uma boa notícia para oferecer ao mundo, a notícia de que, como já mencionado acima, eles oferecem esperança. A este respeito a mensagem e ministério da igreja são especiais. Porque em nosso mundo de hoje, há pouca esperança. Claro que, em diferentes graus, tem sido sempre a falta de esperança. Sófocles, na idade de ouro da Grécia cinco séculos antes de Cristo, escreveu: "Não ter nascido em tudo, este é definitivamente o melhor da sorte. É o segundo melhor no nascimento e na velocidade máxima de volta para onde se procede. "No entanto, no século XXI, DESESPERO ATINGIU NOVAS PROPORÇÕES. O existencialismo tem produzido obras literárias,

tais como *portas fechadas* de Jean Paul Sartre e "O Mito de Sísifo", de Albert Camus. Nos jornais há pouco notícias encorajadoras, quer socialmente, economicamente ou politicamente. Em *Herzog* Saul Bellow ele capturou bem o espírito de toda a nossa época: "Mas o que é a filosofia de toda esta geração? Não que Deus está morto, que o tempo passou há muito tempo. Talvez eu deveria estabelecer que a morte é Deus. Esta geração acredita - e este é o pensamento de pensamentos - que nada fiel, vulnerável, frágil pode durar ou ter poder real. Morte aguarda essas coisas como um piso de concreto esperando a queda de uma lâmpada "Pelo contrário, a igreja diz Peter." Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Por sua grande misericórdia, nos regenerou uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos "(1 Pedro 1: 3). Há esperança, e cumpriu quando acreditamos e obedecemos ao evangelho.

O evangelho oferece suas bênçãos de paz, alegria e satisfação ao contrário do que esperamos. (. Não é de estranhar, uma vez que Jesus não era o tipo de Messias que seus contemporâneos esperado) Nós não obter os benefícios do evangelho procurando por eles diretamente, porque Jesus disse: "Quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; e quem perder a sua vida por minha causa e do evangelho, esse a salvará "(Marcos 8:35). Somente a paz, a alegria ea satisfação quando damos a nossa vontade, a nossa ganância, orgulho, surgir. O mesmo é verdadeiro de auto-estima. Aqueles que procuram reforçar a sua auto-estima falhar diretamente. Para a autêntica auto-estima é um subproduto que vem para exaltar e amar a Deus.

À medida que o evangelho tem sido, é e sempre será o único caminho para a salvação, ea única maneira, a igreja deve manter o evangelho a todo o custo. Quando o evangelho é alterado, a vitalidade da igreja está perdido. A igreja morre. Kenneth Scott Latourette diz o que aconteceu quando o racionalismo corroído partes da mensagem do evangelho, e, em particular, a pessoa de Cristo:

Essas formas [da igreja] que adaptou para o ambiente sacrificado essa identidade sem tempo ou lugar tornou-se extinto com a morte do tempo, da sociedade e do clima da opinião que tinha sido ajustado. A peça central do carácter distintivo de Jesus, a fidelidade ao seu nascimento, sua vida, ensinamentos, morte e ressurreição como eventos dentro da história, e cremos que Deus opera através dele para revelar a si mesmo e ao redenção da humanidade tem-se revelado essencial para a continuidade da vida.

A verdade das observações de Latourette tem sido evidente no cristianismo do século xx. Os grupos na primeira metade do século abandonado o evangelho da regeneração sobrenatural através da fé em Cristo expiatório sobrenatural e não teve êxito. Na verdade, eles entraram em declínio como o impulso espiritual se afastou deles. Os grupos evangélicos conservadores, por outro lado, têm crescido. Esses grupos continuaram a pregação do evangelho que Paulo pregou, eles ofereceram uma alternativa genuína para um mundo secular ou incrédulos, eles têm sido capazes de ganhar os não-cristãos. Este fenômeno tem sido estudado em livros como Dean Kelly *por que as igrejas conservadoras estão crescendo* (por que as igrejas conservadoras crescem). O evangelho continua a ser o poder de Deus para salvar todo aquele que crê, como era no primeiro século.

O caráter da igreja

Não devemos limitar nosso estudo do papel da igreja de uma investigação sobre o que faz a Igreja, isto é, as suas funções. A atitude ou disposição com que a Igreja exerce as suas funções é também uma questão de extrema importância. Como a igreja é, em sua existência, o corpo de Cristo e leva o seu nome, ele deve ser caracterizada pelos atributos que Cristo disse durante sua encarnação física na Terra. Dois destes atributos são cruciais para a igreja a funcionar neste mundo muda tão rápido quanto hoje: o desejo de servir e adaptabilidade.

Eu desejo de servir

Jesus declarou que o seu propósito em vir não era para ser servido, mas para servir (20:28 Mateus). Para encarnar tomou para si a forma de servo (Filipenses 2: 7.). "Mas, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se e tornou-se obediente até à morte e morte de cruz" (v. 8). A Igreja deve mostrar a mesma disposição de servir. Ele foi colocado no mundo para servir o seu Senhor e ao mundo, não para ser exaltado e que as suas necessidades e desejos são atendidos. Embora a igreja pode atingir um tamanho grande, riqueza e prestígio, que não é o seu propósito.

Jesus não foi associada com as pessoas para que pudessem fazer por ele. Se tivesse, eu nunca teria ido para Zaqueu, nem teria iniciado uma conversa com a mulher samaritana, ele não teria permitido que a mulher pecadora lavar seus pés na casa de Simão, o fariseu. Estes agiria como um gerente de campanha moderno ou especialista de relações públicas desaprovam certamente não seria útil porque Jesus ganhar prestígio e publicidade favorável. Mas Jesus não estava interessado em explorar as pessoas. Da mesma forma, hoje a Igreja não determinará a sua actividade com base no que vai prosperar e crescer. Em vez disso, ele tenta seguir o exemplo de serviço do Senhor. Ele estará pronto para ir para o indesejável e indefesos, aqueles que não fazem nada para mudar a igreja. Um verdadeiro representante da igreja está disposto a dar sua vida, se necessário, por seu ministério.

A disposição de servir significa que a igreja não vai tentar dominar a sociedade para os seus fins. A questão da relação entre a Igreja eo Estado teve uma história longa e complexa. As Escrituras nos dizem que o estado, como a igreja é uma instituição criada por Deus para um propósito específico (Romanos 13: 1-7; 1 Ped. 2: 13-17). Eles desenvolveram e aplicaram diversos modelos de relações Igreja-Estado. Alguns destes modelos que envolvem uma aliança tão íntima entre o poder estatal quase forçado a pertencer à igreja e de participar de certas práticas religiosas. Mas, nesses casos, a igreja estava agindo como um mestre e não um servo. Ele estava perseguindo a meta certa, mas de forma errada (como teria acontecido se Jesus tivesse sucumbido à tentação de cair e adoração a Satanás em troca de todos os reinos do mundo). Isso não significa que a Igreja não deve receber os benefícios que o Estado oferece para todos dentro de seu escopo, e que a igreja não deve ir para o estado de tópicos que têm de passar algum tipo de legislação. Mas não precisa tentar usar força política para forçar a realização de fins espirituais.

Adaptabilidade

A igreja também deve ser versátil e flexível para se ajustar a sua metodologia e os procedimentos em situações de mudança que ocorrem no mundo em que ele está localizado. Você deve ir onde as pessoas em necessidade, mesmo que isso signifique uma mudança geográfica ou cultural. Não deve ser ancorada nas antigas formas de trabalho. À medida que o mundo em que você está tentando mudanças ministro, a igreja terá de adaptar seu ministério de acordo com ele, mas sem alterar a sua orientação básica.

Quando a igreja está adaptado, que está emulando o Senhor, que não hesitou em vir à Terra para redimir a humanidade. Ao fazer isso, a comissão aprovou as condições da raça humana (Fp 2: 5-8.). Da mesma forma, o corpo de Cristo manter a mensagem básica que lhe foi confiada, e continuar a cumprir as funções principais de seu trabalho, mas fazer cada alterações legítimas necessárias para realizar os fins do seu Senhor. A igreja estereotipada - uma congregação rural liderada por um ministro e composto por um grupo de famílias nucleares se reúnem às onze horas no domingo, em um pequeno edifício branco com torre sineira - ainda existe em alguns lugares. Mas é a exceção. As circunstâncias são agora muito diferente na maior parte do mundo inteiro. No entanto, se a igreja tem um sentido de missão como seu Senhor, eles vão encontrar maneiras de alcançar as pessoas onde quer que estejam.

52. O governo da igreja

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e avaliar a forma episcopal de governo da igreja.
- Identificar e avaliar a forma Presbiteriana de governo da igreja.
- Identificar e avaliar a forma congregacional de governo da igreja.
- Reconhecer e avaliar forma não-governamental da igreja, que tem a menor estrutura possível.
- Design de um governo da igreja com base nas Escrituras, que incorpora os melhores elementos das formas de governo da igreja acima mencionados.

Resumo do capítulo

Como a igreja tem evoluído têm aparecido diferentes formas de governo. As quatro formas básicas são: o Episcopal, Presbiteriana, Congregacional e não-governamentais. Embora o Episcopal e Presbiteriana segurando posições de autoridade dentro de sua estrutura, estes são diferentes do número de pessoas que fazem o mesmo trabalho. Em uma igreja congregacional, a congregação é a autoridade governante. Em uma igreja não-governamental que diz que a forma de governo é a autoridade do Espírito Santo. Dado que a maioria das democracias nacionais são formas representativas de democracia, modelos de governança Presbiteriana e Congregacional parecem funcionar melhor e com mais eficiência na igreja local.

Questões de estudo

1. Quão importante é a posição do bispo, sob a forma Episcopal do governo, e como ele foi formado na Igreja Católica Romana?
2. O apoio pode ser encontrado nas Escrituras para a política da Igreja Presbiteriana?
3. Como um congregacional igrejas com outras relacionadas?
4. Por que o Quakers e as Assembléias de irmãos escolhida para minimizar a estrutura de suas igrejas?
5. Como você responderia se uma nova congregação que ele pediu conselhos sobre a forma de governo da igreja deve escolher?

Formas de governo da igreja

Episcopal

Presbiteriano

Congregacional

Nenhum governo

Construir um sistema de governo da igreja para hoje

O movimento ecumênico levantou a questão da organização ou igreja governo com particular clareza no século XX. A estreita comunhão e cooperação requerem alguma autoridade. Se, por exemplo, um ministro que pertence a uma denominação vai pregar e oficiar a Ceia do Senhor em outro, deve haver algum acordo sobre quem é um ministro ordenado corretamente, que por sua vez deveria chegar a acordo sobre quem tem o poder de ordem. A questão do governo da igreja é em última instância uma questão de saber se a autoridade reside na igreja e que deve exercê-la. Embora os defensores de diferentes

formas de governo da igreja concordam que Deus é (ou tem) a autoridade final, eles diferem em seus conceitos de como ou por quem expressa ou exercício.

Formas de governo da igreja

Ao longo da história tem havido várias formas básicas de governo da igreja. Nosso estudo começará com mais estruturada e acabar com menos. Depois de analisar cuidadosamente estas formas básicas, tentamos determinar se um é mais adequado do que outros.

Episcopal

Sob a forma de governo da igreja episcopal, a autoridade reside na bispo (ἐπίσκοπος - episcopos). Existem vários graus de episcopado, ou seja, o número varia níveis bispos. A forma mais simples de governo episcopal é encontrada na Igreja Metodista, que tem apenas um nível de bispos. Um pouco mais desenvolvido é a estrutura governamental da Igreja Anglicana ou Episcopal, enquanto a Igreja Católica Romana é o único com o sistema hierárquico mais complexo com autoridade exibido em uma maneira especial no sumo pontífice, o bispo de Roma, o papa. A principal característica do sistema episcopal é que a autoridade é definida como um escritório particular, que é o bispo.

Inerente à estrutura episcopal é a idéia dos diferentes níveis de ministério ou diferentes graus de gestão. O primeiro nível é o ministro normal ou sacerdote. Em algumas igrejas existem medidas ou divisões dentro deste primeiro nível, por exemplo, diácono e presbítero. O sacerdote a este nível está autorizado a executar todas as tarefas associadas ministério de base, ou seja, pregar e administrar sacramentos. No entanto, além desse nível, um segundo nível de organização faz com que o bispo individual e dá alguns poderes especiais.

O bispo é a chave para o funcionamento do governo da igreja. Alguns poderiam até mesmo dizer ao bispado é a própria essência da igreja, a igreja não pode existir sem ele. Na verdade, alguns diriam mesmo que o bispo é a igreja. Entre aqueles que dizem que o bispo é necessário para a igreja há católicos romanos e anglo-católicos (ou anglicanos da alta igreja). Outros, como a igreja baixa anglicanos, consulte o sistema de bispos como formas de governo da Igreja com base nas Escrituras. No entanto, o bispado considerado como o melhor sistema para a obra do reino. É desejável e talvez mesmo necessário para o bem-estar e não para a existência da igreja. Portanto, os poderes do bispo são significativos, embora não absoluta. Finalmente, há igrejas que detêm o cargo de bispo, mas com poderes muito reduzidos. Ao longo da história da Igreja Metodista, por exemplo, a quantidade de energia concedida aos bispos mudou.⁴

O papel dos bispos é exercer o poder com o qual eles foram investidos. Sua autoridade transcende os ministros ordinários. Em particular, como representantes de Deus e pastores governar e cuidado por um grupo de igrejas ao invés de lidar apenas com uma congregação local.

Uma fonte particular do bispo é a ordenação de ministros ou sacerdotes. Para colocar as mãos sobre o candidato para a ordenação, o bispo confere as competências de que estão ligados ao ministério do candidato. O bispo também tem autoridade para colocar o pastor na posição que você deseja. Em teoria, é um poder absoluto para enviar o pastor de uma paróquia em particular. No entanto, na prática, o bispado nos últimos anos foi democratizado o suficiente, o bispo ou seus representantes frequentemente consultar a congregação local sobre seus desejos e às vezes até mesmo permitir a congregação de tomar a iniciativa suficiente na matéria. Isso é muitas vezes mais característico da Metodista Igreja Católica Romana. O bispo também tem a responsabilidade de manter a verdadeira fé ea ordem apropriada dentro de uma área geográfica para exercer disciplina.

Visto como o principal canal através do qual Deus manifesta a Sua autoridade sobre a terra, os bispos no passado tiveram amplas responsabilidades em assuntos

temporais. Em algumas formas de bispado, eles são considerados os príncipes da igreja ou até mesmo, como já sugerimos, a própria igreja. Algumas denominações acreditam que os bispos como sucessores dos apóstolos. Através da imposição de mãos na cerimônia de ordenação, a autoridade dos apóstolos foi transmitida através da história até os bispos de hoje. Esta teoria é conhecida como teoria da sucessão apostólica, os bispos modernos têm a autoridade que eles tinham os apóstolos, porque eles tinham transformado em Cristo.

Neste esquema, há pouca distinção entre o visível e a invisível igreja. Os bispos definiram a igreja. Eles não são eleitos a partir de baixo, mas a partir de cima. Um bispo é um bispo, porque ele foi escolhido por alguém que está em um nível superior (como um arcebispo) ou por outros bispos. Nos casos em que as pessoas têm de guiar ou dirigir a igreja são eleitos por pessoas de um nível inferior, é questionável se existe realmente um bispado, mesmo que ele é chamado assim.

A forma mais desenvolvida do governo episcopal é encontrada na Igreja Católica Romana. Aqui, o bispo de Roma emergiu como o bispo supremo e se torna papa conhecida ou pai de toda a igreja. Regido pelos arcebispos que supervisionam grandes áreas. Abaixo deles estão os bispos, aos sacerdotes, que são responsáveis.

Até o Concílio Vaticano I (1869-1870), considerado que o papa tinha autoridade suprema, mas apenas quando agindo em conjunto com os outros bispos. No entanto, o conselho decidiu que era supremo e praticamente própria autoridade ilimitada. Porque o Vaticano declarou que quando o papa fala *ex cathedra* (em sua capacidade oficial) sobre questões de fé e prática é infalível. No entanto, a natureza exata de sua autoridade nunca totalmente definido, porque imediatamente após a decisão foi tomada, quebrou a Guerra Franco-Prussiana e do conselho teve que ser interrompido antes que eles possam desenvolver o tema da infalibilidade. Em certo sentido, do Concílio Vaticano II (1962-65) foi uma tentativa de retomar e completar o que não foi feito no Vaticano I.

Há uma diferença considerável de opinião sobre quando o Papa está falando *ex cathedra*, e quantas dessas afirmações tem sido na história da igreja. Papa normalmente não preceder um decreto declarando: "Eu vou fazer um pronunciamento *ex cathedra*". Ao ser líderes cuidadosos e sábios, os papas têm sido cautelosos de identificar as suas declarações oficiais como *ex cathedra*, e que uma vez feita tais decisões são finais e inalteráveis.

Na prática, o papa exerce a sua autoridade sobre os bispos. Embora possam agir de forma independente, o fato é que eles receberam seus poderes dele. Ele é a fonte absoluta e final de autoridade dentro da igreja. A autoridade emerge acima e fluindo para baixo. No entanto, há uma limitação na arte e poder do papa. Você não pode nomear um sucessor; o novo papa é eleito pelo Colégio dos Cardeais. No entanto, é o papa que designou estes cardeais, e novas papas são eleitos entre eles. Então, o que os pais fazem, em certo sentido, participam na determinação de quem serão os seus sucessores.

Houve vários argumentos em apoio da forma episcopal de governo. O argumento geralmente começa com uma declaração de que Cristo é o fundador da igreja. É fornecida uma estrutura governamental com autoridade. Para imediatamente após afirmar que todo o poder no céu e terra era deles (Mt. 28:18), enviado para os onze apóstolos com que autoridade (vv 19-20; Atos 1: 8 ..). Tanto quanto sabemos, os apóstolos eram os únicos líderes que Jesus nomeados. Pode-se concluir que eles eram as únicas pessoas no Novo Testamento habilitados a exercer vigilância ou autoridade eclesiástica (ἐξουσία - exousia). No entanto, encontramos evidências de que começar a delegar autoridade a outros, são dignos de nota Timóteo e Tito. É também claro que os apóstolos *nomeados* anciãos ou líderes nas igrejas locais. Quando Paulo e Barnabé viajaram através da Galácia, fortalecendo e incentivando as igrejas que haviam previamente estabelecidos "anciãos em cada igreja, e depois de oração e jejum, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido" (Atos 14:23). . Mesmo que ele não é claro que o processo de seleção acontecem como os próprios apóstolos foram os que fizeram o ato de

ordenação. Quando a igreja de Jerusalém escolheu sete homens "de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria" para ajudar no trabalho, "Esses eles apresentaram ante os apóstolos, que oraram e impuseram as mãos sobre eles" (At. 6: 3, 6).

Um segundo argumento é a posição ocupada por Tiago na igreja de Jerusalém. Sua autoridade foi semelhante ao que viria a bispos. Isto é porque o precedente o sistema episcopal.

Finalmente, há o argumento histórico de que há uma linha direta de sucessão entre agora e os bispos dos apóstolos. Ele sustenta que através do processo de gestão da autoridade dos apóstolos passou aos bispos de hoje.

Existem também várias objeções à forma episcopal de governo. Uma delas é que o sistema é muito formalizada. Ele tende a dar mais peso às posições que as pessoas que os ocupam. No Novo Testamento, a autoridade foi concedida somente para aqueles que demonstraram uma sã doutrina e foram qualificados espiritualmente. Paulo advertiu os coríntios sobre algumas pessoas que diziam agir com a mesma autoridade que ele: ". Pois os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, disfarçando-se em apóstolos de Cristo" (2 Cor 11:13). Paul também advertiu os gálatas contra os falsos mestres, pronunciando anátema sobre ninguém, nem mesmo os anjos do céu vos pregue algo diferente do que ele havia pregado (Gl. 1: 8-9). O que uma pessoa pensa, ele faz e diz é muito mais importante do que qualquer posição que você pode manter. Na verdade, este último deve ser determinado por o primeiro e não no primeiro para o último.

A teoria da sucessão apostólica também são excluídos. A narrativa histórica tanto é um pouco frouxa e ambígua. Também não expressa nenhuma evidência de que alguém tinha o poder de ordenar, embora haja várias pessoas que impuseram as mãos um do outro. Também não existe qualquer descrição nas Escrituras em qualquer governo altamente desenvolvida, ou qualquer história que fala sobre um mandamento para preservar ou perpetuar uma forma particular de governo. Além disso, há pouca evidência de qualquer diferença de autoridade entre os bispos e presbíteros. Tal como Atos 6: 6 fala dos apóstolos impuseram as mãos aos sete anos em Jerusalém, Timothy recebeu seu presente quando os anciãos impuseram as mãos sobre ele (1 Tm 4:14.). Dados bíblicos aqui simplesmente não são tão claras ou inequívoca quanto gostaríamos.

Além disso, os defensores da forma de governo da igreja episcopal prestar atenção insuficiente para o exercício direto da soberania de Cristo sobre a igreja. Ele colocou Paul sem qualquer intermediário;não havia nenhum outro apóstolo envolvido. Paul servido muito desse argumento para justificar seu apostolado (Gal. 1: 15-17). Então, se Paulo recebeu seu escritório diretamente de Deus, não você também pode receber outra? Em outras palavras, pelo menos neste caso, a autoridade apostólica não parece vir de uma autoridade apostólica anterior.

Presbiteriano

O sistema Presbiteriana de governo coloca a principal autoridade em um determinado trabalho também, mas colocar menos ênfase na habilidade do indivíduo e que exerça em um número de órgãos representativos em autoridade. A pessoa-chave na estrutura Presbyterian é o sacerdote ou ancião, uma posição que tem o seu contexto na sinagoga judaica. No Antigo Testamento, os anciãos eram pessoas que tinham funções e capacidades do governo e de gestão. Eles exercia autoridade por causa de sua idade e experiência. Encontramos também anciãos nas igrejas do Novo Testamento. Em Atos 11:30 lemos que os anciãos da congregação de Jerusalém, os irmãos em Antioquia enviou alívio para os crentes em Jerusalém, já notamos que Paulo e Barnabé eleger anciãos "enviar aos anciãos por Barnabé e Saulo." em cada igreja (At. 14:23). Paulo chamou os anciãos de Éfeso e Mileto e se dirigiu a eles (At. 20:17). Epístolas Pastorais também fazer menção dos anciãos. Alguns proponentes da forma Presbiteriana de governo sustentam que os termos *ancião* e *bispo* são intercambiáveis, e, portanto, os

termo ἐπίσκοπος (episkopos) em passagens como 1 Timóteo 3: 1-2 e Tito 1: 7 é para ser entendido que Ele se refere aos idosos. No entanto, deve notar-se que o sacerdote prazo (πρεσβύτερος - *presbuteros*) *geralmente aparece no plural, sugerindo que a autoridade dos anciãos é coletivo e não individual.*

Parece que no Novo Testamento vezes as pessoas escolhem seus velhos, homens a quem ele considera particularmente qualificado para conduzir a igreja. Esta prática parece ser consistente com a sua maneira de ocupar outras posições. Toda a congregação eleito candidatos Barsabás e Matias para substituir Judas entre os apóstolos, a escolha final foi feita por sorteio (Atos 1: 23-26.). O grupo pediu a Deus orando utilizasse os lotes da tração para revelar que o homem que ele tinha escolhido era. Da mesma forma, todo o corpo de crentes em Jerusalém escolheu sete homens ", cheios do Espírito Santo e de sabedoria" para ajudar os apóstolos (Atos 6: 3). A este respeito, o procedimento do Novo Testamento era bem diferente da seleção de anciãos da sinagoga, que era basicamente uma questão de quem era o mais velho.

A seleção dos idosos para liderar a igreja, as pessoas sabiam confirmar a partir de um ato externo, o que o Senhor tinha feito. A igreja foi parte de Cristo exercer o poder ou autoridade que ele tinha delegado-lo. Deus escolhe os seus líderes da igreja afirmou em vários lugares no Novo Testamento. Em Atos 20:28 Paulo exorta os anciãos de Éfeso: "Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos [ἐπισκοποι] para alimentar a igreja de Deus, que ele adquiriu . Seu próprio sangue ", escreve aos Coríntios:" E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro mestres, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, que de línguas "(1 Co 00:28). Nós assumimos que os escritórios do bispo e presbítero estão implícitos nesta lista. Outras indicações de que Deus escolhe aqueles que realizam negócios em sua igreja são Mateus 16:19; João 20: 22-23 e Efésios 4: 11-12.

Você tem que entender que a autoridade de Cristo foi dispensada aos crentes individuais e eles delegada aos anciãos que os representam. Uma vez eleitos, os anciãos agir de acordo com ou em vez de crentes individuais. Portanto, é ao nível dos idosos que realmente funciona autoridade divina dentro da igreja.

Esta autoridade é exercida em uma série de reuniões do governo. A nível local igreja, o (Presbiteriana) sessão ou a sessão (alterada) ¹⁹ é a tomada de decisão em grupo. Todas as igrejas de uma área são regidas pelo Presbitério (Presbiteriana) ou classis (conforme alterada), que é formado por um homem velho nenhum ministro e um ministro de cada sessão (alterada) ou por um velho nenhum ministro de cada sessão e todos os ministros área (Presbiteriana). O próximo grupo é o Sínodo, composto por igual número de presbíteros e ministros não há clero escolhidos por cada presbitério ou classis. No seu mais alto nível, a Igreja Presbiteriana também tem uma Assembléia Geral composta novamente por não ministros e clérigos representando presbitérios. Note-se que no processo deixa de sínodos; não escolher representantes para a Assembleia Geral. As decisões são tomadas pelo órgão regulador em cada nível. Estas decisões estão sujeitas à aprovação e revisão do nível superior seguinte. Este processo não é tanto para produzir ou legislar a ação como tal, particularmente em contextos conservadores, interpretar e aplicar os ensinamentos explícitos de Cristo e da orientação da Igreja.

As prerrogativas de cada um dos órgãos sociais são explicados na Constituição da denominação. Por exemplo, a sessão de cada igreja local escolhe o seu pastor. No entanto, o presbitério deve confirmar esta escolha. O presbitério também detém a escritura para a propriedade usada pela congregação local, ainda que esta política está a ser modificada de alguma forma por alguns processos judiciais recentes. Nenhum grupo tem autoridade sobre os grupos do mesmo nível. Por exemplo, não presbitério tem autoridade sobre outra presbitério. No entanto, o desempenho pode ser pedido de um sínodo quando dois presbitérios em disputa pertencerem ao mesmo Sínodo; se você não puder, pergunte para

a ação da Assembleia Geral. Da mesma forma, uma sessão que não está de acordo com a outra dentro do mesmo presbitério pode apresentar seu caso perante o presbitério.

O sistema Presbiteriana difere do episcopal que nenhum nível do clero. Só o velho homem que ensinou ou pastor. Há níveis mais altos, como o bispo. Claro, certas pessoas são eleitas para cargos administrativos no interior das líderes montagens. Eles são escolhidos (abaixo) para presidir ou supervisionar, e geralmente têm um grau como um oficial administrativo do presbitério. Não há bispos, já que não há regime especial de tal escritório. Nenhuma autoridade especial ligados ao comércio. O único poder que essas pessoas têm um poder executivo para executar as decisões do grupo que os elegeu. Portanto, a autoridade pertence ao corpo eleitor, e não o escritório ou ocupá-la. Além disso, existe um tempo de vida limitado, de modo que a ocupação da posição depende da intenção continuada e a vontade do corpo.

No sistema Presbiteriana, há uma coordenação deliberada entre clérigos e leigos. Os dois grupos estão incluídos em todas as reuniões do governo. Nenhum tem poderes ou direitos que o outro carece especiais. No entanto, uma distinção entre os líderes mais velhos (leigos) e anciãos que ensinam (clérigos) é feita. Esta distinção não foi tão claro nos tempos bíblicos. Porque enquanto a maioria da educação (trabalho de escritório) foi feito pelos apóstolos, profetas e evangelistas, alguns líderes mais velhos fizeram, como afirmado em 1 Timóteo 5:17, "Os anciãos que governam bem Eles são contados dignos de dupla honra, especialmente os que labutam na pregação e no ensino." Embora este versículo indica que os líderes idosos envolvidos na educação, também sugere que alguma especialização já está produzindo. Como os apóstolos tinham sido gradualmente desaparecendo de cena e foram surgindo interpretações heréticas, cresceu a necessidade de ensinamento autorizado. Portanto, verificou-se que o cargo de ancião ensinou. Algumas pessoas foram libertadas de outras atividades para que eles pudessem dar total atenção e energia para a correta interpretação e ensinar o significado da palavra.

Os defensores da forma Presbiteriana de governo de igreja fez uma forte defesa dessa forma de governo. Seu argumento começa com a observação de que a sinagoga judaica foi dirigido por um grupo de anciãos e da igreja cristã, pelo menos no início, trabalhou dentro da sinagoga. Ele evangelizou as pessoas de lá e, obviamente, as suas assembleias organizadas de forma semelhante. Aparentemente, havia algum tipo de conselho de administração ou comitê. Paulo exorta os Tessalonicenses: "Nós vos rogamos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós e os que vos no Senhor e vos admoestam" (1 Tessalonicenses 5:12.). O escritor de Hebreus exorta seus leitores: "Obedeçam aos seus líderes e submeter-se-lhes, porque velam por vossas almas, como quem deve prestar contas" (Hebreus 13:17.). A decisão do Conselho de Jerusalém (Atos 15.) É um exemplo deste tipo de governo da Igreja em ação.

Além disso, o sistema Presbiteriana de governo mantém uma série de princípios fundamentais que regem o Novo Testamento. Um deles é o senhorio de Cristo. No sistema Presbiteriana, a sua vontade ea sua palavra é o padrão último pelo qual a igreja determina suas ações. Em segundo lugar, o princípio da participação das pessoas é preservada. Eles têm acesso direto a Deus e direito de expressar as suas opiniões pessoais. Terceiro, o sistema mantém Presbiteriana conceito corporativo: cada parte do corpo. Finalmente, o poder da igreja local encontra-se em um grupo, os idosos, não um ministro ou ancião autoridade de recepção de um bispo.

Especialmente objeções críticas vêm daqueles que defendem um tipo de governo de igreja mais individualista ou congregacional. Elas são contra o sistema Presbiteriana é baseada em uma hierarquia dos órgãos sociais para os quais existe pouco ou nenhum apoio nas Escrituras. Além disso, a Presbiteriana rejeitar governo não concede a cada um a uma posição adequada fiel no governo da igreja. Embora o presbitério e sessão de teoria são empregados e representantes dos crentes individuais, bem, eles podem assumir papéis de liderança. Muitas decisões podem ser delegadas aos membros da igreja como um todo não são. Portanto, embora a intenção de representar e levar a autoridade dos crentes

individuais, estrutura de governo da igreja Presbiteriana, por vezes, usurpa a autoridade.²⁵

Congregacional

Uma terceira forma de governo da Igreja destaca o papel do cristão individual e torna a congregação local é o lugar onde a autoridade é. Dois conceitos são básicos no esquema congregacional: autonomia e democracia. Por independência, queremos dizer que a congregação local é independente e auto-regula. Nenhum poder externo pode ditar a ação da igreja local. Pela democracia, queremos dizer que cada membro da congregação local tem uma voz nos seus assuntos. São membros individuais da congregação que têm e exercem a autoridade. A autoridade não é prerrogativa de um único indivíduo ou um grupo seletivo. Não é uma estrutura monárquica (Episcopal), ou um oligárquica (Presbiteriana) fileiras dos indivíduos. Um significado secundário do princípio da democracia no sistema congregacional é que as decisões no âmbito das associações intereclesiais são ocupados por representantes. Entre as principais denominações que praticam forma congregacional de governo são os batistas, Congregationalists ea maioria dos luteranos grupos.

É necessário examinar os princípios da autonomia e da democracia mais. Acredita-se que o princípio da autonomia reflete a posição básica do governo da igreja do Novo Testamento. Em Atos e as Epístolas o foco principal é a igreja local. Há alguns superiores hierárquicos ou além dela estruturas de referência, não há ordens para os sindicatos de qualquer tipo entre as igrejas. Nós não encontramos nenhum tal controle sobre qualquer igreja local por organizações externas ou indivíduos. Os apóstolos fazer recomendações e dar conselhos, mas não exerce nenhum controle real ou direção. Mesmo Paul tem para argumentar a sua autoridade apostólica e implorar seus leitores a seguir seus ensinamentos (Gal. 1: 11-24).

O princípio da autonomia significa que cada Igreja local se governa. Cada congregação elege o seu próprio pastor e determina o que seu orçamento. Compra e tem propriedades independentes de qualquer autoridade externa. Embora possa procurar aconselhamento de outras igrejas e conselhos denominacionais, não é obrigado a seguir, e suas decisões não necessitam de ratificação ou de aprovação de fora.

Uma congregação pode executar filiações corporativas, mas são estritamente voluntária. Tais associações são geralmente desejável por várias razões. Primeiro, visivelmente mostrar esta unidade dentro da igreja universal ou invisível. Em segundo lugar, eles fornecem e promover a comunhão cristã mais ampla do que é possível formar uma única congregação. Eles também permitem que serviços e ministério mais eficaz na forma sozinha igreja local. As missões, o estabelecimento de novas congregações e actividades dos jovens (por exemplo, acampamentos) estão entre as coisas que são mais fáceis de fazer em larga escala. As razões para essas filiações, portanto, são principalmente pragmática. Junte-se a tais grupos e aceitar as suas decisões é voluntária para a igreja local. Além disso, a congregação local pode terminar o relacionamento no momento que quiser. Associações, convenções ou conferências formadas por igrejas locais devem funcionar democraticamente. Nenhuma igreja, grupo da igreja ou indivíduos podem dominar, de controle ou de comando outros. O voto é representativamente, geralmente em proporção com o tamanho de igrejas individuais envolvidas. Como na forma Presbiteriana de governo, qualquer líder que está envolvido é agora servo, não senhor, da igreja e seus membros. Eles servido pela vontade dos membros de congregações locais e por períodos limitados específicos. Eles têm títulos como secretário executivo, mas em nenhum sentido são bispos.

Há um ponto em que a autonomia da congregação local deve ser qualificado. Quando uma congregação aceita subsídios financeiros comunhão maior igrejas, associação ou convenção vai querer ser informado de todas as ações do corpo local, e pode até mesmo

definir algumas diretrizes e restrições deve saber isso. (Isto não é surpreendente, porque para obter um empréstimo ou hipoteca de um banco deve assumir determinadas obrigações e restrições). No entanto, deve notar-se que as restrições são assumidos voluntariamente; a congregação não tenha sido forçado a aceitar ajuda.

O conceito de democracia, a autoridade dentro da congregação local pertence aos membros individuais. Aqui grande importância é dada ao sacerdócio universal. Acredita-se que este princípio seria abandonada se eles iriam tomar decisões que seria um privilégio dos bispos ou presbíteros. A obra de Cristo tem feito tais governantes são desnecessárias, porque agora todos os crentes têm acesso ao Santo dos Santos e pode se aproximar de Deus diretamente. Além disso, como Paulo nos lembra, cada membro ou órgão faz um valioso contributo para o bem-estar do todo.

Existem alguns elementos da democracia representativa na forma de governo congregacional. Certas pessoas são escolhidos por eleição livre dos membros do órgão para servir como formas especiais. Eles são representantes e funcionários da igreja responsáveis perante aqueles que os escolheram. Eles não podem exercer autoridade independente ou contra a vontade do povo. Se o fizerem, eles podem ser forçados fora do escritório. No entanto, as decisões importantes, como a nomeação de um ministro ou a venda ou compra de imóveis, tornando a congregação como um todo. Este poder é reservado para todos os membros através do estabelecimento da igreja. Nestes e em todas as outras decisões da assembleia, cada idade de votar membro tem um voto, independentemente do seu estatuto social ou económico.

Na forma congregacional de governo, e Presbiteriana, nenhum nível de clero. Os títulos de bispo, presbítero e pastor são considerados nomes diferentes para o mesmo cargo; tem sido sugerido que designam diferentes funções ou aspectos do ministério. Note-se que, quando ele foi para os anciãos de Éfeso (Atos 20:17.) Paulo advertiu: "Acautelai-vos, a vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos [ἐπίσκοπος] para alimentar [ποιμαίνειν: pastor] a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue "(v 28).. Afirma-se que o uso dos três termos em ligação com o mesmo grupo indica equivalência. O único outro trabalho é um escritório não-ministerial, o diácono (literalmente "aquele que serve").

Vários argumentos foram levantadas para estabelecer o sistema congregacional como a forma padrão de governo da igreja. Nos primeiros dias da igreja, que é contado no livro de Atos, a congregação como um todo escolheu pessoas para comércios e determinou a política. Eles escolheram um sucessor para Judas (At. 1). Eles selecionaram os primeiros diáconos (At. 6). Embora não haja menção expressa de que toda a congregação estava envolvido na eleição de Paulo e Barnabé para o seu trabalho (Atos 13: 1-3.), Nós tirar essa conclusão a partir do fato de que, quando eles voltaram para Antioquia, apresentou o seu relatório a todos a igreja (At. 14:27). E era toda a igreja que enviou Paulo e Barnabé a Jerusalém para ajudar a resolver a questão da circuncisão (At. 15: 2-3). Da mesma forma, toda a igreja em Jerusalém enviou a resposta: "Então pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a igreja, eleger alguns homens e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé: Judas, que tinha por sobrenome Barsabas, Silas, homens distintos entre os irmãos "(v. 22). E sobre a eleição aparente de presbíteros pelos apóstolos (Atos. 14:23)? Uma interpretação possível é que realmente não poderia ter sido escolhido pelos apóstolos. Talvez os apóstolos sugeriu a idéia e presidiu a ordenação, mas a escolha foi feita pelo povo. Este é realmente o padrão de Atos 6.

Além disso, os ensinamentos de Jesus impediria posições de liderança especiais encontrados no Episcopal e Presbiteriana regimes de governo. Ele castigou aqueles que buscavam a ocupar um posto acima dos outros. Quando seus discípulos discutiam qual deles era superior: "Ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores; mas não é assim com você, mas sim o maior entre vós seja como o mais novo, eo líder como aquele que serve, então, o que é maior, quem está à mesa, ou quem serve? Não é quem está à mesa? Mas eu estou no meio

de vós como aquele que serve "(Lc. 22: 25-27). Um líder, então, é aquele que serve a todos. Será dado um bom senso de serviço, se os líderes têm em mente que foram escolhidos por aqueles que serviram e aqueles que são responsáveis. Jesus também nos ensinou que não devemos buscar honras ou títulos especiais, "Mas você não tentar reivindicar a ser chamado de" Rabi ", porque um só é o vosso Mestre, o Cristo, e todos vós sois irmãos." (Mateus 23: 8). Esses ensinamentos de Jesus parecem favorecer uma estrutura democrática na igreja cristã.

Outra consideração é que tanto Jesus e Paulo designados com a responsabilidade para a disciplina para o grupo como um todo. Na discussão de Jesus sobre o tratamento de um irmão que pecou, o agente final da disciplina é a igreja. Se o irmão ofensor se recusa a ouvir a igreja, ele será tratado como um pagão ou um imposto (Mt 18: 15-17). Paulo ensinou a congregação de Corinto como um todo (1 Cor 1: 2), e não apenas os idosos, longe de sua comunidade para o homem que estava vivendo imoralmente com a mulher de seu pai (1 Cor 5).

Finalmente, vemos que as cartas de Paulo foram dirigidas às igrejas como um todo e não a um bispo ou um grupo de anciãos. As cartas a Timóteo, Tito e Filémon foram escritos para eles individualmente, não como líderes de uma igreja particular.

No entanto, existem várias objeções à forma congregacional de governo da Igreja, como aconteceu com as formas Episcopal e Presbiteriana. A primeira objeção é que o regime congregacional ignora a evidência bíblica de autoridade apostólica (e, portanto, por episcopal). Por exemplo, o próprio Paul nomeado anciãos (Atos 14:23). E instruiu Tito a fazer o mesmo (Tito 1: 5.). Além disso, em muitas ocasiões, quando Paulo fala ou escreve às igrejas, não só oferece conselhos ou instrução, mas é praticamente ordenando-lhes.

Em segundo lugar, vemos que houve uma separação dos negócios entre bispo, presbítero e diácono bastante no início da história da Igreja. Para os Bispos que foram concedidos uma autoridade e um estatuto especial. Se mantivermos esta tendência não está mais presente estava no corpo de Cristo no dia do Novo Testamento, estamos assumindo muito livremente a igreja é separado muito rapidamente a partir de suas bases do Novo Testamento.

Por último, embora seja verdade que as cartas de Paulo foram dirigidas a toda a congregação e não para os mais velhos, o que dizer de Apocalipse 2-3, cartas de João às sete igrejas? Estas cartas foram endereçadas ao "anjo" ou "mensageiro" das respectivas congregações, provavelmente o homem velho que estava no comando em cada caso.

Nenhum governo

É necessário considerar brevemente uma outra teoria. Na verdade, aqueles que não defendam defender uma determinada forma de governo da igreja, o que poderia defender melhor não chamar um governo. Certos grupos, como os quakers (Amigos) e as Assembléias de irmãos negar que a igreja precisa ter uma maneira visível e concreto. Conseqüentemente, eles eliminaram virtualmente toda a estrutura de governança. Em vez disso, eles enfatizam a trabalho interior do Espírito Santo, o que influencia na crenças individuais e leva diretamente e não através de organizações ou instituições.

Os Quakers enfatizar o conceito de "luz interior". Como um membro de uma igreja tem um estritamente menor importância, não há regras explícitas de aderir. Em grupos locais pode haver idosos ou supervisores com certas responsabilidades. As reuniões são realizadas para determinar formas de agir. No entanto, você nunca votar. Em vez disso, as decisões são tomadas por acordo mútuo produzido pelo Espírito Santo.

As Assembléias de irmãos praticamente eliminar a igreja visível. Eles sustentam que a igreja existe na terra, principalmente em sua forma invisível, que é composta de

verdadeiros crentes. Portanto, não é necessário ter uma organização Ministros específicos. A presidência do Espírito Santo é a força dirigente.

Em cada um destes grupos, há um esforço concertado para eliminar, tanto quanto possível o esforço de organização estrutural. Eles confiam que o Espírito Santo trabalha de uma forma simples, para levá-los a conhecer a sua vontade. Aqueles que defendem esta posição você deve elogiá-los para destacar o papel do Espírito Santo e da necessidade de confiar nele. No entanto, a suposição de que há uma obra universal direto do Espírito não é justificada pela evidência bíblica. Além do mais, o grau de santificação e sensibilidade ao Espírito Santo, que é pensado para ter membros de uma congregação é um ideal irrealista. A principal questão aqui é saber se vamos ou não acreditam que a Bíblia ou algum tipo de comunicação mais direta com o Espírito Santo como princípio norteador de nossas vidas. Como em outras questões nesta área acreditam que as Escrituras como o mais importante meio de revelação.

Construir um sistema de governo da igreja para hoje

As tentativas de desenvolver uma estrutura de governança que adere à autoridade da Bíblia têm dificuldade em dois pontos. O primeiro é a falta de material didático. Há uma declaração descritiva do que deve ser o governo da igreja que se pode comparar com, por exemplo, as declarações de Paulo sobre as doutrinas do pecado humano e justificação pela fé. As igrejas que não são ordenados a adotar uma forma particular de ordem na igreja. As únicas passagens didáticas nas contagens governança igreja Pablo são as características básicas dos comércios que existiam (1 Tm 3: 1-13; Tt 1:.. 5-9). Embora seja preferível para construir algo em uma base didática ou prescritivo, em vez de uma narrativa ou passagens descritivas, neste caso, temos pouca escolha.

Quando nos voltamos para as passagens descritivas, encontramos um segundo problema: não há um padrão unitário. Por um lado, há fortes elementos democráticos, um fato que aponta defensores forma congregacional. Há também muitos elementos monarquistas, particularmente aquelas que mostra os apóstolos de escolher e encomendar ministros e instruir as igrejas; Eles destacam passagens que são a favor da abordagem episcopal. Em outras passagens ainda poderíamos concluir que os idosos tiveram um papel de destaque.

É provavelmente seguro dizer que a evidência do Novo Testamento não é conclusiva; em nenhum lugar do Novo Testamento, encontramos uma imagem que reflete claramente nenhum dos sistemas foram totalmente desenvolvidos no momento. É provável que naqueles dias o governo da igreja não estava muito desenvolvido, até mesmo congregações locais eram bastante grupos informais. Eles poderiam ter tido variadas formas de governo. Cada grupo adotou o padrão que melhor se adequam a sua situação individual.

Devemos ter em mente que, naquele tempo, a igreja estava apenas começando; Não foi ainda totalmente diferenciada do judaísmo. Necessidades pragmáticas um período de estabelecimento são naturalmente um pouco diferente para as tomadas em um estágio posterior de desenvolvimento. Qualquer pessoa que tenha servido como o primeiro pastor de uma igreja, especialmente uma que consiste de novos cristãos, encontraram momentos em que o trabalho das comissões e delegações simplesmente não é prático.

A maioria das igrejas do Novo Testamento foram estabelecidas por missionários itinerantes. Portanto, havia um ministro fixo e permanente. Nestas circunstâncias, era natural que os apóstolos exerceu uma autoridade imenso e unilateral. No entanto, mais tarde, era possível e necessário estabelecer um ministério de residente permanente. Em certo sentido, isso não deve ter sido necessário. Idealmente, o sacerdócio universal tinha feito desnecessários os cargos de autoridade, mas o ideal neste momento não era prático.

Inicialmente, como seria de esperar, o padrão da sinagoga foi adotada, ou seja, um sistema para os idosos. No entanto, este padrão não era universal. Em áreas gregas, ele

tendia a dominar o ofício de bispo. Além disso, alguns fatores modificadores já estavam trabalhando para produzir um padrão mais democrática.

Mesmo que ele estava claro que ele tinha um padrão único de organização no Novo Testamento, esse padrão não seria necessariamente normativa para nós hoje. Só podia ser o padrão que não era o padrão deve ser. Mas como as coisas estão, não há tal variação nas descrições das igrejas do Novo Testamento não podemos encontrar um padrão autoritário. Portanto, devemos voltar aos princípios encontrados no Novo Testamento e tentar construir nosso sistema de governo que eles dizem.

Nós temos que fazer duas perguntas para construir o nosso sistema desta forma. Em primeiro lugar, em que direção o governo da igreja estava se movendo no período do Novo Testamento? Existe alguma coisa para indicar o objetivo final? No Novo Testamento, podemos discernir o início de um movimento para melhorar a situação das mulheres e escravos. Existe um movimento semelhante para melhorar a governação da igreja? Se assim for, podemos deduzir o que ideal seria líder da igreja, embora possamos ter dificuldade em saber até onde eles queriam ir. Infelizmente, neste temos pouco com que trabalhar. Sabemos que a igreja originalmente levou o padrão da sinagoga judaica, um grupo de anciãos que atuavam como líderes. Sabemos também que enquanto a igreja estava em sua infância, Paul, por vezes, tinha que agir diretores. Nós não sabemos muito mais do que isso. Não há nenhuma indicação de que a igreja está redirecionando usuários para uma forma específica de governo.

A segunda pergunta que devemos fazer é, quais são as razões para o governo da igreja? Que valores destinam-se a promover e preservar? Depois de ter determinado que a Escritura tem a dizer sobre este assunto, que será capaz de construir, de acordo com nossas diretrizes para apaziguar a mensagem bíblica, um modelo adequado para a igreja hoje.

Um princípio que é evidente no Novo Testamento, especialmente em 1 Coríntios, é o valor do pedido. A situação em Corinto, onde individualidade total de tendiam a controlar tudo, não era muito desejável. No pior caso, foi completamente destrutivo. Era, portanto, necessário para controlar algo tão individualizada a maneira em que ele estava expressando a espiritualidade (1 Cor 14:40). Foi também desejável que certas pessoas responsáveis por alguns ministérios específicos foram feitas. Somos lembrados aqui da situação em Atos 6, onde somos informados de que sete homens foram escolhidos para assumir o ministério para as viúvas.

Outro princípio é o sacerdócio de todos os crentes. Todo mundo é capaz de interagir diretamente com Deus. Alguns textos ensinar esta verdade explícita ou implicitamente (Rm 5: 1-5; 1 Tim. 2: 5; Hebreus 4: 14-16 ..). É necessário um intermediário especial. Todos têm acesso Redentor, o Senhor. E o que é verdade para o início da vida cristã também para a sua continuação. Todo crente pode discernir a vontade de Deus diretamente.

Finalmente, a idéia de que cada pessoa é importante para todo o corpo está implícito em todo o Novo Testamento e explícito em passagens como Romanos 12 e 1 Coríntios 12. A multiplicidade de presentes sugere que as decisões que devem ter uma base ampla. O livro de Atos enfatiza a consenso do grupo (Atos 04:32 15:22.). Há um sentido especial de fraternidade e de envolvimento, sempre que os membros da comunidade acreditam que desempenhou um papel significativo em determinar o que deve ser feito.

Em minha opinião, a forma congregacional de governo da igreja é a mais próxima com os princípios que foram expostas. Ele leva a sério o princípio da competência sacerdócio e espiritual de todos os crentes. Ela também leva a sério a promessa do Espírito que reside em todos os crentes levarão.

Ao mesmo tempo, a necessidade de uma ordem sugere que o governo representativo necessário. Em algumas situações, os líderes devem escolher a agir em nome do grupo. Estes eleitos, eles devem sempre estar cientes de que eles são responsáveis perante

aqueles que representam; e sempre que possível, as questões importantes devem ser discutidas por todos os membros para decidir.

Podemos pensar que o sistema episcopal como uma maneira de estruturar a igreja com toques monárquicos ou imperiais. A forma Presbiteriana é como uma democracia representativa, democracia direta como uma congregacional. Não surpreendentemente, o sistema episcopal surgiu e se desenvolveram nos dias da monarquia. A monarquia era um sistema de governo que as pessoas estavam acostumadas e que provavelmente se sentia mais confortável. No entanto, numa altura em que a educação ea política se espalhou, as pessoas funcionam melhor com um sistema Presbiteriana ou Congregacional.

Pode-se concluir que, como a maioria das democracias representativas hoje, o sistema Presbiteriana seria a melhor forma de governo. Mas as igrejas locais parecem menos aos governos nacionais para os governos locais que realizam conselhos e fóruns da comunidade. O valor do envolvimento direto de pessoas conhecedoras é considerável. E o princípio de que as decisões são melhor feitos os mais afetados por eles também defende padrão congregacional da autonomia local.

Duas situações requerem alguns pontos em nossa conclusão. (1) Em uma grande igreja muitos membros podem não ter conhecimento suficiente das questões e os candidatos para os cargos a tomar decisões informadas, e grandes reuniões congregacionais não pode revelar prático. Nestes casos, fazer uso de abordagem representante será provavelmente necessário. No entanto, mesmo nesta situação os servos escolhidos deve ser muito consciente de que eles são responsáveis para todo o corpo. (2) Em um grupo de cristãos imaturos, onde não há nenhuma liderança leiga competente e treinado, você pode precisar de tomar mais iniciativa pastor que seria normal em um caso comum. Mas o pastor deve ser constantemente instruir e treinar a congregação a envolver-se mais nos assuntos da igreja.

53. O rito de iniciação da Igreja: o batismo

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Citação e descrever as três teorias básicas do batismo meios de graça, sinal e selo do pacto e símbolo da salvação.
- Identificar e articular claramente o significado do batismo para o crente individual.
- Identificar e explicar os assuntos do batismo.
- Avaliar o modo correcto de batismo.

Resumo do capítulo

Como todas as igrejas cristãs praticam o rito do batismo, batismo desempenha um papel importante na vida da igreja. Os vários grupos cristãos têm três teorias básicas. O primeiro grupo sustenta que a salvação vem por meio do batismo. O segundo batismo considerado um sinal da aliança que Deus fez com Abraão. A posição do terceiro grupo é que o batismo é um símbolo de salvação. Para resolver esses problemas, é importante considerar o significado do batismo, os sujeitos do batismo e do modo de batismo.

Questões de estudo

1. Quais as posições católicas e luteranas diferem? O que faz *ex operato* opera?
2. Como você descreveria a Presbiteriana Reformada e interpretação do batismo? O que são estes teólogos relação entre o batismo ea circuncisão?
3. Como é que é diferente terceiro lugar, considere o batismo como um símbolo da salvação, dos outros dois?
4. Como você pode ajudar Romanos 6: 1-11 para interpretar corretamente o significado do batismo?
5. Quem são eles o destinatário legítimo do batismo?
6. Como você chegar a uma compreensão adequada do modo de batismo?

As teorias básicas de batismo

Batismo como um meio de graça salvadora

Batismo como um sinal e selo do pacto

Batismo como um símbolo da salvação

Resolver problemas

O Significado do Batismo

Os sujeitos do batismo

O modo de batismo

Quase todas as igrejas cristãs praticam o rito do batismo. Eles fazem isso em grande parte porque Jesus em sua missão final, ordenou aos Apóstolos e à Igreja: "Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28:19). É quase universalmente concordam que o batismo é, de alguma forma relacionados com o início da vida cristã, a nossa iniciação na, igreja universal invisível, bem como a igreja local, visível. No entanto, há discordância em relação ao batismo.

Há três questões básicas sobre o batismo os cristãos têm discutido: (1) O que o batismo significa? O que realmente fica? (2) Quem são os sujeitos adequados para o batismo? Será que ela tem de ser restrito às pessoas que são capazes de exercer uma fé consciente em Jesus Cristo, ou pode ser dado a crianças ou bebês; e em caso afirmativo em que base? (3) Qual é a forma correta de batismo? Caso haja introdução da pessoa na água (imersão), ou outros métodos (Verter, Pulverizar) aceitável? Estas questões têm sido colocadas em ordem decrescente de importância, uma vez que nossas conclusões sobre o sentido eo valor do ato de batizar ajudar a determinar as nossas conclusões sobre as outras questões.

As teorias básicas de batismo

Batismo como um meio de graça salvadora

Na parte inferior destas questões, existem várias maneiras básicas em que os cristãos interpretam batismo. Alguns grupos acreditam que o ato de batizar com água realmente traz graça para o batizado. Esta é a doutrina da regeneração batismal: Baptismo produz uma transformação, tornando a pessoa passe de morte espiritual para a vida. A forma mais extrema desta teoria é encontrada no catolicismo tradicional. No entanto, vamos nos concentrar em uma posição luterana clássico que compartilha muitas características com o catolicismo.

Batismo, de acordo com sacramentalists é um meio através do qual Deus dá graça salvadora; resulta no perdão dos pecados. Se acordar ou o fortalecimento fé, batismo produz lavagem da regeneração. De acordo com a forma luterana de pensar, o sacramento é ineficaz a menos que a fé já está presente. A este respeito, a posição Luterana difere da

católica, mantendo que o batismo confere graça *operato ex ópera*, ou seja, que os actos sacramentais por si só. Lutheran ponto de vista, em outras palavras, salienta que a fé é o pré-requisito, enquanto que o ponto de vista católico enfatiza que o sacramento é auto-suficiente. Ressalte-se que o sacramento não é uma infusão física de substância espiritual dentro da alma da pessoa batizada.

Muitas vezes, uma comparação entre o sacramento do batismo e da pregação da Palavra é feita. Desperta pregar a fé introduzida pelo ouvido para tocar o coração. Batismo, entretanto, chega ao coração através dos olhos.

O sacramento é Deus agindo, não é um trabalho que a pessoa batizada oferece a Deus. Também não é uma obra em que o ministro ou padre derrama alguma forma de graça na pessoa batizado. Em vez disso, o batismo é o Espírito Santo iniciando pessoas para a igreja: "Assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, somos um só corpo, assim também Cristo porque em um só Espírito fomos todos nós batizados em um corpo, quer judeus, quer gentios, ou se vínculo livre; e nós foram todos feitos para beber de um só Espírito" (1 Coríntios 12:13).

Romanos 6: 1-11 é crucial para o ponto de vista do batismo sacramental. Em sua interpretação desta passagem batismo não é apenas uma imagem de nossa união com Cristo na sua morte e ressurreição, mas realmente o batismo nos une a Cristo. Quando Paulo diz, "todos os que foram batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte" (v. 3), isso significa que o batismo nos une com a morte e ressurreição de Cristo (v. 5).

Além de ser objectivamente ligada a Cristo uma vez por todas com o batismo, o sacramento também tem um efeito subjetivo sobre o crente. Este efeito vai durar toda a sua vida, embora o batismo é administrado apenas uma vez. Os crentes muitas vezes ser lembrado desse fato. Na verdade, isso é o que faz Paulo em Romanos 6: 3-5 e Gálatas 3: 26-27. Sabendo que um foi batizado e, portanto, está unida a Cristo na sua morte e ressurreição será uma constante fonte de encorajamento e inspiração para o crente.

Os sujeitos do batismo, para o luteranismo, se dividem em dois grupos gerais. Em primeiro lugar, há adultos que vieram à fé em Cristo. Exemplos explícitos são encontrados em Atos 2:41 e 8: 36-38. Em segundo lugar, crianças e bebês também foram batizados no Novo Testamento. Evidência visto no fato de que as crianças são trazidos diante de Jesus para tocá-los (Marcos 10: 13-16). Além disso, lemos em Atos que casas inteiras foram salvos (Atos 11:14 [ver 10:48]; 16:15, 31-34; 18: 8). É razoável supor que a maioria dessas casas não foram compostas exclusivamente por adultos. As crianças fazem parte do povo de Deus, assim como certamente faziam parte da nação de Israel no Antigo Testamento.

Que as crianças foram batizadas no Novo Testamento é o precedente para ser batizado hoje. Além disso, o batismo de crianças é necessária. Porque todos neste mundo nascem com o pecado original, que é motivo suficiente para ser condenado. A mancha do pecado este deve ser removido. Porque as crianças não são capazes de exercer por si mesmos a fé necessária para a regeneração, é essencial que eles recebam a purificação que traz batismo.

Na teologia católica romana, as crianças não batizadas não que morrem pode entrar no céu. Eles são enviados para um lugar chamado *infantium* limbo. Há não sofrem as penas do inferno e privação, mas também desfrutar dos benefícios e bênçãos do céu. Teologia luterana, entretanto, não tem certeza da posição das crianças não batizadas. Há uma possibilidade de que Deus tem um caminho, que não foram totalmente revelados, fornecer fé aos filhos batizados cristãos. Somos lembrados de que nas meninas do Antigo Testamento, embora não eram circuncidados, de alguma forma poderia desfrutar dos benefícios da aliança. No entanto, existe uma proposta semelhante para os filhos dos incrédulos. Nem há dogmática sobre qualquer uma dessas questões, uma vez que não foram revelados, mas estão entre as coisas insondáveis de Deus.⁷ Lá, como luteranos observados longa prática do batismo infantil, o que pode ser verificado em fontes extra-bíblicas a menos a partir do século II dC. Portanto, não é um bom precedente

para essa prática. Como não sabemos os detalhes de como Deus trabalha com crianças e bebês não batizados, é aconselhável que os cristãos batizar seus filhos

Teólogos luteranos estão conscientes de que têm sido acusados que não há inconsistência entre a sua prática do batismo infantil e sua insistência sobre a justificação pela fé. Normalmente eles estão lidando com esse aparente dilema de duas maneiras. Um deles é para sugerem que as crianças que são batizados pode ter uma crença inconsciente. Fé, manter, não exige necessariamente poder de raciocínio ou consciência. Lutero observou que a fé não parar quando se está dormindo, preocupado ou fazendo um trabalho que exige muito esforço. Jesus ensina que as crianças podem ter fé implícita. A evidência encontrada em Mateus 18: 6 ("um destes pequeninos que crêem em mim"); 19:14; Marcos 10:14 e Lucas 18: 16-17. Outro teste é a profecia de João Batista "ser preenchido com o Espírito Santo até do ventre" (Lc. 1:15). Finalmente temos as palavras de João: "Eu escrevo para vocês, filhos, porque conhecestes o Pai" (1 João 2:13.). A outra maneira de abordar a aparente inconsistência é manter a fé é o pai que está presente quando a criança é batizada. Mesmo alguns diriam que a igreja exerce fé em nome da criança. O batismo infantil, portanto, repousa sobre uma fé vicária.⁹

No catolicismo romano esse dilema não se coloca. Porque de acordo com a doutrina católica, o batismo tem efeito *ex opere operato*. A fé não é realmente necessário. A única exigência é que alguém presente para a criança eo sacerdote administrou o sacramento corretamente.

Do ponto de vista luterano modo de batismo tem grande importância. Claro que tem de ser água, mas é o único factor importante. Na verdade, o significado primário da palavra βαπτίζω (baptizo) é "mergulho", mas tem outros significados. Consequentemente, não temos certeza de que métodos foram usados nos tempos bíblicos, ou se houve ou não mesmo um único método. Como há um simbolismo essencial indispensável no caminho, o batismo não está vinculado a um formulário específico.

Batismo como um sinal e selo do pacto

A posição detida por presbiterianos tradicionais e teólogos reformados muito intimamente ligado ao conceito do pacto. Eles acreditam que os sacramentos, dos quais o batismo é um, são sinais e selos da graça de Deus. Os sacramentos não são meios de graça *ex opere operato* ou de qualquer conteúdo do próprio rito. Pelo contrário, como diz a Confissão Belga, são "sinais e selos de algo interno e invisível, por meio do qual Deus opera em nós pelo poder do Espírito Santo. Visíveis" Em particular, são sinais e selos de Deus cumprindo o pacto estabelecido com a raça humana. Como a circuncisão no Antigo Testamento, o batismo nos garante das promessas de Deus.

A importância do sacramento do batismo não é tão claro para os reformados e presbiterianos como para sacramentalists. O pacto, a promessa da graça de Deus, é o fundamento, a fonte da justificação e salvação; O batismo é um ato de fé pela qual nós participar deste pacto e, portanto, experimentar os seus benefícios. O ato do batismo é tanto o meio de convênio iniciação e o sinal da salvação. Charles Hodge disse o seguinte: "Deus, por seu lado, promete garantir os benefícios representados no batismo a todos os adultos que recebem o sacramento no exercício da fé, e todas as crianças, quando atingem a maturidade, permanecer fiéis aos votos que eles fizeram em seu nome quando foram batizados. "Para os adultos, esses benefícios são absolutos, enquanto a salvação das crianças está condicionada à futura continuação dos votos expressos.

Indivíduos no batismo são, em muitos aspectos, o mesmo que no ponto de vista sacramental. Por um lado, todos os adultos acreditam que para ser batizado. Exemplos das Escrituras são aqueles que responderam ao convite de Pedro no dia de Pentecostes, creram e foram batizados (Atos 2:41). E o carcereiro de Filipos (At. 16: 31-33). Além disso, as crianças de pais crentes também estão a ser batizado. Embora o batismo infantil

não é ordenado explicitamente nas Escrituras, no entanto, ele é ensinado implicitamente. Deus fez uma aliança espiritual com Abraão e seus descendentes (Gênesis 17: 7). Esse pacto tem continuado até hoje. No Antigo Testamento referência a ela é sempre feita a ele no singular (por exemplo, Êxodo 02:24 ;. Levítico 26:42.). Há apenas um mediador do pacto (Atos 4:12 ;. 10:43). Converte o Novo Testamento estão envolvidos ou herdeiros do convênio (Atos 02:39; Rom. 4: 13-18; Gl 3: 13-18.; Heb 6 :. 13-18.). Portanto, a situação dos crentes, tanto no Novo Testamento e hoje deve ser entendida sob os termos da aliança feita com Abraão.

Como aliança do Antigo Testamento ainda está em vigor, as suas disposições são mantidas. Se as crianças foram incluídas no pacto na época, ainda hoje. Já vimos que o pacto não foi apenas para Abraão, foi também seus descendentes. Também importante é o caráter universal do conceito do Antigo Testamento que Israel tem. As crianças estavam presentes quando o pacto (Deut. 29: 10-13) foi renovado. Ele leu os escritos de Moisés a todos os presentes: "antes de toda a congregação de Israel, mulheres, crianças" (Js 8:35.). Quando o Espírito do Senhor veio sobre Jaaziel e disse a promessa do Senhor para todas as crianças estavam presentes Israel (2 Cr. 20:13). Toda a congregação, mesmo as crianças que ainda amamentaram (Jl. 2:16), Joel ouviu a promessa de que o Espírito seria derramado sobre os filhos e filhas (v. 28).

Agora vem um passo fundamental para o argumento como a circuncisão era o sinal da aliança do Antigo Testamento é o batismo no Novo Testamento. É claro que a circuncisão foi marginalizado, não é mais satisfatória (At 15: 1-2; 21:21; Gal. 2: 3-5; 5 :. 2-6; 6: 12-13; 15) . Batismo substituiu a circuncisão como um rito de passagem na aliança. Foi Cristo que fez esta substituição. Ele ordenou a seus discípulos a evangelizar e batizar (Mateus 28:19). Como prosélitos convertidos ao Judaísmo deve ser circuncidado, cristãos convertidos devem ser batizados. Entrada de sua marca é o pacto. Os dois ritos claramente têm o mesmo significado. Indicou que a circuncisão foi cortado com o pecado e mudar o coração que se pode ver nas muitas referências do Antigo Testamento para a circuncisão do coração, ou seja, a circuncisão espiritual em oposição a circuncisão (Dt. 10:16 ; 30: 6; Jer 4: 4 ;. 9: 25-26; Ezequiel 44: 7, 9) .. Batismo é igualmente representada como uma purificação dos pecados. Em Atos 2:38 Pedro instrui seus ouvintes: "Arrependei-vos e ser batizados cada um de vocês em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados." Em 1 Pedro 3:21 escreve: "Batismo ... agora nos salva" Paul faz. referência à "pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo" (Tito 3: 5.), e também liga o batismo com o reavivamento espiritual (Rom. 6: 4). Provas conclusivas de que a circuncisão está suplantando o batismo é encontrado em Colossenses 2: 11-12: "No qual também fostes circuncidados com a circuncisão não feita por mãos humanas, mas, a circuncisão de Cristo, que são retirados de sua natureza pecaminosa. Você foram sepultados com ele no batismo, e nela também foram levantadas pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos. "

É necessário fazer duas observações adicionais. Em primeiro lugar, aqueles que sustentam que o batismo é, essencialmente, um sinal e selo de que a alegação não é legítimo impor uma criança as obrigações de um pacto adulto. Em segundo lugar, eles enfatizam o aspecto objetivo do sacramento. O que realmente importa não é a reação subjetiva, mas o nosso objectivo iniciação no pacto com a Sua promessa de salvação.

De acordo com o modo de foco batismo reformada e presbiteriana tem uma consideração relativamente menor. O verbo βαπτίζω é ambíguo. O que era importante nos tempos do Novo Testamento era o fato e as consequências do batismo, e não a forma como foi gerido.

Há indícios de que o meio utilizado no Novo Testamento não era, na verdade, não poderia ter sido exclusivamente imersão. Por exemplo, que John teria sido fisicamente capaz de mergulhar todos os que vieram com ele? Será que o carcereiro de Filipos deixou seu posto na prisão para ir onde não havia água suficiente para a imersão? Água é levada para casa de Cornélio suficiente para a imersão? Quando ele foi batizado Paul, ele deixou

o lugar onde Ananias encontrou? Estas perguntas não sugerem que a imersão pode ter sido formada em todos os casos.

Além disso, a imersão não é necessária para preservar o simbolismo do batismo. O rito do batismo não é primariamente exemplifica morte e ressurreição, mas com a purificação. Qualquer um dos vários meios de ablução do Antigo Testamento - dipping, Verter, Pulverizar - representam purificação. Eles são βαπτισμοῖς διαφόροις (diaphoroiis baptismois) referido no hebraico 09:10. Com base nestas considerações, podemos usar todos os meios adequados e disponíveis para nós.

Batismo como um símbolo da salvação

A terceira teoria para examinar considera o batismo como um símbolo, uma demonstração exterior ou indicação de mudança interna que ocorreu no crente. Ele serve como um testemunho público da própria fé em Jesus Cristo. É um rito de passagem: Nós somos batizados em nome de Cristo.²¹

Cristo ordenou o ato de batismo (Mt. 28: 19-20). Como foi criado por ele, entende-se que uma ordenança é um sacramento. Não tem nenhuma mudança espiritual no batizado. Nós continuamos praticando o batismo simplesmente porque Cristo ordenou-lo e porque serve como uma forma de proclamação. Ele confirma o fato de nossa própria salvação para nós e para outros estados.

O ato de batismo não fornece benefícios ou bênçãos especiais. Em particular, não são regenerados pelo batismo, porque o batismo pressupõe a fé e salvação que leva à fé. É, portanto, um testemunho de que já foi regenerado. Se houver benefício espiritual é o fato de que o batismo nos faz membros ou participantes da igreja local.

Por esta teoria do batismo, a questão do assunto apropriado para o batismo é muito importante. Os candidatos para o batismo e experimentou o novo nascimento através da fé. Eles têm demonstrado uma evidência crível de regeneração. Embora não seja a responsabilidade da igreja ou da pessoa que administra o batismo juiz do candidato, há pelo menos uma obrigação de determinar que o candidato entende o significado da cerimônia. Isto pode ser determinado por pedir ao candidato para dar testemunho oral ou para responder a algumas perguntas. Precedente para tais precauções antes de administrar o batismo podemos encontrar nas palavras de Batista com os fariseus e saduceus que vinham a ele para o batismo: "Raça de víboras Quem lhe advertiu, ensinou a fugir da ira vindoura!? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento "(Mateus 3: 7-8).

Batismo estamos a falar é o batismo *de* crentes, não necessariamente o batismo de adultos. É o batismo de aqueles que se qualificam para a salvação (ou seja, o arrependimento ea fé ativa). Evidências dessa posição pode ser encontrada no Novo Testamento. Em primeiro lugar, há um argumento negativo ou argumento de silêncio. No Novo Testamento, as únicas pessoas que são especificamente identificados por nome quando eles são batizados são adultos. Argumentos que "certamente iria batizar crianças quando casas inteiras" e "não pode ter certeza de que nenhuma criança foi batizada" ter muito peso em comparação com aqueles que detêm o batismo dos crentes; e, na verdade, estes argumentos parecem bastante solto. Além disso, as Escrituras deixam claro que a fé pessoal, consciente em Cristo é um pré-requisito para o batismo. Na Grande Comissão, o comando para batizar segue discípulo (Mateus 28:19). João Batista exigiu arrependimento e confissão de pecados (Mateus 3: 2, 6). No final de seu sermão de Pentecostes, Peter chamados ao arrependimento e, em seguida, o batismo (At. 2: 37-41). Acredite e, em seguida, ser batizado é o padrão em Atos 8:12; 18: 8 e 19: 1-7. Todas estas considerações levam à conclusão de que os crentes são responsáveis únicas pessoas que devem ser batizados.

No que se refere ao modo de batismo, há alguma variação. Certos grupos, incluindo menonitas, prática batismo de crentes, mas por outros que não sejam meios de imersão. No entanto, a maioria, provavelmente, defendendo o batismo de crentes usar

apenas o mergulho, e geralmente são identificados como batistas. Se o batismo é entendido como um símbolo e testemunho da salvação que já aconteceu na vida do indivíduo, não é de estranhar que a imersão é o modo predominante, pois é o que melhor representa a ressurreição do crente da morte espiritual.²⁷

Resolver problemas

Vamos agora abordar as questões levantadas no início deste capítulo. Devemos perguntar qual das posições resumimos as mais sustentáveis por todas as evidências relevantes. A questão da natureza eo significado do batismo deve preceder todas as outras.

O Significado do Batismo

É meio de regeneração batismo, um meio essencial de salvação? Alguns textos parecem apoiar essa suposição. No entanto, após uma análise mais aprofundada, o poder de persuasão desta posição é menos chocante. Em Marcos 16:16, lemos: "Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado "; observar, contudo, que a segunda parte do versículo não menciona a todos os batizados", mas quem não crer será condenado "Mas, além disso, o conjunto verso. (e de fato toda a passagem, vv. 9-20) não está nos manuscritos mais confiáveis.

Outro versículo citado em apoio do conceito de regeneração batismal, a idéia de que o batismo é um meio da graça salvadora, é João 3: 5: "Em verdade, eu vos digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. "Mas não há nenhuma indicação clara de que o batismo tem em mente aqui. Devemos perguntar-nos o que significaria a Nicodemos: "nascer da água", ea nossa conclusão, embora não forte, pode favorecer a idéia de limpeza e purificação, ao invés de batismo. Devemos notar que a ênfase em toda a passagem é colocado no Espírito Santo e não mencionado novamente água. O fator chave é o contraste entre o *sobrenatural* (Espírito) e *natureza* (carne): "O que é nascido da carne é carne; eo que é nascido do Espírito é espírito "(v. 6). Jesus explica que nascer de novo é nascido do Espírito. Esta obra do Espírito, como o vento soprando, não pode ser entendido em tudo (vv. 7-8). Visualizando contexto geral, parece que o parto na água é sinônimo nascido do Espírito. O καί(kai) no verso 5, então, é um exemplo da crescente utilização da conjunção, eo versículo deve ser traduzido: "se alguém não nascer da água, ou do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. "

A terceira passagem é necessário ter em conta é de 1 Pedro 3:21: "O batismo doth agora também nos salvar (não é o despojamento da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus), pela ressurreição de Jesus Cristo ". Note que este versículo é, na verdade uma negação de que o rito do batismo não tem efeito por si só. Salve apenas que é "a resposta de uma boa consciência para com Deus", um ato de fé reconhecendo que dependem dele. A própria base da nossa salvação é a ressurreição de Cristo.

Algumas passagens do livro de Atos vinculados arrependimento e batismo. Provavelmente, o destaque é a resposta de Pedro à pergunta no dia de Pentecostes: "Irmãos, o que devemos fazer" (Atos 2:37.).Ele respondeu: "Arrependei-vos e ser batizados cada um de vocês em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (v. 38). No entanto, a ênfase no resto da história é que três mil pessoas receberam a mensagem, em seguida, eles foram batizados. O seguinte sermão é coletado de Peter (3: 17-26), a ênfase é sobre o arrependimento, conversão e aceitação de Cristo; nenhuma menção é feita no batismo. O versículo chave (v. 19, que é paralela à 2:38, exceto pelo fato significativo que não existe nenhum comando para ser batizado) diz: "Arrependei-vos pois, e convertei que os vossos pecados sejam apagados; . Vir da presença do Senhor os tempos de refrigério "O kerygma no Capítulo 4 incide sobre a importância de acreditar em Jesus; mais uma vez, não há

nenhuma menção do batismo (vv. 8-12). Quando o carcereiro de Filipos perguntou: "O que devo fazer para ser salvo." (Atos 16:30), Paulo simplesmente disse: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e tua casa" (v. 31). Ele não mencionou o batismo, mas devemos notar que toda a casa foi batizada logo depois. Embora não haja uma ligação clara e importante entre arrependimento e conversão de um lado e do outro o batismo, essas passagens de Atos sugere que a ligação não é inseparável ou absoluto. Portanto, ao contrário de penitência e conversão, batismo não é essencial para a salvação. Parece que, em vez batismo poderia ser uma expressão ou um resultado da conversão.

Finalmente, devemos examinar Tito 3: 5. Aqui, Paulo escreve que Deus "nos salvou, não por obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a Sua misericórdia, pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo." Se esta é uma alusão ao batismo, é vago. Parece, antes, que "a lavagem da regeneração" refere-se a uma limpeza e perdão dos pecados. Batismo não é simplesmente o meio de perdão representação simbólica. Conclui-se que há pouca evidência bíblica para apoiar a idéia de que o batismo é um meio de regeneração ou de um canal da graça essencial para a salvação.

Além disso, existem certas dificuldades específicas ligadas ao conceito de regeneração batismal. Quando todas as implicações são explicadas, este conceito contraria o princípio da salvação pela graça, que tão claramente ensinada no Novo Testamento. A insistência de que o batismo é necessário para a salvação é algo que tem paralelos com insistência judaizantes que a circuncisão era necessária para a salvação, uma ideia rejeitada fortemente Paulo em Gálatas 5: 1-12. Além disso, com a exceção da Grande Comissão, Jesus não incluem o batismo em sua pregação e ensino sobre o reino. Na verdade, o ladrão na cruz não foi batizado, ou poderia ser. Mas Jesus assegurou-lhe: "Em verdade vos digo, ainda hoje estarás comigo no paraíso" (Lucas 23:43.). Também deve-se notar que tenta conciliar o conceito de regeneração batismal com o princípio bíblico da salvação pela fé somente se revelaram insuficientes. Nem o argumento de que as crianças que são batizadas têm uma fé inconsciente ou o argumento de que a fé dos pais (ou igreja) é muito convincente o suficiente. Em vários pontos, portanto, a teoria de que o batismo é um meio de graça é insustentável.

E o que acontece com a alegação de que o batismo é uma continuação ou spoofing rito da circuncisão do Antigo Testamento como uma marca que se tornou parte do convênio? É significativo que o Novo Testamento tendem a desprezar o ato externo da circuncisão. Ele argumenta que a circuncisão tem de ser substituído, e não por um outro evento externo (como o batismo), mas por um ato interno do coração. Paulo afirma que a circuncisão do Antigo Testamento era uma formalidade para fora denotando o judaísmo, mas o verdadeiro judeu é judeu o que está dentro: "é um judeu que o é interiormente, e circuncisão é a do coração, em espírito e não na letra. O louvor não provém dos homens, mas de Deus" (Rom. 2:29). Paulo está dizendo não só que a circuncisão já passou, mas todo o quadro que incluiu a circuncisão foi substituída. Enquanto Oscar Cullmann e outros têm argumentou vigorosamente que o batismo é o equivalente a circuncisão no Novo Testamento, George Beasley-Murray notou que o batismo, na verdade, "terminou a necessidade da circuncisão, porque isso significava união do crente com Cristo, e em união com Ele a velha natureza foi abandonada. A circuncisão inferior foi substituída por outra maior; a circuncisão espiritual prometido na antiga aliança se tornou uma realidade no novo através do batismo.³⁰ Então, se algo substituiu a circuncisão externa não é o batismo, mas a circuncisão interna. No entanto, não é, como Paulo sugere em Colossenses 2: 11-12, uma estreita relação entre a circuncisão espiritual e batismo.

Então, qual é o significado do batismo? Para responder a esta pergunta deve-se notar primeiramente que existe uma forte ligação entre batismo e nossa união com Cristo na sua morte e ressurreição. Paulo enfatiza este ponto em Romanos 6: 1-11. O uso do aoristo sugere que em um momento específico do crente realmente está ligada à morte e ressurreição de Cristo: «Não sabeis que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte, porque somos? sepultados com ele na morte pelo batismo,

para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós possamos caminhar em novidade de vida "(vv. 3-4). Em segundo lugar, nota-se que o livro de Atos muitas vezes relacionada com a crença e batismo. Batismo normalmente ir em frente ou partidas quase acreditar. Por ter sua conversão e do batismo, muitos anos depois, Paulo citou as palavras Ananias disse: "Levante-se, seja batizado e lave os seus pecados, invocando o seu nome" (Atos 22:16.). As palavras de Ananias sugerem que no batismo alguém invoca o nome do Senhor. Batismo, então, é em si um ato de fé e compromisso. Embora a fé é possível sem o batismo (ou seja, a salvação não depende de que um é batizado), o batismo é um acompanhamento natural e é a consumação da fé.

Batismo é, portanto, um ato de fé e testemunho de que uma juntou-se a Cristo em sua morte e ressurreição, que tem experimentado a circuncisão espiritual. É uma indicação pública de nosso compromisso com Cristo. Karl Barth faz uma apresentação clara e direta deste ponto em suas primeiras palavras de sua curta, mas maravilhoso livro *O Ensino do Batismo Quanto Igreja* (A doutrina da Igreja sobre o batismo): "O batismo cristão é essencialmente representação [*Abbild*] Renaissance homem através da participação, através do poder do Espírito Santo, na morte e ressurreição de Jesus Cristo, e também a representação da associação do homem com Cristo, o pacto da graça que foi concluída e realizada em Ele, ea comunhão de sua igreja ".

O batismo é uma maneira poderosa para proclamar a verdade de que Cristo fez; É uma "palavra de água" crente testemunhando participação na morte e ressurreição de Cristo (Rom. 6: 3-5). É um símbolo e não um simples sinal, porque é uma imagem gráfica da verdade que ele representa. Não existe uma ligação intrínseca entre um sinal eo que ela representa. É apenas uma convecção, por exemplo, uma luz verde nos diz que pode mover-se, sim, que devemos parar. Por outro lado, o sinal de cada cruzamento do trilho é um sinal; Ele também é simbólica porque é uma imagem básica do que você pretende indicar: o cruzamento de uma estrada e uma ferrovia. O batismo é um símbolo, não apenas um sinal, porque ele realmente expressa a morte e ressurreição do crente com Cristo.

Os sujeitos do batismo

A próxima questão lógica é sobre quem são os temas apropriados para o batismo. Aqui a questão é se a defender o batismo infantil ou o batismo de crentes (isto é, a posição que diz que o batismo deve ser restrito às pessoas que confessaram sua fé na obra expiatória de Cristo). Ele observa que a dicotomia não é sobre o batismo entre crianças e adultos, para aqueles que rejeitam o batismo das crianças estipulam que os candidatos para o batismo deve realmente ter exercido fé. Argumentamos que o batismo de crentes é a posição correta.

Uma das considerações mais importantes é a falta de qualquer indicação positiva no Novo Testamento do batismo infantil. A admissão impressionante foi feita em *Batismo e da Confirmação Hoje* (Batismo e da Confirmação Hoje), um relatório feito pela União dos Comitês do Batismo, da Confirmação e da Comunhão da Igreja da Inglaterra:

É claro que os destinatários do batismo eram geralmente adultos e não crianças; e deve-se admitir que não há nenhuma evidência conclusiva no Novo Testamento sobre o batismo infantil. Tudo o que podemos dizer é que é possível que quando se diz que "a família" foi batizado *podem* incluir crianças (Atos 16:15, 33 ;. 1 Cor 1:16). Mas de qualquer maneira, é claro que a *doutrina* do batismo no Novo Testamento é expresso em relação ao batismo de adultos, como também foi o caso (com duas ou três exceções) os autores dos três primeiros séculos, em cada caso ... é cobrado sobre o batismo no Novo Testamento, o Evangelho tinha sido ouvida e aceito, ea condição da fé (e, presumivelmente, o arrependimento) foi conscientemente cumprida antes de receber o sacramento.

Um grande número de estudiosos do Novo Testamento agora admitem este ponto. Eles não fazem um mais forte do que possível que o batismo de toda uma família pode incluir declaração crianças.

No entanto, alguns estudiosos representam uma abordagem mais vigorosa. Entre eles está Joachim Jeremias, que argumenta que deve ter havido crianças em famílias que foram batizadas. Em relação Atos 11:14 (veja 10:48); 16:15; 16: 31-34; 18: 8 e 1 Coríntios 1:16 diz: "Nestes cinco casos evidência lingüística nos proíbe de restringir o conceito de membros adultos da família ". Pelo contrário, mostra que *a família inteira, incluindo todos os membros* receberam o batismo. "Beasley-Murray, no entanto, disse que essa linha de argumentação, embora pareça razoável, leva a conclusões que vão além do que Jeremias pretendido, porque as famílias em causa experiência de mais de batismo. Beasley-Murray mantida, por exemplo, que "sob o princípio de Jeremias não deve ter qualquer dúvida sobre o significado de [Atos. 10: 44-48]: *todos* os parentes de Cornélio ouviu a palavra, *todos* receberam o Espírito, *todos* falavam em línguas, *todos* foram batizados; crianças presentes ouviram a palavra, recebeu o Espírito, falou em línguas e foram batizados. Para isso *sem exceção* é permitido! "Claro, há uma outra interpretação desta passagem e outros como ele. É possível que todos os membros destas famílias eram elegíveis para o batismo acreditou e se arrependeu. Nesse caso, é claro, todos os indivíduos tinham atingido a idade de compreender e ser responsável.

Outro argumento usado para apoiar o batismo infantil é as crianças que foram trazidos para Jesus e ele pôs as mãos (Mateus 19: 13-15, Marcos 10: 13-16; Lucas 18:15. -17) eles podem realmente ter sido trazido para o batismo. A comissão especial sobre o batismo da Igreja da Escócia, em 1955, relatório argumenta que a expressão de Jesus, "estes pequeninos que crêem em mim" (Mt. 18: 6) significa que eles foram "batizados em Cristo" (Gl 3. : 27). O relatório também tentou provar que Mateus 18: 3; Marcos 10:15 e Lucas 18:17 são análogas às João 3: 3 e 3: 5, e que todos se referem ao batismo. Esta é uma elaboração do argumento Jeremias. Beasley-Murray discutidos nesta seção do relatório: "Alguns dos que a exegese parece tão improvável que eu não consigo entender como uma teólogos responsáveis meados do XX século corpo pode permitir que a ser publicado em seu nome."

Ambos Jeremias e Cullmann ver Marcos 10: 13-16 e passagens paralelas referindo-se ao *Sitz im Leben*, a situação da igreja primitiva. Eles acreditam que essas histórias foram incluídos nos Evangelhos para justificar a prática da igreja batismo infantil. Embora a análise e avaliação desta questão vai além do escopo do nosso trabalho,³⁹ é importante notar que as passagens em questão não mencionar o batismo. Certamente, se o objetivo de incluí-los nos Evangelhos era para justificar o batismo infantil, haveria uma clara referência em algum lugar no contexto imediato. Quando Jesus disse que qualquer um de entrar no reino dos céus deve fazer como uma criança, eu estava me referindo a necessidade de confiar absolutamente, nenhum batismo.

Finalmente, observamos que a defesa do batismo infantil vem a partir da idéia de que o batismo é um meio de graça ou a idéia de que o batismo, como a circuncisão no Antigo Testamento, é uma entrada de sinal e selo no convênio. Uma vez que ambas as idéias provaram ser inadequados, devemos concluir que o batismo infantil é insustentável. O significado do batismo exige que mantemos a posição do batismo de crentes como no Novo Testamento provas lugar nenhum claro que um indivíduo foi batizado antes de demonstrar a fé é oferecido.

O modo de batismo

Não foi possível resolver a questão do que é a forma correta de batismo com base apenas em dados lingüísticos. No entanto, devemos notar que o significado predominante de βαπτίζω está "imerso ou colocado debaixo d'água" Mesmo Martin Luther e John

Calvin reconheceu que a imersão era o significado básico do termo e a forma original de batismo praticado pela igreja primitiva.⁴¹ Lá Várias considerações argumentam que a imersão era o procedimento bíblico. João batizou em Enon, "porque havia muita água" (Jo. 3:23). Quando ele foi batizado por João, Jesus saindo da água "(Marcos 1:10). Depois de ouvir a boa notícia, o eunuco etíope disse a Filipe: "Aqui é a água, o que me impede de ser batizado?" (At. 8:36). Depois de ambos descenderem para a água. Filipe o batizou e os dois subiram água (38-39 vv.).

Mas o fato de que a imersão era o modo que foi usado originalmente é historicamente autoritário para nós? Quero dizer, é também normativamente autoridade para nós? Não há dúvida de que o procedimento seguido no Novo Testamento foi imersão. Mas isso significa que devemos continuar praticando hoje? Ou existem outras possibilidades? Aqueles que não preste atenção em como manter que não há nenhuma ligação essencial entre o significado do batismo e da forma como é administrado. Mas se, como nós estabelecemos em nossa discussão sobre o significado, o batismo é, na verdade, um símbolo, não apenas um sinal arbitrário, não somos livres para mudar o modo.

Em Romanos 6: 3-5 Paulo parece estar argumentando que há uma importante conexão entre a forma como o batismo é administrado (se está imerso em água e, em seguida, é tomada fora dela) e que ela simboliza (a morte do pecado e da vida nova em Cristo, e, além disso, o batismo simboliza a base da morte do crente para o pecado e uma nova vida: a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo). Beasley-Murray diz:

Apesar da negação frequente dos exegetas, é certamente razoável acreditar que a razão para Paul dizer que o batizado é *enterrado* como se ele estivesse *morto*, *ao invés de morto* (como no v. 6), *é a natureza do batismo como imersão*. O simbolismo de imersão que representa o enterro é muito marcante, e se o batismo tem de ser comparado com o simbolismo profético, paralelismo do evento eo evento não simbolizada sem importância. Realmente uma afirmação como CH Dodd "Immersion é como um funeral ... emersão uma ressurreição", você pode fazer só porque o kerygma, dada a importância do batismo; tudo o significado de Cristo e sua redenção é o kerygma *em ação*, e se a ação representar adequadamente o conteúdo do kerygma, é a fala muito mais clara. Mas, novamente, o "com Ele" Batismo é devido ao evangelho, não imitação. É "por sua morte" Cristo e Sua morte e ressurreição de Cristo dá sentido pleno à rito. Como um dos primeiros batistas britânicos, o batismo é para ser "sob a água para morrer."

Você poderia dizer que Beasley-Murray, um batista, é preconceituosa nesta matéria. No entanto, você não pode dizer o mesmo estudioso reformado Karl Barth, que escreveu:

A palavra grega βαπτίζω e da palavra alemã *taufen* (de *Tiefe*, *Esclarecedor*) na origem e adequadamente descrever o processo pelo qual um homem ou um objeto está completamente imerso na água e depois extrai-se novamente. O batismo original foi conduzido desta forma teve seu processo assim como a circuncisão era no Antigo Testamento, o caráter de uma ameaça direta à vida, concluiu imediatamente com a liberação ea conservação correspondente, o renascimento de batismo. Quase inevitavelmente realizar o batismo por imersão - como foi feito no Ocidente até bem na Idade Média - expressando o que representou forma muito mais expressivo que se tornou a forma mais comum, especialmente quando a efusão é simplesmente reduzida para pulverizar e no final quase molhado com a menor quantidade de água possível ... É a última palavra sobre o assunto que a facilidade de administração, saúde e propriedade são importantes para fazer o contrário [ou seja, razões, para administrar o batismo de maneiras diferentes a partir do original]?

Com base nestas considerações, imersão parece ser a forma mais adequada de posições diferentes. Embora possa não ser o único válido, ele é a maneira que conserva mais plenamente o significado do batismo.

Independentemente da forma como for aprovada, o batismo não é uma questão a ser tomada de ânimo leve. Tem grande importância, porque é um sinal de união do crente

com Cristo e, como uma confissão de que a união, um ato adicional da fé, que serve para cimentar a relação com mais firmeza.

54. Continuação igreja rito: a Ceia do Senhor

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Descreva pelo menos seis pontos sobre os quais eles concordam substancialmente diferentes grupos confessionais sobre a Ceia do Senhor.
- Identificar e descrever pelo menos cinco pontos de grupos denominacionais desacordo quanto à Ceia do Senhor.
- Examine quatro principais teorias sobre a Ceia do Senhor e as implicações de cada um.
- Encontrar respostas para as questões envolvidas em uma teoria adequada da Ceia do Senhor.

Resumo do capítulo

A Ceia do Senhor é de vital importância para todos os grupos cristãos. Ele continua o que começou com o batismo de nos iniciar na fé cristã. Há pelo menos seis pontos-chave do acordo entre grupos cristãos e pelo menos cinco dos desacordo. Uma solução para cada uma destas questões é proposto.

Questões de estudo

1. Quais são os pontos essenciais do acordo entre os vários grupos cristãos ao redor da Ceia do Senhor? Liste cada um deles, e tratá-los mencionar sua importância a partir de sua perspectiva.
2. Por que a presença de Cristo, a eficácia do rito e os elementos utilizados são importantes? Existem quaisquer expectativas especiais para o administrador e receptor? O que é sacerdotalism? Que papel nesta discussão? Como você trataria cada uma dessas questões?
3. Comparar e contrastar a Ceia do Senhor, do ponto de vista romana católica, luterana, reformada e Zwingli. Divida uma folha de papel em quatro colunas e colocar em cada um dos pontos de desacordo. Comparar os diferentes pontos de vista.
4. O que você acha sobre a Ceia do Senhor?

Pontos de acordo

- Estabelecido por Cristo
- Necessidade de repetição
- Uma forma de anúncio
- Um benefício espiritual para os participantes
- Reservado para os seguidores de Cristo
- A dimensão horizontal

Os pontos de desacordo

- A presença de Cristo
- A eficácia do rito
- O administrador apropriado
- Receptores adequados
- Itens de usar
- Principais pontos de vista
 - Ponto Católica Romana de vista tradicional
 - A visão luterana
 - A visão reformada
 - O ponto de vista de Zwingli
- Tentando problemas
 - A presença de Cristo
 - A eficácia do rito
 - O administrador apropriado
 - Receptores adequados
 - Itens de usar
 - A frequência da celebração

Embora o batismo é o rito de passagem, Ceia do Senhor é o rito contínuo da igreja visível. Ela pode ser definida, de forma preliminar, como um rito estabelecido qual o próprio Cristo para a Igreja que praticou em comemoração de sua morte.

Imediatamente nós encontramos um fato curioso sobre a Ceia do Senhor. Praticamente todos os ramos da prática cristianismo. É um fator comum a todos os segmentos do cristianismo vincutivo. No entanto, por outro lado, há muitas interpretações diferentes. Historicamente tem mantido distante de vários grupos cristãos. Por isso, é um fator que ambos os une e divide o cristianismo.

Os pressupostos filosóficos têm desempenhado um papel importante na formação dos pontos mais importantes de vista sobre a Ceia do Senhor. Algumas dessas premissas refletem debates e discussões em tempos medievais. Em muitos casos, as posições filosóficas por trás das premissas foram alteradas ou mesmo abandonada, e teologia hoje é menos orientada para questões filosóficas. No entanto, curiosamente, as implicações teológicas de questões filosóficas medievais permanecem. Portanto, é importante isolar os pressupostos em que diferentes pontos de vista da Ceia do Senhor são suportados.

Em alguns casos, a questão do valor espiritual e prática da Ceia do Senhor é perdida quando se discutem questões teóricas. As questões teóricas são importantes (afecta considerações espirituais), e, portanto, não deve ser negligenciada muito rápido. No entanto, se pararmos demais em questões técnicas e não avançar para abordar o significado prático não vir a entender o propósito pelo qual Cristo realmente definir jantar. Experimente o significado da Ceia do Senhor, não só compreendê-lo, que é o nosso objetivo.

Pontos de acordo

As diferentes tradições ou grupos denominacionais concordam em um grande número de questões muito importantes.

Estabelecido por Cristo

Durante muito tempo, os estudiosos do Novo Testamento que o próprio Jesus questionou estabelecer a Ceia do Senhor. O primeiro foi seriamente questionada este HEG Paulus em seu comentário sobre o Novo Testamento (1800-1804) e da vida de Jesus (1828). David Strauss também negou em sua primeira edição da vida de Jesus (1835), mas admitiu a possibilidade da edição de volta popular (1864), quando ele questionou apenas os detalhes. Alguns críticos da forma recente também discutiu a autenticidade das declarações de Jesus, que estabelece a sua ceia. WD Davies, por exemplo, fala de "os restos de essas palavras filtradas através da mente de um rabino." ²

Mas, principalmente, há um consenso de que o estabelecimento da Ceia do Senhor deve ser o mesmo Jesus. As provas incluem o fato de que os três evangelhos sinóticos

atribuiu as palavras de abertura da prática (Mt. 26: 26-28, Marcos 14: 22-24; Lc. 22: 19-20). Embora existam algumas variações nos detalhes, a essência comum da sinóptico defende uma introdução precoce na tradição oral. Além disso, Paulo em 1 Coríntios 11: 23-29 dá um relato semelhante da instituição da Ceia do Senhor. Membros do Senhor (παραλαμβάνω - *paralambano*), que agora transmite (παραδίδωμι - *paradidomi*) leitores. Enquanto Paulo não esclarecer se estes fatos foram revelados a ele diretamente por Deus, ou foram transmitidos por outros, o verbo παραλαμβάνω sugere o último e passá-lo para a igreja de Corinto é uma continuação do processo de transmissão. Paul provavelmente já ouviu a história de algumas testemunhas, isto é, dos Apóstolos. Em todo caso, Paulo inclui a história sugere que a tradição foi vários anos antes do primeiro dos Evangelhos, que foi provavelmente a de Marcos foi escrito.⁵ Concluímos que, embora possa não ser possível determinar as palavras pronunciadas por Jesus precisa sabemos que instituiu a prática que leva o seu nome: o jantar Senhor.

Necessidade de repetição

Alguns teólogos sustentam que o próprio Jesus instituiu a Ceia do Senhor, mas não solicitar uma repetição. Esta conclusão baseia-se no fato de que Mateus e Marcos não inclui a frase "Fazei isto em memória de mim" em suas histórias. Alguns críticos assumem que Lucas acrescentou escrever este comando, editando o texto, embora não tenha sido na tradição que havia recebido. Mas a ausência de Marcos e Mateus não prova que o mandato não era autêntico. Lucas poderia ter tido fontes independentes. Em qualquer caso, uma vez que Lucas escreveu sob a inspiração do Espírito Santo, sua carta é totalmente a Palavra de Deus e, portanto, neste ponto em particular é autoritário e obrigatória para nós. Além disso, a história de Paul inclui o comando "Fazei isto em memória de mim ..." (1 Coríntios 11: 24-25), e continua: "Então, cada vez que você comer deste pão e beberdes deste cálice, morte você anunciar o Senhor até que Ele venha "(26 v.). Para estas considerações há que acrescentar a prática da igreja. Claramente crentes celebrada a Ceia do Senhor a partir de uma idade muito precoce. Claro que já é visto na igreja no momento da primeira carta de Paulo aos Coríntios (cerca de 55 dC). Este foi o tempo quando testemunhas oculares ainda estavam vivos, que poderiam verificar a autenticidade do relato de Paulo das palavras de Jesus. Estas considerações são um argumento a favor da prorrogação do mandato de repetir o sacramento de Jesus proceder.

Nós também precisamos perguntar qual é o significado da Ceia do Senhor, se tivesse havido um comando de repetição. Nesse caso, o pão eo vinho foram importantes apenas para o grupo que estava presente. Os elementos teriam constituído uma espécie de demonstração prática aos onze. E a história da Última Ceia teria sido incorporada nos Evangelhos apenas como um fato histórico. No entanto, sabemos que, na época dos escritos de Mark (cerca de 60-62 AD) e não tinha necessidade premente de um relato histórico da Última Ceia (ao contrário do que aconteceu com a maioria dos outros fatos ministério de Jesus). O relato histórico detalhado ensinamento de Paulo já estava em circulação. Mark e os outros sinóticos decidiu incluir um relato da última ceia fortemente que ele sugere que eles consideraram que era mais do que um mero evento histórico. É razoável inferir que incluiu a Ceia do Senhor em suas Evangelhos porque Jesus afirmou que esta era uma prática que continuou nas gerações futuras. Nesse caso, incluindo a Ceia do Senhor nas contas de Mateus e Marcos evidências de que o rito deve ser repetido regularmente, mesmo que estes dois escritores não recolhem qualquer liminar neste sentido.

Uma forma de anúncio

Embora haja uma diferença de opinião sobre se o pão eo vinho são meros emblemas ou não, todas as denominações em geral concordam que a Ceia do Senhor é, pelo menos,

uma representação da verdade e significado da morte de Cristo. Paul disse especificamente que a Ceia do Senhor é uma maneira de proclamar: "Então, cada vez que você comer deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha." (1 Cor 11,26). O ato de tomar o pão eo cálice é uma dramatização do evangelho, uma demonstração gráfica do que a morte de Cristo realizou. Lembre-se de sua morte, como a base da nossa salvação. Mas mais do que isso, declara esta verdade: a importância do descarte adequado da mente e do coração. Comungantes tem que examinar a si mesmo antes de comer o pão e beber o cálice; tudo que "sem reconhecer o corpo do Senhor come e bebe juízo para si mesmo" (versos 28-29.). Comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, é ser culpado de pecar contra o corpo e sangue do Senhor (v. 27). Embora se possa interpretar a referência de Paulo a "discernir o corpo" (v. 29) para significar que a igreja não estava sendo reconhecido corretamente, a frase "o corpo eo sangue do Senhor" (v. 27) é uma evidência que Paulo estava realmente pensando sobre a morte de Jesus. Além de entender corretamente o que Cristo realizou e tem um bom relacionamento com ele, comunicantes devem conviver uns com os outros. Paul notou com pesar que havia divisões na igreja de Corinto (v. 18). Alguns membros quando eles comeram não foram realmente celebrar a Ceia do Senhor (v. 20), porque eles simplesmente comer sem esperar pelos outros. (V. 21). Desprezo pelos companheiros cristãos e da igreja é uma contradição em Ceia do Senhor. Assim, a Ceia do Senhor é um símbolo desta comunhão vital dos fiéis com o Senhor e uns aos outros como um símbolo da morte de Jesus passado. Também é uma proclamação de um acontecimento futuro; antecipa a segunda vinda do Senhor. Paulo escreveu: "Assim, cada vez que você come deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor *até que Ele venha*" (v 26, grifo nosso.).

Um benefício espiritual para os participantes

Todos os cristãos participam da Ceia do Senhor considerá-lo um benefício espiritual. A este respeito, todos concordam que a Ceia do Senhor é sacramental. Ele pode ser um meio, ou pelo menos uma ocasião, de crescimento espiritual no Senhor. Existem diferentes formas de compreender a natureza do benefício que é conseguido tomando a Ceia do Senhor. Há também diferentes formas de compreender os requisitos para receber este benefício espiritual. No entanto, todos concordam que nós não tomamos os elementos só porque o mandamento do Senhor nos obriga a fazer. Participação conduz ou contribui para a salvação ou o crescimento nesta salvação.

Reservado para os seguidores de Cristo

Todas as denominações concordam que a Ceia do Senhor não deve ser administrado indiscriminadamente a todos. É de certa forma um símbolo do discipulado é na relação entre o crente eo Senhor. Assim, ele não deve ser dada a aqueles que não são discípulos do Senhor.

Esta restrição é baseada no fato de que a Ceia do Senhor originalmente realizada dentro do círculo íntimo de discípulos. Ele não compartilhar com a multidão de pessoas que vieram para Jesus, muitos dos quais eram simplesmente curiosos ou pessoas que queria para obter algum benefício pessoal dele. Em vez disso, a Última Ceia foi realizada em privado, entre aqueles que eram mais comprometidos com Cristo. Além disso, lembre-se que o grupo tinha de ser purificado. Judas, que trairia Jesus, aparentemente, deixou o grupo no meio da comida.

A restrição dos crentes Ceia do Senhor também é comprovado por palavras de Paulo sobre si mesmo examinado, sugerido acima. Você precisa de uma pessoa para examinar-se para comer e beber de forma digna. Um não deve ser apenas um crente, mas um crente praticante de tomar os elementos. Qualquer outra coisa é pecado (1 Coríntios 11: 27-34).

A dimensão horizontal

A Ceia do Senhor é, ou representa, o corpo do Senhor. Também é para o corpo, isto é, para a igreja. Em 1 Coríntios 10: 15-17 Paulo argumenta que uma vez que todos comer o mesmo pão, que é o corpo de Cristo são todos um só corpo. Este é o contexto das declarações de Paulo em 1 Coríntios 11: 17-22. Portanto, os membros da igreja se dividem em facções e desprezar outros que comem o mesmo pão com eles é um abuso e uma contradição da prática. A Ceia do Senhor é uma ordenança da igreja. Eles não podem praticar indivíduos devidamente isoladas separadamente.

Os pontos de desacordo

A presença de Cristo

Entre as questões que foram discutidas sobre a Ceia do Senhor, a natureza da presença de Cristo, provavelmente o mais proeminente. Mesmo Martin Luther e Ulrich Zwingli, que concordou em outras questões, como a eficácia e validade do rito, não conseguiram chegar a um acordo em relação a este ponto. Esta questão é saber se e em que sentido, o corpo eo sangue de Cristo estão realmente presentes nos elementos usados. Assim, com o que você tem que interpretar as expressões literais "este é o meu corpo" e Houve várias respostas a esta pergunta "isto é o meu sangue.":

1. O pão eo vinho *são* o corpo eo sangue de Cristo física.
2. O pão eo vinho *contêm* o corpo físico e de sangue.
3. O pão eo vinho *contêm espiritualmente* o corpo eo sangue.
4. O pão eo vinho *representam* o corpo eo sangue.

A eficácia do rito

Que valor faz a Ceia do Senhor? O que realmente fica para (e em) os participantes? Uma posição é que realmente dá graça aos comunicante. O rito tem dentro de si o poder de provocar mudanças espirituais que de outra forma não poderiam ocorrer. A segunda posição é que a Ceia do Senhor serve para colocar o participante em contato com o Cristo vivo. Ela está presente espiritualmente e, assim, beneficiar de que o encontro com ele. No entanto, a reunião não é o próprio rito a fonte do benefício surge. O rito é apenas o instrumento que promove a nossa relação com ele. Não é a relação ou transmitir a bênção que o acompanha. Uma terceira opção mantém a Ceia do Senhor tem apenas a função de lembrar a verdade que o Senhor está presente e disponível. O seu potencial para benefício espiritual é muito semelhante ao sermão. O benefício de um sermão depende se você acreditar nele e aceitar. Da mesma forma, é perfeitamente possível para tomar a Ceia do Senhor e não ser afetado pela experiência.

O administrador apropriado

Quem pode presidir a Ceia do Senhor? É necessário ter um padre ou um ministro? É necessário que haja uma pessoa ordenada para o rito a ser válido? E se assim for, o que seria um arranjo adequado?

Aqui estamos lidando com a questão da sacerdotalism, o que está intimamente relacionado com sacramentalismo. Sacramentalismo é a doutrina que os próprios e os sacramentos transmitir graça e pode até mesmo chegar a salvação do indivíduo. Sacerdotalismo é a doutrina correlativo que apenas certas pessoas são treinadas para administrar os sacramentos. Por exemplo, no dogma clássico da Igreja Católica Romana, os únicos padres católicos ordenado na sucessão apostólica podem administrar a Eucaristia. Se alguém tomar os mesmos elementos físicos e decisão as mesmas palavras

sobre eles, eles permaneceriam pão e vinho. Aqueles que recebem os itens seria comer uma refeição simples, receber a Eucaristia.

Em alguns grupos cristãos não muito litúrgicas, não é colocado para qualquer pessoa em particular a administração de limitação da Ceia do Senhor. Qualquer cristão espiritualmente qualificado para receber a Ceia do Senhor também é possível gerenciá-lo. Se uma pessoa segue a forma estabelecida e tem a intenção correta, o sacramento é válido.

Uma questão subsidiária é a ênfase relativa dada à igreja e do clero. Alguns comunhões que definem as qualificações precisas para os gestores no entanto colocar maior ênfase na igreja. O clero é uma instituição da Igreja; o sacerdote é simplesmente o representante tiver sido nomeado. Outros comunhões dar mais importância para o próprio sacerdócio e gestão adequada. Do seu ponto de vista, o sacerdote, na verdade, tem o poder de fazer o que a Ceia do Senhor recebe.

Receptores adequados

Temos notado que todas as igrejas exigir que todos aqueles que participam da Ceia do Senhor são cristãos. Também pode haver estipulações adicionais. Alguns grupos insistem em que os participantes são devidamente batizado. Alguns elementos congregações locais distribuído apenas para seus próprios membros. Outros especificar uma idade mínima. Muitas vezes, obrigados a estar em um estado espiritual particular, pelo menos tacitamente ou informalmente. Praticamente todos os grupos negam a Ceia do Senhor as pessoas que sabem que estão vivendo em pecado grave. Você pode precisar de confessar ou a jejuar antes de tomar os itens.

Uma questão específica é se interesse histórico estão devidamente colocar os dois elementos da Ceia do Senhor. Uma das principais críticas de Lutero foi a Igreja Católica que negavam o copo para os leigos. Só eles autorizados a levar pão. O clero tomou o cálice em nome dos leigos. Esta prática constituía o que Lutero chamou um dos "cativeiros babilônicos" da igreja ".

Itens de usar

Finalmente, tentamos um assunto que divide denominações, mas as disputas criadas entre os grupos que se não fosse por isso, concorda: Os elementos deve ser o mesmo que usar o primeiro quem praticou a Ceia do Senhor? O pão deve ser sem fermento, como foi o caso da refeição da Páscoa? Ou podemos interpretar a referência de Paulo a "um pão" (1 Cor 10,17) a todos os pães são aceitáveis? Devemos usar vinho ou deve ser servido da mesma forma? Se deseja usar do vinho, a quantidade de álcool deve ter para torná-lo igual ao que Jesus e seus discípulos usado? E deve haver um copo comum, ou isso teria copos individuais? Será que a liberdade congregação para fazer as alterações no procedimento para fins médicos? Embora estas questões para alguns pode parecer sem importância para eles, às vezes eles têm sido a base para discussões sérias e até mesmo divisão.

Às vezes, esta questão coloca o desejo de adaptar a mensagem cristã de cultura para cultura. Posso usar um pouco diferentes elementos do original se o pão eo vinho não estão disponíveis ou não fornecem o significado que tinha para o povo do Novo Testamento? Por exemplo, poderia um pão mudança de cultura esquimó e vinho a água e os peixes?

Às vezes surge a questão, porque você quer mudar ou inovar. Os jovens podem querer refrescar sua experiência variando símbolos religiosos. É válido para substituir o pão eo vinho para chips e coque quando você tem suco de pão e vinho ou de uva?

Principais pontos de vista

Ponto Católica Romana de vista tradicional

A posição católica romana na Ceia do Senhor foi exibido no Concílio de Trento (1545-1563). Apesar de muitos católicos, especialmente nos países ocidentais, já abandonou algumas das características desse ponto de vista, continua a ser o fundamento da fé de muitos.

Transubstanciação é a doutrina que, quando o padre consagra os elementos, na verdade, produz uma mudança metafísica. A substância do pão e do vinho - o que é realmente -, respectivamente, torna-se o corpo eo sangue de Cristo. Acidentes, no entanto, permanecem os mesmos. Portanto pão mantém a forma, a textura eo sabor do pão. Uma análise química diria permanece pão. Mas o que é, em essência mudou. Whole Cristo está presente em cada partícula do hospedeiro.¹³ Todos os que participam da Ceia do Senhor, ou a Santa Comunhão, como é chamado, literalmente tomando para si o corpo físico e sangue de Cristo.

Para pessoas modernas que não acreditam em termos metafísicos, transubstanciação é estranho, e talvez até mesmo absurda. No entanto, ela se baseia na distinção de Aristóteles entre substância e acidentes, que através de Tomás de Aquino encontrou seu caminho para a teologia oficial da Igreja Católica Romana. A partir desta perspectiva filosófica, transubstanciação faz sentido perfeitamente.

Um segundo princípio importante para o ponto de vista católico é que a Ceia do Senhor envolve um ato de sacrifício. Na missa, Cristo realmente oferece novamente um sacrifício pelos paroquianos, da mesma forma que fez com a crucificação. Deve ser entendido como um sacrifício propiciatório que satisfaça as exigências de Deus. Ele serve como um sacrifício pelos pecados veniais. No entanto, o sacramento da Eucaristia está poluída seriamente alguém que toma sobre si um pecado mortal perdoado não participar. Portanto, deve ser considerada seriamente com antecedência, como Paulo ensinou aos seus leitores a fazer.

Um terceiro princípio do ponto de vista católico é sacerdotalism: a idéia de que um padre devidamente ordenados devem estar presentes para consagrar o host. E sem um padre para officiar, os elementos permanecem pão e vinho. No entanto, quando um padre qualificado ainda a fórmula certa, os elementos completa e permanentemente mudar a tornar-se o corpo eo sangue de Cristo.

Na administração tradicional do sacramento, a taça foi negado à congregação, reservado apenas para o clero. O principal motivo foi o perigo que pode derramar sangue. Porque o sangue de Jesus foi pisoteado seria uma profanação. Além disso, havia dois argumentos que eram desnecessários para a congregação tomar o copo. Em primeiro lugar, o clero fez em nome da congregação; que tomou o cálice, em vez de pessoas. Em segundo lugar, ele não ganhar alguma coisa com a qual as pessoas tomam a taça. O sacramento foi completa sem ela, porque cada partícula de tanto o pão eo vinho contém completamente o corpo, alma e divindade de Cristo.

A visão luterana

A visão luterana da Católica Romana difere em muitos, mas não todos os aspectos. Lutero não rejeitou *in toto* a visão tradicional. Ao contrário das igrejas reformadas e Zwingli, Lutero manteve a idéia católica de que o corpo eo sangue de Cristo estivesse fisicamente presente nos elementos. No seu diálogo com Zwingli (o Colóquio Marburg), diz-se que Lutero enfatizou repetidamente as palavras "Este é meu corpo." Ele tomou as palavras de Jesus, literalmente, neste caso. O corpo e sangue são realmente não só figurativamente presentes nos elementos.

Qual foi Luther negou a doutrina católica da transubstanciação. As moléculas não mudar para se tornar carne e sangue, pão e vinho permaneceu. Mas o corpo eo sangue de Cristo estavam presentes "em, com e sob" o pão eo vinho. O pão eo vinho não se tinha tornado o corpo eo sangue de Cristo, mas agora eles tiveram o corpo eo sangue além de

pão e vinho. O corpo eo sangue estão lá, mas não de uma maneira que faz com que a presença do pão e do vinho é excluído. Enquanto alguns têm usado o termo *consustanciação* para descrever o conceito de corpo e pão de Lutero eles estão presentes, ao mesmo tempo que o sangue e vinho coexistem, não é que Lutero usou o termo. Pensando em termos de uma substância que desempenha um outro, ele usou a analogia de uma barra de ferro aquecida pelo fogo. A substância é de ferro não deixam de existir quando a substância é penetra fogo, aquecendo-o a uma temperatura elevada.

Lutero rejeitou outros aspectos da concepção católica da Missa, em particular, a ideia de que a Missa é um sacrifício. Visto que Cristo morreu e sacrificado pelo pecado uma vez por todas, e como o crente é justificado pela fé como um único sacrifício, não há necessidade de sacrifícios repetitivas.

Lutero também rejeitou sacerdotalism. A presença do corpo e sangue de Cristo não é devido às ações do sacerdote. Pelo contrário, é uma consequência do poder de Jesus Cristo. Enquanto o catolicismo sustenta que o pão eo vinho são transformados no momento em que o sacerdote pronuncia as palavras, o luteranismo não especular sobre quando o corpo eo sangue aparece em primeiro lugar. Apesar de um ministro devidamente ordenado tem para administrar o sacramento, a presença do corpo e sangue não é atribuída a ele ou qualquer coisa que ele faz.

Apesar de negar várias facetas da posição católica, Lutero insistiu no conceito de alimentação. O corpo de Jesus realmente comer. Luther cantou "Tomai, comei; este é o meu corpo "(Mt. 26:26), literalmente. Para ele, estas palavras não se referem a uma recepção espiritual de Cristo ou o seu corpo, mas para realmente tirar o corpo de Cristo em nosso corpo. De fato, Jesus disse uma vez: "Em verdade, em verdade eu vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Aquele que come a minha carne e bebe meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia, a minha carne é verdadeira comida eo meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele "(Jo 6: 53-56). O sentido direto destas palavras se encaixa bem com a declaração feita por Jesus na Última Ceia. Temos de levá-los, literalmente, se formos fiéis ao texto e coerentes com a nossa interpretação.

E quanto ao benefício do sacramento? Em declarações esta de Lutero eles são menos claros. Ele insiste em que, ao participar no benefício real sacramento é recebida: perdão dos pecados e confirmação de fé. No entanto, o benefício é devido não aos itens listados no sacramento, mas a Palavra é recebida pela fé. Neste Luther parece quase como se estivesse considerando o sacramento simplesmente um meio de proclamação para responder como se responde a um sermão. No entanto, se o sacramento é simplesmente uma forma de proclamação, que sentido faz a presença física no corpo e sangue de Cristo? Em outros momentos, Lutero parece ter a visão de que o benefício vem de realmente comer o corpo de Cristo. O que está claro a partir dos vários comentários de Lutero é que ele realmente acreditava Ceia do Senhor como um sacramento. Ao tomar os elementos crentes recebem benefício espiritual que de outra forma não teriam de suportar. O cristão, portanto, deve aproveitar a oportunidade da graça oferecida pelo sacramento da Ceia do Senhor.

A visão reformada

O terceiro ponto principal de vista sobre a Ceia do Senhor é o calvinista ou remodelado. Embora o termo *calvinismo* muitas vezes desencadeia imagens de uma ideia concreta da predestinação não é o que temos em mente aqui agora. Em vez disso, estamos nos referindo à ideia de que Calvin estava na Ceia do Senhor.

Há algum desacordo sobre o que eram exatamente as respectivas ideias Calvin e Zwingli. Em uma interpretação, a ênfase de Calvino sobre a dinâmica ou influente presença de Cristo não é muito diferente de Lutero. Zwingli, entretanto, ensinou que

Cristo está presente apenas espiritualmente. Se essa interpretação estiver correta, então era o ponto de vista de Zwingli e Calvin não que prevaleceu nos círculos Reformados. De acordo com outra interpretação, Calvin sustentou que Cristo é espiritualmente presente nos elementos, e os elementos Zwingli eram meros símbolos de Cristo; ele não está fisicamente ou espiritualmente presente.²⁵ Se esta interpretação de sua respectiva posição está correta, era a visão de Calvino, que aceitou as igrejas reformadas. No entanto, a vista definitivamente aprovado como igrejas reformadas padrão não é tão importante quanto o que implica em si a posição Reformada. E que podemos ser bastante clara. Portanto, é melhor para rotular a posição que estamos discutindo como "reformado" e não como "calvinista".

A visão reformada sustenta que Cristo está presente na Ceia do Senhor, mas não física ou corporal. Em vez disso, a sua presença no sacramento é espiritual ou dinâmico. Usando o sol como um exemplo, Calvin disse que Cristo está presente tão influente. O sol permanece no céu, mas o seu calor e luz estão presentes na terra. Assim, a radiação do Espírito transmite a comunhão da carne e do sangue de Cristo. De acordo com Romanos 8: 9-11, é somente através do Espírito e pelo Espírito que Cristo habita em nós. A idéia de que, na verdade, comer o corpo de Cristo e beber o seu sangue é um absurdo. Pelo contrário, os verdadeiros comungantes espiritualmente nutrir tomou o pão e vinho. O Espírito Santo vai de perto sobre a pessoa de Cristo, a cabeça viva da Igreja ea fonte de vitalidade espiritual.

De acordo com a visão reformada, os elementos do sacramento não são arbitrarias ou separável do seu significado: a morte de Cristo, o valor de sua morte, a participação do crente na crucificação de Cristo e da união dos crentes uns com os outros. E, embora os elementos significam ou representam o corpo eo sangue de Cristo, eles fazem mais do que isso. Também eles selado. Louis Berkhof sugere que a Ceia do Senhor sela o amor de Cristo com os crentes, dando-lhes a garantia de que todas as promessas do pacto e as riquezas do Evangelho são deles por doação divina. No retorno para reivindicar a propriedade pessoal dessa riqueza e realmente tê-lo, os crentes expressar a fé em Cristo como Salvador e prometer obediência como Senhor e Rei.²⁸

Existe, portanto, uma vantagem real objetivo no sacramento. Não é gerado pelo participante; mas o próprio Cristo dá o sacramento. Ao tomar os elementos que o participante realmente recebe a vitalidade de Cristo novamente e de forma contínua. No entanto, isso não deve ser visto como algo único e especial, no sentido de que os participantes experiência no sacramento algo que não pode ser experimentado em qualquer outro lugar. De fato, nos crentes do Antigo Testamento eles experimentaram algo de natureza semelhante. Calvin disse. "A água fluiu a partir da rocha no deserto foi para os israelitas um símbolo e sinalizar o mesmo que estamos a representar-nos em jantar com vinho" Também não se deve acreditar que o jantar beneficente Senhor é automática. O efeito do sacramento depende em grande parte a fé ea capacidade de resposta do participante.

O ponto de vista de Zwingli

Nós examinamos a última posição é que a Ceia do Senhor é simplesmente um memorial. Esta visão é freqüentemente associada Zwingli, embora alguns irão argumentar que a concepção de Zwingli foi mais longe. Zwingli é susceptível de levar mais de uma posição nesta matéria e pode alterar a sua posição no final de sua vida. Charles Hodge sustenta que há pouca diferença entre as visões de Calvino e Zwingli.

O que se destaca do ponto de vista de Zwingli é a forte ênfase no papel do sacramento para lembrar a morte de Cristo e sua eficácia no crente. Portanto, a Ceia do Senhor é essencialmente uma comemoração da morte de Cristo. Embora Zwingli fala com a presença espiritual de Cristo, certo de que em muitos aspectos, adoptou a sua posição (por exemplo, anabatistas) negou o conceito de uma presença física ou corporal tão fortemente

quanto ao mal deixam espaço para uma presença especial. Eles apontaram que Jesus está presente espiritualmente em todos os lugares. A sua presença nos elementos não é mais intensa do que a sua presença em outros lugares.

O valor dos sacramentos, de acordo com este ponto de vista, é simplesmente recebida pela fé nos benefícios da morte de Cristo. A Ceia do Senhor é apenas uma outra maneira de receber estes benefícios através de fé, porque o efeito da Ceia do Senhor não é diferente na natureza, por exemplo, um sermão. Ambos são um tipo de anúncio. A Ceia do Senhor difere dos sermões envolvendo apenas um meio visível de proclamação. Em ambos os casos, como com todos os proclamação, devemos responder com fé que qualquer benefício ocorre. Cristo não está presente para as pessoas que não crêem. Portanto, podemos dizer que não é o sacramento levar Cristo para o comungante, mas a fé do crente traz Cristo para o sacramento.

Tentando problemas

A presença de Cristo

Temos de abordar as questões levantadas no início deste capítulo e chegar a algum tipo de resolução. A primeira questão é a questão da presença de Cristo no sacramento. O corpo eo sangue de Cristo são de algum modo presente de uma maneira especial, e em caso afirmativo, de que forma? A maneira mais natural e direta a interpretar as palavras de Jesus: "Este é o meu corpo" e "Isto é o meu sangue" é fazê-lo literalmente. Como nossa prática geral é a de interpretar a Escritura literalmente sempre que é natural, temos de estar preparados para oferecer uma justificação se interpretar essas palavras de forma diferente. No entanto, neste caso certas considerações argumentar contra uma interpretação literal.

Em primeiro lugar, se nós "Este é o meu corpo" e "Isto é o meu sangue", literalmente, um resultado absurdo ocorre. Se Jesus queria dizer que o pão eo vinho estavam naquele tempo no cenáculo realmente seu corpo e sangue, eu estava realmente alegando que sua carne e sangue eram em dois lugares ao mesmo tempo, como a sua forma do corpo estava lá com elementos. Creia que Jesus estava em dois lugares ao mesmo tempo, ao mesmo tempo, em certo sentido uma forma de negar a encarnação, o que limitava sua natureza física humana a um lugar.

Em segundo lugar, há dificuldades conceituais para aqueles que declaram que Cristo está presente no Senhor jantares corporais que foram posteriormente detidos. Quando o acima teve o problema de como a carne eo sangue de Cristo não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo, aqui nós enfrentamos o problema de como duas substâncias (por exemplo, carne e pão) podem estar na mesmo lugar ao mesmo tempo (o conceito luterano) ou como uma substância específica (por exemplo, sangue) pode existir sem as suas características habituais (ponto de vista católico). Aqueles que argumentam que há uma oferta explicações físicas presença de sua idéia de que eles assumem uma espécie de metafísica que parece muito estranho para as mentes do século XX, E NA VERDADE PARECE INSUSTENTÁVEL.

Estas dificuldades em si não são suficientes para determinar a nossa interpretação. No entanto, eles sugerem que as palavras de Jesus não deve ser tomada literalmente. Podemos encontrar pistas sobre o que Jesus realmente quis dizer quando disse: "Este é o meu corpo" e "Isto é o meu sangue"?

Quando Jesus disse essas palavras para inaugurar o sacramento da Ceia do Senhor, ele concentrou sua atenção sobre a relação entre os crentes individuais e seu Senhor. Em muitas outras ocasiões, ele abordou esta questão quando ele usou metáforas para descrever a si mesmo: "Eu sou o caminho, a verdade ea vida"; "Eu sou a videira, vós sois os ramos"; "Eu sou o bom pastor"; "Eu sou o pão da vida." Na Última Ceia usado metáforas semelhantes, revertendo o sujeito eo predicado: "Este [pão] é o meu corpo"; "Este [vinho] é o meu sangue". Seguindo linguagem figurada, deve traduzir as

palavras de Jesus: "Este é [ou significa] o meu corpo", e "Este é [ou significa] o meu sangue." Esta abordagem nos evita o tipo de dificuldades que ocorrem com a idéia de Cristo está fisicamente presente nos elementos.

Mas o que sobre a idéia de que Cristo está presente espiritualmente? Esta ideia vem de duas fontes históricas. Um deles era o desejo de alguns teólogos para manter alguma da tradicional crença na presença de Cristo até tentou mudá-lo. Sua abordagem para reformar fé confiava mais em manter qualquer coisa que não foi expressamente rejeitada pelas Escrituras que começar do zero, mantendo apenas os princípios da fé ensinada explicitamente nas Escrituras. Em vez de rejeitar completamente a tradição e desenvolver um entendimento completamente novo, eles escolheram para modificar a velha crença. A outra fonte da ideia de que Cristo estava presente espiritualmente uma disposição para misticismo. Alguns crentes, tendo tido uma profunda experiência de encontro com Cristo para celebrar a Ceia do Senhor tomou concluir que Cristo deve ter estado presente espiritualmente. A doutrina serviu como explicação para a experiência.

É importante lembrar que Jesus prometeu estar com seus discípulos em todos os lugares e em todos os tempos (Mt. 28:20; Jo 14:23; 15: 4-7.). Então, está presente em toda parte e ainda também prometeu estar conosco, de modo especial quando nos encontramos como crentes (Mateus 18:20). A Ceia do Senhor como um ato de adoração, é também uma oportunidade particularmente útil para encontrá-lo. É provável que a presença especial de Cristo no sacramento é mais influente do que a natureza metafísica. A este respeito, é significativo que o relato de Paul da Ceia do Senhor não falar da presença de Cristo. Em vez disso, ele diz: "Então, cada vez que você comer deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha" (1 Cor 11,26). Este verso sugere que o rito é basicamente memorial.

Nós devemos ser particularmente cuidadosos para evitar o negativismo que às vezes tem caracterizado a idéia de que a Ceia do Senhor é essencialmente um memorial. Em seu zelo para evitar a idéia de que Jesus está presente em um pouco mágico, alguns foram a tais extremos que dão a impressão de que, se há um lugar onde não vai encontrar Jesus, que é a Ceia do Senhor . Isto é o que um líder batista chamado de "a doutrina da ausência real" de Jesus Cristo.

Então, como devemos considerar a Ceia do Senhor? Devemos esperar que a Ceia do Senhor foi um momento de comunhão e comunhão com Cristo, porque ele prometeu se reunir conosco. O sacramento deve pensar menos em termos da presença de Cristo e da sua promessa e potencial de uma relação mais próxima com ele. Também deve ter cuidado para evitar a visão neo-ortodoxa de que a verdadeira comungante Ceia do Senhor é um encontro subjetiva com Cristo. Ele é objetivamente presente. O Espírito é capaz de tornar real em nossa experiência e prometeu fazê-lo. A Ceia do Senhor é, portanto, um momento em que nos aproximamos de Cristo e nós podemos conhecê-lo melhor e amá-lo mais.

A eficácia do rito

O que foi dito sobre a presença de Cristo também tem muito a ver com a natureza do benefício conferido pela Ceia do Senhor. Deve ficar claro a partir das palavras Paulo diz em 1 Coríntios 11: 27-32 que não há nada de automático este benefício. Muitos dos que participaram em Corinto na Ceia do Senhor, em vez de serem edificados espiritualmente enfraquecido ou para o mal; alguns até morreram (v. 30). Em tais casos, não foi alcançado o valor pretendido de dar ao Senhor. O efeito da Ceia do Senhor deve depender ou ser proporcional à fé do crente e sua resposta ao que é apresentado no rito. O Coríntios que adoeceu ou morreu não tinha reconhecido ou devidamente julgados (*διακρίνω* - *diakrino*) *o corpo de Cristo*. É preciso entender corretamente o significado da Ceia do Senhor e responder apropriadamente com fé que o rito é eficaz.

Por isso, é importante rever o que simboliza o Ceia do Senhor. É, em particular, um lembrete da morte de Cristo eo caráter de sacrifício propiciatório oferecido ao Pai em nosso nome. Ele simboliza a nossa dependência e nossa relação vital com o Senhor, e aponta sua segunda vinda. Também simboliza a unidade dos crentes na igreja e seu amor e preocupação para o outro: o corpo é *um* corpo.

É adequado para explicar o significado da Ceia do Senhor cada vez. E cada participante deve fazer a si mesmo escrutínio. Cada indivíduo deve certificar-se de seu próprio entendimento e condição espiritual (1 Coríntios 11: 27-28). A Ceia do Senhor será, portanto, uma oportunidade de compromisso com o Senhor.

O administrador apropriado

As Escrituras fornecem pouca orientação a respeito de quem deve administrar a Ceia do Senhor. Exceto no caso da celebração original do sacramento, quando o próprio Jesus administrou os elementos, nós não nos dizem que presidiu ou o que eles fizeram. Nem as Escrituras estipular qualidades especiais para conduzir ou ajudar no ritual necessário. Além disso, ele diz muito pouco sobre a organização no Novo Testamento.

O que aparece nos relatos dos Evangelhos e discussões de Paulo é que a Ceia do Senhor foi confiada à igreja, e presumivelmente ele foi gerido por ela. Portanto, parece lógico que as pessoas encarregadas de que a igreja superintender e dirigir os cultos também encargasen Ceia do Senhor. Assim, pelo menos alguns dos líderes da igreja devidamente escolhidos teriam de ajudar na prática do sacramento; o pastor iria interpretar o papel principal. Na ausência de tais líderes, outros que atendam essas qualidades poderia atuar no lugar. No geral, os assistentes devem possuir as qualidades que Paulo necessários para diáconos; os líderes devem reunir todas as qualidades para ser bispos (1 Tim. 3).

Receptores adequados

Em nenhum lugar na Bíblia podemos encontrar uma ampla declaração de elegibilidade para a Ceia do Senhor. Temos que deduzir o discurso de Paulo em 1 Coríntios 11 e o significado que damos a este sacramento. Se a Ceia do Senhor significa, pelo menos em parte, uma relação espiritual entre o crente eo Senhor, então é lógico que um pré-requisito é ter um relacionamento pessoal com Deus. Em outras palavras, os envolvidos seriam verdadeiros crentes em Cristo. E, embora não especificado nada fixo sobre a idade, o comungante deve ser maduro o suficiente para entender o significado (1 Cor 11:29).

Outro pré-requisito deduzir do fato de que havia algumas pessoas cujo pecado foi tão grave que Paulo exortou a Igreja a separar o corpo (1 Cor 5: 1-5). Desde então, a igreja, que tem sido confiada a Ceia do Senhor, deve, pelo menos, como um primeiro passo na disciplina, negar o pão e beber para aqueles que sabem que estão vivendo em pecado flagrante. Em outros casos, no entanto, como não sabemos quais foram os requisitos para a adesão nas igrejas do Novo Testamento, é provavelmente melhor, uma vez que explicou o significado do sacramento e da base do seu ensino, deixe as pessoas decidirem por si mesmos se eles devem participar.

Itens de usar

Os elementos utilizados na celebração da Ceia do Senhor vai depender, pelo menos em parte, do facto de a nossa principal preocupação é para reproduzir o original, tanto quanto possíveis condições ou capturar o simbolismo do sacramento. Se a nossa principal preocupação é a reprodução, usamos pães ázimos tradicional jantar de Páscoa. No entanto, se a nossa preocupação é o simbolismo, poderíamos usar pão levedado. A

integridade do pão simboliza a unidade da igreja, ruptura significa quebrar o pão do corpo de Cristo. Com relação à taça, jogando o evento original nos levaria a usar vinho, provavelmente diluído com água a uma taxa de um a vinte partes de água para uma parte de vinho. Se, por outro lado, o que se busca é representando principalmente o sangue de Cristo, deve ser igualmente eficazes.

Quando os itens tradicionais não estão disponíveis, os substitutos podem ser usadas para reter o simbolismo. Na verdade, o peixe pode ser mais eficaz do que o símbolo de panela. A utilização de substitutos estrangeiros variar apenas deve ser evitada. As batatas fritas e refrigerantes, por exemplo, são muito poucas semelhanças com o original. Deve procurar um equilíbrio entre, por um lado, repetir o ato com tão pouca variação participar rotineiramente nele, sem perceber o seu significado, e, além disso, mudar tanto o procedimento apenas, prestando mais atenção aos mecanismos que a obra expiatória de Cristo.

O que estamos celebrando na Ceia do Senhor não são as circunstâncias precisas da sua iniciação, mas o que isso significava para Jesus e seus discípulos no cenáculo. Sendo esse o caso, o que importa em termos dos elementos a que se refere é o de transmitir o significado corretamente, não que existe uma semelhança com as circunstâncias originais. O mesmo é verdade em relação ao tempo deve ser feito. Celebrar o Sacramento na Quinta-feira Santa, em vez de na sexta-feira pode ser uma forma de representar a Última Ceia para comemorar a morte do Senhor.

Como se é necessária a utilização de um pão e um copo existe alguma liberdade. Paulo fala de "pão" (*ἄρτος* - *artos*) *que todos nós compartilhamos (1 Cor 10:17), mas não tem necessariamente de ser um pão inteiro*. Há uma declaração paralela sobre "um copo", de modo que o uso de copos individuais não assume nenhuma simbolismo. Preocupações com a saúde poderia levar para a igreja de usar copos individuais em vez de comum. Além disso, em grandes reuniões este pode ser o único meio prático de levar a cabo o jantar de celebração.

A frequência da celebração

Quantas vezes devemos celebrar a Ceia do Senhor é outra preocupação que não tem nenhuma declaração explícita no ensino Escritura. Nós nem sequer têm uma prática precisas na indicação igreja primitiva, embora pudesse ter sido semanalmente, ou cada vez que a igreja se reunia. Tendo em vista a falta de informações específicas, vamos fazer a nossa decisão com base em princípios bíblicos e considerações práticas.

A tendência de nossas crenças para passar do nível consciente inconsciente foi uma das razões que Cristo instituiu a Ceia do Senhor. Sigmund Freud reconheceu que a personalidade humana teve pelo menos três níveis de consciência: a consciência (ou, como Freud chamou de consciência perceptiva), o pré-consciente eo inconsciente. O consciente é a de que temos conhecimento, em determinado momento. No inconsciente são aquelas experiências que não podemos lembrar voluntariamente (embora pudesse fazê-lo através da psicanálise, hipnose ou certos tipos de drogas). O pré-consciente contém aquelas experiências e idéias, mesmo se a pessoa não está ciente deles, neste momento, eles podem ser chamados por um ato de vontade. Muitas vezes nossas crenças doutrinárias flutuar neste nível intermediário. A Ceia do Senhor tem o efeito de atrair o pré-consciente para as crenças conscientes. Por conseguinte, deve ser realizada com frequência suficiente para evitar demasiado grandes lacunas entre os momentos de reflexão sobre as verdades que eles representam ocorrer, mas não tão freqüentemente quanto a parecer trivial ou tão comum que fazemos as coisas de modo rotineiramente realmente não penso sobre o que eles significam. Talvez fosse bom que a igreja faria a Ceia do Senhor estava disponível, muitas vezes permitindo que o crente individual determinar quantas vezes você quiser participar. Sabendo que nós podemos participar da

Ceia do Senhor, quando precisam e querem, mas não são obrigados a participar em cada oportunidade que surge, irá impedir o sacramento torna-se rotina.

Participar deve ser tão simples quanto possível e deve ser um pouco difícil? Você pode dizer algo em favor do sacramento não é tão disponível quanto a quem pode participar, sem uma intenção e decisão definitiva. Se a Ceia do Senhor é uma vantagem adicional de adoração, muitas pessoas vão ficar e participar só porque eles estão lá. Além disso, se a Ceia do Senhor é uma religião separada, sua importância é realçada vera. Todos os participantes terão feito uma decisão específica para receber os elementos e se concentrar em seu significado.

A Ceia do Senhor, adequadamente gerida, é um meio para inspirar a fé e amor do crente, pois isso reflete de volta para a maravilha da morte do Senhor, eo fato de que quem quer que acredita nele vive para sempre.

55. A unidade da Igreja

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e explicar os problemas bíblicos, teológicos e práticos que cercam o tema da unidade da Igreja.
- Identificar e avaliar os diferentes tipos de unidade da Igreja e comparar e contrastar as diferentes formas de "unidade orgânica".
- Traçar o curso do movimento ecumênico desde suas origens no movimento missionário de 1910 a sua expressão atual e da oposição para a sua realização.
- Identificar e descrever os problemas colocados pelos evangélicos contra ecumenismo.
- Desenvolver uma posição sobre a unidade da igreja, que atende às diretrizes bíblicas e teológicas adequadas.

Resumo do capítulo

Há importante bíblica, teológica e prática para a Igreja a ser motivos unificadas. Mas os problemas graves surgem quando você começa a definir o tipo de unidade que você quer ter. Isto é particularmente verdade para qualquer tipo de "unidade orgânica". O movimento ecumênico por muitos anos tem sido uma tentativa de alcançar a unidade. Os evangélicos têm levantado alguns problemas consideráveis contra o ecumenismo. Alguns princípios que ajudam o crente para responder adequadamente apresentados.

Questões de estudo

1. Por que é importante questão da unidade da igreja? Que provas nas Escrituras, teologia e prática?
2. Quais são as diferentes posições sobre a unidade da igreja? Que considerações especial deve ser dada ao conceito de "unidade orgânica"?

3. Que eventos ocorreram em 1910 para a busca do ecumenismo começou? Que acontecimentos ocorridos desde 1910 para tentar avançar para a fé igreja ecumênica? Por que eles ocorrem?
4. Quais são os problemas reais surgiram contra ecumenismo evangélico?
5. Como deve ser um cristão responder à unidade da igreja? Que princípios devem continuar?

Os argumentos em favor da unidade da igreja

Ensinaamentos bíblicos sobre a unidade dos crentes

Geral Teológicos Considerações

Considerações de ordem prática: um testemunho e uma eficiência comum

Conceitos da natureza da unidade

A unidade espiritual

Reconhecimento mútuo e comunhão

Unidade de reconciliação

Unidade orgânica

A história eo estado atual do ecumenismo

As questões levantadas pelos evangélicos

O problema teológico

O problema eclesiológico

O problema metodológico

O problema teleológica

Critérios de ação

Uma questão que tem sido discutido em diferentes períodos da história é a unidade da igreja. A definição da unidade da Igreja e do grau de urgência na discussão mudou ao longo dos séculos. Às vezes, a unidade da Igreja tem sido objecto de controvérsia considerável. No século XX, DIVERGÊNCIAS SOBRE A NATUREZA DA UNIDADE DA IGREJA TÊM CAUSADO IRONICAMENTE GRANDE DESUNIÃO. No entanto, a questão é de tal importância que não pode ser evitado.

Os argumentos em favor da unidade da igreja

Ensinaamentos bíblicos sobre a unidade dos crentes

Entre as razões pelas quais a igreja deve procurar a unidade estão ensinando passagens do Novo Testamento que ensinam especificamente que a igreja deveria ser, ele realmente é, ou será um deles. Provavelmente, a mais persuasiva é a chamada oração sacerdotal de Jesus: "Mas eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que hão de crer em mim pela sua palavra, que todos sejam um; como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que também eles estejam em nós para que o mundo acredite que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste, e os amaste, como me amaste a mim "(Jo. 17: 20-23). A unidade entre o Pai eo Filho é um modelo para a unidade dos crentes uns com os outros. A unidade dos crentes com o outro e com Deus irá testemunhar ao mundo que o Pai enviou seu Filho. No entanto, pouco é dito sobre a natureza desta unidade.

A segunda passagem importante é a exortação de Paulo em Efésios 4. Após articulado com seus leitores uma vida digna da sua vocação (v. 1), são instados a se esforçar para "manter a unidade do Espírito no vínculo da paz "(v. 3). Este apelo seguido por uma lista dos princípios que unem crentes: "um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos "(vv. 4-6). Como todos os crentes confessar o mesmo corpo, espírito, esperança, Senhor, fé, batismo, Deus e Pai devem demonstrar uma unidade do Espírito. Quando Paul conclui

seu discurso, ele exorta seus leitores a crescer em Cristo ", de quem todo o corpo, unidas e mantidas juntas por cada apoio ligamento ajuda uns aos outros, segundo a operação pela qual cada parte faz o seu crescimento para ir edificação de si mesmo em amor "(v. 16). Quando a igreja está unida em Cristo, segurando-o a ele como chefe, há uma experiência cristã amadurece. Mas, para Paul está muito preocupado que a unidade do Espírito, não realmente especificar o que esta unidade. Não é claro se esta unidade vai além da igreja local que você está escrevendo. É importante, no entanto, que ter em mente que Efésios foi, provavelmente, uma encíclica. Eu não estava restrito a uma congregação de crentes. Daí o apelo à unidade Paul certamente distribuído em uma grande área.

Paulo fez um apelo semelhante em Filipenses 2 :. "Unânime, sentindo o mesmo" 2, que incentiva seus leitores a ser a chave para o desenvolvimento desta atitude é a humildade e preocupação com os outros (versos 3-4.). E Cristo é o modelo perfeito para esvaziar-se (vv. 5-8). Seguindo o seu exemplo chegarmos à verdadeira unidade dos membros da congregação.

Geral Teológicos Considerações

Além desses ensinamentos específicos de as Escrituras, há considerações teológicas gerais argumentam a favor da unidade dos crentes. Estas considerações incluem a unidade do antigo Israel e da unidade de Deus, em que o conceito de nação de Israel é baseada. Israel tinha que ser uma só nação, porque o Deus que eles adoravam era um deles. Deus é aquele que é expresso mais claramente nas passagens tais como Dt 6: 4. Porque Deus é um, o povo de Israel deve louvar com todo o meu coração (v. 5). Além disso, como Deus é um só, o universo é realmente um. No entanto, ele foi criado por Deus, como ensinado por Gênesis 1; em todo o mundo, sendo unida, satisfaz a vontade de seu Criador. Como todas as coisas, incluindo os seres humanos, têm uma origem comum e um só Senhor, é totalmente desejável, de fato necessário, os crentes entrar.

A unidade do Israel do Antigo Testamento é simbolizada por duas instituições, o templo ea lei. Em Deuteronômio 12, é claro que todas as outras formas de adoração são eliminados porque não há um só Deus verdadeiro. O templo é o lugar onde Deus habita; todo o povo de Israel não tem de se concentrar o seu louvor. Da mesma forma, a lei é um fator unificador. Todas as pessoas, independentemente da sua tribo ou classe deve obedecer.

Várias imagens do Novo Testamento deixam claro que a igreja, como o sucessor de Israel, deve seguir o exemplo na manifestação de unidade. Como Israel, os crentes em Cristo são uma raça, uma nação, "raça eleita, sacerdócio real, nação santa, o povo adquirido" (1 Pedro 2: 9). Mas o Novo Testamento vai além do conceito de raça, porque há muitas pessoas na nova comunidade de Deus. A unidade é mais intensa; Paulo se refere à igreja como uma família: "Portanto, vocês são estrangeiros e peregrinos já não, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus" (Efésios 2:19.). Aqui Paulo apresenta a imagem do templo para destacar a idéia de unidade: "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, a pedra angular o próprio Cristo Jesus. No qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor; no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito "(Ef. 2: 20-22). Peter semelhante fala da igreja como um lar espiritual: "Você também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo" (1 Pedro 2: 5) .

A imagem da igreja como a noiva de Cristo também defende a união entre os crentes. Desde o início, o casamento era para ser monogâmico, "Por isso o homem deixará seu pai e mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne" (Gênesis 2:24.). Aqui nada mais do que um homem e uma mulher é sugerido. Jesus cita este versículo para argumentar a favor da permanência do casamento (Mt. 19: 5) (. Efésios 5:31) e Paulo cita

uma passagem que compara o relacionamento conjugal com a relação entre Cristo e a Igreja. Se a igreja é a noiva de Cristo, deve haver um corpo, não muitos.

A imagem da igreja como o corpo de Cristo é outro argumento poderoso para a unidade. Quando Paulo fala sobre a multiplicidade de membros e funções dentro da igreja explicitamente diz: "Assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, somos um só corpo, assim também Cristo, para por um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gentios, quer escravos quer livres; e nós fomos todos feitos para beber de um só Espírito "(1 Coríntios 12: 12-13).

O argumento teológico mais profundo Paul para a unidade dos crentes provavelmente encontrar em Efésios e Colossenses. Em Colossenses 1: 13-23, uma passagem que começa com uma nota soteriological e, em seguida, muda para o trabalho criativo de Deus, Paulo afirma que Cristo criou todas as coisas (vv 15-16.) E nele tudo subsiste (v. 17). Isso significa que ele é a cabeça do corpo, da igreja (v. 18). Clímax nos versículos 19-20: "Porque o Pai agradou que nele deve habitar toda a plenitude e por Ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas, se as coisas na terra ou coisas no céu, fazendo a paz pelo sangue da sua cruz. "O propósito de Cristo para reconciliar todas as coisas para ele. Todas as coisas, incluindo a igreja, vai se juntar a ele. Paul tem este propósito em mente quando orando em 3: 14-15: "Acima de tudo, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição. E a paz de Deus domine em vossos corações, para que de fato fostes chamados em um só corpo. E ser gratos. "

A unidade da Igreja é um proeminente ao longo do livro de Efésios tópico. O primeiro capítulo termina com a imagem de Cristo como "cabeça sobre todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo" (Ef. 1: 22-23). No próximo capítulo, a ênfase é sobre a unidade de judeus e gentios: "Ele é a nossa paz, que fez tanto um e derrubou o muro de inimizade, abolindo em sua carne a inimizade (a Lei dos mandamentos contidos em ordenanças) para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e através da cruz para nos reconciliar ambos com Deus em um só corpo, tendo por ela matado a inimizade "(2: 14-16). O capítulo termina com uma passagem observado anteriormente: unir judeus e gentios em um templo santo no Senhor (vv 20-22.). No capítulo 4, Paulo faz uma lista das bases sobre as quais a Igreja deve ser considerado uma (4: 4-6). Hanson Stig comenta sobre esta passagem: "Um corpo refere-se à igreja como o corpo de Cristo, que é a visão da maioria dos expositores. Este corpo deve ser um, porque Cristo é um, e Cristo não pode ser dividido. "Mais tarde, no capítulo (vv. 11-14), Paulo desenvolve a idéia do ministério, que visa construir a igreja em uma só fé (v. 5). Isto assegura a unidade iniciada com um Cristo.

Considerações de ordem prática: um testemunho e uma eficiência comum

Várias considerações práticas defendem união cristã. Um deles é o testemunho comum que pode apresentar um grupo muito unido. Mencionamos anteriormente que Jesus orou pela unidade dos crentes para o seu testemunho concertada influenciou o mundo (Jo. 17:21). Os primeiros crentes foram caracterizados pela singularidade de sua finalidade, e eles foram muito eficazes no seu testemunho. Talvez haja uma relação lógica de causa e efeito entre os dois: "A multidão dos que haviam acreditado era um só coração e alma. Ninguém reivindicou que qualquer de seu próprio que possuía, mas eles tinham tudo em comum. Com grande poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e grandiosa graça estava sobre todos eles "(Atos 4: 32-33.).

O grupo de crentes tende a crescer quando o seu testemunho é unificado, embora possa haver um efeito negativo ou neutralizar quando competindo ou criticar uns aos outros. Esta verdade é bastante evidente em os EUA, onde as lutas entre as denominações desencorajar as pessoas a associar com a fé cristã. No entanto, o problema é agravado em áreas não-cristãs, onde os nativos, que enfrentam muitos grupos missionários, deve

escolher não apenas se a tornar-se cristãos, mas também que tipo de cristãos querem ser presbiterianos, batistas, luteranos, ou qualquer outro. Em alguns casos, pode até haver representantes de duas ou mais variedades do mesmo nome. Não deve surpreender que o potencial converte a render-se desanimado, incapaz de fazer escolhas que parecem basicamente o mesmo. Desde então, o testemunho do evangelho não é reforçada pela existência de grupos que estão em concorrência.

Outra consideração é a eficiência prática. Se não há unidade entre os cristãos, uma duplicação de esforços ocorre. Cada congregação local entende que é necessário ter alguma estrutura e os procedimentos, incluindo os que têm tudo Conselho Missionário e qualquer critério ou Christian seminário. O resultado é um desperdício de recursos para o reino de Deus. Pense como extremo exemplo um lugar no meio-oeste dos Estados Unidos. Em cada lado da praça há uma igreja. Os quatro edifícios são antigos, com aquecimento ineficiente e serviço precisa ser reparado. O orçamento das quatro congregações é pequena. Os baixos salários pastores. Como resultado, as congregações são frequentemente conduzidas por jovens pastores, pastores inexperientes ou homens mais velhos o suficiente. Normalmente nestas áreas é que programas de educação cristã são medíocres. Mas o que é mais decepcionante é que os cultos, mensagens e programas das quatro congregações são praticamente os mesmos! Um visitante iria encontrar quase sem diferenças significativas entre eles.

Um especialista em gestão de negócios consideraria isso como um desastroso uso dos recursos. Em vez de quatro igrejas com problemas, não faria mais sentido juntá-las em uma única congregação. As quatro propriedades poderiam ser vendidos e a nova congregação se mudaria para uma estrutura mais eficiente. Você poderia ter uma equipe de especialistas competentes fornecem uma compensação adequada, e as ofertas para missões poderiam ser reduzidos pelo aumento dos custos. O que estamos propondo a nível local seria altamente desejável também para níveis mais amplos. Embora alguns possam considerar essa sugestão e aplicar a mentalidade da General Motors para o trabalho da igreja, na verdade, é bom cristãos gerir os recursos.

Conceitos da natureza da unidade

Embora geralmente concordam que a unidade é desejável, há pouco consenso quanto à sua natureza, o caminho a tomar. Basicamente, existem quatro ideias sobre a unidade. Até certo ponto, eles podem se relacionar conceitos da natureza da igreja. A lista a seguir vai de uma ideia que enfatiza a igreja invisível para aquela que enfatiza a igreja visível. Em geral, quanto maior for a concentração na igreja visível, quanto maior for a preocupação de que esta unidade é manifestada na união orgânica visível.

A unidade espiritual

A primeira ideia sobre a unidade da igreja enfatiza que todos os cristãos são um sob seu compromisso e serviço ao próprio Senhor. Eles estão ligados dentro da igreja invisível, do qual Cristo é a cabeça. Um dia haverá uma verdadeira reunião deste órgão visivelmente. Enquanto isso, a unidade da Igreja é que não haja hostilidade entre os crentes. Todos os crentes amam amados irmãos, mesmo aqueles com contato não relacionado ou real. A existência de organizações separadas da igreja visível, mesmo na mesma área, não significa um impedimento para esta unidade. Os cristãos que consideram a unidade da igreja essencialmente natureza espiritual realçar a pureza das crenças doutrinárias e estilo de vida critério doutrinário para a adesão.

Reconhecimento mútuo e comunhão

A segunda idéia envolve mais do que mera aceitação ideológica da unidade. A unidade realiza um nível prático. Cada congregação reconhecida como outras partes legítimas da família de Deus. Assim, os membros podem ser transferidos rapidamente de uma congregação para outra. Também pode haver trocas no púlpito, uma prática que envolve o reconhecimento da organização por outros grupos. Além disso, membros de diferentes igrejas se relacionam entre si e com os compromissos congregacionais idéias semelhantes e trabalhar juntos quando possível. Por exemplo, cooperar para dirigir campanhas evangelísticas em massa. Essencialmente, no entanto, a cooperação é específico para uma coisa; não é expressa sob a forma de organismo oficial permanente.

Unidade de reconciliação

No entanto, há momentos em que as igrejas formar alianças organizacionais para alcançar objetivos comuns. Eles se reúnem em que são chamados conselhos ou associações de igrejas. Esta é, essencialmente, uma união cooperativa de denominações, cada um dos quais mantém a sua própria identidade. É um esforço conjunto, por exemplo, metodistas, luteranos e episcopais, que continuam com suas tradições especiais. a ênfase está em tanto a comunhão e acção como a unidade é visível enquanto espiritual.

Unidade orgânica

A idéia final é que a unidade da Igreja significa a verdadeira criação de uma organização na qual identidades separadas são abandonados. Sócios e gestão é comum. Quando os nomes são unidas dessa maneira muitas vezes congregações locais também são mesclados. Um exemplo proeminente é a Igreja Unida do Canadá (Igreja Unida do Canadá), um nome que foi formada em 1925 unindo metodistas, presbiterianos e congregacionais. Outro exemplo é o da Igreja do Sul da Índia (Igreja do Sul da Índia). No início de 1960, o COCU - Consulta sobre Union Church (colóquio sobre a união da igreja) - começou a planejar a união de várias denominações em que eles decidiram chamar Uniting Church of Christ (Igreja de Cristo se juntar). O objetivo final era para combinar todas as igrejas cristãs: Católica Romana, Ortodoxa e Protestante em comum igreja. Na prática, o objetivo do Conselho Nacional de Igrejas de Cristo foi alternando entre a unidade e combinar a unidade orgânica.

É importante observar mais de perto a unidade orgânica e da reconciliação como são as áreas onde ocorrem desentendimentos e disputas. No entanto, antes de fazermos isso, devemos notar que o termo "unidade orgânica" é entendido de diversas maneiras:

1. O significado comum de "unidade orgânica" é que nos referimos anteriormente, ou seja, a fusão de várias denominações. Aqui a diversidade de práticas é permitido ou união com base em um mínimo denominador comum. Temos notado que as fusões significativas deste tipo ocorreram no Canadá e Índia. Fusões mais limitados que ocorreram nos Estados Unidos são os da Igreja Congregacional (Igreja Congregacional) e da Igreja Evangélica Reformada e (Igreja Evangélica Reformada e) para abrir caminho para a Igreja Unida de Cristo (Igreja Unida de Cristo), e da Igreja Metodista Episcopal (Igreja Metodista Episcopal) e Evangélica Irmãos Unidos (Evangélica Irmãos Unidos) para formar a Igreja Metodista Unida (United Methodist Church).
2. A "unidade orgânica" também se refere à combinação de comunhões que são basicamente o mesmo confessional. Um exemplo seria as articulações que têm ocorrido em vários grupos luteranos nos Estados Unidos. Títulos semelhantes também foram reformadas dado entre os grupos, principalmente entre os presbiterianos. Os grupos tendem a ter um congregacionalismo e orientação independente, como Batista, apresentam menor tendência a fundir ou se a ligação e separação subsequente, juntos novamente.

3. A "unidade orgânica" tem a ver não só com a criação da unidade, mas também com a sua conservação. Aqui nós estamos levantando a questão de saber se os cristãos permanecem insatisfeitos dentro das denominações de que fazem parte de ou separar-se deles. Este é um tópico que é freqüentemente encontrado por denominações conservadoras que se tornaram liberal. Em alguns casos, é o elemento menos conservador que deve tomar essa decisão. Em particular, este nível de "unidade orgânica" pode referir-se para ficar dentro de um valor nominal, em vez de ser separado dela ou separada de uma denominação para formar um grupo de liturgia basicamente semelhante e tradição (por exemplo, um grupo separado de Batista formar uma outra comunidade da igreja Batista).
4. Finalmente, a "unidade orgânica" pode interagir com a congregação local. Nós estamos falando sobre se um indivíduo ou grupo mantém dentro de uma congregação ou separado dele. Um indivíduo pode simplesmente deixar a comunidade; mas, se um grupo é removido, que é uma divisão real. Mais pessoas enfrentam a questão da unidade orgânica a este nível do que qualquer dos outros.

A história eo estado atual do ecumenismo

As origens do ecumenismo ir longe no tempo. Na verdade, a história do ecumenismo diz já podemos falar dele a partir de 1517. No entanto, em certo sentido, o movimento ecumênico moderno começou em 1910 como um esforço missionário cooperativa. Kenneth Scott Latourette diz: "O movimento ecumênico foi em grande parte o resultado do movimento missionário." Para observar os revivals contexto histórico que varreram a Europa e América do Norte nos séculos XVIII e XIX. Aqueles que participaram nestes avivamentos descobriram que tinham em teologia e experiência transcendendo linhas confessionais comum. E mais importante, eles tinham uma tarefa e um propósito comum que os unia: a evangelização do mundo. Os movimentos de reavivamento deu lugar a uma série de organizações: Associação de Homens Jovens Christian [Associação dos Jovens Cristãos] (1844), a Associação Evangélica [Aliança Evangélica] (1846), Associação Cristã [Associação de mulheres cristãs jovens] das Moças (1855) e Associação Cristã de Student Mundo [World Student Associação Cristã] (1895). Embora estes não eram eles próprios organizações realmente ecumênicos ", eles forneceram o campo que mais tarde facilitou a disseminação de idéias ecumênicas".

Os missionários foram os primeiros a perceber que as divisões nas igrejas eram um obstáculo para a evangelização. Conferências internacionais para o avanço das missões, de 1878 e Londres em 1888 e Nova Iorque, em 1900, foram particularmente significativos foram realizados. Este último, de fato, foi oficialmente chamado de Conferência Missionária Ecumênica. A ajuda foi aumentando gradualmente. O evento crucial foi o 1910 Conferência Missionária Mundial em Edimburgo, que é geralmente considerado o início do movimento ecumênico moderno. Os dois líderes principais foram John R. Mott e José H. Oldham. O objetivo foi planejar os próximos passos para a evangelização do mundo.¹⁶

Em uma das sessões de um delegado criticou o Extremo Oriente teve efeito negativo em suas divisões de países entre os missionários. seu nome ou suas palavras exatas Não me lembro, mas temos uma descrição de primeira mão sobre a substância do seu discurso:

Nós enviou seus missionários, que nos deram a conhecer Jesus Cristo, e você é grato. Mas temos também trouxe suas divisões e distinções: alguns pregar o Metodismo, o luteranismo outro, congregacionalismo ou Episcopalismo. Pedimos-lhe para pregar o Evangelho, e deixar que o próprio Jesus Cristo alces entre os nossos povos, por meio da ação do Espírito Santo, a Igreja fez para atender às suas necessidades, bem como o gênio de nossa raça. Esta Igreja é a Igreja de Cristo no Japão, na Igreja de Cristo na China, a Igreja de Cristo na Índia; Vamos liberar todos os *ismos* com o qual você coloreais nos pregar o Evangelho.

Maurice Villain que esse discurso teve um efeito poderoso sobre muitos dos delegados. Eles decidiram usar "todos os meios possíveis ... para remover este escândalo [...] Naquele dia nasceu o movimento ecumênico." Um delegado, Bishop Charles Brent da Igreja Protestante Episcopal em outubro 1910 propôs seu nome realizando uma conferência para discutir questões relativas à "fé e ordem". Outros grupos cristãos ao redor do mundo serão convidados a participar neste esforço. Quase simultaneamente, duas outras denominações americanas, os Discípulos de Cristo (Discípulos de Cristo) e do Conselho Nacional de Igrejas Congregacional (Conselho Nacional de Igrejas Congregacionais), estavam realizando ações semelhantes.²⁰ Como resultado, foi conseguido um amplo apoio para a Conferência Mundial de Fé e Ordem. No entanto, antes da conferência poderia ocorrer que ele quebrou a primeira guerra mundial.

Quando a paz foi restaurada, os planos para a conferência mundial retomada. Teve lugar em Lausanne, na Suíça, em 1927. Dois anos antes, o bispo Nathan Söderblom Suécia foi realizado em Estocolmo, um Conselho Cristão universal para a Vida e Obra. Embora Söderblom era um pragmático que experimentou questões de natureza doutrinária, tornou-se claro que deve haver uma idéia definida sobre se a igreja tinha a intenção de ter um esforço cooperativo. Em 1937, o Movimento Fé e Constituição reuniu-se em Edimburgo e vive e trabalha em Oxford. Destas duas reuniões a criação de um comitê veio se juntar o trabalho de ambos os movimentos como o Conselho Mundial de Igrejas foi chamado. No entanto, mais uma vez, a guerra interrompeu os planos. A atual formação do Conselho Mundial não ocorreu até 1948, em Amsterdão, naquela época eram 147 membros grupos denominacionais. As reuniões subsequentes do Conselho Mundial de Igrejas, realizada em Evanston, Illinois (1954), Nova Deli (1961), Uppsala (1968), Nairobi (1975) e Vancouver (1983).

A declaração original da base teológica do Conselho Mundial foi curta e simples: "O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunhão de igrejas que aceitam nosso Senhor Jesus Cristo como Senhor e Salvador". Esta declaração foi criticada por não cobrir o espectro de crenças Christian, e assim, em 1961, uma versão maior foi adotada: "O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunhão de igrejas que confessam o Senhor Jesus é Deus e Salvador, segundo as Escrituras e, portanto, procurar cumprir juntas sua vocação comum para a glória de um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo ". Também em 1961, o Conselho Missionário Internacional, um outro movimento com suas raízes na conferência de Edimburgo de 1910, juntou-se ao Conselho Mundial. Ao mesmo tempo ele estava tomando outro desenvolvimento significativo. No dia de Natal de 1961, o Papa João XXIII convocou Vaticano II. A nova abertura ao cristianismo não-católico, que mostrou o conselho fez o diálogo entre protestantes e católicos em breve uma realidade.

O Conselho Mundial de Igrejas e sua afiliada nos Estados Unidos: o Conselho Nacional de Igrejas de Cristo, não são os únicos movimentos entre igrejas notáveis. Em 1941, o Conselho Americano de Igrejas Cristãs foi organizado; equivalente mundial: o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs, organizado algum tempo depois. À primeira vista, estes grupos parecem homólogos conservadores nos conselhos nacionais e globais que tentam alcançar os mesmos objectivos, mas em um quadro teológico conservador. No entanto, se você olhar mais de perto, é claro que a finalidade dos Conselhos americanas e internacionais é opor-se os objectivos e as posições dos conselhos nacionais e globais. Liderados por Carl McIntire, as atividades incluem a política Conselho Americano governo influência afetando Washington capelania, missões no exterior e da mídia.²⁸ O Conselho Americano oposição não só para aqueles com uma inclinação liberal, mas os evangélicos inconsistentes que, embora completamente ortodoxa, não estava completamente quebrado seus laços com o Conselho Nacional. Além disso, qualquer membro votante do Conselho Americano foi autorizado a manter a conexão com o Conselho Nacional. A tendência à ruptura e fragmentação dentro do movimento continuou.³⁰

Um ano após a origem do Conselho Americano de Igrejas cristãs e interchurch apareceu outra associação. Um grupo de evangélicos haviam organizado em 1929 o New England Fellowship (Fellowship of New England), que incluiu conferências bíblicas, acampamentos e transmissões de rádio. Alguns líderes, que tinham uma visão nacional para a irmandade, enviou convites para os evangélicos em todo o país para participar de uma sessão em St. Louis, em abril de 1942. Esta reunião veio a Associação Nacional de Evangélicos para United Ação (Associação Nacional Evangélicos para ação unida); o nome foi encurtado mais tarde a Associação Nacional de Evangélicos (Associação Nacional de Evangélicos).

Dois fatos sobre os primórdios da Associação Nacional de Evangélicos refletir sua natureza e seus propósitos distintos. Em primeiro lugar, o nome original aponta para a sua orientação para a ação prática; a este respeito, a associação parece com a conferência de Edimburgo de 1910. Em segundo lugar, o principal objectivo do novo grupo de ação cooperativa foi construtivo, e não a criticar o Conselho Nacional ou Conselho Mundial. Nós poderíamos chamar isso de um grupo de ação ecumênica evangélica:

Uma coisa estava clara. Milhares tinha chegado à conclusão de que já não podiam cooperar com o [nacional] Conselho Federal de Igrejas. [Mas] os evangélicos não estavam interessados em fazer declarações e perder tempo agressivo para reformar ou destruir as estratégias do Conselho. Eles acreditavam que ele já tinha perdido muito tempo e energia, dinheiro e talento em tais esforços. Eles queriam uma ação construtiva, agressivo, dinâmico e unificado sobre o programa evangélico terra evangelismo, missões, educação cristã e qualquer outra esfera da fé cristã. Eles queriam uma sólida base doutrinal para tal ação. Eles estão buscando a liderança nestes domínios. Eles acreditavam que tinha chegado o momento de demonstrar a validade de sua fé ea capacidade dos evangélicos para trabalhar juntos e fazer um grande programa construtivo juntos.

A Associação Nacional de Evangélicos atravessa várias comissões. Seu jornal, *Ação* (anteriormente *United Ação Evangélica*) expressa os pontos de vista dos seus membros.

As questões levantadas pelos evangélicos

Quando discutimos o ecumenismo, os evangélicos estão preocupados com várias questões em particular. Os evangélicos sempre insistiram que a comunhão é impossível se houver acordo sobre algumas verdades básicas. Esta ênfase deriva da crença em um Deus finalidade para a qual os seres humanos se relacionam com a fé. Podemos nos relacionar com ele, porque ele revelou. Desde essa revelação tem pelo menos parcialmente formado proposicional, a fé é uma questão de confiança pessoal em Deus e aceitação das verdades que ele revelou. Consequentemente, as experiências emocionais semelhantes e os esforços comuns são motivos suficientes para o casamento. Também deve haver acordo, pelo menos, nos pontos mais básicos da crença.

Esta posição evangélicos poderia ser interpretado como uma barreira lógica e natural para o ecumenismo. Na verdade, John Warwick Montgomery observou que ele trabalhou para o outro lado; Ele promoveu atividade inter-religiosa. Por causa de sua preocupação com a verdade, os evangélicos foram inclinados a cooperar e se sentir um com aqueles que pensam como eles. Na verdade, o fundamentalismo, historicamente, começou com uma série de conferências bíblicas ele participou de pessoas que se sentiram conectados a outras pessoas que compartilhavam um conjunto distinto de crenças chamados "fundamentos da fé." Portanto, o fato de a mesma diversidade doutrinária dentro de grandes denominações, tem sido um estímulo para o ecumenismo.

No entanto, os evangélicos por sua preocupação com a verdade, ter sido de uma forma cautelosa a medida em que eles querem ser envolvidos no ecumenismo. Sempre que os problemas surgem quando um número de evangélicos estão definidas para discutir o

ecumenismo. William Estep tem convenientemente agrupados em categorias. Embora ele tenha escrito a partir da perspectiva dos Batistas e ecumenismo, que, com algumas adaptações, o esquema usado aqui.

O problema teológico

As reservas teológicas sobre o movimento ecumênico são comuns, porque o desacordo sobre questões teológicas era o que separava os nomes primeiro. Os evangélicos não irá considerar a união com qualquer grupo que não subscrever a certas doutrinas básicas: a suprema autoridade da Bíblia como fonte de fé e prática cristã; a divindade de Jesus Cristo, incluindo Seus milagres, Sua morte expiatória e ressurreição corporal; a salvação como obra sobrenatural da regeneração e da justificação pela graça mediante a fé; a segunda vinda de Cristo. A evangélicos parece que no que respeita à base teológica para a comunhão, o movimento ecumênico aceitou muitas vezes o menor denominador comum. Como resultado, o evangélico suspeita que alguns membros da guilda pode não ser cristãos autênticos. Há ainda a questão das normas doutrinárias (por exemplo, confissões ou credos), se quer continuar houver, e qual é o seu status e autoridade.

O problema eclesiológico

Em certo sentido, esta questão é meramente uma subdivisão do tema teológico. Os evangélicos não consideram a união com grupos que não compartilham de sua doutrina da igreja. E ainda de alguma forma aqui você está considerando um questões de caráter mais amplas. Os evangélicos insistem que há um acordo básico sobre o que torna uma igreja uma igreja. Na verdade, por que os cristãos da igreja cristã, ou cristãos fazem igreja em igreja? Aqui nós temos em um sentido a questão da verdadeira natureza do cristianismo. Há também a questão do sentido da igreja. É aplicado principalmente para a congregação local de crentes, um nome, ou uma federação de denominações? Também deve haver um consenso na estrutura de governo da Igreja e sob a forma ea função do ministério. A fusão entre a Congregationalists doutrinários e episcopais acreditam é improvável que ocorra sem tensões no que diz respeito à organização e administração do governo da igreja, a importância e os critérios para a gestão e temas adjacentes. Ele também deve prestar atenção a questões como o objetivo e estratégia da igreja, se for caso disso e em que medida a igreja se envolver social e politicamente e as relações entre Estado e Igreja.

As áreas mencionadas acima e as questões que têm a ver com os sacramentos resultaram no movimento ecumênico do século XX tensões e dificuldades mais fortes, como aconteceu no século XVI, QUANDO MARTIN LUTHER E ULRICH ZWINGLI FORAM INCAPAZES DE JUNTAR DUAS ASAS DA REFORMA, E AS NEGOCIAÇÕES FORAM SUSPENSAS POR CAUSA DA QUESTÃO DA PRESENÇA DE CRISTO NA CEIA DO SENHOR. A razão é muito clara. Com relação a outras áreas de crença, é possível permitir que os indivíduos têm os seus próprios pontos de vista particulares. Mas a igreja e os sacramentos são componentes externos e observáveis do cristianismo. Por conseguinte, é necessário para atingir um grau mais elevado de acordo com eles.

O problema metodológico

Como a principal razão para fundar o movimento ecumênico foi superar as dificuldades de uma testemunha dividido, é questão pragmática realmente importante levantada pelos evangélicos: Realmente como efetivamente tem o movimento ecumênico na evangelização do mundo? Harold Lindsell indicou que United Church of Canada

(Igreja Unida do Canadá) foi caracterizado por uma sociedade em declínio e missionários reduzida enquanto outras denominações apresentaram crescimento e progresso nessas áreas.

Uma vez que a origem do movimento ecumênico, o seu fracasso na área de missões é particularmente significativa. Os evangélicos têm freqüentemente criticado o Conselho Mundial de Igrejas sobre a questão. WA Visser 't Hooft, o primeiro secretário-geral do Conselho Mundial, tentou responder às críticas:

Talvez a questão mais importante levantada pelos evangélicos conservadores tem sido se o movimento ecumênico excessivamente concentrado suas energias em problemas sociais e internacionais e tem negligenciado a principal tarefa da evangelização. A questão é tanto mais relevante quanto uma comparação entre as igrejas do Conselho Mundial e corpos evangélicos mostra que este último está usando muito mais de seus recursos em homens e dinheiro em evangelismo e missões proporção no exterior. Mas a grande questão que surge é: O que é a evangelização? Será que a igreja se único evangelista prega o evangelho às pessoas? Ou é também estende evangelista se a luz do Evangelho sobre os principais problemas que a humanidade enfrenta em nossos tempos? O debate continuou diálogo e ambos os lados têm de aprender uns dos outros.

O problema teleológica

O último problema levantado quando se avalia o ecumenismo evangélico é o que Estep chamado o problema teleológica. Qual é o objetivo final do movimento ecumênico? É a fusão orgânica de todas as denominações em um super-igreja? Os líderes do Conselho Mundial declararam repetida e enfaticamente que este não é o seu objectivo; Designações individuais persistir e manter sua integridade. No entanto, Estep coletou uma lista impressionante de declarações de outros líderes do movimento ecumênico no qual deseja pesquisar e obter a união orgânica das igrejas. E. Roberts-Thomson distinção entre o papel específico do Conselho Mundial eo objetivo final do movimento ecumênico. O próprio Conselho é proibida por sua constituição a ser mais do que uma dica. No entanto, espera-se que a consciência dos membros do Conselho Mundial irá sensibilizar tanto o pecado da separação buscando uma fusão que vão além das actividades do Conselho.

Se ocorrer uma fusão completa, pode acontecer alguns resultados infelizes. De membros da Igreja poderia ser sem sentido. Robert Handy observou que "o desejo de união total organizacional inevitavelmente levanta a questão de quem é um herege novamente. No esforço para pôr de lado os aspectos mais difíceis da questão, enquanto pressiona para a unidade organizacional completa, os critérios de adesão são reduzidos ea natureza da igreja pode realmente ser um mínimo. "Um problema Adicional uma super-igreja como esta é que seria considerada, de modo a falar, o único guardião do cristianismo. Crentes seria dado a entender que você não pode ser um cristão se ele não pertence à igreja visível. Mas o que dizer de dissidentes ou não-conformistas? Onde é que essas pessoas vão? A estrutura monolítica impede um sistema de freios e contrapesos, que é tão necessário na igreja e na política secular.

Critérios de ação

Em vista da oração de Cristo pela unidade dos seus seguidores, o que deve ser a nossa posição? Concluimos o capítulo sobre a unidade da Igreja com vários critérios.

1. Temos de perceber que a igreja de Jesus Cristo é uma igreja única. Todos os que estão relacionados único Salvador e Senhor são certamente parte do mesmo corpo espiritual (1 Coríntios 12:13).
2. A unidade espiritual dos crentes devem mostrar ou expressar boa vontade, companheirismo e amor uns aos outros. Devemos usar todos os meios legítimos

- para confirmar que somos um com os cristãos que estão separados de nós organicamente.
3. Os cristãos de todos os tipos deveriam trabalhar em conjunto sempre que possível. Se qualquer ponto essencial da doutrina ou prática não seja comprometida, eles devem juntar forças. Em outras palavras, é importante que há ocasiões em que os cristãos colocaram de lado suas diferenças. A cooperação entre os cristãos dar um testemunho comum para o mundo e é uma verdadeira gestão dos recursos que nos são confiados.
 4. É importante para delinear cuidadosamente a base e os objectivos da comunhão doutrinal. A meta original de 1910 Conferência Missionária Mundial em Edimburgo era como Visser 't Hooft próprio admitiu, substituída por outras preocupações. No entanto, a execução da comissão de Cristo continua a ser a principal tarefa da igreja. Por conseguinte, é difícil justificar o tempo, pessoal e financia actividades que contribuam, pelo menos indirectamente, para a evangelização é comprometida. Em outras palavras, um retorno às metas originais do movimento ecumênico não deve ser a nossa meta, porque nem todo mundo que diz "Senhor, Senhor" é na verdade um dos seus próprios.
 5. Temos de estar vigilantes contra qualquer união que enfraquece a vitalidade espiritual da igreja. Igrejas conservativas são aquelas que estão a crescer; Evangélica têm o momentum. Alianças que enfraquecem a sua vitalidade deve ser avaliada cuidadosamente e, provavelmente, evitado.
 6. Os cristãos não devem estar prontos para deixar o nome de sua mãe muito rapidamente. Sempre que há possibilidade de resgatar o título, o testemunho conservador não deve ser abandonada. Além disso, se os conservadores ir círculos ecumênicos, a sua posição não será representado neles.
 7. É importante para os cristãos para garantir que as divisões e separação é devido a convicções e princípios genuínos e conflitos não pessoais ou ambições individuais. É um descrédito para a causa de Cristo que os cristãos com as mesmas crenças e metas são separados.
 8. Quando os cristãos não concordo, quer como indivíduos, igrejas ou denominações, é essencial que essa discordância é feito em um espírito de amor, procurando corrigir outros e convencê-los da verdade, não refutá-los e expondo-os a ridículo. A verdade deve ser sempre ligado ao amor.

Na última parte do século XX, MOVIMENTO ECUMÊNICO ORGANIZADO PERDEU MUITO DE SEU ÍMPETO. Foi em parte resultado de um declínio nas denominações de fidelidade. As expressões práticas da unidade dos cristãos têm aparecido mais em organizações ou causas que aderiram cristãos sem identidades confessionais. Exemplos incluem cruzadas de Billy Graham e o movimento da Promessa.

Parte 12

AS COISAS DE ÚLTIMA

56. Introdução à escatologia
57. Pessoa Escatologia
58. A Segunda Vinda e suas conseqüências
59. Perspectivas sobre o milênio e tribulação
60. estados finais

56. Introdução à escatologia

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Examine várias abordagens alternativas para o estudo da escatologia que ajudam a compreender e, especialmente, para ensinar e pregar.
- Classificar diferentes tipos de escatologia usando sete perguntas para avaliação.
- Identifique e explique seis maneiras diferentes de abordar a escatologia.
- Avaliar os nove conclusões que podem ser extraídas do estudo da escatologia.

Resumo do capítulo

O estudo da escatologia provocou uma variedade de respostas entre os crentes, que vão desde evitar quase completamente a preocupação global sobre a doutrina. Nenhum dos extremos é desejável. Defendemos uma visão equilibrada. Há uma variedade de sistemas: modernizado, desmodernizado realizado, existencializado, politizada e sistematizada. Pelo menos nove conclusões podem ser tiradas sobre escatologia.

Questões de estudo

1. Quais são as razões para estudar escatologia?
2. O que eles são os "escatomania" e "escatofobia"?
3. Como podemos ajudar a perguntas de qualificação para analisar um sistema escatológico? Que perguntas devo fazer?
4. comparar e contrastar os seis sistemas escatológicos selecionados: desmodernizado modernizado realizado, existencializado, politizada e sistematizada. Faça uma tabela com três colunas. Faça cada sistema na primeira coluna. Identificar o expoente principal na segunda coluna. Liste as principais ideias de cada um deles na terceira coluna. Olhe novamente para o gráfico e tentar expor suas próprias conclusões.
5. O que vai ajudar as conclusões do final do capítulo para desenvolver uma abordagem eficaz à escatologia?

O status da escatologia

Classificação das eschatologies

Os tratamentos modernos da escatologia

A abordagem liberal: a escatologia modernizada

Albert Schweitzer: desmodernizada escatologia

CH Dodd percebeu escatologia

Rudolf Bultmann: a escatologia existencializada

Escatologia politizado: Jürgen Moltmann

Dispensationalism: escatologia sistemática

Conclusões sobre escatologia

O status da escatologia

Tal como indicado pela derivação da palavra, escatologia tradicionalmente significa o estudo das últimas coisas. Assim, estas são questões que têm a ver com o fim da história,

a conclusão da obra de Deus no mundo. Em muitos casos, literalmente, ele também tem sido a questão final que foi abordada em estudos de teologia.

Escatologia tem tido sucesso variável na história do cristianismo. Como a teologia é geralmente definida e redefinida em resposta aos desafios e controvérsias, e o número de grandes debates sobre escatologia têm sido poucos, manteve-se relativamente pouco desenvolvido em relação a outras doutrinas como a natureza dos sacramentos ou a pessoa e obra de Cristo. Estas doutrinas, sendo mais importante para a fé e experiência cristã, foram tratados mais amplamente em um momento mais cedo tempo. James Orr observou que enquanto ele se movia a história da igreja, dominado certas doutrinas. A ordem normal dos estudos teológicos reflete a ordem em que as várias doutrinas iria dominar. Orr sugere que, em relação a esta ciência, escatologia seria o tema dominante na teologia dos tempos modernos. Se realçar questão é discutível, porque o século XX prestou muita atenção para a revelação eo Espírito Santo. No entanto, é verdade que no final do XIX século e durante a XX escatologia tem recebido mais atenção do que nunca.

Há várias interpretações sobre a relação da escatologia com outras doutrinas. Alguns teólogos simplesmente visto como um apêndice ou como a conclusão de outras doutrinas. Por exemplo, às vezes ele simplesmente considerado parte da doutrina da salvação. Ao considerar essencialmente o estudo das etapas finais de Cristo estabeleceu seu governo no mundo, escatologia completar a doutrina da obra de Cristo.³ também tem sido associada com a doutrina da Igreja; Pensamos, por exemplo, na discussão de Agostinho sobre o reino ea igreja. Outros teólogos têm considerado escatologia como uma doutrina independente que está a par com as outras doutrinas importantes.⁵ Existem outros teólogos que dizem que a escatologia é a doutrina suprema resume todos os outros e leva à realização. Finalmente, alguns têm sustentado que a escatologia é toda a teologia ou, mais corretamente, a teologia como um todo é a escatologia.⁷ Portanto, há uma grande variedade de pontos de vista sobre o estado da escatologia.

Há um número de razões para a corrente atenção para escatologia. Um deles é o rápido desenvolvimento da tecnologia e as conseqüentes mudanças na cultura em geral. Para evitar tornar-se obsoleto, é necessário que as empresas e órgãos públicos prever o futuro e se preparar para ela. Isto levou a uma disciplina totalmente nova. "Futurismo" La curioso para saber o que a casas, transportes e comunicações na próxima década ou no próximo século se presta à especulação e após a investigação. Há um interesse correspondente no futuro, em um sentido mais amplo, num sentido cósmico. O que o futuro reserva para a realidade como um todo?

Uma segunda razão para a proeminência da escatologia é a ascensão do Terceiro Mundo. Para alguns que vivem em países desenvolvidos, as tendências econômicas e políticas atuais são negativas e desanimadoras. No entanto, para os países do terceiro mundo que é o oposto. O futuro é muito brilhante para eles. Como o cristianismo continua a crescer rapidamente no Terceiro Mundo, naturalmente mais rápido do que em outros lugares, o seu entusiasmo e expectativa para o futuro estimula um maior interesse pela escatologia que bygone história.

Além disso, a força do comunismo ou o materialismo dialético no mundo forçados teólogos para se concentrar no futuro. O comunismo tem uma filosofia definitiva da história. Ele considera que a história é dirigida para um objetivo definido. Como a dialética atinge os seus fins, a história continua a partir de uma fase para outra. O trabalho de Ernst Bloch *Das Prinzip Hoffnung (O Princípio da Esperança)*, que representa o marxismo como a esperança do mundo para o futuro melhor, causou um grande impacto em vários teólogos cristãos. Eles se sentiram impelidos a buscar uma base alternativa superior para a esperança.

Algumas escolas de psicologia começaram a enfatizar a esperança. Talvez o exemplo mais notável é a logoterapia de Viktor Frankl, uma mistura de existencialismo ea psicanálise. A partir de sua experiência em um campo de concentração na Segunda

Guerra Mundial, Frankl concluiu que os seres humanos precisam de um propósito para viver. Quem tem esperança, você sabe "o" porquê "de sua existência. ... Conheça suportar quase todo o" como "." Em um sentido muito real, o porquê, o propósito da existência está relacionada com o futuro, que prevemos que acontecerá.

Finalmente, a ameaça de destruição nuclear paira sobre a raça humana já há algum tempo incentivou o desejo de saber sobre o futuro. E enquanto o efeito da crise ecológica que enfrentamos é menos rápida do que nuclear, também coloca em risco o futuro da raça. Esses fatos deixam claro que não podemos viver apenas no presente, agora preocupado. Temos de pensar no futuro.

Quando examinamos o que os teólogos e ministros estão fazendo com a escatologia, há duas tendências opostas. Por um lado, há intensa preocupação com a escatologia. Teólogos conservadores têm mostrado grande interesse neste tópico. Dispensationalists em particular, têm destaque na sua pregação e ensino. Ele diz que há um pastor que prega o livro do Apocalipse, todos os domingos durante 19 anos! Às vezes, os ensinamentos enormes e esquemas detalhados de tempos recentes são estendidos. Os atuais acontecimentos políticos e sociais, especialmente os que se referem à nação de Israel, são identificados com as profecias das Escrituras. O resultado é que alguns pregadores têm caricaturado-os com uma Bíblia em uma mão eo jornal na outra. O trabalho de Hal Lindsey 's *Late Great Planet Earth* é um excelente exemplo deste tipo de "escatomania."

Há uma outra variedade de escatomania, muito diferente na orientação e conteúdo. É a abordagem que faz teologia escatologia é cheia. A fé cristã é considerado tão completamente a escatológica adjetivo "escatológico" é adicionado a praticamente qualquer conceito teológica. A escatologia é "para cima sob as pedras" no Novo Testamento. No entanto, de acordo com aqueles que seguem esta abordagem, o foco da escatologia não é o futuro, mas a idéia de que uma nova era começou. Muitas vezes, a tensão entre o velho eo novo é destacado; na verdade, a frase "Sim, mas ainda não" tornou-se uma espécie de slogan.

O oposto das duas variedades de escatomania poderia ser chamado de medo "escatofobia" ou aversão à escatologia, ou pelo menos evitar discutir o assunto. Em alguns casos, o escatofobia é uma reação contra aqueles que têm uma interpretação definitiva de todo o material profético da Bíblia e identificar qualquer evento importante na história com uma previsão bíblica. Não querendo ser identificado com esta abordagem sensacionalista à escatologia, alguns pregadores e professores evitar discutir o assunto completamente. Como resultado, em alguns círculos conservadores não há quase nenhuma dispensationalism alternativa. Muitos dos membros da igreja, não ouvir qualquer outro ponto de vista diferente, eles passaram a acreditar que o dispensacionalismo é a única abordagem legítimo que existe na escatologia. Além disso, em situações em que qualquer idéia menor em escatologia se tornou um teste de ortodoxia, jovens pastores tendem a evitar completamente o problema, tentando não ser suspeito. E nos casos em que discutem a escatologia se tornou o tema favorito de discussão, alguns pastores, para evitar divisões, fazem pouca ou nenhuma menção do milênio e da grande tribulação. A este respeito, as questões escatológicas não são diferentes das GLOSSOLALIA.

Muitas das questões de escatologia são confusas e difíceis de tratar. Consequentemente, os professores e pregadores simplesmente evitar o assunto. Alguns professores de cursos de doutrina cristã são sempre atrás em suas aulas. Portanto, eles nunca têm tempo para resolver a questão do milênio e da grande tribulação. Da mesma forma que os professores do Novo Testamento estuda acha difícil encontrar tempo para o livro do Apocalipse, e até mesmo alguns professores de Antigo Testamento estuda difícil planejar seus horários para que eles possam dar atenção suficiente para os livros proféticos. Talvez seja apenas falta de organização e disciplina, mas mais do que um instrutor admitiu que a falta de tempo é apropriado.

A meio caminho entre as duas extremidades de se preocupar com a escatologia e nossa posição deve ser evitada. Porque escatologia não é uma disciplina opcional e sem importância, nem a intenção de importância e interesse para o cristão. Nós encontrar um meio termo quando se considera o verdadeiro propósito da escatologia. Às vezes escatologia tem sido objecto de debate que causou animosidade entre cristãos e acusação. Este não é o propósito para o qual Deus revelou as verdades escatológicas. Paulo disse em 1 Tessalonicenses 4 a razão para escrever sobre a segunda vinda. Alguns crentes que perderam seus entes queridos estavam experimentando a dor que, pelo menos em certa medida, era louco e desnecessário. Paulo não quer que eles sejam tão descrentes triste, que não tinham esperança para os seus entes queridos (v. 13). Depois de descrever a segunda vinda e assegurar aos seus leitores de que era verdade, aconselhou: "Portanto conforto uns aos outros com estas palavras" (v 18).. Às vezes é fácil esquecer que as verdades escatológicas na Palavra de Deus, como no resto da revelação, tentam nos confortar e encorajar-nos.

Classificação das eschatologies

Eles podem levantar uma série de perguntas para ajudar a classificar os diferentes pontos de vista sobre a escatologia. Em alguns casos, uma única causa servirão para qualificar o ponto de vista a considerar, uma vez que irá ser a chave para todo o sistema. Em outros casos, várias questões serão necessários se quisermos compreender plenamente a natureza da opinião de que estamos lidando.

1. Considera que escatologia refere-se principalmente para o futuro ou presente? Tradicionalmente, tem sido entendido que a escatologia é o fim do tempo, as coisas que vão acontecer em um determinado momento no futuro. Mas alguns teólogos ver escatologia como uma descrição de eventos no aqui e agora. Estamos em uma nova era e experimentar uma nova qualidade de vida. Outros, contudo, considerar a escatologia como uma descrição do que sempre foi, é e será a verdade. Em outras palavras, ele tem um caráter atemporal.

Neste ponto, será útil para apontar um sistema que é usado para classificar as várias interpretações de material profética e apocalíptica nas Escrituras. Embora maioria das vezes usado como um meio de classificar a interpretação do livro do Apocalipse, ou, mais geralmente, todos aqueles literatura profética, o sistema também pode ser aplicada para distinguir pontos de vista sobre a escatologia:

1. O ponto de vista futurista afirma que a maioria dos eventos descritos são no futuro. Eles vão marcar o fim dos tempos, muitos deles provavelmente ocorrem todos juntos.
2. O ponto de vista sustenta que eventos passados descritos estavam ocorrendo nos tempos do escritor. Como estavam presentes para o escritor, eles agora são passado.
3. O ponto de vista histórico sustenta que os eventos descritos eram, no futuro, no momento da escrita, mas que se referem às coisas que acontecem ao longo da história da igreja. Em vez de olhar apenas para o futuro, temos de olhar para as páginas da história e ver se algum desses eventos já está ocorrendo agora.
4. O ponto simbólico ou idealista da visão sustenta que não devemos pensar que os eventos descritos são para ser desenvolvido dentro de uma seqüência temporal. Eles se referem a verdades eternas da natureza, e não eventos históricos singulares.

2. A idéia do futuro da vida na Terra é principalmente otimista ou pessimista? Alguns eschatologies antecipar que haverá uma melhoria das condições. Outros prevêem um agravamento das circunstâncias da existência humana. Muitos destes últimos esperar que,

sob o controle humano, a situação vai se deteriorar até que Deus intervém e corrigir o que está acontecendo.

3. O que se acredita ser o agente dos eventos escatológicos: a atividade divina ou esforço humano? Se a atividade divina, considera-se que esses elementos ocorrem sobrenatural; , se o esforço humano é, eles vão ser visto como o resultado de um processo natural e familiar. A primeira perspectiva visa obra genuinamente transcendente de Deus; o segundo destaca a atividade inerente de Deus no mundo.

4. O centro da crença escatológica é neste mundo ou o outro? Em outras palavras, espera-se que as promessas de Deus para a maior parte realizada neste país em uma continuidade fundamental com a vida como nós experimentamos agora, ou haverá uma liberação da situação atual e sua promessa será cumprida no céu ou em um lugar ou situação totalmente diferente do que estamos agora experimentar? Os primeiros eschatologies tipo prosseguir uma esperança mais seculares; o segundo tipo são natureza mais espiritual.

5. O ponto de vista particular só fala de esperança para a Igreja ou para a raça humana em geral? São benefícios esperados são apenas para os crentes, ou promessas são para todos? Neste último caso, a igreja é o agente ou portador de coisas boas para vir para todos?

6. A escatologia sustenta que obter os benefícios da nova era individualmente ou ser concedido caráter cósmico? Neste último caso, é provável que as promessas de Deus são cumpridas em um único evento todo-abrangente. Além disso, neste caso, os efeitos podem não incluir apenas os seres humanos, mas também outros setores da criação; pode haver uma transformação da ordem natural.

7. Existe um lugar especial para os judeus em eventos futuros? Como um povo escolhido como povo da aliança no Antigo Testamento, eles ainda têm um estatuto especial, ou são apenas como o resto da raça humana?

Os tratamentos modernos da escatologia

De muitas maneiras, a história da escatologia tem paralelos com a doutrina do Espírito Santo. Em ambos os casos uma posição formal muito em breve que, eventualmente, tornou-se parte da Ortodoxia foi desenvolvido. Assim, em círculos ortodoxos escatologia e do Espírito Santo, eles raramente eram de muito interesse ou principal objeto de preocupação. Foi nas seitas, ou os grupos mais radicais que foram levados mais a sério essas doutrinas e que lhes deu uma expressão mais dinâmico e agressivo. Embora fossem parte da crença tradicional, eles não debatidas ou pregou também. Mas, no século XX, AMBAS AS DOCTRINAS TORNOU AS COISAS MUITO MAIS GERAIS DE INTERESSE E PREOCUPAÇÃO.

A abordagem liberal: a escatologia modernizada

O século XIX foi uma época de efervescência intelectual considerável, e teologia cristã sentiu sua força. Teoria da evolução de Darwin, o crescimento das ciências naturais e estudos críticos da Bíblia contribuiu para um novo ambiente. Na teologia, o liberalismo tentou reter a fé cristã enquanto também trouxe uma aproximação científica para as questões religiosas. Ele tinha confiança no método histórico como um meio para saber o que realmente tinha acontecido nos tempos bíblicos. Aplicando este método para o estudo dos Evangelhos passou a ser conhecida como a busca do Jesus histórico. Embora os resultados foram misturados, houve alguns acordos gerais. Uma era que Jesus era basicamente um professor humano cuja mensagem foi principalmente sobre o Pai celestial.

A mensagem de Jesus era realmente bastante simples, como Adolf von Harnack, cujo pensamento foi o culminar do liberalismo do século XIX. Jesus destacou a paternidade

de Deus, que havia criado todos os seres humanos, que assistiram sobre eles e protegidos-os, como faz com todas as partes da criação. O valor infinito da alma humana era mais importantes ensinamentos de Jesus. Deus criou os seres humanos no topo de sua criação e seu objeto de amor, de modo que devemos amar os nossos vizinhos.

O reino de Deus era outro tema fundamental nos ensinamentos de Jesus. Enquanto este reino tradicionalmente entendida como um futuro reino terrestre de Cristo, a ser estabelecida após sua espetacular segunda vinda, os liberais enfatizam este caráter do reino. Eles observam que Jesus disse aos seus discípulos: "Em qualquer cidade em que entrardes e vos receberem, comei do que puserem diante de vós e curai os enfermos que nela houver, e dizer: 'Você chegará a vós no reino de Deus'" (Lc. 10: 8-9). O reino, em seguida, não é algo que está muito longe, no espaço ou no tempo. É algo próximo, algo que os seres humanos pode entrar. Não é algo imposto de fora desligado. Simplesmente é o reino de Deus nos corações dos homens, sempre que obedecer a Deus. O papel dos cristãos é estender o reino, que, de acordo com Albrecht Ritschl, é uma área de justiça e de valores éticos.

Para os liberais, Jesus também ensinou algumas idéias estranhas. Uma dessas idéias era a segunda vinda, a noção de que ele voltaria do corpo no fim de tempo para estabelecer o seu reino. Os liberais consideraram ser este um remanescente insustentável de uma forma pré-científico de compreensão da realidade. No entanto, eles também acreditavam que o conceito continha uma mensagem importante. Os ensinamentos sobre a segunda vinda é simplesmente corpo deixa reveste a autêntica mensagem, milho em grão. O que devemos fazer é descascar as folhas para extrair o grão. A verdadeira mensagem da segunda vinda é a vitória da justiça de Deus sobre o mal no mundo. Este é o grão; a segunda vinda é apenas a folha ou envelope. Não é necessário que se mantenha com o pacote. Ninguém no seu perfeito juízo folhas comido com grãos.

Ao rejeitar a idéia da segunda vinda, vemos a profunda apreciação dos liberais pelos resultados da aprendizagem moderna, que, juntamente com o método histórico, foi um dos componentes básicos de sua aproximação com a Bíblia. Ele apresentava no período mais vigoroso do liberalismo era a idéia de progresso. Eles estavam fazendo progresso científico, político e econômico. Teoria da evolução de Darwin seria generalizado para abranger toda a realidade. Considerou-se que tudo foi crescendo, se desenvolvendo, progredindo, não só os organismos biológicos, mas também a personalidade humana e as instituições. A crença do triunfo de Deus sobre o mal, misturada com a doutrina do progresso. Considerou-se que a cristianização contínua da ordem social, incluindo a economia, seria a instanciação atual do real significado da segunda vinda.

Albert Schweitzer: desmodernizada escatologia

No entanto, alguns teólogos estavam descontentes com as interpretações que foram feitas de Jesus nos escritos liberais. Não só os conservadores, incluindo alguns que partilhou a abordagem liberal de base para a interpretação da Bíblia tinha objeções a fazer. Um dos primeiros deste grupo foi Johannes Weiss. Seu *anúncio do Reino de Deus de Jesus* (Jesus Proclamação do Reino de Deus) foi uma mudança radical para o qual o método histórico aplicada aos Evangelhos. Em vez de assumir que o reino de Jesus falou foi um presente reino ético, Weiss tinha a teoria de que a perspectiva de Jesus era totalmente escatológica e até mesmo futurista apocalíptica. De acordo com Weiss, Jesus não procurou o reino de Deus progressivamente alargado como um governo ético nos corações dos seres humanos, mas como um reino futuro que seria introduzido pela ação drástica de Deus. Esta hipótese Weiss parecia se encaixar com os dados de vida e ensinamentos de Jesus melhor do que as conclusões das biografias de Jesus.

O que começou Weiss Albert Schweitzer concluída. Ele era altamente crítico das interpretações liberais e reconstruções da vida de Jesus. Essas concepções históricas médias, meios modernos foram produto de imaginação muito criativa. Disse que o

conceito liberal de Jesus como um pregador de um reino ético: "É uma figura projetada pelo racionalismo, que dá vida liberalismo e vestida pela teologia moderna em um traje histórico." Em vez de um Jesus que tem pouco a dizer sobre o futuro, Schweitzer encontrou um Jesus cujos pensamentos e ações foram embebidos com uma escatologia radical completa. Schweitzer usou a frase "escatologia consistente." Um fator-chave na mensagem de Jesus era o seu futuro próximo (Schweitzer preferido o termo "segunda vinda"). Não só era escatológica básica pregação centro para o ministério de Jesus; Ele também era o plano original. Enquanto alguns teólogos consideram o elemento escatológico no ensino de Jesus como uma reflexão tardia adotado quando ele não conseguiu estabelecer um reino terreno, Schweitzer acredita que um futuro reino celestial foi baseada na pregação de Jesus, mesmo a partir do início de seu primeiro ministério na Galiléia.¹⁸

Jesus pregou um futuro que seria radicalmente reino sobrenatural, em sua chegada súbita, e diferente do que a sociedade humana tinha experimentado antes. Ele seria introduzido por uma catástrofe cósmica. Devemos estar preparados através do arrependimento. Isto é o que Jesus realmente acreditava que, de acordo com Schweitzer; mas, é claro, Jesus estava errado! Fracassar em sua tentativa de apresentar seus contemporâneos que o reino cósmico, Jesus foi destruído. Jesus foi martirizado. É este verdadeiro Jesus histórico que devemos seguir, não moderno. Porque Jesus não vai ser moldado para encaixar nossos conceitos. Ele se revela para aqueles que seguem seus comandos e executar tarefas que lhes confiou.²⁰ Embora Schweitzer não especifica o que exatamente isso significa ou como a divulgação ocorrerá, o seu trabalho missionário estava obviamente tentando Lamberéné equipe para manter os mandamentos de Cristo.

CH Dodd percebeu escatologia

CH Dodd deu escatologia a próxima orientação mais proeminente. A sua escatologia foi semelhante com Schweitzer em um aspecto muito importante, mas diametralmente oposta a outra. Schweitzer tinha em comum com a idéia de que a escatologia é um tema principal que permeia as Escrituras, especialmente os ensinamentos de Jesus. No entanto, ao contrário Schweitzer, Dodd afirmou que o conteúdo da mensagem de Jesus não era um futuro próximo eo reino futuro; mas com a vinda de Jesus, o reino de Deus havia chegado. Os quatro tipos de escatologia que falamos no início desta abordagem seria o passado.

Ao tomar a sua escatologia, Dodd deu uma atenção especial para as referências bíblicas do dia do Senhor. Enquanto no Antigo Testamento o dia do Senhor foi considerado um problema futuro, no Novo Testamento Este é considerado um evento. Este conceito mitológico tornou-se uma realidade histórica definitiva. Escatologia tem sido cumprida ou tiver sido feita. Por isso, o ponto de vista de Dodd tem sido chamado de "realizada escatologia." Em vez de olhar para a frente em busca de um futuro cumprimento da profecia, devemos apontar os caminhos que já foram cumpridas. Por exemplo, o triunfo de Deus ficou evidente quando Jesus viu Satanás cair do céu (Lc. 10:18). Com a vinda de Cristo, o julgamento já ocorreu (Jo. 3:19). A vida eterna é nosso (Jo. 5:24). Por Dodd, há pouca dúvida de que os escritores do Novo Testamento acreditavam que o fim dos tempos chegou. Nas suas conclusões, Dodd paga muito mais atenção ao que Paulo fez Schweitzer liberal ou as biografias de Jesus. O testemunho de Pedro no dia de Pentecostes é também significativo: "Mas isso é o que foi dito pelo profeta Joel:" Nos últimos dias, diz Deus, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, os vossos anciãos terão sonhos "(Atos 2: 16-17.). Realmente não é necessário olhar para a frente para as profecias de Joel estão preenchidas. Eles já foram cumpridos.

Rudolf Bultmann: a escatologia existencializada

Abordagem proposta de Rudolf Bultmann à escatologia. A sua visão da escatologia é simplesmente parte do programa mais amplo de desmitologização, já examinada acima. Em suma, Bultmann disse que grande parte da mitologia em forma do Novo Testamento. Os escritores expressaram sua compreensão da vida da maneira que era comum nos tempos do Novo Testamento. Que recolhidos não devem ser considerados como um relato objetivo sobre o que aconteceu ou como uma explicação literal do cosmos. Se tomado desta forma, o Novo Testamento parece ridículo. A idéia de que Jesus subiu ao céu, por exemplo, e que as doenças são causadas por demônios que vivem nos seres humanos são tão insustentável quanto desnecessário. Em vez disso, devemos entender que os escritores do Novo Testamento usaram os mitos emprestados do gnosticismo, o judaísmo e de outras fontes para dar expressão ao que tinha acontecido com eles existencialmente.

Bultmann desde o existencialismo de Martin Heidegger para a sua interpretação do Novo Testamento. Como a mensagem do Novo Testamento não é existencial e histórico (isto é, não nos diz o que realmente aconteceu), não seria lógico interpretar usando a filosofia existencial? Bultmann considera Heidegger versão secularizada de vista filosófico do Novo Testamento da existência humana.

Como o elemento histórico no Novo Testamento fala principalmente sobre situações específicas, mas na própria natureza da existência, devemos considerar essencialmente atemporal. O mesmo se aplica à escatologia, que não se refere aos acontecimentos literais que ocorrem no futuro. Paulo escreve, em particular, sobre a experiência atual e não sobre eventos futuros. Ele acredita que a salvação tem a ver com esta vida: "Portanto, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; todas as coisas se tornaram novas" (2 Coríntios 5:17). A ressurreição é uma experiência presente: "A morte foi tragada pela vitória" (1 Cor 15:54). João nos diz que Jesus falou do julgamento como um fenômeno bem: "Agora é o juízo deste mundo; Agora o príncipe deste mundo será expulso" (Jo. 12:31). Da mesma maneira John tem palavras semelhantes de Jesus sobre a vida eterna e da ressurreição: "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas quem se recusa a acreditar no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece" (João 3:36.); "Em verdade, em verdade vos digo: vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão" (João 5:25.). Bultmann diz: "Para João, a ressurreição de Jesus, Pentecostes e da *parusia* de Jesus são uma e a mesma coisa, e aqueles que acreditam e têm a vida eterna." Mesmo um evento puramente escatológico como a vinda do espírito do anticristo é existencialmente verdade em todos os tempos: "E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; e este é o espírito do anticristo, do qual tendes ouvido que vem e, agora já está no mundo" (1 Jo. 4: 3). O versículo seguinte declara que os filhos de Deus têm superar esses espíritos. As realidades escatológicas como a ressurreição, a vida eterna e a vinda do espírito do anticristo, portanto, não depende do facto de um determinado evento que aconteceu, pois são verdadeiras em um sentido existencial atemporal.

Escatologia politizado: Jürgen Moltmann

A teologia da esperança acho que a escatologia não é apenas uma parte, ou uma doutrina de teologia, mas sim a teologia como um todo. Para uma medida incomum, o inspiração para esta teologia provém das experiências pessoais de um homem: Jürgen Moltmann. Moltmann foi prisioneiro de guerra em um campo britânico até 1948. Ele viu o colapso de sua Alemanha nativa e todas as suas instituições. Como alguns outros autores de campos de memórias da prisão, ele disse que, como regra, prisioneiros com esperança eram mais propensos a sobreviver. Quando ele voltou para a Alemanha e começou a estudar teologia, suas idéias amadureceu. Em particular, o contato com o pensamento do filósofo marxista Ernst Bloch intensificou o interesse no tema da esperança. Ele não conseguia entender por que a teologia cristã tinha permitido isso, que pertencia em seu

próprio direito, ele estava fora de mão. Como o ateísmo marxista tomou e explorou o tema da esperança, o cristianismo tornou-se cada vez mais irrelevante. Por um lado, o cristianismo era um Deus, mas não tinha futuro e, por outro, o marxismo tinha um futuro, mas faltava Deus.²⁶ Moltmann pediu aos Cristãos para acordarem o "Deus da esperança" que testemunha tanto Antigo e Novo Testamento; alegando que o tema da esperança, eles devem "começar a assumir a responsabilidade por problemas pessoais, sociais e políticas do presente."

Moltmann solicitou assim a igreja que está mediando a presença de Cristo, que por sua vez irá mediador do futuro de Deus. No entanto, a esperança cristã não é realizada apenas esperando passivamente. Porque "somos trabalhadores da construção civil e não meros executores cujo poder o futuro com esperança como na realização é Deus. Isto significa que a esperança cristã é uma esperança militante e criativo na história. O horizonte de expectativa escatológica aqui produz um horizonte de instituições éticas que, por sua vez, fornecem significado para as iniciativas históricas concretas".

Voltado para a realização da esperança cristã, a teologia Moltmann tinha desenvolvido uma política para transformar o mundo. Mas o futuro não pode ser alcançada principalmente através de nosso trabalho. Basicamente, é a obra de Deus. Obtendo o futuro (a nossa esperança) exige ação, não explicação teológica. Em contraste com teologias anteriores, tentando resolver o problema do mal no mundo que oferece uma teodiceia (a defesa da justiça de Deus), a teologia da esperança, em vez de perguntar por que Deus faz algo mal o mundo, serve para transformar esse mal. Portanto, a fé tornou-se ação, que por sua vez ajudará a alcançar o objeto dessa fé.

Dispensationalism: escatologia sistemática

A, apesar de ser relativamente nova escatologia escola adicional em relação à teologia ortodoxa, exerceu considerável influência nos círculos conservadores. Este movimento, que se tornou conhecido como o dispensacionalismo, é um esquema interpretativo unificada. Ou seja, cada peça ou princípio específico é vitalmente conectado com os outros. Portanto, quando falamos de escatologia sistemática, temos em mente não só que os dados são organizados para facilitar a compreensão, mas que as conclusões em algumas áreas surgir automaticamente a partir dos princípios de outros. O desenvolvedor do dispensacionalismo foi John Nelson Darby (1800-1882). Ele também foi o organizador do movimento Irmãos Plymouth. Dispensationalism foi popularizado através da Bíblia e palestras de Referência Scofield na profecia bíblica feita por pastores e pessoas que não eram que tinham estudado em institutos bíblicos onde dispensationalism era virtualmente a posição oficial.

Dispensationalism muitas vezes pensam que o seu sistema é antes de tudo um método de interpretação da Escritura. No seu centro está a convicção de que devemos interpretar a Escritura literalmente. Isso não significa que deve ser tomada literalmente passagens que são, obviamente, metafórico, mas se o significado normal faz sentido, não vão além. A aplicação deste princípio leva à rejeição das interpretações alegóricas e tentativas liberais para negar os elementos sobrenaturais da escritura, tais milagres. Isso também significa que a profecia é interpretado literalmente muito e muitas vezes em detalhes consideráveis. Especificamente "Israel" significa que sempre se refere a nacional ou étnica Israel, não a igreja. No entanto, apesar da ênfase sobre a interpretação literal, há também uma tendência para uma compreensão tipológica de certa narrativa ou porções poéticas que, por vezes, vêm para o velho método de alegoria. Um exemplo é a explicação comum do Cântico dos Cânticos como uma imagem do amor de Cristo pela sua Igreja, apesar do fato de que o livro não diz nada explícito sobre Cristo ea igreja.

Dispensationalism está em evidência a Palavra de Deus de uma série de "dispensas" ou as economias em que ele levou o mundo. Estas dispensas são etapas sucessivas na revelação dos propósitos de Deus. Não implicam diferentes formas de salvação, porque

os meios de salvação ter sido o mesmo em todos os períodos de tempo, ou seja, a graça através da fé. Há algum desacordo quanto ao número de dispensas, mas o mais comum é o sete. Portanto, a humanidade foi a primeira na dispensação da inocência. Então veio a dispensação de consciência (desde a queda do dilúvio), a regra do homem (desde o dilúvio até a chamada para Abraão), promessa, lei e graça. O sétimo ainda está por vir. Muitos dispensacionalistas enfatizam que dispensa reconhecer que relaciona uma determinada passagem bíblica é crucial. Não devemos tentar governar nossas vidas por normas estabelecidas, por exemplo, para o milênio.

Dispensationalists também destacam tanto a distinção entre o Israel ea igreja. Alguns, de fato, considerar indispensável para compreender as Escrituras e organizar escatologia distinção. De acordo com sua visão, Deus fez uma aliança incondicional com Israel; ou seja, suas promessas a eles não são dependentes de cumprimento de certos requisitos. Eles continuam a ser seu povo especial e, eventualmente, receber sua bênção. Étnica, nacional e política Israel nunca ser confundida com a igreja. Eles são duas entidades separadas. Deus, por assim dizer, interrompeu sua relação especial com Israel, mas começar de novo em algum momento no futuro. As profecias não cumpridas sobre Israel serão cumpridas dentro do próprio país, não na igreja. Além disso, a igreja não é mencionada nas profecias do Antigo Testamento. É praticamente um parêntese dentro do plano global de Deus para Israel. Portanto, devemos ter cuidado para não confundir os dois reinos divinos mencionados nas Escrituras. O reino dos céus é judeu, Davi e messiânica. Quando ele foi rejeitado pelo Israel National durante o ministério de Jesus, sua aparição na Terra foi adiado. O reino de Deus, por sua vez, é mais inclusiva. Ele inclui todas as inteligências morais que obedecem a vontade de Deus, os anjos e santos de todos os períodos de tempo.

Finalmente, o milênio tem uma importância especial em dispensationalism. Naquela época, Deus vai retomar suas relações com Israel, ea igreja foi resgatado do mundo ou "arrancou" algum tempo antes (pouco antes da Grande Tribulação). Portanto, o milênio têm um caráter judaico forte. Profecias não cumpridas sobre Israel será feito naquele momento. Aqui é a natureza orgânica do dispensacionalismo, a interligação entre os seus princípios. Seguindo o princípio da interpretação literal, dispensationalists dão muita importância à distinção entre Israel ea Igreja.

Conclusões sobre escatologia

1. A escatologia é um tema de destaque da teologia sistemática. Portanto, não devemos negligenciar o tempo para construir nossa teologia. Além disso, é apenas uma outra doutrina entre muitos, não a teologia como um todo. Não podemos transformar todo o nosso sistema doutrinário escatologia, ou permitir que nossa teologia é distorcida colocar ênfase indevida sobre ela.

2. verdades sobre escatologia merece atenção e estudo cuidadoso, intenso e minucioso. Ao mesmo tempo, temos de estar vigilantes e evitar explorar estas matérias só por curiosidade. E quando tentamos entender o significado de partes da Palavra de Deus que são obscuras ou difíceis, devemos também evitar especular de forma abusiva e reconhecer que, como as fontes bíblicas variam de clareza, os resultados variam em grau de certeza.

3. Devemos reconhecer que a escatologia não pertence exclusivamente ao futuro. Jesus introduziu uma nova era, e vitória sobre os poderes do mal já foi alcançado, mas a luta ainda está sendo realizado dentro da história.

4. Devemos nos unir à perspectiva anterior a verdade que há elementos de profecia preditiva, mesmo no ministério de Jesus, que não pode ser considerada cumprida. Devemos viver aberta ao futuro e à sua espera.

5. passagens bíblicas sobre os eventos escatológicos são muito mais do que descrições existenciais da vida. A partir de então eles têm importância existencial, mas que

importância depende da veracidade dos eventos descritos e sua aplicação. Na verdade eles ocorrem.

6. Nós como seres humanos têm a responsabilidade de cumprir o nosso papel nestas eventos escatológicos ocorrer aqui na terra e na história. Alguns consideram essa responsabilidade como evangelização; outra forma de ação social. No entanto, enquanto realizamos o nosso papel, temos de estar cientes de que a escatologia pertence principalmente para uma nova área que vai além do espaço e do tempo, um novo céu e uma nova terra. Este reinado será precedida pela obra sobrenatural de Deus; Ele não pode ser conseguida por meios humanos.

7. As verdades sobre escatologia deve fazer-nos estar atentos e alerta para o que vem pela frente. Mas se preparar para o que vai acontecer também implica actividades de vigilância que o Senhor nos colocou. Nós não devemos ser impacientes ou abandonar prematuramente o nosso trabalho. Devemos estudar as escrituras e intensamente acompanhar o desenvolvimento do nosso mundo com cuidado, para que possamos discernir a obra de Deus e não ser enganado. No entanto, não devemos ser tão imprudente como identificar dogmaticamente alguns eventos históricos específicos com profecias bíblicas ou escatológico prever quando certos eventos acontecem.

Tão importante quanto ter convicções sobre escatologia, 8 é a de considerar a sua importância varia. Acordo em questões básicas como a segunda vinda de Cristo ou a vida após a morte é essencial. Além disso, a manutenção de uma posição específica em menos importante ou menos foram explicados como o milênio ou a tribulação, ele não deve ser visto como um teste de ortodoxia ou de uma condição para as questões de comunhão ou a unidade dos cristãos. A ênfase deve ser sobre os pontos em que estamos de acordo, e não sobre aqueles que discordam.

9. Quando estudamos as doutrinas da escatologia, devemos destacar o significado espiritual e aplicação prática. Eles são incentivos para a pureza de vida, diligência no serviço e esperança para o futuro. Eles devem ser considerados recursos para o ministério, não como sujeitos de debate.

57. Pessoa Escatologia

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Distinguir entre escatologia cósmica e individual.
- Definir e distinguir entre a morte física ea morte espiritual.
- Determine por que os crentes como não crentes, experimentar a morte física.
- Identificar e descrever o estado intermediário entre a morte ea ressurreição para o crente.
- Examine três teorias atuais sobre o estado intermediário da morte (descanso para a alma, Purgatório e Ressurreição instantânea) e propor uma solução para os difíceis problemas associados com a doutrina.
- Desenvolver uma série de conclusões sobre o estado intermediário para responder eficazmente às perguntas sobre este assunto.

Resumo do capítulo

Existe a equipe realidade escatológica de morte para todas as pessoas. Apesar de todos os envolvidos a morte física, apenas aqueles que não são crentes também vai experimentar

a morte espiritual. O difícil problema do estado intermediário é a partir da perspectiva de três teorias contemporâneas. Propõe-se uma solução para os problemas. Implicações e conclusões sobre a morte eo estado intermediário deve fornecer algumas respostas para os problemas em torno dos temas da morte e do estado intermediário são extraídos.

Questões de estudo

1. O que é a morte como tema doutrinal e por que é importante para a teologia?
2. Por que os crentes experimentam a morte? Quais são as diferenças entre crentes e não crentes sobre a morte?
3. Qual é o estado intermediário? Porque é que o estado intermediário é um problema?
4. comparar e contrastar as teorias atuais sobre o estado intermediário.
5. Como você responderia a um crente que pergunta sobre o status atual de um ente querido falecido que era cristão? Acho que a mesma coisa por um não-cristão.
6. O que você aprendeu sobre as doutrinas da morte e do estado intermediário? Se os ministros para os outros, como ele pode ajudá-lo a ser mais eficaz?

A morte

- A realidade da morte
- A natureza da morte
- A morte física: natural e artificial?
- Os efeitos de morte

O estado intermediário

- A dificuldade da doutrina
- As teorias atuais sobre o estado intermediário
 - Alma do sono
 - Purgatório
 - Ressurreição Instantânea
- A solução sugerida

Implicações da doutrina da morte e do estado intermediário

Quando falamos sobre escatologia, é preciso distinguir entre escatologia individual e cósmica; essas experiências são, por um lado, sobre o futuro do indivíduo e, por outro, o futuro da raça humana e, de fato, em toda a criação. A primeira vai acontecer a todos os indivíduos quando eles morrem. A segunda, acontecem a todos, simultaneamente, em conexão com eventos cósmicos, especificamente a segunda vinda de Cristo.

A morte

Um fator inegável no futuro de todos é a inevitabilidade da morte. Há uma afirmação direta deste fato em Hebreus 9:27: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, e depois disso o juízo." O pensamento é também cerca de 1 Coríntios 15, onde lemos sobre a universalidade da morte e do efeito da ressurreição de Cristo. Embora se diga que a morte foi derrotada e seu ferrão retirado pela ressurreição (vv. 54-56), não há nenhuma sugestão de que não vamos morrer. Paulo certamente antecipou sua própria morte (2 Coríntios 5: 1-10; Filipenses 1: 19-26).

A realidade da morte

A morte é uma faceta da escatologia quase todos os teólogos e crentes e certamente as pessoas geralmente reconhecem. A única exceção parece ser Cientistas Cristãos, que

questionam a realidade, tanto da doença e da morte. No entanto, mesmo neste grupo, após uma recusa inicial, ele acabou reconhecendo que seu fundador Mary Baker Eddy, tinha morrido.

Enquanto todo mundo reconhece, pelo menos intelectualmente a realidade ea certeza da morte, mas muitas vezes não estão dispostos a enfrentar a inevitabilidade da nossa própria morte. Assim, vemos em nossa sociedade inúmeras tentativas de evitar pensar nisso. Em casas funerárias, elogios de muitas pessoas e, em seguida, distância possível do caixão. A arte de embalsamar tem se desenvolvido muito, com a intenção de ocultar a aparência de morte. Nós usamos um número de eufemismos para evitar reconhecer a realidade da morte física. As pessoas não morrem: expirar, ou passar para uma vida melhor. Não temos sepulturas, mas cemitérios ou parques memoriais. Mesmo na igreja, só que fala da morte durante a Semana Santo, ou em funerais. Muitas pessoas não fazer um testamento, alguns provavelmente por causa da preguiça, mas porque outros odeiam a idéia da morte.

Para o existencialista, esta relutância em aceitar a morte é um exemplo proeminente de morte é uma das duras realidades da vida "existência inautêntica.": Todo mundo vai envelhecer, morrer, ser levado a um cemitério e enterrado em a terra. Este é o nosso fim inevitável. Vida, se você viver adequadamente, deve incluir a aceitação do fato da morte. A morte é apenas o fim do processo, a fase final da vida, e devemos aceitá-lo.

Apesar de não concordar com os existencialistas em relação ao significado da morte, os cristãos concordam em sua realidade e que é algo que não podemos escapar. Paulo reconhece que a morte está sempre presente no mundo ", como nós, que vivemos, estamos sendo sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. Então, em seguida, a morte opera em nós, mas a vida em vós "(2 Coríntios 4: 11-12). A morte não encontrar-nos de repente. É o fim de um processo de decomposição dos nossos corpos mortais corruptíveis. Nós atingimos o nosso ponto mais alto e, em seguida, começa a deterioração física. Aos poucos, percebemos que nossa força está nos deixando, até que nosso corpo pára de funcionar.

A natureza da morte

No entanto, o que é a morte? Como podemos definir? Várias escrituras falam da morte física, ou a cessação da vida em nosso corpo físico. Em Mateus 10:28, por exemplo, Jesus contrastou a morte do corpo com a morte do corpo e da alma: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; . Temei antes aquele que pode destruir a alma eo corpo no inferno "A mesma ideia aparece em Lucas 12: 4-5:" Digo-vos, meus amigos, não temais os que matam o corpo, mas depois nada eles podem fazer. Eu vou te mostrar quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, eu vos digo, esse medo "Muitas outras passagens falam da perda. *Ψυχή* (*psuche* - " vida "). Um exemplo é João 13: 37-38 ", disse Peter, Senhor, por que não posso seguir agora? Minha vida vai dar para você! Jesus respondeu-lhe: "Sua vida vai me dar" Outras referências deste tipo são Lucas 6: 9 e 14:26. 7 como a separação do corpo e da alma (ou espírito): Finalmente, referindo-se à morte em Eclesiastes 12 é feito "antes de o pó volte à terra, como o era, eo espírito volte a Deus, que o deu." Este passagem é uma reminiscência de Gênesis 2: 7 (Deus formou o homem do pó da terra, soprando em suas narinas o fôlego de vida) e 03:19 (homem retorna ao pó). No Novo Testamento, Tiago 2:26 também fala da morte como separação do corpo e do espírito: "Assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta."

O que estamos tratando é a cessação da vida no estado do corpo que é familiar. No entanto, este não é o fim da existência. A vida ea morte, de acordo com a Escritura, não deve ser considerada em termos de existência ou não-existência, mas como dois estados diferentes de existência. A morte é simplesmente uma transição para um modo de vida diferente; não é como alguns pensam, a extinção.

Além da morte física, a Escritura fala da morte espiritual e morte eterna. A morte física é a separação do corpo e da alma; morte espiritual é quando uma pessoa está separado de Deus; morte eterna é o resultado final desse estado de separação, um é perdido por toda a eternidade em sua pecaminosidade. As Escrituras deixam clara referência a um estado de morte espiritual, que é quando você não pode responder a coisas espirituais ou quando você perdeu toda a sensibilidade a tais estímulos. Isto é o que Paulo tem em mente em Efésios 2: 1-2: "Ele vos deu vida, que estávamos mortos em nossos delitos e pecados em que você andou uma vez, seguindo o curso deste mundo, de acordo com príncipe do poder do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência. "Quando o livro do Apocalipse refere-se à" segunda morte "é a morte eterna que ele tem em mente. Um exemplo é encontrado em Apocalipse 21: 8: "Mas os covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, idólatras e todos os mentirosos terão a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, que é a morte segundo. "Esta segunda morte é diferente e volta para a morte física normal. Sabemos por Apocalipse 20: 6 que o segundo crentes experiência da morte: "Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; a segunda morte não tem poder sobre eles, mas eles serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos. "A segunda morte é um período interminável de punição e ser separado da presença, status de conclusão de Deus destruição do indivíduo que está espiritualmente morto no momento da morte física.

A morte física: natural e artificial?

Tem havido muito debate sobre se os humanos foram criados mortal ou imortal, se se teria morrido se eu tivesse pecado. Nossa posição é que a morte física não é originalmente fazia parte da condição humana. Mas a morte estava sempre lá como uma ameaça, se o homem pecou, isto é, se ele comeu ou tocou a árvore proibida (Gênesis 3: 3.). Embora a morte, que é ameaçada deve ser, pelo menos em parte, a morte espiritual, parece que também tinha a ver com a morte física como o homem ea mulher devem ser expulsos do Jardim do Éden, para mantê-los de comer árvore vida e viver para sempre (Gn. 3: 22-23).

Algumas das escrituras que foram apresentadas como evidência de que a morte física é o resultado do pecado humano não realmente provar isso. Um caso é Ezequiel 18: 4, 20: ". A alma que pecar, essa morrerá" A referência aqui é a morte espiritual ou morte eterna, porque o texto continua a dizer que se o pecador viver longe de seus pecados e nunca vai morrer (vv. 21-22). Como tanto o crente eo não crente experiência da morte física, isso não pode se referir a morte física. O mesmo se aplica aos Romanos 6:23. "Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor" que a vida eterna é oposta à morte sugere que o resultado do pecado ter em mente aqui é a morte eterna, não a morte física. Em 1 Coríntios 15, no entanto, Paulo está claramente referindo-se, pelo menos em parte, à morte física, quando ele diz: "Porque, assim como por um homem veio a morte, por um homem a ressurreição dos mortos" (v. 21). Porque a morte física é um dos males que ele enfrentou e venceu a ressurreição de Cristo. Ele mesmo escapou da morte física. Este versículo, então, é a prova de que a morte física vem do pecado humano; não faz parte da intenção original de Deus para a raça humana.

Como a morte física é o resultado do pecado, parece provável que os seres humanos foram criados com a capacidade de viver para sempre. No entanto, eles não eram inerentemente imortal; isto é, em sua natureza que não era a virtude de viver para sempre. Pelo contrário, se não tivesse pecado, eles teriam sido capazes de participar da árvore da vida e, portanto, recebeu a vida eterna. Eles eram letais, no sentido de que eles podem morrer; e quando pecaram ou a possibilidade de que o potencial tornou-se realidade. Poderíamos dizer que eles foram criados com uma imortalidade

contingente. Eles poderiam ter vivido para sempre, mas não era seguro fazê-lo. Depois do pecado eles perderam esse status.

A morte, portanto, não é natural para o ser humano. É algo estranho e hostil. Paul retratado como um inimigo (1 Cor 15:26). E há pouca dúvida de que o mesmo Deus considera a morte como um mal e uma frustração de seu plano original. O mesmo Deus é o doador da vida; que frustrou seu plano de vida derramando sangue humano deve sacrificar sua própria vida (Gn 9: 6). Ao enviar morte está expressando sua desaprovação do pecado humano, que frustraram as suas intenções em relação a nós. Foi o que aconteceu quando Deus enviou o dilúvio para acabar com todo ser (Gn. 6:13), a destruição de Sodoma e Gomorra (Gênesis 19), a punição de Coré e todos aqueles que se rebelaram com ele (No. . 16), e muitos outros exemplos de pena de morte. Em cada caso, isso não foi uma consequência natural que tiveram de pagar por seu pecado. O Salmista representa vividamente a morte como uma expressão da ira de Deus: "O fragmento de conversa fluxo como a água; Eles são como um sonho. Como a grama cresce na parte da manhã: na parte da manhã ela floresce e cresce; à noite ela é cortada e seca. Na verdade a cólera somos consumidos pela tua ira e eu estou preocupado "(Sl. 90: 5-7). No entanto, Deus também é compassivo. Jesus chora pela morte de Lázaro (Jo. 11:35), e às vezes também retorna dos mortos para a vida.

Os efeitos de morte

Para a morte incrédulo é uma maldição, uma frase, um inimigo. Pois, embora a morte não resultar na rescisão ou o fim da vida, nos separa de Deus e qualquer oportunidade de ganhar a vida eterna. Mas para aqueles que crêem em Cristo, a morte tem um caráter diferente. O crente continua a suportar a morte física, mas a maldição se foi. Porque o próprio Cristo tornou-se maldição por nós ao morrer na cruz (Gl. 3:13), os crentes, embora a morte física permanecem, não mais assustadora experiência de seu poder, sua maldição. Como Paulo disse: "Quando o corruptível se revestir de incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então a palavra que está escrito:" A morte foi tragada na vitória ". Onde está, ó morte, o teu aguilhão é? Onde, a morte, a tua vitória?., Porque o aguilhão da morte é o pecado, ea força do pecado é a lei. Mas graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo "(1 Cor . 15: 54-57).

Olhando para a morte como se fosse um inimigo, os não-cristãos vêem nada de positivo nela e encolher a partir dele com medo. Paul, no entanto, foi capaz de ter uma atitude completamente diferente em relação a ele. Ele viu a morte como um inimigo conquistado um adversário pre agora é forçado a fazer a vontade do Senhor. Assim, Paulo considerava a morte como desejável porque levaria à presença do seu Senhor. Ele escreveu aos filipenses ", segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei confundido; mas com toda a confiança, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer eu viva ou se eu morrer, porque para mim o viver é Cristo eo morrer é lucro ... De tanto eu estou em um estreito, desejo de partir e estar com Cristo, que é muito melhor "(Filipenses 1: 20-23.). Este foi Paul que, como Saulo de Tarso, tinha ouvido o grito agonizante Esteban podia ver o céu eo Filho do Homem sentado à direita de Deus (At. 7:56). Stephen então tinha apenas orou: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (v. 59). E Paulo certamente tinha-lhe dito a tradição do próprio Senhor, que havia dito no final de sua vida: (. Lucas 23:46) "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito". Para Paulo, como por Stephen e Jesus, a morte já não era um inimigo ativo, um inimigo conquistado foi agora servido não para condenar e destruir, mas para nos libertar das condições horríveis em que o pecado nos havia introduzido.

O crente pode, portanto, enfrentar a perspectiva da morte, sabendo que os seus efeitos não são finais, como a própria morte foi destruída. Embora a execução final do julgamento da morte ainda está para ocorrer no futuro, o próprio julgamento já foi realizado e confirmado. Até mesmo o Antigo Testamento contém profecias de vitória

sobre a morte: "Ele vai engolir a morte para sempre, eo Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces e remover o opróbrio do seu povo de toda a terra; porque o Senhor o disse "(Is. 25: 8); "Da mão do Seol me redimi-los de morte. A morte, eu serei tua morte; Eu serei sua destruição, Sheol. Compaixão será escondido da vista "(Hos. 13:14). Em 1 Coríntios 15:55 Paulo cita a segunda passagem, e Apocalipse 21: 3-4 João pega o primeiro: "E ouvi uma grande voz do céu, que dizia:" O tabernáculo de Deus com os homens. Ele habitará com eles, eles serão o seu povo eo próprio Deus estará com eles como seu Deus. Ele enxugará toda lágrima de seus olhos; e não haverá mais morte, nem haverá luto, nem clamor, nem dor, porque as primeiras coisas são passadas morte eo inferno foram lançados no lago de fogo "(Apocalipse 20" No capítulo anterior John tinha escrito. ".: 14-A). Passagens como essas tornam claro que a morte foi conquistada e, finalmente, será destruído.

Mas por que o crente a experimentar a morte de qualquer maneira? Se a morte física, bem como o espiritual e eterna, é o castigo pelo pecado, quando estamos livres do pecado e suas últimas conseqüências (morte eterna), por que não podemos muito bem lutar Símbolo essa convicção, isto é, a morte física? Se Enoque e Elias foram levados para o Senhor, sem ter que passar pela morte, por isso não deve ser uma experiência que passo a todos aqueles que colocaram a sua fé em Cristo? Não é isso como algo de a maldição do pecado ainda permanecia em quem já perdoou o pecado?

Alguns teólogos têm tentado mostrar que a morte é certa resultados benéficos. Louis Berkhof argumenta que a morte é a culminação de métodos disciplinares que Deus usa para santificar seu povo. Embora reconhecendo que a morte não é claramente essencial para alcançar a santificação, como Enoque e Elias não morreu, porém Berkhof considerado um meio através do qual os crentes podem se identificar com o Senhor, que também sofreu e morreu a caminho Glória. A morte muitas vezes resulta em graus incomuns de crentes na fé. No entanto, enquanto isso é verdade em muitos casos, há outros casos em que a morte (ou sofrendo também) parece não santificam ou evocam uma fé incomum. Que maiores graus de santificação e de fé podem atingir os cristãos no momento da morte não é suficiente para justificar a morte física de todos os crentes razão. Berkhof tentativa de uma explicação, por conseguinte, parece um pouco à força. A melhor abordagem é simplesmente a considerar a morte como uma condição da humanidade como somos agora; a este respeito, como a morte é nascimento.

É necessário neste momento para distinguir entre conseqüências temporais e eternas do pecado. Embora as conseqüências eternas de nossos pecados individuais são anuladas quando somos perdoados, conseqüências temporárias, ou pelo menos alguns deles podem persistir. Esta não é uma negação do fato de justificação, mas apenas evidências de que Deus não muda o curso da história. O que é verdade dos pecados individuais assim é o tratamento que Deus fez pecado de Adão eo pecado da corrida. Qualquer julgamento e culpar o nosso pecado original e individual foi removido, a morte eterna assim foi cancelada. Não experimentarão a segunda morte. No entanto, nós experimentamos a morte física só porque ele tornou-se uma das condições da existência humana. Agora é parte da vida, como o nascimento, crescimento, maturidade e sofrimento, que em última análise deriva do pecado. Um dia todas as conseqüências do pecado serão removidos, mas esse dia ainda não chegou. A Bíblia em seu realismo, não nega o fato da morte física universal, mas insiste que tem um significado diferente para o crente eo incrédulo.

O estado intermediário

A dificuldade da doutrina

A doutrina do estado intermediário está sujeita a um tempo significativo e preocupante. Por isso, é duplamente importante para examinar cuidadosamente esta doutrina é de alguma forma estranha. O "estado intermediário" refere-se à condição

humana entre a morte e a ressurreição. A questão é, qual é a condição humana durante este período?

É vital que tenhamos respostas práticas para esta questão, no momento da perda. Muitos pastores e pais ouviram perguntas como você está ao pé da sepultura: "Onde está agora a avó? O que está fazendo? É acompanhado por Jesus? Ela e o avô estão juntos? Você sabe o que estamos fazendo, "Estas questões não são o resultado de especulação descuidada ou curiosidade; Eles são de enorme importância para a pessoa que faz deles. Esta é uma oportunidade para um experiente Christian nesta oferta conforto e encorajamento área. Infelizmente, muitos cristãos não aproveitar esta oportunidade, porque eles sabem uma resposta útil. Confusos e inseguros, muitos pastores nos últimos anos encontram-se incapaz de responder e ensinar sobre isso a quem as pedir.

Há duas razões principais pelas quais muitos cristãos se sentem incapazes de responder a esta situação. A primeira é a relativa escassez de referências bíblicas para o estado intermediário. Esta doutrina não está sujeita a qualquer longo discurso como foram outras questões, como a ressurreição ou a segunda vinda. Pelo contrário, é incidental. Eles ofereceram pelo menos duas explicações para este relativo silêncio. Uma delas é que a igreja primitiva preveja que o período entre a sua partida e seu retorno foi relativamente curto; Por conseguinte, o período entre a morte de qualquer ser humano e sua ressurreição também seria relativamente curto. O outro é que qualquer que seja a sua duração, o estado intermediário é apenas temporária e, portanto, não diz respeito os primeiros crentes, bem como os estados finais do céu e do inferno.⁸ Tendo em vista a relativamente pouca evidência de você pode construir a doutrina do estado intermediário, há uma tendência a pensar que os escritores bíblicos não considero muito importante. Em certo sentido, é claro, não é necessário ou essencial, porque a nossa salvação não depende de nossa crença no estado intermediário. No entanto, como em outros itens não essenciais, por exemplo, a forma de governo da Igreja, a doutrina do estado intermediário é, como já se referiu, de considerável importância prática.

A segunda razão pela qual os cristãos não são capazes de ministrar efectivamente para aqueles que sofreram uma perda é a controvérsia teológica que se desenvolveu em torno da doutrina do estado intermediário. Antes do século XX, A ORTODOXIA TINHA DESENVOLVIDO UMA DOUTRINA BASTANTE COERENTE. Acreditando em uma espécie de dualismo de corpo e alma (ou espírito) na pessoa, o ortodoxo sustentou que parte do ser humano sobrevive à morte. A morte foi na separação da alma e do corpo. A alma imaterial vivido uma existência pessoal consciente como o corpo decomposto. A segunda vinda de Cristo, haveria uma ressurreição de um corpo renovado ou transformado, para se reunir com a alma. Portanto, a ortodoxia, mantendo a imortalidade da alma e a ressurreição do corpo.

No entanto, o liberalismo rejeitou a idéia da ressurreição do corpo. Harry Emerson Fosdick, por exemplo, acreditava que a doutrina era muito materialista. Além disso, muitos liberais considerado mitológico e cientificamente impossível. É absurdo pensar que um corpo se decompõe, e até mesmo pode ter sido cremado, e suas cinzas espalhadas, pode ser trazido de volta à vida. Os liberais, que queriam dar alguma continuidade à vida após a morte, substituiu a idéia da ressurreição do corpo com a imortalidade da alma. Embora o corpo pode morrer e se decompor, a alma, sendo imortal, ainda vive. Como aqueles que sustentavam essa teoria não previu qualquer ressurreição futura, nem eles acreditavam em um corporais segunda vinda de Cristo.

A neo-ortodoxia tinha uma visão bem diferente sobre o assunto. De acordo com esses teólogos, a idéia da imortalidade da alma era um conceito grego e não bíblico. Ele veio da idéia de que toda a matéria, incluindo o corpo, é inerentemente mau, e que a salvação é libertar a alma (ou espírito) bom corpo ruim. Enquanto isso, a esperança neo-ortodoxo para o futuro reside na ressurreição do corpo. Embora alguns tiveram o cuidado de distinguir este conceito da ressurreição do corpo, mantendo em mente era alguma forma de ressurreição corporal. Após esta idéia foi a idéia monista da pessoa como unidade

radical: a existência significa a existência corporal; não separado sobreviver à morte e existem para além da entidade espiritual corpo. Assim, enquanto o liberalismo manteve a imortalidade da alma, neo-ortodoxia defendeu a ressurreição do corpo. Ambas as escolas de pensamento concordou que foram mutuamente exclusivos. Quero dizer, era uma questão de um ou de outro; Eles não pensaram sobre a possibilidade de ambos ao mesmo tempo.

As teorias atuais sobre o estado intermediário

Alma do sono

Agora vamos examinar várias teorias atuais sobre o estado intermediário. Uma teoria de que tem sido popular há anos é o "sono da alma." Esta é a idéia de que a alma durante o período entre a morte ea ressurreição, descansa em um estado de inconsciência. No século XVI, MUITOS ANABATISTAS E SOCINIANOS APARENTEMENTE APOIOU ESTA IDÉIA DE QUE A ALMA DE UMA PESSOA MORTA É TÃO ENTORPECIDO. E hoje a adventistas do sétimo dia listado entre suas "crenças fundamentais" conceitos "que a condição do homem na morte é inconsciência [e] a todos os homens, bons e maus, permanecem na sepultura de sua morte para a ressurreição. "(Testemunhas de Jeová, um grupo que se originou a partir do adventismo do sétimo dia, tem uma visão semelhante.) No entanto, no caso dos adventistas, o termo "alma sono" "É um pouco enganador. Anthony Hoekema sugere que é melhor dizer "extinção da alma", como Adventista do ponto de vista você não dorme, quando você morrer, mas, na verdade, deixa de existir, nada sobrevive.¹³ caracterização de Hoekema faz a posição adventista como extinção a alma é sempre correto entender que aqui "alma" está sendo usado, como muitas vezes acontece, como sinônimo de "pessoa".

A teoria sono da alma repousa em grande parte ao fato de que as Escrituras muitas vezes usar a imagem do sonho para significar a morte. A morte de Stephen é descrito como um sonho: "Tendo dito isto, adormeceu" (Atos 7:60.). Paulo afirma: "David, depois de ter servido a sua própria geração pela vontade de Deus, dormiu" (Atos 13:36.). Paulo usa a mesma imagem quatro vezes em 1 Coríntios 15 (versos 6, 18, 20, 51.) E três vezes em 1 Tessalonicenses 4: 13-15. O próprio Lázaro, Jesus disse: "Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo" (Jo 11:11.), E disse mais tarde que ele estava se referindo à morte (v. 14). A compreensão literal disso é o que levou ao conceito de sono da alma.

Cada teoria do estado intermediário é, é claro, relacionada com uma antropologia ou uma compreensão da natureza específica humana. Aqueles que defendem a teoria do sono da alma sustentam que a pessoa seja uma entidade unitária sem componentes. Um ser humano não é formado por um corpo e uma alma. Em vez disso, a pessoa, corpo e alma são uma ea mesma entidade. Por conseguinte, quando o corpo deixa de funcionar, a alma (ou seja, a pessoa para completar) deixa de existir. Nada sobrevive à morte física. Não há nenhuma tensão, então, entre a imortalidade da alma ea ressurreição do corpo. A simplicidade desta idéia torna bastante atraente. No entanto, existem vários problemas.

Um problema é que existem vários funcionários bíblica a existência consciente entre as referências morte e ressurreição. O maior é a parábola do homem rico e Lázaro (Lc. 16: 19-31). Embora a intenção aqui não foi Jesus nos ensina sobre a natureza do estado intermediário é improvável para nos confundir sobre o assunto. Outra referência é as palavras de Jesus ao ladrão na cruz: "Em verdade vos digo, ainda hoje estarás comigo no paraíso" (Lucas 23:43.). Além disso, as pessoas que morrem de falar com o seu espírito a Deus. O próprio Jesus disse: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lucas 23:46.); Esteban e diz: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (Atos 7:59.). Embora se possa argumentar que Esteban não estava falando apenas sob a inspiração do Espírito Santo e, portanto, não pode expressar uma palavra infalível de Deus sobre este assunto, é claro o que Jesus disse que sim ser considerada autoritária.

O segundo problema é saber se é legítimo concluir que as escrituras que se referem a morte como um sono são descrições literais da condição dos mortos antes da ressurreição. Parece sim que o "sonho" poderia ser entendida simplesmente como um eufemismo para a cessação da vida. Isso não implica nada mais específico sobre a natureza do estado da pessoa morta. Jesus faz uso de imagens de sonho com referência a Lázaro (Jo. 11:11) e a discussão que se segue (v. 14) apóia esta interpretação. É claro que se "sonho" é mais do que uma figura de linguagem, é necessário tentar.

Outro problema para a teoria do sono da alma é a dificuldade conceitual é adicionada à idéia de que a natureza humana é unitária. Na verdade, se alguma coisa uma pessoa sobrevive à morte, qual é a base de nossa identidade será? Se a alma, toda a pessoa, extingue-se, o que virá a vida com a ressurreição? O que vamos construí-lo para manter o retorno à vida é a pessoa que morreu? Parece que estamos identificando a pessoa do pós-ressurreição com a pessoa antes da morte com base no corpo é ressuscitado. No entanto, este por sua vez tem duas outras dificuldades. Como podem as mesmas moléculas para formar a pessoa postresurrección? As moléculas que formaram a pessoa antes da morte pode ter sido destruído, formaram novos compostos ou mesmo ido para se juntar ao corpo de outra pessoa. A este respeito, a incineração apresenta um problema especial. Mas, além disso, para identificar as pessoas antes da morte e após a ressurreição baseado no corpo ressuscitado é manter que a natureza humana é essencialmente materiais e física. Por todos estes motivos acima expostos, a teoria sono alma deve ser julgado inadequado.

Purgatório

Como a doutrina do purgatório é principalmente católica romana, que é necessário para vê-la no contexto do dogma católico em geral. Neste teologia, imediatamente após a morte, o estado eterno do indivíduo é determinado. A alma é consciente do julgamento que Deus entregou nele. Esta não é tanto uma decisão formal como uma percepção clara de se alguém é culpado ou inocente diante de Deus. A alma, então, é "movido por sua própria iniciativa para o Céu ou Inferno, Purgatório ou dependendo do que ele merece." O contexto em que essa visão se baseia é Hebreus 9:27: "E a maneira É aos homens está ordenado morrerem uma só vez, e depois disso o juízo. "A justaposição desses dois eventos é visto como uma indicação de que imediatamente após a morte há um julgamento que determina o destino de cada indivíduo. Aqueles que morreram em estado de maldade indo direto para o inferno, onde eles imediatamente percebem que eles estão irremediavelmente perdida. Sua punição, natureza eterna, é tanto sobre ter perdido o maior de todos os bens e dor real. O sofrimento é proporcional ao mal do indivíduo e irá intensificar com a ressurreição.¹⁶ Além disso, aqueles que estão em perfeito estado de graça e de penitência, que estão completamente purificados, no momento da morte, ir diretamente e imediatamente para o céu, que é descrito como um estado e, embora ele deve pensar principalmente como um estado. Aqueles que estão em um estado de graça, mas não espiritualmente perfeito, eles vão para o purgatório.

Duas outras características da teoria católica do estado intermediário afetam grupos bastante limitados. O *limbo patrum* era o lugar para os santos mortos antes da época de Cristo. Quando Cristo cumpriu Sua obra expiatória na cruz, desceu ao inferno, onde tinham sido crentes do Antigo Testamento, e os libertou do cativeiro. Desde então, o *patrum limbo* está vazio. O *limbo infantium* é para crianças não batizadas. Por causa do pecado original, que só pode ser removido pelo sacramento do batismo, eles não podem ir à presença do Senhor. Sofrer o castigo pelo pecado original, que é a perda da visão beatífica, isto é, a presença de Deus. No entanto, a experiência nenhuma punição real para o pecado, o sofrimento é referido acima.

Purgatório é a característica mais interessante e incomum do ensino tradicional católico romano sobre o estado intermediário. Joseph Pohle definido como "um estado de

punição temporal para aqueles que, deixando esta vida na graça de Deus, não são inteiramente livres de pecados veniais, ou não ter pago integralmente a satisfação devido às suas transgressões." Como se observa, os que abandonam sua vida em um estado de perfeição espiritual ir diretamente para o céu. Aqueles com os pecados mortais em suas almas ou estão completamente fora da graça da igreja são expedidos para o inferno. Mas muitos não se encaixam em qualquer um desses dois grupos. Uma vez que nada corrupto pode entrar no céu, Deus não pode recebê-lo em sua presença imediata. Além disso, não pode relegar para o inferno porque eles não fizeram nada para merecer um castigo tão severo. O Purgatório é um estado intermediário, por assim dizer, onde eles limpam seus pecados veniais.

Aquino argumentou que a limpeza que ocorre após a morte é pelo sofrimento penal. Nesta vida, podemos ser limpos através da realização de obras de satisfação, mas após a morte não é mais possível. Na medida em que não somos capazes de alcançar a pureza completa através dos trabalhos na terra, temos na próxima vida. "Portanto", disse Thomas, "nós colocamos um purgatório ou limpeza." Thomas também sugeriu que o purgatório, um lugar de sofrimento, está ligado ao inferno.²⁰ Pohle, por outro lado, alega que ele está conectado para o céu desde aqueles que estão no purgatório são crianças de Deus e, cedo ou tarde eles serão admitidos no lugar dos bem-aventurados. Apesar de sua saída do purgatório para o céu é finalmente seguro e definitivo, o tempo a ser lançado é a limpeza taxa incerto e variável.

O perdão dos pecados veniais pode ser alcançado de três formas diferentes: com o perdão incondicional; o sofrimento ea realização de obras de penitência; e por contrição. Embora Deus possa perdoar incondicionalmente, ele escolheu para ter contrição e funciona como uma condição para o perdão nesta vida; e parece improvável que perdoar incondicionalmente os pecados veniais no purgatório também. Como a alma no purgatório não é capaz de trabalhar satisfação, você só pode expiar pecados pelo sofrimento passivo. Mas há três meios pelos quais as almas do purgatório pode ser ajudado em seu progresso em direção ao céu pelos fiéis que ainda estão na terra: a Missa, as orações e boas obras. Estes três meios reduzir o tempo necessário para o sofrimento no purgatório o seu pleno efeito. Quando a alma atinge a perfeição espiritual, não deixando nenhum pecado venial é liberado e vai para o céu.

A Igreja Católica Romana baseia a sua crença no purgatório tradição e Escritura. Encontramos uma declaração clara da doutrina no decreto de união adotada no Conselho de Florença em 1439: "As almas são limpos com as penas do purgatório após a morte, e assim eles podem ser resgatados a partir dessas sanções, poderá beneficiar da funciona vivo, que é a fé, o sacrifício da missa, orações, doações e outras caridade "O Concílio de Trento reafirmou a crença, apontando para vários pais da igreja e sínodos como as autoridades para isso. Como já observamos, Tomás de Aquino escreveu de purgatório, e tinha uma longa tradição de oração, oferecendo massas e doações para beneficiar os mortos. Tertuliano menciona massas aniversários dos falecidos, uma prática que sugere que acreditava no purgatório.²⁴

O principal texto bíblico que é aludido 2 Maccabees 12: 43-45:

E mandou fazer uma contribuição nas fileiras, escolhendo até duas mil dracmas, que enviou a Jerusalém para oferecer sacrifícios pelo pecado; trabalho digno e nobre, inspirado pela esperança da ressurreição; como se ele não esperava que os mortos ressuscitados, que era supérflua e vã orar por eles. Mas os mortos acreditava piamente lhes está reservada uma grande recompensa. Trabalho santo e piedoso é rezar pelos mortos. Por que eles foram expiou os mortos: que eles possam ser absolvido de seus pecados.

O texto do Novo Testamento que é mais frequentemente citado é Mateus 12:32, onde Jesus diz: "Aquele que diz uma palavra contra o Filho do Homem será perdoado; mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem neste mundo nem no próximo. "católicos romanos afirmam que este versículo implica que alguns pecados (isto é,

diferentes pecados para falar contra o Espírito Santo), é ser perdoado no outro mundo, sustentada interpretação por Agostinho e outros pais. Alguns católicos também citam 1 Coríntios 3:15: "Se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele prejuízo; mas ele mesmo será salvo, todavia como pelo fogo."

Nossos maiores razões para rejeitar o conceito de purgatório são o que distingue o catolicismo do protestantismo em geral. O texto principal está no Apocrypha, que os protestantes não aceitam canônico como Escritura. E a conclusão a ser tirada Mateus 12:32 é bastante aplicada; verso em nada indica que alguns pecados serão perdoados na próxima vida. Além disso, o conceito de purgatório envolve uma salvação pelas obras. Pois acredita-se que os seres humanos devem, pelo menos em parte expiar seus pecados. Contudo, esta ideia é contrário a muitos ensinamentos claros da Escritura, incluindo Gálatas 3: 1-14 e Efésios 2: 8-9. Desde então, a doutrina do purgatório é algo que é muito atraente. Apenas não parece certo para ser autorizado a ir diretamente para o céu sem sofrer um pouco por nossos pecados. É difícil para a maioria de nós para aceitar a idéia da salvação pela graça. Mas o ensino das Escrituras deve prevalecer, não o que parece-nos lógico e justo; e sobre esta base, o conceito de purgatório - e para essa matéria qualquer pensamento para representar uma tentativa e expiação após a morte - deve ser rejeitada.

Ressurreição Instantânea

Uma compreensão nova e criativa que tem surgido nos últimos anos é a idéia de uma ressurreição instantâneas ou mais especificamente um revestimento instantâneo. Esta é a crença de que imediatamente após a morte, o crente recebe o corpo ressuscitado que foi prometido. Um dos a elaboração mais completa dessa idéia é encontrada no trabalho de WD Davies *Paulo e judaísmo rabínico* (Paul e judaísmo rabínico). Davies argumenta que Paul tinha dois conceitos diferentes sobre a ressurreição do corpo. Em 1 Coríntios 15 Paulo está pensando em uma futura ressurreição do corpo. Em 2 Coríntios 5, no entanto, temos uma compreensão mais avançada sobre o assunto. Os estágios iniciais da idade para vir já apareceram na ressurreição de Jesus. Paul percebe que, tendo morrido e ressuscitado com Cristo, está agora no processo de transformação e obter o seu novo corpo celestial ou no momento da morte física. O medo de estar nu, mencionado no versículo 3, foi substituído pela percepção de que este lado e do outro da morte, estará vestida.

O judaísmo rabínico declarou que em morte que remover o corpo e ter que esperar até a ressurreição geral. Davies argumenta que Paul tem uma posição diferente em seus escritos posteriores:

(Os mortos), pelo contrário, tem corpo, e não há lugar na teologia de Paulo a um estado intermediário dos mortos. Ele concorda com Paulo nos últimos trechos de suas cartas não fala da ressurreição dos cristãos, mas da sua revelação. Em Romanos 8:19 lemos: "Porque a saudade ansiosa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus", e Colossenses 3: 4 diz: "Quando Cristo, que é a nossa vida aparecer, então você também vai aparecer com ele em glória. "Não há necessidade de ressuscitar os que já morreram e ressuscitado com Cristo e recebeu seu corpo celeste, mas pode ser revelado. A consumação final seria apenas a manifestação daquilo que já existe, mas é "escondido" na ordem eterna.

De acordo com Davis, então, quando Paulo escreveu 2 Coríntios, não acreditava em um estado intermediário. Em vez disso, depois da morte, haverá uma transição imediata para o estado final, uma recepção instantânea de corpo celeste. Esta posição substituiu sua crença em uma futura ressurreição do corpo a ser realizada em conexão com a segunda vinda. Então, se nós construímos nossa escatologia seguindo o pensamento mais maduro de Paul, certamente não teremos uma doutrina do estado intermediário.

Mas Davies resolveu o problema? Você tentou resolver o que ele percebe é uma contradição inerente entre o conceito grego da imortalidade e da ressurreição do corpo

rabínica. Mas, como ele trabalhando sob a suposição de que a natureza humana é uma unidade essencial e absoluta, uma idéia que provavelmente vem do behaviorismo, Davies foi enganado em sua interpretação de Paul. O fato é que a antropologia Paul estava defendendo tanto o corpo como ressurreição futura sobrevivência. Existem idéias conflitantes, mas complementares partes de um todo. Davies solução não é tão bíblico como ele parece pensar, porque há um número de passagens em que Paulo liga a transformação de nossos corpos ressuscitados futuros acompanham a Segunda Vinda (por exemplo, Phil. 3: 20-21. ; 1 Tessalonicenses 4: 16-17) .. Paulo também dá muita importância a segunda vinda ser um momento de libertação e glorificação (por exemplo, Ro 2: 3-16; 1 Cor 4 :. 5; 2 Tessalonicenses 1: 5-2: 12; 2 Tim .. 4: 8). E o próprio Jesus enfatizou um tempo futuro em que os mortos seriam ressuscitados (Jo. 5: 25-29). Devemos concluir que a solução para o problema Davies, que é o resultado de uma falsa suposição de que ele introduziu nos escritos de Paulo, faz pouco mais do que criar problemas adicionais.

A solução sugerida

Existe alguma maneira de resolver os muitos problemas que estão ligados ao objecto do estado intermediário, alguma maneira de relacionar o testemunho bíblico da ressurreição do corpo e para a sobrevivência consciente entre a morte ea ressurreição? Eles tem que manter em mente várias considerações:

1. Joachim Jeremias observou que o Novo Testamento distingue entre Hades e Geena. Hades recebe injusto para o período de tempo entre a morte ea ressurreição, enquanto Gehenna é o lugar de castigo atribuído de forma permanente após o julgamento final. O tormento do inferno é eterno (Marcos 9:43, 48). Além disso, as almas dos maus são fora do corpo para a sepultura, enquanto Geena o corpo ea alma, reunidos na ressurreição, são destruídos pelo fogo eterno (Marcos 9: 43-48; Mt 10 : 28). Este é um ponto de vista contrário de alguns pais da igreja primitiva que todo mundo que morre, apenas como aquele injusto, até Sheol ou Hades, uma espécie de estado escuro ou sonolento, onde aguardam a vinda do Messias.
2. Há indicações de que os justos mortos não descem ao Hades (Mt 16: 18-19; Atos 2:31 [citando o Salmo 16:10.]).
3. Em vez disso, o justo, ou pelo menos as suas almas são recebidas no paraíso (Lucas 16: 19-31; 23:43).
4. Paulo equivale estar ausente do corpo para estar presente com o Senhor (2 Coríntios 5: 1-10; Filipenses 1: 19-26).

Nós com base nestas considerações bíblicas, podemos concluir que depois da morte crentes ir imediatamente para um lugar e condição bênção e não crentes a uma experiência de sofrimento, tormento e punição. Embora a evidência não é clara, é provável que estes são os mesmos lugares que são crentes e não crentes após o julgamento final, uma vez que a presença do Senhor (Lucas 23:43; 2 Cor. 5: 8; Phil. 1:23) parece ser nada, mas o céu. No entanto, embora o lugar do estado intermediário eo estado final é o mesmo, a experiência do paraíso e do inferno definitivamente não ser tão intensa como no final, porque a pessoa é de algum modo uma condição incompleta.

Como no capítulo 25 desenvolveram um modelo de natureza humana que permite a existência pessoal sem corpo, não vou entrar em detalhes aqui. No entanto, nota-se que o conceito de existência sem corpo é em si insustentável. O ser humano é capaz de existir na forma material (corpo) e condição imaterial. Podemos pensar destas duas condições, como se fosse um dualismo em que a alma ou espírito pode existir independentemente do corpo. E um composto químico, o cuerpoalma, por assim dizer, pode ser dividida com determinadas condições (especificamente morte), mas no caso contrário é definido de

ligação. Ou poderíamos pensar em termos de diferentes estados existentes. Como ocorre com matéria e energia, condições materiais e humanas imateriais são conversíveis entre si. Estas duas analogias são possíveis. Paul Helm, Richard Purtill,³⁰ e outros desenvolveram concepções de sobrevivência sem corpo não são nem contraditório nem absurdo. Conclui-se que o estado intermediário, sem um órgão criado pelo ensino bíblico é filosoficamente sustentável.

Implicações da doutrina da morte e do estado intermediário

1. Toda a pessoa tem de esperar para a morte, crentes e não crentes, exceto aqueles que estiverem vivos quando o Senhor voltar. Devemos levar a sério este fato e viver por ela.
2. Embora a morte é um inimigo (Deus pretendia originalmente que os homens não morrem), agora Deus venceu e fez cativo. Portanto, não devemos temê-la, porque a maldição foi removido pela morte e ressurreição de Cristo. Ela pode estar em acordo de paz, porque sabemos que agora serve o propósito do Senhor para ele levar aqueles que têm fé nele.
3. Entre a morte ea ressurreição há um estado intermediário em que os crentes e não crentes experiência, respectivamente, a presença ou ausência de Deus. Embora estas experiências são menos intensos do que no estado final, que são da mesma natureza qualitativa.
4. Em ambas nesta vida e vida após a morte, com base na relação do crente com a graça de Deus, não pelas obras. Portanto não precisamos temer que nossas imperfeições pode exigir qualquer pós-morte para permanecer na presença de Deus cheia de limpeza.

58. A Segunda Vinda e suas conseqüências

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e descrever as características da Segunda Vinda que podem ser extraídas as passagens relevantes da Escritura.
- Identificar e definir a ressurreição do corpo de acordo com o material bíblico disponível.
- Identificar e explicar o evento do fim do mundo através do contexto das Escrituras.
- Responder para o pleno significado da Segunda Vinda e suas conseqüências.

Resumo do capítulo

As Escrituras definiram três eventos específicos que ocorrem no momento da segunda vinda. Além da própria Segunda Vinda evento, também será o evento da ressurreição que precede o julgamento final. A propósito e direção destes acontecimentos estão sob o controle de Deus. No entanto, a esperança de que os crentes permanecem no conhecimento de Deus será alcançado na época desses acontecimentos.

Questões de estudo

1. O que faz com que o tempo da Segunda Vinda é indefinido e como as pessoas têm tentado identificá-lo?
2. Que personagem tem a segunda vinda e que o torna significativo?
3. O que se parecem com os ensinamentos do Antigo Testamento para o Novo Testamento, quando se refere à ressurreição do corpo?
4. O que exatamente vai acontecer no juízo final, segundo as Escrituras?
5. Como você responderia à afirmação secular que não há esperança?

- A Segunda Vinda
 - Evento definido
 - O indefinido de tempo
 - O caráter da vinda
 - Pessoal
 - Físico
 - Visível
 - Inesperado
 - Triunfante e gloriosa
 - Segunda vinda da unidade
 - A iminência da Segunda Vinda
- Ressurreição
 - O ensinamento bíblico
 - Uma obra de Deus Uno e Trino
 - Corpo natureza
 - Ambos justos e injustos
- O julgamento final
 - Um evento futuro
 - Juiz Jesus Cristo
 - Os temas do julgamento
 - A base do julgamento
 - A sentença irrevogável
- Implicações da Segunda Vinda e suas conseqüências

Entre os eventos mais importantes da escatologia cósmica, como já definido neste trabalho são a Segunda Vinda e suas conseqüências: a ressurreição eo julgamento final.

A Segunda Vinda

Com exceção da certeza da morte, a doutrina escatológica em que os teólogos ortodoxos são mais de acordo é a segunda vinda de Cristo. É indispensável para a escatologia. É a base da esperança cristã; o único evento que marca o início do fim do plano de Deus.

Evento definido

Muitas escrituras mostram claramente que Cristo voltará. Em seu grande discurso sobre o fim dos tempos (Mt 24-25), o próprio Jesus promete que novamente: "Então o sinal do Filho do Homem aparecerá no céu, e todas as tribos da terra se lamentarão quando virem o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória" (Mateus 24:30). Várias outras vezes neste mesmo discurso menciona "quando o Filho do homem" (vv. 27, 37, 39, 42, 44). Para o fim do discurso, lemos: "Ele enviará os seus anjos com grande trombeta, e reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma extremidade do céu para o outro" (25:31). Todos os ensinamentos deste discurso, incluindo parábolas, eles presumem a segunda vinda. De fato, Jesus deu o seu discurso em resposta à pergunta de seus discípulos: "Dize-nos quando sucederão estas coisas e qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?" (Mateus 24: 3). Mais tarde, naquela semana, enquanto testemunhando diante de Caifás, Jesus disse: "Você disse isso. E eu te

digo agora você vê o Filho do Homem sentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu "(Mateus 26:64). Embora Mateus recolhe mais do que os outros evangelistas: Marcos, Lucas e João, também incluem alguns comentários sobre segunda vinda de Jesus. Em Marcos 13:26 e Lucas 21:27, por exemplo, são declarações quase idênticas que as pessoas que vivem nos últimos dias vai ver o Filho do homem vindo nas nuvens de glória e poder. E João nos diz que no cenáculo Jesus prometeu a seus discípulos: "E se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também" (Jo 14. 3).

Além das palavras de Jesus, existem muitas declarações diretas no Novo Testamento sobre o seu retorno. Em ascensão de Jesus, dois homens vestidos de branco, provavelmente, anjos, disse aos discípulos: "Homens da Galiléia, por que estais olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que é levado de vocês para o céu, há de vir assim como o vistes ir para o céu "(At. 1:11). A segunda vinda era parte do *querigma* apostólico: "Arrependei-vos, portanto, ... que envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. Este é certamente necessário que o céu receba até os tempos da restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo "(Atos 3: 19-21.). Paulo escreveu sobre a segunda vinda repetidamente. Ele disse aos Filipenses: "Mas a nossa pátria está nos céus, nós aguardamos um Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Ele vai mudar o nosso corpo mortal em um corpo glorioso como o seu próprio, pelo poder com o qual também pode manter-se todas as coisas "(Fp. 3: 20-21). Esta passagem em um livro que não é explicitamente escatológico é particularmente significativo porque demonstra o efeito prático que a segunda vinda terá sobre nós. Provavelmente a declaração mais clara e direta de Paul é 1 Tessalonicenses 4: 15-16: "Por isso dizemos que a palavra do Senhor, que nós, os vivos, que permanecem até a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem .O próprio Senhor, com grande brado, à voz do arcanjo e com a trombeta de Deus, descera dos céus. Então, os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro "(1 Tessalonicenses 4: 15-16.). Outras declarações diretas são encontrados em 2 Tessalonicenses 1: 7, 10 e Tito 2:13. Além disso, encontramos muitas referências em Paul menos elaborar a segunda vinda: 1 Coríntios 1: 7; 15:23; 1 Ts. 02:19; 3:13; 05:23; 2 Ts.2: 1, 8; 1 Tim. 06:14; 2 Tim. 4: 1, 8. Outros autores também mencionam a segunda vinda: Hebreus 9:28; James 5: 7-8; 1 Pedro 1: 7, 13; 2 Pedro 1:16; 3: 4, 12; 1 João 2:28. É claro que a segunda vinda é uma das doutrinas mais ensinadas no Novo Testamento.

O de tempo indeterminado

Embora o fato da Segunda Vinda é afirmado muito enfática e claramente nas Escrituras, não é assim com o tempo. Na verdade, a Bíblia deixa claro que não sabemos ou pode descobrir o momento exato em que Jesus vai voltar. Embora Deus tenha definido um tempo definido, não foi revelado. Jesus disse que nem ele nem os anjos sabiam o tempo de seu retorno, nem os seus discípulos: "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão o Pai. Olhai, vigiai e orai, porque não sabeis quando chegará o tempo. Vigiai, pois, porque não sabeis quando o dono da casa vem,se, à noite, à meia-noite, ao cantar do galo ou na parte da manhã "(Marcos 13: 32-33, 35; ver também Mateus 24: 36-44). Aparentemente, o tempo de seu retorno foi um dos assuntos a que Jesus se referia quando, pouco antes de sua ascensão, ele disse aos seus discípulos a questão de saber se agora seria o momento restaurar o reino de Israel: "Não é para você pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder "(Atos 1: 7.). Em vez de satisfazer a sua curiosidade, Jesus disse a seus discípulos que eles seriam suas testemunhas em todo o mundo. Que o momento de seu retorno não seria revelado para eles explica que Jesus colocou uma ênfase tanto no momento inesperado e, portanto, era necessário ter cuidado (Mt. 24:44, 50; 25:13; Mr 13:35).

O caráter da vinda

Pessoal

A segunda vinda de Cristo é pessoal não está sujeito a qualquer nova discussão. Pelo contrário, é simplesmente assumiu todas as referências lá em seu retorno. Jesus diz, por exemplo: "E se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também" (Jo 14: 3.). A declaração de Paulo que "o mesmo Senhor descera do céu" (1 Ts. 4:16) não deixa dúvidas de que o retorno será de natureza pessoal. A palavra dos anjos na ascensão de Jesus: "Este mesmo Jesus que foi tirado de você no céu, vai então venha como você viu ele ir para o céu" (Atos 1:11.) Afirma que seu retorno será tão pessoal como foi a sua partida.

No entanto, os últimos intérpretes têm dado as Escrituras acima mencionadas uma interpretação diferente. Esta é uma tentativa de resolver o que eu acho que são dois adversária e até mesmo conflitos dentro dos ensinamentos de Jesus ênfase. Por um lado, há o tema apocalíptico: o reino será precedida por um evento cataclísmico súbito: o retorno pessoal de Cristo. Por outro lado, é o ensinamento que o reino é imanente. Ele já está presente no mundo e vai continuar a crescer gradualmente. William Newton Clarke desempenha o primeiro do segundo. "Você não pode esperar um retorno visível de Cristo à Terra, mas um avanço global e progressiva do seu reino espiritual ... Se nosso Senhor basta preencher o retorno espiritual tenha começado, não haverá uma vinda visível para aperfeiçoar a sua glória no mundo."² Às vezes, essa abordagem tem sido feita com a convicção de que Jesus acreditava e ensinava (como fez a Igreja primitiva) um retorno no curto prazo, provavelmente dentro desse mesma geração, mas, obviamente, eu estava errado. A exegese detalhada das passagens relevantes demonstram, no entanto, que em nenhum momento Jesus ensina especificamente para voltar em breve. Além disso, não há essencial para que o reino não pode ser tanto o presente eo futuro, uma vez imanente e razão cataclísmico.

Físico

Há aqueles que dizem que a promessa do retorno de Jesus foi cumprida no dia de Pentecostes através de uma vinda espiritual. Afinal, Jesus disse: "Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo" (Mateus 28:20). Ele também disse: "Quem me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele morada" (Jo. 14:23). E Paulo falou das riquezas deste mistério: "Cristo em vós, a esperança da glória" (Colossenses 1:27). Alguns intérpretes dar muito peso para o uso do termo *παρουσία* (parousia) para a segunda vinda. Notando que a palavra significa, basicamente, "presença", eles argumentam que sua força nas referências à "vinda do Senhor" é que Jesus está presente com a gente, não vai vir em algum momento no futuro.

Desde Pentecostes foi com Cristo e todos os crentes desde o momento do renascimento. No entanto, há várias considerações que impedem-nos considerar essa presença espiritual como o pleno significado da vinda prometeu. Embora seja verdade que o significado básico de *παρουσία* é "presença", também significa "vinda" e do significado é mais do Novo Testamento, como pode ser determinado pela análise do uso da palavra no contexto. Existem outros termos do Novo Testamento, particularmente *ἀποκάλυψις* (apokalupsis) e *ἐπιφάνεια* (epiphaneia), que indicam claramente "que vem." E a declaração em Atos 1:11 que Jesus voltará da mesma forma que implica que corporais retorno partiu. No entanto, talvez o argumento mais convincente é que muitas das promessas da segunda vinda de Jesus foram feitas depois de Pentecostes, na verdade, sessenta anos mais tarde, e continuar a colocar no futuro que vem.

Visível

Testemunhas de Jeová afirmam que Cristo começou o seu reinado sobre a terra em 1 de Outubro de 1914. No entanto, não foi um retorno visível para a Terra, porque Jesus não tem um corpo visível a partir da ascensão. Não era nem mesmo um retorno literal, porque ele estava no céu, onde Cristo ascendeu ao trono. Portanto, sua presença tem a natureza de uma influência invisível.

É difícil conciliar o conceito da segunda vinda com as testemunhas com as descrições bíblicas. Mais uma vez notamos Atos 1:11: o retorno de Cristo será como o seu jogo, o que era claramente visível, porque os seus discípulos assistiram como Jesus foi levado ao céu (vv 9-10.). Outras descrições da segunda vinda vai deixar claro que muito claro; por exemplo, Mateus 24:30: ". quando eles verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória"

Inesperado

Embora a Segunda Vinda será precedida por vários sinais: a abominação da desolação (Mateus 24:15) grande tribulação (. 21 v), escurecimento do sol (v. 29), eles não indicam o tempo exato da volta de Jesus. Por conseguinte, haverá muitos, para que o retorno é inesperado. Será como nos dias de Noé (Mateus 24:37). Embora Noah passou um tempo construir a arca, nenhum de seus contemporâneos, mas sua própria família, ele se preparou para o dilúvio. As pessoas vão se sentir seguro, mas repentina destruição virá sobre eles (1 Tessalonicenses 5: 2-3.). Os ensinamentos de Jesus sugerem que, devido à longa demora na segunda vinda, alguns vão ser negligenciadas (Mt. 25: 1-13; cf. 2 Pedro 3: 3-4). Quando a parusia finalmente acontecer, acontece tão rápido que não haverá tempo para se preparar (Mateus 25: 8-10). Como Louis Berkhof diz: "A Bíblia sugere que o grau de surpresa com a segunda vinda de Cristo será inversamente relacionada com o grau de expectativa."

Triunfante e gloriosa

Várias descrições do retorno de Cristo indicam seu caráter glorioso, em contraste com as circunstâncias humildes e baixos de sua primeira vinda. O último foi o primeiro estágio da humilhação de Cristo, o primeiro foi o estágio final de sua exaltação. Vindo sobre as nuvens com grande poder e glória (Matt 24:30; Marcos 13:26;. Lucas 21:27). Ele será acompanhado por anjos e anunciado com o arcanjo (1 Ts. 4:16). Ele vai sentar-se no trono glorioso e julgar todas as nações (Mateus 25: 31-46). A ironia desta situação é que ele foi julgado no final da sua estadia na Terra julgará todos na Sua segunda vinda. Claramente, triunfante e glorioso é o Senhor de todas as coisas.

Segunda vinda da unidade

Um grupo grande e influente dos cristãos conservadores ensina que a vinda de Cristo ocorrerá em duas etapas. Estes estágios são o arrebatamento ea revelação, ou "vem de" os santos e os "próximos" para os santos. Estes dois eventos são separados pela grande tribulação, que está prevista para durar cerca de sete anos. Aqueles que defendem esse ponto de vista são chamados pretribulationists, ea maioria deles são dispensationalists.

O arrebatamento ou "passar por" ser secreta; ninguém vai notar, com exceção da igreja. Como anterior à tribulação, não há profecia tem que cumprir antes que possa acontecer. Consequentemente, o arrebatamento pode ocorrer a qualquer momento ou como eles dizem, é iminente. Ele irá libertar a igreja da agonia da grande tribulação. Após o final dos sete anos, o Senhor voltará novamente, trazendo consigo a sua igreja com uma chegada triunfante. Este será um evento visível, glorioso e universalmente reconhecível. Cristo estabelecerá Seu reino terrestre depois do milênio.

Em contraste com o pré-tribulacionismo, outras teorias sobre a segunda vinda de Cristo continuou chegando haverá um evento único e unificado. Dirigido todas as profecias sobre a Segunda Vinda de um único evento, enquanto pretribulationists dirigiu algumas das profecias para o arrebatamento e os outros à revelação.

Como podemos resolver isso? É a segunda vinda será um evento de um único passo ou dois? Embora o próximo capítulo vai examinar diversas considerações que dizem respeito a este tema, não é uma coisa muito importante a considerar agora. Tem a ver com o vocabulário utilizado para descrever a segunda vinda. Os três termos usados principalmente para segunda vinda são *παρουσία*, *ἀποκάλυψις* e *ἐπιφάνεια*. Pretribulationists argumentam que *παρουσία* refere-se ao arrebatamento, a primeira fase de retorno, a bendita esperança do crente para ser lançado a partir deste mundo antes de atingir a tribulação. Os outros dois estão relacionados com a vinda de Cristo com os santos no final da tribulação.

No entanto, quando examinado mais de perto, os termos que designa a segunda vinda não apoiar a distinção feita por pretribulationists. Em 1 Tessalonicenses 4: 15-17, por exemplo, o termo *παρουσία* é utilizada para designar um evento que é difícil entender como o arrebatamento: "Por isso, digo a vocês, pela palavra do Senhor, que nós, os que estão vivos, que são deixados até a vinda [*παρουσία*] do Senhor, não precederemos os que dormem. O próprio Senhor, com grande brado, à voz do arcanjo e com a trombeta de Deus, descerá dos céus. Então, os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Então, nós que estamos vivos, que são deixados, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor "Como George Ladd diz." É muito difícil encontrar uma vinda secreta . Cristo nestes versos "Além disso, o termo *παρουσία* usada em 2 Tessalonicenses 2: 8, onde lemos que depois da tribulação Cristo pela sua vinda vai destruir o homem do pecado, o Anticristo, publicamente. Também Jesus disse do *παρουσία*: "Porque, como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem" (Mt. 24:27).

Os outros dois termos se encaixa pré-tribulacionistas conceitos. Embora supostamente *παρουσία*, não *ἀποκάλυψις* ou *ἐπιφάνεια*, está aguardando a bendita esperança da igreja, Paul graças a seus leitores têm enriquecido o seu conhecimento enquanto "você espera a manifestação [*ἀποκάλυψις*] de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Cor 1: 7). Assegura aos tessalonicenses que "é justo para Deus retribuir com tribulação aos que vos atribulam, enquanto vocês que são descanso conosco, quando ele aparecer [*ἀποκάλυψις*] o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder "(2 Ts. 1: 6-7). Pedro fala da alegria de crentes e recompensa em conexão com o *ἀποκάλυψις*: "Alegrai-vos que você participar nos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação da sua glória vos regozijeis com grande alegria" (1 4:13). Ele já havia escrito que seus leitores teria que passar por vários testes ", para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro (que, embora perecível provado pelo fogo), pode ser encontrado em louvor, glória e honra no revelação de Jesus Cristo "(1: 7). Essas duas referências (e 1:13) sugerem que os crentes quem Pedro está escrevendo (que são parte da igreja) receberá a sua glória no *ἀποκάλυψις* de Cristo. No entanto, de acordo pretribulationists, a igreja deve ter recebido a sua recompensa *παρουσία*.

Finalmente, Paulo fala de *ἐπιφάνεια* como objeto da esperança do crente. Escrever a Tito que os crentes devem viver uma vida religiosa "enquanto aguardamos a bendita esperança ea manifestação da glória [*ἐπιφάνεια*] do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo" (Tit. 2:13). Podemos encontrar um uso semelhante de *ἐπιφάνεια* em 1 Timóteo 6:14 e 2 Tim. 4: 8. Conclui-se que o uso de uma variedade de termos há indicação de que existem duas fases na segunda vinda. Pelo contrário, os termos são intercambiáveis claramente aponta para um único evento.

A iminência da Segunda Vinda

Uma questão adicional que devemos abordar é se a segunda vinda é iminente ou não. Pode acontecer a qualquer momento, ou há algumas profecias a serem cumpridas pela primeira vez?

Alguns cristãos, particularmente aqueles que sustentam que Cristo virá para os santos antes da tribulação, acredito que o retorno vai ocorrer a qualquer momento. Por conseguinte, temos de estar preparados em todos os momentos, porque esta possibilidade poderia levar-nos de surpresa. Para apoiar esta suposição usado vários argumentos:

1. Jesus mandou os discípulos para estar pronto para seu retorno e não sabia quando isso poderia acontecer (Mt. 24,25). Se você tem que produzir outros eventos antes de Cristo voltar, como a grande tribulação, é difícil entender por que falar de um tempo desconhecido, porque saberíamos, pelo menos, que o retorno não ocorreria até que esses outros eventos ocorreram.

2. enfatizando que devemos esperar animado para a vinda do Senhor está perto de se repetir. Muitas passagens (por exemplo, Romanos 8: 19-25; 1 Cor. 1: 7; Sl Filipenses 4: 5; Tito 2:13; James 5: 8-9; Jude 21) indicam que a vinda Pode ser muito estreita e pode estar em qualquer momento.

3. A declaração de Paulo que esperamos nossa bendita esperança (Tit. 2:13) exige que o seguinte evento no plano de Deus é a vinda do Senhor. Se ao invés o próximo passo foi a grande tribulação, podemos ter quase nenhuma esperança ou expectativa. Pelo contrário, a reação seria medo e apreensão. Desde o retorno de nosso Senhor é o próximo evento no plano de Deus, não há nenhuma razão para pensar que não vai acontecer a qualquer momento.

No entanto, quando está examinando cuidadosamente estes argumentos não são inteiramente convincente. Será que os mandamentos de Cristo para estar atento para seu retorno e avisos de que seu retorno pode ocorrer em um momento inesperado e sem sinais claros significa necessariamente que este é iminente? Já houve um período intermediário de quase dois mil anos. Nós não sabemos por quanto tempo o atraso, e, assim, saber a hora exata do retorno de Cristo, sabemos que não tenha sido produzido ainda. Não sei quando isso vai acontecer não impossível saber certas datas que não vai acontecer.

Além das palavras de Jesus na época eram de tal forma que eles não queriam dizer que a Segunda Vinda era iminente. Indicado por pelo menos três de suas parábolas (o homem nobre partiu para uma terra longínqua, Lucas 19: 11-27; as virgens sábias e insensatas, Mateus 25: 5; e talentos, Mt. 25: 19), haveria um atraso. Da mesma forma, a parábola dos servos (Mt 24: 45-51) envolve um período em que os empregados provar seu caráter. Além disso, certos eventos tinha que acontecer antes da Segunda Vinda; por exemplo, Peter iria envelhecer e adoecer (João 21:18.), o evangelho a todas as nações (Mateus 24:14) seria pregado, eo templo seria destruído (Mateus 24: 2). Se esses eventos ocorrerem antes da volta de Jesus, a Segunda Vinda não pode acontecer imediatamente. Quando ele disse: "Fique acordado" e "não sei a hora" não estava sendo incoerente com um atraso que iria permitir que certos eventos ocorrem.

Isso não significa que não é apropriado falar de iminência. No entanto, é os eventos complexos que envolvem a segunda vinda é iminente, e não o único evento que é a segunda vinda. Talvez devêssemos falar sobre este resort como iminente segunda vinda como "próximo".

Ressurreição

O principal resultado da Segunda Vinda de Cristo, do ponto de vista individual da escatologia, é a ressurreição. Esta é a base para a esperança do crente quando enfrenta a morte. Embora a morte é inevitável, o crente antecipa o lançamento de seu poder.

O ensinamento bíblico

A Bíblia promete claramente a ressurreição do crente. O Antigo Testamento oferece várias declarações diretas, o primeiro é encontrado em Isaías 26:19: "Tua morto viverá; seus corpos vão subir. Awake e cantar, vós que habitais no pó: Para o seu orvalho será como o orvalho das ervas, ea terra libertará seus mortos. "Daniel 12: 2 ensina tanto a ressurreição do crente como o ímpio:" Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna ., outros para vergonha e desprezo eterno "A idéia de ressurreição também é afirmado em Ezequiel 37: 12-14:" Portanto, profetiza e dize-lhes assim diz o Senhor: Eu abrirei as vossas sepulturas, meu povo; Vou trazê-lo até das vossas sepulturas e vos trarei à terra de Israel. E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir as vossas sepulturas e vos das vossas sepulturas, meu povo. Eu vou colocar o meu espírito em vós e vivereis, e vos porei na vossa terra. E você sabe que eu, o Senhor, e disse a ele, diz o Senhor ".

Para além das declarações diretos, o Antigo Testamento diz que podemos esperar a liberação de morte ou grave. Salmo 49:15 diz. "Mas Deus remirá a minha alma do poder do Seol, pois me receberá" Embora não haja nenhuma declaração sobre o corpo nesta passagem, há esperança de que a existência incompleta no Sheol não a nossa condição final. Salmo 17:15 fala de despertar na presença de Deus: "Quanto a mim, eu contemplarei a tua face na justiça; Eu vou estar satisfeito quando acordar, com a tua semelhança "Alguns comentaristas ver sugestões semelhantes em Salmo 73: 24-25. Provérbios 23:14 e, embora este último é questionável.

Embora devamos ter cuidado para não ler muito das revelações do Novo Testamento no Antigo Testamento, é significativo que Jesus e os escritores do Novo Testamento sustentam que o Antigo Testamento ensina a ressurreição. Quando perguntado pelos saduceus, que negavam a ressurreição, Jesus os acusou de erro devido à falta de conhecimento das Escrituras eo poder de Deus (Marcos 12:24), e depois continuou defendendo a ressurreição baseado em Antigo Testamento: "E, quanto à ressurreição dos mortos, não lestes no livro de Moisés como Deus lhe falou na sarça, dizendo:" Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac eo Deus de Jacob " ? Deus não é Deus de mortos, mas do Deus vivo! Você, portanto, muito errar "(vv. 26-27). Peter (Atos 2: 24-32.) E Paul (Atos 13: 32-37). Salmo 16:10 visto como uma previsão da ressurreição de Jesus. Hebreus 11:19 elogiou a fé de Abraão na capacidade de Deus para ressuscitar pessoas da morte ", porque ele achava que Deus era capaz de levantar até mesmo dentre os mortos, do qual, figurativamente falando, então ele voltou a receber ".

O Novo Testamento, é claro, ensina a ressurreição muito mais claramente. Já observamos a resposta de Jesus aos saduceus, que é recolhido nos três evangelhos sinóticos (Mateus 22: 29-32; Marcos 12: 24-27; Lc. 20: 34-38). E João recolhe várias ocasiões adicionais em que Jesus fala da ressurreição. Uma das declarações mais claras é John 5: "Em verdade, em verdade vos digo: vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão ... Você não se maravilhar com este porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz; e os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; mas aqueles que tiverem praticado o mal, para a ressurreição da condenação "(25 vv., 28-29). Outras reivindicações da ressurreição encontrada em João 6: 39-40, 44, 54, e a história da ressurreição de Lázaro (João 11, 24-25 especialmente vv..).

As cartas do Novo Testamento também dar testemunho da ressurreição. Paulo claramente acreditava e ensinava que haveria uma futura ressurreição do corpo. A passagem clássica e mais extensa é uma Corinthians 15. O ensino é especialmente notado nos versículos 51-52: "Eu vos digo um mistério: nem todos dormiremos; mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados "Ele também ensina claramente a ressurreição em 1 Tessalonicenses. 4: 13-16 e implicitamente em 2 Coríntios 5: 1-10. E quando Paulo compareceu perante o conselho, ele criou dissensão entre os fariseus e os saduceus, afirmando: "Irmãos, eu sou

fariseu, filho de fariseu; cerca de esperança e ressurreição dos mortos sou julgado "(Atos 23: 6); Ele fez uma declaração semelhante antes Félix (At. 24:21). João também afirma a doutrina da ressurreição (Apocalipse 20: 4-6. 13).

Uma obra de Deus Uno e Trino

Todos os membros da Trindade estão envolvidos na ressurreição de crentes. Paulo nos diz que o Pai ressuscitará os crentes através do Espírito: "E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou a Cristo Jesus dos mortos vivificará também os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que Ele está em vós "(Rom. 8:11). Há uma ligação especial entre a ressurreição de Cristo ea ressurreição geral, um ponto que Paulo destaca de modo especial, em 1 Coríntios 15: 12-14: "Mas se Cristo é proclamado como ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns entre vós que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é inútil e por isso é a vossa fé "em Colossenses 1:18 Paulo se refere a Jesus como:". A cabeça do corpo, da igreja, e é o princípio, o primogênito dentre os mortos, que em tudo tenha a preeminência .. "Em Apocalipse 1: 5 John refere-se semelhante a Jesus como" o primogênito dentre os mortos "Esta frase não indica tanto que Jesus foi a primeira vez dentro um grupo e sua supremacia sobre o grupo (cf. 1:15 "o primogênito de toda a criação"). A ressurreição de Cristo é a base da confiança e esperança dos crentes. Paulo escreve: "Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus vai trazer com ele os que dormem em Jesus" (1 Tessalonicenses 4:14.). Embora não explicitamente mencionado contexto da ressurreição geral, o início de sua primeira epístola Peter ligando nova esperança de nascimento e vida do crente com a ressurreição de Cristo e, em seguida, levar em consideração a segunda vinda quando a verdadeira fé trazer resultados louvor, glória e honra (1 Pedro 1: 3-9).

Corpo natureza

Várias passagens do Novo Testamento afirmam que o corpo será trazido de volta à vida. Um deles é Romanos 8:11: "E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós." Em Filipenses 3: 20-21 Paulo escreve, "Mas a nossa pátria está nos céus, nós aguardamos um Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Ele vai mudar o nosso corpo mortal em um corpo glorioso como o seu próprio, pelo poder com o qual também pode manter-se todas as coisas "No capítulo da ressurreição, 1 Coríntios 15, diz." Semeado um corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo natural, há também um corpo espiritual "(44 v., NVI). Paulo também deixa claro que a idéia de que a ressurreição já aconteceu, ou sob a forma de ressurreição espiritual não é incompatível com o fato de que os corpos ainda permanecem nos túmulos, é uma heresia. Ele faz isso quando ele condena as idéias de Himeneu e Fileto, "que desviaram da verdade dizendo que a ressurreição é já passada, e assim pervertem a fé de alguns" (2 Tm 2:18.).

Além disso, existem conclusões ou evidência indireta da natureza do corpo da ressurreição. A redenção do crente é dito que envolvem não só o corpo ea alma: "Nós sabemos que toda a criação geme e sofre as dores de parto até agora. E não só ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a redenção do nosso corpo "(Rm. 8: 22-23).Em 1 Coríntios 6: 12-20 Paulo salienta a importância espiritual do corpo. Isto está em nítido contraste com a idéia dos gnósticos, que minimizaram o corpo. Enquanto alguns gnósticos chegou à conclusão de que o corpo, sendo ruim, você deve aplicar um ascetismo rigoroso, outros acreditavam que o que foi feito com o corpo estava espiritualmente irrelevante, e, portanto, deixou de fora para o comportamento licencioso. Mas Paulo insiste em que o corpo é

sagrado. Nossos corpos são membros de Cristo (v. 15). O corpo é o templo do Espírito Santo (v. 19). "O corpo não é para a prostituição, mas para o Senhor eo Senhor para o corpo" (v. 13). Tendo em vista a ênfase no corpo, a frase que se segue imediatamente é certamente um argumento para a ressurreição do corpo: "E Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder" (v. 14). A conclusão de toda a passagem é "Portanto, glorifiquem a Deus no vosso corpo" (v. 20).

Outro argumento indirecto para a natureza física da ressurreição é que a ressurreição de Jesus era a natureza corpórea. Quando Jesus apareceu aos discípulos, eles ficaram assustados pensando que estavam vendo um fantasma. Ele acalmou-os, dizendo: "Por que estais perturbados, e surja em vossos corações? Olhai as minhas mãos e os meus pés, que eu sou. Trate-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc. 24: 38-39). E quando mais tarde ele apareceu para Thomas, que tinha sido cético em relação a Sua ressurreição, Jesus disse: "Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; Estende a tua mão e põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente" (Jo. 20:27). Jesus foi visto, ouvido e reconhecido por seus discípulos sugere que um corpo semelhante havia possuído antes. O fato de que o túmulo estava vazio eo corpo nunca foi encontrado pelos inimigos de Cristo é uma indicação da natureza do corpo da ressurreição. A ligação especial entre a ressurreição de Cristo eo crente é um argumento que é também o nosso corpo da ressurreição.

Agora vamos enfrentar a questão de o que exatamente quer dizer que a ressurreição afeta o corpo. Existem certos problemas considerados como um mero ressuscitação ressurreição física. Uma delas é assumir que o novo organismo será sujeito à morte. Aparentemente Lázaro e outros ressuscitado por Jesus no final eles acabaram morrendo novamente e foram enterrados. No entanto, Paulo fala de um novo corpo "incorrutível" em contraste com o corpo "corruptível" está enterrado (1 Cor 15:42). Um segundo problema é o contraste entre "corpo natural [com alma]" é plantada eo "corpo espiritual" que é gerado (v. 44). Há uma diferença significativa entre os dois, mas não sabe a natureza exata dessa diferença. Além disso, há declarações explícitas que excluem a possibilidade de que o corpo da ressurreição é puramente físico. Paul disse que até o final do seu discurso sobre a ressurreição do corpo: "Mas digo isto, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção" (1 Cor 15:50) . A resposta de Jesus aos saduceus, "Porque na ressurreição nem se casam nem se dão em casamento; mas serão como anjos de Deus no céu" (Mateus 22:30) parece implicar o mesmo. Finalmente, existe o problema de como uma entidade pode ser reconstituído a partir de moléculas que podem ter sido parte do corpo de uma outra pessoa. O canibalismo tem o exemplo mais extremo desse problema. Mas os corpos humanos são usados para fertilizar os campos onde as culturas e cinzas que se espalham por um rio que cresça a água potável são os outros casos a considerar. Uma paródia absurda de a questão da saduceus: "Na ressurreição, de qual deles será ela mulher" (Marcos 12:23), seria: "Na ressurreição, cujas moléculas são?"

O que temos, então, é mais do que a sobrevivência após a morte do espírito ou alma; No entanto, este não é algo mais simplesmente uma reanimação física. Há um uso do corpo de idade, mas uma transformação no processo. Este novo organismo tem alguma ligação ou identidade com o velho, mas é feita de forma diferente. Paulo fala dele como um corpo espiritual (1 Coríntios 15:44), mas não elaborou. Usa a analogia de uma semente de planta e vem (v. 37). O que emerge do solo não é exatamente o que foi plantado. No entanto, isso decorre de que semente original.

O problema aqui é filosofia base na identidade. Que você é o que faz com que cada um de nós como o mesmo indivíduo no nascimento, como um adulto e ressurreição? O adulto é a mesma pessoa que o filho, apesar das mudanças que ocorrem no corpo humano. Da mesma forma, apesar da transformação que ocorre na ressurreição sabemos por Paulo de que continuará a ser a mesma pessoa.

Às vezes, nós assumimos que os nossos novos corpos vão ser como Jesus, no período pós-ressurreição imediato. Seu corpo, aparentemente, tinha marcas físicas da crucificação, e você pode ver e tocar (Jo. 20:27). Lucas 24: 28-31, 42-43 e João 21: 9-15 sugerem que comemos. No entanto, deve-se ter em mente que a exaltação de Jesus ainda não tinha sido concluída. A subida, que envolveu a transição deste espaço-tempo do universo, para a esfera espiritual do céu, pode ter produzido uma outra transformação. A mudança vai acontecer em nossos corpos na ressurreição (ou, no caso dos que ainda estão vivos na segunda vinda) aconteceu em duas etapas para você. Nosso corpo da ressurreição será como o actual corpo de Jesus, não o corpo que Jesus levou entre sua ressurreição e ascensão. Nós não terá as características que tinham corpo ressuscitado Jesus terreno 'que não estejam de acordo com as descrições dos nossos corpos ressuscitados (ou seja, ser fisicamente tangível e têm uma necessidade de comer).

Conclui-se que haverá uma realidade física de uma espécie de ressurreição. Haverá alguma ligação e sair do nosso corpo original, mas, no entanto, haverá um mero revival do nosso corpo original. Será, antes, uma transformação ou metamorfose. Uma analogia pode ser a petrificação de um registro ou uma cepa. Embora a forma continua a ser o objecto original, a composição é completamente diferente. Temos dificuldade em compreender por que nós não sabemos a natureza exata do corpo ressuscitado. No entanto, parece que ainda conservam glorificar a forma humana. Nós estará livre de imperfeições e necessidades que tivemos na terra.

Ambos justos e injustos

A maioria das referências à ressurreição é a ressurreição dos crentes. Isaías 26:19 fala da ressurreição de uma forma que indica que é uma recompensa. Jesus fala da "ressurreição dos justos" (Lc. 14:14). Em suas palavras, até aos saduceus, ele afirma que "aqueles que são considerados dignos de alcançar o mundo vindouro ea ressurreição dentre os mortos, nem se casam nem se dão em casamento" (Lc. 20:35). Marta diz a ele: "Eu sou a ressurreição ea vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá" (Jo. 11: 25-26). Em Filipenses 3:11 Paulo expressa seu desejo e esperança "se que de alguma forma chegou à ressurreição dentre os mortos." Nem os evangelhos sinóticos e os escritos de Paulo fazer uma referência explícita aos incrédulos são levantadas a partir de entre os mortos.

Além disso, um número de passagens indicam uma ressurreição dos incrédulos. Daniel 12: 2 diz: ". Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão para a vida eterna Alguns, e outros para vergonha e desprezo eterno" John tem palavras semelhantes de Jesus: "Não vos admireis disso, porque o tempo virá em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz; e os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; mas aqueles que tiverem praticado o mal, para a ressurreição da condenação" (Jo. 5: 28-29). Paulo, em sua defesa perante Felix disse: "Mas confesso que, após o caminho que chamam seita, assim sirvo ao Deus de meus pais; Acho que todas as coisas na lei e os profetas estão escritas; com esperança em Deus, como estes mesmos também esperam, de que há de haver ressurreição de mortos, assim dos justos e injustos" (Atos 24: 14-15.). E como crentes e não-crentes estarão presentes e envolvidos no julgamento final, podemos concluir que a ressurreição de ambos é necessário. Se eles vão ser levantada simultaneamente ou em momentos diferentes é discutido no próximo capítulo.

O julgamento final

A segunda vinda também vai levar ao julgamento final. Isto é para muitas pessoas, uma dos momentos mais assustadores para o futuro, e deve ser para aqueles que estão separados de Cristo e, portanto, ser julgado com os ímpios. No entanto, para aqueles que estão em Cristo é algo que pode ser antecipada, porque suas vidas será vindicado. O

juízo não tem a frieza de descobrir o que a nossa condição ou nosso estado espiritual, porque Deus já sabe. O que ele vai fazer é revelar publicamente o que esse status.

Um evento futuro

O julgamento final ocorrerá no futuro. Em alguns casos Deus já revelou seu julgamento, como quando ele levou com ele para o céu o justo Enoque e Elias, enviou o dilúvio (Gn 6-7) e destruiu Coré e todos aqueles que participaram com ele na rebelião (Num. 16). A exemplo do Novo Testamento é quando Deus fez cair derrubou Ananias e Safira (Atos 5: 1-11.). Friedrich Schelling, entre outros, considerou que a história do mundo é o julgamento do mundo, em outras palavras, os eventos que ocorrem dentro da história são, com efeito, um juízo sobre o mundo. No entanto, isso não é o que a Bíblia tem a dizer sobre o julgamento. Um evento final deve ocorrer no futuro. Jesus faz alusão a isso em Mateus 11:24, "Portanto eu lhes digo, o dia do juízo haverá menos rigor para a terra de Sodoma do que para ti" .

Em outra ocasião, ele falou claramente de opinião que executar no âmbito da futura ressurreição (Jo. 5: 27-29). Há uma imagem ampliada do presente acórdão em Mateus 25: 31-46. Enquanto pregava no Areópago Paulo declarou que Deus "estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por que o homem a quem ele tem dado certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos" (At. 17:31). Mais tarde, Paulo argumentou perante Felix "sobre a justiça, o domínio próprio eo juízo vindouro" (Atos 24:25.). Ele escreveu aos Romanos: "Mas por causa de sua teimosia e seu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus" (Rom. 2: 5). O autor da Carta aos Hebreus expressa isso de forma clara e direta: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, e depois disso o juízo" (Hebreus 9:27.). Outras referências são claras Hebreus 10:27; 2 Pedro 3: 7 e Apocalipse 20: 11-15.

As escrituras especificam que o julgamento irá ocorrer após a Segunda Vinda. Jesus disse: "Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um segundo as suas obras" (Mateus 16:27). Essa idéia também é encontrada em Mateus 13: 37-43; 24: 29-35 e 25: 31-46. Do mesmo modo Paulo escreveu: "Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que o Senhor, que trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios do coração vir. Em seguida, cada um tenha a glória de Deus "(1 Cor 4: 5).

Juiz Jesus Cristo

O próprio Jesus Cristo é retratado sentado sobre um trono de glória e julgar todas as nações (Mateus 25: 31-33). Embora se fale de Deus em Hebreus 12:23 que o juiz, é evidente a partir de outras referências que delega autoridade ao Filho. Jesus mesmo disse: "porque Pai a ninguém julga, mas confiou todo julgamento ao Filho ... e também lhe deu autoridade para julgar, porque o Filho do Homem" (Jo 5:22, 27.). Pedro disse aos que estavam reunidos na casa de Cornélio: "E [Jesus] nos mandou pregar ao povo e testificáramos que ele é o Deus único nomeado como juiz dos vivos e dos mortos" (Atos 10:42.). Paulo disse aos atenienses que Deus "estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por que o homem a quem ele tem dado certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos" (Atos 17:31.). E Paulo escreveu aos Coríntios: "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que fez por meio do corpo, ou bem ou mal" (2 Coríntios 5:10). Segundo Timóteo 4: 1 estável que Cristo vai julgar os vivos e os mortos.

Parece que os crentes compartilham a julgamento. Em Mateus 19:28 e Lucas 22: 28-30 Jesus sugere que os discípulos julgar as doze tribos de Israel. Também nos é dito que os crentes vão se sentar em tronos e julgar o mundo (1 Coríntios 6: 2-3; Ap 3:21; 20:

4). Embora não temos os detalhes exatos, aparentemente Cristo permitir que os santos de compartilhar esse trabalho.

Os temas do julgamento

Todos os seres humanos serão julgados (Mateus 25:32; 2 Coríntios 5:10; 9:27) I.. Paulo adverte que "toda a comparecer perante o tribunal de Cristo" (Romanos 14:10).. Tudo segredo será revelado; tudo o que ocorreu em qualquer momento ser avaliada. Alguns se perguntam se os pecados dos crentes serão incluídos ou não: isso pareceria desnecessária dado que, como crentes foram justificados. Mas as declarações que se referem à avaliação dos pecados é universal. A perspectiva de Louis Berkhof sobre esta questão é provavelmente correta: "As Escrituras nos levam a crer que [os pecados dos crentes] será [revelou], embora, é claro, será revelado como pecados perdoados."

Além disso, os anjos maus serão julgados naquele momento. Pedro escreve que "Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas lançou-os no inferno [Tártaro], os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo" (2 Pedro 2: 4). Judas 6 faz uma declaração quase idêntica. Os anjos bons, enquanto isso, vai participar no julgamento que reúne todos aqueles que serão julgados (Mateus 13:41, 24:31).

A base do julgamento

O aparecimento eles julgados de acordo com suas vidas terrenas. Paulo disse que todos estão em julgamento: "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que fez por meio do corpo, ou bem ou mal" (2 Coríntios 5 : 10). Jesus disse que na ressurreição, todos devem "os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; mas aqueles que tiverem praticado o mal, para a ressurreição da condenação" (Jo. 5:29). Embora se possa inferir a partir Mateus 25: 31-46 que é as boas obras que faz a diferença, Jesus indica que alguns que afirmam ter feito boas obras e que até mesmo parece ter feito eles, ser rejeitado (Mt. 7: 21- 23).

Os critérios em que a avaliação será a vontade revelada de Deus. Jesus disse: "Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue: a palavra falei o julgará no último dia" (. Jo 00:48). Mesmo aqueles que não ouviram a lei explicitamente ser julgado: "Todos os que pecaram sem lei, sem a Lei também perecerão; e todos os que pecaram sob a lei, a lei serão julgados" (Rom. 2:12).

A sentença irrevogável

Uma vez declarada, o julgamento vai ser permanente e irrevogável. O justo eo ímpio será enviado ao respectivo destino. Não há nenhum indício de que o veredicto ser alterado. Na conclusão de seus ensinamentos sobre o juízo final, Jesus disse que aqueles que estavam à sua esquerda: "O Irã para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna" (Mateus 25:46).

Implicações da Segunda Vinda e suas consequências

1. A história não apenas seguir seu curso, mas sob a orientação de Deus atingirá sua consumação. Seus propósitos serão cumpridos no final.
2. Nós, como crentes devem assistir e trabalhar com antecedência para o retorno seguro do Senhor.
3. Nossos corpos terrenos vai se tornar muito melhor. Sabemos agora imperfeições desaparecem; nossos corpos eternos não sabe a dor, doença ou morte.
4. Haverá um momento em que a justiça será feita. O mal será punido, e fé e lealdade será recompensado.

5. Tendo em conta a certeza da Segunda Vinda e finalidade do julgamento vai acontecer com ele, é muito importante que agimos de acordo com a vontade de Deus.

59. Perspectivas sobre o milênio e tribulação

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Identificar e descrever três perspectivas do milênio como o fim dos tempos.
- Investigar e avaliar três perspectivas do milênio e escolher aquele que mais se assemelha aos ensinamentos da Bíblia.
- Identificar e descrever duas perspectivas sobre a tribulação e discutir brevemente certas posições intermediárias de tribulação.
- Analisar e avaliar as perspectivas de tribulação e julgar o que é mais parecido com o ensino das Escrituras.

Resumo do capítulo

O milênio refere-se ao reinado de Cristo na terra. Eles desenvolveram três perspectivas principais sobre o milênio com referência ao fim dos tempos. Uma perspectiva amilenista assume a posição de que nenhum reino de Cristo na terra, e que as escrituras em discussão apenas dizem respeito aos indivíduos vezes o autor. Perspectiva postmillennial considera que o milênio está em andamento anterior à segunda vinda de Cristo. A perspectiva final, premillennialism, é o que ficou mais respeito entre os cristãos evangélicos hoje. Esta idéia sustenta que a segunda vinda precederá o milênio (o reino de Cristo na terra). A perspectiva premillennial também criou controvérsia a respeito do papel da tribulação e da igreja. Os defensores pretribulationism crer que Cristo arrebatará a igreja antes da grande tribulação na terra. Uma outra perspectiva é a posttribulationism que afirma que a vinda de Cristo ocorrerá depois da Grande Tribulação. Eles ofereceram outras perspectivas, mas as Escrituras parecem concordar mais com o ponto de vista posttribulacionista.

Questões de estudo

1. Que perspectivas milenar têm sido desenvolvidos na teologia cristã a respeito do fim dos tempos e como eles diferem uns dos outros?
2. Que evidência pode ser encontrada para apoiar a visão pré-milenar do fim dos tempos?
3. Comparar e contrastar as perspectivas Tribulationists premillennialism.
4. Quais são as características posttribulationism torná-lo mais adequado do que as outras perspectivas?
5. Como você descreveria a sua própria abordagem para as perspectivas para o milênio?

Perspectivas sobre o Millennium
Postmillennialism
Premillennialism
Amilenismo
Resolver problemas
Perspectivas sobre a tribulação
Pretribulationism
Posttribulationism
Posições intermediárias
Resolver problemas

Durante anos tem havido muita discussão na teologia cristã sobre a relação cronológica entre a segunda vinda de Cristo e alguns outros eventos. Em particular, essa discussão abordou duas questões principais. (1) Existe um milênio, um reinado de Jesus Cristo; e, se assim for, a segunda vinda ocorrerá antes ou depois desse período? A perspectiva de que não haverá reinado terreno de Cristo é chamado amillennialism. O ensinamento de que a volta de Jesus vai inaugurar um milênio é chamado premillennialism, enquanto a crença de que a segunda vinda vai encerrar um milênio é o postmillennialism. (2) Cristo virá para levar a igreja na terra antes da grande tribulação (pretribulationism), ou vir somente depois da tribulação (posttribulationism)? Esta segunda pergunta é encontrada principalmente em premillennialism. Nós examinamos cada uma das partes pontos de vista sobre o milênio e, em seguida, as perspectivas para o problema.

Perspectivas sobre o Millennium

Embora as três posições sobre o milênio, permanecem quase que em toda a história da igreja, em diferentes momentos um ou outro tem predominado. Nós examiná-los, a fim do seu período de maior popularidade.

Postmillennialism

O pós-milenismo é baseado na crença de que o evangelho será tão bem sucedida que o mundo vai se tornar. O reinado de Cristo, cujo ponto focal é o coração dos seres humanos, será completa e universal. A petição: "Venha o teu reino. Tua será feito, como no céu, assim também na terra "se tornará realidade. A paz prevalecerá e do mal vai ter praticamente desaparecido. Então, quando o evangelho teve efeito completamente, Cristo retornará. Portanto, o postmillennialism basicamente tem uma visão otimista.

Os três primeiros séculos da Igreja, provavelmente, foram dominados por aquilo que hoje chamamos premillennialism, mas no século IV uma Tycho Donatist chamado Africano propôs uma perspectiva oposta. Embora Agostinho foi um acérrimo opositor das Donatists, ele adotou perspectiva Ticónio no milênio. Esta interpretação foi a dominar o pensamento escatológico na Idade Média. O milênio não vai acontecer no futuro, mas já começou. Os mil anos começou com a primeira vinda de Cristo. Em apoio deste ponto de vista, Agostinho citou Marcos 3:27: "Ninguém pode entrar na casa do homem forte e roubar-lhe os bens, se primeiro laços antes; só então roubará a sua casa. "De acordo com Agostinho, neste versículo o homem forte é Satanás e seus bens representam as pessoas que estavam anteriormente sob seu controle, mas eles são agora cristãos. Satanás foi preso no momento da primeira vinda de Cristo e continuando amarrado até a segunda vinda. Como Satanás não pode enganar as nações, pregando o evangelho é muito bem sucedido. Cristo reina sobre a terra. No entanto, no final deste período antigo, Satã vai ser libertado por um curto período de tempo, sendo o objecto final.

Embora pareça difícil conciliar esta visão com o que está acontecendo em nosso tempo, fazia mais sentido no contexto de Agostinho. Cristianismo tinha alcançado um sucesso político sem precedentes. Uma série de circunstâncias levou à conversão do

imperador Constantino em 312 eo cristianismo foi tolerada no império e quase se tornou a religião oficial. O maior inimigo da igreja, o Império Romano, tinha capitulado. Embora o progresso da igreja seria gradual, em vez de repente, era seguro. Nenhuma data para o fim do milênio e do retorno de Cristo estabeleceu, mas foi assumido que acontecem ao redor do ano 1000.

Com o fim do primeiro milênio da história da igreja, é claro, tornou-se necessário rever detalhes um pouco postmillennialism. O milênio não é mais vista como um período de mil anos, mas como a história da igreja. O postmillennialism era mais popular em tempos em que a igreja parecia ter sucesso na sua tarefa de ganhar o mundo. Tornou-se particularmente popular na última parte do século XIX, **UMA ÉPOCA DE GRANDE EFICÁCIA NO MUNDO A MISSÃO E UM TEMPO DE PREOCUPAÇÃO E DE PROGRESSO DAS CONDIÇÕES SOCIAIS**. Portanto, parece razoável pensar que o mundo logo seria alcançado por Cristo.

Como sugerimos, a principal convicção é postmillennialism sucesso difundir o evangelho. A idéia é baseada em várias passagens da Escritura. No Antigo Testamento: Salmos 47, 72 e 100; Isaías 45: 22-25 e Oséias 2:23, por exemplo, deixar claro que todas as nações venham a conhecer Deus. Além disso, Jesus disse repetidamente pregou o evangelho seria universalmente antes de sua segunda vinda. Um exemplo proeminente deste ensinamento é encontrado em Mateus 24:14. Como a Grande Comissão foi realizada em sua autoridade (Mt 28: 18-20), você vai ter sucesso. Muitas vezes a idéia de pregar o evangelho inclui fatos associados com o evangelho efeitos transformadores sobre as condições sociais vão ocorrer após a conversão de muitos ouvintes. Em alguns casos, acreditar em expandir o reino tomou um pouco de uma forma secularizada, de modo que a transformação social é o que o sinal do Reino e não conversões individuais são considerados. Por exemplo, o movimento evangelho social no final do século XIX, **TEVE COMO OBJETIVO CRISTIANIZAR A ORDEM SOCIAL, CULMINANDO EM UMA MUDANÇA DE ESTRUTURAS ECONÓMICAS**. Discriminação, injustiças e conflitos e guerras seriam eliminados seria algo do passado. Esta forma de postmillennialism normalmente acompanhada por um conceito generalizado da providência divina: ele viu Deus trabalhar fora dos limites formais da igreja. Então, duas vezes no século XX, **UM NÚMERO SIGNIFICATIVO DE CRISTÃOS ALEMÃES IDENTIFICARAM A OBRA DE DEUS NO MUNDO, COM OS MOVIMENTOS POLÍTICOS DE SUA ÉPOCA: A POLÍTICA DE GUERRA DO KAISER GUILHERME EM 1910 E DEPOIS O NAZISMO DE HITLER EM 1930 DESTACANDO A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, OS LIBERAIS MANTIVERAM UMA PERSPECTIVA MILENAR, FORAM GERALMENTE POSTMILLENNIAL, MAS CERTAMENTE NEM TODOS OS LIBERAIS FORAM POSTMILLENNIAL**. Muitos previsto um número recorde de conversões, a corrida se transformou em uma coleção de indivíduos regenerados.

De acordo com o pensamento postmillennial, o reino de Deus é uma realidade presente, aqui e agora, em vez de um futuro reino celestial. As parábolas de Jesus em Mateus 13 nos dar uma idéia da natureza deste reino. É como o fermento, estendendo-se gradualmente, mas certamente ao longo do todo. O seu crescimento será amplo (ele vai se espalhar em todo o mundo) e intensiva (tornar-se dominante). Seu crescimento vai ser tão gradual que o milênio dificilmente ser apreciado por alguns. O progresso pode não ser uniforme; na verdade, a vinda do Reino pode ocorrer por uma série de crises. O postmillennial são capazes de aceitar o que parecem ser passos atrás, porque eles acreditam no triunfo final do evangelho.

Do ponto de vista postmillennial do milênio pode ser um período prolongado, mas não necessariamente ano exato mil. Na verdade, a perspectiva do postmillennial milênio muitas vezes se baseia menos em Apocalipse 20, onde o período de mil anos e as duas ressurreições em outras escrituras mencionadas. O próprio fato que a vinda do Reino é gradualmente torna difícil estimar a duração do milênio. O ponto é que o milênio será um período prolongado durante o qual Cristo, mesmo que fisicamente ausente, reinar sobre a

terra. A característica fundamental que distingue postmillennialism outras perspectivas sobre o milênio está esperando por condições para melhorar ao invés de piorar antes do retorno de Cristo. Portanto, é, basicamente, uma vista otimista. Consequentemente, a sua aceitação caiu bastante no século xx. O postmillennial convencido de considerar as duras condições do século XX como uma mera flutuação temporária no crescimento do reino. Eles indicam que não estamos tão perto como nós pensamos que a Segunda Vinda. No entanto, esse argumento não se mostrou persuasivo para muitos teólogos, pastores, leigos crentes.

Premillennialism

Premillennialism está comprometida com o conceito de um reino de Cristo na terra cerca de mil anos (ou, pelo menos, um período substancial de tempo). Ao contrário do postmillennialism, premillennialism acredita que Cristo está presente fisicamente durante este tempo; Pessoalmente, ele acredita que ele vai voltar e forma física para iniciar o milênio. Sendo esse o caso, o milênio deve ser considerado como algo ainda futuro.

Premillennialism foi, provavelmente, a perspectiva dominante para o período da igreja primitiva. Os cristãos dos três primeiros séculos tinha grande esperança de um rápido retorno de Cristo. Em vez de acreditar em um crescimento gradual do reino, que esperavam o eschaton começará com um evento cataclísmico. Justino Mártir, Irineu e vários outros teólogos início mantido essa teoria. Muito do milenarismo deste período - muitas vezes chamado de "chiliasm", da palavra grega para "mil" - tinha um gosto bastante sensual. O milênio seria uma época de abundância e fertilidade, renovação de terrenos e construção de uma Jerusalém glorificado.⁹ Isto tendeu a ofender a escola alexandrina de Clemente, Orígenes, e Dionísio. Um fator importante no declínio da chiliasm foi a vista para milênio de Agostinho discutimos anteriormente. Na Idade Média, premillennialism foi um pouco rara, muitas vezes restrita a seitas místicas.

Em meados do século XIX, PREMILLENNIALISM COMEÇOU A SE TORNAR POPULAR ENTRE OS CÍRCULOS CONSERVADORES. Isto foi em parte devido ao fato de que os liberais, quando eles tinham uma perspectiva sobre o milênio foram postmillennial, e alguns conservadores viu nada suspeito relacionado com o liberalismo. A crescente popularidade do sistema dispensacionalista de interpretação e escatologia também deu um impulso à premillennialism. Tem adesão considerável entre Batista conservador, grupos pentecostais e igrejas fundamentalistas independentes.

A passagem chave para premillennialism é Apocalipse 20: 4-6:

"Eu vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e fez justiça. E vi as almas daqueles que foram degolados por causa do testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos. Outros mortos não reviveram, até que os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; a segunda morte não tem poder sobre eles, mas eles serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos. "

O premillennial visto aqui é evidência de um período de mil anos, e duas ressurreições, uma no início e no final. Eles insistem em uma interpretação literal e consistente desta passagem. À medida que o mesmo verbo ἐξήσαν (ezēsan) -usado para referir as duas ressurreições, eles devem ser do mesmo tipo. Amilenistas e, de fato, o postmillennial muitas vezes são forçados a dizer que eles são de diferentes tipos. A explicação dada é que muitas vezes a primeira ressurreição é espiritual, isto é, a regeneração, enquanto o segundo é literal, física ou ressurreição corporal. Portanto, aqueles que tomam parte na primeira ressurreição também vai passar pelo segundo. No entanto, premillennial rejeitar esta interpretação, considerando-se insustentável. George Beasley-Murray observa que confusão e caos atribuído ao pensamento autor bíblico. Henry Alford torna alegou que, se uma ressurreição é uma vivificação espiritual

eo outro é um século física vivificante ". Em seguida, basta linguagem sem sentido, e as Escrituras são eliminados como a testemunha final para qualquer assunto" George Ladd diz que se ἔζησαν significa ressurreição corporal no versículo 5, isso deve significar a ressurreição corporal no versículo 4; se não, "perdemos o controle da exegese".

Todos estes estudiosos são sensíveis ao fato de que o contexto o significado das palavras pode mudar. No entanto, eles observam que, neste caso, os dois usos de ἔζησαν ocorrem em conjunto, e nada no contexto sugere nenhuma alteração no significado. Consequentemente, o que temos aqui são duas ressurreições do mesmo tipo, envolvendo dois grupos diferentes em um intervalo de tempo de mil anos. Parece também do contexto que aqueles que tomam parte na primeira ressurreição não no segundo. É "o resto dos mortos" (οἱ λοιποὶ τῶν νεκρῶν - *hoi loipoi nekron* Ton) aqueles que não vêm à vida até que tenham passado os mil anos. Embora não seja dito para vir à vida na época, ele deu a entender que ele vai. Há um contraste evidente entre aqueles que estão envolvidos na segunda ressurreição e aqueles envolvidos na primeira.

Também é importante observar a natureza do milênio. Enquanto postmillennial acreditam que o milênio será introduzido gradualmente, talvez até mesmo imperceptível, o premillennial antecipar um evento cataclísmico súbito. De acordo com a perspectiva premillennial, o reinado de Jesus Cristo será completa desde o início do próprio milênio. O mal terá sido virtualmente eliminada.

De acordo com premillennialism, portanto, o milênio não será uma extensão de tendências que já estão em operação no mundo. Em vez disso, haverá uma ruptura drástica com as condições existentes hoje. Por exemplo, haverá paz no mundo. Isto está muito longe da situação actual em que a paz mundial é certamente algo raro ea tendência é improvável que melhorar. Universal harmonia não é restrito para os seres humanos. Natureza, que tem sido "geme em dores de parto" aguardando sua redenção, será libertado da maldição da queda (Rm. 8: 19-23). Mesmo os animais vivem em harmonia uns com os outros;; e as forças destrutivas da natureza vai se acalmar (Is 06-07 novembro 65:25.). Os santos vai dominar o mundo com Cristo neste milênio. Embora a natureza exata de seu reinado não é explicado, recompensá-los por sua lealdade, vai participar com ele na glória que é seu.

Todos premillennial também antecipar que Israel terá um lugar especial no milênio. No entanto, eles discordam sobre a natureza deste lugar especial. Dispensationalists sustentam que Deus ainda tem uma aliança incondicional com Israel nacional, de modo que quando Deus completou suas relações com a igreja, mais uma vez retomar suas relações com Israel nacional. Jesus literalmente sentar-se no trono de David e governar o mundo a partir de Israel. Todas as profecias e promessas de Israel são atendidas através do milênio, que terá, portanto, um caráter judaico forte. Os dispensacionalistas não colocar muito menos ênfase em Israel nacional, dizendo que o lugar especial de Israel, sendo de natureza espiritual, será dentro da igreja. Muitos em Israel serão convertidos durante o milênio.

O premillennial também argumentam que o milênio será uma tremenda mudança sobre o imediatamente anterior, ou seja, a grande tribulação. A tribulação será um momento de turbulência sem precedentes e confusão, com distúrbios cósmicos, perseguição e grande sofrimento. Embora o premillennial discordam sobre se a igreja vai ou não estar presente durante a tribulação, eles não concordam que a situação do mundo será no seu pior momento certo ainda antes de Cristo vem para estabelecer o milênio, ou seja, pelo contrário, um período de paz e justiça.

Amilenismo

Amilenismo é, literalmente, a idéia de que não haverá milênio, não haverá reinado de Cristo na terra. O julgamento final ocorrerá imediatamente após a Segunda Vinda e directamente determinar qual é o estado final do justo eo ímpio. Amilenismo é mais

simples do que qualquer um dos outros que consideramos perspectiva. Os defensores argumentam que é feita por várias passagens escatológicas relativamente claras enquanto premillennialism é baseada principalmente em uma passagem e que também não é clara.

Apesar da simplicidade e clareza do princípio central da amillennialism, em muitos aspectos, é difícil de entender. É em parte porque, como sua recusa característica mais proeminente, suas lições positivas nem sempre são explicados. Às vezes, tem-se distinguido mais por sua rejeição de premillennialism que suas reivindicações. Além disso, para abordar a passagem problemática em Apocalipse 20: 4-6, Amilenistas sugeriram uma variedade de explicações. Uma às vezes se pergunta se essas explicações refletir a mesma visão de base ou são muito diferentes formas de compreender a literatura escatológico e apocalíptico. Por último, nem sempre foi possível distinguir amillennialism de postmillennialism como eles compartilham muitas características comuns. Na verdade, vários teólogos que não têm abordado as questões específicas que servem para distinguir as duas perspectivas, como Agostinho, João Calvino e antecessores BB Warfield-como foram reivindicados por ambos os lados. O que as duas perspectivas compartilham é a crença de que os "mil anos" de Apocalipse 20 deve ser tomado simbolicamente. Muitas vezes, ambos também argumentam que o milênio é a idade da igreja. Como eles diferem é na postmillennial, ao contrário Amilenistas eles argumentam que o milênio significa que haverá um reinado de Cristo na terra.

À luz dos problemas encontrados na tentativa de compreender o amilenismo, a sua história é difícil de traçar. Alguns historiadores da doutrina amillennialism encontrada na Epístola aos Barnabas, mas isso é algo que os outros tomam para concedido. É claro que Agostinho deve ou não ser classificado como amilenista, contribuiu para a formulação dessa imagem perspectiva de mil anos sugerindo é principalmente simbólico e não literal. Provavelmente, o pós-milenismo e amilenismo simplesmente não diferenciar para a maioria dos primeiros séculos dezoito da igreja. Quando postmillennialism começou a declinar na popularidade no século XX, EM GERAL, ELE FOI SUBSTITUÍDO POR AMILLENNIALISM COMO AMILLENNIALISM É MUITO MAIS PRÓXIMO DO POSTMILLENNIALISM PREMILLENNIALISM. Consequentemente, amillennialism provavelmente tem desfrutado de sua maior popularidade no período recente da Primeira Guerra Mundial.

Quando Amilenistas tentar Apocalipse 20, geralmente têm em mente o livro inteiro. Eles acreditam que o livro do Apocalipse consiste em várias seções, com sete o número mencionado com mais frequência. Estes sete seções não está tentando sucessivos períodos de tempo; em vez disso, eles são somatórios durante o mesmo período, o período entre a primeira ea segunda vinda de Cristo. Acredita-se que em cada uma destas seções o autor aborda os mesmos temas e elabora. Se assim for, Apocalipse 20 não se refere apenas ao último período da história da Igreja, mas é sim uma perspectiva especial em sua história.

Amilenistas também nos lembram que o livro do Apocalipse como um todo é muito simbólico. Eles observam que mesmo o mais fanático premillennial não tomar todo o livro de Apocalipse literalmente. Os copos, selos e trombetas, por exemplo, é geralmente interpretado como símbolos. Por simples alargamento deste princípio Amilenistas eles afirmam que os "mil anos" de Apocalipse 20 não podem ser interpretadas literalmente. Eles também observam que o milênio não é mencionado em nenhum outro lugar nas Escrituras.

A questão de saber se a imagem de que os mil anos deve ser tomado simbolicamente, não literalmente, o que ele simboliza? Muitos Amilenistas usado interpretação Warfield: "O número sagrado sete em combinação com o número igualmente sagrado três formas o número de santa perfeição, dez, e quando este está em cubos até dez mil, o profeta disse tudo você pode dizer para se comunicar com as nossas mentes a idéia de perfeição absoluta. "As referências a" mil anos "em Apocalipse 20, portanto, expressar a idéia de perfeição ou conclusão. No versículo 2, que representa a vitória absoluta de Cristo sobre

Satanás. No versículo 4 e sugere a glória perfeita dos redimidos na alegria céu no momento atual.

No entanto, o principal problema amillennialism exegética não é que os mil anos, mas as duas ressurreições. Entre a variedade de opções Amilenistas as duas ressurreições, o fator comum é uma negação do pedido premillennial que João está falando de duas ressurreições físicas que afetam a dois grupos diferentes. Amilenista A interpretação mais comum é que a primeira ressurreição é espiritual e o segundo corpo ou físico. Aquele que tem argumentado durante algum tempo esta é Ray Summers. A partir de Apocalipse 20: 6 (" Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição, a segunda morte não tem poder sobre eles") conclui que a primeira ressurreição é uma vitória sobre a primeira morte. Como é habitual nas discussões escatológicas consideram que a segunda morte é espiritual do que física, a primeira ressurreição também deve ser espiritual. A primeira morte, que não é mencionada, mas está implícito, certamente deve ser a morte física. Se este deve estar relacionada com a segunda ressurreição, como a segunda morte está relacionada com a primeira ressurreição, a segunda ressurreição deve ser física. A primeira ressurreição, então, é o novo nascimento; aqueles que experimentam não será condenado. A segunda ressurreição é a ressurreição corporal ou física normalmente temos em mente quando usamos a palavra ressurreição. Todos os que participam da primeira ressurreição também estão envolvidos no segundo, mas nem todo mundo que experimenta a segunda ressurreição terão participado no primeiro.

O mais comum a idéia de que a primeira ressurreição é espiritual eo segundo é crítica física premillennial é que não é consistente com a interpretação das mesmas condições (ἐξῆσαν) no mesmo contexto. Alguns Amilenistas aceitaram essa crítica e têm tentado desenvolver uma posição na qual as duas ressurreições são do mesmo tipo. James Hughes desenvolveu uma posição deste tipo. Premillennial aceita o ponto de que a primeira ea segunda ressurreição para ser entendida no mesmo sentido vista. No entanto, sugere um lógicas premillennialists possibilidade pode ter negligenciado: ambos podem ser ressurreições espirituais.

Hughes argumenta que Apocalipse 20: 4-6 é uma descrição de almas desencarnadas em um estado intermediário. Ele cita como prova o fato de que aqueles que estão envolvidos na primeira ressurreição são chamados de "almas" (v. 4). Além disso, alega que ἐξῆσαν deve ser interpretado não como um aoristo ingressive ("vir à vida"), mas aoristo como constativa ("viveram e reinaram com Cristo durante mil anos"). Conclui-se que a primeira ressurreição é a ascensão da alma justa para o céu e governar com Cristo; que não há nada aqui sobre o corpo de volta à vida. Aqueles que participam nesta ressurreição são a "vida". Em contraste os mortos "morto" não fazem parte da primeira ressurreição e sofrer a segunda morte (espiritual). Suas almas sobreviver a primeira morte (física), mas nunca mais voltar à vida. Embora ambos os grupos estão fisicamente mortos, o ex-são espiritualmente vivo durante os mil anos; o último não. Embora alguns comentaristas concluíram no versículo 5 ("restante dos mortos não reviveram, até que os mil anos".) Os mortos "morto" de volta à vida no final do milênio, Hughes joga oração segue "Eles não viveram durante os mil anos, ou desde então." Assim que sobre a segunda ressurreição? Hughes considerado muito significativo que o termo "segunda ressurreição", que tem a ver com a sobrevivência das almas dos justos e os ímpios durante o estado intermediário, e não em Apocalipse 20. Ao contrário da primeira ressurreição, a fim Por conseguinte, o segundo é quase hipotética. No entanto, como o primeiro, é de natureza espiritual. Portanto, Hughes foi capaz de interpretar as duas ocasiões em que aparece ἐξῆσαν de forma consistente.

Outra característica do amilenismo é um conceito mais geral da profecia, especialmente a profecia do Antigo Testamento, o que é em premillennialism. Temos notado que o premillennial tendem a interpretar a profecia bíblica literalmente. Por outro lado, muitas vezes eles tentam Amilenistas profecias como histórica ou simbólica e não

como algo futuro. Como regra geral, a profecia tem um lugar muito menos importante no pensamento amilenista premillennial.

Finalmente, devemos notar que não o amillennialism muitas vezes mostram otimismo postmillennialism típico. Você pode acreditar que o evangelho será bem-sucedida, mas um grande sucesso a este respeito não é necessário dentro do esquema amilenista, uma vez que não se espera um reino literal de Cristo, nem a vinda do reino, antes da vinda do rei. Isso fez com que a perspectiva mais credível amilenista o postmillennial no século xx. Isso não significa que o amilenismo é tão premillennialism quando esperar uma deterioração significativa nas condições antes de ocorrer a Segunda Vinda. No entanto, não há nada no amillennialism para excluir essa possibilidade. E não haverá milênio antes da segunda vinda, o retorno do Senhor pode estar próximo. No entanto, para a maior parte, Amilenistas não envolvido nesse tipo de ansioso para sinais da segunda vinda, que muitas vezes caracteriza a pesquisa premillennial.

Resolver problemas

Agora vamos abordar a questão do que é a posição sobre o milênio, devemos adotar. Os problemas são grandes e complexos, mas analisando cuidadosamente pode ser reduzida para relativamente poucos. Temos observado ao longo deste livro que a teologia, como outras disciplinas, muitas vezes incapazes de encontrar um ponto de vista que é apoiado de forma conclusiva para todos os dados. O que fazer nessas situações é encontrar uma que coloca menos dificuldades do que a alternativa.

Perspectiva postmillennial tem muito menos apoio no período atual do que teve no final do século XIX século e início XX. Isto por si só não deve persuadir-nos a rejeitar esta posição. No entanto, devemos procurar as razões para o declínio do pós-milenismo, porque eles podem ser decisivos para as nossas conclusões. Aqui devemos notar que o otimismo postmillennialism sobre a proclamação do evangelho parece maneira um tanto injustificada. Houve um declínio na evangelístico e missionário sucesso. Em algumas partes do mundo, a percentagem de pessoas que realmente praticar a fé cristã é muito baixa. Além disso, muitos países muçulmanos estão fechados para missionários cristãos esforços convencionais. Além disso, não devemos ignorar que, em algumas partes do mundo, especialmente na África e na América do Sul, o Cristianismo está crescendo, e está começando a atingir um nível de maioria. Mesmo alguns países que antes eram comunistas estão agora abertas aos missionários. Quem sabe o que as mudanças de fortuna esteja para pregar o evangelho?

Há também uma forte base bíblica para rejeitar a postmillennialism. O ensinamento de Jesus sobre grandes males ea fé de muitos esfriará antes de vir parece entrar em conflito com o otimismo pós-milenial. A ausência nas Escrituras para uma descrição clara de um reino de Cristo na terra sem a sua presença física parece ser um outro grande ponto fraco desta posição.

Isto deixa-nos com uma escolha entre amillennialism e premillennialism. A questão resume-se às referências bíblicas para o milênio: há o suficiente para adotar a base visão mais complicado, premillennial, o mais simples, amilenista? Costuma-se argumentar que todo o conceito premillennial é baseado em uma única escritura, e que qualquer doutrina deve ser baseada em uma passagem simples. Mas se uma perspectiva pode explicar melhor do que outra referência, e ambas as perspectivas que explicam o resto das Escrituras relativamente igualmente bem, então a primeira deve ser considerada mais apropriada do que o último.

Notamos que não há passagens bíblicas que premillennialism não pode segurar, ou não pode explicar adequadamente. Além disso, temos visto que as referências a duas ressurreições (Rev .. 20) oferecem dificuldades Amilenismo. Suas explicações que aqui temos dois tipos diferentes de ressurreições ou duas ressurreições espirituais forçar os

princípios normais de hermenêutica. A posição pré-milenarista parece mais forte neste momento.

A interpretação premillennial não se baseia em uma passagem da Bíblia. Vestígios de que são encontrados em vários lugares. Por exemplo, Paulo escreve: "Pois como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados. Mas cada um por sua ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua vinda. Depois virá o fim, quando ele entregar o reino a Deus o Pai, quando houver destruído todo domínio, e toda autoridade e poder "(1 Coríntios 15: 22-24). Paulo usa advérbios *ἔπειτα* (*epeita* -v. 23) e *εἶτα* (*eita* -v. 24) indicando seqüência temporal. Ele poderia ter usado o advérbio *τότε*(*tote*) para indicar eventos simultâneos, mas não o fez. Parece que, assim como a primeira vinda e da ressurreição de Cristo eram diferentes eventos separados pelo tempo, por isso haverá uma lacuna entre a segunda vinda e do fim.²⁴ Devemos também observar que, enquanto ele fala explicitamente das duas ressurreições apenas em Apocalipse 20 há outras passagens que sugerem tanto uma ressurreição de um seletor grupo (Lucas 14:14 ;. 20:35; 1 Coríntios 15:23; Filipenses 3:11; .. 1 Tessalonicenses 4:16) ou a ressurreição em duas etapas (Daniel 12: 2; Jo 5:29 ..). Em Filipenses 3:11, por exemplo, Paulo fala de sua esperança de chegar Literalmente, a frase lê "saindo da ressurreição dentre os mortos" ("a ressurreição dentre os mortos". *Τὴν ἐξανάστασιν τὴν ἐκ νεκρῶν* - *Ten exanastasin Dez nektrōn* EK). Note-se especialmente a predefinição preposição e plural. Estes textos se encaixam bem com o conceito das duas ressurreições. Assim, julgamos que a perspectiva premillennial é mais adequada do que a amilenista.

Perspectivas sobre a tribulação

Um problema adicional é a relação do retorno de Cristo para os eventos complexos conhecidos como o Apocalipse. Na teoria, tudo o que permanecerão premillennial uma grande perturbação sete anos (este valor não deve ser tomada literalmente) antes da vinda de Cristo. A questão é se haverá uma igreja separada do mundo antes da grande tribulação ou suportar a tribulação da igreja e reunir-se com o Senhor só depois de vinda. A idéia de que Cristo vai levar a igreja antes da grande tribulação é chamado pretribulationism; a idéia de que a igreja depois da tribulação será chamado posttribulationism. Existem também algumas posições intermédias que são brevemente mencionadas no final do capítulo. Na prática, estas distinções só fazem o pré-milenarista, que tendem a prestar mais atenção aos detalhes do fim do tempo que os defensores do postmillennialism ou amilenismo.

Pretribulationism

Pretribulationism mantém várias idéias distintas. A primeira tem a ver com a natureza do problema. Certamente será uma *grande* tribulação. Eschatologists enquanto outros enfatizam as dificuldades e perseguições vividos pela Igreja ao longo da história, destacando pretribulationists tribulação como especial. Será algo sem precedentes na história. Será um período de transição que termina relacionamento de Deus com os gentios e se preparar para o Milênio e os eventos que ocorrem nele. O problema não tem que entender de forma alguma como um tempo para a disciplina de crentes ou a purificação da igreja.

Uma segunda idéia importante pretribulationism é o arrebatamento da igreja. Cristo virá no início do Apocalipse (ou realmente, apenas quando você iniciá-lo) para ser a igreja no mundo. Esta vinda será secreto em um sentido. Sem olhos do crente vê-lo. O arrebatamento é descrito em 1 Tessalonicenses 4:17 "Então, nós que estamos vivos, que são deixados, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor". Nota Cristo no

arrebatamento não literalmente descer à terra, como ele vai quando você vem para a igreja no final da tribulação.

Portanto pretribulationism sustenta que há duas fases da vinda de Cristo, ou pode-se mesmo dizer duas vindas. Também haverá três ressurreições. A primeira será a ressurreição dos justos mortos no arrebatamento, porque Paulo ensina que os crentes que estiverem vivos não precederemos os que estão mortos. Após o fim da tribulação, haverá uma ressurreição daqueles santos que morreram durante a tribulação. Finalmente, no final do milênio, haverá uma ressurreição dos incrédulos.

Tudo isso significa que a igreja vai estar ausente durante a tribulação. Neste é o êxtase, em libertar a igreja de tribulação. Podemos esperar que o lançamento, porque Paul prometeu aos Tessalonicenses não sentir raiva que Deus iria cair sobre os incrédulos: "Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançarmos a salvação por nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Ts 5. : 9); "Jesus ... nos livra da ira vindoura." (1 Ts. 1:10).

Mas o que dizer das referências em Mateus 24 que indicam que alguns dos eleitos estará presente durante a tribulação? Devemos entender que a pergunta dos discípulos sobre o que seria o sinal da vinda de Jesus eo fim da idade (24: 3; cf. Atos 1: 6) ocorreu dentro de um contexto judaico. E de acordo com isto, a discussão de Jesus aqui refere-se principalmente para o futuro de Israel. Significativamente, o Evangelho usar o termo geral "eleitos" em vez de "igreja", "corpo de Cristo" ou qualquer expressão similar. Eles são judeus selecionado, não a igreja, quem vai estar presente durante a tribulação. A distinção entre Israel ea igreja é um papel decisivo e crucial do pré-tribulacionismo, que está intimamente ligada com o dispensacionalismo. Tribulação como a transição entre o principal tratamento que Deus tem com a igreja para restaurar a relação original que teve com o seu povo escolhido, Israel é considerado nacional.

Em pretribulationism também coloca uma forte ênfase na volta do Senhor é iminente. Desde o seu regresso irá preceder a Tribulação, nada continua por cumprir antes do arrebatamento. Na verdade, o dispensacionalismo sustenta que todas as Escrituras proféticas que lidam com a igreja se cumpriram no primeiro século. Além disso, alguns fundo geral do curso eschaton você pode ver agora: a fé de muitos está desaparecendo e do mal está crescendo. (Na verdade, estes são os registros da vinda de Cristo no fim da tribulação. Que alguns deles já estão ocorrendo sugere um novo aumento desses fenômenos). Sua vinda para a igreja, então, poderia ocorrer a qualquer momento, mesmo no instante seguinte.

Jesus advertiu seus ouvintes que eles eram vigilantes, porque não sabia quando ele voltaria (Mateus 25:13). A parábola das dez virgens expressa essa mensagem. Como no tempo de Noé não haverá sinais de alerta (Mateus 24: 36-39). Os ímpios não sabia de nada até que veio o dilúvio, e os levou. A vinda do Senhor será como um ladrão de noite (Mateus 24:43), ou como o homem que retorna para casa para uma hora inesperada (Mateus 24: 45-51). Haverá uma separação súbita. Dois homens estarão trabalhando no campo; Duas mulheres estarão moendo no moinho. Em cada caso, uma será tomada ea outra deixada. O que poderia ser mais clara descrição do arrebatamento? Como pode acontecer a qualquer momento, é mais adequado para permanecer atividade vigilante e diligente.

Existem outros motivos para crer que o retorno de Cristo é iminente. A igreja pode ter um bem-aventurada esperança (Tit. 2:13) somente se o próximo grande evento que vai acontecer é a vinda de Cristo. Se o Anticristo eo Apocalipse foram os seguintes pontos da agenda escatológica Paul teria dito a igreja que esperar sofrimento, perseguição e sofrimento. Mas em vez disso, ele instruiu os tessalonicenses a ser mutuamente alentases ao fato da Segunda Vinda de Cristo (1 Ts. 4:18). Como o próximo evento, a igreja pode esperar com esperança, é a vinda de Cristo para a igreja, não há nada que possa impedir que isso aconteça a qualquer momento.

Finalmente, pretribulationism sustenta que haverá pelo menos dois ensaios. A igreja será julgado após o arrebatamento e vai premiar pela fidelidade. No entanto, a igreja não

será envolvido na separação das ovelhas e cabras no final do milênio. Seu status terá sido determinado.

Posttribulationism

Os posttribulationists sustentam que a vinda de Cristo para Sua igreja não acontecer até o final do Apocalipse. Evite usar o termo *arrebatamento* porque (1) não é uma expressão bíblica e (2) sugere que a igreja vai fugir ou ser libertado da tribulação, uma idéia que vai contra a essência da posttribulationism.

A primeira característica de posttribulationism é uma interpretação menos literal dos eventos dos últimos tempos do que pretribulationists. Por exemplo, ao tomar a palavra pretribulationists שַׁבּוּעַ (Shabua') em Daniel 9:27 como uma indicação de que o Apocalipse vai, literalmente, de sete anos, a maioria dos posttribulationists só digo que a tribulação irá durar por um período substancial de tempo. Da mesma forma, pretribulationists geralmente têm um entendimento concreto do milênio; do seu ponto de vista, muitas profecias foram literalmente cumpridas dentro do período de mil anos. Na verdade, este período será aberto quando os pés estão literalmente afirmar Cristo no Monte das Oliveiras (Zc. 14: 4). A maneira que nós temos que entender as posttribulationists do milênio é a natureza mais geral; por exemplo, não será necessariamente durar mil anos.

De acordo com posttribulationists, a igreja estará presente durante a Grande Tribulação e experiência. O termo *escolhido* a partir de Mateus 24 (depois da tribulação anjos se reúnem escogidos- vv. 29-31) deve ser entendida à luz de seu uso em outras partes das Escrituras, onde ela significa "crentes". Desde Pentecostes, o termo *escolhido* Ele tem denotado a igreja. O Senhor preserva a igreja durante a tribulação, mas não exclui-lo.

O postmillennial estabelecer uma distinção entre ira e tribulação de Deus. Anger (ὀργή - *Orge*) de Deus, as Escrituras dizem que cai sobre os perversos ", aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele (João 3:36). ; "A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade" (Rm 1:18; ver também 2 Tessalonicenses 1: 8 ..; Apocalipse 6: 16-17; 14:10; 16:19; 19:15). Além disso, os crentes não vão sofrer a ira de Deus "para ele [Cristo], seremos salvos da ira [de Deus]" (Rom. 5: 9); "Jesus ... nos livra da ira vindoura" (1 Tessalonicenses 1:10.); "Deus não nos destinou para a ira" (1 Ts 5: 9.). No entanto, a Escritura deixa claro que os crentes experimentarão tribulação. A grande maioria das ocasiões quando o nome aparecer θλίψις (thlipsis) eo verbo correspondente θλίβω (thlibo) refere-se aos santos sofrer tribulação. O nome é usado para denotar a perseguição dos santos no fim dos tempos (Mt. 24: 9., 21, 29; Marcos 13:19, 24; Rev. 7:14). Esta não é a ira de Deus, mas a ira de Satã, o Anticristo e do mal contra o povo de Deus.

Tribulação a igreja sofreu ao longo de sua história. Jesus disse: "No mundo tereis aflições" (João 16:33.). Outras referências importantes são Atos 14:22; Romanos 5: 3; 1 Tessalonicenses 3: 3; 1 João 2:18, 22; 4: 3 e 2 João 7. Embora posttribulationists não negar uma distinção entre tribulação geral e grande tribulação, acreditam que a diferença é apenas em grau, não de tipo. Como a igreja tem experimentado tribulação ao longo de sua história, não é de estranhar que também experimentar a grande tribulação.

Os posttribulationists reconhecer que a Escritura fala de crentes que escapam ou ser removidos de problemas iminentes. Em Lucas 21:36, por exemplo, Jesus diz aos seus discípulos: "Vigiai, pois, e orar sempre para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas a acontecer, e estar em pé diante do Filho do homem. "A palavra aqui é ἐκφεύγω (ekpheugo) que significa" fora do centro "Uma referência semelhante é encontrada em Apocalipse 03:10." Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da prova para vir sobre o mundo inteiro para tentar os

que habitam sobre a terra. "A preposição traduzida como" da "realmente significa" médio ". Portanto, posttribulationists argumentam que a igreja vai estar longe do centro da tribulação , que não vai impedi-lo, pois isso normalmente exigirá a preposição ἀπό (apo). A este respeito, a experiência nos faz lembrar os israelitas durante as pragas do Egito.

Importância adicional em Apocalipse 03:10 é o verbo τηρέω (*Tereus* - "hold"). Quando se tem diante de si uma situação perigosa, que significa "salvar". Aparece com a preposição ἐκ única em outras partes do Novo Testamento, João 17:15: "Eu não quero que rezeis para fora do mundo, mas para protegê-los do mal. "Este τηρέω contrastado com αἶρω (com raiva), que significa "levantar, carregar ou removido. "A última palavra expressa adequadamente o que pretribulationists argumentam que Jesus fez com a igreja no momento do arrebatamento. É verdade, Jesus aqui está falando sobre a situação de seus seguidores no período imediatamente após a sua saída da terra, não da tribulação. No entanto, o fato é que, se John tinha queria ensinar em Apocalipse 03:10 que Jesus "arrebatou" a igreja, o verbo αἶρω estava disponível. O apóstolo aparentemente tinha em mente aqui como no último semestre de João 17:15, manter crentes perigo do que a versão atual da presença de um tal perigo.

O posttribulacionista também tem uma maneira diferente de referência de Paulo em 1 Tessalonicenses 4:17 que recebemos o Senhor nos ares. O pretribulacional sustenta que este evento é o arrebatamento; Cristo virá secretamente *por* a igreja, levando com ele os crentes nas nuvens e levá-los para o céu para o final da Tribulação. No entanto, posttribulationists como George Ladd, como o termo ἀπάντησις (*apantesis* - "receber") em outras partes das Escrituras, discordam. Existem apenas duas outras ocasiões inegáveis ​​que esta palavra aparece no Novo Testamento (Mateus 27:32 é, literalmente, suspeito). Uma dessas referências é a parábola das virgens sábias e insensatas, uma parábola explicitamente escatológica. Quando o noivo chega, ele anuncia: "Vem aqui o noivo para se encontrar com ele [ἀπάντησις - *apantesis*]" (Mt. 25: 6). O que significa a palavra nessa situação? Virgins não saem ao encontro do noivo e, em seguida, ir com ele. O que eles fazem é sair para encontrá-lo, e depois acompanhá-lo de volta para a festa de casamento. A outra ocorrência da palavra (At. 28:15) está em uma narrativa histórica não-escatológica. Paul e seu grupo foi para Roma. Um grupo de crentes em Roma ouviu a aproximação de Ápio e as Três Tavernas para atingi-los (ἀπάντησις). Isso encorajou Paulo, eo grupo então foi com ele para Roma. Com base nesses usos, Ladd argumenta que a palavra ἀπάντησις sugere uma festa de boas vindas que vem para cumprimentar alguém no caminho e depois acompanhá-lo de volta ao lugar de onde vieram. Assim, o nosso encontro com o Senhor nos ares, não é um caso para ser trazido, mas encontrá-lo e retornar imediatamente com ele para a Terra como parte de sua comitiva triunfante. É a igreja, não o Senhor, aquele que vai virar-se no momento da reunião.

Os posttribulationists tem uma maneira de entender as coisas passadas menos complexa do que suas contrapartes pretribulationists. Por exemplo, no posttribulationism só existe uma segunda vinda. Como existe um intervalo entre a vinda de Cristo para a Igreja e ao final da tribulação, não há necessidade para uma ressurreição adicional de crentes. Existem apenas duas ressurreições (1) a ressurreição dos crentes no final da tribulação e no início do milênio e (2) a ressurreição dos ímpios no final do milênio.

Os posttribulationists também ver o complexo de eventos terminar como basicamente unidade. Eles acreditam que este complexo de eventos é iminente, embora geralmente não acho que está vindo é iminente no sentido de que isso vai acontecer a qualquer momento. Eles preferem falar sobre a segunda vinda de perto. Bendita esperança não é uma esperança de que os crentes são removidos da terra antes da grande tribulação, mas a confiança de que o Senhor os proteja e os cuidados para os crentes, não importa o quê. ³⁸

Posições intermediárias

Como existem dificuldades relacionadas tanto pretribulationism como posttribulationism, eles criaram uma série de posições intermediárias. Você pode apontar para três variedades principais. O mais comum é a perspectiva mediotribulacionista. Sustenta que a igreja vai passar pelo menos severa da Tribulação (que é geralmente a primeira parte, ou os três primeiros anos), mas, em seguida, será levado deste mundo. Em um desenvolvimento desta perspectiva, a igreja vai experimentar tribulação, mas será levado perante a ira de Deus é desencadeada. Um segundo tipo de posição intermediária é a idéia do arrebatamento parcial. Esta idéia sustenta que haverá um número de fragmentos. Sempre que um grupo de crentes estão prontos, será tirado da terra.⁴⁰ A terceira posição intermédia é posttribulationism iminente. Enquanto o retorno de Cristo não ocorrerá até que depois da tribulação, você pode esperar que isso aconteça a qualquer momento, porque a tribulação já pode estar acontecendo. Nenhuma destas posições intermediárias tem muitos defensores, particularmente nos últimos anos. Por que não discuti-los em detalhe.⁴²

Resolver problemas

Quando todas as considerações são avaliadas, há várias razões pelas quais a posição posttribulacionista parece ser a mais provável:

1. A posição pré-tribulação faz várias distinções que parecem bastante arbitrária e falta de apoio bíblico. A divisão de segunda vinda em duas fases, a nomeação de três ressurreições e da estrita separação entre Israel nacional ea igreja são difíceis de sustentar como uma base bíblica. Pretribulational perspectiva de que as profecias sobre Israel será cumprida igreja nacional independente e, portanto, o milênio terá um caráter decididamente judaica não é facilmente conciliável com a descrição bíblica das mudanças fundamentais que aconteceram com a introdução de nova aliança.

2. Várias passagens escatológicas específicos são melhor interpretados a partir do ponto de vista posttribulacionista. Essas passagens incluem indicações de que indivíduos eleitos estará presente durante a tribulação (Mateus 24: 29-31), mas estará protegido contra gravidade (. Rev 3:10), as descrições dos fenômenos que acompanham o aparecimento de Cristo, e a referência para o encontro nos ares (1 Ts. 4:17).

3. A tendência geral do ensino bíblico é melhor perspectiva posttribulacionista ajustado. Por exemplo, o Bíblia está cheia de advertências sobre os desafios e testes para que os crentes terão de suportar. Sem promessas iam ficar longe dessas adversidades, mas promete a força para aguentar e vencê-los.

Isso não quer dizer que há dificuldades em perspectiva posttribulacionista. Por exemplo, há relativamente pouca justificativa posttribulationism para o milênio. Parece ser supérfluo em certo modo. Mas ainda assim, o balanço das evidências favorece a posttribulationism.

60. estados finais

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Reconhecer e descrever os dois estados finais da humanidade que foram claramente reveladas nas Escrituras.
- Identificar e definir o céu em relação ao estado final dos justos.
- Identificar e definir a punição do julgamento futuro.

- Reconhecer e compreender o impacto da doutrina dos estados finais e como se relaciona com a vida atual dos cristãos.

Resumo do capítulo

O futuro estatuto do humano individual é em grande parte determinado pelas decisões tomadas na vida presente. Essas decisões afetam o destino de cada indivíduo para a eternidade. Para os justos, o resultado é a vida eterna na presença de Deus. Para os ímpios, o castigo é eterno ser privado da presença de Deus para sempre. O julgamento dos justos e os ímpios também terá graus de recompensa e punição.

Questões de estudo

1. O que é o julgamento final e que o torna tão importante para a teologia cristã?
2. Como é o termo usado *céu* nas Escrituras, e por isso que existem tantos usos diferentes do mesmo?
3. Na teologia cristã, por que é tão importante acreditar no inferno e compreender suas implicações?
4. O que a punição dos ímpios, como sugerido nas Escrituras?
5. Como é que suas opiniões pessoais sobre o estatuto final afetar sua teologia?

Estado final dos justos

O termo "céu"

A natureza do céu

Nossa vida no céu descanso, adoração e serviço

Questões céu

Fim do estado ímpios

O futuro definitivo julgamento

A eternidade de castigo futuro

Graus de punição

Implicações da doutrina dos estados finais

Quando falamos sobre os estados finais, em certo sentido, estamos voltando para a discussão da escatologia indivíduo, porque no julgamento de cada indivíduo será atribuída a uma condição particular experimentar pessoalmente por toda a eternidade. No entanto, toda a raça humana vai entrar nesses estados simultaneamente e em conjunto, por isso estamos realmente lidando aqui também com questões de escatologia coletiva ou cósmica. A questão do futuro estatuto é aquela que se presta à especulação e confusão. Por isso surpreendente que relativamente pouco tem sido dito em textos de teologia sistemática sobre estes temas, em particular sobre a questão do céu.

Estado final dos justos

O termo "céu"

Existem várias maneiras de designar o futuro estatuto do justo. O mais comum, é claro, é "céu". No entanto, o termo em si precisa ser examinado porque שָׁמַיִם (Shamayim) e οὐρανός (ouranos) são usados basicamente de três maneiras diferentes na Bíblia. O primeiro é cosmológica. A expressão "o céu ea terra" (ou "céu e terra") é usado para designar o universo inteiro. Na história da criação nos é dito: "No princípio Deus criou os céus ea terra" (Gênesis 1: 1). Jesus disse: "Porque em verdade

vos digo: antes que passem o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo se cumpra" (Mateus 5:18; veja também 24:35; Lc. 16:17). Refere-se ao Pai como "Senhor do céu e da terra" (Mateus 11:25). Heaven (οὐρανός) é o firmamento em que as estrelas são (24:29), ar (Mt. 06:26), o local onde o relâmpago (Lc. 17:24) e chuva (Lc origina. 4:25). O segundo significado de "céu" é quase sinônimo de Deus. Exemplos disso são a confissão do filho pródigo a seu pai: (Lucas 15:18, 21); "Pai, pequei contra o céu e contra ti." a questão de Jesus aos fariseus: "O batismo de João, donde era? Do céu ou dos homens" (Mateus 21:25); ea declaração de João Batista, "John respondeu: Ninguém pode receber nada, a menos que lhe for dada do céu" (Jo 3:27.). Mais notavelmente, Matthew repetiu a frase "reino dos céus", como Lucas, em passagens paralelas têm uso "reino de Deus." Escrevendo para um público judeu, não pronunciar o nome *Yahweh* Mateus usou o "céu" como sinônimo de Deus.

O terceiro significado da palavra *céu*, *eo mais importante para os nossos propósitos, é a morada de Deus*. Assim, Jesus ensinou seus discípulos a orar: "Pai nosso que estás nos céus" (Mateus 6: 9). Ele falou muitas vezes de "o vosso Pai que está nos céus" (Mateus 5:16, 45; 6: 1; 07:11; 18:14) e "Meu Pai que está nos céus" (Mt. 07:21 ; 10:32, 33; 00:50; 16:17; 18:10, 19). A expressão "Pai celestial", expressa a mesma idéia (Mt. 5:48; 6:14, 26, 32; 15:13; 18:35). Diz-se que Jesus veio do céu: ". Ora, ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem, que está nos céus" (João 3:13; veja também 3:31; 6:42, 51) . Os anjos vêm do céu (Mat. 28: 2; Lucas 22:43) e voltar para o céu (Lucas 2:15.). Eles vivem no céu (Marcos 13:32), onde contemplar a Deus (Mateus 18:10) e realizar a vontade do Pai perfeitamente (Mateus 6:10). Mesmo referido como exército celestial (Lc. 2:13) é feita.

É do céu, onde Cristo (1 Tessalonicenses 1:10; 4:16; 2 Tessalonicenses 1: 7.) manifesto. Ele foi para o céu para preparar um lar eterno para os crentes. Nós não sabemos a natureza precisa dessa atividade, mas é claro que ele está preparando um lugar onde os crentes estão em comunhão com ele: "Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse, eu vos teria dito; Pois vou preparar-vos lugar. E se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também" (Jo 14: 2-3.).

Como morada de Deus, o céu é, obviamente, onde é que os crentes para a eternidade. Para Paulo disse: "Então, nós que estamos vivos, que são deixados, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor" (1 Tessalonicenses 4:17.). Sabemos que este Senhor com o qual estamos sempre no céu, na presença do Pai: "Eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus" (Jo 20:17, ver também Atos 1: 10.. 11). Ele agora está lá: "Porque Cristo não entrou num santuário feito por homens do verdadeiro, mas no próprio céu, para agora comparecer por nós perante Deus" (Hebreus 9:24.). Consequentemente, estar com Cristo é estar com o Pai no céu. O crente deve estar preparado para o céu: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não roubam" (Mateus 6: 19-20). Pedro escreve que os crentes foram regenerados "para uma herança incorruptível, imaculada, e imarcescível, reservada nos céus para vós, que sois guardados pelo poder de Deus mediante a fé, para a salvação preparada para revelar ao longo do tempo fim" (1 Pedro 1: 4-5). Paul semelhante fala de "a esperança que está guardada no céu" (Colossenses 1: 5) e de um futuro momento em que todas as coisas no céu e na terra estará unida em Cristo, Deus tem uma vontade " para unir todas as coisas em Cristo, na plenitude do tempo estabelecido, tanto as que estão no céu e as da terra" (Ef. 1:10).

A natureza do céu

O céu é a presença, em primeiro lugar de Deus. Em Apocalipse 21: 3 o novo céu se assemelha ao tabernáculo, o lugar onde Deus tinha vivido em Israel do Antigo Testamento: a grande voz do trono, dizendo: "O tabernáculo de Deus com os homens. Ele habitará com eles, eles serão o seu povo eo próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. "A intenção de Deus desde o início, para comungar com os seres humanos, levou-o a criar a primeira raça humana, então a morar no tabernáculo eo templo, encarnação mais tarde e, finalmente, ser humano com ele (o céu). Às vezes, especialmente em apresentações populares, céu principalmente como um lugar de grandes prazeres físicos, um lugar onde tudo que você tem mais desejado aqui na terra será cumprida ao mais alto grau é mostrado. Assim, o céu parece ser puramente condições terrenas (mesmo mundanas) expandidas. No entanto, a perspectiva correta é ver a natureza básica do céu como a presença de Deus, da qual todas as bênçãos do céu são derivados.

A presença de Deus significa que vamos ter um perfeito conhecimento. Neste contexto, a tradição católica tem dado muita importância à idéia de que no céu teremos uma visão beatífica de Deus. Mas talvez seja um pouco exagerado esse conceito em si, que capta a verdade importante que primeiro ver e conhecer a Deus diretamente. Paulo diz que agora ", em parte conhecemos e em parte profetizamos;mas quando chega o perfeito, então o que é em parte será feito ... Agora, vemos como em espelho, obscuramente; mas então veremos face a face. Agora, conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido "(1 Coríntios 13: 9-12). João fala do efeito da presença de Deus no crente vai "Amados, agora somos filhos de Deus e ainda não se manifestou o que havemos de ser: mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é "(1 Jo. 3: 2).

O céu também é descrito como a eliminação de todos os males. Estar com o seu povo "Deus enxugará toda lágrima de seus olhos; e não haverá mais morte, nem haverá luto, nem clamor, nem dor, porque as primeiras coisas são passadas "(Apocalipse 21: 4). A fonte do mal, que nos tenta a pecar, há também será ido, "E o diabo que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta eo falso profeta; Eles serão atormentados dia e noite para todo o sempre. "(Apocalipse 20:10). A presença do Deus perfeitamente santo e do Cordeiro sem mancha, significa que não há pecado ou mal de qualquer espécie.

Como a glória vem da própria natureza de Deus, o céu será um lugar de grande glória. O anúncio do nascimento de Jesus foi acompanhada pelas palavras: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra, boa vontade para com os homens" (Lucas 2:14.). Palavras semelhantes foram ditas em sua entrada triunfal em Jerusalém: "Bendito o Rei que vem em nome do Senhor! A paz no céu e glória nas alturas! "(Lc. 19:38). A segunda vinda de Cristo será, em grande glória (Mateus 24:30), e vai sentar-se no seu trono de glória (Mateus 25:31). Jesus disse à multidão que viria "na glória de seu Pai, com os santos anjos" (Mc. 08:38). Imagens que sugerem a grande luz brilhante ou descrevem o céu como um lugar de esplendor inimaginável, grandeza, excelência e bondade. A nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus é descrito como feito de ouro puro (até mesmo as ruas são de ouro puro) e decorados com pedras preciosas (Apocalipse 21: 18-21).. É provável que, mesmo na visão John está usando metáforas das coisas que consideramos esplendor real mais valioso e mais bonita do céu ultrapassa tudo o que vivemos. Não deve haver sol nem de lua para iluminar a nova Jerusalém, "para a glória de Deus a tem alumiado, eo Cordeiro é a sua lâmpada" (Ap 21:23, ver também 22: 5).

Nossa vida no céu descanso, adoração e serviço

Dizem-nos relativamente pouco sobre as atividades desenvolvidas os redimidos no céu, mas nós temos vislumbres do que será a nossa existência futura. A qualidade de nossa vida futura no céu é resto. O autor da carta aos Hebreus atribui grande importância a este item. Resto, como o termo é usado em hebraico, não é meramente uma cessação de

atividade, mas a experiência de se chegar a um objetivo de grande importância. Portanto, há referências frequentes à peregrinação através do deserto em busca do "resto" da terra prometida (Heb. 3:11, 18), cuja realização marcou o fim de um processo extremamente difícil e trabalhoso. Um descanso semelhante prevista para os crentes: "Portanto resta ainda um repouso para o povo de Deus, pois aquele que entrou no descanso de si mesmo também descansou de suas obras, como Deus das suas. Portanto, a Esforcemo-nos entrar naquele descanso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência" (Heb. 4: 9-11). As pessoas do que aqui são os "santos irmãos, participantes da vocação celestial" (3: 1). Céu, então, será a conclusão de peregrinação cristã, para a luta contra a carne, o mundo eo diabo. Haverá trabalho a fazer, mas haverá luta contra forças opostas.

Outra faceta da vida no céu é o louvor. A imagem viva é encontrada em Apocalipse 19:

"Depois disso eu ouvi uma grande voz, como de uma grande multidão no céu, dizendo: Aleluia! A salvação, honra, glória e poder pertencem ao Senhor nosso Deus, porque os seus juízos são verdadeiros e justos, pois julgou a grande prostituta que corrompia a terra com a sua prostituição, e vingou o sangue dos seus servos para sua mão '. Novamente eles disseram: 'Aleluia! Sua fumaça ascender para fora para todo o sempre '. Em seguida, os anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus que está assentado no trono. Eles estão dizendo: 'Amém! Hallelujah '. "(Vv. 1-4).

Após a voz trono exortou a multidão a louvar a Deus (v 5), e eles fizeram (vv. 6-8).

Nós encontrar histórias semelhantes em outras partes das Escrituras. Por exemplo Isaías descreve a visão que teve do Senhor sentado num trono alto e sublime. Seraphim deu voz a outro ditado: "Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos! Toda a terra está cheia da sua glória" (Isaías 6: 3).!. A partir dessas descrições do céu, parece que os moradores adorar e louvar a Deus regularmente. Consequentemente, podemos esperar que os redimidos se juntar a eles em uma atividade semelhante após a vinda do Senhor, o grande julgamento eo estabelecimento de Seu reino celestial. Aqui, os fiéis genuíno continuar a atividade começou em terra. Nossa louvor e adoração aqui e agora são preparação e prática para o futuro emprego de nossas vozes e corações.

Obviamente haverá um elemento do serviço no céu. Porque quando Jesus estava na região da Judéia, além do Jordão, ele disse aos seus discípulos que iria julgá-lo, "Em verdade vos digo, na regeneração, quando o Filho do homem senta-se no seu trono glorioso, vocês que Tenho seguido, você também vai se sentar em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Mateus 19:28). Em seguida, na Última Ceia, ele disse: "Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas provações. Eu vo-lo um reino, como meu Pai designou para mim, para que possais comer e beber à minha mesa no meu reino, e sentar-se em tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Lc. 22: 28- 30). Não está claro o que isso significa para julgar, mas, aparentemente, é um serviço ou um trabalho feito em nome do rei. Pode haver aqui um paralelo com o domínio que tinha originalmente destinados humanos no Jardim do Éden. Eles tinham de servir sob Senhor ou vice-regentes, realizando a obra de Deus em seu nome. Na parábola dos talentos em Mateus 25: 14-30, recompensa para o trabalho feito com fidelidade é ter mais tempo para trabalhar. Como esta parábola ocorre em uma situação escatológica, pode ser uma indicação de que a recompensa pelo trabalho realizado aqui na terra fielmente vai funcionar no céu. Apocalipse 22: 3 nos diz que o Cordeiro será elogiado por "seus servos."

Sugere-se também que no céu haverá algum tipo de comunidade ou comunhão entre os crentes: "Vós, porém, eu vim ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos à congregação dos primogênitos, que estão inscritos nos céus. Viestes a Deus, juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, para Jesus, mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel" (Hb. 12: 22-24). Note-se também a referência aos "espíritos dos justos aperfeiçoados," o céu é um lugar de espiritualidade perfeita.

Questões céu

Uma das questões em debate é se o céu é um lugar ou estado. Por um lado, deve notar-se que a principal característica do céu é a sua proximidade e comunhão com Deus e que Deus é puro espírito (Jo. 4:24). Como Deus ocupa espaço, que é uma característica do nosso universo, parece que o céu deve ser um estado, uma condição espiritual, não um lugar. Por outro lado, é a consideração que temos corpos de algum tipo (embora eles serão "corpos espirituais") e que Jesus provavelmente também continuam a ter um corpo glorificado. Apesar de não ocupar um lugar, pode fazer sentido quando estamos pensando sobre a imortalidade da alma, a ressurreição do corpo parece que exigem a existência de um lugar. Além disso, em paralelo com referências céu e da terra sugerem que, como a terra, o céu deve ser um lugar. O mais familiar destas referências é: "Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Tua será feito, como no céu, assim na terra" (Mateus 6: 9-10). No entanto, nós ter em mente que o céu é outro nível, outra dimensão da realidade, por isso é difícil saber o que caracteriza o mundo também são aplicáveis para o próximo mundo, e que o termo significa *lugar* em relação ao eschaton. É provavelmente seguro dizer que, embora o céu é tanto um estado e um lugar, é principalmente um estado. A marca distintiva do céu não será um lugar particular, mas uma condição de bênção, estar sem pecado, alegria e paz. A vida no céu, como isso vai ser mais real do que a nossa vida presente.

Uma segunda questão é a questão de prazeres físicos. Jesus disse que na ressurreição nem casam nem são dados em matrimônio (Mateus 22:30; Mr 00:25;. Lucas 20:35). Tal como o sexo nesta vida é restrito ao casamento (1 Cor 7: 8-11), aqui é um argumento para a ausência de sexo no céu. O grande valor dado à virgindade Paul (1 Coríntios 7: 25-35) sugere à mesma conclusão. E quanto à comida e bebida? Apocalipse 19: 9 refere-se a Jesus disse a seus discípulos na Última Ceia "Eu digo a você, você não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que" a ceia das bodas do Cordeiro. " beber com você novo no Reino do meu Pai "(Mt. 26:29). Tendo em vista as referências a Cristo e à igreja como marido e mulher são simbólicas, como as referências a Cristo como o Cordeiro, a ceia de casamento também deveria ser simbólico. Embora Jesus comeu em Seu corpo ressuscitado (Lucas 24:43; cf. Jo. 21: 9-14.) Deve levar em conta que ele tinha subido, mas ainda não tinha subido, de modo a transformação de seu corpo ainda não estava completa. Surge a pergunta: se não há comida e nada de sexo, o prazer está lá no céu? Deve ser entendido que as experiências no céu superará tudo o que vivemos aqui. Paulo disse: "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam." Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus "(1 Coríntios 2: 9-10). É provável que as experiências do céu tem que considerar, por exemplo, como algo supra-sexual, ultrapassando os limites da experiência da união sexual com essa pessoa especial com quem se tenha escolhido a ter um compromisso permanente e exclusivo.

A terceira questão é a da perfeição. Nesta vida temos a satisfação maturidade, progresso e desenvolvimento. Nosso estado de perfeição no céu não seria uma situação um pouco chato e insatisfatório para nós? Não deve ter maturidade para o céu é verdadeiramente o céu? Esta hipótese baseia-se na filosofia do processo, a idéia de que a mudança é a essência da realidade. A mudança é impossível sem nuvens ou incrível. Alguns chegam a argumentar que, como filhos ir para o céu, deve haver crescimento no céu, para que eles possam amadurecer.¹⁸

Embora não haja uma força existencial para a alegação de que não pode ser satisfeito a menos que o crescimento ocorre em nós, esta é uma extrapolação ilegítima da vida como a conhecemos hoje. Frustração e tédio ocorrer nesta vida, sempre que o desenvolvimento congela em um momento particular, não atingir a perfeição. No entanto, se for plenamente alcançado, se havia um sentimento de deficiência ou fracasso, frustração, provavelmente não existiria. A situação estável no céu não é um estado fixo de não ter

atingido a meta, mas um estado de plenitude para além do qual você não pode avançar. A satisfação que vem de saber que o progresso ocorre precisamente vem de saber que estamos mais perto de alcançar o objectivo pretendido. Alcançar a meta trará total satisfação. Portanto, haverá um crescimento no céu. No entanto, vamos continuar a exercer o carácter perfeito que temos recebido de Deus. John Baillie fala de "desenvolvimento *em* plenitude" em oposição ao "desenvolvimento *em* direcção a plenitude."

Há também a questão de quanto saber ou lembrar os redimidos no céu. Lembramo-nos daqueles que foram perto de nós nesta vida? Grande parte do interesse popular no céu vem da expectativa de reunião com os entes queridos. Estamos conscientes da falta de família e amigos íntimos? Será que vamos lembrar as ações pecaminosas que fizemos e as boas obras que eu omito nesta vida? Se assim for, não vai levar a sentir pena e pesar? No que diz respeito a estas questões temos necessariamente de admitir alguma ignorância. Não parece a resposta de Jesus à pergunta dos saduceus sobre a mulher que teve sete maridos, todos irmãos (Lc. 20: 27-40), será uma família como tais uniões. Além disso, os discípulos foram capazes de reconhecer Moisés e Elias na transfiguração (Mateus 17: 1-8; Marcos 9: 2-8; Lucas 9: 28-36). Isto sugere que haverá alguns indicadores da identidade pessoal através do qual nós reconhecemos uns aos outros. Mas poderíamos deduzir que vamos recordar nossos fracassos, pecados do passado ou entes queridos que perdemos, pois isso iria introduzir uma punição que é incompatível com "enxugará toda lágrima de seus olhos; e não haverá mais morte, nem haverá luto, nem clamor, nem dor, porque as primeiras coisas são passadas" (Apocalipse 21: 4).

A quinta questão é se haverá recompensas diferentes no céu. Aparentemente, haverá graus de recompensas é evidente, por exemplo, na parábola das dez minas (Lc. 19: 11-27). Uma mina nobre deu a cada um de seus dez servos. Cada um deles deu-lhe um número diferente e foram recompensados de acordo com a sua fidelidade. Passagens que suportam isso são Daniel 12: 3 ("Os sábios brilharão como o brilho do firmamento, e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente") e 1 Coríntios 3: 14-15 ("Se Trabalhamos respeitar que ele construiu, ele receberá uma recompensa Se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele prejuízo: mas ele mesmo será salvo, mas apenas como que através do fogo").

Os vários graus de satisfação e recompensa no céu são muitas vezes representado como circunstâncias objectivas. Por exemplo, poderíamos supor que um cristão verdadeiramente fiéis recebem uma grande sala na casa do Pai; menos crente fiel receberá uma pequena sala. Mas, nesse caso, as alegrias do céu não será reduzida para estar ciente das diferenças e penínsulas constantemente lembrados que deveria ter sido mais fiel? Além disso, as poucas imagens que temos da vida no céu mostram que não há diferença real: todos estão elogiando, julgando que serve. Pode ser bom para especular um pouco sobre este ponto. Como observado no Capítulo 3, a especulação é uma atividade teológica legítimo enquanto estamos conscientes de que estamos especulando. Poderia ser que a diferença de recompensas não eram circunstâncias externas ou objetivas, mas na consciência subjetiva, ou a valorização destas circunstâncias? Isto é, todos nós estaríamos envolvidos nas mesmas atividades, tais como elogios, mas o iria desfrutar de alguns mais que outros. Talvez aqueles que têm desfrutado mais do que elogios nesta vida encontrar mais satisfação nisso na próxima vida do que outros. Uma analogia pode ser a vários graus de prazer produzido um concerto em pessoas. O mesmo som passa por todos os ouvidos, mas as reações podem variar de tédio (ou mesmo mais do que isso) ao êxtase. Uma situação similar pode ocorrer com as alegrias do céu, mas presume-se que a variedade de reações é mais estreito. Ninguém está consciente das diferenças na alegria e por isso não houve diminuição na perfeição do céu para lamentar as oportunidades perdidas.

Fim do estado ímpios

Tal como no passado, a questão do futuro estatuto do ímpio criou controvérsia considerável em nossos dias. A doutrina da punição eterna parece a alguns uma idéia antiquada ou não cristão. É muitas vezes combinada com anjos e demônios, uma das primeiras questões da fé cristã em ser desmistificado. Parte do problema vem do que parece ser uma tensão entre o amor de Deus, uma característica fundamental da natureza de Deus, e seu julgamento. No entanto, o que maneira nós consideramos a doutrina do castigo eterno é claramente ensinado nas Escrituras.

A Bíblia usa várias imagens para expressar o futuro estatuto dos injustos. Jesus disse: "Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda:" Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos "(Mateus 25:41). Da mesma forma que ele descreveu sua condição de trevas exteriores ", mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes "(Mateus 8:12). A condição final dos ímpios também disse ser a punição eterna (Mateus 25:46), tormento (Apocalipse 14: 10-11.), O poço sem fundo (Apocalipse 9: 1-2. 11), o ira de Deus (Rom. 2: 5), a segunda morte (Ap 21: 8), a eterna destruição e exclusão da presença do Senhor (2 Tessalonicenses 1: 9.).

Se há uma característica básica do inferno, está em contraste com o céu, a ausência de Deus ou ser afastados de sua presença. É uma experiência de intensa ansiedade, se envolve sofrimento físico ou mental ou ambos. Há outros aspectos da situação do indivíduo desaparecido contribuir para a sua miséria. Uma delas é a sensação de solidão, de ver a glória ea grandeza de Deus, já perceberam que este é o Senhor de todos e, em seguida, estar longe dele. Você percebe que esta separação é permanente. Da mesma forma, a condição moral e espiritual de si mesmo é permanente. O que se está no final da vida, ele vai continuar assim por toda a eternidade. Não há nenhuma base para esperar uma mudança para melhor. Por conseguinte, falta de esperança recai sobre o indivíduo.

A sentença definitiva do futuro

É importante reconhecer que o futuro julgamento final. Quando o veredicto foi emitido no último julgamento, os ímpios são atribuídos seu estado definitivo. Não há nada na Bíblia para indicar que não haverá oportunidade de crer após um período preliminar de punição.

Por alguma finalidade do julgamento que parece contrário à razão, e talvez até mesmo com as Escrituras. Na verdade, existem algumas passagens das Escrituras que parecem indicar que todos serão salvos. Paul, por exemplo, escreveu: "Ele fez-nos conhecer o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que o determinou em si mesmo, para unir todas as coisas em Cristo, na plenitude do tempo estabelecido ea que eles estão no céu e as da terra "(Ef. 1: 9-10). E falando do futuro, disse, "para que em nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra; e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai "(Filipenses 2: 10-11.). Com base nessas referências, argumenta-se que nesta vida rejeitam a oferta de salvação, após a sua morte ea segunda vinda de Cristo, refletir sobre sua situação e, eventualmente, conciliado com Cristo.

Infelizmente, no entanto, torná-lo atraente para esta teoria não pode ser mantida. Por um lado, as passagens não citadas realmente ensinar o que universalistas dizem que ensinar. Reconciliação, unidade de todas as coisas, não significa que a humanidade caída recuperar a comunhão com Deus, mas a recuperação da harmonia dentro da criação com ações como colocar o pecado sob o controle do Senhor. Não que os seres humanos aceitar Deus, mas terminar a sua rebelião. E embora seja verdade que todo joelho se dobrará e toda língua proclame Cristo como Senhor, devemos representar os perversos não como forças que colaboraram com entusiasmo com o Senhor, mas como um exército que conquistou desiste, por assim dizer. Não vai ficar impressionado com a derrota, não um compromisso alegre.

Além disso, as Escrituras nos dão nenhuma indicação de tempo de uma segunda chance. Certamente, se você tivesse uma segunda chance a acreditar depois do julgamento, claramente explica a Palavra de Deus.

Além dessas considerações há declarações definitivas em contrário. Há um algo definido nas descrições bíblicas do decreto pronunciou julgamento; Por exemplo, "Afasta de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mat 25:41). A parábola do homem rico e Lázaro (Lc. 16: 19-31), mas está mais relacionado ao estado intermediário até o fim, ele deixa claro que sua condição é absoluta. É mesmo impossível de passar de um estado para outro: "Além de tudo isso, um grande abismo foi fixado entre nós e vós, de modo que aqueles que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem lá para nós" (v 26.). Portanto, devemos concluir que a restauracionismo, a idéia de uma segunda chance, deve ser rejeitada.

A eternidade de castigo futuro

Não só é o julgamento futuro irreversível dos incrédulos, mas seu castigo é eterno. Não só nós rejeitamos a idéia de que todos serão salvos; Também rejeitamos a alegação de que ninguém será punido para sempre. A escola de pensamento conhecida como annihilationism, por seu lado, sustenta que, embora nem todo mundo é salvo, haverá apenas um tipo de existência futura. De sobreviventes ter uma vida longa; que não está salvo eles serão removidos ou destruídos. Eles simplesmente deixam de existir. Embora admita que nem todo mundo merece ser salvo, receber a bênção eterna, esta posição sustenta que ninguém merece sofrimento eterno.

BB Warfield argumentou que há três formas diferentes de annihilationism: mortalidade Pure, imortalidade condicional ea própria annihilationism. Mortalidade Pure sustenta que a vida humana é tão intimamente ligado ao corpo físico quando o corpo morre, a pessoa como uma entidade deixa de existir. Isto é principalmente um ponto de vista materialista, mas também, por vezes, pode ser encontrado em formas panteístas. ²⁹ mortalidade Pure não tem sido muito popular nos círculos cristãos, uma vez que, ao contrário da doutrina bíblica da criação da humanidade à imagem Deus faz pouco humana mais do que animais.

A segunda forma de niilismo, a imortalidade condicional, sustenta que o homem é mortal por natureza. A morte é o fim. No entanto, no caso daqueles que acreditam, Deus dá a imortalidade ou a vida eterna para sobreviver à morte ou para a vida se recuperar. Em alguns entendimentos de imortalidade condicional, Deus simplesmente permite que o incrédulo fora da existência. Outros sustentam que todos participem na ressurreição, mas depois de apenas Deus permite que os ímpios fora da existência novamente. Morte eterna para eles é apenas isso. Sua segunda morte durar para sempre.

A terceira forma de annihilationism é o mais digno do nome. Ele considera que o ímpio morre com a morte como resultado do pecado. Os seres humanos são por natureza imortal e poderia ter uma vida imortal, se não fosse para os efeitos do pecado. Existem dois subtipos de si annihilationism. A primeira considera a aniquilação como um resultado natural do pecado. O pecado tem um efeito pernicioso que a personalidade do indivíduo está gradualmente morrendo. Portanto, a expressão "o salário do pecado é a morte" (Rom. 6:23) é tomada quase literalmente. O pecado é auto-destruição. Depois de um tempo, apenas com o grau de malignidade do tempo individual, que não foram resgatadas desgaste, por assim dizer. O outro annihilationism pura é a idéia de que Deus não pode

e não permitirá que uma pessoa pecaminosa tenha a vida eterna. Não há punição para o pecado, no entanto, a punição não tem que ser infinita. Depois de um castigo suficiente, Deus irá simplesmente destruir o indivíduo. Deve notar-se que, em ambos os subtipos annihilationism si, a alma ou essência do indivíduo seria imortal se não fosse pelo pecado.

O problema com todas as formas de niilismo é que contradizem os ensinamentos da Bíblia. Várias passagens afirmam a eternidade do castigo dos ímpios. Em ambos referências no Antigo e Novo Testamento para o fogo inextinguível infinita ou se torna. Isaías 66:24, por exemplo, diz: "Eles virão e verão os cadáveres dos homens que transgrediram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará. E eles vão ser repugnante para todo ser humano "Jesus usou as mesmas imagens para descrever a punição dos ímpios." Se a tua mão te faz tropeçar, corta-a, é melhor para ti entrares na vida aleijado do que, tendo duas mãos, ires para inferno, para o fogo que nunca se apaga, onde o verme não morre eo fogo não se apaga. E se o seu pé te faz tropeçar, corta-a, é melhor para ti entrar na vida aleijado do que com os dois pés, ser lançado no inferno, para o fogo que nunca se apaga, onde o verme não morre eo fogo Se apaga. E se o seu olho o fizer tropeçar, tirá-lo, é melhor para ti entrares no reino de Deus com um só olho do que, tendo dois olhos, ser lançado no inferno, onde o verme não morre eo fogo não se apaga "(Marcos 9: 43-48). Estas passagens deixam claro que a punição não tem fim. Não consumir aqueles que sofrem e, portanto, simplesmente não termina nunca.

Além disso, há vários exemplos em que palavras como "interminável", "eterno" e "para sempre" se aplicam a nomes para o estado futuro dos ímpios, fogo ou queima (Is 33:14; Jer. 17: 4. ; Mt. 18: 8; 25:41; Jud 7), confusão (Daniel 12: 2), a destruição (2 Tessalonicenses 1: 9), as cadeias (Judas 6), tormento (Apocalipse 14:11; 20:10) e punição (Mateus 25:46). É verdade que o adjetivo αἰώνιος(aionios) podem referir-se, por vezes, a uma época, isto é, para um período muito extenso de tempo, em vez de eternidade. Normalmente, no entanto, salvo indicação em contrário no contexto, o significado mais comum da palavra é esta que temos em mente. Nos casos que mencionamos, nada no contexto que podemos entender justificado αἰώνιος. "Eterno" de uma forma diferente paralelismo encontrado em Mateus 25:46 é particularmente impressionante: "Estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna ". Se uma (vida) é de comprimento interminável, o outro (castigo) deve ser muito. Nada no contexto nos dá base para interpretar a palavra αἰώνιος diferente nas duas sentenças. John AT Robinson diz:

Universalista Genuine não nada de base sobre o fato (que é um fato) que a palavra do Novo Testamento para eternas (*aionios*) não significa necessariamente para sempre, mas algo que dura apenas indefinidamente longo período de tempo. Para este significado pode ser aplicada a "castigo eterno", em Mt. 25:46 somente se você quiser dar exatamente o mesmo significado que a "vida eterna" no mesmo versículo. Como FD Maurice disse há muitos anos, escrevendo para FJA Hort, "não vejo por que *aionios* deve significar uma coisa quando ele estava ligado a *kolasis* e outro quando ele foi acompanhado *zoe*" (*citado por JOF Murray, The goodness ea severidade de Deus, p. 195*). Admitindo-se que as duas frases não são diretamente paralelo é desigual tratá-los a sério. E isso é algo que um verdadeiro universalismo deve recusar-se a fazer.

Um problema surge do fato de que as Escrituras falam não apenas da morte eterna (que poderia ser interpretado como que os injustos não serão ressuscitados), mas também do fogo eterno, o castigo eterno e tormento eterno. Que tipo de Deus é aquele que não está satisfeito com a punição finita, mas que faz com que o sofrimento humano para sempre? Isto parece ir além do que a justiça exige; Ele parece implicar uma terrível vingança por Deus. Punição parece muito desproporcional ao pecado, supostamente, todos os atos são pecados contra Deus finitos. Como é que a crença em um bom, Deus justo e amoroso com o castigo eterno? A questão não deve ser menosprezado, porque diz respeito à própria essência da natureza de Deus. O fato de que o inferno, como entendida muitas vezes parecem ser incompatíveis com o amor de Deus como revelada na Escritura, pode ser uma indicação de que temos mal entendido o inferno.

Devemos notar, em primeiro lugar, que cada vez que pecamos, um fator infinito é invariavelmente envolvidos. Todo pecado é uma ofensa a Deus, levantando uma vontade

finita contra a vontade de um ser infinito. É a incapacidade de realizar o nosso dever para com aquele a quem tudo é devido. Por conseguinte, não pode considerar que o pecado é simplesmente um ato finito que merece uma punição finita.

Além disso, se Deus vai cumprir os seus objectivos neste mundo, pode não ter sido livre para fazer o que os seres humanos não são suscetíveis a punição eterna. Onipotência de Deus não significa que seja capaz de toda ação concebível. Por exemplo, não é capaz de coisas logicamente contraditórias ou absurdas. Não é capaz de formar um triângulo de quatro cantos. E pode ser que essas criaturas que Deus destina-los a viver para sempre em comunhão com ele foram necessários para ser formados de modo a experimentar a angústia eterna, se eles escolheram para viver separado de seu Criador. Os seres humanos foram criados para viver eternamente com Deus; Se perturbar o seu destino, eternamente eles iriam experimentar as conseqüências de tal ato.

Devemos também observar que Deus não manda ninguém para o inferno. Quer que ninguém pereça (2 Pedro 3: 9). Deus criou os seres humanos para que eles estão em comunhão com ele e desde que os meios para ter essa comunhão. Opção é a experiência humana a agonia do inferno. Seu pecado os enviou lá, e sua rejeição dos benefícios da morte de Cristo impede-o de escapar. Como CS Lewis disse, o pecado é o homem dizendo a Deus toda a sua vida: "Vá embora e me deixe em paz." O inferno é Deus finalmente dizer ao homem "Você pode ter o que quiser." É Deus deixando que a pessoa sozinha, como ela escolheu ser.

Graus de punição

Devemos finalmente notar que os ensinamentos de Jesus sugerem que existem graus de punição no inferno. Ele censurou as cidades que haviam testemunhado os seus milagres e não havia se arrependido: "Ai de vocês, Corazim! Ai de vós, Betsaida ... se tivessem sido forjado os milagres que foram feitos em ti em Sodoma, ela teria permanecido até hoje. Por isso vos digo que no dia do juízo, haverá menos rigor para a terra de Sodoma do que para vós "(Mt 11: 21-24). Há uma idéia similar na parábola do servo infiel: "O servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites. Mas ele que não sabia e fez coisas dignas de açoites, será castigado com poucos, porque todos a quem muito é dado, muito é exigido, ea quem muito foi confiado, ainda se lhe pedirá "(Lc 12.: 47-48).

O princípio aqui parece ser maior que a nossa maior conhecimento vai ser a nossa responsabilidade, e aumentou o nosso castigo, se não cumprir a nossa responsabilidade. Pode ser que diferentes graus de punição no inferno não são tanto uma questão de circunstâncias objectivas como a consciência subjetiva da dor de ser separado de Deus. Este é um paralelo com nosso conceito dos diferentes graus de recompensa no céu (pp. 1241-1242). Em certa medida, os diferentes graus de punição refletir o fato de que o inferno é Deus deixando um ser humano pecador com carácter único que as pessoas formadas para si na vida. A miséria que um vai ter de experimentar viver eternamente com o mal do auto será proporcional ao grau de consciência que era o que ele estava fazendo exatamente o que ele escolheu para fazer o mal.

Implicações da doutrina dos estados finais

1. As decisões que tomamos nesta vida governar não só a nossa condição futura, durante um período de tempo, mas para a eternidade. Portanto, devemos ser extremamente cuidadosos e diligentes em tomá-los.
2. As condições desta vida, como diz Paulo, são transitórios. Eles são relativamente insignificantes quando comparadas com a eternidade para vir.
3. A natureza dos estados futuros é muito mais intensa do que qualquer coisa conhecida nesta vida. As imagens usadas para descrevê-los são bastante

inadequada para representar a verdade por trás deles. O céu, por exemplo, longe transcendem qualquer alegria nos encontramos aqui.

4. A bênção do céu não deve ser entendido simplesmente como uma intensificação dos prazeres desta vida. A principal dimensão do céu é a presença do crente com o Senhor.
5. O inferno não é tanto um lugar de sofrimento físico como um lugar de solidão terrível pela separação total e definitiva da parte do Senhor.
6. Não se deve pensar no inferno primeiramente como punição imposta aos incrédulos por um Deus vingativo, mas como a consequência natural da vida pecaminosa escolhida por aqueles que rejeitaram a Cristo.
7. Parece que, apesar de todos os seres humanos serão confinados ou no céu ou no inferno, haverá graus de recompensa ou punição.

Considerações Finais

Objetivos do capítulo

Depois de estudar este capítulo, você deve ser capaz de:

- Avaliar a importância das idéias ao longo da história, em especial os relacionados com o evangelho cristão.
- Identificar e descrever a relação de crença e prática da fé cristã direita.
- Compreender o papel ea importância da teologia a apreciar a grandeza e majestade de Deus.

Resumo do capítulo

Exame e comunicação de idéias determinou o curso da civilização. Teologia serviu nesta função. Considere-se, por exemplo, como isso afetou o desenvolvimento de escolas e hospitais. Mas a teologia nunca deve tornar-se um fim em si mesmo ou uma fonte de especulações egoísta. Deverá conduzir a um testemunho do evangelho e da apreciação e adoração da grandeza e majestade de Deus.

Questões de estudo

1. Como eles têm afetado as idéias teológicas para o desenvolvimento da civilização ocidental? Como idéias teológicas têm afetado a cultura em geral? Que implicações que você vê na teologia envolvendo outras culturas?
2. Por que é importante para corrigir crença? Como você pode trazer a crença correta o pecado do orgulho?
3. Se feito corretamente, como pode o estudo da teologia e comunicação liderança para o testemunho do evangelho e do fim para o apreço e louvor da grandeza e majestade de Deus?

Chegamos ao final de um longo exame de idéias. Não só temos visto muitos tópicos diferentes, que também identificaram uma variedade de conceitos nestes tópicos. Poderia ser benéfico concluir nosso estudo da teologia sistemática, colocando este esforço em um

contexto apropriado. As idéias são realmente tão importante? Com algumas pessoas, a preocupação com a experiência imediata ou o desejo de pedido podem tendem a ofuscar considerações teóricas. Como resultado, o valor de escrita que isso possa parecer duvidoso. Você provavelmente pode supor que o leitor que chegou até aqui não compartilha essas idéias. No entanto, uma rápida revisão do papel dos conceitos pode ser útil.

Em grande medida, o nosso mundo é o que é por causa de idéias que foram concebidos, testados e verificados. O conceito transmitir instantaneamente imagens em longas distâncias, o que foi considerado uma grande coisa de um século atrás, tornou-se uma realidade ea natureza da cultura e da sociedade foi interrompido como resultado. A idéia de igualdade racial ea necessidade de justiça entre eles foi muito influenciado o curso da última metade do século xx. A idéia de que a dialética de Georg Hegel Karl Marx emprestado e modificado de acordo com o seu materialismo dialético próprio esquema pode gostar dele abstrato e irrelevante para muitas pessoas, quando eu propus no início. No entanto, ele tem afetado não só a compreensão, mas também a experiência de inúmeras pessoas ao redor do mundo. E quem teria previsto a influência do conceito estranho de Charles Darwin, A Origem das Espécies teria sobre o mundo? A idéia de Adolf Hitler em uma raça superior e supremacia ariana levou à morte cerca de 6 milhões de judeus.

Mais significativo do que o impacto dessas idéias são os conceitos que formam o núcleo central do cristianismo. A idéia de que Deus veio ao mundo em forma humana, foi crucificado e ressuscitou dos mortos acham incrível para muitos. No entanto, o mundo é muito diferente do que seria se tivesse havido milhões de pessoas que criam e proclamavam esta mensagem em seu lugar. Muitos hospitais, muitas faculdades têm aparecido graças aos esforços daqueles que vieram para a frente em nome de quem eles acreditavam que era Deus encarnado! O impacto cristianismo teve sobre o mundo do primeiro século eo subsequente desenvolvimento da história tem a ver diretamente com as idéias revolucionárias apresentadas sobre quem Jesus Cristo e que é o sentido da vida.

A questão da crença correta é muito importante em nosso tempo. Encontramos inúmeras variações de idéias religiosas. E também encontramos muitos conceitos de estilos de vida cristã, que são baseados em diferentes conceitos doutrinários. A nossa maneira particular de entender o básico, por exemplo, a relação entre graça e obras, tem uma profunda influência sobre o que fazemos na nossa vida cristã e no espírito em que o fazemos. Assim, a crença é imperativo.

No entanto, mesmo que as nossas crenças são pura e direita, isso não é suficiente. Porque a crença teológica correta e habilidade não têm valor em si mesmas diante do Senhor. Imagine que um grupo de estudantes de teologia e profissionais aparecer diante do Senhor e dia do julgamento, imitando Mateus 07:22, implorando, "não estudar *teologia cristã* em seu nome e em teu nome não discutimos os princípios básicos do cristianismo? "O Senhor responderá: "Nunca vos conheci. Afasta de mim, malfeitores! "Doutrina é importante, mas a sua importância reside na sua contribuição para o nosso relacionamento com Deus. Sem isso, a melhor teologia, mais eloquentemente afirmou, é apenas ". Sounding bronze prato retañe" O que estamos tentando dizer aqui é que nossas crenças (nossa teologia oficial, com base nos ensinamentos objetivo de Escrituras) deve implementar (o que é, por assim dizer, a nossa teologia não oficial). Se estamos a fazer a nossa prática está de acordo com nossas crenças, devemos refletir e até meditar sobre essas crenças. Talvez isso é parte do que Paulo queria dizer quando falou de ser transformado "pela renovação da vossa mente" (Rom. 12: 2).

Há certos perigos associados com o estudo da teologia. Há certas doenças teológicas a que se está exposto e pode ser recolhido devido a este esforço. Helmut Thielicke descrito vários bastante vívida em seu *pequeno exercício para jovens teólogos* (pequeno exercício para jovens teólogos). Um dos mais comum e grave é o pecado do orgulho. Quando nós ganhamos sofisticação considerável em matéria de teologia, há um

perigo de que nós consideramos o conhecimento como um emblema da virtude, algo que nos faz superiores a outros. Nós podemos usar esse conhecimento, e em particular o jargão que nós aprendemos, para intimidar os outros que estão menos informados. Podemos tirar proveito de nossas habilidades superiores, para se tornar abusadores intelectuais. O nosso conhecimento da teologia pode levar a um tipo de competitividade teológica, que defendem uma teoria contra outra torna-se o propósito da vida. Mas isso está transformando o que deveriam ser os mais graves problemas em um mero esporte.

A este respeito, devemos lembrar as palavras de Jesus que somos como crianças; Deus tem escondido coisas aos sábios do mundo e revelou-os às crianças (Mateus 11:25). Não devemos subestimar a visão teológica e sensibilidade daqueles que não têm feito estudos formais da teologia. É o que Thieliicke chamado: Muitas pessoas, mesmo se eles não são especialistas em ciências teológicas oficiais, com experiência na vida cristã, que muitas vezes dá-lhes uma perspectiva que é muito superior a de muitos "o instinto espiritual dos filhos de Deus." teólogos profissionais. Quando Jesus falou de enviar o Espírito Santo, que levaria os crentes a toda a verdade (Jo. 16:13), ele não restringir sua promessa de formando do seminário.

No entanto, não devemos tirar conclusões sobre este último ponto que a teologia não envolve esforço intelectual. Ele requer um pensamento rigorosamente lógico. Para desenvolver uma teologia sistemática, devemos pensar de forma sistemática. Isto é, não podemos agir de uma forma eclética. Embora podemos tirar idéias de qualquer lugar, nós sempre temos que tentar pensar coerentemente. Nós não conscientemente incorporar nosso sistema de pensamentos que se baseia em pressupostos que são contraditórios. Claro, haverá mistérios que nós não compreendemos totalmente. Mas teólogo sistemático, que não está disposto a aceitar a opacidade, tentamos esclarecê-las.

Além da teologia lógico ou racional da natureza, é seu caráter estético. Existe o potencial, quando examinamos toda a verdade de Deus, para captar sua natureza artística. Há uma beleza em conteúdo geral e as relações entre as doutrinas. A natureza orgânica da teologia, sua descrição equilibrada de toda a realidade ea natureza humana, deve satisfazer a capacidade humana para apreciar a beleza na forma de simetria, compreensão e consistência.

No entanto, a teologia deve não só aprender, entender e apreciar. Há também o problema adicional de comunicação da mensagem. O que temos oferecido neste trabalho é o conteúdo essencial da visão básica do mundo e da vida cristã, e, portanto, a mensagem de que todos os seres humanos são chamados a aceitar. No entanto, este conteúdo deve ser atualizado continuamente. Tentando andar numa corda bamba entre a essência intemporal de doutrinas contemporâneas e em particular expressão deles, estamos inclinados para o primeiro quando foram forçados a escolher. Esta abordagem não é mais uma necessidade de reafirmar as doutrinas de forma a torná-los mais acessíveis a mais pessoas. Este requisito resulta em parte do fato de que o autor é um estudos americanos de classe média do sexo masculino branco. Embora ele tem ministrado como pastor para negros, hispânicos e classes econômicas mais baixas, a orientação básica desses escritos é para o tipo de alunos que normalmente se inscrever nos seminários evangélicos americanos. Embora estes estudantes tenham tido tempo cada vez mais diversificada ao longo dos anos, muitas vezes ainda são em grande parte representados por brancos anglo-saxões protestantes. Muito trabalho resta a ser feito para adaptar o conteúdo de audiências teologia do Terceiro Mundo. Você também precisa fazer ajustes para essa teologia verticalmente. Pois está escrito principalmente para alunos do seminário. É encorajador para encontrar outras pessoas que estudam este trabalho. No entanto, a teologia real pode ser expressa mesmo para crianças.

Em parte, isso vai ajudar a comunicar a teologia compreender que nem sempre é necessário para expressar discursivamente ou didática. Às vezes, uma história se comunica melhor. Jesus mostrou-lhe repetidamente por meio de parábolas. No

século XX, CS LEWIS MOSTROU QUE A TEOLOGIA PODE SER EXPOSTO COMO HISTÓRIAS DELICIOSAS, INCLUINDO CONTOS DE CRIANÇAS. A teologia narrativa disse verdades profundas com efeito dinâmico. No entanto, devemos levar em conta a diferença entre a reflexão ea comunicação dos conteúdos da doutrina teológica. As categorias mais precisas do pensamento discursivo reflexivo continuam a ser essenciais para a tarefa de formular autêntica teologia.

O autor está convencido de que a teologia verdadeira, boa teologia, incentivar o leitor a apreciação da grandeza de Deus e sua magnificência. Quando Moisés teve um encontro com Deus na sarça ardente (Ex. 3), me senti totalmente indigno e pecaminoso. Peter também quando ele percebeu que estava na presença de um grande e poderoso Senhor oprimido (Lc. 5: 8). Se você realmente entender o significado das verdades que estudámos, teremos uma reação similar. Algumas das questões que lidaram diretamente e eficaz para dizer o que é Deus eo que ele faz, mas todo mundo tem esse efeito em certa medida. O objetivo do autor por escrito será alcançado somente se o leitor tem vindo a amar o Senhor e são capazes de se comunicar melhor que o amor aos outros.

